



PEDRAZUL
EDITORA

Você pode PERDOÁ-LA?

ANTHONY TROLLOPE

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com



PEDRAZUL
EDITORA

Você pode PERDOÁ-LA?



ANTHONY TROLLOPE

Você pode
PERDOÁ-LA?



ANTHONY
TROLLOPE

PALLISER ①

Tradução de Boni Neto

INTRODUÇÃO

O JORNALEIRO DAS LETRAS

VOLUME I

CAPÍTULO 1

MR. VAVASOR E SUA FILHA

CAPÍTULO 2

LADY MACLEOD

CAPÍTULO 3

JOHN GREY, O HOMEM VALOROSO

CAPÍTULO 4

GEORGE VAVASOR, O HOMEM SELVAGEM

CAPÍTULO 5

A VARANDA EM BASLE

CAPÍTULO 6

A PONTE SOBRE O RENO

CAPÍTULO 7

TIA GREENOW

CAPÍTULO 8

MR. CHEESACRE

CAPÍTULO 9

OS RIVAIS

CAPÍTULO 10

NETHERCOATS

CAPÍTULO 11

JOHN GREY VAI A LONDRES

CAPÍTULO 12

MR. GEORGE VAVASOR EM CASA

CAPÍTULO 13

MR. GRIMES RECEBE SUA PARTE

CAPÍTULO 14

ALICE VAVASOR EM MAUS LENÇÓIS

CAPÍTULO 15

PARAMOUNT CRESCENT

CAPÍTULO 16

O CLUBE DE ROEBURY

CAPÍTULO 17

EDGEHILL

CAPÍTULO 18

OS GRANDES PARENTESCOS DE ALICE VAVASOR

CAPÍTULO 19

TRIBUTO DE OILEYMEAD

CAPÍTULO 20

QUAL DELES SERÁ?

CAPÍTULO 21

ALICE É ENSINADA A CRESCER EM DIREÇÃO À LUZ

CAPÍTULO 22

DÂNDI E FLERTE

CAPÍTULO 23

JANTAR EM MATCHING PRIORY

CAPÍTULO 24

TRÊS POLÍTICOS

CAPÍTULO 25

NO QUAL MUITO DA HISTÓRIA DOS PALLISERS É CONTADA

CAPÍTULO 26

LADY MIDLOTHIAN

CAPÍTULO 27

AS RUÍNAS DO PRIORADO

CAPÍTULO 28

ALICE PARTE DE MATCHING PRIORY

CAPÍTULO 29

BURGO FITZGERALD

CAPÍTULO 30

CONTENDO UMA CARTA DE AMOR

CAPÍTULO 31

ENTRE AS COLINAS ROCHOSAS

CAPÍTULO 32

CONTENDO UMA RESPOSTA À CARTA DE AMOR

CAPÍTULO 33

MONKSHADE

CAPÍTULO 34

MR. VAVASOR CONVERSA COM SUA FILHA

CAPÍTULO 35

PAIXÃO CONTRA A PRUDÊNCIA

CAPÍTULO 36

JOHN GREY VAI A LONDRES PELA SEGUNDA VEZ

CAPÍTULO 37

O CONSELHO DE MR. TOMBE

CAPÍTULO 38

A ESTALAGEM EM SHAP

CAPÍTULO 39

A HOSPITALIDADE DE MR. CHEESACRE

CAPÍTULO 40

O PEQUENO JANTAR DE MRS. GREENOW NO CERCO

VOLUME II

CAPÍTULO 41

UM NOBRE LORDE MORRE

CAPÍTULO 42

O PARLAMENTO SE REÚNE

CAPÍTULO 43

MRS. MARSHAM

CAPÍTULO 44

A ELEIÇÃO DOS DISTRITOS DE CHELSEA

CAPÍTULO 45

GEORGE VAVASOR OCUPA SUA CADEIRA

CAPÍTULO 46

UM PRESENTE DE AMOR

CAPÍTULO 47

A DECEPÇÃO DE MR. CHEESACRE

CAPÍTULO 48

PREPARATIVOS PARA A FESTA DE LADY MONK

CAPÍTULO 49

COMO LADY GLENCORA FOI À FESTA DE LADY MONK

CAPÍTULO 50

COMO LADY GLENCORA VOLTOU DA FESTA DE LADY MONK

CAPÍTULO 51

OUSADAS ESPECULAÇÕES SOBRE ASSASSINATO

CAPÍTULO 52

O QUE ACONTECEU EM SUFFOLK STREET, PALL MALL

CAPÍTULO 53

A ÚLTIMA VONTADE DO VELHO LORDE

CAPÍTULO 54

MOSTRANDO COMO ALICE FOI CASTIGADA

CAPÍTULO 55

O TESTAMENTO

CAPÍTULO 56

OUTRO PASSEIO ENTRE AS COLINAS ROCHOSAS

CAPÍTULO 57

MOSTRANDO COMO A FERA SELVAGEM SAIU DAS MONTANHAS

CAPÍTULO 58

OS PALLISERS NO CAFÉ DA MANHÃ

CAPÍTULO 59

O DUQUE DE ST. BUNGAY EM BUSCA DE UM MINISTRO

CAPÍTULO 60

O NOME DE ALICE VAVASOR ADENTRA O MERCADO FINANCEIRO

CAPÍTULO 61

AS CONTAS SÃO ACERTADAS

CAPÍTULO 62

VIAGEM AO EXTERIOR

CAPÍTULO 63

MR. JOHN GREY EM QUEEN ANNE STREET

CAPÍTULO 64

AS ROCHAS E OS VALES

CAPÍTULO 65

O PRIMEIRO BEIJO

CAPÍTULO 66

O PLANO DE LADY MONK

CAPÍTULO 67

O ÚLTIMO BEIJO

CAPÍTULO 68

DE LONDRES A BADEN

CAPÍTULO 69

DE BADEN A LUCERNA

CAPÍTULO 70

EM LUCERNA

CAPÍTULO 71

MOSTRANDO COMO GEORGE VAVASOR RECEBEU UMA VISITA

CAPÍTULO 72

MOSTRANDO COMO GEORGE VAVASOR FEZ UMA VISITA

CAPÍTULO 73

NOTÍCIAS DE GRANDE VALOR CHEGAM A TODOS OS PALLISERS

CAPÍTULO 74

MOSTRANDO O QUE ACONTECEU NO ADRO DA IGREJA

CAPÍTULO 75

ROUGE ET NOIR

CAPÍTULO 76

A DÍVIDA DO SENHORIO

CAPÍTULO 77

OS VIAJANTES RETORNAM PARA CASA

CAPÍTULO 78

O DESTINO DE MR. CHEESACRE

CAPÍTULO 79

DIAMANTES SÃO DIAMANTES

CAPÍTULO 80

A HISTÓRIA É ENCERRADA NOS SALÕES DO DUQUE DE OMNIUM

PHINEAS FINN, A CONTINUAÇÃO DA SÉRIE

APOIADORES DE *VOCÊ PODE PERDOÁ-LA?*

FICHA CATALOGRÁFICA

INTRODUÇÃO

O JORNALEIRO DAS LETRAS

Anthony Trollope (1815–1882). O que dizer de um autor que viveu 67 anos e escreveu 47 romances? E não foram romances pequenos, os menores estão na faixa de 300 páginas. *Você pode perdô-la?*, por exemplo, tem 80 capítulos, e é um calhamaço, assim como são calhamaços todos os outros livros da série *Palliser*. É considerado um escritor extremamente prolífico, pois além de seus romances, escreveu uma autobiografia, duas peças, contos, livros de viagens, artigos, críticas e palestras. Mas poucos destacam a obstinação desse autor, que nasceu na classe média, contudo, a família veio à falência, e ele se empregou, no verão de 1834, em Bruges (Bruxelas) como porteiro, na esperança de aprender francês e alemão o suficiente para permitir que ele aceitasse uma comissão prometida em um regimento de cavalaria austríaco.

Durante toda a dupla carreira de Anthony Trollope, como funcionário público dos Correios da Inglaterra e da Irlanda e escritor, esse homem obstinado acordava às 5h30 da manhã, fosse verão ou inverno, fim de semana e feriados, e escrevia, religiosamente, cerca de mil palavras por dia. Ele tinha um planejamento para a escrita e o seguia meticulosamente. Com a mente focada e sabendo que sem trabalho árduo não havia sucesso duradouro, ele cumpria seu plano de escrita e deixava seu texto “descansar”. Voltava a ele dias depois para uma leitura crítica. Depois do seu quarto romance, *The Warden* (1855), que finalmente lhe rendeu reconhecimento público, aprimorou ainda mais suas “regras para a escrita de romances”. Estas incluíram a capacidade de escrever “honestamente, naturalmente, inteligivelmente, ritmicamente e agradavelmente”; criar personagens simpáticos e, principalmente, ter força de vontade de se submeter ao trabalho duro. Lembrando que naquela época se escrevia à mão. Não havia sequer a antiga máquina de escrever que nós, herdeiros da modernidade tecnológica, olhamos agora para ela como relíquia da antiguidade.

Trollope estava sempre com uma caneta na mão (nessa época, os franceses já tinham inventado a caneta-tinteiro). Não era como as nossas atuais canetas, pois tinha um reservatório de tinta para ser constantemente preenchido, mas era o que se tinha. Ele levava sua vida de funcionário público e autor, e estava sujeito às regras de trabalho “da mesma forma que um mecânico ou um sapateiro”. Essas comparações contundentes levantaram as sobrancelhas entre os círculos literários, assim como a admissão honesta de sua motivação de escrever por dinheiro. Sua autobiografia, publicada após sua morte, em 1882, continua sendo um testemunho do valor do trabalho árduo e da automotivação.

POLÍTICA

Ele também sonhou em fazer parte da Câmara dos Comuns do Reino Unido, mas sua obstinação sozinha não foi suficiente. Ele dependia de outras pessoas que, ao contrário dele, não se moviam por sonhos, por força do trabalho, e sim pelo dinheiro: os votos eram comprados em sua grande maioria. Em sua série *Palliser*, ele diz tudo que queria ter dito ao povo se tivesse sido eleito, mas ficou em último lugar e passou apenas vergonha. Foi em 1868, ele tinha 53 anos, candidatou-se como liberal pela cadeira de Yorkshire, em Beverley. Trollope gastou 40 vezes mais o que recebia por um romance. Ele perdeu e depois disse que seu tempo nos palanques foi “a quinzena mais miserável da minha masculinidade”. Em *Você pode perdô-la?*, o primeiro livro da série, o leitor conhecerá um personagem chamado Plantagenet Palliser, segundo Trollope, o personagem mais sólido que ele criou em toda a sua carreira, mais pé no chão. Um personagem raro, político, porém cheio de boas intenções para com o povo britânico. Ouso dizer que esse personagem, cheio de sonhos, era a própria intenção do autor na política, caso eleito.

OBRAS MAIS CONHECIDAS

Suas séries *The Chronicles of Barsetshire* e *The Way We Live Now* (A maneira como vivemos agora) são suas obras mais conhecidas. No Brasil, temos as traduções de *Lady Anna*; de *Senhorita Mackenzie*; e começamos agora a lançar os seis livros da série *Palliser*. Muitas de suas obras menos famosas se perderam ao longo da história, embora haja cada vez mais procura pelos livros de Trollope. Isso se deve à forma como o autor descrevia as emoções humanas, seus personagens são falíveis, estão longe de serem perfeitos, e isso cria uma identificação com nós, leitores, e nossas próprias falhas, garantindo sua popularidade contínua. Basta ler um livro de Trollope que o leitor quererá ler os 47 escritos por ele.

Nascido em 24 de abril de 1815, em Londres, a infância de Trollope foi ofuscada pelos problemas financeiros de seu pai e pela tuberculose, que ceifou a vida de muitos de seus irmãos. Em 1834, ele se tornou um escriturário júnior no General Post Office, em Londres. Sua educação, infelizmente, não o preparou para o mundo profissional e seu tempo nos Correios não foi um sucesso. Sua sorte melhorou em 1841, quando se transferiu para trabalhar nos Correios da Irlanda como agrimensor e, em 1843, aos 28 anos, começou a escrever seu primeiro romance, *Os Macdermots de Ballycloran*. Embora os primeiros romances de Trollope não tenham sido sucessos de crítica, eles foram o início de uma longa e bem-sucedida carreira.

FAMÍLIA

Trollope era o quarto filho de Thomas Anthony Trollope, um advogado, e Frances (Milton) Trollope. Nascido na casa número 06, em Keppel Street, Bloomsbury, Londres, a criança foi levada com um ano para uma casa chamada Julians, perto de Harrow. O pai era taciturno, mal-humorado e imprudente: sua prática jurídica foi gradualmente decaindo; uma herança esperada acabou abortada; e a fortuna da família afundava mais e mais a cada ano. Em 1822, Anthony tornou-se diarista na Harrow School; em 1825, ele foi transferido para a escola particular de Arthur Drury, em Sunbury; e em 1827, ele foi para a velha escola de seu pai, Winchester. Finalmente, na primavera de 1830, ele voltou para Harrow. As tentativas de bolsas de estudos universitárias foram também anuladas. Ele era um menino grande, desajeitado e rude, malvestido e, muitas vezes, sujo. Sentia-se um pária infeliz entre os jovens aristocratas e plutocratas que conheceu nessas escolas famosas.

No final de 1827, sua mãe foi para a América com a empreendedora Frances Wright e o pintor francês Auguste Hervieu tentar a vida como comerciante. Entre os projetos em andamento nessa época, estava a criação de um bazar em Cincinnati para a venda de mercadorias inglesas. O bazar (uma horrível monstruosidade arquitetônica) foi realmente construído, mas o empreendimento fracassou terrivelmente e precipitou a ruína completa da família. Falidos, em abril de 1834, os Trollopes foram para Bruges, “salvos” pela escrita de romances de Frances, que havia começado a escrever em 1832. Thomas Anthony Trollope morreu no final de 1835.

CORREIOS

Enquanto trabalhava como porteiro em uma escola em Bruxelas, 1834, por influência, ele se tornou um escrivão júnior no General Post Office, em Londres (Correios). Ele teve sete anos solitários de pobreza sombria em Londres, fazendo poucos amigos e ganhando uma reputação de insubordinação, até que sua transferência, em 1841, para Banagher, Irlanda, como vice-inspetor postal, deixou-o financeiramente melhor e apresentou-o a um mundo de vida ao ar livre. Sua estranheza desapareceu; começou a caçar raposas (que seguiu com entusiasmo até 1878). Em 1.º de junho de 1844, ele se casou com Rose Heseltine, filha de um gerente de banco de Rotherham.

IRLANDA

Trollope trouxe muito da Irlanda para suas obras. Na série *Palliser*, por exemplo, já no segundo livro, o autor nos apresenta seu personagem-título, Phineas Finn, um filho talentoso, mas ingênuo, de

um médico da Irlanda com aspirações parlamentares. Ele deve fazer inúmeras escolhas práticas e éticas em relação à sua carreira, suas crenças políticas e sua vida romântica, na esperança de emergir com seu caráter, reputação e perspectivas intactos. A história de *Phineas*, ambientada durante a passagem turbulenta da Segunda Lei de Reforma de 1867, revela o absurdo dos procedimentos parlamentares, mas também aborda temas como a posição das mulheres e a questão irlandesa. A integridade de Phineas é frequentemente desafiada por sua ambição e ele inevitavelmente tem que se resignar aos compromissos do sistema partidário. Phineas Finn foi publicado pela primeira vez como uma série mensal na St. Paul's Magazine, de outubro de 1867 a maio de 1868.

Embora Trollope tenha alcançado fama literária com a força de sua série de romances ambientados no condado rural fictício de Barsetshire, como podemos ver, seus trabalhos posteriores estavam mais preocupados com a política e as questões sociais. Em *Phineas*, um imigrante da Irlanda concorre ao Parlamento e, para surpresa de todos, é bem-sucedido em sua candidatura.

CARREIRA

No outono de 1843, ele começou a trabalhar em seu primeiro romance, *Os Macdermots de Ballycloran* (publicado em 1847). Este livro e *Os Kellys e os O'Kellys* (1848) devem ser considerados “trabalho de aprendiz”. Após a promoção nos Correios e a transferência para Mallow, em 1845, Trollope foi enviado, na primavera de 1851, para o oeste da Inglaterra em uma missão postal. Aqui, em julho de 1852, ele começou *The Warden* (1855), no qual encontrou pela primeira vez seu norte como o delineador da vida clerical nas cidades catedrais. Ele esteve em Belfast por um ano a partir do outono de 1853, depois em Donnybrook, perto de Dublin. Outras missões postais para o Egito, Escócia e Índias Ocidentais seguiram-se em 1858–59, e, em dezembro do último ano, ele se estabeleceu em Waltham Cross, cerca de doze milhas de Londres, como agrimensor geral nos Correios por £800 libras por ano.

Ele estava escrevendo persistentemente. Uma comédia, *A nobre Jilt* (escrita em 1850), deixada de lado a conselho de um amigo ator; mas nada menos que dez novos livros foram escritos quando ele chegou a Waltham Cross. *Barchester Towers* (maio de 1857) o mostrou, no auge de seus poderes, como o minucioso cronista de eventos e política eclesiástica na imaginária cidade-catedral (fundada em Winchester) e na área mais ampla do condado de Barset (Somerset) ao redor. A esposa do bispo, Mrs. Proudie, e um dos imortais da ficção inglesa, o viscoso Mr. Slope, apresentaram-no como um perspicaz e habilidoso mestre da caracterização, e toda a cena e a atmosfera da

vida normal inglesa de meados da era vitoriana nas cidades do interior foram expostas. *Casa Paroquial de Framley*, que começou a serialização na nova *Cornhill Magazine* (editada por Thackeray), em 1.º de janeiro de 1860, consolidou sua reputação e definitivamente fez seu nome.

Em outubro de 1860, enquanto visitava a casa de sua mãe, em Florença, Trollope conheceu a jovem americana Kate Field, que se tornou uma de suas amigas mais próximas e a quem escreveu uma série de cartas encantadoras, que mostram o lado mais gentil e brincalhão de sua natureza. No ano seguinte, ele estava em Boston com sua esposa, em uma missão postal, e os dois visitaram Miss Field. Também em 1861, ele foi eleito para o Garrick Club, que se tornou um dos locais favoritos de resort. Ele agora era próspero, famoso e procurado por editores e literatos. Seus amigos incluíam figuras como o barão Richard Monckton Milnes; W. E. Forster; George Eliot (Mary Ann Evans) e George Henry Lewes (companheiro de Mary Ann Evans); Thackeray etc. Ele tinha negócios com George Smith (editor de Charlotte Brontë), fundador do Dictionary of National Biography e sócio da Smith, Elder & Co. (para quem escreveu, em 1865, alguns esboços de caça no novo *Pall Mall Gazette*).

Em 1866, ele pensou (e projetou) em escrever a história da Inglaterra em prosa, uma ficção gigantesca, mas a abandonou devido ao trabalho colossal envolvido. No mesmo ano, ocorreu sua primeira conexão com a Blackwood's Magazine (editora de George Eliot), na qual *Nina Balatka* foi serializada anonimamente; e no ano seguinte publicou *A última crônica de Barset*, despedindo-se do famoso condado imaginário.

Uma incursão na redação da St. Paul's Magazine, de outubro de 1867, logo foi abandonada, pois Trollope se sentia inadequado para as funções. Ele havia se demitido dos Correios em setembro de 1867, em parte, por ressentimento com a promoção de um subordinado, e também pela pressão do trabalho. De março a julho de 1868, ele esteve novamente nos Estados Unidos em missões postais e de direitos autorais; e no outono, ele se candidatou sem sucesso ao Parlamento, no interesse liberal, ao que já mencionamos. Os romances *Phineas Finn* e *He Knew He Was Right* (Ele sabia que estava certo), ambos de 1869, viram Trollope em seu apogeu comercial. Mas nenhum dos dois reembolsou o que essas obras valiam, e ele foi obrigado a aceitar valores mais baixos.

LADY ANNA

Em maio de 1871, Trollope fez uma longa visita a um filho, na Austrália. No mar, como em outros lugares, ele escrevia incansavelmente. Nesta ocasião, terminou *Lady Anna* na viagem de ida para a Austrália e Nova Zelândia. De volta à Inglaterra, pouco antes

do Natal de 1872, ele se estabeleceu no número 39 da Montagu Square, Bloomsbury, Londres. Ali, ele trabalhou, como era seu hábito, em um horário regular e rigoroso, auxiliado por sua sobrinha, Florence Bland, como secretária. Levantando-se ainda com céu escuro, ele escrevia até as 11 horas; então, depois do café da manhã, ele cavalgava ou caminhava. Entre o chá e o jantar, sua diversão favorita era jogar uíste, no Garrick Club; e, à noite, ele jantava fora ou recebia alguns de seus muitos amigos em casa. Essa rotina foi interrompida (embora ele nunca tenha parado de escrever) por viagens ao Ceilão e à Austrália (1875), à África do Sul (1877) e à Islândia (1878). A Autobiografia — um modelo de modéstia e franqueza lúcida — foi escrita entre outubro de 1875 e abril de 1876, mas não foi publicada até depois de sua morte.

ESTILO DE VIDA

A faixa dos 60 anos trouxe consigo a asma e até mesmo a suspeita de angina pectoris, uma dor torácica causada pela falta de sangue (isquemia) que acomete o músculo cardíaco. A angina é quase sempre relacionada a doenças que causam obstrução nas artérias responsáveis por levar sangue ao coração, as coronárias. Isso muito foi devido ao estilo de vida do autor. Ele gostava de comer o que chamava de “comer bem”, mas a alimentação inglesa, naquela época, não era nada saudável. Ele quase sempre esteve acima do peso ideal. Assim, em julho de 1880, em benefício de um ar melhor, Trollope mudou-se para Harting Grange, perto de Petersfield, Hampshire. Mais três romances foram escritos em 1881. Em maio de 1882, movido pelos assassinatos de Phoenix Park^[1], ele foi para a Irlanda para coletar material para *Os Landleaguers*. Em setembro, ele deixou Harting e se alojou no Garland’s Hotel, Suffolk Street, Pall Mall, Londres. Neste lugar, em 3 de novembro, enquanto ria de uma leitura familiar, ele foi acometido por um derrame paralítico; e em 6 de dezembro, em uma casa na Welbeck Street, ele morreu. Deixou esposa e dois filhos.

APARÊNCIA

Externamente, Trollope era um homem alto, pesado e estrondoso, compartilhando da natureza de um caçador britânico, como Pollock de *Você pode perdô-la?*. De fato, este personagem (Pollock) poderia ser sua própria descrição, um caçador obeso sobre um cavalo cansado. Mas ele era muito mais que sua aparência, tinha uma reserva de sensibilidade herdada de sua infância; sua generosidade e sua modéstia inata o tornavam querido pelos humildes.

“Na aparência pessoal”, escreveu Michael Sadleir, editor e romancista, “Trollope era ereto e robusto. Embora não chegasse a um metro e oitenta de altura, seus ombros largos, cabeça fina e vigoroso

poder de gesto davam a impressão de tamanho além de suas polegadas reais. Todos que o conheciam comentavam sobre o extraordinário brilho de seus olhos negros, que, por trás das fortes lentes de seus óculos, brilhavam com uma certa fúria genial de inspeção... Sua voz era baixa e ressonante... Sua risada era, no mínimo, um berro. Para um homem tão grande, ele era fácil de se mover, mas ele podia montar um cavalo, se não com elegância, pelo menos com uma segurança monumental. Ele era um caminhante forte, um bom comedor, um conhecedor de vinho e um disputador insaciável... A visão era extremamente curta, de fato, sua única deficiência”.

O ADEUS AO JORNALEIRO DAS LETRAS

Após sua morte, a reputação literária de Trollope decaiu, e ele era considerado uma espécie de jornaleiro das letras. Isso surgiu em parte da revelação presente na sua Autobiografia de que ele tratava a literatura como um ofício e escrevia por horas. Nenhum autor foi mais metódico. Ele elaborou esquemas, estabeleceu horários para si mesmo e os cumpriu rigidamente. Mas ele é considerado, atualmente, inferior a Charles Dickens. Trollope navegou e foi supremo em seu próprio campo, porém um campo estreito, da vida comum da classe média alta da Inglaterra, especialmente da Inglaterra clerical de seu tempo. O foco de Anthony Trollope era a vida dos grandes salões de meados da Inglaterra vitoriana, onde a sede de riqueza, o poder político e a necessidade de amor continuamente se formavam e se reformavam em combinações inesperadas e esclarecedoras.

Em *Você pode perdoá-la?*, a história de Alice Vavasor, seus enigmas amorosos e suas confusões sobre os direitos e os deveres, tudo é energizado em cada página pelo prazer afetuoso e irônico que Trollope sentia ao observar os enredos de seus esplêndidos personagens. Mas, embora haja uma boa dose de sátira implícita em sua obra, não há nada da ardente indignação social de um Dickens e, também no humor, ele é inferior a esse mestre. Mas quem aprecia um romance mais leve, com o dia a dia e os sentimentos das pessoas descritos magistralmente, não há ninguém melhor que Trollope.

SÉRIE PALLISER

Os romances da série *Palliser* abrangem vários gêneros literários, incluindo: saga familiar, romance de formação, picaresco, bem como sátira e paródia da vida vitoriana (ou inglesa), e críticas à predileção do governo britânico por atrair corruptos e pessoas corruptíveis ao poder. Os personagens comuns ao longo da série são o rico aristocrata e político, Plantagenet Palliser, e sua esposa, lady Glencora. As tramas envolvem a política britânica e irlandesa em vários graus, especificamente dentro e ao redor do Parlamento. Os próprios Pallisers

nem sempre desempenham papéis importantes e, em *The Eustace Diamonds*, eles apenas comentam a ação principal.

Em *Você pode perdôá-la?*, Trollope apresenta vários membros da família Palliser, embora eles formem um segmento secundário do romance. Da mesma forma, embora a série se concentre no Parlamento e na política britânica em geral, e apesar de serem importantes nesse romance, eles também são secundários em relação aos principais enredos e temas. Pois o que esse livro aborda principalmente são as restrições impostas às mulheres em meados do século XIX: na escolha de maridos, na administração de (seu próprio) dinheiro e na necessidade sempre de parecer, se não for, respeitável. “O que uma mulher deve fazer com sua vida? A vida de uma mulher é importante para ela, assim como a de um homem é para ele, não principalmente em relação ao que ela fará com ela. A principal coisa para ela olhar é a maneira pela qual algo deve ser feito”. Fiel ao sentido dessa observação, Trollope mergulha nas motivações de cada um de seus personagens. Alice está longe de ser a única que precisa de nosso perdão quando a história termina. O perdão é um motivo regular, de fato, já que os personagens são regularmente encarregados de perdoar uns aos outros, ou, em alguns casos, negar esse perdão.

CONVERSA COM O LEITOR

Trollope usa uma técnica interessante para envolver o leitor diretamente com Alice e os outros personagens. Observações autorais repetidas, como Thackeray em *Feira das Vaidades*, como “Estou inclinado a pensar que Mr. Gray sabia o que fazia” nos convidam a julgar os personagens à parte das intenções do autor e a discordar de suas conclusões. No meio do romance, Trollope admite suas próprias simpatias sobre o assunto, mas dá a entender que não pode nos dizer como julgar Alice, apenas espera que concordemos com ele: “E você também deve perdôá-la antes de fecharmos o livro, ou então minha história terá sido mal contada”. É claro que ao julgar Alice estamos julgando seu criador. Somente um autor confiante sustentaria seu trabalho dessa maneira, e acho que a confiança de Trollope não é equivocada.

Cerca de metade do romance se passa em Londres. Como dois dos personagens principais estão envolvidos com o Parlamento, a política inglesa naturalmente recebe algum grau de comentário, e vemos assentos no Parlamento sendo conquistados por meio da compra de votos entre as classes trabalhadoras. As cenas restantes compreendem duas visitas pitorescas à Suíça.

Os romances da série Palliser são: *Você pode perdôá-la?*, primeiro livro da série, lançado em 1864; *Phineas Finn*, segundo livro, lançado em 1869; *Os Diamantes de Eustace*, lançado em 1873; *O Retorno de*

Phineas, lançado em 1874; *O primeiro ministro*, lançado em 1876; e *Os filhos do duque*, lançado em 1879.

Ótima leitura.

Chirlei Wandekoken
Editora

VOLUME I



CAPÍTULO 1

MR. VAVASOR E SUA FILHA

Se ela – a quem peço-lhe que perdoe, se puder – pertencia ou não aos Dez Mil Grandes ^[2] deste nosso mundo inglês, eu não estou preparado para responder com qualquer certeza ou garantia. Pelo sangue, ela era relacionada a pessoas importantes – distantemente relacionada, de fato, a pessoas muito importantes –; pessoas que pertenciam aos Dez Mil Grandes, se é que tal classe existia, mas, sobre tais parentescos respeitáveis, ela pouco sabia ou havia visto, e eles tampouco ligavam para ela. O avô dela, lorde Vavasor de Vavasor Hall, em Westmoreland, era um homem rico do interior que ganhava, no máximo, alguns milhares por ano. Ele, portanto, nunca viajava a Londres e não tinha nenhum desejo de ser incluído em qualquer clube exclusivo de ricos. Era um velho cavalheiro temperamental, ignorante e honesto que vivia em Vavasor Hall, declarando a qualquer um que o escutasse que o país estava indo por água abaixo, e se parabenizando porque em seu condado a reforma parlamentar havia definitivamente sido incapaz de alterar velhos acordos políticos. Alice Vavasor, cuja ofensa contra o mundo eu estou prestes a lhe contar – e, se possível, perdoar – era filha do caçula dele. Como o seu pai, John Vavasor, nada havia feito para elevar o nome da família à eminência; Alice não poderia reclamar qualquer posição na alta sociedade como uma Vavasor. John Vavasor havia chegado a Londres muito jovem para atuar como advogado, mas falhara. Ele havia falhado em alcançar tanto uma grande fortuna quanto uma grande reputação, embora houvesse tido êxito em conquistar, ou talvez fosse melhor dizer “em obter”, um sustento. Ele havia se casado com uma dama um pouco mais velha que ganhava uns 400 por ano, e que era relacionada àquelas pessoas importantes que já mencionei. Quem eram eles e como era a natureza especial dessa relação eu explicarei mais tarde, mas, no momento, basta saber que Alice Macleod ofendeu gravemente todos os seus conhecidos com o seu casamento. Ela, contudo, não lhes concedeu muito tempo para agraciá-la com ira. Ao dar à luz a uma menina, Alice Vavasor, doze meses após se casar, ela morreu deixando pendente uma dúvida: deveria a falha do seu casamento ser perdoada pela sua família, ou não?

Quando um homem se casa com uma herdeira por dinheiro, e se tal dinheiro está sob controle dela, como era o caso da fortuna de Miss Macleod, é do interesse do noivo investidor que os conhecidos da moça discutam com o casal. Assim, ela é levada a se jogar totalmente nos braços do cavalheiro que, deste modo, a toma como esposa e toma posse do dinheiro dela sem a abominável irritação proveniente de acordos rigorosos. Só que os Macleods, embora tenham discutido com Alice, não discutiram à *l'outrance* ^[3]. Eles a esnobaram, bem como o

homem escolhido para ser o seu marido; eles, entretanto, não se afastaram tanto dela e de seus negócios a ponto de desistirem do controle das suas posses. Ela havia decidido utilizar os 400 por ano em benefício próprio e dos filhos que tivesse, sem nem ao menos ter indicado Mr. Vavator como curador. Portanto, quando ela morreu, a fortuna da mãe se tornou propriedade da bebezinha, mas, sob tais circunstâncias, as pessoas importantes não se recusaram a defender, em parte, os interesses do pai. Eu não acredito que algum acordo ou pacto foi feito entre Mr. Vavator e os Macleods; mas tornou-se de conhecimento geral que, se ele não fizesse exigências quanto ao dinheiro da filha e permitisse que cuidassem da educação dela, eles fariam alguma coisa por ele. Ele era um advogado em exercício, embora não possuísse muitos clientes, e é esperado de um advogado em exercício que ele esteja sempre a postos para encarar qualquer situação que surja em seu caminho. Dois anos após a morte de sua esposa, Mr. Vavator foi nomeado comissário-assistente de um escritório que lidava com falências, algo que foi abolido três anos após a sua nomeação. A princípio, pensou-se que ele manteria os seus oitocentos por ano para toda a vida, sem que nada precisasse fazer para merecê-los, mas o “mesquinho governo Whig^[4]”, como John Vavator o chamou enquanto descrevia as circunstâncias de seu acordo para o pai em Westmoreland, não permitiu. Em vez disso, o governo deu-lhe a opção de ganhar 400 por ano sem fazer nada, ou de manter todo o dinheiro enquanto trabalharia três horas durante três dias por semana em um escritorzinho miserável perto de Chancery Lane, onde seus afazeres consistiriam em assinar seu nome em relatórios que ele jamais leria e que nem sequer deveria olhar. Emburrado, ele escolheu manter todo o dinheiro, e o seu trabalho assinando papeladas tomou-lhe quase 20 anos de sua vida. É claro que ele se considerava um homem bastante trabalhador. A um lorde chanceler após o outro, ele continuou peticionando enquanto implorava que fosse liberado da crueldade de sua posição, e que lhe fosse permitido receber o seu salário sem fazer nada em troca. A quantidade de trabalho que ele realizava certamente era mínima. O período laboral, conforme era contabilizado no escritório de Mr. Vavator, dificilmente chegava a corresponder a metade de um ano, e as horas do expediente semanal faziam um dia de trabalho valer uma semana inteira para a classe trabalhadora. Mr. Vavator, entretanto, havia sido nomeado comissário-assistente, e com cada Lorde Chanceler que discutia, ele clamava que o Palácio de Westminster inteiro e o clube de advogados de Lincoln's Inn não tinham o direito de abusar de sua boa vontade e de rebaixá-lo a um assinador de relatórios. Em resposta a cada reclamação, foi-lhe oferecida a alternativa da liberdade ganhando metade do dinheiro; e assim, o arranjo continuou.

Não pode haver, porém, dúvidas de que Mr. Vavasor estava melhor e mais feliz com o seu emprego quase nominal do que se não o tivesse. Ele sempre argumentou que o trabalho o mantinha em Londres. Exceto que ele, sem dúvidas, estaria morando em Londres com ou sem a sua ocupação oficial. Ele estava tão acostumado à vida londrina em pequena escala, antes que a escolha de deixar Londres fosse-lhe apresentada, que nada o teria afastado por muito tempo. Após a morte da esposa, ele passou a jantar em seu clube sempre que o jantar não lhe era oferecido por algum amigo em algum lugar, e raramente se mostrava feliz, exceto quando jantava. Aqueles que o viam examinando o menu do garçom e dando as orientações necessárias quanto ao seu próprio jantar e ao do seu amigo, às quatro e meia da tarde, testemunhavam o único momento do dia em que John Vavasor se concentrava. Todas as outras coisas eram leves e fáceis para ele – eram tomadas facilmente e dispensadas facilmente. Mesmo o ato de cear não lhe suscitava nenhum esforço especial. Às vezes, um franzido surgia em sua testa enquanto degustava a primeira metade de uma taça de vinho Clarete que, como regra que ele havia criado para si mesmo com um cuidado bastante elaborado, era consumido somente com prazeroso deleite. De vez em quando, acontecia de o cozinheiro bancar o traçoeiro com ele. Nestas ocasiões, exagerava na dose, mas até exagerando ele era quieto e bebia com um sorriso no rosto.

Assim haviam sido as buscas e prazeres na vida de Mr. Vavasor até a época em que a minha história começa. Não posso, porém, permitir que os leitores pensem que ele era um homem sem qualidades. Se ele houvesse tido o dom da diligência quando jovem, acredito que teria brilhado em sua profissão, sendo reconhecido e estimado pelo mundo. Na realidade, era um homem descontente, mas, ainda assim, ele era popular e, até certo ponto, estimado. Ele era liberal enquanto seus meios permitiam; era um homem de palavra e entendia bem o código de regras que era esperado do caráter de um cavalheiro em seu círculo. Ele sabia como se comportar entre os homens, e entendia perfeitamente o que deveria ser dito e o que não deveria; o que poderia ser feito entre aqueles com quem ele convivia, e o que deveria ser ignorado. Por natureza, ele também era uma pessoa dócil, amando em quantidade se não fosse possível em qualidade. Além disso, aos 50 anos, era um homem bonito de um belo rosto redondo em que o cabelo e a barba só começavam agora a apresentar fios grisalhos. Ele tinha uma boa figura; era uma pessoa grande, e que só agora começava a se tornar corpulento. Seus olhos eram brilhantes e cinzentos, e sua boca e queixo eram distintamente delineados graças a um parto suave. A maioria dos homens que conhecia John Vavasor bem declarava que era uma pena ele gastar o

seu tempo assinando relatórios em Chancery Lane.

Eu mencionei que os parentes de Alice Vavasor pouco se importaram com ela na infância; mas eu também falei que eles foram cuidadosos em tomar o controle da educação da menina, portanto, preciso explicar esta pequena discrepância. A mais importante destas pessoas importantes pouco havia ouvido falar dela, mas havia uma certa lady Macleod – uma pessoa não muito importante, mas que pegava carona na fama daqueles que eram – que se importava bastante com Alice. Ela era a viúva de Sir Archibald Macleod, cavaleiro-comendador, que havia sido um soldado, e uma Macleod de nascença. Por muitos anos no passado – desde antes de o nascimento de Alice Vavasor –, ela havia morado em Cheltenham, residindo temporariamente em Londres durante a primavera, quando o conteúdo financeiro de sua limitada bolsa permitia que ela assim o fizesse. Sobre a velha lady Macleod, acho que mencionarei que ela foi uma boa mulher, apesar de estar sujeita a duas das mais sérias desvantagens que podem afligir uma dama: ela era sabatista calvinista de religião, e nos assuntos do mundo, acreditava piamente na alta posição de seus nobres parentes. Ela quase seria capaz de venerar um jovem marquês mesmo que vivesse uma vida que desgraçaria um pagão entre pagãos. Ela era capaz de condenar e, na sua própria cabeça, condenava, multidões de homens e mulheres vulgares a todos os tormentos eternos que sua imaginação pudesse conceber, porque eles escutavam músicas profanas no parque aos domingos. Ainda assim, ela era uma boa mulher. Apesar de ter pouco, muito ela dava. Ela não devia nada a ninguém e esforçava-se para amar o próximo. Ela aguentou muitas dores com uma calma firmeza silenciosa e viveu confiando em um mundo melhor. Até mesmo Alice Vavasor, que era, afinal de contas, apenas a sua prima, ela amou com amor demasiado ainda que Alice muito houvesse feito para extinguir tal amor. Alice, em seus anos de infância, havia sido criada por lady Macleod. Aos 12 anos, ela havia sido enviada para uma escola em Aix-la-Chapelle – parte de seus parentes concordou que tal deveria ser o seu destino, muito a contragosto de lady Macleod. Aos 19, ela retornou a Cheltenham, e após ficar por pouco mais do que um ano, expressou seu desinteresse em permanecer mais tempo com a prima. Ela não era capaz de ser compreensiva nem com as falhas ou com as virtudes de sua parente. Portanto, ela fez um acordo com o pai: os dois morariam juntos em Londres, e assim eles viveram pelos últimos cinco anos – pois Alice Vavasor, quando for apresentada aos leitores, já terá passado de seu aniversário de 24 anos.

O estilo de vida deles era singular e certamente insatisfatório em certos aspectos. Aos 21 anos, Alice tinha total controle de sua própria fortuna, e quando induziu o pai, que pelos últimos 15 anos havia

morado em alojamentos, a morar em uma pequena casa em Queen Anne Street, é claro que ela se ofereceu para pagar parte das despesas. Ele a havia avisado que seus hábitos não eram compatíveis com aqueles de um homem caseiro, mas se contentara em simplesmente avisá-la. Ele não sentiu que era seu dever recusar o acordo, porque sabia que era incapaz de dar à sua filha toda a atenção que um pai viúvo sob tais circunstâncias deveria dar à sua única criança. A casa foi ocupada, e Alice e ele moraram juntos, mas suas vidas estavam bastante separadas. Por um breve período – cerca de um ou dois meses –, ele se esforçou para jantar em casa ou mesmo para ficar em casa durante a noite, mas o trabalho estava muito pesado para ele, que acabou cedendo. Ele havia dito para ela e para si mesmo que sua saúde se deterioraria sob os efeitos de uma mudança tão grandiosa feita tão tarde em sua vida, e eu não tenho certeza se ele estava mentindo. Seja como for, o esforço foi abandonado e agora Mr. Vavasor nunca jantava em casa. Ele e a filha tampouco ceavam juntos. As companhias de cada um não admitiam jantares compartilhados e, portanto, eles não podiam frequentar os mesmos círculos. Assim, acabou ocorrendo que eles se afastaram – se afastaram bastante. Eles se viam provavelmente todos os dias, mas faziam pouco mais do que se ver. Eles nem sequer tomavam café da manhã juntos, e após as três da tarde, Mr. Vavasor já não era mais visto em sua própria casa.

Miss Vavasor havia construído para si uma certa posição na sociedade, embora eu esteja disposto a duvidar de seu direito de ser considerada parte dos Grandes Dez Mil. Ela havia decidido evitar duas classes de pessoas, tendo sido levada a tais evasões graças às preferências da tia: marqueses e afins, fossem eles imorais ou não, ela evitava. Da mesma forma, ela havia evitado todas as tendências da Igreja Baixa^[5]. Evitar marqueses geralmente não era muito difícil. Moças que moravam com seus pais em Queen Anne Street, e que tinham rendas razoáveis, não costumavam ter muitos problemas nesse aspecto. Eu tampouco posso dizer que Miss Vavasor tinha muitos problemas, mas com ela, havia definitivamente um problema com evasões. Lady Macleod, de modo algum, evitava seus parentes nobres, e muito menos evitava Alice Vavasor. Quando ia a Londres, ela perseverava em suas visitas a Queen Anne Street, embora considerasse – e ninguém sabia por que – que estava brigada com Mr. Vavasor. Ela se esforçou para conjurar uma intimidade entre Alice e seus parentes nobres – uma intimidade da qual ela mesma desfrutava; uma intimidade que lhe concedeu uma posição nos lares deles, mas não em seus corações, ou até mesmo em seus hábitos. Alice recusava tudo isso com tanta consistência quanto os outros esforços que sua velha prima fazia em seu nome – esforços fortes, crescentes, mas sempre fadados ao fracasso, de induzir a moça a frequentar tais lugares de veneração

assim como fazia a própria lady Macleod.

Algumas palavras devem ser ditas sobre a pessoa de Alice Vavasor – e um fato também deve ser contado. Após isso, eu creio, poderei começar a minha história. A respeito do caráter dela, deixarei que a própria história o ilustre. Os leitores já sabem que ela aparecerá em cena em uma idade não tão tenra e que seu modo de vida lhe deu, talvez, uma aparência mais desgastada do que seus anos deveriam mostrar. Não que seu rosto fosse velho, mas não havia nada de jovial em seus modos. O comportamento dela era calmo e sua voz tão segura de si como se já fosse casada há dez anos. Em pessoa, ela era alta e bem-feita e possuía um pescoço e ombros largos, assim como todos os Vavasors, mas de forma alguma era gorda. Seus cabelos eram castanhos, mas muito escuros, e ela o usava mais baixo sobre a testa do que é costume nos dias de hoje. Seus olhos também eram muito escuros, embora não fossem negros e sua pele, apesar de não ser igual a de uma mulher morena, estava longe de ser pálida. Seu nariz era um pouco largo e *retroussé*^[6] também, mas, na minha opinião, era charmoso, repleto de personalidade e, às vezes, dava ao seu rosto uma aparência agradável e bem-humorada que, de outro modo, teria lhe faltado. Sua boca era grande, cheia de presença, e seu queixo era oval e bem-formado, como o de seu pai, exibindo covinhas. Eu imploro a você, levando-se tudo em consideração, que admita que era ela uma moça bela e espirituosa.

E agora o fato: no momento em que escrevo, ela já está noiva e prestes a se casar.

CAPÍTULO 2

LADY MACLEOD

Eu não posso afirmar que a casa em Queen Anne Street era um lar agradável. No momento, estou me referindo ao lar material, com suas paredes e mobílias, e não a qualquer prazer ou desprazer provocado pelos residentes. Era uma casa pequena ao sul da rua, enfiada entre duas grandes mansões que pareciam esmagá-la, e cujas proporções da soleira e do espaço eram, na verdade, reduzidas. As escadarias eram estreitas; a sala de jantar era escura e não possuía qualquer semelhança com a aparência hospitaleira que uma sala de jantar deveria ter. Nada disso importaria, contudo, se a sala de estar fosse bonita, assim como é o dever sagrado de todas as salas de estar, mas a sala de estar de Alice Vavasor não era bonita. O pai dela havia tido o cuidado de mobiliar a casa e confiado a tarefa a um profissional que havia escolhido um papel de parede verde, um tapete verde, cortinas verdes e cadeiras de tecidos adamascados verdes. Havia um sofá de tecido adamascado verde e duas poltronas verdes opostas uma da outra em ambos os lados da lareira. O aposento era completamente verde e nada atraente. Seu formato era praticamente quadrangular, e o pequeno quarto nos fundos do mesmo andar não havia sido, como era de costume, anexado. Ele havia sido designado como um “escritório” para Mr. Vavasor, mas muito raramente era utilizado para qualquer propósito.

A maioria de nós sabe, quando adentramos uma sala de estar, se trata-se de um aposento bonito ou não; mas poucos de nós sabem como deixar uma sala de estar bonita! Era moda em Londres, nestes últimos tempos, um tipo de aposento tão monstruosamente feio, que ousar dizer que nenhuma pessoa no planeta, exceto os londrinos, seria capaz de tolerá-lo. Os londrinos, por via de regra, se conformavam com as casas que conseguiam comprar, observando apenas o estado, o tamanho e o preço. Que grego ou romano, que turco ou italiano seria capaz de suportar uma sala com um desenho monstruoso em forma de paralelogramo delineado em um ângulo íngreme? Este é o formato das salas que adotamos atualmente – ou pelo menos o formato que as construtoras adotaram por nós – na intenção de jogar todo o primeiro andar em um único apartamento que, teoricamente, teria dimensões nobres, algo tão desvantajoso quanto a necessidade de uma escadaria. Um canto agudo e sem adornos se projeta nestas teóricas dimensões nobres, produzindo um formato de câmara tão feio quanto aquele que um olho pode captar. Eu ousaria continuar falando sobre tal tema, mas agora devo me limitar à sala de Miss Vavasor. A deformidade monstruosa da qual falei não era conhecida quando a casa em Queen Anne Street foi construída. Tais aposentos abomináveis jamais seriam encontrados nas casas de nossos ancestrais – nem mesmo nos dias de

George II. Ainda assim, a sala de estar que mencionei era feia, e Alice sabia disso. Ela sabia que era feia e teria adorado banir o sofá verde, substituído o papel de parede e pendurado cortinas de leves tons rosas. Com o tapete verde, ela teria ficado satisfeita, mas o pai dela era um homem extravagante, e desde o dia em que se tornara adulta, ela havia decidido que evitar extravagâncias seria sua missão especial.

— É a sala mais feia que já vi — dissera o pai dela certa vez.

— Não é muito bonita — Alice concordou.

— Eu dividiria com você os custos de uma reforma — ofereceu Mr. Vavator.

— Não seria muito extravagante, papai? Este aposento não tem nem quatro anos.

Então, Mr. Vavator deu de ombros e nada mais disse a respeito. Pouco importava a ele se a sala de estar em Queen Anne Street era feia ou bonita. Ele fazia parte do comitê do seu clube e havia se encarregado de garantir que a mobília de lá fosse, em todos os aspectos, confortável.

Junho chegou. Naquele mês, lady Macleod se ocupou em gastar seus ganhos junto a seus nobres parentes, em Londres, após ter tido êxito em arrecadar dinheiro para pagar suas contas em Cheltenham, de modo que lhe haviam sobrado 50 libras para usufruir. Apesar de ela ter passado o mês em Londres entre seus nobres conhecidos, não se deve supor que estas pessoas lhe deram casa e comida. Elas, às vezes, serviam-lhe chá, tal como pedia a etiqueta, e uma ou duas vezes ao mês ofereciam à velha dama um jantar de segunda classe. Em tais ocasiões, ela se hospedava em um pequeno quarto por trás de King Street, no distrito de Saint James, e tinha de aturar o calor e o desconforto durante a sua estada. À noite, saía para participar de encontros entre pessoas elegantes que, no fundo de seu coração, ela desaprovava, buscando sorrisos que raramente lhe eram concedidos, enquanto perdoava-se por desejá-los, uma vez que eram os sorrisos de amigos e parentes. Ela dizia a si mesma que fazia tais jornadas vãs à Babilônia moderna pelo bem de Alice Vavator, prometendo frequentemente que seria a última vez. No ano anterior, ela havia se lembrado que tinha 75 anos e jurado que nunca mais retornaria a Londres; mas cá estava ela, novamente em Londres, após justificar para si mesma que a jornada era necessária diante das circunstâncias do noivado de Alice que requeriam a sua presença momentânea ao lado da sobrinha. A sua sobrinha, pensava ela, mal conseguia administrar seus próprios assuntos discretamente.



— Bom, tia... — começou Alice, enquanto a velha dama adentrava a sala de estar às 11 horas de uma certa manhã. Alice sempre chamava lady Macleod de tia, muito embora, como já foi explicado, tal parentesco entre as duas não existia. Durante a estada de lady Macleod em Londres, tais visitas matutinas aconteciam quase todos os dias. Alice nunca as recusou e até tomou a decisão de ficar em casa para recebê-la, a não ser que houvesse avisado anteriormente que precisaria se ausentar; mas eu não estou preparado para afirmar que tais visitas eram, por natureza, agradáveis a ela.

— Se importa de fechar a janela, minha querida? — perguntou lady Macleod, sentando-se rigidamente em uma das horrorosas poltronas verdes. Ela havia sido educada em uma época em que poltronas eram vistas como nocivas pelas pessoas que condenavam más-posturas, e podia se gabar, aos 76 anos, que nunca se recostava. — Você se importa de fechar a janela? Meu corpo está quente e quero evitar uma corrente de ar.

— Está me dizendo que veio andando desde King Street? — questionou Alice, atendendo ao pedido.

— De fato, estou. Do primeiro ao último passo. Os cabriolés são horríveis e eles sempre dizem que há uma distância de três quilômetros até aqui, mas eu não acredito, porque levo pouco mais do que meia hora a pé para chegar aqui. Esses homens adoram me confundir.

— Eu realmente acho que é muito longe para a senhora vir andando neste calor.

— Mas o que posso fazer, minha querida? É preciso, especialmente quando vim a Londres para vê-la. Tomarei um cabriolé

na volta porque estará fazendo mais calor, e a cara lady Midlothian prometeu mandar o coche dela às três para me levar ao concerto. Eu gostaria tanto que você fosse, Alice.

— Está fora de questão, tia. Aparecer lá em cima da hora e sem convite?

— Não seria sem convite, Alice. A marquesa me falou várias vezes que ficaria feliz em vê-la caso eu a levasse.

— Por que ela não me chama se está tão ansiosa para conhecê-me?

— Minha querida, não é direito seu esperar tal coisa, não mesmo. Ela nem mesmo chama a mim.

— Eu sei que não tenho direito e não espero e nem quero nada. Ela tampouco tem o direito de supor que, sob tais circunstâncias, eu compareceria à casa dela. É melhor desistir, tia. Nem acorrentada eu iria até lá.

— Acho que você está enganada, particularmente sob as atuais circunstâncias. Uma moça como você, que está prestes a se casar...

— Casar-me... talvez.

— Que bobagem, Alice. É claro que se casará, e pelo bem dele, você deve cultivar quaisquer vantagens que naturalmente pertençam a você. Quanto a lady Midlothian ou à marquesa vindo até aqui – à casa de seu pai –, para chamá-la, depois de tudo o que se passou... Você realmente não tem nenhum direito de esperar algo assim.

— E eu não espero.

— Essas pessoas não são de chamar, e se parar para pensar, como poderiam, com tantas demandas que ocupam seu tempo?

— Minha querida tia, eu não interferiria no tempo delas por nada neste mundo.

— Ninguém pode dizer, tenho certeza, que fico correndo atrás de pessoas ricas ou importantes. É apenas por acaso que algumas das minhas relações mais próximas – e, de fato, devo referir-me a elas assim – envolvem pessoas da alta sociedade, e não vejo motivo algum para virar as costas à minha própria carne e sangue por isso, sobretudo quando eles sempre se mostram tão ansiosos para preservar a ligação.

— Eu só estava falando de minha parte, tia. É muito diferente com a senhora. A senhora os conheceu a vida toda.

— E como você espera conhecê-los se nem começa? Lady Midlothian me contou ontem mesmo que ficou satisfeita em ouvir que você está prestes a se casar com um homem respeitável, e...

— Palavra de honra, sinto-me muito grata pelas palavras da condessa. Pergunto-me se ela considerou se estava se casando com um homem respeitável quando esposou lorde Midlothian.

Lady Midlothian não havia tido sorte em seu casamento; ela se

unira a um homem mau-caráter que a havia usado, e de quem se separara há alguns anos. Alice pode ter evitado mencionar tal infortúnio enquanto conversava com a prima sobre a condessa, de quem lady Macleod tanto gostava, mas se enfureceu ao ouvir aquela odiosa palavra – respeitável – sendo aplicada ao seu próprio noivado, e talvez tenha ficado ainda mais enfurecida ao perceber que estava inclinada a admitir que o epíteto servia bem à sua própria condição. O noivado, ela dissera a si mesma algumas vezes, era bastante respeitável, mas lhe faltavam certos atrativos que deveria possuir. Ela não estava satisfeita consigo por ter aceitado John Grey – ou talvez não estivesse satisfeita consigo por tê-lo amado. Em seus muitos pensamentos sobre o assunto, ela sempre admitiu que o havia aceitado simplesmente por amá-lo; que havia aceitado rapidamente o súbito pedido de casamento simplesmente porque ele havia ganhado o seu coração. Às vezes, porém, ela se sentia quase furiosa consigo por ter permitido que o seu coração fosse tão facilmente tomado e se repreendia por ter se comportado de maneira tão imatura. Apesar disso, o casamento seria, de fato, respeitável. Mr. Grey era um homem de caráter, de boas maneiras, bem-educado e de boa família. Era um cavalheiro e um homem de talento. Ninguém poderia negar que o casamento seria altamente respeitável, e seu pai se mostrara mais do que satisfeito. O motivo da própria Miss Vavasor não estar muito satisfeita irá, eu espero, fazer sentido no momento oportuno. Enquanto isso, é suficiente dizer que o elogio de lady Midlothian a irritava.

— Alice, não seja cruel — ralhou lady Macleod. — Quaisquer que tenham sido as infelicidades de lady Midlothian, ninguém pode dizer que a culpa foi dela.

— Pode, sim, tia. Ela casou-se com um homem que era um patife e sabia disso, porque ele era conde e muito rico.

— Ela mesma era filha de um nobre e casou-se com alguém da mesma classe, mas não quero discutir isso. Ela não pretendia ofendê-la quando mencionou o seu casamento, e você deveria aceitar o elogio. Afinal de contas, ela é prima em segundo grau da sua mãe...

— Querida tia, eu nunca pedi o reconhecimento do parentesco.

— Mas ela admite o parentesco e está muito ansiosa para que você a conheça. Ela se deu ao trabalho de investigar Mr. Grey, e contou-me que o que descobriu não poderia tê-la deixado mais satisfeita.

— Eu juro, fico muito agradecida a ela.

Lady Macleod era uma mulher de muita paciência e possuía uma considerável determinação. Por mais meia hora, ela continuou a discorrer sobre as vantagens que Alice acumularia ao se tornar uma mulher casada mais próxima de seus nobres parentes, esforçando-se

para persuadi-la a entender que não haveria melhor oportunidade do que o presente para tanto. Havia espaço no coche de lady Midlothian, uma vez que nenhuma das filhas dela a acompanharia, exceto lady Jane. Lady Midlothian encararia isso como um elogio, e um concerto não era como um baile ou como qualquer festa costumeira. Uma moça ainda noiva poderia muito bem comparecer a um concerto sob tais circunstâncias sem qualquer convite. Lady Macleod, entretanto, deveria saber que a vontade de sua sobrinha postiça era inalterável. Por natureza, ela era inalterável. Lady Macleod raramente conseguia persuadir Alice a fazer qualquer coisa, e deveria estar ciente de que, de todas as coisas, isso ela não conseguiria convencê-la a fazer.

Então, finalmente, elas passaram a tratar de outro assunto; o assunto especial que, de acordo com lady Macleod, fora o motivo principal de sua visita naquela manhã especial, embora ela houvesse se esquecido, provavelmente, que havia se referido da mesma forma à questão do concerto. Na verdade, o assunto mais importante era, de fato, o que ela estava para falar; lady Macleod acabou se prologando mais do que pretendia no outro tema graças ao calor do momento. A manhã inteira ela estivera guardando o tópico sobre o qual estava prestes a discutir. Ela havia debatido o assunto com lady Midlothian – mas não estava nem um pouco preparada para revelar a Alice que tal conversa havia ocorrido. Do concerto e dos efeitos que a aprovação de lady Midlothian poderia ter sobre o futuro bem-estar de Mr. Grey, ela passou a falar sobre a viagem à Suíça que Alice estava prestes a fazer. Sobre a viagem à Suíça, ela já havia escutado, mas não sabia quem seriam os acompanhantes de Miss Vavasor até lady Midlothian lhe contar. Por qual motivo lady Midlothian havia se interessado tanto pelos assuntos de uma pessoa que ela desconhecia, e a quem, em toda a sua grandeza, não seria esperado que chamasse, eu não sei dizer; mas por alguém, ela descobriu quem eram os potenciais acompanhantes da viagem de Alice Vavasor, e contou a lady Macleod que não aprovava nem um pouco o arranjo.

— E quando você parte, Alice? — questionou lady Macleod.

— No começo de julho, eu creio. Fará muito calor, mas Kate deve retornar na metade de agosto.

Kate Vavasor era prima em primeiro grau de Alice.

— Oh! Kate irá acompanhá-la?

— É claro que irá. Eu não poderia ir sozinha, ou apenas com George. Na verdade, foi Kate quem idealizou a comitiva.

— É óbvio que você não poderia ir sozinha com George — disse lady Macleod inexoravelmente.

George Vavasor era o irmão de Kate e, portanto, também era primo em primeiro grau de Alice. Ele era herdeiro do velho lorde em Westmoreland com quem Kate morava, uma vez que seu pai estava

morto. Nada, aparentemente, seria mais racional do que Alice viajar à Suíça com os primos, mas lady Macleod claramente não compartilhava desta opinião; o rosto dela transformou-se numa carranca ao mencionar o primo George, e ela parecia estar se preparando para uma briga.

— É exatamente o que penso — respondeu Alice. — Mas, de fato, ele irá meramente como escolta para Kate e eu, porque não gostamos da ideia de viajarmos desprotegidas. É muita gentileza dele, visto que ele é tão ocupado.

— Achei que ele não fazia nada.

— Porque a senhora não o conhece, tia.

— Não, eu certamente não o conheço — ela não acrescentou que gostaria de conhecer Mr. George Vavasor, mas seu semblante dizia tudo. — E o seu pai foi comunicado que ele vai acompanhá-las?

— É claro que foi.

— E Mr. Grey... — lady Macleod hesitou um pouco antes de continuar, e então finalizou a sua pergunta com uma espasmódica sombra de coragem. — E Mr. Grey sabe que ele vai?

Alice permaneceu em silêncio por um minuto inteiro antes de responder à pergunta, enquanto lady Macleod permanecia sentada, observando-a sombriamente com seus olhos fixados no rosto da sobrinha. Se lady Macleod pensou que tal silêncio era consequência de um possível constrangimento causado pela pergunta, ela estava muito enganada. Mas há de se duvidar que ela compreendesse o caráter da moça a quem julgava conhecer tão bem, e é provável que ela tenha cometido tal engano.

— Limitar-me-ei a dizer que ele sabe — respondeu Alice finalmente. — Pois escrevi-lhe uma carta ontem, avisando-o sobre os nossos preparativos; mas sinto que não deveria responder à pergunta que a senhora deseja fazer. A senhora quer saber se Mr. Grey aprovará isso. Como escrevi a carta ontem, obviamente não sei, e, portanto, não tenho como dizer. Mas uma coisa eu posso dizer, tia: por mais que a desaprovação dele me cause remorso, ela não alteraria em nada os meus planos.

— É mesmo? Neste caso, preciso dizer-lhe que está muito errada. Ela alteraria, sim. Que disparate! A desaprovação do homem com quem você vai se casar não alteraria os seus planos?

— Não neste caso. Ora, vamos, tia, se discutiremos este assunto, sejamos justas. Em qualquer situação normal, se Mr. Grey me pedisse para desistir completamente da viagem, independentemente do motivo, eu certamente desistiria, como também desistiria de qualquer outro projeto indiferente a pedido do meu querido companheiro — um companheiro a quem eu sou muito, muito ligada. Mas, se ele me pedisse para não viajar com o meu primo George, eu recusaria

prontamente, sem pestanejar, simplesmente por causa da natureza e da proximidade da nossa ligação. A senhora entende o que quero dizer, tia?

— Suponho que sim. Você quer dizer que se recusaria a obedecê-lo numa das situações em que ele mais tem direito de reivindicar a sua obediência.

— Ele não tem direito de reivindicar a minha obediência em situação alguma — afirmou Alice, e enquanto ela falava, tia Macleod deu um pulinho de susto diante da veemência das palavras e do tom nas quais elas eram proferidas. Ela já havia ouvido aquele tom e até já estava acostumada, mas, ainda assim, o pequeno pulo foi involuntário. — No presente, ele não tem direito à minha obediência em assunto nenhum — continuou Alice. — Ele pode querer me aconselhar, mas estou muito certa de que não pedirá obediência.

— E se ele a aconselhar, você refutará o conselho.

— Se ele me disser que é melhor não viajar com o meu primo George, eu certamente não aceitarei o conselho. Além do mais, eu teria o cuidado de fazê-lo entender o quanto um conselho desses me ofenderia. Seria mesquinho da parte dele, e de uma desconfiança da qual eu não posso crer que ele seria capaz.

Alice, enquanto falava, levantou-se de seu assento e caminhou pela sala. Quando terminou, ela parou de frente para uma das janelas dando as costas para a visitante. Por um ou dois minutos, houve silêncio entre as duas. Neste ínterim, lady Macleod considerou profundamente a melhor forma de proferir as terríveis palavras que ela, como parente feminina mais próxima de Alice, se sentia obrigada a despejar. Por fim, ela reuniu seus pensamentos e sua coragem, e se manifestou.

— Minha querida Alice, eu acredito que seja desnecessário dizer que, se sua mãe ainda fosse viva, ou se você tivesse alguma figura materna em seu lugar, eu não interferiria neste assunto.

— É claro, tia Macleod. Se acha que estou errada, a senhora tem todo o direito de opinar.

— Eu acho que está errada; muito errada, na verdade. Se persistir nisto, receio que passarei a pensar mal de você. É óbvio que Mr. Grey não vai gostar de vê-la viajar com George Vavasor.

— E por que não, tia? — enquanto fazia a pergunta, Alice se virou e confrontou lady Macleod audaciosamente. Ela falou com um tom firme e fixou os olhos sobre o rosto da velha dama, determinada a mostrar que não temia o que poderia ser-lhe dito.

— Por que não, Alice? Certamente você não vai querer que eu responda.

— Sim, eu quero. Como eu posso me defender até que a acusação seja feita?

— Você está noiva de Mr. Grey, com o consentimento e aprovação de todos os seus conhecidos. Há dois anos, você estava... Estava...

— Estava o quê, tia? Se quer dizer que há dois anos eu estava noiva do meu primo George, está enganada. Há três anos, disse a ele que, sob certas condições, eu me tornaria noiva dele, mas as minhas condições não foram aceitas por ele, e tampouco aceitei as dele, e nenhum noivado jamais foi concretizado. Mr. Grey conhece todos os detalhes da história. Na medida do possível, eu contei a ele tudo o que transcorreu.

— Alice, o fato é que o estilo de vida de George Vavasor é de tal forma que um noivado com ele teria sido uma loucura absoluta.

— Querida tia, perdão, mas não vou discutir o estilo de vida de George Vavasor. Se eu estivesse pensando em me tornar a esposa dele, a senhora teria todo o direito de discuti-lo por causa de sua constante bondade para comigo. Entretanto, na realidade, ele é simplesmente meu primo; e já que gosto dele e a senhora não, é melhor não dizermos nada sobre ele.

— Isto eu devo dizer: depois de tudo o que se passou e na presente crise em sua vida...

— Querida tia, eu não estou em crise.

— Sim, está, Alice; é a crise mais especial na vida de uma moça. Você ainda é uma moça, mas também é a esposa prometida de um homem muito valoroso que dependerá de você para garantir a sua felicidade doméstica. George Vavasor tem a fama de ser, no mínimo, bastante selvagem.

— O homem valoroso e o homem selvagem devem resolver isso entre eles. Se eu fosse viajar sozinha com George, então a senhora teria razão no que diz.

— Isso seria monstruoso.

— Monstruoso ou não, não é o que farei. Kate e eu nos juntamos para fazer esse passeio em busca de diversão e prazer. Como não seria bom irmos sozinhas, George prometeu acompanhar a irmã. Papai sabe tudo a respeito, e jamais pensou em fazer qualquer objeção.

Lady Macleod balançou a cabeça. Ela não gostava de criticar Mr. Vavasor diante da filha dele, mas o balançar de cabeça significava que o consentimento de Mr. Vavasor ao assunto de nada valia para ela.

— Vou repetir mais uma vez... — começou lady Macleod. — Eu acredito que Mr. Grey ficará desgostoso e que ele terá motivos de sobra para se sentir assim. Além disso, também acho que mesmo que ele aprove, você deveria repensar, minha querida. Vou pedir licença para que Jane me arranje um cabriolé. Eu não vou ter muito tempo para me vestir para o concerto.

Alice simplesmente tocou o sino sem dar mais uma palavra sobre

o assunto que estiveram discutindo. Quando lady Macleod levantou-se para ir embora, Alice a beijou, como era de costume entre as duas, enquanto a velha dama se despediu da maneira como sempre fazia.

— Deus a abençoe, minha querida. Adeus! Voltarei amanhã se puder.

Não houve, portanto, uma briga, mas ambas sentiram que as palavras que haviam sido ditas provavelmente tinham desgastado a intimidade entre as duas.

Quando lady Macleod partiu, por uma hora Alice permaneceu sentada, pensando no que havia acontecido e, sobretudo, nos dois homens – o homem valoroso e o homem selvagem, cujos nomes estavam bastante ligados a ela. John Grey era um homem valoroso em todos os aspectos pelo que ela sabia. Ela havia se convencido disso. Alice também disse a si mesma que seu primo George era selvagem – muito selvagem. Ainda assim, os pensamentos dela eram, eu receio, mais amáveis em relação ao primo do que ao seu noivo. Ela havia declarado à tia que John Grey seria incapaz de suspeitar dela, bem como de demonstrar qualquer objeção aos preparativos para a viagem. Ela havia dito isso, e nisso ela acreditava. Apesar disso, ela começou a se preocupar com o que aconteceria caso ele protestasse, assim como lady Macleod havia previsto. Ela disse a si mesma várias vezes que, sob tais circunstâncias, não cederia um milímetro. “Ele é livre para deixar-me”, ela pensou. “Se não confia em mim, ele é totalmente livre para deixar-me”. Quase pode-se dizer que ela acabou desejando que seu noivo lhe escrevesse uma carta, cujo conteúdo refletisse exatamente aquilo que ela havia declarado que ele seria incapaz de fazer.

CAPÍTULO 3

JOHN GREY, O HOMEM VALOROSO

A resposta de Mr. Grey para a carta de Alice Vavasor, que foi devidamente enviada pelo correio e devidamente recebida na manhã seguinte à visita de lady Macleod, pode, talvez, ser tomada como uma amostra do seu valor. Ela havia sido remetida de Nethercoats, uma pequena fazenda em Cambridgeshire que pertencia a ele. Era um local onde Mr. Grey havia passado muito do seu tempo e onde pretendia passar o resto de seus dias após se casar.

“Nethercoats, junho de 186—

QUERIDA ALICE,

Fico contente por você ter se decidido em relação às suas questões – questões estrangeiras, quero dizer. Quanto às suas questões caseiras, elas não estão, em minha opinião, satisfatoriamente organizadas. Entretanto, como sou parte interessada no segundo tópico, a minha opinião pode, talvez, apresentar certa parcialidade indevida. Sobre a viagem, eu concordo com você que você e Kate ficariam desconfortáveis sozinhas. Mulheres poderem se divertir tanto sozinhas quanto na companhia dos homens é uma teoria encantadora, mas seria muito desafiante àqueles que fossem pioneiros em sua prática. Mãos enluvadas, anáguas, a delicadeza feminina e a reverência universal prestada à beleza se põem, todas, no caminho do sucesso. Pode ser que essas coisas sejam deixadas de lado algum dia, possivelmente trazendo vantagens, mas enquanto jovens damas continuarem sobrecarregadas com essas coisas, uma companhia masculina sempre será considerada um conforto. Eu não sei muito bem se o seu primo George é o melhor cavalheiro que poderia ter escolhido. Eu me consideraria infinitamente mais adequado, caso a minha companhia houvesse sido cogitada. Se você estivesse em perigo nas mãos de inimigos pagãos, ele, sem dúvidas, matá-los-ia muito mais rapidamente do que eu, e seria de muito mais utilidade ao salvá-la das masmorras dos opressores, ou até mesmo de tigres errantes das florestas suíças. Contudo, duvido que ele seria pontual com as bagagens. Ele vai querer que você ou Kate se responsabilize pelos gastos, se é que haverá algum gasto. Ele será lento ao trazer-lhes água nas estações de trem e sempre as deixará esperando na hora do café da manhã. Eu acredito que um homem que acompanha duas damas em viagem deveria ser um escravo absoluto delas, ou elas seriam incapazes de se divertir completamente. Ele deveria ser meramente um servo superior, que teria o privilégio de se sentar à mesma mesa de sua senhoria. Tenho minhas dúvidas se o seu primo se adequaria à essa colocação; mas, quanto a mim, foi para isso que fui criado. Por sorte, entretanto, nem você ou Kate são desprovidas de vontade própria, e talvez consigam rebaixar Mr. Vavasor à obediência.

Quanto às questões caseiras, pouco tenho a dizer aqui, nesta carta. Eu

irei, é claro, vê-la antes que parta, e provavelmente ficarei uma semana na cidade. Sei que não deveria fazer isso, uma vez que será uma semana de ociosidade, e não uma semana de felicidade. Eu preferiria passar uma hora com você no campo do que um dia inteiro em Londres. Quando estou na cidade, sinto que tenho coisas demais a fazer para me permitir aproveitar qualquer coisa. Se fosse pura ociosidade, eu poderia me divertir, mas é uma ociosidade febril, que deixa um homem inquieto à espera de uma gratificação que não só nunca chega, como também nem sequer começa a vir. Eu vou, porém, suportar uma semana disso – os últimos sete dias deste mês, digamos – e confiarei que você me recompensará com a sua presença tanto quanto seus compromissos na cidade permitirem.

Voltando aos assuntos caseiros, se eu nada disser agora, creio que você compreenderá a minha hesitação. Astutamente, você me deixou para supor, visto o que narrou, que todos os meus argumentos foram em vão; mas você não os responde, ou me conta o que decidiu. Eu, portanto, não vou supor nada, e continuarei a confiar o sucesso à minha eloquência pessoal. Ou melhor, confiar não... Confiar não, torcer.

O jardim vai muito bem. Estamos com pouca água e, portanto, não está tão esplendoroso quanto eu esperava, mas estamos nos preparando com incansável diligência para um futuro brilhante. As suas ordens foram seguidas em todos os aspectos, e Morrison está sempre dizendo: ‘Não foi isso o que a sua senhora quis dizer’, ou ‘Essa não era a intenção da sua senhora’. Deus abençoe a minha senhora, é o que eu falo agora, enquanto peço que ela seja enviada para casa – para a casa dela; para suas flores; para suas frutas; para seu lar e para seu marido, por mais cedo que seja, sem mais nenhum destes atrasos que, para mim, são tão terríveis e desnecessários. Esta é a minha prece.

*Sempre seu e para sempre seu,
J.G.”*

“Eu não dei ordens”, Alice pensou, sentada à sua solitária mesa de café da manhã, com a carta em mãos. “Ele me perguntou como eu gostava das coisas, e é claro que fui obrigada a dizer. Eu fui obrigada a fingir que me importava, embora não fosse o caso”. Estes foram os primeiros pensamentos dela enquanto devolvia a carta ao envelope após lê-la pela segunda vez. Quando ela a abriu – depressa, sem hesitar, antes que o temor do conteúdo da carta a tomasse –, sua mente ecoava a repreensão que sua tia havia previsto e que ela quase se convenceu a esperar. Ela havia rasgado o envelope rapidamente e disparado com os olhos pelo conteúdo. Logo, ela percebeu a natureza da resposta, que respeitava a escolha de seu companheiro de viagem. A partir daí, ela completou a leitura da carta em velocidade razoável. “Não, eu não dei ordens”, ela repetiu em sua cabeça, como se pudesse, desta forma, absolver-se da culpa em referência a alguma possível

acusação futura, que poderia ser-lhe lançada sob certas circunstâncias que contemplava.

Então, ela repassou o conteúdo da carta em sua cabeça, parágrafo por parágrafo, de trás para frente, bebericando o seu chá de vez em quando entre os pensamentos. Não, ela não tinha lar, nem casa, lá. Ela não tinha marido – ainda não. Ele falava de seu compromisso como se fosse um noivado de épocas passadas; como se já fossem casados. Assim não eram os noivados dos dias de hoje. Ainda havia, tanto para ela quanto para ele, certa liberdade para desistirem do compromisso. Se ele viesse até ela e dissesse que o casamento não o faria feliz, ela não o liberaria sem dizer uma palavra de reprimenda? Ela não o consideraria mais honroso ao fazê-lo do que prosseguir em uma união que o deixasse amargurado? E se ela o julgasse – certamente absolvendo-o –, não seria razoável pensar que ela, sob circunstâncias similares, deveria esperar uma absolvição similar? Por fim, ela declarou a si mesma que estava apenas conjecturando, induzida pela afirmação dele de que já era marido dela – que até mesmo a casa dele já era dela. Ela não tinha a intenção de usar o poder do qual ainda gozava. Ela não desejava voltar atrás em sua palavra. Ela achou que não possuía tal desejo. Ela o amava muito, e o admirava ainda mais do que o amava. Ele era nobre, generoso, inteligente, bom – tão bom que era quase perfeito. Não, até onde ela sabia, ele era perfeito. Quem dera tivesse defeitos! Quem dera ele tivesse! Quem! Como poderia ela, cheia de defeitos, como mesmo admitia, esperar que poderia fazer feliz um homem tão perfeito? Assim, não haveria dúvidas sobre seu presente dever. Ela o amava e isso era tudo. Após ter dito que o amava e, da mesma forma, aceitado o seu amor, nada, exceto um arrependimento, poderia justificar que ela buscasse romper o laço que os unia. Ela amava John Grey e apenas John Grey.

Mas no passado ela amara o primo. Sim, isso era verdade. Em seus pensamentos, ela não negava. Ela o amara e se sentia atormentada pela conclusão de que havia encontrado mais alegria naquele amor do que neste que havia surgido subsequentemente. Ela havia dito a si mesma que isso era coisa de juventude – que um amor aos 20 anos era mais doce do que aquele que viria depois. Naquele antigo sonho, ela havia sido tomada por um arrebatamento que jamais poderia ser repetido – que jamais poderia viver, de fato, exceto em sonhos. Agora que ela era mais velha e, talvez, mais sábia, o amor significava uma parceria na qual cada parceiro seria honesto um com o outro; uma parceria na qual um desejaria e lutaria pelo bem-estar do outro, para que, assim, o bem-estar coletivo pudesse ser assegurado. Naquela época, em dias de pouca maturidade, o amor significava a total abnegação do ser. Um deles era terreno e, portanto, possível. O outro fora um raio de luz celestial – e impossível, exceto em um

sonho.

Além disso, ela havia se enganado em seu primeiro amor. Ela admitia isso francamente. Ele, a quem ela havia venerado, tinha sido um ídolo de barro, e ela sabia que ter abandonado tal idolatria fazia-lhe bem. Ele não havia sido verdadeiro com ela; e pior do que isso, havia sido falso enquanto dava desculpas para sua traição. Ele não apenas havia-lhe feito promessas falsas, como também as havia feito com falsidade premeditada e deliberada. Ele também havia sido egoísta, friamente egoísta, pesando o valor de suas próprias luxúrias sórdidas contra o do sagrado amor dela. Ela sabia disso, e separou-se dele jurando a si mesma que nenhum arrependimento prometido da parte dele seria capaz de uni-los novamente. Ela, entretanto, havia-o perdoado como homem – mas nunca como companheiro – e o recebera de volta na condição de primo e de irmão de sua amiga. Ela agora voltava a se sentir ansiosa quanto ao futuro dele, sem se importar em esconder sua preocupação e, em vez disso, proferindo tal aflição em voz alta. Alice sabia que ele era esperto, ambicioso e audacioso. Ela até mesmo acreditava que, apesar de sua própria experiência, ele talvez não tivesse um coração mau. Agora, enquanto ela admitia que, na verdade, amava o homem a quem a sua fidelidade havia sido prometida, eu temo que ela quase tenha pensado mais sobre aquele outro homem que havia despedaçado seu coração.

— Por que ele se sentiria infeliz em Londres? — ela se perguntou enquanto voltava à carta. — Por que ele condena o lugar que a maioria dos homens considera perfeito para todas as suas necessidades? Se eu fosse um homem, nenhum motivo no mundo me convenceria a morar em qualquer outro lugar. É estranho como todos os nossos gostos são diferentes. Por mais brilhante que a luz dele seja, ele ficaria satisfeito em se esconder debaixo de um alqueire!

Por fim, ela meditou a respeito do assunto pelo qual estivera tão ansiosa quando abriu a carta do seu noivo pela primeira vez. Devemos lembrar do quão segura ela estava ao expressar que Mr. Grey não faria objeção à sua viagem com o primo. Ele não havia sido condescendente; havia escrito sobre o assunto com agradável humor, como o cavalheiro que era, desdenhando sobre a possibilidade de fazer alusão ao passado dela, a quem ele amava, abstenendo-se, até mesmo, de expressar qualquer coisa que pudesse ser interpretada como uma ordem de sua parte. Na carta de Alice, que contava a ele o plano proposto, havia um tremor que lhe traía os pensamentos. Ela havia se esforçado meticulosamente para formar as frases de sua história de tal forma que parecesse uma narrativa trivial – como se não houvesse existido nenhum tremor em sua mente enquanto ela escrevia. Alice, porém, havia falhado, e ela sabia que havia falhado. Ela havia falhado e ele havia lido todo o esforço e vacilo em suas

palavras. Ela sentia e estava bem ciente disso, e sabia que ele era um nobre e um cavalheiro até a última gota de seu sangue. Mesmo assim – mesmo assim – quase havia um sentimento de decepção ante o fato de ele não haver escrito uma carta com o teor que lady Macleod previra.

Durante a semana seguinte, lady Macleod compareceu quase diariamente à casa em Queen Anne Street, mas nada mais foi dito entre ela e Miss Vavasor sobre a viagem à Suíça; nenhuma pergunta foi feita sobre a opinião de Mr. Grey sobre o assunto. A velha dama, é claro, descobriu que não houvera nenhuma briga, ou, como ela acreditava, qualquer probabilidade de briga e, com isso, ela se sentiu obrigada a se contentar. Nesta ocasião, ela tampouco tentou novamente levar Alice para conhecer lady Midlothian. Na realidade, os assuntos costumeiros de suas conversas foram quase abandonados, e as visitas de lady Macleod, embora fossem tão constantes quanto outrora, não duravam muito. Ela não ousou falar sobre Mr. Grey, e como não havia espaço para tal ousadia, se sentiu obstinadamente ofendida. Assim, ela permaneceu em silêncio, reservada e rabugenta. Depois de um longo tempo, o último dia de sua estada em Londres chegou, e assim ocorreu a sua última visita à sobrinha.

— Eu vim porque é o meu último dia — explicou lady Macleod. — Mas eu estou tão apressada e tenho tanto a fazer, que mal sei como vou me arranjar.

— É muito gentil — respondeu Alice, dando à tia um afetuoso aperto de mão.

— O cabriolé está me esperando, então só posso ficar 25 minutos. Eu marquei o tempo com precisão, mas estou certa de que o motorista vai jurar que se passaram mais de meia hora.

— Tia, a senhora não terá mais problemas com cabriolés ao voltar a Cheltenham.

— Os cabriolés são terríveis, minha querida. Eu realmente acho que são. Eu pago as minhas contas todos os meses, mas alguém sempre aparece e diz que estou inadimplente. É uma prática corriqueira, porque aonde vou, todos os homens tentam fazer isso comigo.

— É muito difícil encontrar homens honestos seja aonde for, eu suponho.

— Ou mulheres honestas. O que acha de Mrs. Green querer me cobrar por uma semana extra, porque diz que eu sou fui comunicá-la na manhã de terça-feira? Se eu não pagar, ela pode querer confiscar as minhas coisas – se é que tem coragem. Apesar de tudo, esta foi a última vez. Eu jamais retornarei a Londres, minha querida.

— Oh, tia, não diga isso!

— Eu digo, sim, minha querida. O que uma velha como eu quer

vindo à cidade todos os anos só porque as pessoas consideram uma boa época para tanto?

— Ver os amigos, é claro. A idade não importa quando uma pessoa tem uma saúde tão boa quanto a sua.

— Se você soubesse como o lumbago me castiga – embora eu deva dizer que vir a Londres sempre cura essas dores momentaneamente. Quanto aos amigos... Bom, suponho que alguém que alcance a idade que alcancei não deve reclamar; mas eu acredito que aqueles que amo estariam bem melhores sem mim do que comigo.

— Está falando de mim, tia?

— Não, minha querida. Não estou falando de você. É claro que a minha vida seria muito diferente se você tivesse aceitado ficar comigo até se casar, mas não estou falando de você. Eu não sei se estou me referindo a qualquer pessoa em particular. Você não deveria dar atenção ao que uma velha como eu fala.

— A senhora está um pouco melancólica por estar indo embora.

— Não, não é isso. Eu nem sei por que permaneci na semana passada. Eu disse a lady Midlothian que achava que partiria no dia 20, e, embora eu saiba que ela descobriu que não parti, ela não me convidou mais para nada. Para ser justa, elas têm saído todas as noites, mas achei que ela poderia me convidar para almoçar. É tão solitário almoçar sozinha em um alojamento em Londres.

— Ainda assim, a senhora nunca quis vir jantar comigo.

— Não, minha querida, não. Mas não vamos falar sobre isso. Eu só tenho mais uma coisa a dizer. Vamos ver. Eu só tenho mais seis minutos. Eu decidi que jamais retornarei à cidade – exceto para uma coisa.

— Qual coisa, tia? — Alice perguntou, embora soubesse perfeitamente o que era.

— Eu virei ao seu casamento, minha querida. Eu realmente espero que você não me faça esperar demais.

— Ah! Eu não posso fazer promessas. Nunca se sabe como será o dia de amanhã.

— E por que há dúvidas? Eu sempre achei que uma vez que uma moça noiva, quanto mais cedo ela se casar, melhor. No caso do cavalheiro, pode ser que haja motivos para uma postergação.

— O que não é incomum, sabia?

— Mas, Alice, está querendo dizer que Mr. Grey vai adiar o casamento?

Alice ficou em silêncio por um momento enquanto o rosto de lady Macleod adquiria um semblante de horror quase trágico. Haveria algo de errado com Mr. Grey que lhe passara completamente despercebido? Alice, que por um segundo ou dois carregou a culpa de um divertido mal-entendido, era honesta demais para permitir que a impressão

perdurasse.

— Não, tia — ela respondeu. — Mr. Grey não vai adiar. Fui eu quem ficou encarregada de decidir a data.

— E por que não decide?

— É uma coisa tão séria! Afinal de contas, se passaram não mais do que quatro meses desde que... Desde que eu o aceitei. Não sei se isso denota qualquer adiamento.

— Mas se ele assim desejar, você decidirá a data.

— Bom, talvez eu decida... Algum dia, tia. Eu pensarei a respeito, mas a senhora não deve me apressar.

— Mas você deveria ter alguém para aconselhar-lhe, Alice.

— Ah, mas esse é o problema! As pessoas sempre parecem achar que uma moça tomar as suas próprias decisões é uma coisa horrível. A princípio, ela não pode gostar de ninguém. Então, quando gosta de alguém, ela deve casar-se imediatamente como foi-lhe mandado. Não me deixam tomar muitas decisões atualmente, por isso, entenda: quando eu me casar, deixarei de poder tomar qualquer decisão, seja ela qual for. Não é surpresa que eu não esteja com pressa.

— Eu não estou defendendo que você haja com pressa, querida. Ora, minha nossa! Eu estou aqui há 28 minutos, e aquele homem horrível vai querer me explorar. Adeus! Deus a abençoe! Não se esqueça de escrever.

Assim, lady Macleod apressou-se em sair dali, no presente momento, mais determinada a poupar seis pence, do que a dar atenção a qualquer outro assunto.

Algum tempo depois, John Grey veio à cidade, chegando um ou dois dias após a data que haviam combinado. Não é, talvez, improvável que Alice tenha usado um pouco de suas habilidades diplomáticas para evitar que seu noivo e lady Macleod se encontrassem. Os dois estavam ansiosos pelo mesmo objetivo, e Alice era, até certo ponto, contra os ideais deles. Se lady Macleod e John Grey juntassem forças, talvez ela não conseguisse resistir à dupla pressão. Ela estava determinada a não decidir a data de seu casamento até que retornasse da Suíça. Portanto, ela achou que seria sábio manter Mr. Grey no campo até que lady Macleod fosse embora, muito embora isso abreviasse a estada dele em Londres para quatro dias. Pela ocasião da visita, Mr. Vavasor fez uma coisa bastante memorável: ele jantou em casa na intenção de dar boas-vindas ao futuro genro. Ele jantou em casa e pediu – ou melhor, encarregou Alice de pedir – que George e Kate Vavasor comparecessem ao banquete.

— Que presságio favorável para o futuro matrimônio! — disse Kate, dando um sorrisinho sarcástico. — Tio John resolveu jantar em casa e Mr. Grey juntou-se à diversão de um banquete. Logo estaremos todos mudados, suponho, e George e eu vamos acabar tendo que

comprar um pequeno chalé no campo.

— Kate... — Alice começou, irritada. — Eu acho que você é a pessoa mais injusta que já conheci. Eu perdoaria a sua zombaria, por mais dolorosa que seja, se ela fosse justa.

— E a quem, neste momento, ela é injusta? Ao seu pai?

— A sua zombaria não foi endereçada a ele.

— A você mesma?

— Eu não ligaria se fosse a mim, você sabe disso muito bem.

— Então eu devo ter sido injusta com Mr. Grey.

— Sim, foi a Mr. Grey que você pretendeu atacar. Se eu posso perdoá-lo por não se interessar pela sociedade, você certamente também pode.

— Exatamente, mas você não consegue fazer isso, querida. Você não o perdoa. Se perdoasse, pode ter certeza de que eu teria ficado calada. Agora, se me mandar segurar a língua, eu não direi nada, mas se você me revela todos os seus pensamentos sobre este assunto, não pode esperar que eu não aja com reciprocidade. Eu não sou especial, mas se faz-lhe bem uma bela dose de hipocrisia, não me porei no caminho. Eu posso não ser tão desonesta quando você diz, mas não sou tão devotada à verdade. Se quiser, posso me comportar, agir e falar com falsidade. Eu só almejo que nos entendamos.

— Você sabe que não desejo qualquer falsidade, Kate.

— O que eu sei é que é muito difícil entender o que você deseja. Eu sei que, pelos dois últimos anos, tenho tentado descobrir quais são os seus desejos, e, palavra de honra, como eu tenho fracassado. Suponho que queira se casar com Mr. Grey, mas eu, de modo algum, tenho certeza disso. Imagino que a última coisa que você deseje na vida é se casar com George.

— A última. Nisso você está completamente certa.



— Alice... Às vezes você me dá nos nervos, acredite. Você me faz ter dúvidas se a odeio mais do que amo. Como você está ciente de meus sentimentos por George, não posso compreender como tem coragem de falar comigo sobre ele com tanto menosprezo!

Kate Vavator, enquanto proferia tais palavras, saiu da sala em passos largos e apressou-se até os seus aposentos. Lá, Alice encontrou-a aos prantos, e sentiu-se forçada pela tristeza da prima a expressar um pedido de desculpas, embora ela soubesse que não lhe devia nada. Kate estava a par de todos os detalhes sobre o velho romance do irmão com Alice. Ela havia concordado com as atitudes de Alice, admitindo que o comportamento de George fazia qualquer compromisso entre eles ser impossível. A culpa, entretanto, fora de Kate por fazer qualquer referência ao casamento. Esta, também, não era a primeira vez que ela poderia ser considerada culpada disso. Até Alice se tornar noiva de Mr. Grey, ela se referia a George como irmão ou como primo de sua amiga, mas agora, Kate fazia constantes alusões a eventos passados que todos eles deveriam se esforçar para esquecer. Diante de tais circunstâncias, não estava lady Macleod correta ao afirmar que George Vavator não deveria ser levado como acompanhante na viagem à Suíça?

O pequeno banquete prosseguiu silenciosamente, e como mais nenhuma evidência do desprezo de Mr. Grey por Londres foi apresentada, concluiu-se que ele foi acusado injustamente. Os dois rapazes nunca haviam se encontrado, e George Vavator tinha ido à casa do tio não apenas preparado para desgostar de seu sucessor no amor de Alice, como também para desprezá-lo. Neste aspecto, entretanto, ele se sentiu ou decepcionado, ou satisfeito, dependendo

das circunstâncias.

— Ele tem muito a dizer sobre si mesmo.

— Oh, sim, ele é eloquente.

— E tampouco fala como um arrogante, como eu estava esperando. Ele é singularmente bonito.

— Achei que um homem nunca visse beleza no outro. Eu nunca vejo em homem algum.

— Eu vejo em todos os animais; homens, mulheres, cavalos, cães e até porcos. Gosto de olhar para coisas bonitas. Acho que pessoas feias sempre fazem isso.

— Então, você está se sentindo arrebatado por Mr. Grey.

— Não, não estou. Eu raramente me sinto arrebatado por qualquer coisa, mas ele fala de uma maneira que me agrada num homem. Gostei de como ele impressionou meu tio falando sobre aqueles atores. Se há alguma coisa que o meu tio sabe sobre qualquer coisa, são os palcos de vinte anos atrás.

Nada mais foi dito sobre John Grey, mas Kate conhecia o irmão suficientemente bem para entender que os elogios pouco significavam. George Vavasor às vezes falava com o coração, fazendo-o mais frequentemente com a irmã do que com qualquer outra pessoa, mas, no geral, suas palavras vinham de sua cabeça.

No dia seguinte ao pequeno banquete em Queen Anne Street, John Grey veio para se despedir de sua noiva prometida – pois prometida ela certamente era, a despeito dos pobres argumentos que tentara usar para se convencer de que ainda tinha a prerrogativa de reclamar a sua liberdade. Embora estivesse constantemente ao lado de Alice nos últimos três dias, até aquele momento ele não havia dito nada sobre o casamento. Por horas, ele estivera a sós com ela, ininterruptamente, sentado naquela feia sala de estar verde, mas nunca tocara no assunto. Ele falou muito sobre a Suíça, país que ela nunca havia visitado, mas que ele conhecia tão bem. Ele falou muito sobre seus jardins e sua casa, que ela certa vez havia explorado com o pai, enquanto cumprimentava os colegas em Cambridge, e falou de vários outros assuntos; assuntos que não impactavam imediatamente a vida deles, pois Mr. Grey era um homem que sabia bem como gerar conversas agradáveis. Até ali, ele nada dissera sobre o assunto pelo qual estivera tão interessado em discutir.

— Bom, Alice... — ele começou, quando a hora da verdade chegou. — E quanto à situação das questões caseiras?

— Vamos terminar as questões estrangeiras primeiro.

— Nós as terminamos, não terminamos?

— Se terminamos? Ora, nós nem começamos!

— Não, você não começou, mas nós conversamos a respeito. Há algum motivo pelo qual não queira resolver isso?

— Não, nenhum motivo especial.

— Então, por que não marcamos a data? Por acaso tem medo de me esposar?

— Não.

— Não posso crer que se arrependeu de sua bondade para comigo.

— Não, eu não me arrependi, e por que chama isso de bondade? Eu o amo por deixar que fale dessa forma.

— Querida! — ele passou o braço em volta da cintura dela enquanto se encaravam próximos à lareira apagada. — Se me ama, então...

— Eu o amo, sim.

— Então por que não deseja se juntar a mim?

— Eu desejo. Creio que desejo.

— Mas, Alice, você deveria ter tido toda a certeza quando aceitou se casar comigo.

— Uma pessoa pode desejar uma coisa com toda a certeza, mas, ainda assim, não fazer isso instantaneamente.

— Instantaneamente! Ora, vamos, eu não a pressionei. Ainda estamos em junho. O que me diz de setembro? Assim, teremos tempo de desfrutar de dias agradáveis e calorosos entre os lagos. Isso é pedir demais?

— Isso não é pedir por nada.

— Mas é, sim, meu amor. Aceite, e eu juro que você terá me dado o mundo.

Ela permaneceu em silêncio, apesar de ter coisas a dizer, mas sem saber como se expressar. Agora que John Grey estava ali, ela não conseguia dizer-lhe as coisas que havia decidido. Ela não seria capaz de insinuar que a visão do mundo dele era extremamente diferente da dela; que a felicidade entre eles era uma coisa impossível, a não ser que cada um se esforçasse para se interessar pelo outro. Nenhum homem poderia ser mais gracioso com as palavras e os modos do que John Grey; nenhum homem poderia ser mais cavalheiresco em seu comportamento perante uma dama; mas ele sempre falava e agia como se a sua visão do mundo fosse aquela que deveria ser adotada por sua esposa, sem uma palavra ou pensamento de dúvida. Quando duas pessoas se juntavam, por que ambas não deveriam ceder alguma coisa enquanto demandavam outra? Ela pretendia dizer isso a ele naquele dia, mas, agora que ele estava ali, ela não conseguia falar nada.

— John... — ela enfim quebrou o silêncio. — Não me pressione sobre isso até o meu retorno.

— Mas quando retornar, você dirá que não haverá tempo. Não haveria tempo.

— Eu não posso responder-lhe agora. De fato, não posso. Isto é, não posso dar uma resposta afirmativa. Este é um assunto muito solene.

— Algum dia ele será menos solene, minha querida?

— Nunca. Eu espero que nunca.

Ele não a pressionou mais. Em vez disso, beijou-a e despediu-se.

CAPÍTULO 4

GEORGE VAVASOR, O HOMEM SELVAGEM

É óbvio que George Vavasor não perambulava pelas matas nu em pelo, ou usando trapos de couro e sandálias, como Robinson Crusoe, em vez de casacos e calças. A sua selvageria era de outra estirpe. Na verdade, eu não tenho certeza se ele era realmente selvagem, embora lady Macleod assim o chamasse e Alice houvesse concordado com o uso da palavra.

George Vavasor morava em Londres desde os 20, e nestes momentos iniciais desta minha narrativa, já era uns 12 anos mais velho. Ele era e sempre fora o herdeiro do patrimônio de seu avô; mas aquele patrimônio era pequeno, e na época em que George chegou a Londres pela primeira vez, seu pai era um homem forte de 40 anos, com tanta promessa de vida quanto o filho. Ter uma profissão se mostrara, portanto, absolutamente necessário, e ele fora, a pedido de seu tio John, colocado em um escritório de um agente fundiário parlamentar. Com este agente fundiário parlamentar, ele havia chegado às vias de fato, mas não antes de se mostrar tão útil com seus talentos, que uma lucrativa parceria nos negócios veio a se tornar uma possibilidade. George Vavasor tinha muitos defeitos, mas ociosidade – absoluta ociosidade – não era um deles. Ocasionalmente, trocava seu dever por prazer. Ele seria visto em Newmarket, quando deveria estar em Whitehall, mas não era comum estar na cama quando deveria estar em sua mesa, e quando estava em sua mesa, ele não ficava talhando a sua régua, palitando os dentes ou cortando as unhas. No geral, os seus amigos ficaram satisfeitos com os cinco primeiros anos dele em Londres – apesar de ter se encontrado em dívidas mais de uma vez. Mas as dívidas haviam sido pagas e tudo ia bem até que ele nocauteou o agente parlamentar com um golpe entre os olhos, causando a sua demissão. Ele se habituou a dizer que sabia muito bem o que tinha feito; que fora seu dever nocautear o homem que estava prestes a se tornar seu sócio, e que de nada se arrependia. Seja como for, o feito foi visto com bons olhos por muitos homens renomados – ou, pelo menos, de renome suficiente para garantir outra posição a George. Então, cerca de seis semanas após deixar o escritório em Whitehall, ele se tornou sócio de uma consagrada firma de mercadores de vinho. Uma tia-avó acabara de deixar-lhe alguns milhares de libras, o que, sem dúvidas, o auxiliou em seus negócios com os comerciantes.

Neste emprego, permaneceu por mais um período de cinco anos e todos os seus amigos acreditavam que ele estava prosperando. De fato, ele não ia mal; só não lucrava bem o suficiente para se sentir satisfeito. Ele tinha a ambição de transformar a empresa na qual

trabalhava na referência número um de Londres, e assustou os seus sócios com sua ousadia e visão corajosa. Ele mesmo declarou que, se eles o tivessem ouvido, teriam se tornado príncipes do mercado vínico. Mas eram homens de cautela, ou de menos audácia que ele, que recusaram os seus conselhos. Ao final dos cinco anos, Vavasor deixou o negócio sem nocautear ninguém e levando consigo uma bela soma em dinheiro.

Os dois últimos anos destes cinco, foram, certamente, o melhor período de sua vida, pois ele havia trabalhado arduamente, como um homem, ignorando todos os prazeres que roubavam o seu tempo e desistindo da maioria dos prazeres que eram perigosos e arriscados. Ele não foi a corridas, não jogou sinuca e qualificou a Cremorne^[7] como uma coisa imatura, abandonando-a agora que não era mais um jovem. Foi durante esses dois anos que ele iniciou o romance com a prima; e deve-se presumir que ele, a certa altura, pretendeu sossegar e se tornar um homem respeitado com uma aliança no dedo. Ele havia, contudo, se comportado pessimamente com Alice, e o compromisso fora rompido.

Ele também havia, nos últimos dois anos, brigado com o avô por desejar angariar fundos com a hipoteca da propriedade dos Vavasors, o que, uma vez que se tratava de um patrimônio não vinculado, só poderia ser feito com a anuência de seu avô. O velho cavalheiro escutou a proposta sem nenhuma paciência e a refutou. Fora em vão a tentativa de fazer o lorde entender que o mercado vínico ia muito bem; que George não devia nada a ninguém e que tudo mais estava prosperando – mas que seu empreendimento poderia crescer indefinidamente se fosse contemplado com um investimento de alguns milhares de libras. O velho Mr. Vavasor ficou irado. Nenhum documento ou seguro seria capaz de fazê-lo desacreditar que os mercadores de vinho, o empreendimento e o seu neto estavam todos arruinados e que tudo arruinariam. Ninguém, exceto um homem arruinado tentaria hipotecar a propriedade da família para angariar fundos! Consequentemente, eles brigaram e nunca mais se falaram desde então.

— A propriedade será dele para usufruto — o lorde dissera ao filho John. — Não acho que tenho o direito de tirá-la dele. Os herdeiros sempre ficaram com ela, mas eu vou deixar tudo nos conformes para que ele não possa sequer cortar uma árvore dos terrenos.

John Vavasor talvez tenha achado que a velha regra da primogenitura poderia, sob tais circunstâncias, ser judiciosamente abandonada – neste caso, para a sua própria vantagem –, mas ele não falou nada, e tampouco teria falado se houvesse qualquer chance de obter êxito. Ele era um homem do qual não se poderia esperar feitos

muito nobres, mas também era um homem que jamais tomaria atitudes vis.

Depois disso, George Vavator se tornou um corretor da bolsa, e um corretor da bolsa agora ele era. Nos primeiros doze meses que sucederam o seu abandono ao mercado vínico – sendo, também, o primeiro ano que sucedeu o seu rompimento com Alice –, ele recuperou boa parte da estima de seus colegas. George vivera desafiando a decência, gastado muito dinheiro e, aparentemente, ganhado nenhum, e estivera, como todos os seus amigos declararam, a caminho da ruína. Tia Macleod baseara-se neste período da vida dele quando o qualificou como um homem que nunca fez nada. Ele, porém, se recuperou subitamente com trabalho árduo, e agora, aqueles que declaravam estar a par de sua vida, diziam que ele, de modo algum, estava pobre. Ele era visto na Cidade⁸ todos os dias, e nos últimos dois anos, conquistou a fama de um homem astuto que tinha as rédeas de seu destino; que talvez não tivesse tanta lábia nos negócios, mas que era justo e decentemente honrado em suas transações monetárias. De fato, ele saiu bem com a Bolsa.

Ao longo desses dois anos, ele havia concorrido a uma cadeira no Parlamento, tendo lutado para representar o bairro metropolitano de Chelsea sob a bandeira do Partido dos Radicais. É verdade que ele havia falhado e que havia gastado uma considerável soma de dinheiro em sua campanha. “Onde diabos o seu sobrinho consegue dinheiro?”, alguns homens haviam questionado John Vavator no clube.

— Quem dera eu soubesse — respondera Vavator. — Não por mim, e estou certo de que não por meu pai.

Mas George Vavator, embora houvesse falhado em Chelsea, não gastou todo o seu dinheiro em vão. Ele ganhou reputação pelo esforço e passaram a se referir a ele como um homem de ação. Ele era um corretor da bolsa, um radical absoluto e ainda era herdeiro de uma bela propriedade que havia sido passada de pai para filho por 400 anos! Havia algo de cativante sobre as suas histórias e aventuras, sobretudo porque na época das eleições, ele se tornou noivo de uma herdeira que morreu um mês antes de o casamento ser realizado. Ela morreu sem testamento, e todo o seu dinheiro foi repassado a alguns primos em terceiro grau.

George Vavator suportou esta última decepção como um homem, e foi nesta época que ele se reconciliou totalmente com a prima. Anteriormente, eles haviam se reunido, e Alice, instigada pela prima Kate, induzira o pai a se encontrar com ele. A princípio, não houvera uma restauração da amizade verdadeira. Alice havia dado seu cordial consentimento ao casamento do primo com a herdeira, Miss Grant, contando a Kate que tal compromisso seria ideal para colocá-lo nos eixos. Depois, ela ficou muito satisfeita com a empreitada dele nas

eleições de Chelsea.

— Foi grandioso da parte dele, não foi? — questionara Kate com os olhos cheios de lágrimas.

— Foi muito corajoso — respondera Alice.

— Se você conhecesse todos eles, teria certeza disso. Eles não conseguiram ninguém para representá-los, exceto Mr. Travers, que se recusou a ir adiante a não ser que garantissem que todas as suas despesas seriam custeadas.

— Espero que isso não tenha custado muito a George — ponderara Alice.

— Mas custou — quase tudo o que ele tinha. Mas o que importa? Para ele, dinheiro serve justamente para ser gasto. Estou fazendo meu pequeno pé-de-meia, e tudo será dele nas próximas eleições, mesmo que eu acabe tendo que trabalhar como criada no dia seguinte.

Tinha de haver alguma coisa grandiosa em George Vavasor, ou ele não seria tão idolatrado por uma moça da estirpe de sua irmã Kate.

No começo da presente primavera, antes de os preparativos para a jornada à Suíça serem concluídos, George Vavasor falou com Alice sobre o casamento pretendido que havia desmoronado com a morte da dama. Certa noite, ele sentou-se com a prima na sala de estar em Queen Anne Street, enquanto aguardava Kate, que deveria juntar-se a ele ali antes de partir para uma festa. Pergunto-me se Kate foi incentivada pelo irmão a se atrasar! Seja como for, os dois ficaram juntos por uma hora, e toda a conversa havia girado em torno dele mesmo. Ele a parabenizou pelo noivado com Mr. Grey, cuja existência só recentemente descobrira, e falou sobre o mais novo casamento planejado dela.

— Eu chorei por ela — ele contou. — Bastante.

— Sei que chorou, George.

— Sim, é verdade; por ela. É claro que o mundo também me creditou por lamentar pela perda da herança, mas a verdade, no tocante a ela e ao dinheiro, é que é muito melhor que nunca tenhamos pensado em casamento.

— Quer dizer, caso ela tivesse sobrevivido?

— Sim, mesmo se ela tivesse sobrevivido.

— Por quê? Se gostava dela, o dinheiro certamente não seria uma desvantagem.

— Não, não se eu gostasse dela.

— E não gostava?

— Não.

— Oh, George!

— Eu não a amava como um homem deveria amar a sua esposa, se é o que quer dizer. Quanto a gostar, eu realmente gostava dela. Eu gostava muito dela.

— Mas você a teria amado?

— Eu não sei. Eu não creio que a incumbência de amar é uma coisa fácil. Pode até ser que eu passasse a odiá-la.

— Se é assim, foi melhor para você dois que ela tenha partido.

— Sim, foi melhor. Tenho certeza disso. Ainda assim, lamento pela moça. Ao pensar nela, quase me sinto culpado por sua morte.

— Mas ela nunca suspeitou da ausência do seu amor?

— Oh, não! Mas ela não tinha o costume de pensar muito nestas coisas. Ela achava que tudo já estava garantido. Pobre moça! Ela está em paz agora e seu dinheiro foi repassado àqueles que tinham direito: seus próprios parentes.

— Sim. Levando-se em consideração o que você está sentindo por ela, o dinheiro lhe teria sido um fardo.

— Eu não teria aceitado – ou, pelo menos, assim espero. Dinheiro é uma tentação dolorosa, sobretudo para um homem pobre como eu. Serve-me bem que tal provação não tenha cruzado o meu caminho.

— Mas você não está tão pobre agora, está, George? Achei que os seus negócios iam bem.

— E vão, e eu não tenho direito de ser um homem pobre; mas um homem que faz loucuras, como eu, acaba empobrecendo. Eu tinha três ou quatro mil libras intocadas, e gastei cada xelim nas eleições de Chelsea. Só Deus sabe se terei outro xelim quando uma nova oportunidade surgir; mas se tiver, certamente deverei gastá-lo, e se não tiver, ficarei em dívida com quem quer que me arranje algumas centenas de libras.

— Eu torço para que finalmente tenha êxito.

— Sinto-me seguro de que terei. Mas, enquanto isso, só me resta admitir que minha carreira é perfeitamente imprudente. Você sabe o que os homens fazem quando apostam por xelins?

— Sim, suponho que eu saiba.

— Eu aposto todos os dias por cada xelim que ganho.

— Quer dizer que você tem... jogado?

— Não, eu desisti completamente disso. Eu costumava jogar, mas parei com isso, e jamais voltarei a fazê-lo. O que quero dizer é isto: eu estou de prontidão para arriscar tudo, a qualquer momento, para conquistar qualquer coisa que me seja útil. Eu estou sempre pronto para tomar a vanguarda de uma empreitada cuja esperança é inexistente. É isso o que eu quero dizer com apostar todos os dias por cada xelim que ganho.

Alice não o entendeu muito bem, e talvez ele não pretendesse que ela o fizesse. Talvez a sua intenção fosse mistificar a imaginação dela. Ela não o entendeu, mas receio que tenha admirado a coragem que ele expressava. Só que ele não a tinha apenas expressado; nas últimas eleições, ele certamente a havia posto em prática.

Ao conversar com a irmã sobre beleza, ele admitiu ser feio. George Vavasor não seria, normalmente, considerado feio pelas mulheres se não fosse por uma horrível cicatriz que castigava a lateral do seu rosto. Enquanto a ferida cicatrizava, uma linha escura e profunda, que descia do seu olho esquerdo até a parte inferior da mandíbula, formou-se em sua face. Aquela ravina negra que percorria a sua bochecha era, certamente, feia. Em algumas ocasiões, quando ele se sentia irado ou decepcionado, ela ficava medonha, pois ele contorcia o rosto de modo que a cicatriz se esticava, revelando todos os seus horrores e arruinando o seu semblante.

— Ele olhou para mim como se fosse o diabo; foi como se o buraco no rosto dele se escancara-se diante de mim — o velho lorde dissera a John Vavasor enquanto descrevia a entrevista na qual o seu neto tentara pressioná-lo a concordar com suas próprias opiniões acerca da hipoteca da propriedade.

Fora isso, o rosto de George não era feio e poderia ser considerado belo por muitas mulheres. O cabelo dele era preto e partido na frente. A testa era baixa, mas larga. Os olhos eram escuros e brilhantes, e as sobrancelhas cheias e perfeitamente negras. Nestas ocasiões de raiva, a parte do rosto que era livre da cicatriz expressava-se pelo olho e pela sobrancelha. Ele ostentava um grande bigode preto que cobria a sua boca, mas nenhuma costeleta. As pessoas diziam que ele tinha tanto orgulho de sua ferida, que se recusava a deixar os fios a cobrirem. A realidade, porém, era que não havia costeletas que pudessem crescer suficientemente para cumprir a tarefa. Desta forma, ele decidiu não as usar.

A história da ferida deve ser contada. Antes de chegar a Londres, pouco antes de se tornar um rapaz, ele morou em uma casa no campo ocupada por seu pai. Na época, o pai dele era uma figura ausente, e ele e a irmã ficavam sozinhos na casa com as criadas. A irmã dele tinha algumas joias em seu quarto, e quando uma história exagerada sobre elas chegou aos ouvidos de alguns ladrões, um pequeno plano foi posto em prática para obtê-las. Um menino foi escondido à casa, uma janela foi aberta e na hora tétrica da noite^[9], um sujeito robusto galgou de meias os degraus da escada. Ele já estava à porta do quarto de Kate Vavasor quando, na escuridão, George Vavasor, vestido apenas com sua camisola e completamente desarmado, voou contra a garganta do homem. Duas horas se passaram até que as horrorizadas mulheres da casa conseguissem trazer homens ao local. O rosto de George havia sido aberto do olho para baixo com um cinzel, ou com algum instrumento de arrombamento. O homem, porém, estava morto. George havia-lhe tomado a ferramenta e, após tê-lo perfurado o corpo todo com golpes leves, ele finalmente atravessou a traqueia do homem com o aço. O menino infiltrado escapou carregando consigo

dois xelins e três pence que Kate havia deixado sobre a lareira da sala de estar.

George Vavasor tinha uma baixa estatura, mas era parrudo. Ele possuía mãos e pés pequenos, mas seu peito era largo e seus quadris eram fortes. Ele era um ótimo cavaleiro e cavalgava como ninguém. Os homens que o conheciam bem diziam que ele sabia se defender e atirar com o revólver como poucos se importavam em fazer nestes dias de paz. Tempos depois de se alistar por conta própria, ele tornara-se capitão dos Voluntários^[10] e ganhara prêmios com seu rifle em Wimbledon.

Tal fora a vida de George Vavasor e tais eram o seu caráter e a sua aparência. Ele sempre morara sozinho em Londres, e assim também era no presente; mas naqueles dias, a irmã dele muito fazia-lhe companhia na cidade, uma vez que estava hospedada na casa de uma tia, outra Vavasor de nascença, que os leitores irão, se perseverarem, conhecer no decurso do tempo. Eu espero que perseverem, porque de todos os Vavasors, Mrs. Greenow era, talvez, a que mais valia a pena conhecer. A casa do seu avô em Westmoreland, porém, era considerada o real lar de Kate Vavasor.

Na noite anterior à partida para a Suíça, George e Kate deixaram Queen Anne Street, onde haviam jantado com Alice, em direção à casa de Mrs. Greenow. No tocante às bagagens, ao horário de partida e as rotas que tomariam nos primeiros dias, tudo já havia sido arranjado. Os fundos da viagem haviam sido delegados a George. Alice lera para ele a parte da carta de Mr. Grey que mencionava os pagãos e os copos de água, mas tudo fora recebido por George com muito bom humor.

— Cuidarei dos copos de água para você — ele dissera. — Quanto aos cafés da manhã, contudo, eu só peço que não me ponha a provações severas muito cedo. Quando as pessoas viajam por prazer, o foco deve ser o prazer.

O irmão e a irmã caminharam por duas ou três ruas em silêncio. Então, Kate fez uma pergunta.

— George, o que você realmente deseja de Alice?

— Que ela não deseje tomar café da manhã muito cedo durante a viagem.

— Isso significa que eu devo calar a boca, é claro.

— Não, não significa.

— Então significa que você pretende calar a sua.

— Não, isso tampouco.

— Então, o que significa?

— Que não tenho desejo algum. É claro que ela vai se casar com aquele cavalheiro, John Grey, e então, ninguém nunca mais ouvirá falar dela.

— Ela se casará, sem dúvidas, se você não interferir.

Provavelmente irá, mesmo que você interfira. Mas se deseja interferir...

— Ela ganha 400 por ano, e já não é tão bonita quanto foi.

— Sim, ela ganha 400 por ano, e está mais linda do que jamais foi. Eu sei que concorda comigo, e que você ama só a ela e a mais ninguém, contanto que eu não seja incluída.

— Deixarei que julgue essa afirmação.

— Quanto a mim, eu só amo duas pessoas no mundo: ela e você. Se você planeja tentar, deve tentar agora.

CAPÍTULO 5

A VARANDA EM BASLE

Eu não vou descrever a viagem dos Vavasors à Suíça. Não seria justo com os meus leitores. “Seis semanas em trio em Oberland Bernês” teria poucas chances de sucesso no mundo literário atual, e eu me consideraria desonesto se tentasse empurrar para o público um tema desses nas páginas de um romance. É verdade que acabei de retornar da Suíça, e que tal linha de escrita me seria bastante conveniente, mas dispenso a tentação, por mais forte que seja. Vá de retro, Satanás. Nenhum homem ou mulher vivo ou viva deve querer ouvir o que for sobre os Passos de Grimsel e de Gemmi. Ludgate Hill é um local atualmente mais interessante do que Jungfrau^[11].

Os Vavasors não se mostraram muito enérgicos durante a viagem. Como George dissera, eles haviam ido por prazer e não para trabalhar. Os três foram direto para Interlaken, e transitaram entre aquela cidade e as comunas de Grindewald e Lauterbrunnen. George sentiu prazer em sentar-se em um banco a céu aberto, observando as montanhas com um cigarro na boca. Já, Alice e Kate pareciam sentir prazer por terem-no como companhia. Muito do que Mr. Grey profetizara tornou-se realidade. As duas moças acabaram alimentando os caprichos de George, em vez de torná-lo escravo delas.

— Aqueles rapazes do clube alpino se acham ótimos — ele dissera em uma destas ocasiões. — E desprezam completamente o deleite que as montanhas me proporcionam, mas eles estão errados.

— Eu não acho que eles ou você precisam estar errados — argumentou Alice.

— Mas eles estão errados — ele insistiu. — Eles roubam a poesia das montanhas, que é – ou deveria ser – o maior charme delas. O Mont Blanc^[12] não é capaz de oferecer mistérios ao homem que já o escalou meia dúzia de vezes. É como ver um balé dos bastidores ou pedir a um mágico que explique o seu truque.

— Mas de nada vale o exercício? — Kate perguntou.

— Sim, o exercício é útil, mas isso não é relevante.

— Eles também exploram as montanhas para fins botânicos.

— Eu não acredito nisso. Acredito que a maioria deles simplesmente sobe e desce a montanha de novo. Mas se eles a explorarem para tal fim, também não seria relevante. A poesia e o mistério das montanhas se perdem daqueles que se familiarizam com os seus detalhes, não importa se tal familiaridade trouxer resultados úteis. Neste mundo, as coisas são belas apenas porque não foram totalmente desvendadas, ou perfeitamente entendidas. A poesia é preciosa principalmente porque sugere mais do que declara. Vejam ali, através daquele vale, onde se vê apenas um pequeno pico distante no horizonte. Acaso não sonham com o lindo e desconhecido mundo que

lá existe? É lindo, assim como o Paraíso, porque você nada sabe sobre a sua realidade. Se vocês subirem lá amanhã e descerem, e descobrirem tudo sobre o pico, poderão dizer ao retornarem que ele continua tão lindo?

— Sim, eu acho que poderia — respondeu Alice.

— Então não há nenhuma poesia em seu cerne. Eu, entretanto, sou feito de poesia.

Após a afirmativa, elas começaram a rir dele, e todos se sentiram muito felizes.

Eu creio que Mr. Grey estava certo em responder a carta de Alice da forma como fez; mas também acho que lady Macleod tinha razão quando disse que Alice não deveria ir à Suíça na companhia de George Vavasor. Uma afinidade peculiar floresceu entre os dois, e se Mr. Grey estivesse ciente de sua dimensão, não teria ficado inteiramente satisfeito, mesmo que nenhuma palavra que pudesse desagradá-lo houvesse sido dita. Logo mais, quando a hora do retorno dos Vavasors chegou; quando a felicidade deles se aproximou do fim, e quando aquele sentimento de melancolia, que sempre permeia os últimos momentos de qualquer período agradável, os abateu, as palavras tornaram-se mais doces do que haviam sido inicialmente, e referências foram feitas aos velhos tempos – alusões, estas, que não deveriam ser permitidas entre eles.

Alice estava se sentindo muito feliz – talvez mais feliz incentivando com Kate as fantasias tolas do primo George, do que estaria se o houvesse forçado a agir como seu escravo. Elas haviam concordado tacitamente em mimá-lo com regalias; e moças sempre se sentem mais felizes mimando homens do que sendo mimadas por eles. George, por sua vez, havia aceitado isso de bom grado, exercendo o seu despotismo com prazer; exigindo muito, mas nada que ultrapassasse os limites. Além disso, ele fora divertido durante toda a viagem, como Alice concluiu sem nenhuma dúvida. Se o objeto estiver perto do coração, o esforço será agradável àquele que o fizer, e se ele for bem-feito, ficará bem escondido; mas, independentemente disso, lá ele estará. George Vavasor, no presente momento, havia feito de tudo para agradar a prima.

Certa noite, sentaram-se na varanda de um grande hotel em Basle com vista para o rio Reno. A varanda acompanhava o comprimento do prédio, e era aberta a todos os hóspedes. Ela era espaçosa e pequenos grupos poderiam se formar ali com perfeita privacidade. O ligeiro e extenso Reno corria abaixo deles cruzando a ponte que atravessava o rio; de tempos e tempos, nas noites de verão, gritos altos poderiam ser ouvidos de nadadores fortes que se aventuravam nas rápidas águas da correnteza. O trio estava sentado ali, sozinho, na extremidade da varanda. Café jazia diante deles em uma pequena mesa, e o cigarro de

George, como de costume, repousava em sua boca.

— Está quase no fim — ele disse, após alguns minutos de silêncio entre eles.

— E eu acredito que foi uma viagem bem-sucedida — opinou Kate. — Excluindo a parte monetária. Estou arruinada para todo sempre.

— Eu vou ajudá-la a recuperar o seu dinheiro — prometeu George.

— Você não fará nada disso — duvidou Kate. — Estou arruinada, mas você está mais ainda. Mas quem se importa? É tão maravilhoso ter seis semanas de felicidade, que a ruína é, na realidade, um bom investimento. O que me diz, Alice? Não vai votar conosco se fizemos bem?

— Acho que fizemos muito bem. Eu me diverti muito.

“E agora você precisa voltar para casa; para John Grey e Cambridgeshire! Não me admira que esteja melancólica.” Este foi o pensamento que circulou a mente de Kate, mas ela não o manifestou na ocasião.

— Que bom para você, Alice — falou Kate. — Não é, George? Eu gosto de pessoas que fazem elogios cordiais de aprovação. Nós estamos preparados para admitir que devemos quase tudo a você, não estamos, George?

— Eu não, de maneira alguma — respondeu George.

— Bom, eu estou, e espero que me diga algo gracioso em retorno. Eu fui irritante em algum momento, Alice?

— Não, eu não creio que tenha sido. Você nunca é irritante, embora se sinta frequentemente irritada.

— Mas eu não fiquei irritada nem uma vez; e nem o George.

— Ele teria sido o homem mais ingrato do mundo se tivesse ficado — disse Alice. — Desde que a viagem começou, tudo o que fizemos foi tratá-lo como aquele cavalheiro na gravura da *Punch*^[13], que tinha uma dúzia de damas à sua espera em Jeddo.

— E agora ele precisa retornar para casa e voltar a depender de si mesmo. Coitadinho! Como sinto pena de você, George.

— Não, não sente, e nem Alice. Eu creio que moças pensam que um solteirão em Londres tem a mais feliz das vidas. Por acharem isso, elas geralmente desejam pôr um fim à situação do homem.

— É a inveja que nos faz querer casar, não o amor — explicou Kate.

— Mais frequentemente que o contrário, o casamento é algo diabólico — ele disse. — Para o homem, tal união sempre parece se mostrar um malefício instantâneo.

— Nem sempre — contestou Alice.

— Quase sempre. Mas ele se casa e aguenta firme, porque algo

pior vai acontecer se não o fizer. Um homem nunca gosta de ter o seu dente arrancado, mas todos os homens têm seus dentes arrancados, e aquele que isso evitar por muito tempo, sofrerá o mesmo prejuízo.

— Eu gosto da filosofia de George — disse Kate, levantando-se da cadeira enquanto falava. — É afiadíssima e tem um sabor tão agradavelmente ácido, mas, no fim, sabemos que não significa nada. Alice, eu vou subir e terminar de fazer as malas.

— Eu vou com você, querida.

— Não, não venha. Para falar a verdade, a única razão de eu entrar no quarto desse homem é a ineficiência dele em arrumar qualquer coisa decentemente. Faremos as nossas malas, é claro, quando formos nos deitar. Tenha juízo esta noite, mestre George. Você precisa estar bem amanhã de manhã, pois juro que não vou entrar no seu quarto às cinco da manhã.

— Como eu detesto acordar cedo — reclamou George.

— Eu voltarei a descer logo — comunicou Kate. — Então, passearemos mais uma vez pela ponte e depois iremos dormir.

Alice e George foram deixados sozinhos na varanda. Eles haviam ficado a sós várias vezes desde que a viagem tinha começado, mas os dois agora sentiam algo diferente em comparação a qualquer outro período da jornada. Havia alguma coisa entre eles que, para os dois, era doce, indefinida e perigosa. Alice sabia que era melhor ter subido com a prima, mas Kate a colocara numa saia-justa. Se ela a houvesse seguido, ficaria óbvio que havia um motivo especial para sua saída. Por que ela deveria demonstrar tal necessidade? Ou por que, de fato, deveria considerá-la?

Alice estava sentada bem na extremidade da galeria, e a cadeira de Kate jazia aos seus pés, no canto. Quando Alice e Kate sentaram-se, o garçom trouxera uma pequena mesa para as xícaras de café, e George plantou a sua cadeira no lado oposto. Assim, Alice tornou-se, por assim dizer, uma prisioneira. Ela não tinha como sair de fininho sem preparativos especiais, e ao sair, Kate posicionara a sua cadeira de tal modo que Alice teria de pedir a George para movê-la antes de escapar. Mas por que ela deveria desejar escapar? Nada poderia ser mais agradável e atraente do que a cena que jazia diante dela. A noite havia chegado com rápida, mas silenciosa abordagem, como era costumeiro naquelas regiões, pois ali o crepúsculo não era tão duradouro quanto é para nós, povo do Norte. A noite havia chegado, mas havia uma lua crescente que brilhava apenas o suficiente para cintilar as águas abaixo dela. O ar estava deliciosamente suave; era uma suavidade que não produzia nenhuma sensação de calor ou frio, mas que parecia tocar a pele com uma afetuosa ternura, como se os espíritos invisíveis do ar beijassem a sua testa enquanto passavam com suas asas. O Reno corria abaixo tão perto, que no leve brilho da noite,

parecia que ela poderia pisar em suas ondulações. O Reno avançava com o gostoso ruído natural de águas velozes e com o refrescante gorgolejo do rio, sempre tão delicioso aos ouvidos. Se você falasse, o som embrulharia as suas palavras, mantendo a conversa privada. Não seria difícil para ele falar, e tampouco para ela escutar. Se fosse dormir, ele serviria como a mais doce das canções de ninar. Se você estivesse sozinho, meditando, ele ajudaria os seus pensamentos. Se a sua solidão fosse infeliz, e você não quisesse pensar – porque pensar doeria demais –, ele espantaria a sua tristeza e daria o conforto que apenas a música é capaz de providenciar. Alice sentiu o ar beijá-la. O rio cantou para ela a sua mais doce canção e a lua brilhou para ela com a sua luz mais suave – a luz cedia uma poesia de beleza incompleta a tudo que tocava. Por que ela deveria sair dali?

Nada foi dito nos primeiros minutos que sucederam a saída de Kate, e Alice começava a espantar aquela sensação de perigo que a acometera. Vavador recostava-se em sua cadeira contra a parede e descansava os pés sobre um banquinho; os braços dele jaziam cruzados sobre o peito, e ele parecia ter se dividido entre as suas reflexões e o seu cigarro. Alice se concentrou no rio, e os pensamentos dela alcançaram a sua futura casa, situada entre os canteiros de flores e arbustos de John Grey; mas o rio, embora cantasse para ela agradavelmente, parecia entoar uma música sobre outras coisas que não incluíam tal casa. Era uma canção cheia de mistérios, assim como são todas as canções que os rios cantam quando alguém tenta entender a sua letra.

— Quando você vai se casar, Alice? — perguntou George, finalmente.

— Oh, George! — ela assustou-se. — Você me pergunta como se estivesse pressionando um revólver contra o meu ouvido.

— Sinto muito se a pergunta foi tão incômoda.

— Eu não disse que foi incômoda; mas você a fez tão subitamente! A verdade é que eu não estava esperando que você comesse a falar. Acho que eu estava absorta em pensamentos.

— Mas se não é incômodo perguntar, quando você vai se casar?

— Eu não sei. Não foi marcado.

— Mas e quanto à época? Será neste verão?

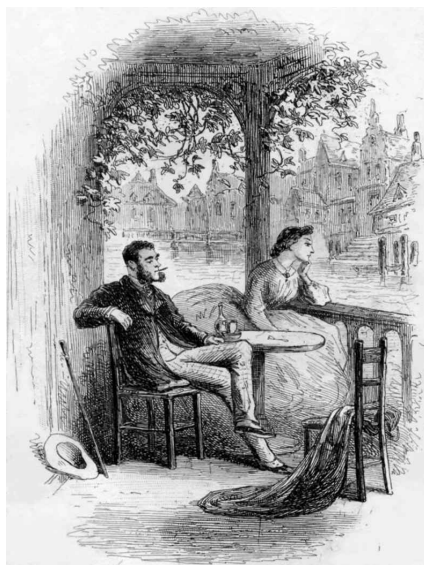
— Certamente não será neste verão, pois o verão já terá terminado quando chegarmos em casa.

— Neste inverno? Na próxima primavera? No próximo ano? Ou daqui a dez anos?

— Antes que esses dez anos terminem, imagino. Uma data mais certa do que essa eu não posso dizer.

— Imagino que lhe satisfaça — ele disse.

— O quê? Ser casada? Eu ainda nem experimentei.



— A ideia da coisa; a antecipação. Você olha para o futuro e para a vida que terá em Nethercoats com satisfação? Não ache que me manifestarei contra essa ideia, pois não tenho noção do tipo de lugar que Nethercoats é. No geral, eu não sei se há qualquer tipo de vida que seja melhor do que a de um cavalheiro inglês do campo, dono de seu próprio lar. Isto é, contanto que ele mantenha sua fortuna, e não viva como o meu velho avô vive; em um estado de pobreza crônica.

— A posição de Mr. Grey não lhe concede o direito de ser chamado de cavalheiro do campo.

— Mas você gosta da ideia?

— Oh, George, como você adora pressionar! É claro que gosto, ou não teria aceitado.

— Isso não faz sentido, mas sei que não tenho direito de pressioná-la. Se alguma vez tive tal direito em virtude de nosso parentesco, já o perdi em virtude da... Enfim, isso não a incomoda, não é, Alice? — a isto ela não deu resposta a princípio, mas ele insistiu na questão. — Não é, Alice?

— O quê?

— Relembrar os velhos tempos.

— Por que deveríamos lembrá-los? Eles já passaram, e uma vez que novamente somos amigos e primos queridos, a dor deles se foi.

— Ah, sim! A dor deles se foi. É por essa razão, exatamente por ela, que deveremos finalmente lembrá-los sem qualquer perigo. Se não nos arrependemos de nada – se nenhum de nós tem qualquer coisa para se arrepender –, então por que não podemos lembrá-los e falar sobre eles livremente?

— Não, George. Não seria uma boa ideia.

— Pelos céus, não seria! Eu ficaria enlouquecido, e se a conheço bem, você dificilmente sairia daqui tão calma quanto está neste momento.

— E calma eu desejo permanecer...

— É mesmo? Então suponho que seja melhor eu calar a boca. Mas, Alice, pode ser que eu nunca mais tenha a chance de falar com você como estou falando agora. Desde que iniciamos a viagem, tratamo-nos como bons amigos, não é mesmo?

— E por acaso não vamos ser sempre bons amigos?

— Não, certamente não seremos. Como seria possível? Pense. Como eu poderia ser realmente seu amigo após você se tornar a senhora da casa daquele homem em Cambridgeshire?

— George!

— Eu não quis ser desrespeitoso. Realmente peço perdão se assim pareceu. Deixe-me corrigir para “a casa daquele cavalheiro”, pois ele é um cavalheiro.

— Isso certamente ele é.

— Você não o teria aceitado se ele não fosse, mas como posso ser seu amigo se você se tornar esposa dele? Eu vou continuar chamando-a de “prima Alice”; farei carinho na cabeça de seus filhos, se os vir; e pararei na rua para apertar a mão dele, caso o encontre – isto é, se o meu fatídico destino não o induzir a me ignorar –, mas quanto à amizade, isso estará acabado quando você e eu nos separarmos na noite da próxima quinta-feira na Ponte de Londres.

— Oh, George, não diga isso!

— Mas eu digo.

— E por que na quinta-feira? Você não pretende mais visitar-me em Queen Anne Street?

— Não, não pretendo mais visitá-la. Esta nossa viagem foi muito bem-sucedida, Kate diz, mas talvez Kate não saiba de nada.

— Tem sido muito prazerosa... Ou pelo menos para mim.

— E o prazer não gerou inconvenientes?

— Nenhum para mim.

— Ela também foi muito prazerosa para mim, mas o prazer se dissipou. Alice, eu não vou lhe pedir nada. Nada.

— Qualquer coisa que pedir-me, eu faria por você.

— Eu não tenho nada para pedir. Nada. Mas há algo que quero dizer.

— George, não diga. Deixe-me subir. Deixe-me ir até Kate.

— Certamente. Se deseja ir, vá em frente — ele continuou mantendo o pé contra a cadeira que barrava a passagem dela, e não fez qualquer menção de se levantar para que ela pudesse sair. — Certamente você pode ir até Kate se recusar a me escutar, mas depois

de tudo que se passou entre nós, após estas seis semanas de íntimo companheirismo, eu acho que deveria me ouvir. Eu disse que não tenho nada para pedir, então não vou me declarar para você.

Alice havia começado a se levantar, mas então voltou a se sentar. Quando ele pausou brevemente, ela não fez mais nenhuma tentativa que pudesse denotar vontade de fugir, e tampouco disse qualquer coisa para impedi-lo de continuar falando.

— Eu não vou declarar o meu amor por você — ele repetiu. — Pois o amor que existia entre mim e você, como dizem, já não deve existir mais. O amor brotou, estragou-se e não pode mais ser recuperado. Talvez ele exista, ou talvez tenha sido extirpado, mas ele jamais poderá renascer.

— Este não é um assunto que deveríamos discutir.

— Assim, sem dúvidas, diria um adulto a uma criancinha; mas entre mim e você não pode haver necessidade de falsidade. Nós ultrapassamos a idade das guloseimas, e agora somos homens e mulheres. Eu entendo perfeitamente o seu afastamento. Eu entendi e, a despeito de minha tristeza, sabia que você estava certa. Eu não vou me acusar ou me defender, mas eu sabia que você estava certa.

— Então vamos encerrar esse assunto.

— Não, devemos continuá-lo. Eu não a entendi quando aceitou o pedido de Mr. Grey. Contra ele, não tenho nenhuma reclamação. Até onde sei, ele é perfeito, mas, por conhecê-la como conheci, não pude entender como você poderia amar um homem como ele. Foi como se uma pessoa que passara a vida bebendo conhaque, subitamente se obrigasse a mudar para o leite e a desfrutar da mudança! Uma dieta láctea sem dúvidas é mais saudável, mas homens que viveram de conhaque não podem mudar tão subitamente. Eles pereceriam na tentativa.

— Nem sempre, George.

— Tudo pode acabar em meses de agonia; agonia, esta, que nunca lhe foi familiar.

— Quem poderia dizer?

— Mas você dirá que uma cura foi criada. Assim eu pensei e, portanto, achei que a encontraria mudada. Achei que você, que a vida inteira fora como um incêndio, havia se apagado numa leve mistura de leite e mel, adequando-se à vida que a aguardava. Com tal mulher, eu teria viajado de Moscou à Malta sem temer. A mulher apta a se tonar a esposa de John Grey certamente não me causaria mal — não seria capaz de tocar na minha felicidade. Eu posso tê-la amado no passado, e talvez ainda ame a memória do que ela foi; mas esta mulher que surgiu em nova forma e que renasceu... Esta mulher, Alice, nada significaria para mim. Não me entenda mal. Eu tenho sabedoria suficiente para saber o quão melhor e mais feliz ela deve ser

como mulher. Não é que eu tenha pensado que você diminuiu em grandeza, mas dei-lhe crédito por virtudes que você não havia adquirido. Alice, essa dieta saudável que mencionei não foi feita para você. Você ficaria faminta se a aceitasse e pereceria.

Ele falava com muita energia, embora mantivesse a voz baixa, e agora estava empertigado com os dois braços sobre a mesa. O rosto dele se estendia na direção dela. Ela o encarava com total atenção. Como dito a cicatriz, os olhos escuros e as grossas sobrancelhas pareciam tomar conta da face dele, mas ela nunca achou a cicatriz feia. Ela conhecia a sua origem, e quando o namorou, sentira orgulho da marca causada pela ferida. Ela olhou para ele, mas embora George houvesse parado de falar, ela se manteve em silêncio. A música do rio ainda ecoava em seus ouvidos, mas ela sentiu dificuldades para entender o sentido da canção. Estariam as águas alertando sobre o erro que ela havia cometido ao aceitar Mr. Grey como marido? Por acaso as palavras proferidas por seu primo não eram uma repetição daquilo que dissera a si mesma centenas de vezes nos últimos dois meses? Por acaso não admitia todos os dias – a toda hora e sempre – quando meditava, que, ao aceitar o pedido de Mr. Grey, ela havia se apropriado de virtudes que não possuía? Por acaso não tinha realmente se esbaldado no conhaque até que a inocência do leite se tornou imprópria para ela? Este homem havia surgido para rudemente lhe dizer tudo isso – mas ele não havia falado a verdade? Ela permaneceu sentada, em silêncio e sentindo-se condenada, observando o rosto de George após o fim de seu discurso.

— Eu percebi isto desde que nos reunimos novamente, Alice. Ao descobrir que era você; não o anjo que imaginei que encontraria, mas a mulher que amei, a segurança que eu havia antecipado escapou de minhas mãos. Isso é tudo. Ali vem Kate, e agora é a hora do nosso passeio.

CAPÍTULO 6

A PONTE SOBRE O RENO

— George — Kate chamou, começando a falar antes de realmente alcançá-los. — Por acaso você estava se preparando para expor as suas coisas em um leilão? — então, ela olhou rapidamente para a prima, e ao perceber que havia acontecido alguma coisa que impedira Alice de apoiar a sua reclamação, sagazmente prosseguiu o discurso na intenção de disfarçar a confusão dela e dar-lhe tempo de recuperar a compostura antes que todos eles fossem passear. — Dá para acreditar? Havia três lâminas espalhadas na mesa dele...

— Um homem precisa se barbear mesmo em Basle.

— Não com três lâminas de uma vez; sem contar as três escovas de cabelo; a meia dúzia de escovas de dente, a pequena coleção de pentes, e quatro ou cinco frascinhos de vidro que pareciam conter veneno – todos com tampas prateadas. Eu só posso supor que você queria assustar a mente frágil da camareira. Eu guardei tudo, mas lembre-se disto: se os expuser novamente, a responsabilidade será sua. E eu não vou guardar as suas botas, George. O que você poderia querer com três pares de botas em Basle?

— Quando você tiver terminado de listar os itens do meu guarda-roupas, prosseguiremos até a ponte. Isto é, se Alice gostar da ideia.

— Oh, sim, eu vou gostar.

— Então, vamos — disse Kate, e eles seguiram.

Na ponte, Alice permaneceu ao lado da prima, enquanto George caminhava atrás delas – perto, mas sem tomar parte na conversa das damas –, como se houvesse se juntado ao passeio para meramente servir de escolta. Kate parecia perfeitamente satisfeita com a ideia, tagarelando com Alice para mostrar que nenhuma delas tinha qualquer coisa séria em mente. Desnecessário dizer que Alice não fez a mínima menção de convidar George para se juntar a elas. Ele seguia os calcanhares das moças com a mão atrás das costas, enquanto encarava o pavimento; simplesmente aguardando enquanto elas se divertiam.

— Sabe... — Kate começou. — Sinto uma grande vontade de fugir.

— Para onde você fugiria?

— Bom... Isso não importa muito. Talvez eu fugisse para uma pequena estalagem em Handeck.^[14] É um lugar solitário, onde ninguém ouviria falar de mim – e ainda há uma cachoeira para aproveitar. Mas receio que os donos iriam querer que eu pagasse a minha estada. Essa seria a pior parte.

— Mas por que fugir logo agora?

— Não vou fugir. Você não iria gostar de voltar para casa sozinha com George – e suponho que ele seria obrigado a me procurar e a

cuidar de mim, como está fazendo agora. Pergunto-me o que ele está achando de escoltar um par de moças por essa ponte. Creio que estaria bebendo cerveja naquele lugar lá embaixo se não estivesse aqui.

— Se ele quisesse ir embora, ousou dizer que o faria, a despeito de nossa presença.

— Quanta ingratidão. Estou certa de que ele jamais nos abandonaria quando precisássemos. Mas como eu ia dizendo, a ideia de voltar para casa realmente me irrita. Você voltará para John Grey — o que está muito bem —, mas eu voltarei... para tia Greenow.

— Foi a sua escolha.

— Não, não foi. Eu não tive qualquer escolha sobre isso. É claro que eu poderia me recusar a falar com tia Greenow, e ninguém poderia me obrigar, mas basicamente não tenho escolha. Suponho que você adoraria passar um mês em Yarmouth sem nenhuma outra companhia, exceto a daquela mulher.

— Eu não me importaria. Tia Greenow sempre me pareceu ser uma mulher muito boa.

— Pode ser, mas eu diria que ela é do pior tipo de mulher boa. Você nunca a ouviu falar sobre o marido?

— Não, nunca. Acho que ela chorou um pouco quando foi a Queen Anne Street pela primeira vez, mas não achei estranho.

— Ele era 30 anos mais velho do que ela.

— Ainda assim, ele era o marido dela, e mesmo que as lágrimas dela fossem de crocodilo, o que importa? O que uma mulher poderia fazer? É claro que ela errou em se casar com ele. Ela tinha 35 anos e nada possuía, enquanto ele tinha 65 e era muito rico. Todos disseram que tia Greenow foi uma esposa muito boa, e agora que ela herdou toda a fortuna, você acha que ela sairia por aí rindo com apenas três meses da morte do marido?

— Não, não acho que ela sairia rindo, mas tampouco achava que ela sairia chorando. Ela está certa em se manter de luto, mas não precisava ser tão exagerada na bainha do vestido, ou tão caprichosa no véu. Os olhos dela vão cair de tanto trabalhar. Eles estão sempre vermelhos por causa do choro, mas, ainda assim, ela está sempre preparada para lançar uma bateria de ofensas contra qualquer homem que passar.

— Então, por que aceitou ir a Yarmouth com ela?

— Apenas porque ela tem 40 mil libras. Se Mr. Greenow houvesse deixado apenas o suficiente para ela sobreviver, não creio que eu teria estendido a mão a ela.

— Então você é tão má quanto ela.

— Exatamente, e é isso o que me faz querer fugir. Contudo, a culpa não é exclusivamente minha; é do mundo, no geral. É normal se abandonar um parente rico? Quando ela me propôs a viagem a

Yarmouth, não foi natural lorde Vavasor me pedir para acompanhá-la? Quando contei a George, não foi natural ele dizer: “Oh, você deve ir, ela tem 40 mil libras”? Ninguém pode fingir ser mais sábio ou melhor do que seus parentes. Além disso, o que eu posso esperar do dinheiro dela?

— Nada, eu deveria dizer.

— Nem metade de uma libra. Eu tenho quase 30 anos e ela apenas 40; é claro que ela se casará novamente. Uma coisa eu digo sobre mim: nenhuma outra pessoa viva liga menos para dinheiro.

— Não consigo pensar em mais ninguém.

— Ainda assim, permaneço ao lado da parente rica. É assim que o mundo funciona — ela, então, pausou por um instante. — Mas será que devo revelar, Alice, por que permaneço ao lado dela? Talvez você tenha achado minhas intenções cruéis, e pensado que eu desejava o dinheiro dela para mim mesma.

— Então, por que permanece com ela?

— Porque é possível que ela ajude George na carreira dele. Eu não quero dinheiro, mas pode ser que ele precise. Para o propósito que ele tem, acho justo que toda a família contribua. Tenho certeza de que ele consolidará seu nome no Parlamento; e se dependesse de mim, eu gastaria cada xelim do dinheiro dos Vavasors tentando colocá-lo lá. Quando contei isso a lorde Vavasor, pensei que ia me devorar viva. Eu realmente achei que ele ia me expulsar da casa.

— Você bem que merecia depois do atrevimento.

— Pouco me importei com a possibilidade. Eu estava determinada a fazê-lo ouvir a minha opinião. Ele me ofendeu, mas ficou tão arrependido do que fez, que foi ao meu quarto naquela noite, deu-me um beijo e uma nota de dez libras. O que acha que fiz com ela? Eu a enviei como contribuição para a próxima campanha, e George a guardou dentro de uma caixa. Não diga a ele que contei isso a você.

Então, elas pararam e se debruçaram sobre o parapeito da ponte por um momento.

— Venha cá, George — chamou Kate, enquanto abria espaço para ele ficar entre as duas. — Você não gostaria de nadar lá embaixo como aqueles nadadores que vimos da varanda? A água parece tão convidativa.

— Não posso dizer que pareça; a não ser que seja um convite para o além.

— Eu adoraria sentir a correnteza me levando — disse Kate. — Especialmente sob este luar. Eu não me imagino me afogando.

— Eu não consigo imaginar outra coisa — respondeu Alice.

— Seria tão agradável sentir a água flutuando pelo corpo e ser carregada impetuosamente para longe, ciente de estar indo em direção

a Roterdã.

— E lá você chegaria sem as suas roupas — falou George.

— Elas seriam trazidas depois em um barco. Você não notou que aqueles rapazes tinham um barco? Mas se eu morasse aqui, só faria isso sob o luar. A água está tão clara e brilhante, e o som da corrente está tão suave! O mar em Yarmouth não será nada assim, eu imagino.

Nenhum deles respondeu à observação de Kate, mas ela continuou a falar sobre o rio, sobre a tia e sobre o que a esperava em Yarmouth. Eles permaneceram calados, como se não tivessem nada para falar um ao outro. Ainda assim, eles ficaram ali, observando o rio abaixo. De vez em quando, a voz de Kate era ouvida, e isso impedia que o sentimento de que seus corações estavam cheios demais para falar surgisse.

Por fim, Alice sentiu um calafrio. O braço dela tremeu levemente — o que George sentiu mais do que viu.

— Você está com frio — ele disse.

— Não, estou bem.

— Se estiver com frio, vamos entrar. Achei que havia tremido por causa do ar da noite.

— Não, não foi por causa disso. Eu estava pensando em uma coisa. Você nunca pensa sobre coisas que dão calafrios?

— Sim, penso; muitas vezes. Penso tanto que costumo tremer por dentro. De outro modo, as pessoas achariam que eu tenho algum tipo de paralisia.

— Eu não falo sobre coisas de momento — explicou Alice. — Mas sobre pequenas detalhes; talvez uma palavra que eu tenha dito, mas que não me atrevia a dizer há dez anos; os pequenos erros mais ordinários, e até os meus próprios pensamentos íntimos de outrora sobre as mais simples frivolidades. Eles sempre me fazem tremer.

— Mas não é como se você tivesse cometido um assassinato.

— Não, mas a minha consciência reclama do mesmo modo, eu supenho.

— Ah! Eu não sou tão bom quanto você. No meu caso, não é a minha consciência. Quando penso nas chances que deixei passar, como já fiz milhares de vezes, então começo a tremer. Mas, como dito, eu tremo por dentro. Sinto um longo calafrio desde que saímos por causa de uma chance que deixei passar. Venha, vamos entrar. Temos que nos levantar às cinco da manhã, e já são 11 da noite. Vou continuar com os meus calafrios na cama.

— Cansaram de passear? — perguntou Kate, quando o irmão e a prima se puseram a caminhar.

— Não estamos cansados, mas George me lembrou que precisamos estar de pé às cinco da manhã.

— Queria que George controlasse a língua. Passear por uma

ponte em Basle não é uma coisa que se faz sempre na vida. Se uma pessoa estivesse no topo do monte Sinai, receio que a primeira sensação que teria seria o medo de não descer a tempo de se vestir para o jantar. Você sabia, George, que o rei dos rios está correndo logo abaixo dos seus pés, e que a lua está reluzindo um brilho que você nunca verá em casa?

— Eu ficarei aqui a noite toda se desistirem de voltar amanhã — propôs George.

— O nosso dinheiro não aguentaria — respondeu Kate.

— Então não fale mais sobre o Sinai — ele disse. — Vamos para a cama.

Eles cruzaram a ponte de volta para o hotel como antes – as duas moças juntas na frente e o jovem na retaguarda. Assim, eles galgaram os degraus do hotel, passaram pelo saguão e subiram as escadas. Ali, George passou uma vela para Alice e, enquanto o fazia, sussurrou algumas palavras em seu ouvido.

— Os meus calafrios estão chegando — ele falou. — E eles vão durar a noite toda.

Ela daria muita coisa para ser capaz de responder suavemente, sentindo que aquilo que ele havia dito nada significava; mas não conseguia. As palavras suaves fugiram. Ela estava ciente de tudo e voltou para o próprio quarto sem dar uma resposta ao primo. Lá, sentou-se perto da janela para observar o rio até Kate se juntar a ela. Os quartos das duas se conectavam no interior. Alice decidiu fazer as malas apenas quando a prima chegasse.

Mas Kate havia acompanhado o irmão, prometendo, enquanto ia, que voltaria em meio minuto. O meio minuto se alongou em mais de meia hora.

— Siga o meu conselho — disse Kate, por fim, levantando-se com a vela na mão. — Peça sem rodeios que ela lhe dê outra chance. Peça amanhã em Estrasburgo;^[15] você nunca mais terá uma oportunidade melhor.

— Você quer que eu peça para ela abandonar John Grey!

— Não diga nada sobre John Grey. Deixe que ela resolva esse assunto sozinha. Acredite em mim quando digo que ela terá coragem suficiente para largar John Grey, se tiver coragem suficiente para aceitar o seu pedido.

— Kate, vocês, mulheres, nunca se entendem. Se eu fizer isso, todos os sentimentos mais poderosos dela se revoltariam contra mim. Eu preciso deixá-la descobrir primeiro que deseja desistir do noivado.

— Ela já descobriu isso há muito tempo. Você acha que eu não sei o que ela deseja? Se você não tiver coragem de falar com ela, Alice se casará com ele, independentemente do que ela deseja.

— Ter coragem! Eu nunca vacilei quando tiver de falar com

alguém se havia necessidade. Às vezes não é muito agradável, mas eu falo... se a ocasião surgir.

— Mas certamente será agradável no caso dela. Você deve ter ficado contente em saber que ela ainda o ama. Você ainda a ama, eu suponho.

— Eu juro que não sei.

— Não me provoque, George. Eu estou movendo céus e terras para juntar vocês dois; mas se eu não acreditasse que você a ama, iria imediatamente pedir a ela que nunca mais o visse.

— Palavra de honra, Kate, às vezes penso que seria melhor se você deixasse os céus e terras em paz.

— Tudo bem. Mas de todos os seres humanos, você certamente é o mais ingrato.

— Por que ela não deveria se casar com John Grey se gosta dele?

— Mas ela não gosta dele. E eu o odeio. Odeio o som da voz dele; odeio o olhar dele e aquele jeito lento que ele tem de se mexer, como se estivesse achando que, ao fazer isso, nunca desgastaria as roupas que usa.

— Eu não vejo como o ódio que sente por ele é relevante nessa história.

— Se vai começar a pregar moralidades, vou me retirar. É o grande desejo do meu coração que ela se torne sua esposa. Se alguma vez você amou alguém – e às vezes duvido que tenha amado –; se alguma vez amou, esse alguém foi ela.

— Passado e presente são coisas diferentes.

— Muito bem, George, então vamos encerrar o assunto. Em toda a minha vida foi sempre a mesma história. Tudo o que já me esforcei para fazer por você, você repeliu na intenção de me dissuadir. Eu acredito, entretanto, que esteja me dizendo essas coisas apenas para me irritar.

— Eu juro, Kate, acho melhor você ir para a cama.

— Mas não antes de contar tudo a ela. Eu não vou abandoná-la para ser enganada e usada novamente.

— Quem a está usando dessa vez? Não é uma atitude pior tentar separá-la daquele homem?

— Não. Se eu achasse isso, nem sequer tentaria fazê-lo. Ela se tornará uma pessoa miserável ao lado dele, e o fará miserável também. Ela não o ama de verdade. Ele a ama, mas eu não tenho nada com isso. Não me importa se ele ficar de coração partido.

— Eu é que ficarei de coração partido se não me deixar ir para a cama.

Com essa resposta, ela se retirou, cruzando apressadamente o corredor até chegar ao quarto da prima. Ela encontrou Alice sentada próxima à janela, ou melhor, ajoelhada sobre a cadeira, com a cabeça

recostada contra a grade.

— Ora, sua criatura preguiçosa — ralhou Kate. — Dá para ver que você não tocou em nada.

— Você disse que arrumaríamos tudo juntas.

— Mas George me atrasou. Oh, que teimoso é! Se ele se casar, o que a esposa fará com ele?

— Eu acho que ele nunca vai se casar.

— Mesmo? Ouso dizer que você o entende melhor do que eu. Às vezes, penso que a única coisa capaz de o endireitar é uma esposa, mas não é qualquer mulher que aceitaria. A mulher que se casasse com ele precisaria ter grande coragem. Há momentos em que ele é muito selvagem; mas nunca cruel ou bruto. Mr. Grey já foi bruto?

— Nunca, e tampouco se mostrou selvagem.

— Oh, isso é óbvio. Estou muito certa de que ele jamais será um homem selvagem.

— Quando diz isso, Kate, sei que é na intenção de ofendê-lo.

— Não é. Palavra de honra. Que bem faria ofendê-lo na sua frente? Gosto quando um homem é selvagem – no bom sentido. Você já sabia disso.

— Pergunto-me se gostaria de ter um homem selvagem para chamar de seu.

— Ah! Essa é uma pergunta que eu nunca me fiz. Frequentemente, flagro-me pensando no tipo de marido que lhe serviria, mas pouco refleti sobre um marido para mim. A verdade é que sou casada com George. Desde que...

— Desde que o quê?

— Desde que você e ele se separaram, eu não fiz mais nada na vida, exceto ficar ao lado dele; e assim o farei até o fim, a não ser que uma coisa aconteça.

— Que coisa?

— A não ser que, no fim das contas, você se torne a esposa dele. Ele nunca se casará com outra pessoa.

— Kate, você não deveria tocar nesse assunto agora. Você sabe que é impossível.

— Talvez seja. No que me diz respeito, seria melhor assim. Se George se casasse, não me sobraria mais nada para fazer no mundo. Literalmente nada. Nada. Nada. Nada.

— Kate, não fale desse jeito — pediu Alice, indo até ela e a abraçando.

— Deixe-me — ela respondeu. — Vá, Alice. Você e eu devemos nos separar. Não posso mais aguentar. Você deve saber de tudo. Quando se casar com John Grey, a nossa amizade findará. Se escolher ser esposa de George, tornar-me-ei uma ninguém. Não terei mais nada no mundo. Vocês se sentiriam tão reciprocamente completos, que eu

seria largada como um vestido velho. Entretanto, eu daria tudo, absolutamente tudo; cada pingo de esperança que tenho, para vê-la se tornar esposa de George. Eu sei que não sou boa. Sei que sou muito má, mas, ainda assim, não me importo comigo mesma. Não, Alice, não. Eu não quero os seus carinhos. Concentre os seus carinhos nele, e eu me ajoelharei aos seus pés e os cobrirei de beijos.

Kate se jogou sobre o sofá e virou o rosto para encarar a parede.

— Kate, você não deveria falar desse modo.

— É claro que não deveria, mas falo.

— Você, que sabe tudo, deve saber que eu não posso me casar com o seu irmão, mesmo que ele desejasse.

— Ele deseja.

— Não enquanto eu estiver comprometida com outro.

— E por que não? — questionou Kate, levantando-se novamente.

— O que resta agora para separá-la de George, a não ser esse relacionamento infeliz que culminará em tormento para ambos os lados? Não acha que eu consigo ver? Não acha que sei de qual dos dois homens você gosta mais?

— Você está me deixando arrependida, Kate, de ter viajado para cá na companhia do seu irmão. Não é apenas rude você falar comigo dessa forma, mas pior do que isso — é indelicado.

— Oh, indelicado! Como odeio essa palavra. Se há alguma palavra em nossa língua que me lembra um túmulo branco é essa — limpa e polida em seu exterior, mas suja e podre em seu interior. Os seus pensamentos são delicados? Esse é o problema. Você está noiva de John Grey. Seria delicado se o amasse de verdade e se você se sentisse digna de ser a esposa dele; mas seria a coisa mais indelicada que poderia fazer se por acaso amasse outro mais do que ele. A delicadeza em muitas mulheres é igual à elegância delas. Nada é mais lindo do que a roupa exterior, mas você não iria querer responder por nada que jaz no interior.

— Se você pensa tão mal de mim...

— Não, eu não penso mal de você. Como poderia pensar mal de você quando sei que todos os seus dilemas provêm dele? Não é culpa sua; a culpa é inteiramente dele. Foi ele quem a colocou nesta posição de se sacrificar no altar. Se pudermos, nós duas, pôr de lado tudo sobre delicadeza e fingimento, e ousar falar verdade, reconheceremos que ela é fato. Se Mr. Grey houvesse cruzado seu caminho quando tudo ia bem entre você e George, teria pensado ser possível que ele era capaz de rivalizar George em seu amor? Seria comparar Hipérion com um sátiro.^[16]

— E qual deles é o sátiro?

— Vou deixar que o seu coração responda. Você conhece o grande desejo do meu coração. Mas, Alice, se eu acreditasse que Mr.

Grey poderia ser o seu Hipérion – se eu soubesse que você se casaria com ele sentindo a adoração e a idolatria amorosa que orgulha e alegra uma mulher em seu casamento, eu não levantaria um dedo para impedi-la.

A isto, Alice não deu resposta, e Kate deixou o assunto esmorecer. Alice não respondeu, embora tenha sentido que estava se permitindo ser julgada à revelia ao não falar. Ela pretendia lutar bravamente e manter a excelência de sua presente posição como esposa prometida de Mr. Grey, mas acreditava ter falhado. Ela sentia que havia, de alguma forma, admitido ter perdido o duelo – que as palavras que havia usado em sua defesa não teriam, de forma alguma, deixado Mr. Grey satisfeito, se ele pudesse ouvi-las –; que elas o teriam induzido a desistir do casamento, em vez de fazer dele um noivo feliz. Mas ela não tinha mais nada a dizer. Ela poderia fazer alguma coisa; poderia correr para casa e se casar com Mr. Grey tão cedo quanto ele desejasse. Depois disso, sua prima desistiria de se intrometer em seus assuntos.

Era quase uma da manhã quando as duas moças começaram a se preparar para a viagem, e Alice, quando terminou de fazer as malas, pareceu desgastada pela fadiga.

— Se estiver cansada, querida, podemos desistir — disse Kate.

— De maneira alguma — respondeu Alice.

— Basta dizer, e permaneceremos aqui — continuou Kate. — Eu dou uma escapulida até o quarto de George e conto a ele. Nada o deixaria mais satisfeito.

Mas Alice não aceitou.

Por volta das duas horas, elas se deitaram. Pontualmente às seis, já se encontravam na estação de trem.

— Não falem comigo — falou George, ao topar com elas no corredor. — Eu vou acabar bocejando na cara de vocês.

Entretanto, eles chegaram praticamente a tempo – o que significa que alcançaram a estação meia hora antes de o trem partir –, e assim seguiram a jornada até Estrasburgo.

Não há mais nada a se narrar sobre a viagem deles. Eles passaram dois dias e duas noites na estrada de Basle até Londres. Durante esses dois dias e duas noites, nem George e nem Kate falaram com Alice sobre o casamento dela, e qualquer alusão ao que aconteceu na varanda do hotel, ou na ponte sobre o rio tampouco foi feita.

CAPÍTULO 7

Kate Vavasor permaneceu em Londres por apenas três dias antes de ir para Yarmouth, e durante esses três dias, ela pouco ficou com a prima.

— Eu sou da minha tia, de corpo e alma, pelas próximas seis semanas — ela dissera a Alice quando foi a Queen Anne Street na manhã seguinte à chegada dela. — E ela é exigente de uma forma que não consigo explicar. Não se surpreenda se eu não lhe escrever uma carta sequer. Eu escapei na surdina para vir até aqui. Ela subiu as escadas para experimentar algumas novas roupas de luto para a viagem pelo mar, e então saí correndo.

Ela não disse uma palavra sobre George. Nem durante esses três dias, e nem nos dias seguintes, George apareceu. Como se descobriu depois, ele havia partido para a Escócia onde passara uma semana entre as perdzes. Ele, ao menos, havia explicado o próprio paradeiro, mas todos os amigos de George Vavasor sabiam que as suas idas e vindas raramente eram inteiramente explicadas como as de outros homens.

Será melhor, talvez, dizer algumas palavras sobre Mrs. Greenow antes de partimos com ela para Yarmouth. Mrs. Greenow era a única filha e a mais jovem dos filhos do velho lorde em Vavasor Hall. Ela era apenas dez anos mais jovem do que o irmão John, e me sinto inclinado a concordar que, em virtude do frescor de sua pele corada e da mocidade de sua aparência, ela tinha razão em afirmar insistentemente que a diferença era muito maior do que dez anos. Ela certamente não parecia ter 40 anos, e quem poderia esperar que uma dama se autoproclamasse mais velha do que aparentava? Na juventude, ela havia sido tirada da casa do pai, e vivido com os parentes em uma das maiores cidades do norte da Inglaterra. Era sabido que ela não havia sido bem-sucedida como mulher. Embora houvesse desfrutado da fama de bela, ela não obtivera o êxito habitual que acompanhava tal reputação. Aos 34 anos, ela continuava solteira. A dama, ademais, adquirira o caráter de flertar, e receio que as histórias que eram contadas sobre ela – a maioria falsa, sem dúvidas –, possuíam verdade suficiente para comprovar esse caráter. Tal situação era muito triste, visto que Arabella Vavasor não tinha nenhuma fortuna, e que ofendera o pai e os irmãos quando recusara os conselhos deles em determinados momentos de sua vida. Quando as notícias de que Arabella iria se casar com um homem mais velho chegaram a Vavasor Hall, houve, realmente, um considerável estado de preocupação entre os vários membros masculinos da família.

Ela se casou com o velho, e o casamento, felizmente, consolidou-se satisfatoriamente tanto para o marido quanto para a família dela.

Os Vavasors foram poupados de qualquer problema, e ficaram tão surpresos quanto gratos quando ouviram dizer que ela estava cumprindo bem o seu papel em sua nova posição. Arabella fora, por muito tempo, um espinho na família. Apesar de nunca ter feito nada que eles pudessem apontar como absolutamente errado, ela sempre lhes dera razão para temer. Agora, eles não temiam mais nada. O marido dela era um mercador aposentado muito rico e de saúde debilitada devotado à esposa. Rumores de que Mrs. Greenow era uma esposa bastante paternal, e de que Mr. Greenow se considerava o velho mais feliz em Lancashire, logo chegaram a Vavasor Hall e a Queen Anne Street. Agora que era próspera, ela perdoou o antigo desprezo que seus parentes haviam expressado. Ela escreveu para a querida sobrinha Alice, e para a sobrinha ainda mais querida Kate, além de ter mandado alguns presentinhos para o pai. Em uma ocasião, ela levou o marido a Vavasor Hall, e todos os velhos sentimentos da família foram renovados, como era de se esperar. O marido de Arabella era velho; muito velho para sua idade, mas toda a situação era bastante respeitável, e não houve, de forma alguma, dúvidas sobre o dinheiro. Então, Mr. Greenow morreu, e a viúva, após reclamar o testamento, foi a Londres para reivindicar a solidariedade das sobrinhas.

— Por que não passa um mês com ela em Yarmouth? — George havia sugerido a Kate. — Claro que vai ser chato, mas uma tia com 40 mil libras tem direito a reivindicar um pouco de atenção.

Kate reconheceu a verdade no argumento e concordou em passar um mês em Yarmouth. “A sua tia Arabella já mostrou que é uma mulher muito sensível”, o velho lorde Vavasor havia escrito. “Muito mais sensível do que se pensava quando ela era solteira. É claro que você deve ir se ela requisitar”. Mas que tia, tio ou primo de posse livre de 40 mil libras já fora alguma vez impopular numa família?

Yarmouth não é um lugar muito atraente aos olhos. Aos meus olhos, de qualquer forma, não é. Há uma velha cidade cujos visitantes estivais pouco ou nada têm para fazer, e novas casas perto do litoral que possuem a total vantagem da maresia. Uma espécie de esplanada se estende por quase um quilômetro e meio ao longo da areia, e há fileiras de casa construídas – ou sendo construídas – apropriadas para os veranistas; todas com vista para o mar. Não há beleza, a não ser que a areia amarela da praia possa ser chamada de bela. A costa é baixa e reta, e o vento do leste sopra com força sobre ela. Mas é um lugar saudável, e Mrs. Greenow provavelmente tinha razão em pensar que lá poderia recuperar um pouco da saúde que perdera em vigília, ao lado do leito do falecido marido.

— Um coletivo? Não mesmo. Jeannette, chame um cabriolé.

Estas foram as primeiras palavras que Mrs. Greenow proferiu ao

pôr os pés sobre a plataforma da estação de Yarmouth. O nome de sua criada era Jenny, mas Kate já havia descoberto, muito para seu desgosto, que a tia havia dado ordens, antes de deixarem Londres, de que a moça, de agora em diante, deveria ser chamada de Jeannette. Kate também havia descoberto que a tia sabia ser autoritária, mas esse gosto por soberania não havia se revelado tão plenamente em Londres quanto no momento em que o trem partiu da estação em Shoreditch. Em Londres, Mrs. Greenow estivera entre londrinos, e ela vivera, até então, uma vida provincial. O espírito dela, sem dúvidas, se sentiu um tanto intimidado pela novidade de sua posição, mas, quando se viu em estradas não pavimentadas, como se diz, ela voltou a ser a mesma de sempre. Em Ipswich, mandou Jeannette buscar uma taça de xerez com um ar que espantou os guardas e carregadores de bagagem presentes.

O cabriolé foi providenciado. Com considerável esforço, todas as malas de Mrs. Greenow, bem como as posses mais modestas da sobrinha e da criada, foram encaixadas no teto do transporte, e o que sobrou foi levado na cabine do motorista, no assento vago, no colo da criada e, receio, também no colo de Kate.

— Para a casa grande em Montpelier Parade — comandou Mrs. Greenow.

— Todas elas são grandes, senhora — respondeu o motorista.

— A maior de todas — rebateu Mrs. Greenow.

— Todas são igualmente enormes — insistiu o motorista.

— Então, guie-nos até a casa de Mrs. Jones — disse Mrs. Greenow. — Mas foi-me dito que esta casa era, particularmente, a maior da rua.

— Sei bem onde fica a casa de Mrs. Jones — falou o motorista, e para lá se foram.

A casa de Mrs. Jones era bonita e confortável, mas temo que a satisfação de Mrs. Greenow neste aspecto foi lesada pela decepção em descobrir que ela, perceptivelmente, não era maior do que as residências que ficavam à direita e à esquerda. A ambição dela neste e em outros assuntos similares teria divertido Kate se ela fosse apenas uma espectadora, e não parte da comitiva da tia. Mrs. Greenow era uma pessoa amigável e liberal; por natureza, não era egoísta, mas estava determinada a não desperdiçar as boas coisas que a fortuna havia propiciado, e desejava que o mundo todo pudesse ver que ela tinha 40 mil libras só para si. Ao fazer tal desejo, nenhuma sensação de falsa vergonha a reprimiu. A timidez nunca foi empecilho para suas vontades. Ela clamou em voz alta pelo conforto e grandeza que Yarmouth poderia proporcionar-lhe, e sentiu-se satisfeita por todos ao seu redor ouvirem o seu clamor. Somado a tudo isso, estava o seu luto descontrolado pela morte do marido.

— Querido Greenow! Como era doce! Oh, Kate, se você tivesse

conhecido aquele homem!

Quando ela disse isso, encontrava-se sentada em uma das melhores salas de estar de Mrs. Jones, aguardando o jantar ser anunciado. Ela abrira a sala de estar e a de jantar, “porque”, como justificara, “não via motivos para alguém se sentir com calor estando no litoral – não se tivesse meios para se sentir confortável.”

— Oh, Kate, como eu queria que você o tivesse conhecido!

— Quem dera tivesse — respondeu Kate — falsamente. — Infelizmente, eu estava ausente quando ele apareceu em Vavasor Hall.

— Ah, sim, mas era em casa; em seu círculo doméstico, que Greenow deveria ser visto para ser apreciado. Eu fui uma mulher feliz, Kate, enquanto durou.

Kate surpreendeu-se ao ver lágrimas verdadeiras – uma em cada lado – descerem pelas bochechas da tia. Elas, porém, foram logo enxugadas com um lenço da mais larga bainha e da mais bela cambraia.

— O jantar, madame — disse Jeannette, abrindo a porta.

— Jeannette, eu falei para você sempre dizer “o jantar está servido”.

— Então, “o jantar está servido” — Jeannette respondeu em um tom de raiva.

— Venha, Kate — chamou a tia. — Eu não estou com muito apetite, mas não há razão para você não cear. Eu escrevi para Mrs. Jones pedindo, especialmente, que houvesse molejas no jantar. Espero que ela tenha uma cozinheira decente. Eu não como muito, mas gosto de ver as coisas bem-feitas.

O dia seguinte foi domingo, e foi lindo ver Mrs. Greenow ir à igreja em toda a sua glória da viuvez. Muito foi desempacotado após o banquete de molejas, e toda a sua chapelaria fúnebre havia sido exposta diante dos olhos admirados de Kate. O charme da mulher jazia neste fato: ela não sentia a menor vergonha de nada do que fazia. Ela revirou todas as suas roupas de luto, mostrando a riqueza de cada peça; a firmeza do tecido; a beleza da cambraia; a largura dos babados – informando quanto cada uma havia custado, enquanto explicava como a coleção havia sido acumulada sem qualquer preocupação com os gastos. Isto ela fez com todo o orgulho de uma jovem noiva que mostra as glórias de seu enxoval a uma amiga do peito. Jeannette permaneceu ali por um tempo, removendo uma peça e exibindo outra. Em alguns momentos da mostra, Mrs. Greenow parou para descansar um pouco e mencionar a memória do falecido esposo de modo carinhoso e afetuoso. No meio do discurso, Mrs. Jones entrou, mas a viúva não ficou nem um pouco intimidada pela presença da estranha.

— A sua pobre alma... Que Deus a tenha! — ela disse, finalmente,

enquanto dobrava cuidadosamente um grande véu negro de crepe. Mrs. Jones, que vinha chegando, captou apenas a parte final da frase e ficou se perguntando ao que Deus deveria se “ater”, na opinião de sua hóspede.



— Ele a deixou muito bem, eu suponho — disse Mrs. Jones para Jeannette.

— Tem razão, madame. Ele deixou nada mais, nada menos do que cem mil libras!

— Não!

— Libras esterlinas, madame! Essa é a verdade, pelo que ouvi dizer.

— Por que ela não tem um coche?

— Ela tem, mas, como dizem, uma dama *num* deveria trazer o próprio coche num veraneio quando acabou de enterrar o marido. O que as pessoas diriam se *vissem ela* em seu próprio coche? Não que ela *num* possa pagar um, Mrs. Jones. Falando nisso, a senhora precisa pedir um cabriolé *pra levar ela pra* igreja amanhã. Será mais apropriado, sabe? Ela disse que deveria pedir um cocheiro de farda e luvas.

O homem de farda e luvas foi providenciado, e a entrada de Mrs. Greenow na igreja causou grande burburinho. Havia uma aura sobre ela que sozinha já mostrava que aquela não era uma mulher de autoridade comum. Ela previa todas as necessidades e fazia provisões

para todas as emergências. Outra mulher não teria garantido uma posição tão cobiçada e se feito em casa na igreja de Yarmouth até que metade de sua estada houvesse passado. Mas Mrs. Greenow havia feito tudo isso. Ela caminhou pelo meio do corredor tanta confiança, que parecia até que sua família era dona do santuário há anos, e a respeitável recepcionista abandonou completamente duas ou três senhoras a quem estava atendendo para levar Mrs. Greenow ao seu assento. Enquanto se sentava, ela tornou-se o centro das atenções. Kate Vavator imediatamente percebeu que uma grande comoção havia irrompido após a chegada delas, e notou, com igual agilidade, que o motivo do alvoroço não era ela mesma. Sinto informar que este sentimento não mudou pelo restante da missa. Quantas damas de 40 anos entram numa igreja sem chamar a mínima atenção! Mas dificilmente é exagero dizer que todas as pessoas observavam Mrs. Greenow. Eu duvido que não tenha havido uma única mulher casada que, ao deixar a igreja, não tenha comentado com o marido sobre a viúva. Por duas horas perdurou uma convicção geral, embora reprimida, de que alguma coisa digna de comentários havia acontecido naquela manhã. Ela afetou, inclusive, a leitura do vigário, e o pároco, enquanto pregava seu sermão, não conseguiu tirar os olhos daqueles maravilhosos chapéu e véu.

Na manhã seguinte, antes das 11 horas, o nome de Mrs. Greenow foi discutido na Câmara da Assembleia.

— Dificilmente preciso dizer que, em minha presente condição, pouco me importo com estas coisas. Eu prefiro ficar sozinha. Mas, minha querida Kate, sei o que lhe devo.

Kate, com menos inteligência do que se teria esperado de uma moça tão esperta, assegurou à tia que não sentia necessidade de se socializar, e que, ao acompanhá-la até o litoral durante os primeiros dias de sua viuvez, havia entendido que elas passariam os dias isoladas. Mas Mrs. Greenow logo a rechaçou, fazendo-o sem a menor vergonha ou aborrecimento.

— Minha querida... — ela começou. — Quanto a isto, você deve me deixar fazer aquilo que é certo. Eu me sentiria muito egoísta se permitisse que o meu luto interferisse na sua diversão.

— Mas, tia, eu não me importo com tais distrações.

— Que bobagem, minha querida. Você precisa se importar. Como você vai se estabelecer na vida se não se divertir antes?

— Minha querida tia, eu já estou estabelecida.

— Estabelecida! — espantou-se Mrs. Greenow, como se houvesse ocorrido algum casamento confidencial sobre o qual ela não tivesse sido comunicada. — Mas que bobagem, é claro que não está estabelecida; e como estará se eu permitir que você se tranque num lugar como este, exatamente onde uma moça tem chances?

As tentativas de Kate foram em vão. Não era fácil demover Mrs. Greenow quando ela se apoiava na garantia absoluta de que era a senhora da razão.

— Não, minha querida. Eu sei muito bem o que lhe devo, e vou cumprir a minha tarefa. Como dito antes, a sociedade já não se interessa mais por uma mulher como eu. Tudo o que uma interação social poderia fazer por mim jaz enterrado no túmulo do meu querido esposo. O meu coração está desolado, e assim ele deve permanecer. Mas eu não vou imolá-la nos altares do meu luto. Eu me forçarei a sair por você, Kate.

— Mas, querida tia, o mundo vai achar tão estranho na atual situação.

— Eu não dou a mínima para o mundo. O que o mundo pode fazer por mim? Eu não dependo do mundo – graças aos cuidados do meu falecido marido; o meu Santo Cordeiro. Posso cuidar de mim mesma, e enquanto eu puder fazer isso, o mundo não conseguirá me machucar. Não, Kate, se achar que uma coisa é correta, eu a farei. Desejo fazer deste um lugar agradável para você se eu puder, e o mundo pode contestar se quiser.

Mrs. Greenow provavelmente tinha razão em apreciar o valor de sua independência. Comentários sobre o seu retorno precoce à sociedade possivelmente foram feitos pelo mundo de Yarmouth. As pessoas, sem dúvida, recordavam umas às outras que o velho Greenow não tinha nem quatro meses de sepultado. Mrs. Jones e Jeannette provavelmente faziam piadinhas no andar de baixo, mas nada disso atingia Mrs. Greenow. O que era dito, não era dito em sua presença. O pagamento a Mrs. Jones era feito todos os sábados com admirável pontualidade, e enquanto isso acontecia, todos na casa tratavam a dama com a consideração que lhe era devida graças à respeitabilidade de seu dote. Quando uma mulher recentemente enlutada tenta aproveitar sua liberdade sem dinheiro, convém ao mundo falar em voz alta – e o mundo cumpre o seu papel.

Numerosas pessoas vieram visitar a casa em Montpelier Parade, e Kate ficou espantada com a quantidade de amigos que sua tia tinha. Ela ficou, de fato, tão impressionada com estes estranhos que mal conseguia diferenciar quem a sua tia conhecia, e quem a estava visitando pela primeira vez. Alguém era conhecido de alguém, que era conhecido de alguém, e isso era suficiente para permitir uma apresentação – sempre presumindo que tal pessoa era respaldada por alguma vantagem conhecida de dinheiro ou posição. Mrs. Greenow era capaz de sorrir por baixo de seu chapéu de viúva de maneira bastante encantadora. “Juro, ela é muito bonita”, Kate escreveu para Alice certo dia. Mas ela também era capaz de fechar a cara, e sabia muito bem como rechaçar ou reprovar qualquer tentativa de

aproximação daquelas cujas circunstâncias mundanas pareciam ser desvantajosas.

— Minha querida tia... — Kate falou, certa manhã, após passearem pelo píer. — Como a senhora esnobou aquele capitão Bellfield!

— Capitão Bellfield, até parece! Eu não acredito mesmo que ele seja um capitão. Seja como for, ele vendeu sua comissão no exército, e os mercadores entraram em disputa pelo dinheiro. Ele era somente um tenente quando o 97º Regimento do Conde de Ulster^[17] chegou a Manchester, e certamente nunca mais conseguiu um xelim depois disso.

— Mas todos parecem saber quem ele é.

— Talvez eles não saibam tanto quanto eu sei. A audácia que ele teve em me dizer que eu estava muito bonita... Nada pode ser tão cruel quanto um homem interesseiro, que se comporta assim quando não tem dinheiro nem para pagar uma lavadeira.

— Mas como sabe, tia, que o capitão Bellfield não pagou a lavadeira dele?

— Eu sei mais do que pensa, minha querida. É a minha responsabilidade. Como eu poderia diferenciar aqueles cuja atenção você deveria receber daqueles que não deveria se eu não investigasse tais coisas?

Seria em vão Kate se rebelar, ou tentar se rebelar, contra estes cuidados mais do que maternais. Ela disse à tia que já tinha quase 30 anos, e que cuidara muito de bem de sua vida e de sua segurança nos últimos dez anos; mas não adiantou. Kate ficava furiosa, mas Mrs. Greenow nunca ficava furiosa. Kate se mostrava bastante resolvida, mas Mrs. Greenow rechaçava tudo o que a sobrinha dizia como se a opinião dela de nada valesse. Kate era uma mulher solteira com uma fortuna muito pequena e, portanto, desejava se casar o mais rápido possível. Era natural ela negar que este era o caso, sobretudo em um momento tão precoce do entrosamento mútuo delas. Quando a sobrinha houvesse criado mais intimidade com a tia, talvez pudesse haver confidências entre as duas, e então elas teriam um diálogo melhor. Mas Mrs. Greenow não poupava nem a si mesma e nem a sua carteira pelo bem de Kate. Ela era como um dragão atento que protegia a sobrinha de intenções malignas tais como as de homens inúteis como o capitão Bellfield.

— Eu declaro, Kate, que não entendo você — ela dissera à sobrinha certa manhã enquanto se sentavam para um café da manhã tardio.

Elas tinham se rendido a hábitos luxuosos, e já havia, receio eu, passado das 11 horas, embora os pratos e talheres continuassem na mesa. Kate normalmente se banhava antes do café da manhã, mas

Mrs. Greenow nunca saía do quarto antes das dez e meia.

— Eu gosto de usar a manhã para refletir — ela dissera certa vez.

— Quando uma mulher passa por tudo que eu sofri, ela acaba tendo muito no que pensar.

— É tão mais confortável pensar quando se está na cama — opinou Jeannette, que estivera presente na ocasião.

— Menina, feche a matraca — ordenou a viúva.

— Sim, madame — respondeu Jeannette.

Mas voltemos à cena da mesa do café da manhã.

— O que a senhora não entende, tia?

— Você dançou somente duas vezes ontem à noite, e em certo momento, foi falar com o capitão Bellfield.

— Apenas para perguntar sobre a pobre mulher que lava as roupas dele sem ser paga por isso.

— Besteira, Kate, você não perguntou nada disso a ele, tenho certeza. Isto é muito grave. Muito mesmo.

— Mas que mal o capitão Bellfield poderia fazer a mim?

— Que bem ele poderia fazer a você? Esta é a questão. Entenda, minha querida, os anos vão passar. Não é minha intenção dizer que você já não é tão jovem quanto foi, e nenhuma mulher é mais bonita e pura do que você — sobretudo por causa dos banhos que tem tomado.

— Oh, tia, pare com isso!

— Minha querida, a verdade deve ser dita. Eu declaro que jamais vi uma moça tão incauta quanto você. Quando vai começar a pensar em casamento se não o fizer agora?

— Eu nunca vou começar a pensar em casamento até comprar o vestido e o véu.

— Isso é bobagem; pura bobagem. Como você vai comprar vestes de casamento se nunca pensou em arrumar um marido? Por acaso eu não vi Mr. Cheesacre lhe convidar para uma dança ontem à noite?

— Sim, ele convidou, quando a senhora mesma estava falando com o capitão Bellfield, tia.

— O capitão Bellfield não pode me machucar, minha querida. E por que você não dançou com Mr. Cheesacre?

— Porque ele é um fazendeiro gordo de Norfolk, sem qualquer sabedoria na cabeça além das virtudes de alimentar animais num estábulo.

— Minha querida, cada acre daquelas terras pertence a ele — cada acre! E ele também comprou outra fazenda por 13 mil libras no outono passado. Alguns desses cavalheiros fazendeiros são melhores do que lordes dos campos; são mesmo, e de todos os homens no mundo, eles são os mais fáceis de manobrar.

— Sem dúvida esta é uma recomendação.

— É claro que é; uma grande recomendação.

Mrs. Greenow não fazia piadas quando sua mente estava focada em coisas sérias.

— Ele nos levará a um piquenique amanhã, e espero que você o deixe se sentar ao seu lado. Será o lugar de honra, porque ele trará todo o vinho. Ele tem amizade com o tal Bellfield, que também estará lá, mas se permitir que o seu nome seja misturado ao dele uma vez sequer, você estará acabada aos olhos de todos os cidadãos de Yarmouth.

— Eu não quero que o meu nome seja misturado ao do capitão Bellfield, como a senhora mesma diz — afirmou Kate, voltando a sua atenção ao romance que estava lendo, enquanto Mrs. Greenow se ocupava em procurar coisas boas para levar ao piquenique.

Na realidade, a tia não compreendia a sobrinha. Quaisquer que pudessem ser os defeitos de Kate Vavasor, o desejo impróprio para uma moça de capturar um marido certamente não era um deles.

CAPÍTULO 8

Yarmouth não é um lugar feliz para um piquenique. Um piquenique deveria ser realizado no meio do verde. Grama verde é absolutamente essencial. Deveria haver árvores, terrenos acidentados, pequenos caminhos, bosques e recantos escondidos. Deveria haver, se possível, rochas, madeira velha, musgo e silvas. Certamente deveria haver colinas e vales – em pequena escala; e, acima de tudo, deveria haver água corrente. Não deveria haver vastidão. Jones não deveria ser capaz de ver todos os movimentos de Greene, e nem Augusta deveria poder ficar sempre de olho na irmã Jane. Mas o local escolhido para o piquenique de Mr. Cheesacre não possuía nenhuma das virtudes descritas acima. Ele foi realizado na praia. Nada mais era visível no lugar, exceto areia e mar. Não havia árvores lá, nada era verde e tampouco havia água corrente. Em vez disso, havia uma longa costa seca e plana, e um barco velho virado pela metade sob o qual jazia o local proposto para a refeição. Além disso, banquinhos, mesas e um pouco de lona para abrigá-los foram providenciados pela generosidade de Mr. Cheesacre. Aquele foi, portanto, chamado de “o piquenique de Mr. Cheesacre”.

Entretanto, era um piquenique marinho, e, portanto, os atributos essenciais de outros piqueniques não eram requeridos. A ideia surgiu após realizarem algumas expedições a barco nas quais um número de cavalas fora pescado e consumido. A refeição nas embarcações, contudo, havia sido desconfortável. Então, um pensamento surgiu na cabeça do capitão Bellfield, que sugeriu que seria melhor comerem em terra firme. O amigo dele, Mr. Cheesacre, prometera um auxílio substancial. Uma dama avaliou que as areias de Ormesby seriam o local ideal para dançar com o frescor da noite. Eles poderiam “dançar na areia”, como ela dissera, “sem deixar pegadas”. E assim, a ideia foi levada adiante e o piquenique foi inaugurado.

De fato, aquele era o piquenique de Mr. Cheesacre. Ele se encarregou de fornecer os barcos de passeio, o vinho, os charutos, a música e a carpintaria necessária para transformar o velho barco virado em um salão de banquete. Mrs. Greenow, por sua vez, havia prometido levar a comida, e estava adorando o *éclat*^[18] tanto quanto o mestre do festival. Ela conhecia Mr. Cheesacre há dez dias e já estava bastante íntima dele. Ele era um homem corpulento e corado de uns 45 anos; era solteiro e aparentemente tinha grande afeição por damas, não demonstrando sinais de velhice, a não ser pela calvície e pelos fios de cabelo grisalhos que se misturavam às costeletas. Ele amava ser fazendeiro, mas, ainda assim, tinha certa vergonha disso quando se encontrava em meio ao que considerava “círculos cultos”. Aliás, Mr. Cheesacre se sentia inclinado a perseguir a honra que provinha de um

homem abastado e financeiramente liberal. Ele gostava de pagar o jantar de um homem e depois se gabar da refeição que havia financiado; ele também se orgulhava muito quando podia dizer que havia superado, em um dia de caçada, qualquer homem que pudesse ser de uma patente maior do que a sua.

— Eu convidei o Grimsby outro dia — o filho do velho Grimsby de Hatherwick, sabe? O bendito venceu a minha égua. Mas o que importa? De toda forma, eu o superei novamente no dia seguinte.

Algumas pessoas acharam que ele estava enfeitando a história, pois era bem sabido em toda Norfolk que o jovem Grimsby era um montador nato e subia em cavalos sempre que podia. Naqueles dias, Mrs. Greenow havia se aproximado de Mr. Cheesacre, e não demorou a descobrir que ele era, sem dúvidas, proprietário de suas terras.

— Eu não seria bem-vista se comparecesse por vontade própria — ela dissera para ele. — As pessoas poderiam achar que eu estava festejando, ou algo assim, não é mesmo?

— Bom, talvez não, mas a senhora ficará bem conosco.

— Então, eu irei, Mr. Cheesacre, pelo bem da minha querida sobrinha. Eu nunca me perdoaria se o meu luto a impedisse de aproveitar todos os prazeres da juventude. Eu nem preciso dizer que, num momento como este, nada desse gênero poderia me dar qualquer prazer.

— Suponho que não — respondeu Mr. Cheesacre com um olhar solene.

— Está completamente fora de questão — continuou Mrs. Greenow, enxugando as suas lágrimas. — No tocante à idade, sei que dançaria sobre as areias com tanta alegria quanto os melhores entre nós...

— Disso eu não tenho dúvidas, Mrs. Greenow.

— Mas como uma mulher pode se divertir se o seu coração jaz sepultado?

— Mas não será sempre assim, Mrs. Greenow.

Mrs. Greenow balançou a cabeça, como se para mostrar que dificilmente saberia como responder a tal questão. Provavelmente seria assim para sempre, mas ela não queria azedar a presente ocasião fazendo uma declaração tão triste.

— Mas como eu dizia... — ela continuou —, se apenas o senhor e eu cuidarmos disso, certamente teremos o melhor resultado.

Mr. Cheesacre concordou que aquele seria o melhor jeito.

— Exatamente. Eu cuido dos doces e das frutas, e o senhor dos barcos e do vinho.

— E da música — completou Cheesacre. — E dos gastos com o local.

Ele não fazia a menor questão de que suas despesas passassem

despercebidas.

— Eu aceito dividir tudo ao meio — observou Mrs. Greenow, mas Mr. Cheesacre recusou a oferta. Ele não se incomodava em gastar, apenas desejava que seus esforços fossem reconhecidos.

— Mr. Cheesacre, eu realmente pretendia cuidar da música. Pretendia mesmo — continuou Mrs. Greenow.

— Eu não sabia disso, Mrs. Greenow.

— Mas resolvi mencionar agora porque estava pensando em chamar Blowehard. Aquele outro homem, Flutey, não quis saber de tocar a céu aberto.

— Então, Blowehard será — aprovou Mr. Cheesacre, e Blowehard, de fato, foi. Mrs. Greenow gostava de ser atendida nestes pequenos detalhes, embora o seu coração estivesse sepultado.

Na manhã em que o piquenique seria realizado, Mr. Cheesacre foi até a casa localizada em Montpelier Parede acompanhado do capitão Bellfield, cujas vestes não evidenciavam qualquer possível alteração entre ele e a sua lavadeira. Ele estava vestido maravilhosamente bem e preparado de todas as formas para o dia de atividades. O capitão vestia um casaco de pseudomarinheiro generosamente enfeitado com botões de bronze; estes exibiam com grande julgamento as formas requintadas de suas calças de algodão de pseudomarinheiro. Abaixo delas, era possível identificar um par de sapatos de couro muito lustrosos, apropriados, certamente, para se dançar na areia – o que indicava que o capitão Bellfield estava bastante ansioso para fazê-lo, assim como a deusa Vênus estivera, sem deixar qualquer pegada.^[19] O colete dele era feito de um delicado tecido branco, decorado com vários botões dourados. Ele tinha um broche adornado com joias na camisa, e luvas amarelas de couro nas mãos, tendo, é claro, outro par no bolso para as necessidades da noite. A sua vestimenta era perfeita e provocou uma sensação de desânimo no coração do amigo Cheesacre, quando ele se juntou ao cavaleiro. Ele era um homem de boa aparência, com quase 1,80 metros de altura. Seus cabelos eram escuros, assim como eram suas costeletas e bigode – este cuja tonalidade quase negra causaria desconfiança ao observador, como se contasse um caso de cabeleireiro. Ele era bonito também; com feições bem-formadas – mas carregava, possivelmente, os primeiros sinais característicos de diversões noturnas em seu nariz. No geral, entretanto, ele era um homem agradável de se olhar – para aqueles que gostam de olhar homens agradáveis dessa estirpe.

Cheesacre também havia adotado um tipo de traje de marinheiro. Ele havia posto um casaco de tecido mais grosso, que descia bem mais do que o do capitão. Era uma roupa mais folgada que um possível homem do mar possivelmente usaria. Ele, porém, se sentiu enojado consigo ao ver as roupas que Bellfield usava. O seu coração havia

vacilado e ele não tivera a coragem de se enfeitar tão ousadamente quanto o amigo.

— Eu diria, Guss, que você está extravagante! — ele exclamou.

Deve-se explicar que o nome de batismo do capitão Bellfield era Gustavus.

— Quanto a isso eu não sei — respondeu o capitão. — Um amigo me enviou estas vestes e disse que seriam propícias à ocasião. Eu troco com você se quiser.

Mas Cheesacre jamais teria conseguido vestir aquele casaco, e seguiu em frente, odiando a si mesmo.

Lembre-mos que Mrs. Greenow havia falado com considerável dureza sobre as pretensões do capitão Bellfield enquanto discutia o caráter dele com a sobrinha; mas, apesar disso, na presente ocasião, ela o recebeu com os mais graciosos sorrisos. Talvez ela tivesse mudado de ideia quanto à índole dele, ou talvez estivesse sacrificando os próprios sentimentos por consideração a Mr. Cheesacre, que, como todos sabiam, era amigo íntimo do capitão. Ela, porém, ofereceu sorrisos para todos os dois. O sorriso dela tinha um poder maravilhoso e era capaz, na devida ocasião, conquistar meia dúzia de cavalheiros em tempo recorde. Eles a encontraram cercada de cestas que não estavam completamente cheias, enquanto Mrs. Jones, Jeannette e a cozinheira da casa passavam por fora do círculo que a rodeava, atendendo a seus pedidos. Ela tinha na mão um guardanapo aberto e limpo. Amarrado à cintura de seu vestido, estava um enorme avental grosso que ela usava para se proteger de uma possível ebulição do molho de carne; do respingar da mistura da salada, ou do creme. Por baixo disso, vestia-se com as maiores honrarias da viuvez. Ela não havia abreviado suas vestes de luto em nem um centímetro. Mrs. Greenow desprezava a ideia de combinar o mundo do prazer com o mundo do pesar. Ali estava ela, uma viúva de coração sepultado há quatro meses, aprontando um banquete de iguarias com habilidade e prodigalidade. Ela parou para descansar, deixando as cestas nas quais a torta de perdiz fora cuidadosamente enfiada, e falou sobre o seu Santo Cordeiro com um dilúvio de lágrimas. Se alguém não gostasse do discurso, que se retirasse. Mr. Cheesacre e o capitão Bellfield decidiram que gostavam.

— Oh, Mr. Cheesacre, o senhor me pegou no meio dos arranjos! Capitão Bellfield, espero que ache o meu avental apropriado.

— Tudo o que a senhora veste, Mrs. Greenow, sempre é apropriado.

— Não fale dessa maneira quando o senhor sabe que... Enfim, não vamos pensar em coisas tristes hoje se pudermos evitar. Ou vamos, Mr. Cheesacre?

— Minha nossa, eu espero que não – a não ser que comece a

chover.

— Não vai chover, e não vamos pensar nisso. Mudando de assunto, capitão Bellfield, eu e a minha sobrinha planejamos enviar algumas coisas em uma sacola, sabe? É só para ficarmos bem diante do mar. Eu não quero que isso se espalhe, porque se as outras damas ouvirem, vão achar que estamos querendo transformar o piquenique em um desfile, e aí não haveria espaço para todas, haveria?

— Não, não haveria — respondeu Mr. Cheesacre, que na noite anterior estivera inspecionando e, talvez, limitando os carpinteiros enquanto trabalhavam.

— Exatamente — continuou Mrs. Greenow. — Mas não fará mal Jeannette ir na frente com as nossas coisas, fará, Mr. Cheesacre? Ela acompanhará o transporte que levará os alimentos. Eu sei que Jeannette é amiga sua.

— Será um prazer ter a companhia de Jeannette — garantiu Mr. Cheesacre.

— Obrigada, senhor — falou Jeannette, cortesmente.

— Jeannette, não perturbe Mr. Cheesacre, e trate-se de se comportar e de ser útil. Bom, deixem-me ver... O que mais falta? Mrs. Jones, a senhora pode me passar o presunto. Capitão Bellfield, passe para cá. Não o ponha na cesta, porque o senhor o colocaria do lado errado. Calma, quase me fizeram estragar a torta de damasco.

Então, enquanto pratos eram passados entre o capitão e a viúva, ocorreu uma troca de elogios inocente, que pareceu ofender Mr. Cheesacre de tal forma, que o cavalheiro virou as costas para as cestas e caminhou em direção à porta.

Mrs. Greenow captou a reação na hora, e imediatamente se pôs a curar a ferida.

— O que acha disso, Mr. Cheesacre? — ela questionou. — Kate não quer descer porque não deseja que o senhor a veja de avental sobre o vestido!

— Eu não sei por que Miss Vavasor ligaria se eu a visse assim.

— Eu tampouco. Foi o que acabei de dizer. Vá à sala de estar. O senhor a encontrará lá e poderá ouvir a resposta da boca dela.

— Ela não quis descer para me ver — retrucou Mr. Cheesacre sem se mexer. Talvez ele não estivesse disposto a deixar o amigo a sós com a viúva.

Depois de um longo tempo, os últimos pratos foram empacotados e Mrs. Greenow subiu as escadas com os dois cavalheiros. Lá, eles encontraram Kate e duas ou três outras damas que haviam prometido ir sob a proteção das asas de Mrs. Greenow. Entre elas, estavam as duas irmãs Fairstairs, a quem Mrs. Greenow havia patrocinado especialmente. Elas recompensaram a generosidade da dama com uma grande quantidade de elogios sinceros que espantaram Kate pela

audácia.

— A sua tia é uma querida! — dissera Fanny Fairstairs ao adentrar a sala. — Acho que nunca conheci uma mulher tão repleta de generosidade humana e genuína quanto ela.

— Ou de tamanha inteligência — complementou Charlotte, irmã de Fanny, que era chamada de Charlie nas terras arenosas de Yarmouth há 12 anos.

Quando a viúva passou pela porta, elas voaram para cima dela e a devoraram com beijos, jurando que nunca a haviam visto tão bela. Como as novas e brilhantes luvas que as moças usavam tinham sido presentes de Mrs. Greenow, elas certamente lhe deviam um pouco de afetuosidade. Não há muitas damas que se arriscariam a distribuir presentes deste tipo a amizades recém-formadas, mas Mrs. Greenow tinha um poder peculiar no tocante a tais assuntos. Ela alcançara um grande nível de confiança com as irmãs Fairstairs, e já havia tratado de dar conselhos sobre as perspectivas futuras das duas moças.

Além delas, também havia Mrs. Green, cujo marido era primeiro-tenente a bordo de um galeão de guerra nos territórios das Índias Ocidentais. Mrs. Green era uma mulher pequena, quieta e elegante; era bonita e muito calada. Como era de se esperar, ela não era preparada o suficiente para o nível de intimidade especial de Mrs. Greenow. Mrs. Greenow, todavia, descobriu que ela era uma mulher solitária e de poucas posses, e que estava em busca do consolo da sociedade. Ela, portanto, forçara-se, por pura bondade, na direção de Mrs. Green, e Mrs. Green, com muito receio, aceitou ser levada para o piquenique.

— Sei que o seu marido gostaria que a senhora fosse — Mrs. Greenow dissera. — E espero que eu viva o bastante para contar a ele que fui eu quem a convenceu a ir.

Joe Fairstairs, irmão mais novo de Fanny e Charlie, também compareceu. Era um rapaz inútil, preguiçoso e esguio, que supostamente deveria obter o seu sustento em um escritório de advocacia em Norwich, ou pelo menos se preparar para obtê-lo futuramente. Ele era, contudo, um fardo para todos os seus amigos.

— Pedimos para o Joe vir até aqui — contou Fanny à viúva, em tom de desculpas. — Achamos que ele poderia ser útil carregando as capas.

Mrs. Greenow sorriu graciosamente para Joe, e garantiu que estava encantada em vê-lo, sem fazer qualquer referência aos serviços mencionados por Fanny.

Finalmente, eles partiram. Quando chegaram à porta, tanto Cheesacre quanto o capitão tentaram obter a posse do braço da viúva, mas ela já tinha tudo arranjado. O capitão Bellfield viu-se forçado a levar Mrs. Green, enquanto Mr. Cheesacre caminhou pela praia ao

lado de Kate Vavator.

— Eu aceitarei o seu braço, Mr. Joe — disse a viúva. — Suas irmãs virão conosco.

Mas quando eles chegaram aos barcos, onde os outros participantes do piquenique já se encontravam reunidos, Mr. Cheesacre — o locatário das embarcações pelo resto do dia — descobriu-se separado da viúva. Ele subiu no barco onde estava Kate Vavator e o sentiu zarpar enquanto assistia ao capitão Bellfield cuidar da sacola de itens de beleza de Mrs. Greenow. Ele havia declarado que seria o contrário, e que, uma vez que ele estava custeando a festa, a banda deveria tocar como ele queria. Com uma palavra ou duas, Mrs. Greenow resolvera o assunto, deixando Mr. Cheesacre impotente.

— Bellfield está ridículo naquele casaco, não acha? — ele perguntou a Kate enquanto tomava seu assento no barco.

— O senhor acha? Eu achei muito bonito e apropriado para a ocasião.

Mr. Cheesacre odiou o capitão Bellfield e arrependeu-se mais do que nunca de não ter feito qualquer coisa a respeito dos adornos de suas próprias vestes. Ele não suportava pensar que seu amigo, que não tinha uma moeda do bolso, arrebataria as honras da manhã e o despojaria dos louros que deveriam, por justiça, pertencer a ele.

— Pode até ser apropriado — disse Cheesacre. — Mas não acha que é terrivelmente exagerado?

— Quanto a isso, não sei dizer. Eu não tenho noção de quanto é um casaco todo coberto de botõezinhos de bronze, sabe?

— E o colete, Miss Vavator! — apontou Cheesacre, quase solenemente.

— Acredito que o colete deve ter sido bastante caro.

— Oh, que lástima! Ele não tem nada, Miss Vavator; literalmente nada — Cheesacre diminuiu o tom da voz até um sussurro para continuar falando. — Sabe, eu emprestei 20 libras a ele anteontem. É fato, mas peço que não espalhe, é claro. Eu contei à senhorita, porque, como estará na presença dele, é melhor saber em que tipo de situação financeira ele se encontra.

Como reza o ditado, vale tudo no amor e na guerra, e esta pequena confidência vazada foi, devemos presumir, um estratégia do amor da parte de Mr. Cheesacre. Naquele instante, Mr. Cheesacre sentia-se deveras atraído tanto pelo charme da viúva quanto pelo da sobrinha dela, mas mais tarde descobriu que o capitão estava interferindo em seus planos, atirando-se na frente de qualquer uma das duas que ele tentasse cortejar. Na presente ocasião, ele desejava conquistar a viúva, e estava, considerados todos os aspectos, inclinado a achar que a viúva era mais merecedora de sua atenção. Ele havia realizado algumas averiguações nos últimos dias, e as respostas que

obtivera tinham sido satisfatórias. Ele não havia, de forma alguma, compartilhado essas informações com o seu amigo que, de fato, expressara a opinião que Mrs. Greenow era apenas um fogo de palha.

— Ela serviria bem *pour passer les temps*^[20] — o capitão respondera.

Mr. Cheesacre não captou muito bem a essência das intenções do capitão, mas sentiu que, certamente, o seu amigo tencionava enganá-lo.

— Eu não quero que isso se espalhe, Miss Vavator — ele continuou.

— Tais coisas nem deveriam ser mencionadas — Kate respondeu, irritando-se com a insinuação de que a natureza da situação financeira do capitão Bellfield pudesse lhe dizer respeito.

— Não, não deveriam e, por isso, sei que manterá a discrição, Miss Vavator. Ele é um camarada muito agradável – muito mesmo –, e já viu o mundo. É uma pessoa incomum, mas é melhor como colega de comes e bebes do que de compras e vendas, como dizemos em Norfolk. Está gostando de Norfolk, Miss Vavator?

— Eu nunca tinha vindo, e até agora, só vi Yarmouth.

— Yarmouth é um bom lugar, de fato, mas a senhorita deveria dar uma olhada em nossas terras. Suponho que não saiba que nós alimentamos um terço da Inglaterra durante os meses de inverno.

— Minha nossa!

— É verdade. Ninguém conhece a potência do condado de Norfolk. Somando-se tudo e incluindo a qualidade da caça, a fama de lorde Nelson^[21], as tabernas e tudo mais, eu não acho que qualquer outro condado da Inglaterra o supere. Imagine só; alimentar um terço de toda a Inglaterra e do País de Gales!

— Com pão, queijo e esse tipo de coisa, o senhor quer dizer?

— Com bife! — exclamou Mr. Cheesacre, e em seu impulso patriótico repetiu a palavra em voz alta. — Bife! Sim, deveras, mas se a senhorita contasse isso em Londres, ninguém acreditaria. Ah! A senhorita deveria, com toda a certeza, ver as nossas terras. O trem das 7h45 da manhã a levaria através de Norwich até a minha porta, como se diz, e a senhorita estaria de volta às 6h22 da noite, eu diria.

Mr. Cheesacre havia recuperado seu bom humor, sentindo, na ausência da viúva, que não havia mais nada a se fazer, exceto progredir com a sobrinha dela. Enquanto isso, Mrs. Greenow e o capitão estavam se dando muito bem no outro barco.

— Pegue um remo, capitão — um dos marujos o convidara assim que ele ajudou a alocar as damas.

— Hoje não, Jack — ele respondera. — Esta manhã, me contentarei em ser chefe do convés.

— A melhor coisa que um chefe do convés pode fazer é chamar a

tripulação para beber o grogue — afirmara o homem.

— Eu não me absterei disso — replicou o capitão.

E assim, eles zarparam tranquilamente.

— Que cavalheiro generoso o seu amigo, Mr. Cheesacre, é! — disse a viúva.

— Sim, é verdade. Ele é um camarada abastado sem timidez para gastar. Alguns desses fazendeiros de Norfolk são pessoas muito boas.

— E suponho que ele seja mais do que um simples fazendeiro. Ele é visitado pelas pessoas que moram por lá, não é?

— Oh, sim, de certa forma, mas as pessoas do condado gostam de ser reservadas.

— Naturalmente. Mas a casa dele... Ele tem uma casa muito boa, não é?

— Sim, uma casa muito boa, apesar de ser perto demais para o meu gosto do lago onde os cavalos bebem. Mas, quando um homem tira dinheiro do bolso, ele não deve ter vergonha das calças, deve, Mrs. Greenow?

— Mas ele poderia viver como um cavalheiro se deixasse as próprias terras, não poderia?

— Isso dependeria da qualidade de vida que o cavalheiro deseja.

Neste ponto, a privacidade da conversa foi interrompida pela exclamação de uma jovem que notou que Charlie Fairstairs estava ficando enjoada. Charlie rechaçou corajosamente, mas acabou traindo a sua negação com o seu comportamento. Pouco tempo depois, eles concluíram as aventuras marinhas e se prepararam para atracar perto do local onde o banquete seria realizado.

CAPÍTULO 9

Houve uma tentativa de pescaria, mas nenhum peixe foi capturado. Logo descobriu-se que tal recreação interferia com os vestidos das damas, e as interações haviam se tornado sérias demais para que interrupções triviais fossem permitidas.

— Eu realmente acho, Mr. Cheesacre, que é melhor o senhor desistir — dissera uma mãe ansiosa. — A água dessa linha nojenta deixou o vestido de Maria todo molhado.

Maria protestou sem muito esforço para dizer que isso não tinha muita importância, mas a pescaria foi abandonada assim mesmo — não sem uma sensação velada da parte de Mr. Cheesacre de que, se Maria houvesse escolhido acompanhá-lo em seu barco, tendo sido convidada especialmente para pescar, seria obrigada a tolerar as consequências naturais.

— Há pessoas que gostam de tomar tudo, mas nunca de dar alguma coisa — ele contou a Kate mais tarde, enquanto a acompanhava até a mesa do piquenique. Mas ele estava sendo desarrazoado e injusto. As moças haviam agraciado a festa dele com seus melhores chapéus e seus mais belos vestidos de tecido musseline, não para vê-lo pescar cavalas, mas para flertarem e dançarem, exibindo suas virtudes.

— O senhor não pode crer que uma garota desejaria ficar ensopada com a água do mar quando levou tanto tempo para se arrumar — argumentou Kate.

— Então, não deviam ter vindo pescar — retrucou Mr. Cheesacre. — Odeio esse tipo de atitude.

Mas quando eles chegaram ao velho barco, Mrs. Greenow tomou as rédeas preminentemente como soberana da ocasião, consequentemente ofuscando Mr. Cheesacre com a sua autoridade. Houve um pequeno duelo entre os dois, invisível aos olhos da multidão, por supremacia. Nesta disputa, contudo, Mr. Cheesacre não tinha a menor chance contra Mrs. Greenow. Eu estou inclinado a achar que ela teria reinado mesmo que não houvesse contribuído com a comida; com tal ponto a seu favor, ela conseguiu se provar suprema. Jeannette também era sua subordinada, o que era uma boa coisa. Mr. Cheesacre logo desistiu, e embora estivesse claramente contrariado, ele obedeceu às ordens que recebia, e se tornou um dos principais serventes. O capitão Bellfield também se mostrou útil, mas levou Mr. Cheesacre a uma série de paroxismos de fúria reprimida ao lhe dar ordens que acabariam sendo obedecidas. Obedecer a um homem a quem ele havia emprestado 20 libras anteontem, e que não contribuiria sequer com uma garrafa de champagne!

— Comeremos às quatro horas, e agora são três e meia —

comunicou Mrs. Greenow à multidão.

— E dançaremos a partir das seis! — lembrou uma jovem ansiosa.

— Maria, cale a matraca — ordenou a mãe da moça.

— Sim, comeremos às quatro — disse Mr. Cheesacre. — Quanto à música, pedi que comparecessem pontualmente às cinco e meia. Teremos três trompas, címbalos, triângulo e um tambor.

— Que maravilha, não é mesmo, Mrs. Greenow? — perguntou Charlie Fairstairs.

— Acho que é hora de desempacotarmos as coisas — lembrou o capitão Bellfield. — Metade da diversão jaz em organizar tudo.

— Oh, meu caro, sim; mais do que a metade — respondeu Fanny Fairstairs.

— Bellfield, deixe as cestas para lá — disse Cheesacre. — O vinho é uma coisa muito delicada para se manear, e o meu subordinado cuidará disso.

— Seria estranho se eu não soubesse mais sobre vinhos do que sobre engraxates de hotel — rebateu Bellfield. Esta alusão a engraxates quase intimidou Mr. Cheesacre e o fez se virar, deixando Bellfield com a viúva.

Muito foi desempacotado naquela tarde; momento em que Bellfield e Mrs. Greenow foram constantemente vistos cuidando da mesma cesta. De maneira alguma eu pretendo insinuar que havia qualquer coisa de errado com isso. Pessoas que se juntam para retirar tortas e galinha fria, acabam se encontrando na mesma cesta. Uma grande intimidade, contudo, foi surgindo, e a viúva parecia ter abandonado completamente o preconceito que acompanhava sua referência à lavadeira do capitão. Uma longa mesa foi posta sobre a areia, abrigada pelo barco lateralmente virado, mas descoberta na direção do mar. Sustentado por postes, um toldo tinha sido estendido. No geral, o arranjo era confortável o bastante para aqueles que haviam considerado que uma mesa de jantar sobre a areia do litoral não era um incômodo. Muito da festa se devia a Mr. Cheesacre, por ter se responsabilizado pelos gastos — e um pouco, talvez, ao capitão Bellfield, por sua inteligência ao sugeri-la.

Chegou a hora de alocar os convidados para a ceia, e Mr. Cheesacre fez mais um grande esforço.

— Vamos fazer da seguinte maneira... — ele anunciou, em voz alta. — Bellfield e eu tomaremos as duas pontas da mesa, e Mrs. Greenow se sentará à minha direita.

A atitude não foi apenas ousada, como também detentora de uma propriedade que, à primeira vista, parecia irresistível. Por mais que detestasse o capitão, ele fizera a proposta de forma tão habilidosa que ela parecia uma honraria, e pareceu, por um momento, que sua vontade seria feita, mas capitão Bellfield não era homem de se

submeter à derrota sem lutar.

— Creio que assim não dará certo — ele proclamou. — Mrs. Greenow serve o jantar e Cheesacre serve o vinho. Portanto, devemos ter os dois em duas extremidades da mesa. Estou certo de que Mrs. Greenow não se recusará a me deixar levá-la ao lugar que lhe pertence. Eu me sentarei à direita dela, e serei seu auxiliar.

Mrs. Greenow não recusou, e assim os lugares foram organizados.

Mr. Cheesacre se sentou desesperado. Ter Kate Vavasor à sua esquerda não significava nada para ele. Ele gostava de conversar com Kate, mas não poderia desfrutar de tal prazer sabendo que o capitão Bellfield estava a ponto de fazer progresso com a viúva.

— Uma pessoa poderia até achar que ele pagou por isso, não acha? — ele perguntara à mãe de Maria, que se encontrava sentada à sua direita.

A dama não entendeu o que ele quis dizer.

— Pelo quê? — ela indagou.

— Ora, pela música, pelo vinho e por tudo mais. Há pessoas que são cheias desse tipo de imprudência. Elas conseguem se dar bem sem nunca gastar um xelim. Eu não sei como é. Sempre preciso pagar pelas minhas coisas e, geralmente, pelas dos outros.

— Sim, de fato — a mãe de Maria respondeu. Ela havia trazido outras filhas além de Maria, e naquele momento espiava a mesa para ver se elas estavam apropriadamente alocadas. A caçula Ophelia, que para ela era a mais bonita de suas filhas, estava sentada perto daquele fracassado do Joe Fairstairs, e isto a deixou infeliz.

— Ophelia, minha querida, o vento frio acabará com você; há um assento aí, do lado oposto, onde ficará mais confortável.

— Não há vento frio aqui, mamãe — respondeu Ophelia, sem fazer a menor menção de sair de onde estava. Talvez Ophelia gostasse da companhia daquele jovem inútil, ocioso e preguiçoso.

A alegria na mesa certamente vinha da ponta de Mrs. Greenow. A viúva mal havia se sentado, quando precisou se levantar novamente para trocar de lugar com o capitão. Descobriu-se que o capitão poderia partir a torta de perdiz com mais destreza se estivesse daquele lado. Cheesacre, que viu tudo, largou a faca e o garfo sobre a mesa com violência.

— Há algum problema? — perguntou a mãe de Maria.

— Problema! — ele exclamou. Então, balançou a cabeça com o coração triste e o espírito irritado, e pegou os talheres de volta. Kate, que a tudo observava, sentiu-se deveras entretida. “Eu nunca vi um homem com o coração tão partido”, ela escreveu para Alice no dia seguinte.

— 11, 13, 18, 21 — disse Cheesacre para si mesmo, lembrando, em sua angústia, a quantidade de libras esterlinas que havia pagado

para ser maltratado daquela maneira.

— Senhoras e senhores... — disse o capitão Bellfield, assim que o banquete terminou. — Se me permitirem levantar por dois minutos, eu gostaria de propor um brinde a vocês.

O verdadeiro patrono do banquete nem sequer havia terminado de engolir seu último pedaço de queijo. Tudo aquilo era indecente na violência de sua injustiça.

— Se me der licença, capitão Bellfield — interrompeu o patrono, sem ligar para o queijo em sua garganta. — Eu proporei o brinde.

— Nada seria mais estupendo, meu caro amigo — respondeu o capitão. — E eu certamente seria o último homem no mundo a tomar o trabalho das mãos de alguém que o proporia tão esplendorosamente melhor do que eu; mas é à sua saúde que vamos beber. Eu realmente não vejo como seria apropriado você fazer este brinde.

Cheesacre grunhiu e se sentou. Ele certamente não podia brindar à própria saúde, e tampouco poderia reclamar da honra que seria feita em seu nome. Era bastante apropriado que bebessem à sua saúde, e agora ele tinha de pensar nas palavras que usaria para agradecer a gentileza, mas a extensão de seu horror, quando Bellfield se levantou e realizou um discurso brilhante em homenagem a Mrs. Greenow, só pode ser imaginada. Por cinco minutos inteiros, ele prosseguiu sem mencionar o nome de Cheesacre. “Yarmouth”, ele dissera, “nunca havia sido tão abençoada quanto naquele ano, graças à presença da dama que agora estava entre eles. Ela havia se juntado a eles”, o capitão adicionara, “ignorando a si mesma e às suas grandes tristezas, com o único desejo de somar alguma coisa à felicidade dos outros”. Nisso, Mrs. Greenow tirou o lenço do bolso e afastou a longa fita de seu chapéu por cima dos ombros. No geral, a cena foi muito comovente e Cheesacre foi levado à loucura. Aquelas eram exatamente as palavras que ele planejava falar.



— Odeio esse tipo de coisa — ele dissera a Kate. — É tão enfadonho.

— Discursos de pós-ceia nunca significam nada — respondeu Kate.

Por fim, quando Bellfield terminou de glorificar Mrs. Greenow, ele anunciou que gostaria de incluir seu amigo Mr. Cheesacre no brinde, especialmente porque dificilmente Mrs. Greenow se levantaria para agradecer a homenagem. Não havia camarada melhor do que o seu amigo Cheesacre, a quem conhecia havia vários anos — embora não confirmasse quantos. Ele estava certo de que todos teriam o mais sincero prazer em brindar pela saúde de Mr. Cheesacre e de Mrs. Greenow. Houve um tilintar de taças e murmúrios desejando saúde aos dois. Lentamente, Mr. Cheesacre ficou de pé.

— Eu fico muito grato por toda esta companhia — ele falou. — E grato ao meu amigo Bellfield, que é realmente um... Enfim, não tem importância. Tive o grande prazer de organizar este pequeno piquenique, e eu pretendia brindar à saúde de Mrs. Greenow. Sem dúvida teria sido uma homenagem melhor. Se considerarmos tudo, talvez houvesse sido melhor Bellfield esperar.

— Com uma homenagem dessas em minhas mãos, eu não tinha como esperar.

— Eu não o interrompi, capitão Bellfield, e talvez você possa me deixar continuar sem me interromper. Nós bebemos à saúde de Mrs. Greenow, e tenho certeza de que ela está muito agradecida. Eu também estou pela honra que me concederam. Eu tive alguns percalços para aprontar essa festa, mas espero que tenham gostado.

Acho que um de vocês mencionou alguma coisa sobre generosidade. Eu gostaria de esclarecer que não penso nisso dessa maneira. Alguém deve pagar por essas coisas, e sempre me disponho a fazer a minha parte. Eu ousou dizer que Bellfield nos presenteará com o próximo piquenique, e se ele marcar uma data antes do fim do mês, ficarei feliz em fazer parte da comitiva.

Ele, então, se sentou, sentindo um tipo de satisfação interna e convencido de que havia aplicado um golpe fatal em seu inimigo.

— Nada neste mundo me daria mais prazer — respondeu Bellfield. Depois disso, ele se virou novamente para Mrs. Greenow e prosseguiu em sua conversa particular.

Não houve mais falatório e nem tempo para outras cerimônias de pós-ceia. As três trompas, o címbalo, o triângulo e o tambor logo foram ouvidos sendo afinados atrás da mesa do banquete, e as damas se dirigiram até a dianteira do velho barco para se prepararem para a dança. Foi neste momento que a cuidadosa consideração de Mrs. Greenow, que mandara Jeannette com escovas, pentes, lenços limpos e outras quinquilharias, se tornou tão evidente. Dizem que a própria viúva trocou de chapéu — o que foi considerado injusto por algumas moças, uma vez que fora combinado que não deveria haver troca de roupas. Em tais ocasiões, as damas geralmente se mostram dispostas a renunciar a vantagem de trocar de roupas sob a condição de que todas renunciem a mesma vantagem, mas, quando este pacto é quebrado por qualquer dama especial, a traição é considerada grandiosa. Era como se um esgrimista removesse a proteção da ponta do seu florete. Mrs. Greenow, contudo, foi tão generosa e atenciosa ao dividir Jeannette com todas as moças, e se provou tão disposta a compartilhar os objetos de beleza que havia trazido, que o seu chapéu foi perdoado pela maioria das damas presentes.

Quando moças decidem dançar, elas dançam mesmo que as circunstâncias do momento se mostrem adversas ao exercício. Um campo arado em fevereiro não estaria molhado demais, e tampouco o canto de uma casa estaria desnivelado. Em bruta sinceridade, as areias do litoral não favorecem o exercício. Servia muito bem à Vênus fazer a promessa, mas enquanto a fazia, ela entendeu que Adonis não acreditaria em suas palavras. Se qualquer ninfa de pés leves tentasse, ela se descobriria deixando as pegadas mais palpáveis. As areias em questão eram, sem dúvidas, compactas, firmes e suficientemente úmidas para que a dança fosse confortável; mas elas se amarrotavam desconfortavelmente debaixo da pressão inusitada a que eram submetidas. Apesar disso, os nossos amigos dançaram sobre as areias, descobrindo, porém, que quadrilhas e Sir Roger de Coverley^[22] eram bem mais convenientes do que polkas e valsas.

— Não, meu amigo, não — Mrs. Greenow refutou Mr. Cheesacre

quando o cavalheiro tentou persuadi-la a se levantar. — Kate terá o maior prazer em se juntar ao senhor, mas quanto a mim, deve me perdoar.

Mas Mr. Cheesacre não estava disposto naquele momento a convidar Kate Vavasor para dançar. Ele havia sido dominado por uma ideia indefinida de que a moça o esnobara, e como a fortuna de Kate era, como notou, praticamente inexistente, ele não estava nem um pouco a fim de cortejá-la às custas do seu próprio sofrimento.

— Eu já não tenho muita certeza se vou querer dançar — ele comentou, sentando-se num canto da tenda ao lado de Mrs. Greenow. Naquele momento, o capitão Bellfield era visto guiando Kate Vavasor a um novo espaço nas areias, enquanto cerca de 20 dançarinos o seguiam. Mr. Cheesacre percebeu que finalmente poderia colher os frutos do seu trabalho. Ele estava a sós com a viúva. Sentindo o vinho lhe dar mais coragem, decidiu que nenhuma oportunidade melhor do que aquela; de lutar pelo seu objetivo, se apresentaria. Ele não era, de forma alguma, um homem pobre, e desprezava a pobreza dos outros. Para ele, não havia problema na existência dos pobres, contanto que servissem como satélites para aqueles que tinham dinheiro — como era o seu caso. Quanto ao dinheiro de Mrs. Greenow, não havia dúvidas. Ele conhecia todas as cifras. Ela havia espalhado — ou alguém havia espalhado por ela — um boato de que a fortuna dela era quase ilimitada; mas as 40 mil libras eram um fato, e qualquer outra fofoca inocente em nome de uma mulher favorecida por virtudes tão substanciais poderia ser perdoada. Além disso, ela era bonita. Quando parava para observar o charme maduro dela, Mr. Cheesacre às vezes sentia que poderia se apaixonar mesmo se as 40 mil libras não existissem.

— Por Deus, ela é um ser humano! — ele dissera certa vez para Bellfield antes de suspeitar da traição do amigo. A admiração pela dama deve ter sido sincera, uma vez que, naquela época, a história das 40 mil libras ainda não havia sido confirmada. Analisando a situação por todos os ângulos, Mr. Cheesacre concluiu que nada melhor surgiria em seu caminho. O seu cortejo seria leal, honesto e legítimo. Ele era um homem batalhador; imagine o que os dois poderiam fazer em Norfolk se unissem as suas fortunas.

— Oh, Mr. Cheesacre, o senhor deve se juntar a eles — ponderou Mrs. Greenow. — Metade da diversão deles será o senhor. Kate pensará que a está negligenciando.

— Eu não vou, Mrs. Greenow, a não ser que a senhora resolva me acompanhar em uma dança.

— Não, meu amigo, não. Eu não farei isso. Receio que o senhor tenha se esquecido do quão recente é o meu luto. Seu pedido é a acusação mais amarga contra mim por ter aceitado me juntar à sua

comitiva festiva.

— Minha nossa, não foi a minha intenção, Mrs. Greenow. Realmente não foi.

— Eu não acredito que tenha sido. De outro modo, não seria cavalheiresco.

— Essa é uma coisa que ninguém pode dizer de mim. Não há homem ou mulher em Norfolk que não me considere um cavalheiro.

— Tenho certeza disso.

— Eu tenho meus defeitos, sei disso.

— E quais são os seus defeitos, Mr. Cheesacre?

— Bom, talvez eu seja extravagante; mas apenas nessas ocasiões, sabe? Só quando gasto um pouco de dinheiro para alegrar os meus amigos. Quando eu estou só nas minhas terras – em casa –, eu não sou extravagante, pode acreditar.

— A extravagância é um grande vício.

— Oh, eu não sou extravagante nesse sentido – nem um pouco. Mas quando um homem está enamorado, e talvez à procura de uma esposa, ele gosta de ser um pouco liberal, sabe?

— E o senhor está à procura de uma esposa, Mr. Cheesacre?

— Se eu lhe dissesse, imagino que riria de mim.

— Não, é claro que não riria. Eu não faço piadas quando alguém que respeito fala comigo seriamente.

— É mesmo? Fico feliz em saber. Quando uma pessoa tem algo sério a dizer, ela não gosta de ser caçoada por isso.

— Além disso, como posso rir de casamentos, sabendo que fui tão feliz em matrimônio? Eu fui muito feliz — contou Mrs. Greenow, levando o lençinho aos olhos.

— Tão feliz que pensa em tentar novamente algum dia, não é mesmo?

— Nunca, Mr. Cheesacre. Nunca. É dessa maneira que o senhor fala de coisas sérias sem fazer piadas? Qualquer coisa parecida com o amor – esse tipo de amor – acabou-se para mim. Ele jaz enterrado sob a grama como o meu pobre e querido santo falecido.

— Mas, Mrs. Greenow... — enquanto se preparava para argumentar a questão, Cheesacre se aproximou da viúva, no canto atrás da mesa. — Mas, Mrs. Greenow, a preocupação matou o gato^[23], sabia?

— E às vezes penso que a preocupação vai me matar.

— Não, por Deus! Não se eu puder evitar.

— O senhor é muito gentil, Mr. Cheesacre; mas não há como evitar uma preocupação como a minha.

— Tem certeza? Escute-me, Mrs. Greenow, pois falo sério; muito sério. Se a senhora perguntar a qualquer um, descobrirá que não existe outro homem em Norfolk que paga as suas contas melhor do

que eu, ou que esteja mais apto a fazê-lo. Eu não pago um pence de aluguel, e me encontro sentado sobre 700 acres de algumas das melhores terras do condado. Não há um acre sequer sem um boi nele. Basta somar tudo isso e ver o resultado. Lembre-se, entretanto, que alguns desses camaradas fazendeiros que cuidam de suas próprias terras estão piores do que se tivessem aluguel para pagar. Eu não devo um pence a qualquer pessoa ou a qualquer companhia no mundo. Eu posso entrar em qualquer banco de Norwich como se estivesse em casa. Meu nome não consta em qualquer nota promissória, Mrs. Greenow. Eu sou Samuel Cheesacre de Oileymead, dono de tudo isso.

Enquanto falava sobre suas boas fortunas e firme posição no mundo, Mr. Cheesacre agiu no calor do momento, e desceu o punho com força contra a delicada mesa perante eles. O material inteiro chacoalhou e o barco ressoou, mas o estrondo que ele provocou pareceu auxiliá-lo.

— Eu sou dono de tudo isso, Mrs. Greenow, e metade será sua se a senhora aceitar.

Ele, então, estendeu a mão para ela, não na pretensão de agarrá-la em um abraço de amor, mas como se esperasse algum tipo de aperto sinalizando que ela havia aceitado a barganha.

— Se houvesse conhecido Greenow, Mr. Cheesacre...

— Não tenho dúvidas de que ele foi um homem muito bom.

— Se o houvesse conhecido, não falaria comigo dessa forma.

— Mas que diferença faria? Eu penso que a preocupação matou o gato, como já disse. Nunca entendi que bem faz ser infeliz. Se eu perceber que as beterrabas de ontem não estão brotando num pedaço de terra, então eu passo a semear nabos de hoje, em vez de chorar pelo leite derramado. Greenow era a beterraba de ontem, e eu serei o nabo de hoje. Vamos, basta dizer sim. Não há um aposento em minha casa – nenhum dos principais – que não seja mobiliado em mogno!

— Do que me importam as mobílias? — disse Mrs. Greenow, enxugando os olhos.

Neste momento, a mãe de Maria apareceu por debaixo da lona. Era uma situação deveras inoportuna. Mr. Cheesacre sentia que estava progredindo bem, e estava ciente de que superara com segurança os obstáculos que sua timidez, por natureza, atrapalhava. Ele sabia que havia conseguido isso sob influencio do vinho, e que não seria fácil encontrar novamente uma combinação de circunstâncias como essa, que lhe fora tão favorável. Mas agora, ele havia sido interrompido justamente quando esperava sucesso. Ele foi interrompido e ficou se sentindo como uma criatura culpada sob os olhares de uma dama estranha. Ele não tinha uma palavra a dizer, mas ao se afastar alguns centímetros do lado da viúva, praticamente confessou a sua culpa.

Mrs. Greenow não era de sentir vergonha e não temia olhares de

nenhum estranho.

— Mr. Cheesacre e eu estamos discutindo questões agrícolas — ela disse.

— Oh, agrícolas! — respondeu a mãe de Maria.

— Mr. Cheesacre acha que os nabos são melhores que as beterrabas de ontem — explicou Mrs. Greenow.

— Sim, é verdade — confirmou Cheesacre.

— Eu prefiro as beterrabas de ontem — declarou Mrs. Greenow.
— Acredito que nunca foi intenção da natureza dar colheitas tardias. O que acha, Mrs. Walker?

— Ouso dizer que Mr. Cheesacre entende do que está falando quando se encontra em casa — respondeu a dama.

— Sei o que um pedaço de terra pode fazer tão bem quanto qualquer homem em Norfolk — retrucou o cavaleiro.

— Isso pode ser verdade em Norfolk — Mrs. Greenow argumentou, levantando-se do assento. — Mas essa prática tem pouco valor nos outros condados onde sou mais bem conhecida.

— Eu vim apenas dizer que acho melhor nós embarcamos — disse Mrs. Walker. — A minha Ophelia é tão delicada.

Naquele momento, a delicada Ophelia podia ser vista sob a influência da música, movimentando os pés sobre a areia com o braço de Joe Fairstairs ao redor de sua cintura. A atitude se justificava pela melodia que era tocada, e não havia nenhum motivo pelo qual uma dança sobre as areias precisasse de qualquer tipo de encerramento especial a céu aberto, como seria necessário entre quatro paredes, mas, sob tais circunstâncias, o pedido de Mrs. Walker não escapava da razão.

Os erráticos passos daqueles que dançavam à distância chegaram ao fim, e os preparativos para a jornada da volta foram feitos. Outros tinham se distanciado ainda mais, além da delicada Ophelia e do ocioso Joe, e passou-se algum tempo até que todos os membros da comitiva pudessem ser reunidos. Os barcos tiveram de ser puxados e os barqueiros guardaram suas latas e cachimbos de tabaco.

— Espero que estejam sóbrios — comentou Mrs. Walker, com grande desânimo.

— Tão sóbrios quanto juízes — garantiu Bellfield, que estivera ocupado em procurar os restos das cestas de Mr. Cheesacre, enquanto o mencionado cavaleiro se preocupava mais em cuidar de seus assuntos na tenda.

— Porque sei que o que acontece quando estão sob influência do... licor — continuou Mrs. Walker. — Eles provavelmente nem conseguiriam nos levar para o mar, Mrs. Greenow.

— Oh, quem dera não levassem — completou Ophelia.

— Ophelia, você virá no barco comigo — disse a mãe, e ela

pareceu enfurecida quando deu a ordem. Era intenção de Mrs. Walker que o seu barco não levasse Joe Fairstairs, mas Joe e Ophelia eram espertos demais para ela. Quando os barcos zarparam, Mrs. Walker descobriu-se na embarcação presidida por Mr. Cheesacre, enquanto a pecadora Ophelia e o seu fracassado admirador jaziam sob uma proteção mais divertida do capitão Bellfield.

— A mamãe vai ficar tão furiosa — comentou Ophelia. — E a culpa é toda sua. Eu queria ter ido no outro barco. Contenha-se, Mr. Fairstairs.

Então, os dois se fizeram confortáveis em seus assentos para a satisfação — torçamos — de ambos.

Mr. Cheesacre havia tentado, em vão, arranjar que Mrs. Greenow retornasse com ele. Mas não somente o capitão Bellfield se opôs à mudança, como a própria Mrs. Greenow a recusou.

— É melhor voltarmos como viemos — ela respondeu, dando a mão ao capitão.

— Oh, certamente — falou o capitão Bellfield. — Por que deveria haver qualquer mudança? Cheesacre, meu velho, cuide de Mrs. Walker. Venha, minha querida.

Realmente quase pareceu que o capitão Bellfield estava se referindo a Mrs. Greenow como “sua querida” com grande intimidade, mas deve-se presumir que tal termo de ternura jovial poderia ser igualmente aplicado a todos no barco. Mrs. Greenow tomou o seu lugar em um confortável banco largo na popa, e Bellfield sentou-se ao lado dela, com a mão na cana do leme.

— Se o senhor pretende guiar, capitão Bellfield, imploro que tenha cuidado.

— Sempre! Ainda mais com a senhora a bordo! — disse o capitão. — Não sabe que prefiro perecer sob as ondas do que permitir que uma única gota de água a toque?

— Bom, é possível que pereçamos sob as ondas juntos.

— Juntos! Mas que palavra doce; perecermos juntos! Se soubesse que não há destino melhor do que esse, eu desejaria perecer em sua companhia.

— Mas eu não desejo nada dessa natureza, capitão Bellfield, portanto, seja cauteloso.

Ninguém pereceu naquela ocasião. O barco de Cheesacre alcançou o píer de Yarmouth primeiro, e seus tripulantes desembarcaram sem qualquer acidente. Pouco tempo depois, o grupo do capitão Bellfield alcançou o mesmo local no mesmo estado de preservação.

— Pronto — ele disse enquanto ajudava Mrs. Greenow a descer. — Eu a trouxe de volta sã e salva, ou pelo menos por enquanto.

— E, assim espero, continuará dessa forma.

— Que os céus proibam o contrário, Mrs. Greenow! Quaisquer que sejam os nossos destinos daqui para frente — o seu e o meu, quero dizer — confio que o seu esteja livre de todos os desastres. Oh, e ousa torcer para que, num dia futuro, o privilégio de protegê-la de todos os perigos seja meu!

— Posso me proteger sozinha muito bem, eu lhe garanto. Boa noite, capitão Bellfield. Não desviaremos o senhor e Mr. Cheesacre do caminho, vamos, Kate? Foi um dia muito agradável.

Elas caminhavam agora pela esplanada, e a residência de Mrs. Greenow ficava à direita, enquanto os alojamentos dos dois cavalheiros ficavam à esquerda. Cada um dos dois lutou com todas as forças pelo privilégio de acompanhar a viúva até a porta de casa, mas Mrs. Greenow era independente, e naquela ocasião recusou os oferecimentos de ambos.

— Mr. Joe Fairstairs passará em casa e garantirá que cheguemos bem — ela disse. — Boa noite, Mr. Cheesacre. O senhor não nos acompanhará.

O tom em sua voz induziu Mr. Cheesacre a obedecê-la, e alertou o capitão Bellfield à conclusão de que ele apenas prejudicaria os próprios esforços se tentasse fazer mais algum progresso na presente ocasião.

— Bom, Kate, o que achou do dia? — a tia perguntou quando se encontrou a sós com a sobrinha.

— Eu nunca penso muito em dias como este, tia. Correu tudo bem, mas receio que eu não tenha o temperamento apropriado para aproveitar a diversão. Eu invejei Ophelia Walker porque ela pôde alcançar plena alegria.

— Eu gosto de ver as meninas se divertirem — ponderou Mrs. Greenow. — Realmente gosto; e gosto de ver os meninos se divertirem também. Parece tão natural. Por que os jovens não deveriam flertar?

— Ou pessoas mais velhas, já que estamos falando nisso?

— Ou pessoa mais velhas... se não prejudicarem ninguém. Eis o problema, Kate: as pessoas se tornaram tão virtuosas, que são levadas a aceitar todo o tipo de recurso abominável para satisfazer seus divertimentos e ocupações. Se tivesse filhos e filhas, eu consideraria que um pouco de flerte funcionaria perfeitamente como uma válvula de segurança. Quando as pessoas envelhecem, há dificuldades. Elas querem flertar com as pessoas mais jovens, e as pessoas jovens não as querem. Se as pessoas velhas se contentassem em flertar juntas, eu não vejo por que elas deveriam desistir, até que sejam obrigadas a desistir de tudo e partir desta vida.

E esses foram os princípios de Mrs. Greenow sobre a arte de flertar.

CAPÍTULO 10

NETHERCOATS

Deixaremos Mrs. Greenow com a sua sobrinha e as irmãs Fairstairs em Yarmouth, e voltaremos aos palcos de Londres, além de visitarmos Mr. Grey na sua residência, em Cambridgeshire, no caminho. Acredito que seja consenso entre todos os outros condados que Cambridgeshire possui poucas belezas rurais em comparação a qualquer outro condado na Inglaterra. Ele é muito plano; não muito arborizado; os rios são praticamente diques; e em grande parte do condado, as fazendas e campos são divididos simplesmente por valas – não por sebes. Tais arranjos são, sem dúvidas, favoráveis a propósitos agrícolas, mas não contribuem para a beleza rural. A residência de Mr. Grey estava situada numa parte de Cambridgeshire em que as características listadas acima eram muito proeminentes. Ela ficava na Ilha de Ely, a alguns quilômetros de distância da cidade da catedral, ao lado de uma longa estrada reta, que percorria os campos por quilômetros sem um único arbusto para animá-la. O nome do lugar era Nethercoats; era aqui que ele morava na maior parte do ano, e era aqui que ele pretendia morar pelo resto da vida.

O pai dele possuía um banco prebendário em Ely na época em que bancos prebendários^[24] valiam mais do que valem hoje, e tendo, também, recebido um benefício eclesiástico na região, ele acumulou uma considerável fortuna. Com ela, ele comprou a propriedade em Nethercoats e construiu sobre ela a casa onde o seu filho agora morava. Ele havia se casado tarde na vida, e perdera a esposa logo após o nascimento da sua única criança. A casa havia sido construída em sua própria paróquia e a sua esposa morou lá por alguns meses, onde acabou falecendo. Entretanto, após esse evento, o velho clérigo voltou à sua residência no Cerco de Ely^[25], e aquele fora o lar da juventude de John Grey. Ele havia sido criado sob os olhos do pai e nunca estudou numa escola pública, e frequentou Cambridge. O rapaz foi laureado e então, na mesma época em que seu pai estava para morrer, recusou lidar com a sociedade. O pai o deixara com uma renda de mais ou menos 1.500 ao ano, e com isto, ele por lá ficou – perto dos amigos da faculdade e da velha catedral que amava –, na casa que seu pai construiu.

Embora Nethercoats não possuísse beleza em seu cenário, e as terras ao redor fossem tão desinteressantes quanto possível, ele tinha vários outros encantos. A casa, por si só, era uma excelência de residência para um cavalheiro do campo de pouco dote, construída tão bem quanto a combinação de gosto e habilidade permitiam. Duvido que houvesse aposentos mais bonitos do que a sala de estar, a biblioteca e a sala de jantar em Nethercoats. Todos esses aposentos ficavam no térreo, e todos se abriam para o jardim. A biblioteca, que

era o maior aposento dos três, era uma bela câmara, e tão recheada que a sua fama de uma das melhores coleções particulares daquela parte da Inglaterra era conhecida até na Universidade. Contudo, é possível que os jardins de Nethercoats constituíssem a sua maior glória. Eles eram espaçosos e extremamente bem-cuidados, e haviam sido projetados com uma sabedoria de jardinagem sem a qual nenhum jardim, por menor que fosse, poderia florescer. E assim era, por necessidade, o jardim de Nethercoats. Não havia árvores de floresta lá, e tampouco seria possível ter alguma; também era impossível haver um córrego ondulante com bancos verdes e íngremes, e rochas partidas em seu leito. Os arbustos de Nethercoats, porém, eram do tipo mais raro, e já se faziam presentes em seus lugares há tempo suficiente para alcançarem o período de sua beleza. Nada de que um jardim pudesse precisar havia sido poupado. As árvores de frutas eram perfeitas e as estufas eram tão boas e extensas que John Grey, em sua prudência, às vezes se sentia tentado a achar que possuía muitas delas.

Deve ser entendido que não havia terrenos, de acordo com o significado mais usado da palavra, que pertenciam à casa em Nethercoats. Entre o jardim e a estrada pública, existia um pomar que pertencia à residência, mas que era separada dela por arbustos e uma cerca viva. Em sua lateral, ficava a estrada particular para carruagens que subia até a morada.

O caminho levava até o pequeno jardim de flores frontal, dividindo-o igualmente; mas os gramados e basicamente tudo que formava a beleza do lugar jaziam nos fundos da casa, podendo ser vistos pelas janelas das três salas de estar. Ao descer a estrada pública, era possível encontrar um alojamento que servia de residência para um dos jardineiros. Havia outro campo de uns seis ou sete acres, precedido por um portão na esquina do pomar frontal, que percorria dois dos lados do jardim. Esta era Nethercoats, e a propriedade inteira cobria cerca de doze acres.

Não era um lugar de muitas diversões populares a um solteiro. Apesar disso, Mr. Grey se tornara uma constante naquela residência durante os sete anos que agora o separavam de sua formatura na universidade. O seu acesso fácil a Cambridge provavelmente havia muito mitigado o que em outra situação poderia ter sido o maior tédio da sua vida; e ele tinha – incentivado por suas primeiras amizades –, encontrado a maior parte do seu círculo de conhecidos no Cerco da Catedral de Ely. Entretanto, por mais prazeres que pudesse obter dessas duas fontes, ele tivera muitas horas solitárias na vida, e gradualmente aprendeu a sentir que ele, de todos os homens, desejava uma companheira em seu lar.

As visitas dele a Londres, geralmente, eram curtas e espaçadas; ocasionadas, provavelmente, por alguma necessidade da biblioteca, ou

de alguma rápida transação literária com o editor ou editora de algum periódico. Em uma destas visitas, conheceu Alice Vavasor e permaneceu na cidade – eu não vou dizer que ficou até Alice prometer compartilhar o lar em Cambridgeshire com ele, mas por tempo suficiente para decidir que faria o pedido a ela. Ele a pediu em casamento, e sabemos que o rapaz obteve êxito. Ele havia conseguido a promessa dela, e daquele momento em diante, toda a sua vida mudou. Até então, a pequena sala de fumar, os seus livros e as suas plantas em Nethercoats eram tudo para ele. Depois disso, Grey começou a se cercar de uma infinidade de pertences femininos, e a prometer a si mesmo uma infinidade de agrados femininos, chegando à conclusão de que deveria se sentir contente por ter passado tanto tempo de sua vida no isolamento tedioso que havia suportado. Por natureza, ele não era um homem impaciente, mas agora, havia se tornado um – ansioso pela consolidação da sua nova ideia do que era felicidade; ansioso por ter ao seu lado a mulher que certamente amava mais do que tudo no mundo, e que, talvez, foi a única que amou com o perfeito amor da igualdade. Embora estivesse impaciente – e totalmente ciente de sua impaciência – ele admitiu a si mesmo que Alice poderia não compartilhar do mesmo sentimento. Não havia nada que ele pudesse planejar no momento; ele não poderia ter qualquer prazer na vida sem que Alice estivesse ao seu lado para experimentá-lo. Contudo, no momento, não era possível. Ela tinha uma casa em Londres, seus amigos na cidade, e o pai dela.

Visto que a mudança para ela seria muito maior do que seria para ele, era natural que Alice precisasse de um tempo para se acostumar com a ideia. Ele não a havia pressionado, ou, pelo menos, não a havia pressionado com a pressão insistente a que as moças devem resistir com a oposição de uma contestação – se é que resistem. Na realidade, a impaciência dele começava a endurecer, e durante a viagem dela à Suíça, que já testemunhamos, ele resolveu que o casamento deveria acontecer no final do outono – até um casamento realizado no inverno seria melhor do que aquele postergado até o ano seguinte. Ainda não era o fim de agosto quando a comitiva voltou da viagem. Por acaso um atraso de dois meses não bastava para a sua noiva?

Alice havia escrito para ele da Suíça em algumas ocasiões, e as suas duas primeiras cartas haviam sido bastante charmosas. Elas mencionavam quase que exclusivamente a viagem, e haviam sido agradáveis de ler com algumas narrativas levemente detalhadas sobre a ociosidade de George Vavasor e sobre a obediência de Kate às vontades do irmão. Alice nunca escrevia muito sobre amor em suas cartas de amor, e Grey estava bastante satisfeito com o estilo dela, apesar da falta de paixão. Quanto a duvidar do amor dela, não era da natureza do homem fazer uma coisa dessas depois que a moça o havia

prometido a própria mão.

Ele não poderia sentir o mínimo de respeito por si mesmo ou por ela se deixasse espaço para tal dúvida em seu peito. Mr. Grey era um homem que jamais tomaria o amor de uma mulher como garantido até que ele se tornasse um fato; mas, após o fato ser comprovado – e esta era a sua opinião –, agora jamais poderia duvidar da veracidade do amor dela. As duas primeiras cartas da Suíça haviam sido muito agradáveis; mas depois delas, pareceu surgir uma melancolia que Alice inconscientemente ia transferindo para suas palavras; algo que ele não conseguiu deixar de sentir – também inconscientemente a princípio, mas depois, tão lucidamente que logo reconheceu a tristeza –, e passou a meditar a respeito dela. Nos três ou quatro últimos dias da jornada, enquanto eles estavam em Basle e a caminho de casa, ela não escreveu mais. Alice, porém, escreveu no dia em que chegou em casa após receber uma carta de Mr. Grey na qual ele comunicava o quanto ela o faria feliz se concordasse em não adiar o casamento deles para além do final de outubro. Ela encontrou esta carta em seu quarto ao retornar, respondendo-a imediatamente. Alice respondeu de tal modo, que Mr. Grey decidiu ir ao seu encontro em Londres sem demora. Eu detalharei a carta dela e, deste modo, poderei prosseguir com a minha história agilmente.

“Queen Anne Street, agosto de 186—

QUERIDO JOHN,

Chegamos ontem em casa esgotados, pois após deixarmos Paris, não fizemos paradas. Cruzamos Estrasburgo sem descanso, uma vez que dormimos apenas em Paris. Eu não gosto de Estrasburgo. Um campanário, afinal, não é o bastante e, fora isso, não aprovei o estilo da cidade. Senti-me desconfortável no hotel, para surpresa de ninguém – mas, depois, nos sentimos saturados com uma beleza de um tipo melhor.

Recebi a sua carta assim que cheguei ontem à noite, e achei melhor lê-la de uma vez. Eu adoraria adiar a resposta, falando coisas bonitas no ínterim, se não soubesse que isso seria pura covardia. Haja o que houver, eu não serei covarde, e, portanto, direi sem rodeios que não posso deixá-lo ter esperanças de que casaremos ainda este ano. É claro que me perguntará o motivo, pois tem o direito de fazê-lo, e eu serei obrigada a responder. Não sei se posso dar uma resposta que você não tenha o direito de contestar. Se assim for, eu só posso pedir perdão pelo insulto que farei a você.

O casamento é uma grande mudança na vida – muito maior para mim do que para você, que permanecerá em sua velha casa, mantendo sua carreira, mantendo-se mestre de si mesmo, sem que nada mude, exceto na parte em que terá uma companheira que provavelmente não será aquilo que você esperava. Eu, contudo, terei de mudar tudo. Será para mim como

se estivesse atravessando um tûmulo para um novo mundo. Eu não verei nada com o qual já estou acostumada, e deverei abandonar todas as filosofias de vida que, até então, havia adotado. É claro que eu deveria ter pensado nisso antes de aceitar o seu pedido; e pensei. Convenci-me de que, já que o amava verdadeiramente, deveria me arriscar à mudança; por você e por mim, na esperança de que eu pudesse somar à sua felicidade e de que pudesse garantir a minha. Querido John, não ache que isso me desespera, mas, de fato, você não deve me apressar. Eu preciso me ajustar às mudanças que precisarei fazer. E se por acaso eu acordar em uma certa manhã, após morarmos juntos por seis meses, e lhe disser que o silêncio da sua casa está me enlouquecendo?

Você não deve me questionar novamente até que o inverno tenha passado. Se, até lá, eu descobrir que estava errada, humildemente confessarei que o desrespeitei, e pedirei seu perdão. Admitirei isso espontaneamente. Se o atraso que estou propondo for tão contrário aos seus próprios planos de se casar, sob tais circunstâncias inesperadas, sei que se sentirá livre para me dizer e para encerrar nosso compromisso. Estou muito ciente de que não posso prendê-lo a um casamento que se realizará num período diferente daquele que você almeja. Acho que prometerei que vou obedecer a qualquer desejo que expresse sobre qualquer coisa – exceto àquele sobre o qual me incitou em sua última carta.

Kate viajará com Mrs. Greenow a Yarmouth, e só devo voltar a vê-la no ano que vem, provavelmente, uma vez que ela ficará em Westmoreland depois disso. George me trouxe em casa e contou que pretendia sair de Londres. Esteja ele na cidade, ou não, George não será mais visto neste período do ano. Papai se ofereceu para ir a Ramsgate por uma quinzena, mas pareceu tão infeliz quando fez a proposta, que eu não terei coração de fazê-lo ir adiante com a ideia. Lady Macleod deseja muito que eu vá a Cheltenham. Eu desejo muito não ir, meramente porque nunca concordo com ela em nada; mas vou acabar passando uma ou duas semanas lá. Para além disso, não tenho planos para antes do Natal que não sejam puramente domésticos. Há um projeto para que todos nós façamos a nossa ceia de Natal em Vavasor Hall – sem George, é claro -, mas estes planos são apenas ideias, e se depender da minha vontade, espero que continuem dessa forma.

Querido John, preciso saber que esta carta não o deixou infeliz.

Afetuosamente,

ALICE VAVASOR”.

Em Nethercoats, o correio era entregue na hora do café da manhã. Mr. Grey encontrava-se sentado com chá e ovos à sua frente enquanto lia a carta de Alice. Ele a leu duas vezes antes de pensar no que deveria fazer a respeito. A seguir, procurou as duas outras que

havia recebido da Suíça e as leu cuidadosamente. Depois disso, pegou o chapéu de abas largas, que estivera usando no jardim antes de ser chamado para tomar o café da manhã e, com as cartas em mãos, perambulou entre os arbustos e relvas.

Ele sabia – ele achava que sabia – que havia algo a mais na mente de Alice do que um mero desejo de adiar o casamento. Havia algo a mais na hesitação dela em dar o passo que prometera dar – se não imediatamente, após um breve intervalo; mas nunca lhe ocorreu, nem por um momento, que o noivado deles deveria ser rompido. Em primeiro lugar, ele a amava demais para se render à tal ideia sem sentir uma terrível tristeza. Ele era um homem constante, firme, um pouco reservado; indisposto a fazer novas amizades e, portanto, especialmente indisposto a perder as que já tinha. Sem dúvidas, se houvesse chegado à conclusão de que a felicidade de Alice demandava tal sacrifício, ele o teria feito – e o teria feito sem reclamar. O golpe não o teria derrubado, mas a ferida teria permanecido em seu coração, indelével; incapaz de ser curada, a não ser pela morte. Grey se renderia, mas nenhum homem jamais perceberia que ele havia sido ferido. Entretanto, jamais lhe ocorreu que tal ação sua beneficiaria Alice. Sem se tocar disso, pensou em si mesmo como o mais nobre dos dois, e nela como uma mulher ferida em busca de uma cura. Alguma fraqueza havia recaído sobre ela, e nova força deveria lhe ser transferida por outra pessoa. Ele não duvidava nem um pouco do amor dela, mas sabia que ela havia estado, nas últimas semanas, com duas pessoas cujas confabulações diárias poderiam enfraquecer o estado da mente dela. Ele pensou em desistir tanto quanto um homem pensa em amputar a perna após torcer os tendões. Ele decidiu ir à cidade vê-la, e não abandonar a esperança de que, quando o Natal chegasse, ela estaria sentada à sua mesa. Ao correio daquele dia, ele enviou uma curta nota para ela.

“Querida Alice”, ele escreveu. “Resolvi ir a Londres imediatamente. Estarei com você às oito horas da noite do dia depois de amanhã. Sempre seu, J.G”.

Não havia mais nada na carta além disso.

— E agora, devo tomar coragem de contar toda a verdade para ele — ela disse, ao recebê-la.

CAPÍTULO 11

JOHN GREY VAI A LONDRES

E qual era toda a verdade? Quando falou que deveria contar ao noivo toda a verdade, Alice Vavasor estava manifestando a si mesma a intenção de pôr um fim ao noivado com Mr. Grey. Ela admitia que aquilo que deveria dizer não era compatível com o amor e a fé perfeita que devia ao homem com quem havia noivado. E por que deveria ser assim? O seu amor não fora falso, e ela não diria nada diferente a ele; não foi o caso de o coração dela ter se desviado e se entregado ao seu primo selvagem. Embora ela se sentisse forçada a se separar de John Grey, George Vavasor jamais poderia ser seu marido. Isso ela garantiu a si mesma durante os dois dias de prazo que lhe foram concedidos. Não. A sua resolução ia mais além. Ela se declarou contra qualquer casamento que fosse, agora que tencionava acabar com o matrimônio que havia sido considerado certo por ela mesma e por seus amigos nos últimos meses.

As pessoas constantemente falam que casamento é uma coisa importante e deveria ser planejado com antecedência. Noivos costumam ser advertidos que há muitos casais que se casam rapidamente, e que depois se arrependem lentamente. Não tenho certeza, porém, se uma ponderação exagerada sobre casamentos é uma boa ideia; tampouco tenho certeza se o arrependimento lento não pragueja casamentos lentos tanto quanto pragueja os rápidos. Não há dúvidas de que alguns casais se arrependem, mas me sinto inclinado a acreditar que a maioria dos homens e das mulheres aceita aquilo que a vida lhes dá. Eles se casam como os pássaros se casam; pela força da natureza, construindo suas vidas ao lado do parceiro com um sentimento comum de certeza interna, talvez acompanhado por uma satisfação imperturbável, de que a Providência, se não tiver feito o melhor por eles, fez tanto quanto eles poderiam fazer por si mesmos. O que sei é que uma mulher pode garantir para si mesma, com sua prudência e gosto, um bom marido tanto quanto pode adicionar dois côvados à sua estatura; mas, em sua maioria, os maridos costumam ser decentes e bons em nosso país, assim como são as esposas, de modo que a coisa toda não requer tanta reflexão como algumas pessoas afirmam.

Que Alice Vavasor pensou muito sobre isso, eu tenho certeza. Ela pensou até que a sua cabeça se encheu de nuvens de dúvidas, que nem o brilho de sol em seu coração foi capaz de dissipar. Que uma moça realmente deveria amar o homem com quem pretende se casar, é um fato que pode ser admitido, mas o amor geralmente surge fácil. Apesar das dúvidas, Alice nunca duvidou de seu amor por Mr. Grey; tampouco duvidou do caráter, do temperamento e dos dotes dele. Ela, entretanto, continuou a pensar no assunto, até que sua mente foi

preenchida por uma ideia indefinida da importância de sua própria vida. O que uma mulher deveria fazer com a sua vida? Ela imaginou um bando de mulheres eruditas ao seu redor fazendo essa pergunta, mas ao que parecia, a resposta apropriada jamais havia ocorrido a elas. Apaixone-se, case-se com um homem, tenha dois filhos e viva feliz para sempre. Eu acredito que tal resposta tenha tanta sabedoria quanto qualquer outra que se possa dar – ou talvez mais. O conselho contido nela não pode, talvez, ser sempre seguido ao pé da letra; mas tampouco pode ser o conselho do outro tipo, dado pelo bando de mulheres eruditas que fazem a pergunta^[26].

A vida de uma mulher é importante para ela – bem como a de um homem é importante para ele – não só por causa do que deve ser feito com ela. A coisa mais importante que ela deve perseguir é a maneira como deve ser feito. É importante para um jovem, quando ele adentra a vida, se decidir se vai fazer chapéus ou sapatos; mas a principal decisão não é considerada nem na metade das vezes: se ele deve fazer sapatos bons ou não. Portanto, quanto à mulher – se ela reconhecer a necessidade da verdade e da honestidade para os propósitos da vida –, eu não sei se é realmente necessário fazer tantas perguntas a si mesma no tocante ao que fará com a sua vida.

Alice Vavasor sempre se fazia essa pergunta. Ela vinha sendo dominada gradualmente pela vaga ideia de que havia algo a mais a se fazer; algo melhor – algo além de se casar e ter dois filhos. Se pelo menos ela soubesse o que era. Ela havia se convencido, ou sido convencida pelos primos, a sentir uma ambição indefinida que a deixava inquieta, e que não fornecia nenhum combustível para sua mente. Quando pensou consigo que a vida em Cambridgeshire que Mr. Grey estava preparando para ela não seria nada emocionante, Alice não compreendeu o que o “emocionante” significava. Se alguém a acusasse de ter medo de se separar da sociedade londrina, ela teria dito que pouco havia se entrosado com ela, e que desgostava até mesmo desse pouco. Se tivesse chegado aos seus ouvidos que ela adorava os montes de lojas, ela teria desprezado a fofoca. Se fosse sugerido que o caos contínuo da cidade grande era necessário para a sua felicidade, ela teria declarado que ela e o pai haviam escolhido a residência na rua mais silenciosa de Londres, pois não suportavam o barulho. Ainda assim, ela disse a si mesma que temia ser levada para a quietude desoladora de Cambridgeshire.

Quando ela pensava em uma resposta para a questão “o que devo fazer com a minha vida?” – ou melhor, o que ela desejava fazer, se fosse solteira –, geralmente essa resposta possuía uma natureza política. Ela não era tão progressista a ponto de pensar que as mulheres deveriam ser advogadas ou médicas, ou de desejar ter o privilégio do sufrágio; mas ela, sem dúvida, ansiava por uma posição

política coadjuvante. Ela teria gostado, acho, de ser esposa de um líder da oposição do Partido Radical, numa época em que tais homens eram mandados para a prisão. Ela, então, guardaria as correspondências sediciosas dele, enquanto ele era mantido em cárcere na Torre. Ela levaria as respostas para ele escondidas em seu espartilho e faria longas jornadas pelas regiões nortistas sem qualquer dinheiro se a causa pedisse. Ela teria gostado de manter perto de si espíritos ardentes, de homens ou de mulheres, que conversariam sobre “a causa”, e teriam mantido viva em seu interior a chama de um fogo político. Na realidade, contudo, ela não tinha nenhuma causa. As visões políticas de seu pai eram bastante brandas. Lady Macleod era mortalmente conservadora. Kate Vavasor era uma aspirante ao Partido dos Radicais, uma vez que o seu irmão também seguia a mesma linha; mas, durante os anos de romance entre George e Alice, as preferências políticas de George Vavasor haviam se mostrado tão conservadoras quanto se poderia querer. Ele não se tornou um Radical até brigar com o avô. Agora, de fato, ele desenvolvera pontos de vista muito avançados – pontos de vista, estes, com os quais Alice imaginou que poderia simpatizar. Mas qual seria a utilidade de ser uma simpatizante em Cambridgeshire? John Grey não possuía, por assim dizer, nenhum lado político. Ele tinha pontos de vista decididos quanto ao tratamento que o Senado Romano recebeu de Augustus^[27], e até mesmo discutiu com Alice a conduta dos Girondinos na época do triunfo de Robespierre^[28]; mas, para Manchester e as suas necessidades, ele aparentemente não tinha a menor boa vontade. Mr. Grey declarou a Alice que não aceitaria um lugar na Câmara dos Comuns do Reino Unido nem que oferecessem de graça. Que tipo de entusiasmo político ela poderia satisfazer com um companheiro desses em Cambridgeshire?

Ela pensou muito sobre tudo isso, e foi, se me permitem dizer, extremamente prudente ao calcular as chances que eles teriam de ser felizes juntos. Pois Alice – que deve receber o crédito merecido – se mostrava mais ansiosa com o seu futuro do que ele. “Eu não me importo com o Senado Romano”, ela diria a si mesma. “Eu não ligo tanto para os Girondinos. Como conversarei com ele, dia após dia, noite após noite, quando ficaremos juntos e a sós?”

Certamente, a viagem que ela fizera com os primos à Suíça havia afetado a sua mente, de modo que as suas convicções agora estavam mais fortes do que nunca. Ela não havia voltado a se apaixonar pelo primo. Alice estava firme e certa de que nunca mais poderia amá-lo. Ele havia insultado o amor dela; e embora o tivesse perdoado e o recebido de volta em seu círculo de amigos queridos, ela nunca mais poderia sentir por ele aquela paixão que uma mulher sente quando percebe que está apaixonada. Para ela, o seu namoro com George

Vavador estava acabado. Mesmo assim, faíscas de romance voaram durante aqueles dias na Suíça, e ela temia que se arrependeria delas quando se encontrasse instalada em Nethercoats. Ela invejava Kate. A prima poderia, já que era irmã, se envolver com a carreira política de George, e conquistar a vida emocionante que Alice desejava para si. Alice não poderia mais amar o primo e se casar com ele; mas sentia que, se a decência permitisse, ela gostaria de ficar perto dele, como se fosse outra irmã; de gastar dinheiro, ajudando-o em sua carreira no Parlamento como Kate fazia; e de colocar a sua carreira e a si mesma no barco que ele estava comandando. Ela não amava o primo; mas continuava acreditando nele – com uma fé que ele certamente não merecia.

Conforme os dois dias iam passando, a mente dela foi ficando cada vez mais decidida. Ela iria dizer a Mr. Grey que não se considerava apta a se tornar a esposa dele – e imploraria que ele a perdoasse e a deixasse. Nunca ocorreu a ela que ele pudesse se recusar a deixá-la ir. Ela sentia bastante certeza de que ficaria livre tão logo falasse o que pretendia falar. Se ela conseguisse se expressar decididamente, estaria livre, e para alcançar tal decisão, ela se obrigaria a resistir com a maior das forças. Em certo momento, ela pensou em contar tudo ao pai e implorar que ele resolvesse o assunto com Mr. Grey; mas Alice sabia que seu pai não a entenderia e que se comportaria hostilmente, proferindo palavras duras e desconfortáveis, que provavelmente seriam evitadas se tudo se resolvesse antes que ele fosse informado. Ela, tampouco, escreveria para Kate, cujas cartas, naqueles dias, vinham recheadas de humor às custas de Mrs. Greenow. Ela diria a Kate assim que tudo fosse resolvido, mas não antes. Que Kate ficaria ao seu lado, ela não tinha dúvidas.

Então, os dois dias passaram e a hora em que John Grey surgiria chegou. Enquanto o ponteiro dos minutos do relógio da sala de estar completava a volta de uma hora, ela sentiu o seu coração bater com uma violência que não conseguia reprimir. O assunto agora parecia tomar proporções maiores do que antes. Ela começou a perceber que estava prestes a ser considerada culpada de uma grande imoralidade, agora que era tarde demais para mudar de ideia. Alice não conseguia se obrigar, no momento, a voltar atrás. Ela acreditava que jamais poderia se perdoar por tal fraqueza. Ainda assim, a moça sentiu que o seu propósito era perverso. Quando a batida na porta foi finalmente ouvida, ela tremeu e temeu não ser capaz de conversar com ele. Seria possível prorrogar o encontro? Não, eram os passos dele nas escadas, e segundos depois ele surgiu no aposento.

— Minha querida — ele disse, indo até ela. O seu sorriso era tão doce e carinhoso quanto sempre fora, e a sua voz possuía o tom masculino, amoroso e cordial costumeiro. Enquanto ele cruzava o

aposento, Alice chegou à conclusão de que ele era um homem de quem uma esposa sentiria muito orgulho. Era alto e muito bonito; seus cabelos eram castanhos, seus olhos eram de um azul brilhante e a sua boca era divina. Era a beleza da boca – uma beleza que abrangia uma firmeza inerente, que fez Alice temê-lo. Mr. Grey ainda usava roupas matutinas, mas ele era um homem que parecia andar sempre bem-vestido. — Minha querida — repetiu, avançando pelo aposento, e antes que ela descobrisse como evitá-lo, ele a tomou nos braços e a beijou.

Ele não mencionou a carta de imediato, mas guiou Alice até o sofá, sentando-se ao seu lado, e olhando-a com amor – não para examinar minuciosamente o que havia de estranho nela, mas para aproveitar totalmente seu privilégio de noivo. Não havia sinal de repreensão em seu semblante – ainda; e tampouco parecia achar que tinha qualquer razão para temer. Eles ficaram sentados daquele jeito, em silêncio, por alguns segundos. Durante esse momento, Alice tomou coragem para abrir a boca. A palpitação em seu coração já havia passado e ela estava determinada a falar.

— Embora eu esteja muito contente em vê-lo, sinto muito por minha carta ter lhe impelido ao incômodo desta jornada — ela disse, finalmente.

— Incômodo! — ele exclamou. — Não, você deveria saber que não é incômodo algum. Eu não tenho muitas coisas para fazer em Nethercoats, de modo que vir correndo para vê-la foi, de forma alguma foi uma jornada desagradável. Então, correu tudo bem em sua viagem à Suíça?

— Sim, correu tudo muito bem — a resposta de Alice foi dada em um tom de voz que claramente insinuava que ela não estava pensando nas palavras que dizia.

— E Kate a deixou recentemente?

— Sim, viajou com a tia para o litoral.

— Eu entendo. E quanto ao seu primo George?

— Eu nunca sei bem onde o George está. Talvez ele esteja na cidade, mas não o vi desde que retornei.

— Ah! É isso o que acontece entre amigos que moram em Londres. A não ser que as circunstâncias os reúnam, eles ficam, na realidade, mais separados do que se morassem no interior a 80 quilômetros de distância uns dos outros. E conseguiram terminar a viagem sem que ele perdesse as bagagens de vocês constantemente?

— Seria mais apropriado perguntar se nós não perdemos as bagagens dele. Mas, John, você veio a Londres tão subitamente para falar comigo sobre a carta que lhe envie, não é mesmo?

— Certamente, é. Certamente foi por isso que vim.

— Desde então, pensei muito no que escrevi; muito mesmo, e

percebi uma certeza crescente dentro de mim de que seria melhor se nós...

— Pare, Alice. Pare por um instante, meu amor. Não fale precipitadamente. Posso lhe contar a que conclusão cheguei após ler a sua carta?

— Sim, conte-me, se acha que é melhor fazê-lo.

— Talvez seja melhor. Eu concluí, meu amor, que alguma coisa foi dita ou feita – ou meramente pensada, talvez – durante sua jornada, que a deixou melancólica e encheu sua cabeça, momentaneamente, de arrependimentos insubstanciais e indefiníveis do passado, que todos nós estamos inclinados a sentir em certos momentos da vida. Há poucos de nós que não topam, repetidas vezes, com um pouco desse espírito irracional de tristeza que, se abusado, leva os homens à loucura e à autodestruição. Esta sensação me era muito familiar antes de conhecer você, mas desde que a esperança de a ter em minha casa surgiu, eu bani essa sensação completamente. Neste aspecto, acredito que fui mais forte do que você. Não fale sob influência desse espírito até que descubra se conseguirá, ou não, bani-lo também.

— Eu já tentei, e ele não será banido.

— Tente de novo, Alice. Este é um espírito maldito, e não pertence nem ao Paraíso e nem à Terra. Não diga as palavras que estava prestes a dizer a não ser que tenha lutado contra ele bravamente. Eu acredito que sei o que você iria dizer. Se me ama, essas palavras não devem ser ditas. Se não me ama...

— Se não o amo, então eu não amarei ninguém neste mundo.

— Eu acredito. Eu acredito, assim como acredito no meu próprio amor por você. Confio no seu amor implicitamente, Alice. Eu sei que me ama. Acho que posso ler a sua mente. Diga-me para retornar a Cambridgeshire e novamente pleitear o adiamento do nosso casamento. Eu não darei nenhum outro sentido ao que quer que diga!

Ela permaneceu sentada e em silêncio, sem tirar os olhos dele. De maneira alguma ela mudara de ideia, mas após ele ter falado aquelas palavras, Alice não soube como declarar a decisão que havia tomado. Havia alguma coisa no jeito dele que a deixou admirada – e outra que amoleceu o seu coração.

— Diga — ele pediu. — Diga que a verei amanhã de manhã; que o encontro será amoroso e tranquilo como sempre e que voltarei para casa à noite. Aceite o meu apelo, e eu não pedirei mais nada a você.

— Não, não posso fazer isso — ela disse. O tom em sua voz, enquanto ela falava, soou diferente de qualquer tom que ele já ouvira sair da boca dela.



— O demônio da melancolia é forte demais para você? — ele sorriu quando disse isso, e enquanto sorria, tomou a mão dela. Ela não tentou escapar, mas permaneceu sentada ao lado dele com estranha calma, olhando fixamente para o meio da sala. — Você não lutou contra ele. Você sabe, assim como eu, que este é um demônio maligno e cruel; um demônio que lhe tenta a cometer a pior crueldade deste mundo. Alice! Alice! Alice! Tente pensar nisso tudo como se fosse o problema de outra pessoa. Se fosse uma amiga sua, que conselho daria a ela?

— Eu proporia que ela dissesse ao homem que a amou – isto é, se ele fosse nobre, bom e distinto – que se descobriu incapaz de ser a esposa dele; então, eu proporia que ela pedisse perdão de joelhos humildemente — ao dizer isso, ela afundou-se no chão diante dele e olhou para o rosto de Mr. Grey com uma expressão de triste contrição, que quase fez as suas intenções firmes vacilarem.

Ele havia decidido ser firme – a não se deixar abalar por nada que ela dissesse, resolvendo tratar tudo o que saísse da boca de Alice como uma alucinação de uma imaginação adoentada; como a consequência de uma absoluta ânsia por vitalidade que apenas uma mudança em seu estilo de vida seria capaz de curar. Ela poderia pedir que ele fosse embora da maneira que quisesse. Ele sabia muito bem que essa era a

intenção dela. Mas Mr. Grey não permitiria que nenhuma palavra que viesse dela pudesse perturbar os planos de uma vida feliz em matrimônio. Ele a trataria como um marido amoroso trata a esposa que, em certo momento excepcional de padecimento melancólico, se declarou incapaz de permanecer por mais tempo em casa. Quanto a aceitar o que ela poderia dizer como uma rejeição, sua mente comparava a situação à ideia de arrancar as árvores de frutas do muro ao sul só porque o sol às vezes brilhava do norte. Ele não poderia tratar nem os interesses dele e nem os dela de maneira tão leviana.

— E se ele não concedesse tal perdão, Alice? Eu não concederei nenhum. Você é a minha esposa, só minha; é a minha querida, a minha escolhida. Você é tudo o que importa para mim neste mundo. É o meu tesouro e meu conforto; a minha felicidade terrena, e a minha esperança de que algo melhor jaz no horizonte. Acha que vou permitir que me deixe dessa maneira? Não, meu amor. Se você está doente, esperarei até que a sua doença se cure e, se me permitir, eu serei o seu enfermeiro.

— Eu não estou doente.

— Você não sofre de nenhuma doença determinada. Não treme de febre, e nem a sua cabeça a castiga com dores, mas, ainda assim, você pode estar doente. Pense no que se passou entre nós. Não acha que querer pôr um fim a tudo, sem qualquer justificativa, é um sinal de doença?

— Você não quer escutar a minha justificativa — ela permanecia ajoelhada aos pés dele, encarando o seu rosto.

— Eu a escutarei se me disser que ela é resultado de qualquer suposto defeito meu.

— Não, não, não!

— Então, eu não a escutarei. Cabe a mim descobrir seus defeitos, e quando descobrir qualquer um que exija reclamação, eu virei e a farei. Querida Alice, queria tanto que soubesse o quanto anseio por você.

Então, ele pôs a mão sobre os cabelos dela, como se pretendesse lhe fazer carinho. Mas isto ela não suportaria. Alice, portanto, levantou-se lentamente e ficou de pé com a mão sobre a mesa no meio da sala.

— Mr. Grey... — ela começou.

— Se você me chama assim, só posso imaginar que seja por causa da sua doença.

— Mr. Grey... — ela insistiu. — Eu só posso esperar que você aceite as minhas palavras.

— Oh, mas não vou. Certamente não aceitarei se forem adversas aos meus próprios interesses.

— Garanto que eu estou pensando em seus interesses, tanto

quanto estou pensando nos meus. Eu tenho certeza de que não o faria feliz sendo a sua esposa – total certeza; e graças a este sentimento, sinto que tenho razão, mesmo depois de tudo que passamos, em lhe pedir perdão e implorar que o nosso noivado seja encerrado.

— Não, Alice, não; isso nunca acontecerá com o meu consentimento. Não há palavras que expressem o quão feliz eu ficaria em me casar com você amanhã – amanhã, ou no próximo mês, ou no mês seguinte a esse; mas se assim não vai ser, então eu esperarei. Nada a não ser o seu casamento com outra pessoa me convenceria.

— Eu não posso convencê-lo dessa forma — ela disse, sorrindo.

— Então não me convencerá de nenhuma outra forma. Você não falou com o seu pai sobre isso ainda?

— Ainda não.

— Então, não fale, por enquanto. Você verá que é possível se arrepender das coisas que me disse.

— Não, não é possível.

— Dê a chance a mim e a você mesma. Não vai lhe fazer mal. Alice, eu não vou lhe pedir uma justificativa agora. Eu não vou lhe pedir justificativas e nem as ouvir, porque não acredito que elas terão efeitos duradouros em você. Ainda está pensando em ir a Cheltenham?

— Eu ainda não me decidi.

— Se eu fosse você, iria. Acho que uma mudança de ares lhe faria bem.

— Sim, você me trata como se eu fosse metade tola, metade insana; mas não sou nada disso. A mudança de que fala deveria estar em minha natureza, e na sua.

Ele balançou a cabeça, ainda sorrindo. Havia alguma coisa na segurança inabalável de seus modos que quase a deixou furiosa com ele. Parecia que havia tomado para si tanta superioridade, que se sentia capacitado a tratar qualquer decisão dela como se fosse petulância de uma criança. E embora suas palavras de amor e a sua ânsia pela união deles possuíssem força, ele conseguia controlar os seus sentimentos tão bem, que não mostrava nenhum sinal de pesar no tocante às palavras que ela proferira. Ela não duvidava do amor dele, mas acreditava que ele era tão mestre do seu amor – assim como era mestre de tudo mais –, que a sua separação dele não lhe causaria grande dor. Neste aspecto, ela havia falhado em entender o seu caráter. Se o tivesse conhecido melhor, teria entendido que um rompimento desses causaria uma marca que ele levaria para a tumba. Se cedesse à decisão dela, ele iria para casa e se isolaria com seus livros no dia seguinte; mas em dia algum após a rejeição, ele seria novamente capaz de caminhar entre suas flores com o coração leve. Era um homem forte e constante, talvez superconsciente de sua própria força, que era grandiosa. “Ele é perfeito!”, Alice pensava

consigo com constância. “Quem dera fosse menos perfeito!”

Ele não se demorou muito mais após a última palavra dela, que aqui registramos, ter sido dita.

— Talvez... — ele começou a falar, enquanto segurava a mão dela, prestes a partir. — Talvez seja melhor eu não vir amanhã.

— Não, não, é melhor não vir.

— Aconselho a não contar ao seu pai sobre isso, e sem dúvidas pensará na possibilidade antes de falar com ele, mas se acabar contando, peço que me informe se o fizer.

— E por quê?

— Porque neste caso, também deverei falar com ele. Deus a abençoe, Alice! Deus a abençoe, minha querida, querida Alice!

Então, ele se foi. Ela voltou a se sentar no sofá e não se moveu até ouvir os passos do pai subindo as escadas.

— Ora, Alice, ainda não foi se deitar?

— Ainda não, papai.

— Vejo que John Grey esteve aqui. Ele deixou o cajado dele na entrada. Eu reconheceria aquele cajado entre mil outros.

— Sim, ele esteve aqui.

— Há algum problema, Alice?

— Não, papai, não é nada.

— Ele não se comportou mal, não é?

— Nem um pouco. Ele nunca faz nada de errado. Ele pode desafiar qualquer homem ou mulher a encontrar um defeito nele.

— Então é isso, não é? O defeito é ele ser bom até demais. Bom, eu mesmo sempre tive essa opinião. Mas esse é um defeito benévolo.

— Não há defeitos, papai. Se houvesse algum, não seria da parte dele. Mas estou bocejando e me sentindo cansada. Vou me deitar.

— Ele virá amanhã?

— Não, ele retornará para Nethercoats bem cedo. Boa noite, papai.

Enquanto subia até o seu quarto, Mr. Vavasor teve certeza de que havia acontecido alguma coisa errada entre a filha e o noivo dela. “Eu não sei como ela vai conseguir aguentá-lo”, ele pensou consigo. “Ele é terrivelmente decidido. Nunca me esquecerei de como falou sobre Charles Kemble^[29], e do grande papel de bobó que o ator havia feito.”

Antes de se deitar, Alice se sentou para escrever uma carta para a prima Kate.

CAPÍTULO 12

MR. GEORGE VAVASOR EM CASA

Não seria justo dizer que George Vavasor era um homem inospitaleiro, uma vez que era seu costume ocasional entreter os amigos em Greenwich, Richmond e lugares do tipo. Algumas vezes, ele convidava um amigo para jantar no clube, mas nunca realizava cafés da manhã, jantares e ceias debaixo do próprio teto. Durante o curto período de sua carreira no mercado vínico, época em que ocupara belos aposentos perto do seu local de trabalho, em New Burlington Street, ele havia presidido alguns banquetes organizados pela companhia para clientes ou potenciais clientes. Vavasor, contudo, não gostava desta função, e logo a repassou a um dos outros sócios. Desde então, ele morou em alojamentos em Cecil Street – bem nos confins daquela remota área, perto do rio e longe da Strand.^[30] Aqui, ele morava em um quarto com dois aposentos no primeiro andar, e raramente seus amigos iam vê-lo – seus amigos raramente o visitavam, de toda forma. De vez em quando, um homem errante poderia passar uma hora com ele, mas, em tais ocasiões, a probabilidade era de uma visita relacionada – pouco ou muito – aos negócios. Nem os mais íntimos de seus aliados eram vistos ali comendo e bebendo. Os seus alojamentos eram o seu retiro particular, e eram tão particulares que poucos de seus amigos sabiam onde ele morava.

Se fosse possível, ele teria desejado que todos desconhecassem seu paradeiro. Eu não sei dizer se havia algum motivo especial para tal peculiaridade, ou se qualquer detalhe em seu modo de vida requeria tal sigilo, mas ele era um homem que sempre vivera como se os segredos de certos assuntos pudessem servir de trunfo no futuro. Ele tinha um jeito de se vestir quando saía à noite que impossibilitava que qualquer um o reconhecesse. As pessoas nos alojamentos nem sequer sabiam se ele tinha parentes, e os parentes mais próximos dificilmente sabiam que Vavasor morava em alojamentos. Mesmo Kate nunca visitara os aposentos em Cecil Street, endereçando todas as suas cartas para o local de trabalho dele, ou para o clube. Ele era um homem que não suportava que outras pessoas se metessem em seus assuntos. Se ele ficasse fora de vista por um mês, e seus amigos perguntassem onde estivera, ele sempre respondia falsamente – quando respondia. Há muitos homens cujas vidas não são segredo – todos sabem onde moram, aonde vão, quanto possuem, e no que gastam. Mas há outros homens de quem nada se sabe, e George Vavasor era um deles. Quanto a mim, sou adepto de uma boa tagarelice. A tagarelice pode até ser uma fraqueza, mas, na minha opinião, o mistério é um vício.

Vavasor também mantinha outro estabelecimento pequeno em Oxfordshire, mas os dois negócios não sabiam da existência do outro.

Havia um terceiro também, bastante escondido dos olhos do mundo, e que permanecerá sem descrição. Porém, do estabelecimento em Oxfordshire, ele às vezes comentava usando palavras humildes com os amigos. Quando ele se encontrava entre caçadores, mencionava dois pangarés que tinha em Roebury, afirmando que nunca vendera uma montaria apropriada para caça, e que provavelmente jamais o faria, mas que em Roebury havia dois animais medíocres caso alguém estivesse interessado em comprá-los – e os homens geralmente compravam os cavalos de Vavator. Quando ele os apresentava, os animais sempre se portavam bem e eram vendidos imediatamente. Embora mencionasse dois, e talvez não andasse com mais durante o verão, ele sempre parecia ter cavalos suficientes quando viajava ao interior. George Vavator nunca deixava de caçar mesmo com uma montaria fraca, e aqui, em Roebury, ele mantinha um fiel empregado; um cavaleiro ancião de olhos cinzentos e apertados que pareciam ser capazes de enxergar através da porta de um estábulo. Muitos eram os longos sussurros trocados entre George e Bat Smithers no umbral do estábulo, que ficava nos fundos do quintal anexado à casa de caça em Roebury. Bat considerava o seu mestre um homem completamente devotado aos cavalos, mas geralmente se perguntava por que ele não se fazia mais presente em Oxfordshire. De qualquer outra parte da vida do seu mestre, Bat de nada sabia. Bat poderia citar o endereço do clube de seu mestre em Londres, mas não saberia dar mais nenhum outro endereço.

Embora os alojamentos particulares de Vavator fossem bastante particulares, ele havia, mesmo assim, se dado ao trabalho de decorá-los. A mobília da sala de estar era muito organizada, e as prateleiras de livros estavam povoadas de volumes com lombadas de brilho dourado. O tinteiro, o peso de papel e a pasta de envelopes em sua escrivaninha eram todos bonitos. Ele tinha um único quadro pendurado em uma das paredes que exibia a face de uma moça. Ele tinha um local especial adaptado para seus revólveres, outro para seus floretes e mais um para os seus chicotes. O aposento berrava solteirice, e via-se, pela posição da única poltrona em vista, que ela dificilmente seria apropriada para o conforto de mais de uma pessoa. Nela, ele estava sentado, repousando após tomar o café da manhã, no final de uma manhã de domingo de setembro, quando todos estavam fora da cidade. Ele estava lendo uma carta que havia acabado de chegar, reenviada pelo clube. Embora a remetente fosse a sua irmã Kate, ela não fora privilegiada com o endereço de seus alojamentos particulares. Ele leu a carta muito rapidamente, voando pelo conteúdo, e depois a atirou de lado, como se não fosse importante, mantendo, porém, o envelope na mão. Apesar disso, a carta portava muita importância, e o fez meditar profundamente. “Se eu correr atrás

dela”, pensou, “será mais com o objetivo de derrotá-lo do que qualquer outra coisa.”

Os leitores dificilmente terão dificuldades para entender que o rival em questão era John Grey, e que o conteúdo da carta de Kate instigava seu irmão a reacender seu caso de amor com Alice. Vavasor, na realidade, estava inclinado a reacendê-lo, e já teria começado a fazê-lo se não estivesse duvidando do poder que tinha sobre a prima. De fato, devemos nos lembrar que ele já havia tentado reacender o romance em Basle. Ele dissera para Kate mais de uma vez que a fortuna de Alice era pequena, e que a beleza dela já se afastara do seu ápice. Ele, sem dúvida, teria repetido estas mesmas objeções à irmã, fingindo relutância. Não era seu costume revelar suas cartas para os jogadores em qualquer jogo que jogasse. Mas ele estava, na verdade, muito ansioso para reconquistar a mão de Alice. O quão rápido ele se casaria com ela depois disso, era outra questão.

Talvez não fosse a beleza de Alice que ele cobiçava, e tampouco apenas a fortuna dela. Ainda assim, achava-a muito bonita e estava bastante ciente de que o dinheiro dela lhe seria de grande utilidade. Mas acredito que ele foi sincero ao refletir sobre essas coisas e concluir que seu maior incentivo seria o prazer de sentir que havia roubado a esposa de Mr. Grey. Alice fora sua namorada certa vez; ela estivera ao seu lado e sussurrara juras de amor. Ele tinha o suficiente da fraqueza dos homens para se ressentir por ela estar amando outro. Quando ela se separou dele, ele admitiu que havia errado, e quando a parabenizou pelo noivado com Mr. Grey, ele lhe disse, num sussurro baixo e impressivo, o quão certa ela estava; mas, apesar de tudo, ele se sentia ferido pela ideia de que John Grey era, agora, o noivo dela. Quando conheceu Grey, falou bem dele para a irmã, afirmando que era um cavalheiro educado e um homem de muitos talentos. Apesar disso, Vavasor o odiara desde o primeiro momento em que o vira. Tal ódio, sob tais circunstâncias, poderia quase ser perdoado, mas George Vavasor, quando odiava, mostrava-se apto a emendar a sua raiva com agressão. Ele não poderia detestar um homem violentamente sem desejar machucá-lo. No presente momento, enquanto descansava em sua poltrona, ele concluiu que gostaria de se casar com sua prima Alice, mas tinha certeza de que adoraria de ser a razão do fim do casamento proposto entre Alice e John Grey.

Kate fora uma amiga muito falsa, pois havia enviado ao irmão a mesma carta que Alice lhe escrevera após o encontro em Queen Anne Street, narrado no capítulo anterior – ou, pelo menos, parte da carta, pois graças à descrição natural das mulheres, ela havia omitido a outra metade. Alice concluía que sua prima lhe seria simpática e escrevera com todo o coração sobre o assunto, como sempre fazia quando escrevia para Kate. *“Mas você deve entender”, ela escreveu, “que tudo o*

que eu disse a ele foi em vão. Eu estava decidida a fazê-lo entender que estava tudo terminado entre nós, mas falhei. Eu descobri que minhas palavras não tinham força, e que ele foi capaz de me reprovar como se eu fosse uma criança. Ele me falou que eu estava doente e cheia de fantasias, e me sugeriu uma mudança de ares. Enquanto John falava assim, não pude deixar de sentir que estava correto, mas também percebi que ele, em sua poderosa superioridade, jamais seria um marido adequado para uma criatura tão inferior quanto eu. Embora tenha falhado completamente em fazê-lo entender isso, cada momento que passamos juntos me deixou ainda mais firme quanto à minha decisão”.

Vavator leu e releu a carta de Alice para Kate, embora a mensagem da própria Kate para ele, que era mais longa, tivesse sido atirada de lado após a primeira leitura. Não havia mais nada que pudesse aprender com ela. Ele sabia tão bem como jogar o seu jogo quanto Kate; mas, neste caso, precisava aprender a jogar com os pensamentos da prima. “Ela nunca se casará com ele, de qualquer forma”, ele pensou, “e ela tem razão. Ele faria dela uma criada de luxo – muito respeitável, sem dúvida, mas, ainda assim, só uma criada de luxo. Agora, comigo... Bom, não sei muito bem o que ela seria comigo. Eu não consigo pensar em mim mesmo como um homem casado.” Então, ele atirou a carta dela, que foi parar onde estava a de Kate, e voltou a atenção para o seu jornal e o seu charuto.

Duas horas se passaram, e ele ainda se encontrava de roupão descansando sobre a poltrona, quando a aia dos alojamentos lhe trouxe a notícia de que um cavalheiro desejava vê-lo. Vavator não tinha outros empregados além do leal cavaleiro em Bicester. Era uma regra para ele que as pessoas eram mais bem servidas e menos gastavam se fossem servidas pelos criados dos outros. Mesmo nos estábulos de Bicester, o estalajadeiro precisava arranjar um auxiliar para ele e cobrá-lo na conta. Além disso, George Vavator não era um sibarita.^[31] Ele não considerava impraticável ter de vestir as próprias calças sem ter um homem aos seus pés para segurar a perna da roupa. Um criado sabe muito sobre os assuntos de seu mestre e, portanto, George não possuía criados.

— Um cavalheiro! — ele exclamou para a moça. — Por acaso esse cavalheiro se parece com um dono de uma taberna?

— Bom, eu acho que sim — respondeu a garota.

— Então, mande-o entrar — disse George.

O cavalheiro era, de fato, dono de uma taberna. Vavator sabia bem quem era seu visitante antes que a aia permitisse a sua entrada – era Mr. Grimes da taberna e cervejaria “Belo Homem”, em Brompton Road, e ele havia chegado, como combinado, para ter uma conversinha com Mr. Vavator sobre assuntos políticos. Mr. Grimes era um homem que sabia que negócios eram negócios, e, como tal, ele

tinha uma considerável reputação em sua vizinhança. Com ele, a política era um negócio, assim como eram as cervejas, cavalos e vinhos de marcas estrangeiras – na fabricação destes vinhos, acreditava-se que Mr. Grimes tivesse vasta experiência. Quando o assunto girava em torno de negócios, Mr. Vavasor não via problemas em revelar o segredo dos seus alojamentos a pessoas como ele, e agora, quando os ociosos do mundo londrino se encontravam na igreja, ou ainda na cama, Mr. Grimes havia aparecido como combinado para fazer negócios políticos com o candidato recém-rejeitado pelos Distritos de Chelsea.

Vavasor havia sido, como acabei de dizer, recentemente rejeitado, e o novo membro que o vencera na eleição agora encontrava-se contemplado com uma sessão^[32] no Parlamento. Sob o seu presente reinado, ele estava destinado à honra de mais uma sessão, e então, o período de sua glória existente – pela qual diziam que ele havia pagado quase seis mil libras – terminaria. Mas ele poderia ser reeleito – desta vez por um período completo de seis sessões; esperava-se que esta segunda eleição fosse conduzida por princípios mais econômicos. Mr. Grimes era contra esse ponto de vista econômico, e agora aguardava George Vavasor em Cecil Street, com o principal objetivo de se opor aos desejos do novo membro neste tema. Sem dúvida, Mr. Grimes era, pessoalmente, defensor do retorno de Mr. Vavasor, e faria de tudo ao seu alcance para evitar uma reeleição do jovem lorde Kilfenora, cujo pai, o marquês de Bunratty, distribuíra seis mil libras entre eleitores e não eleitores de Chelsea – seu principal argumento, porém, era que dinheiro deveria ser gasto. “*Num* é só *pra* mim”, ele falara a um confidente do mesmo ramo de negócios. “Eu nunca ganho muito com essas coisas. Às vezes, nada. Pode ser que alguns destes cavalheiros estejam inconvenientemente me devendo, mas é pelo jogo que anseio. Se o jogo morrer, ele nunca será ressuscitado – nunca. Se isso acontecer, quem cuidará das eleições? Qualquer um poderá se eleger se abandonarmos o jogo!” Então, para que o jogo não fosse abandonado, Mr. Grimes encontrava-se agora presente nos aposentos de Mr. George Vavasor.

— Bom, Mr. Grimes, como tem passado esta manhã? — cumprimentou George. — Sente-se, Mr. Grimes. Se todos os homens fossem pontuais como senhor, o mundo funcionaria como um relógio, não é mesmo?

— Negócios são negócios, Mr. Vavasor — respondeu o taberneiro, após dar o seu cumprimento e tomar seu assento com uma pequena mostra de falsa modéstia. — Esse é o meu lema. Se eu *num* me ater a ele, nada vai se ater a mim; não que haja muita coisa se atendo a mim ultimamente. Os tempos *tão* ruins, Mr. Vavasor.

— É claro que estão. Eles sempre foram ruins. Para que o diabo

foi criado, senão para fazer um inferno? Mas imaginei que os taberneiros seriam os últimos a reclamar.

— Deus o abençoe, Mr. Vavator. Ora, suponho que, de todos os homens que *tão* sofrendo, nós *tamos* sofrendo mais. Que bem faz vender cerveja, se quanto mais se vende, menos se lucra. Ontem foi um sábado como qualquer outro, e lucramos três libras, dez xelins e nove pence. Mr. Vavator, o que vai me sobrar se ainda tenho que pagar ao cervejeiro? Ora, quase nada. O senhor sabe disso muito bem.

— Eu juro que não sabia. Mas sei que o senhor não vende um copo de cerveja sem lucrar por ele.

— Deus o abençoe, Mr. Vavator. Se *num* fosse pelo negócio das cervejas, eu *num* teria um teto sobre a cabeça; não mesmo. Minha casa pertence ao pessoal de Meux, e eles são gente muito boa também; têm talento *pra* dinheiro, *né*, Mr. Vavator? Consigo a minha cerveja com eles, é claro. E por que não, já que a casa é deles? Mas se eu vender o produto como recebo, *num* lucro meio pence com um galão. Entendeu como são as coisas?

— Mas então, o senhor não vende o produto como o recebe; o senhor o estica.

— Isso é obvio. Eu *num* vou mentir *pro* senhor, Mr. Vavator. O senhor sabe como as coisas são, assim como eu – talvez até melhor, espero. Há uma dúzia de jeitos diferentes de se lidar com cerveja, Mr. Vavator. Mas que bem isso faz, quando os clientes pagam quatro ou cinco libras todos os dias pelas porcarias que o “Brasão Cadogan” vende? Eu não conseguiria *superar eles*, e talvez nem *igualar eles*, vendendo um copo honesto de cerveja autêntica. *Estique-a*, eu digo! Eu acredito que quanto mais veneno há na bebida, mais as pessoas gostam!

Mr. Grimes era um homem corpulento, não muito alto, com o rosto sarapintado de vermelho e grandes olhos esbugalhados. Sobre o caráter dele, Mr. Grimes poderia ser descrito como um tipo justo dos estalajadeiros ingleses; e assim ele foi descrito por muitos anos no passado. Contudo, quanto às roupas que usava, ele dificilmente seria favorecido com a mesma descrição. Ele vestia um casaco preto – no estilo cauda de andorinha, costurado, contudo, para ser folgado na região das costas –; um colete preto e calças de pantalone pretas. Ele ainda carregava nas mãos uma cartola preta. Tanto as botas altas e os calções que batiam nos joelhos, como também os largos coletes multicoloridos e os lenços de algodão ao redor do pescoço, haviam sido abolidos do costume dos estalajadeiros. Eles procuravam se vestir como pastores dissidentes ou agentes funerários, exceto que ainda se notava qualquer coisa sobre suas bochechas rosadas que revelavam histórias sobre torneiras de barris e saca-rolhas.

Mr. Grimes havia acabado de fazer seu relato sobre a vida difícil

de um taberneiro quando a campainha foi tocada novamente.

— Scruby chegou — falou George Vavasor. — Agora podemos ir aos negócios.

CAPÍTULO 13

MR. GRIMES RECEBE SUA PARTE

A aia dos alojamentos de George Vavasor anunciou “outro cavalheiro”, e então, Mr. Scruby adentrou o aposento onde estavam sentados George e Mr. Grimes, o taberneiro do “Belo Homem”, localizado em Brompton Road. Mr. Scruby era um advogado de Great Marlborough Street e, supostamente, especialista na arte das eleições metropolitanas. Scruby havia dado uma passada – como ele mesmo definia – com o objetivo de dizer algumas palavras a Mr. Grimes – em parte sobre as vindouras eleições de Chelsea, e em parte sobre as eleições anteriores. Tais palavras seriam ditas na presença de Mr. Vavasor, a parte interessada. Eu creio que seja muito provável que Mr. Scruby e Mr. Grimes tenham conversado anteriormente sobre este assunto pelas costas de Mr. Vavasor, mas, mesmo que isso tenha acontecido, não me sinto preparado para afirmar que Mr. Vavasor foi prejudicado pelas tratativas dos dois cavalheiros.

Ambos foram muito civilizados em seus cumprimentos – o advogado adotou um ar de arrogância, sempre chamando o outro de Grimes, enquanto Mr. Scruby era tratado com considerável respeito pelo taberneiro, sendo sempre chamado de Mr. Scruby.

— Negócios são negócios, *num* é, Mr. Scruby? — indagou o taberneiro quando os cumprimentos cessaram.

— E eu suponho que Grimes tenham achado que uma manhã de domingo seria um momento particularmente bom para tratar de negócios — disse o advogado, rindo.

— É quieto, sabe? — respondeu Grimes. — Mas *num* fui eu que escolheu a manhã de um domingo; foi Mr. Vavasor. Mas é quieto, *num* é, Mr. Scruby?

Mr. Scruby reconheceu que era, de fato, quieto, sobretudo do outro lado do rio, e então, eles prosseguiram com os negócios.

— Devemos ajudar o governador melhor da próxima vez — começou o advogado.

— É claro que devemos, Mr. Scruby, mas, Deus o abençoe, Mr. Vavasor, de quem foi a culpa? Que aviso me deram? Diga-me. Ora, o nome de Travers *tava* sendo sondado pelo Partido Liberal muito antes de o governador pensar na possibilidade.

— Ninguém o está culpando, Mr. Grimes — retrucou George.

— E ninguém poderia, Mr. Vavasor. Eu cumpri o meu papel direitinho, e *num* há outro homem por aí que teria feito metade do que fiz. Pode perguntar a Mr. Scruby. Se há um homem em Londres que sabe disso, é Mr. Scruby. Eu vou dizer o que houve, Mr. Vavasor: o pessoal de Chelsea que, em sua maioria vive perto do rio, *num* é como o povo de Marylebone e de Finsbury. É necessário um homem *pra colocar eles* nos trilhos, *num* é, Mr. Scruby?

— Na minha experiência, é necessário um homem para colocar qualquer um desses distritos nos trilhos — respondeu Scruby.

— É claro que sim, e ninguém em Londres sabe disso melhor do que o senhor, Mr. Scruby; isso eu admito. Mas o resumo da ópera é este: negócios são negócios, e dinheiro é dinheiro.

— Dinheiro é dinheiro, certamente — concordou Scruby. — Sobre isso não há dúvidas no mundo, Grimes — e você faturou uma bela soma nas últimas eleições.

— *Num* faturei, não. Com o seu perdão por ser tão direto, Mr. Scruby. O que ganhei *num* vale nem a pena comentar. Eu *num* fui pago pelo meu tempo; não mesmo. Os senhores sabem como o negócio de um taberneiro é prejudicado durante as eleições — e como fica depois delas! O que o governador diria se eu não tivesse um tostão no bolso *pra* pagar as contas?

— A maneira como o senhor paga as contas não faz muita diferença — disse Vavator. — O que me interessa é o total.

— Pode ser, Mr. Vavator, pode ser. O total é o que me interessa também; e eu sou obrigado a ficar esperando por um bom tempo até ganhar tudo. E até agora eu *num* ganhei tudo, *num* é, Mr. Vavator?

— Bom, se quer saber, eu diria que ganhou — respondeu George. — Eu sei que paguei a Mr. Scruby 300 libras em seu nome.

— E eu recebi cada xelim, Mr. Vavator. Eu *num* vou negar o dinheiro, Mr. Vavator, o senhor nunca me verá fazendo isso. Sou tão justo quanto o seu chapéu, e tão correto quanto a sua postura; sou mesmo. Mr. Scruby me conhece, *num* é, Mr. Scruby?

— Talvez eu o conheça bem até demais, Grimes.

— *Num* conhece não, Mr. Scruby; bem até demais não. Nem eu conheço o senhor bem até demais. Respeito o senhor, Mr. Scruby, porque o senhor é um homem que entende dos seus negócios, mas, como eu dizia, o que são 300 libras quando a conta de um homem dá 392 libras, 13 xelins e quatro pence?

— Eu achei que isto estava resolvido, Mr. Scruby — comentou Vavator.

— Veja, Mr. Vavator, esse tipo de coisa é complicado de se resolver. Se o senhor me perguntar se Mr. Grimes pode processá-lo por causa da diferença, eu respondo, francamente, que não pode. Faltou um pouco do dinheiro quando chegamos a um acordo, como geralmente é o caso em tempos como estes, então, passamos para Mr. Grimes uma fatura no valor de 300 libras.

— É claro que passaram, Mr. Scruby.

— E não foi parcelado, foi à vista.

— Ora, Mr. Scruby! — ao fazer esse protesto, o taberneiro olhou para o advogado com uma expressão e um trejeito de absoluta eloquência. “O senhor vai me jogar aos leões com uma desculpa

dessas?”, o olhar dizia claramente. “O senhor vai usar a minha própria assinatura contra mim, quando sabe muito bem que, se eu não tivesse aceitado, ficaria um ano sem receber um xelim sequer? Oh, Mr. Scruby!” Era isso o que o olhar de Mr. Grimes expressava, e tanto Mr. Scruby quanto Mr. Vavator o compreenderam perfeitamente.

— À vista — insistiu Mr. Scruby, com um leve tom de triunfo da voz, como se para mostrar que o protesto de Grimes não afetara nem um pouco a sua consciência. — Se você entrasse com um processo, Grimes, jamais poderia ganhar.

— Processar? Quem iria querer processar o governador? Isso eu gostaria de saber. Eu não. Nem se passasse cinco anos sem me pagar as 92 libras, 13 xelins e quatro pence.

— Cinco, quinze anos, não importa — disparou Scruby. — Você não ganharia.

— E nem planejo tentar. *Num* foi por isso que vim aqui, Mr. Vavator, nesta abençoada manhã de domingo. Processar? Nem pensar! Mas Mr. Scruby, eu tenho família.

— Não no vale de Taunton,^[33] espero — caçoou George.

— Eles moram no “Belo Homem”, em Brompton Road, Mr. Vavator, e eu sempre os vejo como prioridade. Se um homem *num* trabalha pela família, pelo que trabalhará?

— Ora, vamos, Grimes — irritou-se Mr. Scruby. — O que você quer? Desembuche e não nos prenda aqui o dia todo.

— O que eu quero, Mr. Scruby? Como se o senhor não soubesse muito bem o que eu quero. Lembrem-se da minha casa – de todos os cantos dos Distritos de Chelsea, ela é o mais conveniente de todos, pois é aberta a todos os tipos de propósitos eleitorais. Sobre isso não há dúvidas.

— E depois? — perguntou Scruby.

— Depois se lembrem de mim. *Num* há ninguém além de mim que pode amansar o pessoal de Chelsea que mora perto do rio. Mr. Scruby sabe disso. Ora, eu tenho trabalhado em cima desse pessoal desde... Ora, desde que começaram os burburinhos sobre os Distritos de Chelsea. Quando lorde Robert veio se promover no condado com suas estratégias religiosas, ele não teria conseguido conquistar aquele pessoal se *num* fosse por mim. Mr. Scruby sabe disso.

— Suponhamos que seja tudo verdade, Mr. Grimes — disse Vavator. — E depois?

— Bom... Tem o pessoal de Bunratty; eles estão na fila e sabem de que lado o pão amanteigado provavelmente vai cair; sabem mesmo. Eles até fizeram uma proposta pelo “Belo Homem”; fizeram mesmo.

— E você cederia a sua casa ao Partido Tory,^[34] Grimes! — exclamou Mr. Scruby, em um tom que misturava nojo e fúria.

— Quem foi que disse qualquer coisa sobre ceder a minha casa

pro Partido Tory, Mr. Scruby? Sou tão justo quanto o seu chapéu, e tão correto quanto a sua postura; sou mesmo. Mas suponha que todos os cavalheiros liberais que o empregam, Mr. Scruby, se virassem contra o senhor e não pagassem o que lhe devem. O senhor não abriria a mente para clientes de outra espécie? Ora, vamos, Mr. Scruby.



— Você não lucrará muito com esse jogo, Grimes.

— Talvez não; talvez não. Há um risco em todas essas coisas, *né*, Mr. Vavator? Eu gostaria de ver o senhor como um cavalheiro do Parlamento; gostaria mesmo. O senhor traria muita credibilidade *pros* distritos; realmente acho que traria.

— Fico muito agradecido pela sua boa opinião, Mr. Grimes — respondeu George.

— Quando vejo um cavalheiro se candidatar, sei logo se ele tem condições de se eleger ao Parlamento, ou não. Eu digo que o senhor tem, mas Deus o abençoe, Mr. Vavator, eis uma coisa pela qual um cavalheiro sempre tem de pagar.

— Isso é verdade; e geralmente é um gasto que não vale a pena.

— Uma coisa vale aquilo que gera. Eu valho aquilo que gero; esse é o resumo da ópera. Quero a minha diferença, essa é a verdade. É a diferença na conta de um homem que sempre gera lucro. Mr. Scruby sabe disso melhor do que ninguém — já que, *pra* um advogado, nada mais importa, exceto o lucro.

— Essa é a sua concepção — retrucou Scruby.

— Se não pagar aquilo que deve a um homem, o senhor partirá o coração dele — continuou o taberneiro. — E ele iria preferir ter o dinheiro na mão e o coração inteiro. Se não pagar, ele pode ser obrigado a usar todo o seu dinheiro, e se perder tudo no fim das contas, terá de vender seu negócio. Mas aquilo que lhe é devido... Isso é o que importa, Mr. Vavasor. É o fruto do suor de sua testa; do trabalho de sua mão, e esse dinheiro vai para a família dele e mantém o fogão cozinhando. Nunca separe o homem de sua parte, Mr. Vavasor; isto é, a não ser que haja mais do que ele merece.

— E quanto você quer agora? — perguntou Scruby.

— Quero as 92 libras, 13 xelins e quatro pence, Mr. Scruby. E então, poderemos colocar a mão na massa *pras* próximas eleições com os corações contentes. Se há um momento *pra* começar, a hora é agora; isso é fato, Mr. Vavasor.

— E o que você quer que entendamos é que não vai começar até ter o seu dinheiro — disse o advogado.

— Exatamente, Mr. Scruby.

— Aceite uma nota de 50 libras, Grimes — mandou o advogado.

— Eu não tenho notas de 50 libras — interveio George.

— Oh, ele ficará satisfeitiíssimo apenas com sua promessa, não é mesmo, Grimes?

— Com 50 libras não, Mr. Scruby. É a diferença que eu quero. Eu não ligo *pros* 13 xelins e quatro pence, porque não se deve fazer confusão por pouca coisa quando se negocia entre amigos, mas se eu não receber todas as 92 libras, serei um homem de coração partido; serei mesmo. Mr. Vavasor, sem isso, eu precisaria de mais de um ano *pra* fazer justiça ao senhor entre os eleitores; precisaria mesmo.

— É melhor fazer uma fatura de 90 libras parceladas em três meses, Mr. Vavasor. Certamente ele carrega um carimbo no bolso.

— Isso eu carrego, Mr. Scruby, sobre isso *num* há dúvidas. Um carimbo *pra* recibos é uma coisa que costuma se provar conveniente entre cavalheiros de negócios como Mr. Vavasor e o senhor. Mas o recibo deverá ser no valor de 92 libras; deverá mesmo. E se possível, parcele em dois meses, Mr. Vavasor. Os bancos inescrupulosos costumam cobrar dentro de 90 dias; costumam mesmo.

George Vavasor e Mr. Scruby conversaram entre si e, por fim, cederam quanto ao valor de 92 libras na fatura, mas se mantiveram impassíveis quanto ao parcelamento.

— Se assim deve ser, assim será — disse o taberneiro, com um profundo suspiro, enquanto dobrava o papel e o colocava no bolso de uma grande pasta que levava. — E agora, cavalheiros, direi o que vai acontecer: trabalharemos duro *pras* próximas eleições. Saberemos logo qual será nossa estratégia, e se *num* ganharmos, o meu nome *num* é Jacob Grimes, proprietário do “Belo Homem”. Os cavalheiros

provavelmente têm mais coisas a discutir entre si, então me atreverei a desejar um bom dia.

Com isso, Mr. Grimes pegou a cartola do chão e se retirou do aposento com uma despedida.

— O senhor não teria conseguido por menos; isso é fato — garantiu o advogado, assim que o som da porta sendo fechada foi escutado.

— Talvez não, mas que salafrário aquele homem é! Eu me lembro que o senhor avisou que o preço dele era a coisa mais absurda que já vira.

— Pois é, e se não precisássemos dele novamente, certamente não teríamos pagado. Mas teremos tudo de volta na próxima prestação de contas dele, Mr. Vavasor — cada xelim. Foi apenas um empréstimo; só isso, um empréstimo.

— Um homem que se preze não ousa ceder tanto dinheiro a outro se puder evitar.

— Isso é verdade. Se analisarmos por esse ângulo, é verdade. Mas entenda, não conseguiremos sem ele. Se ele não tivesse pegado o seu dinheiro, teria negociado com os outros camaradas antes que a semana terminasse, e o pior de tudo: ele saberia dos nossos planos. Avaliando no todo, até que saiu barato, Mr. Vavasor; isso é fato.

— Avaliar no todo não é algo que me agrada, Mr. Scruby. Mas se um homem deseja um terno, terá de pagar por ele.

— Se quer um desses assentos metropolitanos, não será barato, Mr. Vavasor; não mesmo — isto é, para um candidato novato. Quando o senhor for eleito quatro ou cinco vezes, como o velho Ducombe, terá homens como Grimes comendo na palma de sua mão. Mas os Distritos de Chelsea não são caros. Eu não diria que são caros. Agora, Marylebone é caro, assim como Southwark. São bairros são caros e nojentos. Se fosse um fofoqueiro, eu poderia contar uma história que deixaria seus cabelos de pé, Mr. Vavasor; isso é fato.

— Ah! Raramente o esforço vale a pena, eu penso.

— Isso depende do modo como o senhor enxerga. Uma cadeira no Parlamento é um grande impulso para um homem que quer subir na vida — um belo impulso — sobretudo quando se trata de um homem jovem, como o senhor, Mr. Vavasor.

— Jovem! — bradou George. — Às vezes sinto que vivi 100 anos. Mas não vou chateá-lo com desabafos, Mr. Scruby, acredito que não preciso alugar mais do seu tempo.

Com isso, ele se levantou, acompanhando o advogado até a porta, com um pouco mais de cerimônia do que demonstrara com o taberneiro.

— Jovem! — ele repetiu para si mesmo quando se viu sozinho. — O meu tio e o velho lorde Vavasor são mais jovens do que eu. Um só

se importa com o que vai comer no jantar, e o outro com seus bois e árvores. Com o que mais me importo, senão lutar para não me endividar?

Então, ele tirou seu caderno de anotações do bolso do peito e, após fazer um registro sobre a quantia e a data da fatura que havia acabado de passar em nome do taberneiro, ele estudou os detalhes das páginas.

— Muito deprimente; muito deprimente mesmo — ele pensou consigo, quando terminou de estudar o caderno. — Mas ninguém poderá dizer que não tive a coragem de jogar o jogo até o fim, e suponho que o velho morrerá algum dia. Se eu não fosse um tolo, faria as pazes antes que ele batesse as botas; mas sou um tolo, e isso serei até o fim.

Pouco tempo depois, ele se vestiu lentamente, parando para ler um pouco de vez em quando. Quando terminou de fazer suas necessidades e concluiu que o jornal de domingo já havia sido suficientemente lido, pegou o seu chapéu, seu guarda-chuva, e saiu para dar um passeio.

CAPÍTULO 14

ALICE VAVASOR EM MAUS LENÇÓIS

Kate Vavasor enviara ao irmão apenas a primeira metade da carta da prima – a metade em que Alice tentava descrever o que havia acontecido entre ela e Mr. Grey. Ao fazer isso, Kate se comportara como uma traidora vil – uma traidora da crença feminina de que tal deslealdade por parte de uma mulher seria sempre imperdoável aos olhos da outra. A traição, porém, teria sido ainda pior se ela houvesse mandado a metade final da mensagem, pois nela, Alice falava sobre o próprio George Vavasor. Mas até desta traição, Kate seria culpada, eu acho, se a natureza das palavras escritas por Alice servisse aos seus propósitos ao serem lidas por George. Mas as palavras não possuíam tal natureza. Elas definiam George como um homem com quem ela jamais seria capaz de restaurar a conexão íntima que uma vez existira, e imploravam que Kate cessasse as tentativas fúteis de levá-la nessa direção. *“Sinto-me obrigada a escrever tudo isto, ou do contrário – se eu apenas contar que resolvi me separar de Mr. Grey – você achará que aquele outro assunto dever ser continuado. Aquele outro assunto não pode ser continuado. Eu me consideraria uma amiga falsa se não contasse sobre Mr. Grey; e você será uma amiga falsa para mim se tirar vantagem da minha confiança e contá-la para o seu irmão.”* Esta parte da carta de Alice, Kate não remetera para George Vavasor.

— Mas o outro assunto deve ser continuado — Kate dissera, ao ler as palavras pela segunda vez, para depois guardar os papéis na mesa. — O assunto será continuado.

Para ser justo com Kate, suas intrigas não possuíam, de modo algum, um caráter egoísta. Ela era obstinada e persistente, e até mesmo inescrupulosa, mas não era egoísta. Há muitos anos, ela havia concluído que George e Alice deveriam ser marido e mulher, sentindo que tal casamento colocaria o irmão nos eixos. O matrimônio quase se realizou; então, por culpa de seu irmão, tudo acabou desmoronando. Mas ela o havia perdoado por este pecado, assim como perdoara tantos outros, e agora trabalhava pelos interesses de George mais uma vez, determinada a fazer com que os dois se casassem, mesmo que nenhum deles estivesse muito ansioso para que isso acontecesse. Para ela, a intriga era um preço alto, e o êxito nesta questão era necessário para manter a sua dignidade.

Ele respondeu à carta de Alice com uma epístola agradável e fofoqueira, e que aqui será registrada, uma vez que ela nos revelará mais um pouco sobre as desventuras de Mrs. Greenow em Yarmouth. Kate prometera ficar em Yarmouth por um mês, mas agora já haviam se passado seis semanas, e ela permanecia debaixo das asas da tia.

QUERIDA ALICE,

É claro que me sinto satisfeita. Não adianta dizer que não estou. Eu sei como é difícil lidar com você e, portanto, sento-me para responder à sua carta tremendo de medo, pois se eu falar demais, posso acabar incentivando-a a recuar, mas, se eu falar pouco, posso acabar encorajando-a a seguir adiante. É claro que me sinto feliz. Há muito tempo concluí que Mr. Grey não poderia fazê-la feliz, e já que cheguei a esta conclusão, como não poderia não ficar contente? Não adianta dizer que ele é bom, nobre e tudo mais. Isso eu nunca neguei. Mas ele não combina com você, e o estilo de vida dele a teria deixado miserável. Sendo assim, eu me regozijo, e já que você é a amiga mais querida que tenho, regozijo-me tremendamente.

Eu consigo compreender precisamente a maneira como a conversa se desenrolou. É claro que ele levou a melhor. Posso imaginá-lo claramente de pé com inabalável confiança, ignorando tudo o que você dizia, enquanto sugeria que você estava febril, ou talvez estressada. Posso vê-lo passando a mão em sua cabeça, como se isso pudesse lhe fazer algum bem, para depois partir com a certeza de que daria tudo certo assim que houvesse uma mudança de ares. Suponho que seja muito nobre da parte dele não a levar a sério e lhe dar, por assim dizer, mais uma chance; mas existe um tipo de nobreza que é quase grande demais para este mundo. Eu a tenho em grande estima, minha querida, no que concerne às mulheres, mas não o bastante para crer que você serve para ser a esposa de Mr. John Grey.

É claro que fico feliz. Você sabe o que penso desde o começo e, portanto, não há necessidade de ficar pisando em ovos. Nenhuma mulher deseja que a sua amiga mais querida se case com um homem que ela mesma considera um antipático. Você estaria tão longe de mim – se tivesse se tornado Mrs. Grey de Nethercoats, Cambridgeshire –, quanto se estivesse no Paraíso. Com isso, não quero dizer que Nethercoats é algum tipo de Paraíso – mas uma pessoa não deseja a uma amiga esse tipo de felicidade distante. Eu consigo imaginar um Éden tedioso, cercado por diques largos, onde creme e ovos são servidos em abundância; onde um Adão e uma Eva podem beber o mais seletos dos chás, na melhor das xícaras de porcelana, e comer perfeitas torradas amanteigadas, entra ano, sai ano; um lugar onde nenhum problema financeiro ou romance malicioso, jamais os achariam. Mas tal Éden não é tentador para mim, e nem, creio, para você. Consigo imaginá-la esticando o pescoço por cima do dique, morrendo de vontade de voar para longe da ociosidade, mas ciente de que o dragão matrimonial seria forte demais para permitir tal voo. Assim como um pássaro que esfaqueou as próprias asas contra barras de ouro, você teria esfaqueado as suas naquela gaiola.

Você disse que falhou em fazê-lo entender que a decisão estava tomada. Eu, é claro, não preciso dizer que ela está tomada, e que ele precisa entender isso. Você deve a ele o fim dessa dúvida. Mr. Grey é,

suponho, suscetível às palavras de uma mortal, por mais divino que seja. Mas eu não tenho temores quanto a isso, pois, afinal de contas, você tem tanta firmeza dentro de si quanto a maioria das pessoas – talvez, no fundo, tanto quanto ele tem –, embora não tenha muitas oportunidades de mostrar isso.

Quando ao outro assunto, posso apenas dizer que atenderei o seu pedido, até onde for possível obedecê-la. Sobre o que poderá sair da minha boca quanto estivermos juntas, isso eu não posso responder com certeza. A minha pena, entretanto, está sob um controle melhor, e não deverá contrariá-la.

E agora, devo lhe contar um pouco sobre mim mesma – ou melhor, sinto-me inclinada a abrir a porteira e contar muito. Que pretendente eu tenho! Mas já o descrevi antes. É claro que falo de Mr. Cheesacre. Se eu dissesse que até agora ele não se declarou, você teria uma boa ideia de como vai o meu êxito. Seja como for, ele não se declarou – e o que é pior: está muito ansioso para se casar com uma rival. Mas um forte ponto ao meu favor é que a minha rival deseja que Mr. Cheesacre me escolha, e acredita que ele certamente será levado a me pedir em casamento, cedo ou tarde, em obediência às suas ordens. A minha tia é a minha rival, e eu não tenho a menor dúvida de que ele já a cortejou meia dúzia de vezes. Entretanto, ela tem outro pretendente: o capitão Bellfield, e já notei que ela o prefere. Ele é um patife pobretão com cara de bêbado, e tinge os bigodes, o que me desagrada. Além disso, tem 40 anos, mas se comporta como se tivesse 25. Fora isso, é um sujeito razoável, e certamente aprovo o gosto de minha tia ao preferi-lo.

Mas o meu pretendente tem fortes atrativos, e sua ideia de sedução é descrever um gado gordo que enviou ao mercado. Ele é um homem de substância, e se algum dia eu me tornar Mrs. Cheesacre, tenho motivos para crer que nunca me faltará nada. Nós fomos visitar a casa dele dias atrás. Oileymead é o nome do meu futuro lar – não é tão bonito quanto Nethercoats, é? E como nos divertimos! Chegamos ao lugar às dez e fomos embora às dezesseis. Neste tempo, ele nos serviu três refeições. Estou certa de que tivemos diante de nossos olhos cada tipo de porcelana, cerâmica, taça e prato disponíveis na propriedade ao longo do dia. Ele nos levou até a adega e revelou quanto vinho e cerveja havia lá. “Já foi tudo pago, Mrs. Greenow, cada garrafa”, ele disse, virando-se para a minha tia com uma seriedade patética que eu dificilmente aprovaria. “Tudo nesta casa é meu; tudo já está pago. Eu não considero que um homem tenha qualquer posse até que pague por ela. O casaco com que Bellfield desfilava nas areias de Yarmouth, por exemplo, não era dele, e dificilmente será algum dia”. Então, ele piscou como se estivesse convidando a minha tia a pensar melhor antes de encorajar um pretendente como Bellfield. Ele nos levou a cada quarto e mostrou as glórias de cada câmara superior. Você teria achado graça se o visse levantar as colchas e convidar a minha tia a

sentir a textura dos lençóis! Depois, ela se virou para mim e disse: “Kate, essa é simplesmente a casa mais bem mobiliada em que já estive!” “Ela realmente parece ser bem confortável”, respondi. “Confortável!”, ele bradou. “Sim, eu não acho que há alguém que possa dizer que Oileymead não é confortável”. Eu pensei tanto em você e em Nethercoats. Os atrativos são os mesmos – só que em um lugar você teria um deus como guardião, e no outro um bruto. Quanto a mim, se meu destino for ter um guardião, prefiro que ele seja um homem. Quando chegamos ao curral, porém, a eloquência dele atingiu o ápice: “Mrs. Greenow, veja só isso!”, ele exclamou, apontando para um monte de esterco erguido como as ruas de uma cidadela. “Veja só isso!” “É muita coisa”, minha tia respondeu. “Eu acredito que tenho mais esterco neste lugar do que qualquer outro fazendeiro em Norfolk, seja ele um cavalheiro ou um homem simples; não importa”. Imagine só, Alice, tudo aquilo poderá ser meu: os lençóis, o vinho, o esterco e tudo mais –isso minha tia me assegurou, assim que chegamos em casa naquela tarde. Quando eu comentei que as riquezas dele haviam sido exibidas para ela e não para mim, ela não tentou negar, mas tratou o fato com pouca importância. “Ele quer uma esposa, minha querida”, ela falou. “E pode ser que você o fisque amanhã se estender a mão”. Quando notei que ele parecia estar mais interessado em coisas abjetas, sobretudo esterco, ela simplesmente riu de mim. “O dinheiro nunca é sujo”, ela explicou. “E nem aquilo que gera o dinheiro”. Ela tem pensado em passar o inverno num alojamento de Norwich. Tia Greenow disse que, em seu estado de viuvez, estaria tão bem lá quanto em qualquer outro lugar. Ela também me convidou para passar o Natal com ela. De fato, ela propôs o plano de Norwich, a princípio, na condição de que me fosse útil – no tocante a Mr. Cheesacre, é claro. Mas acredito que ela não esteja disposta a se afastar do capitão Bellfield. Seja como for, ela irá a Norwich, e eu prometi não a deixar antes da segunda semana de novembro. Apesar de todos os absurdos, eu gosto dela. Os defeitos dela são terríveis, mas tia Greenow não os esconde com falsidade. Ela nunca é estúpida e anda sempre bem-disposta. Ela teria permitido que me vestisse dos pés à cabeça com o dinheiro dela, se eu tivesse aceitado a generosidade. Além disso, ela se ofereceu para dar o meu enxoval, caso eu me case com Mr. Cheesacre.

Sigo na esperança de que você venha nos visitar na velha Vavasor Hall no Natal. Não vou insistir mais se puder evitar. De qualquer forma, ele não estará lá. E se eu não a vir lá, onde mais a verei? Se eu fosse você, certamente não iria para Cheltenham. Você nunca se sente feliz lá.

Você costuma sonhar com o rio em Basle? Eu, sim – tantas vezes.

Afetuosamente,

KATE VAVASOR”.



Alice quase se esquecera da sensação produzida pelo início da carta de Kate, antes de se deixar ser acometida por ela, graças ao humor da narrativa final. A imagem do Éden de Cambridgeshire a teria desagradado caso ela se prolongasse na fantasia, e a alusão ao creme e às torradas teria provocado um efeito oposto ao que Kate pretendia. Talvez Kate houvesse pressentido isso e, portanto, inseriu as suas desventuras sobre Mr. Cheesacre. “Eu irei a Cheltenham”, ela pensou consigo. “Ele recomendou a viagem. Eu nunca serei sua esposa, mas, até que tenhamos nos separado completamente, mostrarei que respeito os conselhos dele”. Naquela mesma tarde, ela contou ao pai que visitaria lady Macleod em Cheltenham antes do fim do mês. Alice fora, na realidade, impelida pela decisão – da qual dificilmente estava consciente – de que, a essa altura de sua vida, não se deixaria ser influenciada pela prima. Após ter se decidido sobre Mr. Grey, foi correto ela ter avisado à prima sobre seus propósitos – mas ela nunca seria levada a admitir a si mesma que Kate a induzira nesta resolução. Ela iria para Cheltenham. Lady Macleod, sem dúvidas, a importunaria com pedidos constantes de reconsideração ao rompimento; mas, se Alice se conhecia bem, ela teria forças para suportar lady Macleod.

Alice recebeu uma carta de Mr. Grey antes do dia de sua partida. Ela a respondeu revelando as suas intenções – revelando que agora se sentia na obrigação de contar ao pai sobre sua atual situação. “Como

você me solicitou, quando conversamos a respeito deste assunto, comunico-lhe que contarei tudo ao meu pai amanhã”, ela escreveu. “*No dia seguinte, partirei para Cheltenham. Recebi a resposta de lady Macleod e ela já está à minha espera*”. Na manhã seguinte, ela contou tudo ao pai, colocando-se ao seu lado, enquanto ele tomava o café da manhã.

— Como é?! — ele surpreendeu-se, pousando a xícara de chá e encarando o rosto da filha. — Como é?! Não se casará com John Grey?!

— Não, papai. Sei que o senhor deve achar estranho.

— E você disse que não houve brigas?

— Não, não houve nenhuma briga. Gradualmente, eu fui percebendo que não seria capaz de fazê-lo feliz como esposa.

— Isto é... Isto é um disparate — retrucou Mr. Vavasor. Tal expressão endereçada à filha mostrava o quão abalado ele havia ficado.

— Oh, papai, não fale assim comigo!

— Mas é verdade. Eu nunca ouvi tanta besteira na vida. Se ele vier falar comigo, direi isso. “Não seria capaz de fazê-lo feliz!” Por que você não o faria feliz?

— Nós não combinamos.

— Mas qual é o problema com ele? Ele é um cavalheiro.

— Sim, ele é um cavalheiro.

— E um homem de honra, com uma boa fortuna, além de ser educado e culto – qualidades que você diz gostar. Veja bem, Alice, eu não vou interferir, e tampouco tentarei obrigá-la a se casar com quem for. Você é sua própria senhora, até onde se sabe. Mas espero, pelo seu bem e pelo meu – eu espero que não haja nada entre você e o seu primo novamente.

— Não há nada, papai.

— Eu não gostei da ideia de você ter viajado com ele, embora tenha preferido não interromper os seus planos com uma discussão. Mas se alguma coisa do tipo estiver acontecendo, sinto-me obrigado a dizer que a reputação atual do seu primo não é boa. Os homens não estão falando bem dele.

— Não há nada entre nós, papai, mas se houvesse, os homens que falam mal dele não me deteriam.

— E os homens que falam bem de Mr. Grey não conseguirão o oposto. Sei muito bem como uma mulher é capaz de ser obstinada.

— Eu não tomei esta decisão sem antes pensar muito bem, papai.

— Suponho que não. Bom, eu não tenho mais nada a dizer. Você é a sua própria senhora e dona da sua própria fortuna. Não posso obrigá-la a se casar com John Grey. Acho que está sendo muito tola. Se ele vier falar comigo, direi isso. Você viajará a Cheltenham, não é?

— Sim, papai. Eu prometi à lady Macleod.

— Muito bem. Antes você do que eu, é tudo o que vou dizer.

Então, ele pegou o jornal, assim mostrando que nada mais tinha a dizer sobre a questão, e Alice o deixou em paz.

A coisa toda era tão vexatória que até Mr. Vavasor se sentiu espantado. Como o expediente em Chancery Lane ainda não havia começado, ele não tinha nada para assinar, e, portanto, não poderia enterrar a sua infelicidade na labuta diária – ou melhor, na labuta que, de maneira alguma, era diária. Então, ele permaneceu em casa até as quatro da tarde, expressando o seu choque em frases como: “todo homem vivo deveria evitar ter filhas”. Quando Mr. Vavasor chegou ao clube para jantar, os garçons sentiram que ele estava insuportável. Ele comeu sozinho, rejeitando todas as propostas de companhia. Mas mais tarde naquela noite, recuperou a compostura com uma taça de uísque quente e um charuto. “Ela tem seu próprio dinheiro”, pensou, “e o que importa? Não acredito que ela se casará com o primo. Eu não acho que seria tão tola assim. No fim das contas, ela provavelmente fará as pazes com John Grey”. Desta forma, ele decidiu deixar toda a sua chateação de lado, e concluiu que, como pai, não precisava se dar ao trabalho de interferir.

Enquanto Mr. Vavasor estava no clube, um visitante chegou a Queen Anne Street, e tal visitante era o perigoso primo cuja reputação, de acordo com o testemunho do tio, não era muito bem falada entre os homens. Alice não o via desde que haviam se separado após a chegada a Londres – e tampouco fora informada de seu paradeiro. Na confusão de seus pensamentos sobre o passo que estava dando – um passo que ela havia se obrigado a encarar essencialmente como um dever, mas que no momento em que fora dado pareceu falso e traiçoeiro –, ela percebeu que cometera um erro ao viajar com o primo. Ela se sentiu segura – ela achou que se sentia segura – de que a viagem não influenciara a sua decisão sobre Mr. Grey. Ela tinha bastante certeza – ela achou que tinha certeza – de que o teria rejeitado mesmo que nunca houvesse ido à Suíça. Mas qualquer um diria que a jornada à Suíça na companhia dos primos foi decisiva para tal resultado. Aquele fora um infortúnio e ela se arrependia, desejando, agora, cortar qualquer comunicação com o primo até a questão ser resolvida. Ela se sentia especialmente indisposta a vê-lo, mas não achou que seria necessário proibir suas visitas, e agora, antes que tivesse tempo de pensar sobre isso – às vésperas de sua partida para Cheltenham – George surgiu na sala onde ela estava no momento em que a escuridão cobria os céus noturnos de outubro. Alice estava sentada longe do fogo, quase atrás das cortinas das janelas, pensando em John Grey e se sentindo bastante infeliz em sua reflexão quando George Vavasor foi anunciado. Devemos, é claro, nos lembrar que Vavasor, a esta altura, já havia recebido a carta de sua irmã. Ele a

recebera e tivera tempo de pensar no assunto desde a manhã de domingo, quando o vimos em seus aposentos em Cecil Street. “Ela pode transformar tudo em capital amanhã mesmo, se quiser”, ele dissera a si mesmo, enquanto pensava na renda dela. Mas ele também havia se lembrado que o avô dela provavelmente lhe concederia parte da propriedade, caso ele se casasse com Alice. Depois, concluiu que não sentiria triunfo maior do que “pisar em John Grey” – expressão que usava. O seu retorno aos Distritos de Chelsea dificilmente lhe proporcionaria um prazer tão doce.

— Você deve ter achado que eu sumi pelo mundo — disse George, aproximando-se dela com uma mão estendida.

Alice estava confusa e mal soube como responder.

— Alguém me contou que você havia ido caçar — ela falou, após uma pausa.

— Sim, eu fui, mas a minha mira não é como aquela dos grandes Ninrodes^[35] – que são os caçadores deste mundo. Dois dias entre tetrazes e outros dois entre perdizes resumem o que foi a caçada. Capel Court é a reserva de caça na qual costume ser encontrado.

— Ah, entendo — respondeu Alice, que nada sabia sobre Capel Court.

— Teve notícias de Kate? — George perguntou.

— Sim, mandou uma ou duas cartas. Ainda está em Yarmouth com tia Greenow.

— Ela disse que vai para Norwich. Kate parece ter feito amizade com tia Greenow. Eu, que não finjo desinteresse quando o assunto é dinheiro, acho que ela está correta. Sem dúvidas tia Greenow se casará novamente, mas uma amizade com 40 mil libras é sempre uma conveniência.

— Eu não acredito que Kate olhe por esse lado — retrucou Alice.

— Não tanto quanto deveria, ousou dizer. A pobre Kate não é uma mulher rica, e temo que dificilmente será. Ela não parece sonhar com casamento, e a fortuna dela é de menos de 100 por ano.

— Moças que nunca sonham em se casar são justamente aquelas que conseguem os melhores casamentos no fim das contas — observou Alice.

— Talvez, mas eu queria que as coisas fossem mais fáceis para Kate. Ela é a melhor irmã que um homem poderia desejar.

— De fato, ela é.

— E ainda não fiz nada por ela. Eu pensei, enquanto estava envolvido com o mercado vínico, que seria capaz de fazer qualquer coisa por ela, mas a obstinação do meu avô me impediu, e agora, estou recomeçando para o mundo novamente – isto é, relativamente. Pergunto-me se acha que estou errado em tentar entrar no Parlamento.

— Não, ao contrário. Eu o admiro por isso. É exatamente o que faria em seu lugar. Você é um homem solteiro e tem todo o direito de correr esse risco.

— Alegria-me ouvi-la dizer isso — confessou. Agora, ele havia conseguido recuperar aquele tom amigável, confidencial e quase afetuoso que tantas vezes usara durante a viagem à Suíça, e que falhara em reproduzir assim que adentrou a sala.

— Foi o que sempre achei.

— Mas você nunca disse.

— Não disse? Eu achei que tinha dito.

— Não com tanto sentimento. Sei que as pessoas me desprezam – a minha própria família, o meu avô e, provavelmente, o seu pai. Eles dizem que sou irresponsável e tudo mais. Eu realmente arrisco tudo pelo meu objetivo, mas não acredito que alguém possa me culpar por isso, exceto Kate, a quem devo tudo.

— Kate não o culpa.

— Não, ela simpatiza com a minha luta – apenas ela, fora você – então, ele pausou à espera de uma resposta, mas ela não lhe deu nenhuma. — Ela tem muita coragem de ceder apoio sincero. Mas talvez, exatamente por essa razão, eu deveria ser mais cauteloso ao arriscar o único sustento que ela provavelmente terá na vida. O que são 90 libras por ano para a sobrevivência de uma dama solteira?

— Eu espero que Kate sempre more comigo — Alice comentou. — Isto é, assim que ela sair de Vavasor Hall.

George havia sido muito astucioso na tentativa de montar uma armadilha para ela. Ele havia armado a cilada e ela, de fato, caíra. Alice lutara para não se deixar ser induzida a falar sobre si mesma, mas ele a havia cercado com tanta engenhosidade, que as palavras saíram de sua boca antes que ela se lembrasse do que poderiam causar. Ela se lembrou enquanto falava, mas aí já era tarde demais.

— O quê? Em Nethercoats? — ele questionou. — Não duvidamos do seu amor, mas poucos homens aceitariam uma intrusa em seu lar assim, e de todos os homens, Mr. Grey, cuja natureza é ser reservado, seria o que menos gostaria da ideia.

— Eu não estava pensando em Nethercoats — explicou Alice.

— Ah, não. Mas esse é um problema, sabe? Kate sempre me diz que quando você se casar, ela ficará sozinha no mundo.

— Eu não acho que ela vai, algum dia, se ver separada de mim.

— Não. Não se depender de você. Pobre Kate! Não se surpreenda se ela pensar no seu casamento com repulsa. A maioria dos momentos da vida dela foi passada ao seu lado – e os melhores deles também! Você não deve ficar com raiva dela por falar de seu afastamento para Cambridgeshire com consternação.

Alice não poderia continuar a mentira que agora parecia flutuar

sobre a sua cabeça. Ela não poderia deixá-lo falar de Nethercoats como se aquele fosse o futuro lar dela. Ela tentou, mas descobriu que não conseguiria. Não foi capaz de encontrar palavras sinceras que, ao mesmo tempo, pudessem embromá-lo.

— Kate ainda poderá morar comigo — ela disse lentamente. — Está tudo acabado entre mim e Mr. Grey.

— Alice! Isso é verdade?

— Sim, George, é verdade. E se me permitir dizer, eu prefiro não falar sobre isso – não no presente momento.

— E Kate sabe disso?

— Sim, Kate sabe.

— E o meu tio?

— Sim, o papai também sabe.

— Alice, como posso evitar o assunto? Como posso me impedir de dizer que me sinto nas alturas por você ter se salvado da escravidão que eu, por tanto tempo, tive certeza de que partiria o seu coração?

— Por favor, não fale mais sobre isso.

— Bom, se fui proibido, é claro que obedecerei, mas admito que é difícil para mim. Como posso deixar de parabenizá-la?

A isto, ela nada respondeu, mas a batida de seu pé sobre o chão emanava impaciência pelas palavras dele.

— Sim, Alice, compreendo. Tem raiva de mim — ele continuou.

— Ainda assim, depois de me contar isso, você não tem direito de se surpreender por eu pensar em tudo o que se passou entre nós na Suíça. Certamente o primo que lhe acompanhara na ocasião tem direito a dar a sua opinião sobre o que acha desta mudança em sua vida. Seja como for, ele aprova completamente o que você está fazendo.

— Fico feliz por sua aprovação, George, mas vamos deixar por isso mesmo.

Depois disso, os dois permaneceram sentados e calados por um ou dois minutos. Ela esperava que George fosse embora, mas não tinha coragem de solicitar sua saída. Ela estava furiosa consigo por ter se permitido contar a ele sobre a mudança dos seus planos, e furiosa com ele, por George não entender que ela deveria ser poupada deste tema. Então, ela continuou observando as fileiras de lâmpadas pela janela enquanto elas eram acesas;^[36] ele conservou-se na cadeira, com o cotovelo na mesa, e a cabeça repousando sobre a mão.

— Lembra-se de me perguntar se eu sentia calafrios? — ele falou, por fim. — Se eu costumava pensar em coisas que me davam calafrios? Lembra-se? Foi na ponte em Basle.

— Sim, eu me lembro.

— Bom, Alice, uma causa dos meus calafrios acabou de esmorecer. Eu não direi mais do que isso por ora. Quanto tempo você

ficará em Cheltenham?

— Apenas um mês.

— Depois voltará para cá?

— Suponho que sim. Papai e eu provavelmente visitaremos Vavator Hall antes do Natal. O período exato eu não sei dizer.

— Seja como for, eu a verei novamente após o seu retorno de Cheltenham? Kate saberá e ela me contará.

— Sim, Kate saberá. Eu suponho que ela permanecerá por aqui quando retornar de Norfolk. Adeus.

— Adeus, Alice. Eu terei menos daqueles calafrios internos que você mencionou – muito menos, graças ao que acabei de ouvir. Deus a abençoe, Alice, adeus.

— Adeus, George.

Na saída, ele tomou a mão dela e a pressionou entre as suas. Na época em que eram namorados – ou melhor, noivos – um aperto longo e íntimo na mão dela fora a sua mais eloquente forma de declarar amor. Ele costumava tomar a mão dela e segurá-la mesmo ao virar o rosto, e ela se lembrou muito bem do toque de sua palma; era sempre refrescante – refrescante e com uma superfície tão suave quanto a de uma mulher – uma mão pequena, mas com um aperto firme. Houve dias em que ela amara a sensação de sua mão entre as dele – quando ainda havia confiança no gesto. Ela pensara naquele aperto como o báculo que a guiaria por toda a vida. Agora, não havia mais confiança, e quando as memórias daqueles dias povoaram sua mente e a lembrança do toque foi revivida, ela retirou a mão rapidamente. Se aquele fosse um homem honesto, ela não teria recuado. Ele, George Vavator, nunca mais segurou a mão dela desde que eles haviam se separado, e agora, na primeira ocasião de sua liberdade, ela a sentiu novamente. O que ele pensava dela? Por acaso acreditava que ela poderia transferir o seu amor como uma flor que é passada de uma floreira para a outra? Ele leu a reação dela e percebeu que estava indo rápido demais.

— Eu posso entender muito bem o que está sentindo agora — ele disse num sussurro. — Mas não acredito que você ficará com raiva de mim por eu ter sido incapaz de reprimir a minha alegria quanto aquilo que só posso definir como a sua libertação de um grande infortúnio.

Então, ele foi embora.

— Minha libertação! — ela exclamou, sentando-se na cadeira da qual George se levantara. — A minha libertação de um infortúnio! Não, está mais para a minha queda do Paraíso! Oh, que grande homem ele é! Ele teria me amado, mas eu o afastei de mim!

Seus pensamentos voavam da doçura do lar em Nethercoats até à excelência do mestre daquelas terras, que poderiam ter sido suas. Então, em uma agonia de desespero, ela disse a si mesma que havia

sido uma idiota e uma tola, bem como uma traidora. O que havia de tão crítico na vida para ela jogar fora a oportunidade mais feliz já oferecida a uma mulher? Por acaso ela não fora louca quando rejeitou o único homem que amara – o único homem que a respeitara verdadeiramente? Por horas, ela permaneceu sentada ali, completamente sozinha, apagando as velas que a criada havia acendido e deixando intocado o chá que lhe havia sido trazido.

Pobre Alice! Espero que ela possa ser perdoada. A culpa era especialmente dela. Quando se descobriu em Roma, desejou ir a Tivoli; e quando chegou a Tivoli, arrependeu-se de deixar Roma. Não que o primo George seja a representação das alegrias da grande capital italiana, embora Mr. Grey pudesse, sim, simbolizar uma considerável parte dos prazeres prometidos pela comuna de Tivoli. Agora, ela havia sacrificado a sua Tivoli, porque, ao que parecia, a calma e o ensolarado de seus pastos careciam da empolgação que ela considerava vital para uma vida feliz. Agora que estava preparada para novamente entrar em conflito com a insensibilidade de Roma, ela novamente já suspirava pela tranquilidade da comuna.

Sentada ali, repleta de arrependimentos, ela decidiu que esperaria o retorno do pai, e então, se submeteria ao amor e à misericórdia dele, e imploraria para que ele fosse até Mr. Grey pedir perdão em seu nome.

— Eu deverei me comportar com humildade — ela disse. — Papai é tão gentil que talvez eu possa me atrever a ser humilde perante ele.

Então, ela esperou pelo pai. Ela esperou até meia-noite, uma hora, duas horas... mas ele não retornou. Mais tarde do que aquilo, ela não ousava esperar. Alice tinha receios de discutir com ele um assunto daqueles tão tarde da noite – após tantos charutos e, talvez, taças supérfluas do néctar do clube. O temperamento dele naquele momento talvez não fosse apropriado para a conversa. Mas se ele estava demorando a voltar para casa, de quem era a culpa por ele sair sentindo tanta infelicidade? Entre as duas e três horas da manhã, ela foi se deitar. Na manhã seguinte, partiu de Queen Anne Street em direção à Estação Great Western antes do pai despertar.

CAPÍTULO 15

PARAMOUNT CRESCENT

Lady Macleod morava no nº 3, Paramount Crescent, em Cheltenham, onde ocupava um alojamento de primeiro andar com uma bela sala de estar, um quarto nos fundos com vista para o curral, e um pequeno aposento que teria servido como quarto de vestir, caso o falecido Sir Archibald ainda estivesse vivo, mas que, no presente momento, tinha a função de sala de jantar. Nele, lady Macleod jantava sempre que seu aposento maior era usado para receber visitas vespertinas. A proximidade do curral não era considerada um dos atrativos do lugar pela inquilina, mas tinha o efeito de baixar o aluguel, e lady Macleod era uma mulher que se importava com tais aspectos. A renda dela, apesar de pequena, seria suficiente para lhe permitir morar longe de tais desconfortos, mas ela era uma daquelas mulheres que encarava como um dever deixar algo para trás – ainda que a herança fosse deixada para quem não fazia a menor questão –, e lady Macleod não era uma mulher que negligenciava seus deveres. Então, tomou coragem, inalou o aroma dos estábulos e continuou a sua arenga com os cocheiros, para que pudesse deixar umas duas mil libras para a tal lady Midlothian – que provavelmente não ligava muito para ela, e que dificilmente agradeceria à memória de lady Macleod pelo dinheiro deixado.

Se Alice houvesse concordado em morar com ela, lady Macleod teria unido o dever de deixar uma herança ao dever de encontrar um lar para sua sobrinha postiça. Mas Alice havia se afastado e, portanto, o dinheiro seria deixado para lady Midlothian, e não para ela. As economias, contudo, cessavam sempre que Alice aceitava visitar Cheltenham: a ela, era assegurado um quarto sem vista para os estábulos. As acomodações de sua criada também eram bem melhores do que aquelas onde vivia a aia da própria lady Macleod. Ela era uma mulher boa e hospitaleira, que lutava com todas as forças para fazer o melhor que podia no mundo. Era uma pena que fosse tão chata; era uma pena que ela fosse tão dura com os cocheiros e afins; era uma pena que ela suspeitasse de todos os mercadores, criados e pessoas de classe social baixa; era uma pena que se sentisse disposta a condenar eternamente tantas pessoas de sua própria classe social, só porque jogavam cartas em dias de semana e faltavam à igreja aos domingos; era uma pena que ela fosse tão desconfiada dos pobres, mas tão conivente com os vícios dos duques, dos filhos dos duques, e de gente dessa laia.

Após meditar minuciosamente sobre a questão, Alice concluiu que seria mais prudente narrar à lady Macleod o que se sucedera com Mr. Grey através de uma carta. Ela resistiu bastante à ideia, mas resolveu que contar tudo cara a cara – o que ela seria obrigada a fazer

se não escrevesse – seria um destino pior. Neste caso, lady Macleod contrairia o rosto em uma expressão de seriedade e reprimenda que a moça preferiria evitar. Seja como for, a expressão de reprimenda seria uma realidade mesmo que a velha dama recebesse a notícia por carta; entretanto, a pior versão da revolta aconteceria imediatamente após a leitura dela. Consequentemente, parte da amargura já teria desaparecido antes da chegada de Alice. Eu acho que Alice tinha razão. Era melhor para ambas que qualquer grande pecado fosse confessado via carta.

Mas Alice tremeu quando o coche parou no nº 3, Paramount Crescent. Ela encontrou a tia, como de costume, logo atrás da porta da sala de estar, e percebeu que, se um mínimo de amargura havia deixado o rosto da tia, então a amargura original fora muito pior. Ela havia calculado a escrita da carta de modo que lady Macleod não tivesse tempo de respondê-la. A resposta, entretanto, estava escrita naquelas feições austeras que misturavam fúria e tristeza.

— Alice! — ela disse, enquanto tomava a sobrinha nos braços e a beijava. — Oh, Alice, mas que história é essa?

— Sim, tia, é muito ruim, eu sei — respondeu a pobre Alice, tentando trazer algum humor à situação. — Moças jovem são muito perversas quando não sabem o que querem. Mas se são sabem, e se são perversas, o que mais podem fazer, senão se arrepender?

— Arrepender-se! — exclamou lady Macleod. — Sim, eu espero que você se arrependa. Pobre Mr. Grey, o que ele deve estar pensando?

— Eu só posso torcer, tia, para que ele nada pense sobre isto por um bom tempo.

— Bobagem, querida, é claro que pensará, e é claro que você se casará com ele.

— Será mesmo, tia?

— É claro que sim. Ora, Alice, já não está tudo acertado entre as famílias? Lady Midlothian sabia muito bem de todos os detalhes, assim como eu. E você não deu a sua palavra a ele? Eu realmente não entendo o que quer dizer. Não vejo como é possível voltar atrás. Quando cavalheiros fazem esse tipo de coisa, eles são escorraçados da sociedade – mas, com as mulheres, penso que seja pior.

— Então, que me escorracem da sociedade se quiserem – nem sei se me consideravam parte dela.

— E a perversidade da coisa, Alice! Eu me sinto obrigada a falar.

— Tia, quando falar comigo sobre a sociedade e sobre lady Midlothian, eu darei o braço a torcer de bom grado – de muito bom grado, até, pois não ligo muito nem para uma e nem para a outra.

Neste momento, lady Macleod tentou dizer algo, mas não conseguiu. Então, Alice prosseguiu a fala, encarando corajosamente o

rosto da tia, que se contorcia cada vez mais em uma carranca de amargura.

— Mas quando falar sobre perversidade e sobre minha consciência, então eu deverei ser a minha própria juíza. Foram a minha consciência e o meu medo de cometer uma perversidade que me levaram a fazer isso.

— Você deveria aceitar os conselhos dos mais velhos, Alice.

— Não, os mais velhos nada podem me ensinar. Não é certo eu me mudar para a casa de um homem e me tornar sua esposa se não acredito que posso fazê-lo feliz.

— Então, por que aceitou o pedido dele?

— Porque eu me enganei. Não vou me defender disso. Se quiser me reprimir, vá em frente, tia. Ficarei calada. Mas quanto a me casar ou não me casar com ele – quanto a isso, eu mesma devo me julgar.

— É uma pena você não ter sabido o que queria antes.

— É uma pena – uma grande pena. Causei um estrago a mim mesma que é praticamente irreparável – sei disso, e estou preparada para suportar o fardo. Eu também cometi uma injustiça contra ele da qual me arrependo de todo o coração. Eu só posso aliviar minha culpa dizendo que, se houvesse ido adiante, a injustiça teria sido ainda pior.

Tudo isso foi dito assim que ela chegou, e a recepção não pareceu uma promessa de muitas alegrias para o mês que viria; mas talvez fosse melhor para ambas que os ataques e defesas tivessem ocorrido subitamente, logo no primeiro encontro. É melhor ligar o chuveiro de uma vez quando se está no banheiro, em vez de ficar tremendo e pensando no choque que só poderá ser adiado por alguns minutos. Lady Macleod, neste caso, ligou o chuveiro e, assim, colheu os frutos de sua celeridade.

— Bom, minha querida... — começou a senhora. — Suponho que queira subir e tirar o chapéu. Mary servirá um pouco de chá assim que você descer.

Então, Alice escapou, e quando retornou para o conforto de uma xícara de chá na sala de estar, a fúria da tempestade havia passado. Ela conversou sobre outras coisas até a hora do jantar, e embora lady Macleod tenha feito uma alusão ao “pobre Mr. Grey” ao longo da noite, o assunto foi posto de lado. Alice foi muito gentil com as queixas da tia, e mais do que ordinariamente atenciosa com a longa lista dos pecados de Cheltenham que lhe foram enumerados. Ela também evitou confrontar quaisquer pontos de vista religiosos da tia. Mais tarde, elas conversaram sobre tia Greenow, cujo nome causava uma aversão especial em lady Macleod – assim como faziam todos os Vavasors do lado da família de Alice; e então, Alice se ofereceu para ler. Ela leu para a tia muitas páginas de um daqueles terríveis livros rancorosos que, de tempos em tempos, surgiam para pregar que não

havia esperança para a humanidade. Lady Macleod amava que lhe dissessem isso. Como a pobre mulher não conseguia mais ler à noite sozinha, ela aproveitou a oferta.

Lady Macleod, sem dúvidas, gostou da estada da sobrinha em Cheltenham, mas não acredito que ela tenha sido agradável para Alice. No segundo dia, nada foi dito sobre Mr. Grey, e Alice torceu para que, com as contínuas leituras do livro rancoroso, o coração da tia amolecesse em sua consideração. Ao que parecia, entretanto, lady Macleod havia apenas estipulado períodos de folga, pois no terceiro e no quinto dia, ela voltou a atacar.

— John Grey ainda deseja se casar? — ela perguntou, categoricamente.

Alice tentou, em vão, colocar a questão de lado e implorou que o assunto não fosse discutido. Lady Macleod insistiu em seu direito de prosseguir com as perguntas, e Alice foi obrigada a reconhecer que acreditava que ele ainda desejava se casar. Ela dificilmente poderia dizer o contrário, uma vez que, naquele momento, havia uma carta dele em seu bolso. Nela, Grey ainda falava sobre o noivado como sendo um comprometimento para ele, e expressava a esperança de que a mudança de Londres para Cheltenham pudesse convencê-la a mudar de ideia e a consertar tudo. Ele, de certa forma, passara a mão na cabeça dela, como Kate previra. A esta carta, Alice decidiu não responder. Ele provavelmente escreveria de novo, e ela imploraria que ele parasse. Ao invés de Cheltenham convencê-la a mudar de ideia, Cheltenham a deixara mais convicta do que nunca sobre a sua decisão. Sinto-me inclinado a pensar que a melhor maneira de tê-la convencido naquele momento, seria uma sequência de visitas do primo George, e uma série de cartas da prima Kate. As injuções de lady Macleod certamente não a convenceriam.

Dez horríveis dias depois – devotados a debates matrimoniais pela manhã, à leitura do livro rancoroso à noite, e aliviados por duas festas de chá, nas quais os pecados de Cheltenham foram amplamente discutidos –, lady Macleod recebeu uma carta de Mr. Grey. Mr. Grey enviava os seus mais sinceros cumprimentos a lady Macleod. Ele acreditava que lady Macleod estava ciente da situação atual de seu noivado, e queria saber se poderia visitar Miss Vavasor na casa de lady Macleod, em Cheltenham, aproveitando para ter o prazer de conhecer a velha dama. Alice estava na sala quando a tia recebeu esta carta, mas lady Macleod não falou nada, e a moça não foi informada sobre o remetente da mensagem. Quando a tia saiu de fininho com a carta após o café da manhã, Alice de nada suspeitou, e ela jamais imaginaria que lady Macleod, na privacidade de seu quarto com vista para o curral, endereçava uma carta a Nethercoats. A mensagem foi enviada, informando a Mr. Grey que ele seria recebido em Paramount

Crescent com muito gosto.

Mr. Grey até mesmo indicara o dia em que chegaria, e na manhã daquele dia, lady Macleod presidiu as duas xícaras de chá em um estado de euforia bastante óbvio a Alice. Mais de uma vez, a moça questionou a atitude, não imaginando que tinha qualquer relação especial com a ansiedade da tia, mas observando-a tão claramente que era quase impossível não tocar no assunto.

— Não é nada de mais, minha querida. Nada mesmo — lady Macleod finalmente disse; mas enquanto falava, chegou à conclusão de que aquele não era o momento ideal de revelar a visita pretendida de Mr. Grey a Alice. Quando Alice a questionou na mesa do café da manhã, ela não respondeu. Lady Macleod esperou até que as xícaras fossem recolhidas, e que a lareira fosse alimentada pela aia. Então, começou. Ela sacou a carta de Mr. Grey do bolso e se preparou para falar, colocando-a sobre a mesinha diante dela.

— Alice, eu espero um visitante hoje — ela contou.

Alice soube instantaneamente quem era o visitante esperado. Provavelmente, qualquer garota sob tais circunstâncias teria adivinhado também.

— Um visitante, tia... — ela respondeu, conseguindo esconder admiravelmente a sua percepção.

— Sim, Alice, um visitante. Eu deveria ter contado antes, mas pensei que... Pensei que seria melhor esperar. Trata-se de... Mr. Grey.

— Deveria ter me contado mesmo, tia! Ele vem para ver a senhora?

— Bom... o maior desejo dele, sem dúvidas, é ver você; mas ele expressou a vontade de me conhecer, o que não posso considerar, sob tais circunstâncias, uma coisa estranha. É claro que deve estar querendo discutir a questão com as suas amigas, Alice.

— Gostaria de tê-las poupado disso — lamentou Alice. — Gostaria de ter podido.

— Eu trouxe a carta dele, e você pode lê-la se quiser. Ela foi muito bem escrita e, até onde sei, não há razão para eu me recusar a conhecê-lo. E agora, a grande questão: o que faremos com ele? Devo convidá-lo para cear? Imagino que Mr. Grey não tenha expectativas de que eu lhe ofereça uma cama, pois ele sabe que moro em um alojamento.

— Oh, não, tia; ele certamente não esperaria isso.

— Mas devo convidá-lo para cear? Sentir-me-ei feliz em entretê-lo, ainda que o meu repertório seja bastante escasso, como é sabido. Eu, porém, realmente não sei o que acontecerá — entre você e ele, quero dizer.

— Nós não brigaremos, tia.

— Não, suponho que não — mas se você não puder ser afetuosa

com ele...

— Eu não responderei pelos meus sentimentos, tia; mas uma coisa é certa: serei afetuosa em meu coração. Eu o considerarei eternamente um amigo querido e amado, ainda que, por muitos anos, sem dúvidas, não seja capaz de expressar a minha amizade.

— Pode até ser, Alice, mas esta não será a resposta que ele vai querer ouvir. Acho que, no fim das contas, talvez seja melhor não o convidar para jantar.

— Talvez, tia.

— É um período do dia em que qualquer constrangimento especial entre pessoas se revela mais desagradável do que em qualquer outro horário. Além disso, os criados estarão presentes. Acho que poderia ser constrangedor se ele jantasse aqui.

— Realmente acho que seria — proclamou Alice, ansiosa para encerrar o assunto.

— Espero que Mr. Grey não pense que sou uma má anfitriã. Eu ficarei feliz em fazer o melhor que puder por ele, pois me importo, Alice, do mesmo modo como me importaria se ele fosse seu marido. E quando qualquer conhecido meu vem a Cheltenham, eu sempre o convido para jantar, e então peço ao rapaz de Gubbins para vir aqui e nos servir, como você bem sabe.

— De todos os homens no mundo, Mr. Grey é o último que pensaria isso.

— Isso serve apenas para me deixar mais cautelosa. Mas acho que seria mais confortável se ele viesse à noite.

— Muito mais confortável, tia.

— Imagino que Mr. Grey chegará à tarde, antes do jantar, então é melhor esperá-lo em casa. Ouso dizer que ele vai querer falar a sós com você, portanto, retirar-me-ei aos meus aposentos — para encarar os estábulos! Pobre dama. — Mas, se preferir, eu o receberei primeiro, e depois Martha irá buscá-la — Martha era a aia de Alice.

A discussão sobre a propriedade ou impropriedade de oferecer um jantar ao noivo de Alice não a agradou, mas, apesar disso, quando a conversa foi encerrada, ela se sentiu grata pela assistência de lady Macleod. Houve uma tentativa de fazer com que a visita de Mr. Grey fosse a menos dolorosa possível, e embora tal discussão em tal hora pudesse ter sido evitada, a decisão que a velha dama enfim tomou, tanto na questão do jantar, quanto na questão da visita, foi, certamente, a mais acertada.

Lady Macleod se provou correta em todas as suas previsões. Às três da tarde, Mr. Grey foi anunciado, e lady Macleod, sozinha, recebeu-o na sala de estar. Ela pretendia dar uma série de conselhos ao rapaz, como sugerir que ele não desistisse e mantivesse a cabeça erguida, por assim dizer; confessar o quão pessimamente Alice estivera

se comportando; e expressar a sua concordância absoluta com a teoria de que um padecimento físico era a causa e origem da conduta dela. A senhora, porém, descobriu que Mr. Grey era um homem a quem não conseguiria dar muitos conselhos. Foi ele quem cuidou do falatório neste encontro, e não ela. Lady Macleod se sentiu intimidada por ele com apenas três minutos. De fato, só de olhar para Grey, ela havia se sentido intimidada. Ele era belo, mas, apesar de sua beleza, tinha um ar muito quieto e quase entristecido. É estranho dizer que, após conhecê-lo, lady Macleod sentiu por ele uma admiração infinitamente maior do que antes. Ainda assim, ela percebeu que a rejeição de Alice não era uma grande surpresa. A conferência foi bastante curta, e não haviam se passado nem um quarto de hora desde a chegada de Mr. Grey, quando Martha convocou a sua senhora para descer.

Alice estava pronta e desceu imediatamente. Ela encontrou Mr. Grey de pé no meio da sala, à sua espera – a aparência de majestade que havia intimidado lady Macleod sumira de seu semblante. Ele não poderia tê-la recebido com um sorriso mais bondoso, nem se ela houvesse prometido que, naquele encontro, marcariam a data do casamento. “De todo modo, ele não parece infeliz”, ela pensou.

— Não está com raiva por eu tê-la seguido até aqui para vê-la? — ele perguntou.

— Não, certamente não estou com raiva, Mr. Grey. Toda a raiva que pode ter surgido entre nós foi sentida pelo seu lado. Para mim, isso ficou claro.

— Sendo assim, não haverá mais raiva em nenhum dos dois lados. O que quer que aconteça, não ficarei com raiva de você. O seu pai me aconselhou a vir visitá-la aqui.

— Você o viu, então?

— Sim, eu o vi. Estive em Londres no dia que você partiu.

— É tão terrível pensar que eu lhe trouxe tantos problemas...

— Você me trará problemas piores, a não ser que... Bom, eu não vim até aqui para falar isso. Acredito que, conforme a etiqueta de tais questões, eu não deveria ter vindo até aqui, para começo de conversa, mas não ligo muito para regras.

— Fui eu quem quebrou todas as regras.

— Quando uma dama diz ao cavalheiro que não deseja mais vê-lo...

— Oh, Mr. Grey, eu não lhe disse isso.

— Não disse? Seja como for, fico feliz que negue, mas você deve entender o que quero dizer. Quando um cavalheiro é rejeitado pela dama, deve aceitar a rejeição – isto é, sob as mesmas circunstâncias em que fui rejeitado. Eu, contudo, não posso render o meu amor desta maneira; e nem, mantendo o meu amor, desistir da batalha. Sendo assim, creio que tenho o dinheiro de saber alguma coisa sobre as suas

idas e vindas, enquanto... A não ser que, Alice, você planeje tomar o sobrenome de outro.

— A minha intenção é manter o meu próprio sobrenome — isto Alice comunicou no tom mais baixo possível — quase em um sussurro —, com os olhos fixos no chão.

— Então, não me negará esse direito?

— Não posso ser um obstáculo em seu caminho. Não importa o que o senhor fizer, eu o prejudiquei de tal maneira que não poderei culpá-lo.

— Não haverá discussões entre nós sobre os danos que um causou ao outro. Em qualquer conversa que tenhamos, ou em qualquer correspondência...

— Oh, Mr. Grey, não me peça para escrever.

— Escute, mesmo que qualquer um de nós tenha errado, nenhum erro será considerado.

— Mas eu errei com o senhor — eu o prejudiquei muito.

— Não, Alice, isto não admito. Quando lhe pedi para tomar minha mão — implorando a maior das dádivas que se poderia receber de uma companheira mortal —, eu conheci a grandeza da sua bondade para comigo quando a aceitou. Mas, agora que a recusa, também vejo bondade, pois você pensa que, ao fazê-lo, me fará um bem — está pensando mais no meu bem-estar do que no seu.

— Oh, sim. Isto é verdade, Mr. Grey. De fato, é a verdade.

— Se creio nisso, como posso falar de erros? Que você está errada em sua opinião sobre esta questão — que a sua mente foi deturpada por falsas impressões —, nisso eu acredito. Mas não posso, conseqüentemente, amá-la menos — nem, já que acredito tanto nisso, considero-me prejudicado. Não compartilho do seu altruísmo. Penso que, se fosse a minha esposa, eu conseguiria fazê-la feliz; mas sinto que a minha felicidade depende da sua aceitação em se tornar a minha esposa.

Ela encarou o seu rosto, mas Mr. Grey seguia sereno em toda a sua beleza masculina. O seu primo George, caso se sentisse abalado por um forte sentimento, demonstraria tudo imediatamente com os olhos, com a boca, e com toda a fisionomia de seu semblante. Os olhos de George poderiam brilhar com fúria, e ele se exaltava ao declarar o seu amor, mas Mr. Grey, quando falava da felicidade de toda sua vida; quando confessava que agora tudo dependia de uma decisão que poderia arruiná-lo, falava sem nenhum tremor na voz, e demonstrava tanta intensidade em seu rosto quanto se estivesse pendido a seu jardineiro para trocar uma roseira de lugar.

— Espero — e acredito — que encontrará sua felicidade em outro lugar, Mr. Grey.

— Bom, só podemos discordar, Alice. Nisso, nós discordamos. E

agora, explicarei por que vim até aqui. Se eu escrevesse contra sua vontade, iria parecer uma perseguição. Eu jamais seria capaz de fazer isso, ainda que tivesse direito. Mas se a deixasse ir embora, acatando o que disse a mim sem fazer nada, iria parecer que eu aceitei a sua decisão como definitiva. Não a aceito. Não a aceitarei. Eu vim para meramente dizer que continuo sendo seu pretendente. Se me permitir, eu a verei novamente em janeiro – assim que você retornar à cidade. Acredito que não se recusaria a me ver.

— Não — ela admitiu. — Eu não posso me recusar a vê-lo.

— Então, assim será — ele disse. — Eu não mais a perturbarei com cartas, e nem a perturbarei mais com palavras. Fale à sua tia que eu disse tudo o que tinha para dizer, e que dou a ela os meus mais sinceros agradecimentos.

Então, ele tomou a mão dela, a apertou – não da mesma maneira que George Vavasor apertara – e foi embora. Quando lady Macleod retornou, descobriu que o problema do jantar havia se resolvido sozinho.

CAPÍTULO 16

O CLUBE DE ROEBURY

Já foi dito que George Vavasor possuía um pequeno estabelecimento em Roebury, pelas bandas de Oxfordshire, e para lá ele se foi por volta da metade de novembro. George era conhecido neste condado há muito tempo, e independentemente se os homens falavam bem dele em Londres, como homem de negócios, ou não, ele era bem falado em Oxfordshire como um homem que sabia caçar com cães. Não que Vavasor fosse popular entre os seus colegas esportistas – muito pelo contrário. Ele não era um homem que se fazia muito popular em encontros sociais, e nem ligava para conversas fiadas e cochichos dos homens quando se reuniam para alguma frivolidade. A sua natureza não era extrovertida o suficiente para permitir tal popularidade. Alguns homens tinham medo dele, outros suspeitavam. Houve alguns que se aproximaram dele em busca de intimidade, mas estes ele normalmente esnobava, sempre mantendo distância. Ainda que ele houvesse se permitido aproveitar todos os prazeres da juventude, Vavasor nunca fora um homem jovial. Em suas conversas com homens, sempre parecia achar que deveria gastar seu tempo servindo algum propósito comercial. Com as mulheres, era justamente o oposto; com as mulheres, ele poderia ser feliz; com as mulheres, ele realmente poderia se entrosar. Ele realmente poderia amar uma mulher – mas duvido que fosse capaz de tratar uma mulher bem.

Ele, porém, era conhecido no condado de Oxfordshire como um homem que sabia muito bem o que fazia, e tais homens eram sempre bem-vindos. Ele cavalgava bem e jamais passava vergonha nos campos de caça, nunca encarando olhares frios ou censuras expressadas. De vez em quando podia se atrapalhar entre os cães e até arruinar a caçada, mas não era uma coisa muito comum. Quando isso ocorria, muitas reclamações eram feitas, mas, na verdade, ele não era um homem afobado – aquele tipo que pressiona os cães – que geralmente sabe caçar, mas é ansioso ou egoísta demais para se manter em formação. O péssimo cavaleiro, assim como o péssimo jogador de uíste,^[37] paga grandes fortunas por aquilo que não desfruta, e seus adversários deveriam dar graças. Porém, em ambos os jogos, ele é cruelmente desprezado. Em ambos os jogos, George Vavasor era ótimo, e nunca era desprezado.

Havia homens que vivam juntos em Roebury em uma espécie de clube – quatro ou cinco deles, naturais de Londres, que iam e vinham conforme a organização das caçadas permitia: um ou doisERVEJEIROS, um banqueiro libertino, um romancista esportivo e um membro do Parlamento jovem e solteiro, que não possuía nenhum lar em particular em seu próprio país. Estes homens formavam o Clube de Roebury e levavam uma vida de prazeres quando se reuniam. Eles

tinham o seu próprio armário de vinho no “Cabeça do Rei” – ou “Estalagem Roebury”, como o local viera a se tornar conhecido –, e providenciavam suas próprias peças de caça. O estalajadeiro cuidava de tudo mais e, como não eram muito moderados nos gastos, eles podiam fazer, basicamente, o que bem entendiam na estalagem. Eram muito arrogantes, ficavam acordados até tarde e, às vezes – embora fosse raro –, eram barulhentos. Certa vez, ocorreu uma briga que fez o estalajadeiro, em toda a sua fúria, querer expulsar o clube da sua hospedaria. Mas eles pagavam bem, eram corteses com os criados mais do que os perturbavam e, no geral, eram bastante populares.

A este clube, Vavasor não pertencia, alegando que não teria como custear o ritmo de vida que eles levavam; alegando, também, que as suas estadas em Roebury não eram longas o bastante para torná-lo um membro atraente. O convite não foi repetido, e ele se alojou em uma outra região da pequena cidade. Ocasionalmente, contudo, ele se encontrava à noite com os membros para compensar a sua recusa em uma mesa de uíste.

Ele viajara a Roebury em um trem-correio, pronto para caçar na manhã seguinte, e adentrou o aposento do clube à meia-noite. Lá, encontrou Maxwell, o banqueiro; Grindley, o advogado libertino; e Calder Jones, o membro do Parlamento, jogando *dummy*.^[38] Nenhum dosERVEJEIROS estava lá, e nem o romancista esportivo.

— Aqui está Vavasor — anunciou Maxwell. — E agora, vamos parar de jogar este jogo vil. Alguém me disse, Vavasor, que você havia sumido.

— Sumido? Como assim? Igual a uma raposa?

— Não sei o que foi. Disseram que alguma coisa havia acontecido a você na temporada passada; que você tinha se casado, morrido ou saído do continente. Por Deus, eu perdi o jeito, afinal de contas! Odeio *dummy* como o diabo foge da cruz. Eu nunca recebo uma carta boa nesse jogo. Sim, eu sei; são sete pontos em cada lado. Vavasor, venha aqui cortar o baralho. Eu juro que, se tivessem me perguntado, teria dito que você estava morto.

— Mas, como pode ver, ninguém nunca pensa em lhe perguntar nada.

— O que você provavelmente quer dizer é que Vavasor não ganhou em Chelsea em fevereiro passado — disse Grindley. — Você vai tentar de novo, Vavasor?

— Se me emprestar o dinheiro, vou.

— Eu não vejo o que diabos um homem pode ganhar sendo eleito para aquela casa — comentou Calder Jones. — Não pude recusar, já que aconteceu, mas, palavra de honra, como é entediante. Um homem acha que poderá fazer o que bem entender se for eleito – mas não pode. Eu só não renuncio porque...

— Oh, não, é claro que não. O que seria de nós se desistisse? — caçoou Vavasor.

— Agora somos você e eu, *Grindems* — provocou Maxwell. — Dane-se o Parlamento, vamos jogar um rôber.^[39]

Eles jogaram até as três, e Mr. Calder Jones perdeu uma bela soma de dinheiro – ou por assim dizer, já que nunca jogavam acima de uma pontuação de dez xelins, e nenhuma aposta superior a uma ou duas libras era feita. Vavasor, entretanto, foi o vencedor, e assim que ele deixou o aposento, tornou-se alvo de alguns comentários perversos.

— Pergunto-me se ele gosta de vir aqui — falou Grindley, que fora justamente o membro que o convidara a participar do clube, e que, certa vez, alimentara a ambição de criar uma intimidade com George Vavasor.

— Não entendo — admitiu Calder Jones, ainda se sentindo meio amargurado pela derrota. — No ano passado, ele ia e vinha como bem entendia; como se fosse um de nós.

— Ele é um tipo ruim de camarada — respondeu Grindley. — É particularmente misterioso. Não sei de onde diabos tira dinheiro. Ele era herdeiro de uma pequena propriedade ao norte, mas perdeu cada xelim quando se meteu no ramo dos vinhos.

— Está errado, *Grindems* — refutou Maxwell, deleitando-se com o apelido divertido que havia criado para o amigo. — Ele fez muito dinheiro com o mercado vínico e, se houvesse continuado nele, teria se tornado um homem rico.

— Ele perdeu tudo desde então, e aquele imóvel ao norte foi junto no pacote.

— Errado novamente, *Grindems*, meu rapaz. Se o velho Vavasor morresse amanhã, Vavasor Hall seria passada para quem ele quisesse. George, por sua vez, pode estar arruinado até onde se sabe.

— Não há dúvidas sobre isso, eu creio — avaliou Grindley.

— Talvez não, *Grindems*; mas ele não pode ter perdido Vavasor Hall, pois nunca se interessou pela propriedade. Ele é herdeiro natural, e provavelmente a terá algum dia.

— Tanto faz — retrucou Calder Jones. — Não é estranho ele vir até aqui?

— Nós o convidamos regularmente — justificou Maxwell. — Não porque gostamos, mas porque precisamos dele para completar um rôber. Eu não gosto de George Vavasor, e não conheço quem goste, mas gosto mais dele do que de *dummy*, e prefiro jogar uíste com homens que detesto, *Grindems*, do que não jogar nada.

Um espectador poderia ter pensado que, pelo tom da voz de Mr. Maxwell, ele estava se referindo ao próprio Mr. Grindley, mas Mr. Grindley não pareceu interpretar dessa maneira.

— Isto é fato, é claro — ele respondeu. — Jogadores não se escolhem, mas certamente achei que ele demoraria outra temporada para retornar.

O clube tomou seu café da manhã às nove horas, de modo que meia hora depois pudessem se encontrar em Edgehill. Edgehill fica a 19 quilômetros de Roebury e os cavalos alugados cobririam essa distância em uma hora e meia, ou talvez até menos.

— Alguém sabe algo sobre o cavalo castanho de Vavator? — perguntou Maxwell. — Eu o vi ontem chegando aos estábulos com aquele velho cavaleiro dele.

— Ele trouxe um cavalo castanho na temporada passada — ponderou Grindley. — Era um animal até rápido, mas não se dava muito bem na estrada.

— Era uma égua — explicou Maxwell. — E ele a vendeu a Cinquebars.^[40]

— Por 150 — observou Calder Jones. — Sendo que ela não valia nem 50.

— Ele ganhou 70 com ela em Leamington — contou Maxwell. — E duvido que tivesse o mesmo sucesso agora.

— Cinquebars^[41] virá aqui este ano?

— Eu não sei — respondeu Maxwell. — Espero que não. Ele é o melhor camarada do mundo, mas não sabe cavalgar e não liga para caças. Além disso, nunca vi alguém se meter em tantas brigas quanto ele. Gostaria que alguém pudesse me dizer alguma coisa sobre o cavalo castanho daquele camarada.

— Eu nunca compraria um cavalo de Vavator se fosse você — aconselhou Grindley. — Ele nunca vende nada perfeito.

— E quem vende? — retrucou Maxwell, enquanto colocava em seu prato uma segunda costela de carneiro escaldante que fora trazida aos aposentos especialmente para ele. — Este é o erro que homens cometem sobre cavalos, e é por isso que há tantas trapanças. Eu nunca peço uma garantia pelo cavalo, e raramente levo um para ser examinado. Ainda assim, me dou tão bem quanto os outros. Não há cavalos perfeitos tanto quanto há homens perfeitos – ou mulheres perfeitas. Você tolera cabelos ruivos, dentes podres, pés grandes e, às vezes, até uma voz de demônio, mas quando se trata de um cavalo, o homem não quer tolerar nada! Consequentemente, aqueles que vendem cavalos devem mentir. Quando ia ao mercado com 300 libras, eu esperava um animal perfeito. Como não faço mais isso, parei de esperar um animal perfeito. Contanto que enxerguem, que tenha quatro patas e um faro decente, não há muito mais com que eu me importe.

— Por Júpiter, tem razão! — apoiou Calder Jones. Os leitores, provavelmente já perceberam que Mr. Maxwell, o banqueiro, reinava

como monarca naquele clube.

Vavator havia enviado dois cavalos sob os cuidados de Bat Smithers, e o seguiu em um pônei de cerca de um metro e meio de altura, que usara como parte de uma caleça pelos últimos quatro anos. Ele não partiu até quase dez da manhã, mas conseguiu alcançar Bat e os dois cavalos dois quilômetros e meio adiante naquela região de Edgehill.

— Deu tudo certo em sua jornada? — o mestre perguntou ao alcançar o criado.

— Estas são as estradas mais atrozes de toda a Inglaterra — respondeu Bat, que sempre encontrava defeitos em qualquer condado que visitasse. — Mas admito que continuo mais limpo do que estaria na maioria delas. Por qual motivo um condado faria umas estradas dessa qualidade, eu jamais serei capaz de dizer.

— As estradas por aqui são ruins, certamente — péssimas, até. Mas imagino que estariam melhores se a Providência houvesse enviado materiais melhores. E o que achou do cavalo castanho, Bat?

— Bom, senhor... — ele respondeu lentamente, sem complementar.

— É um dos animais mais belos em que já pus os olhos — comentou George.

— É mesmo — respondeu Bat.

— E é um bom corredor também.

— Tenho certeza de que é, senhor.

— E me disseram que não há cavalo que salta melhor.

— É bem possível, senhor, se foi bem treinado.

— E veja que ele aguenta bem o meu peso.

— Sim, aguenta, Mr. Vavator. Ele deve carregar até uns 90 quilos.

— Ou 100 — sugeriu Vavator.

— Talvez, senhor. Não há como saber o quanto um cavalo consegue carregar até que se tente.

George não fez mais perguntas ao cavaleiro, mas sentiu, pelas respostas dele, que seria melhor vender o cavalo castanho se pudesse. Eu defendo que não havia nada de especialmente errado com o cavalo castanho. Perto do final da temporada anterior, ele se feriu quando uma das patas traseiras se chocou contra uma das dianteiras, deixando-o coxo. Ele, então, foi vendido por um proprietário com mais dinheiro do que miolos, e que preferiu não esperar o animal se curar. Consequentemente, o equino adquiriu um temperamento ruim e se tornou vagamente desconfiado, como acontece com centenas de cavalos, que, à sua maneira, são bons animais. Ele, por fim, chegou em Tattersall,^[42] e Vavator o comprou barato, achando que poderia lucrar com o animal graças à sua forma e porte. George não notou

nada de errado nele, e nem, tampouco, Bat Smithers. Mas o temperamento ruim o acompanhava e, portanto, Bat Smithers conhecia a verdade. George Vavator sabia sobre cavalos tanto quanto a maioria dos homens – tanto quanto, talvez, qualquer homem que não seja um negociante ou um cirurgião-veterinário; mas ele, como todos os homens, duvidava de sua própria sabedoria, ainda que, sobre este assunto, jamais fosse admitir isso. Vavator, conseqüentemente, acreditou em Bat e concluiu que havia alguma coisa errada com o cavalo.

— Caçaremos na grande floresta — contou George.

— Se chegarem no horário combinado, caçarão, senhor — disse Bat.

— Seja como for, cavalgarei o cavalo castanho — afirmou George.

Então, assim que a questão foi resolvida, o Clube de Roebury os ultrapassou. Havia agora um aumento súbito de cavalos na estrada, e eles se encontravam a 400 metros da igreja de Edgehill, e do ponto onde se reuniriam. Bat, com seus dois cavalos caçadores, ficou um pouco para trás, enquanto os outros trotavam juntos. Os outros cavaleiros e seus animais iam na vanguarda. Eles penteavam a crina dos animais e limpavam a poeira da estrada dos estribos de couro e das patas dos cavalos. Bat Smithers, porém, era como seu mestre, e não congregava muito com outros homens. Além disso, as ordens dadas por Vavator ao seu criado certamente seriam diferentes daquelas dadas pelos outros.

— Você está bem montado este ano? — Maxwell perguntou a George Vavator.

— Na realidade, não. Nunca fui aquilo que chamo de cavaleiro bem montado. Eu geralmente tenho um cavalo, e três ou quatro problemáticos. O cavalo marrom ali atrás, por outro lado, é muito bom, creio.

— Vejo que o seu homem trouxe a velha égua castanha consigo.

— Ela é uma das problemáticas – é tão saudável quanto um filhote, e uma caçadora tão boa quanto se pode desejar, mas ela faz um pouco de barulho enquanto corre.

— E assim, ela é ouvida a três campos de distância — concluiu Grindley.

— Cinco, se os campos forem pequenos e seus ouvidos aguçados — respondeu Vavator. — Ao mesmo tempo, eu não a trocaria pelo melhor cavalo que já o vi montar.

— Ele pegou você, *Grindems* — caçou Maxwell.

— Não, não pegou — reclamou Grindley. — Não pegou mesmo.

— Os seus cavalos, Grindley, estão sempre prontos para fazer o trabalho que precisam fazer — falou George. — E eu não sei o que

mais um homem poderia querer.

— Ele o pegou de novo, *Grindems* — provocou Maxwell.

— Eu posso correr contra ele a qualquer hora — respondeu Grindley.

— Sim, ou contra uma parede de tijolos, se o seu cavalo for capaz de diferenciar — retrucou George.

— Ele o pegou mais uma vez, *Grindems* — zombou Maxwell.

Neste ponto, Mr. Grindley trotou adiante para fazer a volta na esquina da igreja, e adentrar o campo onde os cães estavam reunidos. A chacota ficou pesada demais para ser suportada e, portanto, ele achou melhor escapar. Se Vavasor estivesse sozinho, Mr. Grindley teria virado o jogo com rispidez, mas ele não podia se arriscar a demonstrar qualquer temperamento ruim na frente do rei do clube. Mr. Grindley não era popular, e se Maxwell se virasse abertamente contra ele, sua vida de caçador em Roebury certamente acabaria.

As vidas de homens como Mr. Grindley – homens que são tolerados na companhia diária de outros vistos como seus superiores –, não parecem ser cheias de atrativos. Ainda assim, quantos homens como ele são vistos em quase todos os grupos? Por que Mr. Grindley deveria ser considerado inferior a Mr. Maxwell, o banqueiro, ou a Stone e Prettyman, os cervejeiros, ou até mesmo a Mr. Pollock, o robusto romancista, eu não saberia dizer? Um advogado em seu ofício é tão bem-visto quanto um cervejeiro, e há muitos advogados de nariz empinando por aí. Grindley era um homem rico – ou rico o bastante para a vida que levava. Eu não conheço muitos detalhes de suas origens, mas acredito que sejam tão boas quanto as de Maxwell. Ele não era ignorante ou tolo – embora eu pense que Maxwell fosse um tolo. Grindley havia se tornado bem-sucedido com seus próprios esforços, mas Maxwell decididamente não teria se tornado um banqueiro se seu pai não houvesse sido um banqueiro antes dele; e tampouco o banco teria prosperado se não fossem pelos sócios que eram homens de negócios melhores do que nosso amigo. Grindley sabia que tinha melhor intelecto do que Maxwell. Ainda assim, permitia que ele o esnobasse, bajulando-o em troca. Não era pela questão de caçar que Maxwell clamava e mantinha sua superioridade, pois Grindley não ficava muito atrás dele – todos sabiam que Maxwell vivera uma vida sem moderação e que seus reflexos já não eram mais o que haviam sido no passado. Eu penso que isso surge da aparência exterior de um homem; da forma de cada um; pelo porte e pela fisionomia que em um homem são boas, e que no outro são insignificantes. A natureza de tal domínio de um homem sobre outro é bastante singular, mas é certo que, uma vez obtido na idade adulta, ela é mais facilmente mantida.

Entre garotos na escola esta mesma situação é ainda mais

evidente, porque garotos têm menos consciência do que homens, e são mais viciados em tirania. Quando enfraquecidos, são menos propensos a sentir o tormento e a desgraça da sucumbência. Quem não se lembra dos Maxwells e Grindleys – os tiranos e escravos; os dominadores e os dominados – nos tempos da escola? Mesmo nessa época, não era a força pessoal e nem sempre a coragem superior que concedia o poder de comandar; tampouco era o intelecto ou cuidado, ou qualidades que fazem de homens e garotos pessoas amáveis. É dito por muitos que precisaram lidar com garotos, que certos jovens clamam e obtêm poder pelo espírito que jaz dentro deles. Novamente, penso que o porte exterior do garoto facilita a conquista da submissão de seus colegas.

Mas o garoto tirano não se torna o homem tirano; tampouco o garoto escravo se torna o homem escravo, porque a aparência exterior, que se provou uma bênção para um, e uma maldição para o outro, muda. Muito geralmente, a realidade entre eles se inverte.

— Por Deus, aí está Pollock! — bradou Maxwell, enquanto cavalgava pelos campos próximos à igreja. — Aposto meia-coroa que ele chegou de Londres esta manhã, que passou a noite acordado, e que nos narrará isso três vezes antes que os cães sejam soltos.

Mr. Pollock era o robusto romancista esportivo.

CAPÍTULO 17

De todas as vistas que existem no mundo, penso eu que nenhuma é mais linda do que uma matilha de *foxhounds* sentados ao redor de caçadores, em uma manhã de inverno, se o local de reunião foi escolhido por alguém com senso artístico. O local ideal teria um campo coberto de grama, que deveria ser pequeno. Ele, de modo algum, deveria ser muito afastado de edificações, e as sebes não deveriam ser cortadas, aparadas e podadas em uma referência à economia agrícola moderna. Deveriam existir árvores nas proximidades, e o terreno deveria ser um pouco acidentado, de modo que marcasse um determinado espaço como o ponto exato onde cães e criados da caçada poderiam se juntar.

Há muitos encontros conhecidos na Inglaterra – nos parques dos nobres, perante suas casas, ou até mesmo naquilo que chamam de jardins; mas tais magníficos compromissos carregam pouca da beleza que mencionei. Tais reuniões são grandiosas e enfeitadas demais. Além disso, encontram-se extremamente afastadas dos princípios esportivos. Nestas ocasiões, os equipamentos reluzem, os vestidos das damas são maravilhosos, e o público de mercadores da cidade vizinha vêm assistir aos homens ricos. A meu ver, não há nada de bonito nisso. A reunião de que falo é organizada com o intuito de priorizar o esporte, mas o acidente da localização pode transformá-la na coisa mais linda do mundo.

Este era, em um certo grau, o caso de Edgehill. Em Edgehill, a vila inteira consistia em três ou quatro chalés; uma velha e pequena igreja com uma antiga torre acinzentada, e um estreito pátio verde, praticamente escurecido e cercado de olmos. A estrada de Roebury até o encontro passava pelos degraus da igreja, e fazia a volta logo após chegar ao portão que dava para o pequeno campo onde os cães se sentiam tão em casa quanto se estivessem nos canis. O campo tinha seis ou sete acres, de modo que era longo e estreito. Logo, o caçador tinha espaço para caminhar despreocupadamente com a matilha agrupada ao seu redor quando concluía que, se continuassem sentados por mais tempo, o faro deles esfriaria. A torre da igreja ficava próxima e visível através das árvores. O campo, por sua vez, era verde e macio, e nunca ficava encharcado de lama ou cheio de buracos.

Edgehill era um ponto de encontro favorito naquela região, parcialmente porque raposas eram encontradas em abundância na grande floresta adjacente, parcialmente porque toda a região ao redor era coberta de grama, e parcialmente, sem dúvidas, porque a população daquelas vizinhanças era propensa ao esporte. Quanto às minhas próprias preferências, eu não sei dizer se gosto de começar o dia em uma grande floresta – e se não gosto de começar, certamente

não gostarei de terminar. É difícil topar com a nata da caça, assim como é difícil topar com a nata de qualquer prazer. Quem sempre pode beber Lafitte da melhor qualidade; conversar com uma mulher que é tão linda quanto inteligente; ou encontrar o espírito certo na poesia que lê? Normalmente, um homem precisa mergulhar na lama antes de encontrar uma pepita. O mesmo, certamente, pode ser dito sobre a caça, e uma grande floresta frequentemente aflige o caçador, tanto quanto a lama aflige o minerador. Uma pequena cobertura de tojo é o terreno feliz e muito cobiçado onde o ouro se revela prontamente. Mas sem as florestas, o tojo não revela as raposas, e sem a lama, o ouro não encontraria o seu local de repouso.

Mas, como dito, Edgehill era um ponto de encontro popular e, à sua luz da reunião, formava uma imagem eminentemente pitoresca. Na presente ocasião, o pequeno campo encontrava-se repleto de cavaleiros que cavalgavam devagar e conversavam com cigarros na boca. Eles saltavam de suas montarias de transporte e subiam nos cavalos de caça, enquanto davam ordens aos seus criados e se preparavam para o dia. Faziam-se presentes velhos cavalheiros do interior, que cumprimentavam uns aos outros em lados opostos do campo; caçadores fazendeiros, que adoravam encontrar-se lado a lado com o senhorio, e sentir que os prazeres do interior eram comuns a ambos; homens da cidade, como nossos amigos do Clube de Roebury, que faziam da caça seu prazer predileto, e que, possivelmente, formavam em número a maior população no campo; oficiais de guarnições próximas; um grupo de criados e alguns vagabundos desconhecidos que catavam cavalos, aqui e acolá, nas redondezas. Do lado de fora do portão, espalhados pela estrada, estavam uma variedade de veículos: carruagens abertas, docares, cabriolés e vagonetes. Em alguns deles, sentavam-se damas que haviam vindo assistir ao encontro. Mas Edgehill não era, essencialmente, um lugar para damas. As distâncias eram muito longas, e a jornada até a Floresta de Cranby – a grande floresta – não era propícia a rodas. Havia um ou duas damas montadas, como é sempre o caso, mas Edgehill não era um local ideal mesmo para damas caçadoras. Uma carruagem – que pertencia ao velho dono dos cães – adentrou o precinto sagrado dos campos, e dela desceu o velho baronete enquanto Maxwell, Calder Jones e Vavasor cavalgavam pelo campo.

— Espero que esteja passando bem, Sir William — disse Maxwell, cumprimentando o dono dos cães. Calder Jones também fez uma pequena mesura, assim como Vavasor. Sir William resmungou.

— Ora, sim, estou muito bem, obrigado. Vamos em frente, está certo? Minha égua não se locomove bem por aqui.

Então, alguém mais falou com ele, e Sir William simplesmente grunhiu como resposta. Depois de ser lentamente auxiliado a montar

na sela do cavalo – pois já tinha 70 anos –, Sir William trotou até os cães, enquanto todos os fazendeiros à sua volta tiravam o chapéu para ele. A mente dele, porém, estava carregada com pensamentos sobre importações e o velho não notou nenhum deles. Em um sussurro, ele deu suas instruções ao seu caçador, que respondeu: “Sim, Sir William”. “Não, Sir William”. “Sem dúvidas, Sir William”. Um camarada orelhudo e pernudo, com um chapéu de caça e um casaco escarlate, mantinha-se por perto, ansioso para escutar qualquer pedaço das ordens do que seria feito naquela manhã.



— Quem diabos é aquele homem de calças e botas gigantescas? — perguntou Sir William em voz alta para alguém ao seu lado, enquanto os caçadores iam em frente com os cães. Sir William sabia muito bem quem era, mas resolveu puni-lo por sua descortesia.

— Onde as encontraremos primeiro, Sir William? — indagou Calder Jones, em um tom de voz deveras humilde.

— Como raios eu vou saber onde as raposas estão? — retrucou Sir William, soltando um palavrão, e Calder Jones se retirou, infeliz, e, por um momento, completamente em silêncio.

Apesar disso, Sir William era o homem mais popular do condado e nenhum cavalheiro mais cortês jamais foi visto em sua mesa. Era também um homem brando quando descia da sela e, de forma alguma, destilava alguma supremacia especial. Mas um mestre de cães, caso se mantivesse popular em sua região – e Sir William se mantinha assim há mais de 30 anos –, obtém um poder que nenhum potentado seria capaz de igualar. Ele diria e faria o que bem entendesse, e a sua tirania seria sempre respeitada. Nenhuma conspiração contra ele teria alguma chance de sucesso; nenhuma sedição seria tratada com simpatia – isto é, ele tivesse êxito na popularidade. Se um homem fosse xingado, abusado e humilhado sem justificativa, então, que carregasse essa cruz, declarando-se uma

vítima do bem público – e que nunca se sentisse furioso com o seu mestre. A língua afiada era uma necessidade para a posição de mestre. As pessoas diziam que nenhum capitão conseguia navegar o seu navio sem xingar sua tripulação. Mas o que são as tribulações de um capitão em comparação àquelas de um mestre de cães de caça? Os homens do capitão estão sob disciplina e podem ser trancafiados, açoitados e terem suas bebidas confiscadas. O mestre dos cães de caça não pode confiscar a bebida de qualquer ofensor; pode apenas parar a língua ou o cavalo de tal homem com palavras bastante afiadas.

— Bom, Pollock, quando você chegou? — perguntou Maxwell.

— Por Deus! — exclamou o romancista. — Parti de Londres no trem das 8h30 até Euston Square, e cheguei aqui vindo de Winslow em uma caleche com dois camaradas que nunca vi na vida. Chegamos de cabriolé, um atrás do outro, e percorremos 30 quilômetros em uma hora.

— Ora, não exagere, você é um ateniense por acaso? — caçoou Maxwell.

— Mas é verdade. Pergunto-me se lucrarei alguma coisa com essa viagem. Eu tive de sair de Onslow Crescent às 7h45, e trabalhei por três horas antes de partir.

— Só se tiver sido a luz de velas — duvidou Grindley.

— É claro que foi; e por que não? Você acha que somente advogados são capazes de trabalhar à luz de velas? Enquanto isso, vocês ficaram jogando uíste e bebendo sem parar, imagino. Que bom que eu não estava com vocês, pois assim conseguirei cavalgar.

— Eu aposto uma libra que, se encontrarmos raposas, eu me darei melhor do que você — provocou Jones.

— Acompanharei a aposta de Jones — disse Grindley. — E Vavador será o juiz.

— Cavalheiros, os cães não poderão sair se vocês barricarem o portão — reclamou Sir William. Então, a matilha passou, e todos eles trotaram por seis quilômetros e meio até a Floresta de Cranby.

Vavador cavalgou sozinho até a floresta. De vez em quando, porém, trocou algumas palavras com o seu cavaliário.

— Cavalgarei com a égua marrom até a floresta — avisou. — Fique perto de mim.

— Eu não vou precisar galopar de um lado para o outro, espero — disse Bat, quase desdenhosamente.

— Eu também não vou galopar de um lado para o outro, mas marque minha posição. Assim você saberá onde estou, e eu poderei mudar de posição se uma raposa escapar.

— O senhor ficará aqui o dia todo, senhor. É nisso que creio.

— Se assim for, não cavalgarei o cavalo castanho, mas prepare-se para o caso de eu precisar montá-lo se houver oportunidade,

entendeu?

— Oh sim, entendi, senhor. Não é difícil entender; mas não acho que o senhor vai capturar qualquer raposa hoje. Ora, parece lógico. O vento está soprando do Nordeste.

A Floresta de Cranby é enorme — na verdade, o lugar é um conglomerado de outras duas ou três florestas. Era quase meio-dia quando avistaram uma raposa; e então, por uma hora, houve grande agitação entre os homens, que cavalgaram para todos os lados, enquanto os cães manobravam a raposa de uma ponta da tapada à outra. Uma ou duas vezes o pobre animal tentou escapulir, e logo seguiram-se diversos gritos, galopes e saltos desnecessários sobre as cercas. A raposa, porém, deu meia-volta, ou mudou de ideia, não gostando do vento do Nordeste que Bat Smithers previra que seria um infortúnio. Depois da primeira raposa, o grupo de homens foi ficando cada vez mais desinteressado. Eles se juntaram em espaços amplos para almoçar, fumar e caçar uns dos outros. Era interessante observar a incrível quantidade de sanduíches de presunto e de vinho xerez que haviam sido trazidos à Floresta de Cranby naquele dia. Os cavaleiros pareciam carregar montanhas de maletas, e os mestres encontravam-se equipados com cantis em seus arções que costumavam levar os revólveres. Maxwell e Pollock formavam o centro de um desses grupos, e zombavam um do outro com extrema diligência, até que, cansados do empate, miraram seus ataques em Grindley, que acabou abandonando o círculo.

— Você vai acabar fazendo aquele homem cortar a própria garganta se continuar assim — avaliou Pollock.

— É mesmo? — ironizou Maxwell. — Então, certamente continuarei a atazaná-lo pelo bem da humanidade.

Durante todo o tempo, Vavator sentou-se longe, quieto e solitário, e Bat Smithers manteve-se em seu lugar com um semblante sério, a cerca de 275 metros dele.

— Não vamos conseguir nada de bom hoje — comentou Grindley, aproximando-se de Vavator.

— Eu certamente não sei — respondeu Vavator.

— Aquele velhote é muito burro; ele não faz ideia do que está fazendo — criticou Grindley, fazendo referência a Sir William.

— Como ele poderia fazer a raposa aparecer? — ponderou Vavator, e como a sua voz não acompanhava o menor tom encorajador, Grindley cavalgou para longe.

O almoço e os charutos sobreviveram até duas horas da tarde. A partir daí, os cães, os caçadores, os criados e o velho Sir William caçaram arduamente, bem como alguns homens que acompanhavam persistentemente cada oportunidade de perseguição. Daquele momento até as três horas, houve dois ou três fogos de palha, e

relatórios falsos sobre as raposas, que primeiro impeliram os homens a galopar, e depois os deixaram extremamente fufos. Depois das três, os homens passaram a xingar, a vandalizar a Floresta da Cranby, a desejar violentamente que tivessem permanecido em casa ou ido a qualquer outro lugar, e a falar desrespeitosamente sobre o velho mestre dos cães.

— É o lugar mais amaldiçoado de toda a criação — irritou-se Maxwell. — Sempre digo que nunca mais volto aqui, e agora direi novamente.

— E ainda assim, você voltará na próxima caçada — zombou Grindley, que havia retornado sorrateiramente com o espírito derrotado para perto dos seus velhos camaradas.

— *Grindems*, você é um homem de muita sabedoria — disse Maxwell. — De fato, é. Um homem comum não teria a mínima chance contra você.

Grindley estava novamente prestes a ser açoitado por ironias, quando, desta vez, foi salvo pela chegada de um caçador que veio galopando com um monte de cães atrás.

— Ela não está longe, Tom? Tem certeza — indagou Maxwell.

— Ela está na extremidade da floresta — Tom respondeu, e assim todos partiram.

Vavator trocou de montaria, subindo no cavalo castanho e devolvendo a sua égua marrom a Bat Smithers, que sugeriu que seria melhor retornarem a Roebury. Vavator não respondeu, mas, enquanto trotava em direção ao ponto onde os cavaleiros se reuniam, parou um instante para escutar com atenção. Então, ele tomou um caminho diferente daquele que os caçadores e o grupo de cavaleiros haviam escolhido, e fez o melhor que pôde para atravessar a floresta. Ao final deste caminho, topou com Sir William, que, acompanhado apenas de seu criado, havia parado diante de uma estrada que ia dar em uma cerca com portão no exterior da floresta.

— Mantenha a posição — ordenou Sir William. — Os cães ainda não saíram da floresta.

— A raposa está longe, senhor?

— Do que adianta achá-la se não podemos soltar os cães? Sim, ela se foi. Passou por aqui, onde estou.

Então, ele começou a tocar sua trombeta vigorosamente. Pouco a pouco, os outros caçadores e alguns cães se aproximaram. Tom, com seu cavalo quase exausto, surgiu da extremidade da floresta, e logo, vários homens vieram cavalgando velozmente, sem saber para onde ir, mas contentes com o fato de que a raposa finalmente resolvera dar o ar da graça. Tom tocou a ponta do chapéu e olhou para o mestre inquisitivamente.

— Ela foi em direção ao Parque Claydon — comunicou o mestre.

— Leve os cães até aquela sebe.

Tom levou os cães à sebe e, meio minuto depois, os animais detectaram o cheiro. Neste momento, os homens puseram seus chapéus na cabeça e ajeitaram os pés nos estribos. O momento pelo qual todos esperavam chegara, mas, apesar disso, muitos preferiam agora que a raposa voltasse para o seu esconderijo. Alguns tinham pouca confiança em seus cavalos praticamente exaustos – e para muitos, a espera, ainda que irritante e sem graça, era, na realidade, preferível à própria caça –; para outros, a empolgação havia minguado, e seriam necessários um ou dois galopes pelo campo para restaurá-la. Com a maioria dos homens neste estado de espírito, há espaço para um pouco de nervosismo, para o temor de cometer um erro na partida, ou para o receio de que alguns caçadores tenham mais êxito do que outros. Uma grande agitação e poderosos latidos foram ouvidos conforme os cães partiam para a caçada e Sir William se viu obrigado a utilizar a ponta afiada de sua língua contra mais de um cavaleiro irresponsável.

Alguns veteranos astutos foram vistos virando à esquerda, separando-se do caminho indicado pelos cães. Aqueles eram homens que haviam sentido o ar quando saíram da floresta, e perceberam que a raposa logo se moveria na direção do vento, independentemente do que fizesse nos primeiros 800 metros, mais ou menos; eram homens que também conheciam o atalho pela estrada até o Parque Claydon. Ah, a satisfação de ver estes homens sendo despistados, e sua sabedoria ultrapassada se provando inútil! Se uma raposa saísse de seu esconderijo correndo apenas em linha reta, estes cavalheiros extremamente sagazes dificilmente gozariam de alguma honra e glória na vida.

Na situação presente, o animal parecia determinado a seguir em linha reta, pois os cães perseguiram o seu cheiro por três ou quatro sebes em fila. A raposa havia conseguido obter uma vantagem de dez minutos, deixando o seu esconderijo e todos os seus inimigos para trás, antes de refletir sobre a melhor maneira de chegar ao seu destino pretendido.

E aqui, campo a campo, viam-se pequenas cercas com portões nas quais os homens se amontoavam vigorosamente, cutucando e empurrando os cavalos alheios, e odiando uns aos outros com uma raiva amargurada que não é, acredito eu, conhecida em nenhum outro lugar. Nenhum caçador gosta de saltar se puder evitar, e as sebes próximas ao portão não eram nada convidativas. Alguns deles formaram filas, e prosseguiram para o próximo campo à direita, ou dispersaram-se pelas esquinas das cercas enquanto a algazarra acontecia nos portões. Entre estes estava George Vavasor. Ele nunca cavalgava em meio a uma multidão, e sempre se mantinha longe dos

homens e dos cães. Normalmente, ele perdia o rastro do animal, e ninguém mais o via pelo resto do dia. Em tais ocasiões, George não se reapresentava, como os outros homens fazem, 20 minutos após a raposa ser morta ou fugir para debaixo da terra; ele voltava para casa sozinho, passando por atalhos e estradas, sem deixar nenhum registro de seu fracasso para ser comentado entre seus companheiros.

Enquanto a fila de portões durou, a multidão continuou espessa e o melhor homem foi aquele cujo cavalo possuía o empurrão mais forte. Após passarem por quatro ou cinco campos desta maneira, chegaram a uma estrada e, como o cheiro continuava forte, os cães a atravessaram sem nenhuma hesitação. A dúvida passou a permear a mente dos homens – muitos deles que, antes de se aventurarem para longe de suas posições na estrada, observavam atentamente os cães da vanguarda em busca de alguma indicação de curva para qualquer um dos lados. Sir William, perdoado por seus 70 anos, fez uma curva fechada à esquerda, ciente de que poderia alcançar o Parque Claydon dessa maneira, e muitos foram os cavaleiros submissos que o seguiram. Alguns outros, entretanto, tomaram a estrada à direita, tendo em mente suas próprias estratégias. Os cavaleiros mais calejados já haviam cruzado a estrada em direção ao campo, e seguiam os cães de perto – alguns deles ignorantes quanto o córrego à frente, e outros distraídos. Entre os homens da dianteira, estava Burgo Fitzgerald. Burgo Fitzgerald era um homem conhecido por não parar antes de saltar, manobrar bem a montaria e não poupar sua energia e nem a do cavalo. Ainda assim, o pobre Burgo raramente se dava bem, conquistando na caçada a derrota costumeira que o afligia em outras questões da vida.

Mas quase pescoço a pescoço com Burgo, estava Pollock, o romancista esportivo. Pollock possuía dois cavalos em sua coudelaria e era conhecido por não gastar muito com eles. Além disso, ele pesava 100 quilos sem as bostas! Ninguém sabia como Pollock conseguia – especialmente porque todo mundo declarava que ele era tão ignorante na caça quanto um alfaiate. Ele sabia cavalgar, e quando não podia, trotava aos tropeços – era isso o que os homens comentavam. Ele cavalgaria enquanto o animal abaixo dele suportasse. Poucos, porém, tinham conhecimento das tristes desventuras que o pobre Pollock às vezes encontrava – as valas enlameadas nas quais era deixado; o desespero que compartilhava com seu infeliz cavalo quando o pobre bruto não conseguia mais se locomover ao longo de um campo repleto de sulcos; os quilômetros pelos quais caminhava à noite, ao lado do cansado animal, enquanto retornava lentamente para Roebury!

Então, surgiram Tom, o caçador, com Calder Jones em seu encalço, e Grindley na intenção de conquistar sua libra de ouro. Vavador também cruzara a estrada por um desvio à esquerda, levando

consigo um ou dois homens que sabiam que ele era um cavaleiro confiável de se seguir. Maxwell havia, vergonhosamente, seguido a sebe, que, somada à sua vala, formava uma cerca que nenhum homem apreciaria logo no começo de uma caçada. Ele deu meia-volta, reconhecendo o erro.

— Por Deus! — ele exclamou. — Para mim, é grande demais por enquanto; e não há nenhuma foz no fundo.

Então, ele passou a seguir o mestre dos cães estrada abaixo.

Todos estes que foram nomeados conseguiram passar pelo córrego. O cavalo de Pollock mal conseguiu reerguer as patas traseiras ao passar pela orla irregular do banco. Alguns cavalos se recusaram a fazer a manobra e, assim, seus cavaleiros perderam totalmente a chance de vitória naquele dia. Assim é a sorte dos caçadores. Um homem paga cinco ou seis libras por um dia de diversão, mas é de uma em dez a chance de que o dia vai gratificá-lo ao invés de prejudicá-lo! Mais um ou dois cavaleiros conseguiram passar, apartando-se do outro lado. Tufto Pearlings, o homem de Manchester que vivia em Friday Street, ficou preso na lama que havia no fundo, e não conseguiu tirar sua égua dali, até que sete homens vieram ajudá-lo com uma corda.

— Onde está meu companheiro? — Pearlings perguntou aos camponeses, mas os camponeses não souberam lhe responder que o “seu companheiro”, que cavalgava no seu segundo cavalo, ainda se mantinha na caçada para sua grande satisfação.

George Vavasor descobriu que seu cavalo estava lhe acompanhando notavelmente bem, passando pelos obstáculos no ritmo do seu galope, enquanto dava sinais nítidos de que continuava em boas condições. “Pergunto-me o que há de errado com ele”, pensou George, resolvendo, contudo, que venderia o animal naquele dia se a oportunidade surgisse. O rastro da raposa prosseguiu em linha reta e subiu pelo córrego. Neste momento, Tom passou a reclamar que o mestre dos cães havia errado quanto ao Parque Claydon.

— Onde estamos agora? — indagou Burgo, enquanto quatro ou cinco deles disparavam pelo portão aberto do curral de uma fazenda.

— Na fazenda Bulby — disse Tom. — E logo chegaremos a de Elmham Wood.

— Elmham Wood que se dane — bradou um fazendeiro corpulento que os havia acompanhado até ali. — Vocês não verão Elmham Wood hoje.

— Imagino que saiba do que está falando — retorquiu Tom. Então, eles atravessaram o curral, passaram por outra estrada e desceram uma ravina íngreme pelo lado de um pequeno bosque. — A raposa atravessou os abetos — avisou Tom. — Atrás dela, rapazes!

Adiante, eles subiram pelo outro lado da ravina, e no topo, viram

a matilha de cães a uma distância de quase um campo à frente deles.

— Essa subida foi de tirar o fôlego — disse Pollock.

— Isso não é hora de pensar em fôlego — falou Burgo, disparando.

— Não acham que o nosso ritmo até a fazenda foi péssimo? — perguntou Calder Jones, que olhou em volta para ver se Grindley havia ficado para trás. Grindley, porém, continuava galopando com outros seis ou sete cavaleiros. Além deles, sempre nos campos à esquerda, via-se George Vavasor. Ele não falou com ninguém desde que a caçada havia começado, e tampouco desejava falar. Vavasor desejava vender seu cavalo — e desejava ter êxito na caçada por outros motivos; embora eu pense que ele sentiria dificuldade em explicá-los.

Agora, jazia diante deles um gramado aberto por cerca de um quilômetro e meio, com cercas mais difíceis de se passar — consequentemente, os cães acabaram aumentando um pouco sua vantagem em relação aos homens, e o peso de Pollock começou a cansar seu cavalo. Os caçadores e Burgo lideravam ao lado de um afortunado cavaleiro camponês que tivera a sorte de cruzar o caminho deles nos portões da fazenda. É a injustiça de tais acidentes, que parte o coração de um homem, que honestamente se esforça tanto em uma disputa! Os cães haviam virado levemente à esquerda, correndo, afinal de contas, em direção ao Parque Claydon.

— Maldito seja, o lorde acertou — admitiu Tom. Sir William, apesar de ser um baronete, ficou familiarmente conhecido como lorde durante a caçada.

— É para o Parque Claydon que vamos agora? — perguntou Burgo.

— São os bosques do Claydon que estamos vendo — respondeu Tom. — O lorde raramente se engana.

Aqui, toparam com uma pequena cerca dupla e uma pequena sebe plantada como decoração. Uma cerca dupla é sempre um problema se foi construída com material firme — é uma cerca que um homem tem razão em evitar. A maioria delas pode ser evitada se tiverem portões; esta poderia ser evitada, mas Burgo nunca evitava nada e saltou lindamente pela cerca. Ser discreto é difícil quando o homem diante de você foi indiscreto. Tom foi em direção ao portão, seguido por Pollock, que sabia que não teria a menor chance se tentasse saltar pela cerca. Calder Jones, entretanto, acabou acometido por infinita tristeza quando o cavalo tropeçou na tábua superior da segunda cerca, lançando seu cavaleiro para fora da sela, como se fosse uma catapulta; e é neste ponto que devemos abandoná-lo. Grindley, em feroz celebração, cavalgou para o portão; mas o cavaleiro camponês, cujo cavalo estava descansado, conseguiu saltar pelas cercas, e logo alcançou Burgo.

— Eu não o vi no ponto de partida — disse Burgo.

— E eu não vi o senhor — respondeu o cavaleiro. — Estamos empatados.

Burgo não via a situação com os mesmos olhos, mas permaneceu calado. Grindley e Tom vinham logo atrás, com Tom fazendo o melhor que podia para deixar o advogado para trás. Pollock também se aproximava, mas o ritmo era demais, e ainda que o terreno fosse leve, seu pobre animal arfava e grunhia intensamente. Os cães continuavam virando à esquerda, e Burgo, após saltar sobre uma pequena cerca e alcançar o campo em que eles estavam, viu que havia um cavaleiro adiante. Era George Vavasor, que continuava cavalcando sem qualquer sinal de dificuldade.

Finalmente, chegaram ao Claydon após terem percorrido 11 quilômetros em 35 minutos. Para aqueles que não são especialistas em caçadas, este ritmo pode não parecer algo extraordinário, mas eles haviam sido muito rápidos – os cavalos que haviam coberto a distância eram testemunhas. A nossa comitiva entrou no Parque Claydon pelos fundos, através de um portão na paliçada do parque que ficava aberto nos dias de caçada, mas um grupo bem mais numeroso chegou assim que eles entraram no parque. O grupo, que chegara pela entrada principal, era liderado por Sir William, e o nosso amigo Maxwell estava com ele.

— Até agora foi uma maravilha — Burgo disse a Maxwell. — A melhor cavalgada que fizemos o ano todo.

— Eu perdi de ver — confessou Maxwell. — Não tive coragem de sair da primeira estrada, e permaneci nela desde então — Maxwell era um homem que nunca mentia sobre seu desempenho nas caçadas, e tampouco sentia a menor vergonha de cavalgar pelas estradas. — Quem estava com você? — perguntou.

— Havia Tom e eu, e Calder Jones nos acompanhou por um tempo, mas acho que ele acabou se matando em algum lugar por aí. Também havia Pollock e seu amigo Grindley, e um camarada cujo nome desconheço, e que pareceu ter caído do céu no meio da corrida. Além deles, havia um homem cujas costas eu acabei de ver; ali está ele – céus, é Vavasor! Não sabia que ele estava aqui.

Eles examinaram as coberturas do Claydon por dez minutos, e então a raposa deles disparou novamente – a raposa deles ou outra, pois, mais tarde, muito se discutiu se era o mesmo animal; mas aquele que sugerisse a Sir William que se tratava de uma nova raposa, seria um homem de muita coragem. Uma raposa, porém, disparou, virando à esquerda no Parque Claydon em direção a Roebury. Durante aqueles dez minutos, cerca de 50 homens chegaram. Nem Calder Jones, nem Tufto Pearlings, e nem meia dúzia de outros deram as caras, já que haviam topado com sérios infortúnios; mas Grindley estava lá,

sentindo-se vitorioso pelo próprio êxito, pronto para discutir a libra de ouro de Jones. Pollock também estava presente – grato pela regra dos dez minutos e confiante de que o seu cavalo recuperaria fôlego suficiente para que ele terminasse a caçada triunfantemente.

O ritmo na saída do Claydon, entretanto, estava melhor do que nunca. Isto deveria ser consequência do fato de que o cheiro da raposa estava mais forte, e de que haviam se aproximado do alvo, mas penso que eles trocaram de raposa. Maxwell, que a viu escapar, jurou que ela parecia descansada e limpa. Burgo garantiu saber que se tratava da mesma raposa, mas não se explicou.

— Era a mesma raposa! É claro que era; por que não seria? — questionou Tom.

O cavaleiro camponês que havia caído do céu estava bastante certo de que aquela era uma nova raposa, bem como a maioria dos cavaleiros que haviam vindo pela estrada. Pollock flagrou-se pensando que esperava que o animal fosse morto logo, e que, assim, o triunfo do dia pudesse ser garantido.

Assim prosseguiram, e logo o ritmo se provou pesado demais para o pobre autor. O cavalo finalmente se recusou a saltar uma sebe e mais nenhum trote saiu daquelas patas. Naquela noite, Pollock chegou em Roebury às nove horas, faminto – era sabido que o animal dele continuava vivo – mas o pobre cavalo não comeu um grão de aveia naquela noite, e nem de manhã. Vavasor novamente escolhera um espaço só para si – nesta ocasião, um pouco à direita do grupo principal, mas Maxwell resolveu segui-lo e cavalgou perto dele até o final. Por um tempo, Burgo continuou liderando pela extensão do campo, sendo, a princípio, muito xingado por Sir William – nominalmente por se meter no meio dos cães, mas, na realidade, porque ele havia ultrapassado o próprio Sir William. Durante esta última parte da caçada, Sir William permaneceu colado aos cães, apesar de seus mais ou menos 70 anos. Ao descerem ao Leito Marham, quatro ou cinco ficaram para trás, pois temeram o solo fofo perto do rio, e não sabiam se conseguiriam atravessá-lo. Burgo, que ainda estava na frente, quase atolou, mas ele era leve e seu cavalo conseguiu levá-lo até o outro lado, deixando a ferradura de uma pata dianteira na lama. Depois disso, Burgo ficou contente por deixar Sir William tomar a dianteira.

Adiante, eles galgaram o Fosso Marham até o Bosque Cleshey, que ultrapassaram sem se demorar um minuto, chegando às terras gramadas da Fazenda Cleshey. Aqui, Vavasor e Maxwell se juntaram aos outros. Eles haviam ganhado uns 275 metros em distância, mas foram forçados a saltar o Arroio Marham que Sir William havia passado a vau. O ritmo agora era tão bom quanto os cavalos podiam produzir – e, talvez, alguns produzissem mais que outros. O criado de

Sir William estivera ao seu lado; ele havia montado em seu segundo cavalo no Claydon. Maxwell tivera a mesma vantagem; o segundo cavalo de Tom não o alcançara, e o seu animal estava extremamente exausto; Grindley ficou no Leito Marham, contentando-se com o fato de que havia vencido Calder Jones – de quem, cá entre nós, devo dizer que ele nunca recebeu a libra de ouro. Burgo, Vavator e o cavaleiro camponês continuavam firmes; mas todos eles pediam piedade à raposa para que ela chegasse logo ao limite de suas forças. Neste momento, surge a consciência de que tudo terá sido por nada se o fim da caçada não acontecer em um ou dois campos! Até agora, você triunfou, deixando vários homens para trás, mas do que adianta se, no fim das contas, você também ficar para trás?

Era evidente a todos que conheciam a região que a raposa estava fugindo em direção ao Parque Thornden Deer, mas ainda faltavam uns três quilômetros para que chegassem ao Parque Thornden Deer, e os cães estavam tão próximos da presa, que o pobre animal dificilmente deveria acreditar que sobreviveria até lá. Ela havia tentado entrar em um dreno bastante conhecido, próximo à Fazenda Cleshey, mas o dreno fora inospitaleiramente – não, cruelmente – fechado. Pouco depois, a raposa se atirou em uma vala, e os cães mais empolgados passaram batido por ela, dando-lhe um momento de fôlego – e também dando um momento de fôlego aos cavalos que desesperadamente precisavam.

— Eu estou quase acabado — disse Burgo a Maxwell.

— Para a sua sorte, a raposa praticamente também está — respondeu Maxwell.

Mas a raposa ainda tinha mais fôlego do que o pobre cavalo de Burgo Fitzgerald. Ela descansou por um minuto, e então começou a correr novamente, sendo avistada pelo próprio Sir William. O cavaleiro camponês que já mencionamos também flagrou o animal, e soltou um berro ao fazê-lo.

— Avante, cachorrada, lá se vai ela! — gritou o infeliz.

— Mas para que diabos você está gritando? — ralhou Sir William.

— Por acaso acha que não sei onde a raposa está?

Depois dessa, o cavaleiro camponês abrandou seu comportamento, e deixou sua presença se tornar cada vez menos evidente.

E lá se foram eles novamente, passando de Cleshey e aproximando-se da paróquia Thornden, nas terras da Fazenda Sorrel – um lugar que seria bastante lembrando por um ou dois cavaleiros mais tarde. Aqui, Sir William disparou por um portão que o tirou levemente do rastro, mas Maxwell e Burgo Fitzgerald, seguidos por Vavator, seguiram em frente. Havia uma vala enorme e um banco limítrofe dos quais Sir William tinha conhecimento e havia evitado. Maxwell, que

havia retomado a sua coragem, conseguiu passar bem pelos obstáculos. Seu cavalo estava relativamente descansado e não se abalou. Então, veio o pobre Burgo! Oh, Burgo, se tu não tivesses sido tão infantil, tu terias entendido, a esta altura do dia, depois de tudo o que teu cavalo fez por ti, que seria impossível para ti ou para ele. Mas desde quando Burgo Fitzgerald entendia alguma coisa? Ele cavalgou pelo banco como se estivesse saltando a primeira cerca do dia, batendo no pobre animal com as esporas, como se músculo, força e um novo fôlego pudessem ser transmitidos pelas rosetas. O animal subiu pelo banco e, de alguma forma, conseguiu escalá-lo, mas suas patas cederam e ele chocou o peito contra o obstáculo. O cavalo, então, caiu de cabeça na vala do outro lado; uma confusa massa de cabeça, patas e corpo. Sua carreira havia chegado ao fim, e seu dono havia destruído o seu coração! Pobre fera nobre; nobre em vão! Até a última arfada, dera o melhor de si, e merecera pertencer a mãos melhores. A ignorância de seu mestre o havia matado. Há homens que nunca sabem o quão pouco um cavalo pode fazer – ou quão muito!

Havia, até um certo ponto, um espaço no obstáculo quando Maxwell passou primeiro, com Burgo atrás; era um espaço, ou uma falha na sebe acima, que indicava claramente o local onde um cavalo poderia se dar melhor. Vavator se aprumou na direção do tal espaço, e viu-se no banco, logo atrás de Burgo, quando percebeu o que havia acontecido, mas o homem escapou ileso e apenas o cavalo jazia na vala.

— Machucou-se? Posso fazer alguma coisa? — perguntou Vavator, sem parar.

— Se encontrar algum criado, envie-o até mim — respondeu Burgo num tom melancólico. Então, sentou-se com os pés na vala, e ficou olhando para a carcaça do cavalo.

Não houve mais qualquer necessidade de saltos naquele dia. O caminho era aberto até o próximo campo – um campo de nabos – e naquela plantação, entre as frescas folhas dos vegetais, sentindo o hálito de seus inimigos e os dentes afiados enterrados em suas entranhas, enquanto tentava inutilmente mordê-los em meio à agonia da morte, a pobre Reynard^[43] teve a sua existência encerrada. Maxwell certamente foi o primeiro a chegar – mas Sir William e George Vavator terminaram bastante próximos. As congratulações que estamos acostumados a ouvir estão um pouco fora de moda; mas se tais honras deveriam ser entregues a alguém, esta pessoa seria Vavator, pois ele, e apenas ele, havia cavalgado do começo ao fim. Ele, contudo, não reclamou qualquer honra e nenhuma lhe foi especialmente dada. Ele e Maxwell cavalgaram para casa juntos, após enviarem auxílio ao pobre Burgo Fitzgerald; conforme avançavam pela estrada, trocando poucas palavras, Maxwell, em um tom bastante

indiferente, fez-lhe uma pergunta.

— Quanto você quer pelo cavalo, Vavador?

— 150 — respondeu Vavador.

— Ele é meu — concluiu Maxwell.

Então, o cavalo castanho foi vendido pela metade do seu valor, porque um temperamento ruim o acompanhava.

CAPÍTULO 18

OS GRANDES PARENTESCOS DE ALICE VAVASOR

Burgo Fitzgerald, cuja relativa experiência em caçadas foi relatada no capítulo anterior, era um jovem nascido em uma posição privilegiada da aristocracia inglesa. Ele era parente de meia dúzia de duques no reino, e possuía três tias condessas. Quando chegou à idade adulta, tornou-se dono de uma fortuna suficientemente grande para tirar de cogitação qualquer sugestão de que deveria trabalhar para ganhar o próprio pão; e embora essa, e outras riquezas inesperadas que surgiram em seu caminho, já tivessem sido gastas, ninguém nunca lhe fez uma sugestão tão ridícula assim. Burgo agora tinha 30 anos, e nos últimos ficou conhecido por ser um homem de estado econômico pior do que o de um falido; ele, todavia, ainda vivia nos mesmos círculos de sempre; ainda dormia em camas confortáveis e bebia do melhor; e ainda era visto por aí com seu criado, seu cavaliário e seus cavalos, aproveitando magnificamente cada dia. Algumas pessoas diziam que as condessas cuidavam de seus luxos; outros diziam que eram os duques – enquanto outros, novamente, declaravam que os judeus eram seus amigos mais generosos. Seja como for, ele parecia viver como sempre viveu: menosprezando os trabalhadores e desprezando todas as regras que regulavam as vidas dos outros homens.

Cerca de 18 meses antes do momento que agora narro, uma grande oportunidade cruzou o caminho deste jovem, e ele quase obtivera êxito em se tornar um dos homens mais ricos da Inglaterra. Na época, houvera uma grande herdeira no reino, em quem as propriedades de meia dúzia de famílias antigas se concentravam; e Burgo, que apesar de suas iniquidades ainda mantinha a sua posição no salão dos grandes, quase conseguiu conquistar a mão e as riquezas – enquanto as pessoas diziam que ele havia conquistado o coração – de lady Glencora M’Cluskie, mas vários magnatas poderosos, quase levados ao desespero diante da perspectiva de tal sacrifício, haviam sagazmente unido seus intelectos, e o resultado foi que lady Glencora ouviu à razão. Ela escutou – com várias sacudidelas altivas de sua cabecinha orgulhosa, e com várias pulsações de seu jovem coração apaixonado, mas no final, a moça escutou e ouviu a razão. Ela encontrou-se com Burgo uma última vez e lhe disse que se tornara a noiva prometida de Plantagenet Palliser, sobrinho e herdeiro do duque de Omnium.

Ele suportou o baque como um homem – sem nunca choramingar abertamente, ou tremer à menção do nome de lady Glencora diante de um camarada. Ela casou-se com Mr. Palliser na St. George’s Square, e

na manhã do casamento, Burgo deu uma passada em seu clube em Pall Mall. Lá, ele escutou os sinos e falou uma ou duas palavras sobre o casamento com admirável coragem. Uma grande chance havia surgido em seu caminho – e ele a perdera. Mas quem pode dizer que sua única tristeza girava em torno do dinheiro? Ele mencionou o assunto uma vez à irmã casada, na casa onde conhecera lady Glencora.

— Agora, jamais me casarei, e isso é tudo — ele disse, e seguiu em frente, vivendo a sua velha vida inconsequente, com a mesma irresponsabilidade de sempre. Ele era um daqueles rapazes de cabelos escuros e olhos azuis – que preferiam não usar barba, e certamente considerado uma das mais bonitas de todas as criaturas de Deus. Nenhum homem mais bonito do que Burgo Fitzgerald viveu em sua época; e o mérito, de qualquer forma, era dele, pois nunca considerou a sua beleza algo especial. Burgo, porém, vivia sem consciência; sem propósito – sem ideia de que competia a ele, como homem, fazer outra coisa que não comer e beber – ou cavalgar com os cães até que um pobre animal, muito mais nobre do que o próprio Burgo, perecesse abaixo dele.

Burgo tem a sua importância em nossa história no presente momento porque lady Glencora, que o havia amado – e que teria se casado com ele, se aquelas mentes sagazes não a tivessem impedido –, era prima de Alice Vavasor. Ela era parte daqueles grandes parentescos com os quais Alice era conectada pelo lado da mãe – era, de fato, tão próxima a lady Macleod, que Alice era, por consequência, sua prima em segundo grau. Lady Midlothian era tia de lady Glencora, e a nossa Alice poderia ter sido chamada de prima – em vez de ser renegada – do velho lorde das Ilhas, pai de lady Glencora – que havia morrido, entretanto, algum tempo antes de seu romance com Burgo – e do marquês de Auld Reekie, que era tio de lady Glencora, e se tornara seu guardião. Mas Alice havia se mantido afastada de seus grandes parentescos maternos, preferindo, em vez disso, considerar-se mais próxima dos parentes do lado do pai. Com lady Glencora, contudo, ela criara por um curto período – uma semana ou dez dias – uma relação íntima quase afetuosa; foi na época em que a herdeira teimosa, com radiantes cachos ondulados, estivera decidida a dar sua riqueza e a si mesma para Burgo Fitzgerald. Burgo possuía negócios com George Vavasor e o conhecia – conhecia-o intimamente e logo descobriu que a herdeira e Alice eram primas. Durante a agonia daquelas semanas em que as mentes sagazes combatiam seu amor, lady Glencora foi visitar a prima em Queen Anne Street, e contou toda a história a Alice.

— Você, Alice, sentiu medo dos marqueses e das condessas, ou de todos os títulos e dinheiro que eles ostentavam? — ela perguntou.

Alice respondeu que, de modo algum, havia sentido medo deles. — Então, permitirá que eu, lady Glencora, e Burgo nos encontremos na sala de estar em Queen Anne Street só uma vez?

Só uma — para que pudessem organizar um pequeno plano de fuga. Alice, todavia, não poderia fazer uma coisa dessas pela prima cuja amizade era recente. Ela esforçou-se para explicar que não era a dignidade das mentes sagazes que a preocupava, mas o sentimento feminino do que era certo e do que era errado em tal questão.

— Por que não devo me casar com ele? — lady Glencora perguntou, com olhos brilhando. — Ele está à minha altura.

Alice explicou que não possuía qualquer opinião contra o casamento. Ela aconselhou a prima a ser verdadeira com seu amor, se seu amor fosse realmente verdadeiro. Mas ela, uma mulher solteira que mal conhecia a prima, não poderia auxiliá-la daquele jeito!

— Se não me ajudar, estarei perdida! — determinou lady Glencora, ajoelhando-se diante de Alice e jogando seus ondulados cachos sobre o colo da prima. — Como posso suborná-la? — perguntou. — Depois dele, será você quem mais amarei no mundo todo.

Mas Alice, ainda que houvesse beijado a sua testa e admitido que tal recompensa significaria muito para ela, não poderia aceitar qualquer suborno em razão de tal causa. Então, lady Glencora ficou furiosa e a chamou de insensível, ameaçando-a com uma praga de que ela também sofreria uma grande tristeza e que precisaria de auxílio. Alice não contou nada sobre sua história — que havia amado o primo e sido forçada a desistir dele — mas disse as palavras mais gentis que conseguiu, e a moça de cabelos ondulados e olhos azuis-claros se acalmou. As visitas se repetiram — ela comparecera diariamente enquanto as mentes sagazes trabalhavam — e Alice tornou-se um conforto às tribulações da moça.

Mas as mentes sagazes saíram vitoriosas, como sabemos, e lady Glencora M'Cluskie tornou-se lady Glencora Palliser, com toda a propriedade do mundo, em vez de esposa de Burgo, com todas as impropriedades imagináveis. Mais tarde, escreveu uma carta para Alice, muito curta e notavelmente triste, mas, ainda assim, contendo certa doçura.

Ela disse que fora aconselhada a não amar como pensou que deveria amar, e assim, desistiu de seu sonho. A sua prima Alice, ela sabia, respeitaria seu segredo. Lady Glencora se tornaria esposa do melhor homem, ela pensava, no mundo todo; e seria a grande missão de sua vida fazê-lo feliz. Em nenhum momento da carta afirmou que amava esse lorde recém-conhecido. Na mensagem, a moça revelou que se casaria imediatamente, e convidou Alice a fazer parte do grupo de damas de honra que agradeceriam a cerimônia.

Alice desejou felicidades com todo o coração – “com todo o coração”, mas recusou o ofício de dama de honra. Ela não queria ser alvo dos olhares frios de ladies Julias e ladies Janes que certamente se conheceriam, mas que não fariam a mínima ideia de quem era Alice. Então, ela enviou à prima um pequeno anel, e pediu que ela o guardasse apesar de todos o rico tributo dos presentes de casamento que choveriam aos seus pés.

Daquele momento em diante, Alice não teve mais notícias de lady Glencora. Ela havia se casado no final da estação anterior e viajado com Mr. Palliser, passando a lua de mel em meio à suavidade de algum lago italiano. Eles não retornaram à Inglaterra até que o tempo de participarem das magníficas festividades natalinas do tio de Mr. Palliser, o duque, chegou. Naquela ocasião, o castelo Gatherum, o vasto palácio que o duque construía gastando quase um quarto de um milhão, foi aberto – algo que nunca havia acontecido –, pois seu herdeiro havia se casado para a sua satisfação, e o duque era um homem que não poupava despesas quando se sentia feliz. Logo, viu-se uma multidão de convidados da noiva, e uma sucessão festivas que ultrapassaram o horário em que Mr. Palliser era esperado em Westminster – e Mr. Palliser era um legislador que servia seu país com a maior das assiduidades. Então, a temporada em Londres começou, progrediu e foi encerrada. Apesar disso, Alice não teve mais notícias de sua amiga e prima, lady Glencora.

O fato, todavia, não a perturbou. Uma casualidade – a história que não revelara a ninguém – havia gerado uma pequena intimidade com a bela moça das minas de ouro, mas ela sentiu que não poderiam viver juntas com os hábitos de uma grande intimidade. Quando pensava na jovem noiva, ela apenas se lembrava do episódio do amor selvagem que surgira na vida da moça. Era estranho para Alice ter ouvido numa semana os protestos mais apaixonados de sua amiga sobre o amor que sentia por um homem, e então, na semana seguinte, ser informada que outro homem se tornaria o marido dela! Alice, porém, refletiu que a sua realidade era praticamente a mesma – exceto que o intervalo de tempo entre as duas coisas havia sido maior em seu caso.

Mas a realidade dela não era a mesma. Glencora se casara com Mr. Palliser – havia se casado sem dar espaço para dúvidas – mas Alice continuou duvidando até decidir não se casar mais com Mr. Grey. Ela pensava muito nessas coisas naqueles dias em Cheltenham, e perguntava-se constantemente se Glencora vivia com o marido a plena felicidade do amor conjugal.

Certa manhã, cerca de três dias após a visita de Mr. Grey, chegaram duas cartas, nenhuma das quais possuía uma caligrafia que ela reconhecia. Lady Macleod lhe dissera – com um pouco de

hesitação, pois lady Macleod estava com medo dela – mas lhe dissera, mesmo assim e mais de uma vez, que esses nobres parentes haviam sido informados sobre o tratamento ao qual Mr. Grey fora submetido e expressado grande tristeza – se não descontentamento ou quase raiva. Lady Macleod realmente havia ido tão longe quanto ousava, e poderia ter ido além sem qualquer sacrifício da verdade. Lady Midlothian dissera que era uma desgraça para a família, e a tia de Glencora, a marquesa de Auld Reekie, exigira saber o que Alice estava pretendendo.

Quando as cartas chegaram, lady Macleod não estava presente, e me sinto disposto a achar que uma delas havia sido escrita em conluio com a velha dama. Se este era o caso, contudo, ela não se atreveria a assistir ao efeito imediato do seu próprio projétil. Tal carta era de lady Midlothian. Sobre a outra, lady Macleod certamente não sabia nada, ainda que também fosse fruto das discussões sobre os pecados de Alice que afetavam Auld Reekie e Midlothian. A outra carta era de lady Glencora. Alice abriu as duas, uma sem ler a outra, muito lentamente. A mensagem de lady Midlothian foi aberta primeiro, e então, um rubor de raiva surgiu nas bochechas de Alice quando ela avistou a assinatura e captou uma ou duas palavras ao deixar seus olhos espiarem a página. Depois, ela abriu a outra, que era mais curta e, quando viu a assinatura da prima, “Glencora Palliser”, leu-a primeiro – leu-a duas vezes antes de voltar à tarefa desagradável de examinar minuciosamente o sermão de lady Midlothian. Aqui, os leitores poderão ler ambas, mas a carta da condessa será registrada primeiro.

“Castelo Reekie, N.B.

— Out. 186 —

MINHA QUERIDA MISS VAVASOR,

Não tive o prazer de conhecê-la pessoalmente, embora costume ouvir muito sobre você por meio de nossa amiga e parente mútua, lady Macleod, a quem, segundo ouvi, está visitando no presente momento. A sua avó – do lado materno – lady Flora Macleod, e a minha mãe, a condessa de Leith, eram meias-irmãs; e ainda que as circunstâncias desde então tenham impedido que nos víssemos tanto quanto seria desejável, sempre me recordei de nossa conexão e a considereei uma pessoa cujo bem-estar é de meu caloroso interesse, em razão de nossos laços sanguíneos...”

— “Desde então”, o que ela quis dizer com “desde então”? — Alice falou para si mesma. — Ela nunca pôs os olhos em mim. Por que ela fala sobre não me ver tanto quanto seria desejável?

“Eu fui informada, para minha grande satisfação, que você estava prestes a se casar como um cavalheiro deveras digno, Mr. John Grey de

Nethercoats, em Cambridgeshire. Quando ouvir falar sobre essa novidade, resolvi fazer algumas inquisições, e fiquei deveras feliz em descobrir que a sua escolha a havia concedido muita credibilidade”.

(Se os leitores entenderam o caráter de Alice como pretendi que entendessem, será extremamente óbvio que, para ela, esse comentário foi totalmente desagradável).

“Foi-me dito que Mr. Grey é um cavalheiro em todos os aspectos; que é um homem de excelentes hábitos, e alguém com quem qualquer moça poderia comprometer sua felicidade futura seguramente; que ele é bastante abastado para sua posição; e que não houve qualquer objeção possível ao casamento. Tudo isto me deu grande satisfação – satisfação, esta, compartilhada pela marquesa de Auld Reekie, que é quase tão conectada a você quanto eu sou, e que, posso lhe assegurar, sente considerável interesse no seu bem-estar. Sou hóspede dela no momento, e sobre tudo o que eu disse, ela concorda comigo. Deve ser possível imaginar, então, o quão horrorizadas ficamos quando a querida lady Macleod nos informou que você disse a Mr. Grey que havia mudado de ideia! Minha querida Miss Vavasor, será verdade? Há coisas sobre as quais uma moça não tem o direito de mudar de ideia uma vez que foram acertadas; certamente, a aceitação de um pedido de casamento de um cavalheiro é uma delas. Ele não pode, legalmente, torná-la sua esposa, mas tem o direito de reivindicá-la perante Deus e os homens. Por acaso você considerou que ele provavelmente já mobiliou a casa dele em razão do casamento planejado e, talvez, atendendo aos seus próprios desejos especiais?”

(Acredito que lady Macleod deve ter contado à condessa alguma coisa que havia ouvido falar acerca do jardim).

“Por acaso refletiu sobre o fato de que Mr. Grey certamente contou a todos os amigos dele? Por caso você tem alguma justificativa? Pelo que me disseram, não tem nenhuma! Nada jamais deveria ser feito sem um motivo, e muito menos uma coisa dessas, em que os seus próprios interesses e, devo dizer, a sua própria reputação, estão em jogo. Espero que você pense antes de persistir na destruição da sua própria felicidade e, possivelmente, da felicidade de um homem muito digno. Há alguns anos, quando você era muito mais jovem, ouvi dizer que havia se virado imprudentemente noutra direção – com um cavalheiro sem qualquer das qualidades que fazem de Mr. Grey um homem tão respeitável. Eu ficaria completamente arrasada, assim como a marquesa, que nessa questão pensa como eu, se imaginasse que a sua rejeição de Mr. Grey é fruto de qualquer renovação desse relacionamento. Nada, minha querida Miss Vavasor, poderia ser mais lamentável – para não dizer outra coisa. Disseram-me que uma carta

minha, representando o lado da família da sua pobre mãe, poderia ser útil, sobretudo por eu poder, no presente momento, expressar tanto os sentimentos de lady Auld Reekie quanto os meus. Imploro, minha querida Miss Vavasor, lembre-se do que deve a Deus e ao homem, e mantenha o noivado que você mesma aceitou, em todos os aspectos, comme il faut^[44]; o que causaria total satisfação a todos os seus amigos e parentes.

MARGARET M. MIDLOTHIAN”.

Acho que lady Macleod errou ao supor que este plano poderia fazer algum bem. Ela deveria conhecer Alice melhor e deveria, também, conhecer o mundo melhor. Mas a própria reverência dela a seus nobres parentes era tão grandiosa, que ela não foi capaz de compreender, mesmo agora, que tal sentimento não era compartilhado pela sobrinha. Era impossível a ela que a opinião manifestada pela condessa de Midlothian, com toda a sua afinidade e solicitude, que demonstrava uma vontade de criar uma amizade, seria inútil – ela não poderia, eu lhe digo, compreender que a voz de uma pessoa assim, tão expressiva, não teria qualquer peso. Mas acho que ela acertou precisamente ao ficar longe do caminho de Alice no momento da chegada da carta. Alice a leu devagar, depois a recolocou no envelope e recostou-se na cadeira em silêncio, com os olhos fixos no bule em cima da mesa. Ela tinha, entretanto, a outra carta para ocupar a mente e, assim, aliviá-la dos efeitos da profunda animosidade que estava sentindo pela condessa.

A carta de lady Glencora assim havia sido escrita:

“Matching Priory,

Quinta-feira.

CARA PRIMA,

Eu acabei de voltar para casa da Escócia, onde as pessoas me contaram um pouco acerca dos seus probleminhas. Certa vez, sofri com alguns probleminhas também, e você foi tão boa comigo! Poderia vir nos visitar por umas semanas? Ficaremos aqui até a época do Natal, e depois iremos para outro lugar. Eu disse ao meu marido que você é uma grande amiga minha, bem como prima, e que ele deveria ser bom com você. Ele é muito calado e trabalha duro no ramo político; mas acho que gostará dele. Venha! Haverá um monte de pessoas aqui, assim você não sentirá monotonia. Se me comunicar o dia, mandarei uma carruagem buscá-la na Estação de Matching, e talvez eu até mesma consiga estar lá.

Afetuosamente,

G. PALLISER”.

“P.S.: Eu sei o que pensará. Você dirá: “Por que ela não veio até mim em Londres? Ela sabe muito bem o caminho a Queen Anne Street”. Querida Alice, não diga isso. Acredite em mim, eu tive muito a fazer e a

pensar em Londres. E se erreí, peço que me perdoe. Mr. Palliser pediu para lhe enviar um abraço – já que é minha prima – e para lhe dizer que você deve vir!”

Esta carta era certamente melhor do que a outra, mas Alice, ao lê-la, resolveu não aceitar o convite. Em primeiro lugar, a mera alusão aos seus “probleminhas” perturbava seus sentimentos; e depois, ela concluiu que sua rejeição a Mr. Grey não deveria ser motivo especial para que fosse a Matching Priory. Não era bem possível que, se ela aceitasse, toparia com lady Midlothian, bem como com toda a potência da bateria pessoal da condessa? A mensagem de lady Glencora ela, é claro, responderia, mas a de lady Midlothian não seria redigida qualquer réplica.

Por volta das 11 horas, lady Macleod desceu até ela. Por cerca de meia hora, Alice não disse nada; lady Macleod, tampouco, fez qualquer pergunta. Ela olhou inquisitivamente para Alice, de olho na carta que jazia ao lado do cesto de costura da sobrinha, mas não disse uma palavra sobre Mr. Grey ou sobre a condessa. Por fim, Alice falou.

— Tia, eu recebi uma carta da sua amiga, lady Midlothian, esta manhã.

— Ela é a minha prima, Alice; e tão sua quanto minha.

— Sua prima, então, tia. Mas é de mais importância que seja sua amiga. Ela certamente não é minha, e tampouco o parentesco justifica qualquer interferência nos meus assuntos.

— Alice, a posição dela...

— A posição dela nada significa para mim, tia. Eu não vou ceder a isso. Aqui está a carta dela, que a senhora pode ler se desejar. Depois, pode queimá-la. É desnecessário dizer que não a responderei.

— E o que devo dizer a ela, Alice?

— Nada vindo de mim, tia – da senhora, fale o que quiser, é claro — por alguns minutos, houve silêncio entre as duas. — Recebi outra carta; esta é de lady Glencora, que se casou com Mr. Palliser, e a quem conheci na primavera passada em Londres.

— E ela a ofendeu também?

— Não, não houve ofensas na carta. Ela me convidou a vê-la em Matching Priory, a casa do marido dela; mas eu não irei.

Mas, no fim das contas, Alice acabou concordando em visitá-la, e é melhor contar o que a convenceu. Ela escreveu para lady Glencora refutando e explicando francamente a recusa, pois achava que era provável que acabaria encontrando lady Midlothian lá. Lady Midlothian, ela dissera, havia interferido indesculpavelmente em seus assuntos, e ela não gostaria de conhecê-la. A isto, lady Glencora respondeu, imediatamente, que jamais seria capaz de tamanha traição contra Alice; que nem lady Midlothian, ou qualquer pessoa do círculo

dela estaria lá – Alice sabia que Glencora estava se referindo à tia dela, a marquesa –; e que ninguém em Matching atormentaria Alice, com ou sem o direito de fazê-lo. “*Exceto eu mesma, se achar que devo*”, lady Glencora brincara, sugerindo uma data no início de novembro, ocasião em que ela mesma encontraria Alice na Estação de Matching. Ao receber esta carta, Alice, após passar dois dias em dúvida, aceitou o convite.

CAPÍTULO 19

TRIBUTO DE OILEYMEAD

Kate Vavasor, enquanto escrevia para a prima Alice, sentiu um pouco de dificuldade em se desculpar por permanecer em Norfolk com Mrs. Greenow. Ela havia caçoado de Mrs. Greenow antes de partir para Yarmouth, e caçoara de si mesma por acompanhá-la. Em todas as suas cartas, ela descrevera a tia como uma mulher boba, vã e mundana, que enxugava lágrimas de crocodilo por um velho marido cuja morte a havia libertado do tédio de sua companhia, ao mesmo tempo em que jogava suas iscas em busca de novos romances. Ainda assim, concordou em ficar com a tia e permanecer ao seu lado nos alojamentos em Norwich por um mês.

Mrs. Greenow, porém, possuía uma característica a mais que Kate falhara em perceber quando tentou analisar o caráter da tia pela primeira vez: ela era esperta e, à sua própria maneira, persuasiva. Mrs. Greenow era muito generosa e tinha um certo poder de se destacar como uma pessoa agradável para todos à sua volta. Quando pediu a Kate para ficar, ela o fez de modo que parecesse que Kate estava lhe conferindo um favor. Ela havia dito à sobrinha que estava completamente sozinha no mundo.

— Eu tenho dinheiro — ela dissera, aparentando um sentimento mais verdadeiro do que Kate já havia observado. — Tenho dinheiro, mas não tenho mais nada no mundo.

“Eu não tenho casa. Por que eu deveria partir de Norfolk, onde conheço algumas pessoas? Se você disser que me acompanhará a qualquer outro lugar, eu irei a qualquer lugar que desejar”, Kate escrevera a Alice.

Kate acreditava que isso dificilmente era verdade. Ela tinha certeza de que a tia desejava permanecer nas imediações de seus admiradores costeiros; mas, mesmo assim, ela cedeu, e no final de outubro, as duas damas, acompanhadas por Jeannette, aprumaram-se nos confortáveis alojamentos nos arredores do Cerco de Norwich.

Naquela época, Mr. Greenow estava morto há quase seis meses, mas sua viúva se confundia com as datas e parecia achar que o intervalo fosse maior. No dia da chegada em Norwich, ficou evidente que o erro estava cimentado na mente dela.

— Dá para acreditar? — ela comentou, ao desembulhar uma miniatura do falecido e a aninhar na mão por um instante, enquanto pressionava o lenço contra os olhos. — Dá para acreditar que mal se passaram nove meses desde que ele me deixou?

— A senhora quer dizer seis, tia — Kate respondeu, sem pensar.

— Apenas nove meses — repetiu Mrs. Greenow, como se não houvesse escutado a sobrinha. — Apenas nove meses!

Depois disso, Kate não tentou mais corrigir erros como aquele.

— Foi em maio, senhorita — Jeannette contou mais tarde para Miss Vavator. — E, de acordo com as contas dela, vai fazer um ano quando o Natal chegar.

Mas Kate não prestou atenção ao deboche.

Jeannette era muito ingrata, e certamente não deveria se entregar a tais sarcasmos. Quando Mrs. Greenow fez uma sutil mudança em seus trajes de luto ao chegar em Norwich, adicionando uma pequena fita em meio às vestes de crepe, Jeannette foi premiada com uma muda de roupas. Mrs. Greenow esperava de uma empregada muito mais do que seu mero serviço — ela queria lealdade, discrição e, às vezes, um pouco de confidencialidade — e já que pagava por todas estas coisas, era seu direito tê-las.

Kate encarregou-se de passar um mês com a tia em Norwich, e Mrs. Greenow encarregou-se de convencer Mr. Cheesacre a se declarar pretendente de Kate antes do fim do mês. Kate protestou em vão quando disse que não desejava tal pretendente, e afirmou que certamente o rejeitaria se ele tentasse se declarar.

— Sua cabeça é seu guia, querida — tia Greenow disse. — Mas uma moça precisa sossegar um dia. Além disso, você teria todas as suas vontades atendidas em Oileymead.

Mas a oferta certamente mostrava muito mais generosidade da parte de tia Greenow, uma vez que a atenção de Mr. Cheesacre estava, ao que parecia, mais focada nela do que na sobrinha. Mr. Cheesacre era muito atencioso. Ele havia pagado pelos alojamentos no Cerco, enviado frangos e creme de Oileymead, e as visitado na manhã seguinte à chegada das damas. Em toda a sua atenção, contudo, ele distinguia mais a tia em particular do que a sobrinha.

— Eu torço por Mr. Cheesacre, senhorita — dissera Jeannette certa vez. — Talvez o capitão seja um cavalheiro mais bonito, e não tão rechonchudo, mas do que adianta uma boa aparência se o cavalheiro não tem nada? Eu *num* posso respeitar nada que seja pobre, e tampouco pode a senhorita.

E com isso, ficou evidente que Jeannette não dava a Miss Vavator nenhum crédito por ter Mr. Cheesacre como possível pretendente.

O capitão Bellfield também estava em Norwich, pois havia conseguido um emprego de certo aspecto militar: treinar voluntários. Imaginava-se que possuísse alguma capacidade no ramo, e, como o seu amigo Cheesacre havia dito, uma vez na vida ele finalmente ganharia um tostão honesto. O capitão e Mr. Cheesacre haviam feito as pazes em relação ao que quer que houvesse existido entre eles em Yarmouth, e voltaram a se tornar aliados próximos quando partiram de lá. Algum pequeno acordo financeiro deveria ter sido feito entre eles, pois o capitão estava novamente abastado. Ele novamente tinha dinheiro graças à bondade de seu amigo — e nenhum pagamento de

empréstimos anteriores foi realizado, e tampouco existiu alguma discussão sobre tais assuntos. Mr. Cheesacre havia sacado a sua carteira liberalmente, e declarara que, se tudo corresse bem, não lhe faltaria hospitalidade de Oileymead durante o inverno. O capitão Bellfield assentiu com a cabeça e declarou que tudo correria bem.

— Imagino que a senhora não verá muito do capitão — afirmou Mr. Cheesacre a Mrs. Greenow na manhã seguinte à chegada delas em Norwich. Ele havia viajado desde Oileymead para perguntar se ela estava se sentindo confortável – e talvez para ficar simultaneamente de olho nos mercados de Norwich. Ele agora usava um par de botas pretas de cavaleiro por cima das calças e um chapéu-coco, e parecia se sentir muito mais à vontade do que no litoral.

— Não muito, ousou dizer — respondeu a viúva. — Ele me disse que trabalhará de dez a doze horas por dia. Pobre rapaz!

— Mas isso é muito bom para ele, e o capitão deve ficar muito agradecido a mim por ajudá-lo a conseguir esse trabalho. Contudo, ele pediu para lhe comunicar que, se não a contatar, a senhora não deve ficar com raiva dele.

— Oh, não, eu vou entender, é claro.

— Se o capitão não trabalhar agora, cairá em desgraça. Ele não tem um xelim para chamar de seu.

— É mesmo?

— Nem um xelim, Mrs. Greenow. Além do mais, ele tem um monte de dívidas. Não é um camarada ruim, sabe? Só que não dá para confiar nele para nada.

Então, após mais algumas perguntas que carregavam um tom quase carinhoso, e uma promessa de suprimentos adicionais da leiteria, Mr. Cheesacre partiu, quase se esquecendo de perguntar sobre Miss Vavasor. Mas, enquanto ia saindo da casa, trocou algumas palavras com Jeannette.

— Ele não apareceu por aqui, não é, Jenny?

— Ainda não vimos nem sinal dele, senhor, e imagino que isso seja estranho.

Então, Mr. Cheesacre deu meia-coroa para a moça e se foi. Jeannette, eu penso, deve ter se esquecido de que o capitão dera uma passada no alojamento na noite anterior, após encerrar as suas tarefas militares.

A labuta diária de dez a doze horas do capitão era, sem dúvida, realizada em intervalos irregulares – alguns dias mais tarde, outros mais cedo –, pois ele foi visto em Norwich o tempo todo durante o início daquele novembro; e constantemente poderia ser flagrado perambulando pelo Cerco. Em Norwich, o mercado abria durante dois dias por semana, mas nesses dias, o capitão, indubitavelmente, se dedicava mais ao seu trabalho militar, pois nunca era visto perto do

Cerco. As visitas de Mr. Cheesacre à cidade, entretanto, eram feitas geralmente nos dias em que o mercado abria. Desta forma, os dois nunca se encontraram. Nestas oportunidades, Mr. Cheesacre era sempre levado às portas de Mrs. Greenow em um coche – pois vinha para a cidade de trem. Ao chegar, ele entregava uma cesta com produtos ricos de sua leitaria. Mrs. Greenow tentou em vão protestar contra os presentes – ela protestou e declarou que se continuassem sendo enviados, ela os devolveria. Eles, contudo, continuaram sendo enviados, e Mrs. Greenow se viu no limite de sua paciência. Cheesacre não acompanhava as cestas, indo, a princípio, cuidar de seus negócios para só então voltar para ver as damas. Em tais ocasiões, ele fazia questão de entregar a cesta a Jeannette. Durante este processo, geralmente fazia perguntas sobre o capitão, e Jeannette lhe respondia confidencialmente – de modo que havia uma forte amizade entre estes dois.

— O que é que eu vou fazer? — indagou Mrs. Greenow quando Kate adentrou a sala de estar certa manhã, e viu sobre a mesa uma pequena cesta embrulhada em um pano limpo. — Ela pesa tanto quanto o braço de Jeannette suporta.

— É mesmo, senhora, tem razão. E eu tenho um braço bem forte também, senhora.

— O que eu vou fazer, Kate? Ele é uma criatura tão boa.

— E ele admira tanto as senhoras — disse Jeannette.

— É claro que não desejo ofendê-lo por muitos motivos — admitiu a tia, olhando intencionalmente para a sobrinha.

— Não sei quais são seus motivos, tia, mas se eu fosse a senhora, deixaria a cesta como está até que ele retorne à tarde.

— Será que você não poderia recebê-lo, Kate, e explicar que esses presentes são desnecessários? E se disser que, se ele prometer não trazer mais, você aceitará essa aqui?

— Eu não posso fazer isso, tia, pois elas não são trazidas para mim.

— Oh, Kate!

— Eu não aceito que a senhora diga que é bobagem, sobretudo diante de Jeannette.

— Eu acho que é para as duas, senhora; realmente acho. E certamente não há um creme como esse à venda em Norwich – e muito menos ovos como esses.

— Pergunto-me o que haverá na cesta — a viúva ergueu a ponta do pano. — Ora, se não é um filhote de peru.

— Nossa! — exclamou Jeannette. — Um filhote de peru! Ora, isso deve valer uns dez xelins e seis pence no mercado, se *num* me engano.

— Está fora de cogitação caber a mim a tarefa de falar qualquer coisa para ele — determinou Kate.

— Eu juro que não vejo por que não deveria caber — retorquiu Mrs. Greenow.

— Tenho uma ideia, senhora — anunciou Jeannette. — Deixe-me perguntar para quem são as cestas — ele sempre me conta tudo.

— Não faça nada disso, Jeannette — interrompeu Kate. — É claro que elas foram trazidas para a senhora. Não há dúvidas sobre isso. Um cavalheiro não traz creme e perus para... Eu nunca ouvi falar de uma coisa dessas!

— Eu não vejo por que um cavalheiro não poderia trazer creme e perus tanto para você quanto para mim. Na realidade, ele mesmo me disse isso certa vez.

— Então, se são para mim, eu as deixarei lá fora no umbral, e é lá que ele encontrará suas provisões.

Kate, então, fez menção de tirar a cesta da mesa.

— Deixe-a aí, Kate — decretou Mrs. Greenow com a voz bastante solene, e que carregava, também, um tom de tristeza. — Deixe-a. Eu mesma cuidarei de Mr. Cheesacre.

— E espero que a senhora não mencione o meu nome. Esta é a coisa mais absurda do mundo. O homem nunca falou duas dúzias de palavras comigo na vida.

— Mas ele fala comigo — respondeu Mrs. Greenow.

— Atrevo-me a dizer que fala — rebateu Kate.

— E sobre você também, querida.

— Ele *num* viria aqui com flores grandes numa das casas de botão do casaco por nada — avaliou Jeannette. — Ou, então, *num* sei mais o que significa ser um cavalheiro.

— É claro que não é por nada — retrucou Mrs. Greenow.

— Se não vir problema, tia, vou escrever para vovô e dizer que voltarei para casa imediatamente — proclamou Kate.

— O quê?! Por causa de Mr. Cheesacre? — espantou-se Mrs. Greenow. — Eu não acho que você seria tão tola assim, minha querida.

Naquele dia, Mrs. Greenow encarregou-se de receber o generoso cavalheiro e solicitar a interrupção dos suprimentos da sua fazenda. Como era bem sabido, ele costumava aparecer às quatro horas, depois de resolver seus negócios na cidade; consigo, trazia um menino responsável por carregar a cesta. Na hora, Kate, é claro, estava ausente, e a viúva recebeu Mr. Cheesacre sozinha. A cesta e o pano estavam lá, na sala de estar, e sobre a mesa foi despejado o seu rico conteúdo: o filhote de peru primeiro, em um prato providenciado pelos alojamentos; depois, uma dúzia de ovos frescos num prato de sopa. Em seguida, o creme numa latinha, que, pela última quinzena, fizera várias viagens entre Oileymead e a casa no Cerco, pois Mr. Cheesacre era muito contundente em suas inquisições a Jeannette.

Após o creme, vierem duas ou três cabeças de brócolis, além de um salsão com o caule tão grosso quanto o punho de um homem. No geral, o tributo era um auxílio muito útil à economia doméstica de uma dama que vivia humildemente num alojamento.

Quando viu a seleção de itens sobre a extensa mesa, Mr. Cheesacre entendeu que deveria se preparar para alguma resistência – mas a resistência lhe daria, ele achava, uma oportunidade de falar algumas palavras que tanto desejava, e das quais, de modo algum, se arrependeria.

— Eu vim só para ver como a senhora está — ele falou.

— Dificilmente vamos passar fome — respondeu Mrs. Greenow, apontando para as guloseimas de Oileymead.

— São apenas algumas frivolidades que minha velha mãe me pediu para trazer — contou Cheesacre. — Ela insistiu que eu as pusesse na cesta.

— Mas a sua velha mãe é, de longe, uma mulher extremamente magnífica — disse Mrs. Greenow. — Ela realmente assusta a Kate e a mim.

Cheesacre não queria que o nome de Miss Vavator fosse mencionado na ocasião.

— Minha cara Mrs. Greenow, a senhora não precisa ficar alarmada, garanto. São ninharias – leves como o ar, entende? Para mim, essas coisas não têm importância.

— Mas para mim e Kate há uma grande importância – uma enorme importância, eu garanto. Sabia que tivemos um longo debate de manhã sobre devolver ou não as cestas para Oileymead?

— Devolvê-las, Mrs. Greenow?!

— Deveras. O que mulheres numa situação como a nossa devem fazer? Quando cavalheiros se mostram generosos demais, a generosidade deles precisa ser reprimida.

— E eu fui generoso demais, Mrs. Greenow? O que são um filhote de peru e um pedaço de salsão para um homem disposto a dar tudo o que tem no mundo?

— O senhor possui muitas outras coisas no mundo, Mr. Cheesacre, das quais não estaria disposto a se separar. Mas não vamos falar sobre isso agora.

— E quando falaremos?

— Se o senhor realmente tem algo a dizer, é melhor falar com a própria Kate.

— Mrs. Greenow, a senhora não me entende. De fato, não me entende.

Neste exato momento, conforme ele se aproximava da viúva, ela escutou, ou imaginou escutar, os passos de Jeannette, e, após ir até a porta da sala de estar, chamou pela criada. Jeannette não a escutou,

mas quando o sino foi tocado, a jovem veio.

— Pode levar essas coisas, Jeannette — ela apontou. — Mr. Cheesacre prometeu que não enviará mais nada.

— Mas eu não prometi — protestou Mr. Cheesacre.

— O senhor atenderá ao meu desejo e ao de Kate, tenho certeza. Jeanette, diga a Miss Vavasor que estou pronta para passear com ela.

Então, Mr. Cheesacre percebeu que não poderia falar as coisas que queria naquela ocasião; e conforme a hora do seu trem se aproximava, ele se retirou, acompanhado pelo menino que levava a cesta, o pano e a lata.

CAPÍTULO 20

QUAL DELES SERÁ?

O dia seguinte foi domingo, e era sabido no alojamento do Cerco que Mr. Cheesacre não seria visto na cidade. Mrs. Greenow o havia avisado especialmente que não gostava de visitas aos domingos, temendo que ele poderia – se não fosse contrariado – achar conveniente contemplá-las com sua presença naquele dia de descanso. Pela manhã, a tia e a sobrinha foram à catedral, e depois, às três horas, almoçaram. Nesta ocasião, contudo, elas não comeram sozinhas. Charlie Fairstairs, que viera de Yarmouth com a sua família, foi convidada a se juntar às damas. Para que Charlie não se sentisse entediada, Mrs. Greenow, com sua simpatia de sempre, convidou o capitão Bellfield. Eles tiveram uma bela e pequena refeição. O capitão cortou o peru, prestando a devida honra a Mr. Cheesacre ao fazê-lo e, quando mordiscou seu salsão com um pedaço de queijo, brincou graciosamente acerca das riquezas da fazenda em Oileymead.

— Ele é o homem mais generoso que já conheci — disse Mrs. Greenow.

— De fato, ele é, e nós beberemos à saúde dele — convidou o capitão Bellfield. — Pobre e velho Cheesy! É uma pena que ele não tenha arranjado uma esposa.

— Não conheço nenhum outro homem mais propositado que seja capaz de fazer uma jovem dama feliz — avaliou Mrs. Greenow.

— De fato — opinou Miss Fairstairs. — Disseram-me que o lar dele e tudo que o cerca são muito lindos.

— Sobretudo o cercado de palha e a lagoa dos cavalos — disse o capitão.

Então, todos beberam à saúde do companheiro ausente.

Foi combinado que as damas iriam à igreja à noite, e acreditava-se que o capitão Bellfield pudesse acompanhá-las; todavia, quando chegou a hora de partirem, Kate e Charlie estavam prontas, mas a viúva não, e ela ficou – para que, conforme explicou mais tarde a Kate, o capitão Bellfield pudesse ter um lugar para ficar. Ele não havia se oferecido para ir à igreja.

— Pobre homem, se eu não o deixar ficar aqui, ele não terá onde sequer descansar a sola do pé, exceto um quartinho militar horrível! — Mrs. Greenow falou em sua pequena justificativa.

Logo, o capitão foi autorizado a encontrar um lugar de repouso na sala de estar de Mrs. Greenow; mas ao retornarem da igreja, as moças descobriram que ele não estava lá, e que a viúva se encontrava sozinha.

— Rememorando — ela explicou. — Rememorando coisas que se foram... Coisas que se foram. Mas venham, queridas, não vou deixá-las melancólicas.

Então, elas tomaram chá, e o creme de Mr. Cheesacre foi usado com generosidade.

O capitão Bellfield não havia deixado a oportunidades escorregar pelos dedos. No primeiro quarto de hora sucessor à partida das moças, pouco disse, mas sentou-se diante de uma taça de vinho que uma ou duas vezes ele encheu com a licoreira.

— Receio que o vinho não esteja bom — lamentou Mrs. Greenow.
— Mas não se pode conseguir bom vinho em alojamentos.

— Não estou pensando muito nisso, Mrs. Greenow; essa é a verdade — respondeu o capitão. — Ouso dizer que o vinho está muito bom para esta safra.

Então, houve mais um período de silêncio entre eles.

— Suponho que ache entediante morar em um alojamento, não é? — perguntou o capitão.

— Não sei o que o senhor quer dizer exatamente com “entediante”, capitão Bellfield, mas uma mulher em minha situação não pode encontrar muitas diversões na vida. Não se passaram nem 12 meses desde que perdi aquilo que dá sabor à vida, e às vezes, admiro-me por suportar tão bem quanto tenho suportado.

— Não faz bem se render tanto ao luto, Mrs. Greenow.

— É o que a minha querida Kate sempre me fala, e certamente sei que tenho feito o possível para superá-lo.

Ao falar isso, lágrimas suaves passearam pelas bochechas dela, mostrando, no caminho, que ela não usara nenhuma maquiagem para destacar a frescura de sua pele corada – um de seus maiores charmes. Depois, pressionou o lenço contra os olhos e, ao removê-lo, sorriu levemente para o capitão.

— Eu não pretendia envergonhá-lo com uma cena dessas, capitão Bellfield.

— Não há nada neste mundo, Mrs. Greenow, que eu deseje tanto quanto a permissão de enxugar estas lágrimas.

— Apenas o tempo pode fazer isso, capitão Bellfield – apenas o tempo.

— Mas será que o tempo não pode ser auxiliado por amor, amizade e carinho?

— Por amizade, sim. O que seria da vida sem o consolo da amizade?

— E o quão melhor seria o caloroso brilho do amor? — enquanto fazia a pergunta, o capitão Bellfield se levantou deliberadamente, e aproximou a sua cadeira da viúva. Tão deliberadamente quanto o capitão, Mrs. Greenow mudou de posição, indo se sentar no canto do sofá. O capitão não a seguiu imediatamente e tampouco deu sinais de que havia notado que ela fugira dele. — Quão melhor seria o caloroso brilho do amor — repetiu, contentando-se em olhar o rosto dela.

Àquela altura, ele esperava estar tocando sua mão.

— O caloroso brilho do amor, capitão Bellfield? Se alguma vez o senhor o sentiu...

— Se já o senti? Por acaso não o estou sentindo agora, Mrs. Greenow? Não pode haver mais máscaras escondendo meus sentimentos. Jamais fui capaz de reprimir os anseios do meu coração quando eles se mostraram fortes.

— Eles costumam ser fortes, capitão Bellfield?

— Sim, costumam – em vários cenários da vida; no campo de batalha...

— Eu não sabia que o senhor havia servido ativamente.

— Como é?! Por acaso não servi nas planícies do Reino Zulu, quando, ao lado de 50 homens escolhidos a dedo, segurei 500 cafres^[45] por sete semanas? Eu não senti o conforto de uma cama e de um travesseiro sob a cabeça por sete longas semanas!

— Por sete semanas?

— É a verdade. Por acaso não servi no Essequibo, no escaldante litoral da Guiana, quando os bravios africanos saíram da floresta para destruir a colônia; ou, novamente, na foz do rio Kitchyhomby, quando fiz uma bela captura de um traficante de escravos com as minhas próprias mãos e espada?!

— Eu realmente não sabia — admitiu Mrs. Greenow.

— Ah, certo. Já entendi. Cheesy é o melhor amigo do mundo em certos aspectos, mas não é capaz de falar bem de um amigo pelas costas. Eu sei quem me depreciou. Mas quem foi o primeiro a irromper pelas colinas de Inkerman? — o capitão emocionou-se, pensando, no calor do momento, que, já que sofreria uma reprimenda, aproveitaria para fazer jus a ela.

— Quando o senhor falou de anseios, imaginei que estivesse se referindo a anseios de um tipo mais delicado.

— Eu estava. Eu estava. Não sei por que fui levado a falar sobre façanhas que são raramente mencionadas, sobretudo, por mim mesmo, mas não posso deixar que uma língua caluniosa e bifurcada faça a senhora pensar que nunca servi. Eu servi à Sua Majestade em quatro cantos do globo, Mrs. Greenow, e agora estou pronto para servir a senhora da maneira que me permitir.

Neste momento, ele deu um passo em direção ao sofá e caiu de joelhos diante dela.

— Mas, capitão Bellfield, eu não quero nenhum serviço. Por favor, levante-se; a criada vai ver.

— Não me importo com nenhuma criada. Ficarei plantado aqui até que alguma resposta me seja concedida; até que alguma palavra que me dê um pouco de esperança tenha sido dita.

Então, o capitão tentou segurar a mão dela, mas Mrs. Greenow a

escondeu atrás das costas e balançou a cabeça.

— Arabella, não proferirá nenhuma palavra a mim? — ele disse.

— Nenhuma palavra, capitão Bellfield, até que o senhor se levante — e não aceitarei que me chame de Arabella. Eu sou a viúva de Samuel Greenow, cuja respeitabilidade não foi alcançada por nenhum homem onde ele era conhecido, e não é apropriado que eu seja chamada desta forma.

— Mas eu quero que a senhora se torne a minha esposa, e então...

— E então seria uma possibilidade! Mas ela dificilmente se realizará. Levante-se, capitão Bellfield, ou eu o empurrarei e tocarei o sino. Um homem nunca parece tão tolo quanto no momento em que se ajoelha — a não ser que esteja em oração, como deveria ser o caso do senhor. Levante-se, já disse. Já passou das sete e meia, e pedi a Jeannette que viesse neste horário.

O tom na voz da viúva o fez se levantar, e ele ficou de pé lentamente.

— Você espalhou todas as cadeiras, seu estúpido — ela disse.

Então, em um minuto, ela devolveu as mobílias aos seus locais apropriados, e tocou o sino. Quando Jeannette chegou, Mrs. Greenow solicitou que o chá estivesse a postos para o retorno das moças, e perguntou ao capitão Bellfield se ele aceitava uma xícara. Ele recusou e se despediu enquanto Jeannette ainda estava no aposento. Ela apertou as mãos dele sem nenhum sinal de raiva, e até expressou a esperança de que se veriam novamente em breve.

— Esse capitão é um homem bem bonito — comentou Jeannette, enquanto o herói do rio Kitchyhomby descia as escadas.

— Não deveria pensar em homens bonitos, criança — retorquiu Mrs. Greenow.

— E certamente *num* penso — jurou Jeannette. — Não mais do que qualquer outra pessoa, mas se um homem é bonito, madame, a lógica é que ele seja bonito.

— Suponho que o capitão Bellfield tenha lhe dado um beijo e um par de luvas.

— Quanto a luvas e coisas do tipo, Mr. Cheesacre é muito melhor em presentear do que o capitão, como todas sabemos, não é, senhora? Quanto aos beijos, estes são presentes que nunca aceito de ninguém. Que todos paguem suas dívidas. Se o capitão algum dia se casar, que a sua esposa o beije.

Na manhã da terça-feira seguinte, Mr. Cheesacre, como de costume, tratou de saber como estavam as damas no Cerco, mas, desta vez, não trouxe cestas. Ele meramente deixou um buquê de inverno feito com folhas verdes e flores laurustines, e a mensagem de que voltaria às três e meia, na esperança de poder conversar com Mrs. Greenow — sobre um assunto em particular.

— Isto significa você, Kate — falou Mrs. Greenow.

— Não, não significa; não significa mesmo. Seja como for, ele não me verá.

— Ouso dizer que sou eu quem ele quer ver. Parece ser a moda atual os cavalheiros pedirem a mão da moça à sua responsável. Se ele disser alguma coisa, terei de mandá-lo até você, como deve saber.

— Sim, eu sei; a senhora pode simplesmente dizer a ele que não o receberei. Ele pensa em mim tanto quanto não pensa...

— Em mim — é o que você ia dizer.

— Não, tia. Definitivamente não era isso o que eu ia dizer.

— Bom, veremos. Se a intenção dele for outra, é claro que você pode fazer como deseja, mas realmente acho que pode acabar se prejudicando.

— E se eu não me importar nem um pouco?

— Muito bem; quem decide é você. Eu só posso aconselhá-la.

Às três e meia em ponto, Mr. Cheesacre apareceu à porta, e foi levado ao andar de cima. Jeannette lhe disse que o capitão Bellfield aparecera na tarde de domingo, mas que Miss Fairstairs e Miss Vavator haviam estado presentes o tempo todo. Ele não usava as botas pretas e tampouco seu chapéu-coco; e como vestia uma nova sobrecasaca, e tinha a mão esquerda enfiada em uma luva de tecido infantil, Jeannette imaginou que ele tencionava tratar de assuntos de uma certa categoria. Com as novas botas rangendo ruidosamente, ele adentrou a sala de estar, e lá encontrou a viúva sozinha.

— Obrigada pelas flores — ela agradeceu imediatamente. — Foi bom o senhor ter trazido algo que podemos aceitar.

— Quanto a isso, não sei por que a senhora hesita diante de um pouco de creme, mas espero que tais sentimentos logo minguem.

A isto, a viúva não respondeu, mas ela olhou docemente para ele, enquanto o convidava a se sentar. Mr. Cheesacre se sentou, antes pondo o chapéu e a bengala cuidadosamente em um canto, e então, tirou a luva — com algum sacrifício, pois sua mão estava aquecida. Ele claramente estava preparado para algo grandioso. Quando puxou o cabelo para trás com as mãos, um aroma ambrosíaco de óleo essencial flutuou de seus fios. Notava-se, ainda, que cada fio de suas costeletas fora aparado, o que indicava obviamente que estivera em um barbeiro após sair do mercado. Eu tampouco acredito que ele usara aquele casaco quando apareceu pela manhã. Se tivesse que arriscar que ele provavelmente fez uma visita ao seu alfaiate, não acho que eu estaria errado,

— Como vão as coisas em Oileymead? — perguntou Mrs. Greenow, ao perceber que seu convidado carecia de algum auxílio para iniciar a conversa.

— Muito bem, Mrs. Greenow, muito bem. Tudo ficará bem se eu

tiver êxito no objetivo que tenho em mãos hoje.

— Eu certamente espero que o senhor tenha êxito em todas as suas empreitadas.

— Eu tenho sim, em todas as minhas empreitadas comerciais, Mrs. Greenow. Não há um xelim em minhas terras devido a qualquer banco em Norwich; e eu ainda não malhei um quarto do milho do ano passado – o que é mais do que muitos podem dizer. Porém, não há muitas pessoas por aí que não precisam pagar aluguel, então, não deveria me gabar.

— Eu sei que a Providência tem sido muito boa para o senhor, Mr. Cheesacre, no tocante a assuntos terrenos.

— E tampouco deixei tudo nas mãos da Providência. Aqueles que o fazem, geralmente dão de cara com a parede, até onde sei. Eu sempre trabalho até tarde e começo bem cedo, e sei quando lucrar e não lucrar com a labuta de um homem; trabalho como se fosse a minha única chance de ter pão e queijo na mesa.

— Sempre achei que o senhor entendia de negócios rurais, Mr. Cheesacre.

— Sim, entendo, mas gosto de um pouco de diversão quando a hora é apropriada, como a senhora viu em Yarmouth. Eu mantenho uns três ou quatro caçadores, como penso que qualquer cavalheiro do campo deveria fazer; e caço em minhas próprias terras. Mas sempre me concentro no trabalho. Há homens, como Bellfield, que não trabalham. O que acontece, então? Eles estão sempre pedindo empréstimos.

— Mas ele lutou nas batalhas de seu país, Mr. Cheesacre.

— Lutou?! Suponho que ele tenha contado à senhora as velhas histórias dele. Ele ficou por dez anos nas Índias Ocidentais, e seus maiores inimigos foram os mosquitos.

— Mas ele esteve na Crimeia. Em Inkerman, por exemplo...

— Ele na Crimeia?! Enfim, deixe para lá. Inquiria antes de acreditar nessa história. Mas como eu ia dizendo, Mrs. Greenow, a senhora viu o meu lugarzinho em Oileymead.

— Uma casa charmosa; e tudo o que o senhor quer é uma senhora para habitá-lo.

— É isso; é exatamente isso. Tudo o que eu quero é uma senhora para habitá-lo. E só há uma mulher na Terra que desejo ver em tal posição. Arabella Greenow, a senhora aceita ser esta mulher?

Ao fazer o pedido, ele se levantou e se postou diante dela, colocando a mão direita sobre o coração.



— Eu, Mr. Cheesacre?! — ela espantou-se.

— Sim, a senhora. Quem mais? Desde que a vi, nenhuma outra mulher significou qualquer coisa para mim — ou desde antes disso, devo dizer. Desde o primeiro dia em que a vi, senti que a minha felicidade dependia da senhora.

— Oh, Mr. Cheesacre, achei que estivesse interessado em outra.

— Não, não, não. Nunca houve nenhuma confusão quanto a isso. Eu tenho o maior respeito e estima por Miss Vavasor, mas, na verdade...

— Mr. Cheesacre, o que espera que eu diga ao senhor?

— O que eu espero que diga a mim? Diga que será minha. Diga que eu serei seu. Diga que tudo o que tenho em Oileymead será seu. Diga que a carruagem aberta e guiada por uma dama que avistei esta manhã, sendo levada por um par de pôneis, será sua. Sim, deveras; é a coisa mais doce que a senhora já viu na vida — exatamente como aquela que a esposa do lorde-tenente sempre guia. É isso o que deve dizer. Vamos, Mrs. Greenow!

— Ah, Mr. Cheesacre, o senhor não sabe o que é enterrar o orgulho de sua juventude há menos de doze meses.

— Mas a senhora o enterrou; deixe isso para trás. Sentar-se aqui, totalmente sozinha, lamentando dia e noite, não o trará de volta. Eu sinto muito por ele; sinto mesmo. Pobre Greenow! Mas o que mais posso fazer?

— Eu posso fazer mais, Mr. Cheesacre; posso chorar por ele sozinha e calada.

— Não, não, não. Do que adiantaria isso — partir o seu coração por nada, e o meu também? A senhora não pensa nisso — Mr.

Cheesacre disse em um tom repleto de reprimenda.

— É impossível, Mr. Cheesacre.

— Ah, mas é possível. Vamos, Mrs. Greenow. Nós nos conhecemos suficientemente bem agora. Vamos, minha querida.

Ele se aproximou de Mrs. Greenow na intenção de colocar o braço ao redor dela, mas, naquele instante, ouviu-se uma batida na porta, e Jeannette, ao adentrar a sala, anunciou à sua senhora que o capitão Bellfield estava no andar de baixo, interessado em saber se ela poderia vê-lo por um minuto para discutir um assunto particular.

— Pode trazer o capitão Bellfield, certamente — respirou Mrs. Greenow.

— Maldito seja o capitão Bellfield! — irritou-se Mr. Cheesacre.

CAPÍTULO 21

ALICE É ENSINADA A CRESCER EM DIREÇÃO À LUZ

Antes que chegasse o dia da ida de Alice a Matching Priory, ela constantemente se sentiu arrependida de ter se permitido fazer a promessa – ainda assim, constantemente se convenceu de que não havia nenhuma razão possível para recusar a visita a Matching Priory. Alice, contudo, receava o início de uma conexão mais íntima com seus grandes parentescos. Tão constantemente ela se enxergava separada deles, que não considerava que a mera coincidência do sangue a ligava a eles, ou eles a ela – essa lição Alice aprendeu tão meticulosamente, graças às tentativas insensatas de lady Macleod de ensiná-la o oposto, que passou a detestar a ideia de colocar de lado seu efeito. Além disso, talvez ela estivesse com um pouco de medo das pessoas importantes que provavelmente conheceria na casa da prima; da própria lady Glencora ela havia gostado – e amado também, com aquele amor momentâneo que certas circunstâncias da vida às vezes produzem; um amor que é forte enquanto dura, mas que pode esmorecer quando a necessidade de sua existência passa. Ela havia gostado de lady Glencora e a amado, e nunca sentiu medo dela durante as estranhas visitas em Queen Anne Street – mas, de modo algum, sentiu-se segura de que gostaria de lady Glencora em meio à sua magnificência e cercada pela pompa de seu título. Ela não teria nenhum outro amigo ou conhecido na casa, e temia que se sentiria desolada, fria e com o orgulho ferido. Alice fora levada a aceitar a visita, ou melhor, levava-se a aceitá-la. Ela tinha certeza de que houvera um conluio entre a sua prima e lady Midlothian, e não conseguiu resistir à tentação de repudiar isso em sua carta a lady Glencora. Tal estratégia, entretanto, nunca existiu; Alice agira errado com lady Glencora e, portanto, havia sido incapaz de resistir ao segundo pedido dela. A moça se sentiu infeliz, temendo sair de seus domínios e, mais de uma vez, quase chegou a se convencer a desistir.

A tia dela havia, desde o início, gostado da ideia da visita, acreditando que poderia resultar em uma reconciliação com Mr. Grey. Além disso, seria um passo dado na direção certa. Lady Glencora se tornaria, se vivesse até lá, uma duquesa, e, como ela decididamente era prima de Alice, é claro que Alice deveria aceitar ir à casa dela se convidada. Deve ser compreendido que lady Macleod não era egoísta em toda a sua adoração por posições e títulos. Ela havia jogado o jogo durante a sua vida, e não havia probabilidade de que viveria para ser chamada de prima por uma duquesa de Omnium. Lady Macleod incentivou Alice a ir a Matching Priory simplesmente porque amava a sobrinha e, portanto, desejava que ela vivesse da melhor e mais

preferível forma dentro do possível.

— Acho que é seu dever para com a família visitá-la — apontara lady Macleod.

Que outras correspondências sobre sua vida foram trocadas entre lady Macleod e lady Midlothian, Alice nunca descobriu. Ela recusou firmemente todas as súplicas para responder à carta da condessa e, por fim, ameaçou a tia de que, se continuasse insistindo, ela a responderia – dizendo a lady Midlothian que estava sendo bastante impertinente.

— Estou me tornando uma mulher muito velha, Alice — a pobre dama disse, tencionando inspirar comoção. — Acho melhor eu parar de interferir. O que quer que eu tenha dito, sempre foi pensando no seu bem.

Alice se levantou e, após beijar sua tia, tentou explicar que não ressentia qualquer interferência dela, e que se sentia grata por tudo o que ela havia feito e dito; mas que não suportaria a intervenção de pessoas que desconhecia, e que se achavam no direito de intervir por causa do título que possuíam.

— E porque são primas — disse lady Macleod, com a voz tristonha e culpada.

Alice partiu de Cheltenham rumo a Matching Priory por volta da metade de novembro. Ela ficou uma noite em Londres para dormir, e desceu a Matching em Yorkshire com sua aia no dia seguinte. O pai dela se encarregou de encontrá-la na Estação Great Western, e de levá-la na manhã seguinte à Estação Great Northern. Ele não disse nada em sua carta sobre cear com ela, mas, quando a encontrou, murmurou alguma coisa sobre um compromisso. Ao deixá-la em casa, prometeu graciosamente que tomaria o café da manhã com ela na manhã seguinte.

— Fico feliz que esteja indo, Alice — ele disse quando entraram no coche juntos.

— Por que, papai?

— Por quê? Porque acho que é a coisa certa a se fazer. Você sabe que nunca falei muito sobre essas pessoas. Elas não são ligadas a mim, e sei que odeiam o nome Vavasor – pois o nome e a família representam algo mais antigo do que eles.

— Logo, eu não entendo por que o senhor acha que devo ir. Se dissesse que não deveria ir, ficaria menos surpresa, e obviamente não iria até lá.

— Você deve ir, sem dúvida. Títulos e dinheiro são vantagens; quem pensar o contrário, falará bobagem. Por que mais todo mundo os iria querer?

— Mas eu não vou obtê-los em Matching Priory.

— Você obterá parte do valor deles. Tome-os como um todo, a nobreza inglesa é fonte de amizades agradáveis de se ter. Eu não as

persegui muito, ainda que fosse casado, devo notar, com uma deles. Isso foi mais um empecilho no meu caminho do que um benefício – mas uma coisa é certa: aqueles homens e mulheres vão crescer, como plantas, para cima. Todos deveriam se esforçar para ficar de pé tanto quanto possível, e se pudesse escolher entre ter amizade com um confeitiro e com um lorde, eu escolheria o lorde – a não ser, é claro, que o confeitiro tenha algo muito forte para oferecer. Eu não considero isso um parasitismo nobre, pois bajular não é necessário. Isso é simplesmente crescer, na direção da luz, como as árvores fazem.

Alice escutou a sabedoria mundana do pai com um sorriso, mas não tentou dar uma resposta. Era muito raro, de fato, que Mr. Vavasor tomasse para si a missão de preconizar a filha, ou lhe desse tantos conselhos como naquela ocasião.

— Bom, papai, eu espero crescer em direção à luz — ela falou enquanto descia do coche. Ele não a acompanhou. Em vez disso, seguiu com o coche até o seu clube.

Sobre a mesa, Alice achou um recado do seu primo George:

“Ouvi dizer que está indo visitar os Pallisers em Matching Priory amanhã. Ficarei feliz em conversar com você antes de partir – pode me ver esta noite, digamos, às nove? – G.V.”

Ela sentiu imediatamente que não conseguiria negar, mas se arrependeu imensamente da necessidade. Alice desejou ter ido direto de Cheltenham para o Norte – independentemente das mudanças no guarda-roupa que a visita pedia. Então, sentou-se para pensar. Como George tinha sabido de sua visita a Priory, e como descobriu exatamente quando ela passaria a noite em Londres? Por que ele estava tão determinado em vigiar os passos dela, como aparentava estar? Quanto à questão de vê-lo, ela não tinha escolha, então, antes das nove completou os seus arranjos para a jornada, e foi esperá-lo na sala de estar.

— Estou tão feliz que esteja indo a Matching Priory — foram as primeiras palavras que ele disse. George também a teria ensinado a crescer em direção à luz se houvesse questionado a sua declaração, mas isto ela não fez na hora.

— Como você soube que eu estava indo? — ela perguntou.

— Um amigo meu me contou. Bom, foi Burgo Fitzgerald, se deseja saber.

— Mr. Fitzgerald? — repetiu Alice, em absoluto espanto. — Como Mr. Fitzgerald poderia ter sabido?

— Isso é mais do que sei, Alice. Não foi diretamente de lady Glencora, devo dizer.

— Isso seria impossível.

— Sim, totalmente; sem dúvidas. Eu acredito que ela tenha intimidade com a irmã de Burgo, e talvez a novidade tenha chegado até ela dessa forma.

— Ele também contou que eu partiria amanhã? Mr. Fitzgerald deve ter descoberto todos os pormenores com bastante precisão.

— Não, fui perguntar a Kate e ela me disse quando você partiria. Sim, eu sei. Kate errou, não é? Ela teve o cuidado, certamente, de não contar nada sobre suas idas e vindas a uma pessoa tão insignificante quanto eu. Mas você não deve pensar mal de Kate. Ela nunca mencionou a sua viagem até que provei com meus questionamentos que sabia tudo sobre sua jornada a Matching. Eu confesso que não entendo por que é tão necessário me manter no escuro.

Alice sentiu que estava corando. O cuidado havia se tornado uma responsabilidade de Kate, porque ela ainda transgredia em suas cartas ao fazer pequenos comentários sobre o irmão. Alice, por sua vez, não acreditou, mesmo naquele momento, que Kate houvera sido falsa; mas que ela mesma havia sido imprudente.

— Eu não consigo entender — continuou George, enquanto falava sem olhar para ela. — Até outro dia éramos amigos tão unidos! Lembra-se da varanda em Basle? Agora, parece que estamos tão distantes – não, pior do que distantes; é como se tivesse me banido. Por acaso fiz alguma coisa que a ofendeu, Alice? Se fiz, conte-me como a mulher de espírito livre que é.

— Nada — respondeu Alice.

— Então, por que me transformou em um tabu? Por que me disse noutro dia que eu não deveria parabenizá-la por sua feliz emancipação? Ouso dizer que, se houvesse se resolvido enquanto estávamos juntos na Suíça teria me permitido, como amigo – quase como irmão – discutir o assunto com você.

— Eu acho que não, George.

— Tenho certeza de que sim. E por que pediu a Kate para não me contar sobre a sua visita aos Pallisers? Eu sei que pediu, ainda que ela não tenha admitido.

Alice permaneceu calada, sem saber o que falar em resposta a este ataque impellido contra ela – pensando que talvez seu interrogador permitiria que sua pergunta ficasse sem resposta. Vavador, contudo, não era tão complacente.

— Se houver alguma razão, Alice, acho que tenho o direito de saber qual é.

Por alguns segundos, ela não falou uma palavra, mas pôs-se a pensar. Ele também continuou em silêncio, com os olhos fixos nela. Alice o encarou e tudo o que viu foi a cicatriz dele – a cicatriz e o brilho no olhar, quase feroz. Ela sabia que ele estava sendo sincero e, portanto, resolveu atender à reciprocidade.

— Eu acho que você tem tal direito — ela disse, finalmente.

— Então, permita-me exercê-lo.

— Eu acho que você tem tal direito, mas também penso que é mesquinho demais para exercê-lo.

— Não compreendo. Pelos céus, Alice, não me deixe no suspense! Se fiz alguma coisa para ofendê-la, talvez eu possa remover a ofensa com um pedido de desculpas.

— Você não fez nada para me ofender.

— Se há algum motivo para que a nossa amizade seja encerrada — se há um porquê para nos tratarmos tão diferentemente em Londres do que nos tratamos na Suíça —, talvez eu lhe dê razão se eles me forem explicados, mas não consigo suportar a dúvida quando você me fala que tenho o direito de exigir uma solução.

— Então, serei franca com você, George, mas a minha franqueza, como deve imaginar, poderá ser muito dolorosa — ela fez uma pausa novamente, encarando-o para ver se ele a pouparia de continuar; mas, assim como antes, tudo o que se viu foram cicatriz e olhos, e não havia piedade em seu rosto. — A sua irmã, George, acredita que meu rompimento com Mr. Grey pode resultar na renovação de um pedido de casamento entre mim e você. Conhece a vontade dela, e deve entender que era necessário eu requisitar o silêncio de Kate nesta questão. Agora, você deve compreender tudo.

— Eu, então, estou sendo punido pelos pecados dela — ele falou. A cicatriz em seu rosto relaxou outra vez, e ela pôde ver um pouco da velha amabilidade de seus olhos.

— Eu não falei nada sobre pecados, George, mas achei necessário subir a guarda.

— Bom, você é uma mulher honesta, Alice — ele elogiou, após uma curta pausa. — A mulher mais honesta que já conheci. Eu farei Kate se comportar. Agora, poderemos ser amigos novamente, não é?

George estendeu a mão para ela por cima da mesa.

— Sim — aquiesceu. — Se assim deseja, certamente — ela hesitou, com indecisão na voz, como se houvesse se lembrado de que ele não lhe dera nenhuma garantia.

— Eu certamente desejo muito isso — ele continuou, e então ela lhe deu sua mão. — Posso falar agora sobre sua recente liberdade?

— Não — ela proibiu. — Não, não vamos falar sobre isso. Uma mulher não faz o que fiz sem passar por um grande sofrimento. Eu sou obrigada a pensar nisso diariamente; não me faça falar também.

— Mas sobre o outro assunto — esta visita a Matching —, certamente posso falar?

Havia alguma coisa radiante em sua voz agora cuja influência foi sentida por ela, e Alice respondeu alegremente.

— Eu não vejo o que você poderia ter para falar sobre isso.

— Ora, tenho muito a falar. Estou tão feliz que esteja indo. Tente consolidar uma grande amizade com Mr. Palliser.

— Com Mr. Palliser?

— Sim, com Mr. Palliser. Você precisará ler livros especializados sobre finanças. Eu os enviarei se gostar da ideia.

— Oh, George!

— Estou sendo franco. Isto é, não acerca dos livros, pois você não teria tempo de lê-los; mas sobre Mr. Palliser. Ele será o novo chanceler do Tesouro, certamente.

— É mesmo? E por que o chanceler do Tesouro deveria se tornar o meu amigo do peito? Eu não quero nenhum dinheiro público.

— Mas eu quero, minha cara. Não entende?

— Não, não entendo.

— Eu acho que voltarei ao Parlamento nas próximas eleições.

— Eu certamente espero que sim.

— E se eu voltar, é claro que será de meu interesse apoiar o ministro – ou melhor, o novo ministro, pois é claro que haverá mudanças.

— Espero que sejam mudanças para a melhor.

— Obviamente, Alice.

— Eu gostaria que todos eles fossem trocados.

— Ah! É impossível. É um belo sonho, mas os homens que deseja ver lá – homens do povo – não são fortes o bastante para assumir o ministério. Um homem não pode guiar quatro cavalos sendo um filantropo – ou melhor, “cavalotropo” – e esperar que a equipe de animais saia ilesa. Um homem não pode governar bem simplesmente porque está genuinamente ansioso para que os homens sejam bem governados.

— E nunca existirão homens assim?

— Não direi isso. Não me importo de confessar a você que é a minha ambição ser tal homem, mas uma criança precisa engatinhar antes de caminhar, e uma criança como eu – que espera fazer alguma diferença na política –, não deve desperdiçar qualquer oportunidade. Significaria muito se Mr. Palliser se tornasse amigo de uma querida amiga minha – especialmente se a querida amiga carrega o mesmo sobrenome que eu.

— Receio, George, que descobrirá que sou péssima em fazer amizades deste tipo.

— Dizem que ele é muito influenciado pela esposa, e que ela é muito esperta. Mas digo isso, Alice, sobretudo na esperança de ter toda a sua simpatia e a sua assistência em qualquer empreitada política que eu fizer.

— Creio que posso prometer a minha simpatia. Quanto à minha assistência, temo que ela lhe seria inútil.

— De modo algum, Alice, não se eu a vir tomar o lugar no mundo que torço para que ocupe. Você acha que as mulheres de hoje não têm opinião sobre as políticas do nosso tempo? Elas têm quase tanto quanto os homens.

Em resposta, Alice balançou a cabeça, mas, ainda assim, sentiu-se, de certo modo, lisonjeada e satisfeita.

George se foi sem proferir mais nenhuma palavra quanto as perspectivas passadas ou futuras do casamento dela, e Alice, ao se deitar, sentiu-se feliz por tudo ter sido esclarecido entre eles.

CAPÍTULO 22

DÂNDI E FLERTE

Alice chegou à Estação Matching Road por volta das três horas da tarde sem qualquer complicação, e imediatamente, após o trem parar, notou que qualquer trabalho que cruzasse seu caminho, seria tirado das suas mãos. Um criado de libré aproximou-se da janela aberta, tocou a ponta de seu chapéu e perguntou se ela era Miss Vavasor. Então, a mala de roupas, xales e capas foi tomada dela, e Alice foi guiada pelo chefe da estação, que estava ao seu lado, pelo criado, que estava do outro lado, e pelo carregador de bagagens, que vinha logo atrás. Ela instantaneamente percebeu que havia se tornado detentora de grandes privilégios ao se hospedar em Matching Priory, mesmo que apenas por um tempo, e que, essencialmente, estava crescendo em direção à luz.

Do lado de fora, na larga entrada perante a pequena estação, havia um coletivo com destino à pequena cidade de Matching, feito para pessoas que não haviam crescido para cima, como era o caso dela; Alice também viu uma carruagem leve e elegante – que, se houvesse sido instruída apropriadamente em tais questões, teria chamado de Whitechapel – uma pequena carruagem baixa e aberta com dois lindos cavalos pequenos, em que se encontrava sentada uma dama envolta em peles. Obviamente, esta era lady Glencora. Outro criado estava de pé do lado de fora, segurando os cavalos da carruagem.

— Querida Alice, fico tão contente que tenha vindo — disse uma voz vinda do monte de peles. — Veja, minha querida; a sua aia pode viajar no docar com as suas coisas

Não era um docar, mas lady Glencora não entendia muito bem desses assuntos.

— Ela ficará bastante confortável nele; e você, suba aqui. Está com muito frio?

— Ah, não; nem um pouco.

— Mas está tão frio. Você chegou em um vagão abafado, mas vai sentir frio aqui fora, eu garanto.

— Oh, lady Glencora! Sinto por tê-la trazido até aqui numa manhã dessas — desculpou-se Alice, subindo e se sentando no lugar que lhe fora reservado, perto da cocheira.

— Sente?! Que bobagem! Ora, eu estava ansiosa para encontrá-la a sós desde que soube que viria. Se tivesse nevado a manhã toda, eu teria vindo do mesmo jeito. Passeio quase todos os dias quando estou por aqui – isto é, quando a casa não está muito ocupada, ou quando posso dar uma desculpa. Coloque estas coisas em volta de você; há um monte delas. Pode guiar, se quiser.

Alice, contudo, recusou a oferta de dirigir a carruagem,

expressando a sua gratidão nas palavras mais bonitas em que conseguiu pensar.

— Gosto de guiar mais do que de qualquer outra coisa, eu acho. Mr. Palliser não gosta que as damas cacem, e é claro que não seria apropriado, já que ele mesmo não caça. Eu cavalgo, mas ele nunca monta. Às vezes, imagino-me em coches de quatro cavalos – mas sei que eu não teria a coragem de guiá-los.

— Seria uma imagem muito medonha — opinou Alice.

— É mesmo, não é? A imagem seria a pior parte, assim como é em todo o mundo. Às vezes, desejo que aparências não importassem. Não é minha intenção ser inapropriada, sabe? É só que me sinto tão impedida na ânsia de agradar Mrs. Grundy.^[46] Eu me esforço para me comportar e, no geral, saio-me bem, suponho. Baker, encaixe Dândi na barra; no caminho da volta ele puxa tanto que não consigo controlá-lo.

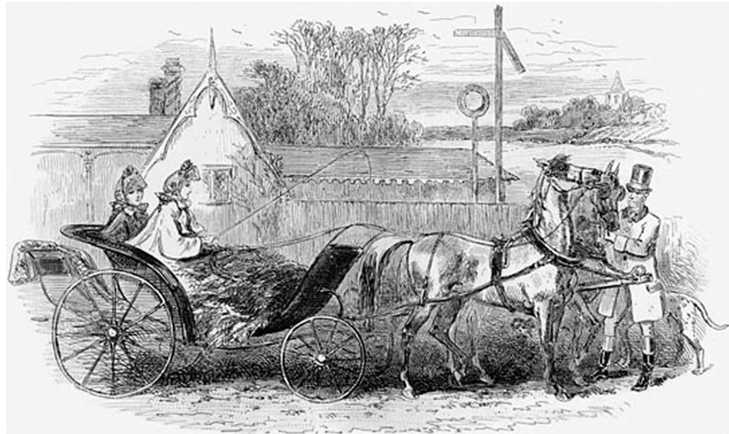
Ela parou os cavalos, e Baker, um cavaleiro elegante de uns 40 anos, que se sentava atrás, desceu e encaixou o impetuoso Dândi “na barra”, assim alterando as rédeas de modo que ele assumisse o controle da barbeta do freio do animal.

— Os nomes deles são Dândi e Flerte — continuou lady Glencora, voltando-se para Alice. — Eles não formam um lindo par? O duque me deu os cavalos, e ele mesmo os batizou. Você já conheceu o duque?

— Nunca — respondeu Alice.

— Ele só chegará na época do Natal, mas algum dia vocês serão apresentados em Londres. Ele é uma excelente criatura e eu sou uma das pessoas favoritas dele; ainda que, no fim das contas, nunca troquemos mais que meia dúzia de palavras quando nos vemos. Eu sou uma pessoa que adora tagarelar, como você virá a descobrir. Deve ser de família; já os Pallisers são calados. Isso não quer dizer que eles não falem, pois Mr. Palliser têm muito a dizer no Parlamento, e já disseram que ele é um dos poucos homens públicos que têm pulmões fortes o bastante para fazer um discurso sobre finanças sem perder o fôlego.

Alice notou que mal havia falado, e passou a refletir que não sabia o que dizer. Se lady Glencora tivesse parado no tema de Dândi e Flerte, ela poderia ter demonstrado entusiasmo com os cavalos, mas discutir livremente o silêncio geral da família Palliser, e os incríveis pulmões – por mais que fossem relacionados a propósitos públicos – do marido de sua amiga ali presente, isso ela não conseguiria. Alice, então, perguntou quanto faltava para chegar a Matching Priory.



— Não está cansada de mim, eu espero — disse lady Glencora.

— Não foi o que eu quis dizer — tranquilizou Alice. — Estou adorando o passeio, mas era de se esperar que Matching estivesse perto da Estação de Matching.

— Ah, sim; isso é uma grande enganação. Aquela não é a Estação de Matching, e sim a Estação Matching Road, e se entende por 12 quilômetros. É um grande aborrecimento, pois, apesar de o coletivo trazer nossas encomendas, precisamos constantemente ir buscar na Estação de Matching, eu lhe garanto. Queria que Mr. Palliser tivesse uma filial, mas ele diz que teria de assumir todas as quotas sozinho, e isso custaria mais, suponho.

— Existe alguma cidade em Matching?

— Oh, há um lugarzinho. Posso rodeá-lo, se quiser, e depois entramos pelo portão.

— Oh, não! — refreou Alice.

— Ah, mas eu adoraria. Ele já foi um distrito certa vez, e pertenceu ao duque; mas isso acabou com o Projeto da Reforma. Eles fizeram algum tipo de acordo — ele poderia manter Silverbridge ou Matching, mas não os dois. Mr. Palliser cuidava de Silverbridge, sabe? O duque escolheu Silverbridge — ou melhor, o pai dele escolheu, na época em que ia construir seu grandioso lar em Barsetshire, que fica perto de Silverbridge. Mas o povo de Matching ainda não o perdoou. Ele mesmo cuidava de Matching quando o Projeto da Reforma foi aprovado. Depois, o pai dele morreu e, desde então, o duque não tem ficado muito tempo por lá. É um lugar muito melhor do que o Castelo Gatherum, só que possui apenas metade do seu tamanho. Eu odeio grandeza, e você?

— Eu nunca a experimentei tanto quanto você.

— Ora, vamos, não é justo. Não há pessoa mais humilde no mundo do que eu.

— Eu quis dizer que não tive muitas pessoas grandiosas perto de

mim.

— Pois se afastou de todos os seus primos – e de lady Midlothian em particular, sua danadinha. Eu fiquei com tanta raiva quando me acusou de entregá-la dessa forma. Você deveria saber que eu seria a última pessoa no mundo que faria uma coisa dessas.

— Eu não achei que você tinha me entregado, mas pensei que...

— Sim, você achou, Alice. Eu sei o que pensou. Você pensou que lady Midlothian estava me usando para colocar você debaixo do dedão dela, e, assim, perturbá-la até você voltar para os braços de Mr. Grey. Foi isso o que pensou. Não sei se era justo contar com sua confiança, mas não acredito que era justo contar com sua desconfiança.

— Eu não desconfiava de você, mas não podia baixar a guarda.

— A guarda não será baixada. Eu a protegerei sob o meu escudo. Mr. Grey não será mencionado em sua frente, exceto no momento em que você tiver de me contar tudo sobre ele; e também precisa me contar tudo sobre o seu primo perigoso, de quem estavam falando tão mal na Escócia. Eu já ouvi falar sobre ele antes.

Estas últimas palavras lady Glencora falou baixinho, e num tom diferente – lentamente, como se estivesse pensando em algo que doía. Fora através de Burgo Fitzgerald que ela ouvira falar de George Vavasor? Alice não sabia o que dizer. Ela sentiu que seria impossível discutir os seus sentimentos mais secretos e profundos em uma carruagem aberta, logo no primeiro encontro com a prima – de quem, de fato, pouco sabia –, e arriscando-se a ser escutada pelo criado na traseira. Ela nem sequer havia pretendido discutir estas coisas, e certamente não deste modo, então, permaneceu em silêncio.

— Este é o começo do parque — anunciou lady Glencora, apontando para as ruínas de um grande carvalho situado na ampla margem da estrada que, por sua vez, encontrava-se no exterior da esquina circular das paliçadas do parque, que eram sustentadas por um esqueleto de estacas de apoio. — Aquele é o carvalho de Matching, sob o qual Ricardo Coração de Leão, ou Eduardo III – eu não me lembro qual deles – encontrou-se com Sir Guy de Palisere quando ele retornou da guerra, ou de uma caçada, ou algo assim. Foi o rei que lutou, ou coisa assim, sabe? E Sir Guy o entreteve quando ele estava muito cansado. Jeffrey Palliser, que é o primo do meu marido, disse que o velho Sir Guy, por sorte, sacou seu cantil de conhaque, e o rei imediatamente lhe deu todas as terras de Matching – na época, porém, havia um priorado e um monte de monges; eu não entendo muito bem como as coisas funcionavam naquela época, mas sei que um dos irmãos mais jovens sempre costumava ser um abade e membro da Câmara dos Lordes. Ao mesmo tempo, o rei deu a ele Littlebury, que fica a 11 quilômetros daqui. Como Jeffrey Palliser costuma dizer, foi uma bela soma de dinheiro por um gole de conhaque. Jeffrey

Palliser está aqui, espero que goste dele. Se eu não tivesse filhos e Mr. Palliser não se casasse de novo, Jeffrey seria o herdeiro — novamente, ela abaixou a voz e falou devagar, alterando totalmente o tom.

— Eu suponho que tenha sido assim que a maioria das famílias obteve suas propriedades.

— Assim, ou então roubando. Muitos deles eram ladrões terríveis, minha querida, e ousou dizer que Sir Guy não era melhor do que isso. Entretanto, desde aquela época, as pessoas sempre chamaram alguns dos Pallisers de Plantagenetas.^[47] O nome do meu marido é Plantagenet, o duque se chama George Plantagenet, e o rei era o padrinho dele. A rainha é a minha madrinha, acredito, mas não sei se isso me traz algum benefício. Eu não vejo utilidade em padrinhos e madrinhas, e você?

— Nenhuma até o momento.

— Se eu tivesse um filho... Oh, Alice, é uma coisa horrível não ter um filho quando tanta coisa depende disso!

— Mas você mal se casou.

— Ah, bem... Dá para ver nos olhos dele quando me faz perguntas; mas não acho que ele seria grosseiro, nem mesmo se o título dele dependesse disso. Enfim, chegamos em Matching. Aquele portão pelo qual passamos – em que o Dândi queria entrar –, é por onde costumamos subir, mas dei a volta para lhe mostrar a cidade. Aquela é a estalagem, quem iria querer se hospedar eu não sei; nunca vi ninguém entrar ou sair de lá. Aquele é o padeiro que faz o nosso pão; no início, o pão era feito em casa, mas ninguém conseguia comê-lo, e eu sei que aquele homem conserta os sapatos de Mr. Palliser. Ele é muito específico com os sapatos. Assim que passarmos pelo outro portão, veremos a igreja. Ela fica no parque e é muito bonita, mas nem tanto quanto as ruínas do priorado nas cercanias da casa. As ruínas são o nosso grande leão. Eu amo passear por elas à luz da lua. Quando faço isso, penso em você constantemente, não sei por quê. Ora, eu sei por que, e um dia lhe contarei. Vamos, Miss Flerte!

Conforme atravessavam o parque, lady Glencora apontou primeiro para a igreja e depois para as ruínas, da estrada que se estendia. Logo mais, finalmente chegaram à porta da frente. A esquina da moderna casa ficava a 180 metros da entrada do velho priorado. Era uma edificação enorme e muito bonita, com duas longas frentes; mas, no fim, não passava de uma casa. Não era um palácio, tampouco um castelo, e dificilmente seria chamada de mansão. Ela fora construída com um telhado de águas, quatro delas formavam a lateral por onde as janelas das salas de estar se abriam para um jardim que separava a casa das velhas ruínas, e que, na realidade, cercavam-nas e as adentravam, formando o piso atual da velha capela, do velho refeitório e dos velhos claustros. Muitos dos claustros ainda estavam

de pé, e lá, o pavimento de pedra sobrevivia; mas o largo de claustros estava repleto de relvas, e no meio dele via-se um grande e moderno vaso de pedra, afastado do extenso lavatório sobre o qual subiam angiospermas e gavinhas verdes.

Quando lady Glencora se aproximou da porta, um cavaleiro, que havia escutado o ruído das rodas, apresentou-se para encontrá-las.

— Ali está Mr. Palliser — ela indicou. — Isso mostra que você é uma convidada de honra, pois pode acreditar que ele está sempre trabalhando e não viria receber qualquer outra pessoa. Plantagenet, esta é Miss Vavasor, que está congelando. Alice, meu marido.

Mr. Palliser estendeu a mão e a ajudou a descer da carruagem.

— Espero que não tenha achado o lugar muito frio — ele falou. — O inverno nos atingiu subitamente.

Ele não disse mais nada a ela até reencontrá-la antes do jantar. Ele era um homem alto e esguio, que não aparentava ter mais do que 30 anos e parecia, em todos os aspectos, ser um cavaleiro, ainda que não demonstrasse nada de notável em sua aparência. Era um rosto que você poderia ver e esquecer, rever e esquecer de novo; ainda assim, se olhasse para ele e o analisasse cuidadosamente, veria que era um rosto decente, cuja testa indicava intelecto e a boca um grande temperamento. Os olhos, embora não pudessem ser chamados de brilhantes, sempre pareciam ter algo a dizer, como se possuíssem significado real. O contorno do rosto, entretanto, era quase insignificante por ser magro demais, e ele não usava barba para lhe dar algum charme. De fato, Mr. Palliser era um homem que nunca pensara em incrementar sua posição no mundo com sua aparência exterior. A sua ambição não era ser observado, e sim ter o seu nome lido nos jornais. Os homens diziam que ele se tornaria o chanceler do Tesouro, e ninguém pensou em sugerir que a insignificância de seu rosto seria um obstáculo.

— Todo mundo saiu? — sua esposa perguntou.

— Os homens não voltaram da caçada, ou pelo menos penso que não; e algumas das mulheres foram passear, suponho. Mas não vi ninguém desde que você saiu.

— É claro que não viu. Ele nunca tem tempo, Alice, para ver ninguém. Mas vamos subir, querida. Pedi que levassem chá para nós em meu quarto de vestir, pois imaginei que não fosse querer tomá-lo na sala de estar antes de guardar suas coisas. Você deve estar faminta, eu sei. Então, pode descer, ou se quiser evitar duas trocas de roupas, pode se sentar perto da lareira no andar de cima até a hora do jantar — ao dizer isso, ela subiu as escadas e Alice a seguiu. — Aqui está o meu quarto de vestir, e este é o seu quarto no lado oposto. Você terá uma vista para o parque. É lindo, não é? Mas venha até meu quarto de vestir, e veja as ruínas pela janela.

Alice seguiu lady Glencora pela passagem e entrou no que ela chamava de quarto de vestir. Lá, ela se encontrou cercada por uma infinidade de luxo feminino. Era possível ver as mais lindas mesas; as mais confortáveis cadeiras; os mais caros armários; e os mais exóticos ornamentos de porcelana antiga. Era um quarto iluminado pelas cores mais radiantes. A visão dos muitos livros era agradável aos olhos, bem como das ninfas pintadas no teto e dos pequenos cupidos na porta.

— Não é bonito? — ela indagou, virando-se rapidamente para Alice. — Eu chamo de quarto de vestir porque assim posso manter as pessoas longe daqui. Eu guardo algumas escovas e sabão naquele pequeno armário, mas as minhas roupas... Bom, as minhas roupas estão por todos os lugares, suponho, exceto aqui. Não é bonito?

— É lindo.

— Isso é obra do duque. Ele entende muito dessas coisas. Já para Mr. Palliser, um quarto de vestir é um quarto de vestir, e um quarto de dormir é um quarto de dormir. Ele não liga para a beleza de nada; nem para a minha, ou não teria se casado comigo.

— Certamente não está falando sério.

— Bom, eu não sei. Às vezes, quando me olho no espelho e simplesmente me vejo sem maquiagem ou adereços, penso que sou a mulher mais feia sobre a qual o sol já brilhou, sabe? E em dez anos, eu me tornarei a mulher mais feia de todas. Imagine: o meu cabelo está começando a ficar grisalho, e ainda nem tenho 21 anos. Veja! — ela levantou uma mecha ondulada logo acima da orelha. — Mas há um consolo: ele não liga para beleza. Quantos anos você tem?

— Já passei dos 25 — respondeu Alice.

— Que disparate... Eu não devia ter lhe perguntado. Eu sinto muitíssimo.

— Isso sim é um disparate. Por que acha que eu deveria me envergonhar da minha idade?

— Não sei. Algumas pessoas têm vergonha; eu não achei que fosse tão velha – 25 parece a mim uma idade tão avançada. Não significaria nada se fosse casada, entretanto, você não vai mais se casar.

— Talvez eu me case – algum dia.

— É claro que se casará. Você terá que ceder. Logo eles vão convencê-la. Seu pai irá atormentá-la, lady Macleod dará sermões e lady Midlothian cairá em cima de você.

— Eu não tenho nem um pinga de medo de lady Midlothian.

— Conheço a sensação de ser severamente criticada, minha querida. Falamos com tanto horror sobre os franceses que entregam as suas filhas ao casamento, do mesmo modo como vendem uma casa ou um campo, mas fazemos a mesma coisa. Quando todos vierem fervorosos até você, como conseguirá refutá-los? Como qualquer moça

conseguiria?

— Eu acho que conseguiria.

— Certamente, você é mais velha e não tão abastada, mas esqueça, eu não pretendia falar sobre isso – ainda não, pelo menos. Bom, querida, preciso descer. A duquesa de St. Bungay está aqui e Mr. Palliser ficará chateado se eu não deixar uma boa impressão diante dela. O duque será o novo presidente do Conselho; ou melhor, creio que já seja o presidente. Eu tento me lembrar, mas é tão difícil quando não se dá a mínima para esses assuntos – não que eu não esteja ansiosa para que Mr. Palliser se torne chanceler do Tesouro. E agora, você quer ficar aqui, descer comigo, ou ir para seu quarto? Neste caso, eu a chamaria quando fosse a hora do jantar. Jantaremos às oito.

Alice decidiu ficar em seu próprio quarto até a hora do jantar, e foi guiada até lá por lady Glencora. Ela encontrou a sua aia desfazendo as suas malas de roupas e, por um tempo, auxiliou-a no trabalho, mas logo tudo foi arrumado, e ela foi deixada sozinha.

— Vou me sentir tão estranha, senhora, entre todas aquelas pessoas no andar de baixo — admitiu a criada. — Todos parecem me olhar como se não soubessem quem sou.

— Você logo se acostumará, Jane.

— Imagino que sim, mas eles gostam de estar entre pessoas que conhecem, sabe?

Quando ficou sozinha, Alice se sentiu nas mesmas condições que sua aia. Por que a duquesa de St. Bungay, ou Mr. Jeffrey Palliser – que poderia se tornar um duque, se as coisas conspirassem a seu favor – ligariam para ela? Mr. Palliser, por sua vez, era o mestre da casa, e já deixara claro que não se arriscaria por ela. Será que ela errara ao aceitar vir? Se fosse possível voar para longe, de volta para o tédio de Queen Anne Street, ou mesmo para os sermões de lady Macleod, ela não o faria imediatamente? Que moral ela tinha – Alice se perguntou – para visitar uma casa daquelas? Lady Glencora era muito gentil, mas a assustava mais com sua bondade. Além disso, ela sabia que lady Glencora não poderia se dedicar a qualquer convidado em especial, incluindo a própria Alice. Lady Glencora deveria, é claro, cuidar da duquesa e causar uma boa impressão, como ela mesma disse, para favorecer as importantes alianças políticas de seu marido.

Alice, então, começou a pensar na própria lady Glencora. Que criatura estranha e curiosa era – com os seus grandes olhos azuis e redondos, e seus cabelos ondulados, parecendo, às vezes, com uma criança e, às vezes, com uma idosa! E como ela falava! De sua boca saíam absurdos e terríveis agouros sobre as coisas mais estranhas! Por que ela havia, logo no primeiro encontro entre as duas, feito uma alusão ao seu próprio noivado? Depois, após se reprovar por falar sobre isso tão cedo, quase declarou que pretendia falar mais sobre a

questão mais tarde. “Ela nunca deveria mencioná-la a ninguém”, Alice pensou. “Se o seu destino não a satisfaz, é mais uma razão para que fique calada”. A moça, então, reiterou para si mesma que nenhum pai, tia ou lady Midlothian deveria persuadi-la a ir em frente com um casamento cujas consequências temia. Lady Glencora, contudo, dera a si mesma, desculpas que não eram totais inverdades. Ela era muito jovem e terrivelmente sobrecarregada com sua fortuna.

Pareceu a Alice que a sua prima havia contado absolutamente tudo na uma hora e meia em que estiveram juntas. Ela fizera um relato detalhado sobre si mesma e o marido; admitira o quão indiferente ele se mostrava com os prazeres dela, e o quão em vão ela se esforçava para se interessar pelas ambições dele; e, por fim, falara que, por enquanto, não tinha filhos e nenhuma perspectiva de ser mãe, quando, como ela mesma dissera, “tanta coisa dependia disso”. Era muito estranho a Alice que tudo isso fora confessado a ela tão rapidamente. E por que lady Glencora pensava em Alice quando caminhava entre as ruínas do priorado sob a luz da lua?

As duas horas pareceram muito longas – como se ela estivesse passando seu tempo em Matching em absoluto isolamento. É claro que ela não ousava descer as escadas, mas, finalmente, a sua aia surgiu para ajudá-la a se vestir.

— Como foi lá embaixo, Jane? — sua senhora perguntou.

— Ora, senhorita, eles são notavelmente corteses, e acho que, no fim das contas, não será tão ruim. Tomamos chá muito confortavelmente nos aposentos da governanta. Há cinco ou seis de nós ao todo – todas aias, senhorita –, e não há mais nada no mundo para se fazer o dia inteiro, exceto ficar sentada e costurar um pouco diante da lareira.

Quando faltavam alguns minutos para as oito horas, lady Glencora bateu à porta de Alice, e tomou seu braço para levá-la à sala de estar. Alice viu que ela estava extraordinariamente vestida com uma enorme túnica, e que as suas mechas haviam sido tão bem penteadas, que ninguém poderia suspeitar da presença de fios grisalhos. De fato, com tanta magnificência, Glencora quase parecia uma criança.

— Vejamos... — ela começou, enquanto desciam juntas. — Direi a Jeffrey para acolhê-la no jantar. É o rapaz mais tranquilo por aqui, só que ele adora meter o nariz onde não é chamado, mas isso não o torna uma pessoa desagradável, não é, querida? A não ser que ele se meta nos seus assuntos, sabe?

— Talvez se meta.

— Não, ele não fará isso; seria descortês, e ele é o homem mais cortês do mundo. Não há ninguém aqui, viu? — ela mostrou enquanto entravam na sala. — E não achei que haveria. É sempre bom ser a

primeira em sua própria casa. Eu tento me comportar apropriadamente, e isso dá um trabalho! Isto é que é batalhar pelo pão de cada dia, Alice, e eu certamente batalho pelo meu. Oh, querida! Como seria divertido estar sentada nalgum lugar da Ásia, comendo frango com as mãos, e acendendo uma grande fogueira do lado de fora da tenda para afastar os leões e tigres. Imagine estar de um lado da fogueira, e os leões e tigres do outro, sorrindo para você através das chamas!

Então, lady Glencora esforçou-se para parecer uma leoa e sorriu para si mesma no reflexo de um espelho.

— Esse tipo de sorriso não me assustaria — explicou Alice.

— Ouso dizer que não. Tenho lido sobre isso no relato de viagens daquela mulher.^[48] Oh, aí estão eles; é hora de parar com as caretas. Duquesa, aproxime-se do fogo. Espero que se aqueça novamente. Esta é a minha prima, Miss Vavasor.

A duquesa fez uma pequena reverência rígida de condescendência, e declarou que estava encantadoramente aquecida.

— Não sei como você faz para cuidar da sua casa, mas as escadarias são tão confortáveis. Já em Longroyston, foi uma grande problemática; espalhamos canos de água quente por toda a casa, e tudo o mais em que conseguimos pensar e, ainda assim, não se pode andar pelo lugar sem topar com correntes de ar em cada canto dos corredores.

A duquesa falava aplicando enorme ênfase em certas palavras e, às vezes, utilizava essa ênfase em alguma sílaba em especial, quase como se para transformar a sua voz num chiado; isto ela fizera exageradamente com a palavra “canos”. Consequentemente, Alice nunca mais se esqueceu dos canos de água quente de Longroyston.

— Eu estava falando a lady Glencora, Miss Palliser, que nunca conheci uma casa tão quente quanto esta casa, ou, sinto dizer, tão fria quanto Longroyston — aqui, a ênfase foi aplicada com força em “sinto”, e o tom com o qual a palavra “Longroyston” foi proferida teria quase arrancado lágrimas de uma plateia de críticos num teatro. A duquesa era uma mulher de uns 40 anos, muito bonita – ainda que sua beleza não possuísse relevância –, e carregava um rosto bastante corado, que não parecia ter sido tocado por maquiagem, mas que, provavelmente, recebera algum auxílio da arte. Era uma mulher corpulenta, saudável e com boas proporções. Apesar de tudo, era uma tola. Ela havia se direcionado a uma Miss Palliser, mas duas senhoritas Pallisers, primas de Plantagenet Palliser, haviam entrado na sala ao mesmo tempo – estas, quaisquer que fossem as características que pudessem possuir, eram tudo, menos tolas.

— É sempre fácil aquecer uma casa como esta — argumentou Miss Palliser, cujo nome de batismo era, para sua infelicidade,

Iphigenia Theodata, e que era chamada, pelo primo e pela irmã, de Iphy. — E eu suponho que seja igualmente difícil aquecer uma casa enorme como Longroyston.

A outra Miss Palliser fora batizada de Euphemia.

— Seja como for, não usamos canos, duquesa — disse lady Glencora; e Alice, que jazia sentada só escutando, concluiu que identificara na pronúncia de Glencora da palavra “canos” uma imitação quase disfarçada do chiado da duquesa. Ela devia ter razão, porque, naquele momento, os olhos de lady Glencora encontraram os dela por um instante, e depois mudaram de direção. Assim, Alice sentiu-se impelida a achar que sua amiga e prima nem sempre tinha êxito nas tribulações de se comportar apropriadamente.

Logo mais, os cavalheiros e as outras damas chegaram, um atrás do outro, até que cerca de 30 pessoas se encontraram reunidas. Mr. Palliser surgiu e falou com Alice num tom gentil – na intenção de expressar amizade, ou, até mesmo, familiaridade.

— A minha esposa pensou muito em sua visita. Espero que possamos entretê-la.

Alice, que começara a se sentir desolada, ficou grata e decidiu que tentaria gostar de Mr. Palliser.

Jeffrey Palliser quase foi o último a chegar. Quando ele adentrou a sala, lady Glencora levantou-se e foi ao seu encontro conforme o rapaz se aproximava da multidão.

— Você precisa acolher a minha prima, Alice Vavasor, durante o jantar — pediu. — Vai me atender hoje?

— Sim, já que me pediu desta maneira.

— Então, tente deixá-la confortável.

Após isso, ela os apresentou e Jeffrey Palliser se pôs oposto a Alice para conversar até o que jantar fosse anunciado.

CAPÍTULO 23

JANTAR EM MATCHING PRIORY

Alice viu-se sentada à mesa na extremidade em que lady Glencora estava e, apesar de ter decidido gostar de Mr. Palliser, não achou ruim o arranjo. Mr. Palliser havia acompanhado a duquesa no jantar, e Alice desejou ficar o mais longe possível de Sua Graça. A moça encontrava-se entre seu proposto amigo Jeffrey Palliser, e o duque. Assim que se sentou, lady Glencora a apresentou ao seu segundo vizinho.

— Minha prima, duque. Ela é uma radical terrível — indicou lady Glencora.

— Oh, estou vendo. Fico feliz. Infelizmente, estamos carentes de líderes radicais; talvez agora eu possa contar com uma.

Alice pensou em seu primo George, e desejou que ele, e não ela, estivesse sentado junto ao duque de St. Bungay.

— Receio que eu nunca serei uma liderança radical — ela se escusou.

— A senhorita poderia me liderar como quisesse, se desejasse — ele respondeu.

— Assim como os filhotes de cães guiam homens cegos — disse lady Glencora.

— Não, lady Glencora, assim não; como mulheres bonitas guiam homens que têm olhos na cabeça. Não há mais nada que eu queira no mundo do que me tornar um radical, Miss Vavasor — se apenas eu soubesse como.

— Eu acho que é muito fácil descobrir — opinou Alice.

— É mesmo? Eu discordo. Votei a favor de cada medida liberal que entrou seriamente em pauta no Parlamento desde que ocupei uma cadeira nas Casas, e até hoje nunca consegui ir além das práticas do Partido Whig.

— O senhor apoiou o voto secreto? — indagou Alice, quase tremendo com a própria ousadia de fazer a pergunta.

— Bom... Não, não apoiei. Suponho que este seja o xis da questão, mas uma votação secreta nunca foi seriamente sugerida ante nenhuma Câmara da qual fiz parte. Eu odeio essa ideia com um ódio tão particular que duvido que votaria a favor dela.

— Mas os radicais a amam — argumentou Alice.

— Palliser! — chamou o duque, erguendo a voz da sua ponta da mesa. — Acabei de saber que você nunca poderá se chamar de radical até ter apoiado o voto secreto.

— Eu não quero ser chamado de radical — rebateu Mr. Palliser. — Ou de qualquer outra coisa.

— Exceto de chanceler do Tesouro — murmurou lady Glencora, baixinho.

— E essa é uma excelente ambição pela qual lutar — falou o duque. — O homem que tem capacidade de cuidar dos cofres deste país, pode fazer qualquer coisa.

Então, a conversa esmoreceu e o duque pôs-se a comer.

— Fui encarregado especialmente de entretê-la — contou Mr. Jeffrey Palliser a Alice. — Mas quando aceitei o encargo, eu não fazia ideia de que a senhorita se poria a criticar fervorosamente as políticas de ministros do Gabinete.

— Eu certamente não fiz nada desta natureza, Mr. Palliser. Eu suponho que todos os radicais apoiem o voto secreto. Foi por isso que falei.

— A sua definição foi perfeitamente justa, ousou dizer, só que...

— Só que o quê?

— Lady Glencora não precisava ter ficado tão ansiosa para lhe proporcionar um entretenimento especial. Não que eu não esteja agradecido a ela, é claro, mas Miss Vavasor, infelizmente não sou político. Eu não tenho nenhuma chance de ocupar um assento na Câmara, e, assim sendo, desprezo políticas.

— Não é permitido às mulheres serem políticas neste país.

— Graças a Deus; elas não podem contribuir muito deste jeito — não diretamente, eu digo. Apenas imagine onde estaríamos se tivéssemos uma Câmara dos Comuns feminina; com debates femininos conduzidos, é claro, com cortesia feminina. As minhas primas Iphy e Phemy seriam membros, obviamente. A senhorita já as conheceu?

— Não, ainda não. Elas são políticas?

— Não muito. Elas têm suas tendências, que são decididamente liberais. Ninguém nunca ouviu falar de um Palliser que apoiasse o Partido Tory, sabe? Mas elas são espertas demais para se entregar a qualquer coisa sobre a qual nada podem fazer. Por serem mulheres, elas vivem uma vida deprimente, devotando-se à literatura, às belas artes, à economia social e às ciências abstratas. Elas escrevem cartas maravilhosas, mas creio que as listas de correspondências delas são bem cheias, de modo que, no presente momento, a senhorita não teria chance de criar amizade com qualquer uma delas.

— Eu não tenho a menor pretensão de solicitar tal honra.

— Oh! Se diz isso porque não as conhece, então é irrelevante.

— Mas não tenho relação com elas, seja privada ou pública.

— Isso também é irrelevante. Não é a intenção delas trocar correspondências com pessoas importantes. Comunicação livre com o mundo inteiro é o lema delas, e Rowland Hill^[49] é o deus que adoram. Entretanto, elas foram forçadas a se guardar contra uma crescente adesão de papel e tinta. A senhorita gosta de escrever cartas, Miss Vavasor?

— Sim, às minhas amizades, mas gosto de conhecê-las bem.

— Astutamente suspeito que não leem metade do que recebem. Alguém suportaria ler duas folhas de papel preenchidas pela nossa amiga duquesa? Não. O prazer delas está na escrita. As duas se sentam em suas respectivas mesas após o café da manhã, e escrevem até o almoço. Há uma pequena rivalidade entre ambas, ainda que não expressa, mas visível às suas amizades. Iphy certamente sabe cruzar^[50] uma carta tanto quanto Phemy, porém ela tem a vantagem de uma mão maior e mais arrojada.

— Elas escrevem para o senhor?

— Oh, minha nossa, não! Eu não creio que escrevam a qualquer parente. Elas não discutem assuntos familiares e coisas do tipo. A arquitetura é um assunto recorrente delas, bem como o debate sobre a relevância das mulheres balconistas em escritórios públicos. Iphy tem alguns correspondentes norte-americanos que lhe ocupam bastante tempo, mas ela admitiu que não lê as cartas deles.

— Então, eu certamente não escreverei para ela.

— Mas a senhorita não é norte-americana, espero. Eu detesto os norte-americanos. É a única opinião política forte que tenho. Eu fui lá uma vez, e descobri que seria impossível coexistir entre eles.

— Mas eles vivem para se agradar. Eu não entendo por que deveriam ser detestados só porque não se comportam como nós.

— Oh, é ciúme, é claro. Eu sei disso. O tempo todo cruzei com cocheiros tão bem-educados quanto eu. Quanto às mulheres deles, elas sabem de tudo, mas eu os detestei, e pretendo continuar a detestá-los. A senhorita já foi lá?

— Oh, não.

— Então, ousarei dizer que qualquer dama inglesa que passasse um mês entre eles e não os detestasse, teria um gosto bastante peculiar. Começo a pensar que eles vão acabar se devorando, e então, surgirá um novo povo de um tipo diferente. Eu sempre considerei os Estados Unidos uma Sodoma e Gomorra, prosperando na perversidade, e que, cedo ou tarde, seriam castigados por uma chuva de fogo e enxofre.

— Que perverso.

— Eu sou perverso, assim como a Topsy^[51] costumava dizer. A senhorita caça?

— Não.

— A senhorita atira?

— Atirar?! Como assim? Com uma arma?

— Sim, semana passada fiquei hospedado em uma casa onde havia uma dama que atirava muito bem.

— Não, eu não atiro.

— A senhorita cavalga?

— Não, mas gostaria de aprender. Eu nunca cavalguei porque não

tenho ninguém para cavalgar comigo.

— A senhorita dirige?

— Não, tampouco dirijo.

— Então, o que a senhorita faz?

— Eu fico em casa e...

— Remendas as suas meias?

— Não, não faço isso, seria desagradável; mas trabalho bastante.

Às vezes, entretenho-me lendo.

— Ah, eles nunca fazem isso aqui. Ouvi dizer que há uma biblioteca, mas as pistas que levavam até ela sumiram, e agora ninguém mais conhece o caminho. Eu não acredito em bibliotecas. Ninguém nunca vai a uma biblioteca para ler, assim como ninguém vai a uma despensa para comer. Mas há uma diferença: a comida consumida sai das despensas, mas os livros lidos nunca saem das bibliotecas.

— Exceto da de Mudie^[52] — respondeu Alice.

— Ah, sim; ele é um grande bibliotecário. A senhorita pretende ler durante toda a sua estada, Miss Vavasor?

— Eu pretendo caminhar algumas vezes pelas ruínas do priorado.

— Então, a senhorita deve ir sob a luz da lua, e eu a acompanharei. Porém, já não é tarde demais para isso a essa altura do ano?

— Acredito que seja – para o senhor, Mr. Palliser.

O duque, então, voltou a falar, e ela notou que havia se saído muito bem no jantar, apesar de estar irritada consigo por ter temido a situação – ainda assim, Alice não conseguiu se despir de tal temor. Ela admitiu a si mesma que estava ciente de se sentir inferior à lady Glencora e a Mr. Jeffrey Palliser, e isso quase a deixou infeliz. Contra o duque, que estava do outro lado, ela não tinha tal sentimento. Ele era velho o bastante para ser o seu pai, e era ministro do Gabinete; logo, merecia sua reverência. Mas por que ela não conseguia aceitar que as outras pessoas ao seu redor eram, de fato, superiores? Por acaso ela realmente estava aprendendo a acreditar que poderia crescer para cima, em direção à luz?

— Jeffrey é um rapaz agradável, não acha? — perguntou lady Glencora enquanto atravessavam a sala de jogos até a sala de estar.

— Muito agradável, mas, talvez, um pouco sarcástico.

— Imagino que em breve perceberá que pode levar a melhor se ele tentar ser sarcástico com você — comentou lady Glencora.

Todas as damas, por fim, chegaram à sala de estar juntas.

— Sair de um aposento para o outro fez eu me sentir deliciosamente aquecida — afirmou a duquesa, enfatizando as palavras “um” e “outro”.

— Então, é melhor continuarmos em movimento — disse uma

certa Mrs. Conway Sparkes, uma escritora que já fora muito bonita; que ainda era muito inteligente; que talvez não fosse muito simpática, e de quem a duquesa de St. Bungay tinha muito medo.

— Espero que também possamos nos aquecer aqui — desejou lady Glencora.

— Mas não deliciosamente — zombou Mrs. Conway Sparkes.

— Cada músculo do meu corpo treme quando Mrs. Sparkes a ataca — lady Glencora explicou a Alice mais tarde no quarto da prima. — Pois sei que ela contará ao duque; ele contará ao homem alto e ruivo que você viu parado entre os convidados; o homem alto e ruivo contará a Mr. Palliser; e então, eu ouvirei a respeito.

— E quem é o homem alto e ruivo?

— É um elo político entre o duque e Mr. Palliser. O nome dele é Bott, e ele é um membro do Parlamento.

— Mas por que ele iria interferir?

— Suponho que seja da alçada dele. Eu não entendo muito bem os pormenores da coisa, mas creio que Bott se tornará um dos secretários particulares de Mr. Palliser se ele se tornar chanceler do Tesouro. Talvez ele não conte, mas duvido disso. Ele sempre pronuncia o meu nome como “lady Glen-cowrer”. Ele surgiu em Lancashire e produziu calicô [53] enquanto o algodão durou.

Tal conversa, porém, ocorreu no quarto; agora, voltemos um pouco à sala de estar.

A duquesa não respondeu a Mrs. Sparkes, e nada mais foi dito sobre temperaturas; na realidade, mais nenhuma outra conversa sobre confortos em geral foi iniciada. O número de damas na sala era grande demais para isso, e elas não se dividem bem em pequenos grupos como damas e cavalheiros fazem quando estão misturados. Lady Glencora comportou-se lindamente ao contar à duquesa tudo sobre seus faisões de estimação; Mrs. Conway Sparkes relatou histórias maldosas sobre alguém para Miss Euphemia Palliser; uma das filhas da duquesa caminhou com um amigo admirador até um piano à distância e tocou algumas notas, enquanto Iphigenia Palliser audaciosamente pegou um livro e foi se sentar a uma mesa. Alice, que estava sentada de frente para lady Glencora, começou a especular se deveria fazer o mesmo; mas sua coragem falhou e ela permaneceu onde estava, dizendo a si mesma que jazia fora de seus domínios.

— Alice Vavasor — chamou lady Glencora subitamente, algum tempo depois, em um tom um tanto quanto alto. — Você joga bilhar?

— Não — respondeu Alice, meio assustada.

— Então, aprenderá hoje, e se ninguém mais ensiná-la, você será minha pupila.

Aqui, lady Glencora tocou o sino e ordenou que a mesa de bilhar fosse preparada.

— A senhora jogará, é claro, duquesa — convidou lady Glencora.

— Está tão agradável e quente que acho que jogarei — informou a duquesa, mas, enquanto falava, olhou desconfiadamente para a parte da sala onde Mrs. Conway Sparkes estava sentada.

— Vamos todas jogar — disse Mrs. Conway Sparkes. — A noite ficará ainda mais agradável – e talvez mais quente também.

Os cavalheiros se juntaram a elas enquanto se organizavam ao redor da mesa, e conforme muitos deles iam surgindo, a sala de jogos ficou lotada. A princípio, Alice recebeu um taco, mas, como não se deu bem com ele, foi-lhe permitido usar uma maça.^[54] O dever de instruí-la recaiu sobre Jeffrey Palliser, e a hora seguinte passou agradavelmente – não tanto, ela pensou depois, quanto algumas das horas na Suíça, quando estivera acompanhada dos primos. Ela, afinal de contas, poderia aproveitar melhor a vida na companhia de seus primos do que com aquelas pessoas em Matching. Alice tinha certeza disso – ainda que Jeffrey Palliser houvesse se dado ao trabalho de ensinar o jogo a ela, e a feito rir gostosamente uma ou duas vezes quando caçoo da postura da duquesa enquanto ela se preparava para dar a sua tacada.

— Eu adoraria saber jogar bilhar — falou Mrs. Sparkes em uma destas ocasiões. — Adoraria mesmo.



— Achei que a senhora tivesse dito que jogaria — lembrou a duquesa, quase majestosamente, e com um tom de triunfo evidentemente resultante de seu próprio êxito.

— Apenas para assistir à Vossa Graça — proclamou Mrs. Sparkes.

— Eu não sei se há qualquer coisa de especial em mim que os outros não tenham — argumentou a duquesa. — Mr. Palliser, esse lance foi um canhão.^[55] Poderia marcar os pontos para o nosso lado?

— Oh, não, duquesa, a senhora acertou a mesma bola duas vezes.

— Muito bem, suponho que seja a vez de Miss Vavasor. Ela errou. Poderia marcar esse lance, por gentileza?

Este último pedido foi feito com grande nervosismo, como se a duquesa estivesse inconformada com a invalidação do canhão, e ela logo foi atendida. Pouco depois, a duquesa, cuja parceira era lady Glencora, venceu o jogo — o que se deu, acredito, mais pela ignorância de Alice no jogo do que pelas habilidades de Sua Graça. A duquesa, entretanto, sentiu-se bastante triunfante, e retornou à sala de estar com passadas que pareciam declarar em alto e bom som que ela finalmente vencera Mrs. Sparkes.

Logo mais, as damas subiram as escadas e foram para a cama. Muitas delas, talvez, não dormiram imediatamente, pois o relógio ainda não marcava 23 horas, e já passara das dez quando elas desceram para tomar o café da manhã. Seja como for, Alice, que acordou às sete, não dormiu naquele instante, e nem pelas próximas duas horas.

— Darei uma passada rápida no seu quarto — lady Glencora informou, enquanto se dirigia aos seus próprios aposentos. Mais ou menos cinco minutos depois, ela se reuniu com a prima.

— Você se importa de esperar um minuto no meu quarto com a Ellen? É logo ali.

Isto lady Glencora disse com o tom de voz mais dócil possível à aia que acompanhava Alice. Então, quando as duas ficaram a sós, ela se sentou na pequena cadeira perto do fogo e se preparou para a conversa.

— Vou precisar mantê-la acordada por um quarto de hora enquanto lhe conto uma coisa. Mas, antes de tudo, o que achou das pessoas? Vai conseguir se sentir à vontade em meio a elas?

Alice, é claro, respondeu que achava que conseguiria; a seguir, ocorreu a pequena discussão em que foram descritos os deveres de Mr. Bott, o homem alto e ruivo.

— Mas preciso lhe contar uma coisa — advertiu lady Glencora, quando a conversa atingiu mais ou menos 20 minutos. — Sente-se de frente para mim, e olhe o fogo enquanto olho para você.

— É alguma coisa terrível?

— Não há nada de errado.

— Oh, lady Glencora, se é...

— Eu não quero que me chame de lady Glencora. Por acaso não a chamo de Alice? Por que é tão indelicada comigo? Eu não vim lhe pedir para fazer algo que não deva.

— Mas você vai me contar alguma coisa — Alice tinha certeza de que tal coisa a ser contada estava relacionada a Mr. Fitzgerald, e o nome dele era algo que ela não queria ouvir saindo dos lábios da prima.

— Contar alguma coisa? É claro que vou. Vou contar que, quando lhe escrevi no outro dia, falei uma pequena mentira. Não foi minha intenção enganá-la, mas eu não podia dizer tudo em uma carta.

— Dizer tudo o quê?

— Lembra-se de que admiti que não fui boa quando deixei de visitá-la em Londres no ano passado?

— Eu nunca pensei nisso nem por um momento.

— Quer dizer que não se importou se fui ou não? É isso? Enfim, esqueça. Por que se importaria? Mas eu me importei. Eu disse em minha carta que não fui porque estava bastante ocupada. É claro que isso foi mentira.

— Todos dão desculpas dessa natureza — tranquilizou Alice.

— Mas não para as pessoas que elas tanto querem conhecer e amar, acima de todas as outras. Eu quis visitá-la todos os dias, mas temi que não pudesse evitar falar dele – e eu jurei que nunca maisalaria dele — isto ela explicou no tom peculiarmente baixo que às vezes usava.

— Então, por que falar agora, lady Glencora?

— Eu não quero ser chamada de lady Glencora. Chame-me de Cora. Eu tive uma irmã certa vez – mais velha do que eu –, e ela costumava me chamar de Cora. Se tivesse sobrevivido... Deixe para lá. Ela não sobreviveu. Vou contar por qual motivo desejo falar agora: porque não consigo evitar. Além disso, eu o encontrei. Eu estive nos mesmos aposentos que ele e falei com ele. Que serventia tem o meu juramento agora?

— E você o encontrou?

— Sim. Ele – Mr. Palliser – sabe de tudo. Quando ele disse que me levaria à casa, eu sussurrei para ele que havia achado que Burgo estaria lá.

— Não o chame pelo nome de batismo — reprovou Alice, quase com um calafrio.

— Por que não? Por que não devo usar o nome de batismo dele? Eu o usei quando contei ao meu marido. Ou talvez eu tenha dito “Burgo Fitzgerald”.

— Ora...

— Ele me mandou ir. Disse que não significava nada, e que seria melhor eu aprender a conviver com isso. Conviver, acredita? Se eu o encontrar, falar com ele e olhar para ele, certamente poderei mencionar seu nome — neste momento, ela fez uma pausa à espera de uma resposta. — Ou não?

— O que posso dizer?! — exclamou Alice.

— O que quiser, e que não seja falso; eu a chamei para conversar, pois penso que não me contará falsidades. Oh, Alice, quero tanto fazer a coisa certa, mas é tão difícil!

Deveras difícil. Pobre criatura. Para alguém que tivera tantos mimos na vida, ser jogada no mundo com tão poucas experiências vantajosas, ou amizades presentes! Alice começou a refletir que aceitara ir a Matching Priory porque sua prima precisava de uma amiga, e é claro que ela não recusaria a amizade que lhe era solicitada. Ela se levantou da cadeira e, após se ajoelhar diante dos pés da prima, ergueu o rosto e a beijou.

— Sabia que seria gentil comigo — disse Glencora. — Eu sabia. Pode dizer o que quiser. Só não poderia suportar o fato de você não saber o real motivo de eu nunca mais ter ido ou mandado um coche à sua casa após ir a Londres. Vai me ajudar, não é, querida?

— Sim, e você me ajudará — Alice falou, fazendo mentalmente uma espécie de trato no qual ela não seria recebida na casa de Mr. Palliser do modo que lady Midlothian havia proposto. Alice, porém, percebeu que essa era uma atitude indigna e mesquinha de sua parte. — Mas eu irei ajudá-la — ela adicionou —, independentemente de sua ajuda.

— Eu vou ajudá-la — confirmou lady Glencora. — É claro que vou. Por que não ajudaria? Mas você sabe o que quero dizer. Teremos jantares, festas e montes de pessoas.

— E não levaremos nenhum desaforo — Alice disse, sorrindo.

— E, portanto, haverá muitas desculpas para você me ajudar – ou melhor, haverá muitas razões, pois não quero saber de desculpas. Bom, querida, fico feliz por ter contado tudo a você. Eu tinha medo de vê-la em Londres. Acho que nem saberia como encará-la naquela época; mas isso já passou.

Ela, então, sorriu e devolveu o beijo de Alice. Era estranho estar sobre o tapete do quarto com toda a magnificência de seu vestido, os cabelos puxados para trás das orelhas e os olhos vermelhos de lágrimas – como se o fardo da magnificência permanecesse com ela após seu propósito findar.

— Já passou da meia-noite. Boa noite, querida. Pergunto-me se ele aparecerá. Eu teria ouvido seus passos se tivesse aparecido. Ele nunca pisa levemente, e raramente para de trabalhar antes de uma hora; às vezes, segue até as três. É a única coisa da qual gosta, creio. Deus a abençoe e boa noite. Tenho tanto a lhe contar, mas Alice, vai me contar algo sobre você também, não é, querida?

Então, sem esperar por uma resposta, Glencora foi embora, deixando Alice em um labirinto de confusão. Ela mal podia acreditar em tudo o que havia ouvido e feito desde que deixara Queen Anne

Street naquela manhã.

CAPÍTULO 24

TRÊS POLÍTICOS

Mr. Palliser era um daqueles políticos em exercício do qual a Inglaterra tem razões de sobra para se orgulhar mais do que de qualquer outro recurso, e que, como indivíduo, fornecia ao país aquela combinação refinada de conservadorismo e progressismo, que é a sua força atual e a melhor segurança para o futuro. Ele podia se dar ao luxo de aprender a ser um estadista, e possuía a diligência para tal treinamento. Mr. Palliser nasceu numa classe privilegiada, sendo ele mesmo um nobre e herdeiro do maior dos títulos, bem como de uma das maiores fortunas do país. Já sendo muito rico, encontrava-se cercado por todas as tentações da luxúria e do prazer; ainda assim, devotava-se ao trabalho com a energia afiada de um advogado pobre trabalhando para sustentar uma esposa pobre, sem qualquer motivação egoísta senão aquela de meramente ser inserido no rol de servidores públicos da Inglaterra. Não era um homem brilhante e sabia muito bem disso. Ele era escutado na Câmara, como reza o ditado; mas era escutado como um homem laborioso, que era zeloso no que fazia; que apresentava os seus fatos com precisão; e que, por mais entediante que fosse, era merecedor de confiança – e ele era muito entediante. Mr. Palliser preferiria se orgulhar de ser entediante e de suas conquistas apesar do seu tédio. Ele nunca se permitia fazer piadas em seus discursos, e nem sequer arriscava o menor dos floreios retóricos. Ele tinha muito cuidado com sua linguagem, trabalhando noite e dia para aprender a se expressar com precisão, evitando a necessidade de repetir palavras e com clara consideração ao objetivo especial que pudesse ter em vista. Palliser se treinara para crer que a oratória pela oratória era um pecado contra a honestidade na política pela qual ele lutava para se deixar ser guiado. Ele desejava usar as palavras com o propósito de ensinar coisas que ele sabia e que os outros não sabiam, e ser honrado por sua sabedoria. Ele, porém, não tinha desejo de ser honrado pela linguagem em que a sua sabedoria era transmitida. Mr. Palliser era um homem íntegro, esguio e trabalhador. Sem suas características, não poderia servir qualquer partido político materialmente; com suas características, a sua educação, integridade e diligência alcançariam o mais alto nível de utilidade. É a confiança que tais homens inspiram que os tornam tão proveitosos – confiança não só no trabalho, pois qualquer homem que ascende da massa populacional pode ser igualmente laborioso; e muito menos confiança só na honestidade e no patriotismo. A confiança é concedida ao trabalho, honestidade e patriotismo unidos em um interesse tão pessoal do país, que dá a tais homens o peso e lastro que nenhum político na Inglaterra poderia obter sem ela.

Se ele era entediante como estadista, era ainda mais na vida

peçoal, e é possível imaginar que uma mulher como sua esposa encontraria dificuldades em fazer da companhia dele a fonte da sua felicidade. O casamento deles, do ponto de vista econômico, fora um sucesso total – e um duplo sucesso quando, pelo lado de lady Glencora, houvera terríveis riscos de ruína, e quando, pelo lado dele, houvera pequenos temores de complicação. Quanto a ela, já vimos o quão perto chegou de se jogar – com toda a sua vasta riqueza – nos braços de um jovem que nenhum pai ou guardião teria considerado um bom partido para qualquer moça; um jovem que, até então, não tinha demonstrado qualquer qualidade positiva, e que era gastador, sem princípios e debochado. Lamentavelmente, ela o amava! É possível que o amor e a riqueza dela houvessem transformado o mal dele em bem; mas quem teria se aventurado a lançá-la – para não dizer “ela e sua vasta herança” – em um relacionamento tão arriscado? Esse mal, contudo, havia sido evitado, e aqueles à sua volta conseguiram casá-la com um rapaz de natureza bastante firme, perspectivas tão brilhantemente mundanas quanto as dela, e uma posição a qual o mundo não tinha mais nada a oferecer. A pequena complicação ameaçadora dele – um desejo passageiro por uma dama casada e sábia demais para aceitar tais votos proferidos de maneira nada ardente – causara, por motivos especiais, um pequeno alarme em seu tio, que possuía bastante na época para fazer de tal casamento sensato um prazer duplo ao nobre duque. Assim, todas as coisas e pessoas conspiraram a favor de uma chuva de confortos substanciais nas cabeças do casal quando eles se uniram, e homens e mulheres ainda não tinham parado de comentar o quão felizes os dois estavam no acúmulo de suas fortunas herdadas.

Quanto a Mr. Palliser, acredito que sua vida de casado e a sua esposa, a quem ele certamente não havia escolhido, mas que fora jogada em seus braços, combinavam admiravelmente bem com sua pessoa. Ele queria ter uma grande fortuna para alcançar a posição que almejava. Mr. Palliser já era rico antes de se casar graças à sua própria fortuna – tão rico que poderia jogar milhares fora se quisesse; mas, para ele e sua carreira, era necessária uma riqueza colossal que faria as pessoas comentarem – fortuna, esta, que precisaria ser gasta vastamente sem contemplar nada, ou menos que nada, do seu próprio conforto, mas dando-lhe imediatamente aquela solidez, dura como rocha, tão necessária aos nossos grandes políticos aristocratas. A esposa dele era, até onde sabia, tudo o que desejava. Ele não chapinhou muito nas fontes de Vênus, ainda que houvesse vacilado uma vez e pecado ao desejar a mulher de outro. Este pecado, no entanto, dificilmente teria poluído o caráter natural dele, e o desejo fora de um tipo que o deixara se sentindo mais grato pelo fracasso do que o teria deixado pelo sucesso. Na manhã em que a dama o rejeitou,

ele dissera a si mesmo que havia escapado de um problema. Mr. Palliser sabia que nunca seria de seu feitio pendurar nas paredes de um templo um alaúde desgastado como uma oferenda votiva ao abandono da procura pelo amor. Ele nunca seria um *idoneus puellis*.^[56] Então, casou-se com lady Glencora e se sentiu satisfeito. A história de Burgo Fitzgerald lhe foi contada, e ele supôs que a maioria das moças tivesse uma história dessa natureza para contar. Palliser não deu muita importância à história e, de modo algum, compreendeu Glencora quando ela dissera, com toda a solenidade que conseguiu embutir nas palavras: “O senhor precisa saber que realmente o amei”. “A senhora deve me amar agora”, ele respondera com um sorriso, e então, dentro de sua cabeça, o assunto foi encerrado. Desde o seu casamento, Mr. Palliser acreditava que, em se tratando de questões matrimoniais, as coisas haviam dado certo para ele – e para ela também. Ele deu a ela um poder quase ilimitado para aproveitar seu dinheiro, e interferia muito pouco no estilo de vida dela. Às vezes, pedia para ela tomar cuidado quanto a atitudes infantis que dificilmente seriam apropriadas à dignidade entediante de sua posição; tais palavras teriam certa severidade involuntária – fosse ela instigada, ou não, pelo ruivo membro radical do Parlamento, não me arrisco a dizer – mas, no geral, ele estava contente e amava sua esposa, em sua opinião, de maneira muito sincera, e, ao menos, mais do que amava qualquer outra pessoa. Uma causa de sua infelicidade – ou melhor, uma dúvida à sua total boa ventura – começava a tomar forma, conforme sua esposa revelava sua tristeza. Esperara que, antes disso, viesse-lhe a notícia de que ela lhe daria um filho; mas ainda era muito cedo para tal preocupação, e a preocupação ainda não havia se tornado uma tristeza.

Mas este sensato arranjo acerca das heranças; esta aliança metódica entre as famílias, talvez não tivesse combinado tão bem com ela quanto com ele. Acho que lady Glencora teria aprendido a esquecer seu antigo amor, ou a olhar para trás com uma leve melancolia, que dificilmente evoluiria para um arrependimento, se o seu novo senhor a houvesse tratado com mais ternura. Eu não sei se o coração de lady Glencora era feito daquele material inflexível, que se recusa a mudar suas opiniões; mas era um coração, e ele precisava ser sustentado. Ele precisava amar e mimar alguém; ser amado e mimado. Estas eram coisas absolutamente essenciais para a sua felicidade. Ela queria a pequena garantia diária da sua supremacia sobre os sentimentos do seu marido; o constante toque do amor, meio acidental, meio artificial; o olhar passageiro de um olho que transmitiria, talvez, uma pequena piada que apenas eles seriam capazes de entender, em vez de amor; a suavidade de um beijo ocasional dado aqui e acolá quando o acaso os juntasse; um interesse

meio fingido sobre as suas coisinhas; um aceno; uma piscadela; um balançar de cabeça; ou, até mesmo, um beicinho. Tudo isto deveria ter sido dado diariamente a ela como sustento. Assim, então, ela teria se esquecido de Burgo Fitzgerald. Mr. Palliser, porém, não entendia de nada dessas coisas. A imagem de Burgo Fitzgerald, em toda a sua beleza, constava, portanto, mais do que nunca na memória dela.

Não obstante, Palliser era um homem próspero, e poucos que o conheciam duvidavam do êxito de sua carreira. Talvez seja escrito em seu livro do destino que ele tenha de passar por tribulações de violência doméstica; algo que arruíne as esperanças do seu lar; algo com natureza para destruir para todo o sempre as perspectivas mundanas de outros homens. Ele, todavia, era o tipo de homem que passaria por tal violência quase ileso, caso ela viesse a se tornar uma realidade. Perder a sua influência sobre o seu partido seria muito pior do que perder a esposa, e a desgraça pública o afetaria mais do que a desonra particular.

O presente era o grande momento no qual o sucesso estava, como já mencionado, ao alcance dele. Palliser já ocupara um cargo laborioso sob as ordens da Coroa, mas nunca um posto no Gabinete. Ele havia trabalhado muito mais do que os ministros do Gabinete geralmente trabalhavam – mas, até aqui, trabalhara sem receber qualquer recompensa valiosa, pois o estipêndio que recebera, nada significava – assim como o estipêndio que viria a receber, caso suas esperanças se tornassem realidade. Ter influência sobre outros homens; ser conhecido pelos seus compatriotas como um de seus verdadeiros governantes; ter uma voz real e reconhecida na administração da nação – estas eram as recompensas que ele buscava; e agora, elas realmente pareciam estar a caminho. Era sabido que o atual chanceler do Tesouro se separaria do governo, levando vários outros funcionários consigo antes, ou imediatamente após a reunião do Parlamento – também era sabido que Mr. Palliser preencheria a vaga, tomando o alto posto imediatamente, ainda que, até então, nunca houvesse se sentado em meio à augusta assembleia que chamavam de Gabinete. Ele, portanto, poderia se dar ao luxo de suportar a pequena calamidade cotidiana de ter uma esposa amando outro homem mais do que a ele mesmo.

A presença do duque de St. Bungay em Matching foi presumida como um sinal certo do vindouro triunfo de Mr. Palliser. O duque era um estadista de uma classe muito diferente, mas também fora eminentemente exitoso como pilar aristocrático da República Constitucional Britânica. Ele fora ministro por muitos anos; acostumado a ocupar diversos assentos governamentais tanto quanto um homem está acostumado a ocupar assentos em sua sala de estar – mas ele nunca foi um homem trabalhador. Apesar de ser um político

constante, sempre lidara com a política calmamente, estivesse dentro ou fora do escritório. O mundo já havia dito que o duque poderia se tornar primeiro-ministro, só que ele não se esforçava para tanto. Ele fora consultor de uma pessoa bastante importante – ou assim os jornais haviam dito mais de uma vez – quanto à nomeação de primeiros-ministros. Estimava-se que a voz dele no conselho era muito respeitada. Ele era considerado uma rocha sólida de apoio à causa liberal e, ainda assim, ninguém sabia quais eram as suas atribuições; tampouco existiam muitos registros do que dizia. Os cargos que ele administrava, ou que havia administrado, geralmente eram do tipo que não incluíam tarefas muito árduas. Em debates calorosos, ele nunca tomou para si a missão de rebater a oratória da oposição. O que dizia na Câmara geralmente era curto e agradável – com um tom leve e divertido salpicado por uma sátira inofensiva. O duque, porém, era um milagre ambulante da sabedoria do senso comum. Ele nunca perdia o temperamento. Ele nunca cometia erros. Ele nunca explodia ou se mostrava frio demais diante de uma pauta. Ele nunca era irresponsável na política, e nunca era um covarde. Ele não esnobava ninguém, e não se permitia ser esnobado por ninguém. Era um cavaleiro da Ordem da Jarreteira, um lorde-tenente de seu condado e, aos 62 anos, tinha um sistema digestivo imbatível e suas propriedades em excelente ordem. Ele era um grande comprador de pinturas que, talvez, não entendesse, e um grande colecionador de livros que certamente nunca lia. Todos o respeitavam, e ele era um homem para quem o respeito de todos era como ar de suas narinas.

No entanto, nem ele estava livre de ter pedras no caminho, esqueletos no armário e espinhas na garganta; ainda que as pedras não fossem muito grandes, que os esqueletos não fossem muito medonhos em seu arranjo anatômico, e que, tampouco, as espinhas lhe sufocassem. O duque estava sempre pisando em ovos com sua esposa.

Ele possuía um receio eterno da esposa, mas não devemos presumir que o duque temia que as maquinacões de alguém como Burgo Fitzgerald pudessem destruir seu conforto doméstico. A duquesa era e sempre fora uma mulher de comportamento apropriado. Damas em altas posições, quando apresentadas com grande beleza, constantemente são vítimas de calúnia desmerecida – mas nenhum sussurro de aleive jamais tocou o nome dela. Eu duvido que qualquer homem vivo tivesse a coragem de piscar para ela desde que o duque a esposara. Ela tampouco era gastadeira ou uma apostadora. Ela não era promíscua em seus gostos, ou perseguia qualquer coisa que fosse questionável. Ela era simplesmente uma tola; uma tola com o eterno pavor de ser motivo de chacota. Em tais ocasiões de tormento, ela ia se queixar tristonhamente, lastimavelmente e, ocasionalmente, muito irritada ao seu querido duque e protetor, ainda que às vezes seu

querido duque não soubesse muito bem o que fazer com ela ou como protegê-la. Não cabia a ele, cavaleiro da Ordem da Jarreteira e duque de St. Bungay, implorar misericórdia para sua pobre esposa a uma pessoa como Mrs. Conway Sparkes; tampouco seria de seu feitio apresentar uma queixa formal contra a dama diante de seu anfitrião ou anfitriã – assim como um menino faria às vezes contra outro no colégio.

— Se você não gosta dessas pessoas, minha querida, nós podemos ir embora — ele dissera a ela mais tarde naquela noite já narrada.

— Não — ela respondeu. — Não desejo ir. Eu disse que ficaríamos até dezembro, e Longroyston não estará pronta antes disso, mas acho que alguma coisa deveria ser feita para silenciar aquela mulher.

O sotaque surgiu forte quando ela falou “alguma coisa”, e mais uma vez com espantosa violência ao proferir a palavra “mulher”. O duque não sabia como silenciar Mrs. Conway Sparkes. Era um grande princípio em sua vida nunca se zangar com ninguém. Como ele poderia punir Mrs. Conway Sparkes?

— Não creio que ela seja merecedora da sua atenção — tentou o marido.

— Isso é verdade, duque — concordou a esposa. — Talvez ela não seja, mas sempre a encontro nesta casa, e detesto que ria de mim. Acho que lady Glencora deveria fazer com que ela se recolhesse à sua insignificância.

— Lady Glencora é muito jovem, minha querida.

— Não sei se tão jovem assim — retorquiu a duquesa, cujos ouvidos talvez houvessem captado pedaços da imitação quase involuntária de lady Glencora. Agora, como apelações como esta eram feitas constantemente ao duque, e como o nobre era frequentemente obrigado a trocar algumas palavras – o que dificilmente aprovava –, com alguém para proteger a sua duquesa, ele estava ciente de que a questão era um aborrecimento, e às vezes desejava que Sua Graça estivesse em Longroyston.

Havia, ainda, um terceiro político convidado em Matching Priory; este nunca alcançara o ranque de estadista, mas conservava suas esperanças. Era Mr. Bott, membro do conselho do distrito de St. Helens, a quem lady Glencora havia descrito como o homem ruivo visto parado entre os convidados – e que talvez contasse histórias sobre ela a Mr. Palliser. Mr. Bott era uma pessoa que certamente tivera algum sucesso na vida, e que o conquistara sozinho. Ele não era tão jovem, tendo, naquela época, cerca de 50 anos. No momento, ele desfrutava de sua segunda sessão no Parlamento, tendo retornado como discípulo juramentado da escola de Manchester. Ele não aparentava ser falso em seus juramentos. Em St. Helens, ainda era

considerado um homem bom e verdadeiro, mas aqueles que se sentavam ao seu lado na Câmara e observavam suas manobras políticas, sabiam que ele lutava para conquistar o seu pedaço da torta pública. Mr. Bott não era rico, embora produzisse calicô e houvesse entrado no Parlamento. Ainda que se dissesse um radical inveterado, era um homem que gostava de viver entre os aristocratas, e adorava escutar fofocas sobre pessoas como o duque de St. Bungay ou Mr. Palliser. Presumia-se que ele entendia alguma coisa de finanças. Seja como for, era bom com cifras e, uma vez que demonstrava muita diligência e igual obediência, era um homem que poderia se provar útil a um chanceler do Tesouro que ambicionasse mudanças.

Há homens que conseguem acesso a tais lares como Matching Priory e cujas presenças são um mistério para muitos – e a quem as damas do lar nunca compreendem por que estão entretendo.

— E Mr. Bott está vindo — Mr. Palliser comentara com a esposa.

— Mr. Bott! — lady Glencora exclamara. — Minha nossa! Quem é Mr. Bott?

— É um membro do conselho de St. Helens — respondera Mr. Palliser. — Trata-se de um homem muito útil à sua própria maneira.

— E o que devo fazer com ele? — questionara lady Glencora.

— Eu não sei se pode fazer qualquer coisa. É um homem bastante ocupado, e ousou dizer que passará a maior parte do tempo na biblioteca.

Pouco depois, Mr. Bott chegou, e embora uma enorme pilha de cartas e documentos lhe fosse entregue todas as manhãs pelo correio, ele, infelizmente, não parecia passar muito tempo na biblioteca. Talvez não tivesse achado a pista que levava àquele aposento perdido. Por duas vezes, ele saiu para atirar, mas, no primeiro dia, acertou o vigia da casa, e no segundo, quase atirou no duque. Então, desistiu. Ele se recusou a caçar, embora fosse bastante pressionado por Jeffrey Palliser a escrever um ensaio sobre a arte. Mr. Bott parecia passar o tempo, como lady Glencora havia dito, parado – exceto nas vezes em que estivera reunido atrás das portas com Mr. Palliser, ocasiões em que se presumia que ele estivesse demonstrando a sua utilidade. Em tais dias, Mr. Bott era visto na hora do almoço com os dedos sujos de tinta, e era geralmente pensado que, nestas ocasiões, estivera contabilizando impostos e calculando o efeito de grandes mudanças financeiras. Ele era um homem alto e forte; era careca e tinha uma barba ruiva hirsuta que estava, todavia, aparada acima e abaixo dos lábios. Este era um infortúnio, pois, se ele houvesse escondido a boca, não teria deixado a impressão de ser um homem feio. Seu lábio superior era muito longo, e sua boca era maliciosa. O problema é que ele havia descoberto que, sem a ajuda de uma navalha para aparar estas partes, não poderia tomar a sua sopa confortavelmente, e como

preferia higiene à beleza, ele havia se barbeado em conformidade com este fato.

— Eu não desgostaria tanto de Mr. Bott se ele parasse de esfregar as mãos e sorrir o tempo todo — lady Glencora descrevera ao marido. — Parece que ele vai dizer alguma coisa, quando, verdade, não tem nada a falar.

— Não creio que você precise se preocupar com ele, minha querida — Mr. Palliser respondera.

— Mas quando ele olha para mim daquele jeito, não posso evitar, pois penso que vai falar alguma coisa; mas então, ele sempre diz: “Posso ajudá-la, lady ‘Glen-cowrer’?”

Na mesma hora, ela percebera que seu marido não havia gostado do comentário.

— Não fique com raiva de mim, querido — ela pedira. — Você deve admitir que ele é bastante importuno.

— Não fiquei nem um pouco enraivecido, Glencora — afirmara o marido. — Se insiste, pedirei que Mr. Bott se vá — e, neste caso, é claro que jamais voltarei a falar com ele — mas isso pode me prejudicar, pois é um homem em quem confio na política, e que, talvez, possa-me ser útil.

É claro que lady Glencora declarara que Mr. Bott poderia ficar enquanto ele e Mr. Palliser desejassem, e é claro que ela não mencionou mais o nome dele ao marido; mas, daquele momento em diante, Glencora considerou Mr. Bott um inimigo, e sentiu que ele também a via sob a mesma luz.

Quando a novidade de que o duque de St. Bungay estava hospedado em Matching Priory chegou aos ouvidos de políticos de fora, tais políticos de fora sentiram ainda mais certeza de que Mr. Palliser se tornaria o novo chanceler do Tesouro. O velho ministro e o jovem ministro deveriam estar, é claro, combinando seus arranjos, mas duvido que Mr. Palliser e o duque tenham conversado sobre este assunto durante todo o período da visita. Embora Mr. Bott se reunisse ocasionalmente com Mr. Palliser, o duque nunca se incomodou em participar de tais reuniões. Ele saiu para atirar, cavalgou em seu pônei, leu seu jornal, escreveu suas anotações, e observou com um olho de um especialista os aparatos agrícolas de Mr. Palliser.

— Você parece ter um bom homem, devo dizer — comentara o duque.

— Quem? Hubbings? Sim, ele foi um legado do meu tio quando recebi Priory.

— Um homem muito bom, devo dizer. É claro que não vale o tanto que está sendo pago, mas ele faz parecer que sim — o que é o melhor prêmio de consolação. Nunca consegui arrendar uma terra que eu mesmo cultivei — nunca.

— Imagino que não — respondera Mr. Palliser, que não ligava muito para isso.

O duque teria conversado sobre cultivar terras por uma hora se Mr. Palliser estivesse disposto; mas pouco foi falado entre eles sobre política. Enquanto foi hóspede em Matching, o duque, tampouco, criou outra alusão às esperanças de Mr. Palliser quanto ao ministério além daquela que fizera à lady Glencora na mesa do jantar sobre a ambição do marido dela ser uma excelente coisa pela qual um homem poderia lutar.

Mr. Bott, contudo, teve a honra de trocar algumas palavras com o duque.

— A nossa união será muito forte, Vossa Graça — Mr. Bott expressara um dia antes do jantar.

— Isso depende do que as mudanças trarão — o duque respondera.

— Então, haverá uma mudança?

— Oh, sim, haverá uma mudança – certamente, devo dizer; e ela ocorrerá em sua direção.

— E na de Palliser também?

— Sim, acredito que sim – isto é, se convir a ele. Agora, mudando de assunto, Mr. Bott...

Então, a conversa se transformou em pequenos sussurros nos quais possivelmente Mr. Bott se encarregou da incumbência de fazer aquilo que lady Glencora havia chamado de “contar”.

CAPÍTULO 25

NO QUAL MUITO DA HISTÓRIA DOS PALLISERS É CONTADA

Ao final de dez dias, Alice descobriu-se bastante confortável em Matching Priory. Ela agora havia prometido permanecer até a segunda semana de dezembro, época em que deveria partir para Vavasor Hall – onde se encontraria com seu pai e com Kate. Os Pallisers passariam o Natal com o duque de Omnium em Barssetshire.

— É uma tradição — explicara Glencora. — É uma cerimônia oficial que acontece no Castelo Gatherum, mas só dura uma semana. Depois disso, iremos a algum outro lugar. Oh, céus!

— Por que disse “oh, céus”?

— Porque... acho que eu não deveria ter contado isso a você.

— Então, certamente não insistirei no assunto.

— Isso é a sua cara, Alice, mas posso ser tão firme quanto você, e garanto que não contarei mais, a não ser que insista.

Alice, todavia, não insistiu, e não demorou muito para que a firmeza de lady Glencora titubeasse.

Mas, como eu disse, Alice se sentiu muito confortável em Matching Priory. Talvez ela já estivesse crescendo para cima, em direção à luz. De qualquer forma, a moça escutou com prazer as poucas palavras que o duque lhe dirigia. Ela até foi capaz de conversar com a duquesa – de modo que Sua Graça comentou com lady Glencora que “sua prima é uma pessoa muito simpática; simpática mesmo! É uma pena que ela tenha sido tão maltratada por aquele cavalheiro de Oxfordshire!” Glencora precisou explicar que o cavalheiro morava em Cambridgeshire, e que ele, de forma alguma, havia maltratado alguém.

— Quer dizer que ela o dispensou? — indagara a duquesa, quase chiando e arregalando os olhos. — Querida, perdoe-me. Eu deveria ter ficado quieta.

Na vez seguinte em que falou com Alice, ela adotou um tom de ênfase peculiarmente severo – mas ele logo foi abandonado quando Alice a ouviu com complacência.

Alice também aprendeu a cavalgar – ou melhor, voltou a aprender, pois ela abandonara as lições há anos. Jeffrey Palliser assumiu o papel de seu escudeiro, e ela ficou tão íntima do rapaz, que se sentiu livre para arengar com ele e demonstrar carinho. A amizade chegou a tal ponto que lady Glencora brincou que logo as coisas evoluiriam.

— Eu prefiro pensar que não — rebateu Alice.

— E o que pensar tem a ver com isso? Quem é que pensa numa coisa dessas?

— No presente, eu não. Enfim...

— Seria muito bom, eu acho – talvez algum dia você se tornasse duquesa.

— Glencora, pare de falar bobagens.

— São as especulações que as pessoas fazem. Só que eu teria de aborrecê-la com o meu suicídio, para que, assim, ele pudesse se casar novamente.

— Como pode dizer coisas tão horríveis?

— Mas acho que o libertarei – algum dia. Que direito eu tenho de ficar no caminho dele? Ele falou comigo dias atrás sobre a mudança de posição de Jeffrey, e sei o que ele quis dizer – ou melhor, o que ele não quis dizer, mas pensou. Mas eu não vou me matar.

— Eu espero que não.

— Eu só conheço outra saída — declarou lady Glencora.

— Você está pensando em coisas que jamais deveriam rondar os seus pensamentos — reprovou Alice veementemente. — Não tem fé na providência de Deus? Não consegue aceitar o que foi feito por você?

Mr. Bott havia partido, para a satisfação de lady Glencora, mas, infelizmente, acabara voltando. Após o retorno dele, Alice ouviu novidades sobre a rivalidade entre a duquesa e Mrs. Conway Sparkes.

— Não falei! — exclamou lady Glencora à amiga. — Eu não falei que ele ia sair por aí fofocando?

— E ele saiu por aí fofocando?

— Sim, eu fui repreendida, mas sei muito bem que isso partiu de Mr. Bott, embora Mr. Palliser não tenha admitido. Ele, entretanto, falou-me que a duquesa havia se sentido magoada com o jeito de falar daquela outra mulher.

— Mas aquilo não foi sua culpa.

— Não foi; falei isso para ele. Foi Mr. Palliser quem me pediu para convidar Mrs. Conway Sparkes. Eu não queria chamá-la. Ela é sempre requisitada e é muito difícil contar com sua presença, mas se ela houvesse se afogado no Mar Vermelho, eu não teria me importado. Quando falei isso, ele disse que era bobagem – óbvio que era; então, ele pediu que eu a fizesse segurar a língua. É claro que respondi que não conseguiria. Mrs. Conway Sparkes não daria a mínima para mim. Eu expliquei que saberia cuidar de mim mesma se ela tentasse me ridicularizar, ainda que fosse a espetacular Mrs. Conway Sparkes e tivesse escrito poesias mais lindas do que Tennyson.

— São bonzinhos – certos textos dela — opinou Alice.

— Oh, ousou dizer que sei muitos de cor, mas é claro que não daria a ela a satisfação de saber que li tantas de suas poesias. E então, falei para ele que eu não conseguiria cuidar da duquesa – e ele me falou que eu estava sendo infantil.

— Ele não falou isso para magoá-la.

— Eu sou infantil; sei disso. Por que ele não esposou uma mulher decidida e feroz, que seria capaz de manter sua casa em ordem e peitar Mrs. Sparkes pela insolência? Não foi minha culpa.

— Você não disse isso a ele.

— Disse. Então, ele me beijou e falou que estava tudo bem e que eu deveria crescer. “E Mrs. Sparkes vai crescer em sua insolência”, respondi. “E a duquesa em sua tolice”. Depois disso, retirei-me. Agora, o abominável Mr. Bott retornou. Se não passasse a impressão de que quero me sentir superior, eu o puniria. Ele sorri para mim e esfrega suas grandes mãos mais do que nunca, porque sabe que se comportou perversamente. É horrível ter de viver em uma casa com pessoas assim, não acha?

— Acho que você não precisa se importar tanto com ele.

— Sim, mas eu sou a senhora deste lar, e foi-me dito para entreter os convidados. Imagine só, entreter a duquesa de St. Bungay e Mr. Bott!

Alice ficara tão íntima de lady Glencora que já decifrava os seus sábios desabafos facilmente. Ela disse que a prima estava se permitindo pensar demais em coisas pequenas – e, às vezes, em coisas grandes.

— Quanto a Mr. Bott, é melhor agir como se ele não existisse — sugeriu Alice.

— Mas isso seria fingimento – sobretudo para você.

— Não, não seria fingimento; seria o comedimento que cada mulher deveria praticar – e você, em sua posição, deveria praticá-lo mais do que qualquer outra mulher.

Então, lady Glencora fez um beicinho, retrucou que era uma pena Alice não ter se casado com Mr. Palliser e se retirou.

Naquela noite – a noite em que Mr. Bott voltou a Matching Priory – o mencionado cavalheiro encontrou um lugar perto de Alice na sala de estar. Ele se aproximou dela várias vezes, esfregando as mãos e dizendo meias-palavras, como se houvesse algum motivo, garantido pelas suas posições, para serem amigos. Alice percebeu isso e lutou com todas as suas forças para espantá-lo; mas ele era um homem que, se entendia uma deixa, sempre a ignorava. Um tratamento frio não significava nada para ele se queria conquistar a pessoa que o ignorava. O seu código de perseverança o havia ensinado que superar um tratamento frio era uma virtude. O homem ou a mulher que recebesse a sua abertura de palavras com graça, provavelmente seria uma perda de tempo e alguém a ser ignorado; por outro lado, aquele ou aquela que se desse ao luxo de tratá-lo com desdém, sem dúvidas, teria algum valor. Homens como Mr. Bott adoram um tratamento frio. Quanto mais frio o tratamento, mais felizes ficam os Mr. Botts do mundo.

— Que pessoa maravilhosa é a nossa querida amiga lady

Glencora! — comentou Mr. Bott, pegando Alice em uma posição da qual ela não poderia escapar prontamente.

Alice pensou em discordar, ou em fazer qualquer comentário que pudesse livrá-la de Mr. Bott, mas não se atreveu a falar nada que passasse a impressão de que estava sendo brincalhona.

— De fato — ela respondeu. — Que noite fria!

Alice se enfureceu com a própria estupidez assim que a frase saiu de sua boca. Ela pensou, quase aos risos, na duquesa e no encanamento de água quente em Longroyston.

— Sim, está frio. A senhorita e a lady são grandes amigas, eu creio, Miss Vavasor.

— Ela é a minha prima — Alice limitou-se a dizer.

— Ah, sim! Que agradável. Tenho motivos para acreditar que Mr. Palliser se sente muito grato pela senhorita acompanhá-la tanto.

Aquilo estava insuportável. Alice não conseguia reunir coragem suficiente para se levantar da cadeira e se afastar dele, mas, ainda assim, sentia que precisava impedir que aquela conversa continuasse.

— Não sei se isso é verdade, mas se for, não entendo como poderia fazer qualquer diferença para Mr. Palliser.

Mas Mr. Bott não era homem de ser derrotado quando tinha uma meta em mente.

— Posso lhe garantir que são os sentimentos dele. É claro que todos nós sabemos que lady Glencora é jovem. Ela é muito jovem.

— Mr. Bott, eu realmente prefiro não falar sobre a minha prima.

— Mas, querida Miss Vavasor, mesmo que tenhamos o bem-estar dela em vista?

— Eu não tenho o bem-estar dela em vista, Mr. Bott; não mesmo. Não há motivo para ter. O senhor vai me desculpar se eu disser que não posso discutir o bem-estar dela com um perfeito estranho.

Ela, por fim, se levantou e se afastou do membro do Parlamento, deixando-o bastante espantado com a audácia. Mr. Bott, no entanto, era um homem insistente e, em seus pensamentos, decidiu que simplesmente tentaria de novo.

Pergunto-me se Jeffrey Palliser pensava com frequência na diferença entre a sua posição atual, e a que teria, caso lady Glencora se tornasse a feliz proprietária de um berço no andar de cima contendo um menininho em seu interior. Suponho que ele deve ter pensado. Dificilmente um homem não estaria atento à importância de uma oportunidade dessas. Sua presente situação era uma das mais infelizes que podem recair sobre o destino de um homem. Seu pai — o irmão mais novo do duque —, deixara-lhe cerca de 600 libras por ano, bem como um gosto por viver entre pessoas com renda dez vezes maior. A propriedade de ganhar seu próprio pão nunca fora posta diante dele. Seu pai pertencera ao Parlamento, e fora o filho mais

favorecido do velho duque, que, por anos antes de sua morte, nunca falara com aquele que agora reinava sobre o lar dos Pallisers. O pai de Jeffrey fora criado em Matching Priory da maneira como descendentes de casas ducais são criados, e quando o velho morreu, ele recebeu posses suficientes para percorrer o mesmo caminho, ainda que com dificuldade. O seu irmão o ajudara, e em várias ocasiões, o pai de Jeffrey sentiu o gostinho de estar perto do trono. Entretanto, após a morte do pai, quando a herança deixada para trás foi dividida entre ele e suas três irmãs, Jeffrey Palliser se tornou dono da renda mencionada acima. É claro que ele poderia sobreviver com ela – e durante os meses de inverno, Jeffrey tinha gratuitamente um teto acima da cabeça, caçava e vivia como os homens ricos vivem. Mas ele era um homem pobre, envergonhado e com baixas perspectivas – até que esta bela perspectiva ducal se abriu para ele diante da necessidade de um berço em Matching Priory.

Mas a perspectiva, obviamente, estava muito distante. Lady Glencora poderia ter tantos filhos quanto Hécuba;^[57] ou poderia morrer, e outra dama mais sortuda tomaria seu lugar como mãe do herdeiro de Plantagenet; ou o duque poderia se casar e ter algum filho. Além disso, o seu primo era apenas um ano mais velho do que ele, e o grande prêmio, se algum dia cruzasse seu caminho, poderia demorar até 40 anos. Não obstante, a sua pessoa era aceita em abrigos onde certamente seria rejeitada, caso lady Glencora possuísse o tal berço no andar de cima. Só podemos supor que ele deva ter feito cálculos desta natureza.

— É uma pena que você passe a vida toda sem fazer nada — o seu primo Plantagenet lhe disse certa manhã naqueles dias. Jeffrey havia solicitado uma reunião no quarto do primo, e receio que tenha feito isso com uma leve intenção de pedir dinheiro.

— O que eu devo fazer? — perguntou Jeffrey.

— Independentemente do quê, você deveria se casar.

— Oh, sim, eu poderia me casar. Não há homem tão pobre que não possa se casar. A questão é se eu gostaria da inanição que o destino me reservaria.

— Não vejo como você poderia passar forme. Embora a sua fortuna seja pequena, ela já é alguma coisa – e muitas moças têm as suas próprias fortunas.

Jeffrey pensou em lady Glencora, mas não fez qualquer alusão a ela em sua fala.

— Eu não acho que sou muito bom nesse tipo de coisa — ele admitiu. — Quando o meu sogro e minha sogra me questionassem sobre minha casa, eu cairia de joelhos. Não digo isso me gabando da humildade – na verdade, é justamente o oposto; mas receio que eu não tenha tendências mercenárias.

— Isso é bobagem.

— Oh, sim, muita. Eu admito isso.

— Homens precisam possuir tendências mercenárias, ou não terão pão. O homem que ara para sobreviver ara porque ele, por sorte, tem uma tendência mercenária.

— Justamente. Mas, entenda, eu sou menos afortunado do que um arador.

— Não há erro vulgar tão vulgar – isto é, comum ou errôneo – quanto este em que os homens foram ensinados que tendências mercenárias são ruins. Um desejo por riquezas é a fonte de todo progresso. A civilização surgiu daquilo que homens chamam de cobiça. Deixe que suas tendências mercenárias sejam combinadas com honestidade, e assim você nunca se desvirtuará.

Isto, o futuro chanceler do Tesouro proclamou com muito mais ar e tom de sabedoria que um chanceler do Tesouro deveria ter.

— Mas eu não tenho nenhuma tendência assim — insistiu Jeffrey.

— Gostaria de ocupar uma fazenda na Escócia? — propôs Plantagenet Palliser.

— E pagar aluguel?

— Você teria de pagar aluguel, é claro.

— Obrigado, mas não. Seria desonesto, pois sei que nunca pagaria.

— Receio que você seja velho demais para o serviço público.

— Se está se referindo a uma mesa no Tesouro, que me pagaria 100 por ano, então, sim, estou velho demais.

— Mas você não tem um plano para chamar de seu?

— Não, realmente. Já pensei algumas vezes em ir para a Nova Zelândia.

— Você teria de ser um fazendeiro lá.

— Não, não faria isso. Eu criaria uma oposição ao governo, ou algo assim, e então eles me subornariam e me dariam um lugar para ficar.

— Isso funciona muito bem por aqui, Jeffrey, se um homem entrar no Parlamento e tiver capital suficiente para esperar; mas não acho que funcionaria lá fora. Você gostaria de entrar no Parlamento?

— O quê? Aqui? É claro que sim. Só que acabaria me endividando terrivelmente. Eu não devo muito por enquanto, exceto por aquilo que lhe devo.

— Você não me deve nada — rechaçou Plantagenet, com uma pitada de grandiloquência na voz. — Não, deixe este assunto para lá. Eu não tenho irmãos, e entre mim e você, essa dívida não significa nada. Veja, Jeffrey, resumidamente, pode ser que eu tenha de considerá-lo meu... meu... meu herdeiro.

Neste momento, Jeffrey murmurou algo sobre a baixa

probabilidade de tal necessidade, e sobre o quão remoto seria qualquer resultado, mesmo que isso acontecesse.

— Tudo isso é verdade — acatou o herdeiro dos Pallisers. — Mesmo assim... Para ser direto, gostaria que fizesse alguma coisa. Pense a respeito. Depois, voltaremos a falar.

Jeffrey, enquanto deixava o primo com um cheque de 500 libras no bolso do colete, concluiu que a reunião que, em certo momento alcançara dimensões importantes, não havia sido encerrada de maneira plenamente satisfatória. Uma cadeira no Parlamento! Sim, deveras! Se seu primo fosse tão longe a ponto de usar sua influência política, monetária e ducal para interceder por ele; para lhe arranjar uma posição como aquela pertencente ao filho mais jovem da Câmara, então, de fato, a vida teria algum charme para ele! Mas, quanto à fazenda na Escócia, ou à mesa de escritório em Londres, Jeffrey acreditava que o seu plano sobre a Nova Zelândia seria a melhor opção. Então, conforme caminhava, refletiu que talvez pudesse ser o seu destino morrer, ou ao menos ser enterrado, em meio à nobreza, como um duque de Omnium. Se assim fosse, certamente seria seu dever preparar outro herdeiro, e deixar um duque como descendente — se possível.

— Vai cavalgar conosco após o almoço? — perguntou lady Glencora, quando ele adentrou a sala de estar.

— Não — respondeu Jeffrey. — Eu vou estudar.

— Vai fazer o quê? — surpreendeu-se lady Glencora.

— Estudar — ou melhor, passarei o dia sentado, enquanto penso no que vou estudar. O meu primo acabou de me falar que preciso fazer alguma coisa da vida.

— Precisa mesmo — apoiou Iphigenia energeticamente de sua escrivaninha.

— Mas ele não pareceu ter nenhuma ideia clara sobre o quê. Vejam, não é possível haver dois chanceleres do Tesouro ao mesmo tempo. Mrs. Sparkes, o que um jovem como eu deveria fazer?

— Entrar no Parlamento, eu diria — aconselhou Mrs. Sparkes.

— Ah, sim. Exatamente. Ele chegou a sugerir esta possibilidade também, mas não apontou nenhuma posição em particular. Acho que tentarei a Cidade de Londres; eles têm quatro por lá, e é claro que a chance de entrar seria, consequentemente, dobrada.

— Eu achei que, no geral, os homens de negócios fossem preferidos na Cidade — comentou a duquesa, demonstrando um forte interesse sincero na questão.

— Mr. Palliser tenciona fazer uma fortuna com o comércio como um passo preliminar — explicou Mrs. Sparkes.

— Eu não acho que foi isso o que ele quis dizer — retorquiu a duquesa.

— Seja como for, eu preciso fazer alguma coisa, portanto, não posso cavalgar — justificou Jeffrey.

— Você precisa fazer alguma coisa — repetiu Iphigenia de sua escrivaninha.

Duas vezes durante esta pequena confabulação, lady Glencora levantou a cabeça, encontrando o olhar de Alice, e Alice entendera perfeitamente o que a prima quisera dizer. “Viu?”, o olhar reclamara. “Plantagenet está começando a se interessar pelo primo, e você sabe por qual motivo. O homem que for o pai dos futuros duques não pode se dar ao luxo de desperdiçar o seu tempo na obscuridade. Se eu tivesse um berço lá em cima, Jeffrey poderia passar tantos dias no ócio quanto quisesse”. Alice compreendeu tudo isso e, obviamente, Jeffrey acabou se juntando ao grupo que saiu para cavalgar.

— O que um homem como eu, que quer fazer alguma coisa da vida, poderia fazer? — ele perguntou a Alice.

Alice sabia muito bem que lady Glencora arquitetara um pequeno arranjo para que Jeffrey cavalgasse ao seu lado. Alice gostava dele, portanto, não fez objeções; mas refletiu que sua prima adorava lhe dar abacaxis para descascar.

— Mrs. Sparkes disse que você deveria tentar o Parlamento.

— Sim, e a querida duquesa talvez sugeriria uma casa em Belgrave Square. Agora, eu quero escutar o seu conselho.

— Eu só posso concordar com Miss Palliser.

— O quê? Com a Iphy? Sobre a procrastinação? Veja, quanto mais tempo ela me roubar, melhor será para mim.

— Esse é o mal que você precisa curar.

— O meu primo Plantagenet sugeriu que eu me casasse.

— O que é uma coisa muito boa também, estou certa — definiu Alice. — Só que depende do tipo de esposa que arranjar.

— Quer dizer que depende, obviamente, do tamanho da fortuna dela.

— Não, exclusivamente.

— Do ponto de vista do meu primo, suponho que seja o único detalhe importante. Quem serão as herdeiras que surgirão a seguir?

— Por Deus, eu não faço ideia. Mas, para você, o quanto a herdeira deveria ter?

— Para um camarada como eu? Suponho que umas dez mil libras bastariam.

— Não é muita coisa — disse Alice, que era dona desta exata fortuna.

— Não; talvez seja um montante bastante modesto. Mas quanto menos o homem pensar em dinheiro, maior será o número de moças que ele poderá escolher, e melhor será a chance de obter qualidades decentes na própria mulher. Eu mesmo tenho alguma coisa – não é

muito, sabe? Então, com as dez mil libras da moça, poderíamos sobreviver... em alguma cidadezinha francesa de segunda categoria, imagino.

— Mas não entendo o que você poderia ganhar com isso.

— Meus parentes se livrariam de mim. Essa parece ser uma coisa boa. Se conhecer alguma moça com essa soma, razoavelmente bonita, não tão nova, de modo que ela saiba uma ou duas coisas sobre o mundo, de família descente, e capaz de ler e escrever, lembre-se de mim.

— Sim, lembrarei — prometeu Alice, totalmente ciente de que Jeffrey acabara de descrevê-la perfeitamente. — Quando encontrar uma moça assim, eu a colocarei em seu caminho imediatamente.

— Você conhece alguém assim no momento?

— Bom, não. No momento, não.

— Creio que ele não conseguiria nada melhor — sua prima lhe disse naquela noite.

Lady Glencora criara o hábito de trazer Alice para o que chamava de “seu quarto de vestir” todas as noites, para, então, conversarem até as primeiras horas da manhã. Mr. Palliser sempre trabalhava até tarde e ia se deitar com as corujas. Costumeiramente, conversavam sobre ele e suas perspectivas, até que Alice pudesse inspirar na esposa de Mr. Palliser mais interesse nele e neles do que ela jamais sentira. No geral, Alice conseguia afastar a sua amiga destes tópicos tão perigosos – as tais alusões à infantilidade dela, e as sugestões de que Burgo Fitzgerald ainda estava em seus pensamentos. Às vezes, é claro, falavam sobre as próprias perspectivas de Alice, que, finalmente, sentiu-se livre para contar à prima como se sentia. Em tais ocasiões, lady Glencora sempre a apoiava e dizia que ela havia agido corretamente – uma vez que não amava o homem.

— Ainda que houvesse oferecido o dedo ao anel, você fez bem em voltar atrás, se não o amava — lady Glencora avaliou, nesta ocasião.

— Mas eu o amava — respondeu Alice.

— Então, não compreendo — desabafou lady Glencora.

Para falar a verdade, por mais íntimas que estivessem, elas não se compreendiam perfeitamente; mas, naquela ocasião, elas conversavam sobre Jeffrey Palliser.

— Creio que ele não conseguiria nada melhor — lady Glencora disse.

— Se for para falar bobagens, eu vou me retirar — avisou Alice.

— Mas por que seria bobagem? Vocês ficariam muito bem com suas rendas combinadas. Ele é um dos melhores homens no mundo. Está claro que ele gosta de você; além do mais, nós ficaríamos tão próximas uma da outra. Com toda a certeza, Mr. Palliser faria alguma coisa por Jeffrey se ele se cassasse – sobretudo se eu pedisse.

— Só que há duas coisas que vão contra esta ideia.

— E quais são elas?

— Ele não me tomaria como esposa, e eu não o tomaria como marido.

— E por que não? Por que desgosta dele?

— Eu não desgosto nem um pouco dele. Na verdade, gosto muito de Jeffrey, mas uma pessoa não pode se casar com todos aqueles de quem gostar.

— Mas por qual motivo você não deveria se casar com ele?

— Por este, principalmente — Alice explicou, após uma pausa. — Acabei de me separar de um homem a quem certamente e verdadeiramente amei; eu não posso transferir o meu afeto imediatamente.

Assim que as palavras saíram de sua boca, ela soube que deveria ter ficado calada. Aquilo havia sido exatamente o que lady Glencora fizera; ela amara um homem, separara-se dele, e um ou dois meses depois, casara-se com outro. A princípio, Glencora ficou com o rosto e os ombros vermelhos como fogo, e Alice, em seguida, viu-se da mesma maneira ao encará-la, enquanto buscava perdão nos olhos da prima.

— Sim, seria impróprio para uma moça, certamente — respondeu lady Glencora, lentamente e usando seu tom mais baixo. — Ou melhor, seria impróprio para uma mulher, mas ela pode acabar sendo forçada a isso. O sentimento pode se provar tão forte, que toda a sua delicadeza feminina acaba sendo expurgada.

— Oh, Glencora!

— Eu não propus que você se casasse com Jeffrey imediatamente.

— Glencora!

— Mas foi o que eu fiz. Eu sei. Comportei-me como um animal que é obrigado a fazer aquilo que o seu mestre deseja. Sei disso. Eu fui um animal. Oh, Alice, se soubesse como me odeio!

— Mas eu a amo com todo o meu coração — admitiu Alice. — Eu aprendi a amá-la tão sinceramente, Glencora.

— Então, você é o único ser vivo que me ama. Ele não é capaz de me amar. Como poderia ser? Apenas você me ama – e talvez outro.

— Muitas pessoas a amam. Ele a ama. Mr. Palliser a ama.

— É impossível. Eu nunca disse nada a ele que provocasse o seu amor. Eu nunca fiz nada por ele que provocasse o seu amor. Ele poderia ter amado a mãe de um filho seu, mas apenas por isso. Por que ele deveria me amar? Foi-nos dito para esposarmos um ao outro, e foi o que fizemos. Como poderia ter aprendido a me amar? Mas, Alice, ele não precisa de amor – nem de receber e nem de dar. Eu também gostaria de ser assim.

Alice disse o que pôde para confortá-la, mas suas palavras pouco adiantaram para amenizar tais aflições matrimoniais.

— Perdoá-la?! — Glencora, enfim, disse — O que tenho para perdoar? Acha que não sei o que acontece à minha volta?! Acha que não penso em tudo, ciente de que posso acabar envenenando minha própria mente!? Perdoá-la!? Sinto-me tão grata por você me amar! Ainda bem que achei alguém para me amar, ou não teria conseguido continuar aqui.

CAPÍTULO 26

LADY MIDLOTHIAN

Uma semana ou dez dias após essa conversa, Alice, numa certa manhã, desceu até o aposento onde o desjejum era servido, e descobriu-se a sós com Mr. Bott. Era moda em Matching Priory que as pessoas se reunissem tarde do dia. O momento nominal do café da manhã era dez horas, e nenhuma das damas da comitiva seria vista antes disso. Alguns cavalheiros tomavam o café da manhã mais cedo, sobretudo em manhãs de caçada; e, em certas ocasiões, as damas, quando se juntavam, encontrar-se-iam completamente desertadas por seus maridos e irmãos. Naquele dia, quis o destino que apenas Mr. Bott representasse o sexo masculino e, no instante em que Alice adentrou o aposento, ele estava de pé e de costas para o fogo, aguardando até que a aparição de algum outro convidado pudesse lhe conceder a aprovação necessária para iniciar sua refeição matinal. Alice, assim que o viu, teria recuado se fosse possível, pois ela aprendera a detestá-lo imensamente, e quase sentia, de fato, medo dele; mas ela não poderia fazê-lo sem que sua fuga parecesse óbvia.

— A senhorita pretende prolongar a sua estada, Miss Vavasor? — questionou Mr. Bott, aproveitando-se do momento em que ela tirou os olhos da carta que estivera ledo.

— Por mais alguns dias, creio — respondeu Alice.

— Ah, fico feliz. Mr. Palliser tem me pressionado bastante para continuar aqui até sua viagem aos domínios do duque, de modo que não pude escapar mais cedo. Como sou solteiro, posso gastar o meu tempo seja aonde for — ou ao menos nesta época do ano.

— O senhor deve achar isso muito conveniente — comentou Alice.

— Sim, é conveniente. Veja, em minha posição — a posição parlamentar, eu quero dizer —, sou obrigado, como homem público, a agir em colaboração com outros. Um homem público não possui serventia a não ser que esteja preparado para fazer isso. Devemos dar e receber, entende, Miss Vavasor?

Como Miss Vavasor não proferiu nenhuma resposta, Mr. Bott prosseguiu.

— É o que eu sempre digo aos membros do meu partido — obviamente, considero-me pertencente ao Partido Radical extremo.

— Oh, é verdade? — indagou Alice.

— Sim. Entrei no Parlamento com esse entendimento e, até o momento, ainda não vi nenhum motivo para alterar as opiniões políticas que expressei. Mas sempre digo aos cavalheiros com quem trabalho que nada pode ser feito se não dermos e recebermos. Eu não me importo de contar à senhorita, Miss Vavasor, que vejo o nosso amigo, Mr. Palliser, como o homem que se encontra em maior

ascensão no país. É a pura verdade.

— Fico feliz que pense assim — afirmou sua vítima, que se sentiu obrigada a fazer algum comentário.

— E eu, como sou um Radical extremo, não acredito que posso servir o meu partido melhor do que me mantendo no mesmo barco que ele, enquanto a embarcação aguentar os dois. “Ele vai transformá-lo em um funcionário do governo”, um amigo meu disse outro dia. “E eu vou transformá-lo num primeiro-ministro da escola de Manchester”, respondi. Eu realmente acho que tenho tudo planejado, Miss Vavasor.

— Certamente — concordou Alice.

— E ele também – e ele também. Mr. Palliser não é homem de ser controlado por ninguém, mas trata-se de um sistema justo de dar e receber. Não é possível ingressar na política sem isso. Que mulher charmosa é a sua parente, lady Glencowrer! Lembro-me muito bem do que a senhorita me disse noites atrás.

— É mesmo? — perguntou Alice.

— E concordo plenamente que as relações confidenciais relativas a amizades queridas não devem ser reveladas levianamente.

— Certamente não devem.

— Mas há ocasiões, Miss Vavasor; ocasiões em que as leis ordinárias pelas quais governamos a nossa conduta social devem ser flexionadas.

— Eu não acredito que esta seja uma delas, Mr. Bott.

— Não é? Escute-me por um momento, Miss Vavasor. O nosso amigo, Mr. Palliser, tenho orgulho em dizer, depende bastante da minha humilde amizade. Nossa primeira conexão foi, obviamente, política; mas ela se estendeu para além disso, e se tornou agradavelmente social – muito agradavelmente social, devo dizer.

“Mas que belo gosto Mr. Palliser deve ter!”, Alice pensou consigo.

— Mas não preciso lhe dizer que lady “Glencowrer” é muito jovem – muito jovem mesmo, podemos dizer.

— Mr. Bott, eu não conversarei com o senhor sobre lady Glencora Palliser.

Isto Alice disse em um tom determinado, e com todo o poder de resistência ao seu alcance. Ela ainda franziu o cenho e encarou Mr. Bott furiosamente. Ele, porém, era um homem de considerável coragem, e sabia como lidar com tal oposição sem estremecer.

— Acredite, Miss Vavasor, eu falo apenas pensando na felicidade caseira dela!

— Eu não creio que ela deseje ter qualquer um como guardião da felicidade dela.

— Mas e se ele desejar, Miss Vavasor? Veja, eu tenho meios de saber que ele tem grande confiança em seu julgamento.

Neste ponto, Alice se levantou com a intenção de sair da sala, mas acabou topando com Mrs. Sparkes na porta.

— Está fugindo do seu café da manhã, Miss Vavasor — ela gracejou.

— Não, Mrs. Sparkes, estou fugindo de Mr. Bott — explicou Alice, quase consumida pela raiva.

— Mr. Bott, o que significa isso? — perguntou Mrs. Sparkes.

— Ha, ha, ha — Mr. Bott riu-se.

Alice voltou ao aposento e Mrs. Sparkes logo viu que ela havia falado a verdade.

— Tomara que eu possa manter a paz — ela declarou. — Espero que a ofensa dele não exija punição especial.

— Ha, ha, ha — riu-se novamente Mr. Bott, que estava adorando a situação.

Alice estava com muita raiva de si, sentindo que havia contado mais a Mrs. Sparkes do que devia, a não ser que estivesse pronta para contar tudo. Na realidade, ela queria falar alguma coisa, mas não sabia o quê; a confusão dela, contudo, encerrou-se imediatamente com a chegada de lady Glencora.

— Mrs. Sparkes, bom dia — cumprimentou lady Glencora. — Eu espero que ninguém tenha esperado pelo café da manhã. Bom dia, Mr. Bott. Oh, Alice!

— Qual é o problema? — preocupou-se Alice, indo até a prima.

— Oh, Alice, que golpe sofreu!

Alice, no entanto, percebeu que a prima não parecia estar tão séria; a nova tribulação, por mais que pudesse ser vexatória, não representava grande calamidade.

— Venha — chamou lady Glencora, e ambas foram até o vão da janela. — Agora, colocarei a sua confiança em mim à prova. Adivinhe de quem é esta carta.

— Como posso saber?

— É de lady Midlothian! Ela disse que passará aqui na segunda-feira em rota para Londres. A não ser que acredite que isso é tão inesperado para mim quanto é para você, nós nunca mais nos falaremos.

— Eu acredito completamente.

— Ah! Então, podemos confabular. Antes, porém, tomemos o café da manhã.

A partir daí, mais damas invadiram a sala – a duquesa e a sua filha, as duas senhoritas Pallisers, e outras. Mr. Bott ficou de mãos cheias para atender – ou melhor, ele se ofereceu para atender – as pequenas necessidades delas.

A manhã estava quase chegando ao fim sem que Alice e sua prima tivessem qualquer oportunidade de discutir em particular a

chegada de lady Midlothian; Mr. Palliser, entretanto, surgiu entre elas, e foi informado das boas-novas que o aguardavam.

— Ficaremos contentes em ver lady Midlothian — afirmou Mr. Palliser.

— Mas há alguém aqui que não ficará nada contente em vê-la — disse lady Glencora ao marido.

— É mesmo? — ele indagou. — E quem seria?

— A prima mais rebelde dela, Alice Vavasor. No entanto, Alice, Mr. Palliser não sabe nada sobre isso, e levaria muito tempo para lhe explicar.

— Eu sinto muitíssimo... — começou Mr. Palliser.

— Asseguro-lhe que isso não tem a mínima importância — tranquilizou Alice. — Eu só precisarei partir uns três dias mais cedo.

Ao ouvir isso, Mr. Palliser ficou bastante sério. Que rixa Miss Vavasor poderia ter com lady Midlothian que tornava impossível as duas serem hóspedes da mesma casa?

— Você não fará isso — decidiu lady Glencora. — Está me dizendo que é covarde o bastante para correr dela?

— Receio, Miss Vavasor, que não poderemos recusá-la em nossa casa — admitiu Mr. Palliser.

Em resposta, Alice garantiu que por nada neste mundo ela se transformaria em um obstáculo para a vinda de lady Midlothian a Matching.

— Preciso contar, Mr. Palliser, que nunca vi lady Midlothian, ainda que seja uma prima distante. Nós também nunca brigamos, mas ela me enviou uma carta com conselhos que não respondi, pois decidi que ela não tinha o direito de interferir. Partirei, não porque tenho medo dela, mas porque, após tudo o que se passou, o nosso encontro seria desagradável para ela.

— Você poderia contar a ela que Miss Vavasor está aqui — sugeriu Mr. Palliser. — Assim, ela não teria de vir, a não ser que se sentisse confortável.

A questão foi, por fim, resolvida, de modo que Alice se descobriu impossibilitada de deixar Matching sem fazer da chegada de lady Midlothian um caso maior do que realmente era. A reunião inesperada com a sua parente seria, certamente, desagradável. Entretanto, como lady Glencora dissera, lady Midlothian não iria devorá-la. Na verdade, ela se sentia envergonhada por temer a sua parente. Sem dúvida, ela a temia — a temia tanto que foi forçada a admitir a si mesma. Alice, contudo, resolveu, enfim, que não permitiria que lady Midlothian provocasse a sua partida da casa.

— Por acaso Mr. Bott é um admirador da sua prima? — Mrs. Sparkes perguntou à lady Glencora quando a noite chegou.

— Um bem distante, imagino — respondeu lady Glencora.

— Valha-me Deus! — exclamou uma velha senhora, que ficara deveras espantada com a intimidade e o parentesco que Alice possuía com lady Glencora. — Esta é a última coisa com a qual eu sonharia.

— Mas não foi sonho meu, primeiro ou último — retorquiu Mrs. Sparkes.

— Por que pergunta? — indagou lady Glencora.

— Não pense que questiono se Miss Vavasor é uma admiradora dele — esclareceu Mrs. Sparkes. — Não tenho suspeitas desta natureza. Prefiro pensar que, se ele interpretasse Baco, ela interpretaria Ariadne^[58] com a maior intenção de voar para bem longe dele.

— E Mr. Bott está inclinado a interpretar Baco? — perguntou lady Glencora.

— Imaginei que estivesse esta manhã. Se observá-lo, verá que ele expele um comportamento quase divino e triunfante.

— Não creio que a divindade dele triunfará neste caso — apontou lady Glencora.

— Realmente acho que ela estaria se desperdiçando — comentou a velha senhora.

— Miss Vavasor certamente não faria uma coisa dessas — rebateu Mrs. Sparkes.

Então, as damas deixaram que o tema esmorecesse.

Na segunda-feira seguinte, lady Midlothian chegou. A carruagem foi enviada para buscá-la na estação por volta das três horas da tarde. Alice precisou escolher entre suportar um primeiro encontro imediatamente à chegada da parente, ou manter-se afastada até que fosse obrigada a encontrá-la antes do jantar na sala de estar.

— Eu a receberei quando chegar — anunciou lady Glencora. — E certamente direi a ela que você está aqui.

— Sim, assim será melhor, e... Céus, confesso que não sei como lidar com isso.

— Eu levarei lady Midlothian até o meu quarto para que a encontre lá, se quiser.

— Não, isso seria muito solene — avaliou Alice. — Isso a faria compreender que eu estivesse pensando demasiadamente nela.

— Então, vamos deixar ao acaso e, assim, você topará com ela assim como toparia com qualquer outro estranho.

Foi decidido, finalmente, que esta seria a melhor estratégia, e que lady Midlothian seria informada da presença de Alice em Priory assim que chegasse.

Alice encontrava-se em seu próprio quarto quando a carruagem que trazia a velha dama indesejada alcançou a porta do saguão. A moça ouvira os sons das rodas claramente, e percebeu que sua inimiga estava na propriedade. Ela havia se esforçado bastante para se sentir

indiferente quanto à esta chegada, mas não tivera êxito. Sentada no andar superior, ficou furiosa consigo ao se descobrir com o coração ansioso, pois sabia que sua prima estava no aposento abaixo. Quem era lady Midlothian para meter medo em Alice? Ainda assim, ela tinha muito medo de lady Midlothian. Ela se questionou sobre tal questão várias e várias vezes, e acabou admitindo que seu medo era fato. Finalmente, por volta das cinco horas, após muito refletir e se repreender pela timidez, ela desceu à sala de estar – lady Glencora havia prometido que estaria lá neste horário. Ao abrir a porta, Alice foi tomada imediatamente pela realidade de que estava na presença de sua augusta parente. Lá estava lady Midlothian, sentada em uma grande poltrona de frente para a lareira. Lady Glencora estava perto dela, sentada sobre um banquinho. Uma das senhoritas Pallisers lia num canto mais afastado da sala, e não havia mais ninguém presente na câmara.

A condessa de Midlothian era uma dama muito pequena, tinha entre 60 e 70 anos, e parecia ter sido muito bonita na juventude. No presente, ela não fazia questão de fingir juventude ou beleza – como certas damas acima dos 60 anos ainda fazem – e tinha uma aparência confessadamente idosa. Lady Midlothian usava um chapéu redondo que cobria seu rosto – ela se acostumou a usá-lo até a hora do jantar quando, certa vez, fora forçada pelas circunstâncias a colocá-lo. A dama vestia uma capa curta que era, praticamente, da sua altura, e ainda que ela ocupasse uma grande poltrona, sua postura se provava perfeitamente ereta enquanto observava a lareira. Ela era muito baixa, mas levava em seus olhos acinzentados e em suas feições afiladas um certo semblante de importância que a salvava de ter sua importância subestimada. Assim que a viu, Alice percebeu que aquela era uma mulher contra a qual jamais se seria possível obter uma vitória fácil.

— Aqui está Alice — indicou lady Glencora, levantando-se enquanto a sua prima adentrava o aposento. — Alice, permita-me apresentá-la à lady Midlothian.

Enquanto avançava, Alice conseguiu adotar uma postura mais relaxada, ainda que o seu coração lhe traísse. Ela estendeu a mão, deixando que a dama mais velha falasse as primeiras palavras do cumprimento.

— Sinto-me feliz por enfim conhecê-la, minha querida — disse lady Midlothian. — Muito feliz.

Alice, ainda assim, permaneceu em silêncio.

— A sua tia, lady Macleod, é uma das minhas amigas mais velhas; ela constantemente me fala sobre você.

— E lady Macleod constantemente me fala sobre a senhora — respondeu Alice.

— Então, cada uma sabe o nome da outra — complementou a

condessa. — E será muito melhor quando cada uma conhecer o caráter da outra. Estou me tornando uma mulher velha, e se eu não aprender a conhecê-la agora, ou muito em breve, receio que jamais aprenderei.

Alice não conseguiu evitar o pensamento de que, sob tais circunstâncias, isso não teria lhe causado muita tristeza, mas permaneceu quieta. Ela estava pensando exclusivamente na carta que lady Midlothian havia lhe enviado, e tentou calcular se seria bom tocar no assunto de uma vez. Alice tinha certeza de que lady Midlothian mencionaria a carta, e que oportunidade melhor para a mencionar — na presença de Glencora e quando nenhuma outra pessoa estava perto delas para escutar — do que agora?

— A senhora é muito gentil — afirmou Alice.

— É o que desejo ser — frisou lady Midlothian. — O sangue é mais forte do que tudo, querida; não há laço terreno que una pessoas se a conexão familiar não for capaz de fazê-lo. Quando éramos jovens, a sua mãe era a minha melhor amiga.

— Eu nunca conheci a minha mãe — contou Alice, sentindo, contudo, que a força de sua resistência contra a velha dama começava a desaparecer.

— Sim, meu bem, é verdade, e eis mais uma razão para eu pensar que aqueles que amaram a sua mãe deveriam amar você. Lady Macleod, no entanto, é a sua parente mais próxima — pelo lado materno, digo — e ela cumpriu bem o dever dela para com você.

— De fato, ela cumpriu, lady Midlothian.

— De fato; e os outros, por consequência, foram menos chamados a interferir. Eu digo isso, querida, apenas em minha própria defesa, pois sinto que, talvez, minha conduta precise ser desculpada.

— Tenho certeza de que Alice não pensa desta maneira — opinou lady Glencora.

— É mais o que eu penso — em vez do que Alice pensa — que importa no tocante à minha falha — revelou lady Midlothian, com um sorriso que tinha intenção de ser agradável. — Mas eu quis compensar as oportunidades perdidas de outrora.

Alice sabia que ela estava prestes a mencionar a carta, e tremeu.

— Sinto-me bastante ansiosa para ser reconhecida como uma das amigas de Alice Vavasor, se me permitir sê-la.

— Eu me sentiria muito orgulhosa, mas...

— Mas o quê, meu bem? — indagou a dama. Eu creio que a intenção dela era ser gentil, mas havia algo nos seus modos — ou melhor, na voz — tão repugnante, que Alice sentiu que dificilmente elas se tornariam amigas de verdade. — Mas o quê, meu bem?

— Alice quis dizer... — começou lady Glencora.

— Deixe Alice explicar o que ela quis dizer — interrompeu lady

Midlothian.

— Eu mal sei explicar o que quis dizer — confessou Alice, cujo espírito começava a acordar conforme a ocasião para usá-lo se apresentava diante dela. — Estou certa de que discordamos de uma certa questão, lady Midlothian, uma questão em que devo deixar a minha própria opinião me guiar, e não a de outra pessoa, e talvez...

— Está falando de Mr. Grey?

— Sim — confirmou Alice. — Estou falando de Mr. Grey.

— Penso tanto neste problema, e na sua felicidade que a ele é inerente, que quando me contaram que estava aqui, senti-me determinada a visitar Matching na minha rota para Londres, e obter uma oportunidade de falar com você.

— Então, a senhora sabia que Alice estava aqui — murmurou lady Glencora.

— É claro que sabia. Imagino que já saiba de toda a história, Glencora.

Lady Glencora foi forçada a admitir que estava a par de toda a história – “a história” sendo o tratamento que a pobre Alice havia dado a Mr. Grey.

— E qual é a sua opinião sobre ela?

Tanto Alice quanto a sua anfitriã viraram o olhar em direção ao canto do aposento onde Miss Palliser estava lendo, como se para indicar que aquela dama ainda não tinha conhecimento das circunstâncias, e que não havia boa razão pela qual ela devesse ser instruída neste momento.

— Talvez numa outra hora e num outro lugar seja melhor — aquiesceu lady Midlothian. — Mas devo partir depois de amanhã. Na realidade, pensei em ir amanhã.

— Oh, lady Midlothian! — exclamou lady Glencora.

— Você deve considerar a minha presença como uma visita passageira para tratar de negócios. Mas, como eu ia dizendo, quando terei a chance de conversar com Alice sem sermos interrompidas?

Lady Glencora sugeriu o próprio quarto no andar superior, e o ofereceu para uso à noite, quando todos estivessem indo se deitar. A ideia deste sermão premeditado, todavia, era terrível para Alice, e ela decidiu que não passaria por isso.

— Lady Midlothian, isso seria realmente inútil.

— Inútil, meu bem?!

— Inútil, de fato. Eu recebi a sua carta, sabe?

— E como você não a respondeu, vim até aqui para vê-la.

— Eu sinto muito se a ofendi, mas este é um assunto que não posso discutir... — ela estava prestes a dizer “com uma estranha”, mas conseguiu se segurar antes de proferir a ofensa. — É um assunto que não posso discutir com ninguém.

— Quer dizer que não vai conversar comigo?

— Eu não conversarei sobre esse assunto — explicou Alice. — Eu não o fiz sequer na presença de lady Macleod.

— Não — disse lady Midlothian, e seus afiados olhos acinzentados começaram a tremeluzir de raiva. — E, por isso, foi tão necessário que outras amizades interferissem.

— Eu não permitirei interferências — declarou Alice. — Sejam de pessoas amigas ou de não amigas — conforme falava, ela se levantou da cadeira. — Precisa me perdoar, lady Midlothian, mas não posso conversar sobre este assunto com a senhora.

Ela, então, retirou-se, deixando a condessa e lady Glencora juntas. Enquanto Alice saía, Miss Palliser tirou os olhos do livro, e entendeu que ali houvera uma discussão, mas eu duvido que ela tenha escutado qualquer palavra que fora proferida.

— É a jovem mais obstinada que já conheci na vida — comentou lady Midlothian, assim que Alice sumiu de vista.

— Eu imaginei que seria assim — falou lady Glencora.

— Mas isso é bastante apavorante, meu bem. Ela ficou noiva daquele jovem com o consentimento de todos os seus amigos.

— Eu sei da história.

— Mas você deve concordar que ela está muito errada.

— Eu não a entendo muito bem, mas creio que ela tenha o receio de que eles não seriam felizes juntos.

— Entendê-la?! Eu imagino que não – ninguém poderia entendê-la. Uma moça se torna noiva de um cavalheiro desta forma – diante do mundo todo, pode-se dizer – vai à casa dele, como me foi dito, fala com os criados dele e dá ordens quanto a mobília, apenas para dar meia-volta e dizer que mudou de ideia?! Até onde sei, ela não deu a menor justificativa.



Lady Midlothian, conforme insistia na total iniquidade da conduta de Alice, quase assustou lady Glencora com o ímpeto de sua reprovação. Lady Midlothian fora uma das responsáveis por colaborar na submissão da própria Glencora – evento que não tinha nem dois anos. Lady Midlothian parecia, no presente momento, não se lembrar de nada disso, mas lady Glencora se recordava muito bem.

— Eu não desistirei — continuou lady Midlothian. — Tenho a maior das objeções ao pai dela, que não fez o menor esforço para se conectar à nossa família – algo extremamente vergonhoso. Acredito que eu não falo com ele desde então, mas o verei agora e lhe informarei de minha opinião.

Alice manteve sua posição e evitou qualquer outra conversa com lady Midlothian. Uma mensagem chegou por meio de lady Glencora implorando para que ela cedesse, mas a moça seguiu firme.

— Adeus — lady Midlothian despediu-se dela, ao partir. — Ainda assim, sigo na esperança de que tudo se ajeite – e caso isso aconteça, você descobrirá que sou capaz de esquecer e de perdoar.

— Se a perseverança provoca o êxito, ela vai acabar tendo sucesso — lady Glencora disse a Alice.

— Mas ela não terá sucesso — rebateu Alice.

CAPÍTULO 27

AS RUÍNAS DO PRIORADO

Lady Midlothian partiu rumo a Londres na manhã da quarta-feira, e Alice ficou de segui-la no dia seguinte. Era agora dezembro, e o clima estava muito límpido e gelado, mas, à noite, o luar era brilhante. Nesta noite especial, a lua estaria cheia, e lady Glencora determinou que ela e Alice deveriam passear pelas ruínas. Aquela não seria uma empreitada secreta, pois fora discutida extensivamente em público, tendo, inclusive, encontrado considerável desencorajamento da parte de algumas pessoas da comitiva. Mr. Palliser havia comentado que aquela noite seria muito fria, e Mr. Bott sugerira todos os tipos de consequências malévolas. Se apenas Mr. Palliser houvesse feito objeção, lady Glencora talvez tivesse desistido, mas as palavras de Mr. Bott apenas inflamaram o seu propósito.

— Não ficaremos assustadas — lady Glencora disse.

— As pessoas normalmente não saem para passear nas noites de dezembro — Mr. Palliser observou.

— É exatamente por isso que queremos ir — replicou lady Glencora. — Mas nós vamos nos agasalhar, e ninguém precisará ter medo. Jeffrey, esperamos que fique de sentinela no velho portão para nos proteger dos fantasmas.

Depois de negociar que lhe fosse permitido um cigarro, Jeffrey prometeu que faria como lhe fora solicitado.

A comitiva em Matching Priory encontrava-se a esta altura em baixo número. Não sobrara convidados – não contando os membros da família Palliser, e excetuando-se Miss Vavasor, Mr. Bott, e uma velha senhora que fora grande amiga da mãe de Mr. Palliser. Já passara das dez da noite quando lady Glencora declarou que a hora havia chegado para que prosseguissem com o plano. Ela convidou as duas senhoritas Pallisers para acompanhá-la, mas elas se recusaram, expondo receio do ar da noite e demonstrando, pelas suas reações, que consideravam a proposta bastante imprudente. Mr. Bott se ofereceu para acompanhá-las, mas lady Glencora recusou a presença com bastante resolução.

— Não será preciso, Mr. Bott; foi o senhor quem pregou um sermão contra a minha diversão esta manhã, e eu não permitirei que nos acompanhe agora que chegou a hora de aproveitá-la.

— Minha cara lady Glencora, se eu fosse a senhora, não iria — aconselhou a velha dama, desviando o olhar para Mr. Palliser.

— Minha cara Mrs. Marsham, se a senhora fosse eu, decerto iria — rebateu lady Glencora, que também olhou para o marido.

— Eu acho que é uma ideia tola — definiu Mr. Palliser seriamente.

— Se me proibir, certamente não iremos — falou lady Glencora.

— Proibir? Não, eu não a proibirei.

— *Allons donc*^[59] — proclamou lady Glencora.

Ela e a prima já estavam cobertas com suas capas e grossos xales, e Alice a seguiu para fora do aposento. Havia uma porta que se abria da sala de jogos para um grande terraço que se prolongava pela frente da casa. Aqui, elas encontraram Jeffrey Palliser já armado com o seu cigarro. Alice, na verdade, teria preferido abandonar a expedição, mas sentiu que seria uma covardice desertar lady Glencora. Nenhuma intimidade forte fora criada entre ela e Mr. Palliser, mas Alice cogitava uma certa sensação de que Mr. Palliser confiava nela, e gostava que ela acompanhasse sua esposa. A moça queria se provar merecedora desta suposta confiança, e tinha quase certeza de que Mr. Palliser esperava que ela o fizesse nesta ocasião. Ela trocou uma ou duas palavras com a prima no andar superior, advertindo-a que talvez Mr. Palliser não gostasse da ideia.

— Deixe que ele mesmo diga isso — respondera lady Glencora. — Se for o caso, eu desistirei da ideia imediatamente, mas não serei repreendida por terceiros, como Mr. Bott e a velha matriarca Marsham. Conheço todos eles, querida, e se você me abandonar, Alice, eu nunca a perdoarei — lady Glencora adicionara.

Após o diálogo, Alice resolveu que não abandonaria a amiga. Ela receava fazê-lo, mas também começava a sentir um pouco de receio da amiga – receio de que, algum dia, seria forçada a abandoná-la, ou a dizer a ela palavras que seriam bastante desagradáveis.

— Ouça, Jeffrey... — começou lady Glencora, conforme caminhavam, lado a lado pelo extenso terraço, em direção às ruínas —, quando chegarmos ao velho portão, deve me deixar passear com Alice pelo dormitório e pela capela a sós. Depois, retornaremos pelos claustros, e então daremos mais uma volta pelo lado de fora com você. O exterior fica mais lindo sob esta luz – mas eu quero mostrar uma coisa a Alice em particular.

— Você não tem medo, eu sei, e se Miss Vavasor não estiver...

— Miss Vavasor – que, penso eu, teria lhe permitido chamá-la por seu outro nome em uma ocasião como esta – nunca tem medo.

— Glencora, como ousa dizer isso? — reprovou Alice. — Eu realmente acho que seria melhor voltarmos.

Alice se sentiu furiosa com a prima, e quase começou a temer ter se enganado com Glencora, dando-lhe mais consideração do que ela merecia. O que Glencora acabara de dizer passou uma imagem vulgar a Alice – uma imagem de vulgaridade premeditada – e, além disso, ela estava insuportável. Era óbvio que Mr. Palliser concluiria que Alice concordava com a proposta feita a ele.

— Voltarmos?! — espantou-se Glencora. — Não mesmo. Iremos em frente e vamos deixá-lo aqui. Deste modo, ele não poderá chamar

ninguém de nada. Não fique com raiva de mim — ela pediu, assim que a audiência foi encerrada —, a verdade é esta: se escolher tê-lo como marido, é seu direito.

— E se eu não escolher?

— Então, não haverá prejuízo algum, e eu contarei a ele. Mas, Alice, pense nisso. Quando você conhecerá um pretendente melhor? Não precisa se decidir agora. Não precisa dar uma palavra, mas deixe-me informá-lo de que, se você pensa na possibilidade, ela só será considerada quando ele a encontrar em Londres. Confie em mim, você estará segura comigo.

— Você não dirá a ele nada dessa natureza — decretou Alice. — Achei que estivesse contando uma piada o tempo todo; penso que essa foi uma péssima piada.

— Não, você me interpretou mal. De fato, não é uma piada. Eu sei que o que estou lhe dizendo é a simples verdade. Ele me disse o suficiente para justificar as minhas palavras. Alice, pense no todo da coisa. Eu me sentiria de alma lavada, e significaria tanto se tornar a mãe do futuro duque de Omnium.

— Para mim não significaria nada — retorquiu Alice. — Menos do que nada. Eu diria que a tentação é tão fácil de recusar que me coloca na direção oposta. Não diga mais nada sobre isso, Glencora.

— Se assim deseje, não direi.

— Sim, assim desejo. Eu creio que jamais vi um luar tão brilhante como este. Veja os contornos daquela janela contra a luz. Eles estão mais claros do que estariam em plena luz do dia.

Agora, elas se encontravam na entrada da velha capela cruciforme, após adentrarem o transepto por uma passagem arruinada, que supostamente teria conectado a igreja ao dormitório. A igreja estava completamente descoberta, mas todas as paredes permaneciam de pé. As pequenas janelas de clerestório^[60] da nave eram perfeitas, e as enormes janelas dos dois transeptos, e aquela que ficava no canto oeste, estavam quase inteiras. Da janela oposta, que se via atrás do coral, pouco havia sobrado. O topo dela, com todo o seu rendilhado, sumira, e apenas três pinázios perpendiculares e quebrados de alturas desiguais continuavam ali. Isto foi tudo o que restou da velha janela, mas uma travessa ou uma barra transversal de pedra fora adicionada para proteger a cantaria entalhada das laterais, e salvar o formato da abertura de uma ruína maior. A modernidade desta travessa era evidenciada pela magnífica altura e leve graça do acabamento das outras janelas, por onde os longos e esguios pinázios ascendiam da base ou fundação do conjunto até o rendilhado do meio do arco sem proteção ou apoio, e, então, se perdiam entre as curvas, sem se prolongarem até o telhado ou soffito, lá se aguentando como se não fossem capazes de ficar sozinhos. Tal fraqueza como essa ainda

não havia se mostrado na arquitetura eclesiástica britânica quando Matching Priory foi construída.

— Não é nada bonito! — constatou Glencora. — Mas eu amei! E sinto uma sensação peculiarmente gelada quanto à frieza da lua, diferente de qualquer outro frio. Ele faz você se enterrar nos agasalhos, mas não faz seus dentes baterem; e parece penetrar os sentidos, em vez dos ossos. Mas suponho que tudo isso seja bobagem — ela adicionou, depois de uma pausa.

— Não mais do que aquilo que as pessoas devem falar sob a luz do luar.

— Não gostei. Prefiro que o que digo em tal ocasião seja mais poético, ou mesmo mais bobo, do que o que as outras pessoas costumam dizer sob as mesmas circunstâncias. Agora, vou lhe dizer por que sempre penso em você quando venho aqui sob a luz do luar.



— Mas achei que não viesse aqui constantemente.

— Sim, eu venho. Isto é, eu vinha constantemente quando tínhamos lua cheia em agosto. O clima não estava assim, e eu costumava sair pelas janelas abertas sem que ninguém soubesse do meu paradeiro. Eu o fiz vir aqui certa vez, mas ele não pareceu ligar. Falei que parte da parede do refeitório estava caindo; então, ele foi dar uma olhada, e no dia seguinte, um pedreiro foi chamado. Se alguma coisa está fora de ordem, ele a conserta imediatamente. Não haveria ruínas se todos os Pallisers tivessem sido como ele.

— Seria melhor para o mundo.

— Não. Digo que não; de outro modo, as coisas perdurariam

demais. Agora, contarei a você. Lembra-se da noite em que a levei de volta a Queen Anne Street após a peça?

— De fato, lembro-me; lembro-me muito bem.

Alice tinha motivos para se lembrar, pois na viagem de carruagem daquela noite, ela se recusou profusamente a dar qualquer auxílio à prima no tocante a Burgo Fitzgerald.

— E você se lembra de como a lua brilhava na ocasião?

— Sim, acho que me lembro.

— Eu me lembro. E assim que viramos a esquina para sair de Cavendish Square, eu o vi lá – e um amigo seu estava ao lado dele.

— Que amigo meu?

— Deixe para lá, já não importa mais.

— Está falando do meu primo George?

— Sim, estou falando do seu primo. E, oh, Alice! Querida Alice! Não sei por que deveria amá-la, pois se você não tivesse sido tão impiedosa naquela noite – cruel como uma rocha – eu teria partido com ele, e toda essa frieza congelante teria sido evitada.

Ela estava muito perto de Alice e, enquanto falava, tremeu e enroscou-se nos seus agasalhos cada vez mais e mais.

— Você está com muito frio — notou Alice. — É melhor entrarmos.

— Não, não sinto frio – não esse tipo de frio. Eu não vou entrar ainda. Jeffrey virá diretamente ao nosso encontro. Sim, teríamos escapado aquela noite se houvesse permitido que ele fosse até a sua casa. Ah, enfim! Não foi o caso, e este é o fim da história.

— Mas Glencora, você não pode se arrepender do que houve.

— Não posso me arrepender?! Alice, onde está seu coração? Ou será que não tem um? Não me arrepender?! Eu teria dado qualquer coisa no mundo para ter ficado com ele. Disseram-me que ele gastaria o meu dinheiro. Mesmo que houvesse gastado até o último centavo, sigo arrependida; mesmo que houvesse me transformado em uma mendiga, sigo arrependida. Disseram-me que ele me usaria, e que depois me abandonaria – e que talvez, até, espancar-me-ia. Não acreditei; mas mesmo que isso viesse a ser realidade, sigo arrependida. É melhor ter um marido falso do que ser uma esposa falsa.

— Glencora, não fale assim. Não me faça pensar que há qualquer chance de que se sinta tentada a ser falsa com os seus votos.

— Sentir-me tentada a ser falsa?! Ora, criança, eles foram falsos o tempo todo. Eu nunca o amei. Como pode falar assim quando sabe que nunca o amei? Eles me intimidaram e me apavoraram até que fizesse o que haviam mandado – e agora – o que sou agora?

— Você é a esposa honesta dele. Glencora, escute-me.

Alice, então, tomou o braço dela.

— Não — ela refutou. — Não, não sou honesta. Por lei, eu sou a

esposa dele; mas as leis são mentirosas! Não sou a esposa dele. Não direi o que sou. Quando subi ao altar com ele, eu sabia que não amava o homem que estava prestes a se tornar o meu marido. Mas ele – Burgo – eu amo com todo o meu coração e com toda a minha alma. Eu poderia cair aos pés dele e limpar seus sapatos, sem que me sentisse rebaixada!

— Oh, Cora, minha amiga, não profira palavras como essas! Lembre-se do que você deve ao seu marido e a si mesma, e volte à razão.

— Sei o que devo a ele e vou pagar. Alice, se tivesse um filho, eu creio que faria o certo para com ele. Creio?! Não, eu sei – ainda que não me tenha sobrado momentos de felicidade na vida. Mas agora, qual seria a única coisa honesta que eu poderia fazer? Ora, deixá-lo – assim ele poderia ter outra esposa, e ser o pai de uma criança. Que prejuízo eu daria se o deixasse? Ele não me ama; você mesma sabe que ele não me ama.

— Eu sei que ama.

— Alice, isso é uma inverdade. Ele não me ama. Você viu isso claramente. Talvez ele não consiga amar nenhuma mulher; mas outra mulher lhe daria um filho, e ele ficaria feliz. Escute quando digo que dia e noite – a cada hora de cada dia e de cada noite – penso no homem que amo. Eu não tenho mais nada para pensar. Não tenho ocupação; amigos; ninguém com quem me importe de conversar. Mas estou sempre conversando com Burgo em meus pensamentos; e ele me escuta. Eu sonho com o braço dele ao meu redor...

— Oh, Glencora!

— Ora! Sente raiva de mim por eu lhe falar a verdade? Você disse que seria minha amiga, e precisa aguentar o fardo da minha amizade. E agora, vou lhe dizer o que desejo. Imediatamente após o Natal, iremos a Monkshade, e ele estará lá. Lady Monk é a tia dele.

— Você não deve ir. Nenhum poder deve levá-la até lá.

— É fácil falar, criança; mas devo ir assim mesmo. Eu contei a Mr. Palliser que Burgo estará lá, e ele disse que não se importava. Ele realmente disse que não se importava. Pergunto-me se ele entende o que o amor significa para as pessoas – ou se ele sequer pensou a respeito.

— Você deve falar a ele com toda a franqueza que não vai.

— Eu falei. Falei com tanta franqueza quanto as palavras permitiram. “Glencora”, ele disse – e você sabe como ele fica quando encarna o lorde e o mestre, e quer bancar o marido. “Este é um incômodo que você precisa aguentar e superar. Serve-me uma viagem a Monkshade, mas não me serve que haja alguém que você tenha medo de encontrar”. Devo contar que ele perderia a esposa se eu fosse? Acaso deveria ameaçá-lo de me jogar nos braços de Burgo se a

oportunidade se apresentasse diante de mim? Você é muito sábia e muito prudente. O que acha que eu deveria dizer?

— Eu acho que você deveria contar tudo a ele, em vez de ir até aquela casa.

— Alice, escute bem. Sei o que sou e o que acabarei me tornando. Eu me desprezo, e desprezo aquilo em que estou pensando. Eu poderia ter me agarrado ao exterior de um homem, e a tudo que lhe fosse inerente, e o amado dez vez mais do que me amo – mesmo que ele me maltratasse – se me houvesse sido permitido escolher um marido. Burgo teria gastado o meu dinheiro – e tudo o mais que me fosse possível dar a ele; mas alguma coisa teria restado, e penso que, nesse momento, até mesmo eu poderia tê-lo feito se importar comigo. Já esse homem.... Alice, você é muito sábia. O que devo fazer?

Alice não tinha dúvidas sobre o que a prima deveria fazer. Ela deveria ser leal aos seus votos de casamento, fossem eles verdadeiros ou falsos. Ela deveria ser leal a ele tanto quanto a lealdade poderia carregá-la. E para que se mantivesse leal, a sua prima deveria contar ao marido o tanto quase fosse necessário para induzi-lo a poupá-la da visita ameaçadora a Monkshade. Glencora deveria fazer tudo o que Alice dissesse enquanto atravessavam a capela lentamente – mas lady Glencora estava muito mais ocupada com os seus próprios pensamentos do que com os conselhos da amiga.

— Aí vem Jeffrey! — ela apontou. — É inaceitável o tanto que o fizemos esperar.

— Não há problema — ele tranquilizou. — Além disso, eu não deveria ter vindo ainda, mas achei que encontraria as duas congelando no mármore.

— Não somos criaturas com um sangue tão frio, somos, Alice? — perguntou lady Glencora. — Agora, vamos passear por fora; mas não devemos nos demorar, ou assustaremos aquelas duas babás encantadoras, Mrs. Marsham e Mr. Bott.

Estas últimas palavras foram ditas em um sussurro para Alice, mas não com força suficiente para denotar qualquer vontade de mantê-las longe dos ouvidos de Mr. Jeffrey Palliser. Glencora, Alice refletiu, não deveria ter permitido que a palavra “babá” saísse de seus lábios ao falar com qualquer pessoa. Acima de tudo, ela não deveria tê-lo feito na companhia do primo de Mr. Palliser.

Eles deram a volta pelas ruínas em um caminho artificial e elevado de cascalho; e Alice, que mal conseguia se manifestar, do tanto que a sua mente havia ficado perturbada com o que acabara de ser dito a ela – ficou espantada ao ver Glencora seguindo em frente com seu humor leve de sempre, e conversando como se não houvesse nenhum peso dentro de si para deprimir o seu espírito.

CAPÍTULO 28

ALICE PARTE DE MATCHING PRIORY

Quando chegaram à porta da sala de jogos, Mr. Palliser estava lá para recebê-los.

— Você deve estar com muito frio — ele falou a Glencora, que entrou primeiro.

— Na verdade, não — garantiu Glencora — mas seus dentes se chocavam uns contra os outros, e a sua aparência entregava a mentira em suas palavras.

— Jeffrey... — disse Mr. Palliser, virando-se para o primo. — Estou furioso. Você deveria, ao menos, ter tido o bom senso de não a permitir ficar lá fora por tanto tempo.

Então, Mr. Palliser deu as costas e se retirou com sua esposa, não dando a mínima atenção para Miss Vavasor.

Alice sentiu a descortesia e entendeu tudo. Ele havia dito cristalinamente, embora não tivesse usado palavras, que confiara sua esposa a ela, e ela havia traído sua confiança. Ela deveria ter trazido Glencora de volta em cinco ou seis minutos, em vez de deixá-la no vento congelante da noite por quase três quartos de uma hora. Essa foi a acusação que Mr. Palliser fez contra ela, e ele a fez com a maior das severidades. Ele não perguntou se ela estava com frio; não trocou nenhuma palavra com ela; e muito menos a encarou. Ela poderia voltar ao seu quarto se desejasse. Alice compreendeu tudo isso completamente e, embora soubesse que não merecia a repreensão, não se sentiu inclinada a ressenti-la. Havia tanta coisa na situação de Mr. Palliser que era digna de pena, que Alice não conseguiu reunir coragem para sentir rancor dele.

— Ele está irado conosco — comentou Jeffrey Palliser, parando ao lado dela por um momento na sala de jogos, conforme lhe entregava uma vela.

— Ele tem medo de que ela pegue um resfriado.

— Sim, e acredita que foi errado ela ter ficado lá fora à noite por tanto tempo. Não é difícil compreender, Miss Vavasor, que ele não tem muita simpatia por romance.

— Ouso dizer que ele tem toda a razão — respondeu Alice, sem saber exatamente o que dizer, e sem conseguir esquecer o que fora dito entre ela e Jeffrey Palliser quando, mais cedo, saíram da casa. — Romance geralmente é uma bobagem, eu acredito.

— Essa não é a doutrina de Glencora.

— Não, mas ela é mais nova que eu. Os meus pés estão muito gelados, Mr. Palliser, e acho que subirei até o meu quarto.

— Boa noite — despediu-se Jeffrey, oferecendo a mão. — Acho que é uma injustiça a senhorita ter sido exposta a esse desgosto.

— Não fiquei magoada — assegurou Alice, sorrindo.

— Não, mas ele não vai se esquecer.

— Mesmo assim, não ficarei magoada. Boa noite, Mr. Palliser.

— Como esta é a última noite, posso dizer “boa noite, Alice”? Eu já terei partido pela manhã quando a senhorita acordar.

Ele ainda segurava a mão dela. Não se passara mais do que meio minuto, e ela não dera importância ao gesto, mas, mesmo agora, Alice não a retirou subitamente.

— Não — ela determinou. — Glencora se enganou muito quanto a isso — e acabou ofendendo a nós dois sem ter a intenção. Não há nenhuma razão possível para que o senhor me chame de outro modo que não o costumeiro.

— Algum dia essa razão existirá?

— Não, Mr. Palliser. Boa noite, e se eu não o vir amanhã de manhã, adeus.

— A senhorita certamente não me verá amanhã de manhã.

— Adeus. Se não fosse a tolice de Glencora, nosso laço teria sido muito prazeroso.

— Para mim, ele foi muito prazeroso. Boa noite.

Então, ela o deixou e subiu sozinha para o próprio quarto. Se havia restado algum convidado na sala de estar, ela não sabia; mas Alice notou que Mr. Palliser levava a esposa para o andar superior e, portanto, considerou-se correta ao presumir que todos já haviam se recolhido. Mr. Palliser — Plantagenet Palliser, de acordo com todas as regras de cortesia, deveria ter falado alguma coisa para ela ao se retirar, mas, como narrei anteriormente, Alice decidiu relevar a falta de civilidade dele nesta ocasião. Ela, portanto, subiu sozinha para o quarto, e ficou bastante feliz de poder se aproximar de uma bela lareira. Ela estava, na realidade, se sentindo congelada — até os ossos, a despeito do que lady Glencora dissera a favor da luz do luar. Durante a maior parte da conversa entre as duas, elas haviam ficado paradas, e Alice, enquanto se sentava, descobriu que os seus pés estavam dormentes pela umidade que havia penetrado nas suas botas. Certamente, Mr. Palliser tinha motivos para ficar furioso por sua esposa ter se demorado no frio da noite — mas, talvez, não com Alice.

Logo, ela começou a pensar no que lhe fora dito, e no que, sob tais circunstâncias, deveria fazer. Ela não poderia duvidar que lady Glencora havia pretendido declarar que, se a oportunidade se apresentasse, ela deixaria o marido e se colocaria sob a proteção de Mr. Fitzgerald. Além disso, Alice tinha a dolorosa percepção de que a pobre criatura iludida e insensata se convencera de que poderia ser perdoada por este pecado pela sua própria consciência pelo fato de não ter filhos, e que estaria, desta maneira, dando ao homem com quem havia se casado a oportunidade de procurar outra esposa que pudesse lhe dar um herdeiro. Alice sabia muito bem que tal desculpa

era insuficiente até para a miserável mulher que a criara. A desculpa, porém, agiria – manifestamente, já estava agindo em sua cabeça, ensinando-a a ter esperanças de que algum bem poderia surgir daquele mal. Alice, que estava perfeitamente lúcida quanto à prima – por mais comprometida que a sua visão estivesse no tocante a si mesma –, não enxergou nada, exceto absoluta ruína – ruína da pior e mais intolerável espécie –, no plano que lady Glencora parecia ter conjurado. Para ela, estava escuro como as profundezas do inferno; e ela sabia que, para Glencora, também só havia escuridão. “Eu me desprezo”, Glencora dissera, “e aquilo em que estou pensando”.

O que Alice deveria fazer nestas circunstâncias? Mr. Palliser, a moça sabia, havia se desentendido com ela, pois, à sua maneira calada, demonstrara, a princípio, que confiava nela como amiga de sua esposa; então, naquela noite, demonstrara que havia cessado de confiar nela. Ela, entretanto, pouco se importava com isso. Se dissesse que gostaria de falar com ele, Mr. Palliser a escutaria, fosse qual fosse sua opinião sobre ela; e depois de escutá-la, certamente agiria de alguma forma que servisse à salvação de sua esposa. Sobre o que Mr. Palliser poderia achar dela, Alice pouco ligava.

Então, ela teve uma ideia que era feminina em todos os seus aspectos – que em tal questão, Alice não tinha o menor direito de trair sua amiga. Quando uma mulher conta a história de seu amor para outra, a confidente sempre sente que será uma traidora se revelar o segredo. Se lady Glencora a fizesse acreditar que estava premeditando um assassinato, ou um assalto, Alice não teria a menor dificuldade em delatá-la, assim, evitando o crime. Agora, no entanto, ela estava hesitante, sentindo que se desgraçaria se traísse a amiga. E, afinal de contas, não era mais do que provável que Glencora não tivesse a mínima intenção de ir adiante com uma ameaça cuja existência deveria ser terrível para ela mesma?

Enquanto meditava sobre tudo isso sentada à beira do fogo de roupão, uma ruidosa batida na porta foi escutada, que, como ela havia virado a chave, foi forçada a atender em pessoa. Ela abriu a porta e lá estava Iphigenia Palliser, prima de Jeffrey e de Mr. Palliser.

— Miss Vavasor — ela disse. — Eu sei que estou tomando uma grande liberdade, mas será que posso entrar por alguns minutos? Eu desejo muito falar com a senhorita!

Alice, é claro, convidou-a para entrar e pôs uma cadeira para ela perto do fogo.

Alice Vavasor havia criado pouquíssima intimidade com qualquer uma das duas senhoritas Pallisers. Pareceu-lhe que houvera dois grupos na casa, e que ela pertencera ao grupo liderado pela esposa, enquanto as Pallisers haviam, naturalmente, aderido ao grupo do marido. Estas damas, como Alice percebera, idolatravam o primo; e

embora Plantagenet Palliser houvesse, até o momento, tratado Alice com a maior das cortesias pessoais, não surgira nenhuma amizade íntima entre eles e, conseqüentemente, entre ela e as seguidoras especiais dele. Tais damas, tampouco, tinham predisposição para criar uma amizade súbita com alguém como Alice Vavasor. Uma súbita amizade com um presidente rabugento de uma sociedade erudita estrangeira, ou com uma moça, pessoalmente desconhecida, empregada na emigração de mulheres, era uma possibilidade muito mais real. Alice, porém, não se provara nem útil ou erudita, e a sua intimidade especial com lady Glencora a marcara como alguém separada delas e de seus costumes.

— Sei que estou sendo intrusa — admitiu Miss Palliser, quase com medo de Alice.

— Oh, minha nossa, não — tranquilizou Alice. — Se eu puder fazer alguma coisa pela senhorita, ficarei muito feliz.

— A senhorita partirá amanhã, e se eu não viesse agora, não teria outra oportunidade. Glencora parece muito afeiçoada à senhorita, e todos nós pensamos que tal amizade seria uma boa coisa.

— Espero que todos não tenham mudado de ideia — falou Alice, com um sorriso débil, concluindo, enquanto falava, que o “todos” tencionava incluir especialmente o mestre da casa.

— Oh, não, de maneira alguma. Não foi o que quis dizer. Mr. Palliser, digo, gostou muito da senhorita quando chegou.

— E agora não gosta tanto de mim porque saí para passear sob a luz da lua com a esposa dele. Não é verdade?

— Bom... Não, Miss Vavasor. Eu não pretendia mencionar essa questão. Não pretendia, de fato. Eu certamente o vi depois que vocês chegaram – só por um minuto – e ele estava aborrecido, mas não é sobre isso que gostaria de falar com a senhorita.

— Eu vi claramente que ele ficou com raiva de mim.

— Ele achou que a senhorita a traria de volta mais cedo.

— E por que ele acha que eu deveria domar a esposa dele? Ela é tão senhora desta casa lá fora quanto é aqui dentro. Mr. Palliser não foi razoável. Não que isso importe.

— Eu não creio que ele não tenha sido razoável; não creio, de fato, Miss Vavasor. Ele certamente ficou aborrecido. Às vezes, muitas coisas o aborrecem. Entenda, Glencora é muito jovem.

Mr. Bott também declarara que lady Glencora era muito jovem. Era provável, portanto, que essa frase especial fora usada entre o grupo de Mr. Palliser em alguma discussão sobre as peripécias de Glencora. Alice chegou a esta conclusão conforme a lembrança da palavra lhe vinha à mente.

— Ela é tão jovem quanto a mulher que Mr. Palliser esposou — Alice apontou.

— O que quer dizer é que, se um homem se casa com uma mulher jovem, ele deve suportar a imaturidade. Esse, obviamente, é um bom argumento, mas as idades deles são muito próximas. Meu primo não tem nem 30 anos. Quando digo que Glencora é jovem...

— Você quer dizer que ela é mais jovem em espírito e, talvez, em conduta do que ele esperava.

— Mas a senhorita não deve pensar que ele reclama disso, Miss Vavasor. Ele sente muito orgulho disso.

— Eu espero que sim — afirmou Alice, pensando em Mr. Bott.

— É difícil explicar o que gostaria de lhe dizer, ou o quão certa eu estaria ao supor que a senhorita acreditará que ajo pensando apenas no interesse de Glencora. Creio que a senhorita tenha alguma influência sobre ela — e não conheço mais ninguém nesta posição.

— A amizade que tenho com ela não é de longa data, Miss Palliser.

— Eu sei disso. Ainda assim, a amizade é um fato. Não estou certa em supor...

— Em supor o quê?

— Em supor que a senhorita escutou o nome de Mr. Fitzgerald ser ligado ao de Glencora antes de ela se casar com o meu primo?

Alice pausou por um momento antes de responder.

— Sim, escutei — ela, por fim, admitiu.

— E acho que a senhorita concorda com os outros parentes dela que um casamento desses teria sido terrível.

— Eu nunca falei sobre isso na presença de qualquer outro parente de Glencora. A senhorita precisa entender, Miss Palliser, que embora seja uma prima distante, eu nem sequer conheço as relações mais próximas dela. Eu nunca tinha visto lady Midlothian até ela aparecer aqui dias atrás.

— Mas a senhorita a aconselhou a deixar Mr. Fitzgerald.

— Nunca!

— Eu sei que ela a visitou bastante naquela época.

— Eu costumava vê-la, certamente.

Então, houve uma pausa, e Miss Palliser, na verdade, não sabia bem como continuar. Alice havia demonstrado uma firmeza que a sua visitante não esperara — uma indisposição para falar ou, até mesmo, escutar, o que fez Miss Palliser quase desejar sair do quarto. Ela tinha, entretanto, mencionado o nome de Burgo Fitzgerald e, portanto, não poderia sair daquele aposento sem explicar por que o havia feito. Neste momento, porém, Alice veio subitamente ao seu auxílio.

— Naquela época, ela vinha me visitar constantemente — disse Alice, continuando a sua resposta. — Houve muitas conversas entre nós sobre Mr. Fitzgerald. Qual foi o conselho que eu dei? Pouco importa. Mas nisto devemos ambas concordar, Miss Palliser — neste

momento, Glencora certamente não deve ser levada à presença dele.

— Então, ela contou à senhorita?

— Sim, ela me contou.

— Que ele estará na casa de lady Monk?

— Ela me contou que Mr. Palliser espera que ela o encontre naquele lugar para onde vão após partirem da casa do duque, e que o pensamento de que deveria ser submetida a tal desafio a atormenta.

— Não será nenhum desafio, Miss Vavasor.

— E como não poderia ser? Ora, vamos, Miss Palliser, se a senhorita é amiga dela, seja justa.

— Sou amiga dela – mas sou, acima de tudo, amiga do meu primo. Ele me contou que ela reclamou de ter de se encontrar com tal homem. Ele declarou que o encontro não deveria significar nada para Glencora, e que o receio dela é uma tolice vã. Não deveria significar nada para ela, mas, ainda assim, o receio pode não ser de todo vão. Há algum motivo – algum motivo real – para que ela não devesse ir? Miss Vavasor, eu a convoco a me contar – ainda que, ao fazê-lo, a senhorita precise lançar uma profunda vergonha ao nome dela! Qualquer coisa será melhor do que a desgraça absoluta e o pecado!

— Eu creio que não lançarei nenhuma vergonha sobre ela ao dizer que há grande motivo para que Glencora não vá a Monkshade.

— A senhorita acredita que há sinais absolutos de uma interferência? Eu preciso contar francamente a Mr. Palliser o que ele deveria temer.

— Eu acho – não, Miss Palliser, eu sei – que há amplo motivo para que a senhorita a salve de ser levada a Monkshade, se possuir o poder para tanto.

— O único jeito de conseguir isso, ou de tentar, é contando a ele o que a senhorita acabou de me contar.

— Conte, então. A senhorita deve ter pensado nisso, eu suponho, antes de vir me encontrar.

— Sim. Sim, Miss Vavasor. Eu pensei nisso. Sem dúvidas, pensei nisso, mas acreditei o tempo todo que a senhorita me asseguraria de que não haveria perigo. Eu acreditei que a senhorita me diria que ela seria inocente.

— E ela é inocente — Alice defendeu, erguendo-se da poltrona, como se para dar ênfase às palavras que dificilmente ousaria proferir para além de um sussurro. — Ela é inocente. Quem a acusa de ser culpada? A senhorita me fez uma pergunta em nome dele...

— Em nome dela – e em nome dele, Miss Vavasor.

— Uma pergunta a qual me sinto obrigada a responder sinceramente – a responder com interesse no bem-estar de ambos; mas não deixarei que digam que eu a acusei. Glencora namorava Mr. Fitzgerald quando seu primo se casou com ela. Ele sabia que este fora

o caso. Ela contou a ele toda a verdade. De um ponto de vista mundano, o casamento dela com Mr. Fitzgerald provavelmente teria sido algo bastante imprudente.

— Teria sido absolutamente desastroso.

— Talvez. Quanto a isso, nada direi. Mas, no fim das contas, ela desistiu do próprio sonho para se casar com o seu primo.

— Eu não sei qual é o sonho dela, Miss Vavasor.

— É aquilo que ela teria feito; ela teria se casado com Mr. Fitzgerald, se não houvesse sido impedida pelos conselhos daqueles ao seu redor. Não podemos pensar que ela se esqueceu dele em tão pouco tempo. Ela não pode ser culpada por suas lembranças.

— Há culpa no ato de amar outro que não seja o marido dela.

— Então, Miss Palliser, o culpado é o casamento, e não o amor dela; mas tudo são águas passadas. Deve ser o objetivo do seu primo ensiná-la a se esquecer de Mr. Fitzgerald, e ele não conseguirá isso se a levar à casa onde tal cavalheiro está hospedado.

— Ela contou tudo isso à senhorita?

— Não acredito que eu precise contar o que ela me disse. A senhorita me fez uma pergunta, eu a respondi, e me sinto grata por tê-la feito. Que outro objetivo poderíamos ter, senão ajudá-la nesta situação?

— E salvá-la da desonra. Eu torci tanto para que isso fosse meramente um devaneio infantil da parte dela.

— Não foi. Não foi um devaneio infantil. Se a senhorita possui o poder para evitar que ela vá à casa de lady Monk, imploro que o use. Na verdade, eu pedirei que me prometa que vai usá-lo.

— Depois do que a senhorita disse, eu não tenho alternativa.

— Exato. Não há alternativas. Pelo bem dele ou pelo dela, não há nenhuma.

Em seguida, Miss Palliser se levantou e, após desejar boa noite à sua companhia, retirou-se. Durante a entrevista, não houvera nenhum sentimento de cordialidade entre elas. Não houvera nenhum fingimento de amizade, mesmo durante a despedida. Elas reconheciam que seus objetivos eram diferentes; o de Alice era salvar Glencora da ruína, e o de Miss Palliser era salvar o primo da desgraça – acompanhado, talvez, por um desejo sincero de evitar mágoas e pecados. Uma amava lady Glencora, e a outra claramente não a amava. Apesar de tudo, Alice sentiu que Miss Palliser agira bem ao procurá-la e que, a ela mesma, a visita provocara imensa sensação de alívio. Alguma atitude seria agora tomada para evitar o encontro que ela tanto desaprovava; e a atitude seria tomada sem qualquer grande quebra de confiança da sua parte. Ela não havia dito nada que poderia fazer lady Glencora se sentir traída.

Após as nove horas da manhã seguinte, ela desceu ao aposento

onde era servido o café da manhã. Não muitos minutos haviam se passado quando Mr. Palliser surgiu.

— A sua carruagem deverá chegar às 9h45 — ele comunicou. — E eu desci para lhe servir o seu café da manhã.

Enquanto falava, um sorriso surgiu em seu rosto, e Alice percebeu que a intenção de Mr. Palliser era de ser agradável.

— O senhor me permite servir o seu, em vez disso? — ela perguntou. Entretanto, como vieram a descobrir, nenhum deles precisou servir o outro, pois o café da manhã de Alice fora trazido separadamente.

— Glencora me pediu para lhe dizer que ela logo descera — contou Mr. Palliser.

Alice, então, fez algumas perguntas quanto aos efeitos causados pela imprudência da noite anterior, e recebeu apenas meias-palavras como resposta. Mr. Palliser estava disposto a ser gentil, mas não tinha intenção de parecer ter perdoado a ofensa. Logo, as duas senhoritas Pallisers chegaram juntas, e atrás veio Mr. Bott, seguido de perto por Mrs. Marsham, e todos eles perguntaram por lady Glencora, como se devesse ser suposto que ela estava em uma situação periclitante após os eventos da noite passada. Mr. Bott estava particularmente ansioso.

— A frieza estava tão anormalmente bruta — ele definiu. — Uma pessoa delicada como lady Glencora deve ter sofrido por permanecer lá fora por tanto tempo.

A insinuação de que Alice não era uma pessoa delicada e que, no tocante a ela, a brutalidade da frieza não tinha importância, foi bastante clara e devidamente apreciada. Mr. Bott estava ciente de que seu grande patrono havia mudado de opinião sobre Miss Vavasor, e ele, é claro, também estava disposto a mudar a sua. Uma quinzena havia se passado desde que Alice parecera igualmente delicada aos olhos de Mr. Bott.

— Espero que não considere lady Glencora delicada — disse Alice a Mr. Palliser.

— Ela não é robusta — respondeu o marido.

— De maneira alguma — opinou Mrs. Marsham.

— De fato, não é — intrometeu-se Mr. Bott.

Alice sabia que estava sendo chamada de robusta, mas suportou calada. Guiadores de cavalos e ordenhadoras de vaca eram pessoas robustas; a acusação, conseqüentemente, foi bastante pesada. Alice, entretanto, achou que não se importaria se lhe fosse permitido responder; mas, naquele momento em que estava prestes a partir, ela não podia fazê-lo.

— Acho que ela é tão forte quanto o resto de nós — falou Iphigenia Palliser, que, após a noite anterior, sentiu que estava em dívida com Miss Vavasor.

— Quanto alguns de nós — falou Mr. Bott, determinado a perseverar na acusação.

Neste momento, lady Glencora adentrou o aposento, e foi recebida com inquéritos ansiosos daqueles dois que chamava de babás. Destes, todavia, ela rapidamente se esquivou, e foi se encontrar com Alice.

— A última manhã chegou, enfim — ela lamentou.

— De fato — assentiu Alice. — Mr. Palliser deve ter achado que eu nunca partiria.

— Por outro lado, sinto-me muito grato por você ter ficado — ele respondeu, ainda que maneira fria. Alice, então, começou a desejar nunca ter visto Matching Priory.

— Grato?! — exclamou lady Glencora. — Eu não sou capaz de expressar o quão grata me sinto. Oh, Alice, gostaria que permanecesse conosco!

— Estaremos de partida em uma semana — lembrou Mr. Palliser.

— É claro que estaremos — disse lady Glencora. — Mas, de todo o coração, gostaria que não estivéssemos. Querida Alice! Acho que não vamos mais nos encontrar até todos nós nos reunirmos na cidade.

— Avise-me quando chegar — pediu Alice.

— Enviarei uma carruagem a você imediatamente; e Alice, escrevei para você de Gatherum.... ou de Monkshade.

Alice não conseguiu deixar de olhar em volta e de encarar Miss Palliser nos olhos. Miss Palliser estava de pé diante do guarda-fogo, mas se posicionara de modo que poderia ver Alice. Ela assentiu levemente com a cabeça, como se dizendo que lady Glencora não teria a oportunidade de escrever a ela deste lugar; mas ficou calada.

A carruagem, então, foi anunciada e Mr. Palliser ofereceu o braço para levar Alice.

— Não venha até a porta, Glencora — ele rogou. — Peço especialmente que não venha.

Então, as duas primas se beijaram, e Alice subiu na carruagem.

— Adeus, Miss Vavasor — despediu-se Mr. Palliser, sem expressar o menor desejo de vê-la novamente como convidada em Matching Priory.

Enquanto era levada em solitário luxo à estação ferroviária, Alice desejou nunca ter pisado ali.

CAPÍTULO 29

BURGO FITZGERALD

Na noite anterior à véspera de Natal, dois homens estavam sentados nos aposentos de George Vavasor em Cecil Street. Já passava da meia-noite e ambos fumavam; havia garrafas quadradas na mesa contendo bebida alcoólica, e jarros com água quente e água fria. Um dos dois homens usava, e estivera usando, tais materiais para seu prazer. Vavasor não bebera, e tampouco parecia que pretendia começar. Havia um pouco de conhaque fraco e água em um copo ao seu lado, mas ele permanecera intocado pelos últimos 20 minutos. O seu companheiro, contudo, tinha, neste mesmo intervalo, reabastecido a sua taça duas vezes, e agora soltava fumaça de seu cachimbo com a fúria de uma chaminé de um navio a vapor que ainda não pulverizara o seu último quinhão de carvão fresco. Este homem era Burgo Fitzgerald. Ele estava mais bonito do que nunca – um homem cuja beleza nenhum outro homem ou mulher poderia deixar de admirar –, mas, apesar disso, seus olhos e suas bochechas exibiam uma aparência de esmorecimento fatigado; a aparência era dona de uma aura perturbada que, até mesmo para ele, tornara-se cansativa por sua persistência, e que contava a todos que o viam muito da história da sua vida. A maioria dos homens bebe à noite e fica fora até o amanhecer, protagonizando proezas sombrias, enrubescendo seus rostos inchados, cheios de espinhas, olhos lacrimejantes, e desagradáveis de se ver. É uma dispensa gentil da Providência que, assim, proporciona aos pecadores um sinal visível, para ser visto todos os dias, do mal que estão causando. A primeira aparição de um carbúnculo no nariz, por volta dos 30 anos, faz muitos homens pararem de beber. Ninguém gosta de ter carbúnculos no nariz, ou de aparecer diante de suas amigas femininas com os olhos tão vermelhos que aparentam ter nadado no grogue. Mas, a Burgo Fitzgerald, a Providência, em sua ira, não lhe concedera tal proteção. De vez em quando, ele ficava pálido, macilento, cansado e desorientado. Ele emagreceu e continuava emagrecendo. Algumas vezes, adoeceu a ponto de quase morrer. Entre seus amigos íntimos estavam aqueles que o ouviam declarar frequentemente que o seu fígado se tornara imprestável, e que, no tocante aos sucos gástricos, nada lhe sobrara. Ainda assim, a sua beleza perdurava. A forma perfeita do seu rosto quase divino continuava a mesma, e o fulgor de seus brilhantes olhos azuis nunca se extinguiu.

Na presente ocasião, ele havia ido até os aposentos de Vavasor com o objetivo de lhe pedir um pouco de ajuda e, talvez, o mesmo montante de conselho. Entretanto, quanto a esta meta secundária, Burgo achava-se, penso eu, na situação da maioria dos homens que busca conselheiros que lhe aconselhem a fazer o mal. O conselho

administrado em concordância com seus próprios pontos de vista lhe daria um encorajamento confortável, mas um conselho de natureza oposta, ele estava preparado para dispensar completamente. Estes dois homens se conheciam há muito tempo e uma intimidade profunda existira entre eles no passado, antes do noivado de lady Glencora com Mr. Palliser. Quando Glencora lutou para conquistar, em vão, como sabemos, a ajuda de Alice Vavasor, Burgo fora instigado a acreditar que o primo de Alice poderia ajudá-lo. George Vavasor estaria mais do que pronto para dar tal assistência; ele dera um certo auxílio pecuniário naquela época em que estivera bem quanto aos seus fundos. Talvez George houvesse, por um instante, induzido Burgo a acreditar que ele poderia conseguir que o casal utilizasse a casa em Queen Anne Street como um ponto de encontro, e como um ponto de partida para a sua jornada de amor. Tudo isso estava acabado; as esperanças haviam sido frustradas, e lady Glencora M'Cluskie se tornou lady Glencora Palliser, e não lady Glencora Fitzgerald. Agora, porém, as esperanças haviam sido renovadas, e Burgo, novamente, procurava seu amigo em busca de socorro.

— Acredito que ela iria — Burgo avaliou enquanto levava o copo à boca. — É o tipo de coisa pela qual um homem só pode possuir crença — talvez apenas esperança — até tentar. Sei que ela não é feliz com ele, e eu já decidi que vou, ao menos, perguntar a ela.

— Mas ele ficaria com a fortuna dela mesmo assim?

— Não sei o que aconteceria. Eu não perguntei e nem pretendo perguntar. É claro que não espero que você ou qualquer outra pessoa acredite em mim, mas o dinheiro dela não tem importância alguma na questão. Deus sabe que almejo dinheiro, mas eu jamais tomaria a esposa de outro homem por dinheiro.

— Não está querendo dizer que acha isso uma perversidade, está? Pensei que você estivesse acima dessas cismas.

— Fique à vontade para caçoar.

— Não estou caçoando. Digo-lhe francamente que jamais fugiria com a esposa de outro homem. Tenho uma noção antiquada de que, se um homem tem uma esposa, deve ser permitido a ele ficar com ela. A opinião pública, eu sei, ficaria contra mim.

— Eu acho que ele fugiu com a minha esposa — disse Burgo, com ênfase. — É assim que enxergo a situação. Ela esteve noiva de mim primeiro, e realmente me amava; já com ele, ela nunca se importou.

— Independentemente disso, casamento é casamento e a lei está contra você. Mas, se realmente fosse me dar ao trabalho de ingressar nesta empreitada, eu certamente ficaria de olho no dinheiro.

— Ele não faria diferença.

— Ele fez diferença, suponho, quando você pensou em se casar com ela pela primeira vez.

— É claro que fez. O meu pessoal nos juntou porque ela tinha uma grande fortuna e eu não tinha nada. Não há dúvidas no mundo sobre isso; e digo-lhe uma coisa: acredito que aquela bruxa velha que chamo de tia está disposta a fazer a mesma coisa agora. É claro que ela não diz muita coisa; não ousaria fazer isso, mas creio que esta seja a intenção dela. Pergunto-me aonde ela quer chegar!

— Quanta gratidão da sua parte.

— Juro pela minha alma que a odeio. Eu juro. Ela não faria por amor a mim, mas por malícia contra Palliser, pois ele impediu os planos dela antes. Ela é uma velha perversa. Alguns de nós, homens, são bastante perversos – eu e você, por exemplo...

— Obrigado, mas não sei, contudo, se o meu currículo está qualificado para competir com o seu.

— Mas somos anjos comparados àquela velha diaba. Pode acreditar em mim, ou não; faça como quiser. Ouso dizer que não acredita.

— Em todo caso, direi que acredito.

— A verdade é que eu a quero, em parte porque a amo, mas, principalmente, porque acredito em meu coração que ela me ama.

— É por ela, então! Você está pronto para se sacrificar para ajudá-la.

— Não há o que sacrificar. Sou um homem totalmente arruinado, e cortaria minha garganta amanhã pelo bem de meus parentes, se eu ligasse o suficiente para eles. Conheço a minha condição perfeitamente. Eu estraguei tudo e agora sigo em direção ao abismo.

— Só que você quer levar lady Glencora consigo.

— Por Deus, não! Mas, às vezes, quando penso a respeito – o que faço tão raramente quanto consigo – parece a mim que eu poderia me transformar em um homem diferente se ainda fosse possível me casar com ela.

— Se tivesse esposado lady Glencora quando ela estava de posse de seu dinheiro e livre para se casar com quem quisesse, talvez houvesse se transformado.

— Eu penso que ainda dá tempo. Realmente acredito nisso. Se pudesse levá-la, digamos, à Itália ou, talvez, à Grécia, eu creio que poderia tratá-la bem, e viver com ela tranquilamente. Eu sei que eu tentaria.

— Sem o auxílio de conhaque e charutos?

— Sim.

— E sem qualquer dinheiro?

— Apenas com um pouco. Sei que zombará de mim, mas, às vezes, fantasio uma vida que penso ser perfeita para nós e bastante diferente desses costumes horríveis. Eu já estou tão enjoado deles que os desprezo.

— Seria algo como Juan e Haidée, com Planty Pall os perseguindo, como o velho Lambro^[61] fez.

Com o apelido de “Planty Pall”, George Vavasor pretendia designar o atual marido de lady Glencora.

— Ele se divorciaria, é claro. Então, nós nos casaríamos. Realmente creio que ele não acharia ruim quando tudo estivesse acabado. Contaram-me que ele nem liga para ela.

— Você a viu desde que ela se casou?

— Sim, duas vezes.

— E falou com ela?

— Só uma vez – na tentativa de fazer mais do que apenas perguntar se ela estava bem. Uma vez, por cerca de dois minutos, eu falei com ela.

— E o que ela disse?

— Ela disse que era melhor se nós não nos encontrássemos. Quando ela disse isso, soube que ainda gostava de mim. Eu poderia ter caído aos pés dela naquele momento, só que a sala estava cheia de pessoas. Eu realmente acho que ela gosta de mim.

Vavasor pausou por alguns minutos.

— Ouso dizer que ela gosta de você — então, disse: — Mas se tem coragem para isso, é mais do que posso dizer. Provavelmente não tem. E se tiver, vocês provavelmente falharão ao pôr o plano em prática.

— Eu preciso conseguir um pouco de dinheiro antes — admitiu Burgo.

— E essa é uma operação que você, sem dúvida, descobrirá que ficará mais difícil a cada dia que passa, conforme envelhecem.

— Creio que não haveria muita diferença. Fui ver Magruin esta manhã.

— O camarada que vive perto de Gray’s Inn Lane?

— Logo depois do Hospital Infantil. Eu fui vê-lo, e ele foi bem civilizado quanto à questão. Ele diz que devo a ele mais de três mil libras, mas acho que não fez diferença.

— Quanto você pediu a ele no total?

— Eu não me lembro de jamais ter pedido dinheiro a ele. Ele comprou uma dívida minha do alfaiate que faliu, e a continuou renovando até se transformar em várias dívidas. Acho que uma vez ele me deu 24 libras – mas, certamente, não mais que isso.

— E ele disse que vai lhe emprestar dinheiro agora? Imagino que você tenha contado a ele para que precisa.

— Não mencionei o nome dela – mas falei de modo que ele entendesse que estou esperando me dar bem com uma dama bem abastada. Pedi 250, e ele disse que me dará 300 libras a serem pagas em dois meses numa fatura com juros de 500 – e seu nome nela como

avalista.

— Com o meu nome como avalista?! Que gentileza da parte dele – e da sua também.

— É claro que não poderei pagar isso ao final de dois meses.

— Eu ousou dizer que não poderá — retorquiu Vavasor.

— Mas ele não virá atrás de você ainda – e nem após um ano ou mais. Eu paguei o que você me emprestou antes.

— Sim, pagou. Sempre achei que foi uma gentileza especial da sua parte.

— E você descobrirá que poderei tirá-lo dessa de algum jeito. Se eu falhar, ficarei livre da obrigação em breve – se eu morresse, o meu pessoal pagaria as minhas dívidas.

Antes que a noite terminasse, Vavasor prometeu o auxílio que lhe fora pedido. Ele sabia que estava emprestando seu nome a um homem completamente arruinado, e colocando-o nas mãos de outro que não teria o menor escrúpulo quanto ao seu uso. Ele sabia que estava criando problemas para si mesmo e, diante de todas as probabilidades, uma perda da qual dificilmente seria capaz de se recuperar. Aquela, no entanto, era uma situação que se encontrava no âmbito de suas leis. Ele mesmo poderia pedir um auxílio desses a alguém, e já o pedira e o recebera antes na vida. Era um ato irresponsável de sua parte, mas, de qualquer forma, tudo o que ele fazia era irresponsável. Aquilo estava em harmonia com o seu jeito de viver.

— Imaginei que concordaria, velho amigo — falou Burgo, enquanto se levantava. — Talvez tudo dê certo, sabe? Talvez, no fim das contas, ela consiga trazer parte da fortuna dela consigo. Se assim for, você ficará bem.

— Talvez eu fique, mas preste atenção, Burgo, não oficialize a dívida com aquele camarada até que você esteja com o dinheiro no punho.

— Pode ficar descansado quanto a isso. Conheço os truques deles. Ele e eu iremos ao banco juntos e pechinharemos às portas do prédio umas quatro ou cinco libras de ouro extras – por fim, cederei em duas ou três. Velho ladrão inescrupuloso! Penso que ele seja pior do que eu.

Após dizer isso, Burgo Fitzgerald bebeu um pouco mais de conhaque com água e foi embora.

Naquela época, Burgo vivia na casa de um de seus parentes em Cavendish Square, ao norte de Oxford Street. Seus tios e tias, e todos aqueles que eram seus amigos naturais, haviam se agarrado a ele com tenacidade surpreendente; pois Burgo nunca fora sincero e sequer fingira gostar deles. Seu pai, com quem por muitos anos ele ficou sem falar, estava agora morto; mas Burgo tinha irmãs cujos maridos ainda abriam as portas das suas casas para ele, fosse em Londres ou no interior – eles abriam as portas das suas casas, emprestavam-lhe

cavalos, e ofereciam cada luxúria das quais os ricos tiravam proveito – exceto dinheiro vivo. Quando o estresse supremo de constrangimento pecuniário o acometia, eles pagavam algum montante para esmagar o mal imediato. E, assim, Burgo seguia. Ninguém mais pensava em dizer muito para repreendê-lo. Eles sabiam que seria um desperdício de palavras e uma perda de tempo. Ainda gostavam dele porque o rapaz era bonito e nunca vaidoso sobre sua beleza – e porque, em meio à sua irresponsabilidade, sempre havia nele uma certa bondade que o tornava agradável àqueles ao seu redor. Ele era afável e gracioso como uma criança e muito cortês com as primas. Eles sabiam que, como homem, Burgo era inútil, mas, ainda assim, amavam-no. Eu acho que o segredo era, principalmente, este: ele não se considerava grande coisa.

Agora, entretanto, conforme voltava para casa no meio da noite, partindo de Cecil Street para Cavendish Square, ele estava se considerando grande coisa. Na realidade, tais pensamentos egocêntricos vinham naturalmente a todos os homens, por mais irresponsáveis que fossem suas condutas extrínsecas. “Cada um por si” é o lema que rege o mundo todo – o eixo sobre o qual tudo gira. Toda a sua sabedoria é apenas a sua própria percepção das coisas em volta. Todo o amor; o cuidado com os outros; e a solicitude pelo bem-estar do mundo, são apenas sentimentos próprios quanto às necessidades e méritos do mundo.

Ele havia cumprido a sua parte como centro de todas as coisas desastrosamente. Disto, ele estava bastante ciente. Burgo tinha bom senso suficiente para entender que era dever de um homem conseguir seu pão à sua maneira, e constantemente pensava consigo que, até o momento, se conquistara 50 centavos na vida, fora muito. Ele havia aprendido a compreender que o progresso do mundo dependia da forma como os homens desempenhavam seus papéis uns com os outros – que o progresso de uma geração dependia do cumprimento de tais deveres por aqueles que a precediam – e Burgo sabia que ele, em sua geração, não havia feito nada para promover tal progresso. Ele se desprezava totalmente por isso – como se isso ajudasse! Mas, em ocasiões como esta, quando o vinho que ele havia bebido só tinha força para afastá-lo do torpor do desespero; quando se via solitário com o ar frio da noite batendo em seu rosto; quando as estrelas brilhavam acima e o mundo à sua volta se encontrava quase em silêncio, Burgo, ainda assim, perguntava-se se não havia, até mesmo para ele, alguma esperança de redenção – alguma chance de ter em seu futuro uma vida melhor. Burgo ainda era jovem – vagando pela casa dos 30. Será que poderia haver, mesmo para ele, algum jeito de se libertar desta angústia?

Nós sabemos qual era o jeito que, no presente momento,

circulava sua mente. Ele estava se propondo – por achar que não havia saída melhor – a tomar a esposa de outro homem, e ser feliz com ela! O que ele dissera a Vavasor quanto ao dinheiro de lady Glencora fora perfeitamente verdadeiro; que, no caso da fuga dos dois, alguma parte da enorme fortuna dela os acompanharia, ele acreditava. Como ela não tinha filhos, ele não entendia para onde mais o dinheiro poderia ir – mas Burgo pensou nisso considerando o bem-estar dela, e não o dele. Quando havia se declarado a ela – uma declaração, então, honrosa, por mais desvantajosa que parecesse a Glencora – ele havia feito em sua cabeça certos cálculos quanto às coisas boas que conquistaria, caso tivesse êxito. Ele levaria cães e três ou quatro cavalos todos os dias em suas cavalgadas, e nunca mais teria encontros com Magruin; nunca mais teria de esperar na sombria sala dos fundos daquele patife por minutos a fio, até que o patife resolvesse aparecer. Até agora, ele fora um mercenário, mas aprendera a amar uma garota e a se importar mais com ela do que com o dinheiro dela, e quando o dia de sua decepção chegou – o dia em que ela lhe disse que tudo entre eles estava, para todo o sempre, acabado – ele, por algumas horas, sentiu mais a perda do seu amor do que a perda do dinheiro.

Então, ele ficara sem esperanças. Nenhuma ideia como essa, que agora povoava a sua mente, surgira na ocasião. A garota havia sido arrebatada e se casado com outro homem; fim da história. Mas, gradualmente, as notícias de que ela não estava feliz o alcançaram – alcançaram-no por meio dos lábios das pessoas que ficaram felizes em exagerar tudo o que escutaram. Uma tribo inteira de parentes femininas estivera ansiosa para promover seu casamento com lady Glencora M'Cluskie, declarando que, depois de tudo o que se passara, Burgo escaparia de suas tribulações como um homem de grande fortuna. Tão enorme era a fortuna da herdeira que talvez até aguentasse as propensões dele a gastos. A tribo inteira ficara amargamente desapontada – e quando ouviram que o casamento de Mr. Palliser não lhe gerara filhos, e que lady Glencora estava infeliz, elas teceram seus comentários com triunfo em vez de tristeza. Não posso dizer que elas aprovavam o passo que Burgo agora desejava dar – ainda que ele houvesse acusado a tia, lady Monk, disso; mas sussurravam que coisas dessa natureza já haviam sido feitas, e que deveriam ser esperadas quando certos casamentos eram combinados da maneira como fora combinado o casamento entre Mr. Palliser e a sua noiva.

Enquanto caminhava, pensando em seus planos, ele lutou para se enganar quanto à crença de que seria uma coisa boa tomar lady Glencora do marido. Por pior que tivesse se comportado na vida, ele nunca fizera algo tão ruim. Quanto mais consolidada sua intenção se tornava, mais Burgo percebia o quão grande e atroz era o crime que

contemplava. Fugir com a mulher de outro homem não mais lhe parecia uma piada da qual homens como ele poderiam rir. Ele, contudo, tentou pensar que, neste caso, havia circunstâncias especiais que quase justificavam o seu ato e o dela. Eles se amavam e juraram se amar com constância. Nem os sentimentos e nem os desejos deles tinham mudado, mas pessoas frias haviam se intrometido com intenções frias e separado os dois. Ela estava, Burgo dizia a si mesmo, casada com um homem que não amava. Se ambos se amavam verdadeiramente, não era melhor que voltassem a ficar juntos? Será que o pecado não seria perdoado considerando-se a injustiça que fora feita contra eles? Acaso Mr. Palliser tinha o direito de esperar mais de uma esposa que fora obrigada a se casar com ele sem amá-lo? Então, Burgo voltou a pensar naquelas fantasias de uma vida de amor, em algum país ensolarado, sobre o qual conversara com Vavasor, e se esforçou para nutri-lo. Vavasor havia rido dele, mencionando Juan e Haidée. Mas Vavasor, Burgo pensou, era um homem duro e frio, sem um pinga de romance em seu caráter. Ele não aceitaria ter o seu plano caçoado por um homem como aquele – nem ficaria assustado com a ameaça de que qualquer Lambro o perseguisse depois, tivesse ele a forma de um tio indignado ou de um marido ferido.

Ele cruzara Hanover Square pela Regent Street, e ao atravessar os portões de ferro para sair em Oxford Street, uma pobre moça miserável, debilmente embalada num tecido fino, e cujos ossos eram penetrados pelo frio cortante, pediu-lhe dinheiro. Daria ele algum dinheiro para ela comprar bebida e, por um momento, sentir o calor da sua vida renovado? Tais pedidos em plena madrugada lhe eram familiares, e ele passava sem prestar atenção nela. A moça, todavia, estava muito agitada e o agarrou.

— Pelo amor de Deus! Eu só preciso de uma moeda para tomar um copo de gim! Sinta a minha mão; veja como está fria — ela disse, lutando para levar a mão à face dele.

Ele a observou e notou que era muito jovem – com, no máximo, 16 anos –, e que um dia – não, muito recentemente – fora extremamente bonita. Ainda havia em seus olhos um pouco do semblante de perfeita inocência e de pura fé que conservara intacto até 12 meses atrás. E agora, à meia-noite, no meio das ruas, ela implorava por uma moeda para comprar gim, como se fosse o único conforto que conhecia e que poderia esperar!

— Você está fria! — ele respondeu, tentando falar animadoramente.

— Fria! — ela falou, repetindo a palavra, e se esforçando para se fechar mais nos trapos enquanto tremia — Oh, Deus! Se o senhor soubesse o frio que sinto! Eu não tenho nada no mundo – nem uma moeda – nem um buraco para me entocar!

— Somos parecidos, então — comparou ele, com um riso fraco. — Também não tenho nada. A senhorita não pode ser mais pobre do que eu.

— O senhor, pobre? — ela espantou-se, e então olhou para o rosto dele. — Céus, que bonito o senhor é! Homens como o senhor nunca são pobres.

Ele riu novamente – desta vez, num tom distinto. Burgo sempre ria quando alguém elogiava a sua beleza.

— Sou muito mais pobre, minha cara — ele contou. — A senhorita não tem nada. Eu tenho 30 mil libras negativas. Mas venha comigo, vou lhe arranjar algo para comer.

— É mesmo? — ela perguntou ansiosa. Então, vistoriou-o novamente e exclamou. — Oh, o senhor é tão bonito!

Ele a levou a uma taberna onde lhe comprou pão, carne e cerveja, e lhe fez companhia enquanto ela comia. A moça estava envergonhada e teria preferido comer sozinha em um canto se ele a tivesse permitido. Burgo percebeu isso e virou as costas, embora ainda trocasse uma ou duas palavras enquanto ela fazia sua refeição. A mulher no bar que o serviu olhou com curiosidade para seu rosto; o ajudante da taberna espantou o sono para poder observá-lo; um barqueiro que esperava no ponto de carruagens o encarou; e as mulheres que vieram em busca de gim o contemplaram com um olhar quase afetuoso. Ele não deu a mínima importância a qualquer um deles, e não demonstrou qualquer sinal de vergonha, ou desejo de fazer piada sobre a situação. Ele quietamente pagou o que devia quando a moça terminou de comer, e a acompanhou para fora do estabelecimento.

— E agora... — ele começou. — O que devo fazer com a senhorita? Se eu lhe der um xelim, pode conseguir uma cama?

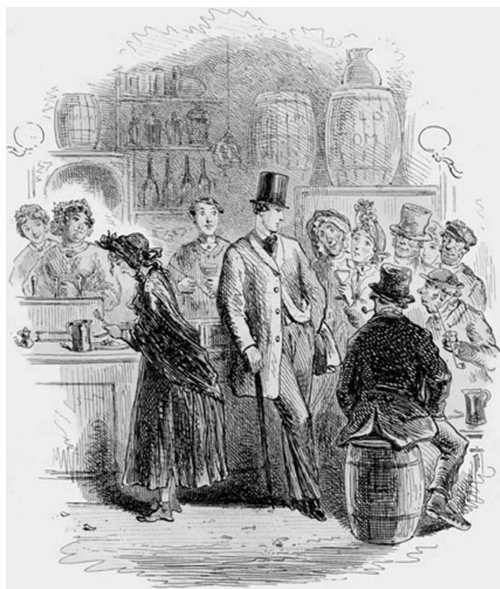
Ela contou que poderia conseguir uma cama por seis pence.

— Então, guarde os outros seis para o café da manhã — ele aconselhou. — Porém, precisa me prometer que não comprará gim esta noite.

Ele prometeu e, então, ele estendeu a mão e lhe desejou boa noite – sua mão, que era o desejo mais almejado de lady Glencora. A moça a tomou e a levou aos lábios.

— Espero vê-lo outra vez — ela disse. — Porque o senhor é tão bom e bonito.

Ele riu novamente com alegria, e foi embora, cruzando a rua em direção à Cavendish Square. Ela continuou onde estava, olhando para Burgo até que ele desaparecesse de vista e, então, conforme seguia seu caminho – em direção a uma cama que a doação dele providenciara, esperemos, e não a um bar –, ela exclamou para si mesma repetidas vezes.



— Céus, como ele era bonito!

— É um bom rapaz — a mulher na taberna dissera assim que ele partiu. — Mas, minha nossa, vocês já foram um rosto tão bonito quanto aquele?

Pobre Burgo! Todos que cruzaram o seu caminho desde que ele nasceu o amaram e se esforçaram para estimá-lo. Mesmo assim, a que ponto ele chegara! Pobre Burgo! Se seus olhos tivessem sido menos azuis, e seu rosto menos divino em sua forma, as coisas poderiam ter sido melhores. Um homem mais doce do que ele nunca viveu – nem um de uma natureza tão bondosa. Naquele instante, Burgo mal tinha dinheiro para levá-lo à casa da tia em Monkshade e, como havia prometido estar lá antes do Natal, começaria a cuidar de sua partida na manhã seguinte, antes solicitara a ajuda de Mr. Magruin, o judeu. Independentemente disso, do fundo do seu curto bolso, Burgo havia dado meia-coroa para confortar uma pobre criatura que falara com ele na rua.

CAPÍTULO 30

CONTENDO UMA CARTA DE AMOR

Vavator permaneceu sentado em seu quarto sozinho, após Fitzgerald ir embora, e começou a pensar nos dias em que desejara auxiliar o amigo quanto à lady Glencora – ou melhor, começou a pensar no comportamento e nas palavras de Alice ditas naquela época. Alice se mostrara inflexível ao se recusar a prestar qualquer ajuda. Nenhuma outra ajuda menos improvável a tal propósito poderia ter sido escolhida, mas ela fora sincera ao declarar que era dever de Glencora cumprir sua promessa a Burgo.

— Ele é um gastador desesperado — Kate Vavator dissera a ela.

— Então, que ela o ensine a ser melhor — Alice respondera.

— Esse pode ter sido um bom motivo para recusar a oferta quando ele a fez, mas não pode ser desculpa para inverdades agora que ela admitiu a ele que o ama! — ela falou, novamente. — Se uma mulher não arriscar sua fortuna pelo homem que ama, o amor dela não é digno de se ter.

De tudo isso George Vavator se lembrava e, enquanto se recordava, perguntou-se se a mulher que uma vez o amara ainda arriscaria a sua fortuna por ele.

Embora a sua irmã o houvesse pressionado sobre a questão com toda a veemência que pudera usar, ele, até o momento, não se convencera de que realmente queria se casar com Alice. Nos últimos tempos, certas propensões boêmias haviam brotado em sua mente – um amor de independência absoluta nos seus pensamentos, bem como nas suas ações – que eram antagonistas a um casamento. George se sentia quase inclinado a pensar no matrimônio como um costume ultrapassado, bastante adequado à vida tediosa do mundo afora – pois muitos homens, pagãos ou cristãos, aprenderam a pensar nisso como uma religião –, mas que não combinava com a sua inteligência avançada. Se houvera alguma mulher que ele amara, essa mulher era a sua prima Alice. Se houvera alguma mulher que ele respeitara completamente, essa mulher era ela; mas a ideia de se amarrar a uma vida caseira lhe parecia ser de muito mau gosto.

— Um homem ter de dar permissão a um padre para amarrá-lo a outro ser humano como um gêmeo siamês, de modo que todo o seu poder de liberdade e de solidão lhe seja tomado para sempre, é uma coisa terrível de se pensar — uma vez ele comentara com um bom amigo naqueles dias. — As bestas-feras do campo não se maltratam tanto. Elas tampouco bebem até ficarem bêbadas, ou comem até ficarem preguiçosas – e nem se colam umas nas outras em uma união que ambas certamente odiariam.

Desta maneira, George Vavator, ao tentar imitar a sabedoria dos brutos, ensinara a si mesmo certas teorias de uma natureza peculiar.

Mas, independentemente disso, enquanto pensava em Alice nesta ocasião, passou a sentir que, se uma gêmea siamesa lhe fosse necessária, era com Alice, de todas as mulheres, que ele desejaria se unir.

Se George pretendia fazer isso, teria de ser agora. Graças à instigação conjunta dele e da irmã – ele pensava, e talvez não totalmente sem razão –, Alice romperia o noivado com Mr. Grey. Ele acreditava que ela provavelmente reataria se fosse deixada para decidir por si mesma; entretanto, a despeito da inteligência avançada que o ensinara a considerar todas as formas e cerimônias com o olho de um filósofo, ele ainda tinha em si o suficiente da fragilidade humana para se sentir intensamente vivo diante do prazer de tomar de John Grey o prêmio que John Grey quase lhe tomara. Se Alice houvesse sido ensinada a reconhecer o absurdo desses laços indissolúveis, teria sido melhor, mas nada seria mais impossível do que ensinar essa lição à sua prima Alice. George Vavasor era um homem de coragem e não recuava diante da maioria das coisas – mas ele teria recuado ante a possibilidade de começar a ensinar tal lição a ela.

E agora, no presente, qual era a sua visão geral sobre a vida? Ele tinha ambições muito grandes, e uma razoável esperança de conquistá-las se apenas pudesse garantir que as coisas dessem certo por um ano, mais ou menos. Ele ainda era um homem pobre, tendo quase sido rico; mas, ainda assim, o resultado de suas riquezas quase conquistadas ainda fazia tanto efeito, que, com a força dele, George provavelmente conseguiria ingressar no Parlamento. Ele havia pagado o custo da última tentativa, e possivelmente levaria adiante, com ainda mais ímpeto, a presente tentativa em crédito. Se tivesse êxito, um novo estilo de vida se abriria diante dele – razoável por si só, e honrável entre os homens. Mas como ele custearia isso pelo próximo ano, ou pelos próximos dois anos? O avô dele ainda estava vivo, e provavelmente viveria além desse período. Se esposasse Alice, ele o faria sem a pretensão de enganá-la financeiramente. Ela aprenderia – não, ela já havia aprendido pelos próprios lábios dele – o quão perigosa era a sua empreitada. Mas ele sabia que ela era uma mulher que arriscaria corajosamente todo o seu dinheiro, ainda que nada a convencesse de mexer um dedo na direção do perigo à sua reputação. Quanto a ensiná-la a doutrina que mencionei, ele não teria ousado fazer uma tentativa; mas achava que não precisava sentir repugnância de contar a Alice que desejava gastar todo o dinheiro dela nos primeiros anos de suas vidas de casados!

Ele ainda estava em sua poltrona pensando em tudo isso, com uma pequena quantidade de conhaque e água intocada ao seu lado, quando ouviu um distante relógio Lambeth dar três badaladas perto

do rio. Então, ele se levantou de seu assento e, levando uma vela na mão, sentou-se em sua escrivaninha no outro lado do aposento. “Eu não preciso enviá-la quando terminar”, George pensou. “E a probabilidade é que não a envie”. Então, pegou um papel e escreveu o seguinte:

“CARA ALICE,

Foi-se o tempo em que eu possuía o privilégio de começar minhas cartas para você com uma demonstração mais calorosa de amor do que as palavras acima contêm – quando podia chamá-la, e a chamava, de “querida”, mas eu perdi esse privilégio graças à minha própria tolice e, desde então, ele foi consentido a outro. Mas você percebeu – com uma honestidade de propósito meticulosa sobre a qual quase nada sei – que também lhe cabia anular esse privilégio. É desnecessário dizer que eu não estaria escrevendo como estou se você não tivesse achado apropriado fazer o que fez. Agora, mais uma vez, peço-lhe para ser a minha esposa. A despeito de tudo o que se passou naqueles velhos dias – a despeito de toda a tolice egoísta da qual fui culpado, eu acho que sabe, e que na época sabia, que sempre a amei. Eu clamo para mim mesmo que o amor que tinha por você foi verdadeiro do começo ao fim, e peço que acredite nesta declaração. Na realidade, não creio que você já tenha duvidado do meu amor.

Ainda assim, quando me disse para perder as esperanças de fazê-la minha esposa, eu não consegui proferir nenhuma palavra de protesto. Você agiu como qualquer mulher que não foi cegada por amor. Então, veio o episódio de Mr. Grey; por mais amargos que tenham sido meus sentimentos enquanto o noivado durou, eu nunca fiz qualquer tentativa de me interpor entre você e a vida que escolheu. Ao dizer isso, não me esqueço das palavras que proferi no verão passado, em Basle, quando, até onde eu sei, você ainda pretendia que ele fosse o seu marido. Eu, contudo, e com todas as forças, não me arrependo de nada do que lhe disse naquele dia. Se você se lembra daquelas poucas palavras, não sei dizer; mas certamente não teria se recordado delas – ou sequer as notado – se seu coração estivesse em Nethercoats.

Mas isso tudo não significa nada. Você é outra vez uma mulher livre; e eu outra vez lhe peço para ser minha esposa. Ambos estamos mais velhos do que quando nos amamos antes, e ambos estamos sujeitos a pensar no matrimônio sob uma luz diferente. Naquela época, o amor pessoal que sentíamos um pelo outro estava, em sua maior parte, em nossos pensamentos. Deus me livre que não esteja em nossos pensamentos agora! Talvez eu esteja me enganando quando digo que ele está mais agora do que qualquer outra coisa, mas ambos alcançamos o ponto na vida onde é provável que, diante de qualquer proposta de casamento, deveríamos pensar mais agora na adaptabilidade que temos um com o outro do que

antes. Quanto a mim, eu sei que há muito em meu caráter e disposição que fazem de mim um marido impróprio para uma mulher de índole comum. Você conhece o meu estilo de vida, e sabe quais são as minhas esperanças e chances de sucesso. Eu corro um grande risco de falhar. É possível que eu encontre ruína onde procuro por reputação e por uma carreira honrosa. As chances talvez apontem mais para a ruína do que para o sucesso, mas, seja lá quais forem as chances, eu seguirei em frente enquanto os meios de continuar lutando estiverem à minha disposição. Se você fosse a minha esposa amanhã, eu esperaria usar o seu dinheiro, se fosse preciso, na batalha para conquistar um assento no Parlamento e uma audiência lá. Eu nem me dignarei a esclarecer que não estou lhe pedindo em casamento pelo seu dote; mas, se você se tornasse minha esposa, eu esperaria toda a cooperação – do seu dinheiro, possivelmente, e do seu espírito mais caloroso, certamente.

E agora, mais uma vez, Alice – querida Alice, quer se casar comigo? Eu fui punido e aceitei a punição alegremente – como nunca aceitei antes. Você não pode acusar o meu amor. Desde a época em que me sentava com o braço ao redor da sua cintura, nunca mais coloquei o braço em outra cintura. Desde a época em que seus lábios eram meus, nenhum outro lábio me foi tão querido. Desde a época em que era minha conselheira, eu não tive mais nenhuma outra conselheira – a não ser a pobre Kate, cujo desejo de que finalmente nos casemos só não é tão sincero quanto o meu próprio. Eu não acredito que você duvidará da minha contrição. Tal contrição, de fato, não pode reivindicar mérito, pois foi apenas o resultado natural da perda que sofri. A Providência, desde então, foi-me muito bondosa no sentido de não fazer essa perda ser irremediável pelo seu casamento com Mr. Grey. Eu desejo que pense muito bem na questão, e que me diga se pode, ou não, perdoar-me e ainda me amar. Por acaso seria imodesto dizer que sinto que duvido do seu perdão quase tanto quanto duvido do seu amor?

Pense em todas as coisas que acompanham esse pedido antes de me responder. Eu estou tão ansioso para que pense nisso, que só esperarei uma resposta daqui a uma semana. Dificilmente é sua vontade passar pela vida sem se casar. Devo dizer que é essencial à sua ambição juntar seu dote ao de um homem cuja natureza das aspirações é semelhante à sua. Foi por essa natureza faltar àquele, cujo pedido de casamento você aceitou, que se sentiu obrigada a se separar dele. Por acaso não é verdade que, conosco, não haveria tal diferença? É por crer que combinamos um com o outro neste aspecto, como homem e mulher raramente combinam, que novamente lhe peço para ser a minha esposa.

Esta carta a alcançará em Vavasor Hall, onde você estará agora com Kate e o velho lorde. Eu não disse nada a ela sobre a escrita desta mensagem. Se, por acaso a sua resposta for a que almejo, usaria a oportunidade do nosso novo noivado para tentar me reconciliar com o meu

avô. Ele me compreendeu mal e me maltratou, mas estou pronto para perdoá-lo, se ele me permitir. Em tal caso, você e Kate resolveriam isso, e eu iria, se possível, até Vavasor Hall enquanto está aí. Eu, todavia, estou tolamente colocando a carroça à frente dos bois ao fazer tais planos, e contando com o êxito enquanto a palha da minha cesta é tão frágil. Uma única palavra sua decidirá se levarei, ou não, a cesta ao mercado.

Se a palavra for adversa, não fale sobre um encontro entre mim e o lorde. Sob tais circunstâncias, seria impossível. Mas, oh, Alice! Não permita que seja adversa. Acho que você me ama. Seu orgulho feminino para mim foi grandioso, bom e apropriado, mas ele já causou aquilo que pretendia, e, se você me ama, precisa ensiná-lo a sucumbir.

Cara Alice, quer ser a minha esposa?

*Seu e, de qualquer forma, afetuosamente,
George Vavasor”.*

Ao terminar, Vavasor voltou ao seu assento diante da lareira, e lá permaneceu com a carta na mão por quase uma hora. Uma ou duas vezes a passou entre os dedos, coçando-se para atirá-la ao fogo. Ele segurou as pontas entre o indicador e o polegar, balançando a mão para frente, na direção das chamas, como se quisesse que a carta escapasse e perecesse, se assim o acaso decidisse. Mas o acaso não decidiu assim, e a carta foi recolocada sobre a mesa ao lado do cotovelo. Então, quando a hora se aproximou do fim, ele a releu. “Aposto em dois para um que ela cederá”, pensou, enquanto devolvia o papel ao envelope. “Mulheres são tão indubitavelmente tolas”. Então, ele pegou a vela, levando a carta consigo, e foi até seu quarto.

A manhã seguinte foi véspera de Natal. Por volta das nove horas, um menino entrou no aposento pronto para receber as ordens do dia.

— Jem — ele chamou o menino. — Há meia-coroa perto do espelho.

Jem olhou em direção ao espelho e notou a presença da meia-coroa.

— Está virada para a cara ou para a coroa, Jem? — perguntou o mestre do menino.

Jem estudou a moeda e declarou que a superfície superior mostrava a coroa.

— Então, leve a carta e a poste — disse George Vavasor.

Jem catou a carta sem fazer perguntas, pouco pensando nas condições sob as quais o comando fora dado, e a postou. Em devido acordo com as regulamentações postais, a mensagem alcançou Vavasor Hall e foi entregue a Alice na manhã de Natal.

Na presente ocasião, George Vavasor não foi contemplado por um feliz Natal. Ele recebeu um presente prematuro na forma de um bilhete escrito às pressas pelo seu amigo Burgo:

“Este bilhete lhe será trazido por Stickling”, a nota dizia; mas quem Stickling era, Vavator não fazia ideia. “Contraí a dívida. Pode pegar o dinheiro e me enviar? Não quero voltar à cidade até resolvê-la. Você é um bom chapa e fará o melhor que puder. Não aceite menos de 120 do patife. Seu amigo, B.F.”

Vavator, não tendo nada melhor para fazer, foi, portanto, passar a manhã de Natal negociando com Mr. Magruin.

— Oh, Mr. Vavator — espantou-se Magruin. — Essa realmente não é uma manhã para fazer negócios!

— O tempo e a maré não esperam por ninguém, Mr. Magruin, e o meu amigo quer o dinheiro dele para amanhã.

— Oh, Mr. Vavator, para amanhã?!

— Sim, amanhã. Se o tempo e a maré não esperarem, nenhum deles poderá amar. Venha, Mr. Magruin, tire o seu talão de cheques e vamos parar de lenga-lenga.

— Mas a dama está garantida, Mr. Vavator? — perguntou Magruin, ansiosamente.

— Damas nunca estão garantidas — rebateu Vavator. — Ao contrário das dívidas contraídas com agiotas. Não vou esperar o dia todo. Vai dar o dinheiro a ele?

— No dia de Natal, Mr. Vavator?! Não há como pegar dinheiro na cidade hoje.

Antes de partir, contudo, Vavator pegou o dinheiro com Mr. Magruin – 122 libras e dez xelins – pelos quais um aceite de 500 libras a serem pagas em dois meses foi dado em troca – e o levou triunfantemente.

— Diga a ele para ser pontual — pediu Mr. Magruin, quando Vavator foi se retirando. — Eu gosto quando os jovens são pontuais, mas realmente acho que Mr. Fitzgerald é o jovem mais inconfiável que já conheci na vida.

— Acho que sim — respondeu George Vavator, enquanto ia embora.

Ele fez a sua ceia de Natal em absoluta solidão num restaurante próximo aos seus alojamentos. Era de se supor que nenhum homem ousaria jantar em seu próprio clube no dia de Natal. Ele, de qualquer forma, não ousava – e, após a ceia, perambulou pelas ruas, perguntando-se como poderia suportar as amarras de uma vida de casado. A mesma monotonia entorpecente perdurou por uma semana, durante a qual ele aguardou, com paciência, pela resposta à sua carta. Antes do fim daquela semana, a resposta chegou.

CAPÍTULO 31

ENTRE AS COLINAS ROCHOSAS

Alice desceu para tomar café naquela manhã de Natal em Vavasor Hall sem fazer qualquer menção à carta que recebera. O grupo na casa consistia em seu avô, seu pai, sua prima Kate, e ela mesma. Todos trocaram seus cumprimentos natalinos como de costume, e Alice recebeu e deu os dela sem demonstrar qualquer sinal de que algo havia acontecido para perturbar sua paz. Kate comentou que recebera notícias de tia Greenow naquela manhã, e prometeu mostrar a carta a Alice após o desjejum. Alice, no entanto, não disse uma palavra sobre a sua própria carta.

— Por que sua tia não veio participar da nossa ceia de Natal? — perguntou o lorde.

— Talvez porque o senhor não a tenha chamado — ponderou Kate, aproximando-se do avô, uma vez que o velho era um pouco surdo.

— E por que você não a chamou? Isto é, se é que ela se interessa em visitar a sua velha casa.

— Não, eu não poderia ter feito isso sem a sua permissão, senhor. Nós, Vavasors, nem sempre gostamos de nos encontrar.

— Dobre a língua, Kate. Sei o que quer dizer, e você deveria ser a última a falar sobre isso. Alice, minha querida, venha se sentar perto de mim. Sinto-me muito grato por você ter vindo de tão longe para ver o seu velho avô no Natal. Eu só queria que tivesse trazido notícias melhores quanto ao seu pretendente.

— Não demorará para ela repensar a questão, senhor — disse o pai.

— Papai, não deveria dizer isso. O senhor não iria querer que eu me casasse indo contra o meu próprio julgamento.

— Parece que não entendo muito de julgamentos femininos — comentou o velho. — Sempre achei que quando uma dama fazia uma promessa, ela a mantinha.

— Seguindo esse raciocínio, se fosse noiva e descobrisse que meu futuro marido é um assassino, eu ainda teria de me casar com ele — Kate defendeu.

— Mas Mr. Grey não é um assassino — rebateu o lorde.

— Por favor... Por favor, parem de falar sobre isso — pediu Alice. — Se continuarem, não conseguirei ficar aqui escutando.

— Eu já desisti de falar qualquer coisa sobre o assunto — pontuou John Vavasor, como se tivesse gastado horrores de sua eloquência paternal. Ele, porém, nunca disse mais do que aquilo que foi registrado nestas páginas. Alice, durante esta conversa, encontrava-se com a carta do primo no bolso, e ainda nem sequer havia começado a pensar sobre qual seria a natureza da sua resposta.

O lorde de Vavasor Hall era um homem robusto de rosto vermelho e ferozes olhos cinzentos; também tinha longos cabelos grisalhos, e uma barba grisalha e áspera que lhe davam a aparência de um leão velho. Ele era impetuoso, impulsivo e especialmente impaciente com qualquer oposição; mas também era afetuoso, disposto a perdoar se o perdão lhe fosse pedido, altruísta e hospitaleiro. O velho era, além disso, guiado estritamente por regras, as quais considerava regras da razão. O seu neto George o ofendera profundamente – ofendera-o e nunca pedira o seu perdão. Ele estava convencido de que tal perdão jamais poderia ser concedido, a não ser que fosse pedido quase de joelhos; mas, ainda assim, este neto seria o seu herdeiro. Essa era a sua presente intenção. O direito da primogenitura não poderia, de acordo com a sua teoria, ser revogado mesmo diante do fato de que não estava, no caso de George Vavasor, protegido por lei. O lorde poderia deixar Vavasor Hall para quem bem desejasse, mas ele sabia que não descansaria em paz em seu túmulo se a deixasse para qualquer outra pessoa que não fosse o filho mais velho do seu próprio filho mais velho. Ainda que fosse rude, e até severo, era mais propenso ao amor do que à fúria; e embora ninguém ao seu redor ousasse mencionar seu neto, ele, mesmo assim, sentia em seu coração a ânsia por uma oportunidade de reconciliação.

O grupo todo foi à igreja na manhã de Natal. A pequena igreja paroquial de Vavasor, uma modesta estrutura de madeira com um único sino que podia ser ouvido badalando a dois ou três quilômetros além das colinas rochosas, erguia-se solitária a cerca de 800 metros dos portões do lorde. A igreja de Vavasor era uma paróquia situada no terreno intermediário entre as montanhas da região lacustre e as planícies. As terras eram estéreis, secas e pobres, e possuía pouca ou nenhuma da beleza que os turistas viajavam para ver. Todas elas ficavam entre as charnecas e eram muito deprimentes. Havia um longo cerco de pinheiros escuros ao redor de uma parte da propriedade do lorde, e nos fundos da casa existia um grosso bosque de abetos, que se estendia até o topo daquilo que lá era chamada de Beacon Hill. Passando por Beacon Hill, havia uma caminhada íngreme que levava às charnecas, onde surgia uma trilha que cruzava a montanha até Haweswater e Naddale, estendendo-se por muitos quilômetros até as belezas posteriores de Bowness e Windermere. Aqueles que conheciam a região, e cujas pernas prestavam, poderiam encontrar alguns dos maiores cenários da Inglaterra ao alcance de um passeio partindo de Vavasor Hall; mas para outras pessoas, o lugar era bastante desolado. Quanto a mim, não sei que charme existe em perambular por uma charneca aberta e singela. Imagino que o charme exista na suavidade da grama sob os pés, e na frescura do ar para os pulmões, do que em qualquer outra coisa que se enxergue. Você

poderia caminhar por quilômetros e quilômetros rumo ao nordeste, leste ou sudeste de Vavasor Hall sem encontrar um objeto sequer que capturasse sua vista. A grande estrada de Lancaster até Carlisle cruzava a periferia da pequena paróquia a uma distância de cerca de um quilômetro e meio da igreja; para além disso, as colinas rochosas pareciam intermináveis. Em direção ao norte, elas ascendiam, e em direção ao sul, caíam; ascendiam e caíam bem gradualmente. Aqui e ali a rápida aparição de um vale, que surgira em razão da ação das águas, poderia ser testemunhada; mas tais interrupções de terreno eram insignificantes e insuficientes para quebrar a implacável uniformidade das perpétuas charnecas.

A vida cotidiana em Vavasor Hall era melancólica o suficiente para alguém como o filho do próprio lorde, que considerava Londres o único lugar na superfície da Terra em que um homem poderia viver confortavelmente. As charnecas não lhe ofereciam charme, e ele pouco apreciava os confortos caseiros de Vavasor Hall; pois a casa, apesar de aquecida, era antiquada e pequena, e o cozinheiro do lorde era quase tão velho quanto o próprio lorde. As visitas de John Vavasor à casa do pai eram sempre impelidas por dever ao invés de prazer, mas esse não era o caso de Alice. Ela era capaz de se sentir muito contente com Kate ali; pois, assim como ela, Kate gostava de caminhar e amava as montanhas. O respeito que sentiam uma pela outra crescera e se fortalecera porque ambas haviam atravessados rios e charnecas juntas, e porque ambas tratavam obstáculos como lama e umidade, que espantavam tantas moças das belezas da natureza, com indiferença.

No dia do Natal, todos eles foram à igreja. O lorde foi acompanhado por Alice em um veículo conhecido na Irlanda como “carruagem de passeio interna” – e que, possivelmente, é o tipo mais desconfortável de veículo já inventado –, enquanto John Vavasor foi andando com a sobrinha. As garotas, todavia, haviam combinado de passearem, logo após a igreja, subindo até Beacon Hill e passando pelas colinas rochosas em direção a Haweswater. Eles sempre ceavam em Vavasor Hall no vexatório horário das cinco; mas, como o culto, incluindo o sacramento, só terminaria após o meio-dia e, como o almoço era uma refeição da qual o lorde não participava, elas teriam quatro horas completas para aproveitarem a excursão. Tudo isso havia sido planejado antes de Alice receber a carta, mas não existia nenhuma palavra nela que a faria mudar de ideia quanto ao passeio.

— Alice, minha querida — chamou o velho, conforme eram transportados na carruagem de passeio —, você precisa se casar.

O lorde tinha uma audição ruim, e em qualquer condição, uma carruagem de passeio interna seria um péssimo local para se confabular, pois os nossos dentes estão sempre pulando para fora da

cabeça a cada trote que o cavalo dá. Alice, portanto, ficou em silêncio, mas sorriu debilmente em resposta ao avô. Ao retornarem da igreja, ele insistiu que Alice o acompanhasse novamente, dizendo que pretendia, em especial, ter uma conversa com ela.

— Minha querida criança, estive pensando muito em sua pessoa. Você precisa se casar — ele perseverou.

— Bom, senhor, talvez eu me case algum dia.

— Não se brigar com todos os seus pretendentes — contestou o velho. — Você brigou com seu primo George, e agora brigou com Mr. Grey. Você nunca se casará, minha querida, se continuar neste caminho.

— Por que eu deveria me casar mais do que Kate?

— Oh, Kate! Não sei se há alguém que queira se casar com Kate. Espero que pense no que eu lhe disse. Se você não se casar logo, talvez nunca se case. Os cavalheiros não aturarão esse tipo de coisa para sempre.

As duas moças levaram uma fatia de bolo na mão e iniciaram o passeio.

— Não conseguiremos chegar ao lago — concluiu Kate.

— Não — concordou Alice. — Mas podemos ir até a grande pedra em Swindale Fell, onde podemos nos sentar e apreciá-la.

— Lembra-se da última vez que nos sentamos lá? — perguntou Kate. — Já se passaram quase três anos, e foi então que me contou que tudo estava terminado entre você e George. Lembra-se de como fui tola e de como berrei de tristeza? Às vezes fico espantada comigo mesma e com minhas tolices. Como é que eu nunca me interessei assim pelos meus próprios assuntos? E depois, ficamos ensopadas na volta para casa.

— Lembro-me muito bem disso.

— E como estava escuro! Isso foi em setembro, mas ceamos mais cedo. Se formos até Swindale, vai estar muito escuro na viagem de volta — mas não me incomode de passar por Beacon Wood, porque conheço o caminho muito bem. Você não ficará com medo de enfrentar meia hora de escuridão, ficará?

— Oh, não — tranquilizou Alice.

— Sim, lembro-me bem daquele dia. Bom, foi melhor assim, eu suponho. E agora, devo ler para você a carta da minha tia.

Então, enquanto ainda estavam no bosque, Kate pegou a carta da tia e a leu, conforme subiam a colina lentamente. Parecia que, até agora, nenhum dos dois pretendentes haviam convencido a viúva. De fato, ela continuava a escrever sobre Mr. Cheesacre como se o cavalheiro estivesse inconsolável com a partida de Kate, e a dar à sobrinha conselhos muito sérios quanto à possibilidade de retornar a Norfolk e assegurar um marido tão apropriado.

— Você já deve estar cansada de saber, Alice — ironizou Kate, pausando a leitura da carta. — O caro Mr. Cheesacre jamais me deu espaço para ter a menor das esperanças, e disse sei com a mesma certeza de que ele a pede em casamento duas vezes por semana — isto é, sempre que é dia de mercado. Você não entenderá metade da graça da piada se não se lembrar disso.

Alice prometeu que se lembraria de tudo e Kate continuou a ler. O pobre Bellfield estava trabalhando duro em seu posto, Mrs. Greenow prosseguiu narrando; tão duro que, às vezes, ela achava que a fadiga seria demais para suas forças. Ele a visitava certas noites para tomar uma xícara de chá — geralmente nas segundas-feiras e quintas-feiras.

— Estes são os dias em que o mercado de Norwich está fechado — explicou Kate. — Desta forma, encontros desagradáveis são evitados.

“Ele chega”, contou Mrs. Greenow, “e toma um pouco de chá. Às vezes, penso que vai desmaiar aos meus pés”.

— De que ele sempre se ajoelha perante ela, e repete o seu pedido duas vezes por semana, eu não tenho a menor dúvida — declarou Kate.

— Será que ela vai finalmente aceitá-lo?

— Eu realmente não sei o que pensar. Às vezes, imagino que ela gosta da diversão da coisa, mas também é muito atenta para se submeter ao poder de um homem. Não tenho dúvidas de que ela empresta dinheiro, porque ele tristemente precisa, e porque ela é muito generosa. Ela dá dinheiro a ele, tenho certeza, mas registra cada xelim num recibo carimbado. Isso é a cara dela.

A carta seguiu informando que sua autora havia decidido permanecer em Norwich durante o inverno e a primavera, e que desejava ansiosamente que sua querida Kate voltasse para ela. “Venha dar outra olhada em Oileymead”, a carta dizia, “então, se decidir que não gosta da casa ou dele, nunca mais pedirei que pense neles. Acredito que ele é um sujeito muito honesto”.

— Já conheceu uma mulher assim? — indagou Kate. — Apesar de todos os seus defeitos, acredito que ela atravessaria fogo e água para me ajudar. Penso que até me emprestaria dinheiro sem um recibo carimbado.

Logo, a carta de tia Greenow foi guardada e as moças alcançaram o campo aberto.

Era uma manhã deliciosa para uma caminhada invernal. O ar estava límpido e frio, mas não congelante. O solo sob os pés delas estava seco, e o céu, ainda que não estivesse brilhando, possuía aquela aparência perseverante que não agourava chuva. Há uma luz de inverno especial muito clara, embora desprovida de brilho, que ilumina bem os traços de todos os objetos que se enxergam, e sob a

qual quase todas as formas da natureza parecem graciosas à vista, se não lindas. Há, todavia, uma certa melancolia que sempre a segue. É a luz vespertina que fornece amostra da veloz aproximação do crepúsculo prematuro. Ela ilustra a brevidade do dia e contém, até em sua limpidez, a promessa das trevas noturnas. É uma luz absoluta, mas que parece conter a escuridão que a acompanhará. Eu não sei se é possível notá-la e senti-la tão plenamente nas vastas charnecas, onde a vista se estende por quilômetros, e onde se veem, no fim do mundo, as fracas linhas baixas das distantes nuvens se movendo no horizonte. Tal era a luz da tarde de Natal, e ambas as moças sentiram seus efeitos antes de alcançarem a grande pedra em Swindale Fell, onde pretendiam observar a beleza de Haweswater. Conforme atravessavam o bosque, alguns risos foram trocados graças à carta de tia Greenow. Elas discutiram, quase às gargalhadas, os méritos de Oileymead e Mr. Cheesacre; mas, enquanto avançavam pelas charnecas, a meia-melancolia da desolação do lugar começou a envolvê-las; as palavras foram ficando menos leves e, depois de um tempo, elas pararam de falar.

Alice ainda tinha a sua carta no bolso. Ela a colocara lá ao descer para tomar café da manhã, e a carregara desde então. A moça ainda não decidira se a responderia ou não, e nem se a mostraria a Kate. Kate sempre fora considerada por ela uma amiga constante. Em todas essas questões, ela conversava abertamente com Kate. Sabemos que Kate a traiu em partes, mas Alice não suspeitava de tal traição. Ela constantemente discutia com Kate, mas não por causa de qualquer pecado cometido contra a lealdade da amizade. Ela acreditava perfeitamente na prima, ainda que frequentemente discordasse dela quase agressivamente. Por que ela não deveria mostrar a carta a Kate e discutir todos os seus aspectos antes de enviar uma resposta? Este pensamento povoava a sua mente enquanto caminhava lentamente pelas colinas rochosas.

Diante disso, os leitores suspeitarão que ela já estava meio inclinada a ceder, e unir o seu destino ao do primo George. Lamentavelmente, sim! Os leitores estão corretos em suas suspeitas. Apesar disso, não era amor que a impelia a correr esse risco tão terrível. Se assim fosse, acho que seria mais fácil perdoá-la. Ela estava começando a achar que o amor – o amor pelo qual ela tanto tivera consideração certa vez – não importava. De que esse amor servira, e para onde a levaria? O que o amor fizera por sua amiga Glencora? O que o amor havia feito por ela? Por acaso ela não amara John Grey e sentira, com todo o amor, que uma vida com ele seria desagradável? Teria sido impossível a ela se casar com um homem de quem pessoalmente desgostava; mas ela gostava do seu primo George – ou pelo menos o bastante, Alice disse a si mesma quase indiferentemente.

Considerando-se tudo, atualmente aquela era uma tarefa penosa para ela – isso de fazer alguma coisa de sua vida. Por acaso não havia sido tudo fútil e em vão? Quanto aos sonhos com as alegrias do amor que a moça costumava ter, nada restara, pois partiram do seu sono para nunca mais voltar. Como ela poderia agora se fazer útil – útil de modo que recompensasse a sua ambição –; essa era a questão que a ela agora parecia ter a maior das importâncias.

A carta do primo havia sido escrita com muito engenhosidade. Ele produzira um estudo completo do caráter dela enquanto a redigia. Quando George se sentou para escrever, sentiu-se indiferente ante o resultado; mas escrevera com o cuidado para obter êxito que um homem usa quando está ansioso para não falhar numa tentativa. Se ele se importava ou não em se casar com a prima era, para George, um ponto tão desinteressante, que o acaso possivelmente decidiria em seu lugar; mas quando o acaso decidira que ele queria o casamento, tornara-se necessário à sua honra obter aquilo pelo qual se dignara a pedir.

A carta dele para ela fora escrita com inteligência e muita engenhosidade. “Pelo menos ele me faz jus”, ela pensou consigo ao ler a parte que mencionava seu dinheiro, e o uso que George pretendia fazer dele. “Ele é bem-vindo para pegar tudo se isso vai ajudá-lo em sua carreira, seja meu amigo ou meu marido”. Então, pensou na promessa do pequeno pé-de-meia de Kate e declarou para si mesma que não seria menos nobre do que a prima Kate. Além disso, não seria bom se ela fosse a catalisadora da reconciliação entre George e o avô? George era o sucessor da família – de uma família tão antiga, que ninguém mais sabia quem havia sido o primeiro a tomar o antigo sobrenome do velho terratenente saxão – a paróquia ou o homem. Antigamente, houvera alguns dignos Vavaseurs, que era como Chaucer^[62] os chamava, cujos títulos e importâncias haviam sido adotados na região das charnecas. Alice pensara muito nessas coisas, e sentira que era seu dever agir; que o futuro dos Vavasors deveria ter tanta importância no mundo quanto aqueles que já haviam falecido. Em poucos anos, George Vavator se tornaria o Vavator de Vavator Hall. Não seria certo ela ajudá-lo a fazer desta uma posição honrada?

Continuaram em frente, trocando algumas palavras pontuais, até que as distantes montanhas de Cumberland começaram a se revelar belas cordilheiras diante delas.

— Ali está Helvellyn, enfim — apontou Kate. — Sempre fico feliz quando a vejo.

— E aquele não é o Kidsty Pike? — perguntou Alice.

— Não, não dá para ver o Kidsty ainda, mas o veremos quando subirmos naquele banco acolá. Ali está Scaw Fell à esquerda – é aquela do pico distante e redondo. Consigo distingui-la, embora eu

duvide que você consiga.

Então, elas prosseguiram mais uma vez, e logo chegaram ao banco onde o pontiagudo pico da montanha que Alice havia mencionado se tornou visível.

— Agora, chegamos a Swindale e, em cinco minutos, alcançaremos a pedra.

Em menos de cinco minutos, alcançaram-na; e então, mas não antes disso, a beleza do pequeno lago, que jazia abaixo delas no tranquilo coração das colinas, revelou-se. Um lago, penso eu, deve ser pequeno e visto de cima para que possa ser apreciado em toda a sua glória. A distância deve possibilitar que as sombras das montanhas em sua superfície possam ser observadas, e que um leve sinal das ondulações das águas possa ser perceptível aos olhos. A forma do lago deve ser irregular, curvando-se a partir da sua base entre as colinas mais baixas, e cada vez mais fundo em um recanto próximo entre as montanhas onde jaz a sua nascente. É assim que um lago deve ser visto, e foi assim que Haweswater foi visto por elas da pedra achatada no flanco de Swindale Fell. A bacia do lago adquirira o formato do número 3, e a parte superior dessa figura encontrava-se cercada pelas mais ermas montanhas de Westmoreland. No total, não tinha mais do que cinco quilômetros de extensão, e cada ponto poderia ser visto do local onde as garotas estavam se sentando. A água abaixo estava tão imóvel e sombria quanto a morte – parecendo quase igualmente fria. Entretanto, as lentas nuvens passavam acima dele, e as sombras de escuridão em sua superfície mudavam gradualmente; e ainda que nenhum movimento fosse visível, de vez em quando, era possível ver, em certos pontos do lago, ligeiros reflexos de luz, que indicavam uma ondulação provocada pela brisa.



— Sinto-me tão feliz por ter vindo até aqui — disse Alice, sentando-se. — Eu não poderia suportar a ideia de visitar Vavasor Hall sem ver ao menos um dos lagos.

— Algum dia iremos até Windermere — ponderou Kate.

— Acho que não. Não acho que seja possível que eu fique por tanto tempo. Kate, eu tenho uma carta para lhe mostrar.

Kate notou algo no tom da voz da prima que instantaneamente a deixou em alerta. Ela também se sentou e estendeu a mão para pegar a carta.

— É de Mr. Grey? — ela perguntou.

— Não, não é de Mr. Grey — respondeu Alice, entregando a mensagem à amiga.

Antes de tocá-la, Kate percebeu que era do seu irmão George e, enquanto a abria, olhou ansiosamente para o rosto de Alice.

— Ele a ofendeu? — Kate indagou.

— Leia — pediu Alice. — Conversaremos a respeito depois, na volta para casa.

Então, ela se levantou da pedra e deu uns dois passos na direção do cume da colina, onde abaixou a vista para observar o lago enquanto Kate lia a carta.

— Então? — ela falou, quando voltou ao seu lugar.

— Então... — começou Kate. — Alice, Alice, será, de fato, prudente se o escutar. Oh, Alice, será que devo ter esperanças? Alice, minha cara Alice, minha querida, minha amiga! Diga que devo.

Kate caiu aos pés de Alice sobre a urze e levantou a cabeça para encarar a face da prima com os olhos cheios de lágrimas. O que dizer de uma mulher que era capaz de ser tão falsa quanto ela foi e, ao mesmo tempo, tão verdadeira?

Alice não deu resposta imediata, mas, diante do cenário lacustre, continuou a observar a amiga aos seus pés.

— Alice... — prosseguiu Kate. — Não achei que me sentiria tão feliz neste Natal. Não me diga que me trouxe aqui, e mostrou esta carta, pedindo-me para lê-la tão calmamente, só para me falar que ele a escreveu em vão. Não, você não faria uma coisa dessas, faria? Alice, estou tão feliz. A partir de agora vou amar este lugar. Eu o odiava antes.

Ela, então, levou o rosto até a pedra e a beijou. Ainda assim, Alice não disse nada, mas começou a sentir que havia ido mais longe do que pretendia. Era quase impossível agora dizer que a sua resposta para George seria uma recusa. Kate, então, voltou a falar.

— Mas não é uma carta linda? Diga, Alice, não é uma carta da qual você, se fosse irmã dele, sentiria orgulho se outra moça lhe mostrasse? Eu me sinto orgulhosa dele. Sei que é um homem de coração e coragem viris, e que ainda fará muitas coisas viris. Aqui, nas montanhas, sem ninguém por perto para nos escutar, e com a natureza ao nosso redor, eu lhe pergunto, esperando a resposta solene de uma mulher: você o ama?

— Se o amo?! — espantou-se Alice.

— Sim. Você o ama? Uma mulher deveria amar seu marido. O seu coração não é dele? Alice, não precisa haver mentiras agora. Se assim for, você deveria se sentir gloriosa por falar isso, aqui, para mim, enquanto segura essa carta na mão.

— Eu não posso ter tal glória, Kate. Eu amei o meu primo, mas não tão apaixonadamente quanto você parece pensar.

— Então não pode haver paixão em você.

— Talvez não, Kate. Algumas vezes torço para que seja o caso. Mas venha, vamos chegar tarde; e você vai sentir frio se ficar sentada aqui.

— Eu ficaria sentada aqui a noite toda para garantir que a sua resposta fosse aquela que desejo escutar. Mas, Alice, de toda forma, precisa me contar qual será a sua resposta antes de irmos. Sei que não vai recusar o pedido dele; mas faça-me feliz ao proferir estas palavras com os seus próprios lábios.

— Eu não posso lhe dizer antes de irmos, Kate.

— E por que não?

— Porque eu ainda não me decidi.

— Ah, isso é impossível; bastante impossível. Sobre um assunto como esse, e sob circunstâncias como essas, uma mulher precisa se decidir rapidamente. Você se decidiu, eu sei, antes de ter lido metade da carta – embora, talvez, não ache apropriado admitir.

— Você está bastante enganada. Venha. Vamos andar e eu contarei tudo.

Kate levantou-se, e elas deram as costas para o lago, iniciando a volta para casa.

— Eu ainda não decidi qual será a resposta que darei a ele; mas lhe mostrei essa carta para ter alguém com quem conversar francamente. Eu sabia muito bem o que aconteceria, e que você me apressaria para fazer uma promessa imediata.

— Não, não. Eu não desejo nada dessa natureza.

— Ainda assim, não pude me negar o conforto da sua amizade.

— Não, Alice, eu não vou apressá-la. Não farei nada que não queira, mas não pode ficar surpresa por eu me sentir deveras ansiosa. Esse, por acaso, não é o grande desejo da minha vida? Por acaso não passei o tempo tramando, planejando e pensando em tudo isso até não ter mais tempo para pensar em outra coisa? Você sabe o quanto sofri quando, por culpa de George, o noivado foi rompido? Não foi um martírio para mim a horrível época em que o seu homem culto de Cambridgeshire esteve em ascensão? Por acaso não sofri as torturas do purgatório enquanto essa situação perseverava – mas, mesmo assim, não as suportei com paciência? E, agora, vai dizer que ficou surpresa por eu estar louca de alegria ao perceber que tudo acabará como

desejei; pois tudo acabará como desejei, Alice. Talvez ainda não tenha decidido aceitar o pedido dele, mas você o teria recusado imediatamente se essa fosse a resposta destinada à sua carta.

Pouco mais foi dito entre elas sobre o tema enquanto atravessavam as colinas rochosas, mas, conforme desciam o caminho através de Beacon Wood, Kate voltou a falar.

— Não vai responder a ele sem antes falar comigo, não é? — perguntou Kate.

— De modo algum enviarei a mensagem sem lhe contar — tranquilizou Alice.

— E você me deixará lê-la?

— Não — respondeu Alice. — Isso não prometo. Mas se for imprescindível, eu a mostrarei a você.

— Então, jamais a verei — disse Kate aos risos. — Mas já é o bastante para mim. Eu, de modo algum, criticarei as doces palavras de amor com as quais você dirá a ele que todas as ofensas foram perdoadas. Sei o quão doces elas serão. Oh, céus! Como o invejo!

Então, elas chegaram em casa e o velho foi recebê-las na porta de entrada, encarando-as carrancudamente com seus velhos olhos leoninos, porque o bife assado já estava assado. Em sua mão, repousava o seu velho e rústico relógio de prata, que estava sempre 15 minutos adiantado. O lorde apontou para ele irritadamente, mostrando-lhes que o ponteiro do minuto marcava dez minutos após a hora.

— Mas vovô, o seu relógio está sempre adiantado — defendeu-se Kate.

— E você está sempre atrasada, senhorita — rebateu o faminto lorde.

— Na verdade, nem são cinco horas ainda, são, Alice?

— E quanto tempo vocês demorarão para se vestir?

— Nem dez minutos, não é, Alice? E vovô, por favor, não nos espere.

— Não esperar?! É o que elas sempre dizem — murmurou com pirraça. — Como se fosse apropriado esperar depois que a carne é servida...

Mas nem Kate e nem Alice ouviram isso, pois já estavam em seus quartos.

Nada mais foi falado entre Alice e Kate sobre a carta naquela noite; mas, enquanto dava boa noite à prima por trás da porta do quarto, Kate disse só mais uma coisa para ela.

— Peça a Deus por ele esta noite — ela pediu. — Assim como clama por aqueles que mais ama.

Alice não respondeu, mas devemos crer que ela fez o que lhe foi pedido.

CAPÍTULO 32

CONTENDO UMA RESPOSTA À CARTA DE AMOR

A Alice foram concedidos sete dias para escrever a sua resposta; mas ela a enviou antes que a semana terminasse.

— Por que eu deveria mantê-lo no suspense? — ela indagara. — Se esta é a minha decisão, não faria bem não responder logo de uma vez.

Ela também concluiu que, se este seria seu destino, seria melhor se todas as dúvidas de Mr. Grey sobre a questão fossem desfeitas. Ela o tratara mal; muito mal. Ofendera-o tão gravemente que a lembrança da ofensa lhe seria eternamente fonte de tormento; mas Alice devia a ele, acima de tudo, uma explicação sobre as suas intenções uma vez que se decidisse. Ela tentou se consolar, refletindo que a ferida dele seria simples de curar. “Ele também não tem paixão”, pensou. Contudo, ao dizer isso a si mesma, ela estava se enganando. Ele era um homem cujo amor poderia conter muita paixão – e era, além disso, um homem cujo amor dificilmente poderia ser recuperado.

Todas as manhãs, Kate perguntava se a resposta havia sido escrita. No terceiro dia depois do Natal, pouco antes do jantar, Alice revelou que a escrevera e que já a enviara.

— Mas hoje não é dia de correio — falou Kate, uma vez que os correios passavam por Vavasor Hall três vezes por semana.

— Dei seis pence a um menino para levá-la a Shap — respondeu Alice, corando.

— E o que você disse? — perguntou Alice, segurando o braço da prima.

— Eu mantive a minha promessa — explicou Alice. — E você mantenha a sua ao não me fazer mais perguntas.

— Minha irmã – a minha própria irmã — celebrou Kate. E então, conforme Alice retribuía o seu abraço, não houve mais dúvidas quanto à natureza da resposta.

Depois disso, houve, obviamente, discussões muito mais reservadas sobre os próximos passos a serem tomados. Kate queria que sua prima escrevesse imediatamente para Mr. Grey, e ficou um pouco amedrontada quando Alice recusou a ideia até receber outra carta de George.

— Você não propôs a ele nenhuma condição horrível, não é? — exclamou Kate.

— Não sei o que você entende por condições horríveis — disse Alice, gravemente. — As minhas condições não foram muito difíceis, e não creio que você as desaprovava.

— Mas e ele?! Ele é tão impetuoso! Será que ele as desaprovará?

— Falei para ele... Ora, Kate, isso é exatamente o que eu não queria contar a você.

— Por que deveria haver segredos entre nós? — questionou Kate.

— Que não haja nenhum, então. Falei para ele que não posso me casar imediatamente — que ele deve me conceder 12 meses para superar, se isso for possível nesse meio-tempo, muito da tristeza e da autorrecriinação que recaíram sobre mim.

— 12 meses, Alice?

— Ouça, eu falei isso, mas também avisei que, se ainda assim ele me quiser, direi imediatamente a papai e ao vovô que me considero sua noiva; assim, George saberá que estou comprometida com ele tanto quanto possível. Eu adicionei mais uma coisa, Kate — ela fez uma breve pausa antes de prosseguir. — Uma coisa que eu posso lhe contar, ainda que não possa contar a mais ninguém, porque é o que você faria, e o que fará. Disse a ele que qualquer parte do meu dinheiro está a serviço dele, caso seja necessário aos seus propósitos, antes que os 12 meses terminem.

— Oh, Alice! Não, não. Não deve fazer isso. É muita generosidade.

Kate talvez tenha sentido, naquele instante, que o seu irmão era um homem a quem tal oferta dificilmente deveria ser feita com tanta confiança.

— Mas já está feito. Mercury, com os seis pence no bolso, já está postando minha generosidade em Shap. E, para falar a verdade, Kate, não é mais do que justo. George foi honesto ao me contar que, enquanto o velho lorde viver, vai querer o meu dinheiro para ajudá-lo em sua carreira — o que eu mais do que aprovo. Tem sido meu desejo mais sincero vê-lo no Parlamento, e agora será o desejo mais sincero do meu coração — a única coisa pela qual sentirei intensa ansiedade. Como eu poderia ter a cara de lhe pedir para esperar por 12 meses por aquilo que lhe será especialmente necessário em seis? Seria como os abrigos que demoram tanto para dar o pão que, enquanto isso, os miseráveis passam fome.

— Mas o miserável não passará fome — determinou Kate. — Meu dinheiro, por menor que seja, vai carregá-lo nesta empreitada. Eu disse a George que ele pode pegá-lo, e que espero que o gaste. Além disso, não tenho dúvidas de que tia Greenow me emprestará o que ele desejar.

— Mas não desejo que você pegue um empréstimo com tia Greenow. Ela daria o dinheiro, como você mesma disse, num papel carimbado, e sempre falaria sobre isso.

— Ele terá o meu — declarou Kate.

— E quem é você? — perguntou Alice, rindo. — Você será a esposa dele?

— Ele não tocará no seu dinheiro até que você se torne a esposa dele — exprimiu Kate, muito seriamente. — Eu queria que mudasse de ideia quanto a esse prazo estúpido e entediante de um ano. Então, você poderia fazer como bem quisesse. Não tenho dúvidas de que um acordo será feito quanto a esta propriedade, assim que meu avô souber de tudo, uma vez que isso a protegerá totalmente.

— E você acha que me importo em estar, como você disse, protegida totalmente? Kate, minha querida, você não me entendeu.

— Suponho que não. Ainda assim, achei que lhe compreendesse um pouco.

— É justamente por não ligar para a proteção que mencionou que irei me tornar a esposa do seu irmão. Você acha que não sei que vou correr grande risco?

— Você prefere a empolgação de Londres à tranquilidade, digamos, de Cambridgeshire.

— Exato. Eu disse a George, portanto, que ele terá o meu dinheiro quando quiser.

Kate persistiu em sua objeção a tal plano até a resposta de George chegar. A resposta dele a Alice veio acompanhada de uma carta para a irmã. Após ler a sua, Kate nada mais disse sobre a questão do dinheiro. Ela nada mais disse na ocasião, mas não devemos supor que se sentiu menos determinada a proteger a fortuna de Alice do sacrifício que seu irmão requisitava, antes que Alice se tornasse esposa dele. A carta do seu irmão, no entanto, freou a sua boca momentaneamente; ela precisava falar com ele antes de conversar novamente com Alice.

É necessário que os leitores saibam com quais palavras Alice escreveu o seu consentimento, para que o conflito da ocasião seja entendido; elas, todavia, serão reveladas assim que discutirmos a situação em que George Vavasor se encontrava quando as recebeu. A resposta de George foi muito curta e, ao que parecia, bem franca. Ele desaprovou o atraso de 12 meses, e se mostrou esperançoso de convencê-la a ser mais leniente. Ele a aconselhou a escrever para Mr. Grey de uma vez – e quanto ao lorde, ele deu a Alice *carte blanche*^[63] para fazer o que quisesse. Se o lorde requisitasse algum tipo de satisfação, expressão de arrependimento, pedido de perdão, ou algo assim, ele, George, iria, sob tais circunstâncias que agora existiam, concordar com a requisição de bom grado. Ele consideraria isso uma mera formalidade necessária para a realização do seu casamento. Quanto ao dinheiro de Alice, ele a agradeceu calorosamente pela confiança dela. Se a natureza de sua vindoura contenda em Chelsea provasse que era preciso, ele o usaria tão francamente quanto fora seu pedido. Este foi o conteúdo de sua carta para Alice. Sobre o que havia na carta dele para Kate, Alice nunca soube.

Então, chegou a hora de revelar essa nova história de amor – era a terceira vez que a pobre Alice era forçada a fazer tal apresentação ao pai e ao avô – e que tarefa penosa. Quanto a esta questão, Alice temeu o seu pai mais do que o seu avô e, portanto, resolveu contar ao avô primeiro – ou melhor, decidiu que contaria ao lorde, e que, enquanto isso, Kate contaria ao pai dela.

— Vovô — ela chamou, na manhã seguinte à chegada da segunda carta do primo.

O velho havia contraído o hábito de tomar café da manhã sozinho em um aposento próprio, que era chamado de quarto de vestir, mas no qual não mantinha quaisquer vestes. No lugar delas, havia uma vasta coleção de escardilhos, varas e bridões de cavalos. Uma pá quebrada, e uma ou duas enxadas podiam ser vistas; uma pequena mesa no canto estava coberta com resquícios de faturas de compras em Penrith, e de papéis imundos que estava acostumado a chamar de “contas da fazenda”.

— Vovô — Alice repetiu, apressando o assunto do qual queria tratar. — O senhor me disse dias atrás que achava que eu deveria me casar.

— Disse, minha querida? Oh, sim, eu disse; quis dizer com aquele Mr. Grey.

— Isso é impossível, senhor.

— Então para que veio falar comigo sobre isso?

Isso dificultou a tarefa de Alice, mas, ainda assim, ela perseverou.

— Eu vim, vovô, para lhe contar sobre outro noivado.

— Outro?! — ele se surpreendeu. E pelo tom da sua voz, estava claro que acusava a neta de ter mais pretendentes na vida do que qualquer outra jovem. Foi bem difícil para Alice, mas, mesmo assim, ela prosseguiu.

— O senhor sabe que, há muitos anos, eu estava para me casar com o meu primo George — ela começou, para, então, fazer uma pausa.

— E? — disse o velho.

— E eu me lembro que o senhor falou que ficou muito feliz.

— Fiquei. George estava indo bem na época, ou – o que é mais provável – nos fez acreditar que estava indo bem. Você se juntou a ele novamente?

— Sim, senhor.

— Então foi por isso que abandonou Mr. Grey, não foi?

Pobre Alice! É difícil explicar o quão forte foi o golpe que sentiu diante da franca elocução daquela palavra! De todas as palavras na linguagem, aquela era a que mais detestava. Ela havia se chamado de abandonadora com aquela voz inaudível que uma pessoa usa para se culpar – mas, até então, os lábios dela não haviam proferido a odiosa

palavra aos seus ouvidos. Pobre Alice! Ela era uma abandonadora; e talvez tivesse sido melhor o velho lorde dizer isso a ela.

— Vovô! — exclamou; e havia algo em sua voz que amoleceu o coração do lorde.

— Ora, minha querida. Eu não quis ser perverso. Então, você finalmente se casará com George, não é? Espero que ele a trate bem; isso é tudo. O seu pai aprovou?

— Eu contei primeiro ao senhor, pois desejo obter o seu consentimento para ver George novamente aqui como seu neto.

— Nunca! — retorquiu o velho, rosnando. — Nunca!

— Se ele se enganou, pedirá o seu perdão.

— Se ele se enganou?! Por acaso ele não queria desperdiçar cada xelim da propriedade – que nunca pertenceu a ele –, da propriedade que eu poderia repassar a Tom, Dick ou Harry amanhã, se quisesse? Se ele se enganou?!

— Não o estou defendendo, senhor, mas achei que, talvez, numa ocasião como esta...

— Uma ocasião extremamente tola! Você tem seu próprio dinheiro, e ele vai gastar tudo.

— É menos provável que ele o faça se o senhor o reconhecer como herdeiro. Pode acreditar, senhor; ele não é mais o tipo de homem que costumava ser.

— Ele deve ser um tipo muito esperto de homem, eu penso, por tê-la convencido a deixar um marido como John Grey. É espantoso para mim, especialmente por causa daquela fuça horrorosa dele! Bom, minha querida, se o seu pai aprovar, e se George pedir o meu perdão, mas creio que ele jamais o pedirá...

— Ele pedirá, senhor. Eu sou a mensageira dele nesta questão.

— Oh, é mesmo? Então, também seja minha mensageira para ele, e diga-lhe que, por sua causa, eu permitirei que ele volte aqui. Sei que ele me insultará no primeiro dia; mas tentarei suportar – por você, minha querida. É claro que preciso saber qual é a opinião do seu pai neste assunto.

Deve-se imaginar que o sucesso de Kate foi bem menor do que aquele que Alice conquistou.

— Eu sabia — declamou John Vavasor quando a sobrinha lhe revelou, e conforme falava, acertou a mesa com o punho. — Eu soube o tempo todo o que aconteceria.

— E por que não deveria ser assim, tio John?

— Ele é o seu irmão, e eu não lhe direi o porquê.

— O senhor acha que ele é um gastador?

— Eu acho que ele é o homem mais perigoso que já conheci a ser confiado com a felicidade de uma moça. Isso é tudo.

— O senhor está sendo duro com ele, tio.

— Talvez. Diga isso a Alice por mim: já que nunca fui capaz de fazê-la considerar a minha opinião nesses assuntos, não espero ser capaz de induzi-la a fazer isso agora. Nem sequer vou tentar. Eu não aceitarei George Vavasor como genro. Diga isso a Alice.

Alice foi comunicada sobre a mensagem do pai, mas Kate não sentiu o menor remorso ao repassá-la. Ela sabia muito bem que Alice não voltaria atrás em sua presente intenção por desejo do pai – e nem teria sido muito sensato se ela o fizesse. O pai dela havia, por muitos anos, se liberado do fardo da responsabilidade paternal; agora, dificilmente tinha qualquer direito de reivindicar os privilégios de um pai.

Agora, vamos viajar uma vez mais até os aposentos de George Vavasor, em Cecil Street, onde recebeu a carta de Alice. Ele estava se vestindo quando a mensagem lhe foi trazida; quando reconheceu a caligrafia, largou-a sobre o toucador sem abri-la. Ele a largou e seguiu penteando o cabelo, como se determinado a provar a si mesmo que se sentia indiferente quanto às notícias que a carta trazia. Ele continuou se penteando e escovando os dentes, amarrando o seu lenço de pescoço cuidadosamente sobre o colarinho dobrado, enquanto a carta fechada repousava perto da mão. É claro que ele estava pensando nela – é claro que estava ansioso –, é claro que seu olho escapava para espiá-la de instante em instante, mas ele a levou consigo até a sala de estar ainda fechada, e assim ela permaneceu até que a aia lhe trouxesse chá e torradas.

— E agora... — falou, jogando-se na poltrona. — Vejamos o que a garota do meu coração tem a me dizer.

E a garota do coração dele disse-lhe o seguinte:

“*MEU CARO GEORGE,*

Sinto grande dificuldade em responder sua carta. Se fosse pela minha vontade, eu não a responderia no presente, mas apenas daqui a seis meses, para que, assim, tal resposta pudesse ser dada diante das circunstâncias apropriadas. Isso será um pouco lisonjeiro para você, mas menos lisonjeiro para mim mesma. Independentemente da resposta que eu der, como qualquer aspecto desta questão poderia ser lisonjeiro para você ou para mim? Comportamo-nos como crianças que brigaram por causa de um jogo, até que, ao fim do nosso pequeno dia de prazeres, fomos obrigados a nos encontramos em lágrimas, e admitirmos que procuramos prazeres onde eles não existiam.

Kate, que está aqui, fala comigo sobre um amor apaixonado. Não sobrou tal paixão em mim; e nem, penso, em você. Não seria possível que você e eu ficássemos juntos sob estas condições. Não podemos ser marido e mulher, carregando a esperança de um casamento feliz, a não ser que ambos concordemos que essa felicidade poderia brotar sem um amor

apaixonado.

Perceberá, diante disso, que não recuso a sua oferta. Sem a paixão, tenho por você uma afeição calorosa que me proporciona um interesse mais espirituoso em sua carreira do que em qualquer outro assunto que me cerca. É claro que, se eu me tornar a sua esposa, esse interesse continuará profundo e caro; e acredito que possa receber de braços abertos a preocupação que uma esposa deveria possuir no tocante aos assuntos do marido.

Se lhe for conveniente, tornar-me-ei sua esposa – mas não imediatamente. Eu sofri demais com os conflitos passados da minha vida, e me culpei muito ao longo desse tempo. Sei que me comportei mal. Às vezes, preciso me submeter à dupla e amarga autorrecreinação de ter me comportado de uma maneira que o mundo não chamaria de “apropriado para uma mulher”. Você precisa entender que não passei por isso ilesa, e imploro que me conceda um tempo para me curar. Uma cura perfeita eu jamais esperarei, mas acho que em 12 meses, terei recuperado o meu espírito e paz mental de sempre, que permitirão que eu me devote à sua felicidade. Caro George, se me aceitar sob tais condições, serei a sua esposa e me esforçarei para cumprir o meu papel fielmente.

Eu falei que, mesmo agora, apenas como prima, sinto um espirituoso interesse em sua carreira – é claro que quero dizer a sua carreira política – e, sobretudo, em suas esperanças de ingressar no Parlamento. Eu entendi, acertadamente, acho, o que disse sobre a minha fortuna, e aprecio perfeitamente a sua sinceridade e franqueza. Sei, além disso, que sua necessidade de obter a ajuda dos meus dotes é imediata, ao invés de potencial. O meu dinheiro pode acabar sendo absolutamente necessário para você ainda este ano, durante o qual, como lhe expliquei sinceramente, não posso me tornar uma mulher casada. O meu dinheiro, porém, possui natureza mais flexível do que eu. Acredite que sou franca quando digo que, o que precisar para os seus propósitos políticos, lhe será concedido ao simples comando. Caro George, deixe-me ter a honra e a glória de me casar com um homem que conquistou um lugar no Parlamento da Grã-Bretanha! De todas as posições que um homem pode obter, para mim, esta é a maior de todas.

Eu esperarei por uma nova carta sua antes de falar com o meu pai ou com o meu avô. Se puder me dizer que concorda com minhas condições, tentarei imediatamente iniciar uma reconciliação entre você e o lorde. Acho que isso será quase mais fácil do que induzir o meu pai a ver o nosso casamento com bons olhos. Mas creio que é desnecessário dizer que, mesmo que qualquer um deles se oponha – ou ambos – isso não me demoverá do meu propósito.

Também espero por uma resposta sua para escrever uma última carta a Mr. Grey.

Sua afetuosa prima,

Após ler a carta, George Vavasor a rebolou sem o menor cuidado sobre a mesa do café da manhã e começou a mastigar sua torrada. Ele a jogou descuidadamente, como se sentisse certo orgulho de sua despreocupação.

— Muito bem — ele disse. — Que assim seja. É provável que essa seja a melhor coisa que eu possa fazer, independentemente de como isso a afete.

Então, ele pegou o jornal, mas, antes que o dia findasse, fez muitos planos – quase inconscientemente – acerca dos benefícios resultantes da oferta que Alice fizera sobre sua fortuna; antes do fim da noite, ele escreveu a resposta para ela, cujo conteúdo já ouvimos, e outra carta para a sua irmã Kate, cujo conteúdo Kate guardou para si mesma.

CAPÍTULO 33

Quando o ano virou, lady Glencora viu-se impossibilitada de manter o seu compromisso na casa de lady Monk. Ela foi ao Castelo Gatherum, e vamos torcer para que tenha gostado da magnífica hospitalidade natalina do duque; mas, quando chegou a hora de visitar Monkshade, ela se sentiu indisposta, e Mr. Palliser foi sozinho. Lady Glencora retornou a Matching e permaneceu em casa, na companhia das duas senhoritas Pallisers, durante a ausência do marido.

Quando a notícia de que lady Glencora não deveria ser aguardada chegou a Monkshade, Burgo Fitzgerald já se encontrava lá, armado com o auxílio pecuniário que George Vavasor tinha conseguido arrebatado das mãos de Mr. Magruin.

— Burgo — chamou a sua tia, flagrando-o saindo do quarto numa certa manhã, quando estava prestes a descer as escadas em seus trajes de caça. — Burgo, o seu velho amor, lady Glencora, não virá.

— Lady Glencora não virá?! — exclamou Burgo, traindo-se, ao mostrar pelo semblante e pelo tom da sua voz que, claramente, tal mudança no propósito da dama casada possuía, para ele, mais importante do que deveria. Lady Monk, no entanto, possivelmente não deu muita importância para tal traição.

— Não, ela não virá. Agora, isso já não deve ter mais importância para você.

— Mas, pelos céus, tem! — ele rebateu, colocando a mão na testa, e se encostando contra a parede do corredor, como se estivesse desesperado. — Tem muita importância para mim. Eu sou o diabo mais infeliz que já viveu.

— Tenha vergonha, Burgo! Você não deve falar assim sobre uma mulher casada. Começo a achar que é até melhor que ela não venha.

Neste momento, outro homem usando botas com esporas desceu o corredor, e lady Monk sorriu docemente, proferindo alguma palavra bonita enquanto ele passava. Burgo não abriu a boca; continuou encostado contra a parede, com a mão na testa e evidenciando que havia escutado algo que o abalara profundamente.

— Volte para o seu quarto, Burgo — aconselhou a tia, enquanto os dois iam até a porta mais próxima — lady Monk estivera de vigia, e o flagrou quando ele surgiu no corredor. — Se isso lhe perturba, guarde para si mesmo! O que as pessoas diriam?

— O que me importa o que elas diriam?

— Mas você não quer prejudicá-la, quer? Eu achei melhor contar a você por medo de que demonstrasse qualquer sinal de surpresa se descobrisse em público. Você é muito fraco por se permitir ter tais sentimentos por uma mulher casada. Se não consegue se controlar,

ficarei receosa em deixar que a veja em Brook Street.

Burgo olhou por um momento para o rosto da tia sem responder, e então se virou em direção à porta.

— Faça o que quiser quanto a isso — ele desabafou. — Mas você sabe tão bem quanto eu que já me convenci do que farei.

— Bobagem, Burgo. Eu não sei de nada. Enfim, desça para tomar o café da manhã, e mude essa cara quando for se misturar com as pessoas.

Lady Monk era, agora, uma mulher de cerca de 50 anos que possuía muita beleza, e que ainda era bonita para a sua idade avançada. Ela tinha uma bela figura; era alta e de boas proporções, ainda que, de modo algum, estivesse perto de possuir um corpo que o nosso excelente amigo e crítico americano, Mr. Hawthorne,^[64] descreveu como “carnudo”, declarando ser, esta, a condição geral das damas inglesas na idade de lady Monk. Lady Monk não era carnuda. Ela era graciosa, bonita, elegante e dona de uma boa postura – era uma mulher por quem, quanto à sua aparência exterior, a Inglaterra sentiria orgulho – e por quem Sir Cosmo Monk sentia muito orgulho. Ela provinha da família dos Fitzgeralds de Worcestershire, conhecida por nunca possuir um membro que não fosse bonito e digno. Se observasse lady Monk, você dificilmente acharia que ela é uma mulher indigna; mas havia uma ou duas pessoas que clamavam conhecê-la, e que declaravam que ela era uma verdadeira descendente da família a qual pertencia; que até a ampla fortuna do seu marido sofrera com a sua extravagância; que ela havia brigado com o seu único filho; e que tivera sucesso em casar a sua filha com o maior tolo do pariató. Ela se esforçara bastante para realizar o casamento entre o sobrinho e a grande herdeira, e era uma mulher que raramente perdoava aqueles que estragavam seus planos.

Naquele instante, Burgo teve toda a certeza de que a tia estava ciente do seu propósito, e não conseguiu perdoá-la por fingir inocência. Neste aspecto, ele estava sendo bastante ingrato, bem como insensato – além de muito indiscreto. Se fosse um homem que refletisse sobre as coisas, ele teria entendido que uma mulher como a tia só poderia ajudá-lo enquanto fosse vista como alguém ignorante às suas intenções. Burgo, contudo, jamais parava para refletir. Os Fitzgeralds jamais refletiam até que se aproximassem mais da casa dos 40 do que dos 30. A partir daí, as pessoas passavam a pensar muito pior sobre eles do que no passado.

Quando Burgo chegou à sala de jantar, havia muitos homens, mas nenhuma dama. Sir Cosmo Monk, um elegante homem careca e robusto de cerca de 60 anos, estava de pé perto do lousado, cortando um grande pedaço de torta. Ele também era um homem que não refletia muito, mas que se esforçava para se manter em linha reta na

vida sem muitas reflexões.



— Palliser vem sem ela — ele comentou em alto e bom som, ignorando o sobrinho da sua esposa. — Ela disse que ficou doente.

— Que lástima — lamentou um homem. — Ela é a melhor da dupla.

— Ela é uma pessoa duas vezes melhor do que Planty Pall — opinou outro.

— Planty não é tolo, eu asseguro — afirmou Sir Cosmo, sentando-se à mesa com o seu prato cheio de torta. — Achamos que ele é o camarada mais promissor que temos.

Sir Cosmo era o representante do seu condado e membro do Partido Liberal. Certa vez, quando fora bem mais jovem, trabalhara no Tesouro e, desde então, falava sobre o governo Whig como se tivesse alguma participação nele.

— Burgo, soube que Palliser está vindo sem a esposa? — perguntou um homem; alguém muito jovem que pouco sabia sobre as circunstâncias do caso. Os outros, quando viram Burgo entrar, ficaram em silêncio sobre lady Glencora.

— Eu soube, e ele que se dane — retorquiu Burgo.

Houve um súbito silêncio no aposento e todos pareceram ansiosos para se concentrar em suas refeições. Fora terrível a clara expressão de raiva diante da menção à esposa de outro homem! Burgo ignorou o seu prato e o seu copo, enfiando as mãos nos bolsos das calças, e se sentou na cadeira, exibindo em seu cenho a escuridão de uma nuvem trovejante.

— Burgo, é melhor tomar o seu café da manhã — apontou Sir Cosmo.

— Eu não quero nenhum café da manhã.

Ele, todavia, pegou um pedaço de torrada e o esmigalhou na mão enquanto colocava um bocado maior na boca e ia ao lousado para encher o seu copo com licor de cereja.

— Se não vai comer nada, quanto menos você beber disso, melhor — aconselhou Sir Cosmo.

— Eu estou bem — ele respondeu, voltando à mesa para ensaiar uma espécie de refeição com um pãozinho francês e uma xícara de chá.

Aqueles que estavam presentes na ocasião, mais tarde disseram que jamais se esqueceriam daquele café da manhã. Houvera alguma coisa, eles juraram, na voz de Burgo quando ele xingou Mr. Palliser que fez todos tremerem. Também houvera, eles disseram, uma escuridão no rosto dele, tão terrível de se ver, que extirpara dos presentes qualquer vontade de conversarem. Quando quebrou o silêncio agourento, Sir Cosmo o fez com grande esforço. O alto tintilar dos copos que Burgo usara para engolir sua bebida, como se estivesse decidido a mostrar que não dava a mínima para quem o visse bebendo, só aumentava a sensação. Pode ser facilmente imaginado que não houve mais nenhuma conversa à mesa do café da manhã sobre Planty Pall e a sua esposa.

Naquele dia, Burgo Fitzgerald assustou todos que o viram cavalgar enlouquecidamente. Mais cedo naquele dia, não houvera desculpas para tal ato de imprudência. Os cães foram de mata em mata, e os homens partiram em patrulhas ao longo dos flancos da floresta, como fazem em tais ocasiões. Burgo, por outro lado, foi visto enfiando seu cavalo em lugares impraticáveis, enquanto saltava por portões e cercas, de modo que parecia decidido a fazer uma arte com si mesmo e com o equino do seu tio. O comportamento era tão evidente que um amigo comentou com Sir Cosmo a respeito.

— Não posso fazer nada — explicou Sir Cosmo. — Ele é um homem que não será controlado pelas palavras de ninguém. Alguma coisa o perturbou esta manhã, e ele precisava esgotar essa energia até ficar calmo.

Durante a tarde, houve uma boa perseguição, e Burgo, uma vez mais, cavalgou o seu cavalo o mais agressivamente que pôde – mas, na ocasião, houve uma boa desculpa para fazê-lo, pois cavalgar em linha reta não é tão perigoso quanto costuma ser quando as circunstâncias não permitem. Seja como for, Burgo chegou ao fim do dia sem sofrer acidentes, e conforme voltavam para casa, ele garantiu a Sir Cosmo, com um tom de voz que era quase alegre, que a sua égua Solteirona era, de longe, a melhor coisa nos estábulos de Monkshade. De fato, Solteirona causou uma grande impressão naquele dia, e foi vendida no fim da temporada por 300 guinéus por sua força. Eu me sinto, entretanto, inclinado a acreditar que não havia nada de especial sobre a égua. Os cavalos normalmente contraem o temperamento de seus cavaleiros, e quando um homem deseja quebrar o pescoço, ele geralmente descobre que seu cavalo está disposto a auxiliá-lo em

aparência, mas a salvá-lo na performance. De qualquer modo, Burgo não quebrou o pescoço e compareceu à mesa de jantar com um humor melhor do que aquele que exalava pela manhã.

No dia combinado, Mr. Palliser chegou a Monkshade. Ele encontrava-se, de certa forma, angariando apoio ao Partido Liberal, e não teria sido adequado demonstrar qualquer indiferença ao convite de um homem tão influente quanto Sir Cosmo. Sir Cosmo possuía um pequeno partido próprio na Câmara, contendo outros quatro ou cinco cavalheiros respeitáveis do campo, que poucos esforços faziam em assuntos que exigiam reflexão, e que, em sua maioria, eram carecas. Sir Cosmo era um homem por quem era bastante necessário a um aspirante como Mr. Palliser ser benquisto. Assim sendo, Mr. Palliser foi a Monkshade, embora lady Glencora não tivesse podido acompanhá-lo.

— Lamentamos tanto — contou lady Monk. — Estávamos mais ansiosos para ter lady Glencora conosco do que qualquer outra coisa.

Mr. Palliser explicou que a própria lady Glencora estava inconsolável diante da impossibilidade de fazer uma visita tão especial. Ela, todavia, se sentira tão mal em Gatherum, o ansioso marido narrou, que seria arriscado sair de casa novamente.

— Espero que não seja nada sério — declarou lady Monk, com um semblante de tristeza tão bem formado que qualquer estranho teria pensado que todos os Pallisers eram muito queridos ao seu coração.

Mr. Palliser continuou relatando que lady Glencora, lastimavelmente, comportara-se tolamente. Durante uma dessas noites congelantes, ela havia ido passear entre as ruínas de Matching, para mostrá-las ao luar a uma amiga. A amiga havia sido tola e não demonstrara a mínima consideração ao permitir, de modo bastante repreensível, Mr. Palliser determinou, que lady Glencora permanecesse nas ruínas até pegar um resfriado.

— Que errado! — exclamou lady Monk, com considerável ênfase.

— Foi muito errado — concordou Mr. Palliser, falando sobre a pobre Alice quase maliciosamente. — Todavia, o resfriado que ela pegou infelizmente piorou quando chegou à casa do meu tio. Então, fui obrigado a levá-la para casa.

Lady Monk compreendeu que Mr. Palliser realmente deixara a esposa para trás porque acreditava que ela estava doente, e não porque tinha medo de Burgo Fitzgerald. Uma mulher tão realizada quanto lady Monk sentiu que, sem dúvida, a ausência da esposa seria causada por um medo do marido, e não por um resfriado qualquer contraído em um passeio nas ruínas ao luar. Ela, entretanto, percebeu que Mr. Palliser fora enganado. Como ela estava correta neste raciocínio, devemos voltar alguns dias e explicar o que houve entre

eles em Matching, após Alice Vavasor partir do lugar.

Alice havia dito a Miss Palliser que passos deveriam ser dados, qualquer que fosse o preço, para salvar lady Glencora dos perigos de uma visita a Monkshade. Com isso, Miss Palliser concordara, e, quando deixou Alice, sentiu-se determinada a contar a história toda a Mr. Palliser. Entretanto, quando a hora da verdade chegou, faltou-lhe coragem. Ela não conseguiu encontrar as palavras para alertar o primo de que a esposa dele não estaria a salvo na companhia do seu antigo amor. Já a tarefa que tinha, no tocante à própria lady Glencora, por pior que fosse, seria mais fácil, e ela, enfim, foi cuidar da tarefa – não sem sucesso.

— Glencora — ela chamou, quando encontrou a oportunidade apropriada. — Não ficará com raiva, espero, se eu lhe contar uma coisa, não é?

— Isso depende muito do que seria essa “coisa” — respondeu lady Glencora.

E aqui, deve ser esclarecido que a esposa de Mr. Palliser não havia feito muito para se entrosar com as primas dele – não tanto, talvez, quanto deveria, uma vez que elas eram hóspedes da casa do seu marido. Ela havia se acostumado a pensar que elas eram duras, rígidas e orgulhosas demais por carregarem o nome dos Pallisers. Talvez uma tentativa tenha sido feita por uma ou ambas para ensiná-la alguma coisa, e creio que seja desnecessário dizer que tal tentativa da parte de uma parente solteira do seu marido, não seria perdoada pela jovem esposa. Ela havia, certamente, se comportado de maneira descortês; disso, Miss Palliser estava bastante ciente.

— Bom, tentarei fazer com que essa “coisa” seja o menos desagradável possível — disse Miss Palliser, já percebendo completamente a dificuldade da sua tarefa.

— Mas para que dizer uma coisa desagradável? Enfim, se ela precisa ser dita, que seja dita de uma vez.

— Você está de partida para Monkshade, eu creio, com Plantagenet.

— Bom... E o que tem de mais?

— Cara Glencora, acho que é melhor você não ir. Não concorda comigo?

— Com quem você falou? — indagou Glencora, adotando um tom ríspido.

— Com ninguém – ou pelo menos não nesse sentido que você imagina.

— Plantagenet falou com você?

— Nem uma palavra — disse Miss Palliser. — Tenha certeza de que ele não diria uma palavra sobre isso a ninguém, a não ser a você. Mas, cara Glencora, você não deveria ir até lá – digo isso com todo

amor e carinho; essa é a verdade.

Ao falar isso, ela ofereceu a mão a Glencora, e Glencora a tomou.

— Talvez seja — ela disse numa voz baixa.

— De fato, é. O mundo é tão difícil e cruel nas coisas que diz.

— Eu não ligo para o que o mundo tem a dizer.

— Mas o seu marido pode ligar.

— Não é minha culpa. Eu não quero ir a Monkshade. Lady Monk foi minha amiga certa vez, mas não me importo se nunca mais a vir. Eu não arranjei essa visita. Foi Plantagenet quem o fez.

— Mas ele não vai levá-la lá se disser que não quer ir.

— Eu disse, e ele me falou que devo ir. Você provavelmente não vai acreditar em mim, mas cheguei ao ponto de contar a ele por que eu deveria me manter afastada. Ele me disse, em resposta, que essa é uma tolice que devo superar, e que eu não deveria ter medo de nenhum homem.

— É claro que você não está com medo, mas...

— Eu estou com medo. Essa é a simples verdade. Eu estou com medo — mas o que mais posso fazer além do que já fiz?

Ouvir aquilo foi terrível para Miss Palliser. Ela não havia achado que lady Glencora falaria tanto, e sentiu um real arrependimento de ter provocado tais palavras que, juntas, quase formavam uma confissão. Mas, quanto a isso, não havia mais nada a se fazer. As duas não trocaram tantas palavras depois disso, e já sabemos qual foi o resultado da conversa. Lady Glencora ficou tão doente graças aos efeitos de seu imprudente passeio entre as ruínas, que ficou impossibilitada de ir a Monkshade.

Mr. Palliser permaneceu três dias em Monkshade e consolidou sua aliança política com Sir Cosmo praticamente da mesma forma que fizera com o duque de St. Bungay. Nada ou quase nada foi dito sobre política e, certamente, nenhuma palavra que pudesse ser interpretada como um entendimento partidário definitivo entre os homens; mas eles se sentaram para cear juntos na mesma mesa, beberam uma ou duas taças de vinho da mesma licoreira, e jogaram uma palavra pontual aqui e acolá sobre a próxima sessão do Parlamento. Eu não sei dizer se algo mais era esperado por Mr. Palliser ou por Sir Cosmo, mas, quando Mr. Palliser partiu, todos compreenderam que Sir Cosmo havia formado a opinião de que o jovem descendente de casa ducal se tornaria o futuro chanceler do Tesouro no governo Whig.

— Eu não consigo ver muita coisa nele — admitiu um jovem membro do Parlamento a Sir Cosmo.

— Mesmo assim, prefiro pensar que há — afirmou o baronete. — Há muita coisa nele, eu acredito! Ouso dizer que ele não é muito brilhante, mas não sei se brilhantismo é o que queremos. Um especialista em finanças brilhante é o homem mais perigoso do

mundo. Já tivemos a nossa cota disso. Prefiro alguém com um senso comum são; que seja tagarela apenas o suficiente para dizer o que tem a dizer! Não desejamos mais do que isso hoje em dia.

Com isso, ficou evidente que Sir Cosmo estava satisfeito com seu novo candidato político a um alto cargo.

Lady Monk aproveitou a ocasião para apresentar Mr. Palliser a Burgo Fitzgerald – com qual objetivo, é difícil dizer, a não ser que estivesse ansiosa a causar uma travessura entre os homens. Burgo fez cara feia, mas Mr. Palliser não notou a carranca, e estendeu a mão para o seu derrotado rival afavelmente. Burgo foi obrigado a apertá-la e, conforme fazia o gesto, murmurou breves palavras.

— Lamento termos sido privados do prazer de ver lady Glencora com o senhor — ele falou.

— Ela, infelizmente, sentiu-se indisposta — explicou Mr. Palliser.

— Sinto muito por isso — respondeu Burgo. — Sinto muito mesmo.

Então, virou as costas e se afastou. Tanto as palavras que ele havia proferido, quanto a maneira como havia se comportado foram propositalis para que todos ao redor as percebessem. Todos sabiam que o nome de lady Glencora não deveria existir na boca de Burgo, e todos sentiram um medo, que não poderia ser facilmente explicado, de que alguma coisa terrível resultaria disso. Mr. Palliser, contudo, não pareceu notar nada, ou sentir medo de nada; e nada de terrível resultou daquela ocasião durante a sua visita a Monkshade.

CAPÍTULO 34

MR. VAVASOR CONVERSA COM SUA FILHA

Alice Vavasor retornou a Londres com o pai, deixando Kate em Vavasor Hall com o avô. A jornada não foi agradável. Mr. Vavasor sabia que era o seu dever fazer alguma coisa – tomar alguma atitude, tendo em vista impedir o casamento que sua filha cogitava. Ele não sabia o quê, mas sabia que, o que quer que fosse, sua realização seria desagradável do começo ao fim. Quando saíram de Vavasor Hall, ele ainda não havia conversado muito com ela sobre o assunto.

— Não posso parabenizá-la — ele simplesmente dissera.

— Espero que chegue o tempo em que o senhor o faça, papai — Alice respondera; e isso foi tudo.

O lorde prometera que concordaria com uma reconciliação com o neto se o pai de Alice se mostrasse satisfeito com o proposto matrimônio. John Vavasor certamente não havia se mostrado satisfeito com nada dessa natureza.

— Para mim, ele não presta — ele admitira ao avô de George. — Eu prefiro que quase qualquer outra calamidade a acometa a vê-la unida a ele.

Então, o lorde, com sua teimosia habitual, tomou as dores do neto, e tentou provar que o casamento não teria um resultado tão ruim quanto o seu filho parecia esperar.

— Serviria bem à propriedade — ele explicara. — Eu deixaria os bens para o filho mais velho deles, de modo que ele mesmo não pudesse tocá-los; além disso, ele tem tanta capacidade de redenção quanto qualquer outro homem.

John Vavasor afirmou que George era completamente mau; um aventureiro. Acreditava que o sobrinho era um homem arruinado e que nunca se redimiria. Diante disso, o lorde ficou bastante irritado e, assim, George conquistou apoio e assistência da velha Vavasor Hall – o que ele certamente não tinha o direito de esperar. Quando Alice deu adeus ao avô, o velho pediu que ela entregasse uma mensagem ao neto.

— Diga-lhe que nunca mais o verei, a não ser que me peça perdão pela péssima conduta que demonstrou diante de mim — ele orientou. — E que, se ele se casar com você, cuidarei para que a propriedade seja devidamente herdada pelo filho de vocês. Sempre me sentirei feliz em vê-la, querida, e por você, eu o verei se ele demonstrar humildade.

Naquele momento, nenhuma palavra sobre o consentimento do pai dela foi dita, e Alice, quando deixou Vavasor Hall, sentiu que o lorde era mais seu amigo do que inimigo no tocante à que contemplava. Que seu pai era e seria um inimigo inflexível –

inflexível, mas, provavelmente, nada energético – ela sabia muito bem. A jornada até Londres, portanto, não foi confortável.

Alice chegara à conclusão, sentindo grande tristeza, que, neste assunto, não devia obediência ao pai. “Não pode haver obediência de um sem a proteção e o apoio do outro”, ela pensou consigo. Era bem verdade que John Vavasor fizera pouco para proteger ou apoiar a filha. Tempos atrás, antes de Alice morar sob o mesmo teto que ele em Londres, Mr. Vavasor, de certo modo, havia lavado as mãos para as preocupações da filha, e como não possuía nenhum outro laço familiar, criara hábitos que praticamente impossibilitavam que vivesse com ela como qualquer outro pai viveria com a filha. Então, quando perceberam que não conseguiriam compartilhar a mesma casa com os mesmos hábitos, ele deu a desculpa a si mesmo de que Alice era diferente de outras moças, e que não precisava de proteção; ela tinha uma fortuna própria e à sua própria disposição. A sua personalidade não exibía qualquer propensão a lançar o fardo de tal disposição sobre os ombros do pai. Alice também era firme, e nada predisposta a aventuras que poderiam obrigar o seu pai a vigiá-la de perto. Ela era uma moça, ele pensara, que ficaria bem sem qualquer vigilância – bem, ou até melhor. Então, no fim das contas, Alice se tornou a senhora de suas próprias ações, e foi deixada em paz para aproveitar a vida ao máximo. Não pode ser suposto que ela tenha feito as suas refeições solitárias em Queen Anne Street, noite após noite, semana após semana, mês após mês, sem dizer a si mesma que o seu pai a estava negligenciando. Ela não conseguia dar sentido ao fato de que ele passava todas as noites com a sociedade, mas nenhuma noite em sua companhia, sem sentir que o laço entre eles não era tão forte quanto aquele que geralmente unia um pai à sua criança. Ela sabia bem que estava sendo maltratada ao ser deixada desolada em casa. Alice nunca reclamou; mas aprendeu, sem perceber que estava aprendendo, a cimentar a sua decisão de que seu pai não iria guiá-la em sua vida. Quanto a John Grey, ambos tiveram a mesma opinião por um tempo, e Mr. Vavasor acreditara que a sua teoria sobre Alice estivera bastante correta. Ela havia sido deixada em paz, e se arranjara de uma maneira que não poderia ser mais apropriada. Agora, todavia, dias malignos jaziam no horizonte, e Mr. Vavasor, conforme viajava a Londres com a filha ao seu lado o vagão do trem, sentiu que, agora, finalmente, deveria interferir. Durante parte da jornada, eles tiveram o vagão para si mesmos, e Mr. Vavasor achou que poderia começar a falar o que tinha a dizer; mas cancelou seus planos quando outros se juntaram a eles. Após isso, não houve mais oportunidades para que tivessem aquela conversa a sós que era tão necessária. Eles chegaram em casa por volta das oito da noite, tendo jantado no caminho. “Esta noite ela estará cansada”, ele pensou,

conforme se locomovia até o seu clube. “Falarei com ela amanhã”. Alice sentiu a ausência dele especialmente naquela noite. Quando duas pessoas compartilham o tédio de uma jornada como a ida de Westmoreland até Londres, deveria haver algum sentimento entre elas para uni-las no desfrute do conforto da noite. Se ele houvesse ficado e se sentado com ela à mesa de chá, Alice teria se esforçado para responder delicadamente qualquer discussão que pudesse ter sido levantada; mas ele foi embora imediatamente, deixando-a sozinha para pensar nos perigos da vida que se revelavam diante dela.

— Quero falar com você amanhã após o desjejum — ele informara enquanto saía.

Alice respondeu que estaria presente – obviamente – rechaçando a ideia de rebater que estava sempre presente – em casa, sozinha. Ela nunca havia reclamado, e não seria agora que iria começar.

A discussão após o desjejum do dia seguinte começou com uma preparação formal e quase cerimonial. Pai e filha tomaram o café juntos, sabendo que o diálogo era iminente. Isso fez com que o apetite de ambos fraquejasse, e muito pouco foi dito à mesa.

— Vai subir? — Alice perguntou, quando percebeu que o pai terminara seu chá.

— Talvez seja melhor — ele respondeu. Então, seguiu-a até a sala de estar onde a lareira havia sido acesa recentemente.

— Alice, preciso falar com você sobre o seu noivado — ele começou.

— Não quer se sentar, papai? O senhor de pé assim é uma imagem tão medonha.

Ele havia se postado sobre o tapete com as costas para o fogo incipiente, mas agora, diante daquele pedido, sentou-se de frente para ela.

— Eu fiquei muito triste quando ouvi a novidade em Vavator Hall.

— Lamento que tenha ficado triste, papai.

— Eu fiquei triste. Devo confessar que nunca entendi por que tratou Mr. Grey daquela maneira.

— Oh, papai, são águas passadas. Por favor, deixe isso para trás.

— Ele já sabe do seu noivado com o seu primo?

— Ele saberá amanhã a esta hora.

— Então, imploro, como um grande favor, que adie a sua carta endereçada a ele.

A este pedido Alice não deu resposta.

— Eu nunca lhe perturbei com muitos pedidos, Alice. Será que pode realizar esse?

— Eu penso que devo a ele o dever imperativo de contar a verdade.

— Mas pode ser que você mude de ideia novamente.

Alice sentiu que aquilo era duro de suportar e difícil de responder; mas havia certa verdade na triste reprimenda levada pelas palavras do seu pai que a fez abaixar a cabeça.

— Eu não tenho o direito de dizer que é impossível — ela respondeu, com palavras quase inaudíveis.

— Exatamente; não tem — anuiu o pai. — Portanto, é melhor você adiar qualquer tipo de comunicação.

— Até quando eu deveria fazer isso?

— Até que eu e você concordemos que ele deva ser comunicado.

— Não, papai, não concordarei com isso. Considero-me obrigada a avisá-lo da verdade sem demora. Eu causei uma grande ofensa a ele, e devo pôr um fim a isso o mais breve possível.

— Você certamente o ofendeu, minha querida — foi uma grande ofensa, de fato — corroborou Mr. Vavasor, afastando-se de seu objetivo quanto à carta proposta. — E creio que ele se sentirá assim até o último dia de sua vida se isto continuar.

— Espero que não. Creio que não será assim. Tenho certeza de que não será assim.

— Mas é claro que estou pensando no seu bem-estar agora — não no dele. Quando você simplesmente me disse que pretendia...

Alice fez uma careta, pois temia escutar de seu pai aquela odiosa palavra que seu avô usara contra ela. De fato, a palavra estivera na ponta da língua do seu pai, mas ele se conteve e a poupou.

— ...Que pretendia romper o seu noivado com Mr. Grey — continuou. — Eu disse pouco ou nada, e nunca pediria para se casar com qualquer homem que seja, ainda que tenha prometido se casar com ele. Porém, quando me disse que estava noiva do seu primo George, a questão mudou de figura. Eu não tenho uma boa opinião sobre o seu primo. Na realidade, eu tenho tudo, menos uma boa opinião sobre ele. É o meu dever lhe dizer que o mundo fala muito mal dele.

Ele fez uma pausa, mas Alice permaneceu em silêncio.

— Quando você estava para viajar com ele, eu deveria ter dito isso — Mr. Vavasor prosseguiu. Mas não queria magoar nem você e nem a irmã dele; além disso, ouvi coisas piores sobre ele desde então — piores do que antes.

— Como não me falou nada antes, acho melhor me poupar agora — disse Alice.

— Não, minha querida, não posso permitir que se sacrifique sem lhe dizer que é isso o que você está fazendo. Se não fosse pelo seu dinheiro, ele nunca pensaria em se casar com você.

— Disso estou totalmente ciente — rebateu Alice. — Ele mesmo confessou.

— E ainda assim vai se casar com ele?

— Certamente irei. Parece-me, papai, que há muitos sentimentos falsos no tocante à questão do dinheiro no casamento – ou, talvez, muitos sentimentos fingidos. Por que eu deveria ter raiva de um homem que busca aquilo pelo qual todo homem luta? A essa altura da carreira de George, o uso do dinheiro é essencial. Ele não poderia se casar sem ele.

— Então, teria sido melhor dar o dinheiro sem se casar com ele — ironizou o pai.

— É exatamente isso o que pretendo fazer, papai — contou Alice.

— O quê?! — espantou-se Mr. Vavasor, pulando de sua cadeira. — Você pretende dar a ele o seu dinheiro antes de se casarem?

— Certamente – se ele o quiser; ou melhor dizendo, o tanto quanto ele quiser.

— Meu pai do céu! — exclamou Mr. Vavasor. — Alice, você deve estar louca.

— Por repartir o meu dinheiro com o meu amigo? — ela indagou. — Esse é o tipo de loucura da qual não preciso sentir vergonha.

— Diga-me uma coisa, Alice: ele já recebeu alguma parte desse dinheiro?

— Nem um xelim. Papai, por favor, não me olhe assim. Se eu não estivesse pensando em me casar com ele, o senhor não teria me chamado de louca por ceder ao meu primo o dinheiro de que ele precisa.

— Eu apenas diria que um tanto da sua fortuna estaria sendo jogado fora, e se brincar, acabaria sendo tudo. Eu preferiria vê-la entregar metade de tudo o que tem a ele, sem qualquer compromisso de casamento, do que vê-lo receber um xelim seu sob tal promessa.

— O senhor tem preconceito contra ele.

— Por acaso foi preconceito que fez você rejeitá-lo uma vez? Você o condenou por preconceito? Por acaso não compreendeu que ele era totalmente indigno da sua mão?

— Na época, éramos jovens — Alice respondeu, falando muito delicadamente, mas tão séria quanto. — Éramos muito jovens na época, e víamos a vida com outros olhos, diferentes daqueles que usamos agora. Quanto a mim mesma, eu tinha muitas expectativas com as quais agora dificilmente me importo; já George, estava preso a prazeres para os quais, acredito eu, ele aprendeu a mostrar indiferença.

Diante disso, Mr. Vavasor soltou um muxoxo.

— Só posso falar sobre aquilo em que acredito — continuou Alice. — E eu penso que sei mais sobre o estilo de vida dele do que o senhor, papai. Mas hoje estou preparada para correr riscos que ontem eu temia. Ainda que George seja tudo o que o senhor pensa que ele é,

seguirei lutando para cumprir o meu dever para com ele, além de trazer outras coisas à sua vida.

— E o que você espera ao se casar com ele? — perguntou Mr. Vavator.

— Um marido cujo modo de pensar combine com o meu — respondeu Alice. — Um marido que proponha a si mesmo uma carreira na vida com a qual eu possa simpatizar. Acho que possivelmente vou ajudar meu primo na carreira que ele escolheu, e só isso já é um grande motivo para eu tentar fazê-lo.

— Com o seu dinheiro? — indagou Mr. Vavator com desdém.

— Parcialmente com o meu dinheiro — explicou Alice, recusando-se a dar uma resposta ao desdém. — Mesmo que fosse apenas com meu dinheiro, ainda valeria a pena.

— Bom, Alice, como seu pai, posso apenas implorar que pare antes de entregar a sua mão a ele. Se ele pedir dinheiro a você, e estiver disposta a dá-lo, então o faça com moderação. Qualquer outra coisa seria melhor do que se casar com ele. Sei que não posso impedi-la; você é tão senhora de si quanto eu sou senhor de mim – talvez até mais, já que a minha renda depende das minhas idas àquele horrível lugar em Chancery Lane. Ainda assim, suponho que ainda tenha alguma consideração pelos desejos e opiniões do seu pai. Não seria agradável para você subir ao altar sem a minha pessoa ao seu lado.

A isso Alice não deu resposta, mas pensou consigo que não havia sido agradável estar em muitos lugares nos últimos quatro anos – e ter se descoberto sozinha tantas vezes – sem o seu pai ao seu lado. Isso havia sido culpa dele, e agora não cabia a ele remediar o prejuízo disso.

— Vocês já acertaram alguma data? — ele perguntou.

— Não, papai.

— Nada foi dito quanto a isso?

— Sim, alguma coisa foi dita. Eu disse que só poderia me casar daqui a um ano. É por ter tido isso que também falei que ele poderia ter o meu dinheiro quando quisesse.

— Mas não tudo? — prosseguiu Mr. Vavator.

— Não suponho que ele vá precisar de tudo. Ele pretende disputar novamente por Chelsea, e são os grandes gastos da eleição que o fazem querer dinheiro. Não pense que foi ele quem me pediu isso. Quando o fiz entender que não desejava me casar ainda, eu ofereci o usufruto que, futuramente, acabaria sendo dele.

— E ele aceitou?

— Respondeu-me como eu imaginava – que, quando a hora chegasse, ele me pediria para cumprir a minha palavra.

— Então, Alice, vou lhe dizer no que eu acredito: ele vai sugar cada xelim do seu dinheiro, e quando não sobrar mais nada, não

haverá mais conversas sobre casamento. Precisaremos morar em uma casa menor em alguma parte barata da cidade, e viver com a minha renda da melhor forma possível. Farei um seguro de vida para que você não passe fome quando eu morrer.

Dito isto, Mr. Vavasor se retirou – não imediatamente para a seguradora, como as suas palavras pareciam sugerir, mas para o seu clube, onde se sentou sozinho para ler o jornal melancolicamente até que chegasse a hora de jogar o seu rôber de uíste vespertino, e que a conta do jantar no clube lhe fosse entregue em mãos.

Alice não tinha tal consolo à disposição. Ela batalhara contra o pai toleravelmente bem, mas agora era chamada para batalhar contra si mesma – e essa era uma batalha mais difícil de se vencer. Será que o seu primo – o seu prometido, como ela deveria considerá-lo agora – era mesmo o patife inútil, insensível e mercenário que seu pai ilustrava? Certamente houvera uma época, não muito distante, em que a própria Alice quase se continha de sequer mencioná-lo. Desde então, qualquer mudança para melhor em sua opinião sobre o primo fora baseada em evidências mostradas por ele, ou pela irmã Kate. Ele não fizera nada para inspirar confiança nela, a não ser que sua tentativa imprudente de competir por uma posição do Parlamento pudesse ser considerada alguma coisa. Além disso, George admitira ser um homem quase falido; ele havia se qualificado como alguém extremamente imprudente; um homem cujo lugar no mundo era, e deveria continuar a ser, em cima de um poleiro à beira de um precipício, onde qualquer acidente poderia fazê-lo cair de cabeça. Alice acreditava, do fundo do coração, que os frutos da última profissão ou ocupação que ele tivera estavam se esgotando, e que nenhuma renda fixa havia surgido disso – nada que pudesse ser visto como respeitável pelos pais ou guardiões de uma moça se a pedisse em casamento. O pai dela declarara que todos os homens falavam mal dele. Alice sabia que seu pai era um homem ocioso; um homem propenso a prazeres – alguém que dava importância demais às coisas boas do mundo –, ela, no entanto, nunca o considerou falso ou malicioso. A rara energia dele nesta questão era, por si só, prova de que acreditava ter razão no que dissera.

Para falar a verdade, Alice estava apavorada com o que tinha feito, e quase se arrependeu imediatamente. A aceitação à oferta do primo não fora impulsionada por amor – e nem principalmente por ambição. Ela não se perguntara por que deveria fazer isso tanto quanto se perguntara por que não deveria – o que fora requisitado por seu pai. Mas o que, no fim das contas, importava? Esse era o argumento que defendia contra si mesma. Não pode ser suposto que ela se recordava de eventos passados de sua vida com satisfação própria. Não havia satisfação própria, mas, na verdade, mais autorrecriinação do que ela merecia. Quando jovem, Alice amara o

primo George apaixonadamente, e o seu amor lhe decepcionara. Ela não dissera a si mesma que havia agido errado ao deixá-lo, mas se considerara muito infeliz pela necessidade de fazê-lo. Após uma experiência como essa, não seria melhor se tivesse permanecido sem pensar em casamentos?

Então, veio o terrível episódio em sua vida pelo qual nunca conseguiria se perdoar: ela aceitara Mr. Grey porque gostara dele e o honrara. “E eu o amei”, ela pensou naquela manhã. Pobre mulher miserável do coração apertado! Enquanto permanecia sentada, pensando em tudo solitariamente, Alice provava-se digna de pena – senão de perdão. Agora, conforme pensava em Nethercoats; em sua calmaria; em seus jardins e livros; e na pacífica e afetuosa influência daquele que teria sido seu senhor e mestre, seus sentimentos se mostravam muito diferentes daqueles que a haviam induzido a decidir que não curvaria a cabeça diante daquele matrimônio. Não teria sido melhor para ela ter um mestre que, com sua sabedoria e força, poderia salvá-la de dúvidas tão miseráveis quanto estas? Mas ela se recusara a se curvar, e depois se descobriu desolada e sozinha no mundo.

— Se posso ser útil a George, por que não deveria me casar com ele?

Neste sentimento jazia o principal argumento que a impelira a escrever a resposta que enviara ao primo. “Quanto a mim mesma, o que importa? Quanto à minha vida e a tudo que a ela pertence, por que eu deveria usá-la para fazer outra coisa que não o bem de alguém que me é querido?” Ele fora querido para ela desde a mocidade. Ela acreditava no intelecto dele, ainda que não acreditasse em sua conduta. Kate, sua amiga, ansiara por algo assim. Quanto ao sonho de amor, ele nada significava; e quanto aos argumentos de prudência – aquele frio cálculo sobre o seu dinheiro que todas as pessoas pareciam esperar dela –, ela mandaria às favas. O que importava se ficasse arruinada?! Sempre haveria a outra chance. Ela poderia salvá-lo da ruína e ajudá-lo a conquistar honra e fortuna.

Mas então, quando as palavras saíram de sua boca, retornou-lhe o legítimo sentimento feminino que a fez suplicar por um longo dia – que a fez crer que aquele longo dia seria muito curto; e que a fez temer, desde já, a chegada do final do ano. Ela dissera que se tornaria a esposa de George Vavasor, mas desejou que aquele fosse o final da história. Quando ele viesse para abraçá-la, como ela deveria recebê-lo? A memória do último beijo de John Grey ainda se arrastava pelos seus lábios. Alice dissera a si mesma que desdenhava dos prazeres do amor; se assim era, ela não deveria se sentir obrigada a ficar longe deles? Se assim era, por acaso o beijo do seu primo não a poluiria?

“Talvez acabe sendo como o meu pai disse”, ela pensou. “Pode ser que ele queira apenas o meu dinheiro; se assim for, pode pegá-lo.

Com certeza, quando o ano terminar, eu saberei”. Então, um plano surgiu em sua cabeça – não criado por vontade própria, com qualquer ação voluntária da sua mente, mas da maneira como os planos costumam surgir –, e se recomendou a ela à despeito da sua vontade. Ele teria o dinheiro quando o pedisse – tudo, exceto uma pequena porção da renda dela, o que poderia ser suficiente para evitar que Alice se transformasse em um fardo para o pai. Então, se fosse a vontade de George, ele poderia ir embora, livre, sem reprimendas, e o tópico do casamento estaria encerrado.

Enquanto pensava nisso e amadurecia a ideia em sua mente, a porta se abriu, e aia anunciou o seu primo George.

CAPÍTULO 35

PAIXÃO CONTRA A PRUDÊNCIA

Não ocorreu a Alice que o seu aprovado pretendente a visitaria tão cedo. Ela não lhe contara expressamente qual seria o dia do seu retorno, mas não se atentou ao fato de que Kate certamente o informaria. Ela estivera pensando tantos nas tribulações futuras deste noivado, que essa tribulação, praticamente garantida de cruzar o seu caminho antes que muitos dias ou horas passassem, fora esquecida. Quando o nome foi captado por seu ouvido, e o passo de George foi escutado no patamar, ela sentiu o sangue correr violentamente até o seu coração, e pulou de sua cadeira, acometida pelo pânico e com tremenda consternação. Como ela deveria recebê-lo? E, novamente, com que forma de afeição ele a abordaria? Ele, entretanto, surgiu no aposento antes que ela tivesse tempo para pensar.

Ela mal se atreveu a olhá-lo nos olhos, mas, apesar disso, percebeu que havia algo mais resplandecente em sua aparência e maneira de se vestir, característico de um pretendente; algo, talvez, mais refrescante do que lhe era usual. Isso, por si só, já causava aflição a Alice. Ele deveria ter entendido que um noivado como o deles não apenas dispensava, como também proibia, absolutamente, qualquer sintoma de amor juvenil. Mesmo quando chegasse a hora de se casarem, se essa hora chegasse, o evento deveria acontecer despojado dos costumeiros sinais de vivacidade de espírito, e de qualquer marca extrínseca de exaltação. Teria sido atencioso da parte dele se manter afastado por semanas e meses; mas vir vê-la assim, na primeira manhã após o seu retorno, era de uma crueldade que não poderia ser perdoada. Estes foram os sentimentos que Alice sentiu em relação ao seu prometido quando ele veio vê-la.

— Alice — ele falou, aproximando-se com a mão estendida. — Querida Alice!

Ela lhe deu a mão, murmurando algumas palavras que soaram inaudíveis até para ele; ela lhe estendeu a mão e imediatamente tentou retirá-la, mas ele a segurou, firmando-a entre as suas próprias, e ela se sentiu prisioneira dele. Ele estava próximo a ela agora, e ela não tinha como escapar dele. Ela tremia, temendo que algo pior do que aquilo pudesse lhe acontecer. Ela prometera se casar com ele, mas agora estava coberta de consternação conforme sentia, em vez de pensar, o quão longe estava de amar o homem para quem ela havia se prometido.

— Alice — ele começou. — Sou homem mais uma vez. Apenas agora posso lhe contar o quanto sofri durante estes últimos anos.

Ele continuou a segurar a sua mão, ainda sem tentar abraçá-la. Ela sabia que estava afastada a uma distância constrangedora, quase como se demonstrasse repugnância a ele; mas estava totalmente além

de seu poder adotar uma atitude de calma ordinária.

— Alice — ele prosseguiu. — Sinto que sou um homem forte novamente, armado para encarar o mundo de todas as maneiras. Posso agradecer o que fez por mim?

Ela precisava falar com ele! Ainda que fazê-lo fosse muito doloroso, ela precisava dizer alguma coisa para ele; algo que carregasse bondade em seu tom. Afinal de contas, era o seu direito indubitável vir até ela, e a posição na qual ele agora se encontrava, era simplesmente a posição em que ela mesma o colocara. Não era culpa dele se, naquela hora, inspirava nela nojo, em vez de amor.

— Eu não fiz nada por você, George — ela respondeu. — Nada mesmo.

Então, ela conseguiu resgatar a sua mão da dele, e recuou até o sofá, onde se sentou, deixando-o ainda de pé no espaço diante da lareira.

— A minha grande esperança é que você faça muito por si mesmo. Se puder ajudá-lo, eu certamente o farei de bom grado.

Ela, então, experimentou absoluta vergonha de suas palavras, sentindo que havia oferecido de imediato o usufruto de seus dotes.

— É claro que você me ajudará — ele concordou. — Eu estou cheio de planos, e você deve compartilhar todos eles comigo. Mas agora, neste momento, meu único grande plano é aquele no qual você já concordou em ser a minha parceira. Alice, você é a minha esposa agora. Diga-me que se sentirá feliz em me chamar de seu marido.

Por nada no mundo ela teria conseguido dizer aquilo naquele momento. Ele a julgara mal ao pressioná-la daquele jeito. Ele já deveria ter percebido, com a metade de um olho, que o triunfo que agora demandava jamais poderia ser seu naquela ocasião. George obtivera um triunfo quando, na solidão de seus próprios aposentos, atirou para o lado com bastante sarcasmo a carta na qual ela o aceitava, como se fosse totalmente indiferente à questão. Ele não tinha direito algum de esperar um triunfo dobrado. Além disso, concluía francamente que o dinheiro dela seria útil. Ele devia ter ficado satisfeito com tal convicção, sem requisitar que ela lhe falasse suaves palavras vitoriosas de amor.

— Isso ainda está distante, George — ela se esquivou. — Eu já sofri tanto!

— E foi por culpa minha que você sofreu; sei disso. Estes anos de angústia foram criação minha.

Era, no entanto, o ano da vindoura angústia que mais a preocupava.

— Eu não disse isso — ela retorquiu. — E tampouco pensei. Eu tenho a mim e só a mim para culpar.

Aqui, ele a interpretou erroneamente, acreditando que, ao se

culpar, ela se referia ao ato de se separar dele naquela época.

— Alice, querida, são águas passadas.

— Não são águas passadas. As pessoas podem achar ótimo dizer isso, mas nunca será a verdade. Alguém poderia muito bem dizer a mesma coisa para o corpo e o coração de outro, mas, ainda assim, seus cabelos ficarão grisalhos e seu coração gelado.

— Eu não vejo como uma coisa está presa à outra — ele avaliou.

— O meu cabelo está muito grisalho.

Para demonstrar isso, ele levantou um chumaço de fios escuros na têmpora, e exibiu uma incipiente porção de cabelos cinzentos por trás.

— Se cabelos grisalhos fazem de um homem um velho, Alice, você se casará com um marido velho, mas nem mesmo você tem direito de dizer que o meu coração é velho.

A palavra “marido” que seu primo usara duas vezes feria os ouvidos de Alice. Ela se sentiu diminuída por isso com um sofrimento corporal palpável. Casar-se com um marido velho! A idade dele não fazia diferença, ainda que fosse tão velho quanto Enoque.^[65] Mas ela, novamente, sentiu-se obrigada a responder.

— Eu me referi ao meu próprio coração — ela explicou. — Às vezes sinto que ele envelheceu muito.

— Alice, isso dificilmente é uma coisa alegre de se ouvir.

— Você veio me ver rápido demais, George, e não refletiu sobre o quanto há para eu meditar. Você disse que são águas passadas. Pois deixe que passem e que levem essas palavras. Dê-me alguns meses para que eu possa aprender, não a esquecer, pois isso seria impossível; mas a me abster de proferi-las.

Havia algo em sua aparência, conforme ela falava, e um tom em sua voz que eram muito tristes. Isso o atingiu com força, mas o atingiu provocando fúria em vez de tristeza. Sem dúvida, o dinheiro dela havia sido o seu objetivo principal quando se ofereceu para renovar o noivado com ela. Certamente, ele não teria feito tal oferta se ela fosse pobre, ou se suas necessidades não fossem tão urgentes. Mas, apesar de tudo, ele desejava algo mais do que o dinheiro: o triunfo de ser escolhido no lugar de John Grey. Ver John Grey completamente perdido, assistindo enquanto George recuperava o seu velho amor, teria sido muito custoso em termos de luxúria, se, ao fazê-lo, não fosse possível combinar a prudência com a luxúria. Mas ainda que a sua prudência tivesse sido indiscutível, assim também fora o seu desejo pela luxúria. Foi por causa de um cálculo da combinada vantagem que ele fizera a sua segunda oferta à prima. Assim como não teria, de forma alguma, concordado em prosseguir com o noivado sem o benefício do dinheiro da prima, George também se sentia indisposto a dispensar alguma expressão do amor que ela sentia por ele – o que,

para ele, seria um triunfo. Até aquele momento do encontro, contudo, ela certamente não demonstrara nenhuma expressão de amor.

— Alice — ele disse. — A sua recepção realmente não foi como eu esperava.

— Não foi? — ela indagou. — De fato, George, lamento que esteja desapontado; mas o que posso dizer? Você quer que eu possua uma leveza de espírito que não sinto?

— Se desejar... — ele começou, lentamente. — Se desejar retirar o que disse em sua carta, tem a minha licença para fazê-lo.

Que grande oportunidade de escapatória! Mas ela não tinha a coragem para aceitá-la. Que moça, sob tais circunstâncias, teria? O quão raras são as ofertas que recebemos em que quase damos os olhos para aceitar, mas que não ousamos aceitar porque tememos a reação do ofertador?

— Não desejo retirar o que disse em minha carta — ela respondeu, tão lentamente quanto ele havia falado. — Mas desejo ser deixada em paz por um tempo, até recuperar a minha força mental. Por acaso não ouviu os médicos dizerem que, quando os músculos são esticados, eles precisam descansar ou nunca recuperarão inteiramente a tensão? É isso o que ocorre comigo agora. Se eu puder ficar quieta por alguns meses, acho que poderei aprender a encarar o futuro com uma coragem melhor.

— E isso é tudo o que pode me dizer, Alice?

— O que gostaria que eu dissesse?

— Eu adoraria escutar uma palavra amorosa sua; isso seria pedir demais? Queria escutar dos seus próprios lábios que sente satisfação ao renovar a perspectiva de nossa união; isso seria muita ambição? Pode ser que eu tenha sido ousado demais ao pressioná-la com o meu cortejo novamente, mas, como você o aceitou, por acaso não tenho o direito de esperar que se sinta feliz por aceitá-lo?

Mas ela não se sentira feliz por aceitá-lo no dia, e não se sentia feliz agora. Alice não era capaz de demonstrar qualquer traço da alegria que ele desejava ver. E agora, naquele momento, temia com excessivo temor que alguma demanda de declaração extrínseca de amor estivesse a caminho — demanda, esta, que ele, em sua posição, tinha o direito de fazer. Alice parecia estar ciente de que isso só poderia ser evitado com a conduta que havia adotado; ela, portanto, não seria obrigada a expressar qualquer palavra de afeição. Ela escutou a apelação dele e, quando George terminou, permaneceu calada. Se quisesse ficar ofendido, tudo bem. Ela faria por ele qualquer sacrifício que lhe fosse possível, mas este sacrifício não seria possível.

— E você não tem uma palavra para me dizer? — ele perguntou. Ela olhou para o primo e viu que a cicatriz em seu rosto estava sinistra; seus olhos a encaravam com todo seu brilho proibidor, e ele

estava invocando aquele semblante de audácia furiosa que lhe era tão peculiar, e que constantemente intimidava aqueles que cruzavam o seu caminho.

— Nenhuma outra palavra, por ora, George; eu disse que não estou bem. Por que me pressiona agora?

Ele estava com a carta dela no bolso do peito do casaco, e sua mão tocou-a, pronto para atirá-la de volta, e bradar que não iria mais cobrar a Alice a promessa de matrimônio sob tais circunstâncias. A fúria que o teria induzido a fazer isso era a parte dominante de sua natureza. Há três ou quatro anos, essa parte dominante prevaleceria e ele teria se rendido à fúria. Mas agora, enquanto seus dedos tocavam o papel, lembrou-se que o dinheiro dela lhe era absolutamente essencial — que parte dele seria necessário quase instantaneamente — que naquela mesma manhã, ele teria de ir aonde o dinheiro lhe seria demandado, e que suas esperanças quanto a Chelsea não poderiam ser preservadas a não ser que conseguisse fazer alguma promessa substancial de prover fundos. A fortuna da sua irmã Kate era de apenas duas mil libras. Aquele, e nada mais, era, agora, o capital disponível se ele abandonasse sua outra fonte de auxílio. Até ela se esgotaria se todas as outras fontes falhassem; mas ele, de bom grado, manteria aquela intocada se possível. Oh, se aquele velho em Westmoreland morresse e se juntasse aos seus antepassados, agora que estava repleto de anos e pronto para a foice! Mas não havia nenhum sinal da morte rondando o velho. Então, seus dedos soltaram a carta, e ele seguiu encarando Alice com raiva.

— Então, você quer que eu vá embora? — ele irritou-se.

— Não fique com raiva de mim, George!

— Com raiva?! Não tenho direito de ficar com raiva. Mas, pelos céus, como estou errado. Eu tenho o direito e estou com raiva. Acho que você me devia uma recepção mais calorosa. Será sempre assim conosco durante esse maldito ano?

— Oh, George!

— Para mim, ele será maldito. Mas será sempre assim conosco? Alice, eu a amei mais do amei qualquer mulher. Talvez eu possa dizer que nunca amei outra mulher exceto você; ainda assim, às vezes sou levado a duvidar que você tenha um coração capaz de amar. Depois de tudo o que se passou; depois de todos os seus velhos protestos; depois de toda a minha contrição e de sua oferta de perdão, você devia ter me recebido de braços abertos. Suponho que seja hora de partir. Sinto que fui chutado da sua casa como um cão.

— Se você fala comigo assim e me olha assim; como posso respondê-lo?

— Não quero resposta. Eu queria que pusesse a sua mão na minha; que me beijasse e me dissesse que, uma vez mais, você é

minha. Alice, repense sua atitude, beije-me e me permita sentir o meu braço mais uma vez em volta da sua cintura.

Alice tremeu enquanto se sentava, ainda calada, em sua cadeira, e ele viu quando ela tremeu. Apesar de todo o seu desejo pelo dinheiro dela – da necessidade imediata – aquilo era demais para ele. George deu meia-volta e deixou o aposento sem falar mais nada. Ela escutou seus passos rápidos enquanto ele descia as escadas às pressas, mas não se levantou para impedi-lo. Ela ouviu a porta bater com força enquanto ele saía da casa, mas permaneceu imóvel em seu assento. O desejo imediato dela era que ele fosse embora – e agora, ele havia ido. Houve na partida dele um alívio que quase a confortou. E este era o homem com quem, há poucos dias, ela havia aceitado se casar.

Ao deixar a casa, George andou apressadamente até Cavendish Square, descendo pelo lado leste, até sair pela Princess Street e chegar à estação Circus em Oxford Street. Nas redondezas, em Great Marlborough Street, encontrava-se a casa do seu advogado parlamentar, Mr. Scruby, a quem ele devia uma visita naquela manhã. Conforme se afastava de Queen Anne Street, ele não pensou em mais nada, exceto no tremor extraordinariamente visível que sua prima Alice foi incapaz de reprimir. George estivera alimentando a sua raiva, entregando-se a ela e, em certo momento, dizendo a si mesmo que Alice e o dinheiro dela poderiam ir para onde bem entendessem – e, no momento seguinte, fazendo ameaças internas de que chegaria o dia em que ele a puniria por seu abuso. Havia, entretanto, uma necessidade de decidir o que ele diria a Mr. Scruby. A Mr. Scruby ainda era devido uma ninharia do custo das últimas eleições; mas, mesmo que ela fosse paga, Mr. Scruby não faria nenhum avanço incisivo quanto aos gastos das próximas eleições. Quem quer que chegasse ao final de tais acordos sem pagar a pequena parte dele, como fora momentaneamente o caso de Mr. Grimes, do “Belo Homem” – e, de fato, como ainda era o caso dele, pois a sua nota promissória de três meses ainda não havia sido paga –, raramente fazia Mr. Scruby perder o sono. Era verdade que as próximas eleições só aconteceriam no verão; mas havia gastos preliminares que requeriam dinheiro imediato. Eleitores metropolitanos, como Mr. Scruby constantemente declarava, necessitavam ser mantidos de bom humor – logo, Mr. Scruby queria que o pagamento atual fosse de umas cinco mil libras, mais uma garantia embasada de que os seus fundos seriam reabastecidos até o início do próximo junho. Até o próprio Mr. Scruby poderia deixar de se mostrar tão firme quanto aço perfeito se acreditasse que seu candidato iria, no último segundo, surgir despreparado. Outros candidatos, com dinheiro no bolso, seriam bem-recebidos nos escritórios de Mr. Scruby. Enquanto cruzava a Regent Street, George Vavasor engoliu a raiva, e concentrou a mente nos

negócios. Deveria ele se preparar para ordenar que os pequenos dotes de Kate fossem exauridos, ou deveria ele usar o dinheiro da prima? Ele tinha certeza de que o dinheiro da prima ainda estaria à sua disposição, apesar do humor tempestuoso com o qual ele se retirara da presença dela; mas pedi-lo seria a parte desagradável. Esta tarefa deveria ser incumbida a Kate. Todavia, assim que alcançou a porta de Mr. Scruby, ele decidiu que, para propósitos como aqueles à mão, era preferível que usasse o dinheiro da futura esposa. Foi assim que, em sua própria cabeça, ele fraseou a desculpa que deu a si mesmo. Sim, ele usaria a fortuna da sua futura esposa, e explicaria a Mr. Scruby que tinha razão em fazê-lo, pois sua própria herança seria compartilhada com ela no casamento. Eu não creio que ele sentia prazer absoluto nisso. George não era, de modo algum, um completo vigarista insensível. Ele não seria capaz de tomar o dinheiro da prima sem pretender – ou melhor, sem pensar que pretendia – devolver tudo o que havia pegado. O comportamento dela para com ele naquela manhã, obviamente, complicara as coisas em sua mente e as deixara mais desagradáveis do que se ela houvesse sorrido para ele; mas, mesmo assim, George conseguiu se convencer de que não estava fazendo nada que a prejudicaria. Com essa autoconfiança, ele adentrou o escritório de Mr. Scruby.

Os atendentes na recepção foram muito educados, e se encarregaram de prometer que ele não teria de esperar muito. Havia quatro cavalheiros no pequeno gabinete, eles disseram, esperando para ver Mr. Scruby, mas lá permaneceriam até que a reunião com Mr. Vavator terminasse. Um cavalheiro, ao que parecia, fora até mesmo dispensado para dar lugar a ele, pois enquanto George era levado à sala do advogado, um homenzinho de aparência bastante humilde foi retirado às pressas de lá.

— Você pode esperar, Smithers — murmurou Mr. Scruby. — Eu não vou demorar.

Vavator se desculpou ao seu agente por prejudicar Smithers, mas Mr. Scruby explicou que ele era apenas um pobre diabo que trabalhava com impressões, e que só estava atrás da compensação por seus pequenos serviços. Ele havia imprimido 30 mil letreiros de um ex-candidato de Marylebone, e estava com certa dificuldade para ser pago.

— Veja, quando eles se metem em um negócio pequeno, isso os arruína — contou Mr. Scruby. — Quanto àquele pobre diabo... Ele ainda não viu um xelim do dinheiro dele, e a maior parte foi tirada do próprio bolso para pagar pelos cartazes. É duro.

Vavator se sentiu confortado quando ouviu que havia outros que possuíam dívidas bem mais atrasadas do que ele, e refletiu que a obtenção de um crédito ainda maior poderia estar ao seu alcance.

— É espantoso o quanto um homem pode conseguir mesmo se demorar anos para pagar suas dívidas — ele comentou.

— Sim, é verdade. Consegue, se souber o que fazer. Mas, quando paga, Mr. Vavator, ele paga um preço alto — centavo por centavo, e pior: paga por todos os seus atrasos.

— Mas quantos deles nunca pagam nada? — questionou George.

— Sim, Mr. Vavator, isso também é verdade; mas veja a vida que levam. Não é agradável ter medo de ir ao escritório do seu agente; não é uma coisa que o senhor gostaria de sentir, Mr. Vavator, não se o conheço bem.

— Nunca tive medo de me encontrar com ninguém — garantiu Vavator. — Mas eu não sei o que aconteceria.

— E nunca saberá, asseguro, mas, Deus o abençoe, eu poderia contar tantas histórias! Já vi membros do Parlamento, passados, presentes e futuros, quase se ajoelhando aos meus pés nesta salinha. É quando falta um mês ou seis semanas para as eleições que eles ficam piores. Há tantas coisas, Mr. Vavator, pelas quais um cavalheiro precisa pagar com dinheiro vivo. Não é como se esse fosse um negócio em que o advogado deve encontrar o capital. Se eu tivesse dinheiro o bastante para pagar do meu próprio bolso todos os custos de todos os cavalheiros metropolitanos que represento, poderia viver de juros sem qualquer problema. Eu mesmo poderia entrar no Parlamento como um homem.

George Vavator entendeu perfeitamente que Mr. Scruby explicava, com a maior delicadeza que conseguia conjurar, que os fundos dos gastos das eleições em Chelsea não iriam provir do estabelecimento em Great Marlborough Street.

— Suponho que sim — ele concordou. — Mas o senhor, às vezes, faz isso.

— Nunca, Mr. Vavator — Mr. Scruby declarou, muito solenemente. — Como regra, nunca. Posso até adiantar o dinheiro, sob juros, é claro, quando recebo uma garantia do pai do candidato, ou de seis ou sete membros do comitê, que devem ser muito abastados, muito abastados mesmo. Mas, no geral, eu não faço isso. Não cabe a mim.

— Achei que fazia. De qualquer forma, não quero que faça isso por mim.

— Tenho certeza de que não quer — respondeu Mr. Scruby, com um tom de voz mais leve do que o que acabara de usar. — Nunca achei que iria querer, Mr. Vavator. Deus o abençoe, Mr. Vavator, eu sei diferenciar cavalheiros quando os vejo.

Então, eles prosseguiram com os negócios, e Vavator descobriu que seria bastante conveniente se depositasse com Mr. Scruby, de sua própria conta, uma soma não menor do que 600 libras até a semana

seguinte; também era necessário que pagasse o recibo de 92 libras que havia passado ao proprietário do “Belo Homem”. Para resumir, seria melhor se George pegasse mil libras emprestadas de Alice, e como não queria que o advogado da família dos Vavasors ficasse encarregado de cuidar da soma, ele contou tanto quanto possível a Mr. Scruby sobre seus planos – sentindo mais hesitação em fazê-lo do que seria esperado dele. Quando contou, ele fez questão explicar que o dinheiro tirado de sua prima, e futura esposa, seria devolvido a ela por meio da fortuna da propriedade em Westmoreland que ele... Por acaso, ele disse a que herdaria? Receio que tenha dito.

— Sim, sim, um acordo familiar — aquiesceu Mr. Scruby, enquanto o parabenizava pelo casamento proposto. Mr. Scruby não dava a mínima sobre qual seria a fonte de onde os fundos necessários seriam retirados.

CAPÍTULO 36

JOHN GREY VAI A LONDRES PELA SEGUNDA VEZ

No começo da conversa que Mr. Vavator teve com a filha, e que foi registrada páginas atrás, ele implorou que ela esperasse um pouco antes de informar a Mr. Grey sobre o noivado com o primo. Nada, porém, acabou sendo acordado entre eles neste aspecto. Mr. Vavator pediu que ela não escrevesse até ele permitir. Alice se recusou a se comprometer daquela forma e, então, eles passaram a falar sobre outras coisas – sobre o caráter de George e a disposição do dinheiro dela. Alice, todavia, resolveu imediatamente não escrever para Mr. Grey. De fato, quando o seu primo a deixou, ela ficou sem apetite para redigir a tal carta que pretendia. Sentiu-se assim por um ou dois dias, e nada mais foi dito por ela ou pelo pai. Agora, era metade de janeiro, e os leitores se lembrarão de que Mr. Grey prometera visitá-la em Londres naquele mês, assim que soubesse que ela havia retornado de Westmoreland. Ela precisava, de todo jeito, fazer alguma coisa para impedir a visita. Mr. Grey não viria sem avisá-la antes. Ela conhecia os hábitos daquele homem suficientemente para ter certeza disso. Alice, contudo, queria que a sua carta fosse lida a tempo de impedir que ele enviasse outra para ela; então, quando esses poucos dias passaram, ela se sentou para escrever sem tocar novamente no assunto com o pai.

Era uma tarefa terrível – possivelmente a mais difícil de todas as tarefas difíceis que o seu adverso destino lhe impusera. Ao tentar, ela descobriu que teria se saído melhor se houvesse escrito a carta assim que redigira a outra para o primo George. Na ocasião, Kate estivera por perto, e ela se sentira confortada pela afetuosa felicidade da prima. Alice se sentira fortalecida, naquele dia, pela sensação de que estava fazendo o melhor que podia, senão por ela, pelo bem de outros. Todo esse conforto e toda essa força a haviam abandonado agora. A atmosfera das colinas rochosas a mantivera encorajada, mas, agora, o ar pesado de Londres a deprimia. Ela permaneceu sentada por horas com a pena na mão sem conseguir escrever a carta. Deixou um dia e uma noite passarem, mas o papel seguiu em branco. Ela mal se reconhecia em suas fraquezas não naturais. Conforme as fotografias mentais dos dois homens a invadiam, as palavras não saíam da sua cabeça: “Mirai este retrato e mais este outro”.^[66] Como ela conseguia perceber agora o quão grande era a diferença entre os dois homens, e o quão imensa era a preeminência daquele que rejeitara, se não fora capaz de enxergá-las em muitas daquelas ocasiões prévias em que comparara os dois? Enquanto pensava no rosto do primo George quando ele deixara seus aposentos há alguns dias, e se recordava do semblante de Mr. Grey, quando ele segurara a sua mão pela última vez

em Cheltenham, exalando uma quieta dignidade em sua beleza que se recusava a exibir qualquer traço de mágoa, Alice não pôde se impedir de pensar que, quando o Paraíso fora aberto para ela, ela declarara ser digna apenas do Pandemônio. Nisso, jazia seu principal sofrimento: que ela, agora – agora que era tarde demais –, podia ver tudo claramente.

Mas a carta precisava ser escrita, e no segundo dia, ela decidiu que não se levantaria da cadeira até terminá-la. A carta foi redigida e postada naquele dia. Eu pedirei agora que os leitores me acompanhem a Nethercoats, de modo que estejamos presentes quando John Grey recebê-la. Ele estava sentado para tomar o seu café da manhã no seu escritório, e à sua frente, relaxado numa poltrona com uma edição da *Quarterly* em mãos, encontrava-se o mais íntimo de seus amigos, Frank Seward, um colega da faculdade que ambos haviam frequentado. Mr. Seward era um clérigo e o tutor da sua faculdade, além de ser um homem que trabalhava duro em Cambridge. Em seus dias de folga, ele passava a maior parte do tempo em Nethercoats, e fora o único homem a quem Grey contara tudo sobre seu amor por Alice e sua decepção. Porém, até para Seward, ele não contara a história toda. A princípio, informara ao amigo que estava para se casar e, como dissera isso abertamente – tendo, até mesmo, expressado que odiava segredos em assuntos como esse –, o noivado foi comentado na sala comunal da faculdade, e os homens em Cambridge souberam que Mr. Grey iria tomar uma esposa para si. Então, foi revelado a Mr. Seward que complicações haviam surgido, e que o cancelamento do casamento não era algo improvável. Mesmo quando narrou isso, Mr. Grey não deu nenhum detalhe, ainda que devesse ao seu amigo uma explicação sobre o forte golpe que sofrera. A sua intimidade com Seward era daquele tipo meticuloso, que é gerado somente por uma amizade tão jovem e duradoura, como aquela que existia entre eles; mas, mesmo com um amigo desses, Mr. Grey não conseguia abrir o seu coração totalmente. Apenas com uma amiga, que também deveria ser sua esposa, ele conseguiria fazer isso – disso, estava completamente convencido. Ele havia se sentido carente de uma amiga assim e fizera a tentativa de encontrá-la.

— Não conte a ninguém ainda — ele pediu a Mr. Seward. — É claro que, quando o assunto for resolvido, as poucas pessoas que me conhecem saberão, mas, talvez, ainda haja dúvidas nela, e enquanto houver dúvida, é melhor que o assunto não seja discutido.

Ele não disse mais nada além disso – não lançou nenhuma culpa a Alice – e não contou nada sobre as circunstâncias; mas Seward sabia que a moça havia dispensado seu amigo, e se convencera de que ela deveria ser uma pessoa insensível e falsa. Ele também sabia que o seu amigo nunca mais procuraria outra companhia para o seu lar.

Naquela manhã, cartas foram trazidas para cada um deles, e Seward, é claro, ocupou a sua atenção com aquela que havia recebido. Assim que os envelopes tocaram a sua mão, Grey notou que um deles era de Alice, e este abriu imediatamente. Ele o fez calmamente, mas sem nenhuma fanfarronice de indiferença que George Vavasor demonstrara ao receber a mensagem de Alice de Westmoreland. *“É correto que eu lhe conte imediatamente”*, Alice escrevera, apressando-se em ir direto ao assunto, sem ligar para a formalidade costumeira de informar o seu endereço. *“É correto que eu lhe conte imediatamente”* – oh, a dificuldade que ela sentira quando suas palavras a carregaram tão longe! – *“que o meu primo, George Vavasor, refez para mim o seu pedido de casamento, e eu o aceitei. Eu lhe informo, sobretudo, para poupá-lo do incômodo ao qual você se propôs quando o vi pela última vez em Cheltenham. Eu não lhe darei nenhum detalhe sobre as circunstâncias desse compromisso, porque não tenho o direito de presumir que você tem qualquer interesse em ouvi-los. Com muita dificuldade, ousou pedir que acredite quando digo que, em tudo o que fiz, esforcei-me para agir com sinceridade e honestidade. Que fui muito ignorante, tola – e todos os outros adjetivos ruins em que conseguir pensar –, eu sei muito bem; do contrário, não haveria tantas coisas nos últimos anos da minha vida que me causariam tremenda vergonha de lembrar. Pela ofensa que lhe causei, só posso expressar profundo arrependimento. Eu não ousou pedir que me perdoe – ALICE VAVASOR”*.

Ela ficara atormentada ao escrever isso – e quase se sentiu tão enlouquecida com as tentativas que havia destruído, que não lera uma vez sequer estas últimas palavras. “Ele vai entender, e isso já é o suficiente”, pensou consigo enquanto enviava a carta para longe de si.

Mr. Grey a leu duas vezes, deixando as outras correspondências intocadas ao lado da sua xícara de chá sobre a mesa. Ele a leu duas vezes, e o trabalho de lê-la foi de intensa agonia. Até aqui, ele havia alimentado esperanças. O fato de Alice ter sido levada a pensar no noivado deles com um espírito de dúvida, e com a mente tão aflita que se sentira impelida a fugir dele, foi difícil de suportar; mas, em sua cabeça, fora apenas uma fantasia – um medo mórbido de si mesmo que o tempo poderia curar. Ele aplicaria toda a sua energia para achar tal cura, qualquer que fosse o preço. Existira uma coisa, contudo, que Mr. Grey mais temera – que temera especialmente, ainda que tivesse se proibido de pensar nela como uma possibilidade, e essa coisa havia acabado de acontecer.

Ele sempre detestara e temera George Vavasor – não que o próprio homem lhe causasse medo, pois sabemos que Grey mal conhecia Vavasor; mas temera e detestara a influência que ele tinha sobre Alice, bem como a influência da prima Kate. Advertir Alice sobre os seus primos teria sido impossível. Não era da sua natureza

expressar suspeitas àquela que amava. Isso fora provado pelo tom da carta em que respondera a Alice quando ela lhe informou que o primo George a acompanharia com Kate à Suíça. Ele havia escrito, com uma piada agradável, palavras que Alice pôde ler aos primos com uma pequena sensação de triunfo. Ele não havia escrito porque gostava do que sabia sobre o homem; ele detestava tudo o que sabia sobre George, mas não fora possível demonstrar que desconfiava da prudência de Alice, em quem, como sua futura esposa, estava preparado para confiar em tudo.

Eu expliquei que Mr. Grey leu a carta de Alice com agonia e tristeza. Sentado com a mensagem em mãos, ele provavelmente sofreu como nunca sofrera, mas não havia nada em seu semblante que entregava a dor que estava sentindo. Seward recebeu uma longa epístola, escrita frente e verso do início ao fim – que indicava, devo dizer, uma demissão não muito distante da tal tutoria universitária –, e a leu com plácido contentamento. Não lhe ocorreu olhar para Grey, mas se o tivesse feito, duvido que veria qualquer coisa que atraísse a sua atenção. Grey, apesar de ferido, não se permitiu desanimar. Havia, agora, menos esperança do que antes, mas talvez ainda restasse alguma – alguma esperança para ela, ainda que não tivesse sobrado nenhuma para ele. Notícias sobre George Vavasor haviam chegado aos seus ouvidos, e o fizeram crer que o homem era pobre, irresponsável e que estava à beira da ruína. Um casamento desses representava absoluto desastre a Alice Vavasor. Qualquer que fosse seu destino derradeiro, ele tentaria salvá-la daquilo. O primo dela, sem dúvida, queria dinheiro. Não seria possível que ele se contentasse com os dotes dela, e que, assim, a mulher pudesse ser poupada?

— Seward — ele chamou, por fim, virando-se para o colega, que ainda não havia terminado de ler o verso da última página.

— Alguma coisa errada? — perguntou Seward.

— Bom, sim. Há uma coisa meio errada. Receio que precise deixá-lo, e ir à cidade hoje.

— Espero que ninguém esteja doente.

— Não, ninguém está doente, mas necessito ir a Londres. Mrs. Bole tomará conta de você. Não fique com raiva por eu precisar partir.

Seward garantiu que não sentiria a menor raiva, e que estava deveras familiarizado com as capacidades e boas intenções de Mrs. Bole, a governanta; mas afirmou que, já que estava tão perto da sua própria faculdade, iria, é claro, retornar a Cambridge. Ele pretendia falar alguma coisa sobre os propósitos da jornada emergencial de Grey; pretendia perguntar alguma coisa sobre os novos problemas dele, mas sabia que Grey era um homem que não gostava muito de inquirições íntimas e, por isso, ficou em silêncio.

— Por que não fica? — indagou Grey, após uma pausa de um

minuto. — Gostaria que ficasse, velho amigo; realmente gostaria.

Havia um tom especial de afeição em sua voz que afetou Seward imediatamente.

— Se eu puder ser da menor utilidade para confortá-lo, ficarei, é claro.

Grey se sentou em silêncio por um tempo mais uma vez.

— Realmente gostaria que ficasse.

— Então, ficarei.

Novamente, uma pausa foi feita.

— Eu recebi uma carta de Miss Vavasor — informou Grey.

— Posso ter esperanças de que...

— Não. Ela não me traz boas notícias. Não sei se posso lhe contar tudo. Eu contaria se pudesse, mas a história completa não deve ser contada às pressas. Precisarei deixar falsas impressões. Há certas coisas que um homem não pode contar.

— De fato, há — concordou Seward.

— Eu desejo de todo coração que você soubesse tudo o que sei, mas isso é impossível. Há certas coisas que acontecem em um dia que levariam uma vida inteira para serem explicadas.

Então, ele fez outra pausa.

— Recebi más notícias esta manhã, e tenho de ir a Londres imediatamente. Preciso estar em Ely ao meio-dia. Se quiser, pode me acompanhar até lá. Devo voltar em um dia – certamente em menos de uma semana; mas será um conforto saber que deverei encontrá-lo aqui.

Assim, a questão foi resolvida e eles partiram às 11 horas. Durante os primeiros três quilômetros, nenhuma palavra foi dita entre os dois.

— Seward — Grey, enfim, falou. — Se eu falhar naquilo que vou tentar é provável que nunca mais escute o nome de Alice Vavasor ser mencionado por mim; mas quero que sempre se lembre de uma coisa: em momento algum a minha opinião sobre ela mudou, e tampouco você deve pensar que o meu silêncio indica isso. Entendeu?

— Acho que entendo.

— Penso que ela seja a mais bela das criaturas de Deus que já conheci. É possível que, no futuro, Alice seja totalmente separada de mim; mas não irei, portanto, pensar mal dela; e gostaria que você, como meu amigo, soubesse que a estimo muito, ainda que talvez o nome dela nunca mais seja mencionado entre nós.

Em poucas palavras, Seward assegurou que assim seria, e eles terminaram a jornada em silêncio.

Da estação em Ely, Grey enviou uma mensagem via telégrafo para John Vavasor, comunicando que o visitaria naquela tarde em seu escritório, em Chancery Lane. A probabilidade de achar Mr. Vavasor

em seu escritório era sempre baixa, mas, naquele dia, o telegrama o alcançou lá, e ele ficou até o raro horário das quatro e meia para se encontrar com o homem que deveria ter sido o seu genro.

— Teve notícias dela? — ele indagou, assim que Grey entrou na salinha lúgubre – não em Chancery Lane, mas na vizinhança – que lhe fora atribuída para que cuidasse das assinaturas.

— Sim — disse Grey. — Ela me escreveu.

— E lhe contou sobre o primo George. Eu tentei impedi-la de escrever, mas ela é muito teimosa.

— Por que tentou impedi-la? Se era uma coisa para ser dita, que fosse dita logo.

— Mas eu esperei que houvesse uma saída. Não sei o que pensar sobre tudo isso, Grey, mas, para mim, é o infortúnio mais amargo que já experimentei, e olhe que já experimentei coisas muito amargas — ele adicionou, pensando na época da sua vida em que o trabalho que lhe causava vergonha lhe fora designado como futura ocupação.

— Qual era a saída que o senhor esperava? — questionou Grey.

— Não sei dizer. A coisa toda parece tão louca, que eu, em partes, confiei que ela fosse enxergar a loucura da situação. Você sabe alguma coisa sobre o meu sobrinho George? — perguntou Mr. Vavasor.

— Muito pouco — falou Grey.

— Acredito que ele seja um grande aventureiro, um homem sem meios e sem princípios. No geral, é um dos piores homens que você poderia conhecer. Dou-lhe a minha palavra, Grey: creio que não conheço um homem pior. Ele se casará com ela por dinheiro. Depois, ele a reduzirá à miséria; depois disso, maltratá-la-á. O que posso fazer?

— Evitar o casamento.

— Mas como, meu caro? Evitá-lo! É uma ótima ideia, e é exatamente o que desejo fazer, mas como eu vou evitá-lo? Alice é tão senhora de si quanto você, e pode dar a ele cada xelim da fortuna dela amanhã mesmo. Como vou evitar que ela se case com ele?

— Deixe que ela dê a ele cada xelim da fortuna amanhã mesmo — apontou Grey.

— E o que ela fará depois? — perguntou Mr. Vavasor.

— Depois... Depois... Depois... Depois, deixe que ela venha a mim — completou John Grey. Ao falar isso, um fragmento de lágrima brotou em seu olho, e um leve tremor foi ouvido em sua voz.



Até mesmo a mundana natureza desgastada e fria de John Vavator foi afetada, e, por assim dizer, aquecida.

— Deus o abençoe; Deus o abençoe, meu caro rapaz. De todo coração, eu queria, pelo bem dela, ansiar para que essa situação fosse resolvida.

— E por que não anseia por isso? Você disse que ele simplesmente quer o dinheiro dela. Já que ele o quer, deixe-o conseguir!

— Mas Grey, você não conhece Alice; não compreende a minha menina. Quando ela perdesse a fortuna, nada a induziria a se tornar sua esposa.

— Deixe que o destino decida isso — declarou John Grey. — O nosso primeiro objetivo deve ser separá-la do homem que, segundo o senhor diz, está à beira da ruína, e que, certamente, levá-la-ia à miséria. Eu estou aqui agora, não porque desejo que ela se torne a minha esposa, mas porque desejo que não se torne a esposa de um homem como o seu sobrinho. Se eu fosse o senhor, deixaria que ele tomasse o dinheiro dela.

— Se fosse eu, você teria tanto controle sobre a situação quanto um homem que ainda não nasceu. Sei que Alice dará o dinheiro a ele porque ela me disse que o faria; mas não tenho o poder para decidir se ela o dará ou se o guardará. Esse é o infortúnio da minha posição, mas não adianta nada pensar nisso agora.

John Grey certamente não pensou. Ele sabia bem que Alice era uma mulher independente, e que não estava disposta a desistir de sua independência por ninguém. Ele não havia esperado que o pai dela

pudesse fazer muito para impedir que a filha se tornasse esposa de George Vavasor, mas desejara constatar que compartilhava dos mesmos pontos de vista que ele, e descobriria que este era o caso. Quando partiu da sala de Mr. Vavasor, nada havia sido dito sobre o período do casamento. Grey achou que era improvável que Alice fosse subir ao altar com o primo imediatamente – pouco depois de romper com ele; mas, quanto a isso, não tinha certeza, e estava determinado a obter os fatos dos próprios lábios dela, se Alice aceitasse vê-lo. Então, ele escreveu para ela, determinando o dia em que a visitaria no começo da manhã. Ao receber dela uma resposta que não o proibia, ele compareceu a Queen Anne Street no horário marcado.

Mr. Grey havia concebido um plano sobre o qual Mr. Vavasor não fora informado, e cuja viabilidade lhe era duvidosa; mesmo assim, resolveu tentar colocá-lo em prática se a oportunidade surgisse: ele mesmo compraria George Vavasor. Ele sempre fora um homem prudente e tinha dinheiro à disposição. Se Vavasor era mesmo o homem que aqueles que mais o conheciam designavam, tal compra poderia ser possível. Porém, antes que isso pudesse ser tentado, precisaria se certificar de conhecer o homem, e garantir que, ao fazê-lo, não iria, na realidade, somar ao sofrimento de Alice. Ele não conseguia conceber que ela, de fato, pudesse amar o primo com amor passionai. Parecia-lhe, conforme se lembrava do que Alice significava para si mesmo, que isso era impossível. Mas, se fosse possível, isso certamente poria um ponto final em sua interferência. Ele achou que, se a visse, descobriria a verdade. Assim sendo, dirigiu-se a Queen Anne Street.

“É claro que ele pode vir se quiser”, ela pensou consigo quando recebeu o bilhete. “Não vai importar. Ele não poderá dizer nada tão brutal quanto as coisas que tenho dito a mim mesma o dia todo”. Todavia, quando a manhã e a hora chegaram, e a batida que seus ouvidos aguardavam em alerta foi ouvida, seu coração a traiu, e ela sentiu que o presente momento de sua punição – ainda que não fosse o pior – seria difícil de suportar.

Ele subiu as escadas lentamente – seus passos eram sempre lentos – e abriu a porta gentilmente. Então, antes de sequer encará-la, fechou-a novamente. Eu não sei como explicar, mas foi o perfeito autocontrole que ele demonstrava em qualquer ocasião que, em parte, fez Alice temê-lo e acreditar que não eram compatíveis um com o outro. Enquanto ele dava as costas para ela, para, então, aproximar-se lentamente, Alice permaneceu com as mãos inclinadas sobre o centro da mesa do aposento, e os olhos fixos em sua superfície.

— Alice — ele proferiu, caminhando até ela, lentamente.

Todo seu corpo tremeu ao ouvir a doçura da voz dele. Não será melhor se eu contar a verdade sobre ela de uma vez? Oh, se ela

pudesse ser dele outra vez! Fora uma loucura que, nos últimos seis meses, levava-a a estes apuros! O antigo amor voltou ao seu coração. Não; ele nunca havia partido; mas aquela confiança no amor dele lhe havia retornado – aquela confiança que lhe dissera que tal amor e tal valor teriam bastado para fazê-la feliz. Mas essa confiança nele era inútil agora! Ainda que ele assim desejasse, ela não poderia mudar de ideia novamente.

— Alice — chamou de novo. Então, quando ela o encarou lentamente, ele requisitou a mão dela. — Pode dá-la como se a estivesse dando a um velho amigo — ele disse.

Ela repousou a sua mão na mão dele e, ao retirá-la, sentiu que, se voltasse a repetir o gesto, jamais seria capaz de se controlar.

— Alice — ele continuou. — Eu não espero que me diga muita coisa; mas há uma ou duas questões que gostaria que me respondesse. O dia deste casamento já foi marcado?

— Não — ela respondeu.

— Será em um mês?

— Oh, não. Só daqui a um ano — ela falou às pressas, e ele discerniu, pelo tom da voz, que Alice já estava abominando esse novo compromisso matrimonial. Qualquer que fosse a raiva que ele havia sentido por Alice, ela, agora, jazia banida. Ela tinha, graças ao seu péssimo julgamento – e à sua ignorância, como confessara – cometido um infeliz erro; mas ele acreditava que ela ainda era digna do seu amor.

— Agora, outra questão, Alice, mas se ficar em silêncio, não persistirei. Pode me dizer por que resolveu aceitar novamente o pedido do seu primo?

— Porque... — ela começou, rapidamente, levantando a cabeça, como se estivesse prestes a falar com toda a sua velha coragem. — Você não entenderia — ela interrompeu. — E não tenho razões para ousar esperar que você, algum dia, volte a pensar bem de mim.

Ele sabia que não havia amor – não fora amor que a fizera prometer a mão àquele homem. Mr. Grey não sabia, por outro lado, o quão forte, imutável e sincero era o amor que ela sentia por ele. De fato, ele não estava pensando em si mesmo; só queria saber se ela sofreria caso seu plano conseguisse romper este casamento. Quando perguntou se ela se casaria imediatamente, Alice havia tremido diante da ideia. Quando perguntou por que ela havia aceitado o primo, Alice hesitou e deu a entender que ele, talvez, não conseguisse compreendê-la. Se ela amasse George Vavasor, ele já teria percebido há muito tempo.

— Alice — ele repetiu, ainda falando bem devagar —, nada ainda aconteceu que possa nos separar definitivamente. Sou um homem persistente, e ainda não perdi todas as esperanças. Um ano é um longo

tempo. Como você mesma disse, eu ainda não a compreendo. Alice, acredito que a posição em que nos encontrávamos há alguns meses me permite falar isso sem ofendê-la, eu a amo agora tanto quanto sempre amei, e caso a sua situação mude, não posso expressar com quanta alegria e ansiedade eu a tomaria de volta em meus braços. O meu coração hoje é seu, assim como é desde que a conheci.

Ele, então, tocou a sua mão outra vez e a deixou antes que ela pudesse responder.

CAPÍTULO 37

O CONSELHO DE MR. TOMBE

Quando John Grey a deixou, Alice permaneceu sentada por uma hora sem se mover, enquanto as palavras que ele proferira ressoavam em seus ouvidos incessantemente. “O meu coração hoje é seu, assim como é desde que a conheci”. Houvera alguma coisa nestas palavras que acalmara o seu espírito e que, por um momento, quase a confortara. Apesar de tudo, ele não a desprezava. Ele não poderia ter dito palavras como aquelas se ainda não conservasse grande estima por ela. Não... Por acaso, Mr. Grey não havia declarado que ainda a receberia se ela fosse até ele? “Não posso expressar com quanta alegria e ansiedade eu a tomaria de volta em meus braços!” Ah! Isso possivelmente jamais aconteceria. Ainda assim, a garantia fora doce para ela – perigosamente doce, como logo concluiu. Ela sabia que havia perdido seu Éden, mas significava muito que o mestre do jardim não a expulsara. Ela continuou sentada, pensando em seu destino, como se ele pertencesse a outra pessoa, e não a si mesma; como se fosse uma história que tivesse lido. Alice havia causado o próprio e completo encalhamento, e ainda que pudesse naufragar, ela não fora empurrada do navio pelas mãos que amava.

Mas não teria sido melhor se ele a tivesse insultado e acusado? Se houvesse conseguido fazer isso, ele, pelo menos, teria escapado da tristeza de um coração decepcionado. Se houvesse aprendido a desprezá-la, ele teria parado de sentir saudades dela. Alice não tinha direito se sentir consolada pelo fato de que os sofrimentos dele eram iguais aos seus. Mas, quando pensou a respeito, disse a si mesma que isso não estava certo. Ele era um homem, ela concluía, que não era apaixonado por natureza. Lamentavelmente, este foi o erro que ela cometeu ao julgar os aspectos do seu caráter! Ele possivelmente seria persistente, Alice pensara, na luta para reconquistar aquilo que um dia fora seu. Ele havia dito isso, e Mr. Grey era sempre literalmente sincero. Mesmo assim, quando a coisa que decidiu continuar perseguindo foi afastada completamente do seu alcance, ele não permitiu que o seu calmo coração fosse afetado por arrependimentos vãos. Ele era um homem completo demais em todos os aspectos – Alice disse a si mesma – para deixar que a sua felicidade fosse arruinada por um acidente como aquele.

Mas será que o acidente precisava acontecer? Será que não havia alguma chance de ele ser salvo – até mesmo das dificuldades que seguiriam tal perda? Não seria possível que se sentisse gratificado – já que isso o gratificaria – e que ela pudesse ser salva? Várias e várias vezes ela pensou nisto – mas sempre como se fosse outra mulher que precisasse salvar, e não a si mesma.

Alice, no entanto, sabia que o seu próprio destino estava selado.

Ela fora louca de fazer o que havia feito, mas o mal, nem por isso, deixava de estar feito. Ela fora louca de confiar em si mesma para viajar com duas pessoas, sendo que ambas, como bem sabia, estavam determinadas a arrebatam a felicidade das suas mãos. Ela fora louca de concluir, conforme caminhava pelas colinas rochosas de Westmoreland, que, afinal de contas, seria melhor se casar com o primo, já que o outro casamento estava além do seu alcance! Os seus dois primos haviam conseguido apagar todas as esperanças da sua vida – de que outra forma ela poderia se enxergar agora, senão como uma mulher fraca que se deixou ser usada por eles? “Que infelicidade!”, pensou, admitindo, em sua angústia, todas as suas fraquezas – infelizmente, ela não tinha mãe. Alice sentira glória em sua independência, e agora pagava o preço por isso! Ela havia menosprezado a prudência de lady Macleod, e o seu menosprezo a levava a esta situação!

Por acaso, ela iria se entregar inteiramente – de corpo e alma, como expressara em voz alta em sua solitária agonia – a um homem que não amava? Por acaso, ela deveria se submeter aos carinhos dele, deitar-se sobre seu peito e corresponder seus beijos calorosamente?

— Não — ela decidiu. — Não — ergueu a voz, enquanto circulava pelo aposento. — Não. Não era parte do acordo. Essa nunca foi a minha intenção.

Mas se não era, então qual havia sido a sua intenção? Qual havia sido o seu sonho? Em que casamento ela havia pensado ao escrever a resposta para George Vavasor? Como posso analisar a mente dela, e fazer dos seus pensamentos e sentimentos expressões inteligíveis para os interessados em tal estudo? Ela faria pelo primo qualquer sacrifício que um amigo poderia fazer pelo outro. Ela lutaria as batalhas dele usando seu dinheiro, suas palavras e a sua simpatia. Ela se sentaria com ele, se fosse preciso, e lhe traria conforto o tempo todo. A desgraça dele seria a desgraça dela; a glória dele seria a dela; a carreira dele seria a dela. Não fora a este casamento que ela consentira? Mas ele havia vindo até ela e pedira um beijo, e ela tremeu diante dele quando a demanda foi feita. Então, o outro viera e tocara a sua mão, e as fibras no interior do seu corpo pareceram derreter ao toque, de modo que ela poderia ter caído aos seus pés.

Ela havia errado. Ela sabia que havia errado. Ela sabia que havia cometido aquele pecado que era especialmente capaz de desgraçar uma mulher. Ela havia dito que se tornaria a esposa de um homem com o qual não poderia se unir com o amor de uma esposa; e, enlouquecida por uma ambição vil, havia desistido do homem pelo qual modesto amor o seu coração clamava. Ela havia jogado fora aquele maravilhoso aroma de preciosa delicadeza, que é o maior tesouro de uma mulher. Ela havia pecado contra o seu sexo; e, na

agonia do desespero, enquanto aninhava-se sobre o chão com a cabeça encostada contra a cadeira, disse a si mesma que não havia perdão para o que tinha feito. Ela entendia isso agora, e sabia que não poderia se perdoar.

Mas, você pode perdoá-la, delicado leitor ou leitora? Ou será que estou fazendo esta pergunta muito cedo em minha história? Quanto a mim, eu a perdoei. A história desse conflito esteve presente em minha mente por muitos anos – e cheguei à conclusão de que, mesmo esta ofensa contra a feminilidade, pode ser perdoada com uma profunda contrição. Você também precisa perdoá-la antes que encerremos o livro, do contrário, a minha história terá sido contada em vão.

Mas reconheçamos que ela pecou – quase condenavelmente; quase imperdoavelmente. Ora, penso que ela conhecia o significado do amor, mas anteriormente não soubera qual dos dois amava! Ora, duvido que ela soubesse por qual abraço mais ansiava e quais beijos seriam os mais doces de dar; duvido que soubesse de que lado jazia a modéstia do seu imaculado amor! Que lástima! Ela se rendera à poluição do coração e dos sentimentos antes mesmo de ter se levado a este ponto. Venha – vamos ver se é possível que ela seja purificada pelas chamas do seu sofrimento.

“O que vou fazer?” Alice passou o dia inteiro se fazendo essa pergunta, sentindo-se espantada pela rapidez com a qual a convicção lhe impusera a conclusão de que um casamento com o seu primo seria, para ela, algo quase impossível. Será que ela aguentaria ouvir que, por três vezes na vida, havia dispensado um pretendente promissor? Que, por três vezes, ela retirara sua promessa porque havia mudado de ideia? Onde ela encontraria coragem para contar ao pai, para contar a Kate, para contar ao próprio George, que o seu propósito fora, uma vez mais, alterado? Ela, no entanto, tinha um ano à disposição. Se ao menos, durante esse tempo, ele tomasse e gastasse o dinheiro dela, e não requisitasse mais nada das suas mãos, será que ela não poderia escapar da perdição vindoura? Será que não seria possível que a recusa viesse, desta vez, dele? Alice, contudo, conseguiu decidir uma coisa – ou pelo menos considerou que havia conseguido: o que quer que acontecesse, ela nunca subiria ao altar com George. Enquanto houvesse um penhasco de onde pular; águas que pudessem cobri-la; ou um grão mortal que pudesse ser misturado ao seu chá, ela não se submeteria ao destino de esposa de George Vavasor. Ela não poderia revelar esta resolução para nenhum ouvido; não poderia indicar seu propósito para nenhum amigo. Ela devia seu dinheiro ao homem após tudo o que havia se passado entre eles. Era direito dele contar com a assistência que ela tinha condições de dar – e ele a teria. Apenas como prometida do primo, ela poderia ajudá-lo, pois entendia muito bem que, se ocorresse algum rompimento entre eles, a aceitação de tal

socorro seria impossível. Ele receberia o dinheiro dela, e então, quando o dia chegasse, uma fuga seria descoberta.

No final da tarde, seu pai surgiu diante dela, e talvez seja melhor explicar que Mr. Grey o visitara outra vez naquele dia. Quando partiu de Queen Anne Street, Mr. Grey foi ver o seu advogado e, de lá, encaminhou-se até Mr. Vavator. Foi entre as cinco e seis que Mr. Vavator voltou para casa e, então, encontrou a filha sentada, diante da lareira da sala de estar, com as luzes apagadas, na escuridão da noite. Mr. Vavator acompanhara Grey até o escritório do advogado e, de lá, fora direto para casa. Ele se sentiu pasmo diante da precisão com a qual todas as circunstâncias da situação da sua filha eram explicadas a um velho cavalheiro careca de olhar suave, que fazia seus negócios em uma rua limpa, escura e estreita, que ficava por trás do Provisorado.

[67] Mr. Tombe era o nome dele.

— Não — Mr. Grey respondeu, quando Mr. Vavator lhe indagou sobre a natureza peculiar dos negócios de Mr. Tombe. — Ele não é especialmente um advogado eclesiástico. Ele tinha um parceiro em Ely, e era sempre empregado pelo meu pai e pela maioria do clero local.

Mr. Tombe não demonstrou surpresa, consternação e, certamente, nenhuma falsa simpatia quando todo o assunto foi posto sob discussão. George Vavator receberia o dinheiro em questão, mas, se assim pudesse ser combinado, o montante partiria dos fundos de John Grey, e não dos de Alice. Mr. Tombe provavelmente conseguiria acertar isso com o advogado de Mr. Vavator, que, sem dúvida, poderia colocar a dificuldade de aumentar a pedida em dinheiro vivo. Mr. Tombe conseguiria apresentar o dinheiro vivo sem dificuldades e, por fim, George Vavator concordaria em desistir da sua noiva, aceitando, ou tendo aceitado, o preço da barganha. John Vavator permaneceu sentado, em silêncio, enquanto o acordo era feito, sem saber como falar. Ele não tinha dinheiro para contribuir.

— Gostaria que entendesse que o casamento seria considerado com tanta consternação pelo pai da moça quanto por mim — Grey explicou ao advogado.

— Certamente, seria a ruína dela — Mr. Vavator respondera.

— Entenda, Mr. Tombe — Mr. Grey prosseguiu. — Só desejamos testar o homem. Se ele não for o tipo de sujeito que pensamos, poderá provar isso com sua conduta. Se for merecedor dela, então, ele pode ficar com ela.

— O senhor meramente deseja abrir os olhos dela, Mr. Grey — raciocinou o advogado de olhos suaves.

— Desejo que ele consiga o dinheiro que quer e, então, descobriremos o que realmente deseja.

— Sim, conheceremos a natureza deste homem — determinou o

advogado. — Ele terá o dinheiro dele, Mr. Grey.

E assim, a entrevista foi encerrada.

Quando adentrou a sala de estar, Mr. Vavasor falou com a filha em um tom alegre.

— Ora, está no escuro?

— Sim, papai. Por que deveria acender velas se não estou fazendo nada? Eu não estava esperando o senhor.

— Não, suponho que não. Eu vim aqui porque desejo dizer algumas palavras sobre o seu assunto.

— Que assunto, papai?

Alice compreendeu o tom da voz do pai. Ele queria conquistar as suas boas graças, mas, ao mesmo tempo, citar uma possibilidade pela qual ela poderia demonstrar resistência.

— Bom, meu amor, se eu a entendi bem, o seu primo George deseja dinheiro.

— Eu não disse que ele o quer agora; mas creio que vá querê-lo antes que chegue a época das eleições.

— Se for o caso, ele vai querê-lo imediatamente. Ele ainda não lhe pediu?

— Não, apenas falou que, se a necessidade surgisse, ele me pediria para cumprir a minha palavra.

— Acho que não há dúvidas de que ele quer o dinheiro. De fato, acredito que ele esteja quase inteiramente sem meios próprios.

— Eu acho difícil ser o caso, mas não sei nada sobre a questão. Posso apenas dizer que ele ainda não me pediu nada, e que desejo o ajudar quando a hora chegar.

— Até que ponto, Alice?

— Não sei quanto tenho. Recebo cerca de 400 libras por ano, mas não sei o quanto valeria, ou o quanto seria suficiente para ajudá-lo. Desejo manter cem por ano para mim, e deixar que ele fique com o resto.

— O quê?! Oito mil libras?! — exclamou o pai, que, apesar de não desejar contrariá-la, não conseguiu segurar o desgosto.

— Não acredito que ele vá querer tanto, mas, se quiser, desejo que ele tenha tudo.

— Céus! — amargurou-se John Vavasor. — Teríamos de desistir da casa, é claro.

Ele não conseguiu suprimir a sua angústia, ou se impedir de explodir em agonia diante da perspectiva de tal perda.

— Mas ele ainda não me pediu nada, papai.

— Não, exatamente; e talvez ele não peça, mas quero saber o que fazer quando a demanda for feita. Eu não vou contrariá-la agora. O dinheiro é seu, e você tem o direito de fazer o que quiser com ele, mas será que poderia atender a um pedido meu?

— O que é, papai?
— Quando ele pedir, deixe que o montante seja entregue do meu jeito.

— De que jeito?

— Você terá de vir comigo; digo, para que eu possa conversar com o advogado e deixar tudo preparado.

Então, ele explicou que, ao se lidar com grandes somas de dinheiro, não era certo que Alice o fizesse sem o conhecimento dele, ainda que os dotes fossem dela.

— Prometo que não contrariarei os seus desejos — ele afirmou.

Então, Alice garantiu que, quando a oportunidade surgisse, o dinheiro seria entregue do jeito dele.

Dois dias depois, ela recebeu uma carta de lady Glencora, que continuava em Matching Priory. Foi uma carta leve, tagarela e divertida, que tinha a intenção de ser feliz em seu tom – que tinha a intenção de carregar um sabor de felicidade, mas que, apesar disso, falhara graças ao aparente significado por trás de certas palavras aqui e acolá. *“Encontro-me em Matching”, a carta narrava, “só que, como você deve se lembrar, deveria estar em Monkshade. Escapei, por fim, com um violento esforço, e agora estou passando o tempo inocentemente”* – temo que não tão proveitosamente quanto ela queria – *com Iphy Palliser. Você se recorda de Iphy? É uma boa criatura, e de bom grado me incentivaria a aproveitar a situação, se fosse possível. Admito que estou pensando em todos eles em Monkshade, e me sinto sinceramente contente por não estar lá. A minha ausência foi posta totalmente sobre seus ombros. Aquela maldita noite entre as ruínas! Pobres ruínas. Eu vou lá sozinha, às vezes, e imagino que ouço as paredes falando e que vejo faces através das janelas quebradas! Nelas, todos os velhos Pallisers aparecem para fazer cara feia, e me dizer que não sou boa o bastante para pertencer à família. Há uma janela em particular em que Sir Guy surge e faz caretas para mim. Eu falei isso para Iphy dias atrás, e ela me respondeu, seriamente, que eu poderia, se quisesse, ser boa o bastante para os Pallisers. Até mesmo para os Pallisers! Não é lindo?”*

Então, lady Glencora contou que seu marido pretendia estar a Londres no começo da sessão, e que ela o acompanharia. *“Isto é”, emendou lady Glencora, “se, quando a hora chegar, eu ainda for boa o bastante para os Pallisers”.*

CAPÍTULO 38

A ESTALAGEM EM SHAP

Quando George Vavasor deixou o escritório de Mr. Scruby – e os leitores atentos lembrarão que ele visitou Mr. Scruby, o advogado parlamentar, e lá reconheceu a necessidade de se colocar sob a posse de uma pequena soma de dinheiro o mais rápido possível – ele estava ciente de que o trabalho a ser feito ainda jazia à frente; George também sabia que a tarefa a ser cumprida era uma tarefa muito desagradável. Ele não gostava da incumbência de pedir dinheiro emprestado à prima Alice.

Todos sabemos que vigaristas e malandros são propensos a truques muito sujos, e podemos imaginar tais vigaristas sentindo uma certa quantidade de prazer e gosto ao realizá-los. Nisto, eu penso que estamos errados. O pobre e falido vagabundo semieducado, que pede emprestado meia libra de ouro por cabeça a cada um de seus velhos conhecidos, ciente de que sabem que ele nunca conseguirá reembolsá-los, sofre uma pequena agonia avulsa a cada pedido que faz. Não há velejo deleitoso na jornada que está fazendo. Receber uma recusa é algo doloroso para ele. Receber a sua meia coroa de ouro com menosprezo é doloroso. Recebê-la com uma aparente confiança em sua honra é quase mais doloroso ainda. “Maldição”, ele pensa consigo nestas raras ocasiões. “Reembolsarei o camarada”. Ainda assim, enquanto pensa isso, ele sabe que jamais será capaz de restituir o camarada completamente. É uma negociação desconfortável e insatisfatória, isso de sobreviver com o dinheiro dos outros.

Como George Vavasor deveria dar o primeiro passo em direção ao dote da prima? Ele havia ido até ela para pedir o seu amor, e ela havia tremido quando ele fizera o pedido. Aquele fora o início da vida dos dois sob o novo compromisso deles. Ele sabia muito bem que o dinheiro lhe seria passado quando demandasse – mas, diante das presentes circunstâncias conjuntas deles, como ele poderia fazer a demanda? Se escrevesse uma carta, deveria apenas pedir o dinheiro, sem fazer qualquer alusão ao seu amor? Se fosse vê-la em pessoa, deveria fazer da sua visita um mero encontro de negócios – assim como definiria uma reunião com o banqueiro?

Finalmente, resolveu que Kate deveria cuidar do assunto por ele. Na verdade, sentira o tempo todo que seria melhor se Kate agisse como embaixadora de questões monetárias entre ele e Alice, assim como fizera com tantos outros assuntos. Ele poderia falar com Kate de uma maneira que não poderia falar com Alice – e então, entre as mulheres, tais duras necessidades financeiras seriam amaciadas com uma romântica fraseologia que ele nunca conseguiria utilizar com eficácia. Ele decidiu visitar Kate e, com isso em vista, viajou até Westmoreland; descansando em uma pequena estalagem à beira da

estrada em Shap, entre as colinas rochosas, que conhecia há muito tempo. Ele avisou à irmã que estava a caminho, e suplicou que fosse encontrá-lo tão cedo quanto descobrisse ser possível, na manhã seguinte à sua chegada. George alcançou o lugarejo de trem, partindo de Londres ao fim da tarde. A companhia ferroviária sem dúvida entendia que havia agraciado aquela localidade um tanto bruta e remota com todas as vantagens de uma refinada civilização graças à estação que há em Shap; mas duvido que os Shappitas tenham se sentido gratos com o favor. O dono da estalagem, por exemplo, não se sentiu. Shap era um local que devia toda a vida que possuía aos serviços postais e de transportação. O lugar fora um palco na estrada principal de Lancaster para Carlisle, e ainda que fosse alto e desolado nas redondezas das colinas rochosas; frio, propenso a ventanias, e pouco povoado – provocando em todos os viajantes gratidão por não terem nascido Shappitas – ele tivera a sua glória graças aos serviços postais e de transportação. Sem dúvida há homens e mulheres que olham para trás com afeição arrependimento dos gloriosos dias em Shap.

Vavator chegou à pequena estalagem por volta das nove horas de uma noite escura como breu. Ventava tanto que foi necessário que ele segurasse o chapéu na cabeça. “Que região brutal de se viver”, pensou, resolvendo que certamente venderia Vavator Hall, a despeito de todas as associações familiares, caso o poder de tomar tal decisão caísse em suas mãos. “Que lixo de lugar”, ele refletiu. “Se prender a um lugar desses, sem os meios de viver como um cavalheiro, simplesmente porque seus ancestrais assim fizeram”. Logo, ele expressou uma dúvida a si mesmo: será que o mundo continha um velho mais teimoso, ignorante e inútil do que o seu avô – ou, para resumir, um homem mais tolo?

— Ora, Mr. George — disse o proprietário assim que o viu. — Como é *bão* ver o *sinhô*, já faz um tempão desde que o *sinhô* visitou as colinas rochosas.

George, contudo, não queria conversar com o dono da estalagem, ou explicar por que não havia visitado Vavator Hall. O dono da estalagem, certamente, sabia de tudo – sabia que o avô havia brigado com o neto, bem como o motivo do conflito; mas, se suspeitava de tal conhecimento, George preferiu ficar calado. Ele, então, simplesmente grunhiu algo em resposta e, após se colocar diante de algumas faíscas de fogo que mal queimavam em um aposento público, pediu que a pequena sala de estar no andar de cima fosse preparada para ele. Lá, George passou a noite em solidão, evitando encorajar o estalajadeiro que, mesmo assim, foi vê-lo três ou quatro vezes, até que, finalmente, ele explicou que sua cabeça doía e que desejava ser deixado sozinho.

— Ele sempre foi um juvenzinho irritadiço, que nunca tem uma

palavra gentil para homens ou animais — afirmara o estalajadeiro. — Até parece que o corte feioso no rosto dele atravessou direito *pro* coração.

Depois disso, George foi deixado em paz, e continuou sentado, ruminando se seria melhor, ou não, solicitar duas mil libras de uma vez a Alice – desta forma, poupando-se da necessidade desagradável de fazer um segundo pedido de empréstimo antes do casamento. A mente dele estava muito perturbada. Ele havia se congratulado por ter o amor da prima durante toda essa história; tivera certeza de que este fora o caso quando ficaram juntos na Suíça. Quando ela decidiu desistir de John Grey, é claro que ele disse a si mesmo a mesma coisa. Quando ela imediatamente respondeu à sua primeira oferta subsequente com uma afirmativa, é claro que se sentiu confiante. Sombrio, egoísta e, até mesmo, desonesto como era, ele tinha, apesar de tudo, desfrutado um pouco de um prazer verdadeiro e romântico ao acreditar que Alice ainda o amava, apesar de todos os percalços. Mas, em um segundo, sua alegria se transformou em amargura durante o encontro em Queen Anne Street. Ele conseguiu ler a verdade em um relance. Um homem da idade de George Vavasor deve ser muito fútil, ou pouco acostumado a tais assuntos, se não conseguir entender os sentimentos com os quais uma mulher o recebe. Quando Alice criou uma situação desagradável, ao tentar escapar do abraço que ele tinha tanto direito de pedir, ele entendeu toda a verdade. O seu coração estava ferido e igualmente furioso. Ele poderia tê-la desprezado imediatamente, e rejeitado aquela que uma vez o rejeitara. Ele teria feito isso se a precisão de obter o dinheiro dela não o impedisse. George não era um homem capaz de se enganar em tais questões. Ele sabia que as coisas eram assim, e disse a si mesmo que era um patife.

Vavasor Hall ficava, seguindo pela estrada, a cerca de oito quilômetros de Shap, e não seria uma tarefa completamente fácil para Kate ir ao vilarejo sem informar ao avô sobre a visita, bem como seu propósito. Na verdade, ela poderia caminhar, e a caminhada não seria tão longa quanto aquela que dera com Alice nas colinas de Swindale – todavia, caminhar até uma estalagem pela estrada principal não é a mesma coisa que caminhar até um ponto das colinas no flanco do lago. Se ela ficasse suja, amarrotada e ensopada durante o passeio até as colinas de Swindale, a situação seria vista com bom-humor; mas o irmão sabia que ela não iria gostar de ser vista entrando no “Brasão Lowther” em tais condições. Provou-se essencial, portanto, que ela pedisse ao avô a carruagem de passeio emprestada.

— Aonde você vai? — ele perguntou rispidamente. Em tais residências como Vavasor Hall, o cavalo da família geralmente era usado para tarefas duplas. Embora carregasse a dama da casa para

passar em um dia, ele não era orgulhoso demais para carregar esterco no outro; e sempre era uma regra que o mestre da casa preferisse mais carregar o esterco que à dama. O lorde de Vavasor Hall se acostumara tanto com tal rotina, que considerava qualquer outra aplicação dos serviços do animal uma usurpação.

— Apenas para Shap, vovô.

— Para Shap?! O que diabos a levaria a Shap? Não há lojas em Shap.

— Eu não vou fazer compras. Pretendo ver alguém lá.

— E quem você poderia querer ver em Shap?

Então, ocorreu a Kate, no calor do momento, quer seria melhor contar os fatos ao seu avô.

— O meu irmão está lá — ela explicou. — Em uma estalagem no vilarejo. Eu não pretendia contar, pois não queria mencioná-lo até que o senhor aceitasse recebê-lo aqui.

— Ah, e ele deseja vir até aqui agora, não é? — questionou o lorde.

— Oh, não, senhor. Não acredito que ele tenha tais expectativas. George veio simplesmente falar comigo... sobre negócio, eu acho.

— Negócios, que negócios?! Imagino que ele queira pedir o seu dinheiro.

— Penso que seja sobre o casamento dele. Acho que ele quer usar a influência que tenho sobre Alice para que não seja adiado.

— Veja bem, Kate: se emprestar o seu dinheiro a ele, qualquer centavo que seja, isto é, do seu dote principal, eu digo, nunca mais falarei com ele sob nenhuma circunstância; e mais do que isso! Veja bem, Kate: apesar de tudo o que se passou, a propriedade será dele para toda a vida quando eu morrer, a não ser que eu altere meu testamento. Se ele conseguir dinheiro de você, vou alterá-lo, e com a minha morte ele se tornará tão rico quanto é hoje. Pode levar o cavalo até Shap.

Mas que azar fora aquele que pusera tal ideia na cabeça do velho lorde nesta manhã específica? Kate havia decidido incentivar o irmão a usar a sua pequena fortuna. Ela temia agora que ele estivesse vindo para tratar do dinheiro de sua prima – e que alguma coisa deveria ser feita para que pudesse tirar vantagem da oferta de Alice; e Kate, quase corando na solidão de sua câmara enquanto pensava nisso, sentiu-se determinada a salvar o irmão de tal tentação. Ela sabia que dinheiro era necessário para ele. Ela sabia que o seu irmão não teria condições de fazer uma segunda campanha sem ajuda. Apesar de todas as confidências, ele nunca havia dado muitos detalhes para ela sobre seus problemas financeiros, mas Kate tinha quase certeza de que ele estava pobre. Ele praticamente lhe dissera isso, e na carta que requisitava a sua presença em Shap, ele inserira uma ou duas palavras com o

propósito de preparar a mente dela para considerações monetárias.

Enquanto avançava pela estrada acidentada até Shap, ela decidiu que tia Greenow seria a pessoa ideal para pagar os custos da vindoura eleição. Para dar crédito a Kate, ela teria dado cada xelim do próprio dinheiro sem hesitar um segundo, ou considerar que seu irmão estava errado em aceitá-lo. Ela poderia, inclusive, mudar de ideia quanto a não usar o dinheiro de Alice, se Alice fosse simplesmente a prima dele. Ela sentia que, como Vavasors, elas precisavam apoiar o futuro lorde da família, numa tentativa que seria feita, como sentia, pelo interesse geral dos Vavasors. Ela, porém, não poderia suportar a ideia do irmão tomar o dinheiro da garota de quem estava noivo. Já pelo dinheiro de tia Greenow, valia tudo, Kate pensava. A própria tia Greenow fizera várias ofertas generosas que Kate havia recusado por não querer se colocar em dívida com ela sem necessidade; mas a moça sentiu que, para um propósito como a campanha do irmão, não hesitaria em pedir ajuda, e, assim, concluiu que tal assistência estava a caminho.

— O vovô sabe que você está aqui, George — revelou Kate, assim que terminaram de se cumprimentar.

— Raios que me partam! E por que foi contar a ele?

— Eu não teria conseguido a carruagem sem explicar por que a queria.

— Que bobagem! Como se você não pudesse inventar uma desculpa! Eu particularmente ansiava para que ele não soubesse que estou aqui.

— Não vejo que diferença isso faz, George.

— Mas eu vejo; vejo uma grande diferença. Isso pode impedir que eu consiga me aproximar dele novamente antes que morra. O que ele disse sobre a minha chegada?

— Ele não falou muita coisa.

— Ele não me convidou a ir até lá?

— Não.

— Eu não teria ido, mesmo se tivesse convidado. Nem sei agora se devo ir algum dia. Estar lá e me comportar – de modo a fazê-lo alterar seu testamento e me deixar numa posição que tenho o direito de esperar –, tomaria mais tempo do que a propriedade vale. Além disso, ele vai querer me forçar a aceitar algum detalhe que eu não suportaria – talvez acabe me pedindo para desistir da noção de disputar o Parlamento.

— Talvez ele peça, mas não daria espaço para outra briga se você recusasse.

— Ele é insensato e ignorante, e estou melhor longe dele. Mas, Kate, você não me parabenizou quanto às minhas perspectivas matrimoniais.

— Na verdade, parabenizei, George, quando lhe escrevi.

— É mesmo? Ora, eu me esqueci. Não sei se um tom congratulatório muito forte é necessário. Do jeito que as coisas vão, talvez seja para o nosso bem, e isso possivelmente é o melhor que pode ser dito sobre a situação.

— Oh, George!

— Entenda, Kate, não sou um romântico como você. Meia dúzia de crianças com uma renda mínima não é algo que geralmente atrai os homens que querem subir na vida.

— Você sabe que sempre desejou torná-la sua esposa.

— Não sei do que está falando. Você sempre sofreu com alucinações de casamenteira neste aspecto. Mas, neste caso, até agora obteve êxito, e merece o seu triunfo.

— Eu não quero nenhum triunfo; você deveria saber disso.

— Mas vou lhe dizer o que quero, Kate: quero dinheiro — George fez uma pausa, mas, como ela não respondeu imediatamente, ele foi obrigado a seguir o discurso. — Não tenho certeza se tomei a decisão certa ao fazer essa tentativa de ingressar no Parlamento, não sei se estou lutando para catar uma fruta que está acima do meu alcance.

— Não diga isso, George.

— Ah, mas é uma sensação que não consigo evitar. Acho que não preciso lhe dizer que estou pronto para arriscar qualquer coisa que tenho. Se me conheço bem, eu tiraria a sorte amanhã — ou hoje, aliás — entre a forca e um assento na Câmara, mas não é possível prosseguir nesta contenda arriscando apenas o que é meramente meu. Para uso imediato, não me sobrou mais nenhum dinheiro, e o meu pescoço, ainda que sempre esteja disposto a arriscá-lo, não me servirá para nada.

— Tudo o que eu tenho pode ser seu amanhã — disse Kate, em um tom hesitante, que claramente evidenciava a sua aflição conforme fazia a oferta. Ela não conseguiu se impedir de se oferecer, embora a ameaça do avô estivesse zunindo em seus ouvidos; embora soubesse que poderia estar arruinando o irmão ao propor o empréstimo, ela não tinha alternativa. Quando o seu irmão lhe contou sobre a necessidade de dinheiro, ela não conseguiu se abster de oferecer o que era seu para usufruto dele.

— Não — ele respondeu. — Eu não aceitarei o seu dinheiro.

— Você não hesitaria se soubesse o quão bem-vindo é.

— De qualquer modo, não o aceitarei. Não seria correto. Tudo o que tem só seria o bastante para minhas necessidades presentes, e eu não iria querer transformá-la em uma mendiga. Além do mais, depois haveria dificuldades quanto ao reajuste do pagamento.

— Não haveria dificuldade; porque ninguém mais precisa ser consultado além de nós dois.

— Eu não acho correto, portanto, vamos encerrar o assunto —

pediu George, num tom de voz em que ressoava uma pitada de grandiloquência.

— O que é que você deseja, então? — perguntou Kate, que sabia muito bem o que ele desejava.

— Eu vou lhe explicar. Quando Alice e eu nos casarmos, é claro que algum acordo envolvendo o nome dela será feito, e como ambos somos netos do velho lorde, vou sugerir que a propriedade dos Vavasors seja dela para sempre, caso siga viva após a minha morte.

— E então? — falou Kate.

— Se isso for feito, não haverá prejuízo em antecipar um pouco do dote dela, que, sob as circunstâncias desse acordo, obviamente se tornaria meu quando nos casássemos.

— Mas o lorde poderá deixar a propriedade para quem ele bem entender.

— Sabemos muito bem que ele não irá, de modo algum, deixá-la para alguém que não é da família. De fato, ele ficaria muito satisfeito com o acordo que propus, pois, assim, roubar-me-ia de todo o poder no tocante a esta questão.

— Mas isso não poderá ser feito até você se casar.

— Olhe aqui, Kate; não crie dificuldades — naquele instante, conforme ele a encarava, a cicatriz em seu rosto pareceu se abrir e bocejar para ela. — Se vai dizer que não me ajudará, diga de uma vez, e eu retornarei a Londres.

— Eu faria de tudo o que estivesse em meu alcance para ajudá-lo; não há nada de errado nisso!

— Sim, qualquer pessoa poderia falar algo assim. Isso meio que deixa de ser uma oferta se a sua intenção é manter para si o poder de decidir o que é errado. Vai escrever para Alice – ou melhor, vai até ela explicar que quero o dinheiro?

— Como eu poderia ir a Londres agora?

— Se quiser ir, você não terá problemas. Mas se isso for pedir muito, então escreva para ela. A mensagem soará melhor por você do que por mim. Escreva para ela, e explique que preciso pagar adiantado as despesas da campanha, e que não posso ter esperanças de sucesso, a não ser que faça isso. Eu não achei que a demanda fosse surgir tão rapidamente, mas eles estão cientes de que não sou um homem de capital e, portanto, não posso esperar que lutem por mim, a não ser que saibam que o dinheiro está garantido. Scruby já foi prejudicado uma ou duas vezes por esses camaradas metropolitanos, e está determinado a impedir que isso aconteça outra vez.

George, então, fez uma pausa para que Kate falasse.

— George — ela começou, lentamente.

— Sim?

— Gostaria que você tentasse qualquer outro plano, exceto esse.

— Não há outro plano! É típico das mulheres – criticar o único plano praticável.

— Eu não acho que você deveria pegar o dinheiro de Alice.

— Minha querida Kate, você precisa permitir que eu seja o melhor juiz daquilo que devo fazer e não fazer. A própria Alice entende a questão perfeitamente. Ela sabe que não poderei obter esta posição, que é tão desejada por ela quanto por mim...

— E igualmente por mim — interrompeu Kate.

— Muito bem. Alice, como eu disse, sabe que não conseguirei sem esse dinheiro, e ofereceu a assistência que desejo. Eu prefiro que você, a mim, diga a ela o quanto quero, e que quero o dinheiro agora. Isso é tudo. Se for metade da mulher que penso que é, você compreenderá isso muito bem.

Kate compreendeu muito bem. Ela estava bastante ciente de que o irmão se sentia envergonhado daquilo que estava prestes a fazer – tão envergonhado que desejava usar a voz dela, e não a própria.

— Eu quero que escreva para ela imediatamente — ele continuou. — Já que você parece achar que não vale a pena se dar ao trabalho de fazer uma jornada a Londres.

— Para mim isso não seria um incômodo — declarou Kate. — Eu iria a pé até Londres e pegaria o dinheiro para você, se isso fosse tudo.

— Você acha que Alice se recusará a me emprestar o dinheiro? — ele perguntou, encarando o rosto dela.

— É claro que ela não se recusará, mas penso que você não deveria aceitá-lo. Para mim, há algo de sagrado na propriedade que pertence à moça com quem vai se casar.

— Se tem alguma coisa no mundo que eu odeio é romance — irritou-se George, caminhando pelo quarto. — Se ele se resumisse apenas à literatura, não haveria problema para aqueles que gostam, mas ao misturá-lo com os assuntos de uma pessoa, ele se prova o diabo. Se parasse para pensar no que disse, você veria como ele é uma besteira. Alice e eu nos tornaremos marido e mulher. Todos os nossos interesses, todo o nosso dinheiro, e nossa posição social, seja lá qual for, se tornarão uma propriedade conjunta. Ainda assim, ela é a última pessoa na Terra a quem desejo pedir dinheiro para engrandecer nossas perspectivas. Isso é o que você chama de sensibilidade. Eu chamo de baboseira infernal.

— Eu direi o que fazer, George. Pedirei à tia Greenow que empreste o dinheiro a você – ou a mim.

— Não creio que ela me dará um xelim. Além disso, preciso dele imediatamente, e o tempo que seria gasto escrevendo cartas e fazendo negociações seria fatal para mim. Se não vai falar com Alice, então eu vou. Gostaria que me dissesse se vai atender ao meu pedido no tocante a esta questão.

Kate continuava hesitando em responder, quando se ouviu uma batida na porta, e uma pequena nota amassada lhe foi trazida. Um menino havia acabado de cruzar as colinas rochosas de Vavasor Hall, e Kate, assim que viu o seu nome na folha externa, soube que se tratava de uma mensagem do seu avô, e ela assim dizia:

“Se George deseja vir a Vavasor Hall, deixe-o vir. Se ele decidir me falar que se arrepende de sua conduta para comigo, eu o receberei”.

— O que é? — George indagou. Kate, então, pôs a nota na mão do irmão. — Eu não farei nada dessa natureza — ele decidiu. — Que bem me faria ir à casa do velho?

— Todos os bens — respondeu Kate. — Se não for agora, jamais poderá ir.

— Não irei até que ela seja minha — retorquiu George.

— Se mostrar que está determinado a se manter em discordância com ele, a propriedade jamais será sua – a não ser, é claro, que algum dia a ganhe como parte da fortuna de Alice. Pense, George: você não iria querer receber tudo dela.

Ele andou pelo quarto, murmurando maldições entre os dentes e fazendo um balanço, da melhor forma que conseguia no momento, entre o seu orgulho e o seu lucro.

— Você não respondeu à minha pergunta — ele lembrou. — Se eu for a Vavasor Hall, escreverá para Alice?

— Não, George; não posso escrever para Alice pedindo o dinheiro.

— Não vai?

— Eu não conseguiria fazer isso.

— Então, Kate, você e o meu avô podem trabalhar juntos pelo futuro. Pode ser até que consiga que ele lhe deixe a propriedade se for inteligente o bastante.

— Essa foi a reprimenda mais injusta que uma mulher já ouviu — rebateu Kate, mantendo-se audaciosamente resoluta diante dele. — Se você tiver coração ou consciência, vai perceber isso.

— Eu não creio que tenho dado muitos ouvidos nem a um e nem à outra. A minha situação está de tal forma que estou melhor sem os dois.

— Você vai aceitar o meu dinheiro, George, só por enquanto?

— Não. Eu não tenho muita consciência, mas um pouco dela me sobrou.

— Vai me deixar escrever para Mrs. Greenow?

— Eu não faço a mínima objeção, mas, de qualquer forma, será inútil.

— Pois eu o farei, mesmo assim. E agora, você irá a Vavasor

Hall?

— Para implorar perdão ao velho tolo? Não, não vou. Com o humor com que me encontro atualmente, eu não conseguiria. Eu apenas o enfureceria ainda mais. Diga a ele que tenho negócios urgentes que me chamam de volta a Londres.

— É realmente uma pena.

— Não há nada a se fazer.

— Isso poderia fazer uma grande diferença pelo resto da sua vida — frisou Kate.

— Vou lhe dizer o que farei — proclamou George. — Irei a Vavasor Hall e aguentarei a insolência do velho lorde, se você fizer o pedido por mim a Alice.

Pergunto-me se passou pela cabeça de George que ele não estava fazendo nenhum favor à irmã ao ir a Vavasor Hall – algo que deveria ser do seu interesse. A mesma ideia certamente não ocorreu a Kate. Ela hesitou, sentindo que faria quase qualquer coisa para conseguir uma reconciliação entre o avô e o seu irmão.

— Mas você me deixará enviar uma carta para tia Greenow antes — ela condicionou. — Só vai levar dois dias – três, no máximo.

George concordou com o pedido, como se estivesse se rendendo a um absurdo; e Kate, com a consciência pesada, e o total entendimento de que estava se encarregando de fazer algo errado, prometeu que pediria dinheiro a Alice, se Mrs. Greenow não providenciasse fundos suficientes. Em consequência do combinado, George graciosamente foi ao seu quarto para juntar suas roupas visando a visitar Vavasor Hall.

— Agradeço à Providência, Kate, que as circunstâncias me impossibilitem de ficar por mais do que dois dias. Eu não tenho roupas para durar mais tempo.

— Cuidaremos disso para você em Vavasor Hall.

— Não, você não fará isso. Escute, Kate, quando eu der a desculpa, não se ofereça para resolver o problema. Ficarei até amanhã à noite, e irei a Kendal bem cedo para pegar o trem expresso na manhã de quinta. Não estrague tudo com nenhuma contraproposta.

Então, eles iniciaram a jornada juntos na carruagem, e poucas palavras foram ditas até chegarem ao velho alojamento que ficava na entrada da propriedade.

— Ora, Mr. George, é o *sinhô*? — disse a idosa que havia ido até eles para abrir o portão quebrado. — Como é *bão* ver o *sinhô*.

Foi a mesma saudação – igualmente sincera – que o estalajadeiro havia dado. George nunca se fizera popular pela propriedade, mas ele era o herdeiro.

— Acho melhor você ir para a sala de estar, enquanto vou ver o meu avô — disse Kate. — Não haverá fogo lá.

— Faça como desejar, mas não me deixe no frio por muito tempo.

Céus, que casa mais caipira! Em pleno janeiro e não há fogo na sala.

— E lembre-se, George, quando o vir, você precisa dizer que se arrependeu de tê-lo desagradado. Agora que está aqui, não permita que haja mais confusões.

— Acho muito provável que haja — respondeu George. — Só espero que ele me deixe pegar o velho cavalo para me levar de volta a Shap se houver. Ali está ele na porta de entrada. Não precisarei ficar na sala sem fogo.

O velho estava de pé sobre os degraus da entrada quando a carruagem parou, como se para dar boas-vindas ao neto. Ele ofereceu a mão para ajudar Kate a descer, mantendo os olhos fixos no rosto de George o tempo inteiro.

— Então, você retornou — o lorde lhe disse.

— Sim, senhor, eu retornei, como o filho pródigo da parábola.

— O filho pródigo estava arrependido. Espero que também esteja.



— Com toda a certeza, senhor. Sinto muito por qualquer briga que tenha ocorrido, e tudo mais, sabe?

— Entre — falou o lorde, muito furioso. — Entre. Esperar qualquer coisa graciosa de você seria como esperar pérolas de um suíno. Entre.

George entrou, dando de ombros quando encontrou os olhos da sua irmã. Foi desta maneira que a reconciliação aconteceu entre o lorde Vavasor e o seu herdeiro.

CAPÍTULO 39

A HOSPITALIDADE DE MR. CHEESACRE

Conforme o inverno foi se desvanecendo, Mr. Cheesacre – sentindo-se alegre por estar com o bom povo de Norfolk, e próspero com os formidáveis espólios de Oileymead –, insculpiu-se com a intensa ansiedade de trazer um fim ao caso que tinha em mãos sobre a viúva Greenow. Havia dois perigos especiais que o perturbavam: ou ela daria a sua mão e todo o seu dinheiro para aquele aventureiro, Bellfield, ou gastaria o próprio dinheiro tão rápido – antes que ele pudesse obtê-lo –, que o prêmio ficaria bastante carcomido. “Que eu me dane se ela não o tem gastado e usado uma carruagem!”, ele disse a si mesmo, certo dia, enquanto observava, do pavimento de Tombland, em Norwich, Mrs. Greenow partir do Cerco em uma Brougham^[68] particular, acompanhada por uma das moças dos Fairstairs. “Ela o tem gastado e usado carruagens, ou o meu nome não é Cheesacre!”

Qualquer que fosse a razão que ele pudesse ter para temer o primeiro perigo mencionado, podemos declarar que não havia nenhuma para temer o segundo. Mrs. Greenow sabia o que estava fazendo com o seu dinheiro tanto quanto qualquer dama na Inglaterra. A carruagem particular era apenas uma Brougham contratada por mês; e quanto ao rapaz que conhecera recentemente, por que ela não deveria manter um criado e usá-lo para levar mensagens, se isso lhe trazia conforto? Se Mr. Cheesacre também tivesse descoberto que ela havia emprestado 50 libras à família Fairstairs para ajudá-los a superar alguns problemas que Joe encontrara com os comerciantes de Norwich, ele teria sido consumido pelo desgosto. Cheesacre desejava obter o prêmio intacto – em todas as suas proporções justas, e consideraria qualquer abatimento um assalto à sua própria pessoa.

Ele, entretanto, temia mais Bellfield do que a Brougham. Que no amor e na guerra tudo seria justo era, sem dúvida, àquela altura, a máxima do capitão Bellfield, e podemos apenas torcer para que ele tenha achado nela algum consolo, ou paz de consciência, diante das monstruosas mentiras que havia contado ao amigo. Na guerra, com certeza, todos os estratagemas são justos. Um general está correto ao fazer o outro acreditar que ele está à direita, quando, na verdade, está se infiltrando pelo flanco esquerdo do inimigo. Se tiver êxito, ele será colocado sobre um pedestal graças ao seu esperto ludíbrio, e coroado com louros por causa da sua mentira. Se Bellfield apenas pudesse ter êxito e conquistasse para si o domínio sobre aquelas 40 mil libras, o mundo o perdoaria e colocaria sobre sua testa uma coroa nada desconfortável. Enquanto isso, os seus estratagemas seriam tão intensos e as suas mentiras tão profundas quanto as de qualquer general.

Não deve ser suposto, todavia, que Cheesacre alguma vez acreditara nele. Em primeiro lugar, ele sabia que Bellfield não era um homem em quem se deveria acreditar, de qualquer forma. Por acaso, ele não vivera sobre mentiras pelos últimos dez anos? Mesmo assim, é possível um homem mentir de tal maneira para enganar, ainda que ninguém acredite nele. Mr. Cheesacre foi mantido numa agonia de dúvidas enquanto o capitão Bellfield ocupava seus alojamentos em Norwich. Ele presenteava generosamente Jeannette e, até mesmo, Charlie Fairstairs – Miss Fairstairs, quero dizer – com luvas e algumas galinhas de Oileymead, para que pudesse saber se um certo gavião sobrevoava seu pombal, e qual natureza os sobrevoos possuíam. Ele subornou até o próprio capitão – fazendo-o prometer não sobrevoar como recompensa por tais presentes. Ele até tentou comprar a viúva – alertando-a sobre os sobrevoos, enquanto lhe oferecia de joelhos um broche tão grande quanto o peitoral de uma armadura. Ela dispensou o “peitoral de armadura”, declarando o anel de luto, que continha a última mecha grisalha do pobre Greenow, seria o último artigo de joalheria que usaria pelo resto da vida. Ao mesmo tempo, declarou que o capitão Bellfield não significava nada para ela, e que Mr. Cheesacre não precisava temer esta questão, mas, conforme ela complementou, ele tampouco deveria ter qualquer esperança. Todo o afeto que tinha fora enterrado abaixo da relva fria. Isto foi perturbador. Não obstante, ainda que nenhuma satisfação absoluta pudesse ser conquistada do cortejo de Mrs. Greenow, havia algo de agradável na ocupação que devia ter harmonizado os seus pretendentes ao destino deles. No caso da maioria das damas, quando um cavalheiro se ajoelha perante uma delas pela manhã, fazendo, sem rodeios, declarações de amor, com claras e definidas pretensões de casamento, e um inventário minucioso da mundana riqueza do ofertante – que incluem, até mesmo, quartos “mobiados a mogno”, como era o caso de Mr. Cheesacre –, e quando tais ofertas são prontamente recusadas, um cavalheiro, neste caso, eu diria, normalmente se sentiria constrangido de se sentar para tomar chá com a dama ao final de uma destas performances. Com Mrs. Greenow, no entanto, não havia tal constrangimento. Uma hora após o início da peleja descrita acima, ela bancava a anfitriã com simpática hospitalidade. Isso suavizava toda a chateação da decepção; e então, ao fim da noite, ela aceitava um aperto de mão – um bom, palpável e demorado aperto de mão – acompanhado por aquele ar de “não, pare com isso já”, com o qual jovens irlandesas atacam seus pretendentes. Mr. Cheesacre, em tais ocasiões, deixava o Cerco jurando que ela seria sua no dia de mercado subsequente – ou, ao menos, no sábado seguinte. Então, nas segundas-feiras, notícias de que Bellfield passara toda a tarde de domingo com a sua admirada,

chegavam aos ouvidos dele – Bellfield, a quem dera cinco libras para que ele pudesse passar aquele mesmo domingo na companhia de alguns oficiais dos voluntários de Suffolk, em Ipswich. Após ouvir isso, ele saía para caminhar entre aquelas ricas pilhas de estrume nos fundos do seu curral, proferindo pesadas maldições contra a falsidade dos homens e a inconstância das mulheres.

Levado ao desespero, ele finalmente resolveu chamar Bellfield para ficar um mês em Oileymead. O trabalho em Norwich, ou a parte que supostamente deveria gerar algum lucro, já estava se esgotando. Os fundos do capitão estavam baixos – e ele não hesitou em falar ao amigo Cheesacre que aceitava o convite.

— Vou levá-lo para caçar lebres, velho amigo — Cheesacre dissera. — E lhe darei um pouco de munição. Só que não permitirei que você vá sem mim.

Bellfield aquiesceu. Ambos entendiam a natureza da barganha – embora Bellfield, penso eu, possuísse uma compreensão mais clara da situação. Ele não estaria tão perto da viúva quanto estivera em Norwich, mas estaria tão longe quanto o seu generoso anfitrião. Além disso, o seu anfitrião o vigiaria de perto – por outro lado, ele também poderia vigiar seu anfitrião de perto. Havia uma estação ferroviária a menos de três quilômetros de Oileymead, e a jornada deste lugar a Norwich levava uma hora e meia. Mr. Cheesacre ficava, sem dúvida, com ciúmes de tais jornadas, mas, apesar de todos os ciúmes, ele não tinha como evitá-las – então, no tocante a este arranjo, Mr. Cheesacre pagava as despesas, enquanto o capitão Bellfield nada pagava. Não seria doce se ele pudesse ceifar o prêmio do seu amigo por debaixo do seu nariz e em sua casa?

Mrs. Greenow também entendeu o acordo.

— Então, o senhor vai para Oileymead? — ela indagou, quando o capitão Bellfield veio lhe comunicar a sua partida. Charlie Fairstairs estava com ela, para que o capitão não pudesse utilizar o momento de nenhuma forma especial. — É um deleite ver como vocês, cavalheiros, gostam tanto um do outro — a viúva continuou.

— Acho que cavalheiros sempre preferem ficar na casa de outros cavalheiros onde não há damas — falou Charlie Fairstairs, que seguia insatisfeita com o curso da sua vida.

— Quanto a isso, desejo de todo o coração que o velho Cheesy arrume uma esposa — garantiu Bellfield. — Alguém como ele, com a casa cheia de cobertas e louças, deseja se casar mais do que qualquer um. A senhorita não se interessaria por ele, Miss Fairstairs?

— Como é?! Por um fazendeiro?! — espantou-se Charlie, que se sentia particularmente aflita para que sua querida amiga, Mrs. Greenow, não esposasse Mr. Cheesacre, a quem ela leviana e adequadamente pensava com menosprezo.

— Leve o meu carinho a ele — pediu Mrs. Greenow, ressentindo, assim, a impotente interferência. — Ouça, capitão Bellfield, vocês dois deveriam jantar comigo no próximo sábado. Ele sempre vem aos sábados, e, se quiser, o senhor pode vir também.

O capitão Bellfield declarou que ficaria encantado.

— E Charlie virá para despertar o interesse de Mr. Cheesacre — declarou a viúva, trocando um olhar suave e gracioso com o capitão.

— Ficarei feliz em vir — concordou Charlie, bastante satisfeita —, mas não para tal objetivo. Mr. Cheesacre é muito respeitável, sem dúvidas.

A mãe de Charlie fora a filha de um pequeno lorde que havia deixado suas terras para inquilinos, e ela, portanto, sentia-se, pelas circunstâncias, no direito de menosprezar fazendeiros.

Assim, a questão foi acertada — faltando apenas o consentimento de Mr. Cheesacre —, e Bellfield partiu para Oileymead. Ele conhecia a propriedade e não ficou surpreso quando se descobriu sozinho até depois do anoitecer; tampouco se espantou quando percebeu que não havia sido instalado em um dos quartos mobiliados a mogno, mas em um quartinho dos fundos com vista para o curral, que não possuía lareira. O capitão já havia aguentado alguns dos males da pobreza, e teria suportado tudo isso facilmente se nada tivesse sido dito a respeito. Como acabou acontecendo, Cheesacre mencionou o assunto e se desculpou, tornando a coisa toda mais difícil.

— Entenda, meu velho — ele explicou. — Há quartos, e é claro que estão vazios, mas é tão chato arrastar tudo e pôr as cortinas. Você ficará bem confortável onde está.

— Eu ficarei muito bem — respondeu Bellfield, mal-humorado.

— É claro que ficará muito bem. De certa forma, este é o quarto mais quente desta casa.

Ele não disse de que forma. Talvez as cercanias dos estábulos o aquecessem.

Bellfield não gostou; mas o que um homem pobre poderia fazer sob tais circunstâncias? Então, ele subiu as escadas e lavou as mãos antes do jantar no quarto sem lareira, congratulando-se porque mais tarde daria o troco em seu amigo Cheesacre.

Eles cearam juntos, mas não no melhor humor. Depois do jantar, eles se sentaram para saborear cachimbos e conhaque com água. Bellfield, que tinha gosto para tudo que era caro, teria preferido charutos, mas seu amigo não colocou nenhum sobre a mesa. Mr. Cheesacre, que poderia gastar seu dinheiro generosamente se a ocasião requisitasse, conhecia muito bem o valor da economia doméstica, e não iria “virar o bolso”, como ele mesmo dizia, por Bellfield! O que seria bom para ele mesmo, seria bom para Bellfield.

— Um mendigo, sabe? É apenas um mendigo comum! — ele

dissera, sem conseguir se controlar diante de Mrs. Greenow, numa certa ocasião naqueles dias.

— Pobre homem! Ele só quer dinheiro para se tornar quase perfeito — Mrs. Greenow respondera, e Mr. Cheesacre sentiu que havia cometido um erro.

Ambos os homens ficaram mais comunicativos, senão bem-humorados, sob a influência do conhaque com água. O capitão, então, contou a Mr. Cheesacre sobre o convite de Mrs. Greenow. Ele tinha suas dúvidas quanto a justeza de revelá-lo — pensando que, talvez, seria mais vantajoso esquecer a mensagem. Ele, todavia, refletiu que, de qualquer forma, era páreo para Cheesacre quando ambos estavam juntos, e logo concluiu que a mensagem deveria ser entregue.

— Eu simplesmente tive que ir lá me despedir, sabe? — ele explicou, em tom de desculpas, conforme terminava o seu pequeno discurso.

— Não vi a menor necessidade — retorquiu Cheesacre.

— Ora, meu caro amigo, como você é tolamente ciumento. Se a minha intenção fosse ser descortês com ela, como pensa que sou, isso só chamaria a atenção para a coisa.

— Não estou nem um pouco com ciúmes. Um homem que se sente em suas próprias terras, como eu, não tem a mínima necessidade de sentir ciúmes.

— Eu não sei o que as suas terras têm a ver com isso, mas vou deixar passar.

— Acho que tem muito a ver. Se um homem pretende se casar, ele precisa ter uma vida confortável garantida, a não ser que queira ser sustentado pela esposa —, o que, penso eu, é a coisa mais vil que o homem pode fazer. Céus, eu preferiria quebrar pedras a isso.

Isso seria difícil para qualquer capitão escutar — inclusive para Bellfield — mas ele aguentou firme, na expectativa da vingança.

— Não há como agradá-lo, já sei — ele disse. — Mas é um fato: eu fui me despedir dela, e ela me pediu para entregar essa mensagem. Nós vamos ou não?

Cheesacre permaneceu calado por um momento, soprando grandes nuvens de fumaça, enquanto meditava sobre um pequeno plano.

— Vou dizer como são as coisas, Bellfield — ele finalmente anunciou. — Ela não significa nada para você e, se não se importar, irei só. Mrs. Jones vai preparar o que quiser para o jantar, e até vou lhe oferecer uma garrafa de vinho do Porto, safra de 34!

O capitão Bellfield, entretanto, não iria aceitar isso. Ele não havia se vendido completamente para fazer a vontade de Mr. Cheesacre.

— Não, velho amigo — ele rebateu. — Esse galo não vai brigar. Mrs. Greenow me convidou para jantar com ela no sábado e pretendo

ir. Eu não quero que a dama pense que estou com medo dela — ou de você.

— Mas você não está, está?

— Não, não estou — respondeu o capitão, intrepidamente.

— Gostaria que me pagasse parte do dinheiro que me deve — salientou Cheesacre.

— E irei, assim que me casar com a viúva! Ha, ha, ha!

Cheesacre quis expulsá-lo da casa. As palavras que o mandariam embora estavam, por assim dizer, na ponta da língua, mas o homem simplesmente partiria para Norwich — e partiria sem nenhum embargo sobre a questão; todos os tratados entre eles seriam, então, encerrados.

— Ela conhece golpes mais espertos do que esse — Cheesacre falou, por fim.

— Ouso dizer que conhece; e se for o caso, por que eu não deveria jantar com ela no próximo sábado?

— Vou lhe dizer por quê: porque você está no meu caminho. Diabos me levem se não já não deixei claro o bastante. Eu contei todos os meus planos para você, pois achei que era meu amigo, e lhe paguei muito bem para me ajudar. Ainda assim, parece que você faria qualquer coisa para me sabotar, só que não vai conseguir.

— Que estúpido você é — xingou o capitão, depois de uma pausa.

— Escute-me, aquela jovem magricela, Charlie Fairstairs, estará lá com certeza.

— Como sabe disso?

— Estou dizendo que sei. Ela estava presente quando a coisa toda foi combinada, e a ouvi ser convidada e responder que aceitaria — falando nisso, ouvi-a declarar que não se interessaria por você, porque é um fazendeiro.

— Palavra de honra, ela foi muito gentil; palavra de honra — disparou Cheesacre, ficando muito furioso e vermelho. — Charlie Fairstairs, não é? Eu não a cataria de uma sarjeta com um par de pinças. Ela não é boa o suficiente nem para o meu capataz, quanto mais para mim.

— Mas alguém deve acompanhá-la no sábado, se for sua intenção causar uma boa impressão — disse o engenhoso Bellfield.

— Por que diabos ela foi convidar aquela criatura nojenta? — reclamou Cheesacre, que detestava quando as coisas não saíam do jeito que ele esperava.

— Ela quer companhia, é claro. Você pode se libertar de Charlie, sabe? Quando transformá-la em Mrs. Cheesacre.

— Libertar-me dela?! Você realmente acha que ela algum dia pisará nesta casa? Não se depender de mim. Eu detestei essa mulher pelos últimos dez anos.

Cheesacre não perdoaria nenhuma palavra desrespeitosa contra a

sua posição social, e a ideia de que Miss Fairstairs o menosprezara o enfureceu rapidamente.

— Você terá de jantar com ela, de qualquer forma — Bellfield contou. — E sempre penso que quatro formam uma companhia melhor do que três em tais ocasiões.

Mr. Cheesacre grunhiu uma concordância relutante e, depois disso, ficou combinado que os dois iriam juntos a Norwich no sábado, e que ambos jantariam com a viúva. De fato, Mrs. Greenow recebeu dois bilhetes – um de cada um deles aceitando o convite. Cheesacre escreveu no singular, ignorando completamente o capitão Bellfield, como teria ignorado se seu criado houvesse pretendido acompanhá-lo. O capitão dignou-se a usar os pronomes no plural. “Ficaremos felizes em ir”, comunicou. “O velho e caro Cheesy está subindo pelas paredes de felicidade”, ele adicionou, “e já começou a limpar de si os resquícios do curral”.

— Os resquícios do curral — leu Mrs. Greenow em voz alta, diante de Jeannette, ao receber a nota. — Seria bom se o capitão Bellfield também fosse dado a tais limpezas.

— A senhora pode cuidar disso — opinou Jeannette. — A senhora pode fazer dele um homem melhor do que Mr. Cheesacre a hora que for. *Pra* um cavalheiro, é claro que *num* digo nada, mas se eu fosse uma madame, sei qual deles seria o meu homem.

CAPÍTULO 40

O PEQUENO JANTAR DE MRS. GREENOW NO CERCO

Como são profundas e astutas as artimanhas do amor! Quando a manhã de sábado chegou, nenhuma palavra foi dita por Cheesacre ao seu rival quanto aos planos para o dia.

— Você vai levar o docar? — o capitão Bellfield perguntara ao longo da noite.

— Eu ainda não sei o que farei — respondera aquele que era o mestre da casa, do docar e, como ingenuamente pensava, da situação.

Bellfield, no entanto, sabia que Cheesacre deveria levar o docar, e ficou satisfeito. Seu amigo o abandonaria se possível, mas Bellfield cuidaria para que não fosse possível.

Antes do café da manhã, Mr. Cheesacre secretamente levou para o jardim uma mala contendo todos os seus aparatos de embelezamento — seu óleo essencial para os cabelos; a camisa com a frente maravilhosamente trabalhada sobre uma camada rosa inferior, para lhe dar uma cor; suas botas brilhantes; e todo o resto da parafernália. Quando jantava em Norwich sob ocasiões ordinárias, ele simplesmente lavava as mãos lá, confiando que a aia da estalagem lhe traria um pente; naquele dia, ele desceu com a sua mala furtivamente, e a escondeu na traseira do docar com mãos sigilosas, porém, infelizmente, não despercebidas, na esperança de que Bellfield se esquecesse de seus apetrechos. Mas quando é que um capitão vai se esquecer da sua aparência exterior? Conforme retornava do jardim para a cozinha em direção ao corredor frontal, Cheesacre percebeu outra mala encostada perto da porta, aparentemente tão cheia quanto a dele.

— Mas que diabos você vai fazer com toda essa bagagem? — ele perguntou, dando um chute na mala.

— Colocá-la onde vi você colocando a sua quando abri a minha janela agora há pouco — respondeu Bellfield.

— Maldita janela! — exclamou Cheesacre.

Eles, então, sentaram-se para comer.

— Como pode cortar um pernil assim? — indagou Cheesacre. — Se você tivesse criado o animal que gerou o pernil, teria mais cuidado ao cortá-lo.

Aquela foi pesada. Nem mesmo Bellfield seria capaz de suportá-la com tranquilidade e, sentindo-se incapaz de comer o pernil diante de tais circunstâncias, fez o seu café da manhã com uma dupla de ovos frescos.

— Se você não pretendia comer a carne, por que danado foi cortá-la?

— Juro por Deus, Cheesacre, você é péssimo — juro por Deus que é — irritou-se Bellfield, quase soluçando.

— Qual é o problema agora? — questionou o outro.

— Quem iria querer o seu pernil?

— Você, pelo que parece, ou não o teria cortado.

— Não, não quero; também não quero mais nada que seja seu. Não é justo convidar um camarada para a sua casa e falar coisas dessa natureza para ele. Isso tampouco é algo com o qual estou acostumado; isso eu lhe garanto, Mr. Cheesacre.

— Oh, esqueça!

— Serve-lhe muito bem me dizer para esquecer, mas escolho ser tratado como um cavalheiro aonde quer que eu vá. Você e eu nos conhecemos há muito tempo, e eu suportaria mais coisas de você do que de qualquer outra pessoa, mas...

— Pode me pagar o dinheiro que me deve, Bellfield? — interrompeu Cheesacre, olhando duramente para ele.

— Não, não posso — falou Bellfield. — Não imediatamente.

— Então coma o seu café da manhã e cala a boca.

Depois dessa, o capitão Bellfield comeu o seu café da manhã — deixando o pernil intocado —, e calou a boca, jurando vingança em seu coração. Mas os dois homens partiram para Norwich mais amigavelmente juntos do que teriam caso nada houvesse sido dito entre eles. Cheesacre sentiu que havia passado um pouco dos limites e, portanto, ofereceu um charuto ao capitão assim que se sentou no docar. Bellfield aceitou a oferta, e fumou o tabaco da paz.

— Agora — começou Cheesacre, enquanto se aproximava do jardim Swan. — O que pretende fazer o dia todo?

— Vou dar uma passada no quartel e ver como estão os rapazes.

— Tudo bem, mas lembre-se de uma coisa, Bellfield: está entendido que você não deve ir ao Cerco antes das quatro?

— Eu não vou ao Cerco antes das quatro!

— Muito bem. Está combinado. Se me enganar, não o trarei de volta a Oileymead esta noite.

Quanto a esta questão, o capitão Bellfield não tinha planos para enganá-lo. Ele não achava que faria bem cortejar a viúva tão cedo. Ela estaria preparando o jantar e se arrumando. O capitão Bellfield, além disso, havia aprendido com a experiência que o primeiro a chegar nem sempre tinha vantagem no galanteio de uma dama. A mente da mulher é gananciosa por novidades, e é para o estranho, ou para o mais estranho de seus servos, que ela sorri o sorriso mais doce. O relógio da catedral, portanto, badalou as quatro horas antes que o capitão Bellfield tocasse a campainha de Mrs. Greenow, e então, quando ele foi levado à sala de estar, encontrou Cheesacre sozinho, perfumado com a sua essência de óleo, e distinto com a sua camisa

rosada.

— Você já a viu? — perguntou o capitão, quase em um sussurro.

— Não — respondeu Cheesacre, carrancudo.

— E nem Charlie Fairstairs?

— Eu não vi ninguém — retorquiu Cheesacre.

Naquele instante, todavia, ele se sentiu compelido a engolir a sua raiva, pois Mrs. Greenow, acompanhada por sua convidada, adentrou a sala.

— Quem imaginaria que dois cavalheiros seriam tão pontuais — ela gracejou. — Sobretudo em dia de mercado!

— O dia de mercado não faz diferença quando venho vê-la — galanteou Cheesacre, esforçando-se para começar bem, enquanto o capitão Bellfield se contentou em falar algo educado para Charlie. Ele aguardaria pacientemente pela sua oportunidade.

A viúva estava quase deslumbrante em suas vestes de luto. Acredito que ela não pecara contra qualquer um daqueles cânones que as autoridades semieclesiásticas em viuvez estabeleceram quanto aos vestuários externos adequados a viúvas de cavalheiros. Os materiais eram aqueles devotados ao mais profundo luto conjugal. No tocante a cada item da lei escrita, suas vestes a respeitavam literalmente. Havia o chapéu de viúva; geralmente tão horrendo, tão reconhecível aos olhos dos homens e tão odiado pela feminilidade. Vamos torcer para que o objeto possa ter algum efeito apaziguador aos espíritos dos maridos falecidos. Havia o longo vestido justo de tecido crepe melancólico; um tecido que poderia atingir um tom tão marrom e enferrujado, que faria uma viúva de seis meses parecer uma criatura mais aflita do que aquela cujo marido acabara de partir, e cujo tecido crepe, portanto, seria novo. Havia o véu roçagante e o lenço de luto preso ao redor do pescoço e um tanto apertado sobre o peito, mas havia uma genialidade em Mrs. Greenow que transformava cada aparente desvantagem em algum tipo de ganho especial. Ela havia se vestido de uma forma que, ainda que respeitasse a lei literalmente, lançara o seu espírito ao vento. O chapéu repousava descontraído em sua cabeça, e exibia o bastante de seus ricos cabelos castanhos para lhe dar a aparência juvenil que ela desejava. Cheesacre a culpava em seu coração por gastar dinheiro com uma carruagem particular, mas eu penso que ela gastou mais com o novo tecido crepe do que com a Brougham. Ele nunca adquiriu uma aparência marrom e enferrujada com ela; ou se encheu de dobras enrugadas; ou a decorou como se fossem vestes de um defunto. A lei escrita não proibia crinolinas, e ela agigantava-se em suas vestes, que, nela, não ficavam sombrias, diferentemente das sedas que usaria quando o período da sua provação terminasse. Seu véu era novo em folha, e ela o afastava gentilmente do ombro com um ar que o convertia num auxílio à sua

beleza. O seu lenço estava preso ao pescoço e sobre o peito, mas Jeannette sabia bem o que ela estivera pretendendo enquanto o prendia – assim como sabia a própria patroa de Jeannette.

Mrs. Greenow ainda falava bastante sobre o marido, declarando que sua perda era muito recente ao seu coração partido, como se ele, em quem toda a felicidade dela jazera, houvesse partido há apenas um dia. Ela também continuava confundindo as datas, frequentemente se referindo à circunstância melancólica como um evento que acontecera há 15 meses. Na realidade, Mr. Greenow havia estado bem vivo nove meses antes – como todos ao seu redor sabiam. Porém, se ela escolhia se esquecer do exato dia, por que seus amigos e dependentes deveriam recordá-la? Nenhum amigo ou dependente a recordava, e Charlie Fairstairs mencionava os 15 meses com atrevida confiança – o que era adequado à sua natureza de parasita falsa.

— Boa aparência — repetiu a viúva, em resposta ao elogio franco de Mr. Cheesacre. — Sim, estou com boa saúde, e creio que devo me sentir grata por isso, mas se houvesse enterrado a esposa que amou pelos últimos 18 meses, o senhor se sentiria tão indiferente quanto eu a este tipo de coisa.

— Eu ainda não me casei — comentou Mr. Cheesacre.

— E, portanto, o senhor nada sabe sobre isso. Tudo no mundo é alegre e reluzente para o senhor. Se fosse o senhor, Mr. Cheesacre, eu não correria esse risco. Dificilmente valeria a pena para uma mulher, e suponho que não valha para um homem. Os sofrimentos são grandes demais!

Neste momento, ela apertou o lenço contra os olhos.

— Mas eu pretendo tentar mesmo assim — insistiu Cheesacre, examinando a sua admirada dos pés à cabeça, enquanto observava seu belo rosto.

— Espero que tenha êxito, Mr. Cheesacre, e que ela não seja separada do senhor tão cedo na vida. O jantar já está pronto, Jeannette? Muito bem. Mr. Cheesacre, pode dar o braço a Miss Fairstairs?

Não havia dúvidas quanto ao acerto de Mrs. Greenow. Como o capitão Bellfield ostentava, ou ostentara, uma patente de Sua Majestade, ele claramente tinha o direito de levar a senhora do festival para jantar. Cheesacre, no entanto, não via as coisas sob esta luz. Ele apenas se lembrava de que havia pagado pela comida do capitão há algum tempo; de que o capitão fora trazido a Norwich em seu cabriolé; de que o capitão lhe devia dinheiro; e de que deveria ser praticamente considerado sua propriedade na ocasião.

— Eu pago pelas minhas coisas, e isso deveria dar a um homem uma posição mais alta do que a de um miserável capitão – patente que eu não acredito que ele tenha, se toda a verdade fosse exposta.

Foi desta forma que ele tomou a ocasião naquela mesma noite para se expressar a Miss Fairstairs.

— Uma patente militar é uma coisa que sempre será admirada — Miss Fairstairs respondera, tomando os comentários de Mr. Cheesacre como uma ofensa direta. Ele a havia levado para jantar, e então reclamara na sua frente que fora prejudicado ao ser solicitado a fazê-lo! — Se o senhor fosse um magistrado, Mr. Cheesacre, teria uma patente; mas creio que o senhor não seja.

Charlie Fairstairs sabia muito bem do que estava falando. Mr. Cheesacre havia lutado para ter seu nome colocado na comissão da paz, mas falhara. “Rata velha, magrela e nojenta”, Cheesacre pensou, enquanto dava as costas para ela.

Bellfield, contudo, pouco ganhara por levar a viúva. Ele e Cheesacre foram postos no topo e no fundo da mesa para que pudessem assumir a tarefa de fatiar os alimentos. Já as damas, ficaram nas laterais. A hospitalidade de Mrs. Greenow era ótima. O jantar foi exatamente aquilo que um jantar para quatro pessoas deveria ser. Havia sopa, peixe, costeleta, frango assado, e carne de animal caçado. Jeannette serviu a mesa agilmente, e a coisa toda não poderia ter se saído melhor. O apetite de Mrs. Greenow não fora prejudicado por seu luto, e, por ora, ela reprimiu todas as recordações de tristeza para se permitir bancar a anfitriã bondosa perfeitamente. Sob o olhar imediato dela, Cheesacre foi forçado a agir com aparente cordialidade com seu amigo Bellfield, e o próprio capitão comeu as boas coisas que os deuses haviam providenciado com um grato bom-humor.

Nenhum triunfo, porém, foi obtido à mesa do jantar. Nenhum ponto foi conquistado. A viúva foi tão cuidadosamente justa com suas boas graças, que nem Jeannette foi capaz de perceber para qual dos dois ela dava o sorriso mais amplo. Ela mesma conversava e fazia os outros conversarem, e até Cheesacre se sentiu quase confortável, a despeito dos seus ciúmes.

— E agora — ela anunciou, enquanto se levantava para deixar a sala e pegava sua própria taça de vinho. — Vamos conceder apenas meia hora a estes dois cavalheiros, não é, Charlie? Então, vamos esperá-los lá em cima.

— Dez minutos serão suficientes para nós — disse Cheesacre, que estava com pressa para aproveitar o seu tempo.

— Meia hora — falou Mrs. Greenow, não sem um leve tom de comando na voz. Dez minutos seriam o bastante para Mr. Cheesacre, mas dez minutos não seriam o bastante para ela.

Bellfield havia aberto a porta, e foi para ele que a viúva lançou seu olhar enquanto se retirava da sala. Cheesacre viu isso, e resolveu ressentir a ofensa.

— Vou lhe dizer como vai ser, Bellfield — ele proclamou,

enquanto se sentava taciturnamente diante do fogo. — Não quero mais que você venha aqui até que toda essa situação seja resolvida.

— Até que qual situação seja resolvida? — indagou Bellfield, enchendo sua taça.

— Você sabe o que eu quero dizer.

— Você está se demorando demais nisso.

— Não, não estou. Estou indo o mais rápido possível. Aquele outro camarada está morto há apenas nove meses, e tudo está correndo de maneira excelente.

— E de que maneira estou atrapalhando?

— Você me perturba e a perturba. Você faz isso de propósito. Não acha que estou vendo? Vou lhe dizer como vai ser: se ficar longe de Norwich por um mês, empresto-lhe 200 libras no dia em que ela se tornar Mrs. Cheesacre.

— E para onde eu vou?

— Pode ficar em Oileymead, se quiser – isto é, sob a condição de que fique lá.

— E ouvir como devo cortar o pernil só porque ele não é meu? Devo lhe dizer o que tenho em mente, Cheesacre?

— O que quer dizer?

— Aquela mulher pensa tanto em se casar com você quanto pensa em se casar com o bispo. Não vai encher sua taça, meu velho? Eu sei onde ficam as bebidas se quiser outra garrafa. É melhor desistir e parar de gastar dinheiro com camisas rosas e botas polidas por causa dela. Você é um homem rechonchudo, entende? E Mrs. Greenow não gosta de homens rechonchudos.

Cheesacre continuou sentado, encarando-o boquiaberto, atordoado pela surpresa, e quase paralisado com impotente fúria. O que havia acontecido nas últimas poucas horas que mudara completamente o tom do seu dependente capitão? Seria possível que Bellfield passara lá pela manhã, e que ela o aceitara?

— Você é muito rechonchudo, Cheesacre — Bellfield prosseguiu. — Está sempre fedendo ao seu curral, e não para de falar sobre o seu dinheiro e as suas posses. Você teria mais chances se tivesse conversado abertamente sobre as posses dela, como fiz. Do jeito que está, você não tem a mínima chance.

Bellfield, após terminar de falar com o homem à sua frente, continuou a beber seu vinho confortavelmente, parecendo rir de alegria por dentro. Cheesacre ficara tão chocado e tão perdido diante do espantoso fato de que a criatura que alimentara; que havia subornado com dinheiro do seu próprio bolso, estava se virando contra ele, que, por um tempo, não conseguiu organizar seus pensamentos ou encontrar uma voz para proferir uma resposta. Ocorreu-lhe imediatamente que, apesar de tudo aquilo, Bellfield

estava ficando em sua casa; que era esperado que ele, Cheesacre, levasse aquele homem, Bellfield, de volta para Oileymead – para sua própria Oileymead, naquela mesma noite; e, enquanto pensava nestas coisas, quase imaginou que estava sonhando. Ele se sacudiu, olhou novamente, e lá estava Bellfield, observando-o através da brilhante cor de uma taça de vinho do Porto.

— Agora, eu lhe disse um pouco sobre o que penso, Cheesy, meu velho — continuou Bellfield. — E você se poupará de um grande trabalho e de um grande aborrecimento se acreditar no que eu disse. Ela não pretende se casar com você. É mais provável que ela se case comigo, mas, seja como for, não se casará com você.

— Você pretende pagar o meu dinheiro, senhor? — indagou Cheesacre, enfim, ao encontrar os meios de ataque disponíveis naquela situação.

— Sim, pretendo.

— Mas quando?

— Quando me casar com Mrs. Greenow e, portanto, espero sua assistência neste pequeno esquema. Vamos beber à saúde dela. Sempre teremos prazer em vê-lo em nossa casa, Cheesy, meu velho, e você poderá cortar os pernis o tanto quanto quiser.

— Você pagará por essa — retorquiu Cheesacre, engasgando-se pela raiva – engasgando-se mais pela frustração do que pela raiva.

— Muito bem, velho amigo, eu pagarei por essa – com o dinheiro da viúva. Venha, nossa meia hora está quase esgotada. Vamos subir?

— Eu vou expô-lo.

— Ora, vamos, não seja um mau perdedor.

— Será que pode me dizer onde pretende dormir esta noite, capitão Bellfield?

— Se eu dormir em Oileymead será apenas sob a condição de que me instale num daqueles quartos mobiliados a mogno.

— Você nunca mais porá os pés naquela casa. Você é um patife, senhor.

— Ora, Cheesy, não vai ajudar em nada brigar na casa da dama. Não seria apropriado. Você não está bebendo seu vinho. É melhor beber outra taça, e depois subiremos.

— Você deixou os seus trapos em Oileymead, e nenhum deles lhe será devolvido até que me pague cada xelim que me deve. Eu não acredito que você tenha uma camisa no mundo além da que está vestindo agora.

— Sorte a minha ter trazido uma de reserva, não é, Cheesy? Eu não teria pensado nisso se você não tivesse insinuado que pretendia me passar para trás. Se não vai mais beber, é melhor eu tocar o sino para que Jeannette guarde o vinho.

Então, ele tocou o sino e quando Jeannette apareceu, subiu a

passos leves em direção à sala de estar.

— Ele esteve aqui mais cedo? — questionou Cheesacre, gesticulando com a cabeça em direção à porta pela qual Bellfield havia passado.

— Quem? O capitão? Credo, não. O capitão não vem muito aqui agora – ao menos não constantemente, de modo algum.

— Ele é um maldito patife.

— Oh, Mr. Cheesacre! — protestou Jeannette.

— Ele é, e não tenho certeza se não há outros que chegam aos pés dele.

— Se se refere a mim, Mr. Cheesacre, saiba que está sendo injusto; muito injusto.

— Qual é o significado dessa atitude dele?

— *Num* sei nada sobre a atitude dele, Mr. Cheesacre, mas tenho sido leal ao senhor – tenho mesmo –; muito leal — ela se defendeu, levando o lenço aos olhos.

Ele foi até a porta e, então, um pensamento lhe ocorreu. Ele pôs as mãos nos bolsos da calça, virando-se para a garota e lhe deu meia-coroa. Ela fez uma reverência enquanto a aceitava, repetindo as suas últimas palavras.

— Muito leal.

Mr. Cheesacre não disse mais nada, mas seguiu seu inimigo até a sala de estar. “O que será que estão aprontando agora?”, Jeannette pensou consigo, quando foi deixada só. “Eles vão acabar cortando a garganta um do outro antes que esse assunto chegue ao fim; então, minha senhora, vai ficar com o sobrevivente”. Ela, porém, concluiu que Cheesacre seria aquele que teria a garganta cortada fatalmente, e que Bellfield seria o sobrevivente.

Ao alcançar a sala de estar, Cheesacre encontrou Bellfield sentado no mesmo sofá que Mrs. Greenow examinando um álbum de fotografias que ambos manuseavam. O rebordo do babado da viúva tocou, em certo momento, os bigodes do capitão. Quando isso aconteceu, o capitão olhou para cima com uma expressão gratificada de triunfo. Se qualquer cavalheiro visse a mesma coisa acontecer sob circunstâncias similares, ele entenderia que Mr. Cheesacre ficou muito irritado.

— Sim — apontou Mrs. Greenow, balançando o lenço, cuja borda não se mostrava mais do que cinco centímetros visível. Bellfield percebeu rapidamente que aquele não era o mesmo lenço que ela havia usado antes de irem cear. — Sim, aí está ele. É a cara dele.

Ela, então, tratou de apresentar o *carte de visite*^[69] do falecido.

— Querido Greenow; querido marido! Quando meu espírito for falso para você, que deixes de me visitar tão delicadamente em meus sonhos. Entre os maridos, você não podia ser comparado. Quem teria

bondade tão tenra quanto a sua? Quem teria um temperamento tão doce quanto o seu? Quem teria um carinho viril tão adequado?



Enquanto as palavras caíam de seus lábios, seu dedo mindinho encontrou no mindinho de Bellfield, conforme seguravam o álbum entre si. Charlie Fairstairs e Mr. Cheesacre observavam tudo atentamente, e Mrs. Greenow sabia que eles a estavam observando. Ela certamente era uma mulher de grande espírito e de grande coragem.

Bellfield, comovido pela eloquência das palavras dela, olhou com algum interesse para a fotografia. Representado diante dele, havia um pequeno velho insignificante com os cabelos grisalhos, olhos de porco e uma boca desdentada; era um velho que jamais devia ter se sentido impelido a se submeter à crueldade da fotografia! Outra viúva, ainda que guardasse em seu álbum a fotografia de um marido como aquele, teria passado para a página seguinte silenciosamente – teria tido, até mesmo, vergonha de mostrá-lo.

— O senhor já o viu, Mr. Cheesacre? — indagou Mrs. Greenow. — É o retrato dele.

— Eu o vi em Yarmouth — respondeu Cheesacre, muito carrancudamente.

— Isso o senhor não fez — rebateu a dama com alguma dignidade e sem um pinga de repreensão na voz. — Simplesmente porque este retrato jamais esteve em Yarmouth. O senhor pode ter visto outro maior que sempre mantenho, e sempre mantereí, perto da minha cabeceira.

“Não se depender de mim”, pensou o capitão. Então, a viúva puniu Mr. Cheesacre por sua carranca ao sussurrar algumas palavras ao capitão. Cheesacre, em sua fúria, virou-se para Charlie Fairstairs. Foi neste momento em que ele contou o que pensava sobre a patente do capitão e esnobou Charlie – como narrado há umas quatro ou cinco páginas.

Depois disso, café foi trazido para eles, e aqui, outra vez, o mau-humor de Cheesacre permitiu que o capitão levasse a melhor. Foi o capitão quem adicionou o açúcar nas xícaras e as distribuiu. Ele até passou uma xícara para o seu inimigo.

— Nada quero, capitão Bellfield; mesmo assim, muito obrigado pela educação — disse Mr. Cheesacre, e Mrs. Greenow notou, pelo tom da voz, que eles haviam brigado.

Sentado em sua melancolia, Cheesacre resolveu uma coisa – ou, duas; talvez seja melhor dizer. Ele decidiu que não deixaria o aposento naquela noite até que Bellfield se retirasse; e que iria obter uma resposta definitiva da viúva, se não naquela noite – pois ele achava que era bem possível que ambos fossem mandados embora juntos – então na hora do desjejum da manhã seguinte. Por ora, ele havia desistido da ideia de aproveitar a noite para cair nas graças dela. Ele talvez não fosse um covarde, mas não tinha aquela coragem especial que permite a um homem lutar bem sob circunstâncias adversas. Cheesacre tinha sido intimidado pela inesperada impertinência do seu rival – pela insolência do homem sobre quem achava que tinha o poder de ser sempre tão insolente quanto desejasse. Ele não tinha como tomar a vantagem rapidamente, ou como se recuperar diante dos olhos da dama, ainda que não estivesse ciente do golpe que recebera. Ele, conseqüentemente, permaneceu sentado, em silêncio, enquanto Bellfield discursava fluentemente; permaneceu sentado, em silêncio, confortando-se com reflexões de suas próprias riquezas e da pobreza do outro, jurando a si mesmo uma grande colheita de vingança quando chegasse a hora de contar a Mrs. Greenow tudo sobre o caráter vagabundo, vigarista e vil do homem.

Cheesacre, no entanto, ficou surpreso quando a oportunidade se apresentou rapidamente. Antes que o relógio da vizinhança marcasse sete horas, Bellfield se levantou da sua cadeira para ir embora. Primeiro, ele trocou algumas palavras de despedida com Miss Fairstairs, e depois, virou-se para o seu ex-anfitrião.

— Boa noite, Cheesacre — ele declamou, com o tom mais calmo do mundo. Depois disso, apertou a mão da viúva e sussurrou o seu *adieu*.

— Achei que estava hospedado em Oileymead — proferiu Mrs. Greenow.

— Eu vim de lá pela manhã — explicou o capitão.

— Mas não voltará para lá, isso eu garanto — intrometeu-se Mr. Cheesacre.

— Oh, entendo — afirmou Mrs. Greenow —, tomara que não haja nada de errado.

— Tudo está tão certo quanto um tripé — garantiu o capitão; ele, então, partiu.

— Prometi à mamãe que estaria em casa às sete — contou Charlie Fairstairs, levantando-se de sua cadeira. Não podemos supor que ela tivesse qualquer desejo de favorecer Mr. Cheesacre e, portanto, tal ação de sua parte poderia simplesmente ser interpretada como uma gentileza a Mrs. Greenow. Ela possivelmente estaria errada ao supor que Mrs. Greenow desejava ser deixada a sós com Mr. Cheesacre, mas estava claro para ela que, desta forma, não ofenderia ninguém. Por outro lado, se ficasse ali, era provável que acabasse ofendendo alguém. Um pouco depois das sete, Mr. Cheesacre se descobriu a sós com a dama.

— Sinto muito por vocês terem brigado — ela disse, gravemente.

— Mrs. Greenow — ele chamou, pulando de seu assento e, subitamente, sentindo-se cheio de vida. — Aquele homem é um patife completo.

— Oh, Mr. Cheesacre.

— Ele é. Ele lhe diz que esteve em Inkerman, mas acredito que estava numa prisão o tempo todo.

O capitão havia sido preso – duas vezes, acho – e, assim, Mr. Cheesacre justificou para si mesmo a afirmação.

— Duvido que ele tenha sequer visto um tiro ser disparado — ele continuou.

— Isso não faz dele um homem ruim.

— Mas ele sempre conta mentiras; além disso, não tem um tostão na vida. Quanto a senhora acha que ele me deve até hoje?

— Qualquer que seja o valor, tenho certeza de que o senhor é cavalheiro demais para revelar.

— Bom, sim, eu sou — ele aquiesceu, tentando se recuperar. — Mas quando pergunto quando pretende me pagar, sabe o que ele diz? Ele diz que me pagará quando conseguir o seu dinheiro.

— O meu dinheiro?! Ele não pode ter dito isso!

— Mas disse, Mrs. Greenow, dou-lhe a minha palavra de honra. “Eu vou lhe pagar quando conseguir o dinheiro da viúva”, foi o que ele me disse.

— Os senhores, cavalheiros, certamente falam sobre mim maravilhosamente bem quando estou ausente.

— Eu nunca proferi uma palavra desrespeitosa contra a senhora em toda a minha vida, Mrs. Greenow; ou sequer pensei em uma. Mas ele, sim; ele diz coisas horríveis.

— Que coisas horríveis, Mr. Cheesacre?

— Oh, não posso lhe falar, mas ele diz. O que mais poderia ser esperado de um homem que, até onde eu sei, só poderá trocar de roupas amanhã graças à trouxa que trouxe hoje? Onde vai dormir hoje, eu não sei, pois duvido que possua meia-coroa na vida.

— Pobre Bellfield!

— Sim, ele é pobre.

— Mas ele lida com a sua pobreza com tanta graça.

— Eu diria que isso é uma grande desgraça, Mrs. Greenow.

A isto, ela não deu resposta; ele, então, concluiu que era hora de agir.

— Mrs. Greenow... Posso chamá-la de Arabella?

— Mr. Cheesacre!

— Mas não posso? Ora, vamos, Mrs. Greenow. A esta altura, a senhora conhece muito bem o meu desejo. Para que continuar com esse chove-não-molha?

— Chove-não-molha, Mr. Cheesacre?! Eu nunca ouvi um palavreado como esse. Vou lhe dar boa noite agora e lhe dizer que é hora de ir para casa. O senhor chamaria isso de chove-não-molha?

Ele havia cometido um erro em seu discurso e se arrependera.

— Peço o seu perdão, Mrs. Greenow. De fato, peço. Eu não quis ofendê-la.

— Chove-não-molha, ora! Certamente ninguém ficará molhado; isso eu garanto.

O pobre homem ficou tão terrivelmente arrasado que o coração da viúva cedeu, e ela o perdoou. Não era de sua natureza brigar com as pessoas – e muito menos com seus admiradores.

— Peço o seu perdão, Mrs. Greenow — lamentou o culpado, humildemente.

— Está perdoado — a viúva respondeu. — Mas nunca mais diga a uma dama que ela está num chove-não-molha. E veja bem, Mr. Cheesacre, se algum dia o senhor estiver cortejando uma dama seriamente...

— Eu não poderia estar mais sério — ele interrompeu.

— Se algum dia o senhor estiver cortejando uma dama seriamente, conte a ela um pouco mais sobre sua paixão e um pouco menos sobre sua fortuna. Agora, boa noite.

— Mas somos amigos.

— Oh, sim. Continuamos tão amigos quanto antes.

Conforme dirigia para casa na escuridão, Cheesacre tentou se consolar, pensando nos apuros em que Bellfield se encontraria em Norwich, sem posses, com a exceção daquilo que havia trazido à cidade naquele dia em uma pequena mala. Entretanto, assim que virou em seu próprio portão, viu duas figuras emergirem: uma delas

era um rapazote com uma maleta, e o outro levava um estojo para guardar chapéus.

— Sou eu, Cheesy, meu velho — anunciou Bellfield. — Eu acabei de chegar pelos trilhos para pegar as minhas coisas, e vou voltar a Norwich no trem das 9h20.

— Se você roubou alguma coisa minha, eu vou processá-lo! — urrou Cheesacre, enquanto guiava o cabriolé até sua porta.

VOLUME II



CAPÍTULO 41

UM NOBRE LORDE MORRE

George Vavator permaneceu cerca de quatro dias debaixo do teto do avô; mas não se sentiu nada feliz por lá e tampouco contribuiu com a felicidade dos outros. Ele permaneceu, por ora, em grande desconforto, impossibilitado de ir embora até que uma resposta ao pedido feito à tia Greenow chegasse, de modo que pudesse insistir no cumprimento da promessa de Kate no tocante a Alice, caso tal resposta não fosse favorável. Durante estes quatro dias, Kate fez de tudo para induzir o irmão a ser, a qualquer custo, gentil com o avô, mas os seus esforços foram em vão. O lorde não tomava a iniciativa de ser agradável, e George, tão teimoso quanto o velho, não daria nenhum passo nessa direção até que fosse encorajado pela agradabilidade do outro lado. A pobre Kate rogou para que ambos comesçassem a se entender, mas as suas súplicas de nada adiantaram.

— Ele é um grosso mal-educado — dissera o velho. — E eu fui um tolo de deixá-lo pôr os pés nesta casa. Não mencione mais o nome dele na minha frente.

George discutiu o problema extensivamente. Kate o lembrou dos próprios interesses dele na questão, alertando-o que, ao se comportar daquela maneira, acabaria fazendo o lorde excluí-lo totalmente da herança da propriedade.

— Ele deve fazer aquilo que deseja — George respondeu mal-humorado.

— Pense no bem de Alice! — Kate pediu.

— Alice seria a última pessoa que esperaria que eu me submetesse a maus-tratos por dinheiro. Quanto a mim, admito que sou um grande apreciador de dinheiro, e capaz de encarar qualquer coisa. Faria tudo o que é possível a um homem para assegurá-lo, mas isso eu não posso. Eu nunca o prejudiquei, e nunca pedi que se prejudicasse. Nunca tentei pedir dinheiro emprestado a ele. Eu nunca lhe custei um xelim. Quando eu estava trabalhando com vinhos, ele poderia ter me aberto as portas para uma grande fortuna ao simplesmente me permitir ir adiante com a reversão da propriedade que, quando ele morresse, seria minha. Ele se mostrou tão perversamente ignorante, que nem sequer me fez questionamentos. Em vez disso, escolheu acreditar que eu estava me arruinando, no único momento da minha vida em que eu estava indo realmente bem.

— Mas ele tinha direito a agir como bem quisesse — avaliou Kate.

— Certamente tinha; mas não tinha o direito de ressentir o favor que lhe pedi. Ele foi um velho ignorante ao se recusar, mas eu nunca deveria ter brigado com ele naquela ocasião. A natureza o fez um tolo, e não foi culpa dele. Mas não posso me ajoelhar perante ele, na sujeira

do chão, simplesmente porque pedi algo que era razoável.

Os dois homens pouco disseram um ao outro. Eles nunca ficavam a sós, exceto na meia hora após a ceia, quando iam beber vinho. Nestas horas, o velho lorde sempre bebia três taças de vinho do Porto, e esperava que seu neto o acompanhasse, mas George nunca bebia.

— Eu parei de beber vinho depois da ceia — justificou, quando o avô empurrou a garrafa para ele.

— Imagino que você não beba mais nada, exceto vinho Clarete — criticou o lorde, num tom que não era, certamente, nada conciliador.

— Foi tudo o que quis dizer — prosseguiu George. — Parei de beber após o jantar.

O velho não tinha como brigar abertamente com o herdeiro por causa de um tema como aquele. Nem mesmo Mr. Vavasor conseguiria encontrar uma razão válida para dizer ao neto que o seu futuro estava indo por água abaixo só porque ele estava sendo moderado na bebida. Ainda assim, havia uma ofensa na coisa; e quando George continuou sentado, perfeitamente em silêncio, encarando a lareira e claramente determinado a não fazer qualquer tentativa de conversar, a ofensa cresceu e ficou forte.

— De que diabos adianta você estar sentado aí se não pretende beber ou conversar? — indagou o velho.

— Não adianta de nada, pelo que vejo — respondeu George. — Mas se eu o deixar agora, o senhor soltará os cachorros em cima de mim.

— O momento da sua saída não me importa — rebateu o lorde.

Deste modo, podemos concluir que a visita de George Vavasor ao salão dos seus ancestrais não foi satisfatória.

Por volta do meio-dia do quarto dia, a resposta de tia Greenow chegou. *“Querida Kate, eu não farei o que me pede”,* ela escreveu – indo, assim, direto ao assunto.

“Entenda, eu não conheço meu sobrinho, e não tenho nenhum motivo especial para ansiar seu ingresso no Parlamento. Não dou a mínima para a glória da família Vavasor. Se eu nunca tivesse feito nada por mim mesma, os Vavasors teriam feito bem pouco. Não me importo muito com aquilo que chama de ‘sangue’. Gosto daqueles que conheço e que gostam de mim. Tenho muito carinho por você, e como foi tão boa comigo, eu teria dado mil libras se as quisesse para si; mas não vejo motivo para dar dinheiro àqueles que desconheço. Se for necessário comunicar a minha resposta ao meu sobrinho, por favor, diga-lhe que não tive a intenção de ofendê-lo. O seu amigo “C” está esperando... esperando... esperando, pacientemente; mas a paciência dele pode estar perto do fim. Sua afetuosa tia, ARABELLA GRENOW”.

— É óbvio que ela não ia dar — declarou George, ao devolver a

carta para a irmã.

— Eu estava esperando que ela desse — lamentou Kate.

— E por que daria? O que eu já fiz por ela? Ela é uma mulher sensível. E quem é esse seu amigo “C”, e por que ele está esperando pacientemente?

— É um homem que ficaria feliz em se casar com ela por dinheiro, se ela aceitasse.

— Então, que história é essa de “paciência perto do fim”?

— É uma tolice dela. Ela escolhe fingir que vê que o homem interessado em mim.

— Ele tem dinheiro?

— Sim, muito dinheiro – ou posses que além muito dinheiro.

— Qual é o nome dele?

— O nome dele é Cheesacre, mas, por favor, não se incomode de falar sobre ele.

— Se ele quer se casar com você, e tem muito dinheiro, por que não aceita?

— Céus, George! Em primeiro lugar, ele não quer se casar comigo. Em segundo, todo o coração dele está em sua fazenda.

— É um ótimo lugar para se possuir — avaliou George.

— Sem dúvida; mas falo sério, não se incomode de falar sobre ele.

— Só digo uma coisa: eu ficaria muito feliz em vê-la casada.

— Ficaria? — ela perguntou, pensando em sua forte ligação com ele.

— E agora, o dinheiro — anunciou George. — Você deve escrever para Alice já.

— Oh, George!

— Mas é claro, você prometeu. Na realidade, teria sido muito mais sábio me ouvir, e ter escrito no dia em que sugeri.

— Eu não posso.

Então, a cicatriz em seu rosto se abriu, e a sua irmã tremeu de medo perante ele.

— Quer dizer que vai voltar atrás em sua promessa e me enganar? — ele indagou. — Quer dizer que fiquei aqui pela sua promessa, e agora não fará o que disse que faria?

— Pegue o meu dinheiro agora e me pague com o dela assim que se casarem. Eu serei a primeira a cobrar dela e de você.

— Isso é bobagem.

— Por que é uma bobagem? Com certeza você sabe que não precisa de cerimônias comigo. Eu não faria nenhuma com você se necessitasse do seu auxílio.

— Escute, Kate, não vou aceitar o seu dinheiro e fim da história. Tudo o que você tem no mundo não seria capaz de me levar ao fim

dessas eleições. Esse empréstimo, portanto, seria pior do que inútil.

— E você quer que eu peça a ela mais de duas mil libras?

— Quero que peça simplesmente mil libras. É isso o que quero e o que preciso ter no presente momento. Ela sabe o que eu quero e o que prometeu me dar; ela só não sabe que a minha necessidade é tão imediata. Isso você precisa explicar a ela.

— Eu prefiro queimar a mão, George!

— Mas queimar a sua mão, infelizmente, não fará nenhum bem. Escute bem, Kate, insisto que faça isso por mim. Se não fizer, eu mesmo farei, é claro; mas considerarei a recusa uma falsidade injustificável da sua parte, e certamente não irei mais vê-la. Eu não desejo, por razões que você deve entender muito bem, escrever a Alice sobre o tema no presente momento. Agora, vou reivindicar sua promessa de fazê-lo; e se ela recusar, saberei muito bem o que fazer.

É claro que ela não persistiu na recusa. Com o coração pesado e dedos que mal conseguiam formar as palavras necessárias, ela escreveu a carta para a prima explicando o fato – George Vavasor queria mil libras imediatamente para seus propósitos eleitorais. Foi uma carta fria e desconfortável, estranha em sua fraseologia, que contava a sua própria história de tristeza e vergonha. Alice entendeu muito bem todas as circunstâncias sob as quais ela havia sido redigida, mas respondeu a Kate imediatamente, prometendo que o dinheiro logo chegaria. Antes do final de janeiro, ela escreveu outra vez, informando que a soma determinada havia sido paga aos próprios banqueiros de George e transformada em créditos para ele.

Kate havia experimentado um imenso orgulho com a renovação do noivado entre o irmão e a prima, e se regozijara ao considerá-la obra sua, mas todo o orgulho e alegria tinham se extinguido. Ela não mais poderia escrever bilhetes triunfantes para Alice, mencionando George como aquele que seria o grande herói delas; ou prevendo grandes coisas sobre a carreira dele no Parlamento; ou romantizando o duradouro amor dele. Para ela, já não era mais possível escrever nada sobre George, assim como era igualmente impossível a Alice. De fato, nenhuma carta foi passada entre elas quando as correspondências monetárias cessaram, e assim continuou até o fim do inverno. Kate permaneceu em Westmoreland, miserável e desconfortável, enquanto escutava as duras palavras de seu avô contra o seu irmão, sentindo-se incapaz de defender George, como sempre estivera habituada a fazer em outras épocas.

George voltou à cidade ao fim dos quatro dias, e descobriu que as mil libras jaziam devidamente depositadas em seu crédito antes do fim do mês. Creio que seja desnecessário dizer aos leitores que tal dinheiro provinha do estabelecimento de Mr. Tombe, e que Mr. Tombe havia, devidamente, debitado a quantia de Mr. Grey. Alice, em conformidade

com sua promessa, havia contado ao pai que George precisava do dinheiro, e seu pai, em conformidade com a promessa dele, cuidara da transação sem um pio de protesto.

— Certamente vou precisar assinar alguma coisa — Alice comentara, mas se sentira satisfeita quando seu pai lhe garantira que os advogados cuidariam de tudo.

Era quase final de fevereiro quando George Vavator fez o seu primeiro pagamento a Mr. Scruby em nome das vindouras eleições; e quando ele compareceu ao escritório de Mr. Scruby com tal objetivo, recebeu informações que não o espantaram nem um pouco.

— O senhor já ouviu as novidades? — perguntou Scruby.

— Que novidades? — disse George.

— O marquês está para bater as botas.

Enquanto comunicava as notícias, Mr. Scruby mostrou claramente, através do seu rosto e da sua voz, que elas deveriam carregar grande importância. Vavator, todavia, não pareceu se importar tanto com o destino do “marquês” quanto Scruby antecipara.

— Lamento muito por ele — declarou George. — Quem era esse marquês? Com certeza outro ocupará o seu lugar; isso, portanto, não tem muita importância.

— Outro ocupará o lugar, essa é a questão. É o marquês de Bunratty; e se ele partir dessa para uma melhor, o nosso jovem membro poderá ingressar na Câmara dos Lordes.

— O quê? Imediatamente? Antes do fim da sessão?

George, é claro, sabia muito bem que este seria o caso, mas o efeito que tal evento poderia ter sobre ele o pegou desprevenido.

— Certamente — respondeu Scruby. — O decreto seria publicado imediatamente. Isso seria uma satisfação. Entretanto, sei que o pessoal de Travers já ouviu a notícia antes de nós, e que estão prontos para pregar seus cartazes assim que o último suspiro deixar o corpo do marquês. Precisamos começar os trabalhos imediatamente; isso é tudo.

— Seria apenas por uma fração da sessão — raciocinou George.

— É mais ou menos isso — respondeu Mr. Scruby.

— E depois, haveria o custo de uma outra eleição.

— Isso é verdade — concordou Mr. Scruby. — Mas em tais casos, podemos fazer um preço mais barato. Se derrotar Travers agora, não terá nenhuma dificuldade nas próximas eleições.

— Teve notícias de Grimes?

— Sim, tive; que canalha! Vai abrir a casa dele para o pessoal de Travers. Ele veio até aqui de nariz empinado para me contar isso, e dizer que nunca gostou de cavalheiros que o fazem esperar pela parte que lhe é devida. O que me irrita é que ele a recebeu.

— Mas não cuidamos disso muito bem, com certeza — retorquiu Vavator, encarando o advogado maliciosamente.

— Não podemos evitar esses pequenos acidentes, Mr. Vavasor. Há acidentes piores que surgem quase diariamente no meu ramo. O senhor poderia se considerar sortudo por eu mesmo não ter me aliado a Travers — ele é do Partido Liberal, sabe —; e não foi por falta de oferta, isso lhe garanto.

Vavasor se sentiu inclinado a duvidar do tamanho da sua sorte na questão, e quase se viu arrependido da sua ambição parlamentar. Ele, agora, sem dúvida seria obrigado a gastar não menos do que três mil libras do dinheiro da prima pela chance de ingressar no Parlamento por alguns meses. E depois, de que maneira conseguiria negociar o empréstimo? Ele poderia, para se garantir, deixar que a sessão atual terminasse, e disputar, como havia pretendido, a eleição geral. George, contudo, sabia que, se permitisse que um liberal conquistasse o assento, seu ocupante teria o êxito subsequente praticamente certo. Ou ele lutava agora, ou desistia completamente da luta — e ele não era um homem que gostava de abandonar as brigas que disputava.

— Bom, chefe — começou Scruby. — O que vai ser?

Vavasor sentiu que detectara na voz do homem certa diminuição do respeito com o qual, até então, ele fora tratado, como candidato adimplente de um bairro metropolitano.

— O lorde não morreu ainda — lembrou Vavasor.

— Não, ainda não; foi isso o que ouvimos, mas não nos fará bem esperar. Queremos cada minuto que pudermos conseguir. Disseram-me que não há esperanças para ele. É gota no estômago, hidropisia no coração, ou uma dessas coisas que garante ao camarada o passaporte para o além.

— Não seria melhor esperar pelas próximas eleições?

— Se me perguntar, eu certamente direi que não. Na realidade, eu não gostaria de disputá-la sob tais circunstâncias. Eu odeio lutas que não têm chances de sucesso. Detesto gastar o dinheiro de um homem em uma situação dessas. Detesto mesmo, Mr. Vavasor.

— Suponho que a deserção de Grimes não fará muita diferença, não é?

— O canalha! Ele vai angariar 150 votos, imagino; talvez mais, mas isso não representa muita coisa em um distrito eleitoral como Chelsea. Entenda, Travers jogou sujo nas últimas eleições, e isso será usado contra ele.

— Mas os conservadores terão um candidato.

— Não há como saber, mas acho que não terão. Eles tentarão lançar um nas eleições gerais, sem dúvida, mas se o candidato eleito agora e o candidato futuro se unirem, eles não terão muitas chances.

Vavasor viu-se instigado a dizer que disputaria a eleição, e Scruby comprometeu-se a dar as ordens iniciais imediatamente, sem nem esperar pela morte do marquês.

— Devemos lançar nossos cavalos assim que eles lançarem os deles — ele disse. — É uma grande oportunidade.

George, então, deu suas ordens. “Se o pior acontecer”, ele ruminou consigo, “sempre posso cortar a minha garganta”.

Conforme caminhava do escritório do advogado para o seu clube, ele refletiu que esse poderia não ser necessariamente o desfecho da sua carreira. Tudo estava dando errado para ele. O seu avô, que tinha mais de 80 anos, não morria, e não parecia dar o menor sinal de que estava para morrer, enquanto o marquês, que não tinha muito mais do que 50 anos, disparava apressadamente em direção ao além, simplesmente porque era o único homem cuja continuidade da vida, no presente momento, teria alguma utilidade para George Vavasor. Enquanto pensava no avô, ele quase quebrou o guarda-chuva com a força que aplicou ao golpeá-lo contra o pavimento. Que direito um velho tolo e ignorante tinha de viver para sempre, mantendo a posse da propriedade que não usava, enquanto arruinava a vida de todos os seus descendentes? Se naquele momento, aquele lugar miserável em Westmoreland pudesse ser seu, ele ainda seria capaz de ascender triunfantemente sobre suas dificuldades, e evitar que suas mãos se sujassem com o dinheiro da prima até que ela se tornasse a sua esposa.

Mesmo aquelas mil libras não haviam passado pelas suas mãos sem lhe causar um sofrimento amargo. Como é sempre o caso em tais questões, a coisa realizada era pior do que a sua realização. Ele se treinara para encarar a situação com leveza, enquanto as suas metas não eram alcançadas; mas ele não conseguia encará-la com leveza agora. Kate tinha razão. Teria sido melhor se ele houvesse pegado o dinheiro dela. Qualquer dinheiro teria sido melhor do que aquele em que havia posto suas mãos sacrílegas. Se houvesse roubado alguém do modo clássico, o fedor da má ação dificilmente seria tão forte quanto aquele que sentia agora. Naqueles dias – por mais de um mês desde que retornara de Westmoreland, na verdade – ele não se aproximou de Queen Anne Street, tentando se convencer de que se mantinha afastado por causa da frieza com que ela o tratara. Mas, na realidade, ele tinha medo de conversar com Alice sem mencionar o dinheiro dela, e medo de conversar com ela o mencionando.

— O senhor leu o *Globe*? ^[70] — alguém perguntou enquanto ele entrava no clube.

— Não. Na realidade, eu não li nada.

— Bunratty morreu na Irlanda esta manhã. O senhor pretende disputar pelos Distritos de Chelsea?

CAPÍTULO 42

O PARLAMENTO SE REÚNE

O Parlamento foi aberto naquele ano no dia 12 de fevereiro, e Mr. Palliser foi um dos primeiros membros da Câmara dos Comuns a ocupar o seu assento. Fora, em geral, defendido pelo país, durante a última semana, que o existente chanceler do Tesouro havia, por assim dizer, deixado de existir como tal; que, embora ainda existisse no mundo exterior, recebendo o seu salário e fazendo o seu trabalho de rotina – se é que um homem tão poderoso tinha algum trabalho de rotina –, não existia mais no mundo interior do Gabinete. Ele havia divergido, assim disseram, com seu amigo e chefe, o primeiro-ministro, quanto ao oportunismo de revogar o que sobrara dos impostos diretos do país, e estava preparado para se unir à oposição com sua pequena escolta de seguidores, com toda a sua energia e com todo o seu veneno.

Existe algo de muito agradável sobre a amizade íntima e a animosidade amarga e inflexível destes deuses humanos – destes seres humanos que seriam deuses se não tivessem suas divindades tão abreviadas pela mortalidade. Se ficasse estabelecido que as mesmas pessoas seriam sempre amigas, e que as mesmas pessoas seriam sempre inimigas, como costumava ser o caso dos caros e velhos deuses e deusas pagãos – se o Parlamento fosse um Olimpo onde Juno e Vênus nunca se beijassem –, a coisa toda não teria a mesma graça. Mas, neste Olimpo, os parceiros mudavam. O coração divino, agora louco de raiva contra uma divindade opositora, subitamente se vê repleto de amor pelo antigo inimigo, e excitantes mudanças acontecem, que dão à coisa toda o grande charme de um romance sensacional. Sem dúvida isso parece imensamente atenuado àqueles que se aproximam demais da cena da ação. Membros do Parlamento, e amigos dos membros do Parlamento, estão aptos a mostrarem a si mesmos que isso não significa nada; que o lorde Fulano não odeia Mr. Sicrano, ou pensa que é um traidor do país, ou deseja crucificá-lo; e que Sir John do Tesouro não está sendo muito sincero quando fala de seu nobre amigo no “Ministério das Relações Exteriores”, como um deus a quem nenhum outro deus poderia ser comparado em honestidade, descrição, patriotismo e genialidade. Entretanto, o britânico que acompanha de fora os prazeres da política – e essa descrição que deve incluir 99 ingleses educados em 100 – não deve ceder ao desejo de espiar por trás das cenas. Nenhum espectador em qualquer teatro deveria fazer isso. É tão bom acreditar nestas amizades e nestas inimizades, e é tão agradável observá-las mudarem. É um deleite quando Oxford abraça Manchester, descobrindo que não pode sobreviver sem apoio naquelas bandas; e é um grande deleite quando o inflexível agressor de todos os homens no poder recebe a

recompensa legítima pela sua energia, ao ser recebido nas graças dos abençoados.

Mas ainda que o mundo exterior estivesse convencido de que o existente chanceler do Tesouro cessara de existir, quando a Câmara dos Comuns se reuniu, esse mesmo cavalheiro tomou seu lugar no banco do Tesouro. Mr. Palliser, que de maneira alguma dera algum apoio genérico ao Ministério na última sessão, tomou seu lugar no mesmo lado da Câmara, mas bem abaixo e perto do banco dos independentes.^[71] Mr. Bott se sentou logo atrás dele, e todos sabiam que Mr. Bott era um membro distinto do grupo de Mr. Palliser, qualquer que fosse esse grupo. Lorde Cinquebars abriu o Discurso Leal,^[72] e devo confessar que ele o fez pessimamente. Certa vez, ele fora acusado por Mr. Maxwell, o banqueiro, de fazer uma grande algazarra no campo de caça. A acusação não poderia ser repetida à performance dele naquela ocasião, pois ninguém conseguiu escutar uma palavra do que ele disse. O discurso foi levado adiante por Mr. Loftus Fitzhoward, um sobrinho do duque de St. Bungay, que palestrou como se estivesse determinado a superar o pobre lorde Cinquebars em cada frase que pronunciava – como costumamos ouvir o segundo clérigo da Mesa da Comunhão superar seu fatigado antecessor, que acabou de encerrar a Litania, não com a voz mais clara e audível do mundo. Cada palavra saía dos lábios de Mr. Fitzhoward com a elaborada precisão dum tiro de revólver disparado; e conforme se sentia satisfeito consigo em seu progresso, e animado com a sua obra, ele pronunciava as palavras com ênfase, fazia pausas retóricas e até gesticulava com as mãos, o que repugnou bastante o seu próprio partido, que estivera deveras satisfeito com lorde Cinquebars. Há muitas pedras que um jovem orador do Parlamento deve evitar; mas nenhuma pedra que requeira tanto cuidado quanto a pedra da eloquência. Quaisquer que fossem os defeitos dele, que pelo menos evitasse a eloquência. Ele não deveria ser impreciso, mas, se fosse, não seria um grande crime; ele não deveria ser entediante, mas, se fosse, seria algo razoável; ele não deveria ser irritadiço, mas, se fosse, seria um grande pecado; mas nenhum desses defeitos são tão malditos quanto a eloquência. Todos os amigos e inimigos de Mr. Fitzhoward sabiam que ele havia tido sua oportunidade e que a jogara pela janela.

Durante o Discurso da Rainha houvera certa alusão morna à remissão dos impostos diretos. Esta remissão, que já havia sido levada longe demais, seria levada ainda mais longe, se fosse entendido que esse plano era praticável. Assim disse a rainha. Tais palavras, como se sabia, não poderiam ter sido aprovadas pelo energético e ainda existente chanceler do Tesouro. Acerca desta questão, o inaugurador do Discurso Leal não deu uma palavra, e seu sucessor apenas uma ou

duas. O que haviam dito, é claro, tinha sido imposto a eles; ainda que, infelizmente, a maneira como fora dito não poderia ser tão facilmente prescrita. Então, surgiu um grande inimigo, um homem fluente de dicção, aparentemente com grande malícia no coração, embora em casa – como costumávamos dizer na escola – fosse um dos camaradas mais comportados do mundo; era um homem que ambicionava aquela divindade dona de um assento do outro lado da Câmara; era um homem que tinha a ganância de agarrar oportunidades que esta discordância nos conselhos dos deuses poderia lhe dar. Ele ficara muito contente, dissera, em votar pelo Discurso Leal, assim como, acreditava, seria o caso de todos os cavalheiros no seu lado da Câmara. Ninguém poderia suspeitar de uma oposição facciosa ao governo oriunda deles ou dele. Por acaso, não haviam tolerado e suportado o que ia além de todos os precedentes conhecidos pela Câmara? Então, ele tocou levemente, e quase com graça frente a seus oponentes, em vários assuntos, prometendo apoio, e mal indicando que eles estavam totalmente e manifestadamente errados sobre todas as coisas. Mas... Então, o tom da voz dele mudou e a conhecida expressão de fúria tomou conta do seu semblante. Com isso, o grande Júpiter no outro lado puxou a aba do chapéu sobre os olhos e sorriu maliciosamente. Depois, os membros guardaram os jornais que haviam lido por um momento, e os homens na galeria começaram a ouvir. Mas... O resumo da ópera foi o seguinte: o governo existente havia subido ao poder sob um clamor pela redução dos impostos, e agora eles iriam se esquivar da responsabilidade de suas próprias ações. Eles iriam se esquivar da responsabilidade de suas próprias promessas eleitorais, ainda que fosse sabido que seu próprio chanceler do Tesouro estava preparado para levá-las ao extremo. Ele estaria preparado para levá-las ao extremo se não fosse impedido pela timidez, falsidade e traição de seus colegas, dos quais, é claro, o mais tímido, o mais falso, e o mais traiçoeiro era o grande deus Júpiter, que permanecia sentado no outro lado, sorrindo maliciosamente.



Ninguém que deseje desfrutar disso deveria se aproximar da Câmara dos Comuns. Era tão manifestadamente evidente que nem Júpiter ou qualquer um de seus satélites dava a mínima para o que o irado cavalheiro discursava; não, ficou tão evidente que, a despeito de sua suposta ira, o cavalheiro não estava irado. Ele pretendia manifestar a sua expressão de raiva para as matérias jornalísticas sobre seu discurso; e ele sabia, por experiência, que poderia ter êxito nisso. Além disso, políticos perambulavam pela Câmara nos momentos mais sérios dos discursos – inimigos apertavam as mãos de inimigos – mostrando a absoluta ausência do belo e honesto ódio entre si. O cavalheiro, contudo, foi em frente e terminou o seu discurso, demandando, por fim, em termos diretos, que o Júpiter do Tesouro especificasse claramente para a Câmara quem iria ser, e quem não iria ser, o portador da economia entre os deuses.

Então, o Júpiter do Tesouro se levantou sorrindo, e agradeceu ao seu inimigo pela cordialidade do seu apoio.

— Ele sempre fez jus à clemência do partido dos cavalheiros — disse. — E nunca temeu qualquer oposição deles. Ele ficou contente ao perceber que estava correto sobre as suas antecipações quanto ao curso que deveriam perseguir na presente ocasião.

Ele prosseguiu, tagarelando sobre assuntos internos e assuntos de relações exteriores, provando que tudo estava certo, tão facilmente quanto seu inimigo provara que tudo estava errado. Em todos esses tópicos ele foi muito detalhado e muito cortês; mas quando chegou a

hora de tocar no assunto dos impostos, simplesmente repetiu a passagem do Discurso da Rainha, expressando a sua esperança de que o seu correto e honrado amigo, o chanceler do Tesouro, seria capaz de satisfazer o julgamento da Câmara, e os desejos do povo. Quanto à específica pergunta que lhe fora feita, ele não deu nenhuma resposta.

Mas a Câmara continuava ansiosa, bem como a galeria apinhada de gente. O energético e existente chanceler do Tesouro se fazia presente, separado do próprio Júpiter por um mero, pequeno e esguio secretário do Estado. Será que ele se levantaria e declararia os seus propósitos? Ele era um homem que quase sempre se levantava quando a oportunidade se apresentava – ou mesmo quando não se apresentava. Um pouco mais de pólvora foi disparado dos bancos da oposição, e em seguida uma pausa foi feita. Será que o portador da economia do Olimpo levantaria voo e revelaria o que tinha em mente, ou ficaria sentado em silêncio sobre sua nuvem? O chamado pelo portador da economia se espalhou, mas ele flutuou em silêncio inexplicavelmente. O portador da economia não admitiria ser forçado a uma leitura súbita da charada. Então, iniciou-se um debate generalizado sobre questões monetárias, no qual o portador da economia disse algumas palavras, mas nada no tocante à grande pauta apresentada. Finalmente, e perto do fim da tarde, levantou-se Mr. Palliser, que ocupou uma hora inteira explicando quais impostos o governo poderia perdoar com segurança, e quais não poderia. Enquanto isso, Mr. Bott apresentava valores atrás dele com uma assiduidade quase persistente demais. De acordo com Mr. Palliser, as palavras usadas no Discurso da Rainha não haviam sido, de maneira alguma, cautelosas demais. Os membros foram embora gradualmente, e a Câmara ficou mais escassa durante a oratória; mas, na manhã seguinte, os jornais declararam que o discurso dele havia sido o discurso da noite, e que a lucidez de Mr. Palliser o destacava como alguém em ascensão.

Ele voltou à sua casa em Park Lane sentindo-se bastante triunfante após seu êxito e encontrou lady Glencora, por volta da meia-noite, sentada sozinha. Ela chegara à cidade naquele dia, tendo vindo por vontade própria, em vez de permanecer em Matching Priory até depois da Páscoa, como havia sido proposto. Ele tinha desejado que ela ficasse, para que, como explicara, houvesse uma anfitriã para as suas primas. Ela, porém, mostrou-se indisposta a ficar lá sem ele, justificando que as primas se sentiam em casa tanto em sua ausência quanto em sua presença. Ele, por fim, cedeu. Na realidade, todavia, ela aprendeu a odiar a prima Iphy Palliser com um ódio insensato – já que não odiava Alice Vavasor, que havia feito tanto para merecer o ódio dela quanto a prima dele. Lady Glencora sabia como sua ausência de Monkshade fora sugerida. Miss Palliser havia lhe contado tudo o

que ocorreria no quarto de Alice na última noite da estada dela em Matching, consequentemente forçando o impedimento da visita. Lady Glencora compreendia muito bem o que Alice dissera; e, ainda que odiasse Miss Palliser pelo que havia sido feito, não alimentava nenhuma raiva contra Alice. É claro que Alice teria impedido a visita a Monkshade se tal ação estivesse em seu poder. É claro que ela teria salvado sua amiga. Eu não acredito que seria exagero dizer que lady Glencora esperava que Alice a salvasse. Independentemente disso, ela odiava Iphigeneia Palliser por ter se metido no assunto. Lady Glencora esperava que Alice a salvasse, entretanto, há dúvidas se ela realmente desejava ser salva.

Enquanto ela estava em Matching, e antes de Mr. Palliser retornar de Monkshade, uma carta a alcançou – como, ela nunca soube.

— Uma carta foi depositada dentro do meu estojo de escrita — ela comunicara à sua aia, com bastante franqueza. — Quem a colocou lá?

A aia declarara ignorância de tal modo que fizera lady Glencora acreditar nela.

— Se alguma coisa assim acontecer novamente, serei obrigada a pedir que a questão seja investigada — ela decretara. — Eu não posso permitir que nada seja colocado em meu quarto clandestinamente.

Na ocasião, aquele fora o fim da questão no tocante a qualquer atitude tomada por lady Glencora. A carta era de Burgo Fitzgerald, e continha uma proposta direta para que ela fugisse com ele. *“Estou em Matching”, a carta dizia, “em uma estalagem, mas não me atrevo a aparecer e arriscar que seja prejudicada. Perambulei em volta da casa ontem à noite e sei que vi seu quarto. Se estou errado em pensar que você me ama, eu não a insultaria com a minha presença por nada neste mundo; mas se ainda me ama, peço que desista desse casamento fictício, e se entregue ao homem a quem, se o ama, deveria considerar o seu marido”*. Havia mais na carta, mas as declarações eram similares. Para lady Glencora, a mensagem parecia transmitir a garantia de um amor devotado – um amor que, no passado, as suas amigas disseram que não fazia parte da natureza de Burgo. Ele não pediu que ela o encontrasse, mas comunicou que voltaria a Matching após a reunião do Parlamento, e implorou que ela desse algum indício de que o seu coração ainda pertencia a ele.

Ela não contou a ninguém sobre a carta, mas a guardou e a leu repetidas vezes no silêncio e na solidão do seu quarto. Sentiu-se culpada por lê-la; e, até mesmo, de escondê-la do conhecimento do seu marido. Contudo, apesar de estar ciente desta culpa; apesar da quase resolução da sua vontade, decidiu não ficar em Matching após a partida do marido – visando a escapar do risco de permanecer ali enquanto Burgo Fitzgerald rondava a vizinhança. Ela não conseguia

analisar os seus próprios desejos. Constantemente, dizia a si mesma, como dissera a Alice, que seria melhor para todos se fosse embora; que, ao jogar tudo para o alto, caso tal atitude fosse necessária, estaria fazendo mais bem do que mal. Ela declarou para si mesma, com as palavras mais apaixonadas que foi capaz de usar, que amava aquele homem com todo o coração. Ela protestou que a culpa não seria dela, mas deles, que a haviam forçado a se casar com um homem que não amava. Garantiu a si mesma que o seu marido não tinha afeição por ela, e que o matrimônio deles era, em todos os aspectos, prejudicial a ele. Em seus pensamentos, ecoavam o extremo desejo dele de ter um herdeiro, e a sua falta de filhos. “Ainda que me sacrifique”, ela pensou, “farei mais bem do que mal, e não tenho como ficar mais miserável do que já estou agora”. Mesmo assim, ela fugiu para Londres, porque temia ficar em Matching enquanto Burgo Fitzgerald estivesse por lá. Ela não respondeu à carta. Ela não se preparou para fugir com ele. Ela ansiava para ver Alice, a única pessoa, desde que se casara, com quem discutira seu amor, e a quem pretendia contar toda a história sobre a carta. Ela se sentia, em sua louca aflição, como uma pessoa resolvida a se atirar de um precipício, mas que conservava o pouco de sanidade que a forçava a procurar aqueles que a salvariam de si mesma.

Mr. Palliser não a via desde que chegara a Londres e, é claro, tomou-a pela mão e a beijou. Mas aquele era o abraço de um irmão, não o de um amor ou de um marido. Lady Glencora, com toda sua natureza feminina, compreendeu isso completamente, e apreciou, por instinto, o real significado de cada toque da mão dele.

— Espero que esteja bem — ela falou.

— Oh, sim, muito bem. E você? Um pouco cansada da viagem, imagino?

— Não, não muito.

— Bom, tivemos um debate durante o Discurso Leal. Quer saber como foi?

— Se isso particularmente lhe envolver, quero, é claro.

— Se me envolve?! Certamente me envolveu.

— Eles ainda não o nomearam, não é?

— Não, eles não nomeiam as pessoas durante os debates na Câmara dos Comuns, mas receio que nunca farei de você uma política.

— Temo que as chances sejam mínimas; mesmo assim, sinto-me ansiosa pelo seu sucesso, já que você mesmo o deseja. Eu não entendo por que você precisa trabalhar tanto; mas, já que gosta, fico tão ansiosa quanto qualquer outra pessoa para que triunfe.

— Sim, eu gosto — ele respondeu. — Um homem precisa gostar de alguma coisa, e não imagino o que poderia ser melhor do que isso. Algumas pessoas comem e bebem o dia todo, e alguma pessoas

cuidam de cavalos. Eu não saberia fazer nenhum dos dois.

E havia outras, lady Glencora pensou, que amavam se deitar sob o sol, encarar os olhos das mulheres, e buscar a felicidade neles. Ela tinha certeza de que conhecia alguém assim, mas permaneceu calada.

— Eu conversei um pouco com lorde Brock — contou Mr. Palliser. Lorde Brock era o nome pelo qual o presente Júpiter do Tesouro era conhecido entre os homens.

— E o que lorde Brock disse?

— Não muito, mas ele foi bastante cordial.

— Mas pensei, Plantagenet, que ele poderia nomeá-lo se quisesse? Não é assim?

— Bom, de certa forma, é, mas acho que jamais serei capaz de fazê-la entender.

Ele, porém, tentou explicar na ocasião, e fez uma longa palestra sobre a funcionalidade da Constituição Britânica, e sobre a maneira como os políticos britânicos evoluíam, de uma maneira que não seria esperada da maioria dos jovens maridos a suas jovens esposas sob circunstâncias similares. Lady Glencora bocejou, e se esforçou com empenho, mas ineficazmente, para esconder o bocejo com seu lenço.

— Mas vejo que não se importa nem um pouco com isso — ele disse, irritadiço.

— Não tenha raiva, Plantagenet. Eu realmente me importo, mas sou tão ignorante que não consigo entender tudo de uma vez. Estou bastante cansada, e acho que vou para a cama agora. Você vai demorar?

— Não, não muito; isto é, eu devo demorar. Há muitas cartas que desejo escrever esta noite, e devo trabalhar o dia todo amanhã. A propósito, Mr. Bott jantará aqui amanhã, mas não virá ninguém mais além dele.

O dia seguinte seria uma quarta-feira, e a Câmara não se reuniria naquela tarde.

— Mr. Bott! — exclamou lady Glencora, mostrando com a sua voz que não antecipava qualquer prazer da companhia daquele cavalheiro.

— Sim, Mr. Bott. Você tem alguma objeção?

— Oh, não. Gostaria de jantar a sós com ele?

— Por que eu iria querer jantar a sós com ele? Por que não quer jantar conosco? Espero que você não esteja se tornando uma daquelas pessoas críticas que vira a cara para todo mundo. Mrs. Marsham está na cidade, e ousa dizer que ela viria se você a convidasse.

Mas isso seria demais para lady Glencora. Ela estava disposta a ser razoável, mas não aguentaria lidar com suas duas babás logo no primeiro dia de sua chegada a Londres. Além disso, Mrs. Marsham seria pior do que Mr. Bott. Mr. Bott estaria engajado em uma conversa

com Mr. Palliser durante a maior parte da tarde.

— Eu pensei em chamar a minha prima, Alice Vavasor, para passar a tarde comigo — ela explicou.

— Miss Vavasor! — bradou o marido. — Eu diria que considero Miss Vavasor...

Ele estava prestes a fazer alguma alusão à infeliz hora passada entre as ruínas, mas se controlou.

— Espero que não tenha nada a dizer contra minha prima — declarou a esposa. — É a única parente próxima com quem me importo de verdade — mulher, quero dizer.

— Não, eu não pretendo dizer qualquer coisa contra ela. Ela é uma jovem muito boa, ousou dizer. Eu prefiro que convide Mrs. Marsham amanhã.

Lady Glencora seguia de pé, esperando para se retirar aos seus próprios aposentos, mas era absolutamente necessário que a questão fosse decidida antes de ir. Sentiu que ele estava sendo duro e injusto, e que a tratava como uma criança proibida de ter suas vontades atendidas. Ela se esforçou para agradá-lo e, após falhar, resolveu que não cederia.

— Já que não virão outras damas amanhã, Plantagenet, e já que não vi Alice desde que cheguei à cidade, gostaria que fizesse a minha vontade nesta questão. É claro que eu não teria muito o que discutir com Mrs. Marsham, que já é uma idosa.

— Eu especialmente almejo que Mrs. Marsham seja sua amiga — ele disse.

— Amizades não se fazem à força, Plantagenet — ela disse.



— Muito bem — ele continuou. — É claro que você fará o que quer. Lamento que tenha recusado o primeiro favor que lhe pedi este ano.

Ele, então, deixou o aposento e ela foi para a cama.

CAPÍTULO 43

Mas lady Glencora não foi levada ao remorso pelas últimas palavras do seu marido. Para ela, a demanda dele – em que ela deveria passar a tarde inteira do seu primeiro dia na cidade com uma velha por quem seria impossível alimentar a menor consideração – era tão intoleravelmente cruel, que decidiu se rebelar. Se ele tivesse positivamente dado uma ordem, ela teria se contentado em chamar a dama e aguentar sua presença em silêncio desdenhoso; mas Mr. Palliser não havia dado nenhuma ordem. Ele havia feito um pedido, e um pedido, por natureza própria, admite inobediência. A concordância com um pedido precisa ser voluntária, e ela não pretendia convidar Mrs. Marsham, a não ser que fosse forçada. Por acaso, ela também não tinha feito um pedido que ele recusara? Era a prerrogativa dele, sem dúvida, comandar; mas, no tocante a pedidos, ela tinha o direito de esperar que a sua voz fosse tão potente quanto a dele. Ela, portanto, escreveu um bilhete para Alice antes de ir para a cama, implorando que a prima viesse visitá-la cedo no dia seguinte, para que pudessem sair juntas, e mais tarde jantarem na companhia de Mr. Bott.

“Sei que isso será um estímulo para você”, lady Glencora escreveu, “porque o seu coração generoso se sentirá impelido a me ajudar. Ninguém mais virá – a não ser, é claro, que Mrs. Marsham seja convidada sem que eu saiba”.

Então, ela se sentou para pensar – para pensar sobretudo na crueldade dos maridos. Ela ouvira repetidas vezes, antes de se casar, que Burgo a maltrataria se tornasse o seu marido. O marquês de Auld Reekie chegara ao ponto de sugerir que Burgo poderia espancá-la. Mas que maltrato – ou mesmo, que espancamento – poderia ser tão insuportável quanto essa total falta de simpatia – essa morte em vida – que seu destino vinculara à sua existência? Quanto ao espancamento, ela ridicularizava a ideia com toda a sua alma. Ela continuou sentada, sorrindo ante o absurdo da coisa, enquanto pensava na beleza dos olhos de Burgo; na delicadeza do seu toque; no tom amoroso e quase venerador da sua voz. Ainda não seria melhor ser espancada por ele do que ter que ouvir uma explicação sobre política à uma da manhã de um marido como Plantagenet Palliser? A Constituição Britânica, deveras! Se tivesse se casado com Burgo, eles estariam na ensolarada Itália, e ele teria contado a ela alguma outra história totalmente diferente sob a luz pálida do luar. Glencora tinha uma pintura em aquarela chamada “Raphael e Fornarina”^[73], e era infantil o suficiente para dizer a si mesma que o chamado “Raphael” era como o seu Burgo – não, não como o seu Burgo, mas como o Burgo que não era seu. Destarte, ela teria desfrutado de todo o romance da pintura se lhe

tivesse sido permitido dar a sua mão ao homem que desejava. Ela poderia ter sentado em varandas de mármore, enquanto as videiras se enrolavam sobre a sua cabeça, e ele estaria lá de joelhos, mal proferindo palavras, mas fazendo sua presença ser sentida pelo halo da sua divindade. Ele teria falado coisas que não exigiriam respostas difíceis. Com ele por perto, ela teria apreciado o vento suave, e permaneceria feliz, despreocupada, sobreposta no prazer do amor. Era assim que Fornarina aparecia sentada. E por que ela não poderia ter aquele destino? O seu Raphael a teria amado, independentemente do que dissessem sobre a sua crueldade.

Pobre e miserável criança sobrecarregada, a quem as mais comuns lições da vida não haviam sido ensinadas, e que agora caíra nas mãos daqueles que eram inaptos a ensiná-las! Quem não teria pena dela? Quem poderia dizer que a culpa era dela? O mundo a cobrira de riquezas até dispensar que andasse com as próprias pernas, e agora a soltava na vida totalmente despreparada!

— Escreveu à sua prima? — seu marido perguntou na manhã seguinte. A voz dele, conforme falava, mostrava claramente que, ou a sua fúria havia passado, ou estava sendo suprimida.

— Sim, eu a chamei para vir e passear comigo, e depois para ficar para jantar. Eu vou enviar uma carruagem se ela puder vir. O cocheiro aguardará uma resposta.

— Muito bem — Mr. Palliser disse, calmamente. E então, após uma breve pausa, prosseguiu. — Já que o assunto está resolvido, talvez você não faça objeções em convidar Mrs. Marsham também.

— Ela não estará ocupada?

— Não, creio que não — falou Mr. Palliser, complementando, envergonhado pelo vestígio de falsidade que outrora teria condenado. — Eu sei que ela não estará ocupada.

— Ela tem expectativas de vir, então? — indagou lady Glencora.

— Eu não a convidei, se é isso que está sugerindo, Glencora. Se a tivesse chamado, eu teria falado. Eu disse a ela que não sabia quais seriam os seus compromissos.

— Eu escreverei a ela, se isso lhe agrada — prometeu a esposa, sentindo que não seria mais capaz de continuar recusando.

— Escreva, minha querida! — pediu o marido.

Então, lady Glencora escreveu a Mrs. Marsham, que se comprometeu a ir – assim como fez Alice Vavasor.

Em todo caso, lady Glencora teria Alice só para si por algumas horas antes da ceia. A princípio, ela tirou algum conforto dessa reflexão; mas, depois de um tempo, concluiu que não saberia o que dizer a Alice, ou o que não dizer. Ela pretendia mostrar aquela carta à prima? Se mostrasse, então – assim discutiui em sua mente – ela precisaria aguentar a miséria da sua atual situação, e deveria desistir

para sempre de todos os seus sonhos sobre Raphael e Fornarina. Se não mostrasse – ou, no mínimo, mencionasse – ela acabaria deixando o marido sob a proteção de outro homem, e se tornaria uma coisa que não ousava nomear. Ela declarou que assim seria. Ela sabia que iria com Burgo caso ele surgisse com os meios de fugirem imediatamente. Porém, caso se convencesse de contar a Alice que a tal carta havia sido trazida até ela, Burgo jamais iria ter tal poder.

Eu me lembro da história de um caso de abdução em que um homem foi julgado à perpétua e inocentado, porque a dama concordara com o sequestro enquanto ele estava em progresso. Conforme havia declarado, ela havia se armado com um amuleto ou talismã contra tais perigos, que sempre mantinha suspenso ao redor do pescoço; todavia, enquanto era levada na carruagem rápida, ela abriu a janela e jogou o amuleto para longe, não mais desejando, como os brilhantes advogados de defesa haviam eficientemente alegado, ser mantida sob os laços de tal proteção. O estado mental de lady Glencora era, por natureza, quase o mesmo daquela dama da carruagem rápida. Se iria, ou não, usar o amuleto, ela ainda não havia se decidido, mas o poder de fazê-lo ainda estava em suas mãos.

Alice chegou, e os cumprimentos entre as primas foram muito cordiais. Lady Glencora a recebeu como se fossem amigas de infância; e Alice, cujo amor impulsivo pela prima não lhe era natural, não foi capaz de ser fria com aquela que lhe era tão calorosa. De fato, ela não havia prometido o seu amor durante aquele encontro em Matching Priory, no qual sua prima lhe contara tudo sobre a sua miséria? “Vou amá-la!”, Alice dissera, e ainda que houvesse muito em lady Glencora que não aprovasse – bem mais do que seria capaz de gostar – ainda assim, ela não permitiria que seu coração contradissesse suas palavras.

Elas ficaram sentadas por tanto tempo diante do fogo da sala de estar que, por fim, decidiram desistir do passeio.

— De que adiantaria? — questionou lady Glencora. — Não há nada para ver, e o vento está tão frio quanto a caridade. Estamos muito mais confortáveis aqui, não estamos?

Alice concordou profusamente, pois não tinha grande desejo de passear pelos parques na escuridão de uma tarde de fevereiro.

— Se Dândi e Flerte estivessem aqui, seria divertido, mas Mr. Palliser não deseja que eu guie em Londres.

— Imagino que seria perigoso.

— Nem um pouco. Não acho que ele se importe com isso; mas ele tem uma ideia de que eu pareceria apressada.

— De fato. Se eu fosse um homem, certamente não levaria minha esposa em passeios a cavalo por Londres.

— E por que não? Para ser uma tirana, como os outros maridos? Que mal faria se parecesse apressada, se eu não estaria fazendo nada

impróprio? Pobre Dândi e caro Flerte! Tenho certeza de que eles gostariam.

— Será que Mr. Palliser liga para isso?

— Eu vou lhe dizer para o que ele não liga. Ele não liga se a dona de Dândi gosta.

— Não diga isso, Glencora.

— E por que eu não deveria dizer – a você?

— Não se encoraje a pensar desse modo. É isso o que quero dizer. Eu acredito que ele concordaria com qualquer coisa que não considere errada.

— Como palestras sobre a Constituição Britânica! Mas deixe isso para lá, Alice. É claro que a Constituição Britânica significa tudo para ele, e quisera eu saber mais sobre ela – isso é tudo. Mas eu não contei com quem você se encontrará no jantar.

— Sim, contou; Mr. Bott.

— Mas haverá outra visita: uma certa Mrs. Marsham. Achei que tinha me livrado dela por hoje quando escrevi para você, mas não foi o caso. Ela está vindo.

— Ela não me fará nenhum mal — comentou Alice.

— Ela me fará muito mal. Ela destruirá o prazer de toda a nossa noite. Realmente acredito que ela odeia você, e que pensa que você me instiga a todo tipo de imoralidade. Como são tolos, todos eles!

— Quem são “todos eles”, Glencora?

— Ela e aquele homem, e... Esqueça. Fico doente só de pensar no quão cegos são. Alice, eu não faço ideia do quanto lhe devo; não faço mesmo. Tudo, imagino.

Enquanto falava, lady Glencora enfiou a mão no bolso e tocou a carta que lá jazia.

— Isso é bobagem — declarou Alice.

— Não, não é bobagem. Quem acha que veio a Matching quando eu estava lá?

— Como é? Até a casa? — surpreendeu-se Alice, sentindo-se quase certa de que Mr. Fitzgerald era a pessoa a quem lady Glencora se referia.

— Não, à casa não.

— Se for a pessoa em quem eu estou pensando, imploro que não fale sobre ele — pediu Alice, solenemente.

— E por que não deveria falar sobre ele? Eu já não falei sobre ele com você? Não acabou sendo para o bem? Que amiga você seria, se não posso lhe confidenciar tudo?

— Mas você não deveria pensar nele.

— Que bobagem é essa, Alice! Não pensar nele?! Como alguém evita os próprios pensamentos? Veja isto.

A mão dela estava sobre a carta, e a teria puxado em um instante,

jogando-a sobre o colo de Alice, se a aia não tivesse aberto a porta e anunciado Mrs. Marsham.

— Oh, como eu queria que tivéssemos passeado! — lamentou lady Glencora, num tom de voz que a aia certamente ouviu, e que Mrs. Marsham certamente teria ouvido se os seus ouvidos não estivessem abafados por seu chapéu.

— Como vai, querida? — cumprimentou Mrs. Marsham. — Eu tinha pensado em dar uma saída de Norfolk Street para vê-la, independentemente de ter sido convidada para cear esta noite. É só um passo de lá para cá, sabe? Como vai, Miss Vavasor? — ela complementou, fazendo uma mesura quase tão fria quanto seria possível.

Mrs. Marsham era uma mulher com muitas boas qualidades. Ela era pobre, e vivia a sua pobreza sem reclamar. Ela era conectada pelo sangue e pela amizade a pessoas ricas e importantes, mas não lhes prestava nenhum respeito egrégio por causa de suas riquezas ou títulos. Ela era dedicada às suas amizades e dedicada às suas inimizades, mas não era tola, e sabia muito bem o que estava acontecendo no mundo. Ela seria capaz de conversar sobre o mais novo romance publicado, ou – se preciso – sobre a Constituição. Fora uma legítima esposa, ainda que, às vezes, teimosa demais. Ela fora uma mãe diligente, cujos filhos, porém, nunca a amaram como a maioria das mães gosta de ser amada.

O catálogo de defeitos dela deveria ser tão longo quanto o de virtudes. Ela era uma daquelas mulheres com ambição de poder, e sem muitos escrúpulos quanto aos métodos de sua conquista. Seu coração era duro e capaz de perseguir um objetivo sem se importar muito com os prejuízos que poderia causar. Ela não bajulava riqueza e não adulava títulos, mas não estava acima de qualquer artifício para cair nas graças daqueles com quem tinha o propósito de se conciliar. Ela via o mal ao invés do bem. Ela era falsa nas ações, se não absolutamente nas palavras. Eu não diria que ela forjava mentiras, mas propositalmente seria capaz de deixar falsas impressões. Ela fora a amiga do peito e, de muitas formas, uma guia em vida da mãe de Mr. Palliser, e tinha um interesse especial no bem-estar dele. Quando ele se casou, ela ouviu a história do amor entre Burgo e lady Glencora, e embora tivesse uma boa opinião sobre o dinheiro, não estava disposta a sentir o mesmo pela noiva. Ela se convenceu de que a jovem necessitava ser vigiada e acreditava que ninguém poderia vigiar lady Glencora melhor do que si mesma. Ela não discutira o assunto abertamente com Mr. Palliser, e não fizera qualquer sugestão nítida de que agiria com sua esposa como Argo.^[74] Mr. Palliser teria rejeitado qualquer sugestão dessa natureza e Mrs. Marsham sabia disso; mas ela deixou cair um ou duas palavras, indicando que lady Glencora era

muito jovem – indicando que os modos de lady Glencora eram charmosos em sua simplicidade infantil; mas também indicando que precaução era, por este motivo, mais necessária. Mr. Palliser – que nada suspeitava sobre Burgo ou sobre qualquer outro perigo em especial; cuja disposição completa era carente de suspeita, e cuja natureza seca nada entendia dos prazeres ou dos perigos do amor – admitia que Glencora era jovem. Ele desejava, sobretudo, que ela fosse discreta e matrona; ele não temia amantes, mas temia que ela pudesse fazer tolices – como pegar um resfriado – e não soubesse como se portar adequadamente ao se tornar esposa do chanceler do Tesouro. Ele, conseqüentemente, colocou Glencora – e, em certo grau, a si mesmo – nas mãos de Mrs. Marsham.

Lady Glencora não precisou de 24 horas na companhia daquela mulher para perceber que ela era sua babá. Neste aspecto, ninguém era tão rápido quanto lady Glencora. Ela até poderia ser muito ignorante quanto à Constituição Britânica, e, infelizmente, muito ignorante quanto aos reais elementos do que era certo e errado na conduta de uma mulher, mas não era tola. Ela tinha um olho que podia enxergar, um ouvido que podia compreender, e uma abundância daquele instinto feminino que ensina uma mulher a distinguir uma amiga de uma inimiga com apenas um olhar, um toque e uma palavra. Em muitas coisas, lady Glencora era bem mais rápida, e muito mais esperta, do que o seu marido, ainda que ele fosse se tornar o chanceler do Tesouro, e ainda que ela nada soubesse sobre a Constituição. Ela sabia, também, que ele poderia ser facilmente enganado – que, embora a sua inteligência fosse afiada, seus instintos eram cegos –; que ele não havia sido abençoado com a delicadeza do toque e a sutil apreciação do caráter dos homens e das mulheres; e, até certo ponto – menosprezava sua obtusidade. Ele deveria ter percebido que Burgo era um perigo a ser evitado; também tinha de ter percebido que Mrs. Marsham era uma babá que não deveria ser empregada. Quando uma mulher nota que está sob vigilância de um cão de guarda, ela está sujeita a enganar o seu Cérbero,^[75] se possível, sem fazer a menor cerimônia em também enganar o dono de Cérbero. Lady Glencora sentia que Mrs. Marsham era seu Cérbero, e resolveu, em seu coração, que, se fosse para ser mantida na linha, ela não seria mantida por Mrs. Marsham.

Alice se levantou e aceitou o cumprimento de Mrs. Marsham quase tão friamente quanto ele havia sido dado, e daquele momento em diante, as duas mulheres se tornaram inimigas. Tateando no total breu, Mrs. Marsham parcialmente adivinhou que Alice tinha, de alguma forma, interferido para evitar que lady Glencora visitasse Monkshade, e, ainda que tal impedimento fosse, sem dúvida, visto com bons olhos pela dama, ela ressentia a interferência. Ela concluía

que Alice não era o tipo de amiga que lady Glencora deveria ter como companhia. Alice reconheceu e aceitou a rivalidade.

— Imaginei que a encontraria em casa — contou Mrs. Marsham. — Pois sei que tem preguiça de sair no frio — a não ser que seja para fazer passeios tolos à meia-noite.

Mrs. Marsham balançou a cabeça. Ela era uma mulher baixa, com pequenos olhos afiados, um corado permanente no rosto, e duas mechas grisalhas curtas e encaracoladas em ambos os lados da face. Ela sempre andava bem-vestida, estava sempre boa de saúde e, assim como lady Glencora acreditava, era completamente incapaz de se sentir fatigada.

— O passeio de que fala foi bastante sábio, eu acho — defendeu-se lady Glencora. — Mas nunca vi utilidade em passeios de carruagem por Londres em pleno inverno.

— Uma pessoa precisa sair de casa todos os dias — orientou Mrs. Marsham.

— Eu detesto todas essas regras. E você, Alice?

Alice não as detestava e, portanto, não disse nada.

— Minha cara Glencora, uma pessoa deve viver de acordo com as regras da vida. Seria o mesmo que dizer que detesta se sentar para jantar.

— E detesto, muitas vezes; quase sempre quando há companhia.

— Você superará esses sentimentos depois de outra temporada na cidade — disse Mrs. Marsham, fingindo achar que lady Glencora estava fazendo alusão a alguma timidez remanescente ao receber os seus próprios convidados.

— Creio que não vou superar, eu juro. Isso é uma coisa que parece ficar cada vez mais penosa, ao invés de menos. Mr. Bott vem jantar aqui esta noite.

Não havia como se enganar com o significado daquilo; não havia nem como fingir se enganar. Agora, Mrs. Marsham havia aceitado a mão direita da amizade de Mr. Bott — não por ser particularmente fã dele, mas por concordar com as aparentes necessidades da posição de Mr. Palliser. Mr. Bott se firmara ao lado de Mr. Palliser, e Mrs. Marsham, que não era forte o bastante para expulsá-lo, havia estendido a sua mão direita da amizade.

— Mr. Bott é um membro do Parlamento, e um amigo bastante útil de Mr. Palliser — apontou Mrs. Marsham.

— Dá na mesma. Não gostamos de Mr. Bott, não é mesmo, Alice? Para nós, ele é como o Doutor Fell;^[76] exceto que sabemos por que não gostamos dele.

— Eu certamente não gosto dele — opinou Alice.

— Essa questão não pode ser de muita importância para a senhorita, Miss Vavasor — desdenhou Mrs. Marsham. — Pois a

senhorita, provavelmente, não o viu muitas vezes.

— Eu o vi em um curto momento — respondeu Alice. — Ele me incomodou uma vez, mas nunca mais, ousou dizer, terá a oportunidade de fazer isso novamente.

— Eu não sei que incômodo ele pode ter lhe causado.

— É claro que não sabe, Mrs. Marsham.

— Não imaginei que fosse provável que uma pessoa tão ocupada quanto Mr. Bott — ocupado, também, com questões de vasta importância — se daria ao trabalho de incomodar uma jovem que mal conheceu por um ou dois dias em uma casa de campo.

— Eu não acredito que Alice esteja dizendo que ele tentou flertar com ela — lady Glencora falou aos risos. — Imaginem, Mr. Bott flertando!

— Talvez ele não tenha tentado — retorquiu Mrs. Marsham, e as palavras, o tom, e a insinuação combinados foram mais do que Alice poderia suportar com serenidade.

— Glencora — ela iniciou, levantando-se da cadeira. — Acho que vou deixá-la a sós com Mrs. Marsham. Não estou disposta a discutir o caráter de Mr. Bott, e certamente não estou disposta a escutar o nome dele sendo misturado inapropriadamente ao meu.

Mas lady Glencora não permitiu que ela fosse.

— Bobagem, Alice — ela rebateu. — Se você e eu não conseguirmos travar nossas pequenas batalhas contra Mr. Bott e Mrs. Marsham sem correr, fica estranho. Há um ditado de guerra que diz que aqueles que correm, nunca vivem para lutar outro dia.

— Eu espero, Glencora, que não esteja me contando como uma inimiga — aludiu Mrs. Marsham, empertigando-se.

— Se vai atacar Alice, certamente contarei. Se me ama, ame meu cão. Peço o seu perdão, Alice; mas o que eu quis dizer foi isso, Mrs. Marsham: se me ama, ame a melhor amiga que tenho no mundo.

— Eu não pretendi ofender Miss Vavasor — explicou Mrs. Marsham, encarando-a muito severamente.

Alice simplesmente inclinou a cabeça. Ela havia se ofendido e não negaria. Depois dessa, Mrs. Marsham se retirou, prometendo que voltaria para o jantar. Ela havia ficado furiosa, mas não infeliz, pois achava que seria capaz de derrotar Miss Vavasor, e estava preparada para lidar muito bem com lady Glencora — pelo bem de Mr. Palliser, como ela disse a si mesma —, munida com algumas recordações sentimentais da sua velha amiga.

— Gata velha e nojenta — lady Glencora insultou, assim que a porta foi fechada. Ela proferiu tais palavras com uma voz tão burlesca, balançando a cabeça de um jeito tão infantil, e portando tanta comicidade na careta, que Alice não conseguiu deixar de rir. — Ela é — insistiu lady Glencora. — Eu a conheço, e você terá de conhecê-la

também antes de tudo isso terminar. Não vai adiantar nada fugir enquanto ela cospe em você. É preciso ser firme e mostrar as garras, para que ela saiba que, se cuspir, você poderá arranhá-la.

— Mas eu não quero ser uma gata como ela.

— Ela vai descobrir que tenho um gênio de tigre se me perseguir. Alice, tem uma coisa que eu decidi, Eu não serei perseguida. Se o meu marido me disser para fazer qualquer coisa, eu farei enquanto ele for o meu marido, mas não serei perseguida.

— Lembre-se que ela é uma amiga muito antiga da mãe de Mr. Palliser.

— Eu sei disso, e essa pode ser uma bela razão para que ela venha ocasionalmente aqui, ou vá a Matching, ou a qualquer lugar em que estejamos morando. É uma irritação, é claro, mas é uma irritação natural e uma que deve ser suportada.

— E esse será o início e o fim da história.

— Receio que não, minha cara. Talvez seja o fim, mas temo que não seja o início. Eu não serei perseguida. Se ela me der conselhos, direi na cara dela que não os quero; e se ela insultar uma amiga minha, como fez com você, direi que é melhor ela ficar longe. Ela vai contar a ele, é claro, mas não posso impedi-la. Decidi que não serei perseguida.

Depois disso, lady Glencora não sentiu mais vontade de mostrar a carta de Burgo a Alice naquela ocasião. Elas voltaram a se sentar perto do fogo, falando, principalmente, sobre os problemas de Alice até que fosse a hora das damas se vestirem. Ainda que falasse muito sobre Mr. Grey, Alice, no entanto, não disse uma palavra sobre o seu noivado com George Vavasor. Como ela poderia falar sobre ele, uma vez que já havia resolvido – já havia quase resolvido – que aquele noivado também deveria ser rompido?

Quando desceu para a sala de estar, antes do jantar, Alice encontrou Mr. Bott sozinho. Ela havia se vestido mais rapidamente do que sua amiga, e Mr. Palliser ainda não se fizera presente.

— Eu não esperava ter o prazer de encontrar Miss Vavasor hoje — declarou, conforme avançava para oferecer a mão. Ela deu a mão dela a ele, e então se sentou, murmurando algumas meras palavras em resposta.

— Passamos um mês juntos bastante agradável em Matching, não é verdade?

— Eu passei um mês agradável lá, certamente.

— A senhorita partiu, se me recordo, na manhã seguinte ao passeio tardio pelas ruínas. Que infelicidade, não foi? Pobre lady Glencora. O passeio a deixou deveras doente – a deixou tão doente, que ela não conseguiu ir a Monkshade, como especialmente desejava. Foi tão triste. Lady Glencora é tão delicada – muito delicada mesmo.

Nós, que temos o privilégio de sermos próximos a ela, devemos sempre nos lembrar disso.

— Eu não a acho nem um pouco delicada.

— Oh, não acha?! Receio que este tenha sido o seu erro, Miss Vavasor.

— Eu acredito que ela está muito bem de saúde, o que é a maior benção do mundo. Por “delicada”, não suponho que esteja querendo dizer “fraca” e “enferma”, não é?

— Oh, céus, não – nem um pouco –; enferma, não, certamente! Lamento muito se dei a entender que chamei lady Glencora de enferma. O que quis dizer foi “não robusta”, Miss Vavasor. A estrutura geral dela, se me entende, é extremamente delicada. É possível ver isso, penso eu, em cada relance do olhar dela.

Alice estava prestes a protestar que nunca havia visto nada disso, quando Mr. Palliser adentrou o aposento com Mrs. Marsham.

Os dois cavalheiros apertaram as mãos, e então, Mr. Palliser se virou para Alice. Ao ver o seu rosto, ela percebeu imediatamente que não era bem-vinda, e quis poder sumir da casa dele. Lady Glencora poderia achar bastante apropriado brigar com Mrs. Marsham – e com seu marido também no tocante à perseguição de Marsham –, mas não havia motivos para ela fazer o mesmo. Ele tocou a sua mão, mal fechando o polegar sobre os dedos dela e perguntou como ela estava. Então, afastou-se do lado da lareira em que ela estava, e foi conversar com Mrs. Marsham no outro. Havia algo no rosto e nas maneiras dele que era positivamente ofensivo para ela. Ele não fez qualquer referência ao encontro anterior deles – não falou uma palavra sobre Matching e nem uma palavra sobre sua esposa, como teria feito naturalmente com a amiga da sua esposa. Alice sentiu o sangue subir ao rosto, e se arrependeu enormemente de ter se metido no meio daquelas pessoas. Já não fazia um bom tempo que havia decidido evitar seus grandes parentescos? E tudo isso não provava que era melhor ter se atido a tal resolução? O que lady Glencora significava para ela, para que Alice devesse se submeter a ser tratada como se fosse uma péssima companhia – uma dependente, que recebia um salário por sua presença – uma prima indigente, pendurando-se na recompensa de suas ricas conexões? Alice era orgulhosa ao extremo. Ela havia nutrido o seu orgulho até que ele crescesse em demasia. Todos os seus problemas e angústias na vida haviam surgido graças à sua ânsia superalimentada por independência. Por que, então, deveria se submeter a uma coisa daquelas de alguém como Mr. Palliser – o herdeiro de uma casa ducal, que rolava na riqueza, e era tão magnífico com toda a magnificência da pompa e do orgulho britânico? Não. Ela faria lady Glencora entender que as intimidades profundas da vida cotidiana não eram possíveis entre elas.

— Declaro que estou muito envergonhada — anunciou lady Glencora, assim que entrou na sala. — Eu não me desculparei com você, Alice, pois foi você quem me manteve falando; mas peço o perdão de Mrs. Marsham.

Mrs. Marsham era toda sorrisos e perdões, e disse que esperava que lady Glencora não a tratasse como uma estranha. O jantar foi anunciado e Alice precisou descer as escadas sozinha. Ela não se importava nem um pouco com isso, mas houve uma breve disputa desagradável quando a hora chegou. Lady Glencora desejava ceder Mr. Bott à prima, mas Mr. Bott se colocou intrepidamente ao lado de lady Glencora. Por muitas vezes, ele esperara levar lady Glencora para ceiar, e não estava disposto a desistir do seu privilégio.

Durante a ceia, Alice disse muito pouco, mas também não recebeu muitas oportunidades para falar. Ela não conseguia deixar de pensar no primeiro dia de sua chegada em Matching Priory, quando se sentou entre o duque de St. Bungay e Jeffrey Palliser. No dia, todos haviam sido tão educados com ela! Ela, agora, ocupava um lado da mesa sozinha, longe da lareira, onde se sentiu desolada e com frio na escuridão da grande sala iluminada pela metade. Mr. Palliser se ocupou com Mrs. Marsham, com quem debatia política; Mr. Bott se ocupou em não perder uma chance de elogiar lady Glencora. Lady Glencora não o encorajou; mas não ousou esnobá-lo abertamente na presença imediata do seu marido. Vinte vezes, ao longo do jantar, ela trocou alguma breve palavra com Alice, na tentativa, a princípio, de tornar a ceia agradável; e então, quando ficou tarde demais para isso, tentou trazer algum alívio à situação. Mas não adiantou. Há momentos em que conversar parece ser impossível – momentos em que os próprios deuses interferem e colocam um selo nos lábios do infeliz, ou da infeliz. Para Alice, aquele era um momento desses. Até então, ela não estava acostumada a ser esnobada. Qualquer que fosse a posição que possuía no momento, ela sempre se destacava – até demais para seu gosto. Quando fora a Matching, ela tremera por causa da sua posição; mas tudo havia corrido bem com ela. Lá, a bondade de lady Glencora tinha, a princípio, conseguido assegurá-la uma recepção que fora lisonjeira – quase mais do que lisonjeira. Jeffrey Palliser surgira como um amigo, e teria, caso houvesse sido o seu desejo, sido mais do que um amigo. Mas, agora, ela sentia que os salões dos Pallisers eram frios demais para ela, e que quanto mais cedo escapasse da escuridão e da dura descortesia deles, melhor seria.

Quando as três damas retornaram à sala de estar juntas, Mrs. Marsham parecia um pouco triunfante. Ela sentiu que derrotara Alice; e com a energética prudência de um bom general que sabe que deve dar sequência à vitória, custe o que custar, decidiu que a manteria derrotada. Alice resolvera que visitaria o lar de Mr. Palliser em Park

Lane tão raramente quanto fosse possível. Essa resolução seguia de mãos dadas com os planos da própria Mrs. Marsham.

— Miss Vavasor voltará para casa a pé? — ela indagou.

— A pé? Ao longo de Oxford Street?! Por Deus, não! Por que ela deveria ir a pé? A carruagem vai levá-la.

— Ou um coche — sugeriu Alice. — Já estou acostumada a sair sozinha por Londres em um coche.

— Eu não creio que seja uma boa alternativa para jovens moças depois do anoitecer — opinou Mrs. Marsham. — Eu iria oferecer a minha criada para acompanhá-la. Ela já é uma senhora de idade e não se importaria.

— Tenho certeza de que Alice se sente muito grata — antecipou-se lady Glencora. — Mas ela irá de carruagem.

— Você é muito gentil — disse Mrs. Marsham. — Mas os cavalheiros não gostam de colocar os seus cavalos para sair à noite.

— Nenhum cavalo de nenhum cavalheiro sairá — lady Glencora retorquiu, furiosamente. — Quanto aos meus, é para isso que eles servem.

Não era comum lady Glencora fazer qualquer alusão às próprias posses, ou deixar que qualquer um ao seu lado pensasse que ela mantinha em mente o fato de que a grande fortuna do seu marido era, na realidade, a fortuna dela. Em muitas questões, o seu pensamento estava errado. Para algumas coisas, o seu gosto não era tão delicado quanto deveria ser o de uma dama. Mas, quanto ao seu dote, nenhuma outra mulher poderia ter se comportado com maior reticência, ou delicadeza mais pura. Mas, agora, quando foi censurada pela amiga especial do seu marido quanto ao mau uso dos cavalos dele, por querer mandar a sua própria amiga para casa em sua própria carruagem, ela achou isso difícil de engolir.

— Ouso dizer que não há problema — falou Mrs. Marsham.

— Não há problema — rebateu Glencora. — Mr. Palliser me deu os meus cavalos para uso próprio; para fazer com eles o que eu quiser. E se achar que os estou levando de casa quando deveriam ficar, basta ele falar. Ninguém mais tem esse direito.

Naquele instante, lady Glencora estava quase explodindo em uma emoção intensa, e mostrava que esse era o caso.

— Minha cara lady Glencora, você me entendeu mal — declarou Mrs. Marsham. — Eu não quis dizer nada disso.

— Lamento muito — manifestou-se Alice. — E é uma grande pena, pois já estou acostumada a sair em coches.

— É claro que está — concordou lady Glencora. — E por que não estaria? Eu iria para casa num carrinho de mão se não pudesse andar, e se não tivesse outros meios. Essa não é a questão. Mrs. Marsham entende isso.

— Juro por Deus que não entendo nada — garantiu a dama.

— Eu entendo isto: em todas as situações como essa, planejo seguir os meus próprios prazeres — prometeu lady Glencora. — Venha, Alice, vamos beber café — chamou, tocando o sino. — Que confusão fizemos por causa de carruagem velha e estúpida!

Os cavalheiros não retornaram à sala de estar naquela noite, tendo, sem dúvida, se unido para trabalhar em prol dos grandes cálculos financeiros da nação; e, nas primeiras horas da manhã, Alice foi levada para casa na Brougham de lady Glencora, deixando a prima, ainda, nas mãos de Mrs. Marsham.

CAPÍTULO 44

A ELEIÇÃO DOS DISTRITOS DE CHELSEA

Março chegou e o chanceler do Tesouro continuou em sua posição. Nos primeiros dias de março, foi apresentada na Câmara uma certa explanação parlamentar sobre a questão, que, no entanto, não foi entendida muito bem por ninguém. Um discurso foi feito, e as pessoas que o fizeram o declararam totalmente satisfatório, mas ninguém mais pareceu encontrar qualquer satisfação nele. As grandes cabeças do Gabinete fizeram um arranjo que, pela linguagem usada por eles na ocasião, deve ter sido considerado tão pouco permanente quanto as estrelas; mas todo o resto protestou que o governo estava caindo aos pedaços; e escutou-se Mr. Bott declarar em clubes e átrios – e onde mais pudesse conseguir uma audiência política e semipública – que, desse jeito, as coisas não andariam. Lorde Brock precisava se decidir de uma vez. Se ele escolhesse se apoiar sobre Mr. Palliser, possivelmente teria o apoio, e Mr. Palliser ficaria satisfeito. Neste caso, nenhuma oposição poderia tocar lorde Brock ou o governo. Essa era a opinião de Mr. Bott. Mas se lorde Brock não o escolhesse... Ora, neste caso, ele teria de se preparar, porque Mr. Palliser e os amigos de Mr. Palliser iriam... Mr. Bott não revelou o que eles iriam fazer; mas aqueles que compreendiam a questão, supuseram uma alusão a uma pressão sobre a oposição; divisões adversas; e uma ameaça de inimizade aberta a lorde Brock de Mr. Palliser – e do grande seguidor de Mr. Palliser.

— Desse jeito, as coisas não vão andar — repetiu Mr. Bott pela segunda ou terceira vez, enquanto se postava sobre o carpete diante da lareira do seu clube, com um ou dois de seus jovens amigos ao seu redor.

— Suponho que não — concordou Calder Jones, o membro parlamentar caçador que conhecemos em Roebury. — Planty Pall não vai admitir isso, eu diria.

— E o que ele pode fazer? — indagou o outro, um membro inexperiente que ainda não estava totalmente convencido sobre a liderança sob a qual pretendia trabalhar.

— O que ele pode fazer? — disse Mr. Bott que, em tais ocasiões, sabia ser bastante grandioso – que, por um instante, quase sentiu que poderia se tornar líder de um partido e, algum dia, instituir um ministério Bott. — O que ele pode fazer? Muito em breve você verá o que ele pode fazer. Ele poderá surgir como o mestre da ocasião. Se lorde Brock o menosprezar, descobrirá que Mr. Palliser ingressará no Gabinete sem a ajuda dele.

— O senhor não está dizendo que a rainha convidará Planty Pall, está?! — espantou-se o jovem membro.

— Eu estou dizendo que a rainha convidará qualquer um que lhe

for sugerido pela Câmara dos Comuns — explicou Mr. Bott, que se considerava um especialista nos mínimos detalhes da nossa gloriosa Constituição. — Por que é tão difícil fazer alguém entender que a rainha não tem nada a ver com isso?!

— Ora, Bott, vá com calma — retorquiu Calder Jones, cuja lealdade ficou chocada com o supremo Manchesterismo de seu amigo político.

— Não se eu puder evitar — rebateu Mr. Bott, com um tom de grandeza na voz e na postura. — Até hoje, nunca fui com calma e não será agora que eu vou começar. Todos as nossas ofensas políticas contra a civilização partiram de homens que foram com calma, como você disse. Por que os ingleses não sabem ler e escrever como os norte-americanos? Por que não votam como o povo vota mesmo na França Imperial? Por que são escravos, menos livres do que aqueles cujas correntes foram partidas tempos atrás na Rússia? Por que os espanhóis são mais felizes e os italianos são mais contentes? Porque os homens no poder estão sempre indo com calma!

Mr. Bott, então, fez um movimento com a mão como se estivesse retirando cerveja de uma torneira aberta.

— Mas o senhor não pode colocar a Sua Majestade de lado dessa maneira — disse o jovem membro presente, que herdara da mãe as noções do velho mundo sobre o trono.

— Lamento muito. Não sou republicano — explicou-se Mr. Bott. Com todo o seu amor constitucional, Mr. Bott não sabia o que a palavra “republicano” significava. — Não quis desrespeitar o trono. O trono em sua significância é uma coisa boa, mas o poder de governar esta grande nação não jaz com o trono. Ele está contido entre as quatro paredes da Câmara dos Comuns. Essa é a grande verdade que todos os jovens membros deveriam aprender e levar a sério.

— E você crê que Planty Pall se tornará primeiro-ministro? — falou Calder Jones.

— Eu não disse isso, mas há coisas menos prováveis. Entre os jovens cavalheiros não conheço ninguém com mais chances, mas certamente sei de uma coisa: se lorde Brock não o levar para o Gabinete, o próprio lorde Brock não ficará lá por muito mais tempo.

Enquanto isso, as eleições chegaram aos Distritos de Chelsea, e toda a parte sudoeste da metrópole foi coberta de cartazes que carregavam o nome de George Vavator. “Vote em Vavator e no Representamento do Rio”. Este foi o bordão que ele levou aos eleitores; e ainda que se presuma que o bordão fora compreendido por uma porção do eleitorado de Chelsea, ele era perfeitamente ininteligível para a maioria daqueles que o lia. Seus conhecidos especiais e inimigos em geral o chamavam de o Visconde da Margem do Rio, e ele foi importunado por todos os lados com perguntas acerca do Pai

Tâmisa.^[77] Foi Mr. Scruby quem inventou a lenda e deu a George Vavator uma infinidade de problemas com a invenção. Havia um interesse na época quanto ao represamento do rio desde o ponto onde ficavam as Câmaras do Parlamento até as remotas desolações distantes de Pimlico, e Mr. Scruby recomendou que o futuro membro promettesse que as obras ultrapassariam aqueles pontos e chegariam, até mesmo, à Ponte Battersea.

— Você precisa ter um planejamento — implorara Mr. Scruby. — Nenhum jovem membro pode fazer qualquer coisa sem um planejamento. E dever ser algo local — isto é, se o senhor tiver algum círculo eleitoral. Um planejamento assim, se for bem trabalhado, pode lhe poupar milhares de libras — milhares de libras em futuras eleições.

— Não vai me poupar nada nesta, imagino.

— Mas pode lhe assegurar uma cadeira, Mr. Vavator e, no futuro, fazer do senhor o membro metropolitano mais popular da Câmara; isto é, com o seu próprio círculo eleitoral. Apenas imagine o dinheiro que seria gasto nos distritos se isso fosse feito! Chegaria a milhões, senhor!

— Mas esse planejamento do represamento nunca será concluído.

— E o que importa? — Mr. Scruby quase se fez eloquente ao explicar a natureza de um bom planejamento parlamentar. — O senhor precisa trabalhá-lo de modo que possa discutir todos os seus aspectos. Decore os números, e então, já que ninguém mais faria isso, ninguém poderá derrotá-lo. É claro que ele nunca será concluído. Se fosse, seria o fim de tudo, e o seu pão seria tomado da sua boca. Mas o senhor sempre pode fazer promessas nas tribunas e sempre pode fazer demandas na Câmara. Eu já conheci homens que entraram possuindo dois mil por ano, um lugar permanente, e a força de um planejamento pior do que esse!

Vavator permitiu que Mr. Scruby administrasse a questão por ele, e aceitou o planejamento do Represamento do Rio. “Vavator e o Represamento do Rio” foi levado por um exército de homens com fiéis de ferro e grandes letreiros de papelão que alcançavam dois metros de altura. Você pensaria, ao ver as longas filas, que os homens seriam direcionados a várias rotas, mas sempre se mantinham juntos; 24 pares de calcanhares em fila.

— Um letreiro de cada vez chamaria a atenção — disse Mr. Vavator, contando os gastos em sua cabeça.

— Sem dúvida — Mr. Scruby respondeu. — Um letreiro faria isso, se fosse grande o bastante; mas são precisos 24 para tocar a imaginação.

Então, as laterais das casas foram cobertas com aquele xibolete: “Vavator e o Represamento do Rio”; as mesmas palavras eram repetidas em colunas nos dois lados inteiros das casas. O próprio

Vavador declarou que sentia vergonha de caminhar entre os seus futuros constituintes, de tão conspícuo que o seu nome havia se tornado. Grimes viu isso e ficou desanimado. A princípio, Grimes ridicularizou o bordão com toda sua sagacidade de estalajadeiro.

— A *num* ser que ele esteja planejando se afogar no braço,^[78] é difícil dizer o que ele pretende com toda essa charlatanice de represamento do rio — Grimes dissera, enquanto angariava votos de outro candidato do Partido Liberal.

Mas, depois de um tempo, Grimes foi obrigado a confessar que Mr. Scruby sabia o que estava fazendo.

— É um camarada esperto; isso ele é — admitira Grimes no barzinho interno do “Belo Homem”; e ele quase se sentiu arrependido de ter abandonado a liderança de Mr. Scruby, embora soubesse que, neste caso, não teria obtido o dinheiro que lhe era devido.

George Vavador, com muito trabalho, aprendeu o planejamento do represamento do rio. Ele foi apresentado a homens que pertenciam ao Quadro Metropolitano, e intrepidamente foi direto ao assunto das libras, xelins e pences. Ele conseguiu até aparentar raiva quando lhe foi dito que a coisa toda estava fora de questão; e logo descobriu que possuía discípulos que acreditavam nele. Se ele conseguisse se convencer a acreditar naquilo — se conseguisse se induzir a se importar se Chelsea seria represada ou não, o trabalho não teria sido tão difícil. Neste caso, isso teria sido útil a ele, se não fosse útil a mais ninguém. Mas tal crença estava além de sua capacidade. Ele chegara longe demais na vida para ser capaz de acreditar, ou se importar, com tais coisas. Ele tinha a ambição de colocar a mão no governo do seu país, mas não era capaz de ligar nem mesmo para isso.

Mas ele trabalhou. Ele se esforçou e falou veementemente, e prometeu aos homens de Chelsea, Pimlico e Brompton, que o caminho ocidental de Londres mal fora trilhado. Sloane Street seria a nova Cheapside. Praças seriam criadas ao redor dos quartéis de Chelsea, com os lados abertos para o rio, de modo que Belgravia ficaria deserta. Deveria haver palácios para os riscos, porque os ricos gastam suas riquezas; mas nenhum palácio de um homem rico deveria interferir com o direito do homem pobre ao represamento do rio. Três milhões e meio deveriam ser empregados na construção da nobre rua — o maior caminho de todos os tempos; três milhões e meio que seriam retirados — de qualquer lugar, menos de Chelsea — dos inchados sacos de dinheiro da Corporação Municipal,^[79] Vavador certa vez se aventurara em declarar em meio aos gritos encorajadores dos homens de Chelsea. Mr. Scruby foi forçado a admitir que o seu pupilo havia trabalhado bem o planejamento.

— Palavra de honra, ele foi inesperadamente bem — elogiara, quase dando tapinhas nas costas de Vavador após um discurso em que

ele afirmara veementemente que a sua ambição de representar os Distritos de Chelsea era oriunda de uma ideia de longa data de que a glória do futuro de Londres seria trazida pelo represamento do rio em Chelsea.

Porém, exércitos de homens com grandes placas, bares abertos a cada esquina, e letreiros de um metro de comprimento custavam dinheiro. Aquelas poucas modestas centenas que Mr. Scruby já tinha recebido antes de o trabalho começar haviam sido pagas na suposição de que a campanha não aconteceria até setembro. Mr. Scruby fez um pedido precoce – um pedido muito precoce – de que uma soma subsequente de mil libras e meia deveria ser depositada em suas mãos; e ele fez o pedido em um tom de voz que claramente significava, que nenhum homem seria enviado às ruas, e que nenhum cartaz seria pregado às paredes, até que seu pedido fosse atendido. Mr. Scruby possuía dois tipos de temperamentos muito distintos. Em seu humor jovial, quando instigava os seus clientes a travarem suas batalhas bem, quase poderia ser pensado que ele estava fazendo aquilo por seu amor à coisa; e alguns clientes que assim pensavam, acreditaram por algumas horas que Scruby, em sua ânsia alegre e apaixonada, distribuiria seu dinheiro como se ele desse em árvores, confiando implicitamente que os dias futuros o ressarciriam. Mas tais clientes logo descobriram o outro temperamento de Mr. Scruby e perceberam que haviam se enganado.

A coisa foi tão súbita para George Vavasor, que não houve tempo de dar continuidade às suas operações através da sua irmã. Se tivesse escrito para Kate – usando a linguagem que fosse – ela teria respondido, a princípio, com uma negativa, e uma troca de correspondências aconteceria antes que conseguisse induzi-la a ajudá-lo. Ele pensou em lhe enviar um telegrama, mas, mesmo assim, haveria muito atraso. Ele decidiu, portanto, fazer o seu pedido diretamente a Alice, e escreveu para ela, explicando a sua condição. A eleição havia começado muito subitamente, como ela sabia, ele disse. Ele queria duas mil libras imediatamente, e se sentiu envergonhado em fazer o pedido, pois estava ciente de que o velho lorde ficaria imensamente alegre em colocar a propriedade como legado para Alice como forma de quitar este dinheiro, ainda que não fosse dar um xelim para os propósitos da eleição. Então, ele disse uma ou duas palavras sobre sua ausência prolongada de Queen Anne Street. Ele não aparecera lá porque sentira, graças ao resultado do último encontro entre os dois, que ela preferia ficar livre por um tempo da inevitável empolgação de tais encontros. Mas caso ele triunfasse em sua atual contenda, iria até lá compartilhar o triunfo com ela; ou, se ele falhasse, iria até lá para que ela o consolasse em seu fracasso.

Em três dias, ele recebeu a resposta dela, afirmando que o

dinheiro seria imediatamente depositado em seu crédito. Ela também lhe enviou sinceros desejos de boa sorte para o sucesso de sua empreitada, mas além disto, a carta não dizia mais nada. Não havia nenhuma palavra amorosa – nenhuma palavra acolhedora – nenhuma expressão de desejo em vê-lo. Enquanto percebia tudo isso na leitura do bilhete, Vavator sentiu triunfo pela conquista do dinheiro dela. Ela o maltratava com sua frieza, e havia conforto na vingança. “Bem-feito para ela”, pensou. “Ela devia ter se casado comigo logo, assim que concordou; deste modo, o dinheiro teria sido meu”.

Quando Mr. Tombe se comunicou com John Grey sobre a questão desta demanda aumentada – desta demanda que fez Mr. Tombe achar que esse caso de amor estava indo longe demais – Grey telegrafou de volta informando que a demanda monetária de Vavator, se feita por meio de Mr. John Vavator, deveria ser honrada até o limite de cinco mil libras. Mr. Tombe ergueu as sobrelhas e refletiu que alguns homens eram muito tolos. Mas, quanto às questões financeiras de John Grey, Mr. Tombe estava ciente de que deveria fazer o que lhe era pedido; e o dinheiro foi depositado na conta de George Vavator.

Ele nada disse a Kate sobre isto. Por que deveria se dar ao trabalho? Na realidade, até então, ele não escrevera carta alguma para a irmã, embora ela houvesse enviado duas, sabendo quais seriam suas exigências, e fazendo mais propostas de que ele usasse o seu dinheiro. Ele não podia responder a tais ofertas sem lhe contar que o dinheiro estava sendo providenciado por outros meios e, portanto, deixou-a sem resposta.

Enquanto isso, a batalha prosseguiu gloriosamente. Mr. Travers, o outro candidato do Partido Liberal, gastou o seu dinheiro generosamente – ou outra pessoa o fez em nome dele. Quando Mr. Scruby mencionou esta última possibilidade a George Vavator, George amaldiçoou a própria sorte por nunca ter encontrado tais apoiadores.

— Eu não considero que um homem é metade de um parlamentar quando é eleito assim — disse Mr. Scruby, confortando-o. — Ele não pode fazer o que quiser com o voto dele; ele não é independente. Você nunca ouve que um camarada assim se deu bem. Pague o senhor mesmo pelo item, Mr. Vavator, e ele será seu. É o que eu sempre digo.

Mr. Grimes foi trabalhar diligentemente, quase ferozmente, pelo interesse oposto, falando a todos que conhecia, e talvez a quem não conhecia, sobre a vida de Vavator. Ele trabalhava de manhã, de tarde e à noite, não apenas na própria vizinhança, mas entre os homens da margem do rio que tanto mencionara em sua entrevista com Vavator em Cecil Street. Todo o exército Vavatoriano e seus letrados foram antagonizados em mais de uma ocasião e, certa vez, jogados desonrosamente na lama do rio. E tudo isso foi feito sob a orientação de Mr. Grimes. O próprio Vavator foi atingido com peixes podres da

corrente baixa, de modo que o próprio bordão do “represamento do rio” se tornou odioso para ele. Ele era um homem que não gostava de ser tocado, e quando as pessoas o envolveram num empurra-empurra, George ficou furioso.

— Céus, Mr. Vavator! — exclamou Scruby. — Isso não é nada! Tive um candidato que foi tão atacado em Hamlets, acho, que não havia um pedaço dele que não estivesse pintado de ovos podres. O fedor era uma coisa medonha. Mas eu o elegi, apesar de tudo.

E Mr. Scruby, por fim, fez tanto por George Vavator quanto havia feito pelo herói de Hamlets. No encerramento da contagem de votos, o nome de Vavator foi colocado no topo por uma maioria considerável, e Scruby o confortou ao dizer que Travers certamente não gastaria dinheiro com apelações, pois a cadeira só seria ocupada por alguns meses.

— E o senhor conseguiu pagando muito barato, Mr. Vavator — comentou Scruby. — Considerando que a cadeira é metropolitana. Creio mesmo que tenha sido barato. Outras mil, 1.200 libras cobrirão tudo – talvez 1.300 por fora, digamos. E quando for travar a batalha outra vez, já terá pagado a sua entrada, e os camaradas vão deixar que o senhor ingresse sem gastar quase nada depois dessa.

Uma soma subsequente de 1.300 libras era requisitada de imediato; depois, a coisa toda seria repetida em seis meses! Isso não era um consolo. Porém, apesar de tudo, houve um triunfo na coisa toda que George Vavator era homem suficiente para aproveitar. Seria impressionante ter uma cadeira na Câmara dos Comuns, ainda que fosse apenas pela metade de uma sessão.

CAPÍTULO 45

GEORGE VAVASOR OCUPA SUA CADEIRA

A sensação de triunfo de George Vavasor não era injustificada. Era admirável ter ocupado uma cadeira na Câmara dos Comuns, mesmo que apenas por uma sessão! Há, à esquerda do nosso grande salão nacional – à esquerda de quem entra, e oposto às portas que levam aos tribunais – um par de lâmpadas pintadas a ouro, com uma porta entre elas, próxima a uma velha dama que vende suas maçãs e laranjas solenemente, presumo, para o conforto dos membros da Câmara e do grande policial que guarda a passagem. Entre essas lâmpadas, fica a entrada da Câmara dos Comuns, e ninguém, exceto seus membros, podem atravessá-las! É a única porta diante da qual eu permaneci repleto de inveja – triste ao pensar que os meus passos jamais me levariam além dela. Há muitos portais que são proibidos a mim, como há muitos proibidos a todos os homens; e a fruta proibida, como dizem, é doce; mas os meus lábios nunca se encheram tanto de água por uma fruta quanto por aquela, que cresce tão alta, ao alcance de um golpe de cassete do grande policial.

Ah, meu amigo e leitor do sexo masculino, que conquistaste o seu pão, talvez, como um vicário do campo; ou você, que se senta, talvez, nalguma mesa gasta da Casa de Somerset; ou você, que governas, talvez, o quintal por trás de um balcão em Cheapside. Por acaso, você nunca foste lá e encarou – você nunca confessou, enquanto lá se postava, que o Destino fora cruel com você ao lhe negar a única coisa que você mais queria? Eu, sim. E então, enquanto meus lentos passos me guiavam ao alto da escadaria mais do que régia, até aquelas passagens e corredores que requerem o santificado suspiro dos séculos para lhes dar glórias aos olhos britânicos que um dia deverão possuir, eu disse a mim mesmo, furiosa e tristonhamente, que morrer e não ter obtido o direito de passagem, mesmo que apenas por uma sessão – e não passar pela estreita entrada entre aquelas lâmpadas – seria morrer e não ter feito aquilo que é a maior conquista de um inglês. [80]

Há, certamente, alguns que se tornam conhecidos por esse caminho e cuja perda de sociedade não deve ser lamentada. A Inglaterra não escolhe os seus 654 melhores homens. Um cidadão se conforta, às vezes, ao se lembrar disso. Os Vavasors, Calder Joneses e Botts são aceitos. Aquele paraíso não fecha seus portões contra aspirantes desonestos, ignorantes e vulgares; e é um consolo à ambição do pobre saber que a ambição do rico pode alcançar tal glória com a força exclusiva de suas riquezas. Mas ainda que a Inglaterra não envie até lá apenas os seus melhores homens, os seus melhores membros da Câmara dos Comuns acabam encontrando seu

caminho. É o maior e mais legítimo orgulho de um inglês ter as iniciais “M.P.” escritas após o seu nome. Nenhuma seleção do alfabeto; nenhum doutorado; nenhuma corporação, seja ela uma sociedade erudita ou régia; nenhum título de cavaleiro – mesmo que seja da Ordem da Jarreteira – confere uma honra tão significativa. Mr. Bott tinha razão quando declarou que o país era governado entre as paredes daquela Câmara, ainda que a verdade houvesse sido quase profanada pelos lábios que a proferiram. Ele poderia ter adicionado que dali fluíam as águas do progresso mundial – da abundante fonte do avanço da civilização.

Ao passar pelas lâmpadas e pela vendedora de maçãs, George Vavator, sob a proteção de Mr. Bott, sentiu todo o orgulho sobre o qual estivemos falando. Ele era um homem bastante capaz de sentir orgulho apropriadamente – capaz, em certos momentos sonhadores, de encarar tudo com olhos puros e quase nobres; de compreender a ambição de servir com veras uma nação tão grandiosa quanto essa em que o destino o colocara. A natureza, penso eu, moldou George Vavator de um jeito que ele poderia ter sido um bom – e talvez um grande – homem. Já Mr. Bott, nascera sob uma estrela pequena. Vavator se educou à malícia de olhos abertos. Ele sabia o que era errado e fizera o que era errado, ensinando-se que coisas más eram as melhores. Mas o pobre Mr. Bott tinha boas intenções, e realmente acreditava que havia feito boas ações; era um esnobe em busca de amizades poderosas e um lambe-botas, mas não imaginava que estava fazendo qualquer coisa errada ao ascender por meio de amizades poderosas e bajulações. Ele era tão maldoso quanto fútil; tão perseguidor quanto covarde, e na política, receio, bastante inescrupuloso a despeito de seus grandes dogmas; mas ele acreditava que estava progredindo na vida pública pelas vias apropriadas e costumeiras, e a ideia de que estaria fazendo qualquer coisa de errada nem lhe passava pela cabeça.

Nesses momentos sonhadores que mencionei, Vavator, às vezes, sentia-se tentado a cortar a garganta e dar um fim a si mesmo, pois sabia que havia se ensinado coisas más. Outra vez, ele se perguntaria se era tarde demais; sempre, porém, respondendo a si mesmo que era tarde demais. Mesmo agora, neste momento, enquanto passava entre as lâmpadas, e sentia muito do honesto orgulho que detalhei, ele disse a si mesmo que era tarde demais. O que poderia fazer agora, embaraçado pela dívida que tinha com a prima e ciente de que ela deveria ter crescido quase indefinidamente, a não ser que pretendesse desistir da sua cadeira no Parlamento, que lhe custara tanto, antes que quase sequer pudesse aproveitá-la? Mas sua coragem era boa, e ele conseguiu decidir que seguiria em frente com os negócios que tinha em mãos, e que jogaria o seu jogo até o fim. Ele havia conquistado um

assento na Câmara dos Comuns e, até agora, obtivera êxito. Os homens que costumavam ser gentis com ele, agora eram mais gentis do que nunca, e aqueles que, até então, não o haviam tratado com cortesia, agora começavam a sorrir e a ser muito educados. Era, sem dúvida, uma grandiosidade ter o privilégio de poder passar entre os holofotes.

Mr. Bott levava o novo membro ao seu lado, não porque houvera qualquer antiga amizade entre eles, mas porque Mr. Bott estava à procura de seguidores, e Vavasor estava à procura de um partido. Um homem não recebe nenhum viva grandioso por se ligar a um poder existente. O nosso amigo poderia ter juntado aos apoiadores usuais do governo sem atrair muita atenção. Neste caso, ele estaria no fundo de uma longa lista. Mas Mr. Palliser era um homem em ascensão, e ao seu redor, quase alheio à sua própria vontade, um partido se formava. Se chegasse ao poder – e ele tinha de chegar, de acordo com Mr. Bott e tantos outros – então, aqueles que haviam reconhecido a nova luz antes que seu brilho se destacasse, poderiam esperar suas recompensas.

Enquanto atravessava o saguão para entrar pela porta da Câmara, apoiado sobre o braço de Mr. Bott, Vavasor se manteve em silêncio absoluto. Ele pouco dissera desde que haviam descido do coche em Palace Yard, e não estava muito satisfeito com a tagarelice do seu companheiro. Ele estava prestes a se sentar entre os principais homens da nação, e a tomar a oportunidade de se transformar em um deles. Ele acreditava em suas próprias habilidades; acreditava completamente em sua própria coragem; mas ele não acreditava em sua própria conduta. Ele temia que havia feito – e o seu medo era muito mais forte do que o habitual – aquilo que tamparia os ouvidos dos homens ante suas palavras, e o baniria de lugares importantes. Nenhum homem acredita em si mesmo quando se considera um patife, por maior que seja o seu talento, ou por maior que seja o seu espírito.

— É claro que você já ouviu um debate — presumiu Mr. Bott.

— Sim — revelou Vavasor, que desejava permanecer calado.

— Muitos, provavelmente?

— Não.

— Mas você já escutou debates da galeria. Agora vai assisti-los junto ao corpo da Câmara e verá que é bastante diferente. Nenhum homem que não tenha ocupado a cadeira do Parlamento pode compreender o que ele significa. Na verdade, ninguém pode entender a Constituição Britânica completamente sem isso. Senti, muito cedo na vida, que ela deveria ser minha guia, e ainda que o trabalho seja duro e o pagamento seja nulo, pretendo continuar neste caminho. Como vai, Thompson? Conhece o Vavasor? Ele acabou de voltar dos Distritos de Chelsea, e o estou levando. Não vamos dividir esta noite, não é?

Veja! Farringcourt acabou de sair; ele é o homem mais escutado da Câmara hoje, mas aceitará meia-coroa sua se você lhe emprestar. Como vai, meu lorde? Espero ter o prazer de vê-lo em boa saúde — saudou Bott, curvando-se para um lorde que atravessava o saguão apressadamente e tão rápido quanto seus pés arrastados o levavam. — É claro que o conhece.

Vavator, no entanto, não conhecia o lorde em questão, e foi obrigado a admitir.

— Achei que estivesse a par de todas estas coisas — expressou Bott.

— No geral, quando o assunto é nobreza, não estou a par — respondeu Vavator, fazendo um movimento desdenhoso com a boca.

— Você deveria ter procurado saber sobre ele. Aquele é o visconde de Middlesex; ele falará alguma coisa esta noite sobre a Igreja Irlandesa. O pai dele já passou dos 90, e ele tem mais de 60. Vamos entrar agora; mas me deixe lhe dar um pequeno conselho, caro colega: nem pense em falar nesta sessão. Um membro não terá êxito nesse ofício até que tenha aprendido alguma coisa sobre as formalidades da Câmara. As formalidades da Câmara são tudo, eu prometo. Este é Mr. Vavator, novo membro dos Distritos de Chelsea.

Assim, nosso amigo foi apresentado ao porteiro, que sorriu com intimidade, e pareceu dar uma piscada. Então, George Vavator adentrou a Câmara, sob a asa de Mr. Bott.

Vavator, enquanto subia até a mesa do secretário-geral da presidência, e fazia seu juramento, para, então, descer de volta, sentiu-se quase pego de surpresa pela pouca atenção que recebeu. Não que ele estivesse esperando causar uma comoção, ou que, por um momento, pensara na possibilidade, mas a coisa que estava fazendo era tão grandiosa para si, que a total indiferença daqueles ao seu redor o surpreendeu. Após ocupar a sua cadeira, alguns poucos homens surgiram gradualmente para apertar sua mão; mas pareceu que só o faziam porque estavam passando por aquele caminho. Ele estava ansioso para não se sentar perto de Mr. Bott, mas percebeu que era impossível fugir do contato. O cavalheiro se grudou obstinadamente, dando-lhe orientações que, no calor do momento, ele não pôde deixar de obedecer. Então, viu-se sentado atrás de Mr. Palliser, um pouco para a direita, enquanto Mr. Bott ocupou o lado do homem em ascensão.

Havia um debate em progresso, mas Vavator achou, assim que foi capaz de avaliá-lo, que era entediante. Ainda assim, o chanceler do Tesouro estava de pé, e Mr. Palliser o observava como um gato observa um camundongo. O orador estava cheio de números, o que é natural para um chanceler do Tesouro; e, conforme cada novo orçamento era revelado por ele, Mr. Bott, em sussurros audíveis,

derramava no ouvido do seu chefe os seus próprios cálculos; a maioria dos quais buscava provar que o financista em exercício estava totalmente errado. Vavasor pensou ter visto que Mr. Palliser recebia mais assistência do que desejava. Ele escutava, se escutasse, sem indicar que havia escutado e ocasionalmente mostrava sinais de impaciência. Mas Mr. Bott não era homem de ser reprimido por frivolidades. Quando Mr. Palliser mexeu a cabeça, Mr. Bott ficou mais assíduo do que nunca, e quando Mr. Palliser se moveu levemente para a esquerda, ele ousadamente o seguiu.

Nenhum debate posterior resultou da questão apresentada pelo ministro, e quando ele se sentou, Mr. Palliser não se levantou, embora Mr. Bott o tivesse aconselhado a fazê-lo. A matéria foi encerrada pelo resto da noite e a hora chegou para o lorde Middlesex. O cavalheiro se pôs de pé com um rolo de papéis na mão, e se preparava para falar à Câmara com grande energia sobre alguns aspectos da reforma de uma igreja, quando, antes que sua energia chegasse ao ápice, e lamentavelmente para ele e para os seus sentimentos, os membros enxamearam as portas como um rebanho de ovelhas. Mr. Palliser se levantou e foi embora, seguido imediatamente por Mr. Bott, que conseguira segurar o braço dele no saguão. Se Mr. Palliser não fosse possuidor de um temperamento tranquilo; um homem calculista e dono de uma mente e espírito controlados, ele teria aprendido a odiar Mr. Bott muito rapidamente. Para longe flutuaram os membros, mas, mesmo assim, o nobre lorde prosseguiu com sua fala, lutando com dificuldade para manter o seu fogo aceso, como se não houvesse nenhum êxodo em processo. Havia pouco para consolá-lo. Ele sabia que os documentos não relatariam uma palavra nem para 20 daqueles a quem se dirigia. Ele sabia que ninguém o escutaria voluntariamente. Ele sabia que trabalhara semanas e meses para juntar seus fatos, e estava começando a entender que o seu trabalho fora em vão. Enquanto reunia coragem para olhar em volta, ele começou a temer que algum inimigo iria pedir o adiamento da sessão pela falta de membros necessários, e então, tudo estaria acabado. Ele havia depositado o seu coração e sua alma nesta questão. O seu clamor não era como o clamor de Vavasor sobre o represamento do rio. Ele acreditava em seu próprio planejamento com grande fé, achando que poderia transformar os homens em pessoas melhores e mais felizes, e trazê-los para mais perto de Deus. Eu disse que ele trabalhara semanas e meses. Eu poderia ter tido que ele dedicara a vida inteira àquele trabalho. Ainda que arrastasse os pés enquanto andava, e se enrolasse com as palavras enquanto falava, ele era um homem sincero de boas intenções, em busca de nenhuma recompensa pelo seu trabalho além da apreciação daqueles a quem desejava servir. Mas essa nunca seria uma conquista sua. Para ele, não havia nada em seu futuro, exceto

decepção. Independentemente disso, ele trabalhará até o fim, seja nesta Câmara ou na outra, laborando penosamente, sem salários de qualquer natureza à vista, e, alguns poderiam dizer, bastante triste. Mas quando dormir seu sono eterno, os homens reconhecerão que ele fez alguma coisa, e sobrarão, nas mentes daqueles que ainda se recordarem dele, uma convicção de que serviu a uma boa causa diligentemente, e não completamente ineficazmente. Invisíveis eram os seus salários; ainda assim, em alguma moeda eles eram pagos. Invisível era a coisa que ele fazia; ainda assim, ela era feita. Vamos torcer para que algum senso desta tardia apreciação possa acalentar o seu espírito no além-túmulo. Na presente ocasião, não havia nada que pudesse acalentar o seu espírito. O presidente continuava sentado, polido e cortês, com os olhos direcionados para o infeliz orador; mas nenhum ouvido na Câmara parecia escutá-lo. O grupo de repórteres parecia ter minguado para uma dupla, e eles usavam seus lápis desinteressadamente, anotando uma frase aqui e outra acolá, cientes de que seu trabalho era inútil. Vavasor continuou sentado até o fim, pois isso lhe ensinou uma lição sobre as formalidades da Câmara, que Mr. Bott lhe dissera sinceramente que seria bom aprender. Por fim, ele aprendeu a formalidade do “adiamento”. Alguém num assento traseiro murmurou alguma coisa que o presidente entendeu; e aquele alto-oficial, ao ter sua atenção chamada para um fato que jamais teria percebido se não fosse pelo tal chamamento, contou a Câmara, e, ao descobrir que ela continha 23 membros, pôs um fim ao seu próprio expediente e ao do pobre lorde Middlesex. Não podemos imaginar com quais sentimentos o nobre lorde deve ter ido para casa e se sentado no escritório, abrindo, em vão, um livro diante de seus olhos? Era um homem de amplos recursos, com filhos que honrariam o seu nome, e cuja esposa acreditava nele, se ninguém mais o fizesse; um homem, vamos dizer, de clara consciência, a quem todas as coisas boas foram dadas. Mas sobre quem ele pensava com inveja agora? Mais cedo, naquele mesmo dia, Farringcourt falara à Câmara – um homem a quem ninguém emprestaria um xelim, e cujo privilégio daquela Câmara o mantinha a salvo da cadeia; em cujas palavras nenhum homem acreditava; que não tinha esposa, filhos e não era amado. Mas 300 homens se mantiveram atentos às suas palavras. Quando ele riu em seu discurso, eles riram; quando se mostrou indignado com o ministro, eles prenderam a respiração, assim como o matador faz no crítico momento do assassinato do touro. Para qual lado se virasse, ele os carregava consigo. Multidões de membros que estavam nas bibliotecas e salas de recreação encheram a Câmara quando ficou sabido que este irresponsável estava falando. A Galeria dos Visitantes lotou. Os repórteres viravam suas páginas rapidamente, trabalhando os dedos penosamente até que gotas de suor brotassem

em suas testas. E enquanto o primeiro-ministro era atacado com um ímpeto especial de ironia redobrada, os homens declararam que ele seria levado a recrutar Farringcourt para o seu grupo, a despeito dos projetos desonrosos e dos relatórios maldosos. Um homem capaz de agitar fundações daquela maneira deveria ser pago para agitá-las no lado certo. Era desse homem, e do sucesso dele, que lorde Middlesex sentia inveja, enquanto permanecia sentado, miserável e respeitosamente, em seu solitário escritório!

Como Mr. Bott saíra da Câmara com Mr. Palliser, Vavasor, após o adiamento pela contagem, pôde ir para casa sozinho, pensando na posição que havia conquistado. Ele disse a si mesmo várias e várias vezes que havia feito uma coisa grandiosa ao obter aquilo que agora possuía, e lutou para se convencer de que o preço que estava pagando por isso não era tão caro. Mas uma sensação já o acometera – aquela terrível sensação humana – que despe todos os prêmios conquistados da metade dos seus valores. A mera ação de tê-lo rouba o diamante da sua pureza, e mistura uma vil liga ao ouro. Lorde Middlesex, que se debatia no desastre, nunca fora alvo de inveja. Não houvera nada de brilhante no debate, e os número de membros fora tão grandioso quanto o de um grupo de homens num clube. Os próprios porteiros mal os tratavam com respeito. Os grandes homens, cujos nomes recheiam os jornais, recolheram-se em silêncio, em escuridão, e em aparente ociosidade. Assim que uma oportunidade justa lhes fosse dada, escapavam da Câmara, como meninos escapam da escola. Todos se rejubilaram com a interrupção da noite, menos aquele pobre e velho lorde que havia se esforçado tanto. Vavasor havia gastado tudo o que tinha para se tornar um membro daquela Câmara, e agora, enquanto voltava sozinho para seus alojamentos, não conseguiu deixar de se questionar se a coisa que havia comprado valera o dinheiro da compra.

Mas sua coragem continuava forte. Ainda que estivesse melancólico e quase triste, ele sabia que poderia confiar em si mesmo para travar a luta até o fim. Na manhã seguinte, ele iria a Queen Anne Street, e demandaria simpatia daquela que clamara simpatizar tanto com seus desejos políticos. Em todo caso, com ela, a glória da sua eleição não seria ofuscada por qualquer sabedoria calamitosa das realidades. Ela vira a peça ser encenada apenas do camarote, e aos seus olhos, os vestidos ainda seriam de veludo de seda, e as espadas de aço brilhante.

CAPÍTULO 46

UM PRESENTE DE AMOR

Quando Alice ouviu sobre o êxito do primo, e compreendeu que ele era realmente um membro do Parlamento pelos Distritos de Chelsea, resolveu que se sentiria triunfante. Ela havia sacrificado quase tudo por seu desejo de vê-lo bem-sucedido na vida pública, e agora que ele havia dado o primeiro passo em direção a esse sucesso, seria loucura da sua parte se recusar a participar da ovação. Se ela não pudesse se rejubilar com isso, que outra fonte de alegria lhe sobraria? Ela prometera ser a esposa dele e, no atual momento, estava presa a essa promessa. Ela havia prometido aquilo porque desejara identificar seus interesses nos dele – porque desejara compartilhar os riscos dele; ajudá-lo em suas batalhas; e assisti-lo em sua carreira pública. Ela tinha feito tudo isso e ele obtivera sucesso. Ela se esforçou, conseqüentemente, para triunfar em nome dele, mas sabia que estava se esforçando inutilmente. Ela cometera um erro e logo viriam os dias em que teria de reconhecê-lo, arrependendo-se e vestindo panos de saco e jogando cinzas sobre a cabeça.^[81]

Ainda assim, teve dificuldades para se sentir triunfante. As notícias chegaram até ela, a princípio, por meio de sua aia. Então, Alice se sentou imediatamente para escrever a ele uma ou duas palavras de congratulação, mas descobriu que a tarefa era mais difícil do que esperava, e desistiu. Ela não escrevia a ele desde o dia em que ele a deixara quase furiosa, e agora não sabia como dirigir a palavra ao primo.

— Esperarei que ele venha — ela decidiu, guardando o papel e as canetas. — Será mais fácil falar do que escrever.

Mas ela escreveu a Kate, e forçadamente pôs algumas palavras de triunfo em sua carta. Kate escreveu a ela extensivamente, preenchendo sua folha com sonoras palavras de sincero regozijo. Para Kate, que seguia em Westmoreland, parecia que seu irmão já havia feito tudo. Ele já havia amarrado a Fortuna às rodas de sua carruagem. Ele havia dado o grande salto e superado o único obstáculo que o Destino pusera em seu caminho. Em sua imensa alegria, ela quase se esquecera da origem do dinheiro com o qual a contenda havia sido vencida. Ela não se sentia entusiasmada com muitas coisas – e nunca consigo; mas agora, Kate estava eufórica com um entusiasmo que não parecia conhecer limites. “Estou orgulhosa”, dissera em sua carta para Alice. “Não há nada mais que ele poderia ter feito que me deixaria tão orgulhosa. Se a rainha o tivesse chamado e o transformado em conde, mesmo assim não haveria comparação. Quando penso que ele lutou para chegar ao Parlamento sem ajuda de nenhum grande amigo, com nada mais além de sua própria força de vontade...” – ela, na realidade, esquecera-se do dinheiro de Alice enquanto escrevia – “...quando

penso que ele conquistou seu triunfo na metrópole, entre os homens mais ricos e exigentes da cidade mais rica do mundo, eu realmente sinto orgulho do meu irmão. E, Alice, espero que você esteja orgulhosa do seu amor”. Pobre moça! Seria impossível não simpatizar com o orgulho dela – ou melhor, impossível não a amar por senti-lo, ainda que o orgulho fosse tão dolorosamente ingênuo. Devemos nos lembrar de que Kate não sabia nada sobre Mr. Grimes e Mr. Scruby, e o represamento do rio. Além do mais, ela não possuía meios para aprender os princípios com os quais as eleições metropolitanas eram conduzidas.

“E, Alice, espero que você esteja orgulhosa do seu amor!”

“Ele não é o meu amor”, Alice pensou. “Ele sabe que não é, e entende isso, embora ela talvez não entenda”. Se não é seu amor, Alice Vavasor, o que ele é, então, para você? E o que você é para George, senão o amor dele? Ela começava a entender que havia se colocado em um caminho de destruição total; que caminhara até a beira de um precipício, e que agora precisava saltar. — Ele não é o meu amor — repetiu, ficando em silêncio e melancólica. Horas se passaram até que pudesse escrever a sua resposta a Kate.

Naquela mesma tarde, ela viu o pai em uma ou duas ocasiões.

— Então, George conseguiu se eleger — ele disse, erguendo as sobrancelhas.

— Sim, ele teve êxito. Certamente está feliz, papai.

— Dou minha palavra de que não estou. Ele comprou uma cadeira por três meses; e com o dinheiro de quem ele a comprou?

— Não vamos falar sobre dinheiro, papai.

— Quando se discute o valor de uma coisa recém-comprada, você precisa mencionar o preço antes de concluir se o comprador fez um bom ou mau negócio. Eles deixaram que ele entrasse por causa do dinheiro, já que faltam poucos meses para as eleições gerais. Ele gastou duas mil libras, eu acredito?

— E se mais for pedido nas próximas eleições, eu darei.

— Muito bem, minha querida, muito bem. Se você prefere se transformar em uma mendiga, não posso fazer nada. Na verdade, não reclamarei, mesmo que ele gaste todo o seu dinheiro, se, no fim, você não se casar com ele.

A isto, Alice não deu resposta. Naquele ponto, os desejos do seu pai rapidamente iam se tornando idênticos aos dela.

— Eu vou lhe dizer sinceramente quais são meus sentimentos e desejos — prosseguiu. — Nada, em minha opinião, seria mais deplorável e desastroso do que esse casamento. Se me disser que está resolvida a aceitá-lo como marido, saberei que não há nada que eu possa dizer para demovê-la, mas acredito que, se ele gastar todo o seu dinheiro, não vai querer se casar com você e, assim, será salva. Diante

desta minha opinião sobre ele, você não pode esperar que eu sinta triunfo por ele ter ingressado no Parlamento com o seu dinheiro.

Então, ele a deixou, e Alice sentiu que seu pai fora muito cruel. Houvera pouco – ou melhor, nada – da delicadeza de um amor paternal nas palavras que ele dirigira a ela. Se houvesse falado de outra maneira, será que ela não teria acabado confessando tudo? Mas sobre este tema, Alice o acusava equivocadamente. Uma demonstração de delicadeza por parte dele nesta questão se tornara, podemos dizer, impossível. Ela fizera com que fosse impossível. Ele tampouco podia revelar a ela a extensão de seus desejos sem danificar sua própria causa. Ele não podia deixar que ela soubesse que tudo o que fora feito, fora feito com o objetivo de levá-la aos braços de John Grey.

Mas como um pai poderia proferir palavras como aquelas a uma filha?! Por acaso, ela havia se levado a um ponto em que o seu próprio pai a desejava ver desertada e jogada de lado? Seria provável que este desejo dele seria realizado? Quanto a isso, Alice já havia se decidido. Ela achou que havia decidido que nunca se tornaria a esposa do primo. Não seria necessário que o desejo do seu pai lhe trouxesse salvação, se sua salvação jazia em se separar do primo.

Na manhã seguinte, George foi visitá-la. Os leitores talvez possam se recordar do último encontro entre os dois. Ele fora vê-la após receber a sua carta de Westmoreland, e pedira para selar a reconciliação com um beijo; mas ela o recusara. Ele se oferecera para abraçá-la, e ela tremera diante dele, temendo seu toque, dizendo, por meio de sinais muito mais claros do que quaisquer palavras, que não sentia por ele nada do amor de uma mulher. Então, ele se virara contra ela, furioso, declarando honestamente que estava furioso. Desde então, ele pedira dinheiro emprestado a ela – realizara dois ataques separados contra os dotes dela – e agora vinha para lhe relatar os resultados. Como ele deveria se dirigir a ela? Imploro que também se recorde de que ele não era um homem que se esquecia dos tratamentos que recebia. Quando ele entrou no aposento, Alice o olhou, a princípio, quase furtivamente. Ela estava com medo dele. É preciso admitir que ela já o temia. Se houvesse sobrado um pouco de princípios nobres, ele possivelmente teria conseguido, mesmo depois de tudo, torná-la sua escrava, ainda que eu creia que ele jamais seria capaz de fazê-la novamente a amá-lo. Ela o encarou furtivamente, e percebeu que o rasgão em seu rosto estava quase fechado. A marca da fúria existente não estava à vista. Ele fora até ela pretendendo ser gentil, se fosse possível. Ele se vestira com cuidado, como se desejasse tentar de novo, caso o papel de amante ainda estivesse ao seu alcance.

Alice foi a primeira a falar.

— George, estou tão feliz que tenha conseguido! Desejo-lhe

alegria de todo o meu coração.

— Obrigado, querida. Mas antes que eu diga outra palavra, permita-me reconhecer a minha dívida. Se não tivesse me auxiliado com o seu dinheiro, eu não teria conseguido.

— Oh, George! Por favor, não fale sobre isso!

— Deixe-me falar logo sobre isso, e encerrar o assunto. Se você parar para pensar, saberá que preciso falar sobre ele cedo ou tarde.

Ele sorriu e seu semblante se tornou agradável, como fora nos dias da Suíça.

— Muito bem, fale e encerre o assunto.

— Espero que, ao me conceder o comando da sua fortuna, queira dizer que confia em mim.

— Oh, sim.

— Acredito que confia. Eu não preciso dizer que não teria vencido a última eleição sem ele; e preciso que entenda que, se não tivesse disputado esta vaga, eu não teria chances na próxima; se não fosse por isso, eu não teria justificativas para pagar tão caro pela cadeira de uma única sessão. Você consegue compreender isso, não é, Alice?

— Sim, acho que compreendo.

— Qualquer pessoa, até mesmo seu pai, diria isso a você; embora ele, provavelmente, considere a minha ambição de ser um membro do Parlamento um sinal de loucura absoluta. Mas fui obrigado a agir agora, se eu pretendia ir em frente, já que o velho lorde morreu tão inoportunamente. Bom, e sobre o dinheiro! Está óbvio que eu talvez seja forçado a lhe pedir outro empréstimo quando o outono chegar.

— E você o terá, George.

— Obrigado, Alice. E agora, vou lhe dizer o que proponho. Você sabia que eu me reconciliei — de uma certa maneira — com o meu avô? Bom, quando as próximas eleições terminarem, planejo contar a ele exatamente em que pé você e eu estamos.

— Não fale sobre isso agora, George. Hoje, já basta que você saiba que a ajuda que posso lhe conceder está à sua disposição. Eu quero que sinta a alegria absoluta da sua conquista, e você o fará ao máximo se banir todas essas preocupações financeiras da sua mente por um tempo.

— Elas serão, custe o que custar, banidas enquanto eu estiver com você — ele disse. — Pronto; lá se vão! — ele ergueu a mão direita e soprou a ponta dos seus dedos. — Que sumam — continuou. — É sempre bom se livrar de tais problemas por um tempo.

É sempre bom se livrar deles a qualquer hora, ou a toda hora, se apenas puderem ser banidos sem perigo. Mas quando um homem abusa do seu fígado até que ele não tenha mais força, não lhe fará bem se esquecer da fraqueza do órgão quando se sentar para cear.

Soprar as suas preocupações para longe foi uma bela encenação de Vavasor e, no geral, não sei se ele teria conseguido fazer melhor. Alice, no entanto, enxergou a atuação, e ele sabia que ela a tinha enxergado. A coisa toda foi desconfortável para ele, exceto pelo fato de que obtivera a promessa de mais dinheiro. Mas ele não pretendia descansar satisfeito com isto. Ele precisava extrair dela alguma recompensa de aprovação; uma mostra de simpatia; uma faísca de afeição – real ou falsa – de modo que, ao menos, fingisse estar satisfeito, e fosse capaz de falar sobre o futuro sem constrangimento declarado. Como ele seria capaz de tirar dinheiro dela, a não ser que presumisse que estava se postando sobre um terreno que pertencia mutualmente aos dois?

— Eu já ocupei a minha cadeira — ele contou.

— Sim, eu vi nos jornais. Meus conhecidos entre os membros do Parlamento são muito poucos, mas soube que foi apresentado, como dizem, por um dos poucos homens que conheço. Mr. Bott é um amigo seu?

— Não. Certamente não é amigo. É possível que eu tenha de trabalhar com ele em público.

— Ah, foi exatamente o que disseram sobre Mr. Palliser quando se sentiram constrangidos em ver um homem daqueles como convidado dele. Acho que se eu fizesse parte da vida pública, tentaria trabalhar com pessoas de quem gosto.

— Então, você desgosta de Mr. Bott?

— Eu não gosto dele, mas meus sentimentos sobre ele não são violentos.

— Ele é um imbecil vulgar — xingou George. — E tem tantas pretensões de ser considerado um cavalheiro quanto o seu laçao.

— Se eu tivesse um.

— Mas ele vai se dar bem no Parlamento, até certo ponto.

— Temo que não entendo muito bem quais são os requisitos do sucesso parlamentar, ou, de fato, do que ele consiste. Você acha que a ambição dele é a mesma que a sua?

— A ambição dele, eu imagino, não ultrapassa o desejo de ser um puxa-saco parlamentar de alguém importante – sendo pago, se possível, mas, se não for, tudo bem.

— E o seu?

— Oh, quanto ao meu – há coisas, Alice, que um homem não conta a ninguém.

— É mesmo? Devem ser coisas terríveis.

— Quando o estudante se senta para criar suas rimas, não ousa dizer, nem mesmo para a irmã, que espera rivalizar Milton;^[82] mas ele alimenta tal esperança. Quando o pregador prega o seu sermão, ele não sussurra, nem mesmo para sua esposa, que acredita que milhares

poderão se arrepender graças à força de suas palavras; mas ele pensa que as mil conversões são possíveis.

— E você, ainda que não diga, pretende rivalizar Chatham,^[83] e fazer suas mil conversões na política.

— Gosto de ouvi-la rir de mim — é sério. Faz-me bem ouvir a sua voz carregando outra vez um toque de sátira. Isso me lembra os velhos tempos — tempos aos quais torço para que revertamos sem dor. Não é assim que deve ser, querida?

O humor brincalhão dela esmoreceu instantaneamente. Por que ele fizera esta tola tentativa de ser afetuoso?

— Eu não sei — ela respondeu, melancolicamente.

Por alguns minutos, ele se sentou em silêncio, dedilhando um objeto dela que jazia sobre a mesa. Era um pequeno abridor de envelopes de aço, cujo cabo era fundido e dourado; era uma coisa sem valor, cujo preço deveria ter sido uns cinco xelins. Ele permaneceu sentado, passando-o entre os dedos, enquanto ela continuava com seus assuntos.

— Quem lhe deu este abridor de envelopes? — ele perguntou, subitamente.

— Minha nossa, por que pergunta? E, sobretudo, por que me pergunta neste tom?

— Só pergunto porque, se foi um presente de alguém, vou pegar outra coisa.

— Foi dado a mim por Mr. Grey.

Ele deixou que o abridor caísse de seus dedos sobre a mesa com um baque, e então o empurrou para longe, de modo que o objeto caiu no outro lado, perto de onde ela estava sentada.

— George — ela disse, enquanto se curvava para apanhá-lo. — A sua violência é desnecessária; por favor, não repita isso.

— Não foi por querer — ele jurou. — Peço seu perdão. Eu simplesmente fui azarado quanto ao objeto que selecionei. E quem lhe deu isto?

Ao dizer isso, pegou uma pequena régua de marfim de 30 centímetros que estava dobrada, o que a deixava com uma altura de sete centímetros.

— Por acaso ninguém me deu isso; eu comprei num bazar estúpido.

— Então, isto vai servir. Você deve me dá-lo como presente à renovação do nosso amor.

— É uma coisa muito pobre para se dar de presente — ela comentou, falando mais melancolicamente do que antes.

— De maneira alguma; nada é pobre demais se for dado desta maneira. Qualquer coisa servirá; uma fita, uma luva, uma moeda quebrada. Vai me dar um presente para que eu possa levar e saber, ao

recebê-lo, que o seu coração o acompanha?

— Leve a régua, se for de seu agrado — ela retorquiu.

— E quanto ao seu coração? — ele indagou.

Ele estava sendo um patife e tanto naquele momento. Teria sido melhor se tivesse se contentado com a aquisição do dinheiro dela, e com a ideia de que estaria livre de todos os resquícios de um sentimento maior que o fazia também desejar o amor dela. Mas não foi assim. Seria necessário para o seu conforto que ela, a qualquer preço, dissesse que o amava.

— Bom, Alice, e quanto ao seu coração? — ele repetiu.

— Eu prefiro conversar sobre política, George — ela respondeu.

A cicatriz começou a se fazer visível no rosto dele, e o maneirismo atraente rapidamente foi desaparecendo. Ele havia fixado seus olhos nela, e colocara os polegares nas cavas do seu colete.

— Alice, isso não é muito justo — ele protestou.

— Minha intenção não era ser injusta.

— Não tenho tanta certeza disso. Eu quase penso que essa era sua intenção. Você me disse que pretende se tornar minha esposa. Se, depois disso, você me fizer infeliz de propósito, não será injusto?

— Eu não estou lhe fazendo infeliz, não de propósito, certamente.

— Por acaso, aquela carta que me escreveu de Westmoreland tem algum valor?

— George, não tente me influenciar a achar que ela teve demasiado valor.

— Se teve, é melhor dizer de uma vez.

Alice, embora pudesse ter dito se tivesse ousado, não deu resposta. Ela continuou sentada, em silêncio, e virou o rosto para longe do olhar dele, ansiando para que o encontro terminasse, e sentindo que perdera o seu respeito próprio.

— Escute, Alice, eu acho muito difícil entendê-la — ele criticou.

— Quando olho para trás e penso em tudo que nos aconteceu e naquele outro episódio em sua vida, e somo tudo à sua conduta atual para comigo, descubro-me perdido ao tentar ler suas atitudes.

— Receio que não posso ajudá-lo nesta leitura.

— Quando me amou pela primeira vez – pois você realmente me amou –, eu compreendi muito bem. Não há jovem que em sua juventude não leia com clareza suficiente o mais doce daqueles fragmentos de poesia. E quando brigou comigo, julgando um tanto quanto rigidamente minhas ofensas, eu também compreendi, pois é costume das mulheres serem rígidas em seus julgamentos sobre tais pecados. Quando ouvi dizer que aceitou a oferta daquele cavalheiro de Cambridgeshire, segui acreditando que a compreendia – ciente de que era natural que procurasse uma cura para suas feridas. Eu entendi isso, e me culpei – em vez de você – por tê-la levado a um remédio tão

fatal.

Neste momento, Alice se virou para ele bruscamente, como se tencionasse interrompê-lo, mas não disse nada, ainda que ele tivesse pausado para que ela falasse. George, então, prosseguiu:

— E compreendi bem quando ouvi dizer que tal cura fora demais para você. Céus, sim! Não houve mau entendimento quanto a isso. Não quis insultar o homem quando bati no brinquedinho dele agora há pouco. Eu não tenho uma palavra a dizer contra ele, pois, para muitas mulheres, ele seria um marido modelo, mas você não é uma delas. E quando percebeu isso, como acabou acontecendo, eu a compreendi sem dificuldades. Sim, pelos Céus! Se alguma mulher já foi levada a um erro alguma vez na vida, essa mulher foi você.

Aqui, ela o mirou novamente e encontrou seus olhos. Ela o encarou com um pouco da própria ferocidade dele em sua face, como se estivesse pronta para brigar com ele; mas ela não disse nada no momento e, outra vez, George prosseguiu:

— E, Alice, eu também compreendi quando você, novamente, aceitou ser minha esposa. Na ocasião, achei que a havia compreendido. Pode ser que eu tenha sido vaidoso ao pensar dessa maneira, mas certamente foi natural. Eu acreditei que você tinha voltado a sentir nosso velho amor, que outra vez aquecera o seu coração. Eu pensei que ele estivera frio durante a nossa separação, e senti satisfação ao pensar isso. Seria isso inatural? Coloque-se em meu lugar, e diga que não teria pensado dessa maneira? Na época, eu disse a mim mesmo que a havia compreendido, que tudo o que você tinha feito fora agido como uma mulher sincera, boa e amorosa. Pensei muito em você, e vi que sua conduta, no todo, era inteligível e apropriada.

A última palavra feriu os ouvidos de Alice e ela demonstrou fúria ao mover os pés sobre o piso. O primo percebeu tudo, mas continuou como se não tivesse percebido.

— Agora, porém, o seu comportamento atual transforma todo o resto num enigma. Você disse que se tornaria minha esposa, declarando, deste modo, que perdoava as minhas ofensas, e que, suponho, reassegurava-me o seu amor. Ainda assim, você me recebe com toda a frieza imaginável. O que devo pensar sobre isso, e de que maneira acha que devo me comportar? Quando estive aqui pela última vez, pedi um beijo a você e...

Enquanto falava isso, ele a encarou completamente, com a boca levemente aberta, de modo a mostrar as pontas dos seus dentes brancos e a ferida que descia pelo seu rosto, extensa e púrpura. A última palavra saiu dos seus lábios com um sibilado estigmatizante. Embora ela não fizesse qualquer menção de falar, ele pausou de novo, como se desejasse que ela percebesse o real significado de um pedido

como aquele. Eu acho que, na energia de seu discurso, um toque de sincera paixão o dominara; acho que ele esqueceu o seu lado patife; a sua necessidade do dinheiro dela; e que a punia com todo o poder da sua vingança pelo modo como fora tratado.

— Eu pedi um beijo a você. Se vai se tornar minha esposa, não pode ter vergonha de atender um pedido desses. Nos últimos dois meses, disse-me que se casaria comigo. O que devo pensar sobre tal promessa, se me nega todos os sinais comuns da sua afeição?



George pausou de novo, e ela concluiu que chegara a hora de dizer algo a ele.

— Parece que você não consegue entender o quanto sofri — ela falou.

— E essa será a minha resposta?

— Eu não sei que resposta você deseja.

— Vamos, Alice, não falte com a verdade; você sabe qual é a resposta que desejo, e sabe se a minha carência é inapropriada.

— Ninguém jamais me disse que eu faltei com a verdade — ela disse.

— Você sabe, sim, o que desejo. Desejo saber que a mulher que será minha esposa realmente me ama.

Ela começou a se levantar, e ele também, mas, mesmo assim, Alice seguiu calada. George tinha nas mãos a pequena régua que ela havia permitido que ele levasse, mas a segurava como se estivesse na dúvida sobre o que fazer com o objeto.

— E então, Alice, terei alguma resposta sua?

— Agora não, George. Você está com raiva, e eu não falarei com

você enquanto estiver com raiva.

— E eu não tenho razão para ficar com raiva? Não sabe como me maltrata?

— Eu sei que minha cabeça dói, e que me sinto muito miserável. Gostaria que me deixasse.

— Aqui, então, está seu presente — ele rosnou, e jogou a régua sobre o sofá atrás dela. — E aqui está a lembrancinha que eu esperava que você fosse usar por minha causa.

Neste instante, alguma coisa que ele tirara do bolso do colete foi atirada com violência sobre o guarda-fogo, caindo sob a grelha da lareira. Em seguida, George caminhou a passos largos em direção a porta, mas, quando pôs a mão na maçaneta, virou-se.

— Alice — ele começou. — Quando eu me for, tente pensar honestamente sobre sua conduta para comigo.

Então, ele se foi, e ela ficou parada até ouvir a porta da frente se fechar atrás dele.

Quando ela teve certeza de que ele havia ido embora, sua primeira ação foi buscar a lembrancinha. Receio que não tenha sido digno da parte dela; mas creio que tenha sido natural. Não que ela tivesse qualquer desejo pela joia, ou qualquer curiosidade em vê-la. Ela teria preferido que ele não houvesse trazido nada daquela natureza, mas Alice tinha a relutância feminina a que nada de valor deveria ser destruído sem motivo. Então, ela pegou a pá e cutucou entre as cinzas, avistando o anel que o seu primo havia jogado ali. Era um anel valioso, que exibia um rubi entre dois pequenos diamantes – ou, ao menos, como ela supôs, este fora seu estado original; uma das pedras laterais havia se soltado por causa da violência com a qual o anel fora atirado. Ela procurou até mesmo isso, irritando o rosto e os olhos, mas foi em vão. Então, Alice se convenceu de que o diamante ficaria perdido para sempre, e que agora pertencia às brasas e pilhas de sujeira da metrópole.^[84] Ela fizera isso, pois havia a desagradável frugalidade feminina, a alternativa de mandar os criados o procurarem e, assim, admitir detalhes do que acontecera.

Quando a busca foi encerrada, ela colocou o anel sobre a prateleira da lareira; mas sabia que não poderia deixá-lo ali. Então, enrolou-o cuidadosamente numa folha nova de anotações e o guardou na gaveta de sua mesa. Depois disso, sentou-se à mesa para pensar no que deveria fazer; mas sua cabeça estava, na realidade, latejando de dor, e naquela ocasião, ela não foi capaz de dar qualquer conclusão aos seus pensamentos.

CAPÍTULO 47

A DECEPÇÃO DE MR. CHEESACRE

Quando Mrs. Greenow foi deixada a sós em seus alojamentos, após proporcionar um pouco de entretenimento aos seus dois pretendentes, ela se sentou para pensar seriamente sobre sua situação. Havia três caminhos abertos diante dela. Ela poderia aceitar Mr. Cheesacre, ou poderia aceitar o capitão Bellfield – ou poderia decidir que não tinha mais nada a dizer a qualquer um dos dois no tocante ao cortejo. Eles eram muito persistentes, sem dúvida; mas ela achava que conhecia uma forma de se fazer entender entre eles, caso realmente decidisse que não ficaria nem com um e nem com o outro. Ela partiria de Norwich após a Páscoa, e eles sabiam que esse era o plano dela. Algo fora dito sobre seu retorno a Yarmouth no verão. Em seu coração, ela era apenas uma mulher, e a justiça requisitava que cada um deles soubesse quais eram as suas expectativas se ela, de fato, retornasse.

Havia muito a ser dito a favor de Mr. Cheesacre. Os quartos mobiliados a mogno contribuem para o conforto de uma pessoa nesta vida; as pilhas de esterco, ainda que não sejam maravilhosas quando o assunto é romance, são muito eficazes na agricultura. Mrs. Greenow, de modo algum, desprezava estas coisas e, embora enxergasse que o caráter do proprietário era muito insuficiente, achava que as pequenas excentricidades dele possuíam tal natureza que ela, como esposa, ou qualquer outra mulher de espírito, possivelmente conseguiria reprimir, ou mesmo curar. Mas ela já havia se casado por dinheiro uma vez, como se lembrou muito claramente nesta ocasião, e acreditava que agora poderia se aventurar em busca de um pouco de amor. O seu casamento por dinheiro fora totalmente exitoso. Cuidar do velho Greenow não fora de todo desagradável, e tampouco demorara mais do que ela antecipara. Agora, Mrs. Greenow conseguira todas as recompensas que já prometera a si mesma, e, de fato, sentia-se agradecida à memória dele. Eu quase acredito que, entre suas volumosas lágrimas, algumas gotas eram sinceras. Ela era, essencialmente, uma mulher de temperamento feliz, abençoada com uma boa digestão, e que olhava para o passado com contentamento, e para sua vida futura com confiança. Ela não seria gananciosa, Mrs. Greenow dissera a si mesma. Ela não queria mais dinheiro e, portanto, não aceitaria nada de Mr. Cheesacre. Até aquele momento, isso ela havia resolvido. Resolvera, também, que, se possível, os quartos mobiliados a mogno seriam mantidos na família, e passados para sua sobrinha, Kate Vavator.

Mas ela deveria se casar por amor; e se este era o caso, deveria o capitão Bellfield ser o escolhido? É estranho, mas... a pobreza, a malandragem e as mentiras dele quase o favoreciam aos olhos dela.

Seja como for, Mrs. Greenow não temia nada disso. Ela tinha uma legítima crença feminina em seu próprio poder, e achou que poderia curá-lo dessas coisas – até onde elas precisassem ser curadas. Para as histórias sobre Inkerman e para as pequenas dívidas dele, ela não ligava nem um pouco. Ela também tivera seus Inkermans, e estava bastante ciente de que fizera tão bom uso deles quanto o capitão fizera dos seus. E quanto às dívidas dele... O que um homem faria sem qualquer dinheiro? Ela também contraíra dívidas por causa de luvas e espartilhos nos seus dias aventureiros que precederam Greenow. Mas havia um perigo; um perigo de que pudesse haver mais coisas por trás que ela desconhecia. Outra Mrs. Bellfield não era impossível; e se, em vez de um capitão de verdade, ele fosse um ex-presidiário?! Coisas dessa natureza já haviam acontecido. A sua principal segurança jazia neste fato: Cheesacre conhecia o homem há muitos anos, e certamente teria lhe dito qualquer coisa que soubesse contra ele. Sob todas estas circunstâncias, ela não conseguiu se decidir contra ou a favor do capitão Bellfield.

Entre nove e dez, uma hora, mais ou menos, após a saída de Mr. Cheesacre, Jeannette lhe trouxe chá de araruta misturado com um pouco de xerez. Ela geralmente ceava cedo, e era seu hábito ingerir um leve repasto antes de se recolher pelo resto da noite.

— Jeannette — ela começou, enquanto misturava os torrões de açúcar branco na xícara. — Receio que aqueles dois cavalheiros tenham brigado.

— Minha nossa, madame, é claro que brigaram! E como poderiam evitar?

Em tais situações, Jeannette tinha o hábito de se postar ao lado da poltrona da sua senhora e conversar com ela; e então, se a conversa se prolongasse, ela gradualmente se afundaria no canto do assento – e, assim, as duas mulheres ficariam bastante confortáveis juntas diante da lareira, embora Jeannette nunca se esquecesse de que era a criada, e Mrs. Greenow nunca se esquecesse de que era a senhora.

— Mas por que eles deveriam brigar, Jeannette? É tão tolo.

— *Num* sei se é tolo, madame, mas é a coisa mais natural da vida. Se eu tivesse dois admiradores me cortejando, é claro que eu iria esperar que saíssem no braço. Existem meninas que fazem isso de propósito, porque gostam de ver acontecer. Um de cada vez é o que eu prefiro.

— Você é uma moça jovem, Jeannette.

— Bom, madame, sou, sim. Sou jovem, sem dúvida. *Num* vou dizer nada, mas já tive admirador, por mais jovem que eu pareça.

— Mas acha que eu quero, como você mesma diz, um admirador?

— *Num* sei, madame. *Num* sei o que a senhora quer com eles exatamente. Apesar disso, aí estão eles; e se acabassem estourando os

miolos um do outro, *num* teria ficado nem um pouco surpresa. Nada vai *acalmar eles* essa noite em Oileymead se um copo de conhaque com água *num* conseguir.

Enquanto dizia isso, Jeannette escorregou para a poltrona e segurou as mãos para simbolizar a intensidade dos seus receios.

— Ora, sua criança boba, eles não irão para casa juntos. Por acaso, não viu quando o capitão foi embora primeiro?

— O capitão foi embora antes, certamente, mas pensei que talvez fosse *pra* pegar os revólveres e se preparar *pra* luta.

— Eles não vão brigar, Jeannette. Cavalheiros não brigam mais.

— É mesmo, madame? Isso facilita as coisas *pras* moças, sem dúvida. Talvez os modos pacíficos deles acabem se tornando parecidos com os nossos. Eu sei que seria um conforto *pra* eles como é *pra* mim. Odeio ver homens arrebrandando as próprias fuças – odeio mesmo. Então, Mr. Cheesacre e o capitão *num* vão lutar, madame?

— É claro que não, sua tolinha.

— Minha nossa, eu tinha tanta certeza de que as manchetes dos jornais só falaria disso – e que um deles talvez saísse todo ensanguentado de maca! *Me pergunto* qual deles teria sido. Eu sempre achei que o capitão jamais seria atingido em qualquer parte vital, a *num* ser no coração, sabe, madame?

— Mas por qual motivo eles deveriam brigar, Jeannette? Seria a coisa mais tola.

— Bom, madame, *num* sei se é. O que mais poderiam fazer? Há coisas que dá *pra* dividir com uma pessoa, mas, sobre isso, *num* tem como dividir.

— Sobre o quê, Jeannette?

— Ora, madame, sobre a senhora.

— Jeannette, pergunto-me como é capaz de dizer coisas assim; até parece que eu, em minha posição, já proferi alguma palavra para encorajar qualquer um dos dois. Você sabe que não é verdade, Jeannette, e não deveria dizer isso.

Neste momento, Mrs. Greenow pôs o lenço sobre os olhos, e Jeannette, provavelmente para simbolizar a contrição, pôs o avental sobre os dela.

— De uma coisa eu sei, madame: nenhuma outra dama teria se comportado melhor do que a senhora, e Deus sabe que a senhora já está exausta de tanto esforço.

— Estou mesmo, Jeannette.

— E se os cavalheiros querem bancar os tolos, *num* é sua culpa, é, madame?

— Mas eu lamento tanto que eles tenham brigado. Eles eram amigos tão queridos, sabe? No geral, éramos bastante amigos uns com os outros.

— Quando a senhora decidir qual deles será, madame, então tudo vai voltar a ficar bem — já que cavalheiros como eles *num* brigam mais, como a senhora disse — Jeannette, então, fez uma pequena pausa: — Suponho, madame, que não será Mr. Cheesacre? Com certeza ele é um homem que notavelmente se deu bem na vida.

— E o que isso tem a ver comigo, Jeannette? Sempre verei Mr. Cheesacre como um querido amigo que foi muito bom em tempos de aflição; mas jamais mais do que isso.

— Então será o capitão, madame? De minha parte, com certeza, sempre achei que o capitão era o cavalheiro mais bonito dos dois — e eu sempre disse isso.

— Ele não significa nada para mim, garota.

— Mas significará? — indagou Jeannette, na cara dura.

— Ora, com certeza! A que ponto o mundo chegou, eu me pergunto, quando você se senta aí e interroga sua senhora dessa forma? Vá se deitar, está bem? Já são quase dez.

— Espero *num* ter dito nada de errado, madame — falou Jeannette, levantando-se do seu assento.

— A culpa é minha por encorajá-la — retorquiu Mrs. Greenow. — Desça, termine seu trabalho e vá se deitar. Na semana que vem, teremos de empacotar tudo. Antes disso, precisaremos examinar todas as minhas coisas.

Jeannette, então, levantou-se e partiu, e após pensar mais um pouco sobre o capitão Bellfield, a própria Mrs. Greenow se retirou para o quarto.

Quando partiu sozinho de Norwich para voltar a Oileymead, após jantar com Mrs. Greenow, Mr. Cheesacre se mantivera fervente, e quase confortável, de raiva contra Bellfield; e seu fervor, se não seu conforto, fora prolongado ao ver o capitão com sua maleta, escapando bem na hora em que ele alcançava o seu próprio lar. Cedo na manhã seguinte, porém, sua mente se voltou para Mrs. Greenow, e ele se lembrou, com tudo menos satisfação, das coisas duras que ela havia lhe falado. Cheesacre cometera erros em seu cortejo. Ele estava bem ciente disso agora, e determinado a consertá-los no futuro. Ela o rechaçara por não ter mencionado nada sobre o seu amor. Ele repararia este desliz imediatamente. E ela pedira para que ele não expusesse tanto as suas riquezas. Sendo assim, de agora em diante, ficaria mudo sobre este tema. Mesmo assim, ele não pôde deixar de pensar que o conhecimento de suas circunstâncias, que a dama já possuía, dever-lhe-ia ser útil. “Não é possível que ela realmente goste daquele pobre miserável que não tem um xelim”, pensou consigo. Ele estava bem longe de sentir que a batalha já estava perdida. A última palavra dela fora uma reafirmação de sua amizade; mas então, por que ela havia se dado tanto ao trabalho de lhe dizer como deveria

tratá-la, se sentia indiferente quanto à maneira como ele a tratava? Ele estava, sem dúvida, se cansando do cortejo e desejava de todo o coração que a tarefa chegasse ao fim, mas não estava disposto a desistir. Ele, portanto, preparou-se para outro ataque, e se mandou para Norwich sem procurar os conselhos de ninguém. Ele não ousava pensar que ela, de fato, desejava rejeitá-lo depois de todo o encorajamento que dera. Naquele dia, ele não usou nenhuma roupa rosa ou botas brilhantes, sentindo-se dissuadido após se recordar da ridicularização do capitão Bellfield; porém, apesar de tudo, arrumou-se com considerável cuidado. Em sua parte inferior, ele vestiu calças curtas com polainas de couro apertadas e coloridas ao redor das pernas, ciente de certas graças masculinas e proporções simétricas que poderiam, ele pensava, favorecê-lo. Usava, ainda, um casaco de caça, com botões elaborados, e um maravilhoso colete trabalhado com cabeças de raposas. Mr. Cheesacre completou seus trajes com um chapéu redondo de coroa baixa, luvas de pele canina e um chicote de caça. Armado desta forma, ele avançou determinado a conquistar ou morrer – o tanto que significasse morrer pelas feridas da rejeição de Mrs. Greenow. Naquela ocasião, ele não aguardou a chegada do dia de mercado. Na realidade, a jornada até a cidade era completamente especial, e ele queria que ela soubesse disso. Ele guiou velozmente até os fundos da estalagem, jogou a rédeas para o moço da estrebaria, bebeu uma taça de licor de cereja no bar, e então, cruzou o mercado marchando em direção ao Cerco, em passos firmes e decisivos.

— É você, Cheesacre? — chamou uma voz amistosa, numa das ruas estreitas. — Quem esperaria vê-lo em Norwich numa quinta-feira?!

Era Grimsby, filho do velho Grimsby de Hatherwich, um cavalheiro do campo, e, portanto, alguém a quem Cheesacre costumava respeitar bastante; mas, naquela ocasião, ele não parou nem por um instante, ou sequer diminuiu o passo.

— Vou resolver um assunto particular — ele explicou, e marchou adiante com os olhos mirando o Cerco.

“Eu não vou ter medo de uma mulher – não se eu puder evitar”, ele pensou; porém, apesar disso, parou no estabelecimento de um certo pasteleiro conhecido para tomar outra taça de licor de cereja.

— Mrs. Greenow está em casa? — perguntou a Jeannette, sem se dar ao trabalho de fazer qualquer outro questionamento.

— Oh, sim, senhor, ela está em casa — respondeu Jeannette, ciente de que alguma coisa importante estava para acontecer; um segundo depois, ele se encontrou na presença do seu anjo.

— Mr. Cheesacre, quem esperaria ver o senhor em Norwich na quinta-feira! — a dama exclamou, enquanto o recebia, usando quase as mesmas palavras que o amigo dele havia proferido na rua. Por que

ele não deveria aparecer em Norwich numa quinta-feira, como faziam as outras pessoas? Por acaso, eles achavam que ele estava eternamente preso a seus arados e carroças? Cheesacre se lembrou de se comportar espiritualmente naquela ocasião, e melhorar a opinião que Mrs. Greenow havia formado sobre ele. Quanto a esta questão, ele respondeu um tanto quanto audaciosamente.

— Não há como saber quando estarei em Norwich, Mrs. Greenow, ou quando não estarei? Sou um desses homens de quem ninguém nunca tem certeza sobre nada, exceto de que pago tudo o que devo.

Então, ele se lembrou de que não deveria mais se gabar da sua fortuna, e se esforçou para cobrir o erro.

— Há mais uma coisa que as pessoas podem saber se desejarem, mas não diremos o que é por enquanto.

— Não quer se sentar, Mr. Cheesacre?

— Ora, obrigado, vou me sentar por uns minutos, se permitir, Mrs. Greenow. Mrs. Greenow, encontro-me num estado mental tão grave que preciso pôr um fim a esta história, ou vou enlouquecer e causar um mal a alguém.

— Nossa senhora! O que aconteceu com o senhor? Está indo caçar daqui a pouco, não é? — Mrs. Greenow indagou, observando os trajes dele.

— Não, Mrs. Greenow, não estou indo caçar. Eu vesti essas coisas porque achei que poderia querer atirar no caminho, mas não consegui, e depois não tive ânimo para me trocar. Afinal, importa o que um homem veste?

— Nem um pouco, contanto que ele esteja decente.

— Tenho certeza de que estou sempre assim, Mrs. Greenow.

— Oh, meu caro, sim. Mais do que isso, devo dizer. Considero-o muito vistoso em seus trajes.

— Eu não tenho nenhuma pretensão dessas, Mrs. Greenow; só gosto de estar bem-vestido e tudo mais. Há pessoas que pensam que, porque um homem cuida de suas próprias terras, ele deve estar sempre sujo de esterco. Este é o caso, é claro, dos que pagam por suas acomodações e vivem delas — então, ele se lembrou novamente de que estava caminhando por terrenos proibidos, e se controlou. — Mas não importa o que um homem veste se o seu coração não está em paz dentro dele.

— Eu não sei por que está falando dessa maneira, Mr. Cheesacre; mas é o que eu tenho sentido de hora em hora... desde que Greenow me deixou.

Mr. Cheesacre se sentiu perdido e sem saber como deveria começar. A alusão ao falecido não o ajudou em nada. Tantas vezes ele dissera à viúva que a preocupação matara o gato, e que um cão vivo era melhor do que um leão morto; e percebera tão pouca eficácia

nestes provérbios, que não se importou em reaproveitá-los. Ele sabia que um método mais decidido era agora requerido para prosseguir. Pequenas indiretas de flertes serviram nos primeiros dias da amizade, mas agora deveria existir algo mais do que pequenas indiretas antes que ele pudesse esperar ser capaz de levar a questão a uma conclusão favorável. A própria viúva lhe dissera que ele deveria falar sobre sua paixão; e ele tomara duas taças de licor de cereja, na esperança de que elas fossem capazes de ajudá-lo. Ele havia vestido um casaco com botões brilhantes, e novas calças curtas, na tentativa de se tornar o mestre da ocasião. Ele estava decidido a ser direto e a falar intrepidamente sobre sua paixão; mas como deveria começar? Havia esta dificuldade. Ele se encontrava agora sentado na cadeira, e lá permaneceu calado por um ou dois minutos, enquanto ela amaciava as sobrancelhas com um lençinho, após sua última e ligeira ebulição de luto.

— Mrs. Greenow! — ele finalmente exclamou, saltando diante dela. — Cara Mrs. Greenow; querida Mrs. Greenow, quer se tornar minha esposa? Pronto! Eu, enfim, falei, e falei sério. Tudo o que tenho será seu. É claro que falo especialmente sobre minha mão e meu coração. Quanto ao amor... Oh, Arabella, se pelo menos me conhecesse! Não creio que haja homem em Norfolk mais capaz de amar uma mulher do que eu. Desde que a vi pela primeira vez em Yarmouth, apaixonei-me de tal forma, que não sei mais o que fazer. Se perguntar lá em casa, eles dirão que fui desatencioso com o lugar – que não cuidei dele apropriadamente. Juro que não cuidei. Eu suponho que não abri o registro de vencimentos nem meia dúzia de vezes desde julho passado.

— E isso foi culpa minha, Mr. Cheesacre?

— Dou minha palavra de que foi. Eu não consigo ir a lugar algum sem pensar na senhora, Mrs. Greenow. Eu já me decidi: não ficarei em Oileymead, a não ser que venha comigo e torne a senhora daquele lugar.

— Não ficará em Oileymead?

— Não, deveras. Deixarei a propriedade e viajarei a outros lugares. Do que adianta permanecer lá, sem a mulher que povoa meu coração? Eu não conseguiria, Mrs. Greenow; de fato, não conseguiria. Claro que tenho tudo o que o dinheiro pode comprar – mas tudo isso é inútil para um homem apaixonado. Sabia que acabei tomando asco por dinheiro, ações e todo esse tipo de coisa? Eu não abro meu registro bancário em casa há três meses; agora que percebi isso.

— Mas como posso ajudá-lo, Mr. Cheesacre?

— Diga apenas uma palavra e tudo será arranjado. Aceita se tornar minha esposa? Eu serei tão bom para a senhora. Realmente serei. Quanto à sua fortuna, não me importo nem um pouco com ela!

Não como uma certa pessoa; é apenas a senhora que quero. Eu a encherei de mimos e carinhos, e a senhora será a minha patinha pelo resto da vida.

— Não, Mr. Cheesacre; isso é impossível.

— E por quê? Veja, Arabella!

Com estas palavras, ele se levantou da cadeira e foi imediatamente até ela, caindo de joelhos tão perto da dama como se quisesse impedir a possibilidade de que ela fugisse dele. Não podemos ter dúvidas quanto à eficácia do licor de cereja. Lá estava, totalmente curvado e de joelhos; ainda que o movimento houvesse ocorrido com um pequeno estalo e tensão na região das polainas pelas quais suas pernas eram envolvidas. Cheesacre, em sua paixão, provavelmente escolheu ignorar isto; mas Mrs. Greenow, que estava mais tranquila em seu temperamento atual, percebeu dolorosamente que ele não seria capaz de se reerguer com facilidade.

— Mr. Cheesacre, não banque o tolo. Levante-se — ela pediu.

— Nunca, até que me diga que será minha!

— Então o senhor ficará aí para sempre, o que será inconveniente. Eu não vou lhe dar a minha mão, Mr. Cheesacre. Eu peço que termine com isso.

Neste instante, a força com que ele segurava a mão dela afrouxou; mas ele não fez nenhuma tentativa de se levantar.

— Eu nunca vi um homem fazer tamanho papelão na vida — ela criticou. — Se o senhor não se levantar, vou empurrá-lo. Pronto, está ouvindo? Tem alguém vindo.

Cheesacre, cujos sentidos eram menos aguçados do que os da dama, não ouviu.

— Eu nunca me levantarei, até que me dê esperanças — ele respondeu.

— O senhor está perdendo tempo. De qualquer forma, afaste-se dos meus joelhos. Pronto... Ele estará aqui antes que...



Agora, Cheesacre ouvia o som dos passos, e a porta se abriu enquanto fazia sua primeira tentativa fútil de se pôr de pé. A porta se abriu e o capitão Bellfield entrou.

— Peço mil perdões — ele anunciou. — Mas como não vi Jeannette, ousei entrar. Será que devo parabenizar o meu amigo Cheesacre pelo seu sucesso?

Enquanto isso, Cheesacre havia se levantado — lentamente e com evidente esforço.

— Lamento, mas precisa sair, capitão Bellfield — ele disse. — Estou tratando de um assunto particular com Mrs. Greenow, como qualquer cavalheiro teria percebido.

— Eu não tive a menor dificuldade em perceber isso, meu velho — contou o capitão. — Devo lhe desejar felicidades?

— Lamento, mas precisa sair desta sala, senhor — repetiu Cheesacre, indo até ele.

— Certamente, se Mrs. Greenow assim desejar — retorquiu o capitão.

Mrs. Greenow, então, sentiu-se convocada a falar.

— Cavalheiros, imploro para que não transformem minha sala de estar numa arena de briga. Capitão Bellfield, para que não haja nenhum mal-entendido, rogo para que entenda que a posição na qual encontrou Mr. Cheesacre foi provocada completa e exclusivamente por ele. Não foi com o meu consentimento que ele se postou ali.

— Acho isso muito fácil de se acreditar, Mrs. Greenow — tranquilizou o capitão.

— Quem liga para o que acredita, senhor? — esbravejou Mr. Cheesacre.

— Cavalheiros! Que grosseria, Mr. Cheesacre. Capitão Bellfield, acho melhor pedir para que o senhor se retire.

— Faça o favor — concordou Mr. Cheesacre.

— É absolutamente necessário que eu dê uma resposta definitiva a Mr. Cheesacre depois do que aconteceu...

— É claro — confirmou o capitão Bellfield, preparando-se para ir. — Virei prestar meus respeitos à senhora em outra oportunidade. Talvez me seja permitido vir esta noite?

A isto, Mrs. Greenow meio que assentiu com um aceno indeciso e, então, o capitão se foi. Assim que a porta se fechou atrás de si, Mr. Cheesacre se preparou novamente para se jogar na sua posição anterior, mas a isto Mrs. Greenow objetou decididamente. Se ele se ajoelhasse novamente, não havia como saber que força seria precisa para levantá-lo.

— Mr. Cheesacre — ela anunciou. — Que esta pequena farsa entre nós termine.

— Farsa! — ele exclamou, levantando-se com a mão sobre o coração, e as pernas e calças curtas em plena vista.

— Certamente é uma farsa ou um equívoco. Se foi um equívoco — e se, de algum modo, sou culpada por ele — peço o seu perdão com toda a sinceridade.

— Mas a senhora aceitará se tornar Mrs. Cheesacre, não é?

— Não, Mr. Cheesacre. Não. Um marido basta para qualquer mulher, e o meu jaz enterrado em Birmingham.

— Oh, maldição! — ele bradou, em total repugnância a mais uma referência a Mr. Greenow. A expressão, num momento daqueles, militava contra a cortesia, mas até a própria Mrs. Greenow sentiu que o pobre homem fora sujeitado à provocação.

— Vamos nos despedir como amigos — ela prosseguiu, oferecendo a mão a ele.

Mas ele virou as costas para ela, pois havia alguma coisa em seus olhos que queria esconder. Eu acredito que ele realmente a amava, e que, naquele momento, tê-la-ia esposado, ainda que descobrisse que toda a fortuna dela se fora.

— Não me dará sua mão, como sinal de que não há raiva entre nós? — ela indagou.

— Reconsidere outra vez, por favor! — ele implorou. — Se há qualquer coisa que a senhora gostaria de ver mudada, eu a mudarei imediatamente. Desistirei completamente de Oileymead se não gosta de estar perto do curral. Desistirei de qualquer coisa; eu juro. Mrs. Greenow, se pelo menos soubesse como desejo conquistar seu coração.

E agora, ainda que estivesse virado, o tom lamuriento de sua voz entregava plenamente que havia lágrimas em seus olhos.

Ela se sentiu um pouco comovida. Nenhuma mulher se sentiria

disposta a se casar com um homem só por causa de um choramingo, e talvez poucas mulheres seriam capazes de demonstrar ternura tanto quanto Mrs. Greenow. Ela entendia os homens e as mulheres muito bem, e já testemunhara muito do lado áspero e do lado suave de ambos os mundos para se deixar levar por aquilo; mas ela se sentiu comovida.

— Meu amigo — ela falou, pondo a mão no braço dele. — Não pense mais nisso.

— Mas não consigo evitar — ele respondeu, quase babando em sua sinceridade.

— Não, não, não — ela disse, ainda o tocando com a mão. — Ora, Mr. Cheesacre, por que está interessado em cuidar de uma velha como eu, quando há tantas jovens bonitas que dariam os olhos por uma palavra bondosa sua?

— Eu não quero nenhuma jovem — ele rebateu.

— Temos Charlie Fairstairs, que daria uma boa esposa tanto quanto qualquer outra moça que conheço.

— Charlie Fairstairs, deveras! — ele zombou, soltando um muxoxo.

A própria ideia de ter uma noiva como aquela contra sua vontade restaurou a sua coragem masculina.

— Ou minha sobrinha, Kate Vavasor, que tem uma pequena fortuna própria, e que é tão bem-sucedida quanto bonita.

— Não sinto nada por ela, Mrs. Greenow.

— Porque o senhor nunca a convidou para fazer nada. Se eu conseguir fazer com que ela retorne a Yarmouth no próximo verão, o senhor pensará a respeito? O senhor quer uma esposa, e não conseguiria coisa melhor, mesmo que procurasse por toda a Inglaterra. Seria tão prazeroso para nós sermos amigos tão próximos, não acha?

Novamente, ela pôs a mão sobre o braço dele.

— Mrs. Greenow, no presente, só há uma mulher no mundo na qual posso pensar.

— A minha sobrinha.

— A senhora mesmo. Sou um homem de coração partido. De fato, sou. Eu nunca pensei que me sentiria deste modo por algo desta natureza; realmente não pensei. Mal sei o que fazer agora; mas suponho que seja melhor voltar a Oileymead.

Ele ficara tão dolorosamente inconsciente do seu novo casaco e calças curtas, que era impossível não sentir pena dele.

— Para sempre odiarei aquele lugar agora — ele declarou. — Para sempre.

— Isso vai passar. O senhor seria tão feliz quanto um rei lá, se tomasse Kate como sua rainha.

— E o que a senhora fará, Mrs. Greenow?

— O que eu farei?

— Sim, o que a senhora fará?

— Quer dizer, quando se casar com Kate? Ora, eu os visitarei e ficarei metade do tempo, cuidando das crianças, como faria uma velha tia-avó.

— E quanto a... — Cheesacre hesitou, mas ela quis saber sobre o que ele pensava. — A senhora não pretende aceitar aquele homem, Bellfield, não é?

— Vamos, Mr. Cheesacre, isso já beira ao ciúme. Que direito o senhor tem de me perguntar se vou aceitar alguém ou ninguém? A probabilidade é que eu continue do jeito que estou até que seja levada ao meu túmulo; mas não farei nenhum juramento sobre isso ao senhor ou a ninguém.

— A senhora não conhece aquele homem, Mrs. Greenow; não conhece realmente. Digo isso como seu amigo. Por acaso não é a lógica, já que ele não tem nada no mundo, que seja um mendigo? É fácil dizer a um homem que está cortejando uma mulher que ele não deve falar muito sobre o seu dinheiro; mas a senhora não me fará acreditar que algum homem que não tem um xelim dará um bom marido. E quanto às mentiras, é um campeão!

— Por que, então, ele é um amigo tão próximo ao senhor?

— Bom, porque fui tolo. Aceitei-o só porque era um camarada divertido, suponho.

— E o senhor quer evitar que eu faça a mesma coisa.

— Se fosse se casar com ele, Mrs. Greenow, acredito que eu deveria aprontar com ele; acredito mesmo. Não acho que suportaria... Quero dizer, ele é um mendigo malandro! Suponho que seja melhor eu ir agora, não é?

— Certamente, se é assim que o senhor escolhe falar sobre os meus amigos.

— E que amigo! Bom, eu não direi mais nada. Imagino que de nada serviria se eu continuasse falando eternamente.

— Venha falar eternamente com Kate Vavasar, Mr. Cheesacre.

A isto, ele não deu resposta, mas retirou-se da residência, entrou em seu cabriolé, e o guiou até seu lar, em Oileymead, pensando em sua decepção com toda a amargura de um jovem apaixonado. “Eu não achei que me importaria tanto com algo assim”, pensou, enquanto se deitava para dormir.

Naquela noite, o capitão Bellfield compareceu ao Cerco, como dissera que faria, mas sua entrada não foi permitida.

— A patroa está com uma terrível dor de cabeça — informou Jeannette.

CAPÍTULO 48

PREPARATIVOS PARA A FESTA DE LADY MONK

No começo de abril, quando só se falava no recesso de Páscoa, lady Monk realizou uma grande festa em Londres. A residência de lady Monk na cidade ficava em Gloucester Square. Era uma grande mansão, e as festas de lady Monk em Londres eram conhecidas por serem grandes eventos. Ela geralmente fazia duas ou três na temporada, e gastava boa parte do seu tempo e da sua energia cuidando para que suas festas fossem bem-sucedidas. Como essa era sua especialidade na vida, um fracasso seria muito angustiante para ela – e devemos dizer que também seria muito vergonhoso, levando em consideração, como deveríamos fazer ao formar a nossa opinião sobre o assunto, as grandiosas somas de dinheiro de Sir Cosmo que eram gastas desta maneira. Mas ela raramente falhava. Ela sabia como escolher os dias para não disputar com outros eventos. Raramente acontecia de as pessoas não poderem comparecer por causa de uma divisão que ocupava todos os membros do Parlamento, ou de serem arrebatadas pela magnitude superior de alguma outra atração no mundo da alta sociedade. Dar festas era o negócio dela, e ela aprendera o ofício completamente. Lady Monk trabalhava mais duro nas festas do que a maioria dos homens trabalhava em suas profissões, e vamos torcer para que os lucros fossem consolativos.

Era de conhecimento geral que o mais apropriado era comparecer às festas de lady Monk. Havia pessoas que eram convidadas, e cujas presenças eram vistas como naturais; pessoas que, de maneira alguma, eram íntimas de lady Monk ou de Sir Cosmo – mas eram pessoas cujas presenças eram apropriadas à anfitriã, e que entendiam que ir à festa de lady Monk era a apropriado a elas. A duquesa de St. Bungay estava sempre lá, ainda que odiasse lady Monk, e lady Monk sempre a maltratava, mas um cartão era enviado à duquesa da mesma forma como o lorde-prefeito convida um ministro do Gabinete para jantar, ainda que um acredite que o outro seja um ladrão. E Mrs. Conway Sparkes geralmente aparecia; ela ia a todos os lugares. Lady Monk não entendia como Mrs. Conway Sparkes era tão favorecida pelo mundo; mas este era um fato, e ela se curvava a ele. Além destes, havia outro grupo: membros que eram, ou não, convidados, dependendo das circunstâncias atuais; estas eram as pessoas que provavelmente compunham os recipientes mais legítimos da hospitalidade de lady Monk. Velhos amigos da família do seu marido constavam nestes números. Deixe que os Tuftons viessem em abril e, talvez outra vez, em maio; assim, eles não se sentirão excluídos daquele sétimo céu de glória – a grande celebração culminante de julho. Dúzias de moças

que realmente amavam festas eram parte deste grupo. Mães e tias conheciam as irmãs e primas de lady Monk. Elas aceitavam diversos presentinhos de lady Monk quando ela os distribuía e se mostravam gratas. Depois, havia outro grupo que normalmente se tornava, sobretudo na grande ocasião em julho, o mais numeroso dos três. Ele continha todos aqueles que demonstraram forte interesse em obter admissão ao lar da senhora – aqueles que quase lutavam com unhas e dentes para conquistar convites. Contra estas pessoas, lady Monk tratava uma guerra mortífera. Se ela não fizesse isso, teria sido engolida por eles, e seu sucesso chegaria ao fim; ainda assim, ela nunca sonhou em fechar completamente as portas contra eles, ou dizer ousadamente que qualquer deles seria impedido de subir as suas escadarias. Ela sabia que deveria ceder, mas seu esforço jazia em ceder o mínimo possível. Quando foi comunicada por seu factótum^[85] de que Mr. Bott queria ir, ela categoricamente o barrou. Quando soube depois que a duquesa de St. Bungay fazia questão da presença dele, ela zombou da duquesa e nem assim cedeu. Mas, quando finalmente foi lhe trazida a notícia de que Mr. Palliser desejava vê-lo na festa, e que Mr. Palliser provavelmente não viria a não ser que seus desejos fossem atendidos, ela cedeu. Ela estava especialmente ansiosa para que lady Glencora comparecesse ao seu evento, e sabia que lady Glencora não viria sem Mr. Palliser.

Era muito desejado por ela que lady Glencora fosse à festa.

— Burgo — ela dissera ao sobrinho em certa manhã. — Veja isto.

Na ocasião, Burgo estava ficando com a tia, em Gloucester Square, para a irritação de Sir Cosmo, que já se sentia cansado do sobrinho de todo o coração. Ultimamente, a tia e o sobrinho ficavam recolhidos juntos mais vezes, e talvez se entendessem melhor agora do que em Monkshade. A tia passou um pequeno bilhete a Burgo, que o leu e o devolveu.

— Dá para ver que ela não tem medo de vir — comentou lady Monk.

— Imagino que ela não esteja pensando muito sobre isso — respondeu Burgo.

— Se é nisso que acredita, é melhor desistir. Nada no mundo justificaria um passo desses da sua parte, exceto a total convicção de que ela o ama.

Burgo encarou a lareira, quase furiosamente, e sua tia o encarou, muito vivamente.

— Bom — ela recomeçou. — Se esse é o fim da coisa, que seja o fim da coisa.

— Acho que é melhor eu me enforcar — ele declarou.

— Burgo, eu não vou aceitá-lo aqui se falar comigo dessa maneira. Estou tentando ajudá-lo novamente; mas se ficar assim, e se

falar assim, eu vou desistir.

— Acho que seria melhor se a senhora desistisse.

— Enfim se tornou um covarde? Apesar de todos os seus defeitos, nunca esperaria isso de você.

— Não, não sou covarde. Eu lutaria com ele a um metro e meio de distância com o maior prazer do mundo.

— Você sabe que isso é bobagem, Burgo; é pura fanfarronice. Homens não lutam mais hoje em dia. Além disso, nenhum homem lutava só porque queria tomar a esposa do outro. Isto é, se você tivesse feito isso!

— E como vou fazer isso? Se dependesse de mim, eu faria amanhã. Ninguém pode dizer que eu tenho medo de qualquer um ou de qualquer coisa.

— Então, suponho que parte da questão depende dela?

— Eu acredito que ela me ama. É isso o que quer dizer?

— Escute aqui, Burgo — começou a atenciosa tia, passando ao pobre e arruinado sobrinho um conselho que ela, de acordo com sua visão, era capaz de conceder. — Acho que você errou bastante nessa questão. Depois do que se passou, eu achei que você tinha o direito de reivindicar lady Glencora como esposa. Mr. Palliser, na minha cabeça, porta-se equivocadamente ao se intrometer entre você e... você e a fortuna dela, desta maneira. Mr. Palliser não pode esperar que a esposa tenha alguma afeição por ele. Não há nenhuma outra pessoa viva que sinta mais horror a qualquer comportamento inapropriado de uma mulher casada do que eu. Sempre demonstrei isso. Quando lady Madeline Madtop deixou o marido, eu nunca permiti que ela atravessasse minhas portas novamente — ainda que eu não tenha dúvidas de que ele a maltratou terrivelmente, pois nada nunca foi provado entre ela e o coronel Graham. Nessas questões, nunca é demais ser meticulosa. Mas aqui, se... se você tiver êxito, eu sempre pensarei no episódio de Palliser como um trágico acidente na vida de lady Glencora. De fato, pensarei. Pobre moça! Ela foi tratada exatamente como meninas que são transformadas em freiras em países católicos romanos; e, como não vejo mal em ajudar uma freira a escapar de seu convento, não vejo mal em ajudá-la agora. Se pretende dizer qualquer coisa a ela, acho que terá uma oportunidade na festa.

Burgo ainda encarava a lareira; e permaneceu assim, encarando e encarando, mas sem dizer nada.

— Pense no que eu disse, Burgo — adiantou a tia, dando a entender que ele deveria se levantar e ir. Mas ele não foi. — Há mais que deseje dizer a mim? — ela perguntou.

— Eu não tenho dinheiro — proferiu Burgo, ainda mirando a lareira.

Os dotes de lady Glencora não valiam menos do que 50 mil libras

por ano. Ele era um jovem que ambicionava obter aquela quase incrível quantia de riqueza, e quase conseguira, por meio do amor dela. Seu atual obstáculo consistia em sua necessidade de uma nota de 20 libras! “Eu não tenho dinheiro”. As palavras saíram rosnadas em vez de ditas, e seus olhos nunca se viraram, nem por um momento, em direção ao rosto da tia.

— Você nunca tem dinheiro — ela retorquiu, quase com furor.

— O que posso fazer? Eu não consigo ganhar dinheiro. Se tivesse algumas centenas de libras para que pudesse levá-la, acredito que ela iria comigo. Não seria culpa minha se ela se recusasse. Tudo teria dado certo se ela tivesse ido a Monkshade.

— Eu não tenho dinheiro para lhe dar, Burgo. Não tenho nem cinco libras comigo.

— Mas a senhora tem...

— O quê? — lady Monk falou, interrompendo-o rispidamente.

— Será que Cosmo me emprestaria? — ele indagou, hesitando em prosseguir com a sugestão que conseguira fazer. O Cosmo de quem ele falava não era o seu tio, mas seu primo. Nenhuma eloquência teria sido capaz de induzir seu tio, Sir Cosmo, a lhe emprestar outro xelim. Mas o filho da casa era um homem rico que tinha sua própria fortuna, e Burgo não o importunava há anos.

— Eu não sei — respondeu lady Monk. — Eu nunca o vejo. Provavelmente não.

— É difícil — lamentou Burgo. — Imagine só um homem ser arruinado por causa de 200 libras em um momento tão decisivo de sua vida! — por natureza, ele era um rapaz audacioso e, assim, fez sua proposta: — As suas joias, tia, não poderia penhorá-las para mim? Eu as recompensaria com a primeira quantia em que pusesse as mãos.

Lady Monk ferveu em furor quando a sugestão foi feita, mas antes que o encontro terminasse, ela prometeu que se esforçaria para encontrar um modo de angariar dinheiro para ele outra vez. Ele era o sobrinho favorito dela, e ela quase o via como o seu próprio filho. Com um de seus filhos, ela havia, de fato, brigado, e a outra, uma filha casada, ela raramente via. O amor que tinha para dar, dera a Burgo, e ela prometeu o dinheiro a ele, ainda que soubesse que precisaria angariá-lo por meio de algum plano vil e falso contra o seu marido.

Naquela mesma manhã, lady Glencora foi a Queen Anne Street com a intenção de convencer Alice a ir à festa de lady Monk; mas ela não queria aceitar o convite, ainda que lady Glencora a pressionasse com toda a sua eloquência.

— Eu não a conheço — justificou Alice.

— Minha querida, isso é um absurdo — falou lady Glencora. — Metade daquelas pessoas não a conhecem.

— Mas conhecem o círculo dela, ou os amigos dela — em todo caso, vão se encontrar com amigos na casa dela. Eu apenas a chatearia, e não ficaria nem um pouco contente.

— O fato é: todos que podem, irão, e eu não teria o menor problema em arranjar um convite para você. Na verdade, eu só precisaria escrever um bilhete dizendo que pretendo levá-la.

— Por favor, não faça uma coisa dessas, pois certamente não irei. Eu não consigo entender por que você quer a minha presença.

— Mr. Fitzgerald estará lá — explicou lady Glencora, alterando a voz completamente, e falando naquele tom de voz baixo que usara para conquistar o coração de Alice em Matching. Ela estava sentada perto do fogo, curvada, com suas pequenas mãos erguidas como uma proteção ao rosto, e olhando para sua companheira sinceramente. — Tenho certeza de que ele estará lá, apesar de ninguém ter me dito.

— Essa deveria ser uma razão para você se manter afastada — Alice aconselhou, lentamente. — Mas dificilmente seria uma razão para que eu a acompanhasse.

Lady Glencora não queria admitir à sua amiga usando tantas palavras que desejava sua proteção. Ela não conseguia se forçar a dizer isso, embora quisesse ser compreendida.

— Ah! Achei que você ia querer ir — ela continuou.

— Seria contrário a todos os meus hábitos — afirmou Alice. — Nunca vou à casa de pessoas que desconheço. É um tipo de companhia da qual eu não gosto. Por favor, não me convide.

— Oh! Muito bem. Se vai ser assim, não vou pressioná-la.

Lady Glencora havia movido a posição de uma das mãos, de modo a colocá-la no bolso, onde agarrara a carta que ainda carregava; mas quando Alice disse aquelas últimas palavras frias: “Por favor, não me convide”, ela soltou a correspondência, e a deixou onde estava.

— Suponho que ele não vá me morder, de qualquer forma — ela falou, adotando aquele semblante de infantilidade cômica que às vezes encarnava, quase com uma careta, mas conservando tanta beleza que ninguém que a visse assim se arrependeria.

— Ele certamente não poderá mordê-la; não se você não deixar.

— Sabe, Alice, embora todos digam que Plantagenet é um dos homens mais sábios de Londres, às vezes penso que ele é um dos maiores tolos. Assim que chegamos à cidade, falei que tinha sido melhor não ter ido à casa daquela mulher. É claro que ele me entendeu. Ele simplesmente me disse que desejava que eu fosse. “Odeio situações estranhas”, falou. “Minha esposa deveria poder ir à casa de lady Monk tanto quanto a qualquer outra casa”. Quanto ao que eu podia fazer, aquele era o fim da história, mas não era o fim da história para ele. Ele insiste para que eu vá, mas vai mandar a minha babá comigo. A querida Mrs. Marsham comparecerá à festa.

— Imagino que ela não lhe fará nenhum mal, não é?

— Não tenho tanta certeza disso, Alice. Em primeiro lugar, ninguém gosta de ser seguido aonde vai por um guarda, ainda que não pretenda furtar ninguém. Além disso, o diabo é tão forte em mim, que eu provavelmente adoraria fugir do guarda. Posso imaginar uma mulher sendo levada a fazer algo de ruim só por causa do desejo de mostrar ao guarda que ela pode ser demais para ele.

— Glencora, você me deprime tanto quando fala assim.

— Virá comigo, então, para que eu possa ter um guarda de minha própria escolha? Ele me perguntou se me importaria de levar Mrs. Marsham comigo na carruagem. Então, levantei-me e falei, muito audaciosamente, como um jovem bagageiro orgulhoso,^[86] que não aceitaria; e quando me perguntou por que, eu disse que preferiria levar uma amiga minha – uma amiga jovem, eu disse, e então indiquei você ou a minha prima, lady Jane. Eu disse que levaria uma ou outra.

— E ele ficou com raiva?

— Não, ele ouviu tudo com tranquilidade – comentando algo, em seu jeito calmo, sobre esperar que eu supere o meu preconceito contra uma de suas mais antigas e queridas amigas. Ele reclama de mim por eu não entender o Parlamento e a Constituição Britânica, mas sei muito mais sobre eles do que ele sabe sobre uma mulher. Tem certeza de que não quer ir?

Alice hesitou por um momento.

— Vamos — pediu lady Glencora, e havia tanta persuasão em sua fala que, penso eu, ela deveria ter conseguido superar as dúvidas de sua prima.

— Vai contra o curso da minha vida — ela respondeu. — E, Glencora, eu não me sentiria feliz. Eu não sirvo para festas. Às vezes penso que nunca mais voltarei a esse tipo de círculo social.

— Isso é bobagem, sabia?

— Suponho que seja, mas não posso ir agora. Eu iria, se realmente pensasse...

— Oh, muito bem — falou lady Glencora, cortando-a. — Imagino que vai acabar tudo bem. Se ele me convidar para dançar, aceitarei como se nunca o tivesse visto na vida.

Ela, então, lembrou-se da carta em seu bolso – lembrou-se de que, naquela hora, carregava uma proposta escrita daquele homem para fugir com ele e deixar a casa do seu marido. Ela pretendia mostrar a carta a Alice naquela ocasião, mas, como Alice recusou o seu pedido, ela se sentiu feliz por não o ter feito.

— Você virá me visitar na manhã seguinte — lady Glencora exigiu, enquanto ia embora. Isto, Alice prometeu fazer; então, ela ficou sozinha.

Alice se arrependeu – profundamente – de não ter aceitado

acompanhar sua prima. Afinal de contas, que importância tivera sua objeção quando comparada à causa pela qual sua presença era requisitada? Sem dúvida, ela teria se sentido desconfortável na casa de lady Monk; mas será que não teria conseguido suportar uma ou duas horas de desconforto por sua amiga? Mas, na verdade, foi só após lady Glencora ir embora que ela começou a entender a questão completamente, e a sentir que possivelmente teria sido útil contra um grande perigo. Agora, porém, era tarde demais. Ela se esforçou para se consolar, refletindo que um encontro casual noturno numa festa em Londres não poderia ser tão perigoso quanto uma estadia prolongada em uma casa de campo.

CAPÍTULO 49

COMO LADY GLENCORA FOI À FESTA DE LADY MONK

A casa de lady Monk em Gloucester Square era formidavelmente bem-adaptada para receber festas. Era uma grande residência, e parecia, aos olhos dos convidados, muito maior do que era. O salão era espaçoso e escadas subiam no centro, encarando você assim que adentrasse o salão interno. Circulando o topo das escadas havia uma extensa galeria com corrimões ornamentados, e portas que, se abertas, levavam às três salas de recepção. Havia duas à direita – a maior com uma janela com vista para os fundos da casa –, conectadas por uma arcada, como se tivessem sido construídas para ostentar portas dobráveis; mas as portas, creio, nunca foram postas. De frente para o topo das escadarias, havia uma sala menor, com vista para os fundos, mobiliada lindamente, e muito usada por lady Monk quando ficava a sós. Foi aqui que Burgo realizou a sua conferência com a tia que já mencionei. No andar de baixo, existia uma grandiosa sala de jantar, onde, nestas ocasiões, um magnífico *buffet* era montado com comes e bebes – algo que eu chamaria de *buffet* masculino, já que era frequentado por garçons e homens de *libré* –, e uma salinha com vista para a praça, que guardava grandes quantidades de peças femininas para distribuição de chá, e outros artigos menores. Lá, as empregadas podiam ser encontradas para realizarem o arranjo ou remendo de vestidos numa câmara extra deste aposento.^[87] Para tais propósitos, como o atual, a casa era mais do que cômoda. Lady Monk, nestas ocasiões, era movida por uma nobre ambição de fazer algo diferente daquilo que os seus vizinhos haviam feito em circunstâncias similares, e, portanto, nunca se voluntariava para receber os seus convidados. Ela se escondia, bem cedo da noite, em uma sala no topo das escadas, e lá, aqueles que escolhiam vê-la, galgavam os degraus e proferiam seus pequenos discursos. Aqueles que a consideravam uma grande mulher – e muitas pessoas a consideravam grandiosa – estavam acostumados a declarar que ela nunca esquecia aqueles que iam vê-la, e aqueles que não iam. E até mesmo aqueles que desejavam descrevê-la como insignificante –, pois até lady Monk tinha inimigos – insinuariam que, ainda que nunca saísse da sala, ela se levantava da cadeira e caminhava até a porta sempre que um nome de grande importância da alta sociedade era anunciado aos seus ouvidos. Assim, um poderoso ministro do Gabinete, uma duquesa de grande reputação, ou qualquer estrela do momento, acharia o caminho até os recintos dela, e não deixaria de ser visto lá por alguns minutos. Havia horas, é claro, em que a entrada para a câmara dela era bloqueada; mas precauções eram tomadas para evitar essa inconveniência tanto

quanto possível, e um homem de libré era encarregado de ir e vir entre a sua patroa e o mundo exterior, de modo a manter a passagem livre.

Embora lady Monk pudesse, desta maneira, descansar durante seus afazeres, havia muito em sua noite de trabalho que não era nada entusiasmante. Damas, com as quais não tinha o menor desejo de conversar, adentravam sua pequena câmara e lá ficavam por uma hora. A duquesa de St. Bungay sempre poderia ser vista lá – tanto que existia uma cadeira especial em um dos cantos do aposento que era chamada de “banquinho da duquesa”.

— Eu não daria a mínima importância se ela fosse conversar com alguém — lady Monk era ouvida reclamar. — Mas ninguém fala nada, e ela só faz escutar tudo.

Burgo Fitzgerald e sua tia trocaram mais uma ou duas palavras antes da noite cair; uma ou duas palavras que ela achou difícil proferir. Ela estava preparada com o dinheiro – com as 200 libras que ele pedira – obtido com ardis, mentiras e subterfúgios vis que eu não preciso parar para descrever. Ela, no entanto, não estava disposta a entregar a quantia ao sobrinho sem garantias. Lady Monk estava disposta a dar o dinheiro; estivera disposta a, até mesmo, rolar sobre a lama incomum para consegui-lo para ele; mas ela queria que ele o usasse para um único propósito. Como poderia obrigá-lo a gastar a soma da maneira como ela teria gastado? Ela poderia se encarregar de entregá-lo a ele assim que lady Glencora estivesse em seu poder? Ainda que pudesse ter admitido – e acho que poderia fazer isso depois do que dissera –, ela não teria sido capaz de realizar um plano daqueles. Nesse caso, a necessidade seria instantânea, e a ação deveria ser rápida. Ela, conseqüentemente, não tinha escolha, senão lhe confiar as notas de dinheiro imediatamente.

— Burgo — ela começou. — Se eu descobrir que está me enganando, nunca mais vou confiar em você.

— Tudo bem — respondeu Burgo, mal contando o dinheiro para em seguida enfiá-lo no bolso do peito.



— Ele lhe foi emprestado para um propósito certo, caso seja da sua vontade — ela comunicou, solenemente.

— É muito da minha vontade — ele aquiesceu.

Ela não ousou dizer mais nada; mas enquanto o seu sobrinho virava as costas para ela, com passos deveras leves de contentamento, lady Monk quase sentiu que havia sido enganada. Por mais pesados que fossem os problemas de Burgo, o toque do dinheiro vivo fazia com que ele sentisse todas as suas tribulações curadas por ora.

Na manhã do dia da festa de lady Monk, algumas poucas palavras desconfortáveis foram trocadas entre Mr. Palliser e sua esposa.

— Então, a sua prima não vai? — ele indagou.

— Alice não vai.

— Então, pode ceder um assento em sua carruagem para Mrs. Marsham?

— Impossível, Plantagenet. Pensei ter dito que havia convidado minha prima Jane.

— Mas você pode levar três.

— Na verdade, não posso, a não ser que queira que eu me sente com o cocheiro.

Houve alguma coisa nisto – um tom alto; um toque daquilo que chamava de vulgaridade – que o deixou muito irritado. Então, ele deu as costas para ela, com o semblante tão fechado quanto um céu de trovões.

— Você deve saber, Plantagenet, que é impossível três mulheres vestidas caberem numa carruagem — ela continuou. — Tenho certeza de que não gostaria de me ver depois, se eu fosse uma dessas mulheres.

— Não precisava ter dito nada a lady Jane quando Miss Vavasor recusou. Eu lhe pedi antes disso.

— E eu lhe respondi que gosto de ir com damas jovens, e não velhas. Eis o resumo da ópera.

— Glencora, gostaria que não usasse tais expressões.

— O quê? “O resumo da ópera”? Mas é um bom linguajar. Tão bom quanto o de Mr. Bott, que disse na Câmara, noites atrás, que o governo mantinha a sua contabilidade de pernas para o ar. Viu? Tenho estudado os debates; você não deveria ficar com raiva de mim.

— Não estou com raiva. Você parece uma criança quando diz essas coisas. Então, suponho, a carruagem virá buscar Mrs. Marsham após lhe levar?

— Ela a buscará antes. Jane não estará com pressa, e eu certamente não estarei.

— Ela vai considerá-la muito mal-educada; isso é tudo. Eu disse a ela que poderia ir com você quando soube que Miss Vavasor não iria.

— Então, Plantagenet, você não deveria ter dito isso a ela; eis o resumo... Mas não devo mais falar assim. A verdade é esta: se me der ordens, vou obedecê-las – até onde eu puder. Mas se eu for deixada para decidir o que fazer, não é justo ser repreendida depois.

— Eu nunca a repreendi.

— Repreendeu, sim. Você me disse que eu era mal-educada.

— Eu disse que ela pensaria isso.

— Então, se é apenas o que ela pensará, não dou a mínima. Ela pode ter a carruagem se quiser, mas não me verá nela – a não ser que me ordene. Eu não gosto dela, e não vou fingir que gosto. Minha crença é que ela me segue para me delatar a você se achar que eu estou fazendo alguma coisa errada.

— Glencora!

— E aquele odioso babuíno de barba ruiva faz a mesma coisa, só que ele vai falar para ela porque não tem coragem de falar a você.

Plantagenet Palliser foi acometido pelo desalento. Ele sabia muito bem quem a sua esposa estava descrevendo; mas ela categorizar qualquer homem como um babuíno ruivo era terrível em sua opinião! Ele estava começando a achar que pouco sabia como conduzir sua esposa. E a imagem que ela desenhara foi muito perturbadora para ele. Ela não conhecera a mãe – e nem ele –, e Mr. Palliser desejara que Mrs. Marsham pudesse dar a ela um pouco da assistência e orientação maternas que uma mãe concede à jovem filha esposada. Era verdade, realmente, como ele bem sabia, que uma ou duas palavras de natureza socialmente domésticas haviam sido filtradas até ele por Mr. Bott, em Matching Priory, mas apenas para que pudesse ver qual conselho era necessário dar. Quanto à espionagem sobre sua esposa, nenhum homem desprezaria isso mais do que ele! Nenhum homem seria menos

capaz de utilizar tal recurso! E agora a sua esposa o acusava de manter espiões – tanto do sexo masculino quanto do feminino.

— Glencora! — ele repetiu, e depois parou, sem saber o que dizer a ela.

— Bom, querido, é melhor que saiba desde já como me sinto sobre isso. Não creio que eu seja muito boa; na verdade, ousou dizer que sou bastante má, mas estas pessoas não me farão melhorar em nada. Essas babás vão tomar o emprego das moças espanholas.

— Babás?!

Depois dessa, lady Glencora se sentou, e Mr. Palliser permaneceu de pé por alguns minutos, olhando para ela.

Tudo terminou com um longo discurso dele a ela, no qual Mr. Palliser expôs muito sobre ser justo e paciente, e mais alguma coisa sobre a frivolidade e ciancice dela. Disse a Glencora que sua única queixa contra ela era que ela era jovem demais. Ao ouvir tais palavras, ela fez uma careta – não para ele, mas para si, como se estivesse dizendo a si mesma que isso era tudo o que ele sabia sobre tudo. Mr. Palliser não notou a careta, e, se notou, sua percepção não travou sua eloquência. Ele garantiu que estava longe de manter qualquer espião, e declarou que ela estava completamente enganada quanto ao caráter de Mrs. Marsham. Então, ela fez mais uma pequena careta. “Há alguém que está mais enganado do que eu”, a careta dizia. Sobre o babuíno ruivo, ele se dignou a se manter calado, e encerrou com um beijo frio nela, falando que a encontraria na casa de lady Monk.

Quando a noitinha chegou – ou melhor, a noite –, a carruagem foi, primeiramente, buscar Mrs. Marsham e, após entregá-la na casa de lady Monk, retornou a Park Lane para levar lady Glencora. Depois, ela foi guiada até St. James’s Square para pegar lady Jane, de modo que o cocheiro e os cavalos não ficaram nada felizes.

— Queria que ele tivesse arranjado outra carruagem para ela — contou lady Glencora à sua prima Jane, após perceber que seus criados não estavam de bom-humor.

— Teria saído caro — opinou lady Jane.

— Sim, teria saído caro — concordou lady Glencora.

Ela não se dignou a fazer qualquer comentário sobre a falta de importância de uma despesa como aquela para um homem tão rico quanto o seu marido, sabendo que a fortuna dele era, na realidade, dela. Nunca para ele, ou para qualquer outra pessoa – e nem mesmo para si mesma – lady Glencora insinuou que muito se devia a ela por ter sido uma herdeira magnífica. Havia muitas coisas sobre aquela mulher que poderiam não ser completamente aquilo que um marido esperaria. Ela não era delicada e suave em tudo; mas em disposição e temperamento, era completamente generosa. Eu não sei se ela poderia ser considerada uma dama em todos os aspectos, mas, se o Destino

assim tivesse querido, Glencora teria sido um autêntico cavalheiro.

Mrs. Marsham não se sentiu nem um pouco satisfeita com o jeito como havia sido tratada. Ela não teria ido à festa de lady Monk se soubesse que teria de fazer a sua entrada sozinha. Se estivesse acompanhada de lady Glencora, ela pareceria estar recebendo algum tipo de homenagem certamente prestada pela sua acompanhante. Além disso, a carruagem chegou antes que ela estivesse totalmente pronta, e o criado, enquanto permanecia ao lado da porta para ajudá-la a entrar, fora bastante rude. Ela compreendeu tudo muito bem. Mrs. Marsham sabia que lady Glencora se recusara categoricamente a tê-la como companhia; e se ela desejava vingança, tal decisão da sua parte era meramente natural. Quando chegou à casa de lady Monk, ela precisou subir as escadas sozinha. Os empregados a chamaram de “Mrs. Marsh”, e sob este nome foi levada à sala de estar frontal. Lá, ela se sentou, sem ainda ter visto lady Monk, meditando sobre as ofensas que havia recebido.

Já passavam das 11 horas, e lady Glencora ainda não tinha chegado. Burgo começou a achar que as suas estrelas malignas pretendiam que ele nunca mais a visse. Ele fora cruelmente impedido em Monkshade – por qual influência, jamais descobriu; agora, ele achava que a mesma influência estava trabalhando para manter lady Glencora novamente longe da casa da sua tia. Ele não criara nenhum plano de missão cuidadoso em sua cabeça; em seus pensamentos, não jazia qualquer resolução sobre como faria aquilo sobre o qual meditava. Ele tentara conceber algum plano; mas, como é o caso de todos os homens para quem planejamentos são operações estranhas, concluiu, enfim, que seria melhor deixar o curso dos eventos decidir. Era, entretanto, obviamente necessário que visse lady Glencora antes que o curso de eventos pudesse decidir qualquer coisa por ele. Ele havia escrito para ela, feito sua proposta ousada, e sentira que, se ela estivesse completamente determinada a refutá-lo, a raiva dela ante sua sugestão, ou ao menos sua recusa, teria chegado aos seus ouvidos de alguma forma. O silêncio, de modo algum, traduzia o consentimento dela, mas parecia mostrar que tal consentimento não era impossível. Das dez aos primeiros minutos das 11 horas, ele se manteve perto das escadarias da casa da sua tia, esperando pelo nome que tanto desejava ouvir, e que quase temia ouvir. Homens falavam com ele, e mulheres também, mas Burgo mal respondia. Em certo momento, sua tia o chamou em sua câmara, e com um franzido de cenho admonitório, pediu que ele fosse dançar.

— Não pareça tão preocupado — ela aconselhou, num sussurro.

Mas ele balançou a cabeça para ela, quase selvagememente, retirou-se do aposento, mas não foi dançar. Dançar! Como ele poderia dançar com uma ansiedade tão grande em mente? Até mesmo para Burgo

Fitzgerald, a tarefa de fugir com a esposa de outro homem continha algo que o impedia de desejar dançar. Lady Monk era mais velha, e sabia regular seus sentimentos com mais exatidão; mas Burgo, que não conseguia dançar, desceu à sala de jantar e foi beber. Ele pegou uma grande caneca de cerveja cheia de champagne, e logo depois, pegou outra. A bebida não corou as suas bochechas, enrubescou sua testa, ou fez brotar gotas de suor sobre seu cenho, como faz com alguns homens; mas somou um brilho especial aos seus olhos azuis. Era graças ao brilho dos seus olhos que os homens sabiam quando Burgo havia bebido.

Enfim, enquanto ainda estava na sala de jantar, ele ouviu o nome de lady Glencora ser anunciado. Ele já havia visto Mr. Palliser chegar e subir as escadas 25 minutos antes; mas, quanto a isso, ele se mostrou indiferente. Ele sabia que o marido estaria lá. Quando o tão esperado nome alcançou a sua audição, o seu coração pareceu pular dentro dele. O que, no calor do momento, deveria fazer? Enquanto resolvia o que fazer – e resolvia que algo precisava ser feito, fosse o que fosse –, ele correu até a porta da sala de jantar bem a tempo de ver e de ser visto enquanto lady Glencora subia as escadas. Ela caminhava logo acima quando ele invadiu o saguão, de modo que não havia jeito de cumprimentá-la com um toque; mas a encarou e flagrou seu olhar. Ele olhou para ela e ergueu a mão num gesto de saudação. Ela olhou para baixo, na direção dele, e a expressão em seu rosto se alterou visivelmente quando seus olhares se cruzaram. Ela mal o cumprimentou – fazendo-o com os olhos, em vez da cabeça, mas ele se sentiu encantado ao ver que, de modo algum, havia raiva no semblante dela. Como ele parecia bonito ao admirá-la, encostado contra a parede, observando-a subir as escadarias lentamente! Ela sentiu seus olhos a seguindo, e no ponto em que as escadas faziam uma curva, não conseguiu se impedir de procurá-lo outra vez. Quando os olhos dos dois se encontraram mais uma vez, a boca dele se abriu, e ela pensou ter escutado o fraco suspiro que ela proferira. Era uma boca gloriosa – tão gloriosa quanto aquelas com as quais os velhos escultores agradeciam seus deuses de mármore! E Burgo, se era real que não tinha coração o bastante para amar verdadeiramente, parecia ser capaz de amar. Não era de sua natureza ludibriar – ou o que os homens chamavam de “fingir”. A expressão lhe surgiu naturalmente, ainda que expressasse muito mais do que sentia por dentro; como palavras fortes ditas por certos homens que não possuem a compreensão de que estão falando fortemente. Naquele instante, Burgo Fitzgerald aparentava que poderia morrer de amor.

Lady Glencora foi recebida no topo das escadas por lady Monk, que saía para vê-la, quase pisando na galeria, com seu sorriso mais doce – na intenção, obviamente, de que a convidada recém-chegada a

seguisse até a pequena câmara. Lá, estava sentada a duquesa de St. Bungay em seu banquinho no canto. Perto da duquesa, mas, naquele instante, livre de qualquer conversa, via-se Mr. Bott. Havia outra dama – que era bastante alta –, a quem lady Monk se sentira muito feliz em dar as boas-vindas – a jovem marquesa de Hartletop. Ela vestia leves roupas de luto, pois o seu sogro, o finado marquês, não havia completado nem seis meses morto. Era uma mulher muito bonita, cuja presença, fosse no lar de damas ou de cavalheiros, era igualmente valorizada. Ela nunca dizia bobagens, como a duquesa; nunca criava conflito por causa do modo como era tratada pelas pessoas; era sempre gentil, mas nunca permitia a criação de intimidade; era, sem igual, a mulher mais bem-vestida de Londres, mas nunca se exibia – além disso, era estonteantemente linda. Somente o seu sorriso já era amável. Havia, de fato, pessoas que diziam que ele nada significava; de todo modo, o que o sorriso de uma jovem mulher esposada deveria significar? Ela não nascera na aristocracia, como lady Glencora; seu pai era um clérigo do campo que nunca conquistara uma posição mais alta que a de um arcediogo, mas ela sabia transitar pela alta sociedade, e sabia, melhor que a pobre Glencora, o que um marido rígido demandaria dela. Ela nunca teria insultado um homem de babuíno de barba ruiva; nunca diria “eis o resumo da ópera”; nunca perambularia entre as ruínas nas noites de inverno. Ela não fazia amizades rápidas com damas detestadas pelo seu senhor. Ela, de fato, fora, certa vez, abordada por um admirador após se casar – o próprio Mr. Palliser fora o encarregado da ofensa –, mas ela transformara o caso em créditos infinitos e lucros; ganhara a confiança mais íntima de seu marido ao contar tudo, sem provocar qualquer colisão hostil; e, até mesmo, dispensou o seu admirador sem magoá-lo. Lady Hartletop era, afinal, um milagre de mulher!

Lady Glencora não era um milagre. Embora houvesse nascido aristocrata, era feita de carne e sangue comuns, e, conforme adentrava a pequena câmara de lady Monk, sentiu dificuldades para se recuperar o suficiente para os propósitos de uma conversa ordinária.

— Querida lady Glencora, entre por um instante em meus aposentos. Nós ficamos tão tristes por não ter ido a Monkshade. Ouvimos coisas tão horríveis acerca da sua saúde.

Lady Glencora explicou que fora um mero resfriado – um resfriado ruim.

— Oh, sim, ouvimos alguma coisa sobre luz do luar e ruínas. É tão sua cara, sabia? Amo esse tipo de coisa mais do que todo mundo; mas não fez bem, fez? As circunstâncias foram tão rígidas. Acho que a senhora conhece lady Hartletop – e lá está a duquesa de St. Bungay. Mr. Palliser esteve aqui há cinco minutos.

Lady Monk, então, foi obrigada a atender à porta outra vez, e

lady Glencora se viu próxima de lady Hartletop.

— Vimos Mr. Palliser passar há pouco — contou lady Hartletop, que foi capaz de cumprimentar e falar com o homem que ousara cortejá-la, sem o menor nervosismo.

— Sim, ele disse que viria — respondeu lady Glencora.

— Há tantas pessoas — comentou lady Hartletop. — Não achei que Londres fosse tão cheia.

— Várias pessoas — aquiesceu lady Glencora, de modo que disseram entre si tudo aquilo que era requisitado pela sociedade. Lady Glencora, como sabemos, tagarelava sem parar com imprudente veemência se simpatizasse com sua companhia; mas a outra dama raramente se prestava a despejar mais palavras do que aquilo — a não ser que estivesse se dirigindo à sua dama de companhia.

— Como está bonita — elogiou a duquesa. — E ouvi dizer que esteve adoentada.

Quanto à escapada à meia-noite entre as ruínas, lady Glencora estava destinada a nunca mais se livrar dos comentários.

— Como vai, lady Glencowrer? — ela escutou soar, conforme uma pata ruiva era estendida para tomar a sua mão. Mas, depois do que se discutira naquele mesmo dia entre lady Glencora e seu marido sobre Mr. Bott, ela decidiu que não aceitaria a mão dele.

— Como vai, Mr. Bott? — ela respondeu. — Acho que vou procurar Mr. Palliser na sala dos fundos.

— Cara lady Glencora — sussurrou a duquesa, em um êxtase de agonia.

Lady Glencora se virou e cumprimentou com a cabeça a sua amiga robusta.

— Deixe-me acompanhá-la. Aquela dama, Mrs. Conway Sparkes, está a caminho, e a senhora sabe que eu a odeio.

Ela não tinha mais opção, senão tomar a duquesa sob sua asa e atravessar a grande sala juntas. É, acredito eu, mais provável que Mrs. Conway Sparkes fosse trazida por lady Monk como única solução para remover a duquesa de seu banquinho.

Dentro do salão de dança, lady Glencora encontrou seu marido, parado num canto, aparentando estar fazendo algum cálculo.

— Eu estou indo embora — ele informou, aproximando-se dela. — Só vim porque disse que viria. Você vai demorar?

— Oh, não. Suponho que não.

— Você vai dançar?

— Talvez uma vez, só para mostrar que não sou uma velha.

— Não se canse. Adeus.

Então, ele se foi, e na multidão que transitava pela porta, passou por Burgo Fitzgerald, cujos olhos estavam fixados intensamente em sua esposa. Ele encarou Burgo, e uma lembrança das antigas

esperanças daquele jovem rapaz piscou em sua mente – uma lembrança, também, de um conselho de precaução que lhe fora sussurrado; mas, nem por um instante, uma suspeita de que deveria parar e observar a sua esposa lhe cruzou a cabeça.

CAPÍTULO 50

COMO LADY GLENCORA VOLTOU DA FESTA DE LADY MONK

Burgo Fitzgerald permaneceu encostado por um ou dois minutos onde o vimos pela última vez – contra a parede da sala de jantar no fundo das escadarias; enquanto isso, alguns pensamentos quase solenes cruzavam a sua mente. Esta coisa que ele estava prestes a fazer, ou a tentar – era realmente uma coisa boa, e faria bem àquela que supostamente amava? Como seria o futuro dela se concordasse em ir com ele, e se separasse do marido? Sobre o seu próprio futuro, ele nada pensou. Ele nunca havia pensado. Até quando se viu inicialmente atraído pela reputação da riqueza dela, não pode ser dito que Burgo avaliou com qualquer prudência como seriam os anos futuros. O seu desejo de se colocar de posse de uma fortuna tão magnífica simplesmente o impelira, do mesmo modo como teria sido impelido a apostar alto numa mesa de cartas. Mas agora, naquele instante, ele pensou um pouco nela. Quando as mulheres deixassem de reconhecê-la; quando os homens a julgassem baixa e desonrada; quando a sociedade se fechasse para ela; quando fosse forçada a viver no caos ao ser negada a serenidade e as graças de uma vida tranquila, seria ela feliz, só porque ele a amava? Burgo compreendia bem como era a natureza de tal vida para uma mulher em tais circunstâncias. Seria Glencora feliz vivendo tal vida simplesmente porque ele a amava? E, sob tais circunstâncias, seria possível continuar a amá-la? Por acaso, ele não sabia que era o mais inconstante dos homens, e o menos confiável? Encostado, assim, contra a parede no fundo das escadarias, ele se fez todas essas perguntas com uma faísca de sentimento verdadeiro no coração, e quase se convenceu de que seria melhor pegar seu chapéu e marchar errantemente em direção às ruas. Pouco importava o que aconteceria a ele. Se ele pudesse beber até ser retirado do mundo, seria um fim para todas as coisas indesejadas.

Então, a recordação das 200 libras da sua tia emergiu em sua mente; da verba que atualmente tinha em seu poder – e uma certa noção de honra lhe disse que ele estava atado a obrigação de fazer aquilo pelo qual o dinheiro fora dado. Quanto a falar à tia que mudara de ideia, e, portanto, ressarcir a quantia, tal ideia não era, para ele, possível! Devolver 200 libras inteiras – 200 libras que já estavam em suas mãos –, não combinava com a extensão da generosidade de Burgo. Ao se lembrar do dinheiro, ele concluiu que a hesitação já não era mais possível. Então, ele se acalmou, levantou os braços acima da cabeça, soltou um bocejo audível para todos ao seu redor ouvirem, e se levou escada acima.

Ele deu uma espiada na câmara da tia, e lá a viu e foi visto por

ela.

— E então, Burgo, você dançou? — ela perguntou, com o sorriso mais doce.

Deu as costas para ela sem responder, murmurando algo sobre “Jezebel de sangue-frio” por entre os dentes. Se ela tivesse ouvido, tê-lo-ia considerado o homem mais ingrato do mundo. Mas ela não ouviu, e continuou sorrindo enquanto ele se afastava, falando algo a Mrs. Conway Sparkes sobre a grande mudança para a melhor que havia ocorrido à conduta do seu sobrinho.

— Não há como saber quem é capaz de ser reformado — filosofou Mrs. Sparkes, com uma ênfase que pareceu quase grosseira a lady Monk.

Burgo atravessou a sala frontal primeiro para chegar ao salão onde a dança estava em progresso, e lá viu lady Glencora numa quadrilha com o marquês de Hartletop. Lorde Hartletop era um homem tão dado a conversas quanto sua esposa, e lady Glencora parecia se mover sentindo tão pouca satisfação com a dança quanto com a companhia do parceiro. Ela estava se dispondo a dançar, porque, como dissera a Mr. Palliser, damas da sua idade geralmente se dispunham em tais ocasiões. Burgo a assistiu enquanto cruzava e recruzava o salão e, enfim, ela percebeu sua presença. Notá-lo não causou nenhuma mudança nela, exceto deixá-la menos animada do que já estava. Ela fingia que não o via, e se proibia de iniciar uma conversa fiada com seu parceiro porque ele estava lá. “Eu vou até ela imediatamente e a convidarei para uma valsa”, Burgo pensou, quando a parte final da quadrilha começou. “Eu posso convidá-la tanto quanto posso convidar qualquer outra moça”. Logo, a música cessou, e após um minuto de intervalo, lorde Hartletop levou sua parceira pelo braço para outra sala. Burgo, que estivera perto da porta, seguiu-os imediatamente. Havia muitas pessoas, de modo que não conseguiu se aproximar deles, ou mesmo mantê-los sob vista, mas ele sabia para onde eles estavam indo.

Passaram-se cinco minutos até ele a ver novamente. Lady Glencora estava sentada em um banco de palha na galeria; uma velha senhora se postava ao seu lado, falando com ela. Era Mrs. Marsham a alertando contra alguma imprudência insignificante. Lady Glencora dizia à dama que não precisava de tais conselhos em palavras quase tão curtas quanto as que usei. Lorde Hartletop a havia deixado, sentindo que, no que lhe dizia respeito, ele cumprira com suas obrigações pelo resto da noite. Burgo nada sabia sobre Mrs. Marsham — ele nunca a havia visto antes, e não fazia ideia de que ela tinha alguma conexão especial com Mr. Palliser. Seria impossível, ele raciocinou, encontrar lady Glencora numa posição melhor para sua proposta; então, ele foi até ela, atravessando a multidão. Ele

murmurou algumas palavras levemente inaudíveis e ofereceu a sua mão.



— Agradeço o conselho, Mrs. Marsham — lady Glencora falou naquele momento. — Por favor, não se incomode mais.

Ela, então, deu a mão a Fitzgerald. Ainda que fosse estranha a ele, Mrs. Marsham tinha uma boa ideia da identidade do rapaz, e de qual era sua ligação com a esposa do seu amigo. Ela havia ouvido tudo sobre a história de amor entre Burgo e lady Glencora. Embora Mr. Palliser nunca tivesse mencionado o nome do homem a ela, Mrs. Marsham sabia que seria oportuno se, em seu expediente de babá, mantivesse os dois olhos abertos caso ele se aproximasse do seu rebanho. E lá estava ele, perto do rebanho, praticamente encostado a ele, com a mão de seu antigo amor — a mão da esposa de Mr. Palliser — entrelaçada à sua! Como lady Glencora teria se comportado naquele instante caso Mrs. Marsham não estivesse ali, é inútil presumir; mas deve ser entendido que, sob os olhos atentos de Mrs. Marsham, toda a resolução dela estava a favor de Burgo. Ela o encarava com suavidade e gentileza, e embora não proferisse nenhuma palavra articulada, seu semblante parecia mostrar que o encontro não lhe era desagradável.

— Aceita uma valsa? — indagou Burgo, convidando-a não como se aquele fosse um favor especial; convidando-a como teria feito se eles estivessem habituados a dançar um com o outro por quase todas as noites dos últimos três meses.

— Não creio que lady Glencora dançará valsas esta noite — retorquiu Mrs. Marsham, muito rigorosamente.

Ela certamente não sabia se portar muito bem como babá; pois

deixara a gravidade do crime do convite de Burgo a atingir com força suficiente para arrebatá-la sua presença de espírito. Se soubesse, teria notado que uma resposta daquelas com certeza provocaria na esposa de seu amigo um sentimento de pura hostilidade.

— E por que não, Mrs. Marsham? — questionou lady Glencora, levantando-se da sua cadeira. — Por que não devo valsar esta noite? Pois eu acho que vou, especialmente porque Mr. Fitzgerald dança valsas muito bem.

Dizendo isto, ela pôs a mão sobre o braço de Burgo.

Mrs. Marsham fez mais um pequeno esforço — um pequeno esforço que provavelmente foi involuntário. Ela estendeu a mão e a pôs sobre o ombro esquerdo de lady Glencora, encarando a face da moça enquanto o fazia com toda a severidade de reprimenda da qual era dona. Lady Glencora se esquivou de sua babá com irritação. Se iria depositar seu destino nas mãos daquele homem que agora a tocava, ou se não depositaria, ela ainda não havia decidido; mas de uma coisa estava certa: nada do que fosse dito por Mrs. Marsham teria qualquer efeito de impedimento.

O que Mrs. Marsham poderia fazer? Mr. Palliser já havia ido embora. Um rumor sobre a proposta visita a Monkshade, e o modo como ela fora evitada, tinham chamado a sua atenção. Ela ouvira sussurros de que Fitzgerald ainda se atrevia a amar a dama, agora casada, que amara antes de ela se casar. Havia rumores de que ele ainda conservava estas mesmas esperanças. Mrs. Marsham nunca acreditou que a esposa de Mr. Palliser trairia seus votos. Não fora por medo de uma catástrofe dessa natureza, como uma fuga categórica, que ela tomara para si a função de babá. Lady Glencora necessitaria, sem dúvida, ser prensada naquele molde de decência que significava se tornar esposa de um Mr. Palliser, de modo a assumir sua forma apropriada; e Mrs. Marsham acreditava ser capaz de prensá-la e de modificá-la. Não ocorrera a ela, até então, que seria preciso que ela protegesse Mr. Palliser da inegável desonra, mas agora — agora ela mal sabia o que pensar. O que ela faria? Para quem iria? E então, ela viu Mr. Bott se engrandecendo diante de seus olhos no topo das escadarias.

Enquanto isso, lady Glencora prosseguiu em direção aos dançarinos, apoiando-se no braço de Burgo.

— Quem era aquela mulher?

Tais foram as primeiras palavras que ele disse a ela, ainda que lhe houvesse escrito uma carta desde a última vez que a vira — carta, esta, que ela carregava, mesmo agora, consigo. A voz dele em seus ouvidos soou como costumava soar quando eram íntimos, e questões como aquela que ele fizera eram comuns entre os dois. E a resposta dela carregou a mesma natureza.

— Oh, que mulher odiosa! — ela se queixou. — O nome dela é Mrs. Marsham, e ela é a minha *bête noire*.^[88]

Então, eles, de fato, passaram a dançar, rodopiando juntos ao redor do salão, antes que uma palavra sobre o propósito decidido de Burgo – e que algumas vezes também era o propósito decidido dela – fosse dita.

Burgo valsou com excelência, e nos velhos tempos, antes do casamento dela, lady Glencora fora apaixonada pela dança. Ela parecia se entregar agora como se esses velhos tempos houvessem voltado para ela. Lady Monk, que deslizara até a porta intermediária entre sua câmara e o salão de dança, assistiu-os, e depois deslizou de volta para seu quarto. Mrs. Marsham e Mr. Bott estavam juntos, bem no interior da outra porta, perto das escadarias, também assistindo – com horror.

— Ele não devia ter ido embora e a deixado — disse Mr. Bott, quase roucamente.

— Mas quem teria imaginado isso? — comentou Mrs. Marsham. — Eu não teria.

— Não será melhor a senhora contar a ele? — indagou Mr. Bott.

— Mas não sei onde encontrá-lo — respondeu Mrs. Marsham.

— Eu não quis dizer agora — explicou Mr. Bott. — A senhora crê que é tão ruim quanto parece? — ele adicionou.

— Eu não sei o que pensar — afirmou Mrs. Marsham.

Os valsistas prosseguiram até que foram parados pela falta de fôlego.

— Falta-me muita prática — justificou lady Glencora. — Eu não achei... que conseguiria... dar um passo na dança.

Então, ela ergueu o rosto, e abriu levemente a boca, expandindo as narinas – assim como fazem as damas e os cavalos quando a corrida é severa e precisam de ar.

— Dance comigo outra vez — ele pediu.

— Daqui a pouco — ela respondeu, começando a se questionar se Mrs. Marsham a assistia. Então, houve uma pequena pausa. Após tal parada, ele falou numa voz alterada.

— Está se sentindo como nos velhos tempos? — ele perguntou.

Era, é claro, necessário que ele a guiasse até uma reflexão da verdade. Dançar com ela, como costumavam dançar, sem qualquer razão para questionar a situação, era muito doce; um recaída aos velhos hábitos, como se tudo que tivesse acontecido entre esta noite e as anteriores houvesse sido um sonho; mas isso não favoreceria as suas perspectivas. A oportunidade chegara, e ele precisava usá-la; se é que pretendia, alguma vez, usar esta oportunidade. Havia 200 libras em seu bolso que ele não tencionava devolver.

— Está se sentindo como nos velhos tempos? — ele voltou a

perguntar.

As palavras a despertaram de seu sono imediatamente, e dissiparam seu sonho. Os fatos caíram como cascata diante de seus olhos: a carta em seu bolso; o pedido que fizera a Alice, para que ela fosse induzida a protegê-la deste perigo; as palavras que o seu marido lhe tinha dito pela manhã, e a fúria que sentira contra Mr. Palliser por submetê-la à vigilância de Mrs. Marsham; sua própria mente indecisa – bastante indecisa se seria melhor ir ou ficar! Tudo caiu como cascata ao ouvir as primeiras palavras de ternura de Burgo.

Muitas vezes, é dito que a mulher que hesita está perdida – tantas vezes que, aqueles que dizem isso agora, simplesmente dizem porque outros disseram antes deles, nunca refletindo se há, ou não, verdade no provérbio. Mas aqueles que disseram isso, refletindo sobre suas palavras enquanto as pronunciavam, pouco sabiam sobre as mulheres. As mulheres hesitam todos os dias, mas enfim resolvem suas hesitações acertadamente; algumas impelidas pelo medo, muitas pela consciência, mas a maioria por aquela sabedoria meio-prudente, meio-inconsciente do que é apropriado, útil e melhor sob determinada circunstância, o que raramente prejudica homens ou mulheres até que tenham se levado ao estado de irresponsabilidade de Burgo Fitzgerald. Quando são vítimas disso, homens ainda mantêm alguma aparência para o mundo; mas mulheres nestas condições desafiam o mundo, e se declaram filhas da perdição. Lady Glencora hesitava intensamente; mas, mesmo hesitando, ela ainda não estava perdida.

— Está se sentindo como nos velhos tempos? — perguntou novamente.

Ela foi conduzida a responder, sabendo que muito seria decidido pela forma como falaria agora.

— Você não deve falar sobre isso — ela pediu, muito suavemente.

— Não devo? — agora, com a língua libertada, ele começou a falar rapidamente. — Não devo? E por que não? Aqueles foram dias felizes – tão felizes! Você não se sentiu feliz quando achou que...? Ah, querida! Suponho que seja melhor nem pensar nisso, não?

— Muito melhor.

— Só que é impossível. Quisera eu conhecer o interior do seu coração, Cora, para que pudesse ver o que você realmente deseja.

Nos velhos dias, ele sempre a chamara de Cora, e o nome agora saía de seus lábios para entrar nos ouvidos dela como se fosse algo costumeiro, causando nenhuma surpresa. Eles estavam nos fundos, atrás do círculo, quase em um canto, e Burgo sabia bem como falar em tais momentos, de modo que suas palavras fossem audíveis para ninguém mais, exceto àquela com quem falava.

— Você não devia ter me procurado — ela declarou.

— E por que não? Quem mais tem direito de procurá-la? Quem

mais a amou tanto quanto eu a amei? Cora, você recebeu a minha carta?

— Venha, vamos dançar — ela chamou. — Vejo um par de olhos nos observando.

O par de olhos que lady Glencora avistara pertenciam a Mr. Bott, que estava a sós, apoiado contra a lateral da entrada. De vez em quando, ficava na ponta dos pés, de modo que pudesse observar os pecadores de uma posição vantajosa. Ele, de fato, estava sozinho. Mrs. Marsham o havia deixado e partido na carruagem da própria lady Glencora, em direção a Park Lane, tencionando encontrar Mr. Palliser lá, caso ele estivesse em casa.

— Será que eu não vou causar um estrago? — Mrs. Marsham perguntara, quando Mr. Bott sugeriu esta linha de conduta.

— Haverá um estrago maior se a senhora não for — Mr. Bott respondera. — Ele pode voltar e fazer o que quiser. Vou ficar de olho nos dois.

E, assim, ele ficou de olhos nos dois.

Mais uma vez, eles rodopiaram pelo salão – ou aquela pequena parte do salão que a multidão invasora havia deixado para os dançarinos –, como se estivessem aproveitando a coisa toda, em total inocência. Mas outros os observavam e refletiam. A duquesa de St. Bungay os viu, e balançou a cabeça tristemente – pois a duquesa possuía um bom coração. Mrs. Conway Sparkes os viu, e continuou bebendo com forte apetite – como um homem sedento por vinho que se satisfaz com champagne –, pois Mrs. Conway Sparkes não possuía um bom coração. Lady Hartleup os viu, e simplesmente levantou as sobrancelhas. Aquilo não significava nada para ela. Ela gostava de saber o que estava acontecendo; tal sabedoria era, às vezes, útil, mas, quanto ao seu coração – o que possuía, em tais questões, não era bom ou mau. O seu sangue circulava com uma precisão ordinária, e, quanto a este aspecto, nenhuma outra mulher tinha um coração melhor. Lady Monk os viu, e um franzido se formou em seu cenho. “Que tolo!”, ela pensou consigo. Ela sabia que Burgo não se ajudaria se atraísse a atenção de todos os convidados durante sua tentativa. Enquanto isso, Mr. Bott continuou onde estava, erguendo-se ainda mais alto na ponta dos dedos, e endireitando as costas contra a parede.

— Você recebeu a minha carta? — Burgo insistiu, assim que um instante de pausa lhe deu fôlego para falar.

Ela não respondeu. Talvez não tivesse recuperado o fôlego tão rapidamente quanto ele. Mas, é claro, ele sabia, que ela a havia recebido. Ela logo teria respondido se nenhuma carta dele houvesse chegado em suas mãos, ou a alcançado.

— Vamos subir — ele chamou. — Preciso falar com você. Oh, se

soubesse o que sofri quando não veio a Monkshade! Por que não foi até lá?

— Queria não ter vindo até aqui — ela admitiu.

— Só porque me viu? Isso, de maneira alguma, é gentil de sua parte.

Eles desciam as escadas lentamente, passando pela multidão, em direção à sala de jantar. Todos agora estavam concentrados nos comes e bebes, e eles só estavam imitando o que os outros estavam fazendo. Lady Glencora não pensava aonde ia, porém, ao levantar a cabeça, enquanto era impressada nas escadas, os seus olhos encontraram os de Mr. Bott. “Um homem que me trata assim, merece que eu o abandone”. Esse foi o pensamento que cruzou sua mente naquele momento.

— Vou pegar um pouco de champagne com água para você — ofereceu-se Burgo. — Eu sei que é assim que você gosta.

— Não pegue nada para mim — ela pediu. Eles, agora, haviam entrado na sala, e, portanto, escapado do olhar de Mr. Bott por ora. — Mr. Fitzgerald... — agora suas palavras haviam se tornado sussurros em seus ouvidos. — Faça o que pedi. Pelos velhos tempos que o senhor mencionou; os velhos e queridos tempos que jamais poderão voltar...

— Por Deus! Eles poderão! — ele protestou. — Eles poderão, e voltarão!

— Nunca. Mas o senhor ainda pode me fazer uma gentileza. Afastede-se e me deixe. Vá até o louceiro e não volte mais. O senhor me causa um dano ao se manter por perto.

— Cora... — ele falou.

Mas ela havia recuperado a sua presença de espírito agora, e entendia o que estava acontecendo. Ela não estava mais sonhando. As palavras e coisas sustentavam novamente seus significados apropriados.

— Eu não aceitarei isso, Mr. Fitzgerald — ela rebateu, falando quase com fervor. — Eu não aceitarei. Faça o que pedi. Vá, deixe-me e não retorne. Eu já disse que estamos sendo observados.

Isto ainda era verdade, pois Mr. Bott tinha, outra vez, os olhos sobre eles, perto da porta da sala de jantar. Qualquer que fosse a recompensa pela qual ele estava trabalhando — um secretariado particular, ou algo assim — devemos admitir que ele estava trabalhando com afinco. Mas há aqueles labores que são os labores do amor.

— Quem está nos observando? — Burgo indagou. — E por que importa? Se você está decidida a fazer o que lhe pedi...

— Mas eu não estou tão decidida. Não sabe que me insulta com esta proposta?

— Sim, é um insulto, Cora; a não ser que tal oferta lhe traga alegria. Se deseja ser a minha esposa, em vez de ser a esposa dele, isso não é um insulto.

— Como isso é possível?

O rosto dela não estava virado para ele, e suas palavras saíam meio-pronunciadas, no sussurro mais baixo, mas, ainda assim, ele as ouviu.

— Venha comigo. Viajaremos para fora do país, e você se tornará a minha esposa. Recebeu a minha carta? Faça o que lhe pedi, então. Venha comigo... esta noite.

A insistência urgente da sugestão de fugirem na presente hora a surpreendeu, trazendo-a de volta à realidade.

— Mr. Fitzgerald — ela reagiu. — Eu pedi para que me deixasse. Se o senhor não for, então precisarei me levantar e deixá-lo. Isso será muito mais difícil.

— E isso será tudo?

— Tudo... Ou pelo menos, agora.

Oh, Glencora! Como pôde ser tão fraca? Por que foi crescer tal palavra, “agora”? Na verdade, ela cresceu a palavra naquele instante simplesmente porque sentiu que, assim, conseguiria ser mais facilmente atendida.

— Eu não irei — ele teimou, encarando-a seriamente, postando-se diante dela com a face séria, em completa indiferença a quaisquer olhos que pudessem os estar vigiando. — Eu não irei até que diga que me verá outra vez.

— Eu o verei — ela disse, num sussurro baixo, mas claro.

— Quando? Quando? Quando? — ele questionou.

Ao virar o rosto novamente em direção à entrada, por medo de encontrar os olhos de Mr. Bott, ela viu a figura de Mr. Palliser enquanto ele adentrava o aposento. Mr. Bott também o vira, e tentara segurá-lo pelo braço, mas Mr. Palliser se desviara com aparente indiferença — ele havia se livrado dele sem nem o perceber. Quando viu seu marido, lady Glencora imediatamente recuperou sua coragem. Ela não se acovardaria diante dele, ou se mostraria envergonhada dos seus atos. No tocante à questão, se ele a pressionasse, ela seria capaz de lhe dizer que amava Burgo Fitzgerald, com bem mais facilidade do que se sussurrasse tais palavras para o próprio Burgo. Os odiosos olhos de Mr. Bott continuavam a observá-la, mas o olhar do seu marido ela era capaz de encarar sem titubear.

— Aqui está Mr. Palliser — ela disse, falando de novo em seu tom de voz límpido.

Burgo imediatamente se levantou do seu assento com surpresa, e rapidamente se virou em direção à porta; mas lady Glencora continuou onde estava sentada.

Mr. Palliser atravessou a multidão da melhor forma que pôde para alcançar sua esposa. Ele, também, conservava a compostura sem trair seu segredo. Não havia fúria ou desalento em sua face, e tampouco qualquer pressa nos seus movimentos. Burgo se manteve afastado enquanto ele se aproximava, e lady Glencora foi a primeira a falar.

— Achei que tinha ido para casa horas atrás — ela apontou.

— Eu fui para casa — ele respondeu. — Mas achei melhor voltar para levá-la.

— Que exemplo de marido! Bom, eu estou pronta. Mas o que faremos com Jane? Mr. Fitzgerald, eu deixei a minha echarpe na câmara da sua tia — é uma echarpe pequena, preta e amarela. Importar-se-ia de ir até lá pegá-la para mim?

— Eu pego — anunciou Mr. Palliser. — E comunicarei à sua prima que a carruagem voltará para buscá-la.

— Se o senhor me permitir... — Burgo começou.

— Eu vou — interrompeu Mr. Palliser; e assim partiu, fazendo um lento progresso através da multidão, e deixando Mr. Bott ainda observando perto da porta.

Lady Glencora resolveu que não diria nada a Burgo enquanto seu marido estivesse ausente. Foi um toque de cavalheirismo da parte dele deixá-los juntos novamente, o que, até então, conquistara-a. Ele poderia ter pedido que ela abandonasse a echarpe, e o acompanhasse imediatamente. Além disso, ela vira que ele não falara com Mr. Bott, e se sentiu grata a ele por mais isso. Burgo também parecia estar ciente de que suas chances naquela noite haviam se esgotado.

— Vou lhe dar boa noite — ele disse.

— Boa noite, Mr. Fitzgerald — ela respondeu, dando-lhe a mão.

Ele a apertou por um momento, virou-se e foi embora. Quando Mr. Palliser voltou, Burgo não podia ser mais visto.

Lady Glencora estava na sala de jantar quando seu marido retornou, acompanhado de Mr. Bott. Mr. Bott falara com ela, mas Glencora não dera resposta. Ele falou outra vez, mas o rosto dela permaneceu impassível, como se fosse surda.

— O que nós faremos com Mrs. Marsham? — ela aludiu, num tom bastante alto, enquanto colocava a mão sobre o braço do marido. — Eu me esqueci dela.

— Mrs. Marsham foi para casa — ele explicou.

— Você a viu?

— Sim.

— Quando você a viu?

— Ela foi a Park Lane.

— O que a fez agir assim?

Estas questões foram perguntadas e respondidas enquanto ele a

ajudava a subir na carruagem. Ela entrou assim que fez a última indagação, e ele tomou seu lugar, sem achar necessário respondê-la. Mas isso não bastaria para ela.

— O que fez Mrs. Marsham ir até você em Park Lane, após deixar a festa de lady Monk? — ela repetiu.

Mr. Palliser se manteve quieto, ainda indeciso quanto ao que falaria sobre o tema.

— Suponho que ela tenha ido lhe dizer que eu estava dançando com Mr. Fitzgerald — ela continuou. — Não foi isso?

— Eu acho, Glencora, que é melhor não falarmos sobre isso agora.

— Eu não tenciono conversar sobre isso nem agora, nem nunca. Se não queria me ver com Mr. Fitzgerald, não devia ter me enviado à casa de lady Monk. Mas, Plantagenet, espero que me perdoe se eu disser que nenhuma consideração me induzirá a receber outra vez, em minha própria casa, Mrs. Marsham ou Mr. Bott como convidados.

Mr. Palliser se recusou em absoluto a falar qualquer coisa sobre o assunto naquela ocasião, e, assim, a noite da festa de lady Monk chegou ao fim.

CAPÍTULO 51

OUSADAS ESPECULAÇÕES SOBRE ASSASSINATO

George Vavasor não estava com o humor muito feliz quando deixou Queen Anne Street, após ter atirado seu anel de presente sob a grelha. Na verdade, havia muito em seu estado, no tocante à casa da qual se afastava, que só poderia deixá-lo infeliz. Alice estava comprometida a se tornar sua esposa, e até agora não dissera nada que pudesse mostrar que pensava na possibilidade de romper o noivado, mas ela o tratara de uma maneira que o fizera desejar atirar a promessa dela no lixo. Ele era um homem a quem qualquer desrespeito pessoal de uma mulher seria insuportável. Sobre o desrespeito dos homens, a não ser que houvesse natureza de provocar ofensa, ele era indiferente. Não havia homem vivo cuja simpatia ou antipatia fazia a menor diferença para George Vavasor; mas ligava bastante para a boa opinião, ou melhor, para a aprovação pessoal de qualquer mulher que ele tivesse se esforçado para agradar. “Vou me casar com você”, Alice dissera a ele, não com palavras, mas com ações e olhares, que eram mais claros do que palavras. “Vou me casar com você por certos motivos pessoais, que, na minha presente situação, farão parecer que o acordo me será mais conveniente do que qualquer outro que possa fazer; mas, por favor, compreenda que não há amor envolvido nisso. Há outro homem que amo – só que, pelas razões aludidas acima, eu não desejo me casar com ele”. Foi assim que ele interpretou o presente tratamento de Alice à sua pessoa, e George era um homem que não poderia suportar tal tratamento com facilidade.

Mas, ainda que pudesse jogar seu anel sob a grelha em sua fúria, ele não era capaz de deixá-la. Isso ele teria conseguido fazer se estivesse com as mãos livres, sem dúvida; e teria sido esperto o bastante para fazer isso de algum modo que magoaria Alice profundamente, ainda que ela quisesse se livrar do noivado. Mas George não poderia fazer isso a uma mulher cujo dinheiro ele pegara emprestado, e cujo dinheiro não poderia devolver – a uma mulher cujo dinheiro já pretendia tomar emprestado outra vez. Sobre esta última parte, dissera a si mesmo, de novo e de novo, que nada mais pediria. Enquanto deixava a casa em Queen Anne Street, naquele momento, jurou que, sob nenhuma circunstância ele acrescentaria outro xelim em sua dívida para com ela. Todavia, antes que pudesse chegar a Great Marlborough Street, para onde os seus passos o guiavam, ele lembrou a si mesmo que tudo dependeria de um empréstimo futuro. Ele ingressara no Parlamento, mas o Parlamento seria dissolvido em três meses. Tendo sacrificado tanto por sua posição, deveria deixar que tudo desabasse – agora que o sucesso

parecia estar ao seu alcance? O miserável velho em Westmoreland, que quase parecia agraciado pela imortalidade... Por que ele não morria e entregava seus acres insignificantes para alguém que poderia usá-los? Ele virou a esquina da Regent Street para entrar em Hanover Square antes de cruzar até Great Marlborough Street, de modo a atizar sua ira, em vez de pôr os seus pensamentos em ordem. Enquanto caminhava pelos quatro cantos da praça, ele pensou no quão bom seria se algum acidente recaísse sobre o velho; em como se sentiria alegre ao ouvir, na manhã seguinte, que uma das árvores daquele “maldito lugar” havia caído sobre o “velho teimoso”, pondo um fim a ele! Não direi que George planejou o assassinato do avô. Uma firme convicção surgiu em sua mente, conforme pensava em tudo isso, de que um ato assim nunca cruzaria seu destino; mas disse a si mesmo que, se escolhesse tentar, certamente seria capaz de levar a cabo sem ser descoberto. Então, lembrou-se de Rush e Palmer^[89] – o notório e audacioso assassino, e o envenenador furtivo. Todos os dois, na convicção de Vavasor, eram grandes homens. Várias vezes dissera isso em público. Ele declarara que a coragem de Rush nunca seria superada.

— Imagine-o caminhando pela casa do homem, com balas suficientes para alvejar todos ali, e atirando como se estivesse matando ratos! — ele diria com admiração. — O que Nelson fez em Trafalgar nem chegaria perto disso. Nelson nem tinha nada a temer!

E sobre Palmer, ele declarara que era um homem genial, bem como valente.

— Ele encarou a coisa toda e disse a si mesmo que todos os escrúpulos e suscetibilidades eram tolices; histórias para criancinhas. E são mesmo — Vavasor afirmou. — Quem vive com medo do Céu ou do Inferno? E se verdadeiramente vivemos sem tal medo ou respeito, do que adianta contar mentiras a nós mesmos? Lançar tudo para o alto, como Palmer fez, é o que um homem de verdade faria.

— Para ser enforcado — algum ouvinte da doutrina de George respondera.

— Sim, e ser enforcado se for o seu destino. Sobre o homem que é enforcado você ouve histórias, mas sobre os 20 que não são, não se ouve nada.

Vavasor circulou Hanover Square, cultivando o seu ódio contra o velho lorde. Ele não disse a si mesmo que gostaria de assassinar o seu avô, mas sugeriu que, se desejasse fazer isso, teria coragem suficiente para ir ao quarto do velho e estrangulá-lo; ele também explicou a si mesmo como seria capaz de viajar a Westmoreland sem deixar que o mundo soubesse que estivera lá; como encontraria uma entrada para a casa através de uma janela que bem conhecia; como poderia fazer a morte do homem parecer – aqueles ao seu redor assim pensariam –

uma apoplexia. Ele, George Vavasor, leria alguma coisa sobre o ocorrido mais tarde. Tudo isto ele considerou integralmente, enquanto caminhava rapidamente ao redor de Hanover Square mais de uma ou duas vezes. Se fosse se tornar um estudante prático da escola de Rush ou Palmer, ele estudaria a matéria de modo a não acabar sendo enforcado. Ele achou que poderia, até agora, confiar em suas próprias capacidades. Mas, ainda assim, meditou sobre o assassinato. “Velho idiota e insuportável!”, ele pensou consigo. “Ele merece tanta chance quanto qualquer outro homem, suponho”. E então, cruzou da Regent Street até o escritório de Mr. Scruby, em Great Marlborough Street, não tendo, ainda, chegado a qualquer conclusão positiva do que faria quanto ao dinheiro de Alice.

Mas logo ele se viu falando com Mr. Scruby como se não houvesse dúvidas quanto aos vindouros fundos das próximas eleições. E Mr. Scruby conversou com ele muito francamente, como se tais fundos devessem ser os mais vindouros possíveis.

— Deus ajuda quem cedo madruga — avisou Mr. Scruby, na intenção de insinuar que aquele que madrugasse com dinheiro seria beneficiado pelo mesmo efeito. — Eu vou lhe dizer uma coisa, Mr. Vavasor: é claro que tenho dívidas da última empreitada a saldar. Não foi culpa sua, pois as coisas foram se amontoando tão subitamente uma atrás da outra, que os meus sócios não tiveram tempo de se planejar direito. Mas se o senhor me arranjar fundos para o que deverei gastar em junho...

— Junho? Tão cedo assim?

— Disseram que será em junho. Logo, unirei as duas contas quando tudo terminar.

Durante a discussão deles sobre dinheiro, Mr. Scruby indiscretamente mencionou o nome de Mr. Tombe. Nenhum aviso específico lhe fora passado, mas ele veio a perceber que a situação estava sendo administrada por uma agência que não era reconhecida pelo seu cliente; e, como essa agência era simplesmente um veículo de dinheiro que encontrara o caminho até os bolsos de Mr. Scruby, ele devia ter mantido a boca fechada. Mas o nome de Mr. Tombe lhe escapou e Vavasor prontamente o questionou. Scruby, que não cometia gafes como aquela constantemente, imediatamente pediu desculpas, balançando a cabeça, e afirmou que confundira o nome que havia saído de sua boca. Vavasor aceitou a desculpa sem insistir, e nada mais foi dito sobre Mr. Tombe enquanto esteve no escritório de Mr. Scruby. Mas ele não havia escutado o nome em vão e, infelizmente, já o ouvira antes. Mr. Tombe era, por si só, um homem notável; usava talco no cabelo, portava-se com bastante educação, era um pouco asmático, e respirava ruidosamente enquanto falava. Além disso, era o mais obediente dos homens, ainda que fosse dito que ele

administrara toda a receita do episódio em Ely como bem quisesse. Sendo, deste modo, um homem importante, John Grey o mencionara a Alice, e o nome foi filtrado através de Alice e da sua prima Kate até George Vavasor. George raramente esquecia coisas e nomes, e quando ouviu o nome de Mr. Tombe ser ligado às suas próprias questões financeiras, ele lembrou que Mr. Tombe era o advogado de John Grey.

Assim que conseguiu escapar para as ruas, ele tentou juntar todas as peças e, após um tempo, resolveu prestar uma visita a Mr. Tombe. E se houvesse um acordo entre John Grey e Alice, e Mr. Tombe estivesse cuidando das questões financeiras por ele? Não seria qualquer outra coisa melhor do que isso – até aquela pequena tragédia em Westmoreland, a qual sua engenhosidade e coragem seriam requeridas? Ele poderia suportar ter de pedir dinheiro a Alice, ele até conseguiria suportar ter de continuar a fazer isso – embora fosse muito difícil depois do modo como ela o tratara; mas ele não poderia suportar a ideia de ser beneficiário do dinheiro de John Grey. Pelos Céus, não! Enquanto entrava num coche e era levado à vizinhança do Provisorado, parabenizou-se pelo sentimento bastante honroso. A câmara de Mr. Tombe foi encontrada sem dificuldades, e, como veio a se descobrir, Mr. Tombe estava lá.

O advogado se levantou de sua cadeira quando Vavasor entrou, e curvou a cabeça perfumada com talco humildemente, conforme pedia ao seu visitante que se sentasse. Mr. Vavasor? Oh, sim. Ele já escutara o nome. Sim, ele tinha o hábito de trabalhar para o seu velho amigo Mr. John Grey. Ele trabalhava para Mr. John Grey, e para o pai de Mr. John Grey – ele e seu parceiro – há cerca de meio século, acreditava. Não havia um cavalheiro mais gentil do que Mr. John Grey – e que bela criança fora! A cada nova frase, Mr. Tombe precisava recuperar o seu pobre fôlego asmático, curvando sua velha cabeça submissa, e esfregando as mãos como se mal se atrevesse a estar na presença de Vavasor sem o apoio de tal movimento. Ele falava ruidosamente pedindo desculpas, e parecia rogar perdão ao seu visitante por não saber intuitivamente qual era a natureza dos seus negócios. Mas Mr. Tombe era uma velha raposa astuciosa, e o tempo todo refletira até onde seria útil contar a Mr. Vavasor, e até onde seria útil esconder.

— Agora não tem mais volta — ele comentou com a esposa naquela noite quando voltou para casa.

Ele contava tudo à velha esposa, e eu não sei dizer se qualquer um de seus clientes acabou sendo prejudicado por causa disso. Mas enquanto falava ruidosamente, tossia e se desculpava, ele concluiu que, se George Vavasor lhe fizesse certos questionamentos, seria melhor se respondesse com sinceridade. Se Vavasor realmente fizesse tais perguntas, ele provavelmente as faria por estar sabendo de algo. Se assim fosse... Ora, neste caso, mentir não adiantaria nada. Mentir

não faria as coisas que não tinham volta, terem volta. E ainda que tais perguntas fossem feitas sem que ele soubesse de absolutamente nada, elas iriam, de todo modo, mostrar que o inquisidor possuía meios de verificar a verdade. Ele contaria tão pouco quanto fosse possível; mas concluiu, durante este último esforço para recuperar o fôlego, que mentir sobre a questão não traria qualquer benefício ao seu cliente.

— A criança mais bela que já vi, Mr. Vavator! — contou Mr. Tombe, para, então, tossir violentamente. Certas pessoas que o conheciam declaravam que ele fomentava suas tosses.

— Imagino — comentou George.

— Sim, de fato — continuou Mr. Tombe, tossindo outras três vezes.

— Pode me contar, Mr. Tombe, se o senhor ou ele tem algo a ver com o pagamento de certas somas em meu crédito no estabelecimento de Mr. Hock e Mr. Block?

— Mr. Hock e Mr. Block? Os banqueiros... em Lom... bard Street? — questionou Mr. Tombe, precisando de mais um tempo para se recuperar.

— Sim, sou cliente deles — respondeu Vavator rapidamente.

— É uma casa bastante respeitável.

— Algum dinheiro foi pago ali em meu crédito pelo senhor, Mr. Tombe?

— Posso perguntar por que o senhor me faz esta indagação, Mr. Vavator?

— Bom, creio que não possa. Quero dizer, meu motivo para perguntar não poderia ter qualquer coisa a ver com o seu para responder. Se o senhor não teve nenhuma atuação neste pagamento, será o fim da história, e não precisarei mais tomar seu tempo com qualquer outra menção ao assunto.

— Não estou preparado para ir tão longe Mr. Vavator... Nem um pouco preparado para ir tão longe — ele retorquiu, com mais um acesso de tosses.

— Então, vai me contar o que fez no tocante a esta questão?

— Ora, palavra de honra, o senhor me pegou um pouco de surpresa. Vamos ver... Pinkle... Pinkle.

Pinkle era o escrivão que ficava numa sala interna, e o esforço que Mr. Tombe fez para chamá-lo pareceu muito ineficaz. Mas Pinkle compreendeu o som e foi até lá.

— Pinkle, não pagamos uma quantia a Hock e Block há algumas semanas no crédito de Mr. George Vavator?

— Pagamos, senhor? — indagou Pinkle, que provavelmente sabia que o seu patrão era uma velha raposa, e que, possivelmente, contraíra um pouco daquela natureza vulpina.

— Acho que pagamos. Dê uma olhada Pinkle... E Pinkle... veja a

data e me conte tudo a respeito. Não vejo problemas em um tempo claro nesta época do ano, Mr. Vavator, mas estes ventos orientais! — indignou-se Mr. Tombe, acometido por mais tosses.

Vavator permaneceu sentado pelo que pareceu um interminável número de minutos na câmara lúgubre de Mr. Tombe, e precisou suportar tosses e faltas de fôlego, até que se sentiu cansado de sua posição. Quando George ficava cansado, ele exibia impaciência.

— Prefere, talvez, que escrevamos ao senhor quando resolvermos o assunto? — sugeriu Mr. Tombe.

— Prefiro saber já — responde Vavator. — Não creio que vai demorar muito para que descubra se transferiu algum dinheiro para minha conta por ordem de Mr. Grey. De todo jeito, preciso saber antes de ir.

— Pinkle, Pinkle! — berrou o velho em meio às tosses; e, outra vez, Pinkle veio. — E então, Pinkle, alguma coisa desta natureza foi feita, ou a minha memória me engana?

Mr. Tombe estava, sem dúvida, mentindo descaradamente, pois ele, é claro, lembrava-se de tudo a respeito desta questão; e, na realidade, George Vavator já descobrira o suficiente para os seus próprios propósitos.

— Eu estava procurando — informou Pinkle, retirando-se outra vez.

— Sinto muito por dar tanto trabalho ao seu escrivão — Vavator disse, numa voz irritada. — Mas acredito que seja desnecessário. O senhor certamente sabe se Mr. Grey o encarregou de me pagar dinheiro.

— Nós temos tanto a fazer, Mr. Vavator, e tantos clientes. É verdade. Escute, não tratamos dos assuntos de um único homem. Mas acho que algo foi feito. De fato, acho.

— Qual é o endereço de Mr. John Grey? — indagou Vavator, muito rispidamente.

— Suffolk Street, Pall Mall East, número cinco — respondeu Mr. Tombe.

Foi aqui que Mr. Tombe cometeu um deslize um tanto quanto crítico. Seu cliente, Mr. Grey, estava, de fato, na cidade, mas Vavator não sabia ou imaginava que este era o caso. Se Mr. Tombe houvesse dado o endereço habitual de Nethercoats, nada mais teria sido demandado dele na questão. Mas ele tolamente presumiu que a aparição de Vavator era baseada em alguma informação especial acerca da visita do seu cliente a Londres e, assim, falou a plena verdade de maneira bastante simples.

— Suffolk Street, número cinco — repetiu Vavator, anotando o endereço. — Talvez seja melhor eu ir vê-lo, já que o senhor não está disposto a dar qualquer informação.

Ele, então, pegou o seu chapéu, e mal se curvando para Mr. Tombe, deixou a sala. Enquanto isso, Mr. Tombe se levantou de sua cadeira e inclinou a cabeça submissamente sobre a mesa.

— Pinkle, Pinkle — chamou Mr. Tombe, sem fôlego. — Deixe; deixe para lá.

Pinkle deixou para lá. E podemos dizer que ele já tinha deixado para lá, pois, até aquele instante, não tomara nenhuma atitude quanto à ordem que lhe havia sido dada.

CAPÍTULO 52

O QUE ACONTECEU EM SUFFOLK STREET, PALL MALL

Mr. Tombe não conquistara em nome da causa com o seu silêncio astuto. George Vavasor se sentiu perfeitamente seguro, enquanto saía pela pequena rua que percorria os fundos do Provisorado, que o dinheiro que estivera usando fora oriundo, de alguma forma, das mãos de John Grey. Ele não se importou muito em calcular se os pagamentos haviam sido feitos com os fundos pessoais do seu rival, ou se esse rival fora encarregado de distribuir a fortuna de Alice. Fosse qual fosse o caso, a sua posição era suficientemente amarga. A verdade nunca lhe ocorreu nem por um instante. Ele nunca sonhou que poderia haver uma conspiração na questão, sobre a qual Alice era tão ignorante quanto ele mesmo fora. Ele nunca parou para refletir que seu tio John, juntamente ao outro John – o pretendente – a quem tanto odiava, poderiam ser os conspiradores. A George, parecia certo que Alice e Mr. Grey estavam de conluio – e se estivessem de conluio, o que deveria pensar sobre Alice, e sobre o seu noivado com ela?!

Há homens que raramente têm boas opiniões sobre as mulheres – que dificilmente têm boas opiniões sobre qualquer mulher. Eles deixam suas mães e irmãs de fora – como se pertencessem a outro sexo ou raça diferente – e, então, declaram para si mesmos e para seus amigos que todas as mulheres são falsas; que nenhuma mulher é digna de confiança, a não ser que a sua feiura a proteja; e que seria justo atacar as mulheres tanto quanto um animal escondido ou um cervo montanhês. Que homem não conhece homens que pensam assim? Eu não posso dizer que este era o credo de Vavasor – ou, pelo menos, não inteiramente. Houve momentos em sua vida em que ele acreditou implicitamente em sua prima Alice – mas houvera outros períodos em que se ridicularizara por seu Quixotismo de crer em qualquer mulher. Conforme ele ficava mais velho, seus momentos de Quixotismo se tornavam mais raros. No presente, nem um pinga desse Quixotismo teria sobrado, se não fossem as várias circunstâncias que tentei descrever, que o preencheram, durante os últimos 12 meses, com um renovado desejo de se casar com sua prima. Cada homem tenta acreditar na honestidade de sua futura esposa e, portanto, Vavasor tentara e, à sua própria maneira, acreditara. George havia se congratulado também porque o coração de Alice, na realidade, pendera mais para ele do que para o outro pretendente. O pedido de Grey, pensou, fora aceito pela fria prudência dela; mas ele pensou, também, que ela descobrira que sua prudência era fria demais; e, assim, voltara àquele que verdadeiramente amava. Ainda que não amasse muito, Vavasor estava suficientemente disposto a ser o objeto

do amor.

Essa ideia dele, porém, fora imensamente abalada pelo modo como Alice o tratara pessoalmente. Ainda assim, ele, até então, não acreditara que ela havia sido falsa. Agora, será que ele conseguiria acreditar nela? O que jazia no interior do âmbito desta pessoa em que se deveria crer? Conforme atravessava o adro da igreja de St. Paul, ele a chamou por todos os nomes que os ouvidos de uma mulher considerariam deveras ofensivos. Naquele momento, sentiu por Alice um ódio mais amargo do que aquele que sentia por John Grey. Ela devia tê-lo iludido com a mais incomparável hipocrisia, e sua mentira para ele e para sua irmã Kate fora a mais terrível já contada por uma mulher. Ou será que Kate também estava mentindo para ele? Se assim fosse, Kate deveria ser incluída na punição.

Mas por que eles estavam conspirando para lhe dar dinheiro? Não houvera fraude, de toda forma, quanto às libras esterlinas já engolidas por Scruby. Dinheiro fora fornecido a eles, quaisquer que fossem os fins dos fornecedores; e ele não tinha dúvidas de que mais seria fornecido se ficasse de bico calado. George seguia a oeste, conforme pensava nestas coisas, descendo Ludgate Hill, em linha reta, na direção de Suffolk Street. Ele tentou se convencer de que seria melhor ocultar sua raiva até que a provisão fosse concedida à outra eleição. Eles eram os seus inimigos — Alice e Mr. Grey. Então, por que ele deveria manter qualquer termo com seus inimigos? Ainda lhe perturbava a ideia de que estava, de alguma maneira, devendo um favor a John Grey. Mas o dano já fora causado; o horrível ocorrera. O que ganharia se mantivesse quieto agora? Entretanto, prosseguiu a passos largos por Fleet Street, passando a Strand. Ele já cruzava sob as Galerias de Fotografias, em direção a Pall Mall East, antes de ter decidido, com convicção, quais seriam os passos que tomaria naquele mesmo dia. Exatamente na esquina de Suffolk Street, ele topou com John Grey.

— Mr. Grey — ele falou, parando subitamente. — Neste momento, eu estava indo visitá-lo em seus alojamentos.

— Estava indo aos meus alojamentos? Devo retornar com o senhor?

— Por favor — respondeu Vavasor, subindo a Suffolk Street na dianteira.

Não houve mais nenhum cumprimento entre eles. O próprio Mr. Grey, que era um homem muito cortês habitualmente, provavelmente teria passado por Vavasor na rua lhe dando a mais básica das saudações. Do modo como estavam situados em relação ao outro, dificilmente haveria qualquer mostra de amizade entre os dois; mas quando Vavasor falou com ele, Mr. Grey vestiu o seu rosto com aquele disfarce de boa educação que os homens sempre usam quando não

pretendem ser agressivos – Vavasor, por sua vez, vestiu aquele que os homens usam quando pretendem ser agressivos; e Mr. Grey reconheceu totalmente o visual.

— Se me permite, estou com a chave — informou Grey.

Então, os dois adentraram a casa, e Vavasor seguiu o seu anfitrião escadaria acima. Enquanto subia, Mr. Grey quase se sentiu irado com si mesmo por deixar que seu inimigo entrasse em seus alojamentos. Ele tinha certeza de que nenhum bem sairia daquilo, e se lembrou, tarde demais, que poderia ter facilmente se poupado de fazer o convite enquanto ainda estava na rua. Lá estavam eles, no entanto, juntos na sala de estar, e Grey não podia fazer mais nada, exceto ouvir.

— Gostaria de uma cadeira, Mr. Vavasor? — ele indagou.

— Não — Vavasor respondeu. — Ficarei de pé.

E ele ficou de pé, segurando o chapéu atrás das costas com a mão esquerda, mantendo a perna direita um passo à frente, e o polegar direito enfiado no bolso do colete. Ele encarou o rosto de Grey minuciosamente, e Grey encarou minuciosamente o rosto dele; e enquanto ele o encarava, a grande cicatriz pareceu se abrir e se tornar roxa com manchas frescas de sangue.

— Eu acabei de sair do escritório de Mr. Tombe na Cidade — contou Vavasor. — E vim saber: qual é a natureza da sua interferência em meus assuntos financeiros?

Esta era uma questão que Mr. Grey não poderia responder agilmente. Em primeiro lugar, porque fora totalmente inesperada; em segundo, porque não sabia o que Mr. Tombe havia dito, ou o que não havia dito; e então, antes que respondesse, ele precisaria pensar no quanto da verdade deveria expor como resposta à pergunta que lhe fora feita.

— O senhor disse que veio do escritório de Mr. Tombe? — ele perguntou.

— Acho que o senhor me ouviu bem. Eu vim diretamente dos aposentos de Mr. Tombe. Ele é o seu advogado, acredito?

— Ele é.

— E eu vim de lá para lhe perguntar qual tem sido ultimamente a sua interferência em meus assuntos financeiros. Quando o senhor me responder, farei outras perguntas.

— Mas, Mr. Vavasor, acaso lhe ocorreu que eu talvez não esteja disposto a responder a pergunta que me fez?

— Não me ocorreu pensar que o senhor se utilizaria de subterfúgios. Se não houve qualquer interferência, pedirei seu perdão e me retirarei; mas se houve alguma interferência da sua parte, tenho o direito de exigir que o senhor explique a sua natureza para mim.

Naquele momento, Grey decidiu que seria melhor contar toda a

história — melhor não só para si, mas para todos os Vavasors, incluindo o presente homem irado. O homem irado evidentemente sabia de alguma coisa, e seria melhor se ele soubesse da verdade.

— Houve interferência, Mr. Vavator, se o senhor assim decidir chamar a situação. Uma quantia, que chegou à ordem de duas mil libras, eu acho, foi, por orientação minha, depositada em seu crédito por Mr. Tombe.

— E então? — disse, Vavator, tirando a mão direita do colete para tamborilar os dedos impacientemente sobre a mesa.

— Mal sei como explicar todas as circunstâncias sob as quais tudo isso foi feito.

— Imagino que não, mas, ainda assim, o senhor deve explicá-las.

Grey era um homem de temperamento calmo, pouco dado a brigas e, tinha, talvez, uma imagem exagerada dos resultados maléficos de uma altercação. Era um homem que se esforçaria infinitamente para evitar qualquer cena como aquela que agora parecia iminente; mas era um homem cuja valentia subia tão alto quanto a do seu oponente. Perseguir ou ser perseguido eram coisas igualmente contrárias à sua natureza. Estava bastante claro agora que Vavator pretendia persegui-lo, e ele concluiu imediatamente que, se uma briga lhe fosse forçada, ela o encontraria pronto para assumir seu posto.

— Minha dificuldade em explicar parte da consideração que tenho pelo senhor — ele justificou.

— Então, eu imploro para que a sua dificuldade cesse, e que sua consideração para comigo deixe de existir. Estamos tão circunstanciados em relação ao outro que qualquer consideração seria uma bobagem ou inútil. De todo modo, não desejo nenhuma do senhor. Agora, conte-me por que tem se intrometido em meus negócios.

— Eu acho que, talvez, seja melhor direcioná-lo ao seu tio.

— Não, senhor. Mr. Tombe não é o advogado do meu tio. O meu tio nunca ouviu o nome dele, a não ser que o tenha ouvido pelo senhor.

— Mas foi em acordo com seu tio que encarreguei Mr. Tombe de angariar para o senhor a soma que desejava tomar emprestada de sua prima. Nós achamos que seria melhor se a fortuna dela não fosse, por ora, incomodada.

— Mas o que o senhor tem a ver com isso? Por que faria algo assim? Em primeiro lugar, não acredito em sua história; ela é totalmente improvável. Mas por que ele viria até o senhor, de todos os homens, para angariar dinheiro em nome da filha?

— A não ser que consiga se comportar com mais discrição, Mr. Vavator, precisará deixar o aposento — declarou Mr. Grey. Então,

Vavator meramente sorriu com desprezo, mas não falou nada. Mr. Grey prosseguiu. — Fui eu que sugeri ao seu tio que este acordo fosse realizado. Eu não desejava ver a fortuna de Miss Vavator ser desperdiçada.

— E o que o senhor tem a ver com a fortuna dela? Está ciente de que ela é a minha noiva? Eu lhe pergunto, senhor: está ciente de que Miss Vavator será a minha esposa?

— Devo me recusar categoricamente a discutir com o senhor o presente ou futuro de Miss Vavator.

— Pelos Céus, mas o senhor me ouvirá discuti-los, de todo modo! Ela estava noiva do senhor, e o dispensou. Se tivesse entendido qualquer coisa desta conduta que é habitual entre cavalheiros, ou se tivesse qualquer partícula de orgulho dentro de si, o senhor a teria deixado e nunca mais mencionado o nome dela. Agora, encontro-o se intrometendo com os assuntos financeiros dela, na intenção de tomar o controle da fortuna dela.

— Eu não tenho nenhum interesse na fortuna dela.

— Sim, o senhor tem. O senhor não emprestaria duas mil libras sem saber que tem alguma garantia. Alice o rejeitou; para se vingar, ou para manter algum controle sobre ela – de modo a conservá-la em seu poder –, criou tal trapaça vil para obter domínio sobre o dinheiro dela. O dinheiro será devolvido já com quaisquer juros que possam ser devidos; e se eu descobri-lo interferindo outra vez, vou expô-lo.

— Mr. Vavator — Grey disse, muito lentamente, em voz baixa, mas com um olhar que teria deixado claro a qualquer espectador que ele falava muito sério. — Em sua raiva, o senhor utilizou palavras que não posso permitir que passem. O senhor precisa retirá-las.

— Quais foram as palavras? Eu disse que o senhor era um trapaceiro vil. E agora, repito estas palavras.

Enquanto falava, ele pôs o chapéu para deixar ambas as mãos livres e prontas para a ação, se a ação fosse necessária.

Grey era um homem muito maior e mais forte. Eu não sei se ele estava ciente da extensão da própria força, mas, como a situação pedia, decidiu que era hora de usá-la.

— Não tem jeito — ele respondeu, também se preparando para a ação. A primeira coisa que fez foi abrir a porta. Quando o fez, percebeu a boca cheia de sangue após sentir um pesado golpe em seu rosto. Vavator o tinha acertado com o punho, cortando seu lábio contra os dentes. Os dois, então, lutaram, e Grey logo notou que tinha o oponente nas suas mãos. Duvido que ele tenha tentado desferir um soco, ou sequer fechado a mão. Vavator o golpeara repetidamente, mas os golpes haviam acertado seu corpo ou sua cabeça, e Grey não tomou ciência deles. Ele só tinha um objetivo em mente, e tal objetivo era chutar seu agressor escada abaixo. Os dois lutaram, como eu disse,

e Grey agarrou o homem menor pela nuca. Segurando-o, ele o forçou a atravessar a porta até o patamar, e lá obteve êxito em empurrá-lo pelo primeiro lance de degraus. Grey o chutou enquanto prosseguia, mas seu chute foi fraco. Ele, contudo, foi bem-sucedido a ponto de expulsar o seu inimigo do quarto, e o viu, com satisfação, estatelar-se no patamar abaixo.

Ao se levantar, Vavasor se preparou para tentar impelir outra vez contra o quarto, mas antes que pudesse fazer isso, um homem no andar abaixo, que escutara o barulho, aproximou-se e o interrompeu.

— Mr. Jones — falou Grey, do andar de cima. — Se esse cavalheiro não se retirar da propriedade, pedirei que o senhor vá buscar um policial.

Embora o homem da estalagem o estivesse segurando pelo colarinho do casaco, Vavasor não tentou se virar contra seu novo inimigo. Quando dois cães brigam, qualquer espectador pode tentar separá-los com impunidade. Os brutos são tão ansiosos para se arrebitarem que não sobra energia para outros propósitos. Nunca lhes ocorre virar os dentes contra recém-chegados na disputa. Este foi o caso de George Vavasor. Jones era forte o bastante para evitar um novo ataque contra o adversário do andar de cima, e ele, portanto, não teve outra escolha, senão abandonar a luta.

— O que foi tudo isso, senhor? — questionou Jones, que mantinha uma alfaiataria, e que, como um bom alfaiate, sabia como lutar. De todos os comerciantes de Londres, os alfaiates são, certamente, os mais combativos — o que é esperado, graças à má reputação habitual que o mundo erradamente lhes concede. — O que foi tudo isso, senhor? — Jones repetiu, ainda segurando Vavasor pelo casaco.

— Esse homem se aproveitou de mim e eu o puni. Isso é tudo.

— Eu não sei se realmente puniu — rebateu o alfaiate. — Parece a mim que ele o arremessou sem dificuldades do quarto acima. Eu acho que a melhor coisa que o senhor pode fazer agora é ir embora.

Era a única coisa que Vavasor poderia fazer, e foi isso o que fez. Ele foi embora e voltou para os seus próprios alojamentos em Cecil Street, para tentar se acalmar após o último confronto antes de ir a Westminster tomar seu assento na Câmara dos Comuns. Eu não acho que ele estava confortável quando chegou lá, ou muito disposto a travar outra batalha naquela noite em nome do represamento do rio. Ele não havia se machucado, mas levava a pior. Grey provavelmente recebera mais dano físico em comparação à sua quota; mas Grey tivera sucesso em expulsá-lo do quarto, e sabia que ele fora flagrado estatelado no patamar pelo alfaiate.

Ele provavelmente teria superado a chateação desta sensação se não houvesse sido soterrado pela consciência de que tudo estava indo

de mal a pior em sua vida. Ele já estava começando a odiar sua cadeira no Parlamento. Que bem ela lhe fizera, ou tinha chances de fazer? Na Câmara, viu-se associado a Mr. Bott e a alguns homens da mesma classe – homens que desprezava; e até mesmo eles não o admitiam em seu círculo sem certa mostra de superioridade. Quem nunca comprovou, por experiência própria, as diferentes luzes sob as quais os mesmos eventos podem ser analisados, de acordo com o sucesso, ou falta do sucesso, que impregna a atmosfera do momento? Naqueles dias, George Vavasor não tinha sucessos, e embora se lembrasse, quase de hora em hora, que terminaria o que havia começado –, que persistiria no Parlamento até conquistar uma audiência lá e criar sucesso, ele não era capaz de acreditar nas promessas que fizera a si mesmo. Ele considerara a sua entrada naquela Câmara como o seu momento de triunfo; mas ele havia entrado com Mr. Bott, e não sentiu nenhum triunfo nisso. Ele havia jurado a si mesmo que, enquanto estivesse lá, encontraria homens para ouvi-lo. Até o momento, na realidade, ele não poderia se acusar de ter perdido oportunidades; sua eleição ainda era tão recente, que dificilmente teria consigo fazer uma tentativa. Vavasor, todavia, já estava ali há tempo o bastante para aprender que não haveria glória na tentativa. Esta arte de palestrar no Parlamento, que lhe parecera algo tão grandioso, já se mostrava monótona, despretensiosa e sem graça. Ninguém parecia ouvir muito o que era dito. Homens como ele – membros sem nome consolidado – os participantes não pareciam nem um pouco interessados em ouvir. Mr. Palliser, certa vez, falara em sua audiência por duas horas consecutivas, e todos na Câmara haviam tratado o seu discurso com respeito, e declararam que fora útil, sólido, consciente, dentre outras coisas; mas mais da metade da Câmara caíra no sono na maioria das vezes em que ele estivera de pé. Vavasor ainda não tinha começado sua carreira de orador; mas noite após noite, conforme se sentava ali, as chances de começá-la com brilhantismo pareciam cada vez mais longe. Duas mil libras de seu próprio bolso e duas mil do dinheiro de Alice – ou de Mr. Grey – ele já havia gastado para abrir seu caminho até a assembleia. Ele teria de gastar, de toda forma, mais duas mil se pretendesse prolongar a sua carreira para além da cadeira de três meses – e como conseguiria essa soma futura depois do que havia acontecido naquele dia?

Ele conseguiria. Esta foi a conclusão a que chegou conforme passava pela vendedora de maçãs, sob a sombra de um grande policial, por entre as duas lâmpadas augustas. Ele conseguiria – enquanto Alice possuísse uma libra sobre a qual pudesse obter controle com qualquer ação ou violência ao seu dispor. Ele conseguiria; ainda que o dinheiro viesse das mãos de John Grey e Mr. Tombe. Ele conseguiria; ainda que, ao fazer isso, pudesse destruir sua

prima Alice e arruinar sua irmã Kate. Ele havia chegado longe demais para se ater a qualquer escrúpulo. Por acaso, não declarara várias vezes o quão grandioso fora o assassino que se provou capaz de se despir de todos esses escrúpulos; que limpara o peito de todos os medos futuros, e que, no tocante ao presente, ousara confiar no sucesso de todas as coisas? Ele iria a Alice e demandaria dinheiro dela com ameaças, e com aquela violência nos olhos que sabia bem expressar. Ele acreditava que quando o demandasse, o dinheiro viria logo para satisfazer, a qualquer custo, suas emergências presentes.

E aquele velho desgraçado em Westmoreland! Se ele morresse, ainda haveria uma esperança de sucesso permanente! Mesmo que ele herdasse a propriedade com a proibição de vendê-la, de modo a ser um mero inquilino vitalício, algum dinheiro poderia ser obtido dela. O benefício vitalício poderia render por dez ou 12 anos. Ao partir da casa em Westmoreland, ele saía com a impressão de que seu avô ainda não tinha criado tal testamento. Que dádiva seria se a morte pudesse ser induzia a levar o velho antes que isso acontecesse! Naquela mesma noite, passeou pelos saguões da Câmara, meditando sobre tudo isto. Ele prosseguiu sozinho, de sala em sala, perambulando pelas passagens, para, então, sentar-se por uns dez minutos na galeria, e depois, outra vez, por um curto período, no corpo da Câmara – até que decidisse se levantar e passear novamente pelo saguão, impaciente com a proximidade de Mr. Bott. Certamente, naquele instante, ele não sentia a menor vontade de trazer diante da Câmara a questão do represamento do rio.

Mr. Grey não se sentiu mais feliz do que seu agressor quando foi deixado sozinho. Para dar crédito a Vavator, a lembrança da briga, por si só, não o atormentava muito. O sucesso entre os rivais fora quase igual, e ele havia, de todo modo, falado tudo aquilo que pensava. A sua angústia provinha de outras fontes. Mas a reflexão de que havia se preocupado durante uma briga era o bastante para deixar John Grey se sentindo miserável por ora. Tal infelicidade nunca havia cruzado o seu caminho. Sempre que precisara lidar com outros homens, palavras haviam bastado e, geralmente, palavras corteses haviam bastado. Ser pessoalmente agredido em uma luta corporal por um homem como George Vavator era, para ele, uma coisa terrível. Ao ordenar que o seu dinheiro fosse gasto com o possível objetivo de salvar Alice do primo, nunca sentira um instante de arrependimento; ele nunca pensara que estava fazendo mais do que aquilo que as circunstâncias demandavam razoavelmente dele. Mas agora, ele quase era levado à máxima vergonha. “Oh, Alice, este infortúnio que chegou até mim é culpa sua!”

Quando Vavator foi levado escada abaixo pelo alfaiate e Grey sentiu que nenhuma luta seria mais necessária dele, ele se recolheu ao

quarto para lavar a boca, e se livrar das manchas do combate. Ele escutou a porta da frente se fechar, e entendeu que o patife tinha ido embora – o patife que havia perturbado sua tranquilidade. Então, ele começou a pensar sobre a acusação que Vavasor lhe fizera. Ele escutara que havia emprestado dinheiro em nome de Alice, para que pudesse obter algum tipo de poder sobre a fortuna dela e, assim, vingar-se da moça pelo modo como fora tratado. Nada poderia ser mais odiosamente falso do que tal acusação. Disto, ele estava bastante consciente. Mas, por acaso, a natureza das circunstâncias não fazia parecer que a acusação era verdadeira? Garantia por um dinheiro emprestado, é óbvio, ele não tinha – e é claro que não havia desejado nenhum; é claro que o dinheiro fora dado de seu próprio bolso com o único objetivo de salvar Alice, se possível; mas de todos que ouvissem falar desse caso, quantos conheceriam ou adivinhariam a verdade?

Enquanto Grey se encontrava neste miserável estado mental, lavava a boca e perturbava seu espírito, Mr. Jones, seu senhorio, foi até ele. Mr. Jones o conhecia há alguns anos, e nutria o mais profundo respeito pelo seu caráter. Mr. Jones era um homem mais esportista do que o inverso. O pai dele fora um comerciante em Cambridge e, deste modo, Jones se tornara conhecido de Mr. Grey. Mas ainda que fosse dado ao esporte, e isso referia-se ao boxe profissional moderno e à pista de Epsom em dias de dérbi –, Mr. Jones era um homem que adorava clientes respeitáveis e inquilinos respeitáveis. Mr. Grey, com sua propriedade em Nethercoats, modos augustos e reputação em Cambridgeshire, era um inquilino deveras respeitável, e Mr. Jones não conseguia compreender como alguém seria capaz de levantar a mão contra um homem daqueles.

— Minha nossa, senhor, que situação terrível! — ele declarou, enquanto adentrava o quarto.

— Foi bastante desagradável, certamente — afirmou Grey.

— Aquele cavalheiro era um conhecido seu? — perguntou o alfaiate.

— Sim, eu sei quem ele é.

— Foi alguma disputa, senhor?

— Bom, sim. Eu não o teria empurrado escada baixo se ele não tivesse avançado para cima de mim.

— Podemos colocar a polícia no encalço dele se desejar, senhor.

— Não é o que desejo.

— Ou podemos dar uma lição nele de outro modo, sabe?

Passou-se algum tempo até que Mr. Grey pudesse se livrar do alfaiate, mas, enfim, ele conseguiu sem contar qualquer detalhe da história àquele indivíduo belicoso, valoroso e deveras ansioso.

CAPÍTULO 53

A ÚLTIMA VONTADE DO VELHO LORDE

Enquanto isso, Kate Vavasor morava em Westmoreland, sem mais nenhuma outra companhia, exceto a do seu avô, sentindo-se pouco satisfeita com sua vida. George fora capaz de pensar no velho como um homem tão forte quanto uma torre velha, que, embora estivesse em ruínas, não mostrava o menor sinal de que estava para cair. Aos seus olhos, o lorde sempre parecera cheio de vida e poder. Ele poderia ser violento em certas ocasiões, e raramente deixava de levar agressividade em seus olhos e voz. Mas a opinião de George fora formada por seu desejo; ou melhor, pelos reversos de seu desejo. Por anos, ele almejava a morte do avô – acusando o Destino de grande injustiça ao não cortar o fio da vida dele; e com tais pensamentos em mente, ele ressentia cada grama que o vigor do lorde era capaz de sustentar. Ele quase se convenceu de que seria uma boa ação estrangular o que restava de vida daquele insuportável pescoço velho. Na realidade, porém, os âmbares da vida queimavam fracamente; e se George estivesse ciente de toda a verdade, dificilmente teria deixado que sua mente se inclinasse a pensamentos de assassinato.

Ele estava, de fato, muito fraco com a idade, e cambaleava com passos vacilantes em direção ao túmulo, embora ainda descesse de seu quarto cedo da manhã e, se possível, vagava pelo jardim e pelo curral. Ele ainda se sentava para jantar, bebendo a sua porção de vinho do Porto atribuída por orientação do seu médico. O médico, de forma alguma, desejava despojá-lo de sua última luxúria, ou mesmo restringir a sua quantidade; mas ele recomendou certas mudanças no modo e no período do seu consumo. Contra isso, entretanto, o velho lorde se rebelava indignado, ralhando com Kate quando ela tentava reforçar as ordens do médico.

— Mas o que diabos significa isso? — ele reclamara dela, certa noite. — Que diferença faz se estou morto ou vivo, a não ser que seja para evitar que George a expulse da casa assim que a herdar?

— Eu não estava pensando em mais ninguém, senão no senhor — respondera Kate com uma lágrima no olho.

— Você não precisará se dar ao trabalho de pensar em mim por muito mais tempo — rebatera o lorde, para, então, dar um gole na metade restante de sua taça de vinho.

Kate era, de fato, muito boa para ele. As mulheres são sempre boas diante de tais circunstâncias; e Kate Vavasor era uma que certamente cumpria os deveres que cruzavam seu destino. Ela era eminentemente sincera e leal com seus amigos, ainda que pudesse ser tão falsa em nome deles quanto a maioria das pessoas poderiam ser falsas em nome de si mesmas. Ela era muito boa para o velho; fazia suas vontades e absorvia sua agressividade com bom humor, em vez

de submissão. Ela não o antagonizava com contradições diretas sempre que ele ofendia o neto, mas proferia pequenas palavras que mitigavam sua fúria, se fosse possível. Em tais ocasiões, o lorde também lhe dizia que algum dia ela enxergaria o caráter do irmão.

— Você viverá para ser roubada por ele, e ficará tão despida quanto no dia em que nasceu — ele pregara, certo dia.

Kate, então, irritara-se e declarara que confiava plenamente no amor do seu irmão. Quaisquer que fossem os seus defeitos, ele fora dedicado a ela. Foi isso o que ela disse, e o velho zombou de suas palavras.

Certa manhã, pouco tempo depois dessa conversa, quando ela lhe levou no quarto uma mistura de mingau de aveia, que ele continuava lutando para engolir no café, o lorde pediu que ela se sentasse, e começou a falar sobre a propriedade.

— Sei que você é ignorante sobre quaisquer questões de negócios — ele alfinetara. — Mais ignorante do que a maioria das mulheres geralmente é.

A isso, Kate consentiu com um sorrisinho, reconhecendo que sua compreensão era limitada.

— Quero ver Gogram — ele informou. — Escreva uma mensagem para ele, peça que venha aqui hoje — ele ou um de seus homens —, e a envie imediatamente por Peter.

Gogram era um advogado que morava em Penrith, e que nunca era convocado a Vavasor Hall, a não ser que o lorde tivesse algo a dizer sobre o seu testamento.

— Não seria melhor adiar até que o senhor esteja um pouco mais forte? — sugeriu Kate.

Como resposta, o velho lorde lhe atirou uma saraivada de pragas que a fez saltar da cadeira em que estava sentada, correr até a mesinha onde jaziam a pena e a tinta, e escrever a mensagem para Mr. Gogram, antes que pudesse se recuperar da bateria que a alvejara. Ela redigiu a mensagem, levou-a correndo a Peter, e o orientou a entregá-la em Penrith em seu pônei, antes de se atrever a retornar ao leito do seu avô.

— O que faria com a propriedade se eu a deixasse para você? — o lorde lhe questionou, assim que ela voltou até ele.

Esta era uma questão que Kate não saberia responder de imediato. Ela ficou de pé, ao lado do leito por um tempo, pensando — segurando a mão do avô e observando a cama. Ele, com seus duros e velhos olhos lacrimejantes, encarava o rosto dela, como se tentasse ler os seus pensamentos.

— Acho que eu a daria para o meu irmão — ela respondeu.

— Que os diabos me carreguem se eu a deixarei para você, então.

Desta vez, Kate não saltou, ainda que ele a houvesse maltratado.

Ela ficou onde estava, segurando a mão dele com suavidade, ainda observando a cama.

— Se fosse o senhor, vovô, eu não alteraria arranjos familiares enquanto está enfermo — ela comentou, quase em um sussurro. — Tenho certeza de que o senhor aconselharia qualquer outra pessoa a não fazer isso.

— E se eu a deixasse para Alice, ela também a daria para ele — ele disse, pensando em voz alta. — O que vocês veem nele, eu nunca consegui adivinhar. Ele é tão feio quanto um babuíno, com aquela cara dilacerada. Ele nunca fez nada para se provar um camarada esperto. Kate, dê-me um pouco daquela garrafa que o homem enviou.

Kate lhe passou o seu remédio; depois, pôs-se ao lado do seu leito outra vez.

— De onde ele tirou dinheiro para pagar a campanha? — o lorde perguntou, assim que deu um gole. — Ele não conseguiria crédito nem se implorasse de joelhos.

— Eu não sei de onde ele o tirou — Kate mentiu.

— Ele não pegou de você, pegou?

— Ele não quis aceitar, senhor.

— E você ofereceu a ele?

— Sim, senhor.

— E ele não aceitou?

— Nem um tostão, senhor.

— E o que lhe fez oferecer dinheiro a ele depois do que eu falei?

— O dinheiro era meu — Kate respondeu, bravamente.

— Você é a maior idiota que eu já conheci, e entenderá isso algum dia. Saia daqui agora, e me avise quando Gogram chegar.

Ela saiu, e por um tempo, ocupou-se com afazeres caseiros habituais. Depois, sentou-se à velha e lúgubre sala de jantar para pensar no melhor a ser feito sob as circunstâncias atuais. O carpete do aposento estava gasto, bem como os forros das velhas cadeiras, e o sofá feito com crina de cavalo, que nunca fora movido de seu lugar de costume, estava encostado na parede e carecia de reformas. Aquela velha casa em Vavasor Hall não era um lar confortável para um lorde. Nos últimos 20 anos, nenhum dinheiro havia sido gasto com mobílias ou ornatos, e pelos últimos dez anos, a casa não fora pintada, nem por dentro e nem por fora. Há 20 anos, o lorde passara por dificuldades financeiras, decidira mudar seu estilo de vida, e vivera com parcimônia. Não se pode dizer que ele se tornara miserável. A sua mesa estava sempre cheia e nunca houvera necessidades em sua casa. Em alguns aspectos, ele também se portava generosamente com Kate e com outras pessoas, mantendo as vigas e cercas da propriedade de pé. Mas a casa havia se tornado medonha com sua escuridão suja, sombria e sem graça, e os jardins que a cercavam eram tão feios quanto ela.

O que ela deveria fazer agora? Kate acreditava que os últimos dias do avô estavam à frente, e sabia que outros entes deveriam estar ao lado dele, além de si mesma. Pelo bem deles, pelo dele e da própria Kate, seria adequado que ela não estivesse ali sozinha quando ele morresse. Mas quem ela chamaria? Seu irmão era o herdeiro natural e se tornaria chefe da família. O seu dever para com ele era claro, ainda mais agora que o seu avô falava em alterar o testamento. Ela, no entanto, não sabia se a presença de George em Vavasor Hall – mesmo se ele aceitasse vir – faria mais mal do que bem aos interesses do próprio. Ela faria alguma alteração prejudicial no testamento do velho ser mais provável do que o contrário. George não seria afável e falaria manso, mesmo ao lado de um leito de morte, e era muito provável que o lorde amaldiçoasse o seu herdeiro com seus últimos suspiros. Ela poderia chamar seu tio John; mas se o fizesse sem contar a George, estaria tratando George injustamente; e ela sabia que era improvável que seu tio e o seu irmão trabalhassem juntos em qualquer coisa. Sua tia Greenow, ela pensou, viria, e sua presença não influenciaria o lorde de qualquer forma no tocante à propriedade. Ela, então, finalmente decidiu que pediria à tia que viesse a Vavasor Hall, e que contaria ao irmão com precisão tudo o que pudesse contar – deixando para ele a decisão de vir ou ficar. Alice, obviamente, descobriria tudo por ele, e o seu tio John descobriria tudo por Alice. Então, eles poderiam agir como bem entendessem. Assim que Mr. Gogram chegasse e fosse embora, ela escreveria suas cartas, que seriam enviadas a Shap no início da manhã seguinte.

Mr. Gogram chegou e se entocou com o lorde. O médico também veio. O médico viu Kate e, balançando a cabeça, informou que o seu avô estava afundando mais e mais a cada hora. Seria infinitamente melhor para o lorde se ele tomasse quatro doses diárias do vinho do Porto, ou mesmo duas, em vez de beber tudo de uma vez. Kate prometeu tentar outra vez, mas expôs a convicção de que a tentativa seria fútil. O médico, ao ser pressionado sobre a questão, disse que seu paciente provavelmente viveria por mais uma semana; uma quinzena não era improvável – talvez até um mês, se fosse obediente –, e assim por diante. Gogram foi embora sem ver Kate; e Kate, que encarava um testamento como uma cerimônia de mau gasto e um tanto quanto entediante, ficou em dúvida se seu avô viveria para completar qualquer nova operação. Na verdade, contudo, o testamento fora criado, assinado e testemunhado – o recepcionista da paróquia e um dos locatários haviam subido ao quarto para servirem de testemunha. Kate sabia que aqueles homens haviam estado lá, mas ainda não acreditava que um novo testamento tinha sido concluído.

À noite, quando já estava escuro, o lorde adentrou a sala de jantar após arrastar os pés pela grande estrada curvada, que ficava à

frente da casa, por uns 15 minutos. O dia estava frio e o vento gelado; mas, ainda assim, ele saiu. Kate o embalara cuidadosamente com grandes casacos e cachecóis. Agora, ele se apresentava para aquilo que chamava de jantar, e Kate se sentou com ele. Ele não bebeu vinho naquele dia, embora ela o houvesse levado até o velho duas vezes de manhã. Agora, ele tentava tomar um pouco de sopa, mas falhava. Depois disso, enquanto Kate comia seus pedaços de galinha, pediu que a licoreira fosse posta diante de si.

— Não consigo comer. Suponho que não achará ruim se eu beber meu vinho logo — ele comentou.

Isso era contra a sua natureza, mesmo naqueles dias, não ser capaz de aguardar até que a toalha da mesa fosse retirada, mas sua impaciência pela única substância que conseguia ingerir era demais para ele.

— Mas o senhor deveria comer algo; por que não pega um pedaço de torrada para embeber no seu vinho?

A palavra “embeber” foi uma má escolha, e deixou o velho lorde irritado.

— Torrada encharcada! Por que eu estragaria a única coisa que posso aproveitar?

— Mas o vinho lhe faria mais bem se o tomasse com alguma coisa.

— Ótimo! Nada mais me fará qualquer bem. Quanto a comer, você sabe que não consigo comer. De que adianta me importunar?

Então, ele encheu a sua segunda taça, e fez uma pausa antes de levá-la aos lábios. Ele nunca passava de quatro taças, mas as quatro ele estava determinado a beber enquanto conseguisse erguê-las até a boca.

Kate terminou, ou fingiu terminar, o seu jantar em cinco minutos, para que a mesa pudesse ser arranjada para o conforto dele. Depois, ela atçou o fogo, limpou as cinzas da lareira e fechou as velhas cortinas com a mão, movendo-se silenciosamente. Enquanto ela agia, os olhos dele a seguiram, e quando Kate passou atrás de sua cadeira, e aproximou a licoreira de seu alcance, ele colocou uma mão áspera e peluda sobre uma das mãos que a moça havia repousado sobre a mesa, com uma ternura que lhe era incomum.

— Você é uma boa moça, Kate. Eu só queria que tivesse nascido homem; é tudo.

— Se eu tivesse, provavelmente não estaria aqui cuidando do senhor — ela falou, sorrindo.

— Não. Você teria sido como o seu irmão, com certeza. Não que eu acredite que seria possível existir duas pessoas tão ruins quanto ele.

— Oh, vovô, se ele o ofendeu, o senhor deveria tentar perdoá-lo.

— Tentar perdoá-lo?! Quantas vezes o perdoei sem sequer tentar? Por que ele veio até aqui naquele dia, e me insultou uma última vez?

Por que não se manteve longe, como eu pedi?

— Mas o senhor lhe deu licença para vê-lo.

— Eu não dei licença para ele me insultar assim. Esqueça. Ele vai descobrir que, por mais velho que eu esteja, sou capaz de punir um insulto.

— O senhor não fez nada para prejudicá-lo, fez? — perguntou Kate.

— Eu fiz outro testamento; só isso. Você acha que chamei aquele homem de Penrith para vir até aqui por nada?

— Mas ele não está concluído, está?

— Digo-lhe que está. Se eu deixar a propriedade inteira para ele, em dois anos não restará nada. De que adianta fazer isso?

— Mas e o benefício vitalício? O senhor prometeu que ele o teria para a vida toda.

— Como ousa me dizer isso? Nunca prometi a ele. Como meu herdeiro, ele receberia tudo se tivesse se comportado com simples decência. Ainda que desgoste dele, como sempre desgostei, teria sido dele.

— E o senhor a tomou completamente dele?

— Eu não responderei nenhuma pergunta sobre este assunto, Kate.

Então, um acesso de tosse o acometeu. As suas quatro taças de vinho haviam sido tomadas, e não houve mais discussões sobre negócios. Durante o início da noite, Kate leu um capítulo da Bíblia em voz alta. Mas o lorde ficou bastante impaciente com a leitura, e recusou categoricamente a permissão para um segundo capítulo.

— Nada disso me fará qualquer bem — ele disse, usando quase as mesmas palavras que Kate usara para se referir ao vinho do Porto. Talvez algum bem tenha surgido da pequena quantidade daquilo que ele escutou, assim como há bem oriundo do remédio que as crianças tomam fazendo caretas, quase sempre de má vontade. Quem poderia dizer?

Nas várias semanas anteriores, Kate implorou para que o tio permitisse que o clérigo de Vavasor Hall viesse; mas ele o proibiu terminantemente. O vigário era um jovem cuja posição fora recentemente concedida pelo chanceler, e que começara a sua carreira ofendendo o lorde instantaneamente. O antecessor deste vigário fora um velho, quase tão idoso quanto o próprio lorde, que segurara a sua posição por 40 anos. Ele fora um homem de Westmoreland; lia as orações e pregava o seu único sermão dominical num dialeto de Westmoreland, cumprindo sua missão dentro de uma hora e 15 minutos. Ele nunca perturbara nenhum de seus paroquianos com muitos conselhos, e fora submisso e obediente ao lorde. Bom conhecedor da região e acostumado aos seus hábitos, ele vivera, e

também fora caridoso, utilizando os lucros da sua posição, que nunca chegavam a 200 libras por ano. Mas o novato era um muquirana com ideias de conforto pessoal maiores, que considerava necessário fazer com que cada centavo valesse; que compensava no sermão o que não conseguia fazer pela caridade; que estabelecera um culto vespertino; e que refutara o lorde quando ele dissera que a mudança era uma grande bobagem. Desde então, o lorde nunca mais fora à igreja, exceto na ocasião do Natal. A isso, de fato, o estado de sua saúde dava ampla licença, mas ele categoricamente se recusava a ver o vigário, embora o cavalheiro o contatasse assiduamente. Enfim, o lorde pediu ao seu criado que dissesse ao clérigo para não vir mais, a não ser que fosse chamado. A tarefa de Kate, portanto, era difícil, tanto no tocante das necessidades temporais quanto espirituais de seu avô.

Quando a leitura foi encerrada, o lorde cochilou em sua cadeira por meia hora. Ele nunca subia para dormir antes de aproveitar essa luxúria. Diariamente, implorava-se para que ele fosse se deitar, porque o cochilo na cadeira fatalmente interferia em suas chances de adormecer na cama. Mas dormir na cadeira era o que ele queria e fazia. Logo, o velho acordou, e, após um acesso de tosses, foi induzido – muito mal-humorado – a subir até o quarto. Kate nunca o vira tão fraco. Ele mal conseguia, mesmo com a ajuda dela e daquela velha criada, subir as largas escadarias. Mas ainda havia alguma força restante para utilizar uma linguagem agressiva após chegar ao quarto, e ele ralhava com Kate e com a velha criada em voz alta, porque os seus chinelos não estavam posicionados no lugar correto.



— Vovô, quer que eu fique no quarto com o senhor esta noite? —

Kate perguntou.

Ele ralhou outra vez com a moça por causa desta proposta, e depois, com a ajuda de sua enfermeira, foi posto na cama e deixado a sós.

Após isso, Kate foi ao próprio quarto escrever as cartas. A primeira foi escrita à tia Greenow, e foi bastante fácil de redigir. Para Mrs. Greenow não era necessário que ela contasse qualquer coisa sobre dinheiro. Ela simplesmente declarava sua crença de que o último dia do seu avô estava chegando, e implorava à tia que viesse prestar uma última visita ao velho. “Seria de grande conforto para mim em minha aflição”, ela escrevera. “E seria uma satisfação para a senhora ver o seu pai outra vez”. Ela sabia que sua tia viria, e logo esta tarefa foi concluída.

A carta para o irmão, porém, foi muito mais difícil. O que ela deveria contar a ele, e o que não deveria? Kate começou descrevendo o estado do avô, afirmando, como fizera com Mrs. Greenow, que achava que a hora do velho estava chegando a um fim. Ela contou que pedira à tia que fosse até lá; “não”, ela pontuou, “que eu creia que a vinda dela tenha alguma utilidade material, mas sinto que a solidão da casa será demais para mim quando a hora chegar. Eu devo deixá-lo decidir”, ela prosseguiu, “se é melhor você vir. Se alguma coisa acontecer...” – as pessoas que escrevem cartas desta natureza sempre têm medo de dar nome à morte – “...vou lhe enviar uma mensagem, e não tenho dúvidas que você virá imediatamente”. Então, chegou o momento de mencionar a questão do testamento. Se não lhe houvesse ocorrido que os seus próprios interesses estavam em jogo, ela não teria dito nada sobre o assunto, mas Kate temia o irmão – temia, inclusive, que George interpretasse erroneamente os seus motivos, ainda que estivesse disposta a sacrificar tanto por ele – e, conseqüentemente, decidiu revelar tudo o que sabia. Ele poderia se virar contra ela depois se não contasse, acusando-a de um silêncio que lhe fora prejudicial.

Ela, portanto, contou tudo, e a carta logo se transformou numa longa leitura. “Escrevo de coração pesado”, ela declarou, “pois sei que este será um grande golpe para você. Ele me deu a entender que neste testamento não lhe deixou nada. Eu não posso confirmar que ele disse isso diretamente. Na verdade, não consigo me lembrar de suas palavras; mas esta foi a impressão que me deixou. No dia anterior, ele perguntou o que eu faria se ele me deixasse a propriedade; mas é claro que tratei isso como uma piada. Eu não faço ideia do que ele pôs no testamento. Eu nem sequer tentei adivinhar. Mas agora, contei-lhe tudo o que sei”. A carta ficou bastante longa e só foi terminada tarde da noite; mas ao finalizá-la, ela levou as duas mensagens à cozinha, pois o rapaz as levaria antes do nascer do sol.

Bem cedo na manhã seguinte, Kate foi silenciosamente até o

quarto do avô, como era o seu costume, mas ele, aparentemente, dormia. Ela, então, voltou sorrateiramente. A velha criada disse que o lorde acordara às quatro, às cinco e às seis, e então a chamara. Depois, ele aparentou ter caído no sono. Quatro ou cinco vezes ao longo da manhã, Kate entrou no quarto, mas o seu avô não a percebeu. Finalmente, ela receou que ele já pudesse ter falecido, e pôs a mão sobre o ombro dele, descendo pelo braço. Ele, então, gentilmente tocou sua mão, mostrando claramente que não apenas estava vivo, como consciente. Ela, então, ofereceu-lhe comida – um fino mingau – que ele estava acostumado a consumir, e o remédio. Ela também lhe ofereceu um pouco de vinho, mas ele não aceitou nada.

Às doze horas, uma carta endereçada a ela chegou pelo correio. Ela viu que era de Alice e, ao abri-la, descobriu que era bastante extensa. Naquele momento, ela não poderia lê-la, mas viu certas palavras que a fizeram ansiar para conhecer todo o conteúdo o mais rápido possível. Ela, contudo, não poderia deixar o avô ainda. Às duas da tarde, o médico foi vê-lo e permaneceu até que a escuridão do crepúsculo tomasse o céu. Às oito horas, o velho estava morto.

CAPÍTULO 54

MOSTRANDO COMO ALICE FOI CASTIGADA

Naquela noite, a condição da pobre Kate na velha Vavasor Hall foi muito triste. A presença da morte é sempre uma fonte de pesar, ainda que as circunstâncias do caso sejam de uma natureza que não criam agonia ou sofrimento. O velho que acabara de falecer no andar de cima estava mais do que na hora de partir. A vida dele fora longeva, e ele compreendera que a única coisa que lhe restara a fazer era morrer. Kate também esperara sua morte, e sentira que chegara a hora em que seria tolo sequer desejar que ela fosse contida. Mas a morte de alguém próximo é sempre tão triste quanto solene.

Ela se sentiu bastante sozinha em Vavasor Hall. Kate não possuía conhecidos nas redondezas. Do jovem vigário, ainda que não tivesse brigado com ele, não poderia receber nenhum conforto, e ela mal o conhecia; ela, tampouco, tinha uma natureza que a impeliria a buscar consolo em um clérigo num momento como aquele, a não ser que fosse um velho amigo. Sua tia e o seu irmão provavelmente viriam até ela, mas eles dificilmente ficariam por mais do que um ou dois dias, e durante tal período, seria necessário que certas ordens, que são desagradáveis para uma mulher dar, fossem dadas. Além disso, os criados da casa dificilmente seriam de muita assistência. Havia um velho mordomo, ou lacaio, que vivera em Vavasor Hall por mais de 50 anos, mas ele estava aleijado graças a um reumatismo, e tão acometido de padecimentos, que raramente saía do próprio quarto. Ele era meramente um fardo adicional para os outros. Havia o rapaz que recentemente fazia todo o trabalho que o mordomo deveria fazer, além de muitas outras coisas. Não havia como saber quanto trabalho o rapaz seria capaz de fazer quando fosse apropriadamente instruído, e ele agora era o melhor auxiliar que Kate teria em suas dificuldades. Havia a velha enfermeira – mas ela servira apenas para cuidar do velho lorde –, e duas moças calejadas de Westmoreland, que se diziam cozinheiras e arrumadeiras.

Naquela primeira noite – do dia em que o seu avô morreu –, Kate teria se sentido mais confortável se realmente houvesse encontrado alguma coisa que pudesse fazer. Mas, na realidade, não havia nada. Ela rondou pelo interior e pelo exterior do quarto por uma ou duas horas, consciente da carta que levava no bolso, desejando lê-la com todo o coração. Kate, todavia, controlou-se, sentindo que, naquele momento, deveria pensar apenas no falecido. Nisto, ela estava errada. Que os vivos pensem nos mortos, quando os seus pensamentos

vagarem nesta direção, quer os pensadores queiram, quer não. O luto sentido por ser, supostamente, apropriado, só está um grau acima do luto fingido. Quando alguém o flagra, não pode deixar de pensar na dama que indaga à amiga, em confidência, se seria errado comer frango assado quente com molho de pão nos primeiros estágios do luto; ou naquela outra dama – uma dama da realeza – que se sente muito mais consolada no tédio de seus óbices quando é elogiada por um dos lordes quanto ao cortejo de luto dos piquetes.

Era tarde da noite, quase 11 horas, quando Kate tirou a carta para ler. Como parte da minha história depende dela, eu a revelarei por inteiro, ainda que seja uma longa carta. Ela foi escrita com grande dificuldade e muitas lágrimas, e Kate, enquanto a lia até o fim, quase esqueceu que o seu avô jazia morto no andar de cima.

“Queen Anne Street, abril de 186—

QUERIDA KATE,

Não sei como vou escrever a você o que preciso contar. Ainda assim, é necessário. Tenho de contar isso a você, mas nunca repetirei esta história a mais ninguém. Eu deveria ter escrito ontem, quando o fato ocorreu, mas estava me sentindo tão mal que fui incapaz do esforço. De fato, certa vez, quando seu irmão me deixou, quase duvidei se conseguiria recuperar a compostura mental. Meu desalento foi, a princípio, tão grandioso que a minha razão, por algum tempo, desertou-me, e tudo o que pude fazer foi me sentar e chorar como uma idiota.

Cara Kate, espero que não fique com raiva de mim por lhe contar. Eu me esforcei para pensar nisso tão calmamente quanto possível, e acredito que não possuo alternativas. O fato de que seu irmão brigou comigo não pode ser ocultado de você, e não posso deixar para ele a tarefa de contar as circunstâncias que envolveram a briga. Ele veio a mim ontem com grande fúria. A sua fúria, naquele momento, não era nada comparada ao que se transformaria depois; mas mesmo em sua chegada, já estava cheio de raiva. Ele me encarou e me perguntou por que eu havia enviado o dinheiro que me pedira pelas mãos de Mr. Grey. É claro que não fiz isso, e disse a ele imediatamente. Não falei sobre esse assunto com mais ninguém, exceto com papai, que está cuidando disso por mim. Mesmo agora, não sei nada sobre essa situação, e, como ainda não falei com papai, não consigo compreendê-la. George me falou prontamente que não acreditava em mim, e quando fiquei calada diante do insulto, ele usou palavras mais duras, e me acusou de conspirar para rebaixá-lo diante do mundo.

Ele, então, me perguntou se o amava. Oh, Kate, preciso lhe contar tudo, ainda que seja horrível para mim a ideia de ter de escrever sobre isso. Lembra-se do que aconteceu quando estávamos juntas em Westmoreland, durante o Natal? Não pense que eu estou lhe culpando, mas fui muito imprudente nas respostas que dei a ele naquele dia. Eu achei

que poderia ser útil a George como esposa, e disse a mim mesma que seria bom ter algum tipo de utilidade. Quando ele me fez aquela pergunta ontem, fiquei em silêncio. De fato, como poderia ter respondido com uma afirmativa, quando ele acabara de usar um linguajar daqueles comigo – de frente para mim, encarando-me daquela maneira que fica quando está enfurecido? Então, voltou a falar e exigiu que eu devolvesse imediatamente todos os presentes de Mr. Grey que eu tinha guardado. Ao mesmo tempo, arrematou e atirou por cima da mesa um pequeno abridor de cartas oriundo de Mr. Grey, que foi cair sobre o sofá ao meu lado. Eu não poderia permitir que ele me comandasse daquela maneira; então, permaneci em silêncio, mas recoloquei o abridor sobre a mesa. Ele, então, tomou-o de novo e o atirou sob a grelha da lareira. ‘Eu tenho o direito de considerá-la a minha esposa’, ele disse, ‘e, como tal, não permitirei que guarde presentes de outro homem’. Acho que, naquela hora, falei para ele que jamais me tornaria a esposa dele, mas, embora eu me lembre de muitas das palavras de George, não posso me recordar de nenhuma minha. Ele jurou, com grande ímpeto, notei, que, se eu voltasse atrás em minha palavra pela segunda vez, não me deixaria em paz – que me castigaria por minha traição com uma temerosa punição. Oh, Kate, não consigo descrever a aparência dele. Naquele momento, George se aproximou de mim, e sei que tremi diante dele como se ele fosse me agredir. É claro que eu não disse nada. O que eu poderia dizer a um homem que me tratava daquele jeito? Então, pelo que consigo me lembrar, ele se sentou e começou a falar sobre dinheiro. Esqueci-me do que seu irmão disse a princípio, mas sei que garanti que ele poderia pegar o que quisesse, contanto que deixasse o suficiente para que eu não me tornasse um fardo para papai. ‘Isso, madame, é natural’, ele falou. Eu me lembro tão bem dessas palavras. Então, ele explicou que, depois do que havia acontecido entre nós, eu não tinha direito de arruiná-lo ao reter dinheiro que lhe fora prometido, e que era essencial ao seu sucesso. Nisto, querida Kate, acredito que ele estava especialmente certo – mas não estava certo em se expressar de maneira tão dura e cruel, sobretudo porque nunca recusei nada do que ele me pediu no tocante ao dinheiro. O dinheiro ele pode ter enquanto durar; mas o que há entre nós precisa ter fim, ainda que ele tenha o poder para me castigar, como diz que fará. Castigar-me! Que castigo pode ser pior do que aquele que ele já me infligiu?

George, então, quis que eu redigisse uma carta endereçada a ele, para que pudesse mostrá-la ao advogado – ao nosso próprio advogado, creio que ele quis dizer –, angariar dinheiro, devolver o que Mr. Grey emprestou e receber o que agora requisitava. Acho que ele disse que deveriam ser cinco mil libras. Quando me pediu isso, fiquei imóvel. De fato, fui incapaz de me mover. Então, George levantou a voz, praguejou-me outra vez, e pegou a pena e a tinta, exigindo que eu escrevesse a carta. Fiquei tão apavorada que pensei em correr até a porta e fugir; e eu teria feito isso, se

não houvesse desconfiado do meu próprio poder. Se fosse para salvar minha vida, eu não teria sido capaz de escrever a carta. Creio que, naquele momento, estava chorando – de todo modo, joguei-me numa cadeira e cobri o rosto com as mãos. Em seguida, ele veio e se sentou comigo, segurando os meus braços. Oh, Kate; não posso lhe contar tudo. Ele aproximou a boca do meu ouvido e disse palavras terríveis, embora eu não as tenha entendido. Não sei o que ele proferiu, mas me ameaçava furiosamente se eu não o obedecesse. Antes de me deixar, acredito que encontrei voz para garantir que ele certamente teria o dinheiro que havia requisitado. E o terá. Eu mesma irei até Mr. Round, e insistir que isso seja feito. O dinheiro é meu, e farei com ele o que quiser. Mas torço – sou obrigada a torcer – para que nunca mais seja forçada a ver o meu primo.

Não pretendo expressar qualquer opinião quanto ao que causou tudo isso. É muito possível que você não acredite em tudo o que eu disse – que você pense que fiquei maluca e desiludida comigo mesma. É claro que o seu coração a impelirá a me acusar, em vez de acusá-lo. Se assim for, e se, portanto, um rompimento for necessário entre nós, minha dor se elevará intensamente; mas não sei se posso evitar isso. Não consigo esconder tudo isso de você. Ele me maltratou cruelmente e me insultou. Tratou-me de um modo que eu não imaginava que um homem pudesse tratar uma mulher. Quanto ao dinheiro, fiz tudo o que podia para mostrar que confiava plenamente nele, mas minha confiança simplesmente o levou à suspeita. Não sei se ele entende que tudo entre nós precisa chegar ao fim; mas, se não entender, preciso pedir a você que esclareça isso. Preciso, também, que você lhe explique que ele nunca mais deve vir a Queen Anne Street. Se ele vier, nada me induzirá a recebê-lo. Diga-lhe, também, que o dinheiro que ele quer será seguramente enviado assim que Mr. Round o tiver conseguido.

Querida Kate, adeus. Espero que me compreenda. Se não me responder, presumirei que se considera obrigada a apoiá-lo, e que acredita que estou errada. Isso me deixará muito infeliz; mas lembrarei que é a irmã dele, e não sentirei raiva de você.

Sempre sua, e afetuosamente,
ALICE VAVASOR”.

Enquanto lia a carta, no início agilmente, depois bem devagar, Kate gradualmente quase esqueceu que a morte estava na casa. Sua mente, coração e cérebro jaziam repletos de pensamentos e sensações com exclusiva referência a Alice e ao irmão. Por fim, viu-se andando pelo quarto em passos largos e ansiosos, enquanto o sangue fervia de indignação.

Toda a sua solidariedade jazia com Alice. Nunca lhe ocorreu desacreditar qualquer palavra do desabafo feito a ela, ou sugerir a si mesma que a mensagem fora colorida com medos e exageros da parte

de sua correspondente. Ela sabia que Alice era sincera. E, além disso, por mais que amasse o seu irmão – disposta como estivera, e como ainda estava, a arriscar tudo o que tinha, e a si própria, em nome dele –, ela sabia que era arriscado desconfiar da prima. Kate amava o irmão. Tal amor lhe era inerente por natureza, tendo permanecido com ela desde sempre; e no intelecto dele, ela ainda acreditava. Mas ela cessara de acreditar na conduta dele. Ela temia tudo o que ele poderia fazer e carregava a consciência de que, embora estivesse disposta a conectar toda a sua fortuna à dele, havia muitos motivos para esperar a ruína se fizesse isso. O pecado dela fora este: ela se sentira ansiosa para submeter Alice ao mesmo perigo; criara intrigas, às vezes bastante mesquinhamente, para atingir a meta que levava no coração; e usara todos os artifícios que tinha para separar Alice de Mr. Grey. Talvez possa ser alegado em defesa dela que Kate pensou – ou melhor, esperou – que o casamento que contemplava mudasse muito do que havia de errado em seu irmão, levando-o a um modo de vida que não seria perigoso. Será que ela e Alice não poderiam ter trabalhado juntas para que ele parasse de se colocar à beira de um precipício meio-ignorado? Arriscar-se pelo irmão era uma coisa nobre, mas, quando ela usava a sua astúcia para induzir a prima a compartilhar este risco, era desprezível. Uma certa consciência deste fato passou pela sua cabeça enquanto caminhava para cima e para baixo, pela velha sala de jantar à meia-noite, segurando a carta da prima na mão.

As suas bochechas enrubesceram de vergonha, conforme ela pensava na cena que Alice descrevera – a quinquilharia atirada sob a grelha da lareira; os xingamentos em voz alta; as ameaças sussurradas, mais terríveis que os xingamentos; a exigência do dinheiro, feita com algo pior do que uma violência cortante; a mão do homem forte colocada sobre o braço da mulher em fúria e ira; o brilho intenso daqueles olhos, e o horror escancarado daquela cicatriz grosseira, enquanto ele aproximava seu rosto do rosto de sua vítima! Nem por um momento ela considerou defendê-lo. Kate o acusou veementemente em seus pensamentos de um pecado maior e mais grave do que aqueles que haviam enchido Alice de medo. Ele tinha exigido dinheiro de uma mulher com quem pretendia se casar! De acordo com os ideais de Kate, nada poderia perdoar ou aliviar este pecado. Alice não se importara – expressando a sua opinião de que a exigência era razoável. Mesmo agora, após o abuso ao qual fora submetida, ela declarara que o dinheiro logo viria, e que seria dado ao homem que lhe tratara de maneira tão vergonhosa. Alice até poderia se sentir e agir daquele jeito, mas cabia a Kate se sentir e agir de outra forma muito diferente. Ela diria ao irmão, mesmo na casa da morte, caso ele fosse até lá, que a sua conduta fora vil e indigna. Kate não era

covarde. Ela jurou a si mesma que faria isso, mesmo que ele a ameaçasse com toda a sua fúria – mesmo que o brilho dos olhos dele recaísse sobre ela com todos os horrores de seu semblante.

O relógio marcou uma hora, duas horas, e ela continuou na sombria e escura sala, caminhando pelo aposento, de vez em quando. O fogo já se extinguiu, e embora agora já fosse metade de abril, ela começou a sentir frio. Kate, no entanto, não iria para a cama até que escrevesse um bilhete para Alice. Ao irmão, uma mensagem via telégrafo seria, claro, enviada na manhã seguinte; assim como seria a mensagem endereçada à sua tia. A Alice, contudo, ela escreveria – mesmo que um mero bilhete. Com frio, ela encontrou as penas e o papel, e escreveu o bilhete naquela noite. Ele foi muito curto:

“Querida Alice, recebi hoje sua carta, e hoje nosso pobre avô morreu. Informe ao meu tio John, com meu carinho, sobre a morte do pai dele. Você deve compreender que não posso, por ora, escrever muito sobre aquele outro assunto; mas preciso lhe falar que, mesmo em um momento como este, não haverá nenhum rompimento entre mim e você. Pelo menos do meu lado, não haverá nenhuma desavença. Não posso dizer mais até que alguns dias tenham se passado. Ele jaz no andar de cima; um cadáver. Enviei uma mensagem por telégrafo a George, e creio que ele virá até aqui. Eu acho que minha tia Greenow também virá, já que escrevi a ela antes, uma vez que precisava do conforto de tê-la aqui. Tio John, é claro, virá se achar adequado. Não sei se estou em posição de afirmar que me sentiria feliz em vê-lo, mas deveria. Ele e você devem entender que ainda não posso falar mais. O advogado falará com os homens sobre o funeral. Nada, eu imagino, será feito até que George apareça. Sua prima e amiga, KATE VAVASOR”.

E então, ela adicionou uma linha abaixo. *“Minha querida Alice, se permitir, você será a minha irmã, e a pessoa mais próxima e querida para mim”.*

Ao receber esta mensagem, Alice ficou, a princípio, tão abalada e deveras surpresa com a notícia da morte do seu avô, que foi forçada, a despeito da violência ainda existente de seus próprios sentimentos, a pensar e a agir primariamente com referência a tal evento. O seu pai ainda não havia saído do quarto. Ela, portanto, foi até ele e lhe entregou a carta de Kate.

— Papai — ela disse. — Recebi notícias de Westmoreland; más notícias, que creio que o senhor ainda não esperava.

— O meu pai está morto — falou John Vavasor.

Neste momento, Alice lhe passou a carta de Kate, que ele leu.

— É claro que irei até lá — ele definiu, ao chegar à parte em que Kate o mencionava. — Ela acha que não vou levar meu pai ao túmulo por que desgosto do irmão dela?

— Eu explicarei em outra oportunidade — respondeu Alice.

John Vavasor não fez mais perguntas naquele momento, mas declarou que iria até Westmoreland no dia seguinte. Então, ele alterou seus propósitos.

— Eu pegarei o trem-correio esta noite — ele decidiu. — Será bem desagradável, mas estarei lá quando o testamento for aberto.

Pouco mais foi dito em Queen Anne Street sobre o assunto até o finzinho da tarde, quando Mr. Vavasor deixou a casa. Na verdade, ele não pensou mais sobre o rompimento, ou sobre a promessa de que não haveria desavenças entre as moças. Ele ainda considerava o seu sobrinho George como um homem que, infelizmente, tornar-se-ia seu genro. Agora, naquele dia monótono e triste, no qual se sentia compelido a ficar em casa, ele ocupou a mente pensando em George e Alice morando juntos na velha Vavasor Hall. Às seis, o pai e a filha cearam. Logo após a ceia, Mr. Vavasor subiu ao seu próprio quarto para se preparar para sua jornada. Momentos depois, Alice o seguiu – mas ela não o fez até concluir que, se alguma coisa fosse dita antes da jornada, nenhum tempo poderia ser perdido.

— Papai — ela chamou, assim que fechou a porta atrás de si. — Acredito que seja melhor contar ao senhor que tudo está acabado entre mim e George.

— Você brigou com ele também? — indagou o pai, com surpresa descontrolada.

— Talvez eu deva dizer que ele brigou comigo. Mas, querido papai, peço que não me pergunte sobre isso hoje. Contarei tudo quando o senhor voltar, mas eu achei que seria certo se soubesse disto antes de ir.

— Foi culpa dele, então?

— Eu não posso explicar às pressas. Papai, o senhor deve compreender a vergonha que estou sentindo, e não deve me questionar agora.

— E John Grey?

— Não há nada de diferente no tocante a ele.

— Eu levo uma bala antes de conseguir lhe entender. George, você sabe, arrebatou duas mil libras do seu dinheiro – do seu ou de outra pessoa. Bom, não podemos conversar sobre isso agora, preciso ir. Com a opinião que tenho sobre George, fico feliz – é só.

Então, ele se foi, e Alice foi deixada sozinha para se confortar da melhor maneira possível com as suas próprias reflexões.

George Vavasor recebera a mensagem um dia antes de a carta de Alice a alcançar, mas não a leu até já fosse bem tarde do dia. Ele poderia ter pegado o trem-correio daquela noite, mas havia uma ou duas pessoas – sobretudo o seu próprio advogado – que desejava ver antes da leitura do testamento do seu avô. Ele, portanto, continuou na

cidade pelo dia seguinte, e acabou tomando o mesmo trem que o seu tio. Enquanto caminhava pela plataforma e procurava um assento, ele deu uma espiada num vagão e encontrou os olhos do tio. Os dois se viram, mas não se falaram, e George avançou para outro vagão. Na manhã seguinte, antes da aurora, eles se encontraram de novo na cantina da estação de Lancaster.

— Então, o meu pai se foi, George — disse o tio, falando com o sobrinho.

Eles deveriam viajar à mesma casa, e Mr. Vavasor sentiu que seria melhor se chegassem lá em paz e se falando.

— Sim — respondeu George. — Ele se foi, enfim. Pergunto-me qual terá sido o seu último ato de injustiça.

Os leitores devem se recordar de que ele havia recebido a primeira carta de Kate, na qual ela lhe informava sobre a alteração no testamento do lorde. John Vavasor se virou, enojado. Os seus sentimentos amorosos talvez não fossem muito fortes, mas ele não tinha ideias ou esperanças sobre a situação em questão. Ele não esperava receber nada, mas não ressentia a herança do sobrinho. Naquele momento, estava pensando no velho lorde como um pai que fora carinhoso com ele. Talvez fosse natural que George não carregasse uma afeição antiga como essa em seu coração, mas não era natural que se expressasse da forma como havia se expressado naquela hora.

O tio se virou, mas não disse nada. George o seguiu com uma pequena proposta.

— Não conseguiremos nenhum transporte em Shap — ele raciocinou. — Não será melhor partir de cabriolé em Kendal?

Com isto, o seu tio concordou, e, deste modo, terminaram a jornada juntos. George fumou o tempo todo que passaram na carruagem e poucas palavras foram proferidas. Enquanto avançavam em direção à velha casa, descobriram que outra pessoa havia chegado antes deles – Mrs. Greenow, que alcançara a casa nalgum veículo da estação de Shap. Ela havia viajado de Norwich até Manchester, onde havia pegado o trem que trouxera o tio e o sobrinho de Londres.

CAPÍTULO 55

O TESTAMENTO

A vinda de Mrs. Greenow naquele instante foi de grande conforto para Kate. Sem a tia, ela dificilmente teria sabido como suportar estar entre o tio e o irmão. Como acabou se descobrindo, todos eles estavam comedidos por um pouco da cortesia que os estranhos são obrigados a mostrar uns aos outros. George não via a tia desde criança, e algum tipo de apresentação se fazia necessária entre eles.

— Então, você é o George — disse Mrs. Greenow, estendendo a mão e sorrindo.

— Sim, sou o George — ele respondeu.

— E um membro do Parlamento! — exclamou Mrs. Greenow. — É uma boa honra para a família. Senti-me tão orgulhosa quando fui informada!

Ela disse isso com simpatia, tencionando que as palavras fossem vistas como sinceras. Então, virou-se para o irmão.

— O tempo de papai já estava no fim — ela avaliou. — Embora, para ser sincera, eu não fazia ideia de que ele estava tão fraco quanto Kate descreveu.

— Nem eu, tampouco — concordou John Vavator. — Ele nos acompanhou até a igreja no Natal.

— É mesmo? Minha nossa, parece que ele se foi assim como o pobre Greenow — neste instante, levou o lenço ao rosto. — Acho que não conheceu Greenow, não é, John?

— Eu o vi uma vez — falou o irmão.

— Ah! Aquela não foi a melhor forma de conhecê-lo ou entendê-lo. Sei que havia certo preconceito, porque ele era um comerciante, mas não vamos falar disso agora. Onde eu estaria sem ele, comerciante ou não?

— Não tenho dúvidas de que ele foi um homem excelente.

— Tem toda a razão, John. Ah, enfim! Não podemos manter nada para sempre.

Talvez seja melhor explicar agora que Mrs. Greenow dissera ao capitão Bellfield, no último encontro do dois, antes de ela partir de Norwich, que, sob certas circunstâncias, se ele se portasse bem, poderia haver espaço para alguma esperança. Na sequência disso, o capitão Bellfield fora imediatamente ao melhor alfaiate da cidade, informara ao homem sobre o seu vindouro casamento, e lhe fizera um extenso pedido. Mas o alfaiate ainda não tinha fornecido as peças, esperando por uma prova mais crível da boa fortuna do capitão.

— Somos todos erva do campo — filosofou Mrs. Greenow, limpando suavemente uma lágrima do olho. — E devemos ser cortados e lançados ao forno quando chegar nossa hora.^[90]

O seu irmão soltou um leve murmúrio solidário, balançando a

cabeca em testemunho à incerteza da condição humana, e então falou que iria sair e dar uma olhada no lugar. George, enquanto isso, pedira a irmã para lhe mostrar o seu quarto, e os dois já se encontravam no andar de cima.

Kate decidira que não diria nada sobre Alice no presente momento – nada, se fosse possível evitar, até depois do funeral. Ela subiu as escadas na frente, quase tremendo com medo, pois sabia que a outra questão do testamento também desencadearia tribulações e mágoas – talvez, também, alterações.

— O que trouxe aquela mulher aqui? — foi a primeira pergunta que George fez.

— Eu pedi que ela viesse — respondeu Kate.

— E por que você pediu que ela viesse até aqui? — indagou George, com irritação. Kate sentiu imediatamente que ele falava como se fosse o mestre da casa, e também como se fosse o mestre dela. Quanto à primeira ideia, ela não fazia objeção. Kate honestamente e de todo o coração desejava que ele se tornasse o mestre; e ainda que receasse que George se descobriria enganado quanto à sua presunção, ela não estava disposta a negar qualquer título de aparência que ele pudesse reivindicar nesse aspecto. Ela, todavia, já começava a se convencer de que não deveria se submeter à supremacia dele. Kate gradualmente havia se treinado para isso, desde que ele a induzira a escrever a primeira carta em que pedia a Alice o dinheiro dela.

— Eu a chamei, George, antes da morte do meu pobre avô, quando pensei que ele sobreviveria por mais algumas semanas. A minha vida aqui com ele, sem qualquer outra mulher além das criadas, era muito melancólica.

— Por que não pediu a Alice para vir?

— Alice não pôde vir — respondeu Kate, depois de uma pequena pausa.

— Não sei por que ela não quis vir. Não vou tolerar aquela mulher perambulando pelo lugar. Ela se desgraçou ao se casar com um ferreiro...

— Ora, George, foi você mesmo quem me aconselhou a ir ficar com ela.

— Isso é bastante diferente. Agora que ele está morto, e que ela herdou o dinheiro dele, não faz mal visitá-la ocasionalmente; mas não vou aceitá-la aqui.

— É natural que ela venha à casa do pai visitar seu leito de morte.

— Odeio quando me dizem que as coisas são naturais. É sempre uma tolice. Acho que ela ligava para o velho tanto quanto eu – tampouco acho que ligava para o velho com quem se casou. As pessoas são tão hipócritas. Ali está o meu tio John, bancando o triste

por ter de vir a esta casa; e ele vai continuar bancando enquanto o corpo estiver no andar de cima. Apesar disso, pelos últimos 20 anos, não houve mais nada na Terra que ele mais odiou do que ter de visitar o pai. Quando eles vão enterrá-lo?

— No sábado, depois de amanhã.

— Por que não enterram amanhã, para que possamos ir embora antes do domingo?

— Ele morreu há apenas quatro dias,^[91] George — disse Kate, solenemente, ao que George soltou um muxoxo impaciente.

— Quem está com o testamento?

— Mr. Gogram. Ele esteve aqui ontem, e me pediu para informar a você e ao tio John que ele o apresentará quando voltar do funeral.

— O que o meu tio John tem a ver com isso? — perguntou George, rispidamente. — Irei a Penrith esta tarde e farei Gogram me dar o testamento.

— Eu não acho que ele fará isso, George.

— Que direito ele tem de retê-lo? Que direito tem sobre qualquer coisa? Como eu vou saber que ele realmente está de posse do último testamento do velho? Onde meu avô guardava a sua papelada?

— Naquela velha escrivania, como ele costumava chamar; aquela que fica perto da sala de jantar. Ela foi selada.

— Quem a selou?

— Mr. Gogram a selou... Mr. Gogram e eu, juntos.

— Por que diabos você foi se meter nisso?

— Eu meramente o ajudei. Mas creio que ele tinha razão. Acho que é a procedência habitual em tais casos.

— Que disparate! Isso é uma tradição ridícula de tempos antigos. Até que eu descubra o contrário, tudo aqui pertence a mim como herdeiro, e não pretendo permitir qualquer interferência até que saiba com certeza que meus direitos foram arrebatados de mim. E eu não vou aceitar um testamento escrito num leito de morte. O que um homem escolhe escrever quando seus dedos mal conseguem segurar uma pena não vale nada.

— Não acredita que eu desejo interferir com seus direitos, não é?

— Espero que não.

— Oh, George!

— Bom, eu digo, espero que não. Mas eu sei quem gostaria de interferir. Por acaso não acha que o meu tio John se meteria em meu caminho se pudesse? Que diabos! Se ele se meter, descobrirá que há um preço. Vou levá-lo aos tribunais pelos próximos dois ou três anos, de modo que vai desejar ter ficado em Chancery Lane e nunca ter saído de lá.

Naquela hora, a enfermeira trouxe uma mensagem, informando que Mrs. Greenow e Mr. Vavasor estavam indo ao quarto onde o velho

lorde jazia.

— Miss Kate e Mr. George vão acompanhá-los?

— Mr. Vavasor! — berrou George, fazendo a velha senhora dar um pulo. Ela não entendeu nem um pouco o motivo da reação.

— Sim, senhor, o velho lorde — ela falou.

— Vai nos acompanhar, George? — Kate perguntou.

— Não. Para que eu iria até lá? Por que deveria fingir interesse no cadáver de um homem que odiei e que me odiava, cujo último ato, pelo que sei, até o momento, foi uma tentativa de me roubar? Eu não irei vê-lo.

Kate foi, e se sentiu feliz pela oportunidade de se afastar do irmão. A cada hora, a ideia de que, de algum modo, ela deveria se afastar dele, fortalecia-se em sua mente. Nos últimos tempos, uma ferocidade que o deixava insuportável o havia dominado. Ademais, George elevava a um grau tão alto seu ódio, como ele mesmo chamava, pelas regras convencionais, que não se permitia ser controlado por nenhum laço normal da sociedade. Ela sentira isso outrora com uma consciência nervosa de que estava fazendo a coisa errada ao trabalhar para uni-lo a Alice em matrimônio; mas tais atitudes e modo de falar subiram tanto à cabeça dele, que Kate começava a se sentir grata por Alice ter se salvado.

Kate subiu para ficar com o tio e a tia, e viu o rosto do avô pela última vez.

— Pobre e querido senhor! — lamentou Mrs. Greenow, enquanto lágrimas fáceis desciam pelo seu rosto. — Lembra-se, John, de como ele costumava ralhar comigo e dizia que eu nunca seria alguém? Ele disse a mesma coisa sobre você, Kate, ousou perguntar?

— Ele foi muito bondoso comigo — respondeu Kate, parando no pé da cama. Ela não fazia o tipo de mulher que permitia lágrimas próximas aos olhos.

— Ele era um bom e velho cavalheiro — definiu John Vavasor. — Que pertencia a dias que não existem mais, mas que, de maneira alguma, foi menos cavalheiro por causa disso. Até onde eu sei, ele jamais cometeu algum ato injusto ou mesquinho contra alguém. Venha, Kate, é melhor descermos.

Mrs. Greenow ficou para dizer uma ou duas palavras à enfermeira quanto ao modo como o corpo de Mr. Greenow havia sido tratado quando morreu, e depois seguiu o irmão e a sobrinha.

George não foi a Penrith e tampouco viu Mr. Gogram até que este valoroso advogado fosse a Vavasor Hall na manhã do funeral. Ele não disse mais nada sobre o assunto, e tampouco quebrou os selos da velha mesa perpendicular que jazia na sala. Os dois dias que antecederam o funeral foram bastante miseráveis para todos no grupo, exceto, talvez, para Mrs. Greenow, que escolhera não entender que o

seu sobrinho estava de mau-humor. Ela o chamava de “pobre George”, e tratava todas as descortesias que ele atirava como se fossem efeitos de seu luto. Ela lhe fez perguntas sobre o Parlamento, que, é claro, ele não respondeu, e lhe contou pequenas histórias sobre o pobre e querido Greenow, sem reparar em suas expressões de visível nojo.

Finalmente, os dois dias se passaram e o momento do funeral chegou. Estavam lá para seguir o corpo o médico, Gogram, o sobrinho e o tio — com o sobrinho tomando para si a dianteira,^[92] como se ajudasse, desse modo, a manter suas pretensões como herdeiro. O clérigo os encontrou na portinhola do adro da igreja, tendo decidido, após meditar, ignorar a resolução que ele próprio havia criado de que não faria a leitura fúnebre de um pecador impenitente, o que esperamos que tenha lhe trazido satisfação. O clérigo, todavia, realizou a leitura, mencionando sua hesitação para ninguém, exceto para um amigo confidente do clero que operava na mesma diocese.

— Fui informado de que o senhor está com o testamento do meu avô — comentou George com o advogado, assim que o viu.

— Ele está no bolso — confirmou Mr. Gogram. — E pretendo lê-lo assim que nós retornarmos da igreja.

— É normal arrebatar o testamento da casa de um homem desta maneira? — questionou George.

— Bastante normal — respondeu o advogado. — E neste caso, isto foi feito diante do expresso desejo do testador.

— Creio que seja uma prática comum — opinou John Vavasor.

Ao ouvir isso, George se virou para o tio como se estivesse prestes a atacá-lo, mas ele se controlou e não disse ainda, embora tenha mostrado os dentes.

O funeral foi muito simples, e nenhuma palavra foi dita por George Vavasor durante a jornada da volta. John Vavasor fez algumas perguntas ao médico quanto às últimas semanas de vida do pai, e foi mencionado, por acaso, tanto pelo médico quanto pelo advogado, que a capacidade mental do velho lorde permanecera inabalável até o momento final em que ele fora visto por qualquer um deles. Quando voltaram a Vavasor Hall, Mrs. Greenow os chamou para almoçar. Todos foram para a sala de jantar, e cada um tomou uma taça de xerez. George bebeu duas ou três taças. O médico, então, retirou-se e partiu de volta para Penrith, onde morava.

— Vamos para o outro aposento agora? — convidou o advogado.

Os três cavalheiros se levantaram e foram até a sala de estar, com George na frente. O advogado o seguiu, e John Vavasor fechou as portas atrás deles. Se qualquer observador os houvesse assistido, ele ou ela poderia ter visto, pelos rostos dos dois últimos, que eles estavam esperando uma reunião desagradável. Conforme atravessava o corredor, Mr. Gogram sacou um documento do bolso, e o segurou na

mão enquanto se sentava numa cadeira. John Vavasor parou atrás de uma das cadeiras que haviam sido colocadas à mesa, e se apoiou nela, analisando o aposento até o teto. George se postou sobre o tapete, diante do fogo, com as mãos nos bolsos das calças, e o casaco enrolado no braço.

— Cavalheiros, gostariam de se sentar? — iniciou Mr. Gogram.

John Vavasor se sentou imediatamente.

— Prefiro ficar aqui — respondeu George.

Mr. Gogram, então, abriu o documento diante dele.

— Antes que o documento seja lido, acho certo dizer algumas palavras — afirmou George. — Eu não sei o que ele contém, mas acredito que tenha sido executado pelo meu avô apenas uma ou duas horas antes de sua morte.

— Foi no dia anterior à morte dele, bem cedo no dia — corrigiu o advogado.

— Certo... No dia anterior à morte dele; dá na mesma, enquanto estava morrendo, na verdade. Ele nunca mais saiu da cama depois disso.

— Ele não estava de cama naquela hora, Mr. Vavasor, e tampouco teria importado se estivesse. Além disso, ele desceu para jantar naquele dia. Eu não entendo, no entanto, por que o senhor está fazendo estas observações.

— Se me escutar, entenderá. Eu as faço porque nego a capacidade do meu avô de criar um testamento nos últimos momentos de sua existência, e numa idade tão avançada. Eu o vi há algumas semanas e percebi, então, que não era capaz de cuidar da propriedade.

— George, eu não creio que esta seja a hora de expor tais objeções — disse o tio.

— Creio que é — rebateu George. — Acredito que esse documento pretende ser um instrumento com o qual serei perversamente defraudado se lhe for permitido ser aceito como legítimo. Portanto, protesto contra ele agora e o questionarei na Justiça se for validado. Pode lê-lo agora, se fizer o favor.

— Oh, sim, eu o lerei — falou Mr. Gogram. — E digo que ele é tão válido quanto qualquer testamento que já foi assinado por um homem.

— E eu digo que não é. Essa é a diferença entre nós.

O testamento foi lido em meio a várias interjeições e expressões de ira de George, que não são necessárias aqui repetir. Tampouco entendiarei meus leitores com o conteúdo integral do testamento. Ele começou expressando o grande desejo do testador de que a sua propriedade fosse deixada para a sua própria família, e que a casa poderia ser mantida e habitada por alguém que carregasse o nome Vavasor. Ele, então, declarava que se sentia obrigado a tirá-la do seu

herdeiro natural, crendo que a propriedade não estaria segura em suas mãos; ele, portanto, deixava-a na confiança de seu filho, John Vavator, a quem apontava como o único executor do seu testamento. Ele a legava ao filho mais velho de George – caso George algum dia se casasse e tivesse um filho – assim que completasse 25 anos. Enquanto isso, a propriedade seguiria nas mãos de John Vavator para seu uso e benefício, com uma garantia sobre ela de 500 libras por ano a serem pagas anualmente à neta, Kate. Caso George não tivesse um filho, a propriedade seria repassada ao filho mais velho de Kate; se ela também falhasse em ter herdeiros, ela seria repassada ao filho mais velho de sua outra neta que levava o nome Vavator. Toda a sua propriedade pessoal ele deixaria ao filho, John Vavator.

— E, Mr. Vavator, receio que o senhor conseguirá muito pouco com esta última cláusula — o advogado explicou, após terminar a leitura. — O imóvel não possui dívidas hoje; mas duvido que o lorde tivesse 50 libras nas mãos do banqueiro quando morreu, e o valor de propriedade sobre este lugar é muito pequena. Ele não esteve disposto a gastar qualquer coisa nos últimos dez anos, mas pagou cada xelim que a propriedade devia.

— Foi como eu imaginava — manifestou-se George. Sua voz era muito desagradável, bem como o fogo em seus olhos e a fúria sinistra em sua face marcada. — Em sua raiva, o velho trabalhou para me tirar tudo porque eu não quis obedecer às suas perversidades quando estivesse aqui por um breve período antes da morte dele. Um testamento como esse não será considerado válido em lugar nenhum.

— Quanto a isso, não tenho nada a dizer no presente — o advogado observou.

— Onde está o outro testamento; aquele feito antes deste?

— Se me lembro corretamente, executamos dois antes deste.

— E onde estão eles?

— Não é da minha conta saber, Mr. Vavator. Creio que o vi destruir um, mas não possuo certeza absoluta. Quanto ao outro, nada posso dizer.

— E o que você pretende fazer? — prosseguiu George, virando-se para o tio.

— Fazer?! Cumprirei o testamento. Não tenho alternativa. Sua irmã é a principal interessada nisso. Ela vai receber 500 por ano pelo resto da vida, e se Kate se casar e você não, ou se ela tiver um filho e você não, o filho dela ficará com toda a propriedade.

George parou por um momento para pensar. Será que não seria possível, através de Alice e Kate, que, talvez – se casasse com a prima –, ele ainda pudesse obter a posse da propriedade? Mas o que ele queria era o comando imediato da propriedade – o poder de angariar dinheiro com ela instantaneamente. O testamento fora criado para

fazer com que isso fosse absolutamente impossível. A parte de Kate não lhe fora deixada incondicionalmente, mas, mesmo assim, deveria ser entregue a ela pelas mãos do seu tio John. Um testamento como aquele bloqueava todas as suas esperanças.

— Esse testamento é um pedaço de embuste desgraçado — ele xingou.

— O que quer dizer com isso, senhor? — indagou Gogram, virando-se para ele.

— Quero dizer exatamente o que eu disse. É um pedaço de embuste desgraçado. Quem estava no aposento quando essa coisa foi escrita?

— A assinatura foi testemunhada por...

— Eu não estou falando da assinatura. Quem estava no aposento quando essa coisa foi escrita?

— Eu estava aqui com o seu avô.

— E ninguém mais?

— Ninguém mais. A presença de qualquer outra pessoa naquela ocasião seria bastante incomum.

— Então, considero esse documento um mero papel descartável.

Após dizer isso, George Vavasor deixou a sala e bateu a porta atrás de si.

— Eu nunca fui insultado desta maneira — lamentou o advogado, quase com lágrimas nos olhos.

— Ele é um homem decepcionado e, receio, arruinado — contou John Vavasor. — Creio que o senhor não deve se abalar com o que ele diz.

— Mas ele não devia ter me insultado por isso. Eu só fiz o meu trabalho. Eu nem sequer aconselhei o avô dele. É cruel e indigno da parte dele. Se nos encontrarmos outra vez, direi isso a ele.

— Ele provavelmente não vai mais se colocar no seu caminho, Mr. Gogram.

Então, o advogado foi embora, tendo sugerido a Mr. Vavasor a instruir seu advogado em Londres a tomar as providências em referência à comprovação da autenticidade do testamento.

— É um testamento tão válido quanto qualquer um já criado — garantiu Mr. Gogram. — Se ele conseguir invalidá-lo, desistirei de fazer testamentos pelo resto da vida.

Quem iria contar a Kate? Esse foi o primeiro pensamento de John Vavasor quando foi deixado sozinho à porta do corredor, depois de acompanhar o advogado até a saída da sala. E como ele conseguiria retornar a Londres sem mais alterações com o seu sobrinho? E o que faria quanto aos deveres imediatos de posse que lhe cabiam como executor? Não era improvável, de modo algum, ele pensava, que George pudesse tomar para si a posição de mestre da casa; que ele

exigiria as chaves, por exemplo, que jaziam, indubitavelmente, nas mãos de Kate no presente, e que tomaria a posse na base da agressividade. O que ele deveria fazer sob tais circunstâncias? Estava claro que ele não poderia correr e voltar para o seu clube pelo trem-correio noturno. Ele tinha deveres em Vavasor Hall, e estes deveres possuíam uma natureza que quase lhe fazia lamentar a posição em que seu pai o colocara. No futuro, ele ganharia um aumento considerável aos seus ganhos, mas o efeito imediato seria terrivelmente problemático. Enquanto assistia, da porta, aos melancólicos pinheiros balançarem seus topos lentamente com o vento, ele concluiu que venderia sua herança e seu título de executor muito baratos, se tal venda fosse possível.

Na sala de jantar, ele encontrou a sua irmã sozinha.

— E então, John? — ela começou. — E então? Como ficou?

— Onde está Kate? — ele perguntou.

— Ela saiu com o irmão.

— Ele levou o chapéu?

— Oh, sim. Ele a chamou para passear, e ela foi imediatamente.

— Então, suponho que ele vai contar a ela — disse John Vavasor.

Depois disso, ele explicou as circunstâncias do testamento para Mrs. Greenow.

— Bravo! — exclamou a viúva. — Fico satisfeita. Eu amo Kate de todo o coração; e agora, ela poderá se casar com quem quiser.

CAPÍTULO 56

OUTRO PASSEIO ENTRE AS COLINAS ROCHOSAS

Quando deixou o aposento em que havia insultado o advogado, George foi direto à sala onde a sua tia e irmã se encontravam sentadas.

— Kate — ele disse. — Ponha o chapéu e venha dar um passeio comigo. A reunião terminou.

O chapéu e o xale de Kate estavam ali, e em um minuto, eles saíram da casa juntos.

Eles caminharam pela estrada de carruagens, atravessando terrenos desabitados e desolados até o portão, antes que qualquer um deles falasse uma palavra. Kate aguardava George lhe informar sobre o testamento, mas não ousou fazer nenhuma pergunta. George tencionava contar sobre o testamento, mas não estava disposto a fazê-lo antes de se sentir preparado. Aquela não era uma coisa que deveria ser falada de boca aberta, como se fosse uma novidade sem importância.

— Por onde vamos? — perguntou Kate, assim que passaram pela velha portinhola, que balançava na entrada do local.

— Vamos pelas colinas rochosas — respondeu George. — O dia está agradável, e quero me afastar do meu tio por um tempo.

Ela, portanto, fez a volta pela orla dos abetos, e foi na frente em direção ao bosque que ela e Alice haviam atravessado até Haweswater em certa ocasião memorável. Eles alcançaram o topo de Beacon Hill e saíram pelo lado das colinas rochosas antes que George tivesse começado a contar a sua história. Kate sentia uma curiosidade quase descontrolada, mas seguia com medo de perguntar.

— Bom — iniciou George, quando pararam por um momento após passarem pela tábua que cruzava o fosso limítrofe do bosque. — Não deseja saber o que o bondoso velho lhe deixou?

Ele, então, encarou-a com firmeza.

— Mas talvez você já saiba — adicionou.

Ele havia saído da casa determinado a não brigar com a irmã. Ele decidira, naquele instante de reflexão que lhe fora permitido, que suas melhores esperanças para o presente requeriam que se mantivesse de bem com ela, ou, pelo menos, até ter decidido que linha de conduta iria perseguir. Mas ele estava, na verdade, tão magoado pela raiva e decepção — ele se sentia quase enlouquecido com aquela ira contínua e insaciada contra a qual havia envolvido o mundo, que não conseguia se impedir de despejar palavras amargas. Ele era um homem conduzido pelas Fúrias,^[93] e já não podia mais controlá-las em sua condução.

— Eu não sei nada sobre isso — garantiu Kate. — Se soubesse, teria lhe dito. Sua questão é injusta comigo.

— Começo a duvidar se um homem está seguro confiando em qualquer pessoa — ele ponderou. — Meu avô deu o melhor de si para me roubar a propriedade integralmente.

— Eu lhe disse que receava que ele tivesse feito isso.

— E ele fez de você a sua herdeira.

— Eu?

— Sim, você.

— Ele me disse que particularmente não faria isso.

— Mas fez, estou lhe dizendo.

— Então, George, eu farei aquilo que disse a ele que faria caso isso viesse a acontecer; pois ele me fez esta pergunta. Eu lhe respondi que entregaria a propriedade a você, e, diante disso, ele jurou que não a deixaria para mim.

— Mas que tola você foi — ele irritou-se, parando-a no meio do caminho. — Que burra! Por que foi dizer isso a ele? Você sabia que, se dissesse isso, ele me prejudicaria.

— Ele me perguntou George.

— Ora! Agora você me arruinou, mas poderia ter me salvado.

— Mas ainda vou salvá-lo se ele me deixou a propriedade. Eu não desejo tomá-la de você. Como Deus é testemunha, eu nunca cessei de lutar para proteger seus interesses aqui em Vavasor Hall. Eu assinarei qualquer coisa que for necessária para passar o meu direito à propriedade para você.

Então, caminharam pelas charnecas por alguns minutos sem se falarem. Eles prosseguiram pelo mesmo caminho — o caminho que Kate e Alice haviam tomado no inverno —; agora, a pobre Kate não conseguia deixar de pensar em tudo que havia dito naquele dia em defesa de George — em como havia misturado verdades e falsidades em seus esforços para pintar o irmão de ouro diante dos olhos da prima! Tudo fora em vão. Naquele mesmo instante de suas próprias tribulações, Kate pensou em John Grey, e se arrependeu do que havia feito. As suas esperanças naquela direção haviam sido totalmente destroçadas. Ela sabia que o seu irmão maltratara Alice, e que deveria falar isso se o nome de Alice fosse mencionado entre eles. Ela não mais poderia idolatrar o irmão, e se submeter a quaisquer ordens dele. Mas, quanto à propriedade da qual ele era naturalmente herdeiro, se pudesse fazer qualquer coisa para lhe repassá-la, ela o faria.

— Se no testamento constar o que diz, George, vou lhe repassar o meu direito.

— Você não pode repassar nada — ele respondeu. — O velho salafário foi astuto demais para isso; ele deixou tudo nas mãos do meu tio John. Maldito seja! Malditos sejam os dois!

— George! George! Ele já está morto.

— Morto; é claro que está morto. E o que tem isso? Queria que ele tivesse morrido há dez anos – ou 20. Acha que vou perdoá-lo porque ele morreu? Vou empilhar o túmulo dele com insultos, se isso puder puni-lo.

— Desta forma, você só pode punir os vivos.

— E vou puni-los, mas não com insultos. Por um ou dois anos, meu tio John terá uma vida que o fará se arrepender amargamente da hora em que se colocou entre mim e meus direitos.

— Eu não acredito que ele tenha feito algo assim.

— Não fez?! Por que ele veio aqui no Natal? Você realmente acredita que aquele testamento fantasioso foi criado sem o conhecimento dele?

— Estou certa de que ele o desconhecia. Não creio que meu avô tivesse se resolvido até a semana anterior à sua morte.

— Lembre-se: terá de jurar isso perante uma corte. Eu não deixarei que esta situação fique assim, isso lhe garanto. Você terá de provar isso. Quando ele lhe perguntou o que faria se a propriedade fosse deixada para você?

Kate pensou por um momento antes de responder.

— Se me lembro corretamente, apenas dois dias antes de morrer.

— Mas você precisa se lembrar corretamente. Terá de jurar. E agora, diga-me isto, honestamente: você acredita, em seu coração, que ele estava em condições de realizar um testamento?

— Eu o aconselhei a não fazer isso.

— Por quê? Por quê? Que razão você deu?

— Eu disse a ele que nenhum homem deveria alterar arranjos familiares estando tão doente.

— Exatamente. Você disse isso a ele. E o que ele respondeu?

— Ele ficou muito irritado, e me mandou ir chamar Mr. Gogram.

— Agora, Kate, pense um pouco antes de me responder outra vez. Se pretende me fazer um bom favor, agora é a hora. E lembre-se disto: não desejo tirar nada do que é seu. O que você achar que é justo, será feito.

Ele foi um tolo por não a conhecer melhor.

— Eu não quero nada — ela falou, parando e pisando na urze amassada. — George, você não entende o que é ser honesto.

Ele sorriu – foi um sorriso levemente provocador que passou muito rapidamente pelo seu rosto. O significado do sorriso era claro, e Kate estava calma o bastante para lê-lo. “Não posso dizer que entendo”. Este era o significado do sorriso.

— Enfim, deixe para lá — ele continuou. — Você aconselhou meu avô a não fazer o testamento, crendo, com certeza, que a mente dele não estava lúcida o bastante, certo?

Ela parou por um momento novamente antes de respondê-lo.

— A mente dele estava lúcida — ela explicou. — Mas achei que ele não deveria confiar em seu próprio julgamento enquanto estava tão fraco.

— Olhe aqui, Kate, eu acredito que você não tem intenção de ajudá-lo neste roubo. Que isto é um roubo você não pode ter dúvidas. Eu disse que ele havia deixado a propriedade para você, mas não foi isso o que fez. Ele deixou a propriedade para o meu tio John.

— Ora, então por que mentiu?

— Está decepcionada?

— É claro que estou; tio John não a repassará para você. George, eu não o entendo; não o entendo mesmo.

— Deixe isso para lá, mas me escute: a propriedade foi deixada nas mãos de John Vavasor; mas o velho lorde deixou para você 500 libras por ano até que alguém com 25 anos que ainda não nasceu, e que provavelmente nunca nascerá, reivindique-a. O testamento, por si só, mostra que o velho tolo estava maluco.

— Ele não estava mais maluco do que você, George.

— Escute-me bem, por favor. Eu não disse que ele era um maníaco enlouquecido. Agora, você o aconselhou a não fazer nenhum testamento novo porque ele não estava em condições, não é?

— Sim, aconselhei.

— Você é capaz de jurar isso?

— Espero não ser chamada para fazer isso, que nenhum juramento precise ser feito. Mas, se me fizerem esta pergunta, devo jurar.

— Exatamente. Agora, escute até entender o que quero dizer. Aquele testamento, se for validado, dará todo o poder sobre a propriedade para John Vavasor. Isso lhe deixa muito impotente no tocante a qualquer ajuda ou auxílio que esteja disposta a me dar. Mas, independentemente disso, seu interesse neste testamento é maior do que isso — é maior do que o de qualquer outra pessoa —, pois o seu filho herdaria a propriedade se eu não a herdar. Entendeu?

— Sim, acho que sim.

— E seu testemunho quanto à invalidez do testamento será conclusivo contra todo mundo.

— Eu direi à corte o que eu lhe disse, se isso ajudar em alguma coisa.

— Não bastará. Veja bem, Kate, precisa ser firme nisso; tudo está dependendo de você. Quantas vez me disse que ficaria ao meu lado na vida? Agora você será testada.

Kate sentiu que a sua repugnância por George — por tudo o que ele estava fazendo, e pelo que desejava que ela fizesse — crescia a cada palavra proferida. Gradualmente, Kate começava a entender que ele

pedia uma coisa que ela não poderia fazer, e que não faria. Ela também sabia que, ao se recusar, teria de enfrentá-lo em toda a sua ira. Ela cerrou os dentes e fechou o seu pequeno punho. Se uma luta fosse necessária, ela lutaria contra ele. Conforme George a encarava de perto com seus olhos sinistros, o amor que ela sentia por ele quase se transformava em ódio.

— Foi isso o que você quis dizer quando o aconselhou a não fazer o testamento, porque achou que o intelecto dele estava debilitado!

— Não, não exatamente.

— Pare, Kate, pare. Se parar para pensar, perceberá que é isso. Por que mais diria que o julgamento dele estava fraco?

— Eu não disse que o julgamento dele estava fraco.

— Mas foi isso o que você quis dizer quando o aconselhou a não confiar nele!

— Escute bem, George. Eu acho que entendo agora o que quer dizer. Se alguém me perguntar se a lucidez dele se extinguiu, ou se o seu intelecto estava debilitado, não poderei dizer que este era o caso.

— Não poderá?

— Certamente, não. Isso seria uma inverdade.

— Então, você está determinada a me passar para trás e reivindicar a propriedade para si própria — outra vez, ele se virou para ela e a encarou como se estivesse decidido a apavorá-la. — Devo contá-la como um de meus inimigos? É melhor ter cuidado, Kate.

Eles estavam agora nas cercanias das colinas rochosas, a quase cinco quilômetros de distância de Vavasor Hall; e ao olhar em volta, Kate viu que estavam completamente sozinhos. Nenhum chalé — nem um sinal de humanidade em vista. Kate notou isso e sentiu que tal fato era um alerta importante. Então, ela se recordou de sua decisão de enfrentá-lo, se uma luta fosse necessária; de lhe dizer, em muitas palavras, que se afastaria dele e o desafiaria. Ela não o temeria nem que suas palavras e carrancas se tornassem terríveis! Certamente seu próprio irmão não a machucaria fisicamente. E mesmo que o fizesse, mesmo que a tomasse violentamente pelo braço como fizera com Alice, mesmo que ele fizesse pior do que isso, ainda assim, ela o enfrentaria. Seu sangue era igual ao dele, e ele deveria saber que a coragem dela, não importava o quê, era identicamente alta.

E, de fato, quando ela o encarou, teve motivos para sentir medo. Ele pretendia que ela sentisse medo. Ele pretendia que ela temesse o que ele poderia fazer com ela naquele momento. Quanto ao que faria, ele ainda não havia se decidido. Muito menos se decidira quanto ao que faria quando foi a Alice e a sacudiu rudemente quando ela se sentou ao seu lado. Ele não fora guiado por qualquer intenção fixa quando atacou John Grey, ou quando insultou o advogado; mas uma Fúria o conduzia, e ele estava ciente de que era conduzido. Ele quase

desejava ser levado a algum ato de loucura. Tudo no mundo estava contra ele, e George queria descontar sua raiva em alguém.

— Kate — ele disse, parando-a. — Vamos resolver isto aqui fora, se fizer o favor. Muita coisa será determinada hoje, custe o que custar. Você me fez promessas, e acreditei nelas. Você pode agora cumpri-las, ao simplesmente dizer o que sabe que é verdade —, que aquele velho estava alucinando quando fez aquele testamento. Está preparada para me fazer justiça? Pense antes de me responder, pois, por Deus, se eu não obtiver justiça através de você, terei vingança — ameaçou, colocando a mão sobre o peito dela, próxima à garganta.

— Tire a mão, George — ela respondeu. — Eu não sou uma idiota que você pode apavorar desta maneira.

— Responda-me! — ele vociferou, sacudindo-a por um pedaço dos trajes dela que agarrava com a mão.

— Oh, George, quem diria que eu viveria para ter tanta vergonha do meu irmão!

— Responda-me! — ele repetiu, outra vez a sacudindo.

— Eu já lhe respondi. Não direi nada daquilo que você quer que eu diga. Meu avô, até o último momento em que o vi, estava lúcido. Ele não estava alucinando. Estava, creio eu, apenas indo adiante com um propósito decidido há tempos. Você não mudará o que eu vou falar me olhando dessa maneira, e tampouco me sacudindo. Você não me conhece, George, se acha que pode me assustar como se eu fosse uma criança.

Ele a ouviu até a última palavra, ainda com a mão sobre ela, segurando-a pela capa que usava; mas a violência de seu aperto relaxara, e ele deixou que Kate terminasse a sua fala, como se sua meta tivesse sido meramente fazer com que ela desabafasse o que tinha para dizer.

— Oh — ele falou, quando ela terminou. — Então vai ser assim, não é? Esta é sua ideia de honestidade. A sua herança lhe subiu à cabeça. Pergunto-me se você e o meu tio agiram em conluio para combinar tudo isso com antecedência.

— Você não teria coragem de perguntar a ele, porque ele é um homem — rebateu Kate, com os olhos brilhando de lágrimas — não por medo, mas pela grande tristeza gerada pela natureza da acusação que ele lhe fazia.

— Não teria? Você verá o que tenho coragem de fazer. Já você, com todas as suas promessas.... Kate, você sabe que cumprio a minha palavra. Diga que fará aquilo que pedi, ou eu serei a sua morte.

— Quer dizer que vai me assassinar? — ela questionou.

— Assassiná-la? Sim, e por que não? Do jeito que fui tratado por você, por acaso crê que eu manteria qualquer laço? Por que não deveria assassiná-las, você e Alice, uma vez que ambas me traíram?

— Pobre Alice!

Quando falou isso, ela o encarou diretamente nos olhos como se, em sua perspectiva, desafiasse-o.

— Pobre Alice, mesmo! Maldita hipócrita! Que belo par vocês formam; hipócritas abomináveis, lamurientas, falsas e intriguistas! Pronto, volte lá e diga ao seu tio e àquela velha que eu a ameacei de morte. Diga isso ao juiz, quando for levada à corte para tirar a propriedade de mim. Sua falsa mentirosa!

Ele, então, empurrou-a com grande violência, de modo que ela caiu pesadamente sobre o chão pedregoso.

Ele não parou para ajudá-la a se levantar, ou sequer para vê-la caída. Em vez disso, afastou-se pelas urzes, sem tomar a estrada em direção a Haweswater, ou retornar pela trilha que os havia trazido até aqui. Ele seguiu para o norte, cruzando as charnecas selvagens; e Kate, após ter se levantado e se sentado em um pequeno amontoado de pedras que lá jazia, observou-o descer pela encosta da colina até desaparecer de vista. Ele não correu, mas parecia se mover rapidamente, e em nenhum momento se virou para avistá-la. Ele se foi, descendo as colinas nortistas, e logo a curvatura do terreno o ocultou de sua vista.

A princípio, quando ela conseguiu se sentar, todos os seus pensamentos giraram em torno dele. Ela não temera nenhum ferimento físico, mesmo quando perguntou se ele pretendia assassiná-lo. O seu sangue corra quente em suas veias, e o seu coração estava repleto de rebeldia. Ainda assim, ela não temera nada, mas continuou a pensar nele, em seu infortúnio e em sua desgraça. De que ele agora era um eterno caso perdido, totalmente e irreparavelmente arruinado, e atirado, por assim dizer, para além dos confins dos homens, ela agora estava convencida. E esse era o irmão no qual acreditara; por quem não só estivera disposta a se sacrificar, mas por quem ela lutara para sacrificar a prima! O que ele iria fazer agora? Conforme ele sumia de sua vista descendo a colina, parecia-lhe que ele estava correndo em direção a algum inferno do qual não poderia haver escapatória.

Ela sabia que havia machucado o braço na queda, mas, por um tempo, Kate não o mexeu ou o sentiu, decidida a não prestar atenção no que lhe poderia ter acontecido. Mas, quando dez minutos haviam se passado desde que George se fora, ela se pôs de pé, e, ao descobrir que o movimento lhe causava grande dor, e que seu braço direito se encontrava impotente, examinou-o com a mão esquerda e percebeu que o osso do braço estava quebrado abaixo do cotovelo. Sua primeira reflexão foi decidir se contaria, ou não, ao irmão sobre aquilo ao reencontrá-lo na casa. Como deveria relatar o acidente a ele? Será que ela deveria mentir, e dizer que havia caído na volta, ao descer a colina

sozinha? É claro que ele não acreditaria nela, mas alguma desculpa deveria ser criada para facilitar a situação entre eles. Não lhe ocorreu que ela poderia não o ver mais pelo resto do dia; e que, quanto à necessidade da mentira, ele não dava a mínima.



Ela começou a caminhar de volta para casa, segurando o braço direito firmemente contra o corpo com a mão esquerda. É claro que ela precisaria falar alguma coisa quando retornasse à casa; mas foi no que deveria dizer a ele que Kate pensava. Quanto aos outros, ela pouco se importava. “Aqui estou; o meu braço está quebrado, é melhor chamarem um médico”. Isso bastaria para eles.

Quando alcançou a trilha do bosque, já estava muito escuro. O céu estava povoado de nuvens, e algumas poucas gotas começaram a cair. Logo, a chuva caiu cada vez mais rapidamente, e antes que ela conseguisse avançar meio quilômetro descendo Beacon Hill, as nuvens se abriram, e o chuveiro se transformou em uma tempestade de água. Por estar sofrendo, ela parou por alguns instantes debaixo de uma grande árvore, usando a desculpa da chuva para se atrasar por alguns minutos, de modo a decidir o que diria. Então, ocorreu-lhe que ela poderia topar com ele novamente antes de alcançar a casa; e, enquanto pensava nisso, começou, pela primeira vez, a temê-lo. Será que saltaria das árvores para realmente matá-la? Será que ele havia dado a volta, assim que sumiu de vista, de modo a surpreendê-la e cumprir aquilo que tinha ameaçado fazer? Conforme a ideia lhe rondava a cabeça, ela fez uma breve tentativa de correr, mas descobriu que correr era impraticável por causa da dor que o

movimento lhe causava. Portanto, ela foi caminhando através de chuva pesada, segurando o braço firmemente contra o flanco do corpo, vigiando o tempo todo as árvores laterais de onde George poderia estar esperando para atacá-la. Mas ninguém se aproximou dela em sua jornada para casa. Se estivesse calma o suficiente para pensar na natureza do terreno, ela teria entendido que ele não poderia ter retornado tão rapidamente. Ele deveria voltar subindo o lado íngreme das colinas que ela o vira descer. Não. Ele tinha ido embora de vez, cruzando as colinas rochosas em direção a Bampton e, naquele instante, abotoava em vão seu casaco na altura do peito, em sua tentativa involuntária de se manter seco. A Fúria o conduzia, mas ele próprio não sabia para onde havia sido conduzido.

O jantar em Vavasor Hall era pedido às cinco; como sempre; ou melhor, era neste horário que o jantar era esperado sem a necessidade de ser pedido. Eram exatamente cinco horas quando Kate alcançou a porta da frente. Ela foi aberta com sua mão esquerda, e, ao se virar imediatamente para a sala de jantar, Kate encontrou o tio e a tia parados em frente ao fogo.

— O jantar está pronto — anunciou John Vavasor. — Onde está George?

— Você está molhada, Kate — notou tia Greenow.

— Sim, estou bastante molhada — disse Kate. — Preciso subir. Talvez a senhora queira me acompanhar, tia?

— Acompanhá-la? É claro que vou.

Tia Greenow percebeu imediatamente que havia algo de errado.

— Onde está George? — insistiu John Vavasor. — Voltou com você, ou devemos esperar por ele?

Kate se sentou em sua cadeira.

— Eu não sei bem onde ele está — Kate respondeu. Enquanto isso, sua tia correu para o seu lado bem a tempo de segurá-la enquanto ela caía de sua cadeira. — Meu braço — Kate disse, muito gentilmente. — Meu braço!

Então, ela escorregou nos braços da tia e desmaiou.

— Ele fez algum mal a ela — declarou Mrs. Greenow, encarando o irmão. — Isso é coisa dele.

John Vavasor permaneceu perplexo, desejando voltar a Queen Anne Street.

CAPÍTULO 57

MOSTRANDO COMO A FERA SELVAGEM SAIU DAS MONTANHAS

Por volta das 11 horas daquela noite – do dia em que o braço de Kate Vavasor fora quebrado – uma gentil batida foi ouvida na porta do aposento da moça. Não havia surpresa nisto, pois de todos na residência, apenas Kate estava na cama. Naquele momento, sua tia se encontrava sentada ao lado de sua cama, e o médico, que fora chamado de Penrith, e que cuidara de seu braço quebrado, ainda estava na casa, conversando sobre o acidente com John Vavasor na sala de jantar, antes de prosseguir em seu retorno para casa.

— Ela vai se recuperar bem — tranquilizou o médico. — Foi apenas uma fratura simples. Virei vê-la depois de amanhã.

— Não é estranho que um acidente desses tenha acontecido por causa de uma queda durante uma caminhada? — perguntou Mr. Vavasor.

O médico deu de ombros.

— Ninguém pode dizer como qualquer coisa pode acontecer — ele respondeu. — Eu conheço uma jovem que quebrou o fêmur só por chutar o gato dela – ou, pelo menos, foi o que ela disse.

— Deveras! Suponho que o senhor não tenha se dado ao trabalho de fazer perguntas a ela, não é?

— Não muitas. O meu interesse era o ferimento, e não como ela o sofreu. Alguém fez perguntas, mas ela manteve sua versão, e nada foi tirado dela. Boa noite, Mr. Vavasor. Não a perturbe com perguntas até que ela tenha tido algumas horas de sono, pelo menos.

O médico foi embora, e John Vavasor foi deixado sozinho, de costas para a lareira da sala de jantar.

Houvera tanta aflição e confusão na casa desde que Kate desmaiara quase imediatamente após chegar em casa, que Mr. Vavasor não tivera tempo de refletir sobre a natureza do acidente que tinha ocorrido. Mrs. Greenow imediatamente concluiu que o osso estava quebrado, e o médico fora chamado. Por sorte, ele foi encontrado em casa e alcançou Vavasor Hall antes das dez horas. Enquanto isso, assim que Kate recuperou os sentidos, ela apresentou sua versão do que acontecera.

O seu irmão havia brigado com ela por causa do testamento, Kate disse, e a abandonara abruptamente nas montanhas. Ela havia caído, ela continuou a narrar, quando deu as costas para ele, e logo percebera que se machucara, mas estivera furiosa demais com o irmão para avisá-lo; e, na realidade, ela não notou a gravidade do machucado até que ele sumisse de vista. Esta foi a versão dela; e, tecnicamente, não havia nada falso nela, ainda que fosse muito falsa

em espírito. Era, certamente, verdade que George não soubera que ela havia se machucado. Era verdade que ela não tinha pedido socorro. Era verdade que, de certa forma, ela havia caído, e era verdade que desconheceria o quão severa fora a ferida até que ele estivesse fora do alcance de sua voz. Mas ela omitiu qualquer menção à agressão dele, e quando pressionada quanto à natureza da briga, Kate se recusou a se prolongar sobre o tema.

Nem o tio e nem a tia acreditaram nela. Isso estava claro como cristal, e Kate sabia que eles não tinham acreditado nela. A ausência de George; a recente experiência que eles haviam tido com o humor dele; e a violência que fraturara o braço dela os fez ter certeza de que Kate tinha mais a contar, caso decidisse falar. Mas em sua presente condição, eles não podiam questioná-la. Mrs. Greenow, entretanto, perguntou sobre a probabilidade do retorno de seu sobrinho.

— Só posso dizer é que ele atravessou as colinas rochosas em direção a Bampton — Kate explicou. — Talvez tenha ido a Penrith. Ele estava muito furioso com nós todos; e como a casa não é dele, George provavelmente decidiu que não passaria outra noite sob este teto. Mas, quem pode dizer? Ele não pensa direito quando está com raiva.

Enquanto permanecia a sós após a ida do médico, John Vavator se esforçou para compreender a verdade ao refletir sobre a história. “Tenho certeza”, pensou consigo, “de que o médico suspeita de violência. Deu para perceber pelo seu tom de voz, e eu pude ver em seus olhos. Mas como provar? Provar adiantaria de alguma coisa? Pobre menina! Não será melhor deixarmos isso passar e fingir que acreditamos na sua história?” Ele decidiu que seria melhor. Por que deveria tomar para si a terrível tarefa de contradizer este relato insano, suspeitando de um ato que não poderia provar? Só o testamento, sem essa confusão, já iria lhe trazer problemas suficientes. Então, começou a desejar estar volta ao clube, e a pensar que a sala de assinaturas em Chancery Lane não era tão ruim. Desta forma, ele subiu para a cama, parando à porta de Kate para saber como estava a paciente.

Enquanto isso, uma mensageira foi de encontro a Mrs. Greenow, que se pusera de vigia ao lado da sobrinha. Uma das criadas trouxe um pedaço de papel à porta, explicando que um rapaz numa carroça o trouxera de Shap, e informara que ele deveria ser entregue a Miss Vavator; e foi a criada que bateu à porta da enferma. O bilhete estava aberto e não possuía endereço; de fato, as palavras estavam escritas em um pedaço de papel que havia sido amarrado em vez de dobrado, e dizia o seguinte: “*Mande as minhas roupas com o mensageiro. Não voltarei à casa*”. Mrs. Greenow o levou a Kate, e depois se retirou para organizar devidamente as coisas do sobrinho em sua mala. A mala foi entregue à carroça, e conforme subia as escadarias,

Mr. Vavasor foi comunicado do que acabara de acontecer.

Mrs. Greenow não fez perguntas nem naquela noite e nem no dia seguinte; mas, na manhã seguinte a essa, quando o médico os deixou com um belo relato sobre o membro quebrado, sua curiosidade decidiu que não esperaria mais. E, na realidade, a indignação, bem como a curiosidade, pressionaram-na. Em temperamento, ela era menos calma e talvez menos egoísta do que o irmão. Se fosse o caso de um homem maltratar sua irmã, ela teria sacrificado muito para lhe trazer punição.

— Kate — ela chamou, quando o médico foi embora. — Eu espero que me conte toda a verdade sobre o que aconteceu entre você e o seu irmão quando se acidentou.

— Eu lhe contei a verdade.

— Mas não toda a verdade.

— Foi toda a verdade que pretendo contar, tia. Ele brigou comigo, penso eu, desnecessariamente, mas não acha que descreverei exatamente o que ocorreu durante a briga, não é? Nós dois erramos, provavelmente, então permita que fique por isso mesmo.

— Ele foi violento quando brigou com você?

— Quando ele fica com raiva, sempre despeja um linguajar violento.

— Mas ele a agrediu?

— Querida tia, não fique irritada se eu disser que não desejo ser interrogada. Prefiro não responder mais sobre isso. Sei que esse questionamento não trará nenhum bem.

Mrs. Greenow conhecia a sobrinha suficientemente bem para saber que nada mais seria tirado dela, mas a viúva estava certa de que Kate não havia quebrado o braço graças a uma simples queda. Ela tinha certeza de que o ferimento fora resultado de uma agressão. Se este não fosse o caso, Kate não teria se recusado a responder a última pergunta que lhe fora feita, bem como teria refutado a acusação proferida contra seu irmão com indignação.

— Que a sua vontade seja feita — proclamou Mrs. Greenow. — Mas vou lhe falar uma coisa: é melhor o seu irmão ficar longe do meu caminho.

— É provável que ele fique — respondeu Kate. — Sobretudo enquanto a senhora estiver aqui, cuidando de mim.

A conduta de Kate em responder todas as perguntas que eram feitas não foi difícil, mas ela descobriu que sentia muito mais dificuldades em planejar seu próprio comportamento futuro em referência ao irmão. Deveria ela abandoná-lo completamente, de agora em diante; afastar-se dele, por assim dizer; possuir interesses perfeitamente separados, e interesses que eram, de fato, hostis? Além disso, deveria ela vê-lo ficar arruinado e saturado pela necessidade de

dinheiro, enquanto se tornava rica com o dinheiro deixado pelo testamento do avô? Devemos lembrar que, até então, a vida dela fora devotada a ele; que todos os seus esquemas e planos tiveram o sucesso dele como objetivo; que ela aprendera a considerar seu dever sacrificar tudo pelo bem-estar dele. É uma coisa muito triste abandonar o único objetivo de uma vida! É muito difícil arrancá-lo do coração e tirar dele o único amor pelo qual essa pessoa prezou! O que ela diria a Alice sobre tudo isso – a Alice, a quem ela separara de um marido digno e levara aos braços de um homem tão imensamente indigno? Para a sorte de Kate, seu acidente possuía uma natureza que a impossibilitava de escrever qualquer coisa a Alice.

Mas que golpe! Que mulher pode receber tal golpe de um homem, e depois voltar para ele com amor? Uma esposa, talvez, precisasse aguentá-lo e voltar. E talvez ela voltasse com aquele tipo de amor que já virara um costume. O homem era o pai de seus filhos, ganhava o pão que eles e ela comiam. Hábitos e costumes do mundo requeriam que ela fosse cautelosa sobre os interesses dele, e que vivesse ao seu lado com qualquer cumplicidade que lhes fosse possível. Mas, quanto ao amor – e tudo aquilo que queremos dizer quando falamos sobre ele e escrevemos sobre ele – um golpe dado pelo defensor à indefesa o esmagaria totalmente! Uma mulher pode perdoar mentiras, traições, deserções – até uma preferência dada a uma rival. Ela pode perdoá-las e esquecê-las; mas eu não acho que uma mulher pode esquecer um golpe. Quanto ao perdão... Não é o golpe que ela não consegue perdoar, mas o espírito de perversidade que o gerou.

Enquanto pensava nisso, Kate disse a si mesma que tudo na sua vida desmoronara. Ela temera a natureza do irmão por muito tempo – temera que ele fosse cruel e insensível; mas, ainda assim, houvera certa esperança em seu medo. Sucesso, se ele conseguisse obtê-lo, amaciá-lo-ia, e então, tudo poderia ficar bem. Mas agora, tudo dera errado, e ela sabia que este era o caso. Quando ele a forçara a escrever para Alice pedindo dinheiro, a sua fé nele quase sucumbiu. Aquilo fora muito perverso, e a perversidade dele a chocara. Mas, agora, ele havia pedido que ela cometesse perjúrio, de modo a ter a sua vontade realizada, e a ameaçara de morte, levantando a mão contra ela, porque havia se recusado a obedecê-lo. Além disso, ele a havia acusado de traí-lo – acusara-a de conspiração premeditada para obter a propriedade para si mesma.

“Mas ele não acredita nisso”, disse Kate a si mesma. “Ele disse isso porque achou que me atormentaria; mas sei que ele não pensa assim”. Kate assistira ao seu irmão ansiar por dinheiro a vida toda – e entendera completamente a intensidade de seu desejo por isso –, a agonia de seu desejo. Mas até hoje ela própria nunca havia

apresentado tal ansiedade, de modo que não conseguia acreditar que seu irmão, em seu coração, acusá-la-ia disso. Quantas vezes ela lhe oferecera, imediatamente, cada xelim que tinha no mundo?! Neste instante, ela resolveu, em sua cabeça, que nunca mais desejava vê-lo; mas, mesmo agora, se fosse praticável, teria repassado, sem temer qualquer desvantagem, todo o seu interesse sobre a propriedade dos Vavasors para ele.

Mas tal repasse era impossível.

John Vavasor permaneceu em Westmoreland por uma semana, e durante esse período, muitas discussões sobre a propriedade foram, é claro, realizadas. Mr. Round veio de Londres e se reuniu com Mr. Gogram em Penrith. Quanto à validade do testamento, Mr. Round garantiu que não havia nenhuma sombra de dúvidas. Então, um agente foi indicado para receber as rendas e ficou acertado que a velha Vavasor Hall deveria ser aberta em seis meses a partir daquele dia. Enquanto isso, Kate ficaria lá até que o seu braço se fortalecesse, e ela pudesse fazer planos para o futuro. Tia Greenow prometeu ficar em Vavasor Hall por ora, e ofereceu, de fato, futura assistência ilimitada, como se estivesse esquecida do capitão Bellfield. De Mr. Cheesacre, ela não se esquecera, pois seguia falando sobre este cavalheiro a Kate, como se fosse pretendente da moça. Mas agora, ela não pressionava a sobrinha a esposar Mr. Cheesacre como se aquilo fosse um dever absoluto. Kate era dona de uma considerável fortuna, e embora um casamento como aquele pudesse lhe trazer conforto, já não era mais necessário. Mrs. Greenow o chamava de “pobre Cheesacre”, apontando o quão fácil ele poderia ser domado, e o quão indubitáveis eram as suas posses; mas ela já não mais discutia as chances de Kate no mercado do matrimônio com desespero, ainda que ela pretendesse recusar a aliança com Cheesacre.

— Uma jovem que recebe 500 libras por ano, minha querida, pode, praticamente, fazer o que bem quiser — falou tia Greenow. — É melhor do que receber dez anos extras para pagar uma dívida.

— E meu dinheiro durará mais do que isso, certamente — respondeu Kate.

A vontade de Kate era que Alice ficasse com ela por um tempo em Westmoreland, antes que os seis meses terminassem, e esta vontade ela mencionou ao tio. Ele prometeu levar a mensagem a Alice, mas não disse mais nada sobre o assunto. Então, Mr. Vavasor foi embora, deixando a tia e a sobrinha juntas em Vavasor Hall.

— Por Deus, o que faremos se aquela fera selvagem surgir subitamente entre nós, mulheres? — indagara Mrs. Greenow ao irmão.

O irmão só pôde dizer “que esperava que a fera selvagem mantivesse distância”.

E a fera selvagem, de fato, manteve distância, ou ao menos

enquanto Mrs. Greenow permaneceu em Vavasor Hall. Retornaremos agora à fera selvagem, e veremos como ela cruzou as montanhas sob a chuva até Bampton, um vilarejo ao sopé de Haweswater. Devemos nos lembrar que, após agredir a irmã, ele deu as costas para ela, e desceu o lado da montanha a passos largos, sem, em momento algum, se virar para avistá-la. Ele se viu sem nenhum poder de persuasão sobre ela, pois considerava que ela daria seu testemunho, se o testamento fosse questionado. Quanto mais a ameaçara, mais firme ela se mostrara em defender sua crença sobre a capacidade do avô. Ela o encarara nos olhos e o desafiara, e ele sentira que fora derrotado. O que faria agora? Na verdade, não havia nada que pudesse fazer. Ele havia dito a ela que a assassinaria, e no estado mental ao qual sua Fúria o havia conduzido, assassinar lhe parecera um recurso do qual ele poderia usufruir. Mas o que poderia ganhar ao assassiná-la – ou, de qualquer forma, assassiná-la ali, nos lados da montanha? Nada, exceto a força! Não haveria gratificação mesmo para a vingança. Se, de fato, tivesse assassinado aquele velho, que estava agora, infelizmente, além do alcance de um assassinato – se tivesse envenenado a xícara do velho antes que o último testamento houvesse sido criado – talvez pudesse obter algum lucro com tal feito! Mas ele só pensara na possibilidade, deixando que um “não ousou” seguisse o rasto de um “desejara” [94] – como agora pensava com grande autocensura. Nada seria conquistado matando sua irmã. Então, ele controlou suas emoções, e afastou-se dela, solitário, montanha abaixo.

A chuva logo caiu e o achou exposto na encosta das colinas. Ele pouco deu atenção para isso, mas abotoou seu casaco, como mencionei, e seguiu em frente. A chuva evoluiu para uma tempestade e ele foi forçado a virar o rosto para o lado, uma vez que ela o atingia pelo norte. Porém, com a mão no chapéu, e a cabeça inclinada contra o vento, ele prosseguiu até alcançar o vale ao sopé, notando que a trilha pela qual fora levado até ali havia se tornado uma estrada. Ele nunca conheceu as montanhas ao redor de Vavasor Hall como Kate, e não sabia aonde estava indo. Apenas sobre uma coisa havia se decidido após deixar a irmã: ele não retornaria à casa. Ele sabia que não poderia fazer nada lá que servisse aos seus propósitos; suas ameaças seriam vãs e impotentes; ele já não tinha mais nenhum amigo por lá. Ele mal conseguia raciocinar sobre a linha de conduta que perseguiria, mas concluiu que deveria voltar depressa para Londres e arrebatar quanto dinheiro pudesse de Alice. Ele ainda era, naquele instante, membro do Parlamento; e enquanto a chuva o deixava ensopado da cabeça aos pés, esforçou-se para absorver consolo da recordação deste fato que o favorecia.

Conforme se aproximava do vilarejo, alcançou um rapaz pastor que descia as colinas, e descobriu o seu paradeiro através dele.

— *Baampton* — o menino dissera, com um sotaque quase escocês, ao ser questionado sobre o nome do local.

Quando Vavator perguntou se havia algum cabriolé por lá, o garoto simplesmente o encarou, sem saber o que era um cabriolé. Por fim, ele foi levado a entender a natureza da necessidade de seu acompanhante, e expressou sua crença de que “John Applethwaite, lá das bandas dos Craigs, tem uma carrocinha”, mas a morada dos Craigs era uma fazenda, que agora surgia a cerca de um quilômetro e meio, cruzando o vale acima. Vavator, torcendo para encontrar um transporte mais veloz do que a carrocinha de John Applethwaite, dirigiu-se à taverna do vilarejo. Na realidade, nem por lá e nem por John Applethwaite, a quem finalmente uma solicitação foi enviada, conseguiu qualquer veículo; e entre as seis e sete horas, ele voltou à chuva para seguir a pé e fatigado em direção a Shap. A distância era de quase oito quilômetros, e as pequenas trilhas secundárias que jaziam entre as amuradas, estavam grudentas e quase glutinosas com a lama gredosa e clara. Antes de partir, tomou um copo de rum quente com água, mas o efeito logo passou, e ele se sentiu mais friorento e fraco do que antes.

Cansado e miserável, ele marchou lentamente. Um homem pode se sentir bastante cansado com uma jornada dessas sem, necessariamente, sentir-se miserável. Exausto, faminto, congelado, encharcado e quase falido, eu já me sentei e dormi entre aquelas trilhas montanhesas – dormi porque a natureza se recusou a permitir uma insônia mais longa. Mas o meu coração esteve tão leve quanto a minha carteira, e houvera alguma coisa no ar das colinas que me deixou alegre e feliz em meio ao cansaço. Mas George Vavator estava tão miserável quanto cansado, e cada passo que dava, marchando através da lama, era um novo infortúnio para ele. O que são oito quilômetros de caminhada para um jovem, ainda que a chuva esteja caindo e os caminhos estejam imundos? O que são, ainda que possam se somar a outros 16 que ele já havia caminhado a pé? A sua irmã Kate não havia dado a mínima para a distância. George, contudo, parara durante o passeio de tempos em tempos, apoiando-se em muros soltos, e amaldiçoando o infortúnio que o levava a tal situação. Ele amaldiçoou o seu avô, seu tio, sua irmã, sua prima e a si mesmo. Amaldiçoou o lugar em que seus antepassados haviam morado e toda a região. Ele amaldiçoou a chuva, o vento, e suas botas urbanas, que não impediam a entrada da lama molhada. Ele amaldiçoou a luz enquanto ela esmorecia, e a escuridão enquanto ela surgia. Várias e várias vezes, amaldiçoou o testamento que o roubara, e o advogado que o tinha criado. Ele amaldiçoou a mãe que havia lhe dado a vida e o pai que o deixara pobre. Ele pensou em Scruby e o amaldiçoou, pensando no tanto de dinheiro que teria de dar novamente àquele

agente implacável. Ele amaldiçoou a Câmara dos Comuns, que lhe havia custado tanto, e os eleitores ambiciosos que jamais o colocariam lá sem que ele pagasse por isso. Amaldiçoou John Grey, conforme pensava naquelas duas mil libras, com duplas maldições. Ele amaldiçoou este mundo e todos além; e assim, amaldiçoando tudo, enfim chegou à estalagem em Shap.

CAPÍTULO 58

OS PALLISERS NO CAFÉ DA MANHÃ

Gentis leitores, vocês se recordam da festa de lady Monk, e de como ela terminou – ou, ao menos, de como ela terminou para aqueles convidados especiais no quais estamos interessados? Mr. Palliser foi embora cedo, Mrs. Marsham o seguiu até sua residência em Park Lane, encontrou-o em casa e contou sua história. Ele retornou à sua esposa, avistou-a sentada com Burgo na sala de jantar, sob os olhos de Argo do persistente Mr. Bott, e a levou para casa. Burgo desapareceu completamente de cena, e Mr. Bott, que se queixava internamente que era frequentemente permitido que a virtude fosse sua própria recompensa, consolou-se com champagne e depois partiu para os seus alojamentos. Quando Mr. Palliser havia subido aos aposentos de lady Monk, em busca da echarpe de sua esposa – este pequeno incidente do qual os leitores talvez se lembrem –, a anfitriã vira que o jogo havia terminado, e pensou arrependida na perda de suas 200 libras. Este foi o fim da festa de lady Monk.

Durante a jornada de volta para casa, acompanhada do marido na carruagem, lady Glencora sugerira abertamente que Mrs. Marsham fora a Park Lane para fofocar sobre sua interação com Burgo, e proclamara a decisão de nunca mais ver aquela dama ou Mr. Bott em sua própria casa. Isto ela disse com mais atrevimento na voz do que Mr. Palliser já ouvira até ali. Por natureza, ele era menos preparado do que ela. Ciente da sua deficiência neste aspecto, absteve-se de responder qualquer coisa sobre o tema. De fato, durante a viagem para casa, pouquíssimas palavras foram trocadas entre eles.

— Tomarei o café com você amanhã — ele comunicou, conforme ela se preparava para subir as escadas. — Ainda tenho trabalho a fazer esta noite, e não a perturbarei entrando em seu quarto.

— Não quer que eu acorde cedo demais? — indagou a esposa.

— Não — respondeu, com mais raiva na voz do que exibira até então. — Que horário seria melhor para você? Preciso dizer alguma coisa sobre o que ocorreu esta noite antes de deixá-la amanhã.

— Eu não sei o que pode ter para me dizer sobre esta noite, mas descerei às 11 e meia. Este horário serve?

Mr. Palliser disse que faria dar certo, e então eles se separaram.

Lady Glencora cumprira seu papel muito bem ante seu marido. Ela havia se recusado a se sentir amedrontada por ele; afinal, fora a primeira a mencionar o nome de Burgo, e o fizera sem nenhum tremor na voz, declarando atrevidamente sua inimizade irreconciliável contra as babás que haviam ousado cuidar dela. Enquanto esteve na carruagem com o marido, ela sentiu um certo orgulho da sua própria força, e conforme desejava boa noite nas escadas e subia devagar até o quarto, sem, em nenhum momento, ter baixado a cabeça diante dele,

um pouco da consciência deste orgulho perdurou. Até mesmo enquanto a sua aia permanecia em sua presença, ela se manteve firme internamente, por assim dizer, dizendo a si própria que não cederia; que ela não se acovardaria – nem diante de seu marido, e nem de seus espiões. Mas, quando ela foi deixada a sós, todo o seu triunfo a abandonou.

Ela pediu que a aia fosse embora enquanto ainda estava de roupão. Quando a moça se retirou, ela se aproximou da lareira, sentando-se perto do guarda-fogo de chinelos, com os cotovelos sobre os joelhos e rosto descansando sobre as mãos. Ela ficou nesta posição por uma hora, com o olhar fixo nas formas cambiantes dos carvões quentes. Durante esta hora, ela, de modo algum, sustentou um espírito desafiador, e seus pensamentos sobre si mesma eram tudo, menos triunfantes. Ela havia se esquecido completamente de Mr. Bott e de Mrs. Marsham. Afinal de contas, eles eram moscas que zumbiam, e que a irritavam por suas presenças. Se ela escolhesse abandonar o marido, eles não poderiam impedi-la disso. Eram em seu marido e Burgo que ela pensava – pesando um contra o outro, e conectando sua própria existência a deles, não como se esperasse a alegria ou conforto amoroso de qualquer um dos dois, mas com uma convicção segura de que haveria infelicidade para si em qualquer um dos lados. Mas, na vergonha ante o mundo todo, que deveria ser sua para sempre, caso ela quebrasse seus votos e aceitasse viver com um homem que não era o seu marido, ela mal pensava. Aquilo que, na estimativa de Alice significa tudo, para ela, neste momento, não significava quase nada. Por si própria ela fora sacrificada, e – como dissera a si mesma com autoacusações amargas – fora sacrificada através da sua própria fraqueza. Mas isso já estava feito. Qualquer que fosse o caminho que escolhesse, ela estava perdida. Eles a haviam casado com um homem que não se importava com a esposa, ou com qualquer outra mulher – assim ela pensava –, mas que queria uma esposa que pudesse lhe dar um herdeiro. Se a preferência de ter um filho tivesse sido dada a ela, lady Glencora achou que poderia se sentir feliz – suficientemente feliz por compartilhar a alegria do seu marido neste aspecto. Mas tudo havia conspirado contra ela. Não havia nada em seu lar que lhe trazia conforto. “Toda vez que me vê, ele pensa em mim como a causa do seu infortúnio”, ela pensou. Sobre a posição de seu marido, sobre a futura posse do título e das propriedades dele, ela pensava muito. Mas, sobre as suas próprias riquezas, nada pensava. Não lhe ocorreu que já havia dado ao marido o bastante neste aspecto para lhe deixar confortável em seu matrimônio com ela. Ela tomou como certa a ideia de que o casamento era desagradável para ele, assim como para si, e que Mr. Palliser futuramente sairia como ganhador se ela se conduzisse a dissolver o matrimônio.



Quanto a Burgo, eu duvido que ela se enganasse demais sobre o caráter dele. Ela sabia muito bem que ele era um homem infinitamente menos digno do que o seu marido. Ela sabia que ele era um homem gastador, ocioso e dado a encrências; sabia que ele bebia, que apostava, e que vivia a vida do homem mais indisciplinado da cidade. Também sabia que, qualquer que fosse sua chance de redimi-lo, caso se casasse com ele honestamente perante todo o mundo, ela não existiria se fugisse com ele como sua amante, abandonando seu marido e todas as suas obrigações, e se transformando em uma criatura vil aos olhos de todas as mulheres. Burgo Fitzgerald não seria influenciado para o bem por uma mulher que estivesse nestas condições. Ela sabia muito sobre o mundo e sobre os seus costumes, e não contava nenhuma mentira a si mesma sobre isto. Mas, como eu disse antes, ela não pensava muito em si mesma. E se ela fosse levada à ruína? E se Burgo fosse falso, mau e indigno de confiança? Lady Glencora o amava, e ele fora o único homem que ela amara! Cada vez mais baixo, ela se agachou diante do fogo; e então, quando os carvões perderam os seus brilhos rubros e suas formas pararam de mudar, ela subiu na cama. Quanto ao quealaria ao marido na manhã seguinte, ela ainda não havia começado a pensar a respeito.

Exatamente às 11 e meia, ela adentrou a pequena sala de desjejum com vista para o parque. Era o aposento mais bonito da casa, e agora, na primavera, conforme as árvores urbanas exibiam seus verdes mais precoces, e se mostravam quase tão frescas e brilhantes quanto as árvores do campo, seria difícil achar uma câmara mais linda. Mr. Palliser já se encontrava ali, sentado com o seu jornal

matinal à mão. Ele se levantou quando ela entrou e, ao se aproximar dela, tocou-a com os lábios. Ela deu a bochecha para ele, e depois foi ocupar o seu lugar à mesa do café da manhã.

— Sentiu alguma dor de cabeça esta manhã? — ele perguntou.

— Oh, não — ela respondeu.

Então, ele pegou o seu chá e sua torrada, falou alguma coisa sobre a agradabilidade do clima, narrou alguns trechos de notícias para ela, e logo se voltou, interessado e absorvido, para o discurso realizado pelo líder da oposição da Câmara dos Lordes. O discurso era muito interessante para Mr. Palliser, porque nele o nobre lorde fazia alusão a um rompimento no atual Gabinete, cujos rumores eram, segundo ele, tão frequentes pelo país, que haviam destroçado todo o sentimento de segurança do governo existente que o país tanto valorizava e desejava. Mr. Palliser ainda não havia ouvido nenhuma notícia oficial sobre o rompimento; mas, se tal rompimento acontecesse, ele deveria favorecê-lo. Ele se sentiu, naquele momento, rodeado pela política – sentiu-se perto do objeto de sua ambição e com questões em suas mãos que requeriam toda sua atenção. Era absolutamente necessário que ele fizesse uma nova referência aos incidentes da noite anterior? Fazer isso seria odioso para ele. A recordação da tarefa, que agora jazia imediatamente diante dele, destruiu toda sua satisfação política. Ele não acreditava que sua esposa estivesse em qualquer perigo sério. Será que ainda não seria possível escapar da chateação, e limpar a mente de todas as suspeitas? Ele não estava com ciúmes; de fato, era incapaz de sentir ciúmes. Ele sabia como aquilo poderia desonrá-lo, e que, sob certos contextos, o mundo esperaria que agisse de certa maneira. Mas a coisa que ele agora tinha de fazer lhe causava grande perturbação. Ele preferiria discursar diante da Câmara dos Comuns com dez colunas de dígitos do que ter de proferir uma palavra de protesto contra a esposa. Mas ela o havia desafiado – ela o desafiara ao dizer que não veria mais seus amigos; e foi a lembrança disso, conforme se ocultava por trás dos jornais, que, no fim, fez com que ele sentisse que não poderia deixar passar o que acontecera em branco.

Mesmo assim, ele continuou lendo, ou fingindo ler, enquanto o passar do café da manhã assegurava que sua esposa permaneceria ali. De vez em quando, ele dizia alguma coisa a ela sobre o que estava lendo, esforçando-se para usar um tom de voz que lhe era costumeiro em seus ensinamentos políticos caseiros. Mas, apesar de tudo, havia uma certa hesitação – havia sinais óbvios de que uma tentativa era feita, dos quais ele estava ciente, e dos quais ela captava com a mais perfeita precisão. Ele postergava o terrível momento, e inutilmente lutava para se convencer de que estava confortavelmente ocupado enquanto ele não chegava. Ela não tinha nenhum jornal, e não fez

qualquer esforço para se enganar. Ela, portanto, foi a primeira a iniciar a conversa.

— Plantagenet — ela chamou. — Você me disse ontem à noite, enquanto eu subia para dormir, que tinha algo a me dizer sobre a festa de lady Monk.

Ele pousou o jornal lentamente, e se virou para encará-la.

— Sim, minha querida. Depois do que aconteceu, creio que devo dizer algo.

— Se está pensando em alguma coisa, por favor, diga — pediu Glencora.

— Não é sempre fácil para um homem mostrar o que pensa através de palavras — ele respondeu. — O meu medo é que você pense que carrego uma opinião que não tenho. E foi por este motivo que decidi dormir antes de falar com você.

— Se há alguém com raiva de mim, prefiro que brigue comigo quando a raiva estiver quente. Odeio raiva fria.

— Mas eu não estou com raiva.

— É isso o que os maridos sempre dizem quando estão prestes a ralar.

— Mas eu não vou ralar com você. Eu só vou aconselhá-la.

— Prefiro que ralhe. O conselho é para raiva aquilo que a raiva fria é para a quente.

— Mas, minha querida Glencora, certamente se eu achar necessário falar...

— Não vou interrompê-lo, Plantagenet. Por favor, continue. Mas será bom quando tudo isto terminar.

Ele agora estava mais averso do que nunca à tarefa em mãos. Quando eles desejam reclamar com suas esposas, os maridos devem falar sem pensar, proferindo suas palavras duramente, rispidamente e rapidamente, para depois se retirarem. Há certas obras que não suportam um prefácio, e esta obra marital de encontrar culpados é uma delas. Mr. Palliser já estava começando a encontrar a verdade desta.

— Glencora — ele disse. — Gostaria que falasse sério comigo.

— Eu estou muito séria — ela replicou, enquanto se apurava na cadeira com um ar de deboche, conforme seus olhos e bocas brilhavam eloquentes com um espírito que o seu marido não amava ver. Pobre moça! Haveria muita seriedade à espera dela antes que pudesse deixar o aposento.

— Você deve falar sério. Sabe por que Mrs. Marsham saiu da festa de lady Monk para vir aqui ontem à noite?

— Claro que sei. Ela veio lhe contar que eu estava valsando com Burgo Fitzgerald. Você pode aproveitar e me perguntar se eu sabia por qual razão Mr. Bott era visto à cada porta, encarando-me.

— Eu não sei nada sobre Mr. Bott.

— Mas eu sei alguma coisa sobre ele — ela respondeu, mexendo-se na cadeira.

— Estou me referindo a Mrs. Marsham no momento.

— Você deveria falar de ambos já que os dois caçam em dupla.

— Glencora, vai me escutar, ou não vai? Se disser que não vai, saberei o que fazer.

— Eu não acho que saberá, Plantagenet — e ela assentiu com sua pequena cabeça para ele, conforme falava. — Eu certamente não sei o que você faria. Mas vou escutá-lo. Só que, como disse antes, será muito bom quando tudo isto terminar.

— Mrs. Marsham veio aqui, não apenas para me contar que você estava valsando com Mr. Fitzgerald — e eu queria que, quando mencionasse o nome dele, você o chamasse de Mr. Fitzgerald.

— E eu o chamo.

— Você geralmente prefixa o seu nome cristão. Seria muito melhor se o omitisse.

— Eu vou tentar — ela disse, muito gentilmente. — Mas é difícil largar um velho hábito. Antes de se casar comigo, você sabia que eu me acostumara a chamá-lo de Burgo.

— Deixe-me continuar — pediu Mr. Palliser.

— Oh, certamente.

— Não foi só para contar que você estava valsando que Mrs. Marsham veio aqui.

— E não foi só para me ver valsar que Mr. Bott se postou perto das portas, porque ele saiu atrás de mim e me perseguiu até a sala de jantar.

— Glencora, pode me fazer o favor de não falar sobre Mr. Bott?

— Gostaria que me pedisse para fazer o favor de não falar sobre Mrs. Marsham.

Mr. Palliser se levantou de sua cadeira rapidamente em um gesto de raiva, permaneceu parado por meio minuto, e depois se sentou outra vez.

— Peço desculpas, Plantagenet — ela falou. — Eu acho que sei o que você deseja, e vou segurar a língua até que me convide a falar.

— Mrs. Marsham veio porque notou que todos no salão estavam observando você com espanto.

Lady Glencora se remexeu em sua cadeira, mas não disse nada.

— Ela notou que você não só dançava com Mr. Fitzgerald, como também dançava com ele... Como devo dizer?

— Palavra, não sei.

— Com imprudência.

— Oh, com imprudência, não é? Como eu fui imprudente?

— Você foi imprudente quanto ao que as pessoas poderiam dizer;

foi imprudente quanto ao que eu poderia sentir; e foi imprudente quanto à sua própria posição.

— Eu já posso falar?

— Talvez seja melhor me deixar continuar. Acho que ela fez certo em vir até mim.

— Isso é óbvio. Do que adianta ter espíões, se eles não correm e delatam logo que veem alguma coisa, sobretudo uma coisa... imprudente.

— Glencora, você está decidida a me deixar com raiva. Eu estou com raiva agora... com muita raiva. Eu não recorri a nenhum espião. Quando os rumores chegaram até mim, não por espíões, como escolhe chamá-los, mas por seus mais queridos amigos e meus...

— O que quer dizer com rumores dos meus mais queridos amigos?

— Esqueça. Deixe-me prosseguir.

— Não; não quando diz que os meus queridos amigos espalharam rumores sobre mim. Diga-me quem são. Eu não tenho amigos queridos. Você quer dizer Alice Vavasor?

— Não tem importância. Mas quando fui alertado de que seria melhor você não ir a qualquer casa em que pudesse encontrar aquele homem, não dei ouvidos. Falei que você era minha esposa e que, assim sendo, confiaria em você em qualquer lugar, em todos os lugares, e com qualquer pessoa. Outros podem desconfiar de você, mas eu não faria isso. Quando pedi que fosse a Monkshade, havia algum espião por lá? Quando a deixei na festa de lady Monk ontem à noite, você acredita, em seu coração, que confiei nos olhos de Mrs. Marsham em vez de na sua lealdade? Acha que tenho vivido com medo de Mr. Fitzgerald?

— Não, Plantagenet. Eu não acho isso.

— Acredita que encarreguei Mr. Bott de vigiar sua conduta? Responda-me, Glencora.

Ela parou por um momento, pensando no que seria sua verdadeira crença acerca daquela situação.

— Ele me vigia, certamente — ela respondeu.

— Isso não responde minha pergunta. Você crê que eu o encarreguei de fazer isso?

— Não, não creio.

— Então, é baixo de sua parte falar comigo sobre espíões. Eu não usei espíões. Se algum dia eu chegasse a esse ponto – de pensar em espíões como uma necessidade – tudo estaria acabado para mim.

Havia algo no sentimento da sua voz enquanto falava isto – algo que quase o emocionava – que tocou o coração de sua esposa. Espíões ou não, ela sabia que, de fato, fizera aquilo que ele proclamara que jamais suspeitaria que ela faria. Ela havia escutado palavras de amor

de seu antigo namorado. Ela recebera, e agora carregava consigo, uma carta deste homem, na qual pedia para que fugisse com ele. Ela, de modo algum, havia decidido que não faria isso. Ela fora falsa com seu esposo; e enquanto ele falava sobre a confiança que sentia por ela, seu próprio espírito se rebelou contra o ludíbrio que ela estava praticando.

— Eu sei que nunca o fiz feliz — ela admitiu. — E eu sei que jamais conseguirei fazê-lo feliz.

Ele a encarou, chocado com seu tom de voz alterado, e percebeu que toda a atitude e semblante dela haviam mudado.

— Eu não entendo o que está dizendo — ele afirmou. — Eu nunca reclamei. Você não me fez infeliz.

Ele era um daqueles homens a quem isto bastava. Se sua esposa não lhe causasse desconforto, o que mais deveria esperar dela? Sem dúvida, ela poderia fazer muito mais por ele. Ela poderia lhe dar um herdeiro. Porém, ele era apenas um homem, e sabia que o bilhete que havia tirado era culpa do infortúnio, e não dela.

Agora, o seu coração estava livre, e ela desabafou – a princípio devagar, mas logo com toda a serenidade de uma paixão forte.

— Não, Plantagenet; eu nunca o farei feliz. Você nunca me amou, e eu nunca ameí você. Nós nunca nos amamos nem por um instante. Eu errei em mencionar espíões a você; eu errei em comparecer à festa de lady Monk; errei em tudo o que tenho feito; mas nunca errei tanto quanto no dia em que me deixei ser persuadida a me tornar sua esposa!

— Glencora!

— Deixe-me falar agora, Plantagenet. É melhor contar tudo; e eu vou. Eu vou lhe contar tudo – tudo! Eu amo Burgo Fitzgerald. Amo! Amo! Como posso evitar? Por acaso, não o ameí primeiro, antes de conhecê-lo? Não sabia que este era o caso? Eu amo Burgo Fitzgerald, e quando fui à festa de lady Monk ontem à noite, eu quase me convenci de confessar isso, de fugir com ele e de me esconder. Mas quando ele veio falar comigo...

— Mr. Fitzgerald pediu que você fosse com ele, então? — indagou o marido, em cujo peito o veneno começava a fazer efeito, assim, mostrando que nem ele estava acima ou abaixo da natureza humana.

Glencora se recordou imediatamente que, ainda que pudesse, se desejasse, revelar seus próprios segredos, ela não deveria, de acordo com suas ideias de honra, revelar aqueles do seu admirador.

— De que adianta perguntar, você acha, quando ambos amaram um ao outro como nós nos amamos?

— Você quis ir com ele, então?

— Isto não teria sido melhor para você? Plantagenet, eu não o amo – não como as mulheres amam os seus maridos quando eles as

amam. Mas, juro por Deus, meu primeiro desejo foi libertá-lo do infortúnio que eu lhe trouxe.



Enquanto dava este testemunho, ela começou a se levantar da cadeira, e a se aproximar dele, segurando-o pelo casaco. Ele estava atordoado, e deu um passo para trás, mas não falou; e então, continuou a encará-la, conforme ela prosseguia.

— O que importa se me afogo, ou se me atiro ao fugir com um homem como esse, contanto que você possa se casar de novo e ter um filho? Eu morreria; eu morreria de bom grado. Como eu queria poder morrer! Plantagenet, eu me mataria se tivesse coragem.

Ele era um homem alto, e ela tinha uma estatura baixa, de modo que Mr. Palliser ultrapassava sua altura, e a observava do alto. Agora, ela olhava para cima, encarando seu rosto com grande empenho.

— Eu me mataria — ela insistiu. — Eu me mataria! Eu me mataria! O que restou para mim que poderia me fazer querer viver?

Suavemente, lentamente, e bem gradualmente, como se estivesse receoso de fazer aquilo, ele pôs o braço em volta da cintura dela.

— Você está errada em uma coisa — ele declarou. — Eu amo você.

Ela balançou a cabeça, tocando o peito dele com seus cabelos enquanto o fazia.

— Eu amo você — ele repetiu. — Se quer dizer que não sou propenso a lhe dizer isso, é verdade, eu sei. A minha mente está ocupada com outras coisas.

— Sim — ela concordou. — A sua mente está ocupada com outras coisas.

— Mas eu realmente amo você. Se você não pode me amar, é um grande infortúnio para nós dois. Mas nós não estamos, portanto, desgraçados. Quanto à outra coisa que mencionou – sobre, ainda, não termos filhos... — e, ao dizer isso, ele a trouxe mais para perto de si com seu braço. — Você se deixa pensar demais nisso – muito mais do que eu penso. Eu não fiz nenhuma reclamação sobre isso, nem mesmo em meu coração.

— Eu conheço os seus pensamentos, Plantagenet.

— Acredite quando digo que você os interpretou mal. É claro que estive ansioso, e, talvez, tenha exposto minha ansiedade com o esforço que fiz para escondê-la. Eu nunca lhe disse algo falso, Glencora.

— Não, você não é falso!

— Eu prefiro tê-la como esposa, mesmo sem filhos, se tentar me amar, do que ter qualquer outra, mesmo que ela possa me dar um herdeiro. Você vai tentar me amar?

Ela ficou em silêncio. Naquele momento, após a confissão que havia feito, ela não se sentia capaz de sequer dizer que tentaria. Se houvesse dito, ela pareceria ter aceitado o perdão dele muito facilmente.

— Acho, querida, que é melhor deixarmos a Inglaterra por um tempo — ele falou, ainda a segurando pela cintura. — Vou desistir da política pelo resto da temporada. Você gostaria de passar o verão na Suíça, ou talvez num resort alemão, e depois ir para a Itália, quando o clima estiver frio o bastante?

Ela continuou em silêncio.

— Talvez sua amiga, Miss Vavasor, queira nos acompanhar?

Ele estava acabando com ela com sua bondade. Ela ainda não podia falar com ele; mas agora, quando ele tocou no nome de Alice, ela gentilmente levantou a mão e a pousou em suas costas.

Naquele momento, ouviu-se uma batida na porta – uma batida aguda, que rapidamente foi repetida.

— Entre — disse Mr. Palliser, soltando a cintura da esposa, e se afastando alguns centímetros dela.

CAPÍTULO 59

O DUQUE DE ST. BUNGAY EM BUSCA DE UM MINISTRO

Fora o mordomo quem batera – mostrando que a batida tinha mais importância do que se houvesse sido dada pelos nós dos dedos do criado de libré.

— Se puder me acompanhar, senhor, o duque de St. Bungay está aqui.

— O duque de St. Bungay! — espantou-se Mr. Palliser, enrubescendo bastante ao ouvir o anúncio.

— Sim, senhor. Sua Graça está na biblioteca e me pediu para informá-lo que gostaria especialmente de vê-lo; então, disse a ele que o senhor estava com minha senhora.

— Deveras correto; diga à Sua Graça que estarei com ele em dois minutos.

Então, o mordomo se retirou e Mr. Palliser se viu a sós outra vez com sua esposa.

— Devo ir agora, querida — ele falou. — E talvez não a veja mais até à noite.

— Não me deixe tirá-lo de seu caminho — ela respondeu.

— Oh, não – não vai me tirar. Você se arrumará às nove, suponho.

— Não pretendo fazer isso — ela replicou. — Você não deve pensar mais na Itália. Ele veio lhe dizer que sua presença é requisitada no Gabinete.

Outra vez, ele ficou muito vermelho.

— Pode ser — ele aquiesceu. — Mas ainda que ela seja requisitada, eu não preciso ir. Porém, não devo deixar o duque esperando. Adeus — disse, virando-se para a porta.

Ela o seguiu e segurou sua mão enquanto ele se afastava, de modo que Mr. Palliser foi forçado a se virar para sua esposa novamente. Ela conseguiu tomar as duas mãos dele, e as apertou intimamente, encarando seu rosto com os olhos carregados de lágrimas. Ele sorriu para ela gentilmente, devolveu a pressão das mãos, e a deixou – sem beijá-la. Não que não estivesse disposto a beijá-la. Ele a teria beijado de muito bom grado se houvesse pensado que a ocasião era apropriada. “Ele diz que me ama”, refletiu lady Glencora, “mas não sabe o que o amor significa”.

Mas lady Glencora estava bastante ciente de que ele havia se portado diante dela com dignidade sincera e genuína. Assim que ficou a sós e certa de sua privacidade, retirou a carta do bolso, rasgou-a em fragmentos muitos pequenos, sem lê-la, e atirou os pedaços no fogo. Enquanto o fazia, sua mente pareceu se fixar, apesar de tudo, numa

coisa: ela não iria mais pensar em Burgo Fitzgerald como seu futuro mestre. Eu acho, contudo, que ela chegou a certeza disso no momento em que se separou de Burgo Fitzgerald, na sala de jantar de lady Monk. Ela fora corajosa o bastante – ou devemos dizer, pecaminosa o bastante – para pensar em ir com ele; para dizer a si própria que o faria; para se colocar na trilha desta ideia. Não. Ela fora o bastante dessas duas coisas a ponto de dizer ao marido que, se fizesse isso, seria bom para ele. Mas ela não fora nem corajosa e nem diabólica o bastante para levar o plano adiante. Como ela mesma dissera quanto a ideia de se destruir – ela não ousava dar esse mergulho. Portanto, sabendo disso agora, ela rasgou a carta que havia carregado por tanto tempo, e a queimou na lareira.

Na verdade, ela havia contado tudo a ele, crendo que, ao fazê-lo, estaria assinando a sua própria sentença de morte no tocante à sua posição na casa. Ela fizera isso, portanto, sem esperar qualquer escapatória, e sem possuir qualquer propósito sobre si mesma, simplesmente porque a farsa lhe fora muito penosa e ficara insuportável assim que as palavras e modos dele demonstraram algum sentimento de gentileza. Mas sua confissão havia sido perdoada na mesma hora em que fora feita. Ela havia lhe dito que não o amava. Ela havia lhe dito, até mesmo, que pensara em deixá-lo. Ela havia dito com as suas próprias palavras que, qualquer tratamento severo que ele escolhesse adotar, seria justificado. Mas o resultado – o resultado imediato – fora a maior ternura que ela já o vira expressar. Ela entendia que ele a havia conquistado. Por mais frio e rígido que o lar dele fosse com ela, ele seria o seu lar agora. Não poderia haver mais pensamentos sobre deixá-lo. Ela havia subido no ringue e disputado contra ele, e ele saíra vitorioso.

Já, Mr. Palliser, não teve muito tempo para pensamentos antes de se encontrar reunido com o duque; mas conforme cruzava o corredor e subia as escadas, um ou dois pensamentos passaram rapidamente por sua mente. Ela havia se confessado, e ele a perdoara. Ele não se sentia seguro de que havia agido certo, mas se sentia seguro de que a coisa estava feita. Ele reconheceu como fato que, no tocante ao passado, nada mais deveria ser dito. Não haveria reprimendas, e deveria haver um abandono tácito da assiduidade íntima de Mrs. Marsham. Quanto a Mr. Bott – ele havia começado a odiar Mr. Bott, e se sentira cruelmente ingrato quando esse cavalheiro se esforçou para lhe sussurrar uma palavra em seu ouvido, conforme ele atravessava a porta da sala de jantar de lady Monk. E ele havia se oferecido para levá-la para fora do país – para viajar e deixar a política para trás, assim como sua ambição e suas vindouras honras. Ele tinha persistido na oferta, mesmo após sua esposa lhe sugerir que o duque de St. Bungay estava agora em seu lar com o objetivo de oferecer

exatamente aquilo que ele desejara por tanto tempo! Enquanto refletia sobre isso, o seu coração pesou dentro de si. Tais chances – assim ele raciocinou –, não surgiam duas vezes na vida de um homem. Ao retornar de uma residência de doze meses longe do país, ele seria um ninguém na política. Teria perdido tudo pelo qual trabalhara a vida toda. Mas ele era um homem de palavra, e logo que abriu a porta da biblioteca, sentiu-se decidido – ele acreditava que poderia ser resoluto no cumprimento de sua promessa.

— Duque — ele disse. — Receio que o deixei esperando.

E os dois aliados políticos apertaram as mãos. O duque brilhava de contentamento. Não houvera espera. Ele só estava feliz por encontrar o amigo em casa. Ele estivera preparado para aguardar, mesmo que Mr. Palliser tivesse saído.

— Suponho que sabe por que vim — falou o duque.

— Prefiro que me diga, do que ter de adivinhar — respondeu Mr. Palliser, sorrindo por um momento. Mas o sorriso logo desapareceu de seu rosto, assim que se recordou do juramento que havia feito à esposa.

— Ele finalmente renunciou. O que foi dito na Câmara dos Lordes ontem à noite o forçou a fazer isso, ou então lorde Brock teria de declarar que o apoiaria sob chuva ou sol. É claro que posso contar tudo agora. Se ele não tivesse ido embora, eu teria ido. Você sabe que não gosto da presença dele no Gabinete. Eu admiro seu caráter e sua inteligência, mas penso que, como estadista, é o homem mais perigoso da Inglaterra. Ele tem princípios altos – os mais altos, mas são tão altos que ficam fora de vista dos olhos ordinários –; são exaltados demais para terem alguma utilidade aos propósitos cotidianos. Ele é tão honesto quanto o sol, certamente; mas é exatamente como a honestidade do sol – de um tipo que os homens abaixo não conseguem entender ou apreciar muito bem. Ele não possui instinto na política, mas alcança suas conclusões com deduções filosóficas. Agora, na política, eu preferiria confiar mais no instinto que em cálculos. Eu acho que ele provavelmente saberia como a Inglaterra deve ser governada daqui a três séculos, melhor do que qualquer outro homem vivo, mas sobre a maneira apropriada de governá-la agora, creio que saiba menos. Brock meio que gosta dele, meio que o teme. Ele gosta do apoio de sua eloquência e gosta do poder do homem; mas teme sua incansável atividade, e detesta totalmente a filosofia dele. De todo modo, ele nos deixou, e eu estou aqui para convidá-lo a ocupar o seu lugar.

Ao concluir seu discurso, o duque se mostrou bastante contente, quase jovial. Ele estava absolutamente satisfeito com o novo combinado político que estava propondo. Ele considerava que Mr. Palliser era um homem de negócios firme e prático, felizmente jovem,

e, portanto, com muita disposição em si, que pertencia à raça que ministros ingleses, em sua opinião, deveriam ter, e que, em certos aspectos, era o seu próprio pupilo. O duque fora o primeiro a declarar em voz alta que Plantagenet Palliser seria o futuro chanceler do Tesouro; e há muito tempo se sabia, ainda que nenhuma declaração sobre isso tivesse sido dada em voz alta, que o duque não se sentia confortável no mesmo Gabinete que o cavalheiro que agora havia renunciado. Tudo tinha acabado como o duque desejara; e ele estava preparado para celebrar com um pouco de ovação com seu jovem amigo, antes de deixar a casa em Park Lane.

— E quem sairá com ele? — perguntou Mr. Palliser, adiando o momento maligno de sua própria decisão; mas antes que o duque pudesse responder, ele lembrou que, diante das circunstâncias presentes, não tinha o direito de fazer tal pergunta. Sua própria decisão não poderia se esconder sob aquilo. — Mas não importa — ele continuou. — Receio que terei de recusar a oferta que o senhor me traz.

— Recusar?! — abismou-se o duque, que não teria ficado mais surpreso nem que seu amigo estivesse falando sobre se recusar a entrar no Paraíso.

— Receio que eu deva.

O duque agora havia se levantado da cadeira e se encontrava de pé, com ambas as mãos sobre a mesa. Todo o seu contentamento e jovialidade haviam desaparecido. O seu atraente rosto redondo se esticava quase grotescamente; os seus olhos e boca batalhavam para transmitir uma reprimenda, e a reprimenda se via quase afogada em vexação. Desde que o Parlamento se reunira, ele havia sussurrado o nome de Mr. Palliser nos ouvidos do primeiro-ministro, e agora... Mas ele não poderia e não iria acreditar nisso.

— Bobagem, Palliser — ele repreendeu. — Você deve ter alguma noção falsa em sua cabeça. Não há razão possível para que não se junte a nós. O próprio Finespun irá nos apoiar, ou, ao menos, por um tempo.

Mr. Finespun era o cavalheiro cuja saída do ministério acabara de ser revelada pelo duque de St. Bungay.

— Não é nada dessa natureza — garantiu Mr. Palliser, que possivelmente se sentia inteiramente à altura dos deveres propostos a ele, ainda que Mr. Finespun não o apoiasse. — Não é nada dessa natureza; não é esse tipo de receio que me impede.

— Então, pelo amor de Deus, o que é? Meu caro Palliser, pensei que estivesse tão certo sobre este assunto quanto eu mesmo; e eu tinha o direito de pensar deste jeito. Você certamente pretendia se juntar a nós há um mês caso a oportunidade fosse oferecida. Você certamente pretendia.

— É verdade, duque. Eu devo pedir que me escute agora, e preciso lhe dizer o que eu não contaria a nenhum homem de bom grado.

Enquanto Mr. Palliser dizia isso, um semblante de agonia tomou conta da sua face. Há homens que conseguem discutir facilmente a maioria de suas intimidades, mas ele não era um homem assim. Era extremamente contrário à sua natureza expor as aflições do seu lar, mesmo a um amigo como o duque; contudo, era essencialmente necessário que ele se justificasse.

— Juro por Deus — observou o duque. — Não consigo entender como pode haver uma razão forte o suficiente para abandonar o seu partido.

— Eu prometi levar minha esposa em uma viagem para fora do país.

— É só isso? — indagou o duque, mirando-o com surpresa, mas, ao mesmo tempo, recuperando um pouco da jovialidade de seu rosto. — Ninguém costuma pensar em viajar para fora do país nesta época do ano. É claro que você poderá se licenciar por um tempo quando o Parlamento entrar de férias.

— Mas eu prometi ir imediatamente.

— Então, considerando sua posição, você fez uma promessa que lhe convém quebrar. Estou certo de que lady Glencora enxergará desta forma.

— O senhor não me entendeu muito bem, e eu receio que deva lhe incomodar com questões que, em outras circunstâncias, seria impertinente de minha parte impor.

Uma certa postura firme e uma qualidade ponderada de voz, muito distinta da que estivera usando, dominou-o conforme ele dizia isto.

— É claro, Palliser, não desejo interferir nem por um momento.

— Se me permitir, duque. A minha esposa me disse algo nesta manhã que me faz crer que uma saída da Inglaterra é condição indispensável para seu presente conforto. Eu estava com ela quando o senhor chegou, e havia acabado de lhe prometer a viagem.

— Mas, Palliser, raciocine. Se fosse um assunto reles, eu não o pressionaria; mas um homem em sua posição possui deveres públicos. Tal homem deve seus serviços a este país. Ele não tem direito de voltar atrás, mesmo que lhe seja possível fazê-lo.

— Quando um homem dá a sua palavra, não é certo voltar atrás.

— É claro que não é. Mas um homem pode ser absolvido de uma promessa. Lady Glencora...

— Minha esposa, é claro, absorver-me-ia. Não é isso. A felicidade dela exige isso, e essa situação é parcialmente culpa minha. Não posso explicar mais detalhadamente por que devo desistir do grande

objetivo pelo qual lutei com todas as minhas forças.

— Oh, não! — lamentou o duque. — Se tem certeza de que isso é imperativo...

— É imperativo.

— Sabe, eu posso lhe dar 24 horas.

Mr. Palliser não respondeu de imediato, e o duque pensou ter captado algum sinal de hesitação.

— Não seria possível que eu falasse com lady Glencora?

— Não adiantaria, duque. Ela meramente declararia, logo de cara, que permaneceria em Londres; mas nem por isso seria menos dever meu levá-la para fora do país.

— Bom, não sei. É claro, eu não sei. Uma oportunidade como essa pode não surgir duas vezes na vida de um homem – e ainda na sua idade! Você está jogando fora a melhor posição política que o mundo pode oferecer à ambição de um homem. Ninguém com sua idade teve uma chance dessas até onde eu lembro. Um homem com menos de 30 anos ser considerado para o cargo de chanceler do Tesouro, e o recusar... porque quer levar a esposa numa viagem ao exterior! Palliser, mesmo que ela estivesse morrendo, você deveria atender a uma emergência dessas. Ela teria ido, mas você ficaria.

Mr. Palliser ficou quieto por um momento ou dois em sua cadeira; ele, então, levantou-se e caminhou em direção à janela, conforme falava.

— Há coisas piores do que a morte — ele declarou, assim que ficou de costas. A sua voz saiu baixa, e uma lágrima brotou em seu olho enquanto ele proferia estas palavras; as palavras, de fato, haviam sido sussurradas, mas o duque as escutou, e sentiu que não poderia mais pressioná-lo quanto à questão da esposa.

— Esta será sua decisão final? — indagou o duque.

— Acredito que será. Mas sua visita ocorreu tão rapidamente em relação à minha decisão de viajar – que, na realidade, só foi tomada dez minutos antes que seu nome fosse trazido a mim –, que creio que devo solicitar parte destas 24 horas que o senhor me ofereceu. Uma pequena parte será suficiente. O senhor me verá se eu for visitá-lo, digamos, às oito horas desta noite? Se a Câmara dos Lordes estiver em sessão, eu o procurarei em St. James's Square.

— Poderemos nos reunir às oito, penso eu.

— Então, ver-nos-emos lá. E, duque, preciso pedir que pense em mim nesta questão como um amigo deveria pensar, e não como se estivéssemos unidos somente por uma obrigação de partido.

— Eu pensarei... Eu pensarei.

— Eu contei ao senhor o que jamais sussurrarei a qualquer outra pessoa.

— Creio que você sabe que sua intimidade está segura comigo.

— Tenho certeza disto. E, duque, posso dizer que o sacrifício será quase maior do que aquilo que posso suportar. Esta coisa que o senhor me ofereceu hoje é a única que eu já cobicei. Pensei nela e trabalhei por ela; tive esperanças e me desesperei; fui, por algumas vezes, vão o suficiente de pensar que ela estava à minha altura, e, por algumas semanas senti-me totalmente miserável ao dizer a mim mesmo que estava completamente fora do meu alcance.

— Quanto a isso, nem Brock e nem eu, ou qualquer um de nós, carrega qualquer dúvida. O próprio Finespun diz que você é o mais apropriado.

— E eu sou muito grato a eles. Mas digo tudo isto simplesmente para que o senhor entenda o quão imperativo é o meu dever que, como penso, requer que eu recuse a oferta.

— Mas você ainda não a recusou — lembrou o duque. — Vou esperá-lo na Câmara, quer esteja em sessão, ou não, e tentarei convencê-lo a se juntar a nós. Faça o melhor que puder. Não comentarei nada sobre o dever do qual fala, mas se houver a possibilidade de fazê-lo ser compatível com o seu serviço público, por favor – por favor, aceite. Lembre-se do quanto um homem como você deve ao seu país.

Então, o duque partiu, e Mr. Palliser foi deixado sozinho.

Ele não era deixado sozinho desde a revelação que lhe fora feita por sua esposa, e as palavras que ela havia proferido ainda retumbavam em seus ouvidos. “Eu amo Burgo Fitzgerald! Amo! Amo! Amo!” Aquelas não eram palavras que um jovem marido acharia agradáveis ouvir. Há homens, certamente, cuja natureza os faz se sentir mais miseráveis ante a angústia do que Plantagenet Palliser. Ele era calmo, não era dado a emoções intensas, não era propenso a proferir palavras com significado mais forte do que aquele que deveriam carregar – e ele, essencialmente, não era um homem desconfiado. Nem por um momento pensou, mesmo enquanto aquelas palavras rastejavam por seus ouvidos, que sua esposa havia traído a honra dele. Apesar disso, tal coisa povoava o seu coração, e ele se lembrou daquelas palavras, que o fizeram sentir que o mundo era quase pesado demais para se aguentar. Pelo primeiro quarto de hora que sucedeu a partida do duque, ele refletiu mais sobre sua esposa e Burgo Fitzgerald do que sobre lorde Brock e Mr. Finespun. Mas disto estava ciente: ele perdoara a esposa; havia posto o braço em volta dela, e a abraçado após ouvir sua confissão – e ela, sem proferir quaisquer palavras, e apenas com seus olhos, prometera que faria o seu melhor por ele. Então, uma espécie de ideia de amor cruzou seu coração, e ele admitiu a si mesmo que havia se casado sem amar, ou sem requisitar amor. Muito daquilo fora culpa dele mesmo. Na verdade, não seria a coisa toda um resultado de seus próprios erros?

Ele admitiu que esse era o caso. Mas agora... Agora ele a amava. Ele sentiu que não suportaria se separar dela, mesmo que um escândalo público, ou uma desgraça fossem iminentes. Ele se sentiu despedaçado por dentro com a afirmação de que ela amava outro homem. Ela enfim afetara seu coração. Há homens que podem amar suas esposas, mesmo que nunca tenham se apaixonado antes de se casarem.

Quando uma hora havia se passado desde a saída do duque, e quando, sob circunstâncias ordinárias, seria hora de ir à Câmara, ele pegou o seu chapéu e caminhou até o parque. Ele fez um percurso cruzando Hyde Park, e entrando em Kensington Gardens, e lá ficou por uma hora, passeando por aqui e por acolá, sob os olmos. Os fofoqueiros da cidade que por acaso o vissem, e que haviam ouvido alguma coisa sobre as atividades políticas daquilo dia, certamente pensariam que ele estava meditando sobre a sua futura carreira ministerial. Mas pouco depois de chegar ali, concluiu que nenhuma carreira ministerial estaria, no presente momento, aberta a ele.

— Isso foi minha culpa — ele disse, enquanto voltava para casa. — E com a ajuda de Deus, eu consertarei tudo, se for possível.

Mas Mr. Palliser era um homem vagaroso, e não foi instantaneamente se encontrar com o duque. Ele havia marcado de ir às oito horas, e aproveitou cada minuto que possuía. Ele não poderia ir até a Câmara dos Comuns porque os homens fariam perguntas que teria dificuldades em responder. Então, jantou em casa, a sós. Ele dissera à esposa que a veria às nove, e antes daquela hora, não iria ao seu encontro. Ele permaneceu sentado, sozinho, até que fosse a hora de partir em sua Brougham, e refletir sobre tudo. Aquela posição no Gabinete e a chancelaria do Tesouro, que infinitamente desejara, já estavam para trás. Não havia dúvida quanto a isso. Poderia ter sido melhor para ele não se casar; mas, agora que estava casado, e que certas coisas o haviam trazido adversamente a tal situação, ele sabia que a segurança de sua esposa era o seu dever prioritário. “Iremos para a Suíça”, ele disse a si mesmo, “para Baden, e depois partiremos para Florença e Roma. Ela ainda não visitou nenhum destes lugares, e uma nova vida a mudará. Ela levará sua própria amiga consigo”. Então, ele foi até a Câmara dos Lordes, e se reuniu com o duque.

— Bom, Palliser, é óbvio que não posso mais argumentar com você — avaliou o duque, ao terminar de ouvi-lo. — Posso apenas dizer que lamento muito, talvez mais do que acredite. De fato, meio que parte o meu coração.

A voz do duque estava muito triste, e alguns até poderiam achar que estava a ponto de deixar cair uma lágrima. Na realidade, ele desprezava Mr. Finespun com o sentimento político mais forte que era capaz de conjurar, e se afeiçoara a Mr. Palliser com uma força quase igual. Mas que grandíssima pena! Como ele havia dado duro para

tornar aquele arranjo uma realidade, que agora tombaria por causa da tolice de uma mulher! “Eu nunca gostei muito dela”, disse o duque para si mesmo, pensando, talvez, um pouco nas queixas da duquesa sobre ela.

— Preciso ver Brock imediatamente e contar a ele — declarou em voz alta. — Só Deus sabe agora o que faremos. Adeus! Adeus! Não, eu não fiquei com raiva. Não haverá nenhuma desavença. Mas lamento muito.

Desta maneira, os dois políticos se separaram.

Talvez seja melhor seguir este movimento político até o fim. O duque foi ver lorde Brock naquela noite, e então, esses dois ministros solicitaram a chegada de outro ministro – outro nobre lorde, um homem de grande experiência em Gabinetes. Estes três discutiram a questão juntos, e no dia seguinte, lorde Brock subiu à tribuna da Câmara, e fez um forte discurso em defesa do seu colega, Mr. Finespun. Até o fim daquele mandato, pelo menos, Mr. Finespun manteve seu cargo, e tomou posse dos carimbos do Tesouro enquanto todos os fofoqueiros da nação, que balançavam a cabeça, falavam do maravilhoso poder de Mr. Finespun, e declaravam que lorde Brock não ousava encarar a oposição sem ele.

Enquanto isso, Mr. Palliser retornou à sua esposa, e lhe contou sobre sua decisão em referência à viagem que fariam ao exterior.

— Talvez seja melhor irmos de uma vez — ele sugeriu. — Em todo caso, não há nada da minha parte que nos impeça.

CAPÍTULO 60

O NOME DE ALICE VAVASOR ADENTRA O MERCADO FINANCEIRO

Cerca de dez ou 12 dias após o retorno de George Vavasor de Westmoreland para Londres, ele surgiu nos escritórios de Mr. Scruby com quatro pequenas tiras de papel nas mãos. Mr. Scruby, como sempre, pressionava-o por fundos. A terceira eleição estava chegando, e dinheiro já estava sendo gasto muito generosamente entre os homens da margem do rio. Ou, pelo menos, fora o que Mr. Scruby declarara. Mr. Grimes, do “Belo Homem”, havia demonstrado sinais de querer restaurar sua aliança, mas Mr. Grimes não poderia se dar ao luxo de ser leal sem dinheiro. Ele tinha sua pequena família para proteger. Scruby, também, tinha sua pequena família e não sentiu a menor vergonha de usá-la nesta ocasião.

— Sou um homem de família, Mr. Vavasor e, portanto, nunca corro nenhum risco. Eu nunca me afasto pela estrada sem que possa enxergar o caminho de volta.

Isto ele disse em resposta a uma proposta para aceitar uma nota assinada por George para custear as despesas da próxima eleição, e que seria paga em três meses.

— É tão difícil lucrar imediatamente após uma morte, quando toda a propriedade deixada é uma propriedade fixada — explicou-se George.

— Muito difícil — concordou Mr. Scruby, que havia escutado com exatidão todos os pormenores do testamento do velho lorde. Vavasor compreendeu o advogado, amaldiçoou-o internamente, e sugeriu a si mesmo que algum dia poderia assassinar Mr. Scruby, bem como John Grey – e talvez mais alguns de seus inimigos. Dois dias após a entrevista na qual sua própria nota assinada foi recusada, ele novamente compareceu a Great Marlborough Street. Nesta ocasião, apresentou as quatro tiras de papel que já foram mencionadas. Mr. Scruby as estudou com atenção, analisando primeiro um lado horizontalmente, e depois o outro lado perpendicularmente. Todavia, antes de descobrimos qual foi o julgamento pronunciado por Mr. Scruby quanto a estas quatro tiras de papel, devemos recuar um pouco no tocante à história delas. Como elas haviam sido recém-criadas, não precisaremos recuar muito.

Uma certa manhã, por volta das 11 horas, a criada foi até Alice, que se encontrava sentada, a sós, na sala de estar em Queen Anne Street, e lhe informou que havia um “cavalheiro” no corredor esperando para ser atendido por ela. Todos nós sabemos o tom com o qual os criados anunciam um cavalheiro quando estão cientes de que tal cavalheiro não é um cavalheiro.

— Um cavalheiro que deseja me ver! Que tipo de cavalheiro?

— Bom, senhorita, eu não acho que ele seja da nossa estirpe; mas possui aparência decente.

Alice Vavasor não desejava negar sua presença a ninguém, exceto a uma pessoa. Ela sabia muito bem que o cavalheiro no corredor não poderia ser seu primo George, e, portanto, não se recusou a vê-lo.

— Deixe-o subir — ela pediu. — Mas é melhor perguntar o nome dele, Jane.

Jane foi perguntar o nome dele, e voltou imediatamente, anunciando Mr. Levy.

Isto ocorreu imediatamente após o retorno de Mr. John Vavasor de Westmoreland. Ele havia chegado em casa tarde da noite anterior, e na hora da visita de Mr. Levy, achava-se em seu quarto de vestir.

Alice se levantou para receber seu visitante, e logo compreendeu o tom de voz da sua criada. Mr. Levy certamente não era um cavalheiro do tipo que ela estava acostumada. Era um homem pequeno de pele morena, com olhos aguçados, próximos um ao outro em sua cabeça, um nariz de papagaio com um dorso grosso, e um bigode negro, mas nenhuma barba. Alice não gostou nem um pouco da aparência de Mr. Levy, mas foi recebê-lo com uma pequena mesura e o convidou a se sentar.

— Papai já se vestiu? — Alice perguntou à criada.

— Bom, senhorita, creio que ainda não.

Alice achou melhor deixar Mr. Levy a par da presença de um cavalheiro na casa.

— Eu vim tratar de um pequeno negócio, senhorita — explicou Mr. Levy, quando foram deixados a sós. — Não é nada com que precise se preocupar. A senhorita verá que está tudo nos conformes, eu acho.

Então, ele tirou um estojo do bolso do peito e conjurou um bilhete que foi passado a ela. Alice pegou o bilhete e viu logo que ele lhe era endereçado pelo seu primo, George.

— Sim, Mr. George Vavasor — disse Mr. Levy. — Imagino que a senhorita nunca me viu, não é?

— Não, senhor; acredito que não — respondeu Alice.

— Eu sou o bancário do seu primo.

— Oh, é bancário de Mr. Vavasor. Lerei a carta dele, se me der licença, senhor.

— Faça o favor, senhorita.

A carta de George Vavasor à sua prima dizia o seguinte:

“CARA ALICE,

Depois do que se passou entre nós na última vez que a vi, achei que, ao retornar de Westmoreland, veria que você tinha pagado ao meu

banqueiro o montante que requeri. Mas descobri que este não foi o caso; e é claro que a desculpo, pois as mulheres raramente sabem quando ou como fazer aquilo que os negócios demandam delas. Você, sem dúvida, já está a par da injustiça que o meu avô cometeu contra mim, e provavelmente se sentirá tão indignada quanto eu. Menciono isso agora somente porque a natureza do testamento dele faz com que seja, mais do que nunca, competente a você ser leal àquilo que prometeu.

Até que haja espaço para um melhor entendimento entre nós – e não tenho dúvida de que este momento chegará – penso que é melhor não ir a Queen Anne Street em pessoa. Eu, portanto, envio o meu bancário de confiança com quatro notas, cada uma no valor de 500 libras, que deverão ser transferidas em até 14 dias, e nas quais quero que você assine o seu nome. Mr. Levy mostrará como isso deve ser feito. O seu nome deve constar abaixo da palavra “aceito”, e logo acima dos nomes de Messrs. Drummonds, onde o dinheiro já deve estar à minha disposição, de qualquer jeito, até, no máximo, a segunda-feira após esta quinzena. De fato, o dinheiro deve constar lá em algum momento do sábado. Eles a conhecem tão bem no banco dos Drummonds, que você não fará objeções a visitá-los na manhã do sábado e perguntar se está tudo bem.

Certamente foi uma inconveniência não encontrar o dinheiro como eu esperava ao retornar à cidade. Se estas notas não forem apropriadamente providenciadas, o resultado será bastante desastroso para mim. Eu me sinto, no entanto, seguro de que isto será feito, tanto pelo seu próprio bem quanto pelo meu.

*Afetuosamente seu,
GEORGE VAVASOR”.*

O descaramento sem igual desta carta produziu o efeito que o seu criador esperava. Ela fez Alice pensar imediatamente em seu próprio desleixo – se é que ela fora desleixada – e não no tamanho da exigência dele. O ar decidido com que ele lhe pedira dinheiro, sem qualquer pretensão de se desculpar, induziu-a, por ora, a crer que ela não tinha alternativa, senão dá-lo, e que ela errara ao atrasá-lo. Ela havia lhe dito que ele poderia ter o dinheiro, e deveria cumprir com sua palavra. Ela não deveria tê-lo forçado à necessidade de exigí-lo.

Mas a ideia de assinar quatro notas era terrível, e ela teve certeza de que não deveria colocar seu nome em documentos com somas tão grandes, e depois confiá-los a um homem como Mr. Levy. O seu pai estava na casa, e ela poderia ter pedido sua opinião. O pensamento de fazer isso obviamente tinha cruzado sua mente, mas, então, ocorreu-lhe também que, se discutisse com o pai sobre emprestar dinheiro ao primo – sobre presenteá-lo com dinheiro, pois agora ela entendia bem que aquilo era um presente –; se ela consultasse o pai sobre qualquer coisa a esse respeito, ele a impediria, não apenas de assinar as notas

de Mr. Levy, mas também, até onde tinha competência, de cumprir a promessa que ela havia feito ao primo. Ela estava convicta de que George deveria receber o dinheiro, e sabia que poderia dá-lo, a despeito do seu pai. Mas seu pai provavelmente seria capaz de atrasar esse presente e, assim, privá-lo do seu principal valor. Se ela assinasse as notas, o dinheiro deveria ser disposto logo. Tudo isso ela entendia.

Mr. Levy havia retirado as quatro notas do mesmo estojo, e as repousado na mesa diante de si.

— Mr. Vavator explicou, creio eu, o que a senhorita precisa fazer? — ele indagou.

— Sim, senhor. O meu primo explicou.

— E não há mais nada para perturbá-la, creio eu. Se a senhorita assinar o seu nome nelas, bem aqui, não precisarei mais ocupar o seu tempo.

Mr. Levy estava bastante ansioso para encurtar sua visita o tanto quanto possível, já que havia escutado que Mr. John Vavator estava na casa.

Mas Alice hesitou. Duas mil libras era uma soma muito séria de dinheiro. Ela tinha ouvido falar muito sobre golpistas, e pensou que deveria ser cautelosa. E se por acaso este homem, que era um completo desconhecido, roubasse as notas após ela as assinar? Alice deu mais uma olhada na carta do primo, com o objetivo de ganhar tempo.

— Está tudo bem, senhorita — garantiu Mr. Levy.

— Será que elas não poderiam ficar comigo, senhor? — perguntou Alice.

— Bom, não adiantaria muito, senhorita. Sem dúvida, Mr. Vavator explicou tudo, mas o fato é o seguinte: ele precisa tê-las esta tarde. Ele tem de investir uma soma pesada para nestas eleições, e se as notas não forem entregues hoje, aqueles de quem ele depende se dispersarão.

— Mas, senhor, o dinheiro não será pago hoje. Se eu entendi bem, estas notas não são cheques.

— Não, senhorita, não; elas não são cheques. Mas o seu nome, senhorita, com um prazo de 14 dias, é o mesmo que dinheiro vivo – a mesma coisa.

Ela pausou, e nesta pausa, ele pegou uma pena para ela na escrivaninha, e Alice assinou as quatro notas conforme Mr. Levy as apresentava diante dela. Uma vez iniciado o trabalho, ela foi rápida em terminá-lo. O objetivo dela, naquele instante, era que o homem fosse embora de sua casa antes que o seu pai o visse.

Eis as quatro tiras de papel que George Vavator mostrava a Mr. Scruby na ocasião que agora temos em mãos. Enquanto fazia isso, ele agiu como um grande capitalista, que sabe que deve assumir um certo

ar conforme permite que o odor da doçura de sua riqueza seja expelido dele.

— Você insistiu em dinheiro vivo, com as suas malditas suspeitas — ele reclamou. — Então, aí está. Você não tem medo de 14 dias, ousou dizer.

— 14 dias não fedem e nem cheiram — aquiesceu Mr. Scruby. — Podemos deixar os pagamentos pendentes até lá, sem nenhum prejuízo. Vou enviar um dos meus homens a Grimes para informar que não posso vê-lo até... Vejamos — e ele deu uma olhada numa das notas. — Até o dia 15.

Mas aquilo não era exatamente o que George Vavasor queria. Ele desejava que as notas fossem transformadas de imediato em dinheiro, de modo que a necessidade de forçar pagamentos de Alice, caso o depósito dos valores das notas não fosse feito, caísse nas mãos de outra pessoa, que não nas dele.

— Podemos esperar até o dia 15 — declarou Scruby, enquanto devolvia os pedaços de papel ao seu cliente.

— Você disse que vai querer mil? — perguntou George.

— Mil para começar. Não menos do que isso, certamente.

— Então é melhor ficar com duas delas.

— Ora, não! Não vejo necessidade. É melhor coletá-las por meio dos seus próprios banqueiros, e depois me envie um cheque no dia 15 ou 16.

— Você é um maldito desconfiado, Scruby.

— Não, não sou. Não sou nem um pouco desconfiado. Eu só não negocio assim!

— Que dúvidas você poderia ter com estas notas? Todos sabem que minha prima possui uma fortuna considerável, e que está totalmente à disposição dela.

— A verdade, Mr. Vavasor, é que as notas que carregam nomes de damas — damas que, de modo algum, são ligadas a negócios — não são o tipo de documento que as pessoas gostam.

— Nenhuma garantia neste mundo é melhor.

— Leve-as até a Cidade para descontá-las e veja se os banqueiros não lhe falam a mesma coisa.

— Eu posso explicar a você a natureza do arranjo familiar, mas não posso explicar isso a um estranho. Eu, no entanto, não me importo.

— É claro que não. O tempo é tão curto que não tem importância. Mande-as serem coletadas através de seus próprios banqueiros, e depois, se não puder vir me visitar, envie-me um cheque de mil libras quando a hora chegar.

Então, Mr. Scruby virou a atenção para uma papelada que jazia na sua mão direita, como se já tivesse passado da hora de a entrevista

terminar. Vavator o encarou com raiva, abrindo sua ferida diante dele e o insultando internamente. Mr. Scruby continuou concentrado em seus papéis sem dar a mínima atenção para a cicatriz ou para os insultos tácitos. Consequentemente, Vavator se levantou e partiu sem proferir uma palavra de despedida.

Enquanto andava ao longo de Great Marlborough Street e atravessava aquelas ruas nada convidativas que cercavam o distrito de Soho, para alcançar a Strand e seus próprios alojamentos, ele seguiu pensando em algum amplo esquema de vingança – num esquema que incluiria Scruby. Nos últimos tempos, algo surgira no comportamento de Mr. Scruby para com ele – uma mistura de impaciência com familiaridade – que o fez sentir que havia caído da estima do advogado. Não que o advogado acreditasse que ele era menos honrado, ou menos esperto do que havia considerado; mas o homem era como um rato e reconhecia uma casa em ruínas por instinto. Então, George Vavator amaldiçoou Mr. Scruby e calculou algum método de assassiná-lo sem ser detectado.

Os leitores não devem presumir que o membro dos Distritos de Chelsea havia, de fato, decidido compensar sua vingança com assassinato – com o assassinato de qualquer uma daquelas pessoas que ele odiava tão vigorosamente. Ele próprio não acreditava que seria provável se tornar um assassino, mas sentiu certa satisfação secreta ao permitir que sua mente namorasse a possibilidade e fizesse tais cálculos. Ele refletiu que não adiantaria se livrar de Scruby e de John Grey ao mesmo tempo, pois as pessoas saberiam que ele estava conectado a ambos; a não ser, de fato, que ele se livrasse de uma terceira pessoa ao mesmo tempo – uma terceira pessoa cujo fim da carreira ele calculava quase tão constantemente quanto os daquelas pessoas que amaldiçoava todos os dias. Dificilmente precisarei explicar aos leitores que esta terceira pessoa era o atual membro dos Distritos de Chelsea.

Como ele mesmo estava necessitado de dinheiro imediato, a ideia de Mr. Scruby de deixar as quatro notas com seus próprios banqueiros, coletando-as no vencimento, não lhe servia. Ele também muito duvidava de que, ao final dos 14 dias, o dinheiro viria. Alice seria levada a contar ao pai, para que o dinheiro fosse arrecadado, e John Vavator provavelmente conseguiria colocar obstáculos no pagamento. Ele teria de levar as notas até a cidade, e fazer o melhor que pudesse com elas. Já era tarde demais para fazer isso naquele dia e, portanto, ele foi para seus alojamentos e depois à Câmara. Na Câmara, permaneceu sentado a noite toda com o chapéu sobre os olhos, fazendo aqueles pequenos cálculos que já mencionei.

— Você já ouviu as novidades, não ouviu? — indagou Mr. Bott a ele, sussurrando em seu ouvido.

— Novidades? Não, não ouvi nenhuma novidade.

— Finespun renunciou e Palliser está, neste momento, com o duque de St. Bungay na biblioteca da Câmara dos Lordes.

— Não dou a mínima nem se estiverem no fundo do lago dos Lordes — retorquiu Vavasor.

— Isso é bobagem, sabe? — disse Bott. — Ainda assim, você sabe que Palliser é, neste momento, chanceler do Tesouro. Que rapaz de sorte você é de ter uma chance dessas vindo diretamente ao seu encontro em tão pouco tempo de casa. Assim que ele tomar seu assento por lá, vamos ascender logo atrás dele.

— Teremos outras eleições em um mês — lembrou George.

— Estou suficientemente seguro — respondeu Bott. — Nunca é um prejuízo a um homem estar intimamente conectado ao governo durante as eleições.

George Vavasor foi à Cidade cedo da manhã seguinte, mas descobriu que a Cidade não encarava com olhos favoráveis as suas quatro notas. A Cidade as averiguou, primeiro horizontalmente, e então, com um giro de pulso, perpendicularmente, e as observou com olhos desconfiados. A Cidade repetiu o nome, Alice Vavasor, como se não fosse um nome muito bem estimado na Bolsa. A Cidade sugeriu que, como o tempo era curto, o portador das notas se mostraria sábio se as guardasse até conseguir coletar a quantia. Estava muito claro que a Cidade suspeitava de algo errado na transação. A Cidade, por meio de uma de suas bocas, afirmou plenamente que notas de damas nunca eram levadas a sério no mercado financeiro. George Vavasor xingou a Cidade e fez cálculos de assassiná-la. Não seria possível que um rio de estricnina pudesse ser guiado à Bolsa por volta da hora do almoço? Por fim, três das notas ele deixou com um de seus próprios banqueiros para serem guardadas, e reteve a quarta no bolso do peito, tencionando na manhã seguinte descer com ela até aquelas baixas profundezas do mercado financeiro que ainda não havia visitado. Outra vez, na manhã seguinte, ele foi ao trabalho e obteve êxito até certo ponto. No meio destas baixas profundezas, topou com um capitalista disposto a emprestar 200 libras, mantendo a quarta nota em sua posse como garantia. O capitalista ganharia 40 libras na transação, e George o amaldiçoou enquanto pegava seu cheque. George Vavasor entendia o suficiente do mundo comercial para compreender que um homem teria de estar em péssimas condições para concordar em pagar 40 libras pelo uso de 200 durante 14 dias. Ele amaldiçoou a Cidade. Ele amaldiçoou a Câmara dos Comuns. Ele amaldiçoou a prima Alice e a irmã Kate. Ele amaldiçoou a memória do seu avô. E ele amaldiçoou a si mesmo.

Mr. Levy mal partira da casa em Queen Anne Street, quando Alice contou ao seu pai o que havia feito.

— O dinheiro deve ser dado logo — explicou Alice.

A isto, o pai não deu resposta imediata, mas virou as costas para ela em sua cadeira com um impulso súbito, colocando-se diante do fogo, enquanto balançava a cabeça.

— O dinheiro deve ser dado logo — Alice repetiu. — Papai, vai cuidar disso?

Este foi um pedido muito pesado ao pobre John Vavasor, e isso ele sentiu.

— Papai, se não prometer, deverei ver Mr. Round sozinha e encontrar um corretor que negocie comigo. O senhor não vai querer que o meu nome seja desonrado.

— Você será arruinada — ele irritou-se. — E por causa de um patife daqueles!

— Deixe para lá se ele é, ou não, patife, papai. O senhor deve admitir que ele foi tratado com dureza pelo avô.

— Eu acredito que aquele testamento foi a coisa mais sábia que meu pai já fez. Se ele tivesse legado a propriedade a George, não sobraria um acre para a família seis meses depois.

— Mas e o benefício vitalício, papai?!

— Ele teria angariado tudo o que pudesse com isso, e não ficaria satisfeito.

— De qualquer forma, papai, ele deve receber estas duas mil libras. O senhor precisa me prometer isso.

— E depois ele vai querer mais.

— Não, não acho que vai me pedir mais. Seja como for, eu não acredito que estou obrigada a dar a ele tudo o que tenho.

— Imagino que não esteja. Eu gostaria de saber por que você seria obrigada a dar qualquer coisa a ele.

— Porque eu prometi. Eu assinei as notas agora, e isso precisa ser feito.

Ainda assim, Mr. Vavasor não fez nenhuma promessa.

— Papai, se não disser que vai cuidar disso, deverei ir até Mr. Round imediatamente.

— Eu não sei se posso fazer isso. Eu não sei se Mr. Round pode fazer isso. O seu dinheiro jaz, principalmente, na hipoteca.

Houve, então, uma breve pausa na conversa.

— Palavra de honra, eu nunca ouvi falar de uma coisa dessas na vida — lamentou Mr. Vavasor. — Nunca. Quatro mil libras dadas a um homem daqueles, em três meses! Quatro mil libras! E você diz que não pretende se casar com ele.

— Certamente, não. Tudo isso já acabou.

— E ele sabe que acabou?

— Suponho que saiba.

— Você supõe! Esse tipo de coisa é tão costumeiro com você!

Tais palavras foram muito cruéis. Talvez ela merecesse a reprimenda, mas, ainda assim, foi muito cruel. O golpe a atingiu com tal força que ela se sentiu cambaleante. Lágrimas brotaram em seus olhos, e ela mal conseguia falar sem se trair com soluços.

— Eu sei que me comportei mal — ela finalmente disse. — Mas eu já fui punida, então, o senhor pode me poupar agora.

— Eu não queria punir você — ele declarou, levantando-se da cadeira, e caminhando pelo aposento. — Eu não quero punir você, mas não quero vê-la arruinada!

— Eu devo ir a Mr. Round sozinha, então.

Mr. Vavasor continuou a circular o aposento, tilintando algumas moedas que levava nos bolsos das calças, empurrando as cadeiras sempre que topava com elas. Finalmente, ele fez um acordo com ela. Ele tomaria um dia para pensar se a auxiliaria em conseguir o dinheiro, comunicando sua decisão à filha na manhã seguinte.

CAPÍTULO 61

AS CONTAS SÃO ACERTADAS

Mr. Vavasor não sabia o que fazer com a filha. Ela havia colocado o nome dela em quatro notas separadas de 500 libras, e demandado dele, quase sem pedir desculpas, auxílio para obter o dinheiro para pagá-las. Desse jeito, ela seria capaz de pôr o nome dela em várias notas de qualquer valor! Não era possível saber como um homem reagiria com uma filha daquelas. “Eu não quero o dinheiro dela”, o pai disse a si mesmo. “E se ela não possuísse nada, eu a deixaria o mais confortável possível com as minhas próprias rendas. Mas vê-la jogar seu dinheiro fora de tal modo basta para partir o coração de um homem”.

Mr. Vavasor foi ao seu escritório em Chancery Lane, mas não adentrou as câmaras de Mr. Round, o advogado. Em vez de visitar Mr. Round, enviou um bilhete por meio de um mensageiro a Suffolk Street, e a resposta àquele bilhete chegou com a pessoa de Mr. Grey. Naqueles dias, John Grey estava morando na cidade, e tinha o hábito de visitar Mr. Vavasor frequentemente. De fato, ele não havia deixado Londres desde a memorável ocasião em que arremessara o seu rival escada abaixo nos alojamentos do alfaiate. Ele muito se inteirou sobre a vida de George Vavasor, e várias vezes estremeceu ao pensar em qual seria o destino da garota que ousasse se casar com um homem daqueles.

Ele estava casa quando a mensagem de Mr. Vavasor chegou aos seus alojamentos, e imediatamente se dirigiu a Chancery Lane. Mr. Grey conhecia com exatidão o caminho até o escritório de assinaturas de Mr. Vavasor, pois adquirira o costume de visitá-lo ali, e de conversar com o pai sobre a filha. Ele era um homem paciente, perseverante, confiante em si mesmo, e apto a acreditar que conquistaria tudo o que buscasse, embora dificilmente possuísse consciência de tal aptidão. Ele nunca se desesperou quanto à situação de Alice, e ainda que houvesse admitido abertamente que fora muito tolo – ou melhor, que o julgamento dela a traía –, nunca sentiu raiva da moça de fato. Ele avaliara a rejeição que havia sofrido dela, e o subsequente compromisso com o primo, como efeitos de uma alucinação mental, que muito seria lamentada – muito chorada, talvez, ao longo de uma vida inteira, como uma fonte de terrível tristeza para si e para ela. Ele, porém, tratava tudo aquilo como uma doença cuja cura ainda era possível – uma doença que, mesmo que nunca deixasse a paciente tão forte quanto um dia fora, poderia deixá-la para sempre; e como teria seguido agarrado ao seu amor, mesmo que ela houvesse sido atacada por qualquer uma daquelas doenças as quais os médicos possuem nomes bastante conhecidos, Grey se agarraria agora que ela era acometida por um padecimento cujo nome

ninguém conhecia. Ele já fora informado por Mr. Vavasor de que Alice percebera o quão impossível seria se casar com o primo, e, em seu jeito quieto, paciente e determinado, começava a se sentir confiante de que, enfim, carregaria sua senhora consigo para Nethercoats.

Aquele escritório de assinaturas era, seguramente, um ambiente taciturno, no qual Mr. John Vavasor estava condenado a gastar 12 horas semanais da vida a cada expediente. Se é realmente possível um homem passar uma existência de labuta em tal local de trabalho sem enlouquecer – aguentando trabalhar sete horas por dia a cada semana de sua vida –, não estou pronto para responder. Duvido muito que quaisquer outras vítimas sejam tão amaldiçoadas. Eu perambulei tantas vezes por tais passagens melancólicas sem encontrar qualquer sinal de humanidade – sem escutar a mais leve batida do martelo laboral –, que me sinto disposto a crer que os lordes chanceleres têm estado ansiosos para salvarem seus empregados do suicídio, decretando, misericordiosamente, que toda a equipe de trabalhadores, até os meros garotos de recados do escritório, deva ser enviada a campos verdejantes e clubes palacianos por, pelo menos, metade de suas existências.

O deprimente grupo de câmaras, cuja sala mais deprimente havia sido atribuída a Mr. Vavasor, não ficava, de fato, em Chancery Lane. Abrindo-se de Chancery Lane, havia várias outras ruas estreitas e entradas vazias e sombrias – algumas delas sob o disfarce de ruas sem saída; algumas se revelando vias públicas que davam para outras ruas obscuras além, nas quais casas de detenção provisória para devedores do Reino Unido surgiam em abundância; enquanto outras existiam como passagens para os chamados “Colégios Jurisconsultos^[95]” – edifícios usados como residências para estudantes de Direito, onde toda a sabedoria há muitos anos se perdera para o mundo exterior do laicismo, e, como acredito, perdera-se quase igualmente para o mundo interior das profissões legalizadas. Quem já ouviu falar da Residência de Symonds? Mas um Symonds ancestral, sem dúvida celebrado em sua época, fundou, de fato, uma residência que existe até hoje. Sobre a Residência de Staples, quem sabe que propósito ou uso tem? Quem são seus membros e o que fazem como tais? Além disso, a Residência de Staples é uma residência com ostentações, possuindo uma capela própria, ou, ao menos, um prédio que era, em dimensões externas, eclesiástico, com jardim e proporções arquitetônicas, e uma frente que dava para Holborn, meio suja, mas augusta, com um portão de entrada velho e um decidido caráter próprio.

O prédio no qual Mr. John Vavasor possuía uma sala e uma mesa estava localizado em uma destas ruas laterais, e havia sido, em seus dias infantis, tratado com complacência pelo seu fundador. Sua fachada era de pedra, forte, e apesar de ser muito feio, tinha aquele ar

de importância que justificava um prédio adotar um nome especial para si. Este prédio possuía o nome de Escritório de Registros do Contador-Geral, e muito provavelmente, na escuridão de seus sombrios porões, devem jazer até hoje os registros de despesas de várias propriedades que adentraram Chancery, sem nunca mais saírem de novo. A entrada seguia um salão escuro, cuja porta nunca estava fechada; e que, por ter outra porta em sua extremidade mais longínqua que dava para outra rua estreita, havia se tornado uma via pública. Mas a utilização desta passagem era muito rara. De vez em quando, um rapaz poderia ser visto carregando em sua cabeça ou ombros uma grande massa de papéis que se presumiria ser de contas, ou algum escrivão empregado nas cercanias de Chancery Lane, que conheceria o caminho mais curto possível das câmaras de algum advogado até essas ou algumas outras. Mas, apesar de aberto em ambas as pontas, este salão era escuro como o Érebo;^[96] e qualquer um que perambulasse por ele, logo sentiria uma crescente umidade e um cheiro de mofo, notando-se naturalmente afetado pelas exalações ascendentes daqueles registros de Chancery abaixo de seus pés.

Subindo as escadas do salão, John Grey se direcionou à sala de assinaturas de Mr. Vavator. As escadas eram largas e quase possuíam proporções nobres, mas a escuridão e o desânimo que perduravam pelo salão, também perdurava sobre elas – um conjunto melancólico de escadas, que subiam e desciam, e sobre as quais nenhum homem conseguiria passar com pés alegres. Ali, ele topou com uma passagem longa e aberta na qual nenhum som, a princípio, era ouvido. Não se escutava nenhum barulho das portas sendo fechadas; de sons rápidos de sapatos, ou de homens aqui ou acolá trabalhando pelo pão de cada dia. Ao parar por um instante, de modo a olhar em volta e perceber a quietude mortal do lugar, John Grey pôde distinguir a respiração pesada de um homem, descobrindo, assim, que ao menos um prisioneiro vivia em uma daquelas celas que se enfileiravam pelos lados. Conforme chegava à porta da câmara de Mr. Vavator, ele notou que a respiração vinha de lá.

Na porta, havia palavras inscritas e que mal se mostravam legíveis na escuridão: “Sala de Assinaturas. Mr. Vavator”.

Como John Vavator odiava aquelas palavras! Parecia a ele que haviam sido postas ali com o expresso objetivo de declarar sua degradação em voz alta para o mundo. Desde que o testamento do seu avô havia sido lido para ele, Mr. Vavator quase se convenceu de descer aquelas escadas da melancolia pela última vez, tirar o pó dos pés ^[97] enquanto deixava o Escritório de Registros do Contador-Geral para sempre, e se contentar com metade da sua renda oficial. Mas como ele poderia abdicar de centenas por ano, enquanto sua filha insistia em jogar fora milhares tão rápido quanto, ou mais rápido do

que conseguia pôr as mãos neles?

John Grey entrou na sala e encontrou Mr. Vavasor sentado a sós em uma poltrona perto da lareira. Prefiro pensar que a respiração fora uma respiração de um homem adormecido. Ele estava descansando em meio aos labores de suas assinaturas. Era uma sala grande e sem graça, de cuja última pintura, creio eu, nenhum homem tinha memória, com vista para um pátio. A parede negra de outro prédio crescia próxima à janela – tão próxima que nenhum raio de sol direto jamais interrompia o escrivão de assinaturas durante o seu trabalho. No meio da sala, havia uma grande mesa de mogno, na qual jazia uma enorme pilha de papéis. Sobre o topo dela, haviam sido postos um pouco de papel mata-borrão e uma pena, as duas únicas ferramentas necessárias à realização da missão de um escrivão de assinaturas. Sobre a mesa, estava uma fileira de livros oficiais, posicionados ao longo das suas extremidades: um “Catálogo dos Correios”; uma “Circular da Corte”; um “Catálogo dos Colégios Jurisconsultos”; um volume empoeirado de “Atos Parlamentares”, que fazia referência ao departamento de contabilidade em Chancery – um volume que Mr. Vavasor jamais abrisse –; e mais alguns outros. Não havia, no entanto, um livro ali do qual qualquer Cristão – homem ou mulher – poderia tirar deleite, fosse por diversão ou recreação. Havia três ou quatro cadeiras perto da parede, e uma poltrona cujo ocupante da câmara arrastara para longe do seu lugar sagrado até o tapete da lareira. Via-se, também, um antigo carpete turco no piso. Fora isso, mais nenhuma outra mobília era vista. Será, então, surpreendente a qualquer um que Mr. Vavasor preferisse o seu clube ao seu local de negócios? Ele não tinha sido deixado totalmente a sós nestas masmorras cadavéricas. Anexado à sua própria sala grande, jazia um pequeno Gabinete no qual se sentava o escrivão do escrivão de assinaturas – um rapaz de talvez uns 17 anos de idade, que gastava a maior parte do tempo brincando de jogo da velha com si próprio com os papéis mata-borrão oficiais. Se eu fosse Mr. Vavasor, teria jurado uma amizade do peito com aquele rapaz; contado todos os meus segredos, e me juntado aos seus jogos juvenis.

— Entre! — Mr. Vavasor exclamou quando John Grey interrompeu o seu sono ao bater na porta. — Estou muito feliz em vê-lo, muito mesmo. Sente-se, por favor. Já viu alguma lareira mais miserável do que essa? Os carvões que nos dão são os piores de toda Londres. Já viu carvões assim? — ele indagou, atijando o fogo com violência.

Agora era 1º de maio, e Grey, que caminhara desde Suffolk Street, estava bastante aquecido.

— Com um clima desses, alguém dificilmente iria querer uma lareira — ele disse.

— Ah, é o que acha? — indagou o escrivão de assinaturas. — Se você tivesse que se sentar aqui o dia todo, eu gostaria de ver se não ia querer uma lareira. É o edifício mais frio em que já pus os pés. Às vezes, no inverno, tenho de ficar aqui o dia todo de casacão. Eu só gostaria de trancar o velho Sugden aqui por uma ou duas semanas depois do Natal.

O grande advogado que Mr. Vavasor havia mencionado era o homem que ele considerava ser a origem da injustiça mais terrível da sua vida, que o fazia continuar a invocar pequenos azares contra aquele tirano.

— Como vai Alice? — perguntou Grey, desejando mudar o assunto e escapar das perturbações mais do que conhecidas do seu amigo.

Mr. Vavasor suspirou.

— Ela está bem o bastante, eu acredito — ele respondeu.

— Há algum problema em Queen Anne Street?

— Você dificilmente vai acreditar quando eu contar; e, de fato, eu dificilmente sei se deveria lhe contar ou não.

— Como eu e o senhor já chegamos bem longe juntos, penso que deveria me falar qualquer coisa que diga respeito a ela diretamente.

— Esse é o problema. É sobre o dinheiro dela. Sabe, Grey, eu começo a achar que errei ao lhe permitir tomar o lugar dela nos pagamentos.

— Por que errou?

— Porque eu prevejo que haverá dificuldades quanto a esta questão. Como vamos conseguir devolver o seu dinheiro?

— Se ela se tornar minha esposa, não haverá necessidade de devoluções.

— Mas e se ela nunca se tornar sua esposa? Eu estou começando a achar que ela nunca fará nada do que as outras mulheres fazem.

— Não tenho certeza se o senhor a entende — observou Grey. — Embora, é claro, o senhor a deva entender melhor do que ninguém.

— Ninguém pode entendê-la — rebateu o pai furioso. — Como você sabe, ela me disse noutro dia que não tinha mais nada com o primo...

— Ela se... Ela se tornou amiga dele outra vez? — perguntou Grey. Conforme ele fazia a pergunta, manchas vermelhas surgiram em cada uma de suas bochechas, exibindo a forte ansiedade mental que as provocara.

— Não, eu creio que não; isto é, certamente não da forma que você quer dizer. Eu acho que ela está começando a compreender que ele é um patife.

— É uma grande bênção ela ter descoberto a verdade antes que fosse tarde demais.

— Mas ela assinou para ele notas no valor de duas mil libras a serem quitadas em duas semanas; acredita nisso? Nesta mesma manhã, ele mandou um camarada que diz ser o bancário dele para vê-la, e ela foi tola o bastante para aceitar isso. Duas mil libras! É o que dá deixar dinheiro à disposição de uma mulher jovem.

— Mas esperávamos isso, sabe? — lembrou Grey, que pareceu receber as notícias com bastante compostura.

— Esperávamos?

— É claro que sim. O senhor mesmo supôs que o que ele havia recebido antes não o satisfaria.

— Mas ela brigou com ele!

— Isso não faria diferença a ela. Alice prometeu dinheiro a ele, e como parece que ele se contentará com isso, deixe que ela cumpra sua promessa.

— E dar a ele tudo? Não se eu puder evitar. Vou expô-lo. Vou mesmo. Que patife ordinário ele é!

— O senhor não fará nada, Mr. Vavasor, que prejudique sua filha. Tenho certeza.

— Mas, pelos céus... Isso é um puro assalto! Mais duas mil libras em 14 dias!

O prazo curto com que as notas deveriam ser quitadas parecia afligir Mr. Vavasor quase tão profundamente quanto o montante. Então, ele descreveu toda a transação o mais precisamente que conseguiu, e narrou como Alice havia declarado o seu propósito de ir a Mr. Round, o advogado, se o pai não tomasse para si a missão de conseguir dinheiro para ela antes do prazo final das notas.

— Mr. Round não sabe nada sobre isso, entende? — ele prosseguiu. — Nem sonha com uma coisa dessas. Se ela escutasse o meu conselho, abandonaria a responsabilidade das notas e as deixaria vencer. Do jeito que está, acho melhor visitar o banco Drummonds' e explicar toda a transação.

— O senhor não deve fazer isso — declarou Grey. — Eu irei ao Drummonds', em vez disso, e cuidarei para que as contas sejam acertadas. No que lhes concerne, deixe que ele conquiste sua pilhagem.

— E se no final ela não o aceitar, Grey? Eu juro por Deus; acho que ela nunca vai aceitá-lo. Minha crença é de que ela nunca se casará. Ela nunca fará nada do que as outras mulheres fazem.

— Eu não sentirei falta do dinheiro se ela jamais me casar — replicou Grey, com um sorriso. — Se ela se casar comigo, é claro que a obrigarei a me pagar.

— Não, por Júpiter! Assim, não — protestou Vavasor. — Se ela fosse sua filha, saberia que Alice não poderia tomar o dinheiro de um homem assim.

— E sei disso agora, ainda que ela não seja minha filha. Eu só estava brincando. Assim que eu estiver seguro – enfim seguro – de que ela nunca se tornará minha esposa, pegarei o meu dinheiro de volta. Não precisa ter medo. A natureza do arranjo que fizemos será, então, explicada a ela.

Desta forma, tudo foi combinado; e na manhã seguinte, o pai informou à filha que havia feito sua vontade, e que o dinheiro seria colocado na conta bancária dela antes que as notas vencessem. Naquele sábado, a data que seu primo marcara na carta, ela caminhou penosamente até o Drummonds', e foi informada por um velho atendente muito educado daquele estabelecimento, que os devidos preparativos das notas haviam sido feitos.

Até agora, creio que podemos dizer que Mr. George Vavasor não era um desafortunado.

CAPÍTULO 62

VIAGEM AO EXTERIOR

Numa certa manhã do começo de maio, e uma semana antes da visita de Alice aos banqueiros de Charing Cross, um criado de 1,80m com um elegante uniforme, desceu de um cabriolé às portas de Queen Anne Street, e passou uma mensagem à Miss Vavasor, declarando que esperaria no cabriolé pela resposta dela. Ele havia sido enviado por lady Glencora e fora especificamente ordenado a ir em um cabriolé. Mr. Palliser havia combinado seus planos com a esposa naquela manhã – ou, devo dizer mais precisamente, passara suas ordens a ela, e ela, em consequência, enviara seu criado em grande pressa para Queen Anne Street. *“Venha – imediatamente se puder”*, o recado dizia. *“Tenho tanto a contar, e tanto a lhe pedir. Se não puder vir, quando poderei encontrá-la, e onde?”* Alice enviou um bilhete de volta, explicando que iria a Park Lane caminhando, assim que pusesse o seu chapéu; e então, o criado foi para casa em seu cabriolé.

Alice encontrou sua amiga em uma pequena sala de desjejum no andar superior, sentada perto da janela. Elas não se viam desde o dia da festa de lady Monk, e lady Glencora tampouco vira Alice durante o luto pelo avô que ela agora simbolizava em vestes.

— Oh, querida, que mudança isso lhe causa — ela observou. — Nunca pensei em vê-la de preto.

— Eu não sei o que você quer, mas não conseguirei ajudá-la em luto tanto quanto conseguiria vestindo cores?

— Você conseguiria vestindo qualquer coisa, querida. Mas tenho tanto a lhe falar, e não sei como começar. E tenho tanto a lhe pedir, e estou com tanto medo que se recuse.

— Você geralmente me vê ser muito complacente.

— Não, não vejo, querida. Você raramente faz alguma coisa por mim, mas preciso lhe contar tudo primeiro. Tire o seu chapéu, pois vou passar horas nisso.

— Horas me contando?!

— Sim, e conseguindo seu consentimento para o que eu quero que faça. Mas acho que vou lhe contar primeiro. Eu vou ser levada para fora do país imediatamente.

— Quem vai levá-la?

— Ah, imaginei que me perguntaria isso. Se soubesse quais perguntas me fiz sobre isso! Às vezes digo coisas a mim mesma, como se fossem as mais apropriadas e racionais do mundo, e então, uma ou duas horas depois, fico me odiando por ter pensado nelas.

— Mas por que não me responde? Quem viajará com você?

— Bom, você fará parte da comitiva.

— Eu?!

— Sim, você. Por eu ter chamado alguém tão respeitável para me

acompanhar, é claro que você compreenderá que o meu marido é quem nos levará.

— Mas Mr. Palliser não pode deixar Londres nesta época do ano.

— Eis a questão. Ele vai deixar Londres nesta época do ano. Não me encare assim, pois está tudo arranjado. Acompanhando-me ou não, eu preciso ir. Hoje é terça-feira. Nós partiremos na próxima terça à noite, se você puder se preparar. Tomaremos café da manhã em Paris na manhã de quarta, e depois vamos explorar como se estivéssemos em um novo mundo. Mr. Palliser perambulará por todos os cantos do novo pátio do Louvre e você será levada pelo braço esquerdo dele, enquanto eu serei levada pelo direito – justamente como fazem os ingleses –, e esta será a coisa mais apropriada já vista na vida. Após isso, deveremos ir a Basle...

Alice estremeceu diante da menção de Basle, pensando na varanda sobre o rio.

— ...e em seguida a Lucerna... Ou melhor, este era o plano inicial, mas Mr. Palliser o alterou. Ele passou o dia todo com mapas e guias para viajantes, escritos por Bradshaw e Murray, e ralhou comigo por eu não me importar se iríamos primeiro a Baden ou a outro lugar. Como poderia me importar? Eu disse que iria a qualquer lugar que ele me levasse. Então, ele me disse que eu estava sendo insensível; eu admiti que estava sendo insensível. “Eu sou insensível”, eu falei. “Conte-me uma novidade”.

— Oh, Cora, por que foi dizer isso?

— Eu não escolhi contradizer meu marido. Ademais, é verdade. Depois, ele atirou os guias para longe, e os mapas saíram voando. Então, eu os recolhi outra vez, e disse que iríamos à Suíça primeiro. Eu sabia que isso resolveria a questão, e é claro que ele decidiu fazer uma parada em Baden. Se ele houvesse dito Jericó, teria dado na mesma para mim. Você não gostaria de ir a Jericó?

— Eu não faria nenhuma objeção especial a Jericó.

— Mas, em vez disso, você irá a Baden.

— Eu ainda não concordei com isso. Mas você não me contou nem metade da sua história. Por que Mr. Palliser vai viajar em plena época parlamentar desse jeito?

— Ah! Agora devo voltar ao começo. E, deveras, Alice; mal sei como lhe contar. Não que eu me importe de você saber, mas é que algumas coisas não podem ser contadas. Seria difícil para você adivinhar o que ele está abdicando. Precisa jurar que não vai repetir o que vou lhe contar agora.

— Eu não sou apta a contar segredos, mas não jurarei nada.

— Que mulher discreta é! Era você quem deveria ser a chanceler do Tesouro; você é tão sabia. Exceto que, apesar de tudo, não parece ser capaz de avaliar muito bem qual é a melhor opção em certas

situações.

— Não ligue para minhas avaliações, Cora.

— Mas eu ligo para elas; ligo muito. Mas o segredo é este: convidaram Mr. Palliser para se tornar chanceler do Tesouro e ele... recusou. Imagine só!

— Mas por quê?

— Por minha causa... Por minha causa; por causa de minhas tolices; perversidades e abominações. Porque ele foi tolo o bastante para se empestar com uma esposa – ele que, de todos os homens, deveria ter se mantido longe de tais problemas. Oh, ele tem sido tão bom! É quase impossível fazer alguém entender isso. Se soubesse o quanto ele ansiou por esta posição – o quanto batalhou por ela, dia e noite, desgastando os olhos com números, enquanto todos dormiam; trancando-se com criaturas como Mr. Bott enquanto outros homens caçavam, flertavam e gastavam seu dinheiro. Ele tem sido escravo disso há anos – a vida toda, acredito – para poder se sentar no Gabinete e se tornar um ministro e chanceler do Tesouro. Ele teve esperanças e medos, e às vezes se sentiu, creio eu, meio louco com as expectativas. Esta tem sido a euforia dele – o que apostar em corridas e jogos de azar significa para outros homens. Finalmente, lá estava a posição, pronta para Mr. Palliser, e eles a ofereceram a ele; imploraram quase de joelhos para que a aceitasse. O duque de St. Bungay esteve a manhã toda aqui discutindo isso, mas Mr. Palliser o dispensou, e recusou o cargo. Está tudo acabado agora, e o outro homem, a quem eles tanto odeiam, continuará na posição.

— Mas por que ele a recusou?

— Eu já disse: por minha causa. Ele percebeu que eu estava necessitada de cuidados, e que o conluio entre Mrs. Marsham e Mr. Bott atrapalharia isso.

— Oh, Cora! Como pode falar assim?

— Se soubesse de tudo, perguntaria o inverso. Lembra-se do baile de lady Monk, ao qual você não quis comparecer – como deveria ter feito? Se tivesse ido, neste momento Mr. Palliser seria chanceler do Tesouro; de fato, seria. Imagine só! Mas embora você não tenha ido, outras pessoas que deveriam ter ficado em casa foram. Eu fui uma delas; e você sabe quem foi outra.

— Que diferença isso teria feito para você? — Alice perguntou, irritada.

— Isso poderia ter feito uma imensa diferença. E, aliás, fez. Mr. Palliser também estava lá também, mas, obviamente, ele foi embora imediatamente. Eu não posso detalhar todos as brigas que tivemos por causa de Mrs. Marsham – se eu a levaria comigo, ou não. Entretanto, eu não quis levá-la, e não a levei. A carruagem foi pegá-la primeiro, e lá estava ela quando cheguei; Mr. Bott também estava lá. Pergunto-me

se algum dia vou conseguir fazer com você compreenda tudo.

— Há algumas coisas que eu não desejo compreender.

— Ambos estavam me vigiando, encarando-me a noite toda; e, é claro, eu decidi que não seria humilhada por eles.

— Acho que, se estivesse no seu lugar, eu não teria permitido que a presença deles me afetasse de qualquer forma.

— É muito fácil dizer isso, minha querida, mas, de modo algum, é fácil fazer. Não é possível se desligar de olhos que estão sempre à espreita. Seja como for, eu os desafiei a fazerem o pior que poderiam, pois me levantei para dançar com Burgo Fitzgerald.

— Oh, Cora!

— E por que não deveria? De toda forma, eu dancei e valsei com ele por uma hora e meia. Alice, eu nunca mais valsarei – nunca. Para mim, chega de danças. Eu não acredito que, mesmo em meus dias mais loucos, dancei por tanto tempo quanto naquela noite. E eu sabia que alguém estava me observando. Não eram apenas Mrs. Marsham e Mr. Bott, mas todos ali. Senti-me desesperada; louca como uma mulher selvagem. Lá estava eu, dando voltas e mais voltas com o único homem com quem eu jamais deveria dançar. Parecia aqueles velhos tempos, tudo mais fora um sonho. Ah! Como me lembro da primeira vez que dancei com ele – na casa da tia dele, em Cavendish Square. Na época, tinham acabado de me trazer a Londres, e eu pensei que ele fosse um deus.

— Cora! Eu não suportarei ouvi-la falando desse jeito.

— Agora, sei muito bem que ele não é um deus; algumas pessoas dizem que ele é um demônio, mas, na época, ele era como Apolo para mim. Você já viu alguém tão lindo quanto ele?

— Eu nunca o vi em pessoa.

— Gostaria que o pudesse ter visto; mas você o verá algum dia. Eu não sei se você liga se um homem é bonito.

Alice pensou em John Grey, que era o homem mais bonito que ela conhecia, mas não deu nenhuma resposta.

— Eu ligo; ou melhor, ligava — continuou lady Glencora. — Não acredito que eu ligue para qualquer coisa hoje em dia; mas não vejo por que homens bonitos não deveriam ser preferidos tanto quanto mulheres bonitas.

— Mas uma mulher não correria atrás de um homem – bonito ou não –, não é?

— Correria, sabia? Quando o vi naquela noite, ele estava tão lindo quanto de costume – a mesma aparência, meio desarranjado, meio arrumado, como um animal que não pode ser capturado, mas que poderia amá-la se você o capturasse. Por um breve momento, foi como os velhos tempos, e eu decidi que não me importaria com as pessoas que estavam me observando.

— E você acha que isso foi certo?

— Não, não acho. Isto é, acho. Não foi certo dançar com ele, mas foi certo ignorar todas as pessoas boquiabertas. Era da conta deles, por acaso? Por que deveriam se importar com quem danço?

— Isso é bobagem, querida, e você tem de admitir. Se visse uma mulher se comportando mal em público, você, por acaso, não olharia e teceria comentários? Conseguiria evitar, mesmo se tentasse?

— Você é tão severa, Alice. Eu, comportando-me mal em público!

— Sim, Cora. Só estou comentando sua própria história. De acordo com ela, você estava se comportando mal em público.

Lady Glencora se levantou de sua cadeira que estava perto da janela, na qual estivera curvada próxima aos joelhos de Alice, e se afastou em direção à lareira.

— O que devo dizer, ou como devo falar com você? — questionou Alice. — Você gostaria que eu mentisse?

— De todas as coisas no mundo, a que mais odeio são moralistas — rebateu lady Glencora.

— Cora, escute bem. Se você considera moralismo de minha parte desaprovar sua valsa com Mr. Fitzgerald da maneira como descreveu – ou seja qual for a maneira –, você e eu teremos de discordar tão absolutamente sobre o significado das palavras e da natureza das coisas, que será melhor nos separarmos.

— Alice, você é a criatura mais cruel que já viveu. Você é tão fria quanto pedra. Às vezes penso que não tem coração.

— Não me importo que diga isso. Se tenho ou não coração, deixarei que descubra por si mesma; mas não serei chamada de moralista por você. Sabe que foi errado dançar com aquele homem. O que ganhou com isso? O que você mesma me contou esta manhã? Para preservá-la da angústia e da destruição, Mr. Palliser desistiu de suas esperanças mais queridas. Ele teve de se sacrificar para poder salvá-la. Essa, eu imagino, é a verdade dos fatos – mas, ainda assim, você me diz que não fez nada de errado.

— Eu nunca disse isso.

Ela agora havia voltado para sua cadeira próxima à janela, e se encontrava sentada novamente naquela posição curvada.

— Eu nunca disse que não errei. É óbvio que errei. Eu errei tanto ao longo dessa história toda, que até agora não acertei. Deixe-me contá-la até o final, e depois você pode ir embora se quiser, e me dizer que sou perversa demais para merecer sua amizade.

— Alguma vez eu já disse algo assim, Cora?

— Mas dirá, ousou dizer, assim que eu terminar. Bom, o que você acha que a minha velha babá fez – a babá feminina, quero dizer? Ela usou a minha própria carruagem e foi buscar Mr. Palliser na maior velocidade que pôde, deixando a babá masculina de olheiro. Eu dancei

o máximo que consegui, mas o tempo todo sabia o que estava havendo, como se tivesse escutado a conversa deles. É claro que Mr. Palliser veio atrás de mim. Não sei mais o que ele poderia fazer, exceto, é claro, largar-me ao destino. Ele chegou e se comportou tão bem – tanto quanto um perfeito cavalheiro. É claro que fui para casa, e estava preparada para contar tudo se ele proferisse uma palavra comigo: que eu pretendia deixá-lo, e que nenhuma rédea me seguraria!

— Deixá-lo, Cora!?

— Sim, e ir embora com aquele outro homem cujo nome você não me deixa falar. Eu tinha uma carta dele no bolso me chamando para escapar. Ele me pediu isso uma dúzia de vezes naquela noite. Eu não sei como consegui resistir.

— Não sabe como conseguiu resistir à sua própria ruína e desgraça?

— Não sei como conseguir resistir a ir com ele – para qualquer lugar. É claro que isso significaria a minha própria destruição. Não sou tão tola a ponto de não compreender isso. Acha que nunca pensei nisso – em como seria se eu fosse amante de um homem, em vez de sua esposa? Se não tivesse pensado, eu seria uma coisa a ser odiada e desprezada. Assim que tivesse feito isso, eu me odiaria e me desprezaria. Sentir-me-ia repugnante, e, de certa forma, um animal entre as mulheres. Mas por que eles não permitiram que eu me casasse com ele, em vez de me levarem a isso? E ainda que tivesse me destruído, eu teria salvado o homem que ainda é o meu marido. Sabe, eu falei para ele – falei que se tivesse fugido com Burgo Fitzgerald, ele poderia ter outra esposa, filhos, e teria...

— Você contou ao seu marido que pensou em deixá-lo?

— Sim, contei tudo a ele. Conteí que amava com todo o meu coração aquele pobre rapaz, por quem, acredito, ninguém mais neste mundo dá a mínima.

— E o que ele respondeu?

— Não posso lhe dizer o que ele respondeu, exceto que vamos todos juntos para Baden, e depois para a Itália. Mas ele não pareceu nem um pouco raivoso; ele raramente fica raivoso, a não ser que seja por alguma coisa superficial, como quando jogou os livros no chão. E quando falei que ele poderia ter outra esposa e um bebê, ele colocou os braços ao meu redor, e sussurrou que não se importava tanto com isso quanto eu pensara. Eu me senti mais propensa a amá-lo naquele momento do que em qualquer outro anterior.

— Ele merece se tornar um anjo.

— Ele merece se tornar um ministro do Gabinete, o que, tenho certeza, seria a sua maior preferência. E agora você sabe de tudo; ou não... Há outra coisa que ainda não sabe. Quando eu lhe contar isso,

você vai querer transformá-lo em um arcanjo ou num primeiro-ministro. “Vamos viajar para fora do país”, ele sugeriu – e lembre-se: ele mesmo fez esta proposta muito antes de eu poder falar uma palavra –; “Vamos viajar para fora do país, e você convidará sua prima Alice para nos acompanhar”. Aquilo me comoveu mais do que qualquer coisa. Imagine só se ele tivesse proposto chamar Mrs. Marsham!

— Mas, apesar disso, ele não gosta de mim.

— Está errada sobre isso, Alice. Não é questão de gostar ou desgostar. Ele pensou que você seria uma espécie de Mrs. Marsham, e quando mostrou que não seria, e, em vez disso, saiu pelas ruínas para flertar com Jeffrey Palliser...

— Eu nunca saí flertando com Jeffrey Palliser.

— Mas ele flertou com você; o que dá na mesma. E assim que Plantagenet descobriu... pois, obviamente, Mr. Bott contou tudo a ele...

— Mr. Bott não pode ver tudo.

— Esses homens veem. O pior de tudo é que veem além do que tudo. Mas, de toda forma, Mr. Palliser já superou tudo isso agora. Venha, Alice; o fato de que a oferta partiu dele deve desarmá-la de qualquer objeção. Como ele estendeu a mão para você, não há alternativas, senão aceitá-la.

— Eu aceitarei a mão dele de bom grado.

— E você virá conosco por mim? Ele mesmo entende que não seria certo eu ser a acompanhante dele, e tê-lo como único companheiro de viagem. Há um espírito de sabedoria em você que vai satisfazê-lo, e um espírito de imaturidade que combina comigo. Eu sou capaz de alcançar o mesmo patamar de uma garota que fez um jogo arriscado com os seus pretendentes como você.

Naquele instante, Alice não garantiu nada. A primeira objeção dela fora sua promessa de ir a Westmoreland confortar Kate na aflição de seu braço quebrado.

— E eu devo ir — explicou Alice, lembrando o quão necessário era explicar a sua própria versão à irmã de George Vavasor. Mas ela admitia que não havia pretendido ficar muito tempo em Westmoreland – não mais que uma semana, provavelmente – e, por fim, ficou decidido que os Pallisers adiariam sua jornada por quatro ou cinco dias, e que Alice iria imediatamente com eles assim que retornasse de Vavasor Hall.

— Não faço objeções — afirmou o pai dela, falando com aquele tom de resignação que os homens utilizam quando estão decididos a se considerarem ofendidos, não importa o que seja feito. — Eu não me dou bem em alojamentos. Suponho que seja melhor mudarmos dessa casa, já que você distribuiu tanto da sua fortuna?

Alice não acreditou que valeria o esforço explicar para ele, em resposta a isso, que sua contribuição à economia da casa continuaria a mesma de sempre. Isso, no entanto, ela sabia que seria fato, bem como sabia que encontraria seu pai na velha casa quando retornasse de suas viagens. Para ela, graças às suas próprias tribulações grandiosas, a ausência de Londres seria de tanta utilidade quanto poderia ser para lady Glencora. Na verdade, ela já começava a sentir a impossibilidade de permanecer quieta na casa. Alice poderia dar um sermão na prima, cujos erros eram visíveis, fáceis de definir, e quase barulhentos em sua natureza; mas, quanto a isso, ela não estava menos consciente dos seus próprios erros. Ela sabia que também acabara envergonhando a si mesma. Ela tinha um certo medo de mostrar o rosto entre seus amigos, e de chorar penosamente por causa de suas próprias tolices. Aquelas palavras cruéis ressoavam em seus ouvidos constantemente: “Esse tipo de coisa é tão costumeiro com você”. A reprimenda, ainda que cruel, era válida; e que reprimenda mais humilhante poderia ser dita a uma mulher solteira como Alice Vavasor? Ela sentiu, desde o primeiro momento em que a proposta lhe fora feita, que seria bom se afastar da casa e, sobretudo, da sala de estar de Queen Anne Street, que lhe contava tantas histórias que ela, de bom grado, esqueceria, se isso fosse possível.

Mr. Palliser não permitiria que sua esposa permanecesse em Londres pelos dez ou 12 dias que deveriam passar até que pudessem partir, e tampouco poderia mandá-la para o interior sozinha. Ele a levou a Matching Priory, após obter uma licença para se ausentar da Câmara pelo resto do mandato, e ficou com ela lá até faltarem dois dias para a viagem. A semana em Matching, como ela contou depois a Alice, foi péssima. Ele nunca proferiu uma palavra para repreendê-la; nunca insinuou que houve qualquer coisa na conduta dela que lhe dava causa para queixas; e a tratou com um respeito perfeito, e, de fato, com mais demonstrações externas de afeto do que lhe era costumeiro.

— Mas ele estava sempre cuidando de mim — lady Glencora explicou depois. — Acredito que ele achou que Burgo Fitzgerald estava se escondendo entre as ruínas — ela disse uma vez a Alice. — Ele nunca suspeitou de mim, estou certa; mas achou que precisava cuidar de mim.

Nisto, lady Glencora quase acertara a verdade em cheio. Mr. Palliser decidira, no momento em que caminhava pelos olmos em Kensington Gardens, que nunca suspeitaria da sua esposa, e tampouco a trataria como se suspeitasse. A culpa tinha sido dele, talvez, mais do que dela. Tudo isso ele havia admitido para si mesmo, pensando na confissão que ela lhe fizera antes do casamento. Mas era manifestamente o seu dever imperativo – o seu maior dever – salvá-la

desta armadilha na qual, segundo ela mesma admitira, estivera tão disposta a cair. Pelo bem dela e pelo dele isso deveria ser feito. Era um dever tão imperativo, que, em sua performance, ele se descobrira forçado a abandonar sua ambição. Ter a esposa arrebatada seria terrível, mas escutar o mundo inteiro dizer que aquela infelicidade o havia acometido, seria quase mais terrível do que isso.

Então, ele foi de lá para cá com sua esposa por Matching, permitindo-se ser guiado por trás de Dândi e Flerte. Ele mesmo havia proposto estas pequenas excursões. Elas eram entediantes para ele, e duplamente entediantes para sua esposa, que agora sentia que era mais custoso conversar com ele do que antes. Ela tinha dificuldades para conversar, e ele tinha dificuldades para conversar, mas as próprias dificuldades tornaram a coisa toda impossível. Ele se sentava com ela durante as manhãs, e se sentava com ela durante as noites; ele tomava o café da manhã com ela; almoçava com ela; e jantava com ela. Ele ia para a cama cedo, já que não havia mais números para reivindicar sua atenção. E assim, a semana foi, finalmente, passando.

— Eu o vi bocejar algumas vezes — lady Glencora declarou depois. — Ele parecia prestes a se desmanchar em pedaços.

CAPÍTULO 63

MR. JOHN GREY EM QUEEN ANNE STREET

Alice estava decidida a cumprir sua promessa a Kate, e visitá-la em Westmoreland antes de viajar com os Pallisers. Kate havia escrito três linhas à prima com a mão esquerda implorando que ela fosse, e essas três linhas tinham sido mais eloquentes do que qualquer coisa que poderia ter escrito caso a mão direita não estivesse machucada. Alice descobrira algumas verdades sobre o acidente através do pai; ou melhor, ouvira o pai fazer um resumo do acontecido. Ela também ouvira como seu primo George havia se portado quando o testamento fora lido, e como tinha desaparecido depois para nunca mais voltar a Vavasor Hall. Depois de tudo que se passara, ela sentia que devia algum apoio a Kate. O apoio poderia, sem dúvida, ser transmitido por meio de uma carta, mas há coisas sobre as quais é praticamente impossível a qualquer escritor se expressar com o sentimento adequado; e há coisas que podem ser ditas, mas não escritas. Logo, embora a jornada necessitasse ser célere, Alice enviou um recado a Westmoreland informando que chegaria em um ou dois dias. Ao retornar, deveria ir imediatamente a Park Lane, e lá dormir pelas duas noites que antecederiam a partida dos Pallisers.

No dia anterior à sua ida a Westmoreland, seu pai foi até ela no meio do dia e lhe informou que John Grey jantaria com ele em Queen Anne Street naquela noite.

— Hoje, papai? — ela questionou.

— Sim, hoje. Por que não? Nenhum homem é menos exigente quanto ao que come do que Grey.

— Eu não quis dizer isso, papai — ela respondeu.

A isto, Mr. Vavasor não deu resposta, mas permaneceu alguns minutos olhando a vista pela janela. Então, preparou-se para deixar o aposento, alcançando primeiro a mesa, onde pegou um livro; e depois, a metade do caminho até a porta, onde Alice o deteve.

— Talvez, papai, seja melhor o senhor e Mr. Grey jantarem a sós.

— O que quer dizer com “a sós”?

— Quero dizer, sem mim – como dois cavalheiros geralmente fazem.

— Se eu quisesse isso, tê-lo-ia convidado a jantar no clube — disse Mr. Vavasor, e então, outra vez, tentou partir.

— Mas, papai...

— Ora, minha querida! Se está querendo dizer que faz objeção a se encontrar com Mr. Grey por causa do que aconteceu, eu só posso lhe dizer que é bobagem – uma grande bobagem. Se ele decidiu vir, não pode haver motivo para você não o receber.

— Vai ficar parecendo que...
— Parecendo o quê?
— Vai ficar parecendo que fui eu quem o convidou.
— Isso é bobagem. Eu o vi ontem e o convidei a vir. Eu o revi hoje, e ele respondeu que viria. Ele não é tão tolo de pensar, depois disso, que foi você quem o convidou.

— Não; ele não pensará isso.

— E se você correr, só vai fazer uma tempestade em copo d'água. É claro que não posso obrigá-la a cear comigo se não quiser.

Alice não queria, mas, após refletir um pouco, começou a ver sentido na acusação de criar uma tempestade em copo d'água “se corresse”, como seu pai expressara. Ela iria deixar o país por uns seis ou oito meses – talvez por mais tempo –, e talvez fosse melhor aproveitar a oportunidade para contar os seus planos a Mr. Grey. Alice poderia fazer isso, ela avaliou, de maneira a fazê-lo entender que sua última briga com George Vavasor não iria alterar a posição em que eles se encontravam. Ela não duvidava que o pai havia contado tudo a Mr. Grey. Alice sabia muito bem quais ainda eram os desejos do pai. Não era de se estranhar que ele convidasse John Grey a visitar a casa, ainda que tais exercícios de hospitalidade caseira fossem bastante incomuns a ele. Porém – assim ela declarou para si mesma – essas pequenas tentativas da sua parte seriam vãs. Era uma lástima ele ainda não ter aprendido a conhecê-la melhor. Ela receberia Mr. Grey como senhora da casa do seu pai agora, pela última vez; e então, ao retornar no ano seguinte, ele estaria em Nethercoats, e a coisa toda teria sido encerrada.

Ela se trajou muito despretensiosamente, apenas substituindo um vestido preto por outro; e depois, foi se sentar na sala de estar para aguardar os dois cavalheiros. Já passava da hora do jantar quando seu pai subiu as escadarias. Ela sabia que ele estava em casa, e em seu coração o acusou de se manter fora do caminho para que John Grey pudesse ficar a sós com ela. Independentemente de ela estar certa ou não quanto às suspeitas, John Grey não tomou vantagem da oportunidade que lhe havia sido oferecida. O seu pai se arrumou primeiro e se sentara silenciosamente na poltrona antes que o visitante fosse anunciado.

Conforme Mr. Grey foi entrando no aposento, Alice percebeu que estava nervosa, todavia, mesmo assim, ela conseguiu se portar com alguma dignidade. A postura dele era perfeita. Entretanto, como ela declarou a si mesma mais tarde, nenhuma situação possível na vida seria capaz de fazê-lo perder o controle. Ele se aproximou dela com seu tranquilo sorriso costumeiro – um sorriso que era amável mesmo em sua tranquilidade – e tomou a sua mão. Ele a envolveu completa e absolutamente na sua; mas não houve nenhum aperto, nenhuma

pressão especial, nenhum cortejo. E quando se dirigiu a ela, chamou-a de Alice, como se seu gesto fosse, de todas as coisas, o mais simples e natural. Não havia nenhuma hesitação reveladora em sua voz. Quando ele hesitava com qualquer coisa?



— Ouvi dizer que vai viajar com sua prima, lady Glencora Palliser — ele falou.

— Sim — respondeu Alice. — Farei um longo passeio com eles. Não deveremos voltar, eu imagino, até o final do próximo inverno.

— Planos dessa natureza são tão facilmente desfeitos quanto feitos — observou o seu pai. — Se for, você não poderá fazer o que quiser, e aconselho a não ter muitas esperanças de ir além de Baden.

— Se Mr. Palliser mudar de ideia, é claro que voltarei para casa — declarou Alice, com uma pequena tentativa de um sorriso.

— Eu acredito que ele não seja um homem propenso a mudanças — opinou Grey. — Mas toda a Londres está falando, neste instante, sobre a mudança de ideia dele. Dizem nos clubes que ele poderia ter ingressado no Gabinete se quisesse, mas que decidira viajar para fora do país no momento em que foi chamado.

— Isso é coisa da esposa dele — explicou Mr. Vavasor.

— Essa é a pior parte de ser um parlamentar — avaliou Grey. — Um homem não pode fazer nada sem ter de dar satisfação. Deve haver homens para a vida pública, é claro; mas, palavra de honra, penso que deveríamos ser muito agradecidos a eles.

Alice, conforme tomava o braço do seu antigo amor, e o acompanhava até o jantar, pensou em todas as velhas discordâncias que já haviam tido sobre tal tema. Fora com esta pendência que ela o

deixara. Ele nunca havia discutido este assunto com ela; nunca pedira para que ela o discutisse com ele. Ele não havia condescendido a esse ponto. Se houvesse, ela achou que seria capaz de se convencer a pensar como ele. Ela teria, ao menos, lutado para isso. Mas ela não se transformaria numa pessoa sem ambições, tranquila, apreciadora da calma e filosófica sem discutir a questão – sem ser permitida obter a pobre graça de reconhecer que fora convencida. Se um homem leva um cão consigo do interior à cidade, o cão deve viver uma vida urbana sem entender o porquê – ele deve viver uma vida urbana ou morrer uma morte urbana. Mas uma mulher não deveria ser tratada como um cão. “Se pelo menos ele tivesse se dignado a discutir isso comigo!”, ela pensara tantas vezes. “Mas, não; ele preferiria ler seus livros, e eu teria de ir pegar seus chinelos e fazer chá para ele”. Todos estes pensamentos retornaram à sua mente enquanto descia as escadas ao lado dele; e com eles, veio a consciência de que ela fora manobrada por esse tratamento ao terrível noivado que havia feito com o primo. Isso, sem dúvida, estava acabado. Para ela, estava definitivamente fora de questão se casar com George Vavasor. Porém, o fato de que fora louca o bastante para pensar e falar sobre esse matrimônio fora suficiente para arruiná-la. “Esse tipo de coisa é tão costumeiro com você!” Depois daquele sermão de seu pai, Alice disse a si mesma que nunca mais “esse tipo de coisa” poderia acontecer. No entanto, todo seu sofrimento viera à tona graças a esta superioridade desdenhosa às ambições ordinárias do mundo – a este menosprezo à humanidade.

— Parece a mim que a sua pena dificilmente seria necessária — ela afirmou, muito calmamente, ainda com a mão sobre o braço dele. — Eu acredito que não há pessoas que poderiam ser mais felizes do que aquelas que chama de homens públicos.

— Ah! — ele exclamou. — Essa é a nossa velha rixa.

Ele falou aquilo como se a rixa tivesse sido uma mera discussão entre eles, ou uma dúzia de discussões – como as discussões que costumam surgir entre amigos; e não como se ela tivesse servido para separar a vida de duas pessoas que haviam se amado tanto.

— É a antiga história do rato da cidade e do rato do interior; é tão antiga quanto o mundo. Os ratos podem ser educados por um tempo, cumprimentando um ao outro; mas, se falarem o que pensam, cada um vai preferir a própria vida que leva.

Ela não disse mais nada naquele instante, e os três se sentaram à pequena mesa de jantar. Era espantoso para Alice que ele fosse capaz de falar daquela maneira; de insinuar tais coisas; de fazer alusões às suas antigas esperanças e atuais condições, sem um tremor na voz, ou, pelo tanto que ela era capaz de perceber, sem qualquer sentimento no coração.

— Alice — disse o pai. — Não posso elogiar a sua cozinheira pelo

jantar.

— É só não a encorajar, papai, tomando tudo de uma vez. Além do mais, o senhor só foi me comunicar às duas da tarde.

— Se uma cozinheira não é capaz de preparar o jantar entre as duas e as sete, ela não será capaz nem se tiver uma semana.

— Espero que Mr. Grey nos perdoe — Alice expressou.

— Não está bom? — ele perguntou. — Não posso dizer que sim, porque eu estaria fingindo ser capaz de dar uma opinião; mas, de minha parte, não tenho nada contra.

— Onde costuma jantar, agora que está em Londres? — indagou Mr. Vavasor.

— No velho clube, na esquina de Suffolk Street. É o clube mais antigo de Londres, penso. Eu nunca frequentei nenhum outro e, portanto, não posso comparar; mas não consigo imaginar nada melhor.

— Eles servem uma sopa melhor do que a nossa? — questionou Alice.

— Você tem um excelente cozinheiro — notou Mr. Vavasor, muito solene. — É um dos melhores cozinheiros de segunda classe de Londres. Chegamos perto de contratá-lo, mas você o tomou no último segundo. Eu o conheço muito bem.

— Este é um tópico que está além da minha alçada. Há outro ramo da vida pública ao qual sou bastante inapto. Eu preferiria ser chamado para escolher um primeiro-ministro para o país, do que um cozinheiro para um clube.

— É claro que preferiria — concordou Mr. Vavasor. — Deve haver uma dúzia de cozinheiros em Londres a serem analisados, mas nunca mais do que dois primeiros-ministros possíveis. E já que um está partindo quando o outro está chegando, não vejo como pode haver qualquer dificuldade. Além disso, hoje em dia, as pessoas fazem suas próprias políticas, mas esperam que seus jantares sejam preparados para elas.

A pequena ceia prosseguiu tranquilamente e sem complicações. Mr. Vavasor encontrou defeitos em quase tudo. Porém, naquela ocasião, a carne e a bebida, no tocante à qualidade dos comes e bebes, não constituíram problema. Alice se mostrou indiferente às censuras do pai. O ideal era que ela e Mr. Grey conseguissem se sentar juntos à mesma mesa sem qualquer consciência visível de seus antigos lanços. Alice sentiu que estava obtendo êxito indiferentemente bem, enquanto defendia a cozinheira debochadamente. E quanto a John Grey, ele obteve êxito tão facilmente, que o seu sucesso quase deixou Alice furiosa. Grey não precisava fazer o menor esforço para obter sucesso. “Se ele consegue se esquecer de tudo o que se passou, tanto melhor”, Alice disse a si mesma, quando subiu para a sala de estar. Então, ela

foi se sentar no sofá e chorou. Oh! O que ela não havia perdido! Será que alguma vez uma mulher fora tão tola, tão imprudente, tão insensível como ela?! E ela havia feito tudo aquilo sabendo que o amava! Ela chorou amargamente, e depois foi lavar os olhos, de modo a se aprontar para lhe servir café quando ele subisse as escadas.

— Ela não parece bem — observou Grey, assim que ela deixou o aposento.

— Bom... Não. Como ela poderia estar bem depois de tudo o que aconteceu? Às vezes, eu penso que, de todas as pessoas que já conheci, ela foi a mais tola. Mas, é claro, não cabe a mim dizer qualquer coisa contra a minha própria filha; e, de todas as pessoas, não cabe a você.

— Nada que o senhor pudesse dizer contra ela faria qualquer diferença para mim. Às vezes, penso que a conheço melhor do que o senhor.

— E você ainda acha que ela vai mudar de ideia?

— Isso eu não posso afirmar. Ninguém pode se atrever a dizer se feridas como as dela podem ser curadas, ou não. Há corações e corpos tão organizados, que neles, feridas severas são incuráveis, ao passo que, noutros, nenhuma ferida parece ser fatal. Mas posso dizer que, se ela não se curar, não terá sido por falta de perseverança da minha parte.

— Palavra de honra, Grey, não sei o que fazer para agradecê-lo. Não sei, de fato.

— A mim não parece ser um caso para agradecimentos.

— É claro que não é. Eu sei disso muito bem. E seguindo os costumes do mundo, nenhum pai pensaria em agradecer um homem por querer se casar com sua filha. Mas as coisas chegaram a tal ponto conosco que... por Júpiter! Eu não me sinto como qualquer outro pai. Não me importo de dizer qualquer coisa a você, sabe? Esse vinho Clarete não está muito bom, mas, já que está aqui, beba outra taça.

— Obrigado, beberei. Eu deveria ter dito que o vinho está bom.

— O problema não é esse. De que serve ter um vinho bom se ninguém vem bebê-lo? Mas, como eu ia dizendo sobre Alice, claro que senti muito tudo isso. Sinto-me como se eu fosse responsável, mas, o que posso fazer? Ela é completamente dona de si. Quando ela me disse que se casaria com aquele miserável do meu sobrinho, o que eu podia fazer?

— Tudo isso já acabou, e não precisamos mais falar a respeito.

— É muita gentileza de sua parte falar isso... muita. Eu acredito que ela é uma boa moça. Apesar de tudo, realmente acredito nisso.

— Não tenho dúvidas de que ela é o que o senhor chama de “boa moça”; nem um pingo de dúvida. O que ela fez comigo não compromete a sua virtude. Não sei se o senhor alguma vez percebeu o quanto tudo isso tem sido uma questão de consciência para ela.

— Consciência! — retrucou o pai furioso. — Odeio essa consciência. Eu gosto da consciência que faz uma moça manter sua palavra, em vez de trazer desgraça para aqueles ao seu redor.

— Eu não pensarei que fui desgraçado se ela se tornar minha esposa — assegurou Grey. — Ela teve a intenção de fazer a coisa certa, e se esforçou para cuidar da felicidade de outras pessoas, em vez de cuidar da própria.

— Ela cuidou muito pouco da minha — alfinetou Mr. Vavasor.

— Eu não terei o menor receio em confiar a minha a ela – se ela me permitir fazer isso. Mas ela foi terrivelmente ferida, e isso leva tempo.

— E, enquanto isso, o que vamos fazer quando ela nos comunicar que Mr. George Vavasor quer outro pagamento? Duas mil libras de três em três meses são pesadas, sabia?!

— Vamos torcer para que ele já esteja satisfeito.

— Satisfeito? Por acaso, um homem como aquele se dá por satisfeito?

— Vamos torcer, então, para que ela ache que ele já está satisfeito. Vamos... Posso subir as escadas?

— Oh, sim. Eu vou segui-lo. Ela vai achar que estou pretendendo alguma coisa se eu os deixar as sós.

Diante de tudo isso, deve ser entendido que o pai de Alice e o pretendente dela se mantiveram em termos confidenciais. Não foi fácil para Mr. Vavasor falar sobre sua filha com John Grey com tal linguagem que agora usava; mas ele fora forçado por circunstâncias adversas a atravessar o Rubicão^[98] da delicadeza parental; ele fora levado a contar ao seu almejado genro que desejava tê-lo como genro; ele fora compelido a pôr de lado todos os pequenos trejeitos de comedimento que um pai geralmente utiliza para se referir à filha – e que agora estavam completamente escancarados diante deles.

— E você realmente parte amanhã? — perguntou Grey, aproximando-se da mesa de trabalhos de Alice. Mr. Vavasor o seguira até a sala de estar, mas foi se sentar em uma poltrona do outro lado do fogo. Não havia qualquer tom de sussurro na voz de Grey, mas, mesmo assim, falava de um modo que explicitava que não pretendia ser escutado do outro lado do aposento.

— Eu parto para Westmoreland amanhã. Não deixaremos Londres em direção ao continente até o final da próxima semana.

— Mas você não voltará para cá?

— Não, eu não devo voltar a Queen Anne Street.

— E você ficará longe por vários meses?

— Mr. Palliser afirmou que deveremos voltar na próxima Páscoa. Ele mencionou a Páscoa à lady Glencora. Eu não o vi de novo desde que concordei em acompanhá-lo.

— O que diria se topasse comigo em algum momento de suas viagens?

Agora, ele havia se sentado delicadamente no sofá ao lado dela — não tão próximo a ponto de lhe dar razão para se afastar, mas, ainda assim, próximo o bastante para deixar a conversa com ela bastante particular.

— Não acho que isso seria muito provável — ela retorquiu, sem saber o que dizer.

— Eu acho que é muito provável. Quanto a mim, odeio surpresas. Eu não poderia surgir no meio de sua jornada sem avisar. Eu viajarei para o exterior, mas não partirei até o fim do outono, quando o calor do verão tiver se dissipado, e tentarei encontrá-la.

— Encontrar-me, Mr. Grey?! — ao falar, um tremor que não foi capaz de reprimir tomou a sua voz, mas ela teria dado o mundo para ter conseguido evitá-lo. — Eu não acho que isso será muito justo.

— Não será injusto, penso, se eu lhe avisar da minha proximidade. Eu não pegarei você e seus amigos de surpresa.

— Eu não estava pensando neles. Eles ficariam felizes em conhecê-lo, é claro.

— Idem no meu caso, é claro! Ou será que você não ficará feliz em me ver? É isso o que quer dizer?

— Quero dizer que é melhor não nos encontrarmos tanto quanto pudermos evitar.

— Eu penso diferente, Alice; bem diferente. Quanto mais nos encontrarmos, melhor; é isso o que penso. Mas vou parar de incomodá-la agora. Boa noite!

Ele, então, levantou-se e partiu, e o pai dela o acompanhou. Enquanto se levantava da poltrona, Mr. Vavasor declarou que iria fazer uma caminhada por algumas ruas; Alice, entretanto, sabia que seu destino era o seu clube.

CAPÍTULO 64

AS ROCHAS E OS VALES

Naqueles dias, Mrs. Greenow foi senhora da velha Vavator Hall, em Westmoreland, e tratou assiduamente de Kate do princípio ao fim da calamidade do braço quebrado. Uma considerável quantidade de confiança havia germinado entre a tia e a sobrinha. Kate tinha admitido à tia que o seu irmão tinha se comportado mal – muito mal; e a tia confessara à sobrinha que considerava o capitão Bellfield um sujeito que merecia compaixão.

— E ele foi violento com você e quebrou o seu braço? Eu sempre soube que tinha sido ele — Mrs. Greenow dissera, referindo-se ao sobrinho. Mas isto Kate negou.

— Não — ela respondera. — O que houve foi um acidente. Quando ele foi embora e me deixou, não viu quando aconteceu. E se houvesse quebrado os meus dois braços, eu não teria me importado muito. Eu poderia tê-lo perdoado por isso.

Mas o que Kate não poderia perdoar era o erro que ela mesma tinha cometido. Por ele, ela tinha dado seu melhor para separar Alice e John Grey, e George havia se mostrado indigno da bondade da traição dela.

— Eu daria tudo o que tenho no mundo para juntá-los outra vez — Kate lamentou.

— Se eles gostarem um do outro, não demorarão a fazer as pazes — declarou Mrs. Greenow. — Alice ainda é muito jovem e me disseram que está mais bonita do que nunca. Uma moça com o dinheiro dela não vai precisar procurar muito por um marido, ainda que esse diamante perfeito de Cambridgeshire jamais retorne.

— A senhora não conhece Alice, tia.

— Não, não conheço. Mas sei como as mulheres jovens são, e sei como os homens jovens são. Toda essa tolice dela sobre o primo George... Que diferença faz? Um homem como Mr. Grey não se importará com isso, especialmente se ela contar tudo a ele. Minha crença é que uma moça pode ser perdoada por qualquer coisa, contanto que ela confesse.

Mas Kate preferia falar sobre o outro assunto, assim como, acho eu, a própria Mrs. Greenow.

— É claro, minha querida, que, para mim, o casamento – se eu me casar outra vez – seria uma coisa muito diferente do seu casamento, ou de qualquer pessoa jovem. Quanto ao amor, ele se extinguiu de mim desde que o pobre Greenow se foi. Eu nunca mais senti qualquer suavidade de afeto desde que o deitei naquela cova fria – e nunca mais sentirei. “Capitão Bellfield”, eu disse a ele, “mesmo que o senhor se ajoelhe diante dos meus pés por anos, meus sentimentos não se transformarão em amor”.

— E o que ele respondeu?

— Como dizer o que ele respondeu? Ele falou bobagens sobre minha beleza, como todos os homens fazem. Se uma mulher fosse corcunda e caolha, eles não teriam a menor vergonha em dizer que ela pareceria a Vênus.

— Mas, tia, a senhora é uma mulher bonita, sabia?

— Céus, minha cara, como se eu não entendesse como tudo isso funciona; como se eu não soubesse o que faz de uma mulher um bom partido. Não é a beleza... e não é apenas dinheiro. Eu já vi mulheres que possuíam muito das duas coisas, sendo que nenhum homem se aproximava delas. Eles não ousariam; prefeririam abraçar um álamo a elas de tão duras e grossas que são. Você mesma é um pouco assim, Kate, e eu sempre lhe disse que isso não era bom.

— Receio que estou velha demais para me corrigir, tia.

— De maneira alguma; se batalhar com perseverança e tentar, vai conseguir. Você tem muito dinheiro agora, e é suficientemente bonita também, quando se dá ao trabalho de se arrumar. Mas, como eu falei, não é isso o que os homens buscam. Existe um impasse sobre algumas mulheres – que os homens chamam de “nollimy tangere” ^[99] – que somente um homem furioso como Orlando ^[100] poderia tentar superar. Aos seus olhos, o matrimônio é algo impróprio, e eles acreditam que os bebês brotam de cercas e valas. Eles reclamam que as mulheres são dadas ao progresso! Pois alguns deles são muito dados ao retrocesso, de acordo com o meu modo de pensar.

— A sua doutrina é confortável, tia.

— E é assim que quero que seja. Quero que as coisas sejam confortáveis. Por que a vida não deveria ser agradável àqueles que têm meios para tanto? Ninguém pode dizer que viver só é prazeroso. Eu sempre achei que o homem daquela canção expressou a coisa apropriadamente. Lembra-se do que ele diz? “O atizador e as tenazes companhia se fazem”. ^[101] E fazem mesmo, e assim deveria ser com os homens e com as mulheres.

— Mas o atizador e as tenazes às vezes têm uma vida miserável juntos.

— Não tanto quanto as pessoas dizem, querida. Homens e mulheres não são como torrões de açúcar. Eles não vão derreter porque a água, às vezes, fica morna. Agora, se eu aceitar Bellfield – e realmente acho que aceitarei – ele vai me causar um mundo de problemas. Eu sei que vai. Ele sempre vai querer meu dinheiro, e, é claro, vai conseguir mais do que deveria. Eu não sou Salomão, e tampouco a Rainha de Sabá, mais do que qualquer outra pessoa é. E ele vai fumar charutos demais, e talvez beber mais conhaque com água do que deveria. Ele também vai olhar para algumas moças que forem tolas o bastante para se darem ao cabimento.

— Minha nossa, tia, se a minha opinião sobre ele fosse tão ruim assim, certamente eu não me casaria, sobretudo quando a senhora diz que não o ama.

— Quanto ao amor, minha querida, ele se foi, para sempre! — dizendo isso, Mrs. Greenow pôs o lenço nos olhos. — Algumas mulheres conseguem amar duas vezes, mas não sou uma delas. Quem dera fosse... Quem dera fosse! — estas últimas palavras foram proferidas em tom de solene arrependimento, que, todavia, ela se pôs a alterar tão rápido quanto o havia adotado. — Mas, minha cara, o casamento é uma coisa confortável. Além disso, ainda que o capitão seja um pouco libertino, não duvido que, no fim das contas, eu saia por cima nessa história. Eu não irei impedir os charutos e conhaques com água, sabe? Por que um homem não pode fumar e beber de uma taça se isso o impede de se tornar um animal? Eu gosto de ver um homem aproveitando a vida. Além disso... — ela adicionou, referindo-se ao seu pretendente ausente com carinho. — Eu realmente creio que ele gosta de mim... Creio mesmo.

— Assim como Mr. Cheesacre, por falar nisso.

— Pobre Cheesy! Acredito que sim, embora ele só falasse sobre dinheiro. Eu sempre gosto de pensar o melhor deles. Mas não existe poesia com Cheesy. Não me importo em dizer isso agora, uma vez que você já decidiu que não vai querê-lo.

— De forma alguma, tia.

— O testamento do seu avô fez a diferença, sabia? Mas, como eu ia falando, gosto do romance que eles provocam — é só um perfume, como costume dizer, das rochas e dos vales. Sabemos que essas coisas não importam muito; mas elas são como flores artificiais — trazem um pouco de cor, e removem a falta de elegância. É claro que ter o pão e o queijo na mesa é o que realmente importa. As rochas e os vales não prestam para comer, se você ainda não entendeu, mas aquilo que basta é tão bom quanto um banquete. Graças ao querido Greenow — ela pausou, aproveitando para usar o lenço outra vez. — Graças ao querido Greenow, jamais passarei por necessidades. É claro que nunca deverei permitir que o dinheiro caia nas mãos dele — as mãos do capitão, quero dizer. Eu conheço um ou dois truques que vão me ajudar nisso, querida. Mas, Deus a abençoe! Eu tenho o bastante para mim e para ele. Para que uma mulher iria querer guardar tudo só para si?

— E a senhora vai realmente tomá-lo como marido, tia, e pagar as contas da lavadeira dele? Lembra-se do que me disse quando eu o vi pela primeira vez?

— Oh, sim; lembro-me. Se ele não puder pagar a própria lavadeira, não seria outro motivo para que eu o fizesse em seu lugar? Ora, sim; acho que vou tomá-lo. Isto é, se ele me aceitar conforme

minhas regras. A cavalo dado não se olham os dentes, querida.

Desta maneira, a tia e a sobrinha se tornaram grandes confidentes, e Mrs. Greenow sussurrou nos ouvidos de Kate a crença de que o capitão Bellfield estaria, possivelmente, atravessando o país para ir vê-la em Westmoreland.

— Não faria mal oferecer uma cama a ele, faria? — Mrs. Greenow indagou. — A estalagem em Shap fica muito distante para que visitas matinais sejam possíveis, sabe?

Kate não conseguiu concordar com a ideia de que não faria mal e não gostou da ideia de ter o capitão Bellfield como visitante.

— Talvez ele nem venha, no fim das contas — disse a viúva. — Eu não vejo como ele poderia obter dinheiro para uma jornada dessas, agora que brigou com Mr. Cheesacre.

— Se a vinda do capitão Bellfield a Vavasor Hall é necessária, pelo menos espere até que a visita de Alice chegue ao fim.

Aquele era o presente desejo de Kate e isso ela confidenciou à tia. Mas não parecia haver forma de impedi-lo.

— Eu não faço a mínima ideia de onde ele está, querida. Quanto a escrever, nunca fiz isso na vida; eu não saberia por onde começar.

Mrs. Greenow declarou que decididamente não havia convidado o capitão; porém, quanto a esta afirmação da tia, Kate não deu nenhum crédito.

Alice chegou e, por um ou dois dias, as três damas viveram juntas agradavelmente. Kate ainda usava uma tipoia no braço, mas já podia caminhar. Ela fazia longas caminhadas apesar da proibição do médico. Obviamente, elas subiram as montanhas. Na verdade, todas as caminhadas que partiam de Vavasor Hall levavam às montanhas, a não ser que a pessoa escolhesse tomar a estrada para Shap. Elas, porém, subiram cruzando Beacon Hill, como se por consentimento mútuo. Nenhuma pergunta era feita entre elas quanto às rotas que seriam tomadas; e embora não tivessem chegado à pedra sobre a qual certa vez tinham se sentado para observar Haweswater, elas alcançaram o ponto no qual Kate se acidentara.

— Foi aqui que eu caí — ela disse. — E a última coisa que vi dele foram as costas, enquanto ele descia o vale, por ali. Quando me pus de pé, ainda conseguia vê-lo. Foi numa dessas tardes em que as nuvens estão escuras, mas é possível ver cada objeto com uma clareza peculiar no ar. Eu fiquei aqui por um bom tempo, segurando o braço e o observando; mas ele não se virou nem uma vez para me ver. Sabe, Alice, acho que nunca mais o verei outra vez.

— Acha que ele pretende cortar os laços entre vocês para sempre?

— Não sei nem dizer o que eu pretendo! Ele parecia se afastar de mim, como se estivesse adentrado outro mundo. A silhueta dele contra

a luz estava bastante clara, e ele caminhou rapidamente, e em frente prosseguiu, até que o declive da colina o escondeu de mim. É claro que achei que ele retornaria a Vavasor Hall. Em certo momento, enquanto voltava, eu quase temi que ele surgisse de surpresa e me atacasse no bosque. Mas, mesmo assim, tive uma sensação – o que as pessoas chamam de pressentimento – de que nunca mais o veria outra vez.

— Ele nunca mais escreveu?

— Não; nem uma palavra. Lembre-se de que ele não sabia que eu havia me ferido. Estou certa de que ele não escreverá, e estou certa, também, de que não escreverei. Se ele quisesse dinheiro, eu enviaria, mas não escreveria nada.

— Receio que ele sempre vai querer dinheiro, Kate.

— Receio que sim. Se soubesse como eu sofri quando ele me obrigou a escrever aquela carta para você! Mas, obviamente, fui uma idiota. Eu não deveria tê-la escrito.

— Eu achei que foi uma carta bastante apropriada.

— Foi uma carta indecente. A coisa toda foi indecente! Ele devia passar fome nas ruas antes de tomar o seu dinheiro; devia ter desistido do Parlamento, e de tudo mais! Eu tive muitas dúvidas sobre ele antes, mas foi aquilo que, pela primeira vez, fez meu coração se voltar contra ele. Eu havia começado a temer que ele não fosse o homem que eu sempre pensei que fosse – e eu o apresentei a você.

— Eu o julguei por mim mesma — declarou Alice.

— É claro que julgou, mas eu lutei para fazer com que você o julgasse bem. Alice, querida! Nós duas sofremos por ele; você mais do que eu, talvez. Mas também desisti de tudo por ele. A minha vida toda foi posta a serviço dele. Eu tenho sido uma criatura dele, que faz todas as suas vontades, como ele comanda. Ele me obrigou a fazer coisas que eu sabia que eram erradas – coisas que eram estranhas à minha própria natureza; ainda assim, quase o idolatrei. Mesmo agora, se ele voltasse, acredito que eu o perdoaria por tudo.

— Eu provavelmente o perdoaria, mas não faria mais do que isso.

— Mas ele nunca mais voltará. Ele nunca nos pedirá perdão, ou sequer o desejará. Ele não tem coração.

— Ele ansiou por dinheiro até o diabo endurecer seu coração — Alice falou.

— Apesar disso, era capaz de ser carinhoso quando lhe era conveniente; suas palavras e aparência viravam seda! Lembra-se de como ele se comportou na Suíça?

— Sim, eu me lembro.

— Eu também! Eu também! Alice, eu daria tudo o que tenho no mundo se pudesse apagar aquela jornada à Suíça.

— Se diz isso por mim, Kate...

— Eu digo isso por você. Ela não fez diferença para mim. Independentemente de ficar em Westmoreland, ou de viajar para fora do país, eu teria descoberto que o meu deus era feito de tijolos e argila, e não de ouro, mas você não precisava ter sido esmagada nesse desabamento.

— Eu não fui esmagada, Kate!

— É claro; é orgulhosa demais para admitir?

— Se está se referindo a Mr. Grey, o resultado teria sido igual, quer eu fosse para fora do país, quer eu permanecesse em casa.

— Será mesmo, querida?

— Daria na mesma.

Nada mais do que isso foi conversado entre elas acerca de Mr. Grey. Mesmo com sua prima, Alice não conseguia falar abertamente sobre o assunto. Ela nunca se permitiria pensar, nem por um momento, que fora persuadida por outras pessoas a tratá-lo da forma como o havia tratado. Ela estava segura de que havia agido com suas próprias convicções do que era certo e errado; e ali, mesmo que estivesse começando a sentir que agira errado, ela dificilmente confessaria tanto, ainda que só para si.

Elas caminharam de volta, descendo a colina até Vavasor Hall, caladas pela maior parte do percurso. Uma ou duas vezes Kate repetiu sua convicção de que nunca mais veria o irmão.

— Eu não sei o que pode acontecer a ele — ela comentou, em resposta às questões da prima. — Mas quando ele foi desaparecendo da minha vista no vale, senti que o estava vendo pela última vez.

— Isso é meramente o que as pessoas chamam de pressentimento — disse Alice.

— Exatamente, e pressentimentos, é claro, nada significam — opinou Kate.



Elas continuaram em direção à casa sem mais conversas; mas, quando alcançaram o final da pequena trilha que as guiava do bosque à curva de cascalho que precedia a porta da frente, ambas foram pegas de surpresa por uma visão que cruzou seus olhos. Havia um homem parado com o charuto na boca diante delas, girando uma pequena bengala, e observando o bosque. Ele tinha na cabeça um pequeno chapéu de palha descontraído e vestia uma jaqueta com botões de bronze e calças brancas. Era quase metade de maio, entretanto, o verão não chegaria a Westmoreland tão cedo, e o homem, conforme admirava a paisagem, pareceu estar com frio e quase incomodado. Ele ainda não tinha visto as duas moças, que haviam parado no final da trilha, arrebatadas pela visão da figura.

— Quem é aquele? — perguntou Alice, em um sussurro.

— O capitão Bellfield — respondeu Kate, falando num tom bastante desanimado.

— O quê?! O capitão de tia Greenow?

— Sim, o capitão de tia Greenow. Eu temia isso; e agora, o que raios faremos com ele? Olhe só para ele. É isso o que tia Greenow chama de perfume de rochas e vales.

O capitão começou a se mover – foi uma breve moção, como se fosse algo necessário para manter os seus membros vivos. Ele havia terminado seu charuto, e encarava a bituca com manifesto pesar. Conforme a atirava num maciço de arbustos, seu olhar recaiu sobre as duas damas, e o capitão soltou uma pequena exclamação. Ele, então, aproximou-se, acenando com o seu pequeno chapéu de palha à mão, e fez sua saudação.

— Miss Vavator, é um grande prazer — ele anunciou. — Miss

Alice Vavasor, se não estou enganado? Eu fui encarregado pela minha querida amiga Mrs. Greenow de sair e procurar pelas senhoritas, mas, juro por Deus, os bosques estavam tão escuros que não ousei me aventurar — e se tivesse ido, é claro, eu não as teria encontrado.

Kate estendeu a mão esquerda e depois apresentou a prima ao capitão. Novamente, ele acenou com seu pequeno chapéu de palha, e se empenhou para se portar como se estivesse em casa e confortável. Mas ele falhou, e o seu fracasso foi nítido. Ele não era o Bellfield que havia conquistado Mr. Cheesacre nas areias de Yarmouth, ainda que estivesse usando a mesma jaqueta e o mesmo colete, e que deveria estar gozando a sensação de satisfação interna de que a manutenção futura da sua vida estava assegurada. Mas ele não estava à vontade. Sua coragem fora suficiente para permitir que seguisse seu alvo até Westmoreland, mas não fora suficiente para deixá-lo confortável enquanto estava lá. Kate percebeu a condição dele na hora, e maliciosamente decidiu que não faria o menor esforço para auxiliá-lo. Ela continuou com uma certa cerimônia de introdução, e depois expressou sua surpresa em vê-lo tão longe ao norte.

— Bom... — ele começou. — Eu mesmo estou um pouco surpreso, estou mesmo! Mas eu não tinha nada para fazer em Norwich, literalmente nada; e sua tia sempre falou tanto das belezas deste lugar... — e aqui, ele fez um aceno circular com a mão em direção à velha casa e às árvores escuras — ...que pensei em tomar a liberdade de fazer uma rápida visita. Eu não pretendia abusar da hospitalidade; não mesmo, Miss Vavasor; só que Mrs. Greenow foi tão gentil e disse que...

— Nós estamos muito afastadas do resto do mundo, capitão Bellfield, de maneira que sempre oferecemos uma cama aos nossos visitantes.

— Não era a minha intenção; não era a minha intenção, senhorita!

O pobre capitão Bellfield estava ficando muito nervoso em sua agitação.

— Coloquei a minha mala, com algumas coisinhas, no cabriolé que tinha me trazido, sem saber direito para onde eu iria.

— Nós não deixaremos que vá a mais nenhum lugar por hoje — prometeu Kate.

— Mrs. Greenow tem sido muito bondosa, muito bondosa, de fato. Ele me pediu para ficar até... sábado!

Kate mordeu os lábios numa breve crise de raiva. A casa era a casa dela, e não da tia. Mas Kate se lembrou de que sua tia fora gentil com ela em Norwich e em Yarmouth, e permitiu que este sentimento esmorecesse.

— Ficaremos muito felizes em tê-lo — ela afirmou. — Mas há três

mulheres nesta casa, e receio que o senhor nos achará monótonas.

— Oh, minha nossa, não! Vocês, monótonas!? Isso seria impossível!

— E como o senhor ficou em relação ao seu amigo, Mr. Cheesacre?

— Muito bem, muito bem, obrigado. Ou melhor, eu não o vi muito ultimamente. Ele e eu tivemos uma pequena desavença, sabe?

— Não posso dizer que não estou a par, capitão Bellfield.

— Eu imaginei que, talvez, tivesse ouvido falar. Ele pareceu pensar que eu estava íntimo demais de uma certa pessoa! Ha, ha, ha, ha! Foi só uma brincadeira, senhoritas.

Os três, então, entraram na casa enquanto o capitão Bellfield marchava atrás delas. Mrs. Greenow não estava em nenhuma das duas salas de estar que geralmente ocupavam. Ela, também, fora um tanto afastada da compostura habitual de seus modos pela chegada de seu pretendente – ainda que o estivesse esperando, e que houvesse se retirado para seus aposentos, pensando que seria melhor ver Kate em particular antes de se encontrarem na presença do capitão.

— Imagino que o senhor viu a minha tia desde que chegou, não? — indagou Kate.

— Oh, céus, sim! Eu a vi, e ela sugeriu que eu desse uma caminhada para encontrá-las; e eu as encontrei, embora não tenha caminhado muito.

— E o senhor já viu o seu quarto?

— Sim... Sim. Ela foi bondosa o bastante para me mostrar meu quarto. Ele é muito bonito mesmo, obrigado; tem uma vista para a entrada e tudo mais.

O pobre camarada certamente estava pensando no quão melhor era o seu aposento em Vavasor Hall em comparação ao de Oileymead.

— Não vou ficar por muito tempo, Miss Vavasor; apenas uma noite ou algo assim. Mas eu queria ver sua tia outra vez, e a senhorita também, palavra de honra.

— A minha tia é a principal atração, capitão Bellfield. Todos nós sabemos disso.

Ele produziu um sorriso bobo – bobo como o de uma moça, meio extasiada, meio envergonhada de ter seu interesse amoroso comentado na sua frente. Ele mexeu impacientemente em alguns objetos na mesa e se mexeu nervosamente, trocando o apoio de uma perna pela outra. Talvez estivesse se lembrando de que, embora tivesse se forçado a ir a Vavasor Hall, não tinha dinheiro suficiente para voltar a Norwich. As duas moças o deixaram e saíram em direção aos seus quartos.

— Vou ver minha tia imediatamente e descobrir o que precisa ser feito — contou Kate.

— Imagino que ela pretenda se casar com ele.

— Oh, sim, ela pretende se casar com ele, e agora, quanto mais cedo, melhor. Eu sabia que isso aconteceria, mas esperava que ele não viesse enquanto você estivesse aqui. Sinto tanta vergonha de mim mesma por você ter de ver isso.

Kate audazmente bateu na porta da tia, que a recebeu com um sorriso consciente.

— Eu a estava esperando — comentou Mrs. Greenow.

— Aqui estou, tia; e o mais importante: lá está o capitão Bellfield na sala de estar.

— Homem estúpido! Eu disse para se afastar daqui até a hora da ceia. Estou quase convencida a enviá-lo de volta a Shap imediatamente, juro que estou.

— Não faça isso, tia; seria inospitaleiro.

— Mas ele é tão tolo. Espero que entenda, minha querida, que não pude evitar.

— Mas a senhora pretende se... se casar com ele, tia; não pretende?

— Bom, Kate, eu realmente penso que sim. E por que não deveria? Ser eu mesma significa ter uma vida solitária; e, juro por Deus, não creio que haja muito perigo nele.

— Eu não vou dizer nada contra ele; exceto que, nesse caso, a senhora não poderá enxotá-lo da casa quando bem entender.

— Não poderei, é? Eu poderia num instante; e, se você quiser, verá como posso.

— As rochas e os vales não permitiriam isso, tia.

— Pode caçar, querida. Se os deboches quebrassem os meus ossos, eu não estaria inteira como estou hoje. Eu poderia ter ficado com Cheesacre, que é um homem abastado e capaz de manter uma carruagem para mim; mas foram as rochas e os vales que evitaram isso; e, talvez, uma pequena sensação de que eu poderia fazer algo de bom para um pobre camarada que não tem ninguém no mundo.

Ao dizer isso, Mrs. Greenow pôs o lenço sobre os olhos, e enxugou a umidade que brotava deles. As lágrimas sempre caíam facilmente com ela, mas, naquele instante, Kate quase respeitou aquelas lágrimas.

— Eu certamente espero que a senhora seja feliz, tia.

— Se ele me fizer infeliz, pagará por isso — garantiu Mrs. Greenow, que, ao encerrar as lágrimas, balançou a cabeça, como se, naquela ocasião, houvesse sido totalmente verdadeira sobre tudo o que tinha dito.

Na ceia, eles não ficaram muito à vontade. Ou o clima sombrio do lugar e a proximidade dos pinheiros negros haviam deprimido o capitão, ou, então, a gloriosa riqueza das perspectivas que jaziam

diante dele o tinham deixado pensativo. Ele havia se livrado da jaqueta com os botões de bronze, vestira-se para a ceia muito sobriamente, e se portara durante e depois do jantar com sobriedade maravilhosa, diferenciando-se bastante do capitão que se sentara na ponta da mesa no piquenique de Mrs. Greenow. Quando foi deixado sozinho após o jantar, ele mal engoliu duas taças do vinho do Porto do velho lorde, antes de sair para passear pelos jardins e se juntar às damas, a quem havia visto por lá; e quando pressionado por Kate a acender um charuto, ele se recusou categoricamente.

Na manhã seguinte, Mrs. Greenow havia recuperado a compostura, mas o capitão Bellfield permanecia em um perturbado estado mental. Ele sabia que seus esforços seriam coroados com o sucesso, e estava seguro de que ela se tornaria sua esposa, mas ele não sabia o que fazer em Vavasor Hall. Após o desjejum, ele foi perambular impacientemente pela sala de estar, sem conseguir arquitetar um plano de fuga, e se viu em uma enrascada quando a viúva lhe perguntou o que ele pretendia fazer dali até a hora do jantar.

— Acho melhor dar um passeio — ele respondeu. — E talvez as jovens damas...

— Se está se referindo às minhas duas sobrinhas, receio que o senhor vai descobrir que elas já estão ocupadas. Mas, se achar que não sou velha demais para um passeio...

O capitão assegurou que, pelo seu gosto, ela tinha a idade certa para acompanhá-lo num passeio, e depois tentou se desculpar pela sua expressão acanhada, que havia provocado gostosas risadas nas três damas.

— Deixe isso de lado, capitão — pediu Mrs. Greenow. — Vamos passear mesmo assim. Não ligue para aquelas jovens. Venha.

Eles iniciaram o passeio, não em direção às montanhas, como Kate sempre fazia quando ia caminhar por Westmoreland, mas lentamente, e em um passo gentil que fazia jus às suas idades, ao longo da estrada que ia dar em Shap. O capitão educadamente abriu o velho portão para a viúva e, então, fechou-o cuidadosamente outra vez – sem permitir que ele balançasse, como teria feito em Yarmouth. Depois, foi ocupar o seu lugar ao lado dela, sugerindo seu braço, que ela recusou, e caminharam em silêncio por alguns metros. O que ele deveria dizer a ela? Ele fizera o seu cortejo com êxito, e agora, o que faria em seguida?

— E então, capitão Bellfield? — ela inquiriu.

Eles caminhavam bem devagar e o capitão cortava a grama que crescia ao lado da estrada com sua bengala. Ele sabia que, pelo tom da voz dela, algo especial estava a caminho; ele, portanto, abandonou a grama e se aproximou do lado da dama.

— E então, capitão Bellfield? Devo supor que me deixará de bom-humor?

— Arabella, você me fará o homem mais feliz do mundo.

“Quanta bobagem”, ela teria dito, “são apenas rochas e vales”. Só que ele não teria compreendido.

— Juro que fará.

— Eu espero fazer com você se torne respeitável.

— Oh, sim; certamente. É exatamente o que desejo.

— É a melhor coisa que você pode desejar. E é claro que farei papel de boba.

— Não, não; não diga isso.

— Se eu não disser, todos os meus amigos dirão por mim. Você tem sorte de eu não ligar muito para o que os outros pensam.

— Foi sorte... Sei que sou sortudo. Logo no primeiro dia que a vi, pensei em como eu era um homem feliz por conhecê-la. Depois, é claro, só consegui pensar na sua beleza.

— Continue em frente!

— Deveras. Venha, Arabella, já que seremos marido e mulher, vamos em frente.

Naquele momento, ele se encontrava bem próximo dela. Ele havia recuperado um pouco de sua elasticidade habitual; mas ela não permitiria nem sequer um braço ao redor da sua cintura.

— No meio da estrada! — ela ralhou. — Como pode ser tão descabido e tão tolo?

— Nós bem que poderíamos, sabe? Só uma vez.

— Capitão Bellfield, eu trouxe o senhor aqui não para esse tipo de tolice, mas para que possamos conversar um pouco sobre negócios. Se vamos ser marido e mulher, como o senhor diz, deveremos entender em que pé estamos. Receio que seus meios particulares não são consideráveis, são?

— Bom, não. Eles não são, Mrs. Greenow.

— O senhor tem qualquer coisa?

O capitão hesitou, e cutucou o chão com a bengala.

— Ora, capitão Bellfield, conte a verdade já, e então poderemos nos entender.

O capitão continuou hesitante, e não disse nada.

— O senhor deve ter algum sustento, imagino? — sugeriu a viúva.

E então, o capitão, gradualmente, foi contando sua história. Ele possuía uma irmã casada, que lhe enviava um guinéu por semana. Isso era tudo. Ele havia sido obrigado a vender sua comissão de tenente no exército, (não de capitão, embora as pessoas o chamassem dessa forma), porque se vira incapaz de sobreviver com sua renda de tenente. O preço de sua comissão havia sido usado para pagar suas

dívidas, e agora – sim, por incrível que pareça – ele contraíra novas dívidas. Ele devia 90 libras a Cheesacre, 32 libras e dez xelins ao alfaiate em Yarmouth, mais de 17 libras aos seus alojamentos em Norwich. No presente momento, ele carregava cerca de 30 xelins no bolso. O alfaiate em Yarmouth havia lhe emprestado três libras para que ele pudesse fazer sua jornada a Westmoreland, e talvez conseguir pagar suas dívidas ao se casar com uma esposa rica. No decorrer do inquérito, Mrs. Greenow arrancou várias informações do capitão; e então, quando se sentiu satisfeita com o que havia descoberto – não exatamente toda a verdade, mas, certamente, indícios da verdade – ela o perdoou por todos os seus deslizes.

— E agora, a senhora dará um beijo neste camarada; só um beijo? — pediu o estático capitão, no calor de sua alegria.

— Calado! — bradou a viúva. — Uma carruagem vem vindo pela estrada, e ela está perto de nós.

CAPÍTULO 65

O PRIMEIRO BEIJO

— Calado! — bradou a viúva. — Uma carruagem vem vindo pela estrada, e ela está perto de nós.

Conforme foi falando tais palavras, Mrs. Greenow se soltou dos braços do capitão, antes que o primeiro beijo de amor pré-nupcial autorizado fosse trocado. A cena acontecia na estrada principal que ia de Shap a Vavasor Hall, e como ela ainda vestia todos os trajes escuros da viuvez recente, e como nem ela e nem seu querido capitão estavam abaixo dos 40 anos, talvez fosse melhor não serem flagrados namorando num lugar tão público. Mas eles escaparam a tempo dos olhos vigilantes de um novo visitante. Pela curva da estrada, e em duros trotes, veio o cavalo usado pelo correio de Shap, com o cabriolé de Shap logo atrás – o mesmo que havia trazido Bellfield a Vavasor Hall no dia anterior – e sentado no cabriolé, ocupando um grande espaço, com os olhos bem atentos para tudo à sua volta, estava... Mr. Cheesacre.

Era uma terrível visão aos olhos do capitão Bellfield e, de modo algum, bem-vinda aos de Mrs. Greenow. No tocante a ela, sua irritação se referia primariamente às suas duas sobrinhas, e especialmente a Alice. Como ela justificaria este segundo pretendente? Kate, é claro, estava a par de tudo; mas como Alice seria convencida de que ela, Mrs. Greenow, não tinha culpa – de que ela, na sóbria verdade, havia dito a este fervoroso cavalheiro que não existiam esperanças para ele? E quanto a Kate – Kate, a quem sua tia decidira incongruentemente considerar o objeto da busca de Mr. Cheesacre –, que tipo de boas-vindas ela ofereceria ao proprietário de Oileymead? Antes que as rodas parassem, Mrs. Greenow já refletia se seria possível dispensar Mr. Cheesacre sem que ele pisasse em Vavasor Hall; mas, se Mrs. Greenow estava desgostosa, o que se diria dos sentimentos do capitão? Pois estava ciente de que Cheesacre sabia de tudo aquilo que ele havia omitido. O quão ardentemente ele agora desejava ter navegado mais próximo da verdade ao enumerar sua lista de dívidas para Mrs. Greenow.

— Esse homem é procurado pela polícia — anunciou Cheesacre, falando enquanto o cabriolé ainda estava em movimento. — Ele é procurado pela polícia, Mrs. Greenow.

E em seu ardor, ele se levantou no interior do cabriolé e apontou para Bellfield. O cabriolé parou subitamente, e ele caiu de volta em seu assento na tentativa de evitar que seu corpo fosse impelido para frente.

— Ele é procurado pela polícia — ele esbravejou novamente, assim que conseguiu recuperar a sua voz.

Mrs. Greenow ficou pálida por trás do véu de viúva que havia

abaixado. O que o seu capitão havia feito? Ele poderia ter encomendado coisas em lojas sob falsos pretextos; ou, instigado pela necessidade e pela fome, poderia ter cometido... alguma falsificação.

— Minha nossa! — ela exclamou, tirando a mão do braço que tinha aceitado.

— É mentira — respondeu Bellfield.

— É verdade — rebateu Cheesacre.

— Eu vou indiciá-lo por calúnia, meu amigo — prometeu Bellfield.

— Pague o dinheiro que me deve — mandou Cheesacre. — O senhor é um larápio!

Mrs. Greenow pouco ligava se o seu pretendente era um larápio na opinião de Mr. Cheesacre, pois já havia ouvido tais acusações dele. Mas ela se importava muito com esta busca da polícia pelo capitão. Se ela fosse verdade, o capitão não poderia mais ser o seu capitão.

— O que significa isto que acabei de escutar, capitão Bellfield? — ela indagou.

— É uma mentira, uma calúnia. Ele só quer causar uma briga entre nós. Que polícia está atrás de mim, Mr. Cheesacre?

— É a polícia, ou um oficial do delegado, ou algo assim — declarou Cheesacre.

— Oh, um oficial do delegado! — exclamou Mrs. Greenow, num tom de voz que evidenciava o tamanho do seu alívio. — Mr. Cheesacre, o senhor não devia surgir falando coisas assim, não devia mesmo. Oficiais de delegacia podem ser pagos, e assim qualquer dívida é encerrada.

— Eu vou indiciá-lo por calúnia; podem apostar que eu vou — garantiu Bellfield.

— Bobagem — repreendeu a viúva. — Não faça papel de tolo. Quando os homens não podem pagar suas dívidas, eles devem aguentar quando ouvem esse tipo de coisa. Mr. Cheesacre, aonde o senhor estava indo?

— Eu estava indo a Vavator Hall, com o propósito de alertá-la.

— Tarde demais — retorquiu a viúva, afundando-se por trás do véu.

— Ora, mas a senhora não se casou com ele desde ontem, casou-se? Ele teve apenas 24 horas de vantagem sobre mim, disso eu sei. Ou será que, talvez, casaram-se clandestinamente em Norwich? Oh, Mrs. Greenow!

Ele desceu do cabriolé, e os três foram caminhando juntos até Vavator Hall, enquanto o rapaz que dirigia levava a bolsa de Mr. Cheesacre.

— Eu nem sei se poderemos dar boas-vindas ao senhor — indicou Mrs. Greenow. — Há outros visitantes e a casa está cheia.

— Eu não sou de incomodar onde não sou querido. Pode ter certeza disso. Se não puder conseguir meu jantar com amor, consigo com dinheiro. Isso é mais do que algumas pessoas podem dizer. Pergunto-me quando o senhor irá me pagar o que me deve, tenente Bellfield.



Não obstante, a viúva havia forçado uma reconciliação entre os dois homens, antes que alcançassem Vavasor Hall. Eles acabaram apertando as mãos, e o cordeiro Cheesacre aceitou coexistir com o lobo Bellfield. Cheesacre, aliás, conseguiu sussurrar nos ouvidos da viúva a real dimensão de sua missão em Westmoreland. Isto, contudo, ele fez longe da audição de Bellfield. Quando Mrs. Greenow concluiu que havia algo para ser conversado, ela não fez a menor cerimônia em dispensar o seu prometido.

— A senhora não vai abandonar um camarada como eu, vai? — sussurrou Bellfield no ouvido dela, enquanto se afastava.

Ela meramente franziu o cenho, e pediu que ele se retirasse, de modo que a caminhada que Mrs. Greenow iniciara com um pretendente, acabou na companhia do outro.

Bellfield, que fora despachado para a casa, encontrou Alice e Kate inspecionando a bolsa recém-chegada.

— Ele o conhece — falou o rapaz que guiara o cabriolé, apontando para o capitão.

— Isso pertence ao seu velho amigo, Mr. Cheesacre — disse Bellfield a Kate.

— E ele veio também? — perguntou Kate.

O capitão deu de ombros, e admitiu que a situação era

complicada.

— Mas não vai adiantar nada — ele avaliou. — Nem um pouco. Ele jamais teve chances nesta disputa.

— Não há muitas rochas e vales nele, não é, capitão Bellfield? — caçoou Kate. O capitão Bellfield, porém, não entendia nada de rochas e vales, ainda que fosse considerado por certos olhos tanto uma rocha quanto um vale.

Enquanto isso, Cheesacre contava sua história. Primeiro, ele perguntou, em tom melancólico, se era realmente necessário que abandonasse todas as suas esperanças. “Ele não pretendia falar nada contra o capitão”, ele assegurou, “se tudo já estivesse decidido”. Ele nunca guardava rancor de outro homem.

— Tudo já está decidido — decretou Mrs. Greenow.

Ele, entretanto, não pôde deixar de insinuar que Oileymead era um lar substancial, e que Bellfield não tinha nem sequer uma cama de palha para se deitar. Em resposta, Mrs. Greenow afirmou que, por isso mesmo, havia razão para que alguém providenciasse uma cama para o pobre homem.

— Se olhar por esse lado, é verdade — admitiu Cheesacre.

Mrs. Greenow disse que realmente via as coisas por esse lado.

— Neste caso, darei o assunto por encerrado — aceitou Cheesacre. — E quanto à pequena soma de dinheiro que ele me deve, suponho que devo lhe dar um tempo.

Mrs. Greenow assegurou que ele seria ressarcido assim que possível — depois que a bênção nupcial houvesse sido proferida diante deles. Na realidade, ela se ofereceu para pagar a dívida imediatamente, se ele estivesse necessitado, mas Cheesacre respondeu desdenhosamente que jamais se encontraria necessitado de dinheiro. Ele só gostava de receber o que era dele, e isso era tudo.

Depois disso, Mr. Cheesacre se viu incapaz de partir para seu próximo assunto tão facilmente quanto havia desejado; e é preciso admitir que existia certa dificuldade. Como não poderia ter Mrs. Greenow, ele se contentaria em tornar Kate sua esposa. Esse era o seu próximo assunto. Rumores sobre o testamento do velho lorde, certamente, o haviam alcançado, e ele estava agora disposto a aproveitar o auxílio que Mrs. Greenow oferecera anteriormente no tocante a tal questão. A hora em que ele deveria se casar havia chegado; disso, estava ciente. Mr. Cheesacre contara a muitos de seus amigos em Norfolk que Kate Vavasor havia tentado atrair seu interesse, e que muito provavelmente ele a aceitaria. Em resposta a todas as declarações de amor feitas a Mrs. Greenow, a tia sempre garantira que sua sobrinha seria uma excelente esposa para ele. Ele, então, viera agora a Westmoreland com este plano de reserva.

— A senhora mesma colocou essa ideia na minha cabeça —

lembrou Mr. Cheesacre. — Não é verdade?

— Mas tantas coisas mudaram desde então — explicou a viúva.

— Que coisas? Eu não mudei. Oileymead continua onde sempre esteve, e o proprietário dela não deve um xelim a qualquer homem. Como assim as coisas mudaram?

— A minha sobrinha herdou uma propriedade.

— E isso muda alguma coisa? Oh! Mrs. Greenow, quem teria imaginado que seria uma mercenária? Propriedade herdada? Então, ela dispensará um homem por causa disso?

Mrs. Greenow se esforçou para explicar que dificilmente se poderia dizer que sua sobrinha o havia dispensado, e, por fim, fingiu ficar irritada quando ele tentou reivindicar sua posição.

— Ora, Mr. Cheesacre, eu estou absolutamente certa de que ela jamais lhe proferiu uma palavra de encorajamento em toda a vida.

— Mas a senhora sempre me disse que eu a teria se a cortejasse.

— E agora estou dizendo que não a terá. Não adiantar ir lá pedir, pois ela simplesmente vai despachá-lo com uma resposta que o senhor não gostará. Veja só, Mr. Cheesacre; o senhor quer se casar, e já passou da hora mesmo. Há a minha querida amiga Charlie Fairstairs. Como o senhor poderia arranjar uma esposa melhor do que Charlie?

— Charlie Fairstairs! — repetiu Cheesacre, torcendo o nariz com nojo. — Ela não tem um tostão, e nem nada que lhe pertença. O homem que se casar com ela terá de buscar dinheiro para pagar o vestido que usa.

— Quem é mercenário agora, Mr. Cheesacre? Vá para casa e pense nisso; e se o senhor se casar com Charlie, comparecerei ao casamento. O senhor não terá vergonha dos trajes dela; disso eu cuidarei.

Agora, eles estavam perto do portão, mas Cheesacre parou antes de entrar.

— A senhora acha que não há qualquer chance para mim, então? — ele indagou.

— Eu sei que não há. Ela nunca falou assim sobre o senhor.

— Há um outro felizardo, talvez?

— Quanto a isso, nada posso dizer, mas eu sei que ela não o aceitará. Eu gosto de fazendas, sabe? Mas ela não.

— Posso desistir dela... ao menos por um tempo — disse Cheesacre, prontamente.

— Não, não, não; não adiantaria. Acredite, meu amigo, isso não adiantaria.

Ele continuou parado perto do portão.

— Não vejo motivo para entrar — ele concluiu. A isto, ela não deu resposta, e ele prosseguiu. — Eu tenho um certo orgulho que não me permite ir aonde não sou querido.

— Não posso dizer, Mr. Cheesacre, que o senhor é querido desta forma, é claro.

— Neste caso, partirei. Talvez a senhora possa fazer a gentileza de pedir ao rapaz do cabriolé para me seguir? Eu terei gastado seis libras e dez xelins por ter vindo até aqui e voltado. Bellfield conseguiu mais barato, é claro; ele viajou de segunda classe. Eu soube disso quando cheguei aqui.

— Tal despesa não lhe diz respeito, Mr. Cheesacre.

A isto ele assentiu. Então, preparou-se para partir, a princípio oferecendo sua mão a Mrs. Greenow com um ar de dignidade ofendida que logo se retraiu em quase humildade durante a performance do *adieu*. Antes de ir, ele a convidou a levar o capitão a Oileymead quando já estivesse casada, e implorou para que ela dissesse a Miss Vavator o quão feliz ficaria em recebê-la.

— E Mr. Cheesacre... — ela chamou, conforme ele voltava para a estrada. — Não se esqueça de Charlie Fairstairs.

Todos estavam parados à porta da frente da casa quando Mrs. Greenow reapareceu — Alice, Kate, o capitão Bellfield, o rapaz de Shap e o cavalo de Shap com o cabriolé.

— Onde ele está? — Kate questionou em voz baixa, e todos sentiram o quão importante era a questão.

— Ele se foi — respondeu a viúva.

Bellfield se sentiu tão aliviado que não foi capaz de controlar sua alegria. Ele tirou o chapéu de palha e o lançou para cima. A satisfação de Kate foi quase igual.

— Fico tão feliz — ela desabafou. — Que raios teríamos feito com ele?

— Eu nunca me senti tão desapontada na vida — comentou Alice. — Escutei tanto sobre Mr. Cheesacre, mas nunca o tinha visto.

Kate sugeriu que ela deveria subir no cabriolé e ir atrás dele.

— Ele deixou isso aqui *pra mim* levar e foi *imbora*? — indagou o rapaz, cujo rosto se contraiu em grande desânimo quando chegou à terrível conclusão. Mas, com habilidade juvenil, ele pôs a mão na bolsa de Mr. Cheesacre e, ao descobrir que ela não continha pedras, ficou consolado.

— Leve o cabriolé até ele, jovem cavalheiro. Você o achará na estrada que leva a Shap — explicou Mrs. Greenow.

— Diga a ele que mandei lembranças — disse o capitão, em puro contentamento. — E que espero que a colheita dos nabos seja boa.

O pequeno episódio durou até o fim do dia, e fez mais do que qualquer outra coisa poderia ter feito para tranquilizar o capitão Bellfield. Ele criou um pequeno fundo conjunto de bom-humor entre todos do grupo; algo que era imensamente necessário. A ausência deste fundo é sempre sentida quando um pequeno grupo se junta sem

muito planejamento e assistência. Um certo laço é necessário nestas ocasiões, e nenhum outro laço é tão fácil ou agradável. Desta vez, quando o capitão se descobriu sozinho por um quarto de hora com Alice, ele surgiu com diversos tópicos para jogar conversa fora.

— Sim, de fato. O velho Cheesacre, a despeito de seus disparates, no fundo não é um camarada ruim; ele só é terrivelmente apaixonado por seu dinheiro, sabe, Miss Vavasor? E está sempre se gabando dele.

— Não é uma coisa agradável — opinou Alice.

— Não, é a coisa mais desagradável do mundo. Não há nada que eu odeie tanto, Miss Vavasor, quanto esse tipo de conversa. Minha opinião é a seguinte: quando um homem tem muito dinheiro, deve ser deixado para fazer o melhor que puder com ele, e nada dizer a respeito. Ninguém nunca me escuta falar sobre o meu dinheiro.

O capitão sabia que Alice sabia que ele era pobre; mas, mesmo assim, sentiu satisfação ao falar sobre si mesmo como se não fosse pobre.

Desta forma, a noite prosseguiu bastante agradavelmente. Uma hora antes da ceia, o capitão Bellfield foi chamado à sala de estar e conversou com sua viúva sobre questões de negócios; ele, é claro, sabia que isso era necessário. Ela ralhara calorosamente com ele acerca daqueles oficiais da delegacia. Por que ele não havia contado a ela?

— Enquanto houver segredos guardados, não o aceitarei — ela determinou. — Eu não serei sua esposa até ter certeza de que não há uma dívida que não conste na lista.

Então, eu acho que ele contou tudo a ela – ou quase tudo. Quando tudo foi contabilizado, o estrago não era tão ruim; 300 ou 400 libras o tornariam um novo homem, e o que era uma soma dessas para sua rica viúva? De fato, para uma mulher interessada em um marido como aquele, o capitão Bellfield era um partido mais seguro do que um homem numa posição mais alta entre os seus credores. É verdade que talvez Bellfield tivesse sido um falsário, um ladrão ou um ex-condenado – entretanto, suas dívidas eram pequenas. Se fosse deixado para tentar dar o melhor de si, não teria conseguido obter um crédito de mil libras; ao passo que, ninguém poderia dizer quais seriam as responsabilidades financeiras de um cavalheiro de alta posição. Burgo Fitzgerald era um cavalheiro de alta posição e os seus credores teriam engolido cada xelim que Mrs. Greenow possuía; mas, com o capitão Bellfield, ela estava comparativamente segura.

No geral, eu acho que ela teve sorte em sua escolha; mas talvez seja mais justo de minha parte dizer que ela escolhera com prudência. Ele, na verdade, não era um falsário e nem ladrão – no sentido comum da palavra; e tampouco era um ex-condenado. Ele era simplesmente um malandro preguiçoso, que havia perambulado pelo mundo por 40 anos sem fazer nada, sem demonstrar princípios ou vergonha,

acostumado a comer pudins sujos e a ser chutado – moralmente chutado – por homens como Cheesacre. Mas ele era razoável em sua cobiça, e possuía certa apreciação pelo conforto de um jantar diário, o que poderia ser suficiente para impedir que se afastasse demais, enquanto sua esposa pretendida fosse capaz de manter sua fortuna em suas próprias mãos. Eu, portanto, digo que Mrs. Greenow teve sorte em sua escolha, que ela não tomou totalmente sem prudência.

— Estou pensando em ficar com a casa e morar aqui — ela anunciou.

— Como é? Em Westmoreland!? — espantou-se o capitão, com um tom de desânimo na voz. O que raios ele faria pelo resto da vida naquele lugar sombrio!?

— Sim, em Westmoreland. Por que Westmoreland não serviria tanto quanto qualquer outro lugar? Se não gosta de Westmoreland, não é tarde demais, sabia?

Em resposta a isso, o pobre capitão foi obrigado a declarar que não fazia qualquer objeção a Westmoreland.

— Estive conversando com minha sobrinha a respeito — retomou Mrs. Greenow. — E descobri que o arranjo pode ser concluído muito adequadamente. A propriedade foi deixada para ela e o tio – o pai da minha outra sobrinha; e nenhum deles quer morar aqui.

— Mas você não ficará entediada, minha querida?

— Podemos ir para Yarmouth no outono.

Então, o semblante do capitão voltou a se tornar um tanto quanto iluminado.

— E, talvez, se você não for extravagante, podemos passar um mês, mais ou menos em Londres durante o inverno, apenas para assistir às peças e fazer algumas compras.

Então, o rosto do capitão se iluminou intensamente.

— Isso seria maravilhoso — ele concordou.

— E quanto a me entediar... Quando as pessoas ficam velhas, elas precisam ficar entediadas — explicou a viúva. — A dança não pode durar para sempre.

Em resposta, o capitão da viúva assegurou à viúva que ela não era nem um pouco velha; e agora, nesta ocasião, a cerimônia que fora interrompida nas estradas de Shap pelo barulho das rodas de Mr. Cheesacre, realizou-se com sucesso.

— Lá se vai meu chapéu — ela falou. — Você é um pateta! O que Jeannette dirá?

— Jeannette que chore — refutou o capitão na sua felicidade. — Ela pode costurar outro chapéu, e quantos mais forem necessários.

Então, eu creio que a cerimônia foi repetida.

De modo geral, a visita do capitão foi satisfatória – ou, pelo menos, para o capitão. Tudo foi arranjado. Ele deveria partir na

manhã de sábado, e permanecer nos alojamentos de Penrith até o matrimônio, que eles concordaram em celebrar na Igreja Vavator. Kate prometeu que seria a única dama de honra. Houve conversas sobre convidar Charlie Fairstairs, mas a ideia acabou sendo abandonada.

— Nós a traremos depois que você partir — a viúva contou a Kate. — Nós iremos precisar dela. Traremos Cheesacre também e o faremos se casar com ela. Não há para que pagar por duas jornadas separadas.

Foi permitido ao capitão vir de Penrith duas vezes por semana até o dia do casório, ou, talvez, seja mais justo dizer, ele foi comandado a fazer isso. Pergunto-me como ele se sentiu quando Mrs. Greenow lhe deu sua primeira nota de cinco libras, e lhe disse que ela deveria durar uma quinzena. Será que foi alegria, ou em seu coração surgiu um leve toque de arrependimento próprio de um homem?

“Capitão Bellfield de Vavator Hall, Westmoreland. Não soa tão ruim”, pensou consigo, enquanto fazia sua primeira jornada a Penrith.

CAPÍTULO 66

O PLANO DE LADY MONK

Na noite da festa de lady Monk, Burgo Fitzgerald desapareceu; e quando os convidados se retiraram e os aposentos foram esvaziados, sua tia o procurou em vão. O velho mordomo e factótum da casa, que havia sido encarregado por Sir Cosmo de apagar as luzes e se certificar de que a casa não fora saqueada além do razoável, como costumava acontecer nestas ocasiões de festejos de sua esposa, foi interrogado por sua senhora, e contou que achava que Mr. Burgo havia deixado a casa. A própria lady Monk foi bater à porta do sobrinho, quando subiu até o andar superior, ascendendo a um lance adicional com seus membros velhos e desgastados; ela abriu a porta e até viu peças de roupas dele espalhadas negligentemente pelo quarto. Mas ele não estava lá. “Talvez, no fim das contas, ele tenha conseguido”, ela pensou consigo, enquanto descia até seu próprio quarto.

Mas Burgo, como sabemos, não “consequira”. Devemos lembrar que, quando Mr. Palliser voltou para sua esposa, adentrando à sala de jantar de lady Monk e trazendo consigo a echarpe que lady Glencora havia esquecido no andar superior, Burgo já não estava mais com ela. Ele percebera que, claramente, não tinha mais chances, ou, ao menos, naquela noite. O pobre tolo, que agira sob o conselho implícito de sua tia, em vez de sob suas próprias esperanças, arranhou uma carruagem rápida e a estacionou em Bruton Street, a uma distância de uma caminhada de cinco minutos da casa da tia. Ele havia comprado agasalhos femininos, capas, e outras coisas que achou que seriam necessárias à sua acompanhante. Ele também reservara quartos em um novo hotel perto da Estação de Dover – a Estação de London Bridge – por onde partiriam no trem da manhã seguinte na intenção de alcançar um barco que os levaria até Bolonha. Havia uma mala de roupas lá pela qual ele pagara 25 guinéus do dinheiro da tia, após não conseguir convencer o mercador a lhe vender fiado em seu crédito; e havia outras coisas – chinelos, colarinhos, pares de meias, lenços, e o que mais, segundo o seu raciocínio, poderia se provar, sob tais circunstâncias, mais necessário. Que pobre tolo providentemente imprevidente!

O mordomo estava correto. Ele havia deixado a casa. Burgo viu lady Glencora ser levada até sua carruagem por uma passagem nos fundos do átrio, e então escapou, inconsciente das suas botas, casaca e broches decorados com joias. Ele pegou um claque – seu, ou de algum outro infeliz – e lentamente desceu até o local em Burton Street. Havia uma carruagem e um par de cavalos, todos de prontidão; e o condutor, que se colocou ao lado da porta do veículo, não demorou a sair da cervejaria vizinha.

— Tudo pronto, Excelência — anunciou o homem.

— Eu não precisarei de você esta noite — responde Burgo, rousadamente. — Vá.

— E quanto às outras coisas, Excelência?

— Para o diabo que as carregue. Não, espere. Leve-as de volta consigo, e peça a alguém para guardá-las até que eu envie uma pessoa para pegá-las. Eu vou querê-las, bem como a carruagem, em um ou dois dias.

Então, ele deu ao homem meia libra de ouro e partiu, sem olhar para os pequenos tesouros com os quais gastara seu dinheiro ao seleccioná-los para o seu amor. Quando ele se foi, o barqueiro e o condutor os reviraram com mãos cautelosas e olhos que carregavam uma satisfação maldosa.

— É uma herdeira, tenho certeza — garantiu o barqueiro.

— Nossa! Ao que parece ela não aguenta mais os pais — comentou o condutor.

Mas nenhum deles imaginou a grandeza daquilo que o contratante da carruagem havia, de fato, contemplado.

Dali, Burgo retornou por Grosvenor Square, e de lá foi descendo Park Street, atravessando uma passagem estreita e uma cavalaria que existiam por aquelas bandas, até Park Lane. Agora, ele havia passado pela posição da casa de Mr. Palliser, tendo saído por Park Lane num ponto próximo a Piccadilly; mas refez seus passos, caminhando ao longo dos corrimãos do parque até se encontrar de frente para a casa. Então, ele permaneceu ali, recostando-se contra os corrimãos para olhar para as janelas de lady Glencora. O que ele esperava ver? Ou será que, na verdade, era movido por aquele tipo de amor que faz uma pessoa sentir alegria só de observar a menor sombra produzida por alguém que ama – que possivelmente seria produzida por ela, ou, graças a uma conjectura violenta de sua mente, aparentaria ter sido produzida? Um amor como este, eu penso, é sempre inocente. Burgo Fitzgerald não amava assim. Eu quase duvido que ele sentisse um pingo de amor. Havia em seu peito um desejo febril e confuso, que ele nunca fez o mínimo esforço de analisar. Ele queria dinheiro. Ele queria aquilo que Mr. Palliser lhe roubara, Ele queria vingança – ainda que seu desejo por isso não fosse ardente. E, entre outras coisas, ele queria a beleza feminina da mulher que cobiçava. Ele queria beijá-la outra vez, como certa vez beijara, e sentir que ela era macia, amorosa e que o amava. Mas quanto a avistar a sua sombra... A não ser que o movimento indicasse qualquer propósito a seu favor, eu não diria que ele se importava muito com isso.

Então, por que ele estava lá? Porque, em sua tolice insensata, ele não soube qual passo tomar, ou qual passo não tomar. Há homens cujas energias dificilmente os levam para além daquilo que desejam. Ela poderia vê-lo pela janela e ir até ele. Eu não digo que ele achava

que isso iria acontecer. Imagino que ele jamais cogitou isso ou qualquer outra coisa. Se você se deitar debaixo de uma árvore e abrir a boca, uma ameixa pode cair nela. Era, possivelmente, a ideia indefinida de uma probabilidade dessas que o colocara contra os corrimãos, em frente à casa de Mr. Palliser; isso, e um sentimento criado parcialmente pelo desespero, e parcialmente pelo romance perdurante de que ele estava melhor ali, em meio ao ar da noite, debaixo das lamparinas de gás, do que em qualquer outro lugar. Ali ele permaneceu e fitou, amaldiçoando o seu azar. Mas suas maldições não possuíam nem um pouco da amargura daquelas que George Vavasor sempre proferia. Apesar de tudo, um sentimento honesto sobrevivia em Burgo — uma convicção que era verdadeira — um sentimento de que ele merecia tudo aquilo, e que seria melhor, talvez, ir para o inferno de uma vez, e não atrapalhar mais ninguém. Se ele não amava ninguém sinceramente, tampouco odiava; e quando fazia qualquer autoquestionamento sobre suas próprias circunstâncias, sempre dizia a si mesmo que era tudo culpa sua. Quando amaldiçoou seu destino, ele só o fez porque amaldiçoar era uma coisa muito fácil. George Vavasor teria pulverizado suas vítimas com pólvora se soubesse como; Burgo Fitzgerald, todavia, não desejava machucar ninguém.

Ali ele ficou até sentir frio, e então, como a ameixa não caiu em sua boca, seguiu em frente. Ele subiu a Oxford Street e a acompanhou até virar a esquina na Bond Street, passando por Grosvenor Square, para onde pretendia retornar. Na esquina da Bond Street, uma moça o tomou pelo braço e fitou seu rosto.

— Ah! — ela disse. — Eu já vi o senhor antes.

— Então a senhorita avistou o diabo mais miserável deste mundo — respondeu Burgo.

— O senhor não pode ser miserável — retorquiu a moça. — O que faz do senhor miserável? O senhor tem muito dinheiro.

— Quem dera eu tivesse — lamentou Burgo.

— E muito para comer e beber! — exclamou a moça. — E o senhor é tão belo! Eu me lembro do senhor. O senhor me pagou um jantar certa noite quando eu estava faminta. Eu não estou com fome agora. Pode me dar um beijo?

— Eu vou lhe dar um xelim, o que é melhor — prometeu Burgo.

— Mas me dê um beijo também — insistiu a garota.

Ele deu o beijo primeiro e depois o xelim. Após isso, deixou-a e seguiu em frente. “Não tenho dúvidas de que ela seria capaz de me fazer mudar”, ele pensou consigo. “Pergunto-me se alguma coisa realmente o aflige”, pensou a garota. “Ele disse antes que era um miserável. Como eu gostaria de cuidar de um moço como aquele!”

Burgo continuou e se adiantou até a casa em Grosvenor Square,

por meios provavelmente desconhecidos à sua tia, e certamente desconhecidos ao seu tio. Ele esvaziou os bolsos ao subir na cama, e contou o rolo de notas que havia guardado em um deles. Ainda havia 130 libras sobrando. Lady Glencora prometera que o veria de novo. Ela havia dito isso muito claramente. Mas de que isso adiantaria se, até lá, todo o dinheiro tivesse evaporado? Ele sabia que manter seu dinheiro no bolso seria uma impossibilidade. Então, Burgo pensou na tia. O que deveria dizer a ela se a visse no decorrer do dia seguinte? Não seria melhor para ele evitar a tia completamente?

Ele tomou o desjejum em seu quarto, no andar de cima. Na cama, de fato, comeu um pouco de *paté de foie gras* tirado da mesa de jantar, enquanto lia um romance francês. Lá estava, ainda lendo seu romance francês na cama, quando a aia de sua tia veio até ele para informar que lady Monk desejava vê-lo antes de sair.

— Diga-me, Lucy, como está a velha garota? — perguntou ele.

— Ela está muito furiosa, Mr. Burgo. De fato, não posso me demorar mais. Não a irrite, por favor. Ela está me esperando.

E diante disto, podemos constatar que Lucy compartilhava o sentimento feminino geral em favor do pobre Burgo.

Com esta convocação, Burgo foi se vestir; mas, enquanto o fazia, recrutou as suas energias aqui e acolá com a leitura de algumas páginas do romance francês, e com pequenas doses de uma garrafa de curaçu que tinha no quarto. Ele era um absoluto pobretão. Não havia ninguém mais pobre do que ele em Londres naquele dia. Mas, apesar de tudo, comeu *paté de foie gras* com curaçu no desjejum, e estimou tais manjares tanto quanto outros homens estimariam pão com queijo e cerveja.

Mas, ainda que estivesse se vestindo por causa do chamado de sua tia, ele, de jeito algum, havia decidido encontrá-la. Por que deveria ir vê-la? Que bem isso lhe faria? Ela não lhe daria mais dinheiro; apenas o repreenderia por sua má-conduta. Ela poderia, talvez, expulsá-lo da casa se ele não a obedecesse – ou tentaria fazê-lo; mas era mais provável que o fizesse se ele a irritasse ao contradizê-la. Em nenhum destes casos, ele sairia da casa, embora seu uso posterior lhe fosse categoricamente proibido, porque sua permanência lá era conveniente; mas, como não ganharia nada ao ver a “velha garota”, como ele a chamava, Burgo resolveu escapar para o seu clube sem atender ao chamado dela.

Mas a tia, que era uma general melhor, superou-o estrategicamente. Ele desceu as escadas do fundo cuidadosamente, e aqui o pegou de surpresa, surgindo pela salinha do desjejum.

— Por acaso, Lucy não lhe disse que eu desejava vê-lo? — lady Monk perguntou, com um tom severo na voz.

Burgo respondeu, com perfeita tranquilidade, que estava saindo

apenas para lavar e escovar o cabelo, e que voltaria em 20 minutos. O pobre camarada não tinha energia, a não ser, talvez, quando estava caçando; mas ele era dono de um estado de prontidão que lhe permitia mentir a qualquer momento com perfeita tranquilidade. Lady Monk não acreditou nele; mas ela não podia refutá-lo e, portanto, deixou a mentira passar.

— Eu não dou a mínima para seu cabelo — ela retrucou. — Quero falar com você. Entre aqui por alguns minutos.

Como não havia sobrado meios de fuga, ele seguiu a tia até a salinha do desjejum.

— Burgo — ela começou, logo após se sentar e o mandar ocupar a cadeira à sua frente. — Eu acho que você jamais vai ter jeito.

— Eu acredito que não, tia.

— Então, o que pretende fazer sobre si mesmo?

— Oh... Eu não sei. Não pensei muito a respeito.

— Não pode ficar nesta casa. Sir Cosmo tocou no assunto ontem pela manhã.

— Estarei muito disposto a ir para Monkshade, se Sir Cosmo achar melhor... isto é, quando a estação estiver mais próxima do fim.

— Ele não vai permitir que vá a Monkshade. Ele não vai deixar que você vá para lá outra vez. E ele não vai aceitá-lo aqui. Você transforma tudo o que digo em uma piada.

— Não, tia, não transformo.

— Sim, transforma... Você sabe que é verdade. É a criatura mais ingrata e insensível que já conheci. Você deve se conformar em sair desta casa imediatamente.

— Para onde Sir Cosmo pretende que eu vá, então?

— Para uma casa de correção, se quiser. Ele não se importa.

— Não suponho que se importe... nem um pouco — disse Burgo, abrindo os olhos e esticando as narinas, enquanto encarava o rosto da tia como se tivesse direito de se sentir indignado.

Mas a expulsão de Burgo da casa não era o propósito imediato de lady Monk. Ela sabia que ele permaneceria lá até o fim da estação. Depois disso, seu retorno deveria ser permitido outra vez, a não ser que ele obtivesse sucesso em uma certa empreitada. Ela o havia chamado agora na intenção de entender se havia qualquer chance restante de êxito nesta empreitada. Por isso, recebeu a indignação dele em silêncio, e iniciou o outro tópico.

— Que papel de tolo você fez ontem à noite, Burgo!

— Foi mesmo? Mais tolo do que o normal?

— Eu acredito que você nunca tratará nada seriamente. Por que foi valsar daquela forma, quando cada par de olhos na sala estava observando vocês?

— Eu não pude evitar; ela estava gostando.

— Oh, sim... Diga que foi culpa dela. Isso é típico dos homens!

— Escute, tia, não vou ficar sentado aqui para que me insulte. Não dava para tomá-la nos braços e sair voando para longe da multidão.

— E quem quer que você saia voando com ela?

— Até onde eu sei, imagino que a senhora queira.

— Não, não quero.

— Ora, então eu quero.

— Você! Você não teria brio para fazer isso, ou qualquer outra coisa. Você é como uma criança que gosta de se divertir por um instante, mas que nunca consegue pensar no futuro. Você simplesmente se desgraçou ontem à noite, e a mim também... e a ela; mas é claro que não se importa com nada disso.

— Eu já tinha um plano pronto... Só que ele voltou.

— É lógico que ele voltou. É lógico que voltou quando levaram até a ele a notícia do que você e ela estavam fazendo. E agora, ele já a terá perdoado, e depois disso, é claro, tudo estará acabado.

— Digo-lhe isto, tia: ela teria ido, se soubesse como. Quando fui forçado a deixá-la ontem à noite, ela prometeu me ver outra vez. E quanto a ser ocioso e não fazer nada... Ora, eu fui até Park Lane, ontem à noite, depois que a senhora foi se deitar.

— E que bem isso fez?

— No fim das contas, não fez nenhum bem. Mas eu precisava tentar. Creio, afinal, que seria mais fácil fugir para o interior, sobretudo agora que ele colocou na cabeça que tem de cuidar dela.

Lady Monk permaneceu em silêncio por alguns segundos, e então, num tom baixo, fez uma pergunta.

— O que ela disse a você quando estava de partida? Quais foram as exatas palavras que ela usou?

Ela, de forma alguma, tinha deficiência de energia; lady Monk estava ansiosa para ver o seu propósito alcançado e teria conduzido a questão com discrição, se a fuga com a esposa de Mr. Palliser pudesse, na realidade, ter sido organizada por ela própria.

— Ela disse que me veria outra vez. Ela prometeu isso duas vezes.

— E isso foi tudo?

— O que mais ela poderia dizer, quando foi forçada a ir embora?

— Ela disse que fugiria com você?

— Chamei-a meia dúzia de vezes, e ela não me refutou nem uma vez. Eu sei que ela iria querer, se soubesse como fugir. Ela o odeia... Tenho certeza disso.

— Uma mulher, sabe, de maneira alguma iria dizer que quer fugir até que a fuga fosse uma realidade. Se ela realmente quisesse, teria lhe dito.

— Não acho que ela poderia ter me dito com mais clareza do que

aquilo. Ela falou que me veria outra vez. Disse isso duas vezes.

Novamente, lady Monk permaneceu calada. Ela tinha um plano em mente – um plano, ela pensou, que poderia dar mais uma chance ao seu sobrinho. A dama, entretanto, hesitou antes de poder detalhá-lo. A princípio, ela havia emprestado uma pequena ajuda a esta almejada abdução da esposa de Mr. Palliser, mas, após emprestar, não dissera nada sobre a situação. Na estação anterior, ela conseguira trazer lady Glencora à sua casa em Londres, e cuidara para que Burgo a encontrasse lá. Então, uma ou duas insinuações foram proferidas, e lady Glencora foi convidada a visitar Monkshade. Lady Glencora, como sabemos, não foi visitar Monkshade, e lady Monk, na época, ficou perplexa. Ela, contudo, não desistiu do jogo. Tendo agora refletido muito sobre o tema, ela começara a falar com mais ousadia sobre ele, e buscara dinheiro para o sobrinho, na intenção de que ele pudesse fugir com a mulher. Mas ainda que tudo estivesse bem combinado entre eles – ainda que as palavras proferidas tivessem sido suficientemente explícitas, o plano não havia sido discutido abertamente. Lady Monk não sabia como lady Glencora teria sido levada de sua festa, e nem para onde seria levada. Mas agora... Agora, ela própria deveria cuidar disso e criar um esquema sozinha, ou, então, a coisa toda falharia de vez. Só que estava relutante em falar claramente com o sobrinho sobre isto. E se ele a enganasse e a delatasse? Quando uma mulher confecciona planos como esse, nada a perturba mais do que o fracasso deles. Ela arriscaria tudo para tirar a esposa de Mr. Palliser.

— Eu tentarei ajudá-lo — ela finalmente declarou, roucamente e quase em um sussurro. — Se você tiver coragem de fazer a tentativa.

— Coragem! — ele se irritou. — Do que a senhora acha que tenho medo? De Mr. Palliser? Eu lutaria com ele... ou com todos os Pallisers, um atrás do outro, se isso servisse de alguma coisa.

— Lutar?! Nenhuma luta será necessária, como bem sabe. Homens não lutam mais nos dias de hoje. Olhe aqui! Se você puder convencê-la a visitar esta casa – digamos na quinta-feira, às três horas – eu estarei aqui para recebê-la, e em vez de voltar na carruagem dela, você pode pedir um cabriolé para ela em algum lugar nas proximidades. Ela pode vir me fazer uma visita matinal, por assim dizer.

— Um cabriolé?!

— Sim, um cabriolé não vai matá-la, e é mais difícil de seguir do que um coche.

— E para onde vamos?

— Um trem partirá para Southampton às quatro, e o barco velejará para Jersey às seis e meia; vocês estarão em Jersey na manhã seguinte. De lá, outro barco viajará até St. Malo, quase imediatamente.

Vocês podem pular de um barco para o outro; quer dizer, se ela tiver força e coragem.

Depois de tudo isso, quem poderia dizer que lady Monk não era uma tia devotada?

— Isso funcionaria muito bem — concordou Burgo, encantado.

— Ela terá dificuldades em escapar de mim e sair da casa. É claro que eu não direi nada a respeito, e de nada saberei. É melhor que ela diga ao cocheiro para ir pegar alguém nalgum lugar – em Tyburnia, ou descendo até Pimlico – e depois voltar. Então, ela poderá me deixar e seguir a pé até o local onde estará o cabriolé. Ela pode dizer ao bagageiro que irá andando até a carruagem dela. Você entendeu?

Burgo declarou que havia entendido.

— Você deve procurá-la, chegar a ela, vê-la e combinar tudo. É preciso fazer isso na quinta-feira por causa dos barcos.

Então, ela questionou acerca do dinheiro e tirou dele as notas que tinham sobrado, prometendo que as devolveria com algum montante adicionado na manhã da quinta-feira; mas ele pediu, com um breve choramingo, uma nota de cinco libras e a conseguiu. Burgo, então, contou sobre as malas de viagem e as provisões, e sobre como tinham qualidade e não levantariam suspeitas.

— Diga-lhe para vir com um vestido de viagem resistente — orientou lady Monk. — Ela pode usar um laço ou algo assim por cima, para que os criados não estranhem. Eu não perceberei nada.

Será que alguém já teve uma tia assim?

Depois disso, Burgo deixou a tia e foi para seu clube num estado de grande felicidade e empolgação.

CAPÍTULO 67

O ÚLTIMO BEIJO

Ao retornar de Westmoreland, Alice foi direto a Park Lane, para onde lady Glencora e Mr. Palliser também haviam retornado antes dela. Ela ficaria com eles em Londres por um dia inteiro, e, na manhã seguinte, partiriam para Paris. Ela encontrou Mr. Palliser fazendo constante companhia à esposa. Não que houvesse qualquer coisa em seu maneirismo que sugerisse que ele a estava vigiando, ou que estava mais íntimo ou próximo do que um marido amoroso poderia querer estar com uma jovem esposa; mas seu comportamento estava bastante diferente daquele que Alice presenciara em Matching Priory!

Após Alice chegar, Mr. Palliser foi recebê-la no átrio, e a levou de encontro à sua esposa antes que ela tivesse tempo de tirar o seu chapéu de viagem.

— Somos muito gratos à senhorita, Miss Vavasor — ele relatou. — Sinto-me tão profundamente grato quanto Glencora.

— Oh, não — ela respondeu. — Sou eu quem está grata por vocês me levarem.

Ele apenas sorriu e balançou a cabeça; depois, levou-a ao andar superior. Nas escadas, falou mais uma coisa para ela.

— Perdoe-me se fui rude na noite em que ela foi passear entre as ruínas.

Alice murmurou algo – uma mentirinha educada sobre a chateação ter sido esquecida, ou sequer rondado sua mente; então, eles se dirigiram até o quarto de lady Glencora. Para Alice, ele não parecia tão grandioso ou temível quanto aparentara quando ela o vira em Matching. A sua descida de um esperado, ou mais do que um esperado, chanceler do Tesouro, para um simples marido atencioso, pareceu afetar sua maneira de andar, sua voz e sua postura. Quando ele recebeu Alice em Matching, certamente passou a impressão de uma figura imponente, ao passo que, agora, tal imponentia parecia ter caído de sua figura. Devemos compreender que aquilo era difícil para ele, visto que o ato com o qual despojara a sua imponentia fora tão puro e bom!

— Querida Alice, que bom que veio! Estou no meio da organização das malas, e Plantagenet está me ajudando.

Plantagenet estremeceu um pouco diante disto, como o herói da antiguidade deve ter estremecido quando foi apresentado à roca.^[102] Mr. Palliser havia renunciado à espada estadista pela roca que agora assumia e não sentia qualquer glória pela troca. Havia, ainda, um leve toque de deboche na voz de sua esposa que, por mais leve que fosse, ele achou que, talvez, ela podia ter poupado.

— Você não tem mais nada para arrumar — continuou Glencora. — Eu não sei o que pode fazer para se entreter.

— Eu a ajudo — sugeriu Alice.

— Mas nós estamos quase terminando. Acho que teremos de retirar tudo e, depois, recolocar outra vez, ou nunca passaremos de amanhã. Não podemos partir amanhã... Podemos, Plantagenet?

— Não daria certo, pois seus quartos estão reservados em Paris para o dia seguinte.

— Como se nós não pudéssemos encontrar quartos em cada estalagem da estrada. Os homens são tão meticulosos. Se dependesse de mim, jamais reservaria quartos. Eu não iria querer saber para onde vou, ou quando vou, e levaria tudo em uma cesta de compras.

Alice, que a esta altura seguira a amiga ao longo da passagem até o quarto dela, e vira como as bagagens estavam espalhadas numerosamente pela casa, refletiu que a cesta de compras teria de ser bem grande.

— E eu nunca viajaria entre cristãos. Cristão são tão lentos, e usam cartolas aonde quer que vão. Quanto mais longe alguém se afastar de Londres entre cristãos, mais eles usarão cartolas. Quero que Plantagenet nos leve para ver os curdos,^[103] mas ele não deixa.

— Eu não acho que seria justo com Miss Vavasor — explicou Mr. Palliser, que as havia seguido.

— Não ponha a culpa nela — criticou lady Glencora. — As mulheres sempre têm ânimo para qualquer coisa. Você não gostaria de ver um curdo ao vivo, Alice?

— Eu não sei onde eles vivem exatamente — observou Alice.

— Nem eu. Eu não faço a menor ideia de como chegar aos curdos. Você entendeu minha piada, não foi? Plantagenet não entendeu. Mas todos sabem que eles são orientais, e o Leste é uma ideia tão maravilhosa!

— Acho que, desta vez, vamos ter de nos contentar com Roma, ou, talvez, Nápoles — redarguiu Mr. Palliser.

A noção de lady Glencora a fazer as próprias malas era uma piada tão boa quanto a dos curdos. Mas ela saiu voando de quarto em quarto, declarando que isso e aquilo deveriam ser levados, até que a cesta de compras hipotética ficou, de fato, gigante. Alice ficou espantada com a amplitude dos preparativos, e do tipo de transporte que iriam usar. Lady Glencora tomaria a sua própria carruagem.

— Não que eu seja de usá-la — ela contou a Alice. — Mas ele insiste nisso, para mostrar que não serei levada envolta em desgraça. Ele é tão bom, não é?

— Muito bom — concordou Alice. — Não conheço ninguém melhor.

— E tão chato! — reclamou lady Glencora. — Mas imagino que todos os maridos sejam chatos por causa da natureza das suas posições. Se eu fosse o marido de uma mulher jovem, não saberia

como dizer qualquer coisa a ela que não fosse chata.

Duas criadas e dois criados seriam levados. Alice recebera permissão para trazer sua própria aia.

— Ou uma dúzia, se as quiser — lady Glencora falara. — Em seu presente humor, Mr. Palliser não pensaria muito em refutá-la. Se você pedisse para visitarmos os curdos, ele iria de imediato — ou os tártaros da Crimeia, se insistisse. Mas ambas as aias de lady Glencora falavam francês, e, como a sua própria não falava, Alice se confiou aos cuidados da prima neste aspecto.

— Você terá uma só para si — prometeu lady Glencora. — Eu só levo duas pelo mesmo motivo que vou de carruagem — assim como alguém que resolve agradar à criança, permitindo que ela saia com seu melhor vestido, depois de ter ralhado com ela.

Quando Alice perguntou por que Mr. Palliser parecia tão especialmente devotado a ela, tudo lhe foi explicado.

— Veja, querida, eu contei tudo a ele. Eu sempre conto tudo. Ninguém pode falar que não sou verdadeira. Ele sabe sobre você não ter me deixado ficar na sua casa naquela época. Oh, Alice, como você estava errada! Eu sempre direi isso. Mas são águas passadas; e águas que passaram, nunca mais voltarão. Também contei tudo o que você me disse — sobre você sabe o quê. E não tive mais nada a fazer, exceto confissões pelos últimos dez dias, e quando uma mulher começa, quanto mais confessa, melhor. E contei que você recusou Jeffrey.

— Está falando sério?

— De fato, estou, e isso o fez gostar ainda mais de você. Eu acho que ele permitiria que Jeffrey a esposasse se vocês dois quisessem — e então, oh, querida! Imagine que vocês tenham um filho e que nós o adotemos!

— Cora, se vai continuar falando assim, não ficarei com você.

— Mas você deve, minha cara. Não pode escapar agora. Em todo caso, não poderá quando chegarmos a Paris. Oh, querida! Não sinta rancor das minhas brincadeirinhas. Eu me comportei tão bem nos últimos dez dias. Sabia que aprendi a conduzir Dândi e Flerte numa velocidade de nove quilômetros e meio por hora? Com certeza, as pobres criaturas acharam que estavam indo a um funeral. Pobre Dândi e pobre Flerte! Só voltarei a vê-los daqui a um ano.

Na manhã seguinte, eles tomaram o desjejum cedo, pois Mr. Palliser adquirira um hábito prematuro. Ele declarara que as primeiras horas lhes fariam bem.

— Mas ele nunca me diz por que — admitiu lady Glencora.

— Penso que seja agradável quando as pessoas estão viajando — disse Alice.

— Não é isso — a prima rebateu. — É que devemos agir como crianças comportadas. Isso não é muito justo, porque ele foi dormir

ontem logo após a ceia, enquanto eu e você ficamos acordadas; mas com certeza não repetiremos isso outra noite.

Após o desjejum, os três se ocuparam em fazer nada. Era absurdo e quase doloroso assistir a Mr. Palliser perambular pela casa contando caixas, como se isso pudesse ajudar em alguma coisa. Diante desta crise especial em sua vida, ele passou a odiar seus papéis, números e estatísticas, e simplesmente não conseguia se concentrar neles. Ele, cuja concentração fora tão perseverante, não conseguia se concentrar agora em nada. O seu mundo fora trazido a um fim abrupto, e ele tentava constrangedoramente criar um novo começo. Eu acredito que todos os três liam romances antes que o relógio marcasse uma da tarde. Lady Glencora e Alice haviam decidido não sair de casa pelo resto do dia.

— Nada foi dito sobre isso, mas considero que seja parte do meu compromisso de não ir para lugar nenhum. Quem sabe o que posso encontrar em Gloucester Square?

Não havia, porém, nenhuma necessidade absoluta de que Mr. Palliser ficasse com elas; e então, por volta das três horas, preparou-se para uma caminhada solitária. Ele não pretendia passar pela Câmara. Qualquer interesse que tinha pela Câmara se extinguiu no presente momento. Ele havia conseguido uma licença do presidente para se ausentar pelo resto da temporada parlamentar. Mr. Palliser não pretendia visitar ninguém. Todos os seus amigos sabiam, ou achavam que sabiam, que ele havia saído da cidade. Sua morte e sepultamento já haviam sido anunciados, e se ele reaparecesse agora, só conseguiria reaparecer como um fantasma. Ele era citado como alguém que já havia partido – ou melhor, tais menções por todo o país já estavam agora quase no fim. O pobre duque de St. Bungay ainda pensava nele com pesar quando se sentia mais do que ordinariamente irritado com alguma ofensa especial que lhe era endereçada por Mr. Finespun; mas até mesmo o duque já parecia ter feito as pazes com a presente ordem das coisas. Mr. Palliser era inteligente demais para perturbar tudo isto ao se revelar outra vez em público, e se preparou, portanto, para dar outra caminhada sob os olmos de Kensington Gardens.

No átrio, ele pusera o chapéu na cabeça, e estava no ato de vestir as luvas, quando escutou uma batida na porta de entrada. O rapaz que cuidaria das bagagens estava ali; um personagem corpulento e pletórico que não era muito de conversa, e que, naquele instante, levava a sombrinha do seu patrão em mãos, parecendo resignado a ser de alguma utilidade para alguém, se tal utilidade fosse compatível com os propósitos de sua existência. Agora, escutara-se esta batida na porta. A sombrinha ainda repousava na sua mão e a natureza da sua fisionomia mudou; era fácil notar que ele se sentia oprimido pela multiplicidade temporária dos seus afazeres.

— Dê-me a sombrinha, John — pediu Mr. Palliser.

John passou a sombrinha e, ao abrir a porta, revelou Burgo Fitzgerald parado sobre a soleira.

— Lady Glencora está em casa? — perguntou Burgo, antes de ver o marido dela.

John olhou consternado para o patrão como se soubesse que o recém-chegado não estava ali para uma visita matinal à casa — o que ele sabia muito bem quer era verdade —, e não respondeu imediatamente.

— Não tenho certeza — respondeu Mr. Palliser, pondo-se para fora da casa como originalmente pretendia. — O criado descobrirá para o senhor.

Então, ele seguiu seu caminho, cruzando Park Lane até o parque, sem se virar nem uma vez para ver se Burgo havia efetuado sua entrada na casa. Ele tampouco retornou um minuto mais cedo do que estava programado. Havia um certo cavalheirismo inerente ao homem, afinal de contas.

— Sim, lady Glencora está em casa — anunciou o bagageiro, sem se esforçar para fazer mais perguntas. Não era problema seu se Mr. Palliser aceitara receber um convidado como aquele. Não lhe fora requisitado dizer que sua senhora não estava em casa. A entrada de Burgo foi, portanto, admitida e ele foi levado diretamente até o quarto onde lady Glencora se encontrava. Para sua sorte, ela estava sozinha. Alice a havia deixado e jazia em sua própria câmara. Lady Glencora estava sentada próxima à janela do pequeno quarto do andar de cima com vista para o parque. Ela repousava num banquinho próprio para os pés, com o rosto enterrado entre suas mãos, quando a entrada de Burgo fora permitida. A jovem pensava nele e o no que teria acontecido ao seu mundo, se “eles a tivessem deixado em paz”, como costumava dizer a Alice e a si mesma.

Ela se levantou rapidamente, de modo que ele só foi vê-la no meio da ação.

— Peça a Miss Vavasor para vir me ver — ela ordenou, enquanto o criado deixava o quarto; e então, ela deu um passo à frente para saudar sua paixão.

— Cora — ele chamou, tocando imediatamente no assunto — desesperançoso, mas ainda decidido a fazer aquilo que dissera que faria. — Cora, eu vim falar com você e pedir para que venha comigo.

— Eu não irei com você — ela respondeu.

— Não me responda assim, sem um momento de reflexão. Está tudo arranjado...

— Sim, está tudo arranjado — ela disse. — Mr. Fitzgerald, devo pedir que o senhor me deixe em paz, e que se porte comigo com generosidade. Está tudo arranjado. O senhor pode ver que minhas

malas estão preparadas para viagem. Mr. Palliser e eu, e mais uma amiga, partiremos amanhã. Deseje-me boa viagem e vá embora; seja generoso.

— E este será o fim de todas as coisas? — ele estava parado ao lado dela, mas, até aqui, só tocara sua mão ao cumprimentá-la. — Dê-me sua mão, Cora — ele solicitou.

— Não... Eu nunca mais lhe darei minha mão. O senhor precisa ser generoso comigo e partir. Este será o fim de todas as coisas; de todas as coisas que são comuns a você e a mim. Vá, pois estou lhe pedindo.

— Cora, alguma vez você me amou?

— Sim, eu o amei. Mas fomos separados e não restou espaço para amor entre nós.

— Você é tão importante para mim... Mais importante do que jamais foi. Não me olhe assim. Por acaso, não me prometeu na última vez em que nos vimos que eu poderia encontrá-la de novo? Por acaso, somos crianças para que os outros possam se meter entre nós e nos separar assim?

— Sim, Burgo, somos crianças. A minha prima chegou. Precisa me deixar agora.

Enquanto ela falava, a porta foi aberta e Alice adentrou o aposento.

— Miss Vavasor, Mr. Fitzgerald — lady Glencora apresentou. — Eu pedi que ele fosse embora e me deixasse. Agora que você chegou, Alice, talvez ele me obedeça.

Alice ficou perplexa e não soube como se dirigir nem a ele e nem a ela, mas permaneceu com os olhos firmes no homem de quem tanto ouvira falar. Sim, ele certamente era muito bonito. Ela nunca conhecera um homem de tanta beleza. Naquela hora, notou que seria impossível dirigir uma palavra a ele — no calor do momento —, mas ela aquiesceu à apresentação com um leve movimento de cabeça, e continuou calada, como se estivesse esperando que ele partisse.

— Mr. Fitzgerald, por que não me deixa e vai embora? — indagou lady Glencora.

O pobre Burgo também encontrou dificuldades para falar. O que ele poderia dizer? A sua causa certamente não era do tipo que admitiria que ele fosse pressionado em frente de uma dama desconhecida; e Burgo poderia ter compreendido que ela viria quando ouviu lady Glencora pedir que uma terceira pessoa fosse trazida diante deles — e provavelmente compreendera que já não havia mais esperanças para si. Não estava escrito nas cartas que ele deveria vencer. Mas havia sobrado uma coisa que deveria fazer. Ele deveria se retirar daquele aposento; mas como conseguiria fazer isso?

— Eu esperava... — ele hesitou, observando Alice, embora se

direcionasse a lady Glencora. — Eu esperava poder falar a sós com você por alguns minutos.

— Não, Mr. Fitzgerald; isso não pode ser. Alice, não vá. Eu pedi que trouxessem minha prima quando o vi, porque decidi não ficar a sós com o senhor. Já lhe pedi que vá.

— Talvez você não tenha me entendido.

— Eu o entendi suficientemente bem.

— Então, Mr. Fitzgerald. Por que o senhor não faz o que lady Glencora lhe pediu? — intrometeu-se Alice. — O senhor deve saber que não deveria estar aqui.

— Eu não sei nada sobre isso — ele respondeu, mantendo-se firme.

— Alice, vamos deixar Mr. Fitzgerald aqui, já que nos obriga a sair do quarto — chamou lady Glencora.

Em tais contendas, a mulher sempre leva a melhor em todos os aspectos. O homem disputa com uma proteção na ponta do seu florete, enquanto a mulher usa uma arma que realmente pode machucar. Burgo sabia que deveria sair de fininho da melhor maneira que conseguisse para, talvez, ouvir um abafado riso baixo de uma gargalhada meio reprimida. Até mesmo isso poderia ser possível.

— Não, lady Glencora — ele se rendeu. — Não vou obrigá-la a sair do quarto. Se alguém precisa sair, esse alguém sou eu. Eu admito que pensei que você seria, no mínimo, menos dura comigo.

Ele, então, virou-se, curvando-se de novo numa breve vênica a Miss Vavasor.

Ele já estava no limiar da porta quando a voz de Glencora o chamou de volta.

— Oh, meu Deus! — ela exclamou. — Eu sou dura, mais dura do que uma rocha. Eu sou cruel! Burgo!

E num instante, ele se colocava de volta ao seu lado, tomando-a pela mão.

— Glencora, por favor... Por favor, deixe-o partir — rogou Alice. — Mr. Fitzgerald, se o senhor for homem, não se aproveite da ingenuidade dela.

— Eu falarei com ele — decidiu lady Glencora. — Eu falarei com Burgo, e depois, ele me deixará.

Ela o tinha pela mão, de frente para ele, ignorando Alice, que a tomara pelo braço.

— Burgo — ela reagiu, repetindo o nome dele duas vezes, com toda a paixão que conseguiu lançar à palavra. — Burgo, nada de bom sairia disto. Agora, precisa me deixar. Você precisa ir. Eu ficarei com o meu marido, como é o meu dever. Porque eu lhe prejudiquei, não prejudicarei também Mr. Palliser. Eu o amei, você sabe que o amei.

Ela ainda o segurava pela mão, e agora fitava seu rosto, enquanto

lágrimas escorriam de seus olhos.

— Senhor, ouviu dela tudo o que era de seu interesse ouvir — argumentou Alice. — Se tem algum sentimento de honra dentro de si, precisa deixá-la.

— Eu nunca a deixarei enquanto ela disser que me ama!

— Sim, Burgo, você me deixará... Precisa me deixar! Eu nunca mais lhe direi isso; nunca mais. Faça o que ela pede. Vá e nos deixe; eu só não podia suportar que me dissesse que fui dura.

— Você é dura... Dura e cruel, como você mesma disse.

— Sou? Que Deus lhe perdoe por dizer isso de mim!

— Se não é, por que me pede para ir?

— Porque sou a esposa de outro homem, e porque me importo com a honra dele, se não com a minha própria. Alice, vamos indo.

Burgo ainda a segurava, mas ela teria se afastado dele se ele não houvesse se posto em seu caminho, e colocado o braço em volta de sua cintura. No fim das contas, eu duvido que ele teria sido mais rápido do que ela se lady Glencora tivesse decidido resistir. Como ela não resistiu, ele a pressionou contra o seu peito e, inclinando-se sobre ela, beijou seus lábios. Então, deixou-a para se retirar do aposento, descer as escadas e sair pelas ruas.

— Graças a Deus que ele se foi! — declarou Alice.

— Você pode dizer isso, já que não perdeu nada! — rebateu lady Glencora.

— E você ganhou tudo!

— Ganhei? Eu nem sabia que já tinha ganhado alguma coisa. O único ser humano a quem já dei todo o meu coração; a única coisa que já amei de verdade saiu da minha vida para todo o sempre, e você me pede para agradecer a Deus por perdê-lo. Não existe espaço para gratidão em nenhum ponto dessa história, seja no amor ou na perda. Tudo se resume à miséria, do começo ao fim!

— Em todo caso, ele agora sabe que você falou sério quando pediu que a deixasse.

— É claro que falei sério. Estou começando a me conhecer gradualmente. Quanto a fugir com ele, não tenho coragem de fazer isso. Posso pensar nisso, planejar isso, desejar isso... Mas, quanto a ir adiante, isso está além de mim. Mr. Palliser está seguro. Ele não precisa me adular para permanecer ao seu lado.

Alice sabia que era inútil argumentar com ela, então se aproximou e se sentou com a prima — pois lady Glencora, mais uma vez, sentara-se no banquinho próximo à janela — e tentou acalenta-la com carinhos nos cabelos, cuidando dela como se fosse uma criança.

— É claro que sei que devo ficar onde estou — ela continuou, desabafando, quase enraivecida, conforme falava rápida e ansiosamente. — Não sou tola de me iludir quanto ao que aconteceria

comigo se eu deixasse o meu marido e fosse viver com aquele homem como sua amante. Não pense que eu acredito que tal vida é muito abençoada. Mas, por que isso foi acontecer comigo? E quanto à pureza feminina! Ah! O que eles consideravam pureza quando me forçaram, como ogros, a me casar com um homem que sabiam que eu não amava? Se eu tivesse ido com ele, se eu houvesse fugido com o homem que deveria ter sido meu marido, quem um Deus justo teria punido mais severamente, eu, ou aquelas duas mulheres e meu tio, que me torturaram até que eu aceitasse este casamento?

— Vamos, Cora... Não fale mais nada.

— Eu não ficarei calada! Você pôde construir o seu próprio destino. Você fez tudo o que quis, e ninguém interferiu no seu caminho. Você sofreu também, mas, pelo menos, é capaz de se respeitar.

— E você também é, Cora... E agora, completamente.

— Como? Quando ele me beijou, mal me controlei para corresponder o beijo com vontade decuplicada; como posso me respeitar? Mas é tudo pecado. Eu peço contra o meu marido fingindo que o amo; e peço ao amar aquele outro homem que deveria ter sido meu marido. Aí está... Já escuto Mr. Palliser à porta. Venha comigo; ou melhor, fique, pois ele subirá até aqui, e você poderá mantê-lo sob conversa enquanto tento me recompor.

Mr. Palliser fez imediatamente o que sua esposa previra, e subiu as escadas até o pequeno quarto frontal assim que pôs o chapéu no átrio. Alice, de fato, estava na dúvida se deveria mencionar ou omitir a menção ao nome de Mr. Fitzgerald. Numa situação ordinária, seria natural que ela nomeasse qualquer visitante que poderia ter passado por lá, e especialmente desgostava da ideia de ter de ficar em silêncio, porque tal visitante surgira na pessoa da paixão da esposa do seu anfitrião. Todavia, por outro lado, ela devia muito a lady Glencora; e não havia nenhuma razão imperativa, depois de tudo o que acontecera, para que ela causasse algum problema. Não havia mais perigo para rezear. Mas, logo, Mr. Palliser pôs um fim às suas dúvidas.

— Vocês receberam um visitante aqui? — ele perguntou.

— Sim — respondeu Alice.

— Eu o vi quando saiu — relatou Mr. Palliser. — Na verdade, encontrei-o à porta do átrio. Ele, é claro, estava errado em aparecer aqui; tão errado que merecia uma punição, se é que há alguma punição para tais ofensas.

— Ele foi punido, eu acredito — declarou Alice.

— Mas, quanto a Glencora... — prosseguiu Mr. Palliser, sem parecer ter prestado atenção ao que Alice falara —, achei que seria melhor se ela decidisse se queria vê-lo ou não.

— Ela não teve escolha quanto a isso. Acontece que ele surgiu de

súbito. Glencora mandou o criado me procurar, e creio que ela agiu corretamente.

— Glencora estava sozinha quando ele entrou?

— Por um minuto ou dois... Até eu conseguir alcançá-la.

— Eu não tenho perguntas para fazer sobre isso — afirmou Mr. Palliser, após uma pausa de alguns instantes. Ele provavelmente achou que Alice diria algo mais. — Eu fico muito feliz pela senhorita ter estado por perto, pois, de outro modo, a posição dela poderia ter sido dolorosa. Para ela, e talvez para mim, pode ser que a visita dele tenha sido útil. Quanto a ele, posso apenas dizer que sou forçado a tomá-lo como um vilão. O que um homem faz quando é levado pela paixão, eu posso perdoar; mas deliberadamente planejar esquemas para arruinar a mim e a ela, isso eu não consigo entender.

Enquanto ele fazia este pequeno discurso, pergunto-me se a consciência dele lhe disse qualquer coisa sobre lady Dumbello, e uma certa noite em sua própria vida, no qual ele se aventura a chamar aquela dama de Griselda.

O pequeno grupo de três jantou em conjunto muito quietamente, e após a janta, todos se puseram a ler seus romances. Pouco tempo depois, Alice viu Mr. Palliser bocejar, e ela começou a entender do quanto ela havia desistido para garantir a segurança de sua esposa. Foi ali, então, quando ele deixou o aposento por alguns minutos, de modo a se despertar com uma caminhada pela casa, que Glencora contou a Alice sobre o bocejo que ele dera em Matching.

— Ele parecia prestes a se desmanchar em pedaços. O que faremos a respeito?

— Vamos fingir que não notamos — sugeriu Alice.

— Muito bom — disse a outra. — Mas Mr. Palliser nos fará bocejar tão fortemente quanto ele, e então perceberá. Ele desistiu da política até que nada mais saboroso sobrasse. Eu não posso entender por que um homem como esse iria querer uma esposa.

— Você é muito dura com ele, Cora.

— Gostaria, de todo o coração, que fosse a esposa dele. Mas, obviamente, sei por que ele se casou. E eu deveria ter pena dele já que ficou tão dolorosamente decepcionado.

Então, tendo espantado o sono, Mr. Palliser voltou à sala, e o resto da noite passou na absoluta tranquilidade.

Ao deixar a casa, Burgo Fitzgerald se voltou para Grosvenor Square, sem saber, a princípio, para onde estava indo. Ele se locomoveu até a porta do tio e, então, após parar ali por um instante, deu meia-volta rapidamente. Por meia hora, mais ou menos, um tipo de sentimento legítimo bombeou o seu coração. Uma vez mais, ele havia pressionado seu peito contra a mulher que, em todo caso, pensara que amara. Ele havia colocado os braços em volta dela e a

beijado, e o tom que ela usara ao chamar o seu nome ainda ressoava em seus ouvidos: “Burgo!” Ele repetia o próprio nome para si mesmo em voz alta como se, assim, pudesse reproduzir a voz dela. Ele se consolou por um minuto com a convicção de que ela o amava. Ele sentiu – por um instante – que poderia viver com tal consolo! Mas, entre os mortais há, na realidade, poucos que se contentariam com tal consolo. Burgo era um homem que requisitava que tal conforto fosse apoiado por *patés* e curaçau em grandes quantidades, mas agora, era de se duvidar se a quantidade de *patés* e curaçau ao seu dispor seriam suficientes por muito mais tempo.

Ele não queria entrar para contar de uma vez à sua tia sobre seu fracasso, pois não ganharia nada com isso. Na verdade, pensou em não contar nada à tia. Então, ele se voltou para Grosvenor Square, e desceu até o seu clube em St. James’s Street, sentindo que bilhar e conhaque com água poderiam, pelo presente momento, ser os melhores agentes restauradores. Contudo, enquanto voltava, ele se culpou fervorosamente pelas notas de dinheiro que permitira que lady Monk pegasse. Como ela havia conseguido colocá-lo na palma da mão? Quando entrou no clube em St. James’s Street, sua mente já havia abandonado lady Glencora, e trabalhava furiosamente na melhor ideia para retomar aquele espólio da posse da sua tia.

CAPÍTULO 68

DE LONDRES A BADEN

Na manhã seguinte, todos estavam de mãos cheias na casa de Mr. Palliser em Park Lane, e o mestre daquela residência não mais bocejava. Há uma certa energia no começo de uma longa jornada, e a energia é mais forte e mais repleta se as coisas e as pessoas que serão levadas forem numerosas e complicadas. Lady Glencora era um pouco complicada, e não desceu para o café da manhã a tempo. Quando confrontada sobre esta clara violação do combinado, ela afirmou que o próximo trem serviria da mesma forma; e quando Mr. Palliser provou a ela, com muita dificuldade, que o próximo trem não lhes permitiria alcançar Paris naquele dia, ela declarou que seria muito mais confortável levar uma semana viajando do que sair desembestado em um dia. Não havia nada que ela desejasse tanto quanto ver a cidade de Folkestone.^[104]

— Se esse é o caso, por que não me avisou antes? — questionou Mr. Palliser, em sua voz mais grave. — Richard e a carruagem foram na frente ontem, e já estão a bordo do paquete.^[105]

— Se o Richard e a carruagem já estão a bordo do paquete, é claro que devemos segui-los, e deixar as glórias de Folkestone para lá até voltarmos. Alice, já percebeu que, quando se viaja, você é sempre levada por um Richard ou por alguma carruagem, até que sinta como uma escrava?

Tudo isto era penoso para Mr. Palliser, mas penso que ele desfrutou da coisa, apesar de tudo, e que ficou feliz quando descobriu que conseguiria alcançar o transporte aquático partindo da Estação de Pimlico no trem apropriado.

É claro que lady Glencora e Alice ficaram bastante enjoadas cruzando o canal; é claro que as duas aias ficaram ainda piores do que as suas senhoras; é claro que os homens se mantinham longe do caminho do seu patrão quando eram necessários e iam beber conhaque com água com o camareiro no deque inferior; e é claro que lady Glencora declarou que não toleraria ser levada para além de Bolonha naquele dia – porém, apesar de tudo, todos chegaram a Paris. Se Mr. Palliser houvesse se tornado chanceler do Tesouro, como certa vez esperara, ele dificilmente teria trabalhado tanto quanto trabalhava agora. Foi ele quem descobriu qual carruagem fora reservada para eles; foi ele quem pôs, com as próprias mãos, as malas de vestidos e capas das damas sobre os assentos; foi ele quem guardou os romances que, obviamente, não foram lidos na estrada; e foi ele quem fez os preparativos, como se este estágio da jornada deles fosse durar uma semana, em vez de cinco horas e meia.

— Minha nossa! Como dormi! — exclamou lady Glencora, conforme se aproximavam de Paris.^[106]

— Penso que você estava razoavelmente confortável — disse Mr. Palliser, alegre.

— Desde que saímos daquele barco horrível, fiquei muito bem. Por que eles fazem os barcos serem tão desagradáveis? Tenho certeza de que é de propósito.

— Imagino que seria difícil fazer com que fossem agradáveis — respondeu Alice.

— É o mar que os deixa desconfortáveis — explicou Mr. Palliser.

— Não importa; em todo caso, só teremos de suportá-lo novamente em 12 meses. Podemos ver os curdos, Alice, sem entrar num pacote de novo. Isto, na minha opinião, é o grande conforto do continente. Uma pessoa pode ir a qualquer lugar sem enjoar.

Mr. Palliser ficou calado, mas suspirou quando se lembrou de que ficaria ausente por um ano inteiro. Ele havia dito que essa era sua intenção, e que não voltaria atrás em sua palavra subitamente. Mas como ele conseguiria viver por 12 meses longe da Câmara dos Comuns? O que ele faria consigo mesmo, com seu intelecto e energia, durante todos aqueles vindouros dias desoladores? Além disso... ele poderia ter se tornado chanceler do Tesouro! Naquele exato momento, ele poderia, até mesmo, estar de pé, discursando algum tópico financeiro de seis horas de duração, para a alegria da metade da Câmara, e para o desnorreamento da outra, em vez de arrastar capas ao longo daquela sala de espera escura, suja e entediante da Estação de Paris, na qual visitantes britânicos eram mantidos aprisionados, enquanto os seus pacotes eram descarregados de qualquer jeito dos vagões.

— Mas não vamos parar aqui, vamos? — indagou lady Glencora, pesarosamente.

— Não, querida... Eu dei as chaves a Richard. Prosseguiremos de imediato.

— Mas não podemos pegar nossas coisas?

— Daqui a meia hora — informou Mr. Palliser.

— Acho que devemos aguentar, não é, Alice? — lamentou lady Glencora, ao subir na carruagem que estava à sua espera.

Alice pensou na última vez em que estivera naquela sala – quando George e Kate haviam estado com ela. Na ocasião, as duas moças estavam bastante contentes em esperar pacientemente que suas bagagens fossem examinadas. Mas Alice, agora, estava viajando com pessoas importantes – com pessoas que nunca falavam de suas riquezas, ou que sequer pareciam pensar a respeito, mas que demonstravam consciência delas a cada instante de suas vidas. “Afinal de contas”, Alice dissera a si mesma mais de uma vez, “duvido que o fardo não seja maior do que o prazer”.

Eles ficaram em Paris por uma semana, e durante aquele tempo,

Alice se descobriu mais próxima de Mr. Palliser. Em Matching ela havia, na verdade, visto pouco dele, e nada soubera a seu respeito. Agora, começava a entender sua personalidade, e aprendia a conversar com ele. Ela deixou que ele lhe contasse coisas nas quais lady Glencora persistia resolutamente em não se interessar. Alice o alegrou ao anotar em seu livrinho de bolso o número de ovos que eram consumidos diariamente em Paris, enquanto Glencora protestava que a informação não valia de nada, a não ser que seu marido pudesse diferenciar quantos ovos prestavam, e quantos se estragavam. Alice ficou contente em descobrir que 150 mil operárias do sexo feminino estavam empregadas em Paris, enquanto lady Glencora dizia que era uma grande vergonha, e que todas deveriam arranjar maridos. Quando Mr. Palliser explicou que isso seria impossível, graças à abundância da população feminina, ela o deixou bastante irritado ao afirmar que via um monte de homens perambulando que, com toda a certeza, não possuíam esposas próprias.

— Como eu queria que houvesse se casado com ele! — Glencora declarou a Alice naquela noite. — Você sempre teria seu livrinho à mão para escrever os números, e sempre fingiria se importar com os ovos, as garrafas de vinho e tudo mais. Quanto a mim, não posso fazer isso. Se vejo uma mulher faminta, eu posso dar meu dinheiro a ela; ou se ela ficar doente, posso cuidar dela; ou se eu ouvir um homem muito perverso, posso odiá-lo, mas não posso lidar com a pobreza e o crime ao mesmo tempo. Nunca acreditei que poderia. Minha mente não é ampla o bastante.

Eles não se entrosaram com ninguém em Paris, e ao final da semana, todos ficaram felizes em partir daquela cidade.

— Não sei se Baden será melhor — lady Glencora comentou. — Mas podemos ir embora de lá depois de um tempo, sabe? E assim, ficaremos mais próximos dos curdos.

Quanto a isso, Mr. Palliser objetou.

— Acho que é melhor decidirmos ficar em Baden por um mês.

— Mas por que devemos nos decidir sobre qualquer coisa? — sua esposa pleiteou.

— Eu gosto de ter um plano — respondeu Mr. Palliser.

— E eu também — rebateu a esposa. — Só para não ter de segui-lo.

— Não há mais nada que eu deteste do que não cumprir meus objetivos — afirmou Mr. Palliser.

Diante disso, lady Glencora deu de ombros e produziu uma careta debochada para a prima. Tudo isto seu marido aguentou docilmente por um tempo, e é preciso reconhecer que ele se comportou muito bem. Mas também, ele sempre conseguia o que queria. Lady Glencora não se comportou muito bem — contradizendo seu marido, sem

considerar, talvez, que deveria fazer o sacrifício que ele estava fazendo por ela. Mas também, ela nunca conseguia o que queria.

Ela quase nunca conseguia o que queria; mas em um aspecto conquistou o marido. Ele havia decidido sair de Paris para voltar à Colônia, e depois descer o Reno até Baden. Lady Glencora declarou que odiava o Reno — que, de todos os rios, era o mais desagradável para ela; que, de todos os cenários, o cenário do Reno era o mais superestimado; e que se sentiria miserável o tempo todo se fosse levada por aquela rota. Diante disto, Mr. Palliser passou a questão para Alice; e ela, que da última vez que passara pelo Reno estivera na companhia dos seus primos Kate e George Vavasor, votou por seguir para Baden pela rota que passava por Estrasburgo.

— Passaremos por Estrasburgo, então — falou Mr. Palliser, galanteadoramente.

— Não que eu deseje ver aquela igreja horrenda outra vez — Glencora criticou.

— Tudo é horrendo para você, eu acho — ralhou o marido. — Você está decidida a não se alegrar, então pouco importa por onde vamos.

— Isso é verdade — rebateu a esposa. — Pouco importa mesmo.

Eles chegaram em Baden, com muito pouco desvio em Estrasburgo e encontraram meio hotel preparado para recebê-los. Aqui, a carruagem foi utilizada pela primeira vez, e a dona da carruagem sugeriu que Dândi e Flerte fossem trazidos. Mr. Palliser, ao ouvir a proposta, garantiu placidamente à sua esposa que os cavalos não aguentariam a jornada.

— Eles ficariam tão exaustos, que não conseguiriam fazer mais nada por uns dois ou três meses — ele explicou.

— Eu só pretendia buscá-los se pudessem vir num balão — disse lady Glencora.

Isto irritou Mr. Palliser, que, por alguns minutos, realmente cogitara mandar que os cavalos fossem trazidos, na intenção de pacificar sua esposa.

— Alice — ela provocou, certa manhã. — Quantos ovos são comidos em Baden todas as manhãs antes das dez horas?

Mr. Palliser, que naquele momento comia um, largou a colher e empurrou o prato para longe.

— Qual é o problema, Plantagenet? — ela questionou.

— O problema?! — ele exclamou. — Esqueça, sou um tolo por me importar.

— Juro que não sei o que fiz de errado — retorquiu lady Glencora. — Alice, você entendeu qual foi o problema?

Alice falou que havia entendido muito bem.

— É claro que ela entende — irritou-se Mr. Palliser. — Como não

entenderia? De fato, Miss Vavasor, sinto-me mais infeliz do que consigo expressar ao pensar que o seu conforto está sendo perturbado desta maneira.

— Palavra de honra, acho que Alice está muito bem — falou lady Glencora. — O que poderia ferir o conforto dela? Ninguém ralha com ela. Ninguém lhe diz que ela é uma tola. Ela nunca faz piadas, ou qualquer coisa perversa; e, é claro, nunca é punida.

Enquanto vagava sozinho pelos salões de jogos na grande Casa de Conversação,^[107] Mr. Palliser refletiu que, afinal de contas, talvez houvesse sido melhor ter ficado em Londres e se tornado chanceler do Tesouro, correndo todos os riscos.

— Pergunto-me se faria algum mal colocar algumas moedas na mesa, só uma vez — lady Glencora comentou com a prima, na noite daquele mesmo dia, num dos salões de apostas. Um pouco de música foi tocada num dos cantos da mansão, e os Pallisers foram visitar o aposento, mas, como nenhuma das moças se interessou em dançar, eles terminaram vagando por outras câmaras.

— O maior mal do mundo! — protestou Alice. — O que raios você poderia ganhar com isso? Você não quer realmente o dinheiro dessas pessoas horríveis, quer?

— Vou lhe dizer o que eu quero: algo pelo que viver; alguma empolgação. Não é uma pena que eu veja tantas pessoas ao meu redor se divertindo, enquanto não posso me divertir? Eu adoraria me sentar ali, beber cerveja e ouvir música, só que Plantagenet não me deixaria. Eu acho que vou lançar uma moeda na mesa e ver o que acontece.

— Eu vou deixá-la se fizer isso — prometeu Alice.

— Você é tão moralista! Parece-me que deve ter sido meu destino especial – meu bom destino, quero dizer – que tanto me jogou aos seus braços. Você me supervisiona tão meticulosamente quanto Mr. Bott e Mrs. Marsham; porém, como fui eu quem a escolheu, não posso reclamar muito e tampouco me livrar de você.

— Você deseja se livrar de mim, Cora?

— Às vezes. Sabe, há horas em que eu quase me convenço de correr atrás do diabo – quando penso que é a melhor coisa a ser feita. Isso é uma coisa difícil para uma mulher, porque ela precisa se submeter a tanto descrédito antes de se acostumar. Um homem pode beber, apostar e tudo mais, e ninguém vai desprezá-lo nem um pouco. Os velhos conservadores do lar lhe dão sermões se puderem alcançá-lo, mas ele não é tolo o bastante para isso. Tudo o que deseja é dinheiro e, deste modo, ele vai se divertir. Agora, eu tenho muito dinheiro – ou, em todo caso, tinha –, mas nunca me diverti. Sinto-me tentada a me rebelar, ir em frente e jogar tudo para o alto.

— Colocar uma moeda na mesa não iria satisfazer esse desejo.

— Você acha que eu deveria ser como uma fera selvagem, que

provou o gosto do sangue, e que não pode ser controlada. Olhe para essas pessoas ao seu redor. Há maridos jogando e suas esposas não sabem disso; há esposas apostando e seus maridos não sabem disso. Pergunto-me se Plantagenet já se divertiu. Que piada seria chegar aqui e flagrá-lo!

— Eu não acho que você precise ter receio disso.

— Receio?! Se isso acontecesse, eu passaria a gostar mais dele. Se ele viesse até mim, certa manhã, e me dissesse que havia perdido 100 mil libras, eu me sentiria tão mais em paz com ele.

— Não há nenhuma chance de acontecer. Estou muito segura disso.

— Nenhuma. Plantagenet calcularia que as suas chances seriam de nove para sete contra ele, e a conjectura da aposta lhe pareceria loucura.

— Eu não acho que ele gostaria de tentar, nem se soubesse que venceria.

— É claro que não. Seria uma coisa muito vulgar. Veja... Há uma abertura ali, vou colocar só um napoleão.

— Não faça isso. Se colocar, vou deixá-la já. Veja as mulheres que estão jogando. Há qualquer uma que não lhe desgraçaria se você a tocasse? Veja o que elas são. Observe as bochechas, os olhos e as mãos delas. Aqueles homens que arrastam o dinheiro na mesa já são maus o bastante, mas as mulheres parecem demônios.

— Você não vai me assustar com essas histórias de bicho-papão, sabia? Não vejo nenhum problema com qualquer uma daquelas pessoas.

— O que acha daquela moça que acabou de ganhar um monte de dinheiro do homem que está ao seu lado?

— Acho que ela está muito feliz. Eu nunca ganho montes de dinheiro, e o homem a quem pertenço nunca me encoraja quando quero me divertir.

Elas agora estavam próximas da extremidade de uma mesa, e de repente uma abertura surgiu entre a multidão e a própria mesa. Lady Glencora, abandonando a companhia de Alice, logo se enveredou e depositou uma moeda de ouro em um dos compartimentos marcados. Assim que colocou o dinheiro, recuou novamente com o rosto corado, e tomou o braço de Alice.

— Pronto — ela anunciou. — Está feito.

Alice, em seu desalento, não sabia qual passo dar. Ela não poderia ralar com sua amiga agora, já que os olhos de muitas pessoas estavam voltados para elas. Ela, tampouco, poderia, é claro, deixá-la, como havia ameaçado. Lady Glencora riu com seu risinho baixo e peculiar, e se manteve firme onde estava.

— Eu estava decidida a não deixar que me impedisse de fazer isso

— ela contou.

Um dos organizadores da mesa havia, no ínterim, distribuído as cartas e começado o jogo; outro organizador empurrara suavemente mais três ou quatro moedas de ouro até o local onde estava aquela que lady Glencora depositara, astuciosamente capturara o seu olhar e, com toda a cortesia da qual era mestre, empurrara-as ainda mais longe na direção dela. Ela achou que tinha passado despercebida no salão, mas, sem dúvida, todos os crupiês e metade da companhia sabiam muito bem quem era a nova jogadora à mesa. Ainda havia um espaço aberto, próximo de onde estava, e então, alguém gesticulou para que ela se aproximasse e pegasse o dinheiro que havia ganhado. Ela hesitou, e então o crupiê lhe perguntou, com a voz indiferente e baixa que tais homens sempre usam, se desejava manter o dinheiro em jogo. Lady Glencora assentiu com a cabeça para ele, que imediatamente levou o dinheiro de volta para o local onde ela pusera seu primeiro napoleão. Novamente, as cartas foram viradas favoravelmente; novamente o jogo foi iniciado; e novamente ela venceu. O dinheiro foi passado para ela — desta vez uma mão cheia. Jaziam ali de 20 a 30 napoleões dos quais ela era agora dona. A sua face estivera corada antes, mas agora havia se tornado muito vermelha. Ela agarrou Alice, que literalmente tremia ao seu lado, e tentou rir de novo. Mas havia algo em seu olho que indicou a Alice que ela estava realmente apavorada. Alguém, então, trouxe à mesa uma cadeira para ela, que, na sua confusão, sem saber o que deveria fazer, sentou-se.

— Vamos embora — pediu Alice, tomando-a e ignorando tudo mais na agonia do momento, exceto o seu próprio propósito. — Você precisa ir! Não pode se sentar aqui!

— Eu preciso me livrar desse dinheiro — respondeu Glencora, tentando sussurrar as suas palavras. — Quando conseguir, irei embora.

O crupiê novamente indagou se deveria manter o dinheiro à mesa, e ela novamente assentiu com a cabeça. Todos à mesa agora a encaravam. As mulheres, sobretudo, observavam-na — aquelas horríveis mulheres com bochechas escarlates, chapéus gritantes meio tortos em suas cabeças; olhos duros e descarados; e luvas brancas que, ao serem retiradas no ardor do jogo, revelavam mãos imundas. Elas a observavam com o olhar fixo que tais mulheres possuem. Alice viu tudo aquilo e tremeu.



Novamente, ela venceu.

— Deixe — rogou Alice. — Deixe e vamos embora.

— Não posso — explicou Glencora. — Se eu for, vai haver confusão. Eu vou mais uma rodada.

O que ela disse, é claro, foi em inglês, e provavelmente não foi compreendido por ninguém que estava por perto; mas era fácil notar que ela estava aflita. Obviamente, aqueles ao seu redor a miraram ainda mais por causa da sua aflição. Novamente, aquela pequena pergunta e resposta foram trocadas entre ela e o crupiê, e o dinheiro foi empilhado sobre o compartimento – uma pilha de ouro que causava inveja nos corações de muitos ali presentes. Alice agora colocava as duas mãos nas costas da cadeira, à procura de apoio. Se o diabo continuasse em ação, e aumentasse o estoque de ouro outra vez, ela deveria se retirar e procurar Mr. Palliser. Ela não sabia mais o que fazer. Ela não entendia nada sobre a mesa ou sobre suas regras, mas supôs que todos aqueles organizadores do jogo fossem ladrões, e acreditou que qualquer estratégia vilanesco estaria ao alcance deles. Ela refletiu que eles poderiam continuar aumentando a pilha enquanto lady Glencora estivesse sentada, presumindo que poderiam, assim, fazê-la cair em suas garras. É claro que ela não examinou suas suspeitas com cuidado. Quem faria isso em momentos como aquele?

— Vamos embora de uma vez e deixe o dinheiro, ou eu irei — ela garantiu.

Naquele instante, o crupiê havia juntado todo o dinheiro e o levado; mas Alice não viu que isto acontecera. Uma mão pousou em seu ombro, e ela virou o rosto para encontrar os olhos de Mr. Palliser.

— Foi-se tudo — celebrou Glencora, rindo. E, naquele momento,

quando se virou, ela viu o marido.

— Fico tão feliz que tenha vindo — desabafou Alice.

— Por que a trouxe aqui? — perguntou Mr. Palliser.

Havia raiva em seu tom de voz, e raiva em seu olhar. Ele depositou o braço de sua esposa sobre o seu, e se afastou rapidamente, enquanto Alice os seguia sozinha. Ele avançou agilmente, descendo os degraus da casa em direção ao hotel. O que ele disse a esposa, Alice não ouviu, mas seu coração inchava pelo tratamento severo ao qual fora submetida. Ainda que fosse retornar sozinha para a Inglaterra, ela pretendia dizer que ele a maltratara. Ela o continuou seguindo até a sala de estar deles, e lá ele parou com a porta aberta para ela, enquanto lady Glencora se jogava no sofá e irrompia em risadas pretensiosas.

— Lá vem uma bronca por causa de um pequeno acidente — ela gracejou.

— Um acidente?! — irritou-se Mr. Palliser.

— Sim, um acidente. Você não acha mesmo que eu me sentei ali na intenção de ganhar todo aquele dinheiro, não é?

A isto, ele respondeu com um olhar de desprezo.

— Mr. Palliser — chamou Alice. — O senhor me tratou esta noite de uma maneira que eu não esperaria. Está claro que me culpa.

— Eu não disse uma palavra, Miss Vavasor.

— Não; não disse uma palavra. O senhor sabe muito bem demonstrar sua raiva sem falar. Como me recuso a me submeter ao seu desprazer, voltarei à Inglaterra sozinha.

— Alice! Alice! — exclamou Glencora, saltando do sofá. — Isso é bobagem! Que disparate é este? Vai me deixar só porque ele decidiu ficar com raiva por nada?

— Encontrar minha esposa jogando numa mesa de apostas ordinária, cercada por tudo que é deplorável e vil, acomodada, sentada e com pilhas de ouro diante de si, não é nada?

— Está me levantando falso, Plantagenet — reclamou Glencora. — Só havia uma pilha, e ela não sobreviveu por muito tempo. Não é, Alice?

— É impossível fazer com você sinta vergonha de qualquer coisa — ele protestou.

— Eu certamente não gosto de me sentir envergonhada — ela retrucou. — E não sinto tal necessidade nesta ocasião.

— Se não objetar, Mr. Palliser, vou me deitar — declarou Alice. — Vocês podem refletir sobre tudo isso durante a noite, e eu também. Boa noite, Glencora.

Então, Alice pegou sua vela e marchou em direção ao seu próprio quarto com toda a dignidade da qual era proprietária.

CAPÍTULO 69

DE BADEN A LUCERNA

A segunda semana de julho viu a comitiva de Mr. Palliser, com carruagem e tudo, estabelecer-se em Lucerna, na Suíça, a salvos e longe do alcance das mesas de apostas alemãs. Alice Vavasor continuava com eles; e os leitores devem, portanto, imaginar que a discussão sobre a malcriação de lady Glencora foi resolvida sem rompimentos. Ela tinha sido resolvida amigavelmente, e assim que chegaram à Lucerna, Alice se sentiu inclinada a considerar a coisa toda fútil; porém, por muitos dias, a sua raiva contra Mr. Palliser não havia minguado, e a proximidade que adquirira com ele fora refreada. Já havia se passado um mês desde a pequena cena no salão em Baden, descrita no capítulo anterior — um mês desde que Mr. Palliser marchara em retirada com sua esposa, deixando Alice para segui-los o melhor que pudesse. Depois, como os leitores devem se lembrar, ele quase dissera a ela que a culpava pela indiscrição da esposa; e quando Alice declarara sua intenção de deixá-lo, e voltar para casa, na Inglaterra, sozinha, ele não proferira uma palavra em resposta, deixando-a ir para seu próprio quarto sob a absoluta reprovação do seu descontentamento. Desde então, ele não se desculpara com ela; não havia, em muitas palavras, admitido que agira errado; mas Alice veio a perceber que ele pretendia se desculpar por sua conduta, e se sentiu satisfeita em ceder à teimosia dele, e aceitar aquele comportamento em troca de qualquer pedido de perdão falado. Seria quase demais uma mulher esperar o reconhecimento de um erro e um pedido de perdão de um homem como Mr. Palliser.

No início da manhã que sucedeu a cena em questão, lady Glencora foi até o quarto de Alice, e flagrou a prima de roupão fazendo as malas, ou parecendo que pretendia fazê-las.

— Você não é tão tola de ficar se remoendo pelo que houve ontem, é? — indagou.

Alice garantiu que, tola ou não, havia se remoído bastante sobre aquilo.

— Na verdade, não suporto isso — ela contou. — Ele espera que eu cuide de você, e decide se sentir ofendido se não faz exatamente o que ele considera apropriado; ao passo que, como bem sabe, eu não causo a menor influência em você.

Lady Glencora contradisse todas estas asserções vigorosamente. Mr. Palliser, obviamente, errara ao debandar da Casa de Conversação daquele jeito, deixando Alice para trás. Isso lady Glencora admitia. Mas aquilo fora causado pela intensa ansiedade dele.

— E você conhece o tipo de homem que ele é — argumentou a esposa. — E sabe o quão duro, rígido e desagradável ele é capaz de ser sem ter a intenção.

— Não há motivo algum para que eu tenha de aguentar o descontentamento dele — retrucou Alice.

— Sim, há — um grande motivo. Precisa aguentá-lo pelo bem da amizade. E quanto a não fazer o que me pede, você sabe que não é verdade.

— Eu não implorei para que você se afastasse da mesa?

— É claro que implorou, e eu fui malcriada, mas foi só essa vez. Alice, eu a quero comigo mais do que jamais quis. Não posso revelar mais agora, mas precisa ficar comigo.

Alice concordou em descer para tomar o café da manhã sem dar qualquer prosseguimento imediato aos seus preparativos de partida e, no fim das contas, é claro, ela ficou. Quando ela entrou na sala do café da manhã, Mr. Palliser se aproximou dela e lhe ofereceu a sua mão. Ela não teve escolha senão aceitá-la, e então se sentou. De que havia um pedido de desculpas embutido no modo como ele lhe oferecia torrada e manteiga, ela estava convencida; e a cortesia especial com a qual ele a auxiliara a subir na carruagem, quando ela e lady Glencora saíram para passear após a ceia, foi quase tão suficiente quanto um pedido de perdão. Então, eles puseram uma pedra no assunto, e gradualmente Mr. Palliser e Miss Vavasor voltaram a ser amigos.

Mas Alice nunca descobriu de que modo a questão fora resolvida entre Mr. Palliser e sua esposa, ou se tal resolução sequer acontecera. Provavelmente, não.

— É claro que ele entende que aquilo não significou nada — lady Glencora havia falado. — Ele sabe que não quero apostar.

Seja como for, a estada em Baden foi abreviada, e ninguém da comitiva retornou à Casa de Conversação antes de partir.

Antes de se estabelecerem em Lucerna, eles realizaram um pequeno passeio perto das Cataratas do Reno e Zurique. Nos preparativos para tal jornada, Alice fez um esforço, mas um esforço inútil, para evitar que passassem através de Basle. Ficou muito claro para ela que Mr. Palliser estava decidido a passar por Basle. Ela não teve coragem de falar que possuía recordações ligadas àquele lugar que azedariam a nova visita. Se ela pudesse ter contado tudo isso, até mesmo a Glencora, Mr. Palliser, sem dúvida, teria dado a volta — circulando por uma rota mais distante do que necessário para evitar aquela eterna entrada à Suíça. Mas ela não conseguiu dizer nada. Ela era muito aversa a falar sobre si mesma e seus próprios problemas, até mesmo com a prima. É claro que lady Glencora sabia tudo sobre Mr. John Grey e a rejeição dele; e sabia muito também sobre a outra história de Mr. George Vavasor. Obviamente, como todas as amigas de Alice, ela odiava George Vavasor, e estava preparada para receber Mr. John Grey de braços abertos, se houvesse qualquer possibilidade de que sua prima também abrisse os seus braços para ele. Mas Alice

era tão teimosa a respeito dos seus próprios problemas, que sua amiga descobriu ser quase impossível conversar sobre eles.

— Não é que você me incomoda — Alice contara certa vez — O problema é você se incomodar com algo que não tem jeito. Já está tudo feito e acabado; e embora eu saiba que me comportei mal — muito mal —, ainda acredito que tudo terminou da melhor forma. Sinto-me inclinada a pensar que posso ser capaz de viver sozinha, ou talvez com minha prima Kate, mais alegremente do que poderia com qualquer marido.

— Quanta bobagem.

— Pode ser, mas, de qualquer modo, pretendo tentar. Nós, Vavasors, não parecemos ter talento para casamentos.

— Você deseja alguém que parta seu coração; é isso o que quer — concluíra Glencora.

Tais palavras mostravam que ela pouco sabia sobre o estado do coração da amiga, e que, talvez, dificilmente seria capaz de compreendê-lo. Apesar de toda a confusão que lady Glencora causara sobre si mesma — de todas as lágrimas que derramara, e que constantemente derramava, por seu amor perdido —, e apesar de não parar de pensar sobre isso, ela nunca amou Burgo Fitzgerald como Alice Vavasor amara Mr. Grey. Mas sua natureza era completamente diferente daquela de Alice. Para ela, o amor possuía um raio de poesia, uma pitada de diversão, um toque de devoção, algo quase parecido com a adoração de um herói; porém, acompanhando tudo isso, havia um traço de crueldade, e uma quase aptidão para a perversidade. Ela sabia que Burgo Fitzgerald era um incorrigível, e gostava ainda mais dele por isso. Ela desprezava seu marido porque ele não tinha vícios. Ela teria dado tudo o que tinha para Burgo — derramaria todas as suas riquezas sobre ele com total menosprezo a si mesma se tanto houvesse sido permitido. Ela o teria perdoado, um pecado após o outro, e talvez tivesse sido capaz de dar jeito nele, enfim, e trazê-lo para uma vida não inteiramente irresponsável e miserável. Todavia, apesar de tudo o que ela poderia ter feito, não teria havido atenção — nenhuma consideração por si mesma ou pelo seu marido. Ela estava pronta para se sacrificar por ele, se qualquer sacrifício lhe fosse reclamado. Ela acreditava que não era merecedora dele, e teria se submetido a um divórcio — ou, até onde lhe cabia, abafado e o afastado para longe — se as leis da terra permitissem. Mas, nem por um momento, ela se deu a tarefa de refletir sobre o que poderia fazer de melhor pelo bem-estar dele.

Mas o amor de Alice fora de um tipo totalmente diferente — e eu, de modo algum, tenho certeza de que era mais apropriado ao funcionamento deste mundo prosaico do que o de sua prima. Ele era sério demais. Não vou dizer que não havia poesia nele, mas direi que

lhe faltava romance. A sua poesia era dura demais para a existência de romance. Nele, certamente não existiam diversão e nem perversidade; tampouco, receio, uma grandiosa relação de adoração de heróis que sempre deve constar no coração da moça quando ela o entrega. Entretanto, havia nele uma quantidade de devoção que nenhum daqueles que lhe eram próximos tinham, até então, compreendido – a não ser aquele a quem a compreensão era da maior importância. Por todas as tribulações do seu amor, de seus relacionamentos, e de suas promessas quebradas, ela pensara mais nos outros do que em si mesma – e, de fato, essas tribulações surgiram majoritariamente de tal devoção. Ela havia deixado John Grey porque temia que não serviria para ser sua esposa; que não lhe faria feliz. Depois, ela tinha se prometido pela segunda vez ao primo, porque acreditava que poderia servi-lo ao se casar com ele. É claro que ela cometera um erro. Ela cometera um enorme erro ao desistir do homem que amava, e outro ainda maior ao sugerir a si mesma a possibilidade de se casar com um homem que não amava. Ela sabia que havia errado nas duas ocasiões, e que estava sendo submetida à contrição vestindo, por dentro, árdusos panos de saco. Mas ela pouco disse sobre tudo isso, até mesmo para a prima.

Eles seguiram para Lucerna por Basle, e se abrigaram no grande hotel com a varanda sobre o Reno da qual Alice se lembrava tão bem. Na primeira noite de sua chegada, ela se descobriu mais uma vez fitando o rio abaixo, como se o estivesse fazendo do mesmo local que ocupara na companhia de George e Kate. Mas, na verdade, aquele prédio era muito grande, e possuía muitos quartos que ficavam acima das águas. Quem daqueles que já passaram por Basle não ocupou um deles e observou o pai das águas logo abaixo? Aqui, neste exato ponto, em uma destas varandas, uma carta da prima Kate lhe foi trazida repleta de notícias a respeito do seu primo George. Foi Mr. Palliser quem a entregou com as suas próprias mãos, e ela não teve alternativa senão lê-la na presença dele. *“George perdeu a eleição”*, a carta começava. Por um instante, Alice pensou em seu dinheiro, e na vã disputa na qual ele fora gasto. Por um instante, uma espécie de arrependimento pela futilidade do esforço que fizera a acometeu, mas ele logo passou. *“Valeu a pena termos tentado”*, disse a si mesma, enquanto prosseguia na leitura da carta. *“Eu e tia Greenow estamos em Londres”*, a carta informava, *“e acabamos de receber as notícias. Ainda que eu esteja aqui há três dias, e que, por duas vezes, enviei mensagens o informando disso, ele não se aproximou de mim. Talvez seja melhor que ele fique longe, pois não sei que palavras poderiam ser ditas entre nós de teor agradável. A apuração foi encerrada nesta tarde e ele foi derrotado nas eleições por uma grande maioria de votos. Havia cinco candidatos ao todo para duas cadeiras – três liberais e dois conservadores. Os outros dois*

liberais ganharam e ele ficou em último dos cinco. Continuo a escutar notícias sobre ele diariamente – ou melhor, minha tia as escutas e depois me conta, o que me deixa repleta de receios quanto ao futuro da carreira dele. Creio que ele abandonou seus negócios e que agora não possui nenhuma fonte de renda. De bom grado, eu dividiria o que tenho com ele; ou faria mais do que isso. Após guardar o suficiente para reembolsar gradualmente o que ele lhe deve, eu daria para meu irmão toda a minha parte da renda que sai da propriedade. Mas não posso fazer isso enquanto houver a sensação de que nós somos inimigos. Eu vim até aqui para conversar com um advogado sobre os passos que ele está dando para invalidar o testamento do vovô. O advogado diz que é tudo bobagem, e que o advogado de George não está falando sério; mas não posso fazer nada até que esta questão seja resolvida. Cara Alice, ainda que muito do seu dinheiro esteja, por ora, gasto, sinto-me obrigada a parabenizá-la pela sua salvação – aquilo que eu seria mais sincera ao chamar de fuga. Você deve entender quais são meus próprios sentimentos enquanto escrevo isto depois de tudo o que fiz para juntar vocês dois – depois de todas as esperanças e ambições que tive por ele. Sobre o dinheiro, ele deverá ser reembolsado. Eu não acredito que cederei a qualquer desejo forte de novo. Penso que você me perdoará pelo mal que lhe causei – e sei que sentirá pena de mim. Eu vim para ver o advogado londrino – mas não somente para isso. Tia Greenow está comprando suas vestes de casamento, e o capitão Bellfield se encontra em um alojamento perto de nós, também para comprar suas roupas; ou, como devo falar mais apropriadamente, suas roupas estão sendo compradas para ele. Estou com pouco humor para júbilos, mas é impossível não rir por dentro quando ela discute na minha frente o estado do guarda-roupas do capitão, e propõe arranjos econômicos – muito para o desgosto dele. Atualmente, ela o controla firmemente na palma da mão, e o faz prestar contas de todas as suas horas, bem como de todo o seu dinheiro. ‘É claro que ele ficará arredio assim que se casar’, ela me disse ontem, ‘e, obviamente, sempre haverá uma desavença quanto a isso; mas quanto mais eu fizer para domá-lo agora, menos arredio ele ficará futuramente, e mesmo que, ouse dizer, eu ralhe de vez em quando, jamais brigarei com ele’. Não tenho dúvidas de que tudo isso é verdade; mas que tola ela foi de se envolver com um homem tão problemático. Ela falou que faz isso porque quer ficar atarefada. Eu tomei a coragem de dizer, certa vez, que um tigre enjaulado a deixaria igualmente atarefada, sendo menos perigoso. Tia Greenow ficou com raiva, e me respondeu muito rispidamente. ‘Eu tentei acariciar o tigre’, contou, ‘e senti as suas garras’. Ela escolheu se sacrificar – se é que o sacrifício era necessário – contanto que algum bom resultado pudesse sair disso. Eu não tenho mais nada a dizer; e, desde aquele dia, estivemos mantendo a relação mais amistosa possível no tocante ao capitão. Eles combinaram com seu pai de ficarem em Vavasor Hall por três anos, e suponho que eu deva ficar com eles até

que você retorne. O que eu farei dependerá inteiramente das suas ações. Sinto-me como uma criatura desolada e solitária, sem qualquer laço com qualquer pessoa, ou qualquer lugar. Nunca pensei que sentiria que a morte do meu avô seria uma perda tão grande quanto está sendo. Exceto por você, não me restou nada; e quanto a você, tenho a sensação desagradável de que, por anos, estive me esforçando para lhe causar o maior mal possível, e que você deve me considerar uma inimiga de quem, de fato, escapou, mas não sem sofrer terríveis feridas”.

Alice sempre ficava irritada com qualquer presunção de que sua conduta para com Mr. Grey fora manobrada pelo conselho ou influência da sua prima Kate. Mas este exato sentimento parecia proteger Kate de uma irritação maior, que poderia ser despertada contra ela, caso Alice soubesse do mal que sua prima realmente lhe causara. Era, sem dúvida, verdade que, se Alice não tivesse se encontrado ou se comunicado com Kate durante o progresso do cortejo de John Grey, John Grey não teria perdido sua esposa. Mas contra esta verdade, Alice sempre protestava com todo o coração. Ela fora fraca, tola, irresoluta – e, por fim, agira sob um falso julgamento. Tudo isso ela agora admitia a si mesma. Mas jamais admitiria que qualquer outra mulher a tinha persuadido a abraçar tal fraqueza. “Ela se engana comigo”, Alice pensou, guardando a carta. “Ela não é o inimigo que me feriu”.

Mr. Palliser, que trouxera a carta, estava sentado na mesma varanda, e, conforme Alice lia, ele tratara de quase se enterrar sob os jornais que traziam informações sobre as eleições gerais que estavam em progresso. Ele agora estava sentado com uma folha do *The Times* na mão, totalmente aberta – pois se sentira impaciente demais para repartir o jornal – e, enquanto a estendia diante dos olhos, ocultou-se completamente por baixo dele. Cinco ou seis outros jornais jaziam espalhados ao seu redor, e ele não proferira uma palavra desde que havia iniciado sua presente tarefa. Lady Glencora se encontrava do outro lado dele; ela também havia recebido cartas.

— Sophy me disse que você foi reeleito por Silverbridge — ela falou, por fim.

— Quem, eu?! Sim, fui reeleito — confirmou Mr. Palliser, falando com certo tom de desdém diante da possibilidade de que alguém teria qualquer chance de superá-lo na vizinhança de sua própria família. Para uma apreciação completa das vantagens de uma cadeira particular na Câmara dos Comuns, observemos sempre famílias do partido Whig, que foram, sobretudo, instrumentais para levar adiante o Projeto da Reforma. A casa de Omnium se mostrara grandiosa em tal ocasião. Ela sacrificara muito e retivera para o uso da família uma única cadeira por Silverbridge. Mas que a cadeira seria seriamente disputada, era uma sugestão que dificilmente passaria pela mente de

qualquer Palliser. Os Pallisers e outras grandes famílias do partido Whig estavam certos quanto a isso. Eles haviam mantido em suas mãos, como recompensas por seus próprios serviços ao país, não mais do que o país estava manifestamente disposto a lhes dar.

— Sim, fui reeleito — repetiu Mr. Palliser. — Sinto muito em saber, Miss Vavasor, que o seu primo não teve a mesma sorte.

— Foi o que descobri — disse Alice. — Será uma grande infelicidade para ele.

— Ah! Imagino que sim. Essas eleições metropolitanas custam tantos problemas e tanto dinheiro, e até sob as circunstâncias mais favoráveis, são tão incertas. Um homem nunca está garantido lá até que tenha lutado por sua cadeira três ou quatro vezes.

— Esta foi a terceira vez dele — Alice explicou. — E ele é um homem pobre.

— Que pena — lamentou Mr. Palliser, que desconhecia a infelicidade da pobreza. — Eu sempre achei que essas cadeiras deveriam ser deixadas para comerciantes ricos que poderiam gastar dinheiro com elas. Em vez disso, geralmente são disputadas por homens de posses moderadas. Outro de meus amigos na Câmara perdeu seu mandato.

— Quem foi o infeliz? — perguntou lady Glencora.

— Mr. Bott — respondeu o marido, sem pensar.

— Mr. Bott perdeu! — exclamou lady Glencora. — Mr. Bott perdeu seu mandato! Estou tão feliz. Alice, não está feliz? Aquele homem ruivo que gostava de espreitar, sabe, por Matching, saiu do Parlamento. Imagino que ele irá espreitar agora em algum lugar de Lancashire.

Que mulher realmente indiscreta era a pobre lady Glencora. O rosto de Mr. Palliser se tornou sombrio por baixo do exemplar do *The Times*.

— Eu não sabia que o meu amigo, Mr. Bott, e Miss Vavasor eram inimigos — ele falou.

— Inimigos?! Não suponho que fossem inimigos — replicou Glencora. — Porém, ele era um homem que ninguém conseguia deixar de observar... e desgostar.

— Ele era um homem de quem eu especialmente desgostava — Alice opinou, com grande coragem. — Ele poderia atuar bem no Parlamento, mas nunca conheci um homem que fosse capaz de ser tão desagradável em sociedade. Realmente me senti impelida a me tornar inimiga dele.

— Bravo, Alice! — incentivou lady Glencora.

— Espero que ele não tenha feito nada em Matching para... para... para... — Mr. Palliser começou, em tom de desculpas.

— Ele não fez nada de mais para me ofender, Mr. Palliser, mas

possuía um jeito de querer criar pequenas confidências secretas, do qual eu especialmente desgostava.

— Além disso, ele era tão feio — lady Glencora adicionou.

— Eu sei que ele estava tentando criar alguma confusão — avaliou Alice.

— É claro que estava — assentiu lady Glencora. — E ele tinha o hábito de esfregar a cabeça contra os papéis de parede dos aposentos, deixando marcas para trás que eram bastante imperdoáveis.

Mr. Palliser foi eficazmente subjugado, e se sentiu obrigado a abandonar seu aliado político. Talvez ele tenha feito isso mais facilmente porque a derrota que Mr. Bott havia acabado de sofrer interferiria materialmente na sua utilidade política.

— Creio que ele ficará agora em meio ao seu próprio pessoal — disse Mr. Palliser.

— Esperemos que sim — declarou lady Glencora. — E que o próprio pessoal dele aprecie a vantagem de sua presença.

Então, nada mais foi dito a respeito de Mr. Bott.

A noite chegou, e enquanto eles ainda estavam sentados entre suas cartas e jornais, um grito foi ouvido nas águas e um ruído de muitas vozes ecoou pela ponte. Subitamente, surgiram diante deles, na veloz fluência do rio, as cabeças de muitos nadadores, e com os nadadores vieram botes que levavam as suas roupas. Eles passaram como num relance de luz sobre as águas, graças à velocidade da correnteza. As vozes gritaram, os botes passaram rapidamente, e meia dúzia de vezes as mãos dos homens emergiram na superfície; e então, todos sumiram rio abaixo, para longe da vista — como pedaços de madeira jogados numa catarata, que são carregados para longe imediatamente.

— Oh, como eu queria poder fazer aquilo! — lastimou-se lady Glencora.

— Parece muito perigoso — opinou Mr. Palliser. — Eu não sei se eles são capazes de parar.

— Por que eles iriam querer parar? — perguntou lady Glencora. — Imagine como a água deve estar fria, e em como deve ser lindo ser levado tão velozmente, adiante, adiante e adiante! Será que não podemos tentar?

Como nenhum encorajamento foi dado a tal proposta, lady Glencora não a repetiu; mas ela foi se apoiar no corrimão da varanda, para encarar invejosamente a água abaixo. Alice estava, é claro, pensando naquela outra noite, quando, talvez, os mesmos nadadores haviam descido a ponte e passado pela varanda; quando George Vavasor havia se sentado perto dela. Eu penso que foi naquela noite que ela decidiu se separar de Mr. Grey.

No dia seguinte, Mr. Palliser e sua comitiva prosseguira para

Lucerna, fazendo tal jornada, como já mencionei, em lentos estágios; tomando Schaffhausen e Zurique como rotas. Em Lucerna, eles viveram por um tempo, ocupando quase uma dúzia de quartos no grande hotel com vista para o lago. Neste ponto, chegou um visitante, cuja chegada narrarei no próximo capítulo.

CAPÍTULO 70

EM LUCERNA

Sinto-me inclinado a pensar que Mr. Palliser não aproveitou muito desta parte de sua viagem pelo exterior. Assim que chegou em Lucerna, não achou ninguém com quem pudesse se associar prazerosamente, e nem encontrou qualquer ocupação que fizesse o tempo passar mais rápido. Ele não ligava para o cenário. Ao seu redor estava o melhor que existia na Europa; mas não significava nada para ele. Se simplesmente estivesse viajando por Lucerna na época do ano apropriada para tal jornada, quando os assuntos da sessão houvessem cessado, e uma leve mudança de ares se mostrasse necessária, ele poderia ter aproveitado a coisa toda de forma moderada, observando o lugar, passeando, e sabendo que lhe fazia bem estar ali em tal momento. Mas ele não possuía nenhuma paixão por montanhas e lagos e nada daquela alegria positiva pelas urzes, que teriam compensado muitos outros homens pela perda de tudo o que Mr. Palliser estava perdendo. A sua mente estava sempre em casa na Câmara dos Comuns; naquela augusta assembleia que os homens chamavam de Gabinete; ou nas reuniões sobre as quais lia semanalmente em meras matérias. Nelas, eram mencionados os nomes daqueles heróis com quem a Fortuna fora tão mais bondosa do que com ele, que os invejava. Ele dava passeios curtos e solitários pela cidade, através de pontes, e ao longo dos rios, fazendo para si mesmo os discursos que teria feito em casas cheias, caso sua esposa não tivesse trazido ruína a todas as suas esperanças. E enquanto imaginava os gloriosos sucessos que provavelmente nunca teriam sido seus, caso tivesse permanecido em Londres, ele profetizou para si próprio uma queda absoluta e irremediável de todo o poder político, graças à sua ausência – não tendo, na verdade, nenhum motivo suficiente para tal desespero. Naquela época, Mr. Palliser mal havia completado 30 anos, e se houvesse sido capaz de julgar o seu próprio caso com a mesma profundidade que teria usado no caso de outra pessoa, ele teria concluído que uma curta ausência possivelmente aumentaria seu valor na estima dos outros, ao invés de diminuí-lo. Mas sua chateação pessoal era forte demais para lhe permitir fazer tais cálculos de modo justo. Assim, ele se tornou rabugento e infeliz; e ainda que não dissesse nenhuma palavra de censura à esposa; ainda que nunca insinuasse que ela lhe havia privado de suas glórias, ele a deixou ciente, através do seu comportamento, que fora ela quem o levara àquela miserável condição.

Lady Glencora, por sua vez, tinha amor pelas montanhas e lagos, mas era um amor do tipo que necessitava ser estimulado por companhias, e que é mais intenso em meio a frangos frios, tortas de piquenique, e rolhas de champagne voadoras. Quando adentraram a

Suíça pela primeira vez, ela se sentiu deveras entusiasmada, e revelou a sua intenção de escalar todas as montanhas, e de atravessar todos os passos. Ela lutou para induzir o marido a prometer que a levaria Mont Blanc acima, e penso que seu desejo teria sido atendido e que ela teria sido levada Mont Blanc acima, caso as aspirações de Mr. Palliser houvessem sido congeniais. Mas elas não eram congeniais, e lady Glencora logo perdeu todo o seu entusiasmo. Quando se enraizaram em Lucerna, ela apontara que todas as montanhas eram chatas, e quase aprendera a odiar os lagos, que, de acordo com ela, sempre a deixavam encharcada quando passeava num barco pequeno, e enjoada quando colocava os pés num maior. Em Lucerna, eles não fizeram amizades. Mr. Palliser não era um homem com talento para novos companheirismos. Eles nem sequer jantaram numa mesa pública, ainda que lady Glencora tivesse expressado o desejo de fazê-lo. Mr. Palliser não gostou da ideia, e é claro que lady Glencora desistiu dela. Houve, ademais, episódios que não foram agradáveis a uma terceira pessoa. Eles não ralharam um com o outro, mas lady Glencora fazia seus pequenos discursos que seu marido desaprovava. Ela o irritava propositalmente com seu contínuo tom de deboche. Nestas ocasiões, Mr. Palliser ficava rabugento, e aparentava sentir que as preocupações do mundo eram demais para ele. Eu não posso, conseqüentemente, dizer que Alice havia encontrado muita coisa para fazer e que o seu primeiro período de estada em Lucerna fosse um período de prazer.

Porém, fazia cerca de uma quinzena, desde que haviam se estabelecido na cidade, quando surgiu um estranho, cuja chegada trouxe a graça de uma certa empolgação às suas vidas. O costume deles era tomar o desjejum às nove – ou o mais próximo desse horário que lady Glencora pudesse ser induzida a aparecer – depois, Mr. Palliser leria até as três. Neste momento, ele passearia sozinho, após ter levado as duas damas até a sua carruagem, que elas guiariam por cerca de duas horas.

— Como odeio essa carruagem — lady Glencora reclamara certo dia. — Eu queria que ela tivesse um fim e fosse partida em pedaços. Pergunto-me se os suíços pensam que seremos guiadas por aí eternamente.

Houve momentos, no entanto, que pareciam indicar que lady Glencora tinha algo a dizer à prima, que, se fosse revelado, alteraria a monotonia de suas vidas. Alice, todavia, não a pressionou a contar seu segredo.

— Se tem algo a dizer, por que não diz? — questionara Alice, certa vez.

— Você é tão dura — queixara-se lady Glencora.

— Isso você sempre me diz — Alice rebatera. — E não tomo como elogio. Dura ou mole, não farei uma petição pela sua

confidência.

Então, lady Glencora dissera algo grosseiro e o assunto fora posto de lado por ora.

Mas devemos voltar ao estranho. Um certo dia, Mr. Palliser havia levado as damas até a carruagem delas, e se achava entre a porta de entrada do hotel e o lago, decidindo se subiria a colina à esquerda, ou se viraria para a cidade à direita, quando foi abordado por um cavalheiro inglês, que, levantando o chapéu, disse crer que falava com Mr. Palliser.

— Sou Mr. Palliser — respondeu o nosso amigo, muito educadamente, retornando a mesura e sorrindo enquanto falava. Mas embora sorrisse, embora fosse educado e embora houvesse levantado o seu chapéu, havia algo em sua aparência e tom de voz que não teriam encorajado qualquer estranho ordinário a perseverar. Mr. Palliser não era um homem facilmente aberto a amizades.

— O meu nome é John Grey — informou o estranho.

Então, o sorriso caiu, o semblante de extrema educação desapareceu, o tom de voz de Mr. Palliser mudou, e ele estendeu a mão. Ele sabia o bastante sobre a história de Mr. John Grey para compreender que Mr. John Grey era um homem com quem ele poderia se permitir criar uma amizade. Após um intercâmbio de algumas poucas palavras, os dois homens partiram juntos numa caminhada.

— Talvez o senhor queira se encontrar com a carruagem — sugeriu Mr. Palliser. — Se for o caso, é melhor passarmos pela cidade e subirmos o rio.

Eles passaram pela cidade e subiram o rio, e quando Mr. Palliser, ao regressar, foi visto por Alice e lady Glencora, ele estava sozinho. Eles jantaram juntos e nada foi falado. Juntos eles passearam pela noite, e juntos eles voltaram e beberam chá; mas, ainda assim, nada foi dito. Por fim, Alice e sua prima pegaram suas velas das mãos de Mr. Palliser, e deixaram a sala de estar pelo restante da noite.

— Alice — chamou lady Glencora, assim que se encontraram juntas no corredor. — Estive morrendo de ansiedade por este momento. Eu não falei antes, ou teria cometido um deslize, assim como você. Vamos ao seu quarto imediatamente. Quem você acha que está aqui, em Lucerna, nesta casa, neste exato momento?

Alice, de repente, entendeu quem era. Ela entendeu, imediatamente, que Mr. Grey a havia seguido, ainda que nenhuma palavra lhe tivesse sido escrita ou pronunciada sobre a questão desde aquele dia em que ele mesmo dissera que eles se encontrariam no exterior. Mas, embora estivesse bastante segura do que sabia, ela não mencionou o nome dele.

— Quem é, Glencora? — ela perguntou, muito calmamente.

— Quem, no mundo todo, você mais gostaria de ver? — indagou Glencora.

— Minha prima Kate, certamente — respondeu Alice.

— Não é sua prima Kate, e eu não acredito em você, do contrário, seria uma tola.

Alice estava acostumada com o jeito de falar de lady Glencora e, portanto, não se incomodou muito com isto.

— Talvez eu seja uma tola — ela disse.

— Só que eu sei que você não é. Mas não sei bem se não é uma hipócrita. A pessoa a quem me refiro é um cavalheiro, é claro. Por que não demonstra, ao menos, um pouco de animação? Quando Plantagenet me contou, pouco antes do jantar, a minha alma quase saiu do corpo. Ele mesmo ia lhe contar após o jantar, na maneira mais educada do mundo, com certeza, e assim que os criados levassem as maçãs. Eu achei que seria melhor poupá-la disso; mas, creio que, se eu tivesse deixado que ele contasse, a novidade não teria causado o menor efeito em você. Quem acha que veio até aqui?

— Obviamente, agora eu sei que Mr. John Grey está aqui — declarou Alice, muito calmamente.

— Sim, Mr. John Grey está aqui. Ele está nesta casa neste exato minuto – ou, mais provavelmente, esperando do lado de fora, perto do lago, até ver uma luz em seu quarto.

Então, lady Glencora fez uma breve pausa, esperando que Alice dissesse alguma coisa, mas Alice permaneceu calada.

— E então? — insistiu lady Glencora, levantando-se de sua cadeira. — E então?

— E então o quê? — questionou Alice.

— Não tem nada a dizer? Daria na mesma se fosse Mr. Smith que estivesse aqui?

— Não, não daria exatamente na mesma. Estou bastante ciente da importância da chegada de Mr. Grey, e provavelmente ficarei a noite toda acordada pensando nisso – se isso lhe traz algum conforto; mas não sinto que tenho muito a dizer a respeito.

— Gostaria de ter deixado Mr. Palliser lhe contar da maneira mais sem graça e na frente de todos os criados. Gostaria mesmo.

— Não teria feito muita diferença.

— Nem um pouco, eu acredito. Pergunto-me se você já ligou para alguém em sua vida – para ele, para aquele outro, ou para qualquer um. Para ninguém, imagino – exceto para sua prima Kate. Dizem que os quietinhos são os piores, e às vezes penso que você é quietinha demais para meu gosto. Suponho que seja melhor ir agora, ou tem alguma coisa mais a dizer?

— O que você quer que eu diga? É claro que sei por que ele veio até aqui. Ele me falou que viria.

— E você nunca disse uma palavra sobre isso.

— Ele me falou que viria, e eu achei melhor não dizer uma palavra sobre isso. Ele podia mudar de ideia, ou alguma coisa podia ter acontecido. Falei para ele não vir, e teria sido muito melhor se Mr. Grey tivesse permanecido longe.

— Por quê? Por quê? Por que teria sido melhor?

— Porque a presença dele não causará nenhum bem a ninguém.

— Nenhum bem?! Para mim parece impossível, e acredito que ela fará todo o bem do mundo. Veja, Alice, se não fizer as pazes com ele de vez até a noite de amanhã, acreditarei que você é absolutamente insensível. Se eu fosse você, cairia nos braços dele antes disto. Vou-me agora para deixá-la ficar acordada, como disse que ficará.

Ela, então, retirou-se do quarto, mas logo voltou para fazer outra pergunta.

— O que Plantagenet dirá a ele sobre vê-la amanhã? É claro que ele pediu permissão para vir visitá-la.

— Ele pode vir se quiser. Não pensa que eu briguei com ele, ou que me recusaria a vê-lo, não é?!

— E podemos convidá-lo para cear conosco?

— Oh, sim.

— E fazer um piquenique, e tudo mais. Na verdade, ele será considerado um visitante ordinário. Bom... Boa noite. Eu não entendo você, e isso é tudo.

Poderíamos duvidar se a própria Alice se entendia. Assim que sua amiga se foi, ela apagou sua vela, e foi se sentar perto da janela aberta do seu quarto, assistindo ao luar que lançava sua luz sobre o lago. Será que ele estaria ali, pensando nela, olhando para cima, talvez, como Glencora havia insinuado, para ver se poderia distinguir sua luz entre as centenas que bruxuleariam ao longo da larga frente da casa? De qualquer modo, se este fosse o caso, ele não deveria poder vê-la; então, ela abriu a cortina e se sentou para assistir ao lago. Era uma pena ele ter vindo, mas, ainda assim, ela o amava de todo o coração por ter vindo. Era uma pena ele ter vindo, pois da sua vinda não poderia surgir nenhum bom resultado. Disto, ela se assegurara de novo e de novo, mas, ainda assim, mal sabia por que se sentia tão segura disso. Glencora a havia chamado de dura; mas sua convicção nesta questão não era proveniente da dureza. Agora que ela estava sozinha, seu coração estava repleto de amor, do suave romance do amor por aquele homem; mas, ainda assim, ela sentiu que não deveria se casar com ele, mesmo que ele continuasse disposto a aceitá-la. Que ele continuava disposto a aceitá-la; que ele desejava tê-la como esposa, a despeito de todo mal que ela lhe havia causado, não poderia haver dúvida. Por que mais ele a seguiria até a Suíça? E ela se lembrou, agora, neste momento, de como ele lhe dissera em

Cheltenham que jamais a consideraria perdida para si, a não ser que ela, de fato, viesse a se tornar a esposa de outro homem. Por que, então, não poderia ser como ele queria?

Ela se fez esta pergunta e não a respondeu, mas, apesar disto, sentiu que as coisas não poderiam ser assim. Ela não tinha o direito a tal felicidade depois do mal que causara. Alice fora guiada por um furor ao fazer aquilo que ela própria não poderia perdoar; e, por ter feito isso, não tinha coração de aceitar a posição que deveria ter sido a recompensa de boa conduta. Ela não conseguia analisar as causas que a faziam sentir que deveria seguir recusando o amor que lhe era oferecido; ela não conseguia interpretar seus próprios pensamentos claramente; mas as causas eram aquelas que expus, e tal era a real interpretação dos seus pensamentos. Se simplesmente houvesse recusado a mão dele após tê-la aceitado – se a houvesse recusado, e depois mudado de ideia novamente, ela poderia ter tido coração de pedir o seu perdão. Mas ela havia feito muito mais do aquilo; coisas ainda piores! Alice tinha se comprometido com outro homem após pertencer a Mr. Grey – desde que fora dele, como futura esposa. O que ele deveria pensar dela? Como não suspeitaria dela? Então, ela se lembrou daqueles encontros que tivera com o primo desde que escrevera para ele, aceitando sua oferta. Quando ele estivera com ela em Queen Anne Street, Alice fugira de todos os sinais externos de amor que não sentia. Não houvera carinho entre eles. Ela não havia permitido que ele tocasse seus lábios. Mas era impossível que a natureza daquele louco compromisso entre ela e o primo George fosse, algum dia, revelada a Mr. Grey. Ela continuou sentada, enxugando as lágrimas, enquanto procurava pela figura dele entre as figuras da margem do lago; mas, enquanto permanecia sentada, prometeu a si mesma nenhuma felicidade pela vinda dele. Oh! Leitor ou leitora, você pode perdoá-la por ter pecado contra a delicadeza de sua natureza feminina? Eu penso que ela poderá ser perdoada, já que nunca foi capaz de amenizar a sua própria culpa.

Se ele estava ali, à margem do lago, ela não o viu. Eu acho que podemos dizer que John Grey não era homem de consolar o seu amor vigiando a vela da sua dama. Ele era um homem capaz de fazer muito mais do que a maioria dos homens na busca pelo amor – como já provou ser o caso ao seguir Alice até Cheltenham, e novamente a Londres, e agora, outra vez, a Lucerna; mas duvido que um vislumbre na janela do quarto dela, caso fosse inequivocamente o vislumbre dela, e não o de uma velha francesa feiosa que talvez estivesse dormindo no quarto ao lado, teria causado qualquer bem nele. Ele havia vindo a Lucerna com uma proposta – uma proposta que pretendia levar adiante, se fosse possível; mas eu acho que ele já havia ido para a cama, exausto de sua longa viagem, antes que lady

Glencora tivesse deixado o quarto de Alice.



No café da manhã do dia seguinte, nada foi dito por um tempo sobre a nova vinda. Por fim, Mr. Palliser se aventurou a falar:

— Glencora lhe contou, acho, que Mr. Grey está aqui? Acredito que Mr. Grey seja um velho amigo seu, não é?

Alice, mantendo a compostura da melhor forma possível, respondeu que Mr. Grey fora, e, de fato, era, um amigo muito querido. Mr. Palliser conhecia a história toda, então, de que adiantaria fazer qualquer tentativa de dissimulação?

— Ficarei feliz em vê-lo... se o senhor me permitir — ela completou.

— Glencora sugeriu que o convidemos para jantar — Mr. Palliser disse, e, assim, tudo foi combinado.

Mas Mr. Grey não aguardou a hora do jantar para ver Alice. No começo da manhã, um cartão com seu nome chegou, e lady Glencora, ao ver o nome, correu imediatamente.

— Você realmente não precisa sair — falou Alice.

— Eu realmente devo sair — rebateu a dama. — Eu sei o que é apropriado em tais ocasiões, caso você não saiba.

Então, ela se retirou, agitando-se pelas passagens numa corridinha; e Mr. Grey, ao ser levado à sala de estar habitual de lady Glencora, viu a borda do vestido dela, conforme a dama ia se sacudindo em direção ao marido.

— Eu disse que viria — ele lembrou, com seu doce sorriso de sempre. — Eu disse que a seguiria, e aqui estou.

Ele tomou a mão dela e a segurou, apertando-a calorosamente.

Ela mal sabia quais palavras deveria usar para respondê-lo, ou como recuperar sua mão da dele.

— Eu estou muito feliz em vê-lo... como um velho amigo — ela articulou. — Mas espero...

— Sim? O que você espera?

— Espero que possua uma causa melhor para viajar do que um desejo de me ver.

— Não, querida; não. Não tenho uma causa melhor, e, de fato, nenhuma outra. Eu vim com o propósito de vê-la; e se Mr. Palliser a tivesse levado à Ásia ou à África, penso que teria me sentido compelido a segui-lo. Sabe por que eu a segui?

— Dificilmente — ela respondeu, sem encontrar qualquer outra palavra que pudesse proferir naquele momento.

— Porque a amo. Você já viu que sou um John Bull^[108] sem papas na língua, e como sempre vou direto ao assunto. Eu quero que seja minha esposa; dizem que a perseverança é a melhor ferramenta quando um homem tem um desejo como esse.

— O senhor não deveria querer isso — ela refutou, sussurrando as palavras como se não fosse capaz de falá-las em voz alta.

— Mas eu quero, entende? E por que eu não deveria querer?

— Eu não sou adequada para ser sua esposa.

— Sou eu quem melhor pode julgar isso, Alice. Você deve decidir se eu sou adequado para ser o seu marido.

— O senhor se desgraçaria se me tomasse, depois de tudo o que se passou, depois de tudo o que fiz. O que os outros homens diriam do senhor quando ouvissem a história?

— Os outros homens, espero, serão justos o bastante para dizer que, quando tomei a decisão, fui toleravelmente constante ao mantê-la. Eu não acredito que eles podem falar algo pior sobre mim do que isso.

— Eles diriam que o senhor foi abandonado, e que perdoou o abandono.

— No tocante ao perdão, eles diriam a verdade. Mas, na realidade, Alice, não me importo muito com o que os homens falam sobre mim.

— Mas eu me importo, Mr. Grey, e ainda que o senhor me perdoe, não posso me perdoar. Na realidade, agora sei, assim como sempre soube, que não sou adequada para ser sua esposa. Não sou boa o bastante. E o que eu fiz me faz sentir que não tenho direito a me casar com ninguém.

Estas palavras ela lançou, proferindo as diferentes frases em quase convulsões; e quando chegou ao fim delas, as lágrimas escorriam pelas suas bochechas.

— Eu pensei a respeito, e não aceitarei. Eu não aceitarei. Depois

do que se passou, sei que assim será melhor, mais decoroso, se eu permanecer como estou.

Pouco depois, ela o deixou, mas não sem lhe dizer que o encontraria outra vez no jantar, e implorar que ele a tratasse como uma amiga.

— Apesar de tudo, espero que nós sempre sejamos amigos — queridos amigos — ela declarou.

— Espero que sim — ele respondeu. — Os mais queridos.

E então, Mr. Grey a deixou.

À tarde, ele reencontrou Mr. Palliser e, tendo pensado sobre a questão desde o seu encontro com Alice, resolveu contar toda sua história ao seu novo amigo — não com a intenção de requisitar qualquer conselho dele, pois, neste assunto, ele não desejava o conselho de homem algum — mas, para que pudesse obter alguma assistência. Então, os dois homens foram caminhar juntos, subindo os bancos da límpida correnteza do rio Reuss, e Mr. Palliser sentiu o conforto de ter um acompanhante.

— Eu sempre gostei dela — contou Mr. Palliser. — Entretanto, para ser honesto, já fiquei duas vezes com raiva dela.

— Eu nunca fiquei com raiva dela — comentou o apaixonado.

— E a minha raiva, em ambas as ocasiões, foi injusta. O senhor deve imaginar o quanto confio nela, já que a considere a melhor acompanhante que minha esposa poderia ter numa longa jornada, dada às circunstâncias que foram... que foram... Enfim, não preciso perturbá-lo com isso.

A desolação na vida de Mr. Palliser fora tão grande, desde seu banimento de Londres, que ele quase se sentia tentado a contar a história dos seus problemas a este absoluto estranho. Mas ele se recordou do sangue dos Pallisers, e se refreou. Existem confortos dos quais a realeza possivelmente nunca gozará, e luxúrias que homens como Plantagenet Palliser não se permitiriam satisfazer.

— Sobre ela e seu caráter não tenho nenhuma dúvida no mundo — garantiu Grey. — Em tudo o que ela fez, penso que enxerguei os seus motivos; e ainda que não os tenha aprovado, eu sempre soube que eles eram puros e altruístas. Ela não fez nada que eu não tenha perdoado assim que foi feito. Se ela houvesse se casado com aquele homem, eu poderia tê-la perdoado até por isso, embora soubesse que toda a vida futura dela estaria destruída, bem como muito da minha. Eu acho que posso fazê-la feliz se ela se casar comigo, mas antes Alice precisa aprender a se perdoar. Ao viver com o senhor e com sua senhora, ela, talvez, esteja agora mais sob a influência de vocês do que poderia estar sob a minha.

Diante disto, Mr. Palliser prometeu que faria o que pudesse.

— Eu acho que ela me ama — concluiu Mr. Grey.

Mr. Palliser respondeu que estava certo de que ela o amava, ainda que eu não faça ideia de quais bases ele tinha para fazer tal garantia. Ele provavelmente se sentia desejoso por falar a coisa mais civilizada que lhe ocorresse.

O pequeno jantar daquela noite foi suficientemente agradável, e nada mais foi dito sobre amor. Lady Glencora falou tolices para Mr. Grey, e Mr. Palliser contradisse todas as tolices que sua esposa falou. Mas isto ocorreu de tal forma que a noite passou agradavelmente. Ficou implicitamente conciliado entre eles que a Mr. Grey era permitido visitá-los como amigo, e lady Glencora conseguiu dizer algumas palavras a ele a sós, nas quais prometeu lhe conceder a mais cordial das cooperações.

CAPÍTULO 71

MOSTRANDO COMO GEORGE VAVASOR RECEBEU UMA VISITA

Devemos voltar algumas páginas, até cenas que aconteceram em Londres durante este verão, para que os leitores possam compreender a posição de Mr. Grey ao chegar em Lucerna. Em seu caminho surgirá um novo confronto contra George Vavasor, e alguns detalhes deste confronto precisam ser contados.

Já foi dito que George Vavasor perdera a eleição pelos Distritos de Chelsea; depois de todo o dinheiro que gastara – dinheiro que ele não tinha condições de gastar, e em que pusera as mãos de maneira tão vergonhosa! George havia recebido duas mil libras oriundas das notas que Alice executara em seu nome – ou melhor, havia recebido o valor total de três das quatro notas, e parte do valor da quarta, de modo que fora obrigado a angariar o dinheiro imediato que queria por meio de um agiota judeu. Mil libras ele pagara à vista nas mãos de Mr. Scruby, o seu agente eleitoral parlamentar, para cobrir os gastos da sua campanha; e quando o dia da apuração chegou, ele tinha exatamente em mãos a soma de 500 libras. Onde conseguiria mais assim que este montante se esvaecesse, ele não sabia. Se tivesse êxito – se os iluminados constituintes dos Distritos de Chelsea, satisfeitos com seus esforços pelo represamento do rio, decidissem enviá-lo ao Parlamento outra vez, ele acreditava que poderia continuar lutando na guerra. George teria um montante de dinheiro vivo em mãos; e, quanto às suas dívidas, comportar-se-ia com grande indiferença a qualquer consideração sobre elas. Além disso, haveria frutos para se colher como um membro do Parlamento de seu calibre. Companhias – companhias mercantis – ficariam contentes em tê-lo como diretor, pagando-lhe um guinéu por dia, ou talvez mais, pelo seu horário de atendimento. Companhias ferroviárias carentes de um vice-presidente poderiam requisitar os seus serviços; e na Cidade, ele poderia usar a condição de membro do Parlamento que carregava de muitas formas benéficas. Com tanta sabedoria sobre o mundo da Cidade que possuía, George achou que conseguiria sobreviver em Londres, se ao menos pudesse manter sua cadeira no Parlamento.

Mas o que faria se não conseguisse mantê-la? Pouco depois de pôr as garras sobre as mil libras, Mr. Scruby o pressionou por mais dinheiro. George Vavasor, com uma certa manifestação de justiça lhe apoiando, apontou a este faminto agente que a soma que ele demandava já havia sido paga. Isto, Mr. Scruby admitiu, declarando que estava bastante preparado para seguir em frente sem qualquer pagamento extra imediato, ainda que, se o fizesse, poderia estar se submetendo a um risco considerável. Outras 500 libras pagas à vista,

entretanto, fortificariam muito a certeza da cadeira; ao passo que, 800 libras sensatamente empregadas no presente momento deixariam tudo absolutamente garantido. Mas Vavasor jurou a si mesmo que não se separaria de mais nenhum xelim. Ele nunca sentira tanto amor por dinheiro quanto por aquelas 500 libras que agora levava no bolso.

— Não adianta — ele contara a Mr. Scruby. — Eu fiz o que você me pediu, e teria feito mais se houvesse me pedido por mais na época. Do jeito que as coisas estão, eu não posso fazer outro pagamento antes da eleição.

Mr. Scruby deu de ombros e disse que faria o melhor que pudesse. George Vavasor, porém, logo descobriu que o homem não estava fazendo o melhor que podia — e que o homem, na verdade, havia abandonado sua causa. O taberneiro do “Belo Homem” zombou dele quando ele apareceu lá em busca de apoio.

— Caramba, Mr. Vavasor! — caçara o taberneiro do “Belo Homem”. — O *sinhô num* é de jeito nenhum o homem certo *pra* nós aqui do rio; *num* é. O *sinhô tá* é com medo de ficar doente de grana — esse é o tipo de homem que o *sinhô* é.

George colocou a mão sobre sua carteira e reconheceu para si mesmo que estivera com medo de ficar doente de grana.

Nos últimos cinco dias da disputa, George Vavasor entendeu que suas chances haviam acabado. A expressão facial de Mr. Scruby, seus maneirismos e palavras, revelaram o resultado da eleição tão claramente quanto quaisquer números subsequentes poderiam fazer. Ele se ausentava quando Vavasor ia visitá-lo, ou o recepcionista dizia que ele se ausentara. Ele respondia em poucas palavras, constantemente dando de ombros, e, até mesmo, retirava-se e deixava o ansioso candidato em meio a uma discussão sobre os planos dele. Era fácil ver que Mr. Scruby já não mais o considerava um homem de sucesso, e o dia da apuração mostrou muito claramente o quão correto Mr. Scruby estivera.

George Vavasor foi rejeitado, mas ainda tinha 500 libras no bolso. É claro que ele foi submetido àquela mortificação que um homem sente quando reflete que, com um certo investimento adicional, ele teria garantido seu objetivo. Se este seria o caso, ou não, quem poderia dizer? Mas ali estava ele, com a passagem entre os holofotes fechada na sua cara, o ex-membro do Parlamento pelos Distritos de Chelsea, com 500 libras no bolso, e pouco ou nada que pudesse chamar de seu. O que ele iria fazer consigo?

Depois de tentar se fazer ouvir nas tribunas quando foi rejeitado e de prometer que tentaria outra vez nas eleições seguintes, ele foi para casa nos alojamentos de Cecil Street, e tentou refletir calmamente sobre sua posição no mundo. Ele havia perdido sua herança. Ele havia abandonado uma profissão atrás da outra, e agora se encontrava

muito longe de ter outra chance nessa direção. A sua ambição o havia traído, e já não havia mais nenhuma esperança de atividade política para ele. George tinha afastado de si cada amigo que certa vez possuía. Ele, até mesmo, abandonara com violência a devoção de sua irmã. Ele roubara o dinheiro da moça que pretendera esposar, e a insultara de tal forma que nenhum sentimento de amizade entre eles seria mais possível. Ele não tinha mais nada agora, exceto a si mesmo e aquelas 500 libras que levava no bolso. O que ele deveria fazer consigo e com seu dinheiro? Ele ruminou sobre tudo isso com uma calma objetiva por um tempo, enquanto repousava em sua poltrona.

A partir do momento em que se convencera de que os resultados das eleições iriam contra si, e que estava, portanto, arruinado de todas as formas, George decidiu que ficaria calmo em meio à sua ruína. Às vezes, ele adotava um pequeno sorriso, como se estivesse rindo de sua própria situação. O dia da rejeição de Mr. Bott viera antes do dele, e George escrevera para Mr. Bott um bilhete de consolo debochado e de apoio fingido. Ele apertara as mãos de Mr. Scruby, e caçoara seu agente, pedindo que ele não se esquecesse de mandar sua faturinha em breve. Para todos que o abordavam, ele respondia num tom sorridente; e ele atazanara Calder Jones, cuja cadeira estava absolutamente garantida, até que Calder Jones começara a sentir receios que eram totalmente desnecessários. E agora, enquanto se sentava, pretendendo tomar uma decisão final sobre o que iria fazer, ele preservava a mesma tranquilidade. Ele sorria da mesma forma, ainda que não houvesse ninguém ali para vê-lo sorrir. Ele, inclusive, gargalhou audivelmente uma ou duas vezes, enquanto tentava, em vão, convencer-se de que encarava o mundo e tudo o que constava nele como uma bolha.

Chegou uma hora em que ele gargalhou muito audivelmente.

— Ha, ha! — ele riu em voz alta, erguendo-se da cadeira para caminhar pelo aposento, enquanto segurava uma grande faca abridora de cartas na mão. — Ha, ha!

Então, ele atirou a faca para longe de si, e enfiou as mãos nos bolsos das calças, rindo outra vez.

— Ha, ha!

Ele ficou parado no centro do aposento. Os risos eram claramente visíveis em seu rosto, caso alguém estivesse ali para vê-los.

Mas, subitamente, uma mudança em seu rosto se formou enquanto permanecia ali, completamente sozinho. Seus olhos ficaram ferozes, e a cicatriz que arruinava o seu semblante brilhou vermelha e medonha. Ele abriu um sorriso e cerrou seus punhos, que ainda estavam em seus bolsos.

— Maldito seja! — praguejou em voz alta. — Maldito seja agora e para sempre!

A sua tranquilidade desmoronou ao pensar naquele velho que se opusera a ele em vida, e que o arruinara com sua morte.

— Que todos os males que os mortos possam sentir o empestem eternamente!

Suas risadas haviam sumido completamente, e sua presumida tranquilidade o desertara. Enquanto caminhava pela sala, ele chocou o pé contra uma cadeira. Diante disto, pegou-a com suas mãos e a atirou para o outro lado da sala. Mas isso pouco fez para deter sua torrente de maldições. De que adiantava mentir para si mesmo com aquela tranquilidade fingida, ou com aquelas falsas gargalhadas? Ele parou de mentir para si mesmo, mas proferiu uma canção de desespero suficientemente sincera. O que ele deveria fazer? Para onde deveria ir? De qual fonte ele tentaria beber pequenos goles da água do conforto que poderiam sustentá-lo no presente momento? A não ser que um homem possua uma fonte desta para a qual possa se virar, o fardo da vida não pode ser suportado. Por ora, Vavasor tentou encontrar tal fonte numa garrafa de conhaque que se encontrava próxima a ele. Ele encheu meio copo, e depois, derramando um pouco de água nele, engoliu-o avidamente.

— Maldição! — ele disse. — Creio que seja o melhor que um homem possa fazer.

Mas para onde ele iria? Quem procuraria? Ele se aproximou de uma mesa alta que ficava num canto da sala, abriu-a, retirou um revólver, e, por algum tempo, carregou-o na mão. Ele virou a arma, estudou-a e testou a trava, apertando o gatilho sem carregá-la, para ver o tambor girar graciosamente.

— É um ato desprezível — ele falou, e então abaixou o revólver outra vez. — Mas se vou fazer isso, usá-lo-ei antes para outro propósito.

Então, derramou mais conhaque com água para si e, após beber, jogou-se no sofá, parecendo cair no sono.

Mas ele não dormiu e, pouco depois, uma única batida leve foi ouvida à porta, que ele respondeu imediatamente; mas Vavasor não a respondeu da forma habitual que se usa para convidar uma pessoa a entrar.

— Quem está aí? — ele vociferou. Então, a visitante tentou entrar, girando a maçaneta da porta. Mas a porta fora trancada, e a chave estava ao lado de Vavasor. — Quem está aí? — ele repetiu, falando alto e num tom irritado.

— Sou eu — respondeu uma voz feminina.

— Maldição! — xingou George Vavasor.

A mulher o escutou, mas não deu nenhum sinal de que o ouvira; apenas continuou onde estava até que algo mais fosse feito pelo lado de dentro. Ela conhecia bem o homem, e sabia que deveria respeitar o

tempo dele. Ela era muito paciente – e, por ora, submissa, embora fosse possível que essa submissão estivesse chegando ao fim. Ao ouvir a voz dela e entender quem estava ali, Vavasor se jogou novamente no sofá. Ali, um ou dois clarões sobre o futuro de sua carreira passaram por sua mente – além de uma nova reflexão sobre a arma, que continuava deitada sobre a mesa. Por que ele deveria deixar a intrusa entrar, e se submeter ao aborrecimento de um encontro desagradável, se o fim de todas as coisas estava chegando para poupá-lo de tais irritações? Ali, ele permaneceu por uns dez minutos, pensando, e então, a leve e única batida na porta foi escutada outra vez. Ele se pôs de pé num pulo e os seus olhos se encheram de fogo. Ele sabia que seria inútil pedir que ela fosse embora e o deixasse em paz. Ela era capaz de ficar sentada ali por toda a noite. Será que ele deveria abrir a porta e estrangulá-la; passar por ela com o revólver em mãos em direção ao outro acerto de contas que desejava realizar, para nunca mais voltar?

Ele deu uma volta pelo quarto, e depois foi gentilmente até a porta, e a destrancou. Ele não abriu a porta e tampouco convidou a visitante para entrar, mas, após ter facilitado a vida dela caso resolvesse entrar, ele voltou para o sofá e se jogou sobre ele novamente. Enquanto o fazia, passou a mão na mesa para pegar o revólver e levá-lo para o local onde pretendia repousar. Ela fez uma breve pausa após escutar o som da chave, e então adentrou o aposento. A princípio, ele não falou com ela. Ela fechou a porta muito gentilmente, e depois de olhar em volta, foi até o pé do sofá. Ela parou por um instante, esperando que ele a cumprimentasse, mas, como ele não disse nada e só a encarou, ela foi a primeira a falar.

— George — ela começou. — O que é que eu vou fazer?

Ela era uma mulher de uns 30 anos de idade, malvestida com trapos velhos, que conservavam, porém, alguma decência e traços de embelezamento feminino. Havia flores no chapéu sobre a sua cabeça, embora ele estivesse claramente desgastado pelo tempo, o que é tão angustiante para o chapéu quanto para as mulheres, e as próprias flores estavam amassadas e desbotadas. Cachos negros povoavam suas bochechas, caindo para além de seu rosto, e eram penteados para frente, de modo a esconder um certo grau de concavidade da sua mandíbula. Os seus olhos possuíam um brilho peculiar, mas agora não deixavam nenhuma impressão especial quanto à sua cor para aqueles que a notassem rapidamente. Eles haviam sido azuis – de um tom escuro e azuladamente violeta, que é tão raro, mas às vezes tão encantador. A sua testa era estreita, sua boca era pequena e seus lábios eram finos; mas o nariz tinha um desenho perfeito, e, graças à delicadeza do seu formato, concedera uma graça peculiar à sua face na época em que as coisas iam bem para ela, quando suas bochechas

estavam repletas de juventude e saúde, decoradas com covinhas pela suavidade do amor e da alegria. Não se viam mais covinhas nelas agora, e toda a suavidade que restara era aquela que a tristeza e a contínua melancolia lançam a uma mulher sofrida. Em seus ombros, ela usava um xale leve, que estava amarrado ao seu peito com um grande broche afivelado. Seu vestido desbotado era amparado por uma extensa crinolina, mas o traje interno perdera toda a graça da sua antiga forma, e agora contava a história da pobreza daquela mulher, e de seu gosto por vestidos, que pode ser lido pela maneira externa de se vestir de tantas filhas de Eva. A história completa era contada, de modo que, aqueles que corresse, poderiam lê-la. Quando havia saído de casa naquela tarde, ela se esforçara para se vestir na intenção de que um pouco do charme do traje pudesse lhe contagiar; mas ela compreendera seu fracasso a cada aperto que dava em seu vestido, e em cada movimento brusco que usava para arrumar o seu xale. Ela se desesperou a cada empurrão que dava em suas velhas flores, lutando, em vão, para deixá-las como um dia foram; porém, apesar de tudo, ela persistiu. Com um cuidado longo e entediante, ela remendara as velhas luvas que dificilmente protegeriam seus dedos. Ela cuidadosamente escondera os rasgões abaixo das mangas. Ela lavara o seu pequeno colarinho enrugado e o alisara penosamente. Uma tristeza separada a colocou frente à falta de adornos para pôr ao redor dos punhos – mas, apesar de tudo, ela sabia que nenhum adorno a serviria. Nada serviria para ela agora. Ela não esperava nada da vista que faria; mesmo assim, prosseguira ansiosamente, e teria esperado a noite inteira caso o acesso ao quarto dele lhe houvesse sido negado.

— George — ela começou, parada ao pé do sofá. — O que é que eu vou fazer?

Deitado ali, com o rosto virado para ela, que estava de costas para as janelas, ele conseguiu vê-la muito claramente. Viu e apreciou os pequenos esforços que ela tinha feito para dar à aparência alguma reminiscência de sua antiga pessoa. Ele viu a vulgaridade brilhante de seus longos cachos que certa vez haviam sido mais suaves do que seda. Ele viu o broche de meio xelim em seu peito onde, certa vez, pusera uma joia – um preço que agora lhe seria importante. Ele viu tudo, e ficou ali por um tempo, estudando-a silenciosamente.

— Não me faça ficar aqui sem me falar uma palavra — ela pediu.

— Eu não quero que você fique aí — ele respondeu.

— Tudo bem, George. Eu sei que você não me deseja aqui. Eu sei que não deseja me ver nunca mais.

— Nunca.

— Sei disso. É claro que sei disso. Mas o que é que vou fazer? Para onde irei em busca de dinheiro? Nem mesmo você iria querer que eu morresse de fome, não é?

— Isso é verdade também. Eu certamente não desejo isso. Eu adoraria escutar que você conseguiu muito para comer e muito para beber, e várias roupas para usar. Acredito que seja com isso que você mais se importa, afinal.

— Foi apenas por você... Porque você gostava.

— Bom... Eu gostava; mas isso chegou ao fim, assim como todos os meus outros gostos. Sabe muito bem que não posso fazer mais nada por você. Que bem conquista para si ao vir aqui me perturbar? Não lhe disse várias vezes que não deveria vir me procurar? Acha provável que eu lhe dê dinheiro agora, só porque me desobedeceu?

— Onde mais eu o encontraria?

— E por que acha que deveria me procurar? Eu não desejo que você me ache. Eu não vou lhe dar nada; nem uma moeda. Sabe muito bem que já passamos por isso. Quando eu lhe arranjei um emprego, falei que não nos veríamos mais.

— Emprego?! — ela exclamou. — Nunca consegui ganhar nada naquela loja, nem para alimentar um pássaro.

— Isso não é culpa minha. Colocá-la lá me custou mais de 100 libras e você concordou em ficar com o lugar.

— Não concordei. Fui obrigada a ficar lá porque você me tirou a minha outra casa.

— Como queira, minha querida. Isso foi tudo o que pude fazer por você. O que é mais do que teria feito a maioria dos homens, levando-se tudo em consideração.

Então, ele se levantou do sofá e foi se postar sobre o carpete da lareira, de costas para o fogo.

— Em todo caso, tenha certeza de uma coisa, Jane, não farei mais nada. Você veio aqui me atormentar, mas não conseguirá nada com isso.

— Eu vim aqui porque estou faminta.

— Eu não tenho nada para você. Agora vá — ele mandou, apontando para a porta.

Apesar de tudo, por mais de três anos de sua vida, aquela mulher fora sua companheira mais próxima, sua amiga mais querida, o ser com que ele estava mais acostumado. Ele a amara, de acordo com o seu entendimento do amor, e ela certamente o amara.

— Vá — ele repetiu a palavra iradamente. — Faça o que mandei, ou será pior para você.

— Pode me dar uma libra de ouro?

— Não. Eu não vou dar nada. Eu não queria que você viesse, e não vou pagar pela sua visita.

— Então, eu não vou — teimou a moça, sentando-se na cadeira ao pé da mesa. — Não irei até que me dê algo para comprar comida. Você pode me escorraçar do seu quarto se puder; eu me postarei à

porta das escadas. E se me tirar da casa, sentar-me-ei na soleira.

— Se jogar esse jogo, minha pobre garota, a polícia vai levá-la.

— Que leve. Eu cheguei ao ponto em que não me importo com nada. Não irei até que me dê dinheiro, até que eu seja enxotada.

E por isso ela se vestira com tanto esmero, remendando as luvas; consertando seus pequenos fragmentos de enfeites! Ele a seguiu observando, com as mãos enfiadas fundo nos bolsos – observando-a e pensando na melhor saída para se livrar da presença dela. Se ele decidisse seriamente fazer aquela breve jornada final da qual já falamos, com o revólver em mãos, por que não deveria ir e deixá-la ali? Ou, por falar nisso, por que não deveria fazer dela a herdeira das sobras de suas riquezas? O que ele ainda tinha era suficiente para colocá-la no Sétimo Céu da Terra. Ele se importava pouco com ela, e naquele momento, estava irritado com a moça; mas não havia ninguém mais com quem ele se importasse, e nenhum amigo com quem estivesse menos irritado. Entretanto, sua mente ainda não estava totalmente convencida daquela jornada final e, portanto, ele desejou livrar seu quarto e a si mesmo do incômodo da presença dela.

— Jane — ele falou, encarando-a novamente com aquela tranquilidade presumida da qual já falei. — Você fala sobre morrer de fome e ficar arruinada...

— Eu estou faminta. Eu não tenho um xelim no mundo.

— Talvez lhe seja um conforto em suas dificuldades saber que eu, em todo o caso, estou tão mal quanto você? Não direi que estou faminto, porque posso conseguir comida para comer quando eu quiser; mas estou completamente arruinado. A minha propriedade – que deveria ter sido minha – foi tirada de mim. Eu perdi aquela cadeira idiota no Parlamento pela qual tanto paguei. Todos os meus parentes viraram as costas para mim...

— Você não vai se casar? — ela indagou, erguendo-se rapidamente da sua cadeira para se aproximar dele.

— Casar-me?! Não... Mas vou estourar meus miolos. Olhe para aquele revólver, minha garota. É claro que você não pensa que estou falando sério... mas eu estou.

Ela olhou para o rosto dele, tristemente.

— Oh! George — ela lamentou. — Você não faria isso!



— Mas é o que eu farei. Não me sobrou mais nada a fazer. Você fala comigo sobre morrer de fome. Eu lhe digo que não faria objeção a morrer de fome e ter o meu fim desta maneira. Não é tão ruim quanto outros jeitos quando a morte vem gradualmente. Você e eu, Jane, não jogamos muito bem nossas cartas. Apostamos tudo o que tínhamos, e fomos vencidos. Não adianta chorar pelo que foi perdido. É melhor irmos a outro lugar e começarmos um jogo novo.

— Para onde iremos? — ela indagou.

— Ah! Isso é exatamente o que não posso lhe contar.

— George — ela disse. — Irei a qualquer lugar com você. Se o que disse é verdade, se você não vai mais se casar e se me permitir ficar ao seu lado, eu trabalharei para você como uma escrava. Juro que vou. Eu sei que minha aparência é pobre agora...

— Minha garota, para onde estou indo, não precisarei de escravos; e quanto à sua aparência... Quando você chegar lá também, ela não importará, até onde posso julgar.

— Mas, George, para onde você vai?

— Para onde quer que as pessoas sigam quando os seus miolos são estourados; ou melhor, quando estouram os seus miolos, se isso faz alguma diferença.

— George — ela choramingou, aproximando-se dele e o segurando pela frente do casaco, o que ele, naquele momento, permitiu. — George, está me apavorando. Não faça isso. Diga que não fará isso!

— Mas estou exatamente dizendo que farei.

— Você não tem medo da ira de Deus? Você e eu fomos muito perversos.

— Eu fui, minha pobre garota. Não sei muito sobre sua perversidade. Eu fui como a Topsy^[109] – na realidade, sou uma espécie de Topsy número dois. Mas do que adianta chorar quando tudo está acabado?

— Não está acabado; não está acabado, ao menos não para você.

— Quisera eu saber recomeçar. Mas tudo isso é bobagem, Jane, e você precisa ir.

— Você precisa me dizer antes que não vai... se matar.

— Não acho que farei isso esta noite – ou, talvez, amanhã. Muito provavelmente me darei uma semana, de modo que você ficar aqui não fará nenhum bem. Eu meramente queria que compreendesse que você não é a única pessoa que está sofrendo.

— E você não vai se casar?

— Não, eu certamente não irei me casar.

— E eu devo ir agora?

— Sim, penso que seja melhor você ir.

Então, ela se levantou e se retirou, e ele a deixou sair da sala sem lhe dar um xelim! O seu tom descontraído, ao falar de sua própria situação, conquistara-lhe êxito. Ele fizera com que ela partisse sem arruaça. Ela conhecia o bastante de seus maneirismos habituais para saber que suas ameaças de autodestruição provavelmente eram irreais. Apesar disso, o que ele falara criou uma sensação no coração dela que a induziu a ceder e partir em paz.

CAPÍTULO 72

MOSTRANDO COMO GEORGE VAVASOR FEZ UMA VISITA

Eram quase sete horas da noite – de uma quente noite de julho – quando a mulher saiu dos alojamentos de Vavator, e o deixou sozinho. Era necessário que ele fizesse alguma coisa imediatamente. Em primeiro lugar, precisava jantar, a não ser que pretendesse levar adiante sua ameaça de atirar em si mesmo de uma vez. Mas ele não tinha nenhuma intenção assim, ainda que houvesse passado alguns minutos com a arma nas mãos. Naquela hora, ele estava pensando em atirar em outra pessoa, mas decidiu que, se fosse fazer isso, não seria naquela noite, e, assim, foi trancar o revólver novamente em sua escrivaninha. Depois disso, ele apanhou alguns papéis, referentes a pacotes a vapor, que jaziam sobre sua mesa. Eles continham os planos de diferentes companhias, e mostravam como uma embarcação partia para Nova York num dia, e outra seguia noutro dia para levar um grupo de emigrantes para a Nova Zelândia e Austrália.

— É um bom percurso — ele concluiu, ao ler um certo folheto. — Eles geralmente vão até o fundo, e salvam um homem de qualquer problema extra que tenha causado.

Então, ele se vestiu, calçando as botas e pondo o casaco, e foi ao clube para jantar.

Londres ainda estava razoavelmente cheia – ou melhor, West End não estava deserta, embora o Parlamento tivesse encerrado as suas atividades dois meses antes do habitual, em preparação para as novas eleições. Muitos homens que haviam partido para o interior, agora tinham voltado à cidade, e a sala de jantar do clube estava lotada. Os homens se aproximaram dele para dar suas condolências, afirmando que ele havia se livrado de um grande aborrecimento; que os membros atuais dos Distritos de Chelsea não ficariam em seus lugares por muito tempo; ou que logo haveria novas eleições gerais em um ou dois anos. Para todos esses pequenos discursos, ele deu respostas animadas, e sua atitude fez seus conhecidos declararem que ele havia digerido bem a decepção. Calder Jones foi até ele e conversou sobre caçar, e Vavator expressou a intenção de aparecer em Roebury em novembro.

— É melhor se juntar ao nosso clube — aconselhou Calder Jones.

Em resposta, Vavator falou que estava pensando em se juntar ao clube. Ele seguiu na sala de fumantes até quase 11 horas; então, levou-se para casa e ficou acordado durante metade da noite destruindo papéis. Cada documento escrito em que conseguia pôr as mãos ele destruíra. Todos os cacifos de sua escrivaninha foram esvaziados, e os seus conteúdos atirados às chamas. A princípio, estudava os papéis antes de queimá-los, mas a tarefa logo o cansou e ele condenou todos,

conforme os pegava, sem examiná-los. Depois, selecionou uma considerável quantidade de roupas e arrumou duas grandes malas de couro, dobrando seus casacos com cuidado, e inspecionando suas botas rigorosamente, de modo a analisar qual delas, dos numerosos pares diante dele, valeriam a pena levar. Quando isto foi concluído, ele tirou da escrivaninha um saco de libras de ouro. Depois de entorná-lo sobre o móvel, separou-as em porções de 25 para as embrulhar com cuidado em rolinhos de papéis. Ao terminar, ele dividiu os rolinhos entre as duas malas de couro, a bolsa de objetos pessoais e de higiene que havia arrumado, e a maleta de viagem, que enchera com papéis, material de escrita e coisas do tipo. Nesta, todavia, ele não colocou nenhum documento escrito. Cuidadosamente examinou suas toalhas; e qualquer coisa que carregasse mais do que suas iniciais ele descartava. Depois, retirou um maço de cartões impressos e os guardou num estojo. Nestes cartões estava inscrito o nome de Gregory Vance. Quando tudo foi encerrado, ele ficou por um tempo de costas para a lareira contemplando o seu trabalho. “Afimal de contas”, ele pensou consigo, “sei que jamais vou partir; e se eu partir, ninguém poderá me impedir, e o meu próprio nome servirá tão bem quanto qualquer outro. E quanto a um homem com um rosto como o meu não ser reconhecido, isso está fora de questão”. Porém, apesar disso, ele gostou dos arranjos que havia feito e depois de admirá-los por um tempo foi para a cama.

Ele acordou cedo na manhã seguinte e tomou um pouco do café trazido pela criada da casa; enquanto o bebia, foi ter uma conversa com a dona dos alojamentos. Ele estava de partida, ele contou, naquele mesmo dia. Era possível que mudasse de ideia, porém, como desejava partir sem atraso, pagaria a ela o que devia com uma semana de antecedência. A mulher o encarou, fez uma vênia e pegou o dinheiro. Ainda que ultimamente estivesse precisando de muito dinheiro, Vavasor nunca fora tolo de contrair dívidas onde morava.

— Eu deixarei algumas coisas aqui, Mrs. Bunsby — ele disse. — E confio que as guardará para mim até que eu venha pegá-las ou mande alguém as pegar.

Mrs. Bunsby garantiu que as guardaria, e deu uma última olhada nele. Após aquela reunião, ela nunca mais o viu.

Quando foi deixado a sós, vestiu um casaco matinal surrado. Após pegar o revólver, ele o depositou cuidadosamente no bolso e seguiu em frente. Estava suficientemente claro que ele tinha algum plano decidido na cabeça, pois se virou rapidamente em direção a West após alcançar a Strand, e cruzou Trafalgar Square até Pall Mall East, surgindo em Suffolk Street. Assim que se aproximou do clube na esquina, ele parou e olhou para trás, mirando um lado primeiro e depois o outro. “A probabilidade é que eu nunca mais o veja outra

vez”, ele disse para si mesmo. Então, gargalhou em seu próprio jeito silencioso, balançou a cabeça levemente, e rapidamente girou outra vez sobre os calcanhares, subindo a rua até chegar à casa de Mr. Jones, o alfaiate pugilístico. Os leitores, certamente, já se esqueceram de tudo o que sabiam sobre Mr. Jones, o alfaiate pugilístico. Tudo isso será contada de novo em breve. Na casa de Mr. Jones, John Grey se alojava quando estava em Londres e, neste momento, ele estava em Londres.

Vavator tocou a campainha, e assim que a criada surgiu, ele entrou rapidamente na casa e passou por ela pelo corredor.

— Mr. Grey está em casa — ele falou. — Eu subirei para vê-lo.

A moça confirmou que Mr. Grey estava em casa, mas sugeriu que seria melhor se ela anunciasse o cavalheiro, mas Vavator já estava na metade das escadas; e antes que a aia pudesse alcançar o primeiro patamar, ele já havia adentrado o alojamento de Mr. Grey e fechado a porta atrás de si.

Grey estava sentado de roupão próximo à janela aberta, lendo. Os itens do café da manhã jaziam sobre a mesa, mas ele ainda não havia comido. Assim que avistou George Vavator, ele se levantou de sua cadeira rapidamente e largou o livro.

— Mr. Vavator — ele disse. — Eu dificilmente teria esperado ver o senhor novamente em meus alojamentos!

— Ouso dizer que não — respondeu Vavator. — Mas, apesar de tudo, cá estou.

Ele manteve a mão direita enfiada no bolso que guardava o revólver, e a esquerda firme debaixo do seu colete.

— Posso perguntar por que o senhor veio? — questionou Grey.

— Eu pretendia contar, de qualquer forma, mesmo que não me perguntasse. Vim para falar na sua frente, já que criei o hábito de fazê-lo ocasionalmente pelas suas costas, que o senhor é um canalha. Eu vim para cuspir na sua cara e para desafiá-lo.

Enquanto falava isso, ele reagiu de acordo com suas palavras, mas sem qualquer resultado sério.

— Vim até aqui para ver se o senhor é homem o bastante para ressentir qualquer insulto que eu possa lhe oferecer; mas duvido que seja.

— Nada que o senhor possa falar a mim, Mr. Vavator, terá qualquer efeito, exceto, é claro, aporrinhar-me.

— Pretendo aporrinhar também, antes de acabar com o senhor. Vai lutar comigo?

— Entrar em um duelo com o senhor... com revólveres? Certamente que não.

— Então o senhor é um covarde, como imaginei.

— Eu seria um tolo se fizesse uma coisa dessas.

— Escute bem, Mr. Grey, o senhor conseguiu se arrastar como um verme até um relacionamento com minha prima, Miss Vavasor, e noivar-se com ela. Quando descobriu o tipo de homem que o senhor era, insignificante, desprezível e vil, ela mudou de ideia e o mandou ir embora.

— O senhor está aqui a pedido dela?

— Eu estou aqui como representante dela.

— Automeado, penso eu.

— Pensou errado, então. No presente momento, eu sou o noivo dela, mas descobro que, apesar de tudo o que ela lhe disse, o que bastaria, eu imaginaria, para manter qualquer homem insistente longe de sua presença, o senhor ainda a persegue ao frequentar a casa dela e ao forçar sua presença diante dela. Agora, eu lhe dou duas alternativas. Ou me dá sua promessa escrita de que nunca mais se aproximará dela, ou terá de duelar comigo.

— Eu não farei nem uma coisa, nem outra; como o senhor sabe muito bem.

— Fique em silêncio até eu terminar, senhor. Se tem coragem suficiente para lutar comigo, encontrá-lo-ei em qualquer país. Duelarei com o senhor aqui em Londres, ou, se estiver com medo disso, irei até a França, ou até a América, se melhor lhe convier.

— Nada disso me convém. Eu não quero ter nada a ver com o senhor.

— Então, o senhor é um covarde.

— Talvez eu seja; mas o senhor dizer isso não me transformará em um.

— O senhor é um covarde, um mentiroso e um canalha. Eu lhe dei a escolha de se comportar como um cavalheiro, e o senhor a recusou. Agora, escute bem. Eu vim até aqui armado, e não pretendo sair deste quarto sem usar a arma, a não ser que prometa que me dará o duelo que propus.

Dizendo isto, ele retirou o revólver do bolso.

— Está dizendo que vai me assassinar? — Grey perguntou.

Existiam duas janelas no quarto, e ele estivera sentado próximo àquela que ficava mais longe da lareira, e, conseqüentemente, mais longe do sino. O seu visitante, por outro lado, estava agora parado imediatamente entre ele e a porta. Ele precisava pensar em quais passos seria melhor tomar, e agir instantaneamente após se decidir. Grey não era, de modo algum, um homem tímido; era, ademais, pouco propenso a crer em ações extravagantes. Ele não pensou, mesmo agora, que aquele homem decepcionado e arruinado havia ido até lá com a intenção de matá-lo. Mas Grey sabia que um revólver nas mãos de um homem furioso é perigoso e que lhe competia fazer o melhor para se livrar do estorvo que o incomodava.

— Está dizendo que vai me assassinar? — ele havia perguntado.

— Estou dizendo que o senhor não sairá deste quarto vivo, a não ser que jure que vai me encontrar e duelar comigo.

Ao ouvir isso, Grey se virou em direção ao sino.

— Se der um passo, vou atirar no senhor — avisou Vavasor.

Grey parou por um momento, e o encarou diretamente no rosto.

— Eu vou atirar — avisou Vavasor novamente.

— Isso seria assassinato — falou Grey.

— Não pense que me assustará com palavras feias — rebateu Vavasor. — Já estou além dessas coisas.

Grey havia parado por um momento para fixar os olhos no rosto do outro homem; mas apenas por um instante; em seguida, correu para o sino. Ele vira que o revólver estava apontado para si, e, a princípio, pensara em cruzar o aposento para enfrentar seu adversário, calculando que, se fizesse isso, um tiro disparado contra ele não o acertaria e que teria uma chance razoável de desarmar o maluco. Mas o seu principal objetivo era evitar qualquer conflito físico, escapar da indignidade de lutar por um revólver – e, sobretudo, escapar da necessidade de um consequente comparecimento a alguma delegacia onde teria de se justificar, e responder às perguntas de um advogado contratado para interrogá-lo. Ele correu, portanto, em direção ao sino, confiando que Vavasor não dispararia, mas preservando alguma noção do perigo do momento. Poderia ser que tudo acabasse para ele agora – que a hora fatal tivesse chegado, e que a eternidade estivesse próxima dele. Uma espécie de vontade de orar cruzou sua mente numa centelha enquanto se movia. Então, ele ouviu o clique do cão do revólver, que foi impelido, e percebeu que sua visão ficou ofuscada, embora não houvesse visto nenhum clarão. Ele sentiu algo mover o ar e compreendeu que o revólver havia disparado –, mas não sabia se tinha sido alvejado ou se escapara do tiro. A sua mão estava sobre o cabo do sino, e ele o sacudiu antes de se certificar de que estava a salvo.

— Maldição! — exclamou o assassino.

Mas ele não puxou o gatilho de novo. Embora a arma estivesse tão constantemente em suas mãos nos últimos tempos, ele havia se esquecido, na confusão do momento, que errar uma vez não representava um grande problema se estava decidido a dar prosseguimento ao seu propósito. Por acaso, não havia outros cinco projéteis para ele, cada um de prontidão após o disparo do outro? Mas ele parou, esquecendo-se, no caos, a utilidade da sua arma, e antes que pudesse se lembrar de que o homem continuava em seu poder, ouviu o som do sino.

— Maldição! — ele exclamou. Depois, virou-se, saiu do quarto, desceu as escadas apressadamente, e correu pelas ruas, passando,

novamente, pela criada no percurso.

Quando percebeu que seu inimigo havia fugido, Grey se virou para procurar a bala ou a marca dela. Ele logo achou um pequeno furo nas venezianas da janela. Investigando-o com a ponta do lápis, descobriu fragmentos de chumbo que poderiam estar muito bem dentro do seu próprio cérebro agora. Por ora, ele os deixou ali; então, fez alguns cálculos nada imprecisos quanto à estreiteza da sua própria escapada. Ele estivera entre Vavator e as venezianas, e notou, pela altura do furo, que o tiro devia ter passado perto da sua orelha. Ele se recordou de ter ouvido o clique do cão, mas não conseguia se lembrar do ruído do disparo, e quando a garota adentrou o quarto, ele percebeu imediatamente, pelo semblante dela, que ela não fazia ideia de que uma arma de fogo havia sido usada ali.

— O cavalheiro já deixou a casa? — Grey perguntou. A garota disse que ele havia deixado a casa. — Não permita mais que ele entre — ele pediu. — Isto é, se puder evitar. Creio que ele não esteja com o juízo perfeito.

Ele, então, perguntou por Mr. Jones, seu senhorio, e dentro de poucos minutos, o alfaiate pugilístico estava em sua presença.

Naqueles poucos minutos, ele precisou decidir o que faria. Será que deveria colocar a polícia imediatamente no encalço do assassino que era, como ele bem lembrava, primo em primeiro grau da mulher com quem ainda desejava se casar? O interrogatório pelo qual ele teria de passar na delegacia, e provavelmente outra vez num tribunal penal, onde todos os seus relacionamentos com a família Vavator seriam revelados ao público, surgia bastante vívido em sua imaginação. Que estava sendo chamado pelo dever de fazer alguma coisa, ele estava quase certo. O homem que fora autorizado a cometer tal tentativa uma vez, saindo impune, poderia, provavelmente, repeti-la. Mas ele decidiu que não precisava falar nada por enquanto ao alfaiate pugilístico sobre a arma, a não ser que o alfaiate lhe dissesse alguma coisa.

— Mr. Jones — ele disse. — O homem que eu precisei enxotar dos meus aposentos naquele dia esteve aqui outra vez.

— Houve outra alteração, senhor?

— Não, nada do tipo. Mas devemos tomar algumas precauções para evitar que ele retorne, se for possível.

Jones prometeu o seu auxílio, e se ofereceu para ir imediatamente à polícia. A isto, Mr. Grey objetou, dizendo que ele mesmo procuraria a assistência de algum magistrado. Jones prometeu ficar bastante vigilante quanto à porta; e então, John Grey se sentou para tomar o café da manhã. É claro que ele pensou muito no que havia acontecido. Era impossível não pensar muito em uma salvação que ocorrera por um triz. Ele provavelmente estivera tão perto da

morte quanto um homem pode estar sem receber qualquer ferimento; e quanto mais pensava nisso, mais se convencia com firmeza de que não poderia deixar a coisa passar sem alguma atitude ou precaução ser tomada visando ao futuro.

Às 11 horas, ele foi à Scotland Yard, e foi ter com algum oficial com grande poder sobre os policiais e lhe contou tudo sobre as circunstâncias – confidencialmente. O poderoso oficial recomendou um testemunho igualmente confidencial a um magistrado; e, ao longo da noite, um policial à paisana muito confidencial foi prestar uma visita aos alojamentos de Vavasor em Cecil Street. Vavasor, todavia, já não morava mais ali. Mrs. Bunsby, que também era uma pessoa bastante confidencial – e agoniada por não poder saber por qual motivo especial o estranho estava ali – disse que George Vavasor deixara a casa num cabriolé às dez da manhã, levando consigo a bagagem que havia feito, e partido “de vez, ela receava”, Mrs. Bunsby expressara.

Vavasor havia partido de vez, e na hora em que o policial fazia seu interrogatório em Cecil Street, ele se encontrava debruçado sobre um dos lados de um navio americano, que começava a soltar seu vapor e levantava âncora no rio Mersey. Ele embarcou às seis horas e apenas no dia seguinte o taxista que o havia levado até a Estação de Euston Square foi rastreado. É claro que logo se descobriu que ele havia partido para a América, mas foi debatido que tomar qualquer passo na intenção de prendê-lo não valeria a pena. O próprio Mr. Grey ficou decididamente adverso a qualquer tentativa dessas, expondo a sua opinião de que sua própria evidência seria insuficiente para conquistar uma condenação. Os grandes homens da Scotland Yard ficaram relutantes em deixar o assunto para lá. Suas bocas salivavam depois do ocorrido, e eles realizaram entrevistas numerosas e muito confidenciais com John Grey. Ficou decidido, porém, que nada seria feito.

— Que pena! — lamentara um motivado superintendente, em resposta às condolências de um parceiro superintendente.

— “Pena” não chega perto. Esta é a maior vergonha que já vi desde que me juntei à força. Um homem que foi membro do Parlamento há tão pouco tempo, na última sessão; que pertencia a um sem-fim de clubes elegantes; um cavalheiro tão conhecido em Londres quanto qualquer outro cavalheiro da cidade! Eu o teria trazido de volta em três meses, tão certo quanto o meu nome é Walker.

E aquele superintendente sentiu que sua profissão e país haviam sido similarmente desgraçados.

E agora, George Vavasor desaparece de nossas páginas, e de seu destino ninguém mais saberá. Roebury nunca mais o viu, nem Pall Mall ou os Distritos de Chelsea. O seu sumiço foi um mistério sobre o

qual o povo logo perdeu o interesse, mas o mundo lá fora nada soube sobre as circunstâncias da tentativa de assassinato em Suffolk Street. O próprio Mr. Grey não contou a história para ninguém, até contá-la a Mr. Palliser em Lucerna. Mr. Scruby se queixou amargamente pelo modo como Vavasor o roubara; mas eu duvido que Scruby houvesse realmente perdido muito na transação. Para Kate, que ainda estava em Westmoreland, nenhuma notícia sobre o seu irmão chegou, e a sua estada em Londres com a tia quase chegara ao fim antes que soubesse que ele havia partido. Ainda assim, os rumores a alcançaram via capitão Bellfield, e ela descobriu os poucos fatos que ele descobrira graças a Mrs. Bunsby, em Cecil Street.

— Ele sempre foi misterioso — opinou Mrs. Greenow. — E agora, sumiu. Odeio mistérios, e, quanto a mim mesma, penso que será bem melhor se ele não voltar de novo.

Talvez Kate compartilhasse da mesma opinião, mas, se fosse este o caso, ela guardou a informação para si mesma.

CAPÍTULO 73

NOTÍCIAS DE GRANDE VALOR CHEGAM A TODOS OS PALLISERS

Somente quando já estavam juntos em Lucerna a um ou dois dias, Mr. Grey contou a Mr. Palliser o relato da visita que recebera de George Vavasor em Suffolk Street. Tendo começado a narrativa de sua conexão com Alice, ele se sentiu obrigado a ir até o final, e, enquanto descrevia o modo como o homem desaparecera da vista de todos aqueles que o tinham conhecido – que ele havia partido de verdade, de modo a deixar de ser uma causa de preocupação –, entendeu que não conseguiria omitir o que ocorrera na última cena sem recorrer à dissimulação.

— E ele tentou assassiná-lo! — espantou-se Mr. Palliser. — Ele deveria ser preso e... E... — Mr. Palliser hesitou, preferindo não se atrever a dizer que o primo em primeiro grau da dama que agora vivia com ele deveria ser enforcado.

— É melhor assim — avaliou Grey.

— Ele realmente adentrou os seus alojamentos em plena luz do dia e disparou um revólver contra o senhor enquanto estava sentado para tomar café da manhã?! Ele fez isso em Londres, e depois fugiu para outro país, como se não tivesse nada a temer?!

— Foi isso o que aconteceu — confirmou Grey.

Mr. Palliser começou a acreditar que algo deveria ser feito para deixar a vida mais segura na metrópole do mundo. Se não tivesse conhecido Mr. Grey, ou se acostumado a encontrar o outro homem no Parlamento, não teria pensado tanto a respeito. Mas foi quase demais para ele parar para refletir que o homem a quem agora chamava de amigo, quase fora assassinado à luz do dia no coração de sua própria vizinhança em Londres, por outro homem que fora considerado um de seus apoiadores no Parlamento.

— E ele pegou seu dinheiro também! — protestou Palliser, juntando todas as peças do caso. Em resposta a isto, Mr. Grey disse que torcia para que, futuramente, a perda fosse só dele, mas que estava obrigado a considerar o dinheiro que havia sido levado parte da fortuna de Miss Vavasor.

— Ele é simplesmente o maior patife que já conheci na vida — falou Mr. Palliser. — É incrível que Miss Vavasor tenha se levado a... a gostar dele.

Nisto, Mr. Grey se desculpou em nome de Alice, explicando que o amor dela pelo primo era oriundo de tempos passados; que aquele mesmo homem era inteligente e capaz de se comportar agradavelmente, e que não fora totalmente mau até a ruína o acometer.

— Ele tentou vencer na vida pública e o fracasso o deixou miserável, como acontece com a maioria dos homens que fazem essa tentativa — analisou Grey.

Esta era uma afirmação que Mr. Palliser não poderia ignorar. Neste ponto, os dois homens se afastaram de George Vavasor e de seus próprios interesses individuais, e continuaram a discutir seriamente os méritos e deméritos da vida pública.

— No fim das contas, os homens públicos da Inglaterra deveriam ser ricos como o senhor — Grey disse, por fim. — E não pobres como aquele patife arruinado, que agora perdeu tudo que o Destino lhe concedeu.

Eles continuaram a viver em Lucerna dessa forma por uma quinzena. Embora não fosse raro vê-lo junto de Alice, ele não fez seu pedido em palavras diretas; mas continuou a viver com ela em condições amistosas e tranquilas. Ele contou a ela que seu primo havia partido da Inglaterra — que havia ido para a América imediatamente após a decepção de perder o seu lugar no Parlamento, e que provavelmente não retornaria.

— Pobre George! — Alice observara. — Ele é um homem digno de muita pena.

— É um homem digno de muita pena — Grey concordara.

Depois disso, nada mais foi dito entre eles sobre George Vavasor. Por lady Glencora, Alice ouviu alguns rumores, mas a própria lady Glencora não havia escutado toda a história.

— Eu acredito que ele tenha se portado mal, querida — lady Glencora opinou. — De qualquer modo, ele sempre faz isso, você sabe. Acho que ele viu Mr. Grey e o insultou. Talvez seja melhor só perguntar sobre isso daqui a um bom tempo. Você conseguirá arrancar qualquer coisa dele futuramente.

Em resposta a isso, Alice fez o seu protesto de sempre, e lady Glencora, como de costume, disse que ela era uma tola.

Sinto-me inclinado a pensar que Mr. Grey sabia o que estava fazendo. Lady Glencora certa vez o criticou muito veementemente por não dar uma resolução ao seu romance.

— Nós iremos para a Itália antes que ele esteja resolvido — ela avisou. — E creio que o senhor não irá conosco, a não ser que o resolva.

Mr. Grey manifestou sua intenção de não ir, independentemente do que ocorresse.

— Então essa viagem será adiada em um ou dois anos; vocês dois já serão tão velhos quanto Adão e Eva.

— Nós, pessoas antigas, nunca somos impacientes — respondeu Grey, aos risos.

— Se eu fosse o senhor, iria até lá e contaria, sem rodeios, que ela

deveria se casar, e depois eu a sacudiria. Se o senhor ralhasse com Alice, até que ela não soubesse se estava sendo sustentada pela cabeça ou pelos pés, ela enxergaria a razão.

— Imagino que seja isso o que a senhora tentaria fazer, lady Glencora!

— Eu não posso. É ela quem sempre ralha comigo; assim como o senhor fará com ela quando se casarem. O senhor e Mr. Palliser são bem parecidos. Os dois são tão virtuosos, que uma mulher nunca teria a chance de encontrar um furo em seus casacos.

Mas lady Glencora estava equivocada. Alice, sem dúvida, teria se submetido pacientemente às reprimendas do seu admirador e teria confessado os pecados que cometera contra ele com tanta autoacusação quanto Mr. Grey desejasse; mas ela não iria, por conta disso, sentir-se mais disposta a obedecê-lo naquela questão a qual ele agora requeria presente obediência. Ele entendia que ela precisava aprender a se perdoar pelo mal que havia causado – ou, ao menos, perdoar-se em parte – antes que pudesse ser induzida a restaurar a velha união que possuíram. Assim, eles continuaram em Lucerna, passando os dias tranquila e preguiçosamente – com algumas tentativas de leitura; com uma considerável quantidade de cartas redigidas; e com excursões em barcos e pôneis – até que as excursões em pôneis chegaram a um fim súbito graças a um rigoroso édito; agora, uma ou duas palavras devem ser ditas sobre ele e a sua causa. Durante esses dias de barcos e pôneis, a carruagem que lady Glencora odiava tão veementemente foi trancada no limbo, e as coisas prosseguiram muito agradavelmente para ela. Mr. Palliser recebeu cartas políticas da Inglaterra, que o fizeram salivar de tristeza e ficar muito inquieto. Por ora, o Parlamento não estava reunido, e o governo, é claro, seguiria intacto até o fevereiro seguinte. Será que ainda não era possível, quando surgisse um rasgão no Gabinete, fazer-se presente na cerzidura? Ele era um homem constante, e uma vez revelara sua intenção de se ausentar por um ano. Ele continuou a falar a Mr. Grey sobre suas vindouras viagens, como se fosse impossível que elas terminassem antes da próxima Páscoa. Mas ele suspirava por Westminster, e os livros azuis^[110] que se acumulavam em Matching eram razão de seu pesar – até que, subitamente, chegaram notícias que atropelaram todos os seus planos, desbaratando os pôneis; fazendo com que tudo ficasse impossível; deixando os Alpes intransitáveis e os trilhos perigosos; tirando Burgo Fitzgerald da cabeça de Mr. Palliser e o confundindo tanto, que ele não mais conseguiu calcular os deslizos do atual chanceler do Tesouro. O mundo inteiro de Palliser estava prestes a tremer, das mais baixas profundezas, até os picos de suas montanhas mais altas. Lady Glencora sussurrara no ouvido do marido que achava que era provável – ela não

tinha certeza; ela não sabia. E então, debulhou-se em lágrimas no peito de Mr. Palliser enquanto ele se sentava ao seu lado na beira da cama.

Ele se sentiu atordoado quando a deixou; o que fez na intenção primária de telegrafar para meia dúzia dos mais notáveis médicos de Londres. Ele foi até a margem do lago, e por lá passeou a sós por uns dez minutos em um estado de exaltação quase inconsciente. Ele não conseguia se lembrar muito bem de onde estava, ou do que estava fazendo. A única coisa no mundo que não possuía; a alegria que tanto desejara, e que é tão comum entre os homens, também estava chegando para ele. Em poucos minutos, foi como se cada mão já repousasse sobre a bela cabeça de um pequeno menino Palliser; um deles deveria governar os salões do Gatherum, e o outro se revelaria um eloquente entre as Câmaras da Inglaterra. Até então – pelos últimos oito ou nove meses, desde que suas esperanças haviam começado a minguar –, ele fora, em sua visão, rebaixado entre todas as suas honras. De que adiantava viajar pelo mundo, se ele não tinha nada seu para esperar? Devemos lhe dar crédito, também, quando falamos sobre isto. Ele não tivera muita força para esconder sua tristeza da esposa; a sua sabedoria sobre mulheres e homens na vida social não havia sido suficiente para lhe ensinar a como fazer isso; mas ele havia desejado fazer. Ele nunca a repreendeu de propósito pelo seu desapontamento, nem com um olhar, e nem com um tom de voz; mas agora, ele já havia perdoado tudo. Burgo Fitzgerald era um mito. Mrs. Marsham nunca mais deveria se aproximar dela. Mr. Bott era, é claro, uma coisa abolida – ele nem sequer tivera o bom senso de manter sua cadeira no Parlamento. Dândi e Flerte passariam a comer milhos dourados e deveria haver uma lua artificial sempre de prontidão nas ruínas. Se apenas aqueles pôneis tediosos de Lucerna não tivessem cruzado o caminho de sua esposa! Ele foi imediatamente até o curral e ordenou que os pôneis fossem abolidos – enviados para longe, cada um deles, até os confins mais longínquos do cantão; a seguir, ele mesmo foi inspecionar o estofado da carruagem. Ele estava seco? Como eram dias de agosto, e o agosto de Lucerna é um mês cáldio, deve ser presumido que ele estava seco.

Ele, então, lembrou-se de que havia prometido enviar Alice à sua esposa, e voltou correndo para a casa. Ela estava sozinha na sala do desjejum, esperando por ele e pela sua esposa. Naqueles dias, Mr. Grey normalmente se juntava a eles para cear, mas raramente os via antes das 11 ou 12 horas do dia. Depois, ele saía para passear ao lado de Mr. Palliser, e à noite, eles todos se reuniam. Quando o futuro pai dos embriões ducais adentrou o aposento, Alice percebeu imediatamente que algo estava acontecendo. Seu trejeito estava completamente alterado, e ele demonstrava, através do olhar, que

estava ansioso e mais emocionado do que de costume.

— Alice — ele chamou. — Importa-se de subir ao quarto de Glencora? Ela deseja falar com você.

Ele nunca a havia chamado de Alice antes, e assim que a palavra saiu de sua boca, percebeu o que dissera e enrubescou.

— Ela não está doente, eu espero — disse Alice.

— Não... Ela não está doente. Ao menos, eu penso que é melhor ela não se levantar ainda. Não permita que ela se agite, se puder evitar.

— Irei até ela imediatamente — informou Alice, levantando-se.

— Sinto-me muito grato à senhorita.... Mas, Miss Vavasor...

— O senhor acabou de me chamar de Alice, Mr. Palliser, e encarei isso como um grande elogio.

Ele enrubescou outra vez.

— Chamei? Muito bem. Sendo assim, voltarei a chamá-la deste jeito... se me permitir. Mas, se puder me fazer o favor, permaneça tão calma perto dela quanto for possível. Ela fica facilmente agitada, você sabe. É claro que, se ela desejar algo, nós traremos; mas ela precisa ficar quieta.

Diante disto, Alice o deixou, sem contar com nenhum momento para tentar adivinhar o que havia acontecido, ou o que estava prestes a acontecer; ele, então, ficou novamente sozinho, contemplando as glórias futuras de sua casa. Por acaso, ele pensava sobre seu pobre primo Jeffrey, cujo nariz agora estava tão terrivelmente deslocado? Na verdade, não. Seus pensamentos estavam todos focados em si mesmo, e nas coisas boas que jaziam em seu horizonte – neste novo mundo interessante que estava se abrindo diante dele. Isto era melhor para ele do que se tornar chanceler do Tesouro. Ele preferia ter em seu destino a paternidade do próximo duque de Omnium, do que fazer meia dúzia de discursos anuais consecutivos no Parlamento sobre metodologias e recursos, e despesas da nação britânica! Seria possível que esta viagem ao estrangeiro havia lhe trazido essa boa fortuna? Se assim fosse, foi uma sorte as coisas acabarem assim! Ele se lembraria até mesmo daquele baile na casa de lady Monk com gratidão. Talvez, uma residência no estrangeiro fosse o melhor para lady Glencora neste momento particular de sua vida. Se esse fosse o caso, ela certamente deveria morar no exterior. Antes de resolver qualquer coisa permanentemente em sua cabeça, contudo, ele achou que seria sensato consultar aqueles seis médicos notáveis de Londres, que, em seu primeiro momento de euforia, havia desejado trazer a Lucerna.

Enquanto isso, Alice havia subido ao quarto da dama que era agora centro de tantos pensamentos ansiosos. Quando ela adentrou o aposento, sua amiga estava acordada e vestida em seu roupão, deitada sobre o sofá que ficava ao pé da cama.

— Oh, Alice, fico tão feliz que tenha vindo — recebeu lady Glencora. — Eu queria tanto escutar a sua voz.

Então, Alice se ajoelhou ao lado dela e perguntou se ela estava doente.

— Ele não contou a você? Mas é claro que não contou. Como poderia? Mas, Alice, como ele estava? Observou alguma coisa sobre ele? Ele estava contente?

— Eu observei alguma coisa e acho que ele estava contente. Mas o que aconteceu? Ele me chamou de Alice, e parecia bastante diferente do que costuma ser. Mas o que foi? Ele me pediu para vir até você imediatamente.

— Oh, Alice, não consegue adivinhar?

Então, subitamente, Alice adivinhou o segredo, e sussurrou seu palpite no ouvido de lady Glencora.

— Eu penso que estou — respondeu lady Glencora. — Eu sei o que eles vão fazer. Eles vão me matar com tanta preocupação desnecessária. Se eu puder seguir a minha vida como uma mulher comum, vou ficar bem.

Duas ou três horas mais tarde, ela disse mais algumas palavras.

— Estou tão feliz. Eu não vou negar que estou muito feliz. Parecia que eu só estava destinada a trazer miséria a todos, e o tempo todo costumava desejar a morte. Eu não irei mais desejar a morte.

— Vamos todos ter que ir para casa, imagino? — questionou Alice.

— Ele disse que sim, mas parece crer que eu não deveria viajar mais do que dois quilômetros e meio por dia. Quando mencionei que queria descer o Reno em um daqueles barcos a vapor, pensei que ele ia ter um chilique. Quando perguntei por que, ele me lançou um olhar daqueles. Eu sei que ele vai agir como um bobo... e vai nos fazer agir que nem bobas também; o que é pior.

Naquela tarde, enquanto caminhavam juntos, Mr. Palliser contou o importante segredo ao seu novo amigo, Mr. Grey. Ele não poderia negar a si próprio o prazer de falar sobre este grande evento.

— É uma questão de imensa importância para mim, entende? — Mr. Palliser explicou.

— De fato, é — aquiesceu Grey. — Todos os homens se sentem deste jeito quando vão ter um filho.

Mas Mr. Palliser não ficou nem um pouco satisfeito com isso.

— Sim — ele declarou. — Isso é claro. É uma coisa importante para todo mundo; muito importante, sem dúvida, mas quando um homem... Escute, Grey, eu não acho que um homem seja melhor só porque é rico, ou porque possui um título; tampouco eu penso que ele seja de algum modo mais feliz. Estou bastante seguro de que ele não tem nenhum direito de ficar minimamente orgulhoso de algo que não

fez.

— Os homens costumam se sentir bastante orgulhosos de tais vantagens — opinou Grey.

— Eu não acho que me sinto; não acho, de fato. Sou orgulhoso de algumas coisas. Sempre que consigo levar um discurso adiante na Câmara, sinto-me orgulhoso dele. Creio que eu nunca me submeti a ninguém, e estou orgulhoso disso.

Talvez, Mr. Palliser estivesse se recordando de uma certa ocasião, quando seu tio, o duque, o ameaçou, e ele não cedeu diante das ameaças do duque.

— Mas não é porque o destino me transformou no herdeiro do meu tio que estou orgulhoso, eu acho.

— Não mesmo, devo dizer.

— Mas eu sinto que, um filho, para mim, é mais importante do que para a maioria dos homens. Sentir uma forte ansiedade sobre isso é, penso eu, mais compreensível a mim do que poderia ser a outro. Eu não tenho certeza se estou sendo bem claro.

— Oh, sim! Quando há um ducado e sabe-se lá quantos milhares por ano a serem herdados, a questão da posse deles se torna mesmo importante.

— Esta propriedade é tão mais interessante para uma pessoa, quando ela sente que tudo o que faz, faz pelo filho dela.

— Ainda assim... — continuou Grey. — De todos os maiores saqueadores de propriedade espalhados pela Europa, os papas sempre foram os mais gananciosos.

— Talvez seja diferente quando um homem não pode ter uma esposa — avaliou Mr. Palliser.

Diante de tudo isto, podemos concluir que Mr. Palliser e Mr. Grey tinham se tornado bastante íntimos. Se o destino os tivesse juntado em Londres, eles teriam se encontrado várias vezes antes que Mr. Palliser pensasse em fazer mais do que uma vênia a este conhecido. Mr. Grey poderia ter passado semanas em Matching sem ter conquistado qualquer intimidade com o nobre proprietário. Mas coisas assim progridem mais rapidamente no exterior do que em casa. O deque de um navio a vapor talvez seja o leito mais prolífico ao crescimento de amizades súbitas; mas um hotel perto de um lago suíço serve quase tão bem quanto.

Por algum tempo depois, lady Glencora passou a se portar imprudentemente com tanta frequência, que quase levou o seu marido à loucura. Um dia após ele ser comunicado da notícia, ela propôs um piquenique, e fez a proposta não apenas na presença de Alice, mas também na de Mr. Grey! Mr. Palliser, em tal ocasião, não pôde expressar tudo aquilo que pensava; mas a sua aparência falou por ele.

— Qual é o problema agora, Plantagenet? — indagou a esposa.

— Nada — ele respondeu. — Não é nada. Esqueça.

— Vamos levar esta festa para a capela?

A capela em questão era a capela de Tell^[111] — que ficava longe, subindo o rio. Uma jornada de barco a vapor seria necessária.

— Não! — ele disse, vociferando sua censura para ela. — Não vamos.

— Não precisa ficar irritado — ela falou, como se fosse possível ele não se abalar com uma proposta daquelas em um momento como aquele.

Em outra ocasião, ela voltou de um passeio noturno, mostrando em seu semblante sinais do exercício que havia realizado.

— Por Deus! Glencora, você está pretendendo se matar? — ele protestou.

Ele queria que ela comesse seis ou sete vezes por dia; e sempre dizia que ela estava comendo demais, relembrando algum antigo provérbio que dizia “devagar e sempre”. Ele a vigiava agora tão constantemente quanto Mrs. Marsham e Mr. Bott a haviam vigiado; e ela sempre o percebia. Ela piorou a situação ao seguir propondo coisas que sabia que ele não permitiria, de modo a desfrutar a diversão de vê-lo em agonia e assombro. Mas, ainda que isso fosse divertido para ela naquela ocasião, a coisa toda, no geral, não resultou em nada divertido.

— Juro por Deus, Alice, eu acho que isso vai acabar me matando — ela desabafou. — Eu não posso mais sair da casa, a não ser que seja numa carruagem, ou quando ele me acompanha.

— Isso não continuará por muito tempo.

— Não sei o que você considera “muito tempo”. Quanto a caminhar com ele, está fora de questão. Ele anda a um quilômetro e meio por hora. Além disso, ele me faz parecer uma grande tola. Eu não fazia ideia de que ele se transformaria num velho superprotetor.

— A superproteção será repassada a outra pessoa, logo mais.

— Nenhum bebê conseguiria sobreviver a isso, se é o que quer dizer. Se um bebê chegar...

— Imagino que um bebê chegará futuramente — complementou Alice.

— Não seja tola! Mas, se chegar, eu mesma cuidarei de tudo. Ele pode fazer o que quiser comigo, e não há o que eu possa fazer; mas não vou permitir que ele ou qualquer pessoa faça o que quiser com o meu bebê. Eu sei como me portar em questões desse tipo bem mais do que ele. Não tenho dúvidas de que ele é um homem muito esperto no Parlamento; mas, a mim, ele parece incapaz de entender qualquer outra coisa.

Alice fazia um discurso sábio em resposta, quando lady Glencora a interrompeu.

— Mr. Grey não seria tão problemático, estou bastante certa.
Então, Alice se calou.

Quando a primeira consternação crescente originada pelas novidades minguou um pouco — uma quinzena depois do dia em que Mr. Palliser alcançou o triunfo, digamos — e as notícias foram devidamente comunicadas ao duque, e uma resposta de Sua Graça chegou, preparativos foram feitos para o retorno da comitiva à Inglaterra. A resposta do duque foi bastante curta:

“MEU CARO PLANTAGENET

Envie meu carinho a Glencora. Se for um menino, é claro que serei um dos padrinhos. O príncipe, que é muito gentil, talvez me conceda a gentileza de ser o outro. Aconselho que retorne tão rápido quanto for conveniente.

*Seu afetuoso tio,
OMNIUM”.*

Essa foi a carta; por mais curta que fosse, provavelmente era a mais longa que Mr. Palliser já havia recebido do duque.

Houve grande confusão quanto à metodologia da volta deles.

— Oh, mas que besteira — queixou-se Glencora. — Vamos em um trem expresso, e logo chegaremos a Londres.

Mr. Palliser a encarou com um semblante recheado de censura e pesar. Agora, ele sempre a encarava assim.

— Se está querendo, Plantagenet, arrastar-nos pelo continente naquela carruagem horrível, para passarmos mil dias na estrada, eu, pelo menos, não me submeterei a isso.

Mais tarde, ela fez uma confissão a Alice.

— Gostaria de não ter dito uma palavra a ele sobre isso. Ele nunca teria descoberto sozinho, até que esta viagem estivesse terminada.

Mr. Palliser, por fim, concordou em ouvir a opinião conjunta de um médico suíço e de outro inglês que estava morando em Berna; e que, naquela ocasião, foi chamado em Lucerna. Eles sugeriram os trilhos; e quando Mr. Palliser recebeu cartas — cartas médicas — nas quais a mesma opinião era apresentada, ficou decidido, finalmente, que retornariam de trem; mas eles fariam várias pausas pela estrada, descendo em cada parada por um dia. A primeira, é claro, foi em Basle, e de Basle, eles partiriam para Baden.

— Particularmente, desejo rever Baden — lady Glencora comentou. — Talvez eu consiga recuperar o meu napoleão.

CAPÍTULO 74

MOSTRANDO O QUE ACONTECEU NO ADRO DA IGREJA

Os preparativos para o retorno da comitiva de Mr. Palliser a Londres não incluíam, é claro, Mr. Grey. No geral, eles foram discutidos na ausência de Mr. Grey e comunicados a ele por Mr. Palliser.

— Imagino que o veremos na Inglaterra em breve, não? — indagou Mr. Palliser.

— Serei capaz de responder isso antes de sua partida — respondeu Grey. — Seja como for, não deverei retornar à Inglaterra antes do inverno.

— Então venha nos visitar em Matching — sugeriu Mr. Palliser. — Nós ficaremos muito felizes em recebê-lo. Digamos que você venha na primeira quinzena de dezembro. Depois disso, nós sempre visitamos o duque, em Barsetshire. Ainda que, incidentalmente, não creio que iremos a qualquer lugar neste ano — Mr. Palliser adicionou, interrompendo seu caloroso convite, e refletindo que, sob as presentes circunstâncias, talvez, poderia ser impróprio receber qualquer convidado em Matching em dezembro.

Mas ele havia se afeiçoado bastante a Mr. Grey, e nesta ocasião, assim como havia feito em outras, tentou convencê-lo cordialmente a tentar ingressar no Parlamento.

— Não é tão difícil quando você pensa — ele explicou, quando Grey declarou que nem saberia qual cadeira representar. — Já viu os homens que entraram? Mr. Vavasor foi um deles. Até ele conseguiu uma cadeira.

— Mas isso custou muito caro a ele.

— Você facilmente encontrará um bairro pequeno e tranquilo.

— Bairros pequenos e tranquilos geralmente contam com seus próprios representantes pequenos e tranquilos — comentou Grey.

— Eles gostam de mudanças; e se estiver disposto a gastar mil libras, a coisa toda não é muito difícil. Eu posso lhe encaminhar.

Mas Mr. Grey, ainda assim, recusou. Ele não era um homem propenso a ser tirado do seu estilo de vida, e o fato de que George Vavasor frequentara o Parlamento, por si só, seria suficiente para fazê-lo evitar qualquer tentativa nessa direção. Alice também havia desejado que Mr. Grey ingressasse na vida pública, mas ele dispensara seu pedido como se a coisa estivesse completamente fora de questão — sem parar um momento para considerá-la. Se ela tivesse pedido que eles fossem morar na África Central, sua atitude e modo de recusa teriam sido os mesmos. Era essa imobilidade característica dele — esta necessidade absoluta de demonstrar uma fraqueza de indecisão, fora o

que a assustara e a afastara dele. Ele estava parcialmente ciente disto; mas aquilo que havia se recusado a fazer diante da solicitação dela, ele certamente não faria diante dos conselhos de qualquer outra pessoa. E assim, ele discutia a questão com si mesmo. Se agora se permitisse escutar conselhos, com que terríveis admissões de suas próprias falhas ele se apresentaria a Alice?

— Suponho que livros, então, serão o seu objetivo de vida — falou Mr. Palliser.

— Espero que sejam meus auxiliares — Grey respondeu. — Eu quase duvido que qualquer objetivo, como este que menciona, seja necessário à vida, ou mesmo vantajoso. Parece a mim que, se um homem conseguir se treinar de tal modo que possa viver honestamente e morrer intrepidamente, ele terá conquistado praticamente tudo o que se precisa.

— Ele terá conquistado muita coisa, certamente — ressaltou Mr. Palliser, que não estava suficientemente preparado para levar a discussão adiante, como teria se mais tempo lhe houvesse sido dado para pensar a respeito.

Ele sabia muito bem que estava trabalhando para os outros, não para si mesmo; e estava ciente, embora não houvesse analisado suas próprias convicções sobre o tema, que os homens bons lutavam como lutam para que outros, além de si mesmos, pudessem viver honestamente, e, se possível, morrer intrepidamente. O recluso de Nethercoats ponderara bem mais sobre isso do que a estrela em ascensão da Câmara dos Comuns; a filosofia da estrela em ascensão, contudo, era a melhor filosofia entre as duas, ainda que ele fosse, de longe, o homem menos brilhante.

— Eu não vejo por que um homem não poderia viver honestamente e ser membro do Parlamento também — continuou Mr. Palliser, após ficar calado por alguns minutos.

— E nem eu — garantiu Grey. — Estou certo de que tais homens existem, e que o país possui um grande dever para com eles. Mas eles estão sujeitos a tentações que um homem prudente como eu talvez tenha razão em evitar.

Mas, embora falasse em um tom seguro, ele estava abalado, e quase se arrependeu de não aceitar a ajuda que lhe fora oferecida. É espantoso o quão fortemente um homem pode se portar àqueles ao seu redor – o quão impregnável pode ser seu exterior, enquanto em seu interior ele se sente tão frágil quanto a água, e tão instável quanto a palha.

Mas o objetivo que ele tinha agora em vista era a restauração de seu noivado com Alice, e Mr. Grey sentiu que deveria obter uma resposta dela antes que eles fossem embora de Lucerna. Se ela persistisse em se recusar a dar sua mão a ele, não seria consistente

com sua dignidade masculina prosseguir com sua premente busca pela dama. Nesse caso, ele deveria deixá-la e ver o que o futuro poderia trazer. Ele acreditava que sabia que nunca mais ofereceria seu amor a outra mulher; e se Alice continuasse solteira, Mr. Grey poderia tentar novamente, após um intervalo de um ou dois anos. Mas se falhasse agora... Então, pelo restante daquele ano e do seguinte, ele não a veria mais. Tendo resolvido isso e sendo averso a qualquer coisa parecida com uma surpresa, ele a convidou, enquanto se despedia dela certa noite, a caminhar ao seu lado na manhã seguinte. Aquela manhã seria a manhã do último dia deles em Lucerna; e, ao aceitar, ela compreendeu o que estava para acontecer. Ela não disse nada a lady Glencora sobre a questão e permitiu que as vindouras perspectivas da família Palliser formassem o único assunto das conversas daquela noite, como costumavam formar desde que a grande novidade havia se tornado conhecida. Eles sempre se juntavam à noite por uma hora antes de deixarem Alice subir para dormir, e durante esta hora, as ansiedades do futuro pai e mãe eram sempre discutidas, até que Alice Vavasor se sentisse quase cansada delas. Mas ela era paciente com sua amiga, e naquela noite em especial foi mais paciente do que nunca. Mas quando foi liberada e se encontrou sozinha, fez um grande esforço para chegar a alguma resolução concreta sobre o que faria pela manhã – alguma resolução que seria irrevogavelmente absoluta, e que nenhuma eloquência de qualquer um poderia demover. Mas tais resoluções não são facilmente alcançadas, e Alice trabalhou metade da noite quase em vão. Ela sabia que amava o homem. Ela sabia que ele era tão verdadeiro com ela quanto o sol era com a Terra. Ela sabia que estaria, em todos os aspectos, segura nas mãos dele. Ela sabia que lady Glencora se sentiria radiante, e seu pai grato. Ela sabia que as condessas abririam seus braços para ela – embora eu duvide que esta ideia fosse, por si só, muito persuasiva. Ela sabia que, com tal casamento, ganharia tudo aquilo que as mulheres costumam procurar ganhar quando concedem as suas mãos. Mas, independentemente disso, até onde conseguia se decidir, ela se decidiu contra seu amor. Ela não tinha direito de ser aceita de volta após o mal que havia causado, e decidiu que não seria aceita de volta como um objeto de pena e perdão.

— Aonde você vai? — perguntou a prima, quando ela surgiu de chapéu, logo após o café da manhã.

— Eu vou caminhar... com Mr. Grey.

— Foi combinado?

— Sim, foi combinado. Ele me convidou ontem.

— Então tudo foi acertado, e você não me contou!

— Tudo o que está acertado eu já lhe contei várias vezes. Ele me convidou ontem para passear esta manhã, e eu não pude recusá-lo.

— E por que desejaria recusá-lo?

— Eu não disse que desejava isso. Mas odeio ceninhas, e achei que teria sido mais agradável para nós nos separarmos sem qualquer ocasião para palavras especiais.

— Alice, você é tão tola!

— Isso você sempre me diz.

— É claro que ele vai dizer agora aquilo que o fez vir de tão longe para dizer. Ele tem sido maravilhosamente devagar quanto a isto; mas por mais devagar que seja, você é mais devagar ainda. Se não fizer as pazes com ele agora, eu realmente vou achar que você é muito perversa. Eu estou ficando igual a lady Midlothian – eu não consigo compreender. Sei que você quer se tornar esposa dele, e eu sei que ele quer se tornar o seu marido, e a única coisa que se põe no caminho de vocês é a sua teimosia – só porque disse que não o aceitaria. A minha crença é que se lady Midlothian e o resto de nós lhe dêssemos tapinhas nas costas, e dissêssemos que agira corretamente, você pediria a ele para aceitá-la, só para nos desafiar. Tenha certeza de uma coisa, Alice: se o recusar agora, terá sido a última vez.

Isto e muitas coisas parecidas ela suportou antes que Mr. Grey chegasse para levá-la, e Alice respondeu a tudo isso com o mínimo de palavras que conseguiu.

— Você está me deixando muito infeliz, Glencora — ela disse, em certo momento.

— Eu adoraria derrubá-la com infelicidades — lady Glencora respondeu. — Assim, ele a encontraria menos rígida, dura e teimosa.

Diretamente após isso, ele chegou, aparentando não ter qualquer assunto em mãos mais empolgante do que as tarefas tranquilas de uma manhã ordinária. Alice se levantou imediatamente para partir com ele.

— Então, você e Alice vão dar *adieux* — comentou lady Glencora.

— Seria necessário, cedo ou tarde — explicou Mr. Grey, e então, ele se foram.

Aqueles que conhecem Lucerna – e quase todo mundo conhece Lucerna, hoje em dia –, irão se lembrar do grande hotel que foi construído perto do píer de aportamento das navegações a vapor, bem como da igreja erguida sobre uma pequena colina, ou aclave, à sua esquerda, assim que você sai da estalagem acima do lago. A igreja fica imediatamente do outro lado do lago e, ao redor dela, há um adro; circundando o adro existem claustros, e através dos arcos e aberturas, aqueles que passeiam e se sentam por lá olham para baixo para verem imediatamente a água azul, e por cima dela, as ameaças carrancudas do Monte Pilatus. Este é um dos locais mais lindos daquela terra de belezas; e seu charme, na minha opinião, é acentuado pelos monumentos sepulcrais pelos quais passo, e pelos quais eu sou cercado quando lá estou. Lá em cima, Alice e John Grey passaram por estes

claustros juntos. Duvido que aquilo houvesse sido planejado por ele. Ela certamente o teria seguido em qualquer direção que ele a pudesse ter levado. A distância da estalagem até os portões da igreja não somava dez minutos, e quando chegaram lá, o passeio terminou. Mas o lugar era solitário, e eles estavam a sós; tanto fazia para Mr. Grey falar as palavras que pretendia dizer ali ou em qualquer outro lugar. Eles haviam passeado várias vezes por aqueles claustros, mas, em tais ocasiões, nem Mr. Palliser e nem lady Glencora os acompanhavam. Na lenta caminhada subindo a colina, pouco foi dito, e este pouco foi de pouca importância.

— Vamos ficar por alguns minutos — ele falou. — É o lugar mais bonito de Lucerna, e não sei se o veremos outra vez.

Então, eles entraram, e se sentaram em um dos vãos que se abriam pelos claustros acima do lago.

— Provavelmente nunca mais — comentou Alice. — Ainda assim, estive por aqui por dois anos consecutivos.

Ela tremeu ao lembrar que, no ano anterior, George Vavasor estivera ao seu lado. Enquanto pensava em tudo isso, ela se odiou. Várias e várias vezes, Alice havia dito a si mesma que havia bagunçado tanto os anos mais recentes de sua vida, que era impossível não se odiar. Nenhuma mulher tinha uma ideia mais clara da constância feminina do que ela, e nenhuma outra mulher pecara contra essa ideia com tanta força. Ele deu tempo para que ela pudesse pensar em tudo isto, enquanto se sentava para observar a água abaixo.

— Ainda assim, eu preferiria viver em Cambridgeshire — estas foram as primeiras palavras que ele proferiu.

— Por quê?

— Em partes, porque toda a beleza é melhor aproveitada quando é procurada com algum transtorno e dificuldade, e em partes, porque tal beleza, e o romance que a ela está ligado, não deveria formar a parte mais importante da vida de alguém. O romance, se for para surgir invariavelmente, sempre deve fazê-lo por meio de começos e recomeços.

— Eu gostaria de viver uma vida romântica, sem dúvida.

— Mas todas essas coisas perdem seu charme se são trivializadas. Quando um homem precisa ir para Viena ou São Petersburgo duas ou três vezes ao mês, você acha que ele sente prazer nas viagens?

— Tanto faz, eu gostaria de morar em terras bonitas — Alice contou.

— E eu quero que você venha morar em terras muito feias.

Então, ele se calou por um ou dois minutos, sem olhar para ela, mas admirando as montanhas fronteiras. Ela não disse uma palavra, mas carregava o mesmo semblante que ele. Ela sabia que o pedido estava a caminho, e estivera pensando nele por toda a noite; mas

agora que a hora havia chegado, ela não sabia como suportaria aquilo.

— Eu não acho que você deixaria tal consideração ser um obstáculo em seu caminho, se, em outra situação, estivesse disposta a se tornar minha esposa.

— Que consideração?

— Que Nethercoats não é tão bonita quanto Lucerna.

— Isso não teria nada a ver com a minha decisão — explicou Alice.

— Isso não deveria ter nada a ver com ela.

— Nada; nada mesmo — repetiu Alice.

— Você virá, então? Você virá e se tornará minha esposa, e me ajudará a ser feliz em meio a toda aquela feiura? Você virá e se tornará a minha única beleza, o meu tesouro, a minha alegria, o meu conforto, a minha conselheira?

— O senhor não deseja conselheiras, Mr. Grey.

— Nenhum homem jamais quis tanto uma. Alice, este foi um ano ruim para mim, e eu não acredito que ele tem sido feliz para você.

— De fato, não tem.

— Vamos esquecê-lo; ou melhor, vamos tratá-lo como se tivesse sido esquecido. Há 12 meses, você era minha. Você era, em todo caso, tão minha que eu me sentia no direito de me vangloriar da minha conquista.

— Foi uma vanglória medíocre.

— Eles não pareceram pensar assim. Eu tinha um ou dois amigos com quem podia falar sobre você, mas eles disseram que eu seria um homem feliz. Quanto a mim, eu tinha certeza de que seria. Vamos restaurá-la, e então, vai ser como se os últimos 12 meses não houvessem acontecido.

— Isso não é possível, Mr. Grey. Se fosse, eu ficaria pior do que já estou.

— Por que não é possível?

— Pois não posso me perdoar pelo que fiz, e porque o senhor não deve me perdoar.

— Mas eu perdoo. Não houve qualquer momento em que uma ofensa sua inflamou meu peito sem perdão. Eu penso que foi tola, influenciável, e levada por uma vã ambição, e que, na dificuldade que tais coisas lhe trouxeram, você lutou para se obrigar a fazer algo que, ao se tornar iminente, quando a realização da coisa precisou ser mais bem considerada, você descobriu que ela era contrária à sua natureza.

Agora, enquanto ele falava desta maneira, ela virou seu olhar e o encarou, perguntando-se como Mr. Grey tinha o poder de ler o seu coração com tanta precisão.

— Nunca acreditei que fosse se casar com o seu primo. Quando me contaram isso, eu sabia que a aflição a havia cegado por um

tempo. Você se orientou a se revoltar contra mim, e, por causa disso, o seu coração ficou apreensivo, e você disse a si mesma que não se importava na época em jogar fora toda a sua doçura. Veja que falo do velho amor que sentia por mim com o franco orgulho de um feliz apaixonado.

— Não, não, não! — ela proferiu.

— Mas a tempestade passa por cima da árvore, e não a arranca pela raiz, ou estraga toda a sua simetria. Quando escutamos os ventos sopram e vemos como a pobrezinha é sacudida, acreditamos que seus dias estão contados e que a destruição está próxima. Alice, quando os ventos a sacudiam, e você foi rasgada e golpeada, eu nunca pensei assim. Pode haver certas pessoas que a perdoem lentamente. O seu próprio perdão será lento. Mas eu, que a conheci melhor do que ninguém, sim, melhor do que ninguém... Eu a perdoei por tudo; perdoei-a imediatamente. Fique comigo, Alice, e me conforte. Fique comigo, pois eu a quero intensamente.

Ela permaneceu imóvel e quieta, observando o lago e as montanhas além, mas não disse nada. O que ela poderia dizer a ele?

— A necessidade que tenho de você é muito maior agora, do que quando pedi que compartilhasse o mundo comigo pela primeira vez — ele prosseguiu. — Naquela época, poderia ter aguentado perdê-la, pois eu nunca havia me vangloriado de tê-la para mim; nunca havia imaginado a vida que poderia ter se você sempre estivesse comigo. Mas, desde aquele dia, não tive mais nenhuma outra esperança; nenhuma outra esperança, exceto esta pela qual rogo agora. Por acaso, rogarei em vão?

— Você não me conhece — ela protestou. — Não sabe como eu fui vil! Você não entendeu... o que é para uma mulher ter se prometido a um homem enquanto amava outro.

— Mas é a mim que você amou. Ah! Alice, eu posso perdoar isso. Por acaso, não lhe disse que a perdoei assim que ouvi o que tinha acontecido? Por acaso, não me escutou dizer que nunca, por um momento, achei que se casaria com ele? Alice, você deveria me repreender por minha vaidade, pois ao longo de toda esta história, acreditei que me amava, e apenas a mim. Fique comigo, querida; diga-me que fará isso, e todo o passado terá sido apenas um sonho.

— Estes sonhos são perpétuos para mim — disse Alice.

— Eles pararão de ser sonhos amargos se descansar sua cabeça sobre o meu ombro. Você vai parar de se repreender quando souber que me fez feliz.

— Eu nunca vou parar de me repreender. Fiz o que nenhuma mulher pode fazer e se sentir honrada depois. Eu fui... uma rejeitadora.

— Essa foi a rejeição mais nobre já interrompida entre duas

mentes! Não existiu qualquer toque de egoísmo em sua inconstância. Eu acho que poderia ser mais rígido com uma mulher que houvesse me deixado por uma fortuna maior, por um título maior... que houvesse me deixado para ser mais alegre e feliz. Mas este não foi o seu caso.

— Foi, foi sim. Eu achei que você era firme demais em seus próprios desejos, e...

— E você ainda pensa assim. É isso?

— Não importa o que penso agora. Sou uma criatura desgraçada, e não tenho mais direito de ter tais pensamentos. Será melhor para nós dois que me deixe; e se esqueça de mim. Há coisas que, se uma mulher as fizer, jamais devem ser esquecidas, que ela mesma jamais deve se permitir esquecer.

— Então, eu devo ser punido pelo seu engano? É este o seu senso de justiça?

Ele se levantou e, de pé diante dela, baixou os olhos para encará-la.

— Alice, se disser que não me ama, acreditarei em você, e não irei mais incomodá-la. Eu sei que você não me dirá nenhuma inverdade. Ao longo de toda essa história, você não me falou nenhuma palavra falsa. Se me ama, depois de tudo o que aconteceu, eu tenho o direito de pedir a sua mão. A minha felicidade requer isto, e eu tenho o direito de esperar sua complacência. E eu realmente a peço. Se me ama, Alice, digo-lhe que não ousará me rejeitar. Se o fizer, falhará daqui para frente em se reconciliar com sua consciência perante Deus.

Então, ele interrompeu seu discurso e esperou por uma resposta; mas Alice seguiu sentada em silêncio sob a contemplação dele, com os olhos virados para as lápides abaixo dos seus pés. É claro que ela não tinha nenhuma alternativa senão ceder. Ele, dono de um poder e força infinitamente superiores aos dela, não lhe deixara escolha, exceto ser feliz. Mas ainda a seguia o que receio que devamos chamar de perversidade de obstinação; um desejo de manter a decisão que havia tomado; um desejo que lhe permitisse se submeter à punição que merecia. Ela era como um prisioneiro resignado a se manter preso após o perdão alcançá-lo, porque ele sabia que não era merecedor de tal perdão. E pode ser que ainda restasse em seu peito algum resquício daquele sentimento de rebelião que o espírito magistral dele havia lhe provocado. Ele era tão imperioso em sua tranquilidade, e debatia a sua questão de amor com uma preponderância tão manifesta do que era correto, que ela sempre sentiu que ceder a Mr. Grey seria como confessar a onipotência do seu poder. Ela sabia agora que deveria ceder a ele – que seu poder sobre ela era onipotente. Ela foi pressionada por ele como alguns prisioneiros são pressionados pelo juiz em alguns países; tão pressionada que admitiu para si mesma

silenciosamente que seria impossível continuar o antagonizando. Mesmo assim, a palavra que ela tinha de falar continuava trancada, e Mr. Grey seguiu de pé, esperando sua resposta. Então, lentamente, ele se sentou ao lado dela, e gradualmente colocou o seu braço ao redor de sua cintura. Ela se encolheu diante disso, recuando contra a cantaria do vão de pedras, mas não foi capaz de se encolher diante do abraço dele. Ela ergueu a mão para impedir o gesto, mas a mão dele, assim como sua personalidade e suas palavras continha grande poder. Ele não seria impedido.

— Alice — ele falou, enquanto a trazia mais para perto de si com seu braço. — A batalha terminou, e eu a conquistei.

— Você a tudo conquista... sempre — ela respondeu, sussurrando, enquanto ainda se encolhia perante o abraço.

— Ao conquistar você, eu conquistei tudo.

Então, ele levou seu rosto ao dela e pressionou os seus lábios contra os dela. Pergunto-me se ele ficou mais feliz quando soube que nenhum outro toque havia profanado aqueles lábios desde a última vez em que a beijara.

CAPÍTULO 75

Alice insistiu em ser deixada no adro, clamando que queria “refletir sobre a coisa toda”. Ela, na realidade, receava que não poderia se suportar de pé se fosse caminhar com seu amor até o hotel. A isto, ele não fez objeção, e, ao chegar à estalagem, encontrou Mr. Palliser no saguão. Mr. Palliser já estava inspecionando os arranjos de certas malas grandes que haviam sido trazidas do andar superior, e se preparava para a partida. Ele perambulava pela habitação, nervoso e ansioso para fazer alguma coisa, e se congratulando por ser de alguma utilidade. Já que não podia ser chanceler do Tesouro, e como, pela natureza de sua disposição, necessitava estar atarefado, ele supervisionava enquanto as caixas eram amarradas.

— Bom dia! Bom dia! — ele saudou Mr. Grey, mal o olhando, como se o tempo fosse precioso demais para virar os olhos na direção do amigo. — Estou indo até a estação para arranjar uma carruagem para amanhã. Talvez queira se juntar a mim.

A esta proposta, Mr. Grey assentiu.

— Às vezes, as molas das carruagens são tão irregulares — continuou Mr. Palliser.

Então, em pouquíssimas palavras, Mr. Grey contou o que tinha acontecido naquela manhã. Ele destetava segredos e sigilos, e, já que os Pallisers sabiam muito bem o que o havia feito seguir seus passos, era, ele achava, justo que soubessem que ele tinha conquistado o êxito. Mr. Palliser o parabenizou muito cordialmente, e então, após correr escada acima para pegar suas luvas ou bengala, ou, mais provavelmente, para dar mais conselhos a esposa sobre como se cuidar, ele também lhe contou que Alice finalmente havia cedido.

— É claro que ela cedeu — respondeu lady Glencora.

— Eu realmente não achei que ela cederia — ele comentou.

— Porque você não entende de nada dessas coisas — rebateu a esposa.

Então, o conselho foi reprisado, a mãe do futuro duque foi beijada, e Mr. Palliser partiu na sua missão de arranjar a carruagem, inspecionar o estofamento e as molas dela. Ao longo da caminhada, Mr. Palliser sugeriu que, já que as coisas haviam se resolvido tão agradavelmente, Mr. Grey poderia, então, retornar com eles para a Inglaterra, e a esta sugestão Mr. Grey assentiu.

Alice permaneceu sozinha por quase uma hora, observando os lados acidentados e o pico melancólico do Monte Pilatus. Ninguém a perturbou no adro da igreja – nenhum passo foi ouvido ao redor das lápides – nenhuma voz ressoou através dos claustros. Ela foi deixada em perfeita solidão para refletir sobre o passado e formar seus planos

para o futuro. Alice estava feliz, agora que seu vindouro estilo de vida fora decidido por ela; que qualquer questionamento extra quanto à sua posição tinha sido tirado de suas mãos, e que o seu casamento com o homem que amava estava tão firmemente arranjado, que nenhuma tolice subsequente de sua parte poderia desarranjá-lo? Ela estava feliz, embora demorasse para confessar sua felicidade a si própria. Ela estava feliz, e estava decidida quanto a isto: ela, agora, faria tudo o que pudesse para também fazê-lo feliz. E agora, um final para seu orgulho era necessário, como ela bem admitia; àquele orgulho que, até então, ensinara-a a pensar que poderia seguir mais sabiamente a sua própria orientação do que a de qualquer um que tentasse guiá-la. Alice sabia agora que deveria seguir a orientação dele. Ela havia encontrado o seu senhor, como dizemos às vezes, e deu uma pequena gargalhada interna ao confessar a si mesma que este era o caso. Ela estava, daqui em diante, completamente nas mãos dele. Se ele decidisse que se casariam na Festa de São Miguel, ou Natal, ou na Festa da Anunciação, eles, é claro, se casariam em conformidade com tal vontade. Ela se arriscara a agir por conta própria, e ela e todos os seus amigos haviam visto o que resultara disto. Ela tinha assumido o comando do navio e o lançado nas pedras, sentindo que jamais iria querer tomar o lugar do capitão outra vez. Servia-lhe bem que ele, aquele que se tornaria o capitão, era alguém que ela respeitava tão profundamente quanto amava.

Ela escreveria ao pai imediatamente – ao pai e à lady Macleod e confessaria tudo. Alice sentia que tinha a dívida de lhes contar que eles haviam estado certos o tempo todo, e ela errada, com as suas próprias mãos. Até então, ela não mencionara a nenhum deles o fato de que Mr. Grey os acompanhava na Suíça. E, depois, o que ela deveria fazer quanto a lady Midlothian? A respeito de lady Midlothian, ela não faria nada. Lady Midlothian, é claro, sentir-se-ia triunfante – pularia sobre Alice, como lady Glencora certa vez expressara, com os saltos altos do triunfo; tentaria tratá-la com falsas gentilezas, ou, o que seria quase pior, faria do perdão dela um espetáculo. Mas ela não se envolveria com lady Midlothian, a não ser, é claro, que Mr. Grey pedisse. Então, ela riu mais uma vez com aquela risada interna, e, levantando-se de seu assento, seguiu colina abaixo em direção ao hotel.

— Enfim, derrotada! — gracejou lady Glencora, quando Alice entrou no quarto.

— Sim, derrotada; se é assim que deseja chamar o que houve — respondeu Alice.

— A questão não é como chamo; é como você se sente — falou a outra. — Acha que não a conheço bem o suficiente para saber, com certeza, que você agora se considera uma infeliz prisioneira, capturada

na guerra, e arrebatada triunfantemente, sem qualquer esperança de resgate? Sei que para você é uma aflição se tornar, enfim, uma mulher feliz. Eu entendo tudo isso minha querida, e o meu coração sangra por você.

— É claro; eu sabia que você trataria assim.

— E de que modo gostaria que eu a tratasse? Se fosse abraçá-la com alegria, e lhe dissesse o quão bom ele é, e o quão sortuda você é – se fosse elogiá-lo, e celebrar o triunfo do seu sucesso, como seria esperado em tal ocasião –, você imediatamente faria cara feia, e me diria que, embora o casamento vá acontecer, seria muito melhor se não acontecesse. Não entende que a conheço, Alice?

— Eu não teria dito isso... não agora.

— Acredito em meu coração que teria; isso, ou coisa parecida. Mas, mesmo assim, desejo-lhe alegria, e você pode dizer o que bem quiser. Ele a tomou em seu poder agora, e eu não acredito que você vá voltar atrás.

— Não; eu não voltarei atrás outra vez.

— Eu me juntaria a lady Midlothian para interná-la num hospício se voltasse. Mas estou tão feliz; estou, mesmo. Fiquei receosa até o fim – terrivelmente receosa; você é tão difícil e orgulhosa. Não quero dizer comigo, querida. Comigo, você nunca foi difícil nem a metade do que deveria. Mas é difícil consigo mesma, e, palavra de honra, você foi difícil com ele. Vai ter de compensá-lo imensamente!

— Eu sinto que sempre deverei ficar diante dele como uma penitente; num lençol branco.

— Ouso dizer que ele preferirá que se sente no colo dele. Alguns penitentes fazem isso, você sabe. E como você será feliz! Ele nunca fará palestras sobre as tarifas do açúcar para você, e não haverá nenhum Mr. Bott em Nethercoats.

Elas ficaram sentadas juntas a manhã toda – enquanto Mr. Palliser procurava suas molas e seus estofamentos –, e gradualmente, Alice começou a desfrutar da sua felicidade. Enquanto o fazia, sua amiga se juntou a ela no desfrute, e finalmente sentiram um pouco do conforto e da empolgação que tal ocasião deveria trazer.

— Dir-lhe-ei uma coisa, Alice: você deve vir e se casar em Matching, em agosto, ou talvez em setembro. Só assim poderei estar presente; e se pudermos pressagiar algum sol, faremos o nosso café da manhã nas ruínas.

Na manhã seguinte, todos eles partiram juntos com um compartimento de primeira classe sendo ocupado pela família Palliser, e um compartimento de segunda classe, perto deles, sendo ocupado pelos criados de Palliser. Mr. Palliser, enquanto ajudava sua esposa a subir lentamente, sentiu-se um homem triunfante; assim como Mr. Grey – ainda que, de certa forma, de maneira menos aparente –

enquanto ajudava seu amor. Podemos dizer que ambos os cavalheiros foram muito afortunados durante a estada em Lucerna. Mr. Palliser tinha viajado com a sensação de que o mundo inteiro havia desaparecido debaixo dos seus pés. Uma grande mudança era necessária para sua esposa, e ele reconheceu imediatamente que tudo deveria ser feito para atender à tal necessidade. Ele, sem dúvida, conquistara sua recompensa – agora, em seu retorno triunfante. Tribulações terríveis o afligiram no caminho da ida, mas agora, elas pareciam ter se dissipado completamente. Quando ele pensou em Burgo Fitzgerald, considerou-o singelamente um camarada pobre e infeliz, a quem ele deveria se sentir contente por ajudar, se isso estivesse em seu poder; além disso, havia em seu bolso uma carta que, naquela manhã, tinha recebido do duque de St. Bungay, marcada como particular e confidencial, o que era, por sua própria natureza, deveras particular e confidencial. Por ela, ele soube que lorde Brock e Mr. Finespun estavam discordando sobre a taxaço dos vinhos franceses. Mr. Finespun desejava fazer algo, agora, no recesso – como enviar um agente político à França – ao passo que lorde Brock discordava; e ninguém sabia quais poderiam ser as consequências dessas discordâncias. Aqui poderia surgir outra chance – se pelo menos Mr. Palliser pudesse desistir do seu inverno na Itália! Mr. Palliser, enquanto tomava seu lugar oposto à sua esposa, sentiu-se muito triunfante.

Mr. Grey também se sentiu triunfante ao se posicionar cuidadosamente no assento oposto a Alice. Ele não parecia estar reclamando um direito ao tomar tal posição, aparentemente porque foi algo que lhe ocorreu naturalmente. Ninguém teria percebido que Alice era sua só por ver os arranjos que ele havia feito para deixá-la confortável. Ele não fez nenhuma afirmação em voz alta quanto à sua propriedade e os seus direitos, como alguns homens fazem. Ele se comportou tranquila e recatadamente em sua alegria; mas, mesmo assim, sentia-se triunfante. Desde o dia em que Alice aceitara seu primeiro pedido – não, bem antes disso; desde o dia em que resolvera fazê-lo pela primeira vez, até este presente momento, ele nunca fora demovido de seu propósito. Por cada palavra que havia dito; por cada ação que havia feito, ele se mostrara impassível diante daquele episódio em sua vida com ela – o que os outros amigos de Alice consideraram tão fatal. Quando ela o rejeitou pela primeira vez, ele não aceitou sua rejeição. Quando ela lhe disse que pretendia se casar com o primo, ele silenciosamente se recusou a crer que tal matrimônio seria levado adiante. Ele nunca desistira dela nem por um dia, e agora o evento provava que Mr. Grey estivera correto. Alice estava feliz, muito feliz; mas seguia disposta a considerar seu pretendente uma obra do destino, e sua felicidade uma necessidade imposta.

Eles pararam em Basle naquela noite, e ela novamente foi até a varanda. Ele estava próximo dela enquanto Alice se postava ali – tão próximo que, ao estender sua mão para ele, ela foi capaz de tomá-la e apertá-la perto de si.

— Está pensando em alguma coisa, Alice — ele adivinhou. — O que é?

— Foi aqui — ela explicou. — Aqui, nesta mesma varanda, que eu me rebelei pela primeira vez contra você, e agora, trouxe-me aqui para que eu confesse e me submeta no mesmo local. Eu confesso. Como posso agradecê-lo por me perdoar?



Na manhã seguinte, eles partiram para Baden-Baden, e lá pararam por alguns dias. Lady Glencora se negou taxativamente a parar um dia em Basle, fazendo tantas objeções quanto ao lugar que o seu marido finalmente cedeu.

— Eu poderia ir de Viena a Londres sem sentir nada — ela disse, com indignação. — E então, vem me dizer que não posso fazer uma jornada fácil de dois dias corridos?!

Mr. Palliser estivera com medo de ser imperioso e, portanto, assim que chegaram a uma das estações em Basle, cruzou a cidade, no calor e na poeira, procurando os estofamentos e molas razoáveis em outra carruagem.

— Tenho um favor específico para pedir — lady Glencora contou ao marido, assim que se encontraram sozinhos em seus aposentos em Baden. Mr. Palliser afirmou que atenderia a qualquer favor específico – contanto que não se descobrisse comprometido com qualquer acordo no qual sua esposa teria autoridade para fazer algum esforço físico. —

Eu queria ser uma ordenhadora de vacas — disse lady Glencora.

— Mas você não é uma ordenhadora, querida. Não foi criada como uma.

Mas qual seria o favor? Se pelo menos ela só pedisse joias — ainda que fossem os brincos de diamante da grande duquesa, ele se esforçaria para obtê-las. Se quisesse tomar uma bebida de pérolas derretidas, como Cleópatra, ele a teria procurado — tendo, primeiro se assegurado com uma opinião médica de que não faria mal a uma dama em suas condições tomar tal bebida. Não havia despesa que ele não estivesse disposto a ter por ela, nada caro que ele ressentiria. Mas, quando ela lhe pedia um favor, ele sempre ficava com medo de imprudências. Era bem possível que ela quisesse beber cerveja num jardim aberto.

E o pedido dela foi, por fim, da seguinte natureza:

— Eu quero que me leve ao salão de jogos — ela disse.

— Ao salão de jogos?! — espantou-se Mr. Palliser, desalentado.

— Sim, Plantagenet; ao salão de jogos. Se tivesse me acompanhado, eu não teria feito papel de tola ao colocar uma moeda na mesa. Eu queria ver o lugar; mas, acabei não vendo nada, porque fiquei muito assustada quando descobri que estava ganhando.

Mr. Palliser sabia que todo o mundo de Baden — ou melhor, o mundo dos estranhos em Baden — reunia-se em tais salões. Pode até ser que ele mesmo estivesse curioso sobre como os homens ficavam quando perdiam dinheiro, ou ganhavam o dinheiro dos outros. Ele sabia como um ministro ficava quando perdia ou ganhava impostos. Ele estava familiarizado com milhões e dezenas de milhões num comitê da Câmara inteira. Ele conhecia a empolgação de uma quase divisão dos orçamentos. Mas, até então, jamais vira um pobre homem apostar seu último napoleão, e retirar da mesa um pequeno chapéu cheio de ouro. Um pouco de exercício após uma ceia prematura era bom para sua esposa, ou assim haviam lhe dito; e ele concordou, portanto, que, na segunda noite deles em Baden, eles iriam passear e observar a jogatina.

— Talvez eu recupere o meu napoleão — afirmou Glencora a Alice.

— E talvez eu seja perdoada quando “alguém” notar como é difícil tomar conta de você — Alice alfinetou, olhando para Mr. Palliser.

— Na verdade, ela não é difícil — arriscou Mr. Palliser, quase temendo o resultado do experimento.

— Não tenho tanta certeza — retorquiu lady Glencora.

Eles partiram juntos, Mr. Palliser com sua esposa, e Mr. Grey levando Alice no braço, e encontraram todas as mesas ocupadas. A princípio, passaram através de aposentos diferentes, sussurrando uns

para os outros comentários sobre as pessoas que viam, e ouvindo as rápidas, baixas e monótonas palavras ditas pelos crupiês, enquanto organizavam e presidiam os jogos. Cada mesa exibia um cerco fechado de multidões, composto por jogadores, pessoas que esperavam para jogar, e meros espectadores, de modo que eles não puderam ver muito enquanto passavam. Mas isso não bastou para lady Glencora. Ela estava ansiosa para saber o que esses homens e mulheres estavam fazendo – para contemplar as faces daqueles que fracassavam e daqueles que ganhavam –, para ver como a coisa era feita, e para aprender algum tipo de lição de vida.

— Vamos parar aqui por um momento — ela solicitou ao marido, detendo-o num canto da mesa com a maior multidão. — Creio que conseguiremos ver em alguns minutos.

Então, ele ficou com ela ali, dando passagem a Alice, que ficou na frente com sua esposa; e em um ou dois minutos, uma abertura surgiu, e assim, todos eles puderam ver o tapete de apostas marcado, o dinheiro jogado em cima dele, os bastões passeando pela mesa, o crupiê distribuindo habilidosamente suas cartas, e – mais interessante do que todo o resto – os rostos daqueles que jogavam. Grey assistiu, por cima do ombro de Alice, com muita atenção – assim como Palliser, mas ambos mantiveram os olhos nos organizadores da partida. Alice e Glencora também fizeram o mesmo no começo, mas assim que ganharam coragem, espiaram os apostadores em volta.^[113]

Era uma longa mesa com, obviamente, quatro cantos, e no canto ocupado por eles encontravam-se vagamente opostos ao homem que distribuía as cartas. O canto equivalente ao deles, na outra ponta, era a parte da mesa que ficava mais distante de seus olhares, e sobre o qual os olhos deles bateram por último. Da posição em que estava, lady Glencora mal conseguia ver – de fato, a princípio ela não conseguiu ver – um ou dois que estavam congregados naquela parte. Mr. Palliser, que estava atrás dela, não podia vê-los de modo algum. Mas para Alice – e para Mr. Grey, caso ele tivesse se importado com isso –, cada rosto era visível, exceto os daqueles que estavam imediatamente próximos deles. A atenção de Alice não tardou a ser tomada pela ação e pelo semblante de um jovem que estava sentado naquele outro canto. Ele se apoiava, no início com indiferença, por cima da mesa, e usava um paletó de belbutina,^[114] e um chapéu redondo inclinado sobre os olhos, de modo que ela não conseguia ver totalmente o seu rosto. Mas ela mal havia começado a observá-lo, quando ele jogou o chapéu para trás e, após tirar algumas moedas de ouro escondidas sob a mão esquerda, que jazia sobre a mesa, empurrou três ou quatro delas até uma das divisões marcadas no tapete de apostas. Ele não parecia demonstrar qualquer interesse, como outros demonstravam, sobre o local especial que elas deveriam

ocupar. Muitos eram bastante específicos neste aspecto, depositando as suas apostas sobre as linhas, para, assim, compartilhar as fortunas de dois compartimentos, ou, às vezes, de quatro; ou eles dividiam as suas moedas, apostando em três ou quatro números, e os escolhendo com uma atenção quase grotesca a alguma superstição que tivessem inventado. Mas este homem deixou seu ouro ser jogado todo de uma vez, e o largou onde seu bastão, que mal havia sido estendido, depositara-o por acaso. Alice não conseguiu deixar de encarar o seu rosto. Os olhos dele, ela podia ver, estavam injetados de sangue, e quando ele puxou o chapéu para trás, seus cabelos estavam amassados e desgrehados; mas, apesar de tudo, existia algo em seu rosto que uma mulher não podia deixar de admirar se o mirasse. Era um rosto que imediatamente causou boa impressão nela – como sempre causava boas impressões nos outros. Nesta ocasião, ele havia ganhado seu dinheiro, e Alice o viu colhê-lo tão desleixadamente quanto o havia empurrado.

— Você viu aquele francês baixinho? — lady Glencora perguntou. — Ele acabou de ganhar meio napoleão, e saiu andando com o dinheiro. Não é interessante? Eu poderia ficar aqui por toda a noite.

Então, ela se virou para sussurrar algo para o marido, e os olhos de Alice recaíram novamente sobre a face do homem na outra extremidade da mesa. Depois que ganhou seu dinheiro, ele permitiu que o jogo prosseguisse por um turno sem fazer qualquer aposta. O ouro, mais uma vez, sumiu sob sua mão e ele se inclinou para frente com o chapéu sobre os olhos. Um dos crupiês dissera alguma coisa, como se estivesse chamando sua atenção para o jogo, mas ele meramente balançara a cabeça. Quando o destino da rodada seguinte foi decidido, entretanto, ele novamente se empertigou e, desta vez, até onde Alice conseguia ver, empurrou todos os seus ganhos para frente com seu bastão. Havia uma pequena massa de ouro, e, pela maneira como ele a depositava, todos podiam ver que ele escolhera seu número ao acaso. Uma moeda escapou dos limites da marcação, e o crupiê a empurrou de volta com uma inquirição meio expressada sobre a exatidão de sua posição.

— Aí mesmo — disse uma voz, em inglês.

Então, lady Glencora se moveu e apertou o braço de Alice com a mão. Mr. Palliser explanava a Mr. Grey, atrás delas, algo sobre as finanças germânicas estarem conectadas às mesas de apostas, e não escutou a voz, ou viu sua esposa se mexer. Eu creio que não preciso explicar aos leitores que o apostador em questão era Burgo Fitzgerald.

Mas lady Glencora não disse uma palavra – ainda não. Ela olhou para frente muito sutilmente, mas, ainda assim, com os olhos ansiosos até que conseguisse enxergar o rosto que conhecia tão bem. O chapéu dele estava agora puxado para trás, e seu semblante havia perdido

toda sua indiferença. Ele observou atentamente a face do homem enquanto lhe dizia a quantidade de cartas, conforme eram distribuídas. Ele não tentou esconder a ansiedade, e quando, após a contagem de umas seis ou sete cartas, ouviu um certo número ser nomeado, e uma certa cor ser chamada, proferiu uma exclamação que nem mesmo Glencora conseguiu ouvir. E então, outro crupiê depositou, perto do dinheiro de Burgo, certos rolinhos de papel contendo ouro, bem como certos napoleões frouxos.

— Por que ele não pega o dinheiro? — lady Glencora questionou.

— Ele vai pegar — respondeu Alice, sem entender a causa da ansiedade da prima.

Burgo parou por um momento, e depois se preparou para pegar o dinheiro para si; mas, quando foi fazê-lo, mudou de ideia e jogou tudo novamente — agora, desta vez, tendo muita cautela para colocá-lo em sua antiga posição. Tanto Alice quanto Glencora podiam ver que um homem ao seu lado tentava dissuadi-lo — e que, até mesmo, tentara impedir o braço que empurrou o bastão. Mas Burgo o refutou, falando algumas palavras grosseiras a ele, e então, mais uma vez, arrumou os rolinhos sobre as posições demarcadas. O crupiê, que tinha feito uma breve pausa, agora prosseguiu rapidamente com suas cartas, e em dois minutos o destino da fortuna de Burgo foi decidido. Tudo foi tomado pelo frio bastão do crupiê, e os rolinhos de ouro foram recolocados na travessa de onde haviam saído.

Burgo ergueu os olhos e sorriu para todos que cercavam a mesa. Até ali, a maioria daqueles que haviam permanecido o assistia. Ele era um homem que atraía olhares aonde quer que fosse, ou por aquilo que fizesse; estivera bastante claro que seu plano era ganhar uma fortuna, e naquela última jogada, a quantidade dos seus ganhos era considerável. Ele sabia que homens e mulheres o observavam, e, portanto, sorriu debilmente enquanto passeava com os olhos pela mesa. Então, levantou-se e, após colocar as mãos nos bolsos das calças, saiu assoviando. O seu companheiro o seguiu, e pôs uma mão sobre o ombro dele; mas Burgo o dispensou sem se virar. Ele o dispensou e seguiu caminhando e assoviando, enquanto atravessava o salão.

— Alice — chamou lady Glencora. — É Burgo Fitzgerald.

Mr. Palliser estava tão absorto na tal questão das finanças germânicas, que ignorou completamente o apostador.

— Alice, o que podemos fazer por ele? É Burgo — avisou lady Glencora.

Muitos olhos agora o observavam. Acostumado ao mundo e ao azar como era, ele não obteve êxito em sua tentativa de suportar sua perda com uma exibição de indiferença. O movimento de sua cabeça, a posição das mãos, o tom do seu assovio — tudo revelava a realidade.

Até os frios crupiês lançaram um olhar furtivo a ele, e um guarda muito grande de uniforme, com o chapéu entortado e uma espada, que, até ali, mal conseguira se manter de olhos abertos, pareceu evidentemente interessado nos movimentos dele. Se uma tragédia acontecer em locais como este – e tragédias vão acontecer, às vezes –, é melhor que a trágica cena ocorra o mais longe possível dos salões, para que o olhar público não sofra.

Lady Glencora e Alice haviam saído de seus lugares e se encolhido quase atrás de um pilar.

— É ele mesmo? É verdade? — Alice indagou.

— É a pura verdade — respondeu Glencora. — O que posso fazer? Eu posso fazer alguma coisa? Olhe para ele, Alice. Se for se destruir, o que eu faria, então?

Burgo, ciente de que era observado por todos os olhos, girou sobre os calcanhares, e voltou a atravessar o salão. Ele sabia que não tinha mais nenhum franco no bolso, mas, ainda assim, riu e continuou assoviando. O seu companheiro, quem quer que fosse, havia se afastado dele, sem se importar em compartilhar a fama que Burgo agora possuía.

— O que devo fazer, Alice? — perguntou lady Glencora, com os olhos ainda fixos naquele que um dia fora o seu amor.

— Conte a Mr. Palliser — sussurrou Alice.

Lady Glencora correu imediatamente para o marido, e o tomou de Mr. Grey. Rapidamente, ela contou sua história – com tanta rapidez, que Mr. Palliser mal conseguiu discernir as palavras.

— Faça alguma coisa por ele. Faça, faça. A não ser que eu saiba que alguma coisa será feita, morrerei. Você não precisa ter medo.

— Eu não estou com medo — respondeu Mr. Palliser.

Prosseguindo rapidamente, lady Glencora tomou o braço do marido e o acariciou.

— Você é tão bom — ela falou. — Não o perca de vista. Ali; lá vai ele. Vou para casa com Mr. Grey. Eu serei boa a partir de agora; juro que serei. Você sabe o que ele vai querer, então, faça a vontade dele, por mim. Mas não permita que ele aposte. Se ao menos conseguir que ele volte à Inglaterra e faça alguma coisa... Você deve algo a ele, não deve, Plantagenet?

— Se o dinheiro puder resolver alguma coisa, ele o terá.

— Deus o abençoe, meu querido! Eu nunca mais o verei; mas tente salvá-lo! Ali, ele está indo por ali. Vá, vá.

Ela o empurrou adiante e, após recuar, deu o braço para Mr. Grey, ainda mantendo os olhos em seu marido.

Quando havia alcançado a porta de saída do salão, Burgo pausara por um instante, e, ao se virar, dera de cara com o grande guarda perto dele.

— Ora, velhote, o que você quer? — ele provocou, abordando o homem em inglês. O grande gendarme simplesmente atravessou a porta e não disse nada. Burgo, então, passou e Mr. Palliser o seguiu rapidamente. Estavam agora no grande salão frontal, por onde a porta principal que dava para os degraus do prédio se abria. Burgo atravessou esta porta sem parar e Mr. Palliser foi atrás dele. Ambos caminharam até o final da fileira de prédios. Após sair do caminho principal, Burgo virou em uma pequena passagem que atravessava as árvores e subia as colinas. Aquela encosta entre as árvores é um local popular de Baden durante o dia, mas naquela hora, às nove da noite, estava deserto. Palliser não alcançou o outro homem, mas o seguiu, e não abordou Burgo até que ele tivesse se jogado na relva abaixo de uma árvore.

— O senhor está com problemas, eu receio, Mr. Fitzgerald — avaliou Mr. Palliser, assim que se aproximou dos pés de Burgo.

— Nós vamos para casa. Mr. Palliser tem um assunto para tratar — informou lady Glencora a Mr. Grey, assim que os dois homens sumiram do seu campo de visão.

— Aquele era um amigo de Mr. Palliser? — questionou Mr. Grey.

— Sim, isto é, ele o conhece e está interessado nele. Alice, vamos para casa? Oh! Mr. Grey, o senhor não deve fazer nenhuma pergunta. Ele... Mr. Palliser lhe contará tudo quando o vir... Isto é, se houver algo para ser contado.

Então, todos eles foram para casa, e logo se separaram pelo restante da noite.

— É claro que ficarei esperando por ele — contou lady Glencora a Alice. — Mas eu o farei em meus próprios aposentos. Pode contar a Mr. Grey, se quiser.

Mas Alice não contou nada a Mr. Grey, e nem Mr. Grey fez qualquer pergunta.

CAPÍTULO 76

A DÍVIDA DO SENHORIO

— O senhor está com problemas, eu receio, Mr. Fitzgerald — avaliou Mr. Palliser, de pé em frente a Burgo, que jazia deitado no chão. Eles se encontravam agora totalmente longe das lâmpadas a gás, e a noite estava escura. Burgo estava deitado de cara no chão, esperando que os passos que havia ouvido seguissem o seu rumo.

— Quem está aí? — ele perguntou, virando-se subitamente; mas, ainda assim, não conseguiu reconhecer Mr. Palliser, cuja voz mal lhe era familiar.

— Talvez eu tenha errado ao segui-lo — disse Mr. Palliser. — Mas eu pensei que estivesse com problemas, e que provavelmente poderia ajudá-lo. Meu nome é Palliser.

— Plantagenet Palliser? — espantou-se Burgo, ficando de pé num pulo, e olhando o rosto do outro com atenção. — Pelos céus! É Plantagenet Palliser! Bom, Mr. Palliser, o que o senhor deseja de mim?

— Gostaria de ser de alguma utilidade ao senhor, se possível. Eu e a minha esposa acabamos de vê-lo deixar a mesa de jogos.

— Ela está aqui também?

— Sim, ela está aqui. Estamos indo para casa, mas o acaso nos trouxe a este salão. Ela pareceu achar que o senhor estava em apuros, e que eu poderia ajudá-lo. Eu o ajudarei, se me deixar.

Durante toda a conversa, Mr. Palliser sentiu que podia se dar ao luxo de ser generoso. Ele sabia que não tinha mais o que temer. Ele não possuía nenhum rancor perdurante daquela pobre criatura que se postava à sua frente. Todo esse sentimento havia se extinguido, ainda que mal houvessem se passado quatro meses desde que fora enviado de volta à casa de lady Monk por Mrs. Marsham para salvar sua esposa, se é que ainda era possível salvá-la.

— Então, ela está aqui, não é? E me viu quando apostei minha última jogada? Eu deveria estar agora com mais de 20 mil francos, se as cartas tivessem ficado ao meu lado.

— As cartas nunca ficam ao lado de ninguém, Mr. Fitzgerald.

— Nunca... Nunca... Nunca! — exclamou Burgo. — Em todo o caso, elas jamais ficaram ao meu. Nada jamais fica ao meu lado.

— Se quiser 20 mil francos — isso daria oito mil libras, penso —, posso arranjá-los para o senhor sem qualquer problema.

— Mas isso não é possível!

— Oh, é. Como estou viajando com a minha família...

Pergunto-me se Mr. Palliser se considerava mais no direito de falar de sua família agora, do que três ou quatro semanas atrás.

— Como estou viajando com a minha família, fui obrigado a carregar muitas notas comigo, e eu posso acomodá-lo em algum lugar sem qualquer problema.

Havia algo de agradável nisto que fez Burgo Fitzgerald rir. Mr. Palliser, o marido de lady Glencora M'Cluskie, e herdeiro do duque de Omnium, por acaso levava dinheiro consigo! Até parece que Mr. Palliser não era capaz de conjurar chuviros de dinheiro em qualquer canto do globo com um mero estalo de dedo. E ele sugeria acomodá-lo – Burgo Fitzgerald, como se fosse uma questão de conveniência – como se Mr. Palliser fosse achar o dinheiro devolvido na próxima vez em que visse o seu extrato! Burgo foi forçado a rir.

— Eu não estava duvidando nem um pouco da sua capacidade de angariar dinheiro — ele explicou. — Mas como propõe recuperá-lo de volta?

— Isso ficaria à sua conveniência — argumentou Mr. Palliser, que mal sabia como interagir apropriadamente com sua companhia, de modo a fazer algo eficaz pelo bem dela.

— Eu nunca tenho conveniências desse tipo — falou Burgo. — Quem eram aquelas mulheres cujo tonel sempre tinha buracos no fundo? O meu tonel sempre tem buracos.

— O senhor se refere às filhas de Dánao^[115] — explicou Mr. Palliser.

— Não sei de quem eram filhas, mas daria na mesma se o senhor prestasse 800 libras a cada uma.

— Não havia tantas filhas assim — brincou Mr. Palliser, tentando fazer uma piada. — Mas como o senhor é apenas um, ficarei mais do que feliz, como já disse, em ser útil.

Eles agora caminhavam lentamente juntos colina acima; nas proximidades, escutaram um ruído. Diante disto, Burgo se virou.

— Está vendo aquele camarada? — ele perguntou.

Mr. Palliser, que era um tanto quanto míope, disse que não estava vendo ninguém.

— Mas eu o vejo. Não sei o nome dele, mas o enviaram do hotel para ficar comigo, para ver o que eu faria comigo mesmo. Devo 600 ou 700 francos a eles, que querem me expulsar do alojamento sem deixar que eu pegue as minhas coisas.

— Isso seria deveras desconfortável — comentou Mr. Palliser.

— Seria desconfortável, mas darei trabalho a eles. Se ficarem com os meus trapos, ficarão comigo. Eles acham que vou estourar meus miolos. É isso o que acham. O homem permite que eu me afaste o bastante para fazer isso – contanto que não seja perto da casa.

— Espero que o senhor não esteja pensando numa coisa dessas.

— Enquanto eu posso evitar, Mr. Palliser, nunca penso em nada.

O estranho agora havia parado próximo a eles; quase tão próximo que talvez fosse capaz de ouvir a conversa. Burgo, percebendo isto, foi até lá, e falando em péssimo francês, pediu que ele fosse embora.

— Não vê que estou acompanhado de um amigo?

— Oh! Um *amig* — repetiu o homem, respondendo em péssimo inglês. — Talvez seu *amig* possa *emp-restar* o *dinheiro*.

— Não é da sua conta o que ele pode fazer — retorquiu Burgo. — Faça o que eu falei, e me deixe em paz.

Então, o cavalheiro do hotel recuou descendo a colina; porém, durante o resto da conversa, Mr. Palliser imaginou com frequência estar escutando os passos do homem não muito longe dali.

Eles continuaram a subir a colina muito lentamente, e se passou algum tempo até que Mr. Palliser descobrisse como repetir sua oferta.

— Então, lady Glencora está aqui? — Burgo repetiu a pergunta.

— Sim, ela está aqui. Foi ela quem me pediu para procurá-lo — Mr. Palliser explicou. Então, os dois deram mais alguns passos em silêncio, pois nenhum sabia como se dirigir ao outro.

— Por Júpiter! — recomeçou Burgo, enfim. — Não é estranho que o senhor e eu, de todos os homens na Terra, estejamos passeando juntos aqui, em Baden? Não é apenas o fato de que é o homem mais rico de Londres, e eu o mais pobre, mas... Há outras coisas, o senhor sabe, que faz toda essa situação ser muito engraçada.

— Certas coisas aconteceram que fazem com que eu e minha esposa nos sintamos bastante ansiosos para ajudá-lo.

— E por acaso considerou, Mr. Palliser, que tais coisas fazem do senhor o principal ser deste mundo; ou melhor dizendo, o único ser deste mundo de quem não posso aceitar ajuda? Eu teria tomado tudo se tivesse conseguido... E eu tentei muito.

— Eu sei que ficou decepcionado, Mr. Fitzgerald.

— Decepcionado?! Céus! Sim. O senhor já conheceu alguém com tanto direito a ficar decepcionado quanto eu? Eu a amei, Mr. Palliser. Não, por Deus! Ainda a amo. Aqui fora, ousarei declarar isto até ao senhor. Nunca mais tentarei vê-la. Tudo está acabado, é claro. Eu fui um tolo sobre ela tanto quanto fui sobre tudo. Mas eu a amei.

— Eu acredito, Mr. Fitzgerald.

— Não foi só pelo dinheiro dela. Mas pense no que teria sido de mim, Mr. Palliser. Pense na chance que eu tive, e na chance que perdi. Eu deveria estar no topo das coisas, e agora estou no fundo delas. Eu não deveria ter apostado tudo. Teria havido mais do que o suficiente para me salvar. E depois, eu poderia ter feito algo de bom, em vez de sair me rastejando quase com medo da besta que nos observa.

— Uma ordem contrária foi dada — afirmou Mr. Palliser, sem saber o que dizer.

— Sim, uma ordem foi dada — por vingança! Parece que uma ordem foi dada para que eu seja mandado aos diabos; mas não sei quem deu essas ordens, e não sei por quê.

Mr. Palliser não tinha tempo de explicar ao seu amigo que as ordens de o mandar aos diabos haviam sido dadas, de maneira

bastante autoritária, por ele mesmo, pois estava ansioso para levar a conversa de volta ao que lhe interessava. Ele desejava conceder um auxílio útil, e, se possível, permanente ao pobre irresponsável; mas ele não desejava falar mais do que pudesse evitar sobre sua própria esposa.

— Há um velho ditado do qual o senhor deve se lembrar muito bem — ele declarou. — Nunca é tarde demais para fazer a coisa certa.

— Isso é uma bobagem — disse Burgo. — É tarde demais quando o homem sente o nó ao redor de seu pescoço na Corte Criminal.

— Talvez não seja, mesmo nesse momento. Na realidade, podemos dizer que certamente não é se o homem ainda for capaz de fazer a coisa certa. Mas não quero lhe fazer um sermão.

— Não adiantaria nada, o senhor sabe.

— Mas eu quero lhe ser útil. Há um tanto de verdade naquilo que diz. O senhor se decepcionou; e eu, talvez, de todos os homens, sou o que tem mais obrigação de socorrê-lo, agora que está necessitado.

— Como posso aceitar o dinheiro do senhor? — indagou Burgo, quase chorando.

— O senhor aceitará o dinheiro que é dela!

— Não... Isso seria pior; 20 vezes pior. Como é?! Aceitar o dinheiro dela quando ela mesma não quis me dá-lo?!

— Não vejo por que o senhor não poderia tomar emprestado o dinheiro dela; ou o meu. Pode dar à operação o nome que quiser.

— Não, eu não o aceitarei.

— E o que fará, então?

— O que farei? Ah! Eis a questão. Não sei o que farei. Estou com a chave do meu quarto no bolso, e irei para cama esta noite. Não costumo me planejar para além disso.

— O senhor me deixará visitá-lo amanhã?

— Não vejo que bem isso faria. Só me levantarei tarde, por medo de que tranquem o quarto contra mim. É melhor eu aproveitar para tirar deles tanto quanto puder. Acredito que direi que estou doente, e assim manterei a minha cama.

— O senhor aceitará alguns napoleões?

— Não. Nem uma moeda. Não do senhor. O senhor é o primeiro homem de quem recusei dinheiro emprestado; e provavelmente será o último que se oferecerá a tanto.

— Eu não sei mais o que posso oferecer — lamentou Mr. Palliser.

— O senhor não pode oferecer nada. Se puder falar à sua esposa que lhe dou *adieu*, isso será tudo o que poderá fazer por mim. Boa noite, Mr. Palliser; boa noite.



Mr. Palliser o deixou e prosseguiu o seu caminho, sentindo que não dispunha mais de eloquências. Ele apertara a mão de Burgo e descera a colina rapidamente. No caminho, passou, ou teria passado, pelo homem que estivera se escondendo deles.

— *Senhorr, senhorr!* — sussurrou o homem.

— O que deseja de mim? — perguntou Mr. Palliser, em francês.

Então, o homem também falou em francês.

— Ele recebeu algum dinheiro? O senhor deu a ele algum dinheiro?

— Eu não dei nenhum dinheiro a ele — respondeu Mr. Palliser, sem saber direito qual seria a melhor resposta ou ação sob tais circunstâncias.

— Então, ele ficará encrencado — declarou o homem. — E pensar que ele poderia ter saído com dois mil francos! Céus, céus, céus! Ele tem algum amigo, senhor?

— Sim, ele tem amigos. Eu não sei se posso ajudar a ele, ou ao senhor.

— Fitzgerald... O nome dele é Fitzgerald?

— Sim — disse Mr. Palliser. — O nome dele é Fitzgerald.

— Ah! Há tantos Fitzgeralds na Inglaterra. Mr. Fitzgerald, Londres... Ele não tem outros endereços?

— Se ele tivesse, e eu os conhecesse, não lhe informaria sem a permissão dele.

— Mas o que faremos? De que forma devemos agir? Talvez ele use a própria mão para se matar. Ele deve cinco semanas de pensão; sim, cinco semanas. E o vinho... oh, ele tomou tanto! Ele chegou em Baden como um lorde, e então, acreditei que tivesse dinheiro. Mas ele

foi e apostou, o que é natural. Mas, oh, meu Deus! Ele poderia ter ganhado dois mil francos esta noite; sim, dois mil francos!

— O senhor é o dono do hotel?

— Amigo dele, senhor; apenas amigo dele. Isto é, sou comissário-chefe. Eu cuido de cavalheiros que às vezes não são.... não são...

O comissário tentou explicar exatamente o que eles deveriam ser; e Mr. Palliser o compreendeu, ainda que as palavras não houvessem sido ditas. A entrevista foi encerrada com Mr. Palliser se informando do nome do hotel e prometendo ir lá antes que Mr. Fitzgerald acordasse na manhã seguinte — uma visita tencionada, que não precisamos achar que poderia exigir qualquer energia matinal de Mr. Palliser, se lembrarmos dos próprios planos de Burgo para o dia seguinte.

Lady Glencora recebeu o marido naquela noite com infinita ansiedade, e de modo algum se sentiu satisfeita com o resultado das coisas. Ele descreveu para ela do jeito mais preciso que pôde a natureza de seu encontro com Burgo, e também descreveu sua entrevista com o comissário-chefe.

— Ele irá, ele irá — afligiu-se lady Glencora, ao ouvir do marido a conjectura do homem de que Burgo poderia acabar se matando. — Ele irá, ele irá; se ele se matar, como pode esperar que eu suporte?

Mr. Palliser tentou acalmá-la ao revelar sua prometida visita ao senhorio; e lady Glencora, aceitando isto como alguma coisa, esforçou-se para instigar o marido a desembolsar uma grande quantia em nome de Burgo.

— Não pode haver motivo para ele recusar o dinheiro — falou Glencora. — Nem mesmo um motivo. Por acaso, o dinheiro não havia sido prometido a ele? Por acaso, ele não tivera direito ao dinheiro?

Este era um assunto que Mr. Palliser achava muito difícil de discutir. Ele não conseguia falar para a esposa que Fitzgerald deveria aceitar o prêmio; mas garantiu a ela que o dinheiro seria dado — praticamente qualquer quantia —, se pudesse ser disponibilizado.

Na manhã seguinte, ele desceu até o hotel e viu o verdadeiro senhorio. Ele descobriu que aquele era um homem razoável, tranquilo e bem amigável — e que estava possuído não pelo desejo irracional de que seus clientes pagassem suas contas; mas que parecia muito menos ansioso sobre esta questão do que a maioria dos senhorios da Inglaterra. Sua principal ansiedade parecia vir da grande dificuldade de fazer qualquer coisa sobre o cavalheiro que agora jazia em sua cama no andar superior.

— Ele tomou café da manhã? — Mr. Palliser perguntou.

— Café da manhã?! Oh, sim — respondeu o senhorio, rindo.

Ele havia sido muito específico quanto ao pedido que fora feito. Ele tinha desejado que suas costeletas fossem temperadas de um jeito

bastante exato – com bastante pimenta-caiena; e assim elas haviam sido temperadas. Ele havia pedido uma garrafa de Sauternes; mas o senhorio havia pensado – ou o chefe dos garçons havia pensado em seu lugar – que uma garrafa de vinho comum do campo serviria tão bem quanto. A garrafa de vinho comum do campo havia acabado de ser enviada ao andar superior.

Então, Mr. Palliser se sentou na salinha do senhorio, e pediu que a conta de Burgo Fitzgerald lhe fosse trazida.

— Acho que me aventurarei a pagá-la — contou Mr. Palliser.

— O que for do agrado do *monsieur* — respondeu o senhorio, com um certo brilho nos olhos.

O que Mr. Palliser iria fazer? Ele não sabia se, de acordo com as regras do mundo em que vivia, deveria pagá-la, ou deixá-la; o senhorio, certamente, não poderia lhe dar a resposta. Então, Mr. Palliser pensou na esposa. Ele não poderia voltar para ela sem fazer algo; então, como medida inicial, pagou a dívida. Os olhos do senhorio brilharam e ele se pôs a produzir o recibo com muita satisfação.

— Gostaria que eu pedisse que a garrafa de Sauternes fosse enviada agora?

Isto, Mr. Palliser recusou.

— E a quem deveria ser entregue o recibo?

Mr. Palliser achou que seria melhor se o senhorio o guardasse por ora.

— Talvez exista alguma pequena dificuldade? — sugeriu o senhorio.

Mr. Palliser admitiu que havia alguma pequena dificuldade. Ele sabia que deveria fazer algo mais. Ele não poderia simplesmente pagar a conta e ir embora. Isso não deixaria sua esposa satisfeita. Ele sabia que precisava fazer algo mais; mas como? Então, por fim, ele confidenciou ao senhorio. Mr. Palliser não contou tudo sobre o passado de Burgo. Ele não narrou aquele pequeno episódio na vida de Burgo que estava ligado à lady Glencora. Mas ele fez o senhorio compreender que estava disposto a providenciar dinheiro para Mr. Fitzgerald, se pelo menos fosse possível administrá-lo sensatamente.

— Não será possível mantê-lo afastado do salão de apostas, o senhor sabe; isto é, não se ele tiver um franco no bolso.

Quanto a isso, o senhorio se mostrou bastante confiante.

Tudo, por fim, foi arranjado, e o senhorio ficou encarregado de falar a Burgo que sua dívida não teria importância no presente, e que o hotel serviria Burgo pelos próximos três meses. Ao fim desse tempo, ele seria despejado. Nenhum montante seria emprestado a ele – mas o senhorio, mesmo neste aspecto, seria discreto.

— Quando eu chegar em casa, verei o que pode ser feito quanto

aos parentes que ele possui lá — explicou Mr. Palliser. Então, ele foi para casa e contou tudo à esposa.

— Mas ele não terá roupas — preocupou-se lady Glencora.

Mr. Palliser revelou que o sensato senhorio também cuidaria disso; e, assim, lady Glencora foi tranquilizada — tranquilizada até que alguma coisa em definitivo pudesse ser feita pelo jovem no retorno ao lar de Mr. Palliser.

Pobre Burgo! A sua participação deverá ser encerrada agora no que concerne estas páginas. Ele logo descobriu que alguma coisa fora feita por ele no hotel, e, sem dúvida, formulou alguns palpites próximos da verdade. O discreto senhorio não disse nada — e se recusou a dizer alguma coisa; exceto que suas dívidas não importavam mais. Pensando a respeito, Burgo decidiu escrever para Mr. Palliser num tom indignado; mas a carta jamais foi escrita. Ao chegar à Inglaterra, Mr. Palliser foi ter com Sir Cosmo Monk e, com diversos pedidos de desculpas, revelou o que havia feito.

— Eu lamento — expressou Sir Cosmo, furioso. — Eu lamento; não pelo dinheiro, mas lamento. O dinheiro gasto foi, todavia, devolvido a Mr. Palliser e um arranjo foi feito em que uma soma de 15 libras seria remetida semanalmente a Burgo, através de um membro do corpo diplomático, contanto que permanecesse numa certa cidadezinha alemã, que foi indicada, onde não haveria mesas de apostas. Lady Glencora se mostrou satisfeita por ora, mas duvido que o pobre Burgo tenha vivido confortavelmente por muito tempo com a semanada que lhe era enviada.

Aqui, devemos nos despedir de Burgo Fitzgerald.

CAPÍTULO 77

OS VIAJANTES RETORNAM PARA CASA

Mr. Palliser não permaneceu muito tempo em Baden após o pagamento da dívida de Burgo. Talvez eu não esteja lançando nenhum descrédito desmerecido à sua coragem se disser que ele estava com medo de ficar. O que ele teria dito — o que teria conseguido dizer se aquele jovem aparecesse exigindo uma explicação? Então, ele prosseguiu apressadamente para Estrasburgo no mesmo dia, muito para a satisfação de sua esposa.

Daí em diante, a jornada para casa prosseguiu sem quaisquer incidentes. Gradualmente, Mr. Palliser foi ficando mais leniente em relação à sua esposa, e levemente menos opressor em seus alertas de cuidado. Se ainda ruminava a respeito das molas das carruagens, ele o fazia em silêncio, e parou de impor a necessidade de um dia de descanso após cada dia de jornada. Ao alcançarem Dover, ele já estava tão acostumado com a condição da esposa, que fez pouca confusão enquanto ela descia do barco por uma prancha estreita, que transformava a chegada de uma dama em uma séria inconveniência, bem como num incômodo até para um homem. Ele ficou um tanto quanto abismado quando um homem grande, no meio da noite, insistiu para que abrissem a pequena cesta que sua esposa levava, e desconfortável quando foi obrigado a pará-la na prancha enquanto repassava os tiquetes que achou que já havia entregado; mas ele estava ficando acostumado com sua posição, e a tolerava como um homem.

Durante a volta para casa, Mr. Palliser não se sentou oposto à lady Glencora com constância. Ele logo percebeu que era mais fácil conversar com Mr. Grey do que com sua esposa, e, desta forma, as duas damas passaram bem mais tempo juntas, assim como fizeram os dois cavalheiros. O que as damas discutiram só pode ser imaginado. Uma estava prestes a se tornar uma esposa e a outra uma mãe, e este era o futuro delas após cada uma se convencer de que tais destinos jamais lhes pertenceriam. Deve ser presumido, contudo, que, para cada palavra que Alice falava, lady Glencora devolvia dez. Os dois homens, ao longo destes dias de íntima amizade, ocupavam-se em falar de política. Mr. Palliser, que pode ser considerado a raposa que perdera sua cauda — a cauda sendo, neste caso, o conforto de sua privacidade caseira — estava ansioso para recomendar que o seu novo amigo também cortasse a própria cauda.

— O seu argumento seria bastante válido, se fosse o destino dos homens se contentarem em viver apenas por si mesmos — ele avaliou.

— O seu argumento seria bastante válido, se fosse dado a um homem que sentisse que não conseguiria fazer o bem dos outros adentrando à vida pública — rebateu o outro. — Mas é totalmente

ineficaz se recomenda a vida pública simplesmente, ou primordialmente, porque um homem poderá recompensar a própria ambição com serviços públicos.

— É claro que há recompensas pessoais, e é claro que há um bem sendo feito — argumentou Mr. Palliser.

— Há... ou deveria haver — redarguiu Mr. Grey.

— Exatamente; e as duas coisas devem andar de mãos dadas. A principal recompensa vem da sensação de que você está sendo útil.

— Mas e se você sentir que não será útil?

Não precisamos mais seguir a discussão. Todos conhecemos sua natureza, e o que seria dito por tais homens de ambos os lados. Todos sabemos que nenhum deles colocaria a questão completamente sob uma luz legítima. Os homens nunca conseguem fazer isso com palavras, e que as luzes em seus interiores sejam sempre cristalinas. Eu não acredito que algum homem já teve o dom das palavras de modo a fazer delas um perfeito intérprete de toda a sabedoria que existe em seu íntimo. Mas o efeito obtido foi parcialmente aquele que o mais fraco dos dois homens almejava — mais fraco nos dons da natureza, ainda que a arte o houvesse, em alguns aspectos, deixado mais forte. Mr. Grey sentiu sua filosofia sossegada ser abalada, e espantou Alice — espantou-a tanto quanto a deleitou — com uma ou duas palavras que falou enquanto caminhava com ela pelos pátios do Louvre.

— É tudo oco por aqui — ele comentou, referindo-se às políticas francesas.

— Muito oco — concordou Alice, que não tinha qualquer amor pelo modo francês de resolver assuntos públicos.

— De todas as modalidades de governo, esta, para mim, parece a mais certa a ruir. Os homens escutam que são sábios o bastante para falarem, mas não sábios o bastante para terem qualquer poder de ação. É como se os homens fossem alertados de que estão andando em meio à pólvora, e que nenhum fogo lhes pode ser permitido, mas, ao mesmo tempo, é como se fossem ordenados a levar fósforos no bolso. Eu não acredito na pólvora, e penso que deveria haver fogo, muito fogo; mas, se não desejasse o fogo, eu não teria os fósforos.

— É tão estranho ouvi-lo falar de políticas — Alice observou, rindo.

Depois disso, ele abandonou o tópico por um tempo, como se estivesse envergonhado dele, mas, em pouquíssimos minutos, ele o retomou virilmente.

— Mr. Palliser deseja que eu concorra ao Parlamento.

Ao ouvir isto, Alice não disse nada. Ela tinha medo de falar. Depois de tudo o que havia se passado, a dama sentia que não ficaria bem se demonstrasse alegria visível diante da proposta revelada por

ele, e, ainda assim, não era capaz de proferir qualquer coisa sem um sinal de exultação na voz. Então, ela seguiu andando sem falar, consciente de que seus dedos tremiam sobre o braço dele.

— Qual é a sua opinião sobre isso? — ele perguntou.

— O que posso dizer? Oh, John, que direito tenho de dizer qualquer coisa?

— Ninguém mais teria tanto direito, excluindo a mim mesmo, é claro, que devo ser responsável pelas minhas próprias ações. Ele me perguntou se tenho condições financeiras para tanto, e parece pensar que hoje um investimento pequeno bastaria para uma empreitada destas se comparado há alguns anos. Eu creio que tenho condições financeiras se conseguir uma cadeira que não seja muito cara para uma primeira disputa. Ele poderia me ajudar com isso.

— Neste ponto, é claro, não posso formar uma opinião.

— Não; não neste ponto. Creio que podemos dar isso como certo. Viver em Londres por quatro ou cinco meses ao longo do ano pode ser suportável. Já o modo de vida...!

Então, Alice não conseguiu mais segurar a língua, e despejou os seus pensamentos com mais veemência do que discrição. Indubitavelmente, ele os combateu com uma certa quantidade de oposição. Ele raramente permitia que um entusiasmo sincero passasse sem um tanto de hostilidade, mas não era tão perverso a ponto de ser dissuadido de seus novos pontos de vista pelo fato de que Alice os aprovava, e ela, enquanto se aproximava de casa, concluiu que a única falha no caráter dele estava em processo de cura.

Quando chegaram em Londres, todos se separaram. Era a intenção de Mr. Palliser levar sua esposa a Matching com o mínimo atraso possível. Londres, nesta época, estava quase vazia, e todos os afazeres da estação já tinham findado. Era agora a primeira semana de agosto e, como o Parlamento não se reunia há quase dois meses, a cidade tinha a aparência que costumava carregar em setembro. Lady Glencora permaneceria apenas um dia em Park Lane, e ficou combinado entre ela e Alice que as duas não deveriam se ver.

— Como é estranho se despedir assim, quando as pessoas ficaram juntas por tanto tempo — refletiu lady Glencora. — Sempre fica a sensação de que uma pequena vida que existiu à parte chegou ao fim. Creio, Mr. Grey, que quando o senhor e eu nos encontramos de novo, estaremos distantes demais para arengarmos um com o outro.

— Torço para que este nunca seja o caso — respondeu Mr. Grey.

— Suponho que nada impediria as arengas dele, não é, Alice? Mas, lembrem-se, não pode haver arenga na próxima vez em que nos reunirmos, e isso precisa acontecer em setembro.

— Prometo de coração — tranquilizou Mr. Grey. Mas Alice não disse nada.

Então, Mr. Palliser fez seu pequeno discurso.

— Alice — ele começou, estendendo sua mão para Miss Vavasor. — Dê os meus cumprimentos ao seu pai, e explique a ele que tomarei a liberdade de convidá-lo para vir a Matching para a primeira caçada de setembro, e que estarei na expectativa de que ele a traga consigo. Você também pode dizer que ele terá de ficar para acompanhá-la, mas que não lhe será permitido levá-la embora.

Lady Glencora achou tudo aquilo muito bonito vindo de seu marido, e isso ela lhe disse no caminho para casa.

Alice insistiu em voltar a Queen Anne Street sozinha em um cabriolé. Mr. Palliser ofereceu uma carruagem e Mr. Grey, é claro, ofereceu-se para acompanhá-la; mas ela não quis aceitar a oferta nem de um e nem do outro. Se tivesse ido com ela, ele poderia acabar topando com o pai da moça, e ela estava bastante ansiosa para evitar a sensação de sobrecarga da presença de seu amor quando recebesse as primeiras congratulações do seu pai. Eles haviam dormido em Dover, e partido num trem ao meio-dia. Quando alcançou Queen Anne Street, a casa estava desolada, e ela, portanto, poderia ter permitido a companhia de Mr. Grey, no fim das contas. Mas Alice encontrou uma carta à sua espera que, por aquele momento, fez com que ela se esquecesse tanto dele quanto do seu pai. Lady Macleod, em Cheltenham, estava muito doente, e desejava ver a sobrinha, como ela chamava, antes de morrer. *“Eu recebi sua carta”, dizia a bondosa senhora, “e estou muito feliz. Eu só precisava disso para me reconciliar com a minha partida. Sempre achei que, apesar de tudo, a minha menina seria, enfim, feliz. Será que ela me perdoará se eu lhe disser que a perdoei?”* A carta prosseguiu implorando para que Alice fosse a Cheltenham imediatamente. *“Não que eu esteja morrendo agora mesmo”, explicava lady Macleod, “mas você me encontrará bastante diferente e presa à cama. O médico diz que teme o que pode acontecer assim que o tempo esfriar. Sei o que isso significa, minha querida; e se eu não a vir agora, antes do seu casamento, jamais a verei outra vez. Peço que se case o quanto antes. Eu quero saber que você se tornou Mrs. Grey antes de ir embora. Se eu descobrisse que o casamento foi adiado por causa da minha doença, creio que isso me mataria instantaneamente”.*

Havia outra carta para ela, essa de Kate, que estava cheia, é claro, de felicitações, e promessas de que sua prima compareceria ao casamento; *“isto é”,* falava Kate, *“a não ser que ocorra na casa de alguns de seus amigos muito pomposos”.* Ela contava, ainda, que tia Greenow se casaria em uma quinzena – contava e implorava para que Alice fosse ao casamento. *“Você deveria ficar ao lado de sua família”,* declarava Kate. *“Apenas pense em que condições ficarei se não tiver ninguém aqui para me apoiar. Venha. Essas jornadas não dão trabalho hoje em dia. Não sabe que eu viajaria por uma distância sete vezes maior por você? Mr.*

Cheesacre e capitão Bellfield ficaram amigos, afinal, e Mr. Cheesacre será o padrinho. Não é lindo? Quanto a mim, pobre de mim, ouvi dizer que já não tenho mais nenhuma chance de me tornar a senhora de Oileymead e de todas as suas riquezas”.

Alice começou a achar que suas mãos estavam quase cheias demais. Se tencionava se casar em setembro, mesmo ao final de setembro, suas mãos estariam bem cheias. Apesar disso, ela não sabia como negar qualquer pedido que lhe era feito. Sobre lady Macleod, a sua visita deveria ser um dever que, obviamente, tinha de ser feito imediatamente. Ela só ficaria um dia em Londres, e então partiria para Cheltenham. Após se decidir sobre isto, ela logo escreveu à tia sobre tal resolução. Quanto à outra questão em Westmoreland, ela suspirou ao pensar nela, mas recebeu ter de ir até lá também. Kate havia sofrido demais por ela, de modo que Alice não poderia se permitir agir indiferentemente ao pedido.

Logo mais, o seu pai chegou.

— Eu não sabia quando você retornaria — ele falou, iniciando com um pedido de desculpas pela sua ausência. — Como eu poderia, minha querida?

Alice desdenhou e lembrou que ela mesma havia informado a hora exata do trem no qual havia chegado.

— Tudo bem, papai — ela respondeu. — Fiquei feliz em ter uma hora para escrever uma ou duas cartas. A pobre lady Macleod está muito doente. Preciso ir até ela depois de amanhã.

— Por Jupiter! Eu havia escutado que ela estava mal. Ela é muito velha, você sabe. Então, Alice, você finalmente se acertou com Mr. Grey?

— Sim, papai; se esse é o nome que quer dar à coisa.

— Bom, é assim que eu a chamo. Tudo acabou dando certo.

— Espero que ele ache isso.

— E o que você mesma acha, minha querida?

— Não tenho dúvidas de que é a coisa certa para mim, papai.

— É claro que não, é claro que não! E vou lhe falar uma coisa, Alice; ele é um em mil. Você já soube sobre o dinheiro?

— Que dinheiro, papai?

— O dinheiro que George havia pegado.

Como os leitores bem sabem, Alice não havia escutado nada de especial sobre este dinheiro. Ela apenas sabia, ou pensava que sabia, que havia emprestado três mil libras ao primo. Mas agora, o seu pai explicou para ela como foi toda a transação.

— Nós só conseguiríamos proteger seu dinheiro por mais alguns meses, talvez — ele contou. — Mas Grey sabia que certos homens necessitam de bastante corda antes que possam se enforcar.

Alice não conseguiu dizer nada sobre a questão ao pai, mas a si

mesma, declarou que não fora por aquilo ou com aquelas esperanças que John Grey gastara o dinheiro dele.

— Ele precisa ser ressarcido, papai — ela determinou.

— Ressarcido?! — ele indagou. — Ele próprio pode se ressarcir agora. Isso pode gerar alguma diferença nos acordos, talvez, mas ele e os advogados vão cuidar disso. Eu não penso em interferir nos assuntos de um homem como Grey. Se pelo menos soubesse, minha querida, como eu sofri!

Alice, em tom penitente, expressou seu arrependimento, e então, ele também garantiu que a havia perdoado.

— Deus a abençoe, minha criança! — ele falou. — Que ele a faça feliz, e que você seja boa para ele e... e... e... muito confortável.

Depois disso, ele retornou ao seu clube.

Alice fez sua jornada a Cheltenham sem qualquer aventura, e foi recebida por lady Macleod de braços abertos.

— Minha querida Alice, que bondade a sua ter vindo.

— Bondade?! — surpreendeu-se Alice. — E eu não teria viajado mil quilômetros pela senhora?

Lady Macleod estava muito ansiosa para saber tudo sobre o vindouro casamento.

— Posso lhe dizer agora, querida, embora não pudesse antes, que eu sabia que ele persistiria até o fim. Ele mesmo me disse isso em confidência.

— Ele persistiu, tia; isso é certo.

— E espero que você o recompense. Uma linda mulher sem discrição é como uma pérola no focinho de um suíno; mas uma boa esposa é uma coroa de glórias para o marido. Lembre-se disso, minha querida, e escolha o que você será pelo bem dele.

— Eu não serei a pérola infeliz, se puder evitar, tia.

— Todos podemos evitar se nos comprometermos com a coisa certa. E Alice, você precisa ter o cuidado de descobrir os gostos e desgostos dele. Céus! Lembro-me de como foi difícil descobrir, mas, enfim... Creio que eu não era tão esperta quanto você.

— Às vezes, penso que ninguém jamais foi tão estúpida quanto eu fui.

— Não foi estupidez, querida; se devo usar uma palavra para definir, é “teimosia”. Mas, querida, tudo isso já foi perdoado. Não foi?

— Há um perdão que é bastante difícil de se conseguir — respondeu Alice.

Algo foi dito naquela ocasião sobre a necessidade de se procurar perdão além deste mundo, que não precisarei repetir aqui. Em comparação a todos os pequenos sermões dos seus velhos amigos, Alice estava infinitamente mais atenta do que costumava ficar, então, lady Macleod se sentiu confortada e tomou coragem, finalmente, para

tirar uma carta da condessa de Midlothian de baixo do travesseiro, que havia recebido há um ou dois dias, e que mencionava a situação de Alice.

— Eu não tinha certeza se deveria mostrá-la a você — explicou lady Macleod. — Porque você não respondeu quando ela lhe escreveu. Mas, quando eu me for, como deve acontecer em breve, ela se tornará a parente mais próxima que você terá do lado materno, e que possui uma grande posição, como sabe, Alice...

Aqui, entretanto, Alice se sentiu impaciente para ver a carta. A tia a entregou e ela leu a seguinte mensagem:

“Castelo Reekie, julho de 186—

CARA LADY MACLEOD,

Lamento ouvir sobre os sintomas que mencionou. Aconselho vivamente que passe a depender principalmente de caldo de carne. Eles devem ser muito cuidadosos para servi-lo completamente livre de gordura, e não muito forte. Não deve haver legumes nele. Não é sopa, você sabe; é caldo de carne. Se alguma coisa pode ajudar a fortalecê-la, é isto. Eu não preciso explicar a ninguém que já viveu como a senhora viveu onde procurar a outra força que, sozinha, pode sustentá-la em tempos como este. Eu iria até aí se soubesse que a minha presença poderia lhe ser de algum conforto, mas sei o quão sensível é, e o choque poderia ser demais.

Se vir Alice Vavasor após ela voltar à Inglaterra, como creio que verá, por favor, diga-lhe que mando meus mais sinceros parabéns, e que fico feliz, de todo o coração, por tudo ter dado certo. Penso que ela tratou minhas tentativas de curar a ferida de uma maneira que elas não mereciam; mas tudo isso deverá ser perdoado, assim como a indelicadeza original que ela cometeu contra o pobre Mr. Grey”.

Alice estava ficando cansada de tantos perdões, e disse a si mesma, enquanto lia a carta, que o perdão de lady Midlothian era, em todo o caso, desnecessário. *“Confio que ainda possamos nos encontrar e nos tornarmos amigas”,* continuava lady Midlothian. *“Eu me sinto extremamente gratificada pelo fato de que ela tem sido bem considerada por Mr. Palliser. Disseram-me que Mr. Palliser e Mr. Grey se tornaram grandes amigos, e se esse for o caso, Alice deve estar feliz em sentir que tivera dentro de si o poder de conferir um benefício tão maravilhoso ao seu futuro marido, cujos frutos ele colherá desta amizade”.*

— Eu não estou nem um pouco feliz, e não conferi nenhum benefício a Mr. Grey! — exclamou Alice, que não conseguiu reprimir sua raiva gerada pelo último parágrafo.

— Mas este é um grande benefício, minha querida!

— Mr. Palliser tem tanto motivo para se sentir grato quanto Mr. Grey; talvez mais.

A pobre lady Macleod não podia discutir a questão em seu estado atual. Ela apenas suspirou, e mexeu sua velha mão enrugada para cima e para baixo sobre as cobertas. Alice terminou a carta sem fazer mais comentários. Ela meramente prosseguia contando o quão feliz sua autora ficaria em ouvir novidades de sua prima sobre Mrs. Grey e Mr. Grey, e então fez um convite geral tanto a Mr. Grey quanto a Mrs. Grey, chamando-os para ir ao Castelo Reekie assim que fosse possível. A marquesa, com quem lady Midlothian estava ficando, desejava expressamente que ela passasse esta mensagem. Alice, porém, não pôde deixar de notar que o convite de lady Midlothian valia apenas para a casa de outra pessoa.

— Estou certa de que as intenções dela são boas — disse Alice.

— De fato, são — avaliou lady Macleod. — Além do mais, você provavelmente terá filhos; pense em como será bom para eles conhecerem a família Midlothian. Você não deveria privá-los de suas vantagens naturais.

Alice ficou uma semana com a tia, e de lá, partiu diretamente para Westmoreland. Devemos presumir que ela tenha dado algumas incumbências nupciais naquele único dia em que passou em Londres. Sobre isso, ela recebera diversos conselhos de lady Glencora, e nada menos que uma quantidade significativa de auxílio seria prestada a ela em Matching durante a quinzena em que permaneceria lá antes do casório. Alguma coisa a mais, vamos torcer, ela deveria fazer em Cheltenham. Algo, certamente, ela fez. Algo provavelmente será conquistado também nos ermos de Westmoreland; esta, porém, não será exatamente uma conquista que exigirá a presença de alfaiates. Enquanto estava em Cheltenham, ela decidiu que não retornaria a Londres antes de seu casamento. Esta decisão foi gerada por uma carta muito urgente de Mr. Grey, e outra, quase igualmente urgente, de lady Glencora. Se o casamento não se desse em setembro, ela não poderia comparecer. Os deuses do mundo – do mundo de lady Glencora – reuniram-se e tomaram uma grande decisão. Lady Glencora seria levada em outubro até o Castelo Gatherum, e ficaria lá até a primavera seguinte, de modo que o herdeiro poderia, de fato, nascer em meio à realeza.

— Que aborrecimento — falou lady Glencora. — Além disso, eu sei que será uma menina. Mas o duque não aparecerá por lá, exceto na semana de Natal.

Um convite para a cerimônia em Matching foi enviado de Mr. Palliser a Mr. Vavasor, e outra de lady Glencora foi enviado a Kate.

— A quem conheço há muito tempo — disse a dama. — E com quem eu deveria ter uma boa conversa, se me atrevesse, pois tenho certeza de que tudo isso foi obra dela.

CAPÍTULO 78

O DESTINO DE MR. CHEESACRE

Precisamos reconhecer que Mrs. Greenow era uma mulher de grandes recursos, e que era muito prudente no tocante aos outros, ainda que eu receie que o veredito daqueles que a conheciam a contrariaria no tocante à própria prudência. O casamento com o capitão Bellfield foi um ato precipitado – certamente foi precipitado, embora ela tivesse garantido que o pagamento das suas rendas caísse em suas próprias mãos; mas a maneira como fez com que ele vivesse discretamente durante os meses que antecederam o casamento; o tato com que renovou a amizade que existira entre ele e Mr. Cheesacre; e a destreza que usara para, enfim, conseguir uma esposa para Mr. Cheesacre, obrigam todos nós a admitir que, no geral, ela tinha grandes poderes.

Quando Alice chegou a Vavasor Hall, ela encontrou Charlie Fairstairs acomodada no que se tornara uma longa visita. Charlie e Kate seriam as duas damas de honra de Mrs. Greenow, e, como Kate contara à prima na primeira interação confidencial que tiveram na noite da chegada de Alice, já havia grandes esperanças na residência de que o mestre de Oileymead pudesse ser levado a se render. Era verdade que Charlie não possuía um xelim e que Mr. Cheesacre havia batido o pé sobre se casar com uma herdeira. Era verdade que Miss Fairstairs sempre aparecera em baixa sob a estima do cavalheiro, por ser relacionada a pessoas que tanto careciam de títulos e aristocracia, quanto de dinheiro, e que o cavalheiro amava títulos e aristocracias com todo o coração. Era verdade que Charlie não era bela, e que Cheesacre tinha um olho para os charmes femininos. Era verdade que ele havia desprezado Charlie, e anunciara seu menosprezo abertamente – que ele havia visto a moça nas areias de Yarmouth em todos os verões dos últimos dez anos, e nas ruas de Norwich em todos os invernos, e aprendera a considerá-la uma coisa pobre e desprezível, por ser comum aos seus olhos. É assim que os Cheesacres do mundo julgam as pessoas. Mas, apesar de todas estas dificuldades, Mrs. Greenow havia tomado as dores da pobre Charlie, e Kate Vavasor expressou uma forte opinião de que sua tia sairia vitoriosa.

— O que ela fez com o homem? — Alice indagou.

— Ela o persuadiu; simples assim. Ela tanto se comportou como a mestra dele que ele agora não sabe como lhe dizer não. Algumas vezes pensei que ele poderia querer fugir, mas já abandonei esse receio. Ela tem pequenas conversas particulares e diárias com ele, que são tão sedutoras para Mr. Cheesacre, que ele não consegue escapar. No meio de uma delas, ele vai acabar se descobrindo noivo.

— Mas, e a infeliz garota?! Não será um casamento miserável para ela?

— Nem um pouco. Ela será uma esposa muito boa para ele. Mr. Cheesacre é um daqueles homens a quem qualquer mulher, depois de um breve tempo, acaba se igualando. Ele será rígido uma vez por mês, mais ou menos, e talvez diga que ela não trouxe dinheiro algum consigo; mas isso não quebrará nenhum osso, e Charlie saberá como lutar em suas próprias batalhas. Ela cuidará do dinheiro dele, se não trouxer nenhum, e, em alguns anos, eles vão se entender muito bem.

Mr. Cheesacre e capitão Bellfield estavam, naqueles dias, morando juntos em Penrith, mas vinham e passavam o dia em Vavasor Hall, sempre voltando aos seus alojamentos à noite. Faltavam oito dias para o matrimônio quando Alice chegou, e os preparativos para esse evento seguiam em progresso.

— Será muito discreto, Alice — contou sua tia. — Tão discreto quanto for possível. Eu devo isso à memória do falecido. Sei que ele está olhando lá de cima para mim, e que aprova tudo o que faço. Na verdade, ele me disse uma vez que não queria eu vivesse desolada por causa dele. Se não sentisse que ele está me olhando lá de cima, e aprovando o casamento, eu me sentiria uma verdadeira miserável.

Ela levou Alice escada acima para ver o seu enxoval, e deu à futura noiva algumas dicas que, sob as presentes circunstâncias, poderiam ser úteis.

— Sim, de fato; custou apenas três xelins e seis pence por peça, e elas são bastante reais. Sinta-as. Você não conseguiria nas lojas por menos de seis.

Alice as sentiu e imaginou se a tia poderia ter poupado meia-coroa honestamente.

— Eu fiquei de olho nelas quando fui à cidade, querida. E veja aqui, estas são bem novas, nunca foram usadas, e as ganhei quando me casei antes. Não há nada melhor do que ser cuidadosa, querida. Eu detesto mesquinhez, como todos que me conhecem sabem; mas não há nada melhor do que ser cuidadosa. Há muita gente rica de olho em você agora mesmo, e você ganhará várias coisas na vida que não vai querer. Mantenha-as sempre por perto e tenha cuidado. Elas podem acabar sendo úteis, você sabe.

Dizendo isto, Mrs. Greenow guardou, entre seus atuais pertences nupciais, vários artigos de riqueza que tinham se acumulado sob sua posse num antigo estágio de sua vida.

E então, Mrs. Greenow revelou seus pensamentos sobre o capitão para Alice:

— Ele é tão bom quanto ouro, querida; ele é mesmo, à sua própria maneira. Claro que sei que ele tem defeitos, mas adoraria saber quem não tem. O pobre e querido Greenow, porém, certamente tinha menos do que qualquer um que já conheci.

Conforme esta recordação cruzou a mente de Mrs. Greenow, ela

levou o lençinho até os olhos, e Alice notou que, o lenço que sua tia segurava, ainda carregava a mais funda bainha da viuvez. Eles seriam usados, sem dúvida, até o último dia, e depois seriam postos na lavanda para futuras e possíveis ocasiões.

— Bellfield pode ter sido um pouco extravagante. Ouso dizer que foi. Mas, como um homem pode evitar a extravagância se não tem uma renda fixa? Ele foi maltratado em sua profissão; muito maltratado. O meu sangue ferve quando penso sobre isso. Depois de lutar as batalhas do seu país em meio ao sangue, poeira e feridas... Mas lhe contarei sobre isso em uma outra oportunidade.

— Imagino que um homem raramente faz fortuna, tia, sendo um soldado.

— Nunca, minha querida; é muito melhor ser um alfaiate. Nunca se case com um soldado. Mas, como eu ia dizendo, ele é a criatura com o melhor temperamento do mundo, e o amigo mais dedicado que eu já conheci. Devia ouvir o que Mr. Cheesacre tem a dizer sobre ele! Mas você não conheceu Mr. Cheesacre, não é?

— Não, tia, ainda não. Se a senhora se lembra, quando veio aqui da outra vez, ele foi embora antes que eu pudesse vê-lo.

— Sim, eu sei, pobre camarada! Cá entre nós, Kate poderia ter ficado com ele, se quisesse; mas talvez Kate estivesse com a razão.

— Eu não acho que ele teria combinado nem um pouco com a Kate.

— Por causa do curral, quer dizer? Kate não deveria empinar o nariz. O dinheiro nunca é sujo, você sabe. Mas, talvez, tenha sido melhor assim. Há uma doce moça aqui a quem ele é violentamente ligado, e torço para que ela se torne Mrs. Cheesacre. Mas, como eu ia dizendo, a amizade entre aqueles dois homens é bastante maravilhosa, e sempre observei que, quando um homem cria esse tipo de afeição no peito de outro homem, torna-se invariavelmente outro tipo de homem, o homem, na verdade, que dará um bom marido.

Alice conhecia a história de Charlie Fairstairs e suas esperanças; conhecia as brigas entre Bellfield e Cheesacre; sabia quase tanto sobre a vida passada de Bellfield quanto a própria Mrs. Greenow; e Mrs. Greenow, indubitavelmente, estava ciente de que este era o caso. Mesmo assim, ela teve o prazer de contar sua própria história, e a contou como se acreditasse em cada palavra que proferia.

No dia seguinte, os dois cavalheiros apareceram, como de costume, e Alice observou que Miss Fairstairs mal falou com Mr. Cheesacre. Na realidade, as suas tentativas de evitar tal cavalheiro eram tão óbvias, que era impossível não observar. Eles beberam chá do lado de fora, e quando Mr. Cheesacre, em certo momento, passeou vagarosamente em direção à ponta do banco no qual Charlie estava sentada, Charlie se levantou e foi embora. Mais tarde, enquanto ela

passeava pelo lugar e pelo bosque, notou-se que não estava nem um pouco desejosa de se entrosar com outra pessoa, de modo que qualquer entrosamento entre ela e o dono de Oileymead dificilmente ocorreria. Uma vez, Mr. Cheesacre conseguiu se aproximar dela e falar algumas palavras; algumas palavras muito indiferentes. Ele sabia que estava sendo cortado e queria evitar o surgimento de uma cena.

— Eu não sei, senhor — respondeu Charlie, afastando-se com excelente dignidade para ir se entrosar com Alice, que estava por perto. — Sei que você acabou de retornar da Suíça — disse Charlie. — Linda Suíça! O meu coração bate pela Suíça! Conte-me alguma coisa sobre a Suíça!

Mr. Cheesacre ouvira que Alice era a amiga querida de uma dama que provavelmente se tornaria uma duquesa algum dia. Ele, naturalmente, considerou-a com profunda reverência e saiu de fininho. Nesta ocasião, Mrs. Greenow se mantinha adoravelmente ao lado do futuro marido, e o efeito de tudo isso foi que Mr. Cheesacre se encontrou bastante sozinho e infeliz. Ele geralmente gostava destes dias em Vavasor Hall, considerando-se, ou imaginando-se, o espírito dominante por ali. Que Mrs. Greenow era sempre, de fato, o espírito dominante, eu não preciso dizer, mas ela sabia como alegrar uma companhia e como deixá-la infeliz. No geral, o pobre Cheesacre ficou bastante infeliz naquele dia.

— Acho que eu não voltarei mais lá — ele informou a Bellfield, enquanto guiava o cabriolé de volta para Penrith naquela noite.

— Não vai mais lá, Cheesy? — questionou Bellfield. — Ora, mas iremos jantar a céu aberto na sexta-feira. Foi você quem sugeriu.

— Ora, sim; eu comparecerei na sexta-feira, mas não mais depois disso.

— Vai mesmo parar de vir e me abandonar, velho amigo?

— Do que adianta? Você vai conseguir a sua esposa, e isso já lhe basta. A verdade é que, desde que aquela garota veio de Londres com aquela maldita atitude... — a garota de Londres com a atitude era a pobre Alice. — ...o lugar mudou bastante. Raios me partam se a situação toda não estiver tão sombria quanto água de latrina. Sou um homem franco, sou mesmo, e detesto extravagância.

O capitão Bellfield protestou resolutamente contra tal opinião sobre o caso; mas Cheesacre havia sido ofendido, e ao longo do dia seguinte, mostrou-se zangado e sensível. Ele se recusou a jogar bilhar, e, em certo momento, insinuou que estava esperando receber em breve o dinheiro que lhe era devido.

— Você se comportou admiravelmente, querida — Mrs. Greenow elogiou Charlie Fairstairs naquela noite. A viúva agora tinha um vínculo de confiança com Miss Fairstairs que era quase maior do que o que tinha com a própria sobrinha, Kate Vavasor. Ela adorava uma

pitada de intrigas; e embora Kate fosse capaz de criar intrigas, como já vimos nesta história, ela não se juntava às intrigas da tia. — Você se comportou admiravelmente. Realmente não pensei que você fosse tão capaz.

— Oh, eu não sei — respondeu Charlie, corando diante do elogio.

— E é o único modo, minha querida; o único jeito. Quero dizer, para você e para um homem desses. E se Mr. Cheesacre mudar de ideia, você descobrirá que ele dará um ótimo marido.

— Eu não acho que ele se importa comigo — Charlie choramingou.

— Oh, bobagem! Garotas nunca sabem se um homem se importa ou não com elas. Se ele pedir sua mão, não será um sinal de que se importa com você? E se não pedir, ora, nenhum mal terá sido causado.

— Se ele acha que é pelo dinheiro dele... — começou Charlie.

— Ora, não diga besteiras, Charlie, ou você me fará enjoar — reprovou Mrs. Greenow. — É claro que é pelo dinheiro dele, mais ou menos. Não vai me dizer que se apaixonaria por Mr. Cheesacre se ele fosse como Bellfield, sem um xelim no bolso? Eu posso me dar ao luxo de ter um homem assim; você, não. Não digo que você não vai amá-lo. É claro que vai; e não tenho dúvidas de que irá, e que será uma boa esposa para ele. Sempre pensei que o mundanismo e o sentimentalismo fossem como conhaque e água. Não gosto de nenhum dos dois separadamente, mas ao juntá-los, eles formam uma bebida muito boa. Eu gosto de conhaque quente e molhado, com os cavalheiros dizem.

Este pequeno discurso Miss Fairstairs ouviu com respeitadora paciência, e quando ele terminou, ela não disse mais nada sobre suas afeições indignadas, ou seu menosprezo pelo dinheiro.

— E agora, minha querida, trate de ficar linda na sexta-feira. Eu vou ocupá-lo logo após o jantar, e quando ele houver terminado de conversar comigo, você poderá se colocar no caminho dele, entende?

O dia seguinte foi um que Kate chamou de “dia vazio em Vavasar Hall”. As damas ficaram totalmente a sós, e se devotaram, como era de costume nestes dias vazios, a tarefas caseiras e femininas. Mrs. Greenow, como já foi explicado, alugara a casa, e as suas preocupações se estendiam para além do mero vestuário nupcial. Grandes baús de lençóis de linho haviam chegado e todo o linho fora originalmente marcado com o nome de Greenow; e uma boa parte desses antigos patrimônios da vida caseira provavelmente tinham que ser convertidos no nome de Bellfield.

— Precisamos recortar os pedaços, Jeannette, e juntá-los novamente com o maior cuidado — explicou a viúva, depois de uma dolorosa reflexão.

— Sempre ficará visível — comentou Jeannette, balançando a

cabeca.

— Mas do jeito que está ficaria pior — retorquiu a viúva. — E se você remendar direito, nem uma pessoa em dez notará a diferença. Nós sempre estendemos o lençol com a parte do nome virada para o pé da cama, você sabe.

Não era exatamente verdade que Cheesacre sugerira a ceia a céu aberto no campo, embora, certamente, pensasse que tivesse sugerido. O agradinho, se é que era um agrado, fora totalmente organizado por Mrs. Greenow, que estava sempre pronta para criar festividades. Não havia muito espaço para piquenique por aqui. Além do próprio grupo deles, que, obviamente, incluía o capitão e Mr. Cheesacre, nenhum convidado seria chamado, exceto o clérigo — o clérigo de Igreja Baixa, que estava muito ansioso pelo seu ordenado, e com quem o velho lorde havia brigado. Mrs. Greenow rapidamente obteve a vantagem da sua aliança, e ele, que em breve realizaria a cerimônia de casamento por causa dela, prometera abençoar este pequeno festival. A situação simplesmente se resumia a isto: eles iriam cear desconfortavelmente no campo, ao invés de confortavelmente na sala de jantar. Mas Mrs. Greenow sabia que os charmes de Charlie ficariam muito mais fortalecidos com um jantar a céu aberto.

— Nada — ela contou a Kate. — Nada faz um homem dar um passo à frente tão bem quanto tirá-lo completamente da sua zona de conforto. Um homem que não pensaria em tal coisa numa sala de estar, certificar-se-ia de fazer uma oferta se passasse uma noite com uma jovem dama na cozinha do andar de baixo.

Às duas horas, o cabriolé vindo de Penrith chegou a Vavasor Hall, e, ao longo da hora seguinte, tanto Cheesacre quanto o capitão se ocuparam com a organização das mesas e a distribuição das provisões. O capitão e Charlie Fairstairs iriam arrumar a toalha.

— Deixe que eu faço isso — anunciou Cheesacre, tomando-a das mãos do capitão.

— Oh, certamente — respondeu o capitão, entregando seu prêmio.

— O capitão Bellfield faria de um jeito bem melhor — Charlie declarou, com um pequeno empinado de nariz. — Ele é praticamente um homem casado, e homens casados sempre fazem essas coisas de um jeito melhor.

O dia estava bonito, e embora a sombra não estivesse perfeita, e os mosquitos os perturbassem, a ceia prosseguiu muito bem. Foi lindo ver do quão bem Mrs. Greenow se lembrava de agradecer à Providência pela refeição, visto que o clérigo estava presente. Ela fez a graça na hora exata, e teria ficado muito irritada com si mesma e se consideraria grosseira se houvesse se esquecido. Mr. Cheesacre se sentou ao lado direito dela, e o clérigo à esquerda, e ela mal falou com

Bellfield. Seus sorrisos mais doces foram todos direcionados a Cheesacre. Ela estava especialmente ansiosa para manter o seu vizinho, o pastor, de bom-humor, e, conseqüentemente, iluminava-o a cada cinco minutos com o passar de uma travessa, mas o completo esplendor de sua luz foi derramado sobre Cheesacre, como jamais fora derramado. Como ela o elogiava, e com que garganta espaçosa ele engolia os elogios! Oileymead era o único paraíso que ela já havia visto.

— Ah, eu, quando penso a respeito às vezes... Enfim, deixemos para lá.

Por um breve momento, ele pensou que ainda teria chances de vencer a corrida, e mandar Bellfield uivando para a escuridão além. Esse pensamento lhe ocorreu, e a viúva leu sua mente muito bem.

— Eu sei que fiz a melhor escolha — ela confirmou. — E, portanto, jamais deverei me arrepender; em todo caso, agora está feito.

— Ainda não está feito — ele lembrou-a, queixosamente.

— Sim, está feito, feito e feito. Além disso, um homem da sua posição no condado, sempre deveria se casar com uma esposa mais jovem; bem mais jovem.

Cheesacre não entendeu a ideia, mas gostou da alusão à sua posição no condado, percebendo que era tarde demais para qualquer alteração nos arranjos presentes. Mas ele estava feliz; e todo o sentimento de animosidade contra Alice desaparecera do seu peito. Pobre Alice! Ela, em todo caso, era inocente. Com vários problemas próprios ocupando sua mente, ela mal fora capaz de tomar parte na festa de Greenow; e podemos dizer com segurança que, se a supremacia de Mr. Cheesacre fora atacada em algum momento, não foi atacada por ela. A supremacia dele nesta ocasião era proeminente, e durante a ceia, e após a ceia, ele pôde dar ordens a Bellfield de um jeito que deve tê-lo gratificado bastante.

— O senhor deve beber outra taça de champagne comigo, meu amigo — chamou Mrs. Greenow; e Mr. Cheesacre bebeu outra taça de champagne. Não era nem a segunda e nem a terceira que ele bebia.

Depois do jantar, eles foram dar um passeio pelos campos, e Mrs. Greenow e Mr. Cheesacre ficaram juntos. Eu acho que Charlie Fairstairs nem foi com eles. Acho que ela entrou na casa e lavou o rosto, escovou o cabelo e ajeitou sua musselina. Não me perguntarei se ela tirou vestido e o engomou outra vez. O capitão Bellfield, eu sei, foi com Alice, e provocou algum espanto ao assegurá-la que tinha total pretensão de corrigir seus erros.

— Sei como é estar ligado a uma família como a sua, Miss Vavator — ele falou.

Ele também havia ouvido falar sobre a futura duquesa, e queria

mostrar o melhor do seu comportamento. Kate acabou acompanhando o pastor.

— É a última vez que ficaremos juntos desta forma — disse a viúva ao amigo.

— Oh, não — respondeu Cheesacre. — Espero que não.

— É a última vez. Na quarta-feira, tornar-me-ei Mrs. Bellfield, e nem preciso dizer que tenho muito a pensar antes disso; mas, Mr. Cheesacre, espero que não percamos contato daqui para frente.

Mr. Cheesacre falou que esperava que não perdessem. Oileymead estaria sempre aberta para o capitão e Mrs. Bellfield.

— Todos nós conhecemos sua hospitalidade — ela continuou. — Não será hoje e nem amanhã que eu e meu marido — isto é, futuro marido — teremos de aprender isso. Ele sempre declara que o senhor faz o tipo ideal do cavalheiro britânico do campo.

— Sou apenas um fazendeiro de Norfolk — pregou Cheesacre. — Eu nunca vou querer me pôr para fora do meu próprio lugar. Houve algumas conversas sobre a Comissão da Paz, mas não tenho qualquer interesse.

— Tem sido a maior benção da vida dele tê-lo conhecido — comentou Mrs. Greenow, ainda falando sobre o seu futuro marido.

— Tentei ser agradável; foi só isso. Maldição, Mrs. Greenow, do que adianta viver se você não tenta ser uma pessoa agradável? Não há camarada vivo melhor que Bellfield. Eu e ele competimos pelo mesmo prêmio, e ele o venceu. É um camarada sortudo, e não vou ressenti-lo por sua sorte.

— Isto é tão digno do senhor, Mr. Cheesacre! Mas, de fato, o prêmio que menciona não valia o seu esforço.

— Pode ser que eu tenha minha própria opinião sobre isso, a senhora sabe.

— Não valia. Ninguém sabe disso melhor do que eu, ou refletiu tanto sobre toda essa questão. Sei muito bem qual é a minha missão nesta vida. A senhora da sua casa, Mr. Cheesacre, não será a viúva de ninguém.

— Depois do casamento, não seria mais viúva.

— Um coração virgem deveria ser seu; e um coração virgem poderá ser seu, se decidir aceitá-lo.

— Ora, vamos!

— Se decide tomar minha preocupação pelo senhor desta forma é melhor eu acabar por aqui. O senhor foi bom o bastante para acabar de dizer que gostaria de ver a mim e ao meu marido em seus salões hospitalares. Depois de tudo o que houve, o senhor acha que eu poderia ser uma visitante da sua casa, a não ser que haja uma senhora lá?

— Palavra de honra, penso que poderia.

— Não, Mr. Cheesacre. É claro que não. Pelo nosso bem, eu recusaria. Mas, se o senhor estiver casado...

— A senhora sempre quer que eu me case, Mrs. Greenow.

— Quero, de fato. Só assim poderá haver qualquer amizade entre nós, e por nada neste mundo perderia essa vantagem do meu marido; sem contar o que eu mesma poderia sentir a respeito.

— Por que a senhora mesma não me aceitou, Mrs. Greenow?

— Se o senhor não consegue compreender, não cabe a mim dizer mais nada, Mr. Cheesacre. Se o senhor valoriza a calorosa afeição de um coração virgem...

— Ora, Mrs. Greenow, ontem mesmo ela não queria dar uma palavra comigo.

— Não deu uma palavra com o senhor? Foi só isso que viu nela? Por acaso, é tão tolo de não poder ver quando o coração de uma moça está partido por trás do espartilho?

Esta indireta quase imprópria causou um grande efeito no sensível coração de Mr. Cheesacre.

— O senhor deu uma palavra com ela ontem? E se não deu, por que reclama?

— Ora, Mrs. Greenow!

— “Ora, Mr. Greenow”, mesmo. Mas já é hora de voltarmos para eles.

Eles haviam estado sentados o tempo todo em um banco sob uma sebe.

— Vamos tomar o nosso chá e o senhor aproveitará o seu cachimbo e seu conhaque com água, e Charlie é quem deverá trazer tudo. O que acha, Mr. Cheesacre?

— Se ela quiser, pode trazer, certamente.

— Peça e ela logo mostrará que gostou. Mas lembre-se, Mr. Cheesacre: estou falando sério quando digo que o senhor precisa ter uma senhora em sua casa. Pense na idade que terá quando os seus filhos estiverem crescendo, se não se casar em breve.

Eles retornaram ao campo no qual haviam ceado, e acharam Charlie sob as árvores com a sua musselina parecendo nova em folha.

— Como! Todos sem vida? ^[116] — indagou Mrs. Greenow.

Charlie não a entendeu muito bem, mas respondeu que preferia ficar sozinha.

— Falei a ele que você encheria o cachimbo dele — contou Mrs. Greenow.

— Ele não quer que uma dama encha o cachimbo dele — rebateu Charlie.

— Mas tente, enquanto eu entro e peço o chá — insistiu a viúva.

Havia sido necessário jogar a isca bem diante dos olhos de Cheesacre, ou não teria havido esperanças de que ele fosse fígado. A

isca tinha de ser jogada bem perto dele, de modo que tivéssemos certeza de que ele vira o anzol. Mas há peixes tão tolos que acabam mordendo a isca, ainda que saibam que o anzol está ali. Cheesacre entendeu tudo. Muitas coisas ele não era capaz de enxergar, mas ele podia ver que Mrs. Greenow estava tentando pescá-lo como um marido para Charlie Fairstairs, e ele também sabia que sempre desprezara Charlie, e que não conquistaria qualquer vantagem mundana ao esposar uma moça como aquela. Mas lá estava ela, e ele não sabia muito bem como evitar isso. Ela até estava bonita no vestido de musselina limpo e engomado, e ele sentiu que iria gostar de beijá-la. Ele não precisava se casar com ela só por beijá-la. O champagne que provocara o desejo, também lhe dera audácia. Ele olhou em volta, para ver se não estava sendo observado, e então beijou Charlie Fairstairs debaixo das árvores.

— Oh, Mr. Cheesacre — surpreendeu-se Charlie. — Oh, Mr. Cheesacre!

A risonha voz dela ecoou, e o pobre Cheesacre, ao espiar em volta, viu Mrs. Greenow, que deveria ter entrado na casa para cuidar da água fervente, mover-se, por alguma razão, perto do local que ele havia escolhido para fazer o seu galanteio.

— Mr. Cheesacre — falou Charlie, soluçando. — Como ousa fazer isso? E aqui, onde todos poderiam vê-lo.

— Era apenas Mrs. Greenow — explicou Cheesacre.

— E o que ela pensará de mim?

— Deus a abençoe! Eu não acho que ela vai pensar nada sobre isso.

— Mas eu, sim; estou pensando muito. Eu não sei o que fazer. Não sei... Não sei.

Neste instante, Charlie se levantou de seu assento sob as árvores, e começou a se afastar lentamente. Cheesacre pensou por um ou dois momentos. Será que deveria segui-la, ou não? Ele sabia que era melhor não a seguir; sabia que ela era uma isca que carregava um anzol bem visível. Ele sabia que era um peixe grande que estas duas mulheres estavam tentando fisgar. Mas, no fim das contas, talvez não fizesse mal ser pescado. Então, ele se levantou e a seguiu. Eu não acredito que ela pretendia tomar o caminho que ia em direção ao bosque – ao pequeno caminho que dava para a velha casa de veraneio depois das árvores. Ela estava muito abalada naquela hora para discernir aonde estava indo, certamente. Mas aquele foi o caminho que ela tomou, e logo mais, ela e Cheesacre se encontraram juntos na casa de veraneio.

— Não, Sam, não! Alguém realmente vai vir. Bom, então aí está, mas agora chega.

E foi isso o que ela falou quando o último beijo foi dado naquela

ocasião – a não ser que mais um ou dois tenham sido dados naquela noite. Em todo caso, não temos nenhum motivo especial para fazer alguma alusão a eles. Mas, na ocasião do último beijo na casa de veraneio, Miss Fairstairs estava perfeitamente resguardada pelas circunstâncias, pois ela, naquele momento, tornou-se a noiva prometida de Mr. Cheesacre.

Mas como ele voltaria a se juntar aos amigos? Esse dilema perturbou Mr. Cheesacre, enquanto se levantava de seu feliz assento após aquele último abraço. Ele havia se prometido a Charlie, e talvez mantivesse sua promessa, mas era melhor não tornar a novidade pública imediatamente. Mas Charlie não seria abandonada – não se pudesse evitar, como dissera a si mesma. Ela, portanto, voltou triunfantemente para perto de todos – corada, de fato, e com os olhos arredios. A sua mão não permanecia agora sobre o braço de seu namorado – mas ela se mantinha ao lado dele, de modo que não poderia haver dúvidas.

— Por Jupiter, Charlie! Onde você e Mr. Cheesacre estavam? — questionou Mrs. Greenow.

— Nós entramos na floresta e nos perdemos — explicou Charlie.

— Oh, estou vendo — respondeu Mrs. Greenow.

Demoraria muito para narrar agora, nestas últimas páginas de nossa história, como Cheesacre tentou fugir, e com qual sagacidade Mrs. Greenow o forçara a manter sua promessa. Eu espero que Charlie Fairstairs tenha ficado devidamente agradecida. Antes daquela noite findar, sob a confortável influência de uma taça de conhaque quente com água – oferecida pela própria viúva – Mr. Cheesacre, antes que a influência o deixasse suficientemente confortável –, foi forçado a admitir que havia se tornado o feliz possuidor do coração e da mão de Charlie Fairstairs.

— E o senhor é um homem de sorte — celebrou a viúva com entusiasmo. — E eu parabenizo vocês com todo o coração. Não permita nenhum adiamento, porque é sempre bom realizar coisas boas o mais rápido possível.

E, de fato, antes que a noite terminasse, Mrs. Greenow pediu para que o par fosse vê-la juntos, e uma data foi marcada.

— Um homem deve ter chance de mudar de ideia — Cheesacre disse a ela, suplicando em um sussurro.

Mas não; Mrs. Greenow não lhe concederia tal misericórdia. Ela sabia no que um homem fujão provavelmente se transformaria. Ela era uma mulher muito séria quando ia ao trabalho, e eu espero que Miss Fairstairs tenha se sentido grata. E então, nesta reunião, ocorreu o verdadeiro último beijo daquela noite emocionante.

— Vamos, Charlie, seja boa com ele. Ele é igualmente seu agora — falou a viúva.

E Charlie foi boa.

— Eles se casarão assim que voltarmos de nossa viagem — Mrs. Greenow contou a Kate, no dia seguinte. — E emprestarei dinheiro para que ela compre tudo o que precisa de uma vez. Ele virá como esperado, embora eu esteja disposta a ir até Norfolk em pessoa para trazê-lo pelas orelhas. Ele virá, e isso é tão certo como o meu nome é Greenow – ou Bellfield, como será a partir de agora. Você entendeu.

— E eu não deveria imaginar se ela precisou ir a Norfolk — Kate comentou com a prima. Esse evento, entretanto, não poderá ser absolutamente concluído nestas páginas. Posso apenas dizer que, quando penso na força de caráter e na calorosa amizade de Mrs. Greenow, sinto que as perspectivas de Miss Fairstairs estão bem asseguradas.

O casamento da própria Mrs. Greenow foi realizado com perfeito sucesso. Ela aceitou o capitão Bellfield, para o bem ou para o mal, com a cuidadosa determinação de tirar o melhor do seu pior e de colocá-lo de pé, se é que seria possível. Ele, em todo caso, tirou a sorte grande. Se havia algum golpe de sorte que poderia lhe favorecer, ele o achara. Ele achara uma esposa que poderia perdoar todos os seus erros passados – e, se necessário, alguns futuros; que tinha dinheiro o bastante para todas as suas necessidades, e bondade suficiente para gratificá-las; e que tinha, além de tudo – o que, para o capitão, era o mais importante –, força suficiente para manter afastado dele o poder de arruinar a ambos. Leitores, vamos desejar uma feliz vida de casados para o capitão e Mrs. Bellfield!

No dia seguinte à cerimônia, Alice Vavator e Kate Vavator partiram para Matching Priory.

CAPÍTULO 79

DIAMANTES SÃO DIAMANTES

Conforme se aproximavam do final da jornada, Kate e Alice se sentiram um pouco agitadas, mas não posso deixar de admitir que o nervosismo era justificado. Kate Vavator conheceria Mr. Grey pela primeira vez. Mr. Grey, agora, estava hospedado em Matching, e ficaria por lá até a semana anterior ao seu casamento. Ele, então, retornaria a Cambridgeshire por um ou dois dias, e depois, tornar-se-ia convidado na casa do pároco em Matching na noite anterior à cerimônia.

— Por que ele não pode vir para cá logo? — lady Glencora perguntara ao marido. — É uma grande bobagem, você sabe.

Mas Mr. Palliser não deu ouvidos. Mesmo sendo um Radical na vida pública, Mr. Palliser não transgrediria por nada neste mundo as leis sociais de seus ancestrais; e então, a questão foi decidida. Assim, no mesmo dia em que chegasse a Matching, Kate veria Mr. Grey pela primeira vez. Ela não conseguia deixar de sentir que fora causa de muito sofrimento para Mr. Grey. Ela sentia, além do mais, um pouco – quase nada, na verdade, mas, mesmo assim, um pouco – daquela sensação que tornava os Pallisers pessoas terríveis em sua imaginação, graças aos seus títulos e riquezas. Ela estava com um pouco de medo dos Pallisers, mas, de Mr. Grey, Kate estava com muito medo. Alice tampouco estava calma. De bom grado, ela teria evitado um casamento tão rápido, se não estivesse sentindo agora – depois de todos os problemas que causara – que não havia mais nada a se fazer, exceto aquilo que os outros desejavam. Quando uma data foi marcada, ela mal ousou rejeitar, e permitiu que lady Glencora arranjasse tudo da maneira como queria. Mas não era apenas a subitaneidade do seu casamento que a afligia. A natureza e atributos dele eram terríveis para ela. Tanto lady Midlothian quanto a marquesa de Auld Reekie estavam a caminho. Quando isto foi contado por carta, ela percebeu que não teria escapatória. *“Lady Macleod está correta em quase tudo o que diz”,* lady Glencora escrevera a ela. *“Seja como for, não precisa ser tola de fugir das suas primas, só porque elas têm títulos atrelados aos nomes. Você precisa aguentar o que vier”.* Lady Glencora, além disso, havia feito para ela a lista das damas de honra. Alice havia suplicado para que pudesse passar pela cerimônia com apenas uma – e mais ninguém, exceto Kate, para segui-la. Mas ela deveria ter sabido que, ao concordar em se casar em Matching – de fato, Alice teve muito pouco poder de resistência a tal proposição –, todas essas questões seriam decididas em seu nome. Duas filhas de lady Midlothian, portanto, entrariam em ação, lady Jane e lady Mary; bem como a filha da marquesa, que também se chamava lady Jane; e mais duas senhoritas Howards de Londres – garotas que eram conhecidas tanto

por Alice quanto por lady Glencora, e que eram, de alguma forma distante, parentes das duas. Uma grande tentativa foi feita para convencer as duas senhoritas Pallisers a se juntarem ao grupo, mas elas foram francas e alegaram que já haviam passado da idade

— Nenhuma mulher deveria servir como dama de honra se não pretende se casar, se puder — defendera a resoluta Sophy. — Agora, eu não desejo me casar, e não vou me colocar entre as jovens.

Lady Glencora foi, portanto, obrigada a cumprir sua tarefa com apenas seis damas, mas jurou que elas estariam muito elegantes. Ela presentearia todas elas com vestidos, e Mr. Palliser deveria dar um broche e um bracelete para cada uma.

— Ela é a única pessoa no mundo que quero mimar, tirando você — lady Glencora dissera ao marido, e ele a respondeu dando *carta blanche* para as despesas.

Tudo aquilo era muito terrível para Kate, que não tinha muito gosto feminino para adornos. Ela tinha escutado sobre o vestido — o vestido que aguardava em Matching para ser costurado após a sua chegada — ainda que, até então, não tivesse escutado nada sobre enfeites. Há muitas moças que poderiam se submeter instantaneamente à bondade de uma mulher como lady Glencora. Talvez a maioria das moças fizesse isso, pois de todas as moças desta estirpe no mundo, lady Glencora era a menos inclinada a subestimar ou ser condescendente em sua bondade. Mas Kate Vavasor era uma moça cuja submissão não ocorreria facilmente.

— Eu queria pular fora desse barco — ela comentou com Alice no trem.

— Para que eu encalhe sozinha?!

— Não; não haverá encalhamento para você. Quando o dia do acontecimento chegar, você será levada ao Paraíso, acima das nuvens. Mas o que eles farão comigo?

— Você descobrirá que lady Glencora não a desertará. Você nem imagina o gosto que ela tem.

— Eu preferiria ser dama de honra de Charlie Fairstairs. Realmente preferiria. O meu lugar não é entre ministros do Gabinete e velhas condessas.

— Nem o meu.

— Sim, parece que seu lugar é lá. Elas são suas primas, e, em todo caso, você fez uma grande amiga entre elas; uma que será maior que todas elas.

— E você vai me abandonar, Kate?

— Para ser sincera, Alice, às vezes eu penso que seria melhor você me abandonar. Sei que seria triste; triste para nós duas, mas talvez seja melhor assim. Eu lhe dei muitos prejuízos e nenhum benefício; e agora, para onde estou indo, vou acabar a desgraçando.

Ela cogitou até mesmo pular do trem em alguma estação e retornar, e isso ela teria feito, se Alice não a houvesse impossibilitado. No fim das contas, a noite a descobriu com Alice adentrando juntas o portão do parque em Matching, na carruagem de lady Glencora. Lady Glencora enviara um bilhete para a estação. *“Não posso ir em pessoa”,* ela explicara, *“porque Mr. Palliser está um pouco irrequieto. Você vai entender, querida, mas não diga uma palavra”*. Alice não disse uma palavra, sentindo-se muito ansiosa para não rebaixar Mr. Palliser aos olhos da prima.

Nenhuma das ladies Janes e ladies Marys estavam em Matching quando elas chegaram. Na verdade, não havia lá nenhum convidado, exceto Mr. Grey, o que fez Kate se sentir muito grata. Mr. Grey veio até o salão, postando-se atrás de Mr. Palliser, que estava atrás de sua esposa. Alice passou pelos dois, e logo chegou aos braços do seu namorado.

— Devo me apresentar — disse lady Glencora a Kate. — E meu marido também.

Isto ela fez, e nenhuma mulher na Inglaterra a teria superado em seus modos.

— Eu ouvi muito sobre a senhorita — ela contou, ainda segurando a mão de Kate. — E sei o quão boa tem sido... e o quão má tem sido — ela adicionou num sussurro.

Então, Mr. Grey foi levado a ela e eles foram apresentados. Foi preciso que alguns dias tivessem passado para que ela se sentisse à vontade com Mr. Grey, mas duvido que Kate algum dia alcançaria o mesmo patamar com Mr. Palliser. Lady Glencora, porém, ela conheceu, admirou e quase amou, desde o primeiro momento em que se conheceram.

— Você escutou as novas? — lady Glencora perguntou a Alice, assim que ficaram a sós. Alice, é claro, não havia escutado as novidades. — Mr. Bott vai se casar com Mrs. Marsham. O assunto tem dado o que falar. Plantagenet está ficando louco. Nunca o vi tão enojado na vida. É claro que não ousei dizer isso a ele, mas estou sinceramente regozijada. Você sabe como amo os dois, e não poderia desejar uma melhor recompensa para ambos.

Alice, que pessoalmente conhecera Mr. Bott melhor do que Mrs. Marsham, falou que não podia deixar de ter pena da dama.

— Ela é velha o bastante para ser mãe dele — opinou lady Glencora. — Fora isso, não conheço mais ninguém que seja tão perfeito um para o outro. O melhor de tudo é que Mr. Bott está fazendo isso para reconquistar a sua posição ao lado de Mr. Palliser! Tenho certeza disso; só que Plantagenet nunca mais falará com ele. Mas, Alice, há outras novas.

— Que outras novas?

— Nem podem ser chamadas de novas ainda, e é claro que estou sendo bem travessa de contar isso a você. Mas tenho certeza de que Mr. Grey sabe de tudo, e se eu não contasse a você, ele iria.

— Ele não me contou nada ainda.

— Ele não teve tempo; e quando tiver, você deve fingir que não sabe. Eu acredito que Mr. Palliser seguramente será chanceler do Tesouro antes do próximo mês, e, se isso acontecer, ele nunca mais será elegível por Silverbridge.

— Mas ele fará parte do Parlamento, não fará?

— Oh, sim; ele fará parte do Parlamento. Eu não entendo todos os detalhes. Tem um homem que vai tentar se candidatar pelo condado – por Barsetshire –, um homem que o duque costumava favorecer, e ele quer que Plantagenet entre na disputa. Eu não consigo entender que diferença faz.

— Mas ele fará parte do Gabinete?

— Oh, sim. Mas acho que ele não será o novo membro representante de Silverbridge.

— Eu não faço ideia do que está dizendo — respondeu Alice, ainda que, é claro, ela fizesse uma ideia.

— Enfim, não sei. Ele nunca contou. Mas ele me contou que esteve com o duque, e pediu ao duque para deixar que Jeffrey ocupasse uma cadeira. O duque ficou tão bravo quanto um trovão, e falou que Jeffrey não tinha dinheiro. Para resumir, ele não quis dar ouvidos. Pobre Jeffrey! Precisamos tentar fazer algo por ele, mas realmente não sei como. Então, o duque disse que Plantagenet deveria colocar algum amigo que pudesse se sustentar para disputar por Silverbridge, mas imagino – veja que é só uma conjectura –, mas imagino que Plantagenet tenha mencionado à Sua Graça... um certo Mr. Grey.

— Oh, Glencora!

— Eles têm conversado tanto que cheguei ao ponto de pensar que Mr. Grey é pior do que Plantagenet. Assim que Mr. Grey começou a falar qualquer coisa na outra noite, na sala de estar, sobre açúcar, eu soube que você estava perdida. Ele virará um secretário financeiro – fique vendo se não –, um lorde ou algo assim, ou capacho do Estado; e depois, algum dia, ele enlouquecerá, ou porque entrou, ou porque não entrou no Gabinete.

Enquanto dizia tudo isso, lady Glencora sabia muito bem que as novas que estava dando agradaria mais a prima do que quaisquer outras notícias que poderiam ser contadas.

Gradualmente, os convidados chegaram. As duas senhoritas Howards foram as primeiras, e expressaram deleite perante o gosto de lady Glencora e a generosidade de Mr. Palliser; pois naquele instante, broches e braceletes foram trazidos. Kate opinara muito pouco acerca

destas questões, mas as Howards agradeceram em alto e bom tom. Elas eram garotas alegres e bem-humoradas, e a casa ficou mais agradável depois da chegada delas do que antes. Logo, chegou a temida personagem – a convidada – lady Midlothian! Sobre o tema de lady Midlothian, Kate ficou realmente curiosa. Ela tinha um desejo real de ver o rosto e os maneirismos da mulher, e de escutar sua voz. Lady Midlothian chegou e, com ela, vieram lady Jane e lady Mary. Eu, de jeito algum, posso garantir que lady Jane e lady Mary não tinham quase a mesma idade das duas senhoritas Pallisers, mas elas provavelmente não estavam tão decididas sobre a condição de seus futuros modos de vida, quanto aquelas duas damas, e se assim fosse, não estavam erradas em brilhar como damas de honra. Com elas, Alice havia feito uma pequena amizade durante a última primavera em Londres, e, já que agora precisariam se dirigir a ela como noiva, elas foram suficientemente graciosas. Com Kate, também foram satisfatoriamente educadas, e as coisas, em público, correram muito agradavelmente em Matching.

Houve uma cena, é claro, entre Alice e lady Midlothian – uma cena em particular.

— Você precisa aguentá-la — lady Glencora aconselhara, com jocosas melancolia. — Por que não pode deixar que ela a critique um pouco? Isso não pode feri-la agora.

— Mas eu não gosto que as pessoas me critiquem — Alice retorquiu.

— E por que você tem que conseguir tudo do jeito que quer? Você é tão irrazoável. Pense em como fui criticada! Pense no que suportei deles! Se soubesse as coisas que ela costumava me falar, você não seria tão covarde. Fui enviada para ficar com ela por uma semana, e não tive nada para me defender. E a marquesa costumava ser mandada para me vigiar, pois nunca fala. Ela costumava olhar para mim, lamentar e erguer as mãos para os céus, até que eu passei a odiá-la e considerá-la a pior das duas. Pense no que elas fizeram comigo, e lembre-se de que, apesar de tudo, elas são minhas caras amigas agora. Por que você deveria escapar ilesa?

Alice não tinha como escapar ilesa; logo, reuniu-se a sós com lady Midlothian por quase uma hora.

— Lady Macleod leu para você o que eu escrevi? — a condessa perguntou.

— Sim, isto é, ela me deu a carta para que eu pudesse lê-la.

— E eu espero que você tenha me entendido, Alice.

— Oh, sim, suponho que entendi.

— Você supõe que entendeu, minha querida?! Se apenas “supõe”, não me sentirei satisfeita. Eu quero que aprecie completamente os sentimentos que tenho por você. Quero que saiba que estou muito

ansiosa quanto ao seu futuro, e que estou absolutamente alegre com o passo que você resolveu dar.

A condessa fez uma pausa, mas Alice não disse nada. Sua língua coçava para falar à velha dama que não dava a mínima para sua expressão de satisfação; mas ela sabia que havia feito muito que pedia punição, e decidiu aceitar aquilo como parte de sua penitência. Ela estava sendo criticada e era desagradável; mas, depois de tudo o que havia se passado, era adequado que ela precisasse ser submetida a tal desagrado.

— Absolutamente alegre — repetiu a condessa. — Agora, desejo apenas discutir, da maneira mais leve possível, o que ocorreu entre nós quando estivemos sob este teto no último inverno.

— Por que faz questão de discutir isso, lady Midlothian?

— Porque pode fazer bem, e porque não posso fazer com que entenda que perdoei tudo totalmente, a não ser que lhe conte que também a perdoei por isso. Naquela ocasião, eu viajei de longe, da Escócia, com o propósito de falar algumas palavras para você.

— Sinto muito por ter tido tanto trabalho.

— Eu não me arrependo, Alice. Eu nunca me arrependo de ter feito nada que creio ser meu dever. Não há como saber até onde o que falei pode tê-la afetado para o bem.

Alice achou que sabia muito bem, mas ficou calada.

— Devo confessar que, o que na época entendi como teimosia sua, e devo dizer, já que estou sendo sincera, indiferença a... a todas as considerações prudentes, quaisquer que fossem, sem falar às aparências e decoro, e, digamos, a qualquer coisa parecida com uma alta hierarquia ou conduta moral, chocou-me muito. Chocou-me mesmo, querida. No geral, não sei o que mais me chocou em toda a vida. A coisa foi tão inescrutável!

Aqui, lady Midlothian ergueu uma mão de um jeito verdadeiramente imponente.

— Tão inescrutável! Mas tudo isso ficou para trás. O que foi pessoalmente ofensivo a mim, pude facilmente perdoar, e perdoo. Eu nunca mais pensarei a respeito — ela prometeu, gesticulando gentilmente, como se abanasse a ofensa para longe. — Mas o que especialmente desejo lhe falar é: a sua própria conduta também está perdoada!

Aqui, ela fez outra pausa, e Alice estremeceu. Quem era essa medonha velha condessa? Que intimidade a condessa tinha com ela para que Alice devesse ser, desta forma, atormentada com o perdão da dama? John Grey a havia perdoado, e de perdões externos, esse já bastava. Ela não havia se perdoado — ela nunca se perdoaria totalmente; e nenhum perdão de qualquer velha dama da Inglaterra poderia ajudá-la nisso. Ela pecara, mas não pecara contra lady

Midlothian. “Deixe que ela a critique, e termine logo com isso”, lady Glencora dissera. Ela havia decidido fazer isso, mas era muito difícil manter sua decisão.

— A marquesa e eu conversamos sobre isso — continuou lady Midlothian. — Ela me pediu para falar com você tanto em meu nome, como em nome dela.

Há consolo nisto, em todo caso, pensou Alice, que nunca conhecera a marquesa.

— Nós resolvemos que será como se todos esses pequenos erros jamais houvessem sido cometidos. Nós duas ficaremos muito felizes em receber você e o seu marido, que é, permita-me dizer, um dos homens mais cavalheirescos que eu já vi. Parece que ele e Mr. Palliser formaram uma grande amizade; e devo dizer, muito confidencialmente, que isto deve ser bastante prazeroso para você.

— É um prazer para ele, o que é o mais importante — declarou Alice.

— Exatamente. E agora, minha querida, tudo foi perdoado e deverá ser esquecido. Venha e me dê um beijo, e me permita lhe desejar felicidades.

Alice fez o que lhe foi pedido e aceitou o beijo e as congratulações, e uma caixinha de joias que lady Midlothian tirou do bolso.

— Os diamantes são da marquesa, minha querida, cujos recursos, como você deve, sem dúvida deve saber, excedem em muito os meus. Os granates são presentes meus. Espero que ambos possam ser usados por muito tempo e com alegria.

Eu não saberia dizer o que foi pior – o sermão, o beijo ou o presente. O último ela teria recusado, se tivesse sido possível; mas não foi. Quando concordou em se casar em Matching, ela não tinha calculado o montante de punição que ali lhe seria infligido. Mas, creio que, ainda que a estivesse suportando impacientemente, ela estava ciente de que a merecia. Embora se sentisse bastante ansiosa sob a infligência de lady Midlothian, ela reconhecia, mesmo naquele momento, que merecia todas as chicotadas que estava recebendo. Ela fizera papel de tola numa tentativa vaidosa de ser melhor e maior do que outras moças, e era meramente justo que sua tolice devesse ser respondida com algum tipo de punição antes que fosse totalmente perdoada. John Grey a punira de uma maneira; ao se recusar a fazer alusão a tal tolice, a pensar nela ou lhe dar atenção. E agora, lady Midlothian a punia de outro modo, e Alice se retirou da presença da condessa com várias exclamações internas de *mea culpa*, e com diversas palpatadas ocultas em seu peito.

Dois dias antes da cerimônia, a marquesa chegou com sua augusta filha. Sua lady Jane era bem mais augusta do que a outra lady

Jane – bem mais augusta, de fato. Ela tinha longos cabelos loiros e olhos azuis bastante claros, os quais não movia frequentemente, e ela falava muito pouco – ou, alguém poderia dizer, nada, e ela nunca parecia estar fazendo qualquer coisa. Mas ela era muito augusta, e estava, como todo mundo sabia, prestes a se casar com o duque de Dumfriesshire, que, apesar de ter o dobro da sua idade, não possuía herdeiros ainda, assim que ele superasse o luto de sua primeira esposa. Kate disse à prima que não fazia ideia de como deveria se portar em um grupo que conteria uma pessoa tão augusta quanto essa lady Jane, e a própria Alice sentiu que uma convidada daquelas praticamente a ofuscaria. Mas lady Jane e a sua mãe eram ambas inofensivas. A marquesa nunca falou com Kate, e mal falou com Alice, e a lady Jane da marquesa se mostrou tão silenciosa quanto a mãe.

Na manhã deste dia – o dia em que tais pessoas deveras augustas chegaram – um telegrama foi recebido em Priory, solicitando a presença imediata de Mr. Palliser em Londres. Ele foi ter com Alice repleto de remorso, e se comportou com muita gentileza. Alice agora o considerava um grande amigo.

— É claro que compreendo — ela tranquilizou. — E sei que o assunto que o chama a Londres é muito de seu agrado.

— Ora, sim; é do meu agrado. Estou feliz. Não me importo em dizer isso a você. Mas não é do meu agrado pensar que estarei ausente em seu casamento. Por favor, faça o seu pai entender que era absolutamente inevitável. Mas eu deverei vê-lo, é claro, quando retornar. E eu deverei vê-la, também, muito em breve.

— Deverá?

— Oh, sim.

— E por quê?

— Porque Mr. Grey deve estar em Silverbridge para sua eleição, mas talvez eu não devesse lhe contar os segredos dele.

Ele, então, levou-a ao salão do desjejum e mostrou seu presente. Era um conjunto de pratos e utensílios de porcelana – muito precioso e muito bonito.

— Comprei estas coisas para vocês porque Grey gosta de porcelana.

— Eu também gosto de porcelana — ela respondeu, com a face mais brilhante do que ele jamais vira.

— Achei que esse presente seria o seu favorito — ele falou.

Alice, encarando-o com os olhos cheios de lágrimas, respondeu que aquele era o presente favorito dela; então, enquanto Mr. Palliser lhe desejava todas as felicidades, e se inclinava para beijá-la, lady Glencora entrou.

— Perdão — ela disse. — Apareci cedo demais, não foi?

— Ela queria trazer os presentes para cá, e abri-los — contou Mr.

Palliser. — Mas eu disse que seria tolice.

— É claro que queria — admitiu lady Glencora. — Tudo deve ser aberto e exibido. É fácil conseguir que alguém os embulhe outra vez.



Muitos dos tributos matrimoniais já haviam sido juntados ao conjunto de porcelana, e, dentre outras coisas, lá estavam as joias que lady Midlothian tinha trazido.

— Palavra de honra, os diamantes da marquesa não são de se jogar fora — avaliou lady Glencora.

— Eu não me importo com os diamantes — expressou Alice.

Então, lady Glencora segurou as joias da condessa, balançou na frente de sua cabeça, e torceu o nariz. Uma maravilhosa expressão cômica surgiu em sua face enquanto ela fazia isso.

— Para mim, eles são tão bons quantos os outros — declarou Alice.

— Para mim, eles não são, então — reagiu lady Glencora. — Diamantes são diamantes, e granates são granates; e não sou tão romântica a ponto de não saber a diferença.

Na noite anterior ao casamento, Alice e lady Glencora passearam pela última vez pelas ruínas do priorado. Era setembro, e as noites ainda eram muito longas, de modo que as damas poderiam sair para o jardim após a ceia. Se teria sido permitido a lady Glencora passear pelas ruínas num horário tão tardio quanto oito e meia da noite, caso o seu marido estivesse ali, podemos duvidar, mas seu marido estava longe, e ela aproveitou tal vantagem da ausência dele.

— Lembra-se da noite em que viemos aqui? — perguntou lady Glencora.

— E quando me esquecerei? Ou como será possível que tal noite seja, algum dia, esquecida?

— Não; eu nunca me esquecerei dela. Minha nossa, quantas coisas maravilhosas aconteceram desde então! Você costuma pensar no Jeffrey?

— Sim, é claro que penso nele. Eu gostei muito dele. Espero vê-lo algum dia.

— E ele gostou de você, jovem moça; e além do mais, jovem moça, eu pensei por um tempo que, talvez, você fosse gostar dele mais profundamente.

— Não desta maneira, certamente.

— Você conseguiu algo melhor, é claro; sobretudo porque as chances de Jeffrey conseguir uma promoção não parecem muito boas agora. Se eu tiver um menino, será que ele vai me odiar?

— E por que Jeffrey a odiaria?

— Não há o que se fazer se ele me odiar, sabe? Apenas pense no que isso significa para Plantagenet. Já viu a diferença que isso fez nele?

— É claro que faz uma diferença, a maior diferença do mundo.

— E pense no que isso vai significar para mim, Alice. Eu costumava ficar deitada numa cama, desejando estar morta; pensando em me afogar, se eu tivesse a coragem. Eu não vou pensar mais naquele pobre rapaz.

Então, ela revelou a Alice o que havia sido feito por Burgo; como o tio dele pagara suas dívidas mais uma vez, e concordara em lhe dar uma pequena semanada.

— Pobre rapaz! — lamentou lady Glencora. — Com isso ele não conseguirá comprar mais do que um par de luvas, você sabe.

O casamento foi magnífico, muito para o desânimo de Alice e para o desconforto de Mr. Vavasor, que chegou nas vésperas da cerimônia — o que aconteceu enquanto sua filha e lady Glencora estavam nas ruínas. Mr. Grey pareceu levar tudo muito facilmente, e, como lady Glencora previu, agiu exatamente como se estivesse acostumado a se casar, pelo menos, uma vez ao ano.

— Nada no mundo jamais vai aborrecê-lo, então nem se incomode em tentar, querida — lady Glencora avaliou, enquanto Alice ficava um pouco com ela, a sós, no quarto de vestir do andar superior, antes de sua partida.

— Eu sei disso — respondeu Alice. — E, portanto, jamais tentarei.

CAPÍTULO 80

A HISTÓRIA É ENCERRADA NOS SALÕES DO DUQUE DE OMNIUM

Mr. Grey e sua esposa foram devidamente levados de Matching Priory em cavalos alugados, e tiveram a sua lua de mel, podemos ficar bastante certos, com muita satisfação. Quando Alice fora questionada para onde queria ir, ela simplesmente sugeriu que não iria querer ir à Suíça. Eles passaram, na verdade, em lentos estágios pela Itália; Veneza, Florença, e depois Roma; mas esta não fora a intenção do casal quando começaram a jornada. Na ocasião, Mr. Grey acreditou que seria chamado novamente na Inglaterra, para comparecer a Silverbridge, em Barsetshire, muito em breve. Mas uma semana antes de se casar, ele descobriu que tudo aquilo fora postergado. O copo da realização ainda não havia tocado os lábios de Mr. Palliser. *“Não haverá vaga nem pelo condado e nem pelo bairro até que o Parlamento se reúna”*. Essa fora a mensagem enviada por Mr. Palliser a Mr. Grey. A mensagem de lady Glencora para Alice havia sido, por outro lado, mais robusta, ocupando três páginas de papel, e a última tivera de ser cruzada, mas não sei qual delas era a mais explícita. Ela insultara lorde Brock; insultara Mr. Finespun e insultara todas as coisas e instituições públicas, porque os arranjos atualmente propostos seriam bastante confortáveis para Alice, mas não seriam, ao contrário do que ela pensara, confortáveis para si própria. *“Você pode ir à Roma, ver tudo e se divertir, o que não me foi permitido fazer; e todo esse ruído, irritação, e montes de campanhas eleitorais, acontecerão em Barsetshire bem no momento em que estou no meio da minha tribulação”*. Muitas cartas extensas de lady Glencora chegaram a Roma durante o inverno – cartas que Alice se divertiu muito lendo, mas que não conseguia deixar de considerar bastante indiscretas. O duque foi ao Castelo durante a semana de Natal, e as descrições sobre o duque e sobre as suas preocupações quanto ao seu herdeiro foram muito cômicas. *“Ele chega e se inclina sobre o sofá da maneira mais estupenda, como se uma mulher prestes a ser mãe do herdeiro dele fosse um milagre da natureza. Ele é bem horrível quando diz uma ou duas palavras e mais ainda quando fica calado. O diabo soprou em meu ouvido dias atrás, e falei que estava torcendo para ser uma menina. Surgiu no rosto dele uma expressão que quase me apavorou. Se for uma menina, creio que ele vá me expulsar da casa; mas como eu posso evitar? Queria que você estivesse esperando um bebê ao mesmo tempo que eu. Então, se o seu fosse menino e o meu uma menina, poderíamos trocar”*. Isto foi deveras indiscreto. Lady Glencora sempre redigia cartas indiscretas como esta, que Alice não podia mostrar ao marido. Era uma grande pena.

Mas dezembro e janeiro passaram, e a hora em que os Greys

deveriam retornar à Inglaterra chegou. O marido havia discutido profundamente com sua esposa a questão de suas ambições parlamentares, e descobriu que ela era uma ouvinte bastante atenta. Como havia se convencido a fazer isto, ele decidiu ir até o fim, e estava se tornando um legítimo mar de políticas, quase tão devotado ao açúcar quanto o próprio Mr. Palliser. Ele, em todo caso, não poderia reclamar que sua esposa não se interessava pelas suas aspirações. Então, enquanto retornavam, mais cartas de lady Glencora chegaram, escritas conforme suas tribulações se aproximavam. O duque havia partido, é claro, mas ele estaria presente quando chegasse a época do nascimento. *“Oh, eu adoraria que ele tivesse um acesso de gota em Londres – ou em Tombuctu”*, ralhava lady Glencora. Quando chegaram em Londres, eles escutaram as novas diretamente de Mr. Vavasor, que, naquela ocasião, dispôs-se a encontrá-los na estação.

— O duque ganhou um herdeiro — ele informou, antes que a porta da carruagem fosse aberta. — Nasceu esta manhã!

Quem não soubesse, acreditaria que se tratava do bebê do próprio duque, e não de lady Glencora e de Mr. Palliser. Um bilhete de Mr. Palliser chegou para Mr. Grey. *“Graças a Deus!”*, dizia a nota, *“lady Glencora e o menino – Mr. Palliser havia se recusado a utilizar a palavra ‘criança’ – lady Glencora e o menino estão tão bem quanto se poderia esperar. As duas novas moções foram votadas ontem à noite”*.^[117] As honrarias de Mr. Palliser, como será visto, caíram todas juntas sobre ele de uma vez só.

Mas que bebezinho maravilhoso – *purpureo genitus!*^[118] O que não fizeram os deuses por ti, se não consegues viver até que as boas coisas sejam todas tuas – viver ao longo de todas as terríveis preocupações com as quais elas te envolverão! Um título melhor do que o real será teu, com influência mais do que real, e poder de ação agrilhado por nenhuma realzeza. A riqueza real realmente será tua para fazeres o que bem entenderes. Tu jazerás no topo da aristocracia num país onde aristocratas não precisam se cercar de falsos. Tudo o que o mundo puder conceder será teu; e, ainda assim, quando falarmos de ti religiosamente, filosoficamente, e política-economicamente, acostumar-nos-emos a declarar que tuas chances de seres feliz não são melhores – não são melhores, se não forem piores – do que daqueles que nasceram no mesmo tempo que o teu, em berço de fazenda. Quem poderá dizer se eles são melhores ou se são piores? Ou se forem melhores, ou se forem piores, como deveremos nos reconciliar com esta aparente injustiça?

E agora, faremos uma pequena visita a um pequenino nascido na realzeza, e a narração dessa visita será o fim da nossa história. Era o começo de abril, nos primeiros dias de abril, e Mr. e Mrs. Grey estavam no Castelo Gatherum. Mrs. Grey se encontrava lá no

momento em que escrevemos, mas Mr. Grey se ausentara para ir a Silverbridge com Mr. Palliser. Este era o dia das eleições em Silverbridge, e Mr. Grey fora àquele velho bairro, para se oferecer como candidato aos eleitores, apoiado pela presença e assistência de um membro muito poderoso do Gabinete. Lady Glencora e Alice estavam sentadas no andar superior na presença do pequenino nascido na realeza, e o pequenino nascido na realeza jazia no colo de Alice.

— É um grande conforto que tudo tenha acabado — desabafou a mãe.

— Você é a mulher mais ingrata.

— Oh, Alice, se ao menos soubesse! O seu bebê pode nascer do jeito que quiser. Você não vai ficar acordada à noite, tremendo sem saber como suportará a desgraça, se o vil sexo frágil surgir para perturbar as esperanças dos seus lordes e mestres, pois eu tive dois, o que deixa a coisa toda ainda mais terrível.

— Estou certa de que Mr. Palliser não teria dito uma palavra.

— Não, ele não teria dito nada, e nem o duque. O duque simplesmente iria embora imediatamente, e nunca mais me veria até que a chance seguinte surgisse, se é que algum dia ela surgirá. E Mr. Palliser teria sido tão gentil quanto um pombo, bem mais gentil do que está sendo agora, pois os homens raramente são gentis no triunfo. Eu, entretanto, teria sabido o que ambos estariam pensando e sentindo.

— Está tudo bem agora, querida.

— Sim, meu formoso menino; você consertou as coisas para mim, não foi?



E lady Glencora tomou seu bebê em seus próprios braços.

— Você consertou tudo, meu homenzinho. Mas, oh, Alice, se tivesse visto a cara fechada do duque ao longo daqueles três dias; se tivesse ouvido o tom de voz das pessoas enquanto sussurravam sobre mim; se tivesse sentido a animação opressora daqueles dois médicos de Londres; médicos são atores tão péssimos, você teria achado impossível para qualquer mulher sobreviver a tudo. Há um conforto, se meu bebezinho sobreviver, não poderei ter outro primogênito. Ele parece que vai sobreviver, não parece, Alice?

Então, foram perpetradas várias cerimônias misteriosas de idolatria feminina, que continuaram até que surgiu uma velha senhora vestida solenemente, que se autointitulava enfermeira, e que levou o ídolo embora.

Ao longo daquela tarde, lady Glencora levou Alice para explorar o lugar. Era um castelo de enorme tamanho; bastante novo – tendo sido construído pelo atual proprietário –; muito frio; muito bonito; e muito entediante.

— Que lugar imenso! — exclamou Alice, olhando em volta pelo grande salão que nunca era usado, exceto em ocasiões muito grandiosas.

— Não é mesmo? E ele custa... Oh, eu não sei dizer o quanto custa. Umas 100 mil libras ou mais. Bom, isso não seria nada, já que o duque, sem dúvida, teve o dinheiro no bolso para fazer o que queria na época. Mas eis a piada: ninguém nunca pensa em morar aqui. Quem iria querer morar em um lugar tão grandioso e exagerado como este, se podem conseguir uma casa confortável como a de Matching? Recordar-se de Longgroyston e dos canos de água quente? Sempre penso na pobre duquesa quando passo por aqui. Ninguém nunca vive aqui, ou viverá. O duque vem para cá uma vez ao ano para passar uma semana, e Plantagenet disse que ele odeia fazer isso. Quanto a mim, nada neste mundo jamais me fará morar aqui. Eu estava completamente dominada por eles, e não pude escapar de ser trazida até aqui dias atrás, porque eu havia me desgraçado, de certo modo.

— Como você se desgraçou?

— Por ter me demorado demais a fazer aquele cavalheiro nascer. Mas eles não me ludibriarão mais com os mesmos truques. Agora, ousarei me defender. Venha... devemos sair daqui. Alguns membros do público britânico gostam de vir aqui para admirar o novo espetáculo britânico. Esse é outro dos prazeres deste lugar. É necessário correr para evitar ser apanhado por visitantes. A aia me disse que eles sempre resmungam quando são proibidos de entrar em meu quatinho lá em cima.

Naquela noite, Mr. Palliser e Mr. Grey voltaram de Silverbridge juntos. O segundo já era, na época, membro do Parlamento, mas o

primeiro, por ora, ainda não era detentor de tal dignidade. A eleição pelo bairro havia acabado, ao passo que aquela pelo condado ainda não havia acontecido. Mas não existia candidato rival para a posição, e Mr. Palliser estava absolutamente satisfeito com o seu destino. De fato, ele era, neste momento, chanceler do Tesouro, e em cerca de dez dias, estaria de pé na Câmara propondo para uso do seu país seus planos financeiros. Os dois homens se sentaram juntos em uma carruagem aberta, que era levada por quatro cavalos. Ambos estavam felizes no tocante às suas ambições, mas penso que, dos dois, Mr. Palliser demonstrava mais triunfo. Não que ele falasse qualquer palavra, mesmo para o seu amigo, que contivesse tom de triunfo. Não era assim que ele se regozijava. Ele era, por natureza, plácido demais para tal. Mas havia um nervosismo em seu contentamento que revelava tudo a qualquer observador que possuísse capacidade de ler nas entrelinhas.

— Espero que goste — ele comentou com Grey.

— Eu nunca gostarei tanto quanto você — Grey respondeu.

— E por que não? Por que não?

— Em primeiro lugar, eu não comecei tão jovem.

— Qualquer idade antes dos 35 é jovem o bastante.

— Para um trabalho útil, sim; mas dificilmente será para a satisfação da coisa. E, além disso, não tenho a sua fé. Para você, a Câmara Britânica dos Comuns é tudo.

— Sim... É tudo — concordou Mr. Palliser, com raro entusiasmo.

— Tudo, tudo. Ela e a Constituição são tudo.

— Mas não são para mim.

— Ah, mas serão. Se realmente se aplicar e der duro, serão. Você se sentirá como eu me sinto. O homem visto pelos seus colegas como o número um no Banco do Tesouro na Câmara Britânica dos Comuns é o primeiro na fila dos que se sentem vivos. Essa é a minha opinião. Eu não sei se já disse isso antes; mas essa é a minha opinião.

— E quem é o segundo, o tesoureiro deste grande homem?

— Eu não tenho o que falar sobre o segundo. Nem sei se há um segundo. Pergunto-me como encontremos lady Glencora e o menino.

Naquele instante, eles chegaram à lateral do Castelo, e Mr. Grey correu pelos degraus acima até o quarto de sua esposa para receber as congratulações dela.

— E você é um membro do Parlamento? — ela indagou.

— Eles dizem que sim, mas não sei realmente se sou um até que faça o juramento.

— Eu estou tão feliz! Não há posição no mundo tão gloriosa!

— Pena que não é esposa de Mr. Palliser. É exatamente isso o que ele tem dito.

— Oh, John, eu estou tão feliz! Isso é muito, muito mais do que

eu merecia. Espero, isto é, às vezes, penso que...

— No que você pensa, querida?

— Espero que nada do que eu disse até hoje o tenha levado a isso.

— Eu faria mais do que isso, querida, para fazê-la feliz — ele declarou, enquanto colocava o braço ao redor dela e a beijava. — Mais do que isso, se estiver em meu poder.

Provavelmente os meus leitores concordarão com Alice quanto à ideia de que, no desfecho das suas aventuras, ela ganhou mais do que merecia. Todos os amigos dela, com a exceção do marido, pensavam assim. Mas, como todos eles a perdoaram, incluindo até a própria lady Midlothian, eu torço para que aqueles que seguiram a história dela até o seu encerramento não sejam menos generosos.

FIM!

Leia também:

PHINEAS FINN, A CONTINUAÇÃO DA SÉRIE

O segundo romance da série Palliser nos apresenta Phineas Finn, um jovem irlandês eleito para o parlamento aos 25 anos.

Depois de apoiar Phineas enquanto ele estudava em Londres, seu pai, um médico do interior, espera que ele volte para casa na Irlanda para exercer a advocacia lá e se casar com sua namorada de infância, Mary Flood Jones. Phineas, porém, tem outras ambições e decide se candidatar ao Parlamento. Infelizmente, os membros do Parlamento não recebem pagamento por seu trabalho, então quando Phineas, contra todas as expectativas, é eleito, ele descobre que deve persuadir seu pai a apoiá-lo por mais algum tempo. O Doutor Finn relutantemente concorda, mas outros amigos – como o mentor de Phineas, o advogado Mr. Low – são rápidos em expressar sua desaprovação:

“Phineas, meu caro amigo, até onde pude ver o mundo, os homens não começam nem muito bem nem muito mal. Eles geralmente têm boas aspirações com propósitos fracos; – ou, como podemos dizer, corpos fortes com pernas fracas para carregá-los... Em nove casos em dez, é um pequeno evento infeliz que a princípio desvia o homem. Ele vê uma mulher e se perde com ela – ou é levado a um hipódromo e infelizmente ganha dinheiro – ou algum demônio em forma de amigo o atrai para o fumo e o conhaque. Sua tentação veio na forma desta maldita cadeira no Parlamento”.

Jovem, idealista e entusiasmado com suas novas responsabilidades, Phineas parte para Londres onde, além de encontrar seu caminho no mundo corrupto e complexo da política, também se envolve em ligações românticos com três mulheres muito diferentes: Lady Laura Standish é filha do patrono de Phineas, o conde de Brentford, e a primeira mulher por quem ele se apaixona depois de deixar a Irlanda. No início do romance, Laura rejeita Phineas. Phineas então volta suas atenções para a amiga de Laura, Violet Effingham, uma herdeira que provavelmente se casará com lorde Chiltern, irmão de Laura. Uma amizade se desenvolve entre Phineas e Chiltern, mas logo se tornam rivais pelo amor de Violet. E, finalmente, há Madame Max Goesler, uma viúva rica e independente com uma pitada de escândalo em seu passado.

Será que Phineas se casará com uma dessas mulheres ou decidirá que seu coração pertence a Killaloe com Mary Flood Jones, afinal? E a carreira política de Phineas levará ao sucesso ou o Dr. Finn e Mr. Low estarão certos no final?

Os romances da série Palliser são: Você pode perdoá-la? *Phineas*

*Finn; Os Diamantes de Eustace; O Retorno de Phineas; O primeiro ministro
e Os filhos do duque.*

APOIADORES DE VOCÊ PODE PERDOÁ-LA?

Abraão Pedro da Silva
Adalgiane Aguiar
Adriana Ap. dos Santos
Adriana Bombonato de Carvalho Lauksas
Adriana Campos Miranda Calefe
Adriana Portela Pereira
Adriana Teodoro da Cruz Silva
Adryene Marques
Ágabo Alves Lira Araújo
Agatha Maria Abud
Aisha Mendonça
Aldineide Felipe
Alessandra Firmo da Silva Santos
Alessandra Miyazato
Alessandra Paula de Almeida Nunes
Alessandra Valles
Alexandra Stedile
Alice Antunes Fonseca
Alice Coelho Corrêa e Castro
Aline Maia Borges
Aline Mansur Taveira
Aline Maria da Silva dos Santos
Alynne Cristinne Rocha Calado
Aliny Fábila da Silva Miguel Oliveira
Amabyle Heck
Amanda Boaviagem
Amanda de Andrade Wandekoken
Amanda Pampaloni Pizzi
Amanda Pereira Costa
Amanda Rinaldi
Amanda Rodrigues de Faria
Ana Beatriz Seixas
Ana Cândida Duarte Souza
Ana Carolina Celick
Ana Carolina Dutra Sarapio
Ana Carolina Fonseca Marques
Ana Carolina Silva Chuery
Ana Caroline de Araújo
Ana Carolina Wagner Gouveia de Barros
Ana Claudia Rodrigues de Figueiredo
Ana Claudia Lima Gonçalves
Ana Claudia Sato
Ana Elsa Sobreira
Ana Karina Rodrigues
Ana Louise Ferreira de Araujo
Ana Lúcia de Mesquita Sampaio
Ana Luiza Fontes
Anna Luisa Barbosa Dias de Carvalho

Ana Márcia Oliveira
Ana Patricia
André Soares Santos
Andrea Henning Fernandes
Andreia Lucia Nunes
Andressa Vasconcelos Barroso Prado
Ângelo Antônio Leva Wandekoken
Angélica Patrícia Lohn
Angelica Rodrigues de Lima
Angély de Paula Miller
Anna Samyra Oliveira Paiva
Antonia Isadora de Araújo Rodrigues
Antonia Natália Costa de Sales
Arian Marnie Ferreira de Sousa Leite
Arlete Rossetto dos Santos Garcia
Augusto Pinto
Bárbara Burgardt Casaletti
Bartira Braga de Aquino
Beatriz Gabrielli Weber
Beatriz Leonor de Mello
Bento Wandekoken Fiorot
Bianca Arantes
Brenda Dias
Brenda Nataly Dias de Camargo
Bruno Fiuza Franco
Camila Nakano de Toledo
Camila Peres Rodrigues
Camila Valverde
Camila Vieira da Silva
Camilla Magnotti Komatz
Carla Cristina Teixeira de Freitas Santos
Carla Felzemburgh
Carla Paula Moreira Soares
Carolina Santana
Caroline Bezerra
Caroline Pinto Duarte
Cássia Santos de Oliveira
Cassiane Moreira
Catharina Ribeiro de Oliveira
Cátia Petiz de Matos
Cida Barros
Cilaine Nunes
Cinthia Torres Aranha
Chirlei Wandekoken
Clara Ramires de Brito Paulichi
Clarissa Maia Batista
Claudia de Araújo Lima
Cláudia Maria Begiato
Claudia Senatore Fernandes
Claudio Simões
Conceição de Maria Bezerra de A. Lemos
Crícia Ramos Costa
Cristiane Leite Cunha

Cristina Hayashi
Cyntia Micsik Rodrigues
Daiani Cris Pedrobon
Damaris Melo
Dandara Machado
Daiane Carneiro
Daniel Kiss
Daniela Aparecida da Silva
Daniela Mourani
Daniela Nascimento da Silva
Daniela Oliveira Carvalho
Daniele Barros de Carvalho
Daniele Franco dos Santos Teixeira
Daniele Irina Werner
Daniella Mancino da Luz Caixeta
Danielle Gomes dos Santos
Danielle Maria Souza Melo
Danielly Rocha Cavalcanti de Lira
Darlene Ramos Barboza
Débora Moreira Soares
Denise Corrêa
Deyzianne Costa Oliveira
Dorama de Miranda Carvalho
Edilane Nascimento
Edise da Costa Araujo
Eduardo de Oliveira Prestes
Eduardo Silva Ruano
Elba Regina Zarattini Perides
Elen Biguelini
Elen Garcias
Elenize Maria de Sousa Façanha
Eliana Maria de Oliveira
Eliana Martins Pinto Santoni
Eliana Pitta
Eliane Claudino
Eliane da Silva Moraes
Eliane Maria Donola Pereira
Eliane Oliveira de Sousa
Eliecir Soares
Elza Soares Pereira Pereira
Emília de Cerqueira Lima
Emily Jhoyce Coimbra da Silva
Enoch Tótola Vieira Rosa
Erica Rodrigues de Assis
Érica Woidella
Érika Terrell Laranjeira
Ermelinda Eugenia Souza dos Santos
Esther Simonato dos Santos
Evans Cavill Hutcherson
Evely Gabriele Mendes Souza
Fabiana Aparecida Francischinelli
Fabiana Nunes Caetano
Fabiana Pereira

Fabio Luiz Batista
Felipe Augusto Cruz Lima
Fernanda Bononomi
Fernanda de Oliveira da Silva
Fernanda da Conceição Felizardo
Fernanda Malta Oliveira
Fernanda Tavares da Silva
Fernando Cezário dos Santos
Fernando da Silveira Couto
Flávia Breves
Flávia Nunes de Souza
Flávia Oliveira
Franciele da Silva de Oliveira
Franciele Santos da Silva
Francielly Gastaldi
Francine Luz da Luz
Francisco Nascimento Silva
Frank González Del Rio
Fred Vidal Santos
Gabriel Carioly de Albuquerque Siqueira
Gabriela Brito Meireles
Gabriela Giacumuzzi
Giancarlo Rezende Bessa
Giovanna Bobato Pontarolo
Gisela Menicucci Bortoloso
Gislaine Aparecida de Rezende Scursoni
Gislaine Labêta
Giselda da Silva Mendonça
Glauciany Ferreira Gouveia
Graziele Nogueira da Silva
Gustavo Cassiano
Haydee Victorette do Vale Queiroz
Hélio Noronha
Hellen Tania Carvalho da Silva
Helmar Galvão Pereira Infanti
Heloísa Saraiva Frank
Heniane Passos Aleixo
Igor Lima
Inêz Camilla Saraiva Santos
Ingrid da Silva Ronconi
Iraci Michellucci
Isabela Lopes
Isadora Maria Milanez Sousa
Isabella Ribeiro Soares da Silva
Islayla Silva
Isis Santiago
Ivina Maiolo
Iomara Ferreira Vasconcelos
Iolanda Maria Bins Perin
Jailma Cordeiro
Jamilé Almeida Silva
Jamilly Caldeira Meireles
Janaina Guimarães

Janaina Marcia de Oliveira Lima
Jaqueline Pantoja
Jaqueline Rezende da Silva
Jenifer Taila Borchardt
Jéssica da Vitória Silva
Jéssica Teodoro
Jéssica Larissa Barbosa dos Reis
Jéssica Santos
João Mendes Neto Gomes
João Paulo Pacheco
João Rafael de Quadros Popovicz
Joelma Dias de Souza
José Maria Moreira Lourenço
José Pedro da Silva Júnior
José Ronaldo Viega Alves
Júlia Andrade
Julia Casella
Júlia Moreira Ramos de Souza
Júlio Cesar Wandekoken
Júlio Cesar Wandekoken Filho
Juliana Cristina da Silva Campos
Juliana de Jesus Silva
Juliana Lira
Juliana Mayer
Juliana Melo
Juliana Salmont Fossa
Juliana Gurgel
Juliana Topanotti
Juliana Vendramini Soares
Jussara Freitas Nascimento
Karen Ferreira Eloy Faria
Kauã Wandekoken Fiorot
Karine Moura Alves Lopes
Karla Campos
Karla Tonini
Karoline Rodrigues Gomes
Katia Martins Martins
Keila Nogueira Gomes
Keila Rodrigues
Keite Ap. Duarte
Kely Cristina Magalhaes Cordeiro
Kilmara Ribeiro
Krishna de Nazaré Santos de Oliveira
Laís Felix Cirino dos Santos
Laís Fiuza Tesch Altoé
Lara de Sousa Cardoso Campelo
Lara Marinho Oliveira
Larissa Bazan
Larissa Cunha
Larissa J. Palma
Leandro Rodrigues Brasil
Ledda Maria de Mesquita Braga
Leia Scrivani Godinho

Leonardo Romano Martins Bastos
Leonor Wink
Letícia Barcelos
Letícia Gabriela Lopes do Nascimento
Letícia Lopes
Letícia Telles
Letícia Zanatto
Lia Nojosa Sena
Lidiamaria Satto Nunes de Moraes
Lígia Maria de Andrade Rocha
Lígia Lima Ribeiro
Liliane Cristina Coelho
Lizete Galves Maturana
Lolanda Perin
Lomara Ferreira Vasconcelos
Lorena Andreolli Schiavon
Luana Andrade
Luana Muzy
Lucia Helena Cardoso
Lúcia Nádia Sena Piconi
Luciana Angelone
Luciana Brizola
Luciana José Ribeiro
Luciana Narada
Luciana Vieira da Silva
Luciana Vilela de Oliveira Barreiro
Luciane C. Peixe Gonçalves
Lucimara D. G. de Almeida
Lucirlei Domene
Luísa Claudia Faria dos Santos
Luíza Bononomi
Luíza Rodrigues Martins
Luíza Rosiete Gondin Cavalcante
Luíza Thereza Silva
Luzia Pires Machado
Lya Mara Naufal Severino B. Vieira
Mara Roseleia Souza Figueredo Leal
Marcelle Ribeiro Moreira
Márcia Adriane Corrocher Santos
Marcia Michelin
Marcia Nova
Marcia Rizatto de Sousa
Márcio Tiago Rocha
Marco Toledo
Marcos Henrique Caetano Melhado
Mara Freitas de Oliveira
Maria Bonfim do Nascimento
Maria Alice Molina Santos
Maria da Graça Muller
Maria Eduarda Silva de Oliveira
Maria Jacimara de Moura Silva
Maria Paula da Silva Sousa
Maria Jose Dantas Soares

Maria Lígia Carvalho
Maria Lucia Parcesepe
Mariana Carolina Beraldo Inacio
Mariana Mestre Porceli
Mariane Godoy da Costa Leal Ferreira
Marielly Inácio do Nascimento
Marília Teixeira
Marília Teixeira
Marina Magalhães
Marina Mendes Almeida
Matheus Santos
Matheus Silva Andrade
Maura Aparecida Cordeiro Ribeiro
Mayara Andrade
Merelayne Fabiani
Méridiane Sartori
Michelangelo Heberval Bezerra Lima
Michele Lodo
Michelle Angelle
Michelle Mallmann
Michelle de Lima Kintopp
Michelli Antunes da Silva
Mileide Pereira
Milka Mantoku
Miriam Paula dos Santos
Natalia Maxine Ferreira P. Sarmento
Nathalia Giordani Machado
Natália Zanatta Stein
Nathalia Melgaco
Nathalia Premazzi
Nayanne de Luna Martins
Nayara Maciel Arêas
Neusa Filiberto
Nicolas Ribeiro Capa
Nicole Hiller Bondarczuk
Nirley Meireles
Noemy da Silva Lima
Núbia Costa
Ohara Silva Nascimento
Pâmela das Graças de Freitas Golarte
Patrícia Alexandre da Silva
Patrícia Ana Tremarin
Patrícia Kelling Karloh
Patricia Quartarollo
Patrícia Maia Feitosa de Oliveira
Paulo Cazelatto
Paulo Duarte Garcez
Pietra Lins
Priscilla Lima
Queila Noemi da Silva Guerrero
Rachel Paiva
Rafael Miritz Soares
Rafael Ronzani da Cunha

Rafael Wüthrich
Rafaela Desideri
Raphaela Tasmo Rodrigues
Rafaelle Schutz Kronbauer Vieira
Raissa Martins Costa
Ramiro Michelin
Ranielle Carvalho
Raquel Rosario
Raquel Sampaio
Raquel Andrade Dantas
Raquel Ribeiro da Silva
Rayane Luiza Passos da Silva Lima
Rayssa Albuquerque Cruz Abreu
Regina Souza
Reginaldo Claudeonor Calegari
Renata Alves de Paula
Renata Bertagnoni Miura
Renata Guimarães de Araújo
Renato Drummond Tapioca Neto
Ricardo Pereira Maciel
Rita de Cássia Dias Moreira de Almeida
Rivany Pereira Tenório
Roberta Ouriques
Ronan Soares dos Santos
Rosana da Rosa Conte
Rosângela Cypriano
Roni Tomazelli
Rubens Pires Júnior
Sabrina Inserra
Sabrina Lira Lima
Samira Lauriano da Silva
Sandra Knudsen
Sandra Regina dos Santos dos Santos
Sandra/Douglas dos Santos
Sara Jane da Silva
Selma Valery Ruiz
Sérgio Luiz de Oliveira Castro
Sheila Barrancos
Sheila Massulo
Shirley Maria Lira Peixe de Souza
Silvandır Silva
Silvia Cristiane de Paiva
Silvia Mara Oliveira
Silvia Rodrigues Santana Silva
Simone Casagrande
Simone de Simoni
Simone Oliveira Paese
Simone Pedrinho Neves
Simone Ts
Sirlene Michelin
Sônia de Jesus Santos
Soriane Stefanés
Sueli do Carmo Silva

Suellany Bomfim
Suzimara de Oliveira
Taciana Maria de Souza
Tais Gregório
Taisa Goi Fydryszeski
Talissa Lunara de Melo Azevedo
Tania Carla da Rocha Lozano de Melo
Tania Florencio
Tania Ximenes
Tatiana Beck Broenstrup
Tatiana Fabiana de Mendonça
Tatiane Araújo
Thaiane de Araújo Oliveira de Azevedo
Thaís Costantini
Thais Bueno Louzada
Thaís Ramos de Almeida
Thaís Navarro
Thalia Espindola
Thalisson Machado
Thay Souza
Thiago Rodrigues Nascimento
Thiago Villar Aquino de Carvalho
Ticianne Melo Cruz
Tífany Katiúscia Baesso Garcia Delgado
Ulisses Job
Ursula Radloff de Novais
Valdir dos Santos
Valéria Bastelli
Valéria Lima de Barros
Valeria Fonseca
Vanderni Freitas da Silva
Vandrielly de Paula Rosa Limonti
Valdinéia Conceição Mendes
Vanessa Azevedo Crelie Monteiro
Vanessa Falarz
Vaneza Leva de O. Wandekoken
Vanessa Inegues Prianti
Vanessa Martins de M. Abrantes Alves
Vanessa Tavares da Silva
Vanessa Vargas de Lima Costa
Vanessa de Araújo
Vania Barbosa Santos
Vânia Beatriz Rezende
Vanusa Maria Silva
Vera Dulce Carvalho
Vera Lúcia Neto de Castro
Verônica Silva
Victoria Karolina dos Santos Sobreira
Virgínia Maggi
Viviane Alves da Cruz
Viviane Tavares Nascimento
Viviane Ventura E. Silva Juwer
Vivianne Franca

Walkiria Valle

Yara Guimaraes Duarte Marques

Zoraide Maria de Lima

FICHA CATALOGRÁFICA

Copyright © 2023 by Pedrazul Editora Ltda. Todos os direitos reservados à Pedrazul Editora. Texto adaptado à nova ortografia da Língua Portuguesa, Decreto n° 6.583, de 29 de setembro de 2008.

Direção geral: Chirlei Wandekoken

Subeditor: Júlio Cesar Wandekoken

Direção de arte: Eduardo Barbarioli

Tradução: Boanerges Januário Soares de Araújo Neto (Boni Neto)

Revisão: Fernanda Martins

Pintura das capas: Ludwig Thiersch-Niedziela (1825-1909)

Pintura da guarda colorida: Sven Richard Bergh

Pintura da folha de rosto e aberturas dos volumes I e II: Jean Henri Zuber (1844-1909), Christina Robertson (1796-1854) e William John Hennessy (1839-1917)

Ilustrações: O Volume I foi ilustrado por Hablôt Knight Browne, mais conhecido como “Phiz”, um dos favoritos de Dickens. Trollope não gostou do trabalho de Browne, e as ilustrações para o Volume II foram desenhadas por Miss. E. Taylor de St. Leonards. Estas ilustrações originais estão incluídas neste livro.

Imagens de aberturas dos volumes: Christina Robertson e William John Hennessy

Comissão de capa: Amanda Vieira e Silva; Frank González Del Rio; Fernanda de Oliveira; Janaina Battisti; Rafaelle Schütz Kronbauer Vieira; Rebeca Iervolino Fernandes Ferreroni e Walderlania Silva Santos.

T848v Trollope, Anthony, 1815 - 1882.

Você pode perdôá-la? / Anthony Trollope . – Vitória, ES: Pedrazul Editora, 2023.

Título original: Can You Forgive Her?

1. Literatura inglesa. 2. Ficção. 3. Romantismo. I. Título. II. Januário Soares de Araújo Neto, Boanerges.

CDD – 823

Reservados todos os direitos desta tradução e produção. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme, processo fotomecânico ou eletrônico sem permissão expressa da Pedrazul Editora, conforme Lei n° 9610 de 19/02/1998.

PEDRAZUL EDITORA

www.pedrazuleditora.com.br

www.clubedeleitorespedrazul.com.br

contato@pedrazuleditora.com.br

[1]. Os assassinatos de Phoenix Park foram os esfaqueamentos fatais de lorde Frederick Cavendish e Thomas Henry Burke, em Phoenix Park, Dublin, Irlanda, em 6 de maio de 1882.

Cavendish era o recém-nomeado secretário-chefe para a Irlanda e Burke era o subsecretário permanente, o mais antigo funcionário público irlandês. Os assassinatos foram cometidos por membros de uma organização republicana conhecida como Irish National Invincibles, uma separação mais radical da Irmandade Republicana Irlandesa. (N.E.)

[2]. Do original, “*Upper ten thousand*”. Refere-se a um termo cunhado em 1844 pelo poeta e escritor norte-americano Nathaniel Parker Willis para designar os dez mil habitantes mais ricos de uma cidade. (N.T.)

[3]. Do francês, “com extrema veemência”. (N.T.)

[4]. Antigo partido político liberal do Reino Unido fundado em 1678 e extinto em 1859. (N.T.)

[5]. Do original, “*Low Church*”, trata-se de um termo ligado ao comportamento de cristãos anglicanos que pouca atenção davam aos valores e rituais da religião. (N.T.)

[6]. Do francês, “arrebicado”. (N.T.)

[7]. Revista adulta da era vitoriana. (N.T.)

[8]. Neste sentido, a “Cidade”, em maiúsculo, refere-se à zona comercial e financeira de Londres. (N.T.)

[9]. Referência a um diálogo da segunda cena do terceiro ato de Hamlet, de William Shakespeare. (N.T.)

[10]. Este movimento começou em 1859, e tinha a intenção de fortalecer as defesas inglesas contra agressores franceses liderados por Napoleão III. Os Voluntários eram encorajados pela rainha. (N.T.)

[11]. A montanha Jungfrau e os Passos de Grimsel e de Gemmi são pontos turísticos dos alpes suíços. Ludgate Hill, por sua vez, é uma região elevada situada em Londres. (N.T.)

[12]. Mont Blanc, ou Monte Branco, é a montanha mais alta dos Alpes e da União Europeia. (N.T.)

[13]. A *Punch* foi uma revista britânica semanal concentrada na sátira e no humor, e que foi veiculada entre 1841 e 1992, ganhando uma nova publicação em 1996 que durou até 2002. (N.T.)

[14]. Vilarejo suíço localizado próximo ao lago Gelmersee. (N.T.)

[15]. Capital da região de Grand Est, no nordeste da França. (N.T.)

[16]. Na mitologia grega, Hipérion ou Hiperião foi o titã do sol. No diálogo de Kate Vavasor, trata-se de uma citação à peça Hamlet, de William Shakespeare, que na Cena Dois, Ato Um, escreve: “Um rei tão excelente. Compará-lo com este, é comparar Hipérion, Deus do sol, com um sátiro lascivo.” (N.T.)

[17]. Regimento de infantaria do exército britânico criado em 1824 e absorvido pelo regimento Queen’s Own em 1881. (N.T.)

[18]. Do francês, “brilho” ou “ostentação”. (N.T.)

[19]. Referência ao poema “Vênus e Adonis”, de William Shakespeare, publicado em 1593, em que a deusa Vênus – equivalente à deusa grega Afrodite – tenta seduzir o humano Adonis. (N.T.)

[20]. Do francês, “como passatempo”. (N.T.)

- [21]. Horatio Nelson foi um oficial da Marinha Britânica nascido em Norfolk que obteve fama ao participar de uma série de conflitos conhecida como Guerras Napoleônicas. Nelson morreu durante a Batalha de Trafalgar, em 1805, em uma resistência contra a união da França e da Espanha. (N.T.)
- [22]. Um subgênero de música country britânica. (N.T.)
- [23]. Variação britânica do ditado “a curiosidade matou o gato”. (N.T.)
- [24]. Lugar de honra destinado a membros do clero católico romano ou anglicano numa catedral ou igreja colegiada. O título de prebendário era dado àqueles que recebiam prebendas (pedaços de terra ou pensão em dinheiro) por serviços prestados à igreja. (N.T.)
- [25]. No Reino Unido, o “Cerca”, ou “Close” no original, é a área imediata ao redor de uma catedral. (N.T.)
- [26]. Referência à peça “*Les Femmes Savantes*”, ou “*As Eruditas*”, do dramaturgo francês Molière. (N.T.)
- [27]. Augustus foi oficialmente o primeiro imperador de Roma, entre 27 A.C. a 14 D.C. Um de seus atos como imperador foi a redução do número de senadores – de 900 para 600 – no Senado Romano. (N.T.)
- [28]. França: os Girondinos, partido de maioria burgueses, que defendia posições moderadas e a monarquia constitucional, posicionava-se contra a monarquia absoluta. Os jacobinos, representantes da média e da pequena burguesia, constituía o partido mais radical, sob a liderança de Robespierre. Uma fase de “terror” se estabeleceu na França e Robespierre, líder do partido jacobino, foi o protagonista de ações antidemocráticas, perseguindo e matando pessoas. (N.E.)
- [29]. Charles Kemble (1775 – 1854) foi um ator nascido no País de Gales que trabalhava, principalmente, em Convent Garden, centro de entretenimento londrino. (N.T.)
- [30]. Strand é uma das principais vias públicas na Cidade de Westminster, Londres. (N.T.)
- [31]. Sibaritis foi uma antiga cidade grega conhecida por seus habitantes ricos que tinham hábitos fúteis. (N.T.)
- [32]. Na Inglaterra, uma sessão parlamentar equivale a um mandato de um ano. (N.T.)
- [33]. Aqui, Vavasor faz alusão ao romance *A Casa Soturna*, de Charles Dickens, cujo personagem, Mr. Vholes, várias vezes conta, ao longo da obra, que precisa sustentar o pai idoso que mora no vale de Taunton. (N.T.)
- [34]. O Partido Tory (rival do dos Whigs) era, naquela época, o equivalente ao Partido Conservador. (N.T.)
- [35]. Ninrode, bisneto de Noé, foi um personagem bíblico tido como grande caçador, assim como são as pessoas associadas ao seu nome. (N.T.)
- [36]. Alice olhava para o acendedor de lâmpadas. Antes do surgimento da energia elétrica, a luz das ruas públicas vinha dos lâmpadas. Os acendedores começavam o seu trabalho no final de tarde, com uma vara especial que tinha uma esponja na ponta. Quando o sol nascia, eles apagavam cada lâmpada da cidade, limpando os vidros, reabastecendo os pavios e o combustível, que geralmente era querosene. Na Europa, o acendedor de lâmpada ganhava um salário e era valorizado pela sociedade, mas, no Brasil, esse serviço era realizado geralmente por escravos. (N.E.)

[37]. Jogo de cartas similar a Copas, e que acabou sendo substituído pelo *bridge*. (N.T.)

[38]. *Dummy rummy* é uma variação do Mexe-mexe. O jogo é jogado com dois baralhos. Cada jogador recebe 13 cartas e tem o objetivo de se livrar do máximo delas até o final de todas as rodadas. (N.T.)

[39]. Série de duas partidas no uíste. (N.T.)

[40]. Ah, meu amigo, de quem peguei emprestado esta nobre alcunha! Se ele houvesse continuado entre nós, teria me perdoado pelo pequeno furto, e agora que ele se foi, não alterarei o nome. (N.A.)

[41]. Em referência à nota do autor, Cinquebars, ou melhor, Cinqbars, foi um personagem do romance inacabado *A Shabby Genteel Story*, de William M. Thackeray, escritor e amigo de Anthony Trollope, que faleceu quando parte de *Você Pode Perdoá-la?* se encontrava em revisão (N.T.)

[42]. Trata-se de um mercado londrino de leilões de cavalos. (N.T.)

[43]. Reynard – ou Renart, na França, onde foi criado – era uma raposa antropomórfica protagonista de várias histórias medievais. As primeiras versões das histórias da raposa trapaceira datam do século XII. (N.T.)

[44]. Do francês, “como deve ser”. (N.T.)

[45]. Palavra de origem árabe que inicialmente possuía significado neutro para se referir a pessoas sem religião do sul e leste da África (caso da nação Zulu). Na metade do século XX, décadas após a publicação deste romance, o termo contraiu uma conotação pejorativa e racista, sobretudo na era do Apartheid. (N.T.)

[46]. Na peça “Speed the Plough” (Acelere o Arado, em tradução livre), escrita por Thomas Morton e publicada em 1798, a personagem Dame Ashfield se preocupa constantemente com o que a sua vizinha Mrs. Grundy poderia achar de seus atos e costumes. Embora Mrs. Grundy nunca apareça em carne e osso na história, seu caráter crítico molda as atitudes das outras personagens. Em 1813, a língua inglesa adotou o nome da personagem para adjetivar alguém com padrões rígidos e predileção por julgar pessoas. (N.T.)

[47]. A dinastia Plantageneta, formada por um conjunto de monarcas ingleses, reinou na Inglaterra entre os anos de 1154 e 1399. (N.T.)

[48]. Aqui, é possível que lady Glencora esteja se referindo a Lucy Atkinson, que, em seu livro *Recollections of Tartar Steppes and their Inhabitants* (1863) menciona encontros com tigres e lobos enquanto acampava em estepes tártaras. (N.T.)

[49]. Sir Rowland Hill (1795 – 1879) foi um professor, inventor e reformista do sistema postal britânico, sendo lembrado como idealizador de conceitos do serviço postal moderno, como a invenção do selo postal. (N.T.)

[50]. Para os ingleses, cruzar a carta significa virá-la lateralmente, e escrever entre o conteúdo já escrito. (N.T.)

[51]. Topsy é uma personagem da obra *A Cabana do Pai Tomás* (*Uncle Tom's Cabin*) da escritora e defensora do abolicionismo Harriet Beecher Stowe. Foi publicado em 1852 e veio a se tornar o romance mais vendido do século XIX. Na história, Topsy é uma jovem escrava constantemente maltratada, mas que, apesar dos diversos castigos, mantém um comportamento perverso por acreditar, graças aos seus mestres racistas, que, por ser negra, ela também é inerentemente má. (N.T.)

[52]. Charles Edward Mudie (1818 – 1890) foi um editor inglês e fundador da *Mudie's Lending*

Library, uma biblioteca aberta ao público. (N.T.)

[53]. Calicô ou Calicó é um tecido grosseiro de algodão. (N.E.)

[54]. A maçã é um taco com cauda parecido com aquele utilizado em esportes como hóquei ou golfe. (N.T.)

[55]. No bilhar, o “canhão” acontece quando a bola branca atinge a bola branca do adversário e a bola vermelha no mesmo lance, resultando em dois pontos para o jogador. (N.T.)

[56]. Expressão em latim que significa “mulherengo” ou “homem das mulheres”, tirada da coletânea *Odes*, de Horácio. (N.T.)

[57]. Segundo a mitologia grega, Hécuba foi esposa do último rei de Tróia, Priamo. Ela deu à luz, ao longo de sua vida, a 19 filhos. (N.T.)

[58]. Na mitologia grega, Ariadne, filha do rei Minos de Creta, ajuda o herói Teseu a atravessar o labirinto do Minotauro e a derrotá-lo. Após a vitória, Teseu viaja de navio para Atena com Ariadne, abandonando-a na ilha de Naxos no caminho. Lá, Ariadne conhece Baco, o deus do vinho, que se enamora imediatamente pela moça e oferece o céu em troca de sua mão em casamento. (N.T.)

[59]. Do francês, “Então, vamos”. (N.T.)

[60]. Parte da parede de uma nave, iluminada naturalmente por um conjunto de janelas laterais do andar superior das igrejas medievais do estilo gótico. De uma forma geral, refere-se à fiada de janelas altas, dispostas sobre um telhado adjacente. (N.E.)

[61]. Aqui, o autor faz referência aos personagens do poema “Don Juan”, de Lord Byron. (N.T.)

[62]. Geoffrey Chaucer (cerca de 1343 – 1400) foi um poeta medieval inglês, conhecido por ser o autor de *Os Contos da Cantuária*. (N.T.)

[63]. Do francês, “carta branca”. (N.T.)

[64]. O escritor Nathaniel Hawthorne (1804 – 1864) descreve as mulheres inglesas cinquentonas como “carnudas” (beefy) em seu ensaio “Leamington Spa”, lançado um ano antes de sua morte (e da publicação deste romance) no livro *Our Old Home*, uma coletânea de ensaios sobre o estilo de vida britânico que ele pôde acompanhar durante o período em que serviu como cônsul-americano em Liverpool. (N.T.)

[65]. Figura bíblica que, segundo o livro de Gênesis, viveu por 365 anos. (N.T.)

[66]. Referência a um diálogo de Hamlet, na quarta cena do terceiro ato da peça homônima. (N.T.)

[67]. Do original “Doctors’ Commons”. Esta foi uma sociedade londrina de advogados que atuavam no ramo do Direito Civil. (N.T.)

[68]. As Brougham foram carruagens de quatro rodas construídas a pedido do lorde Brougham, um político e jurista, na década de 1830. (N.T.)

[69]. Do francês, “cartão de visitas”. (N.T.)

[70]. *The Globe* foi um jornal londrino publicado entre 1803 e 1921. (N.T.)

[71]. Do original, “cross benches”. Trata-se de um grupo de assentos situados entre o governo e a oposição. Aqueles que são eleitos e que não fazem parte de nenhum dos dois grupos se

sentam nesta posição. (N.T.)

[72]. Do original, “Address” ou “Loyal Address”. É o nome concedido aos debates acerca do Discurso do Rei que são realizados ao longo de vários dias, em ambas as Câmaras, no início de uma nova sessão parlamentar. O Discurso do Rei, por sua vez, é o discurso proferido pelo monarca da Inglaterra na Câmara dos Lordes durante a Cerimônia de Abertura do Parlamento. Na época em que este romance acontece, a Inglaterra era governada por Vitória; consequentemente, os políticos tratariam sobre o “Discurso da Rainha”. (N.T.)

[73]. “Raphael e La Fornarina” foi uma pintura criada pelo francês Jean-Auguste-Dominique Ingres na Itália, em 1813. Seria a primeira de cinco versões da obra que ele faria até a sua morte, em 1867. (N.T.)

[74]. Gigante da mitologia grega que tinha o corpo coberto de olhos e que foi designado pela enciumada Hera para vigiar Io, que havia sido transformada em ovelha por Zeus para escondê-la de sua esposa. (N.T.)

[75]. Na mitologia grega, Cérbero era o cão de três cabeças que guardava o submundo, liderado por Hades, o deus dos mortos. (N.T.)

[76]. Personagem de uma curta cantiga inglesa chamada “*I do not like thee, Doctor Fell*”, que diz: “*I do not like thee, Doctor Fell / The reason why, I cannot tell / But this I know, and know full well / I do not like thee, Doctor Fell*”. Em português: “Eu não gosto de ti, Doutor Fell / O motivo, eu não sei dizer / Mas disso eu sei, e sei muito bem / Eu não gosto de ti, Doutor Fell”. (N.T.)

[77]. Referência a um dos apelidos do rio Tâmsa. (N.T.)

[78]. O “braço” se refere à extensão do rio Tâmsa conhecida como “Braço de Chelsea”. (N.T.)

[79]. Termo europeu para designar a administração de questões locais de cidades, burgos, distritos etc. (N.T.)

[80]. Em 1868, quando tinha 53 anos, Trollope se candidatou como liberal pela cadeira de Yorkshire em Beverley. Os constituintes eram notoriamente venais. Os agentes dos candidatos conservadores intimidaram aqueles cujos votos não podiam comprar. Trollope gastou £ 400 em sua campanha (40 vezes o que recebeu por um romance). Ele perdeu e depois disse que seu tempo nos palanques foi “a quinzena mais miserável da minha masculinidade”. A sequência de livros da série Palliser foi escrita após sua decepção em Beverley, ambientada entre as classes dominantes e apresentando a família Palliser e o ambicioso jovem deputado irlandês Phineas Finn, conhecida como seus romances “políticos”, foi inspirada nessa época (N.E.)

[81]. O autor faz referência a algumas passagens bíblicas para demonstrar luto ou arrependimento: Mateus 11:21 e Jonas 3:4-9 são apenas dois delas. (N.T.)

[82]. Referência ao poeta londrino John Milton (1608 – 1674), autor do poema épico *Paraíso Perdido*. (N.T.)

[83]. Referência a William Pitt (1708 – 1778), duque de Chatham e primeiro-ministro da Inglaterra. (N.T.)

[84]. Na obra *Nosso Amigo em Comum*, de Dickens, publicada de 1864–1865, a trama gira em torno de uma herança advinda de montanhas de dejetos, onde os ricos jogavam seu lixo. Em meados do século XIX, em Londres, o lixo era recolhido por empreiteiros privados. Era empilhado em montes e as pessoas os vasculhavam à procura de coisas para vender. Poderiam ser encontrados joias ou dinheiro que foram acidentalmente descartados. O romance de Dickens pode ter sido inspirado em um caso real de um lavrador, Henry Dodd, que fez fortuna removendo o lixo de Londres (N.E.)

[85]. Indivíduo cuja função é ocupar-se de todos os afazeres de outrem. (N.E.)

[86]. Aqui, lady Glencora cita um trecho de *The Loving Ballad of Lord Bateman*, de Charles Dickens e William M. Thackeray: “O when she arrived at Lord Bateman’s castle / How boldly then she rang the bell! / Who’s there? Who’s there?, cries the proud young porter / O come unto me pray quickly tell”, cuja tradução seria, “Oh, quando ela chegou ao castelo de lorde Bateman / Como tocou o sino bravamente! / Quem vem aí? Quem vem aí?, grita o jovem bagageiro orgulhoso / Oh, venha, por favor, e conte-me imediatamente. (N.T.)

[87]. Era comum nesse tipo de festa, ou baile, que se mantivesse costureiras preparadas para fazer ajustes nos vestidos das damas. Vemos isso com detalhe na obra vitoriana *Ruth*, de Elizabeth Gaskell, quando a própria Ruth Hilton, uma jovem costureira órfã, foi uma dessas costureiras, ocasião em que ela conheceu o belo aristocrata Mr. Bellingham. (N.E.)

[88]. Expressão francesa que corresponde a “uma pedra no sapato”. (N.T.)

[89]. James Rush e William Palmer foram dois assassinos reais da Era Vitoriana. Rush, um fazendeiro, matou o titular de sua hipoteca e o filho dele, após tentar defraudá-los. Ele foi enforcado em 1849. Palmer foi um homem com dotes médicos que envenenou a esposa, o irmão e um amigo na tentativa de obter o dinheiro do seguro de vida deles. Ele foi condenado e depois enforcado em 1856. (N.T.)

[90]. O diálogo de Mrs. Greenow é uma referência ao livro de Mateus, capítulo seis, versículo 30. (N.T.)

[91]. O processo para organizar um funeral na Grã-Bretanha é bem demorado, não costuma ser de um dia para o outro como ocorre no Brasil e pode durar literalmente meses se a causa da morte foi devido a um crime. Geralmente, dentro de cinco dias para a Inglaterra, País de Gales e Irlanda, e dentro de oito dias para a Escócia (N.E.)

[92]. Não era aceitável que as mulheres comparecessem ao serviço funerário. Seria embaraçoso para os membros masculinos de sua família, que deveriam manter uma calma estoica diante da morte, mesmo de um ente querido, consolar uma dama. Assim, senhoras de famílias aristocráticas e de classe alta, principalmente aquelas que eram membros da Igreja da Inglaterra, gradualmente deixaram de comparecer aos serviços funerários e virou uma tradição. (N.E.)

[93]. Na mitologia grega, as Fúrias eram a personificação da vingança que puniam os mortais. (N.T.)

[94]. Referência a um dos diálogos de lady Macbeth, da obra “Macbeth”, de William Shakespeare. (N.T.)

[95]. Do original “Inns of Court”; associações às quais todos os advogados ingleses devem pertencer. (N.T.)

[96]. Na mitologia grega, era a personificação da escuridão. (N.T.)

[97]. Referência a Mateus 10:14. (N.E.)

[98]. Trata-se de uma expressão idiomática que significa “passar de um ponto sem volta”, e que faz referência à travessia do rio Rubicão pelo imperador Júlio César, que marchava para a guerra em 49 a.C. (N.T.)

[99]. Aqui, Mrs. Greenow expressa erroneamente o dito “Noli me tangere”, que, em latim, significa “não me toques”. Na Bíblia, foi a frase que Jesus Cristo proferiu a Maria Madalena após ressuscitar. (N.T.)

[100]. *Orlando Furioso* foi um poema épico escrito pelo italiano Ludovico Ariosto, entre 1506 e 1532. (N.T.)

[101]. Referência à canção “Widow Machree”, de Samuel Lover, muito popular nos anos 1850. No original, a personagem fala “The poker and tongs to each other belongs”. A letra original da canção, porém, diz “Sure the shovel and tongs to each other belongs” (“Certamente a pá e as tenazes companhia se fazem). (N.T.)

[102]. Referência ao grande herói da mitologia grega Hércules, que, após matar Ífito, foi vendido como escravo por ordem do Oráculo de Delfos, para que o dinheiro da venda compensasse o pai de Ífito. Hércules acabou sendo comprado por Ônfale, rainha de Lídia, com quem ficou por três anos. Durante tal período, o herói foi forçado a passar dias inteiros diante de uma roca, trabalhando com fuso e fios. (N.T.)

[103]. Grupo étnico do Oriente Médio que se diz pertencente a uma região batizada de Curdistão, que abrange parte dos territórios de países como Irã, Turquia e Síria. Neste caso, lady Glencora faz um trocadilho com as palavras Kurds (os curdos) e curds (coalhada) que se perde na tradução. (N.T.)

[104]. Folkestone é uma cidade costeira localizada no distrito de Kent, Inglaterra. A construção do túnel (Eurotúnel) no Canal da Mancha, que conectou esta cidade com a cidade francesa de Calais, a converteu na porta de entrada da Grã-Bretanha. Entretanto, na época em que se passa a história, século XIX, não havia o Eurotúnel, que somente foi inaugurado 1994. A travessia era feita pelo Estreito de Dover (33 quilômetros), também localizado em Kent, a 11 km de Folkestone, em que era necessária uma embarcação marítima até Calais, França. Havia um trem de Londres a Folkestone e daqui se pegava um barco para Calais. Mr. Palliser, provavelmente, estava dizendo que o barco não fazia essa travessia à noite. Lady Glencora, portanto, estava dizendo que não se incomodava em passar a noite em Folkestone, isto é, não embarcar para Paris naquele dia. (N.E.)

[105]. Na origem do nome está a designação inglesa de packet boat. Estas embarcações faziam travessias regulares levando encomendas (pacotes) e correio além dos passageiros, eram embarcações de carga e passageiros ao mesmo tempo. No século XIX, alguns armadores firmaram contratos com a Coroa de Inglaterra para levar o correio, ganhando o direito de usar o prefixo RMS (Royal Mail Ship). (N.E.)

[106]. De Calais a Paris são 293 km. Havia, na época, trens que faziam a rota de Calais para Paris. (N.E.)

[107]. *Das Conversationshaus* foi uma mansão aberta ao público e construída com propósitos culturais e turísticos, onde se viam salas de reuniões; salões de jogos (abertos das 11 da manhã à meia-noite); restaurantes; teatros; e aposentos destinados a festas e bailes particulares. (N.T.)

[108]. Personagem que simboliza a personificação do Reino Unido, e mais especificamente do cavaleiro inglês do campo, em cartuns políticos dos séculos XVIII e XIX. (N.T.)

[109]. Provavelmente, o autor se referiu a Topsy, uma pequena escrava no romance abolicionista de Harriet Beecher Stowe. (N.E.)

[110]. Trata-se de relatórios oficiais do Parlamento e do Conselho Privado do Reino Unido, que eram publicados em capas azuis. (N.T.)

[111]. Capela erguida em 1388 para celebrar o herói e patriota suíço William Tell. (N.T.)

[112]. Jogo que é jogado sobre uma mesa com duas marcações vermelhas e duas pretas, nas quais as apostas são colocadas. (N.T.)

[113]. Os apostadores, neste caso, jogam *Rouge et Noir*, jogo que dá nome ao título do capítulo.

(N.T.)

[114]. Um tipo de tecido feito de algodão com aparência de veludo. (N.E.)

[115]. Na mitologia grega, o rei Dánao teve 50 filhas. Seu irmão, Egípto, queria que elas se casassem com seus 50 filhos. Dánao, que não desejava deixar suas filhas nas mãos dos herdeiros do seu irmão, concordou com os casamentos, mas orientou que suas filhas matassem os respectivos maridos. Hipermnestra foi a única danaide que não degolou seu marido, Linceu, que, por vingança, assassinou Dánao e condenou as 49 irmãs de sua esposa ao interminável castigo de encherem um tonel de água com o fundo esburacado. (N.T.)

[116]. Aqui, Mrs. Greenow faz uma referência a uma fala de lorde Talbot, no Ato III, Cena II da primeira parte da peça *Henrique VI*, de William Shakespeare. A expressão faz alusão ao desânimo de Charlie. (N.T.)

[117]. Trata-se de um procedimento preliminar para as eleições parlamentares. (N.T.)

[118]. Do latim, “nascido no púrpuro”, ou “nascido na realeza”. (N.T.)